

DOCUMENT RESUME

ED 443 277

FL 026 315

AUTHOR Barbara, Leila, Ed.; Rajagopalan, Kanavillil, Ed.
 TITLE Revista de Documentacao de Estudos em Linguistica Teorica e Aplicada, 1999 (Journal of Documentary Studies in Linguistic Theory and Application, 1999).
 INSTITUTION Pontificia Universidade Catolica de Sao Paulo (Brazil). Programa de Pos-Graduacao em Linguistica Aplicada e Estudos da Linguagem.
 ISSN ISSN-0102-4450
 PUB DATE 1999-00-00
 NOTE 930p.
 PUB TYPE Collected Works - Serials (022) -- Reports - Research (143) -- Multilingual/Bilingual Materials (171)
 LANGUAGE English, Portuguese
 JOURNAL CIT Revista de Documentacao de Estudos em Linguistica Teorica e Aplicada; v15 n1-2 and spec iss 1999
 EDRS PRICE MF06/PC38 Plus Postage.
 DESCRIPTORS *Applied Linguistics; Dialects; Foreign Countries; Grammar; Language Acquisition; *Language Research; Metalinguistics; Morphology (Languages); Phonology; Portuguese; Psycholinguistics; Second Language Instruction; Second Language Learning; Semantics; Semiotics; Sociolinguistics; Syntax; Uncommonly Taught Languages
 IDENTIFIERS *Brazil; *Portuguese (Brazilian)

ABSTRACT

These issues include the following articles: "Portuguese Philology in Brazil" (Heitor Megale, Cesar Nardelli Cambraia); "Implications of Brazilian Portuguese Data for Current Controversies in Phonetics: Towards Sharpening Articulatory Phonology" (Eleonora Cavalcante Albano); "Morphological Studies in Brazil: Data and Issues" (Margarida Maria de Paula Basilio); "Functionalist Studies in Brazil" (Maria Helena de Moura Neves); "Thirty Years of Generative Grammar in Brazil" (Mary A. Kato, Jania Ramos); "Recent Trends in Brazilian Historical Linguistics" (Rosa Virginia Mattos e Silva); "The Development of Textual Linguistics in Brazil" (Ingedore G. Villaca Koch); "Text and Discourse Studies in Brazil" (Diana Luz Pessoa de Barros); "Sociolinguistic Overview: PEUL's Contribution" (Maria da Conceicao de Paiva, Maria Marta Pereira Scherre); "Brazilian Dialectology: Perspectives" (Suzan Alice Marcelino Cardoso); "Linguistics of Indigenous Languages in Brazil" (Lucy Seki); "Theoretical Outlines: A History of Thirty Years of Semantics in Brazil" (Roberta Pieres de Oliveira); "Pragmatic Studies in Brazil" (Kanavillil Rajagopalan); "Language Acquisition: A Survey of the Research of the Last Thirty Years" (Leticia Maria Sicuro Correa); "Studies on Bilingual Education and Schooling in Brazilian Contexts of Linguistic Minorities" (Marilda C. Cavalcanti); "Photographs of Applied Linguistics in the Field of Foreign Language in Brazil" (Luis Paulo da Moita Lopes); "English for Specific Purposes, English for General Business Purposes and English for Specific Business Purposes" (Orlando Vian Jr.); "The Structure of the Clause in Brazilian Indigenous Languages" (Marcus Aia, Bruna Franchetto, Yonne de Freitas Leite, Marilia Faco Soares, Marcia Damaso Vieira); "Some Notes on Procrastinate and Other Economy Matters" (Jairo Nunes); "Negation: Checking Theory and Linguistic Change" (Lorenzo Vitral); "The Interaction Synchrony/Diachrony in the Study of Syntax" (Angelica

Reproductions supplied by EDRS are the best that can be made
 from the original document.

Furtado da Cunha); "On the Form of Portuguese Past Participle and the Status of Formal Features" (Maria Lucia Lobato); "Word Sets, Keywords, and Text Contents: An Investigation of Text Topic on the Computer" (Antonia P. Berber Sardinha); "Metalanguage as a Space of Interpretation: Terminology and Atomized Databases" (Clarinda Rodrigues Lucas); "Linguistics and Archaeology" (Pedro Paulo Abreu Funari); "Towards a Semiotics Theory" (Jose Luiz Fiorin); "A Comparative Study of Conference Abstracts" (Javier Garcia-Calvo); "Beginning Portuguese Corpus Linguistics: Exploring a Corpus To Teach Portuguese as a Foreign Language" (A. P. Berber Sardinha); "Some Reflections around a Text Type Psycholinguistic Concept" (Adair Bonini); "The Strategies of Focusing and the Syntax-Phonology Connection" (Carlos Alexandre Gocalves); and "Contribution to the Study of Pseudoprefix in Portuguese" (Paulo Mosanio Teixeira Duarte). Diagrams, tables, charts, and scholarly references appear throughout the articles. (KFT)

Revista de Documentacao de Estudos em Linguistica Teorica e Aplicada, 1999.
(Journal of Documentary Studies in Linguistic Theory and Applications, 1999)

ED 443 277

Leila Barbara, Ed.
Kanavillil Rajagopalan, Ed.

PERMISSION TO REPRODUCE AND
DISSEMINATE THIS MATERIAL HAS
BEEN GRANTED BY

Sandra
Madurreira

TO THE EDUCATIONAL RESOURCES
INFORMATION CENTER (ERIC)

1

U.S. DEPARTMENT OF EDUCATION
Office of Educational Research and Improvement
EDUCATIONAL RESOURCES INFORMATION
CENTER (ERIC)

- This document has been reproduced as received from the person or organization originating it.
- Minor changes have been made to improve reproduction quality.
- Points of view or opinions stated in this document do not necessarily represent official OERI position or policy.

FLO26315

2

revista de

Documentação de
Estudos em
Linguística
Teórica e
Aplicada

Trinta anos
de
ABRALIN

3

Vol.15 - n.º Especial - 1999

edue

DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA

D.E.L.T.A., Vol. 15, Nº ESPECIAL, 1999

Revista publicada com o apoio oficial da ABRALIN - Associação Brasileira de Linguística

Editores / Editors

Leila Barbara - *PUC-SP*

Kanavillil Rajagopalan - *UNICAMP*

Editores Executivos / Executive Editors

Antônio Paulo Beber Sardinha - *PUC-SP*

Laís Furquim de Azevedo - *PUC-SP*

Maria Aparecida Caltabiano-Magalhães - *PUC-SP*

Mary Aizawa Kato - *UNICAMP*

Roxane R. H. Rojo - *PUC-SP*

Sumiko Nishitani Ikeda - *PUC-SP*

Assistentes Editoriais / Editorial Assistants

Fláminia M. M. Lodovici - *PUC-SP*

Grácia Anacleto - *PUC-SP*

Fábio Junqueira B. Teixeira - *PUC-SP*

Karlene da Rocha Campos - *PUC-SP*

Conselho Editorial / Editorial Board

Ana M. Martins - *U. de Lisboa*

Ângela B. Kleiman - *UNICAMP*

Anthony J. Naro - *UFRJ*

Anthony Kroch - *U. da Pensilvânia*

Brigitte Schlieben-Lange - *U. de Tübingen*

Charlotte Galves - *UNICAMP*

Daniel Everett - *U. de Pittsburg*

Daniel Faïta - *U. de Provence*

Dennis Albert Moore - *UFPa*

Eduardo Raposo - *U. da Califórnia, Stª Bárbara*

Eleonora Albano - *UNICAMP*

Esmeralda V. Negrão - *USP*

Giampaolo Salvi - *U. de Budapeste*

Gillian Sankoff - *U. da Pensilvânia*

Helena Nagamine Brandão - *USP*

Heloisa Collins - *PUC-SP*

Ian Roberts - *U. de Wales*

Ilza Ribeiro - *U. Feira de Santana*

Ingedore G. V. Koch - *UNICAMP*

Jairo Nunes - *UNICAMP*

João A. de Moraes - *UFRJ*

João Andrade Pérez - *U. de Lisboa*

José Luiz Fiorin - *USP*

Jürgen M. Meisel - *U. de Hamburgo*

Leda Bisol - *PUC-RS*

Leonor Scliar-Cábral - *UFSC*

Letícia M. Sicuro Corrêa - *PUC-RJ*

Luiz A. Marcuschi - *UFPe*

Malcolm Coulthard - *U. de Birmingham*

Marco Antonio de Oliveira - *UFMG*

Margarida Basílio - *UFRJ*

M. Antonieta A. Celani - *PUC-SP*

M. Cecília Pérez de Souza e Silva - *PUC-SP*

M. da Graça Pinto - *U. do Porto*

M. do Carmo Leite de Oliveira - *PUC-RJ*

M. Elias Soares - *UFC* - Pres. da ABRALIN

M. Helena Moura Neves - *UNESP, Araraquara*

M. Luiza Braga - *UNICAMP*

M. Raquel D. Martins - *U. de Lisboa*

Mercedes S. Risso - *UNESP, Assis*

Michael R. Scott - *U. de Liverpool*

Nadja R. Moreira - *UFCE*

Paola Bentivoglio - *U. de Caracas*

Pedro M. Garcez - *UFSC*

Rodolfo Ilari - *UNICAMP*

Rosa V. Matos e Silva - *UFBa*

Roxane H. R. Rojo - *PUC-SP*

Shana Poplack - *U. de Ottawa*

Thomas Huckin - *U. de Utah*

Yonne de F. Leite - *UFRJ*

W. Leo Wetzels - *U. Livre de Amsterdam*

© Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada

Revista publicada com o apoio oficial da ABRALIN - Associação Brasileira de Linguística

ASSINATURAS / SUBSCRIPTIONS

To/Para:

D.E.L.T.A.
Revista de Documentação de Estudos em Linguística
Teórica e Aplicada.
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e
Estudos da Linguagem (LAEL)
Rua Monte Alegre, 984. CEP 05014-001.
São Paulo, SP, Brasil.

From/De:

NOME/NAME: _____

ENDEREÇO/ADDRESS: _____

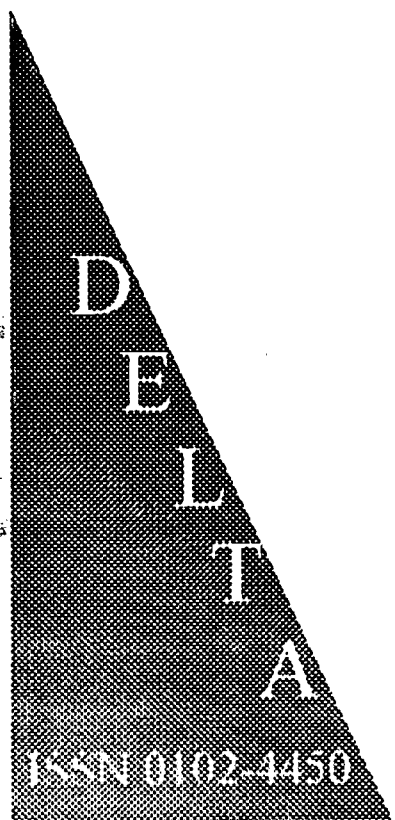
CEP/ZIP CODE: _____ COUNTRY: _____

Pagamento/Payment

- por cheque em reais (cheques in foreign currency are not accepted.
For instructions, please contact journal)
- por depósito em banco na conta corrente do BANESPA, #
01.063171-1 Banco # 033, Agência # 0220

Pedido/Order

- Assinatura anual / Annual Subscription
Ano / year: _____
- Vol. 12 n.º especial (volume que inclui todos os resumos dos
trabalhos publicados de 1985 a 1994). (A special issue
including all the *abstracts* of the works published by
D.E.L.T.A. from 1985 to 1994).
- Vol. 13 n.º especial (Chomsky no Brasil/Chomsky in Brazil)
- Vol. 14 n.º especial (Homenagem ao Profº Ataliba Teixeira
de Castilho)
- Enviar os seguintes números / Please send me the following
back issues :



BEST COPY AVAILABLE

D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada.

Vol. 1, 1/2 (fev/ago 1985)

São Paulo: EDUC, 1985

Semestral, no. Especial desde 1992

Revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC SP e

da Associação Brasileira de de Lingüística/ABRALIN

Resumo em Português e Inglês em todos os artigos

1. Lingüística Teórica - periódicos. 2. Lingüística Aplicada - periódicos. I. Título: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo III. Associação Brasileira de Lingüística

ISSN 0102-445

CDD 405

Os textos publicados na revista são indexados no LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, no MLA (Modern Language Association) Directory of Periodicals e International Bibliography, no Sociological Abstracts e no ULRICH's International Periodicals Directory

The Journal and its contents are indexed in LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, MLA (Modern Language Association) Directory of Periodicals as well as International Bibliography, Sociological Abstracts and ULRICH's International Periodicals Directory

Revista financiada com apoio do:

Programa de Apoio a Publicações Científicas

MCT

 **CNPq**

 **FINEP**

revista de

Documentação de
Estudos em
Linguística
Teórica e
Aplicada

BEST COPY AVAILABLE

8

vol. 15 - Nº Especial - 1999

POLÍTICA EDITORIAL

A Revista D.E.L.T.A. publica estudos de caráter teórico ou aplicado, oriundos de qualquer área referente ao fenômeno lingüístico, desde que se trate de contribuições inéditas.

Será dada preferência a trabalhos que contenham pesquisa original, que poderão vir em forma de ARTIGOS, DEBATES e QUESTÕES E PROBLEMAS. A Revista publica, ainda, RETROSPECTIVAS (síntese crítica acerca do estado da ciência), NOTAS BIBLIOGRÁFICAS e RESENHAS.

Colaboradores de todos os países estão convidados a submeter seus trabalhos, os quais serão avaliados, anonimamente, por dois membros do Conselho Editorial assessorados, quando necessário, por pareceristas ad hoc. Em caso de empate, um terceiro parecerista é convidado.

Tais trabalhos devem ser escritos em português, inglês, francês, espanhol ou italiano.

Artigos, Retrospectivas, Debates são precedidos de abstract em Inglês e resumo em Português com aproximadamente 150 palavras cada. Para programas a serem usados e normas gerais de digitação, ver final do volume.

Os originais apresentados não devem ter sido publicados ou submetidos simultaneamente a outra revista.

Ficam concedidos à revista todos os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados.

ASSINATURAS

A Revista D.E.L.T.A. é uma publicação semestral (fev. e ag.), podendo haver a possibilidade de um número especial incluso na anuidade. Preço anual da assinatura no Brasil: indivíduos: R\$50,00 (número avulso: R\$25,00). Instituições: R\$120,00 (número avulso: R\$45,00).

Aceita-se permuta.

EDITORIAL POLICY

D.E.L.T.A. is adressed to all areas of study concerning language and speech, whether theoretical or applied; however, only unpublished contributions will be considered.

Preference will be given to original research work, presented under the categories of ARTICLES, DEBATES or SQUIBS. The journal also carries OVERVIEWS (critical overview of the state of the art), as well as BIBLIOGRAPHICAL NOTES and REVIEWS.

Researchers from all countries in the world are invited to submit their papers which will be sent to two anonymous referees from the Editorial Board. In the event of a tie, a third will be called. If necessary, an ad hoc referee can be invited.

The articles should be written in Portuguese, English, French, Spanish or Italian.

Articles, Overviews, Debates are preceded by an abstract not exceeding 150 words, in English and Portuguese. As for word processing software to be used and general typing instructions see last page of this issue.

It is a condition of publication that manuscripts submitted to this journal have not been published and have not been simultaneously submitted elsewhere.

The acceptance of papers by the journal entails the transference of the copyright to the publishers.

SUBSCRIPTIONS

D.E.L.T.A. is a bi-annual publication (Febr. and Aug.) with an optional special issue. Annual price-abroad:
individuals: \$60,00 (single issue: \$30,00).
Institutions: \$120,00 (single issue: \$60,00).

Exchange of publications welcome.

UMA PALAVRA INICIAL

O ano de 1999 comemora os trinta anos da fundação da Associação Brasileira de Linguística; a editoria da D.E.L.T.A. achou que a melhor forma de celebrar esse aniversário seria apresentando uma retrospectiva dos estudos linguísticos no Brasil durante esse período.

Sabendo que o Professor Ataliba T. de Castilho estava planejando um volume dessa natureza para a revista da ALFAL - Associação Latino Americana de Linguística - e confiando em sua competência, solicitamos que organizasse este volume com os artigos já previstos para o volume da ALFAL, talvez pedindo aos colegas colaboradores que, na medida do possível adaptassem seus artigos, bem como solicitando novas colaborações.

Ao Professor Ataliba nosso agradecimento.
E a seus colaboradores.

Leila Barbara.

D.E.L.T.A.
REVISTA DE DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA
TEÓRICA E APLICADA

SUMÁRIO /CONTENTS

APRESENTAÇÃO/PRESENTATION	I
Heitor MEGALE & César Nardelli CAMBRAIA - Filologia Portuguesa no Brasil/Portuguese Philology in Brazil	1
Eleonora Cavalcante ALBANO - O Português Brasileiro e as controvérsias da Fonética Atual: pelo Aperfeiçoamento da Fonologia Articulatória/Implications of Brazilian Portuguese Data for Current Controversies in Phonetics: Towards Sharpening Articulatory Phonology	23
Margarida Maria de Paula BASILIO - A Morfologia no Brasil: Indicadores e Questões/Morphological Studies in Brazil: Data and Issues	53
Maria Helena de Moura NEVES - Estudos Funcionalistas no Brasil/Functionalist Studies in Brazil	71
Mary A. KATO & Jânia RAMOS - Trinta anos de Sintaxe Gerativa no Brasil/Thirty Years of Generative Grammar in Brazil	105
Rosa Virgínia Mattos e SILVA - Orientações Atuais da Lingüística Histórica Brasileira/Recent Trends in Brazilian Historical Linguistics	147
Ingedore G. Villaça KOCH - O Desenvolvimento da Lingüística Textual no Brasil/The Development of Text Linguistics in Brazil	167
Diana Luz Pessoa de BARROS - Estudos do Texto e do Discurso no Brasil/Text and Discourse Studies in Brazil	183
Maria da Conceição de PAIVA & Maria Marta Pereira SCHERRE - Retrospectiva Sociolingüística: Contribuições do PEUL/ Sociolinguistic Overview: PEUL's Contribution	201

Suzana Alice Marcelino CARDOSO - A Dialectologia no Brasil: Perspectivas/Brazilian Dialectology: Perspectives	233
Lucy SEKI - A Lingüística Indígena no Brasil/Linguistics of Indigenous Languages in Brazil	257
Roberta PIRES DE OLIVEIRA - Uma História de Delimitações Teóricas: Trinta anos de Semântica no Brasil/Theoretical Outlines: A History of Thirty Years of Semantics in Brazil	291
Kanavillil RAJAGOPALAN - Os Caminhos da Pragmática no Brasil/ Pragmatic Studies in Brazil	323
Letícia Maria Sicuro CORREA - Aquisição da Linguagem: Uma Retrospectiva dos Últimos Trinta anos/Language Acquisition: A Survey of the Research of the Last Thirty Years	339
Marilda C. CAVALCANTI - Estudos sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contextos de Minorias Lingüísticas no Brasil/ Studies on Bilingual Education and Schooling in Brazilian Contexts of Linguistic Minorities	385
Luis Paulo da MORTA LOPES - Fotografias da Lingüística Aplicada no Campo de Línguas Estrangeiras no Brasil/Photographs of Applied Linguistics in the Field of Foreign Language in Brazil	419
Orlando VIAN JR. - Inglês Instrumental, Inglês para Negócios e Inglês Instrumental para Negócios/English for Specific Purposes, English for General Business Purposes and English for Specific Business Purposes	437

APRESENTAÇÃO

Ataliba T. de CASTILHO (*Universidade de São Paulo/CNPq*)

Presidente da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina

1. Neste ano de 1999, a Associação Brasileira de Lingüística comemora 30 anos de atividades ininterruptas. Para comemorar o evento, a direção da *D.E.L.T.A.* incumbiu-me de organizar um número especial, composto por um conjunto de ensaios que retratassem as diferentes áreas de atuação da Lingüística Brasileira, nesta virada de milênio. Convidei então especialistas em Historiografia Lingüística, Lingüística Indígena e Lingüística Portuguesa, estes últimos representativos das áreas centrais (Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica), as das áreas de contacto (Sociolingüística, Dialectologia, Psicolingüística, Neurolingüística, Lingüística Histórica, Lingüística Aplicada).

Os convidados atenderam em grande parte ao chamamento, compondo-se o presente número, que será uma obra de referência para a história da Lingüística brasileira, apesar de algumas lacunas. O mesmo conjunto de ensaios, com alterações ligeiras, constituirá um dos números da *Lingüística*, revista da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL).

2. Alguns marcos assinalaram a implantação da Lingüística no Brasil: as atividades de alguns pioneiros, a instalação da Lingüística como disciplina obrigatória nos Cursos de Letras e a fundação de sociedades científicas especializadas.

Entre os pioneiros, é preciso destacar Joaquim Mattoso Câmara Jr., Theodoro Henrique Maurer Jr., Raul Farâni Mansur Guérios e, mais novo que estes, Aryon Dall'Igna Rodrigues.

Câmara Jr., arquiteto de formação, ministrava cursos no Rio de Janeiro, tendo sido o autor do primeiro grande manual de Lingüística Geral na América Latina. Combinando elementos do estruturalismo europeu de Praga e do estruturalismo americano, ele lançou as bases da descrição estruturalista do Português, tendo sido grande incentivador da Lingüística Indígena: Altman (1998, cap. III). Maurer Jr. lecionava Lingüística Indo-européia e Lingüística Românica na Universidade de São Paulo, na linha teórica dos neogramáticos. Ele estudou algumas questões espinhosas da gramática do Português, tais como o infinitivo pessoal e o pronome *se*: Castilho (1991). Mansur Guérios, da Universidade do Paraná, teve sua atenção voltada para o estudo das línguas indígenas: Rodrigues (1986) Ele recomendou essa área ao seu aluno mais

VI

destacado, Aryon Dall'Igna Rodrigues, que viria a implantar esse ramo de estudos na Universidade de Brasília, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Estadual de Campinas: Seki (1990).

O Brasil conta hoje com mais de 500 Cursos de Letras, os quais foram organizados a partir dos anos 30. Até 1960, os conteúdos lingüísticos eram ministrados nesses cursos pelas disciplinas de Língua Portuguesa e Filologia Românica. Em 1962, o Conselho Federal da Educação reformulou o currículo de Letras, introduzindo a Lingüística como disciplina obrigatória. No começo, havendo poucos lingüistas titulados, houve certa improvisação, exceto nos centros universitários em que os pioneiros tinham preparado alguns profissionais. A Universidade de Brasília tomou a si a tarefa de dar uma preparação mínima aos professores que iriam ocupar os cargos então criados, uma iniciativa de Aryon Dall'Igna Rodrigues que não pôde infelizmente ser executada em toda a sua extensão.

Surgiram então outras lideranças, que passaram a organizar mais amiudadamente seminários de Lingüística, inicialmente voltados para o debate do quê ensinar e quê temas pesquisar. Uma consequência desses seminários foi a proposta de criação de sociedades científicas regionais e de uma associação nacional. No mesmo ano de 1969 foi fundada a Associação Brasileira de Lingüística e o Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, ambos 5 anos depois da ALFAL e 2 anos depois do Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Idiomas (PILEI), este infelizmente desaparecido.

3. Estas três conjunturas asseguraram a consolidação da Lingüística brasileira, como se pode ver pelo trabalho de Altman (1998), para o que concorreram a criação dos cursos de Pós-Graduação, a fundação de revistas especializadas e o surgimento dos projetos coletivos de pesquisa.

Algumas universidades já formavam doutores deste os anos 50, num sistema que dispensava a freqüência a cursos e disciplinas, concentrando-se o trabalho na redação da tese e de dois ensaios complementares. Em 1968, o Governo Federal regulamentou os Cursos de Pós-Graduação, implantando-se o modelo americano de mestrado e doutorado. Há hoje 62 cursos de Pós-Graduação em Letras (= Literatura) e Lingüística, 45 dos quais ministram cursos também de Doutorado. No final dos anos 90, só em Lingüística, tinham-se formado cerca de 3.000 Mestres e mais de 600 doutores. Para debater políticas científicas para esse novo setor das universidades brasileiras, fundou-se em 1984 a Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Lingüística, Anpoll. Luiz Antônio Marcuschi preparou o *Quem é quem em Pesquisa em Letras e Lingüística no Brasil*, cuja segunda versão, informatizada, foi editada pela Anpoll e pelo CNPq em 1998: Marcuschi (Org. 1998).

Revistas mistas de Lingüística e Literatura fundadas nos anos 60 ou remodelaram sua linha editorial, especializando-se em Lingüística, como a *Alfa*, que fundei em 1962, e que a partir de 1977 se transformou na Revista de Lingüística da Universidade Estadual Paulista (Unesp), ou desdobrando-se em duas revistas especializadas, como os *Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura* da Universidade Federal de Minas Gerais (1978-1988), de que resultou em 1991 a *Revista de Estudos da Linguagem*, atualmente com 6 volumes com 2 números cada. Outras revistas especializadas foram surgindo: *Estudos Lingüísticos e Literários*, Universidade Federal da Bahia, desde 1968, 20 números publicados; *Revista Brasileira de Lingüística*, editada pela Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística, São Paulo, 1974-1984, descontinuada; *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), desde 1978, 36 números publicados; *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Unicamp, desde 1983; *D.E.L.T.A., Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, desde 1985, inicialmente como revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e depois como órgão da Abralín. A *D.E.L.T.A.* é hoje sem dúvida a melhor revista que se edita no país, com 16 vols. de 2 números cada publicados, sendo que o vol. 12, de 1996, edita os sumários de todas as matérias publicadas.. Esta lista está longe de ser exaustiva, apenas menciona as revistas de maior circulação.

Estabelecida a moldura para o desenvolvimento da Lingüística no Brasil, começaram logo a surgir projetos coletivos de pesquisa. Lembrarei apenas os que envolveram pesquisadores de mais de uma universidade: *Projeto censo lingüístico do Rio de Janeiro*, desde 1972, a que sucedeu o *Programa de estudos sobre o uso da língua*: ver Paiva / Scherre, neste número; *Projeto da norma urbana lingüística culta*, desde 1970, desenvolvido em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, a partir do "Proyecto" idealizado por Juan M. Lope Blanch: ver Callou, neste número, e Castilho (1990); *Projeto de Gramática do Português Falado*, 1988-1998: ver Castilho (1998) e Basílio, neste número; *Projeto variação urbana da Região Sul*, desde 1995; *Projeto para a história do Português Brasileiro*, desde 1997: ver Castilho (Org. 1998).

4. O presente número da *D.E.L.T.A.* é bastante representativo dos últimos anos da Lingüística no Brasil.

Heitor Megale e César N. Cambraia, em *Filologia Portuguesa no Brasil*, apresentam informações acerca dos trabalhos e dos projetos no âmbito da Filologia Portuguesa no Brasil ao longo dos últimos dez anos, com eventuais referências a trabalhos de síntese anteriores. Mostram como a Filologia, em consequência da introdução do Estruturalismo, a partir dos anos sessenta, perdeu espaço entre nós, ocorrendo na atualidade um processo de retomada.

VIII

Articulam razões teóricas e históricas do percurso, ao mesmo tempo que procuram apontar as atuais tendências na área. Para apresentar as grandes linhas de pesquisa na Área no Brasil, divide-se a exposição de acordo com os seguintes critérios: (i) o tipo de texto que constitui o objeto de análise dos pesquisadores: literários x não-literários, (ii) cronologia do autores estudados e (iii) instituição que sedia os grupos de pesquisa.

Eleonora Cavalcante Albano, em *O Português Brasileiro e as controvérsias da Fonética atual: pelo aperfeiçoamento da Fonologia Articulatória*, examina o campo dos estudos fonéticos no Brasil do ponto de vista de sua implantação recente e da fecundidade dos dados do português brasileiro para iluminar questões de teoria fonética. A questão tomada como central é a da comensurabilidade entre a Fonética e a Fonologia, colocada pela primeira vez de forma objetivável pela Fonologia Articulatória. Numa revisão crítica do programa desse modelo, constata-se (i) que os seus princípios gerais são perfeitamente adequados para dar conta de muitos processos fônicos pós-lexicais do português brasileiro que a análise fonética revela serem gradientes, contrariando a visão categórica da tradição fonológica contemporânea; (ii) que os parâmetros utilizados pelo modelo para representar as vogais são inadequados para a expressão de processos gradientes, assim como para a expressão de processos categóricos, o que sugere que algumas das observações levantadas contra ele na literatura podem ser superadas através de uma revisão dos seus descritores vocálicos. A conclusão oferece perspectivas para a implementação dessa revisão, apontando a relevância de alguns dados do português brasileiro para testar as hipóteses envolvidas.

Margarida Basílio, em *A Morfologia no Brasil: indicadores e questões* é um panorama sobre essa disciplina nos últimos dez anos, apresentada através de dois meios: (i) a análise de indicadores gerais de âmbito nacional, configurando um quadro de predominâncias, e (ii) a discussão de problemas de Morfologia no âmbito do Projeto de Gramática do Português Falado, ilustrando o debate morfológico brasileiro na última década, ao focalizar o grupo de pesquisas mais ativo do país. São levantadas na discussão duas questões teóricas e uma questão descritiva. As questões teóricas dizem respeito à distinção entre o conceito de produtividade e a noção de condições de produção na teoria morfológica, e à necessidade de investigar a proposta de que processos de formação de palavras operam no decorrer do ato de fala. A questão descritiva focaliza os verbos denominais, cuja análise na tradição morfológica brasileira tem sido envolvida com derivações regressivas e conversão. O trabalho destaca a singularidade da Morfologia brasileira em sua concentração em questões lexicais e semânticas, e expõe as tendências contemporâneas da pesquisa brasileira, interessada sobretudo na delimitação das unidades lexicais.

Maria Helena de Moura Neves, em *Estudos Funcionalistas no Brasil* é um cuidadoso inventário das pesquisas funcionalistas que vêm sendo realizadas no Brasil, começando pelos pioneiros, detalhando os grupos de pesquisa e os pesquisadores avulsos, buscando sempre distinguir as linhas que orientam as investigações. O trabalho é finalizado por um levantamento bibliográfico extenso, que deu prioridade aos trabalhos já publicados.

Mary A. Kato, *Trinta anos de sintaxe gerativa no Brasil* é um relatório bem documentado sobre a importância da teoria gerativa nas pesquisas sobre o português brasileiro. O modelo passou a ser tratado extensivamente entre nós a partir do II Congresso Internacional da ALFAL, realizado em São Paulo, 1969, ano da fundação da Abralín. O artigo menciona os debates sobre o modelo de Princípios e Parâmetros e os primeiros momentos do Programa Minimalista no Brasil. São detalhadamente examinados os sintaticistas brasileiros mais produtivos, os dados do português a que aplicaram a teoria e as linhas de pesquisa desenvolvidas.

Rosa Virgínia Mattos e Silva, em *Orientações atuais da Linguística História brasileira*, relata a retomada dos estudos diacrônicos no Brasil, após certo refluxo ocorrido nos anos 60-80. São destacadas as motivações da “nova” Linguística Histórica do português, sobretudo um conhecimento mais detido do português brasileiro, pesquisado em seus aspectos dialetológicos e sociolinguísticos nas décadas mencionadas. Referências a projetos coletivos de pesquisa cerram o artigo: o “Programa para a história da língua portuguesa” (Universidade Federal da Bahia), os trabalhos de Mary A. Kato e Fernando Tarallo (Universidade Estadual de Campinas) e o novo “Projeto para a História do Português Brasileiro”, que reúne desde 1998 pesquisadores de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, São Paulo e Santa Catarina.

Ingedore Grunfeld Villaça Koch, em *O desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil*, mostra que o estudo linguístico do texto começou no Brasil no final da década de 70, sob o influxo das pesquisas em Semântica Argumentativa e da Gramática Funcional. Mas foi a autora desse artigo, e ainda Luiz Antônio Marcuschi e Leonor Lopes Fávero os que lhe deram uma visibilidade maior no país. São identificadas as perspectivas teóricas atualmente vigentes, originárias de autores alemães, franceses, holandeses e americanos mencionados no texto. No momento atual, ressaltam as perspectivas sócio-interacionais e os processos e estratégias sócio-cognitivos, além do influxo do estudo do texto falado, dados o “Projeto NURC”, o “Projeto de Gramática do Português Falado” e o “Programa de Estudos sobre os usos linguísticos”.

Em *Estudos do texto e do discurso no Brasil*, Diana Luz Pessoa de Barros situa esse domínio entre as teorias da linguagem, cuja presença no

X

Brasil relata. Do ponto de vista teórico, os estudos do texto e do discurso rompem a barreira que impede a passagem da frase ao texto e ainda aquela que separa enunciado de enunciação. Destacando certa instabilidade que ainda afeta este domínio, a autora identifica várias linhas teóricas em vigor no Brasil: a Análise do Discurso francesa, a Análise do Discurso de influência inglesa, a Análise da Conversação, a Semiótica narrativa e discursiva, entre outras.

Maria da Conceição de Paiva e Maria Marta Pereira Scherre, em *Retrospectiva Sociolinguística: contribuições do PEUL* é uma apresentação das pesquisas desenvolvidas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a coordenação do Prof. Anthony Julius Naro. O grupo foi organizado no final dos anos 70, tomando por orientação teórica a Teoria da Variação e Mudança de Labov. Constituídos dois corpora de análise, foram extensamente analisados fenômenos fonético-fonológicos, morfossintáticos (concordância, uso variável das preposições, formas preposicionais, queísmo/dequeísmo, topicalização, tipos oracionais) e conversacionais (marcadores discursivos). O texto discute ainda aspectos teóricos da abordagem funcionalista da linguagem. O grupo do Rio de Janeiro tem concorrido para a formação de outros grupos de pesquisa, como é o caso do Projeto Variação do Português do Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e o Projeto de Sociolinguística do Nordeste (Paraíba).

Suzana Alice Marcelino Cardoso, em *A Dialectologia no Brasil: perspectivas*, historia os últimos 50 anos dessa área no Brasil, e apresenta o projeto “Atlas Lingüístico do Brasil”, de que é Coordenadora. Ela reconhece três fases nas pesquisas dialetológicas no Brasil: (i) de 1826 a 1920, estudos do léxico regional e de suas especificidades; (ii) de 1920 a 1952, estudos de áreas delimitadas, sob a forma de grandes monografias, ainda não baseadas na aplicação de questionários; (iii) a partir de 1952, irrupção da Dialectologia científica, com a aplicação de questionários lingüísticos e gravação magnetofônica dos inquéritos. Resultaram desta fase os atlas regionais da Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, entre outros. A experiência assim acumulada permite agora a realização do Atlas Lingüístico do Brasil, cuja execução está em curso desde 1996.

Lucy Seki preparou um bem documentado relatório sobre *A Lingüística Indígena do Brasil*, no qual mostra a situação atual das línguas indígenas brasileiras e historia a Lingüística Indígena entre nós. Duas fases são aqui identificadas: (i) período anterior aos anos 60, em que missionários em sua maior parte estudaram 100 línguas, (ii) quadro atual, desenvolvido maiormente por universidades, em que mais 80 línguas “foram objeto de algum tipo de investigação”. Dois apêndices enriquecem o texto: instituições/pesquisadores/projetos, e lista da produção acadêmica sobre as línguas indígenas brasileiras.

Os textos acima, vários deles ampliados para este volume, serão incluídos em um número da *Linguística*, os que se seguem foram escritos especialmente para a *D.E.L.T.A.*

Em *Uma história de delimitações teóricas: trinta anos de semântica no Brasil*, Roberta Pires de Oliveira, a partir de levantamento em muitas fontes, mostra a variedade de modelos utilizados em estudos de semântica no Brasil e a conseqüente variação na relação com outras áreas da linguística e com outras disciplinas; Pires também procura traçar a origem dessa diversificação e, a partir disso, envolve-se em epistemologia da linguística.

Rajan - Kanavillil Rajagopalan - em *Os Caminhos da Pragmática no Brasil*, discute a polemica definição da área da pragmática empreendida por lingüistas brasileiros e internacionais mostrando que, conquanto as dificuldades na delimitação dessa área sejam características dela, pragmática é uma área de pesquisa produtiva nas instituições brasileiras.

Em *Aquisição da Linguagem: uma Retrospectiva dos últimos trinta anos*, Letícia Maria Sicuro Correa faz um levantamento do trabalho desenvolvido no Brasil sob a perspectiva da gênese e das características das teorias que o fundamentam e das áreas que aborda procurando olhar os pontos de controvérsias na tentativa de dissolvê-las.

Marilda C. Cavalcanti, em *Estudos sobre educação bilingüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil*, mostrando como essa é uma área de linguística aplicada de desenvolvimento mais recente no país, levanta trabalhos realizados e em andamentos tanto sobre contextos indígenas como de imigrantes, de fronteiras e outros; salienta a questão do bilingüismo e bidialetismo visível e invisível e atenta para a importância desse tema ser considerado na formação de professores.

Em *Fotografias da Linguística Aplicada no Campo das Línguas Estrangeiras no Brasil*, Luiz Paulo da Moita Lopes faz uma avaliação da área que talvez tenha sido uma das primeiras, junto com o estudo de línguas indígenas, a trazer para o Brasil as teorias em desenvolvimento nos Estados Unidos e na Grã Bretanha. Fotografa seis cenas que incluem a pós-graduação, as associações, as revistas e os encontros científicos priorizados em linguística aplicada e em ensino de língua estrangeira, os tópicos de pesquisa mais típicos, o Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental e a recente publicação dos parâmetros curriculares. Conclui levantando questões que considera fundamentais para o desenvolvimento da área.

O artigo que encerra este volume, *Inglês Instrumental, Inglês para Negócios e Inglês Instrumental para Negócios*, de Orlando Vian Jr., traz um

XII

panorama do estudo da linguagem utilizada nas situações de trabalho, área recente.

5. A leitura cuidadosa destes ensaios, complementada pelo exame de trabalhos similares publicados em outras obras coletivas, permitirá aos lingüistas brasileiros refletir sobre o que se fez e o que precisa ser feito no domínio de uma ciência que conheceu entre nós um desenvolvimento extraordinário, tão bem semeada que foi pelas atividades dos pioneiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Cristina. (1998) *A Pesquisa Lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.

_____. (1991) O lingüista Theodoro Henrique Maurer Jr. In: *Boletim da Abralín* 10: 1991, 53-63.

_____. (1990) O português culto falado no Brasil: história do Projeto NURC/Brasil. In: D. Preti e H. Urbano (Orgs. 1990). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. IV, Estudos. São Paulo: TAQ/Fapesp: 141-202.

_____. (1998) Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada. In: Mario Bernales y Constantino Contreras (Orgs. 1998) *Por los Caminos del Lenguaje*. Temuco: Ediciones de la Universidad de La Frontera, pp. 23-37.

_____. (Org. 1998) *Para a História do Português Brasileiro*, vol. I, Primeiras Idéias. São Paulo: Humanitas.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (Org. 1998). *Quem é Quem em Pesquisa em Letras e Lingüística no Brasil*. Recife: Anpoll/CNPq, versão 1.0, 4 disquetes [a primeira edição, tipográfica, tinha saído em 1992].

RODRIGUES, Aryon D. (1986). O pioneirismo lingüístico de Mansur Guérios. In: *Boletim da Abralín* 8: 1986, 125-129.

SEKI, Lucy (1990). *Homenagem a Aryon Dall' Igna Rodrigues*. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 18: jan/jun. 1990.

FILOLOGIA PORTUGUESA NO BRASIL
(Portuguese Philology in Brazil)

Heitor MEGALE (*Universidade de São Paulo*)
César Nardelli CAMBRAIA (*Universidade Federal de Minas Gerais*)

ABSTRACT: In this paper we bring information about the studies and projects in the field of portuguese philology in Brazil along the last ten years, referring eventually to former retrospective studies. We show how philology, since the sixties, lost room among us and how it is going through a retaking process. We articulate theoretical and historical reasons of this route and try to point out the current trends in the field.

KEY WORDS: Portuguese Philology; Textual Criticism; Historical Linguistics.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia Portuguesa, Crítica Textual; Lingüística Histórica.

0. Introdução

Ao abrir este trabalho, que tem por objetivo tentar delinear os caminhos percorridos pela Filologia Portuguesa no Brasil nos últimos dez anos, é de todo importante esclarecer o significado com que se trabalha aqui a palavra *Filologia*. Esse termo está sendo utilizado aqui na acepção definida por Ivo Castro como: “ciência que estuda a gênese e a escrita dos textos, a sua difusão e a transformação dos textos no decurso da sua transmissão, as características materiais e o modo de conservação dos suportes textuais, o modo de editar os textos com respeito máximo pela intenção manifesta do autor” (Castro, 1992:124).

Feito esse esclarecimento, pode-se passar ao que se tem feito em termos de Filologia ao longo dos últimos dez anos no Brasil, bem como os rumos que está tomando o trabalho filológico no presente. Uma vez que não existe disponível (ainda!) um banco de dados em que se tenha registrada a produção na área de Crítica Textual e Edição de Textos nestes últimos tempos no Brasil, optou-se aqui por um mapeamento da produção filológica realizada por pesquisadores brasileiros com base na análise de eventos nacionais da área ocorridos neste período¹. Se, por um lado, esse método de análise permite identificar os pesquisadores e seus projetos com base em trabalhos

¹ A fim de refinar o presente mapeamento, utilizaram-se aqui também dados extraídos do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (Versão 3.0), mantido pelo CNPq.

apresentados nos eventos em que se reuniram estudiosos de vários pontos do país; por outro lado, não é suficiente para identificar aqueles grupos cujos trabalhos têm sido apresentados fundamentalmente em eventos regionais ou locais. Embora se tenha aqui ciência das limitações desse tipo de método de análise, a sua adoção justifica-se por se considerar que os resultados, embora fragmentários, constituem contribuição para a historiografia da Filologia Portuguesa no Brasil.

Antes de expor os dados apurados, convém mencionar alguns trabalhos que trataram dos caminhos percorridos pela Filologia Portuguesa em décadas anteriores no País. É necessário salientar que, na verdade, em todos eles, a análise abrange muito mais do que os estudos de Crítica Textual e Edição de Textos, incluindo também estudos diacrônicos do português. Na década de trinta, Antenor Nascentes publicou os seus *Estudos Filológicos* (1939), obra em que apresenta uma proposta de divisão dos estudos filológicos no Brasil em três períodos: 1º - Embrionário (início da cultura brasileira até 1884), 2º - Empírico (1834-1881) e 3º - Gramatical (1881-1939). Em fins da década de quarenta e início da de cinquenta, aparecem dois breves artigos em que se dá notícia da produção filológica no Brasil - trata-se de "Filologia" (1949), de Joaquim Mattoso Câmara Jr. e "A Filologia Portuguesa no Brasil (1939-1948)" (1951), por Serafim da Silva Neto. Nos anos sessenta, Sílvio Elia traz a lume *Ensaio de Filologia* (1963), livro que reúne vários artigos seus - dentre eles, o acurado ensaio "Os Estudos Filológicos no Brasil". Com base em extenso levantamento, Elia reanalisa a história dos estudos filológicos no Brasil dividindo-a em dois grandes períodos: 1º - Vernaculista (1820-1880) e 2º - Científico (1880-1960). Este último recebe ainda subdivisões: 1ª Fase (1880-1900) e 2ª Fase (1900-1960), sendo esta, ainda, dividida em três momentos: 1ª Geração (1900-1920), 2ª Geração (1920-1940) e 3ª Geração (1940-1960). Na década de setenta, é publicada uma coletânea intitulada *Tendências Atuais da Linguística e da Filologia no Brasil* (1976), na qual Anthony Julius Naro, em artigo homônimo, apresenta um balanço da pesquisa filológica no Brasil. Contam ainda sobre a situação da realização de edições críticas no Brasil um ensaio de Antônio Houaiss ("A edição crítica de textos no Brasil" (1980)) e outro de Edith Pimentel Pinto ("Edição crítica no Brasil" (1982)). Especificamente sobre a pesquisa filológica no Rio de Janeiro, há o recente ensaio de Joram Pinto de Lima, intitulado "A Crítica Textual no Rio de Janeiro" (1995). Por fim, é mister citar os valiosos ensaios sobre a Filologia no Brasil e suas relações com a Linguística - em especial, com a Linguística Histórica - nos últimos tempos, escritos por Rosa Virgínia Mattos e Silva: "Reencontro da Filologia e da Linguística nos Estudos Diacrônicos" (1983), "Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da Linguística

Histórica no Brasil” (1988) e “Linguística Histórica e Filologia hoje: redefinindo fronteiras” (1993).

1. A pesquisa filológica no Brasil

Tornou-se repetitiva a observação de que a Filologia perdeu progressivamente terreno entre nós nos últimos trinta anos, tendo sido relegada a um segundo plano ou, em alguns casos, tendo mesmo desaparecido em benefício da Linguística, que passou progressivamente a ocupar um lugar de destaque nos Cursos de Letras da maioria das instituições de ensino superior do país (cf. a discussão do impacto da Linguística no Brasil em Altman (1998)). Como relembra Mary Kato, na apresentação intitulada “Como, o que e por que escavar?”, que escreveu para *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, “os estudos diacrônicos foram relegados a um segundo plano, ou mesmo ignorados, como consequência da ideologia rigidamente ahistórica do início do estruturalismo” (Roberts & Kato, 1993:13). Reconhece a autora a realidade ainda hoje vigente de que em grande número dessas instituições de Ensino Superior, a Filologia nem mesmo comparece nos programas de pesquisa e de pós-graduação ou nas grades curriculares de graduação. Esse vazio deixado por sua ausência, conforme atesta a pesquisadora, está diretamente relacionado ao fato de, a partir da década de sessenta, os estudos de língua portuguesa terem passado a privilegiar acentuadamente os aspectos descritivos sincrônicos, um dos escopos da Linguística no Brasil. Quem situa magistralmente esse momento histórico em que a busca de uma descrição da língua se impunha é Mattoso Câmara² :

Isso nos impõe a tarefa de fazer a descrição (mesmo para fins escolares) em função da língua oral, o que, paradoxalmente, nem em relação à “fonética”, nas nossas gramáticas, é feito de maneira coerente. (Câmara Jr. (1970:11))

Constata-se, no entanto, que a tarefa que se impunha aos lingüistas nos anos sessenta lamentavelmente não foi cumprida, pelo menos na extensão ou com a profundidade com que Mattoso Câmara certamente pretendia. Passados trinta anos, ainda há Cursos de Letras em que, por exemplo, a Fonologia Portuguesa não ocupa o espaço que lhe é devido e sua presença muito fraca ou, o que é muito mais grave, sua ausência compromete seriamente todos os demais cursos e trabalhos. É muito forte esse dado porque a Fonologia é

² Em nota de rodapé, o eminente lingüista remete a artigo seu: “Antenor Nascentes e a filologia brasileira” (1966), para referir como Antenor Nascentes focaliza a questão.

considerada a área que mais prosperou nos estudos sincrônicos entre nós, enquanto algumas áreas desenvolveram-se um pouco menos.

Dentro dessas contradições, presencia-se entre nós, de uns anos a esta parte, uma espécie de ressurgimento da Filologia³, a que se atribuem motivos de natureza diversa. Alega-se que a descrição da língua esbarra na ausência de documentação cuja lição confiável só a Filologia pode apresentar. Portanto, que volte a Filologia. Em muitos centros de pesquisa, já se tem consciência do fato de a Filologia ser ciência que tem larga contribuição a oferecer para diversas áreas do conhecimento, tais como Teoria da Literatura, Lingüística Histórica, Sociolingüística, tanto quanto para a Filosofia da Linguagem, em seus desdobramentos mais recentes. Nesse último campo, especificamente, nota-se a exigência de uma revisão de textos, já não apenas anteriores à Imprensa, mas também de edições recentes. Há motivações que vão para além da simples edição ou do trabalho de estabelecimento de texto para o processo de sua criação ou de sua geração.

No Brasil, atualmente, a Filologia Portuguesa - que, na verdade, nunca deixou de ser feita, mas sim passou-se a fazer em menor escala e em menor número de Instituições - tem sido impulsionada por duas importantes áreas: a Crítica Genética e a Lingüística Histórica. A Crítica Genética, ramo do saber bastante recente, foi introduzida no Brasil em meados da década de oitenta (sobre a Crítica Genética no Brasil, consultar Salles (1992)) e, a partir de então, está em intenso progresso, ampliando-se fortemente o número de pesquisadores e de centros de investigação vinculados à área. Já a Lingüística Histórica, cujas origens como ciência remontam ao final do século XIX, esteve, juntamente com a Filologia, eclipsada durante o período que vai desde a introdução do estruturalismo no Brasil (década de sessenta) até meados da década de oitenta, quando começa a aumentar o interesse pelos estudos diacrônicos no Brasil.

1.1. Eventos científicos

Uma das contribuições dadas à área de Crítica Textual e Edição de Textos pelo progresso dos estudos de Crítica Genética no Brasil foi a instituição de encontros internacionais, que têm como principal entidade organizadora a

³Saliente-se aqui que tal “ressurgimento” não é um fenômeno restrito ao Brasil. Para esta constatação, conferir, por exemplo, o artigo “O retorno à filologia” (1995) de Ivo Castro.

Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML), fundada durante a realização do primeiro deles em 1985. Esses encontros, que já se realizaram em cinco oportunidades, passaram a ser um espécie de fórum nacional, em que pesquisadores de todo o Brasil reúnem-se para discutir teorias, métodos e resultados de suas pesquisas. Dada a grande importância desses eventos para a área, convém aqui relacioná-los: *I Encontro de Crítica Textual: o Manuscrito Moderno e as Edições*, realizado no período de 16 a 20 de setembro de 1985, em São Paulo, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; *II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Ecloração do Manuscrito*, 29 de agosto a 2 de setembro de 1990, em São Paulo, na FFLCH-USP; *III Encontro de Ecdótica e Crítica Genética*, 15 a 18 de outubro de 1991, em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba; *IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições: Gênese e Memória*, 29 de agosto a 01 de setembro de 1994, em São Paulo, FFLCH-USP; e *V Encontro Internacional da Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário: Memória Cultural e Edições*, 04 a 07 de novembro de 1996, em Salvador, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Prevê-se, para o período de 31 de agosto a 03 de setembro de 1999, a realização do *VI Encontro da APML: Fronteiras da Criação*, em São Paulo, na FFLCH-USP.

Outra contribuição do grupo de pesquisadores de Crítica Genética foi a criação de um Grupo de Trabalho de Crítica Genética (GTCCG) nos encontros nacionais da Associação Nacional de Pós-graduação em Linguística e Letras (ANPOLL). Assim, abriu-se também outro espaço para o encontro de pesquisadores não só de Crítica Genética, como também de Crítica Textual. Realizaram-se sessões do GTCCG nos seguintes encontros: *VII Encontro Nacional da ANPOLL*, 17 a 20 de maio de 1992, em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; *IX Encontro Nacional da ANPOLL*, 12 a 16 de junho de 1994, em Caxambu, no Hotel Glória; *XI Encontro Nacional da ANPOLL*, 2 a 6 de junho de 1996, em João Pessoa, nos hotéis Caiçara e Ouro Branco; e *XIII Encontro Nacional da ANPOLL*, 09 a 12 de junho de 1998, em Campinas, no IEL-UNICAMP.

Trabalhos na área de Filologia Portuguesa também têm estado presentes nos seminários anuais do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, que, embora com este nome, recebem pesquisadores de todo o Brasil - aparecem, mais especificamente, nos quatro últimos: *XLIII Seminário do GEL*, maio de 1995, em Ribeirão Preto, na Universidade de Ribeirão Preto; *XLIV Seminário do GEL*, maio de 1996, em Taubaté, na Universidade de Taubaté;

XLV Seminário do GEL, 22 a 24 de maio de 1997, em Campinas, na Universidade Estadual de Campinas; e *XLVI Seminário do GEL*, 25 a 27 de junho de 1998, em São José do Rio Preto, na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Os trabalhos têm sido apresentados em grupos de trabalho ou comunicações coordenadas sob o título de “Leitura de textos antigos”.

Outro evento em que os pesquisadores da área se encontraram foi o *I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)*, realizado no período de 11 a 16 de setembro de 1994, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Embora não houvesse no evento um grupo de trabalho específico de Crítica Textual, cinco pesquisadores apresentaram seus trabalhos de Crítica Textual no GT de Linguística Histórica do Português. Em oportunidade anterior, a ABRALIN, em seu *XII Instituto de Verão*, de 28 de janeiro a 4 de fevereiro de 1993, na Universidade de São Paulo, ofereceu, pela primeira vez, um curso de Crítica Textual: *A Crítica do original disponível*, tendo trazido Luiz Fagundes Duarte, da Universidade Nova de Lisboa, para ministrá-lo.

Muitos estudiosos também se reuniram durante a realização do *III Encontro Internacional de Queirosianos*, 18 a 21 de setembro de 1995, em São Paulo, na FFLCH-USP, evento motivado pela celebração dos 150 anos de nascimento de Eça de Queirós.

Nos dias 19 e 20 de março de 1997, realizou-se, na FFLCH-USP, *Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*, no qual houve mesa-redonda tendo como tema Filologia do Português. Nessa oportunidade pesquisadores de diferentes partes do Brasil (Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro) abordaram o problema do estabelecimento de normas para edição de textos antigos.

O problema da edição de textos também foi discutido durante o *I Seminário para a História do Português Brasileiro*, ocorrido no período de 16 a 18 de abril de 1997, em São Paulo, na FFLCH-USP. Compareceram a este evento pesquisadores não apenas de várias universidades brasileiras (UEL, UFBA, UFMG, UFFS, UFRJ, UFSC, UNICAMP e USP) como também de universidade estrangeira (Universidade de la República de Uruguay). Realizou-se durante o evento debate sobre a constituição de um *corpus* diacrônico do português brasileiro, no qual pesquisadores relataram suas experiências na edição de textos com o objetivo de fornecer dados para o estudo histórico do português do Brasil (os trabalhos apresentados nessa oportunidade já se encontram publicados: cf. Castilho (1998). Também no *II Seminário para a História do*

Português Brasileiro, realizado no período de 10 a 16 de maio de 1998, em Campos do Jordão (SP), houve discussões a respeito de edição de textos, das quais resultou a proposta de um conjunto de normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil, elaborada por uma comissão de pesquisadores de diversas universidades.

Na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, teve lugar o *I Workshop do Manuscrito*, no período de 23 a 25 de junho de 1997. Neste evento, organizado em parceria com o Museu-Acervo da Literatura Brasileira, estudiosos de várias instituições brasileiras fizeram comunicações sobre suas práticas em edição de manuscritos modernos, além de terem ministrados breves cursos sobre catalogação, conservação e edição de manuscritos.

Realizou-se recentemente o *I Seminário Internacional de Trabalho Filológico: Textos Medievais e suas Fontes*, 12 a 15 de agosto de 1997, evento de organização conjunta entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas. Nesse seminário pesquisadores brasileiros e estrangeiros debateram aspectos relacionados à Matéria de Bretanha e às cantigas de amor de D. Dinis.

No período de 10 a 14 de novembro de 1997, foi realizado o *Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*, sob a coordenação geral de José Pereira da Silva (UERJ), na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Houve a realização de vários minicursos, oficinas e grupos de trabalho, conferências e mesas-redondas sobre Lingüística (com ênfase em estudos românicos) e Filologia/Crítica Textual (uma seleção dos trabalhos apresentados encontra-se em Silva (1998)). O *II Congresso Nacional de Lingüística e Filologia* ocorreu entre 05 a 09 de outubro de 1998 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Prevê-se, para o período de 16 a 20 de agosto de 1999, a realização do *III Congresso Nacional de Lingüística e Filologia* na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Em dezembro de 1997, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, aconteceu a primeira reunião de Coordenação do *Projeto Filologia Bandeirante* que reúne pesquisadores da própria Universidade de São Paulo e das Universidades Federais de Minas Gerais, de Goiás e do Mato Grosso. O Projeto Temático, então aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, ampliou sua base de pesquisa anteriormente prevista para a coleta de inquéritos nas trilhas das bandeiras incluindo a documentação manuscrita da época, a qual será

devidamente editada. O Primeiro Encontro desse Projeto Temático de Equipe aconteceu no antigo Colégio Caraça, em Catas Altas-MG, entre 25 e 25 de novembro de 1998.

Todos estes eventos têm tido grande importância para o desenvolvimento dos estudos filológicos no Brasil não apenas por permitirem o encontro de diversos pesquisadores brasileiros, mas também por terem possibilitado a vinda ao Brasil de vários estudiosos de Crítica Textual de diversos países. No âmbito específico da Filologia Portuguesa, os pesquisadores brasileiros tiveram a honra de receber, neste período, estudiosos como Carlos Reis (Universidade de Coimbra), Francisco Topa (Universidade do Porto), Giulia Lanciani (Università di Roma), Giuseppe Tavani (Università di Roma), Harvey L. Sharrer (University of California: Santa Barbara), Irene Freire Nunes (Universidade de Lisboa), Ivo Castro (Universidade de Lisboa), Luciana Stegagno Picchio (Università di Roma), Luiz Fagundes Duarte (Universidade Nova de Lisboa), Margarida Vieira Mendes (Universidade de Lisboa), dentre outros. Vieram ao Brasil não apenas pesquisadores de instituições estrangeiras que lidam com Filologia Portuguesa, mas também importantes pesquisadores de manuscritos em geral, tais como Alfredo Stussi (Scuola Normal Superiore de Pisa-Itália), Almuth Grésillon (ITEM/CNRS-França), Ana Maria Barrenechea (Universidad de Buenos Aires-Argentina), Colette-Anne van Coolput-Storms (Université Catholique de Louvain-Bélgica), Fanni Bogdanow (University of Manchester-Inglaterra), Jacques Neefs (ITEM/CNRS-França), Louis Hay (ITEM/CNRS-França), Jean-Louis Lébrave (ITEM/CNRS-França), Maria Inés Palladero (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas-Argentina), dentre outros.

1.2. Breve notícia acerca de grupos de pesquisa e seus projetos

A partir da análise dos anais desses eventos, foi possível perceber que há um grande número de pesquisadores trabalhando com a edição de obras de autores brasileiros e portugueses, modernos ou não. Para dar uma idéia, tenta-se esboçar abaixo uma síntese dos grupos de pesquisadores e de seus projetos. A fim de tornar mais transparentes as grandes linhas de pesquisa na área, divide-se a exposição de acordo com os seguintes critérios: (a) o tipo de texto que constitui o objeto de análise dos pesquisadores: literários x não-literários, (b) cronologia do autores estudados e (c) instituição que sedia os grupos de pesquisa.

1.2.1. Edição de textos não-literários

A principal razão de se estar editando, nestes últimos tempos, textos não-literários em língua portuguesa deve-se certamente à recente retomada dos estudos diacrônicos do português, a qual data de meados da década de oitenta. Dessa época para cá, cresceu e intensificou-se muito o interesse pelo estudo da história do português, mais ainda pela história do português do Brasil (cf., por exemplo, os estudos sobre o português brasileiro realizados sob a orientação de Fernando Tarallo e publicados sob o título de *Português brasileiro: uma viagem diacrônica* (1993)). Com o objetivo de ampliar o *corpus* para a investigação da história da língua portuguesa através da edição de textos de diversos tipos, muitos pesquisadores têm se debruçado sobre cartas pessoais, diários, roteiros de viagens, processos judiciais e outros tantos textos que documentam o uso da língua em diferentes momentos de sua história.

Obras de literatura médica têm sido estudadas e editadas por Marinalva Freira da Silva, da Universidade Federal da Paraíba: é de sua responsabilidade edição do *Regimentó Proueytoso contra La Pestencia* (fins do séc. XIV). Pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia têm se ocupado de roteiros de viagens (do séc. XVI): é de autoria de Célia Marques Telles o trabalho *Coleção de roteiros portugueses da carreira da Índia no século XVI: edição do manuscrito da BNP* (1988); de responsabilidade de Teresa Leal Gonçalves Pereira há o trabalho *Um livro de marinharia do século XVI; edição do manuscrito Fonds Portugais 40 (atual 61), códice 44.340 da Bibliothèque Nationale de Paris* (1996). Têm-se editado atualmente também documentos jurídicos do séc. XIII: sob orientação de Rosa Virgínia Mattos e Silva (UFBA), Permínio Souza Ferreira realizou o trabalho *Inquirições de D. Dinis: índices e vinte e sete primeiros fólhos; edição crítica de um texto medieval notarial português* (1996). Na Universidade Federal de Minas Gerais, encontra-se sob os cuidados de Maria Antonieta Cohen edição das cartas pessoais de Catarina de Bragança, Rainha da Inglaterra (séc. XVII). Na Universidade Estadual de Feira de Santana - Bahia, tem-se notícia da preparação de edição diplomático-interpretativa de documentos do século XIX relativos à compra de escravos que integram o acervo do Centro de Estudos Feirenses da referida universidade, edição executada por Aldo José Morais Silva, Cledson José Ponce Morais e Lucidalva Correia Assunção. Ainda na Bahia, outro grupo de pesquisadores tem se ocupado da edição de manuscritos da Coleção Santo Amaro, que integra o Acervo de Manuscritos Baianos do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia: fazem parte do grupo pesquisadores da própria UFBA (Arlete Silva Santos e Maria Dolores Teles) e também da Universidade Estadual da Bahia (Genésio Seixas Souza e Paulo Cezar Veloso).

Informação mais detalhada acerca do trabalho dos pesquisadores atualmente empenhados na construção de um *corpus* diacrônico do português brasileiro pôde-se ter no já mencionado *I Seminário para a História do Português Brasileiro*, no qual deram seu depoimento Afrânio G. Barbosa (UFRJ); Gilvan Müller de Oliveira (UFSC); Miguel Salles e Marcelo Módolo (USP); Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (UFFS); e Tânia Lobo (UFBa) (os depoimentos foram publicados em Castilho (1998)). Convém aqui ainda dar notícia da série filológica do Núcleo de Estudos Portugueses da Universidade Federal de Santa Catarina (coordenado por Gilvan Müller de Oliveira), que tem publicado edições críticas de fundos documentais de 1703 a 1830 disponíveis no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, compreendendo ofícios e correspondências.

Com o objetivo de editar os documentos brasileiros, fruto de pesquisa dos Projetos Filologia Bandeirante e Português do Brasil, inicia-se em São Paulo, pela Editora Humanitas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a Série Diachronica que se espelha na Coleção Dicionário da Língua Portuguesa: Textos e Vocabulários, dirigida por Antônio Geraldo da Cunha, nos anos sessenta, no Rio de Janeiro. Inaugura-se com a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, tomando por base a revisão da lição de Jaime Cortesão feita pelo próprio Antônio Geraldo da Cunha, a que se incorporam novos critérios de transcrição semidiplomática por César Nardelli Cambraia e Heitor Megale (cf. Caminha (1999)). Coordenam a série de publicações da Segismundo Spina, Heitor Megale e Sílvio de Almeida Toledo Neto.

Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, há o grupo Crítica Textual e Edição de Textos, coordenado por Edwald Machado Cafezeiro e José Pereira da Silva, sob cujos auspícios está o Projeto Alexandre Rodrigues Ferreira, iniciado em 1993 e executado em conjunto com a Biblioteca Nacional e professores da Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Pará. O projeto tem como objetivo preparar edição crítica e comentada da obra do naturalista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), que constitui importante fonte para, por exemplo, o conhecimento da Amazônia no final do século XVIII. De responsabilidade de José Pereira da Silva consta ainda ser a edição das *Questões Apologéticas*, do Pe. Manuel da Penha do Rosário (séc. XVIII) (Rosário, 1995) e do *Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro*, escrito pelo Pe. José Monteiro de Noronha (séc. XVIII) (Silva, 1997).

1.2.2. Edição de textos literários

A edição de textos literários, que sempre foi o campo por excelência da Filologia, teve forte impulso com a instalação da Crítica Genética no Brasil. Embora nunca se tenha deixado de editar textos literários, a difusão dos estudos genéticos fez ampliar imensamente o número de pesquisadores ocupados com a edição de obras literárias e também o número de centros de pesquisa em que os trabalhos são realizados. Na abertura do *I Encontro de Crítica Textual*, Philippe Willemart assinalou o aspecto inovador da Crítica Genética, que se ora instalava no Brasil:

O objetivo desse Encontro parece claro no seu título. Por um lado, o estudo do manuscrito moderno e por outro lado, a edição crítica. No entanto, sabemos que o estudo do para-texto (correspondência, cadernos, anotações), do manuscrito (rascunhos, plano e esboço) e o estabelecimento de uma boa edição crítica são meios a serviço de um objetivo maior: a leitura e a crítica dos grandes textos de nossas literaturas, além de uma inteligência mais exata do fenômeno da arte. (Willemart (1986:11)).

Embora o impulso dado pela Crítica Genética tenha feito os olhares voltarem-se para os manuscritos modernos, os estudos de Filologia Portuguesa Medieval também viram crescer o número de pesquisadores. Na área de Filologia e Língua Portuguesa do programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, realizaram-se, nos últimos anos, sob a orientação dos professores Elza Miné e Heitor Megale, edições de trovadores medievais - *Cantigas de Fernam Soarez de Quinhones: subsídios para uma edição crítica* (João Antonio de Santana Neto, 1990); *Obra satírica de dom Pero Gomez Barroso; trovador português do século XIII* (João Francisco Gonzalez, 1990); *Cantigas de Galisteu Fernandes: proposta para uma edição crítica* (Marcello Moreira, 1994) e *Subsídios para uma edição crítica das cantigas de Joan Velho de Pedro Gaez* (Loiry Machiavelli, 1995) - assim como de textos em prosa: *Fabulário medieval português* (Juvino Alves Maia Júnior, 1993); *Edição diplomático-interpretativa d'A vida do cativo monge confesso'* (César Nardelli Cambraia & Tânia Lobo, 1995); *Duas leituras do tratado ascético-místico Castelo Perigoso* (João Antonio de Santana Neto, 1997); *Livro de Isaac: edição e estudo do cód. alc. 461* (César Nardelli Cambraia, em preparação).

⁴ Há, entretanto, dados bastantes ricos e atualizados na página eletrônica intitulada *Estudos em Crítica Genética - Brasil* (<http://www.geocities.com/Paris/Bistro/5753/index.html>).

Descrever os projetos - realizados ou em andamento - no campo da edição crítica e/ou genética de textos literários modernos é uma tarefa bastante complicada dados o grande número de pesquisadores envolvidos e a inexistência de um boletim atualizado e abrangente dos projetos em andamento. Tenta-se fazê-lo focalizando fundamentalmente os grupos de pesquisa, seus coordenadores e os autores estudados.

Na Paraíba, há o projeto Ateliê de José Lins do Rego, coordenado por Sônia Maria van Dijk Lima, da Universidade Federal da Paraíba, que tem se ocupado do estudo e edição das obras do escritor paraibano José Lins do Rego. Há ainda notícia de edição de *A Bagaceira* do escritor José Américo de Almeida, realizada por Milton Paiva, Elisalva Dantas e Neroaldo Azevêdo.

Na Bahia, o Grupo de Edição Crítica de Textos, coordenado por Nilton Vasco da Gama e Célia Marques Telles, da Universidade Federal da Bahia, tem investigado, com vistas à edição, as obras do escritor baiano Artur de Salles (cf. Telles & Gama (1996)). A constituição desse grupo, do qual fazem parte Albertina Ribeiro da Gama, Teresa Leal Gonçalves Pereira e ainda outros pesquisadores, data da abertura do curso de mestrado na UFBA, em 1977. Tem-se notícia da edição, sob direção do Grupo, das obras *Sangue-mau* (Salles, 1981), *Poemas do Mar* (Carvalho, 1995), *Sonetos* (Queiroz, 1995), *O Dote de Mathilde* (Baldwin, 1996) e *O Ramo da Fogueira* (Reis, 1996).

Em Minas Gerais, um grupo de pesquisadores, sob a orientação de Melânia Silva de Aguiar (PUC-MG), está preparando edição crítica das obras completas de Cláudio Manuel da Costa, poeta brasileiro do século XVIII, estando atualmente empenhados, em especial, na edição de seu poema *Vila Rica*. Essa linha de pesquisa constitui uma retomada do projeto de edição das obras dos poetas inconfidentes (séc. XVIII) iniciada por Rodrigues Lapa, quando da permanência deste em Belo Horizonte (1956-1962), onde editou as obras de Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Notícia mais detalhada do trabalho deste grupo encontra-se em Aguiar (1995). Também na PUC-MG encontra-se o grupo de pesquisa que, sob a direção de Lélia Parreira Duarte, está preparando a fixação do texto das obras *Vinte Horas de Liteira* e *A Filha do Arcediago*, de Camilo Castelo Branco.

No Rio de Janeiro, há notícia de vários projetos. O projeto *Tradição Manuscrita e/ou Impressa de Textos Brasileiros do Séculos XVI ao XX*, coordenado por Edwald Machado Cafezeiro (UERJ), tem trazido a lume vários

estudos e edições: *Cartinha pera e[n]sinar a ler* (séc. XVI), por Margarida Oliveira e Monica Schaffino; *Obras de Antônio de Souza* (séc. XVII) por Aileda Oliveira, Ceila Montez e Nelson Ferreira; *Aventuras de Diófanes* (séc. XVIII) por Ceila Montez; *Cinematographo (Chronicas Cariocas)* (séc. XX), por Nelson Ferreira. Também coordenado por Edwaldo Machado Cafezeiro (UERJ), consta o projeto Memória da Dramaturgia Brasileira. Sob a responsabilidade de Fernando Ozório Rodrigues (Universidade Federal Fluminense), encontra-se uma nova edição da obra *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, livro impresso em 1575. A obra de Gregório de Matos e Guerra tem sido investigada recentemente por José Pereira da Silva, Ruy Magalhães de Araujo e Emmanuel Macedo Tavares (UERJ) com vistas à preparação de edição (cf. a notícia da pesquisa dada em Silva (1998a)).

Em São Paulo, há também notícia de diversos projetos ligados à Crítica Textual e/ou Genética. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo encontra-se em atividade o *Centro de Estudos de Crítica Genética*, fundado em agosto de 1993, sob a coordenação de Cecília Almeida Salles (sobre os trabalhos desenvolvidos pelo Centro, cf. Salles (1995)).

Na Universidade de São Paulo, os projetos realizam-se tanto na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) como no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB).

Na FFLCH, está em andamento o projeto *Memória do Manuscrito Literário Brasileiro*, sob a coordenação de Roberto de Oliveira Brandão e com a participação de Diléia Zanotto Manfio, da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) em Assis. Tal projeto tem como objetivo realizar o levantamento de manuscritos literários brasileiros existentes em instituições oficiais e particulares, bibliotecas, editoras, bibliófilos, pesquisadores e autores para serem catalogados e publicados na forma de catálogo que sirva de referência para pesquisadores (para descrição mais detalhada do projeto, conferir Brandão (1995)). Sabe-se também do grupo de pesquisa *Laboratório do Manuscrito Literário*, sob a direção de Philippe Léon Marie Ghislain Willemart, que, desde 1985, tem se dedicado à investigação da crítica genética. Esse grupo estabeleceu junto com a APLM um convênio com Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM) do CNRS de Paris através do CNPq desde 1987, convênio esse que ainda se encontra em funcionamento.

Textos de autores modernos (obras e correspondências) também têm

sido editados sob a orientação dos outros pesquisadores da FFLCH (Elza Miné, Maria Helena Nery Garcez, Philippe Willemart, Valentim Facioli e Zenir Reis): *“Clepsydra” de Camilo Pessanha: uma proposta de estabelecimento de texto* (Paulo Elias Allane Franchetti, 1992); *Proposta de edição da correspondência inédita entre João Guimarães Rosa e seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason (23 de janeiro de 1958 a 27 de agosto de 1967)* (Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti, 1997) *Para uma edição crítica de “S. Cristóvão” de Eça de Queirós* (Eliane Hosokawa Imayuki, 1998); *“Amavisse” de Hilda Hilst: edição genética e crítica* (Cristiane Grando, 1998); *“São Bernardo” de Graciliano Ramos: proposta para uma edição crítica* (Nádia Regina Marques Coelho Bumirgh, 1998); *O cortiço”, de Aluísio Azevedo: estabelecimento de textos em edição crítica e parte da fortuna crítica* (Laura Camilo dos Santos Cruz, 1998); *Edição crítica de Marco Zero I: a revolução melancólica* (Eridan Ribeiro de Carvalho, 1998); *Marco Zero II: chão, Oswald de Andrade - edição restaurada* (Luiz Roberto Dias de Melo, 1998).

No IEB, encontra-se em realização o *Projeto de Organização, Exploração e Divulgação do Arquivo João Guimarães Rosa*, elaborado e coordenado inicialmente por Cecília de Lara (atualmente pesquisadores do projeto estão sob a orientação de Maria Neuma Barreto Cavalcante). Tal projeto objetiva organizar, explorar e promover o conjunto de documentos relativos à vida e à obra do escritor existentes atualmente no IEB (maiores informações sobre as atividades editoriais realizadas neste instituto encontram-se em Lopez (1995)). Têm também merecido grande atenção o acervo de Mário de Andrade (coordenado por Telê Ancona Lopez, que chefia a *Equipe Mário de Andrade*) e de Graciliano Ramos (sob a direção de Yêdda Dias Lima). Obras e manuscritos pertencentes a este mesmo Instituto também têm sido dados à estampa através de várias teses e dissertações de pós-graduação: *“Quatro Pessoas”: edição crítica do romance inacabado de Mário de Andrade* (Maria Zélia Galvão de Almeida, 1984); *Edição crítica e comentada de “O Mundo Musical” de Mário de Andrade* (Jorge Sidney Coli Junior, 1990); *Mário de Andrade - “Crítica-Rio”: edição crítica* (Sônia de Camargo Vollet Sachs, 1991); *Poesias reunidas de Oswald de Andrade: elementos para uma edição crítica* (Diléa Zanotto Manfio, 1993); *Diálogo epistolar: edição da correspondência Mário de Andrade/Manuel Bandeira* (Marcos Antonio de Moraes, 1997). Há ainda trabalhos relacionados à crítica genética que têm sido realizados no referido Instituto: *“Infância” de Graciliano Ramos: gênese textual e estudo estilístico (esboço de edição)* (Eliane Jacqueline Mattalia, 1996) e *Edição crítica em uma perspectiva genética de “As Três Marias” de Raquel de Queiroz* (Marlene Carmelinda Gomes Mendes, 1996).

1.3. Publicação de obras: uma seleção

Apesar de ter aumentado bastante o número de estudiosos envolvidos com o problema da edição de textos, poucos foram os manuais de Crítica Textual publicados: durante o período analisado, constatamos apenas a publicação de um manual, de autoria de Leodegário A. de Azevedo Filho - *Iniciação em Crítica Textual* (1987) -, e a reedição revista e atualizada do manual de Segismundo Spina - *Introdução à edótica: Crítica Textual* (1994), publicado pela primeira vez em 1977.

Trabalhos relacionados à Crítica Genética têm sido publicados sistematicamente pela revista *Manuscrita*, editada pela Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário. Até o presente momento, já se publicaram sete números: *Manuscrita* 1 (1990), *Manuscrita* 2 (1991), *Manuscrita* 3 (1992), *Manuscrita* 4 (1993), *Manuscrita* 5 (1994), *Manuscrita* 6 (1996) e *Manuscrita* 7 (1998).

Sob responsabilidade do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, tem sido publicada, desde 1995, a revista *Philologus*, que está atualmente em seu décimo primeiro número. Por conta do Instituto de Língua Portuguesa (Rio de Janeiro), tem-se dado a lume a revista semestral *Confluência*, que, desde o início de sua edição em 1991, tem acolhido diversos trabalhos na área de Filologia.

O Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia publica *Estudos Lingüísticos e Literários*, revista que tem veiculado resultado de pesquisas realizadas por vários professores da Instituição, trazendo a público trabalhos de diversas áreas, dentre as quais encontra-se a Crítica Textual.

Não se poderia deixar de mencionar neste breve artigo uma série de publicações na área de Filologia Portuguesa que constituem coletâneas de artigos em homenagem a filólogos brasileiros. Inserem-se neste caso as coletâneas dedicadas a Celso Cunha (*Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha* (Pereira & Pereira 1995)); a Gladstone Chaves de Melo (*Miscelânea em homenagem ao Prof. Dr. Gladstone Chaves de Melo* (Barros, Gouveia e Bechara, 1995)), a Isaac Nicolau Salum (*Estudos de filologia e lingüística* (Carratore et alii, 1981)); a Leodegário Amarante de Azevedo Filho (*Estudos Universitários de língua e literatura; homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho* (1993)); a Nilton

Vasco da Gama (*Estudos lingüísticos e literários* (1996)); a Segismundo Spina (*Para Segismundo Spina: língua, filologia e literatura* (Elia et alii, 1995)); e a Sílvio Elia (*Estudos universitários de lingüística, filologia e literatura: homenagem da Academia Brasileira de Filologia e do Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro ao Prof. Dr. Sílvio Elia* (1990)).

Edição fac-similada, agora no Brasil, tem recebido uma série de trabalhos de Crítica Textual produzidos por filólogos estrangeiros de épocas anteriores: a Editora Lucerna (do Rio de Janeiro), em suas séries *Lingüística e Filologia Portuguesas* e *Jóias Literárias*, publicou o *Cancioneiro Gallego-Castelhano* (por Henry R. Lang), *O livro de Esopo* (por José Leite de Vasconcelos), *As cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade* (por Oskar Nobiling) e *Os Lusíadas* (por Manuel de Lira).

Há que se fazer menção também da reedição da *Bíblia Medieval Portuguesa*, cujo texto crítico foi estabelecido por Serafim da Silva Neto no final da década de cinquenta. Tal reedição, acrescida de glossário de responsabilidade de Heitor Megale, foi publicada com o título de *O pentateuco da bíblia medieval portuguesa* (1992).

Por conta da Fundação Biblioteca Nacional têm sido publicadas edições de manuscritos medievais portugueses, sempre acompanhados de fac-símile. Fazem parte da coleção Celso Cunha, coordenada por Gilberto Vilar de Carvalho, as edições *Um tratado da cozinha portuguesa do século XV* (por Antonio Gomes Filho, 1994, reedição de 1963, na já referida meritória coleção coordenada por Antônio Geraldo da Cunha, pelo INL) e *O livro de Isaac de Nínive* (por Ronaldo Menegaz, 1994).

2. Conclusão

À vista do exposto, e sabe-se que muito terá sido deixado de se expor, ou por falta da informação ou pela exigüidade natural do artigo, pode-se avaliar que, de fato, os trabalhos filológicos ocupam muitos pesquisadores, infelizmente não ainda em número suficiente para suprir a todas as carências. Na verdade, a Filologia ainda não se recuperou de todo do impacto provocado pela introdução da Lingüística no Brasil, pois ainda ocupa um lugar marginal nos cursos de graduação: fica como apêndice das disciplinas “Filologia Românica” ou “História da Língua Portuguesa”. Tal condição suscita a idéia errônea de que a preocupação com a fidedignidade dos textos é relevante apenas em relação a textos medievais ou renascentistas, ou seja, textos que

remontam à época da tradição apenas manuscrita: a preocupação com a autenticidade do texto é também importantíssima mesmo quando se trata de obras que datam já de depois da imprensa. Uma amostra dessa falta de preocupação com o texto moderno é descrita por Marlene Gomes Mendes (1986) em seu trabalho sobre a fidedignidade dos textos nos livros didáticos no Brasil: demonstra a pesquisadora as diversas deturpações e mutilações que os livros didáticos cometem ao reproduzir textos de grandes nomes da literatura brasileira. O compromisso com a fidedignidade na transmissão e a compreensão de quanto é grave a adulteração dos textos são atitudes indispensáveis nos profissionais que trabalham com textos (não apenas os literários, mas também os não-literários - que são fundamentais para os estudos lingüísticos) e precisam ser provocadas através de reflexão sobre Crítica Textual, tarefa que é de responsabilidade da Filologia. Daí, portanto, a importância de esta disciplina ocupar o lugar que lhe é devido na formação dos alunos de Letras.

Embora ciente das limitações desta exposição em função da estratégia de mapeamento adotada (análise de eventos nacionais da área ocorridos na última década), acredita-se ter apresentado um esboço da Filologia Portuguesa no Brasil nos últimos anos, esboço este que ainda há de ser completado e retificado futuramente. Uma investigação mais extensa sobre a pesquisa filológica no Brasil exigirá não apenas a incorporação de dados de outros eventos, tais como os locais, regionais ou estrangeiros, mas também um rastreamento minucioso das publicações da área no País e no exterior. Na impossibilidade de incluir neste artigo informações obtidas através todos esses instrumentos, deixa-se aqui esta contribuição e externa-se o desejo de continuidade deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. S. de (1995) A obra poética de Cláudio Manuel da Costa. Nova edição. In: W. M. MIRANDA (org.) *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- ALMEIDA, M. Z. G. de (1984) "Quatro Pessoas": edição crítica do romance inacabado de Mário de Andrade. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado)
- ALTMAN, M. C. F. S. (1998) *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.
- ANAIS do I Encontro de Crítica Textual: o Manuscrito Moderno e as Edições. (1986) São Paulo: FFLCH-USP.

- ANAIS do III Encontro de Ecdótica e Crítica Genética. (1993) João Pessoa: Idéia.
- AZEVEDO FILHO, L. A. de (1987) *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro, São Paulo: Presença, Edusp.
- BALDWIN, E. (1996) "O Dote de Mathilde", conto de Arthur de Salles: proposta de edição crítica. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. (Dissertação de mestrado inédita).
- BARROS, M. R. K. de; C. M. GOUVÊA; E. BECHARA (orgs.) (1995) *Miscelânea em homenagem ao Prof. Dr. Gladstone Chaves de Melo*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- BRANDÃO, R. de O. (1995) Memória do manuscrito literário brasileiro. In: WILLERMART (1995).
- BUMIRGH, N. R. M. C. (1998) "São Bernardo" de Graciliano Ramos: proposta para uma edição crítica. São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado)
- BUSSOLOTTI, M. A. F. M. (1997) Proposta de edição da correspondência inédita entre João Guimarães Rosa e seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason (23 de janeiro de 1958 a 27 de agosto de 1967). São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado)
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. (1949) Filologia. In: R. B. de MORAES, & W. BERRIEN *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza.
- _____ (1966) Antenor Nascentes e a filologia brasileira. *Vozes*, 6: 459-462.
- _____ (1970) *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes.
- CAMBRAIA, C. N. (Em preparação) Livro de Isaac: edição e estudo do cód. alc. 461. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado).
- _____ & T. LOBO (1995) Edição diplomático-interpretativa d'"A vida do cativo monge confesso". São Paulo: FFLCH-USP. (Mimeo).
- CAMINHA, P. V. de (1999) *A 'carta' de Caminha*. Ed. semidiplomática de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale. São Paulo: Humanitas. (Série Diachronica, Vol. 1).
- CARRATORE, E. Del et alii (1981) *Estudos de filologia e lingüística (em homenagem a Isaac Nicolau Salum)*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, Edusp.
- CARVALHO, E. R. de (1998) Edição crítica de Marco Zero I: a revolução melancólica. São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado)
- CARVALHO, R. B. S. (1995) 'Poemas do Mar' de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. (Dissertação de mestrado inédita).
- CASTILHO, A. T. de (1998) *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas. Vol I: Primeiras idéias.

- CASTRO, I. (1992) Enquanto os escritores escreverem... In: *Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina*. Campinas: UNICAMP. Vol I - Conferências Plenárias.
- _____. (1995) O retorno à filologia. In: PEREIRA & PEREIRA (1995).
- COLI JÚNIOR, J. S. (1990) Edição crítica e comentada de “O Mundo Musical” de Mário de Andrade. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado inédita).
- CRUZ, L. C. dos S. (1998) “O cortiço”, de Aluisio Azevedo: estabelecimento de textos em edição crítica e parte da fortuna crítica. São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado).
- ELIA, S. (1963) *Ensaio de Filologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- _____. et alii. (1995) *Para Segismundo Spina: língua, filologia e literatura*. São Paulo: Iluminuras, FAPESP, EDUSP.
- ESTUDOS Linguísticos e Literários. (1996) Salvador: UFBA. Número Especial.
- ESTUDOS universitários de linguística, filologia e literatura; homenagem da Academia Brasileira de Filologia e do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro ao Prof. Dr. Sílvio Elia. (1990) Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Língua e Literatura.
- ESTUDOS universitários de língua e literatura; homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho. (1993) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- FERREIRA, P. S. (1996) Inquirições de D. Dinis: índices e vinte e sete primeiros fólios; edição crítica de um texto medieval notarial português. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. (Dissertação de mestrado inédita).
- FRANCHETTI, P. E. A. (1992) “Clepsydra” de Camilo Pessanha: uma proposta de estabelecimento de texto. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado)
- GOMES FILHO, A. (1994) *Um tratado da cozinha portuguesa do século XV*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- GONSALEZ, J. F. (1990) Obra satírica de dom Pero Gomez Barroso; trovador português do século XIII. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado).
- GRANDO, C. (1998) “Amavisse” de Hilda Hilst: edição genética e crítica. São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado).
- HOUAISS, A. (1980) A edição crítica de textos no Brasil. *Revista Brasileira de Língua e Cultura*, 2.6 : 12-15. Atas do XII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura.
- IMAYUKI, E. H. (1998) Para uma edição crítica de “S. Cristóvão” de Eça de Queirós. São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado)
- JUBRAN, C. M. et alii (orgs.) (1996) *Estudos linguísticos XXV - Anais de Seminários do GEL*. Taubaté: UNITAU, CNPq, GEL.
- JUBRAN, C. M. et alii (orgs.) (1997) *Estudos linguísticos XXVI - Anais de Seminários do GEL*. Campinas: UNICAMP, FAPESP, GEL.
- KATO, M. A. (1993) Como, o que e por que escavar? In: ROBERTS & KATO (1993)

- LIMA, J. P. de (1995) A Crítica Textual no Rio de Janeiro. In: PEREIRA & PEREIRA (1995).
- LOPEZ, T. A. (1995) O Instituto de Estudos Brasileiros e as edições. In: WILLEMART (1995).
- MANFIO, D. Z. (1993) Poesias reunidas de Oswald de Andrade: elementos para uma edição crítica. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado inédita).
- MATTALIA, E. J. (1996) “Infância” de Graciliano Ramos: gênese textual e estudo estilístico (esboço de edição) São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado).
- MATTOS E SILVA, R. V. (1983) Reencontro da filologia e da lingüística nos estudos diacrônicos. *Linguagem*, 1: 74-82.
- _____ (1988) Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da lingüística histórica no Brasil. *D.E.L.T.A.*, 4.1: 85-113.
- _____ (1991) Lingüística histórica e filologia hoje: redefinindo fronteiras. In: ANAIS do III Encontro.
- MEGALE, H. (1999) As cantigas bretãs: edição crítica a partir de lição diplomática dos códices B. 10991 e V. Lat. 7182. (Comunicação para o XIX Congresso Internacional Arturiano, em Toulouse).
- MELO, L. R. D. de (1998) Marco Zero II: chão, Oswald de Andrade - edição restaurada. São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado)
- MENDES, M. G. (1986) A fidedignidade dos textos nos livros didáticos no Brasil. In: *Anais do I Encontro*.
- _____ (1996) Edição crítica em uma perspectiva genética de “As Tres Marias” de Raquel de Queiroz. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado).
- MENEGAZ, R. (1994) *O livro de Isaac de Nínive (séc. XV)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- MINÉ, E. & CANIATO, B. J. (orgs.) (1997) *Anais do do III Encontro Internacional de Queirosianos*. São Paulo: FFLCH-USP.
- MORAES, M. A. de (1997) Diálogo epistolar: edição da correspondência Mário de Andrade/Manuel Bandeira. São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado).
- MOTA, J. & V. ROLLEMBERG (orgs.) (1996) *Atas do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística*. Salvador: ABRALIN, FINEP, UFBA. Vol. 1.
- NARO, A. J. (1976) *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- NASCENTES, A. (1939) *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- O PENTATEUCO da bíblia medieval portuguesa. (1992) Introd. e glossário de Heitor Megale. São Paulo: Imago/EDUC.
- PEREIRA, C. da C. & P. R. D. PEREIRA (orgs.) (1995) *Miscelânea de estudos*

- lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- PEREIRA, T. L. G. (1996) Um livro de marinharia do século XVI; edição do manuscrito Fonds Portugais 40 (atual 61), código 44.340 da Bibliothèque Nationale de Paris. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado inédita).
- PEZATTI, E. G. et alii (orgs.) (1998) *Estudos lingüísticos XXVII - Anais de Seminários do GEL*. São José do Rio Preto: UNESP - IBILCE.
- PINTO, E. P. (1982) Edição crítica no Brasil. *Comunicação e Artes*, 11 : 175-187.
- QUEIROZ, R. de C. R. de (1995) "Sonetos" de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. (Dissertação de mestrado inédita).
- REIS, M. da C. S. (1996) "O Ramo da Fogueira", obra regional de Arthur de Salles: proposta de edição crítica. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. (Dissertação de mestrado inédita).
- ROBERTS, I. & M.A.KATO (orgs.) (1993) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- ROSÁRIO, Pe. M. da P. do (1995) *Língua e inquisição no Brasil de Pombal*. Rio de Janeiro: UERJ.
- SACHS, S. de C. V. (1991) Mário de Andrade - Crítica-Rio: edição crítica. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado inédita).
- SALLES, A. de (1981) *Sangue-mau*. Ed. crítica sob a direção de Nilton Vasco da Gama. Salvador: UFBA.
- SALLES, C. A. (org.) (1990) *Anais do II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Eclosão do Manuscrito*. São Paulo: FFLCH-USP.
- _____ (1992) *Crítica genética: uma introdução; fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários*. São Paulo: EDUC.
- _____ (org.) (1995) *Catálogo de pesquisas do CECG*. São Paulo: Comunicação e Semiótica/PUC-SP.
- SANTANA NETO, J. A. de (1990) Cantigas de Fernam Soarez de Quinhones: subsídios para uma edição crítica. São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado inédita).
- _____ (1997) Duas leituras do tratado ascético-místico Castelo Perigoso. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado inédita).
- SILVA, J. P. da (1997) Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro. Rio de Janeiro: UERJ/Digraf.
- _____ (1998a) Notícia sobre os códices de Gregório de Matos guardados na Biblioteca Nacional e na Coleção Celso Cunha. In: SILVA (1998b).
- _____ (org.) (1998b) *Anais do Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Rio de Janeiro/São Gonçalo: Dialogarts/Cifefil.

- SILVA NETO, S. da (1951) A filologia portuguesa no Brasil (1939-1948). In: M. de P. BOLÉO (org.) *Os estudos de lingüística românica na Europa e na América desde 1939 a 1948*. Coimbra: Casa do Castelo. Vol. 1.
- SPINA, S. (1994) *Introdução à edótica: crítica textual*. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica, Edusp.
- TELLES, C. M. (1988) Coleção de roteiros portugueses da carreira da Índia no século XVI: edição do manuscrito da BNP. São Paulo: FFLCH-USP. (Tese de doutorado inédita)
- _____ & A. R. da GAMA (1996) A linha de pesquisa “Edição crítica da ‘obra’ de Arthur de Salles”. *Estudos Lingüísticos e Literários*, 18: 9-15.
- WILLEMART, P. (1986) Abertura do 1.º Encontro de Crítica Textual. In: *Anais do I Encontro*.
- _____ (org.) (1995) *Anais do IV Encontro Internacional de esquisadores do Manuscrito e de Edições: Gênese e Memória*. São Paulo: Annablume/APML.

**O PORTUGUÊS BRASILEIRO E AS CONTROVÉRSIAS DA FONÉTICA ATUAL: PELO
APERFEIÇOAMENTO DA FONOLOGIA ARTICULATÓRIA**

(Implications of Brazilian Portuguese Data for Current Controversies in
Phonetics: Towards Sharpening Articulatory Phonology)

Eleonora Cavalcante ALBANO (*Laboratório de Fonética Acústica e
Psicolinguística Experimental - LAFAPE - UNICAMP*)

ABSTRACT: The paper examines the recent trends of phonetic studies in Brazil, a productive area which analyses Brazilian-Portuguese data and contributes to phonetic theory. The central question discussed in the approach is the relationship between Phonetic and Phonology. (AE)

KEY WORDS: Phonetics, Phonology, Brazilian Portuguese, Articulatory Gestures, Articulatory Phonology.

PALAVRAS-CHAVE: Fonética, Fonologia, Português Brasileiro, Gestos articulatórios, Fonologia articulatória.

O campo potencial dos estudos fonéticos no Brasil é examinado do ponto de vista da sua implantação recente e da fecundidade dos dados do português brasileiro para iluminar questões da teoria fonética. A questão tomada como central é a da comensurabilidade entre a Fonética e a Fonologia, colocada pela primeira vez de forma objetivável pela Fonologia Articulatória. Numa revisão crítica do programa desse modelo, constata-se: (a) que os seus princípios gerais são perfeitamente adequados para dar conta de muitos processos fônicos pós-lexicais do português brasileiro que a análise fonética revela serem gradientes, contrariando a visão categórica da tradição fonológica contemporânea; (b) que os parâmetros utilizados pelo modelo para representar as vogais são inadequados para a expressão de processos gradientes assim como para a expressão de processos categóricos, o que sugere que algumas das objeções levantadas contra ele na literatura podem ser superadas através de uma revisão dos seus descritores vocálicos. A conclusão oferece perspectivas para a implementação dessa revisão, apontando a relevância de alguns dados do português brasileiro para testar as hipóteses envolvidas.

0. Introdução

A história da Fonética como disciplina experimental no Brasil é bastante recente. Isso acontece porque, até o fim da década de 80, o País não oferecia condições mínimas para a instalação e manutenção de um laboratório. As versões analógicas de aparelhos tais como o espectrógrafo, indispensável ao estudo da Fonética Acústica, e o palatógrafo, tão importante para o estudo da Fonética Articulatória, eram extremamente caras e requeriam cuidados técnicos especializados, condições inviáveis para a Universidade, única instituição brasileira a acolher os que se formavam na área. Foi apenas com a informatização da aparelhagem envolvida, diminuindo custos e facilitando a assistência técnica, que os poucos foneticistas do País - todos formados no exterior - começaram a substituir as viagens freqüentes por tentativas de criar ambientes de pesquisa em seus próprios departamentos. A primeira metade da década de 90 assistiu a um grande crescimento da área: uma vez formados aqui os primeiros mestres e doutores, a disciplina começou a difundir-se para além das suas fronteiras acadêmicas e geográficas iniciais¹.

Tanto quanto eu saiba, há apenas cinco laboratórios de Fonética no Brasil, todos de instalação mais ou menos recente e dedicados primariamente à Fonética Acústica. Dois se encontram na Universidade Estadual de Campinas: o Laboratório de Fonética Acústica e Psicolinguística Experimental - LAFAPE -, do Instituto de Estudos da Linguagem, e o Laboratório de Fonética Forense, do Departamento de Medicina Legal da Faculdade de Ciências Médicas. Os demais encontram-se na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Universidade Federal de Minas Gerais e na Universidade Federal de Santa Catarina. A produção desses grupos, geralmente compostos de um foneticista, eventuais colaboradores de áreas afins e alunos de graduação e pós-graduação, tem sido divulgada mais sob forma de dissertações, teses, comunicações a congressos e relatórios a agências de fomento do que em publicações mais definitivas tais como artigos ou livros.

Haveria, então, como pintar um panorama coerente da Fonética Experimental - mesmo Acústica - no Brasil, em sua existência de menos de uma década? No meu entender, não. Implantar um laboratório exige tamanho investimento de tempo e esforço que os foneticistas brasileiros ainda não

¹ Dois exemplos notáveis são: (a) Ivone Panhoca Levy (1993) "Uma outra face da nau dos insensatos: a dificuldade de vozejar obstruintes em crianças de idade escolar", tese de doutorado, LAFAPE-IEL-UNICAMP, que estendeu a Fonética Acústica ao estudo das patologias da fala; e (b) Ricardo Molina de Figueiredo (1994) "Identificação de falantes: aspectos teóricos e metodológicos", tese de doutorado, LAFAPE-IEL-UNICAMP, que estendeu a Fonética Acústica às aplicações forenses.

tiveram ocasião de se reunir, trocar experiências, sondar afinidades e traçar metas comuns. Seria prematuro, no momento, tentar depreender direções que justificassem um rótulo tal como "Fonética Brasileira", com base em dados dispersos sobre a produção dos laboratórios mencionados. O que se pode dizer é que, embora não tendo ainda uma Fonética, o Brasil já tem um número razoável de bons foneticistas - todos empenhados em resgatar o prejuízo causado pela privação material das décadas de 70 e 80.

Como esse resgate pode fazer-se de muitos pontos-de-vista, vou tomar a minha contribuição a este volume como oportunidade para iniciar a sua discussão. Delinearei a seguir a minha própria visão de como devemos enfrentar a tarefa de implantar uma tradição de estudos fonéticos no Brasil, à luz de alguns resultados já disponíveis no LAFAPE. Com isso não quero diminuir a importância do que se faz em outros centros. Quero, antes, convidar os colegas coordenadores dos demais laboratórios a exporem também as suas perspectivas, dando início a um diálogo que os nossos múltiplos encargos têm adiado.

O leitor que espera encontrar aqui muitas informações sobre a pronúncia do português brasileiro (doravante PB) certamente ficará decepcionado. É que a Fonética a que me filio não é descritiva, isto é, não constitui instrumento para nenhuma outra área da Linguística, mas tem suas próprias teorias e métodos, cujo teste e aperfeiçoamento constituem fins em si mesmos. Assim, não vou mostrar como a Fonética poderia iluminar questões sobre a descrição do PB e sim como o PB pode iluminar questões sobre a teoria fonética.

1. O vigor atual da fonética teórica

Dos 598 títulos de comunicações apresentadas ao XIII Congresso Internacional de Ciências Fonéticas, realizado em Estocolmo em 1995, menos de 20% mencionam línguas específicas (Elenius e Branderud, 1995). Isso não quer dizer que a pesquisa fonética esteja alheia à variedade das línguas do mundo, mas que essa variedade vem cada vez mais sendo concebida como manifestação de princípios fonéticos universais.

A preocupação com universais fonéticos manifestou-se também, nesse congresso, no número de trabalhos que propunham modelos de produção ou percepção de aspectos vários da fala. De modelos específicos do funcionamento de algum articulador a modelos gerais da organização dos sistemas fonéticos, o plenário testemunhou uma adesão majoritária à visão, liderada por autores tais como Stevens (1981), Ohala (1995), Kohler (1995) e

Lindblom (1995), da Fonética como uma ciência sobretudo explicativa.

Dentre tudo que cabe aos foneticistas explicar, destaca-se o processo de produção, por seu acesso mais fácil à observação e pelo papel que lhe atribuem alguns autores no próprio processo de percepção. Muito do esforço da Fonética contemporânea vem, pois, concentrando-se na tentativa de explicar a dinâmica do trato vocal na produção dos sons de fala. É com as teorias que abordam essa problemática que o restante deste trabalho vai dialogar.

Pretendo mostrar que a pesquisa feita no Brasil pode contribuir para o avanço da teoria fonética, embora de maneira ainda um pouco limitada. Dada a complexidade matemática dos atuais modelos de produção de fala, dificilmente poderíamos, com os nossos atuais recursos materiais e humanos, propor-lhes alternativas acabadas. Podemos, entretanto, reunir dados que os interroguem e até desafiem. Como veremos, os processos fônicos pós-lexicais do PB oferecem uma excelente oportunidade para discutir os modelos fonéticos dinâmicos, que hoje encabeçam a pauta do debate sobre a fronteira entre a Fonética e a Fonologia.

Participar das discussões de ponta no papel de interlocutores e críticos já é bastante para uma comunidade ainda incipiente. Exercícios desse tipo talvez ajudem a atrair e formar a massa crítica necessária para que um dia exerçamos também o papel de proponentes.

2. Uma controvérsia atual: a fonética e a fonologia são comensuráveis?

Os modelos de produção de fala só focalizam hoje o movimento de articuladores específicos quando estão investigando as suas bases físicas ou fisiológicas. O que se modela nos estudos de dinâmica é geralmente uma ação (tal como protruir os lábios) em que estão envolvidos vários articuladores (no caso, o lábio superior, o lábio inferior e a mandíbula). Essas ações são em geral denominadas gestos articulatórios e podem ser vistas como entidades fonéticas que realizam entidades lingüísticas ou como entidades lingüísticas em si mesmas.

O modelo que advoga o gesto articulatório como unidade de análise lingüística é conhecido como Fonologia Articulatória - doravante FAR (Browman e Goldstein, 1985, 1986, 1990a e b, 1992). Ele tem em comum com outros modelos fonéticos dinâmicos (e.g., Kröger, 1993; Fujimura, 1996) o fato de ver o gesto como uma oscilação que faz as trajetórias de vários articuladores concorrerem coesamente para um mesmo fim. É, entretanto, mais ambicioso

que os outros ao afirmar que essa oscilação, que tem uma duração intrínseca especificada pelos parâmetros de um sistema dinâmico², faz parte da estrutura lingüística.

Como já foi exposto na comunicação do grupo de Fonética do LAFAPE ao último Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo - GEL 97 - (Albano et al., 1998), a FAR tem bastante sucesso em explicar processos fônicos da fala rápida, tais como assimilações, enfraquecimentos e apagamentos de segmentos. Ao invés de postular regras que alterem a identidade daqueles, ela altera apenas as relações entre eles: os gestos podem reduzir a sua magnitude e/ou aumentar a sua sobreposição, de tal forma que os seus resultados acústicos desapareçam ou soem alterados. Uma vantagem dessa abordagem sobre as descrições mais tradicionais dos mesmos fenômenos é que ela é capaz de expressar gradientes finos ou mesmo contínuos físicos. Por exemplo, se um segmento desaparece em alguns casos e em outros deixa um pequeno rastro no sinal acústico, isso pode ser visto como uma questão de maior ou menor sobreposição dos gestos envolvidos.

Não resta dúvida de que a FAR revelou a natureza dinâmica de muitos processos fônicos que se concebiam antes como simbólicos. No entanto, a sua pretensão a estabelecer-se como modelo fonológico tem encontrado muitas resistências. Muitos (e.g., Clements, 1992) duvidam que um esquema apto a representar gradientes tão próximos do nível físico possa também representar distinções categóricas abstratas.

Zsiga (1997) recentemente apresentou dados empíricos a favor da posição cética nessa controvérsia. Mostrando que, na língua Igbo, processos lexicais de harmonia vocálica promovem uma transformação categórica de [e] em [a], ao mesmo tempo que processos pós-lexicais de sândi externo promovem uma assimilação gradiente entre duas vogais adjacentes quaisquer, a autora argumenta que uma representação em gestos só é adequada para captar os segundos e propõe uma representação baseada nos traços [+alto], [+-

² O gesto articulatório é entendido como uma oscilação que afeta simultaneamente o curso temporal de vários parâmetros articulatórios, denominados variáveis do trato, os quais determinam, por sua vez, as trajetórias dos articuladores. Essa oscilação é modelável por um sistema massa-mola que especifica uma trajetória amortecida através de uma equação com os seguintes parâmetros: massa do objeto; amortecimento do sistema; rigidez e comprimento de repouso da mola; deslocamento, velocidade e aceleração instantâneos do objeto. A duração do gesto depende da maior ou menor rigidez da mola: quanto menor a rigidez, maior a duração. A magnitude do gesto depende da diferença entre o comprimento de repouso da mola e a posição inicial do objeto: quanto menor a diferença, menor a magnitude.

arredondado] e [+ATR] para captar os primeiros.

A versão atual da FAR tem, de fato, dificuldade de tratar a alternância [e,a] porque representa as distinções vocálicas em termos de graus e lugares de constrictão. Sob esse prisma, o [e] e o [a] são pouco relacionados, pois o primeiro tem uma constrictão palatal moderada, enquanto o segundo tem uma constrictão faríngea estreita. Daí inferir, porém, que o processo não seja passível de representação gestual é negar que se possa rever o modelo substituindo os parâmetros atuais por outros mais adequados.

Como veremos abaixo, o fato de o modelo poder representar processos gradientes traz muitas vantagens. Se ele se revela, ao mesmo tempo, inadequado para expressar distinções categóricas, não se pode apressadamente concluir que isso indica a existência de um fosso entre a Fonética e a Fonologia. Deve-se, ao contrário, perguntar se as dimensões envolvidas na passagem de um nível a outro estão ou não sendo corretamente representadas na versão corrente do modelo.

A análise fonético-acústica do PB traz pistas importantes para a elucidação desse problema. Se, de um lado, há evidência de que muitos processos fonológicos tradicionalmente vistos como categóricos são, na verdade, gradientes, há, de outro, uma forte sugestão de que os gradientes envolvidos na redução das vogais átonas se expressem melhor pela tradicional dimensão da altura vocálica do que pelos graus de constrictão propostos pela FAR. Ora, a necessidade de exprimir uma categoria como vogal não-alta é o que está em jogo quando se considera alternâncias lexicais tais como a do [e, a] no Igbo.

O meu argumento a favor de perseguir a comensurabilidade entre a Fonética e a Fonologia através de uma crítica construtiva à FAR divide-se em duas partes. Primeiro, mostrarei que um modelo gestual nos seus moldes gerais é, de fato, necessário para dar conta de processos fonológicos até agora vistos como categóricos no PB, a saber: a nasalização, a palatalização, o vozeamento e a elisão. Depois mostrarei que o fenômeno da elevação das vogais átonas, cuja gradiência é menos surpreendente, é problemático para qualquer modelo que não contemple a altura como parâmetro de descrição vocálica. Com isso argumentarei que as modificações requeridas para que o modelo refine a sua capacidade de exprimir processos gradientes apontam na mesma direção que as necessárias para que consiga também exprimir processos categóricos.

A implementação dessas modificações em termos dinâmicos está, por outro lado, fora da minha competência. Mas acredito que, na medida em que o que está em jogo é a explicitação da distinção entre gestos consonantais e vocálicos, os numerosos processos de vocalização de consoantes encontrados no PB venham a constituir um forte incentivo para que foneticistas brasileiros oriundos da Física ou da Engenharia enveredem pelo campo do modelamento dinâmico, criando ferramentas que permitam operacionalizar e testar hipóteses como as que levanto na conclusão.

3. Evidência para um modelo gestual: a gradiência de certos processos fônicos do PB

Na já mencionada comunicação do grupo de Fonética do LAFAPE ao GEL 97 (Albano et al., 1998), demonstramos a inviabilidade de representar processos fônicos gradientes via escalas discretas, tal como sugerido por Chomsky e Halle (1968) e implicitamente aceito por grande parte da literatura fonológica até hoje. O nosso principal argumento é que muitos desses processos envolvem gradientes de duração condicionados por múltiplos fatores, de tal forma que o número de graus da suposta escala discreta se torna arbitrário e imprevisível. Em contrapartida, a existência maciça de processos gradientes no PB e o seu caráter inegavelmente lingüístico (isto é, não-mecânico) levam à necessidade de um mecanismo motivado de geração de contínuos físicos, que, numa primeira aproximação, pode ser visto como o componente dinâmico da FAR.

Mostrarei a seguir que alguns processos comumente vistos como categóricos no PB são gradientes ou têm versões gradientes que envolvem variações de parâmetros fonéticos só representáveis num modelo capaz de gerar contínuos físicos como a FAR.

3.1. Nasalização

Todos os fonólogos que aceitam a análise mattosiana (Câmara Jr., 1969) - isto é, VN - das chamadas vogais nasais do português postulam uma regra de nasalização e uma regra de apagamento da nasal para explicar a forte nasalização da vogal e a freqüente ausência de consoante nasal seguinte. Por outro lado, alguns fonólogos notam a presença de uma consoante nasal, dita intrusiva, entre a vogal nasal e uma consoante de início de sílaba seguinte, com a qual é sempre homorgânica. A descrição tradicional desses fatos pode ser assim resumida:

- (1) (a) $V \rightarrow \tilde{v} / _ N$
 (b) $N \rightarrow 0 / \tilde{v} _$
 (c) $0 \rightarrow N / \tilde{v} _ . C$

Dados fonético-acústicos analisados por Sousa (1994) sugerem que os fatos são, na realidade, mais complexos. Em primeiro lugar, a vogal não se nasaliza completamente de imediato, mas apresenta uma configuração de formantes próxima de vogal oral no início e típica de vogal nasal no final. Em segundo lugar, as regras (b) e (c) não são independentes, mas se aplicam de forma gradiente e complementar: se a vogal é longa, a nasal "intrusiva" - ou, em termos fonético-acústicos, o murmúrio nasal - pode não aparecer, mas, quando aparece, tem uma duração inversamente proporcional à da vogal.

A Figura 1 mostra o espectro de uma vogal oral comparado ao início, ao meio e ao fim - porção onde emerge o murmúrio nasal - de uma vogal nasal, indicando o caráter gradiente da nasalização.

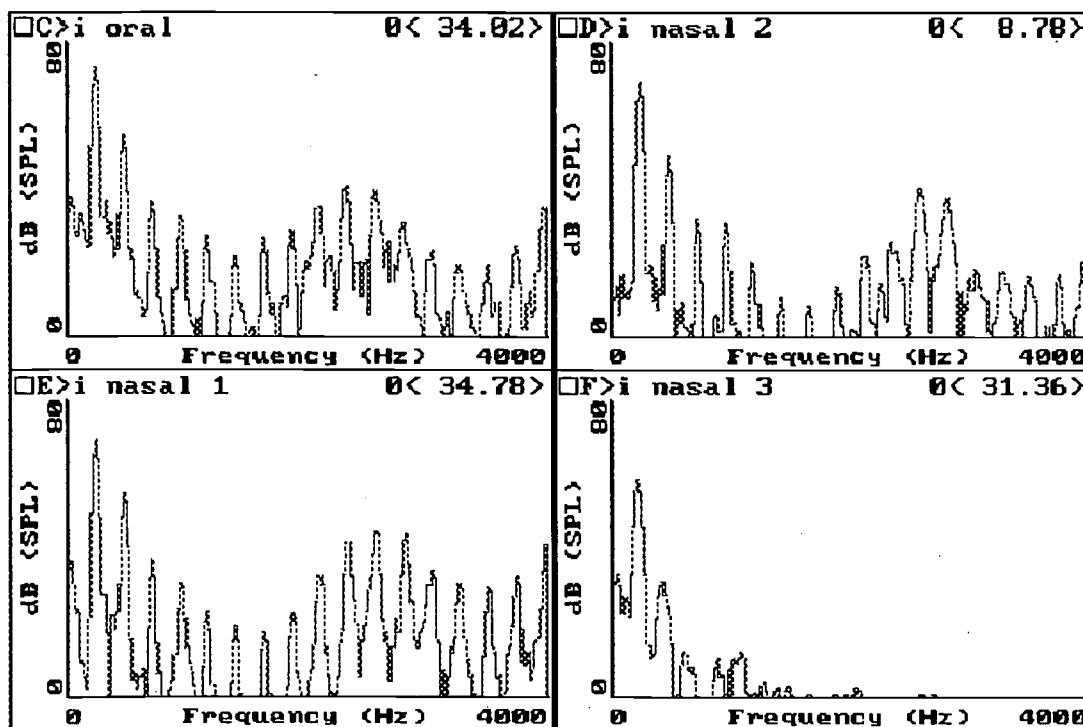


Figura1-Espectro FFT³ de: (c) [i]; (e) o início de [ĩ], (d) o meio de [ĩ] e o (f) o fim de [ĩ]

³ Abreviatura para Fast Fourier Transform, algoritmo que realiza, com grande rapidez, uma análise discreta de Fourier em microcomputadores.

A Figura 2 mostra o gráfico de dispersão da duração do murmúrio nasal em função da duração da vogal nasal para os dados de Sousa (op. cit.). A correlação de $-0,7$ é significativa, com $p < 0,0001$

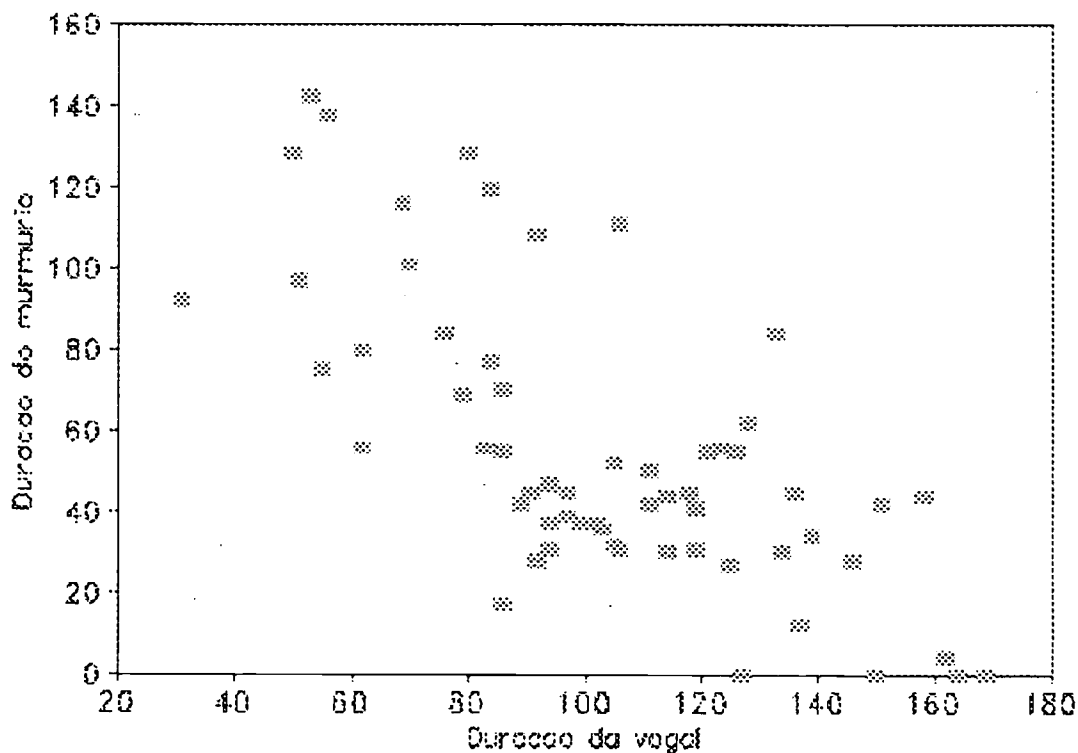


Figura 2 - Duração do murmúrio nasal que acompanha as vogais nasais em função da duração dessas, ambas em ms

Por serem quantitativos, esses dados não se acomodam nos modelos fonológicos simbólicos - nem mesmo nas mais sofisticadas versões da Fonologia Autossegmental. Essa, por exemplo, não é capaz de expressar a complementaridade de duração entre a vogal e a nasal "intrusiva", embora seja capaz de representar a segunda como subsegmental.

Em contraste, a descrição da FAR é direta e intuitivamente satisfatória. Ela postula um gesto de abertura vélica que começa depois do início do gesto vocálico e termina depois do fim desse. A presença ou não de nasal "intrusiva" depende da maior ou menor sobreposição entre o gesto consonantal seguinte e os gestos vocálico e vélico, que não é especificada no léxico, podendo variar de acordo com o contexto prosódico, segmental ou mesmo pragmático. A Figura 3 formaliza essa análise nos termos das pautas (scores) gestuais utilizadas pela FAR. As camadas (tiers) correspondem a variáveis do trato - os

parâmetros que são afetados pelas oscilações que especificam os gestos. Assim, abertura vélica (AV) é a variável do trato que especifica o gesto de nasalização. Grau e lugar de constricção do corpo da língua (respectivamente, GCCL e LCCL) são as variáveis do trato que especificam o gesto vocálico. Finalmente, abertura labial (AL) é a variável do trato que especifica o gesto consonantal seguinte (nesta ilustração, uma labial). O comprimento das barras é uma aproximação gráfica das durações intrínsecas que são especificadas no componente dinâmico da FAR (V. nota 2).

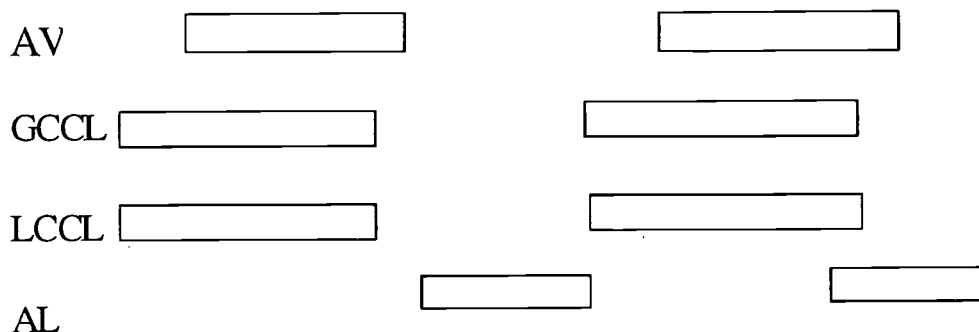


Figura 3 - Pautas gestuais para a ocorrência de nasalização sem (esquerda) e com (direita) murmúrio nasal em PB

O interessante da representação da Figura 3 é que ela prevê exatamente a correlação negativa alta, mas inferior a 1, encontrada entre a duração do murmúrio e a duração da vogal. Note-se que é possível o caso em que o gesto consonantal seguinte se sobrepõe ao gesto nasal, mas não ao gesto vocálico. Esse caso poderia explicar os 30% dos dados em que a duração do murmúrio não é previsível a partir da duração da vogal.

O sucesso da FAR, face ao fracasso dos modelos fonológicos tradicionais, no trato de processos como este coloca-nos a seguinte questão: admiti-la como meio de modelar processos fônicos de línguas específicas é admiti-la como modelo fonológico?

Responder não - isto é, só admitir a FAR como modelo de implementação fonética - implica, como demonstrará o resto desta seção, delegar quase toda a fonologia pós-lexical ao componente fonético. Por outro lado, responder sim - isto é, admitir a FAR como modelo de representação lexical - implica pensar seriamente a questão de como reduzir as suas dimensões contínuas a escalas discretas, capazes de exprimir as oposições distintivas e alternâncias categóricas típicas da fonologia lexical.

Vejamos primeiro por que é preciso reconhecer ainda outros processos

gradientes na fonologia pós-lexical do PB.

3.2. Palatalização das oclusivas coronais diante de /i/

Em vários dialetos brasileiros, existe um processo de palatalização das oclusivas coronais diante de /i/ que resulta numa africada alveopalatal. Eis a sua descrição tradicional:

$$(2) /t,d/ \rightarrow [tʃ,dʒ] / _i$$

Esse processo tem interesse dialetológico e sociolingüístico, pois a sua aplicação diferencia regiões e faixas etárias. Auditivamente, pode-se falar de grupos africadores (e. g., os cariocas de qualquer idade) e grupos não-africadores (e. g., os paulistanos de mais de 50 anos).

Um exame mais atento de sujeitos não-africadores mostra, entretanto, uma situação mais delicada. Mesmo aqueles que vêem o "chiado" como característica alheia à sua fala, não conseguem deixar de palatalizar o /t/ e, curiosamente, também o /s/, em palavras terminadas em "ístico/a" tais como *lingüística*, *místico*, *dístico*, *eucarístico*. A Figura 4 mostra espectrogramas de um sujeito não-palatalizador pronunciando *tias* e *lingüística*. Note-se que *lingüística* apresenta palatalização de /s/ e africção de /t/, evidenciadas por ruídos fricativos cujos picos de energia se iniciam numa freqüência bem mais baixa do que o do /s/ de *tias*.

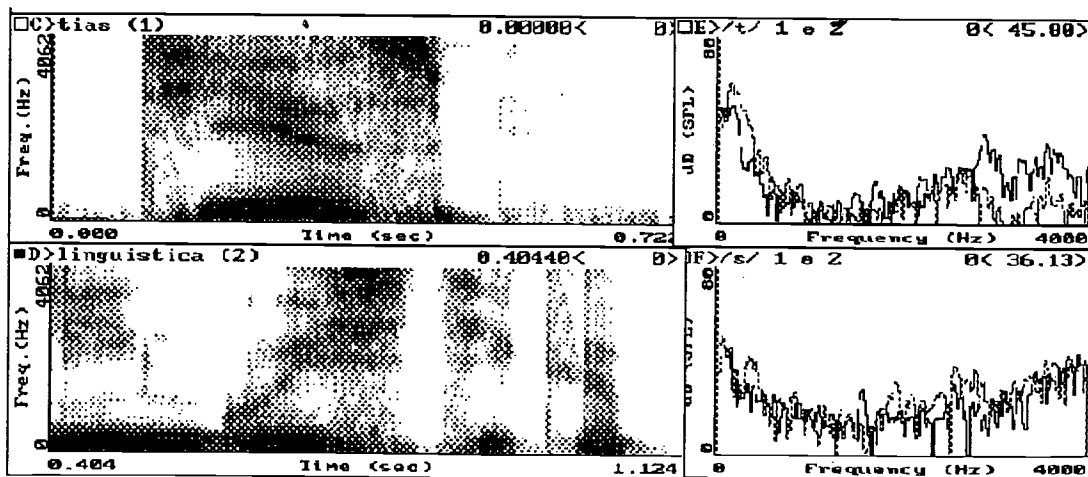


Figura 4 - Pronúncias não-palatalizadas (c: *tias*) e palatalizadas (d: *lingüística*) de /t/ e /s/ por um mesmo sujeito de grupo dialetal não-palatalizador. Comparar espectros (e; f)

Este parece ser um caso típico de mudança lingüística em curso: sujeitos relativamente conservadores só apresentam o processo em ambientes muito propícios. Uma outra indicação de que a mudança está em curso em grupos não-africadores é a diferença entre o /t/ da pré-tônica e o /t/ da tônica da palavra *titia* em sujeitos da faixa etária mais jovem da cidade de Jundiáí, no Estado de São Paulo, onde a palatalização parece estar apenas começando a se difundir. Na Figura 5, o ruído que segue o silêncio do segundo /t/ não deve ter sido gerado apenas pela liberação da oclusão, pois se prolonga consideravelmente e tem alta concentração de energia na região de 2500 Hz. Note-se que é a vogal tônica, normalmente mais longa que a pré-tônica, que propicia a fricção:

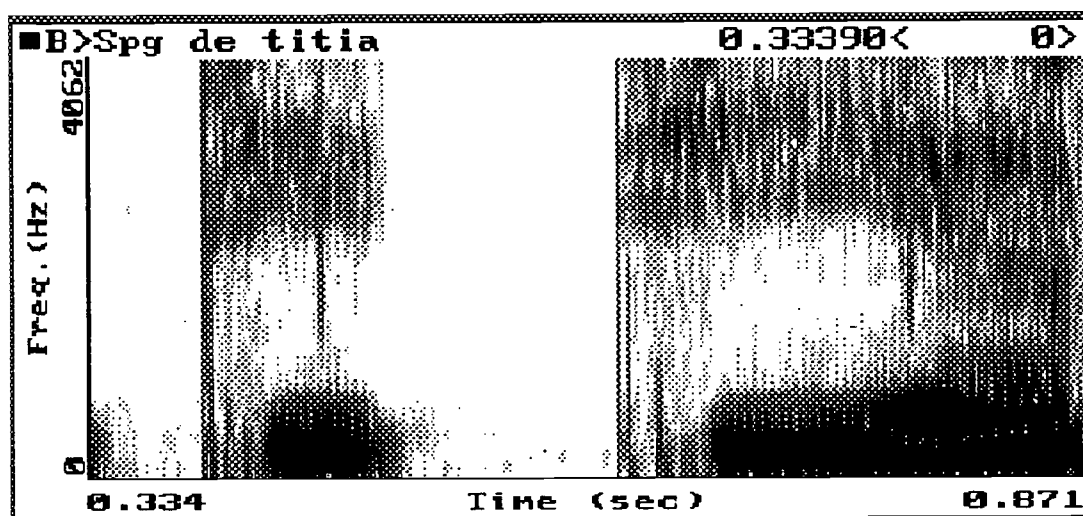


Figura 5 - Exemplos de /t/ com graus de palatalização distintos em um mesmo sujeito

Embora sendo apenas preliminares e não fazendo parte de um estudo sociolingüístico sistemático, esses dados sugerem que a palatalização não se difunde de maneira categórica e sim gradiente. Ora, o único modelo capaz de entendê-la como um contínuo que vai de uma ligeira coloração de [i] à africção é a FAR. Ela afirmaria que a sobreposição entre os gestos do /t/ e do /i/ pode aumentar até produzir efeitos audíveis de fricção. A sua contribuição é particularmente valiosa para racionalizar a dupla palatalização das palavras em "ístico" em falantes não-africadores.

A Figura 6 mostra a pauta gestual de [ítʃi]. A hipótese de que, nos falantes em questão, os dois gestos vocálicos se aproximem muito (devido, talvez, à atonicidade do segundo /i/) explica por que eles se sobrepõem

completamente aos gestos consonantais, tornando impossível evitar a palatalização. Além das variáveis do trato GCCL e LCCL (grau e lugar de constricção do corpo da língua), responsáveis pela especificação das vogais, aparecem as variáveis do trato: grau e lugar de constricção da ponta da língua (GCPL e LCPL, respectivamente), responsáveis pela especificação das consoantes coronais.

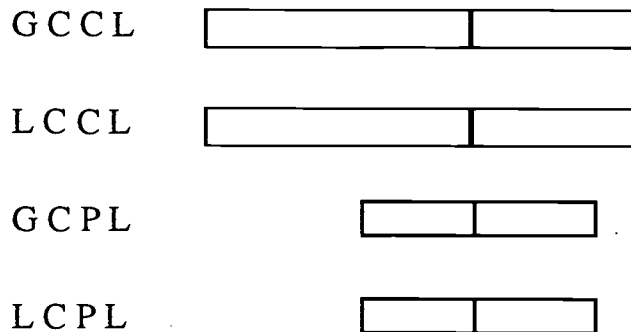


Figura 6 - Pauta gestual de [ɨʃtʃi] para sujeitos normalmente não-africadores

Não seria parcimonioso postular dois mecanismos distintos para explicar a palatalização gradiente dos dialetos em mudança e a palatalização categórica dos dialetos já africadores. Assim, mais uma vez, a FAR sai-se melhor que os modelos fonológicos tradicionais. À sua luz, o grau de sobreposição entre os gestos da oclusiva e da vogal é apenas maior e mais fixo nos dialetos africadores que nos não-africadores.

3.3. Vozeamento de /s/ em final de sílaba

Um fato muito conhecido sobre o português em geral é a concordância de voz do /s/ de final de sílaba com o ambiente seguinte. Precedendo consoante surda ou pausa, ele é surdo. Precedendo consoante vozeada ou vogal, ele é vozeado. A descrição tradicional desse processo é:

(3) /s/ → [z]/_ (#) [+vozeado]

Entretanto, a análise espectrográfica do PB revela uma situação mais complicada. O processo é categórico em posição medial, mas torna-se gradiente em posição final, dependendo da força da fronteira seguinte. Fronteiras fracas propiciam o vozeamento total. Fronteiras fortes inibem-no ou tornam-no parcial.

Ainda não tivemos ocasião, no LAFAPE, de promover um estudo

experimental dessa questão, pois a montagem do corpus exigiria uma teoria preditiva da força das fronteiras, demandando uma avaliação das opções disponíveis na chamada Fonologia Prosódica, o que é uma tarefa trabalhosa e delicada. Temos, entretanto, observado uma variabilidade da extensão do vozeamento em corpora gravados para outros fins. Isso se aplica inclusive ao ambiente mais propício ao vozeamento, que é a junção com vogal. Dependendo da força da fronteira, o [z], que costumamos entender como ressilabificado, é apenas parcialmente vozeado.

A Figura 7 compara o /z/ subjacente de "Ouvi-o zurrar" ao [z] derivado de "Ouvi os urros", assim como aos [zz] derivados de duas emissões de "Ouvi-os urrar", uma normal e outra rápida. Na fronteira fraca, a pronúncia normal é vozeada. Já, na fronteira forte, nem mesmo a pronúncia rápida o é inteiramente.

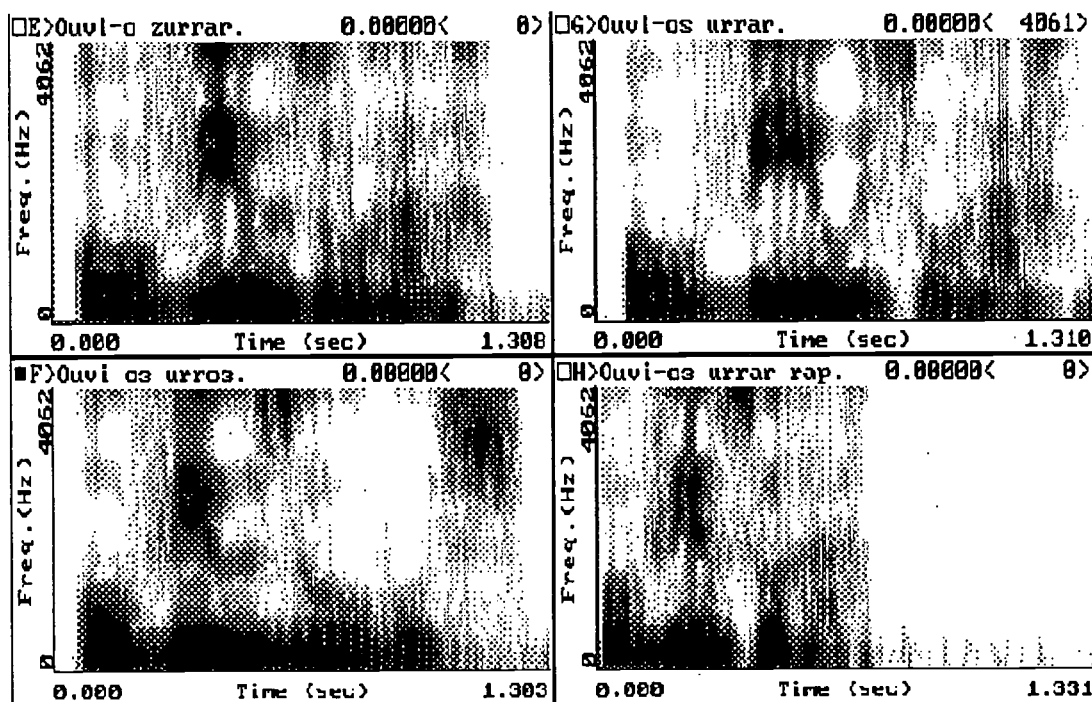


Figura 7 - O /z/ de "Ouvi-o zurrar" (e), comparado ao /s/ totalmente vozeado de "Ouvi os urros" (f) e ao /s/ parcialmente vozeado de "Ouvi-os urrar" (g: fala normal; h: fala rápida)

Como no caso da africacão, não seria parcimonioso usar mecanismos diferentes para tratar o vozeamento categórico das fronteiras fracas (ou de posições interiores a morfemas) e o vozeamento gradiente das fronteiras fortes.

A FAR fornece uma maneira bastante direta de unificar as duas versões do processo. Em ambas, o gesto de abertura glotal diminui enquanto o gesto de constrição oral se sobrepõe aos gestos vocálicos adjacentes. Porém, no vozeamento total, a diminuição e a sobreposição são mais pronunciadas. A aproximação dos dois gestos vocálicos é, provavelmente, como no exemplo anterior, o desencadeador do processo. Note-se aqui a presença da variável do trato abertura glotal (AG), que especifica a ausência de vozeamento. O vozeamento das vogais não foi representado por ser considerado padrão (default).

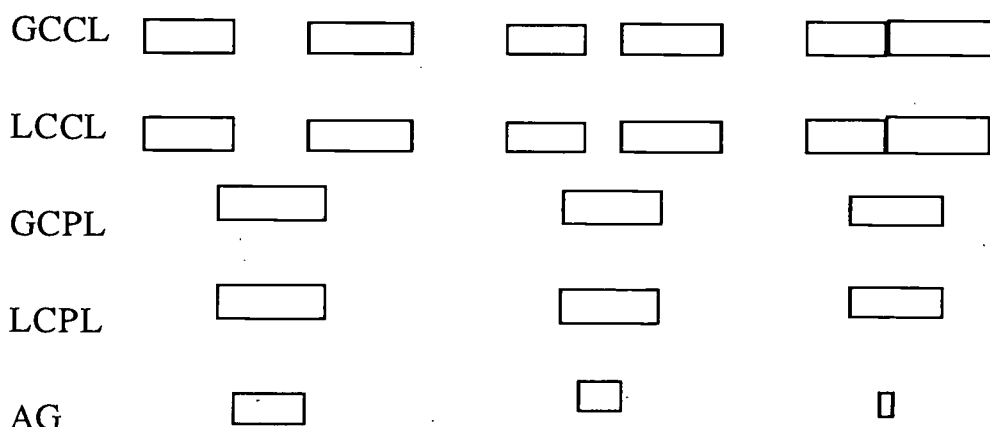


Figura 8 - Pautas gestuais para [osu], [ozu] e [ozu]

Embora a Fonologia Autossegmental seja capaz de representar - através de um contorno do traço vozeado - um único grau de vozeamento parcial, a explicação da FAR parece mais atraente porque prevê aí um gradiente mais fino. Se ele é, de fato, necessário é uma questão empírica que só poderá ser resolvida quando tivermos um corpus bem controlado quanto à força das fronteiras envolvidas.

3.4 Elisão de /a/ átono em junção com vogal átona

Outro processo até agora visto como categórico pelos estudiosos do PB é a elisão de /a/ átono em junção com outra vogal átona. Em termos tradicionais:

(4) /a/[-acento] → 0 / _# V[-acento]

Na comunicação ao GEL já citada (Albano et al., 1998), demonstrei que, em alguns casos que a transcrição de outiva trata como elisão, a vogal

supostamente elidida deixa um rastro claro no sinal acústico. Assim, a pronúncia de "cara idoso" tem, pelo menos, três versões: uma com encontro vocálico nítido, uma muito próxima de "caridoso" e outra intermediária, onde os valores de F1 e F2 logo após a liberação do [r] evidenciam um breve resqúcio de [a]. Reproduzo aqui os espectros que mostram essa gradação

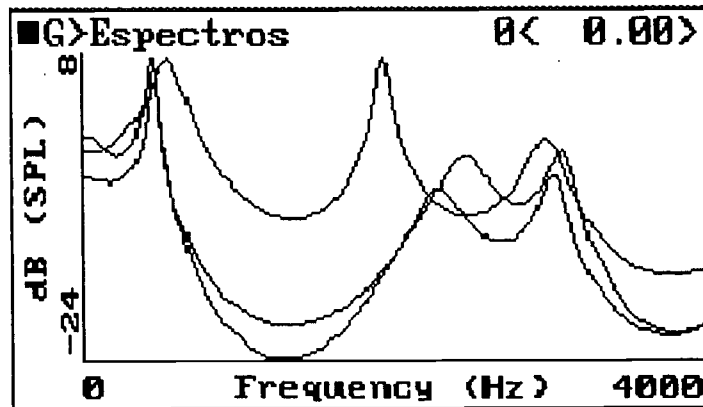


Figura 9 - Espectros LPC⁴ 20 ms após a liberação do [r] em três pronúncias (lenta, moderada e rápida) de "cara idoso"

Essa gradiência é impossível de representar na Fonologia Autossegmental, pois o único recurso disponível, que é associar /i/ à casa segmental já associada a /a/, criando um contorno, preveria uma manutenção da duração com um aumento do [i] concomitante à diminuição do /a/, o que não ocorre. Em contraste, a FAR prevê que o gesto do /a/ pode diminuir e ocultar-se sob o gesto do /i/, o que explica os dados observados. Assim, as pautas segmentais para os três casos seriam como na Figura 10.

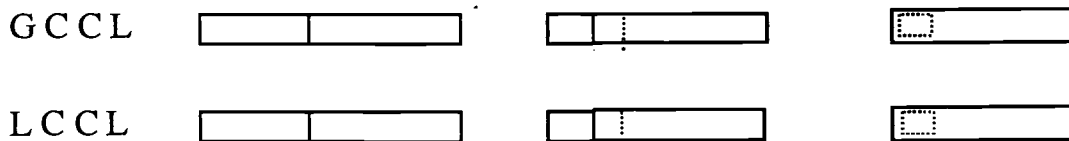


Figura 10 - Pautas gestuais para o encontro vocálico de "cara idoso" sob três taxas de elocução (lenta, moderada e rápida)

A interpretação gradiente da elisão ganha ainda mais força quando se considera que ela interage com o processo de palatalização discutido acima. Nos grupos africadores, a palatalização geralmente não se aplica quando o /i/ se torna adjacente a /t,d/ devido à elisão. A Figura 11 mostra o espectrograma

⁴ Espectros obtidos pelo método Linear Predictive Coding (codificação por predição linear), que assume que o trato vocal é um filtro sem perdas.

da expressão "muit' idade" pronunciada por um falante do dialeto carioca, que tem uma africacão bem acentuada diante de /i/ subjacente (como em "tinha") ou derivado por elevação (como, e.g., em "t[e/i]atro").

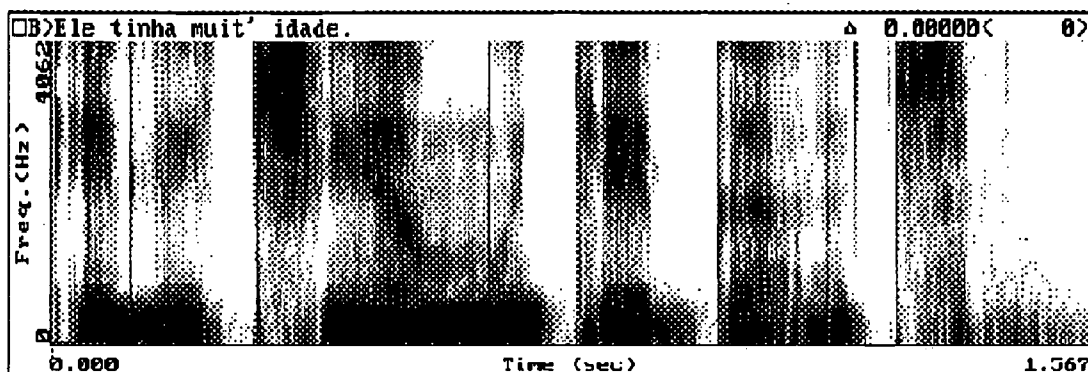


Figura 11 - Ausência de africacão em "muit' idade" pronunciada por falante carioca

Os modelos que tratam ambos os processos como categóricos precisam apelar para a ordenação de regras ou de componentes a fim de bloquear a africacão de /t,d/ seguido de /i/ por obra da elisão. Embora não sendo tão ad hoc como a ordenação de regras, a ordenação de componentes é implausível neste caso: para que funcionasse, seria necessário fazer da africacão um processo lexical, separando-a da elisão, que, por aplicar-se apenas em fronteiras de palavras, é inerentemente pós-lexical. Ora, isso implicaria que todas as elevações opcionais de /e/ que alimentam a africacão fossem lexicais (e. g. t[e/i]atro, t[e/i]oria). É, no entanto, incoerente tratar como lexicais processos opcionais que dependam de estilo e velocidade de fala, fatores que costumam condicionar processos pós-lexicais.

Em contrapartida, na análise da FAR é o gesto oculto do /a/ que impede o contato do /t/ com o /i/ na pauta gestual de "muit' idade". Na Figura 12, esse gesto é representado pela barra pontilhada:

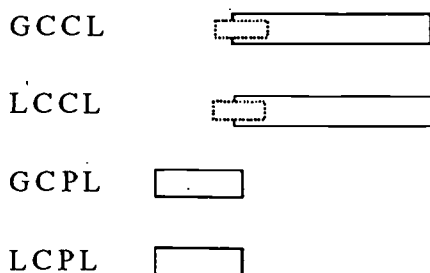


Figura 12 - Pauta gestual de "muit' idade" mostrando bloqueio da africacão de /t/ pela presença de um /a/ oculto

Os quatro exemplos examinados devem ter bastado para mostrar que um tratamento sério dos padrões fônicos do PB passa por uma tentativa de compreender a relação entre processos gradientes e seus análogos categóricos. Modelos que estabelecem um fosso entre a Fonética e a Fonologia estão fadados a tratar versões apenas distintas do mesmo processo como radicalmente divorciadas. A FAR, por sua vez, realiza a proeza de unificar fenômenos aparentemente distintos, mas o faz deixando em aberto o número e os tipos de processos fônicos possíveis, ao supor que a diferença entre o discreto e o contínuo está apenas no número de graus de liberdade.

Descartá-la, entretanto, pelo seu excessivo poder gerativo é jogar fora o bebê com a água do banho. O que faz sentido, diante de fatos como os expostos acima, é investigar se os parâmetros exigidos para a descrição de processos gradientes são os mesmos e podem ser racionalmente reduzidos para a descrição de processos categóricos. A discussão que segue é uma primeira tentativa nessa direção.

4. O Vocalismo átono do PB e a representação das vogais no FAR

As vogais do PB constituem um fértil terreno para o estudo da relação entre processos categóricos e gradientes. Elas têm pronúncias variáveis conforme a posição relativa ao acento e há razões para crer que essa variabilidade resulta dos efeitos somados de processos categóricos sensíveis à posição do acento e ao contexto segmental e de processos gradientes sensíveis ao estilo e à taxa de elocução.

Do lado categórico, há processos de neutralização das distinções de altura das vogais não-baixas nas posições pré-tônica e pós-tônica e em ambiente nasal. Do lado gradiente, há processos de redução de todas as vogais nas posições átonas, especialmente a pós-tônica (sobre a gradiência da redução, ver 4.2). Embora seja difícil separar os efeitos de processos que se aplicam em ambientes semelhantes, o fato de a redução afetar também o /a/, vogal que não está sujeita à neutralização, revela a sua existência independente.

Intuitivamente, a neutralização e a redução parecem ser manifestações da mesma tendência do PB a compactar o espaço vocálico nas posições átonas. Essa tendência é, entretanto, impossível de captar unificadamente nos modelos fonológicos tradicionais, que, ao conceber os traços como binários, privativos ou mesmo escalares, limitam severamente o número de distinções vocálicas possíveis, inviabilizando a expressão dos múltiplos graus de compressão do

espaço vocálico envolvidos na redução.

Como se sai a FAR nessa tarefa? Se, por um lado, ela possui meios de expressar pequenos deslocamentos no espaço vocálico, por outro, o faz com parâmetros alheios às descrições tradicionais do PB, que costumam entender esses processos como alterações de altura. Seriam, então, a neutralização e a redução descritíveis em termos de graus e lugares de constrição?

Lembremos que a principal divergência do sistema de constrições com relação ao de altura é o tratamento da vogal /a/, especificada naquele com uma constrição faríngea estreita. Um ponto a investigar é, portanto, como /a/ se relaciona com as séries anterior (palatal nos termos da FAR) e posterior (velar nos termos da FAR).

Veremos que a neutralização e demais processos vocálicos categóricos do PB entram em conflito com essa concepção do /a/ como radicalmente distinto das vogais anteriores e posteriores. Isso nos autorizaria, então, a concluir com Zsiga (1995, 1997) que a fonologia maneja alturas categóricas, enquanto a fonética maneja constrições gradientes?

Dados preliminares do LAFAPE (Aquino, 1997) sugerem que não. Um modelo como a FAR prevê que a redução afrouxe as constrições de todas as vogais, implicando o abaixamento de [i] e [u] e a elevação de [a]. Aquino encontrou, entretanto, casos de elevação de [i] na posição mais propícia à redução, que é a pós-tônica. Eis um fato que a FAR pode descrever (via aumento ad hoc da constrição), mas não explicar.

Fatos como esse fazem pensar na possibilidade de usar diretamente a altura como descritor vocálico numa versão modificada do componente dinâmico do modelo. Isso teria a vantagem de tornar os processos vocálicos gradientes isomorfos aos seus análogos categóricos, mas criaria, ao mesmo tempo, uma distância muito maior entre as especificações das vogais e das consoantes. Prós e contras desse caminho serão discutidos na conclusão.

4.1 O papel da altura nos processos vocálicos categóricos do PB

O fato de o PB ter sete distinções vocálicas na posição tônica, cinco na pré-tônica e três na pós-tônica é bastante conhecido. Uma maneira conveniente de expressá-lo é a análise arquifonêmica de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1969, 1976, 1977), resumida na Figura 13:

i		u							
e		o	i		u	i	U	I	U
ε	ɔ		E	O		E			
	a		a			a		a	
Tônica			Pré-tônica		Pós-tônica penúltima		Pós-tônica final		

Figura13 - Vogais do PB, conforme a posição do acento, na visão de Mattoso Câmara Jr.

Esse quadro diz (a) que a distinção entre vogais médio-altas e médio-baixas se neutraliza na pré-tônica e (b) que a distinção entre vogais altas, médio-altas e médio-baixas se neutraliza na pós-tônica, sem, entretanto, nada afirmar sobre a direção dessas neutralizações. Isso é conveniente porque há, de fato, uma grande variação dialetal na realização dos arquifonemas resultantes. Assim, por exemplo, /I/ e /U/ tendem a soar como [i] e [u] na maior parte do sudeste e como [e] e [o] em certas regiões do sul. Da mesma forma, em certas regiões do nordeste, a neutralização da pré-tônica não é transparente, pois interage com processos de abaixamento que resultam em [ε] e [ɔ].

O importante sobre a neutralização é que todos os processos derivacionais e flexionais que implicam um deslocamento do acento podem alimentá-la. Assim, - para exemplificar com fatos do sudeste, que são melhor conhecidos - encontram-se alternâncias tais como b[ε]lo/ b[e]leza, m[ɔ]ra/ m[o]ramos. Independentemente de se o estilo favorece ou não uma pronúncia mais ou menos reduzida, há uma variação categórica de altura da tônica para a pré-tônica.

As descrições tradicionais desse fato simplesmente mencionam o parâmetro altura, seja ele concebido como traço binário ou escalar. A descrição da FAR é, por outro lado, bem mais complicada. Para poder mencionar o parâmetro grau de constrição, ela deve especificar as vogais-alvo como sendo palatais ou velares, a fim de excluir o /a/, que não participa do processo (ou seja, [a] ocorre tanto na tônica como na pré-tônica).

Essa complicação se torna preocupante quando lembramos que o PB tem uma restrição à ocorrência de vogais em ambiente nasal que reduz o inventário das vogais médias ao mesmo tempo que altera o /a/. Assim,

continuando a adotar a análise VN das chamadas vogais nasais, temos que diante de /N/ só ocorrem [i], [e], [ɐ], [o] e [u]. Ora, a descrição tradicional vê aí uma restrição à ocorrência de vogais baixas em ambiente nasal. Já a FAR é obrigada a afirmar que a presença do gesto vélico impede constrictões largas nas vogais palatais e velares e constrictões estreitas nas vogais faríngeas. Isso, evidentemente, constitui uma grave perda de generalização.

A mesma generalização se perde na formulação das alofonias da pós-tônica. Um sistema como o do sudeste, que contém [i], [ɐ] e [u], não pode ser visto como uniformemente resultante de processos de elevação (de /e/, /a/ e /o/, respectivamente).

Problemáticos para a abordagem por constrictão são também os processos lexicais de alternância vocálica na conjugação verbal. Formas como m[ɔ]ro ou l[ɛ]vo costumam ser explicadas pela influência da vogal temática subjacente /a/, que abaixaria as vogais médias do radical (mor+a+o, lev+a+o). A FAR não é capaz de expressar essa generalização, visto que uma constrictão faríngea estreita não poderia, em princípio, alargar uma constrictão palatal ou velar.

Concluimos assim que a FAR se sai mal na descrição dos processos vocálicos categóricos do PB. Esse fracasso não é, entretanto, generalizado, circunscrevendo-se ao aspecto do modelo que especifica as vogais via graus e pontos de constrictão.

4.2 Um caso difícil para a FAR: elevação gradiente de [i] pós-tônico

Como já foi mencionado, uma boa razão para separar a neutralização da redução é que essa afeta o /a/, vogal que não tem par no inventário tônico do PB, não podendo, portanto, participar de processos de neutralização. Outra razão, igualmente forte, é que a redução - mais diretamente observável no /a/ pós-tônico - é sensível a fatores gradientes tais como estilo, taxa de elocução e força das fronteiras prosódicas.

Em sua contribuição a Albano et al. (1998), Sandra Madureira expôs dados em que o F1 e o F2 de [ɐ] pós-tônico variam, na mesma palavra, de acordo com a força das fronteiras prosódicas. Numa fronteira forte (final de enunciado), F1 é mais baixo e F2 é mais alto que numa fronteira fraca (interior a um sintagma nominal), o que evidencia graus distintos de redução, aparentemente proporcionais à força das fronteiras. Isso permite argumentar que a redução é um processo contínuo, já que a força das fronteiras se cruza

com os demais fatores gradientes mencionados, criando um leque muito amplo de possibilidades.

Que a redução afeta também o /I/ e o /U/ pós-tônicos, sobrepondo-se ao efeito da neutralização, pode-se demonstrar comparando-se a dispersão de F1 e F2 na pós-tônica e na tônica. As Figuras 14 e 15 mostram, respectivamente, o espaço vocálico tônico e pós-tônico para um falante paulistano do PB. Note-se que tanto F1 como F2 apresentam uma maior dispersão na posição pós-tônica.

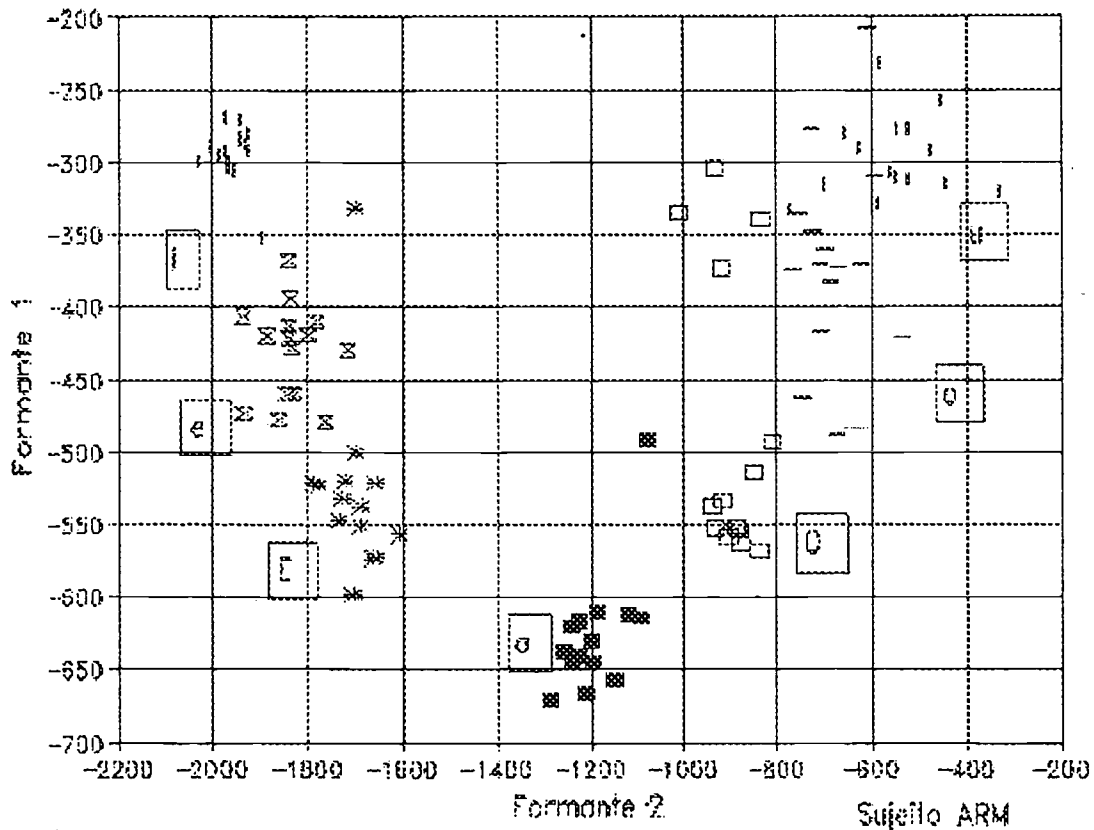


Figura 14 - Espaço vocálico tônico em Hz para um falante paulistano do PB (Sujeito 1)

Esses dados podem ser resumidos calculando-se o coeficiente de variação (isto é, o desvio padrão como porcentagem da média) para F1 e F2 de [i], [a] e [u] tônicos e [ɪ], [ɐ] e [ʊ] pós-tônicos. A tabela 1 exibe esses resultados.

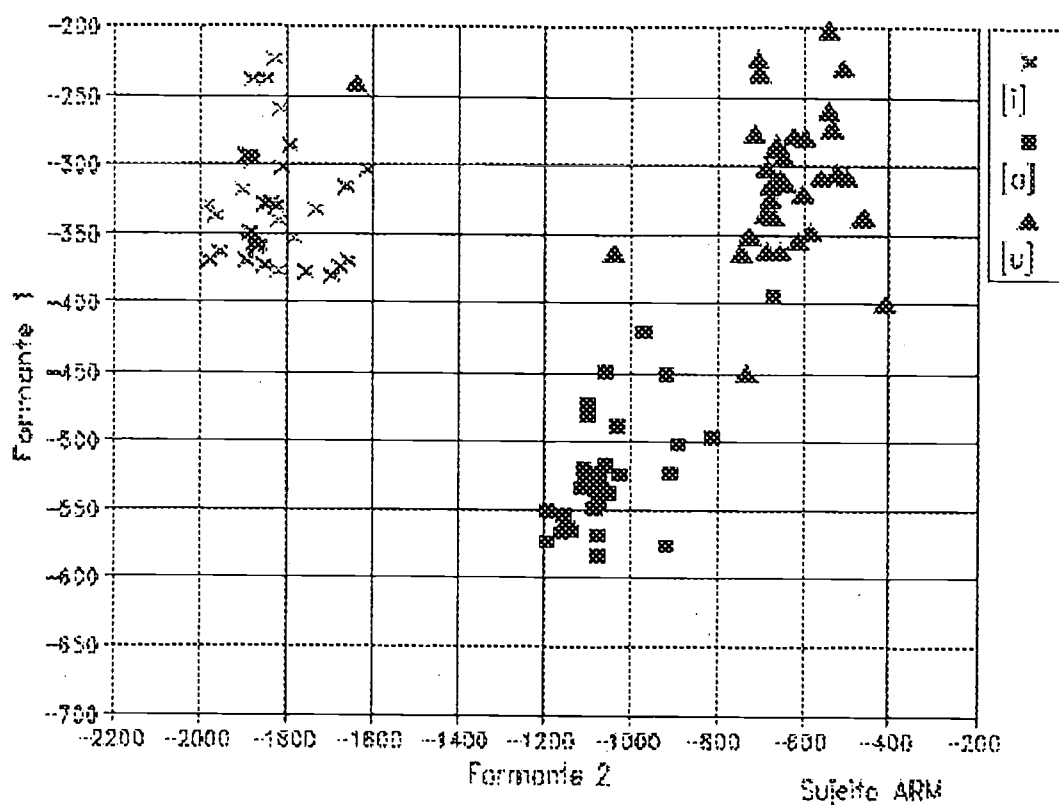


Figura 15 - Espaço vocálico pós-tônico em Hz para o Sujeito 1

	Tônica	Pós-Tôn.	Tônica	Pós-Tôn.	Tônica	Pós-Tôn.
	[i]	[ɪ]	[a]	[ɐ]	[u]	[ʊ]
CV de F1	6,32%	12,66%	6,64	10,79%	9,05%	16,45%
CV de F2	1,66%	4,89%	2,68%	12,13%	19,16%	30,42%

Tabela 1 - Coeficientes de variação para F1 e F2 de [i], [a] e [u] tônicos e [ɪ], [ɐ] e [ʊ] pós-tônicos do Sujeito 1

É evidente que [ɪ] e [ʊ] não podem ter sido gerados exatamente pelo mesmo mecanismo de produção que [i] e [u], pois isso deixaria inexplicados os diferentes graus de dispersão refletidos nos coeficientes de variação. Assim, além da neutralização da série anterior e posterior, é preciso postular um processo adicional - a redução - que explique por que [ɪ] e [ʊ] se dispersam tanto em torno da média, aproximando-se, com isso, de [ɐ], vogal para a qual os efeitos da redução não são ambíguos.

Demonstrado o caráter gradiente da redução e sustentada a hipótese da sua existência para todas as vogais pós-tônicas, passemos a considerar como

se poderia explicá-la. Para tanto, a FAR dispõe de um mecanismo muito conveniente: trata-se da redução da magnitude dos gestos articulatórios. Nas vogais reduzidas, encurta-se a diferença entre a posição inicial da variável do trato envolvida e o comprimento de repouso da mola através da qual se modela o sistema dinâmico. Com isso o gesto perde amplitude e não chega a alcançar o alvo, como no clássico modelo do target undershoot de Lindblom (1963).

A redução da magnitude do gesto articulatório prevê uma centralização das vogais tal como observada na Figura 14, em oposição à Figura 13: tomando-se [i], [a] e [u] como referência, F1 aumenta para [ɪ] e [ʊ] e diminui para [ɛ], enquanto F2 aumenta para [ɐ] e [ʊ] e diminui para [ɪ]. A FAR tem, portanto, bastante sucesso em explicar os dados das vogais pós-tônicas deste sujeito.

Mas esse não é o caso para o sujeito estudado por Aquino (op. cit.). Diferentemente do primeiro, este falante (um recifense com muitos anos de residência em Campinas) não apresenta uma dispersão muito grande dos valores de F1 e F2 das vogais pós-tônicas em torno das respectivas médias, conforme indicado pelos coeficientes de variação da Tabela 2. Pode-se supor, então, que em geral utilize um grau menor de redução, o que é corroborado pelo fato de esses coeficientes não serem muito maiores que os das tônicas correspondentes.

	Tônica	Pós-Tôn.	Tônica	Pós-Tôn.	Tônica	Pós-Tôn.
	[i]	[ɪ]	[a]	[ɐ]	[u]	[ʊ]
CV de F1	3.53	6.03	3.13	6.38	8.81	12.96
CV de F2	3.05	8.56	3.31	6.79	6.69	10.36

Tabela 2 - Coeficientes de variação para F1 e F2 de [i], [a] e [u] tônicos e [ɪ], [ɐ] e [ʊ] pós-tônicos para um falante recifense (Sujeito 2)

Isso, porém, não explica o achado mais curioso de Aquino, a saber: contrariamente ao esperado (que é a tendência a elevar F1, centralizando a vogal), [ɪ] tem um F1 significativamente inferior ao de [i], sendo, portanto, mais alto que esse. Já o seu F2 é, conforme o esperado, significativamente inferior ao de [i], coadunando-se com a tendência centralizadora. A Tabela 3 exhibe esses dados:

	[i]		[ɪ]		Resultados de ANOVA		
	Média	Des. Pad.	Média	Des. Pad.	F	P>F	r ²
F1	302.5	10.68	283.6	17.09	31.71	0.0001	0.78
F2	2054	62.62	1877.67	160.72	39.74	0.0001	0.79

Tabela 3 - Médias e desvios-padrões de F1 e F2 em Hz para [i] e [ɪ] do Sujeito 2; e resumo dos resultados da análise de variância com valores de F, p e r²

Como o mecanismo de redução da magnitude dos gestos articulatórios só explica a diferença de F2, é preciso, para este sujeito, postular um processo que abaixe F1, situando a vogal pós-tônica acima da tônica correspondente no espaço vocálico. Na FAR esse processo pode ser implementado por um pequeno aumento do grau de constrição. Isso, porém, é apenas uma maneira ad hoc de descrever os dados, nada contribuindo para explicá-los.

Seria possível descrever esse abaixamento de F1 de um modo mais natural, que ao menos apontasse para alguma explicação? Outras análises dos dados de Aquino sugerem que sim.

Conforme mostra a Tabela 4, foram encontradas correlações positivas significativas entre os valores de F1 e duração para as vogais pós-tônicas [ɪ] e [e]. Embora sendo relativamente baixas - provavelmente devido à multiplicidade de fatores que afetam a duração -, essas correlações têm a mesma direção que as observadas na literatura fonética (House, 1961) entre as durações intrínsecas das vogais e as respectivas alturas, a saber: quanto mais baixa é a vogal (ou seja, quanto maior é o seu F1), maior é a duração.

	r	r ²	p	Significância
[ɪ]	0.51	0.26	0.004	S
[e]	0.62	0.38	0.003	S
[u]	0.33	0.11	0.081	NS

Tabela 4 - Valores do coeficiente de correlação de Pearson (r), r² e p para F1 e duração das vogais [ɪ], [e] e [u] do Sujeito 2

Assim, um modelo dinâmico que incorporasse a altura como descritor vocálico poderia racionalizar esse fato afirmando que, apesar de usar moderadamente a redução, este sujeito tem processos de elevação do [ɪ] e do [e] que ajudam a implementar essas vogais com a menor duração característica

da posição pós-tônica.

A natureza restrita dos dados e o caráter post hoc da última análise tornam impossível, no momento, ir além de apontar a direção aí implícita: trata-se de encontrar outros casos em que processos de elevação pareçam atingir conjuntamente as vogais /i/, /a/ e /u/ ou, pelo menos, o /a/ e uma das demais. Se muitos casos desse tipo se acumularem, estará demonstrada a inaptidão da FAR para descrever as generalizações subjacentes a processos vocálicos gradientes do PB. Neste caso, a sua dificuldade com as distinções de altura, recorrentemente encontrada no estudo dos processos categóricos, revelar-se-á um problema mais geral, a exigir uma revisão do modelo.

5. Conclusão: para uma revisão da FAR

Tudo que se disse acima é muito preliminar para permitir maiores conclusões. Fica, entretanto, claro que a balança pesa a favor da FAR, ainda que exigindo reparos.

Os desacertos apontados na última seção dizem respeito à inadequação de parâmetros específicos, enquanto os acertos apontados na primeira dizem respeito à adequação de princípios gerais. Grande parte da fonologia do PB é gradiente e o único modelo fonológico apto a lidar com isso é a FAR. Se os parâmetros através dos quais ela gera esses gradientes são inadequados, cabe buscar direções para substituí-los.

À guisa de exercício, consideremos a possibilidade de construir um modelo dinâmico que especifique as vogais com os tradicionais parâmetros de altura e posição da língua, ao invés dos graus e lugares de constricção da FAR.

Apesar do ceticismo gerado pelos estudos iniciais de Ladefoged (1971), Lindau (1978) conseguiu, mais tarde, demonstrar que a altura e o recuo da língua têm altas correlações positivas, respectivamente, com F1 e F2-F1, os parâmetros acústicos considerados por aquele autor suficientes para especificar todas as vogais do inglês. Para o PB, os dados de Matta Machado (1993), que incluem as vogais nasais, sugerem algumas complicações: o ponto de elevação máxima da língua é, por exemplo, em [õ] consideravelmente mais baixo que em [ē]. Não é impossível, entretanto, que uma normalização adequada da escala com referência ao eixo sagital venha a resolver esse problema, pois [ē] e [õ] se diferenciam claramente quanto ao ponto do eixo sagital em que o máximo do

eixo vertical é atingido.

Se a empresa parece factível, ela nos confronta, de qualquer forma, com um problema teórico sério: vogais e consoantes devem ser especificadas por parâmetros diferentes, tornando, em princípio, mais difícil expressar interações que não sejam apenas devidas à sobreposição temporal dos gestos. Como descrever, por exemplo, a passagem de [t̚] a [w], que vem ocorrendo tanto diacrônica como sincronicamente no PB? Em outras palavras, como determinar quando um gesto consonantal se transforma em gesto vocálico? E mais: como exprimir esse processo de maneira contínua, de tal forma que seja possível um contínuo de realizações entre [t̚] e [w]?

Talvez a solução resida em abordagens como a de Sproat e Fujimura (1993), que reconhecem na produção de consoantes como [t̚] um componente consonantal e outro vocálico. Uma via importante é investigar se essa solução se aplica também a outros casos em que consoantes se vocalizam (por exemplo, [ʎ] → [j], tal como em PB ve[ʎ/j]o, ou [ɲ] → [ɲ̥], tal como em PB ba[ɲ̥/j]o) ou provocam ditongações (por exemplo, [s] → [s̥], tal como em PB rapa[s̥/ s]).

Mesmo que essas direções se revelem suficientemente viáveis e férteis, a agenda da FAR permanece enorme: o problema fundamental que tem de resolver, para fazer juz à pretensão de ser ao mesmo tempo um modelo fonético e fonológico, é o da redução da dimensionalidade.

A questão a enfrentar é velha: como mapear o discreto no contínuo? Mas o horizonte de resposta delineado pela FAR é novo, por ser o único que afirma a comensurabilidade entre a Fonética e a Fonologia. Quando, no Brasil, tivermos conseguido aproveitar as oportunidades oferecidas pelo PB para limpar, ao menos em parte, o vasto terreno onde essa questão se insere, teremos, finalmente, resgatado o prejuízo de muitos anos de privação do instrumental fonético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, E; P. BARBOSA; S. MADUREIRA; A. GAMA-ROSSI; A. SILVA (1998) A interface fonética-fonologia e a interação prosódia-segmentos. Relatório de grupo de trabalho. *Estudos Lingüísticos XXVII: Anais do XLV Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*. São José do Rio Preto: UNESP-IBILCE: 135-143

- AQUINO, P. (1997) O papel das vogais reduzidas pós-tônicas na construção de um sistema de síntese concatenativa para o português brasileiro. Dissertação de mestrado. LAFAPE-IEL, UNICAMP.
- BROWMAN, C. e L. GOLDSTEIN (1985) Dynamic modelling of phonetic structure. In: V. FROMKIN (org.) *Phonetic Linguistics*. Nova Iorque: Academic: 35-53.
- ____ (1986) *Towards articulatory phonology*. *Phonology Yearbook*, **3**: 219-252.
- ____ (1990a) *Tiers in articulatory phonology*. In: KINGSTON & BECKMAN (1990): 341-376.
- ____ (1990b) Gestural specification of dynamically determined articulatory structures. *Journal of Phonetics*, **18**: 299-320.
- ____ (1992) Articulatory phonology: an over-view. *Phonetica*, **49**: 155-180.
- CÂMARA JR., J. M. (1969) *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes.
- ____ (1976) *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- ____ (1977) *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- CHOMSKY, N. e M. HALLE (1968) *The sound pattern of English*. Nova Iorque: Harper e Row.
- CLEMENTS, G. (1992) Phonological primes: features or gestures? *Phonetica*, **49**:181-193.
- ELENIUS, K. e P. BRANDERUD (1995) (orgs.) *Proceedings of the XIIIth Congress of Phonetic Sciences*. Estocolmo: Universidade de Estocolmo e Instituto Real de Tecnologia.
- FUJIMURA, O. (1996) The C/D model as a dynamic, non-segmental approach. Relatório Técnico TR-H-184. ATR Human Information Processing Research Laboratories.
- HOUSE, A. (1961) On vowel duration in English. *Journal of the Acoustical Society of America*, **33**: 1174-8
- KOHLER, K. (1995) Phonetics: a language science in its own right? In: ELENIUS & BRANDERUD, **1**: 10-17.
- KRÖGER, B. (1993) A gestural production model and its application to reduction in German. *Phonetica*, **50**: 213-233.
- LADEFOGED, P. (1971) *Preliminaries to linguistic phonetics*. Chicago: the University of Chicago Press.
- LINDAU, M. (1978) Vowel features. *Language*, **54** (3): 541-563.
- LINDBLOM, B. (1963) Spectrographic study of vowel reduction. *Journal of the Acoustical Society of America*, **35**: 1773-1781.
- ____ 1995. A view of the future of phonetics. In: K.Elenius et al. vol.1.
- MATTA MACHADO, M. 1993. Fenômenos de nasalização vocálica em português: estudo cine-radiográfico. *Cadernos de Estudos*

Linguísticos, 25: 113-27.

- OHALA, J. 1995. Phonetic explanations of sound patterns: implications for grammars of competence. In: K. Elenius e P. Branderud, vol. 2.
- SPROAT, R. & O. Fujimura. 1993. Allophonic variation of English /l/ and its implication for phonetic implementation. *Journal of Phonetics* 21: 291-311.
- STEVENS, K. 1981. Constraints imposed by the auditory system on the properties used to classify speech sounds; data from phonology, acoustics and psychoacoustics. In: T. Myers, J. Laver e J. Anderson (eds.) *The cognitive representation of speech*. Amsterdam: North-Holland.
- SOUSA, E. M. G. 1994. Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil, Dissert de mestrado, LAFAPE-IEL-UNICAMP.
- ZSIGA, E. 1995. An acoustic and palatographic study of lexical and postlexical. palatalization in American English. In: B. Connell e A. Arvaniti (orgs.) *Phonology and Phonetic Evidence: Papers in Laboratory Phonology IV*. Cambridge: C.U.P.
- _____. 1997. Features, gestures, and Igbo vowel assimilation: an approach to the phonology/phonetics mapping. *Language* 73 (2):227-274

A MORFOLOGIA NO BRASIL: INDICADORES E QUESTÕES
(Morphological Studies in Brazil: Data and Issues)

Margarida Maria de Paula BASILIO
(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

ABSTRACT: This work attempts to give an idea of current development of morphological studies in Brazil. After a brief introduction to the development of Linguistics and morphological studies in Brazil in the period characterized by the creation of ABRALIN, it presents an analysis of the contemporary scene and its relevant tendencies and, as an illustration of contemporary concerns on Morphology in Brazil it summarizes a discussion on research topics taken by the work group of Morphology in the Projeto Gramática do Português Falado.

KEY WORDS: Morphology; Brazil; Development; Contemporary Scene.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia; Brasil; Histórico; Quadro Contemporâneo.

0. Breve Histórico

Enquanto disciplina lingüística, a Morfologia tem uma história recente no Brasil. De menor relevância como objeto de estudo nas gramáticas tradicionais, passou a ser de mais interesse no período de influência do estruturalismo¹. Mas o estruturalismo descritivista foi logo suplantado na Lingüística Brasileira pela Teoria Gerativa, que havia então desviado para outros componentes o tratamento de fenômenos tradicionalmente considerados morfológicos.

Há duas fases de fundamental relevância no desenvolvimento da Lingüística no Brasil. A primeira, de meados da década de sessenta até os inícios da década de setenta, corresponde aos estágios iniciais, a partir da instituição da obrigatoriedade do ensino de Lingüística em todos os cursos de Letras do país. Na segunda fase, já em pleno desenvolvimento em virtude da demanda constituída na década anterior, a Lingüística se integra ao quadro geral das demais disciplinas no salto de desenvolvimento da pesquisa e pós-graduação no Brasil. Esta fase se intensifica a partir de meados da década de

¹ O que não quer dizer que não tivéssemos tido excelentes abordagens morfológicas em nossos autores clássicos ou gramáticas normativas. Refiro-me aos estudos morfológicos como objeto de pesquisa sistemática.

setenta, com a gradual acumulação do número de mestres egressos dos primeiros programas de Mestrado em Lingüística no país e com a chegada de um certo número de doutores em Lingüística, sobretudo brasileiros, bolsistas da CAPES e CNPq.

Na primeira fase de desenvolvimento da Lingüística no Brasil, sob a influência do estruturalismo, mormente americano, os estudos morfológicos começam a despertar interesse. De especial relevância nesta fase são os trabalhos de J. Mattoso Câmara Jr. (1970, 1971) sobre a língua portuguesa e estudos descritivos de morfologia de línguas indígenas. É de se ressaltar a presença de cursos de morfologia no Programa Unificado de Pós-Graduação em Lingüística do Museu Nacional a partir de 1968, assim como nos Institutos de Lingüística da USP em 1969, quando foi fundada a Associação Brasileira de Lingüística.

Em meados da década de setenta, quando se consolida a segunda fase de (intenso) desenvolvimento da Lingüística no Brasil, a Morfologia voltava a ser legitimada como objeto de estudo na Teoria Gerativa, em especial os estudos lexicais, com a Hipótese Lexicalista (Chomsky, 1970) e sua repercussão imediata no estabelecimento de modelos de descrição lexical (Halle, 1973; Jackendoff, 1975 e Aronoff, 1976). Dada a incidência da fase mais expressiva do desenvolvimento da Lingüística no país com o ressurgimento da Morfologia na teoria gerativa, então a caminho de tornar-se hegemônica, é natural que a Morfologia tivesse surgido como tema de certa relevância no Brasil justamente nesta época. Pelas mesmas circunstâncias, houve uma concentração inicial em questões lexicais, mormente envolvendo a nominalização.²

Definida como o estudo da estrutura interna da palavra e/ou de suas variações de forma, a Morfologia se confronta com problemas de definição de objeto, dada a múltipla pertinência da palavra como unidade lexical, gramatical, fonológica etc. Estas questões prejudicam a nitidez de um panorama de estudos morfológicos no que tange a decisões de pertinência de estudos particulares. Somam-se a estes problemas oriundos de proposições teórico-metodológicas específicas, entre os quais avultam o tratamento sintático de fenômenos

² Por exemplo, nos Anais do III Encontro Nacional de Linguística de 1979, três dos cinco trabalhos de morfologia tratam de questões de nominalização. Os Encontros Nacionais de Lingüística, promovidos então pela PUC-Rio, constituíram um importante indicador nacional até meados da década de oitenta, quando surgiu a Revista D.E.L.T.A. É de se ressaltar que os Boletins da ABRALIN, apesar de todos os esforços e desejos da comunidade, só começaram a ser publicados na década de oitenta, sendo que, dadas as circunstâncias do país, os primeiros números se dedicaram quase que exclusivamente a questões gerais e de cunho político.

morfológicos na Teoria Gerativa e o tratamento necessariamente não gramatical de categorias morfológicas na análise do discurso.

Neste trabalho, apesar dos pontos controversos, pretendo traçar um panorama dos estudos morfológicos no Brasil nos últimos dez anos. Mostro, de início, um quadro de predominâncias em pesquisas e publicações, a partir de alguns indicadores gerais. Em seguida, ilustro a discussão morfológica no país através da abordagem de duas questões teóricas e uma descritiva. O centro de enfoque da discussão será o do Projeto Gramática do Português Falado, dada a relevância deste Projeto tanto em seu objeto de estudo, a descrição do português falado, quanto em sua constituição como espaço singularmente produtivo de discussão teórico-metodológica entre lingüistas brasileiros.

1. Quadro Contemporâneo

O quadro a ser apresentado deriva sobretudo de dois indicadores. O primeiro é o produto de um levantamento de títulos e temas centrais de trabalhos publicados na Revista D.E.L.T.A., que tem o apoio oficial da ABRALIN. O segundo corresponde ao cômputo das respostas a um questionário enviado a especialistas ou eventuais pesquisadores da área de Morfologia em diferentes instituições brasileiras, no qual eram solicitados dados referentes a projetos de pesquisa em Morfologia nos últimos dez anos.³

No momento atual, a Morfologia no Brasil concentra-se sobretudo em problemas de representação lexical, dentro de uma abordagem gerativa. Abordagens sociolingüísticas, funcionalistas e discursivas de fenômenos morfológicos são minoritárias, assim como abordagens morfológicas de temas flexionais.⁴ Os dados a seguir especificam esta afirmação.

De um total de 14 trabalhos de Morfologia publicados na revista D.E.L.T.A. nos últimos dez anos⁵, dez abordam questões lexicais e apenas quatro se dedicam à flexão. Além disso, no levantamento de projetos de morfologia,

³ Agradeço aos Professores Leda Bisol (UFRS), Luis Carlos Travaglia (UF Uberlândia), Luiz Carlos de Assis Rocha (UFMG), Maria Carlota Rosa (UFRJ), Rosa Attié Figueira (UNICAMP), Ieda Maria Alves (USP), e muitos outros colegas, que forneceram informações sobre o desenvolvimento de pesquisas em morfologia em suas instituições, grupos ou linhas de pesquisa.

⁴ Dentre estas, as mais importantes são as análises quantitativas de Marta Scherre sobre o fenômeno da concordância no sintagma nominal na língua falada; e o trabalho de Odete Campos e Angela Rodrigues sobre a flexão verbal no âmbito do Projeto Gramática do Português Falado.

obtido junto a especialistas na área, foi constatado um total de vinte e dois trabalhos sobre morfologia lexical, em confronto com seis relativos a questões morfo-sintáticas e seis dedicados a questões gerais, tais como o tratamento de clíticos e a elaboração de manuais de Morfologia.

O predomínio da abordagem gerativa decorre da suplantação do estruturalismo no desenvolvimento dos estudos lingüísticos no Brasil e da pouca relevância dada à estrutura vocabular em abordagens funcionalistas. Quanto à concentração no léxico, é possível que se deva em grande parte a interesses de lingüistas que lideraram a formação de novas gerações, embora deva também ser considerado o fato de que a flexão já havia sido abordada no período de influência dos estruturalistas.

A segunda afirmação que se pode fazer acerca da Morfologia nesta década é a do significativo desenvolvimento do interesse na área no país. É de se ressaltar a crescente atividade editorial, tanto em títulos novos publicados⁶ quanto em re-edições e manuscritos em preparação. Verifica-se, outrossim, uma diferença de relevância da Morfologia como tema em Congressos e Simpósios de âmbito nacional. Em terceiro lugar, começa a surgir em alguns Programas de Pós-Graduação a preocupação de formar e contratar especialistas em Morfologia e trazer Professores Visitantes. Esses indicadores, por um lado, refletem um interesse maior pela Morfologia na Teoria Gerativa. O que é peculiar no caso do Brasil é o interesse em questões lexicais nem sempre relacionadas à sintaxe.

A maior parte dos trabalhos se concentra na descrição do português. É de se registrar, entretanto, o surgimento de pesquisas em áreas menos centrais, tais como Aquisição da Linguagem, Psicolingüística Experimental, Afasia, Fonologia Lexical, Descrição de Línguas Indígenas e Processamento de Linguagem Natural, o que reforça e amplia a configuração do quadro da pesquisa em Morfologia no Brasil na última década.

A Morfologia brasileira se singulariza pelo interesse nas questões lexicais. Um segundo prolongamento desta preferência é a conexão semântica. Apesar

⁵ Os Boletins da ABRALIN não foram computados na medida em que correspondem aos eventos promovidos pela ABRALIN nas reuniões da SBPC, o que muitas vezes reflete preocupações políticas ou regionais.

⁶ Ver, por exemplo, Basilio, 1987; Monteiro, 1987; Sandmann, 1989; Carone, 1990; Kehdi, 1990; Alves, 1990; Rocha, 1998 etc. O fato de muitas publicações recentes serem de cunho didático ressalta ainda mais a expansão da área, já não mais restrita apenas à Pós-Graduação.

da origem gerativa, a Morfologia lexical brasileira se preocupa significativamente com a investigação do fator semântico nos processos de formação de palavras, o que certamente é uma abordagem minoritária e marginalizada na Morfologia gerativa. Esta preocupação com o fator semântico na Morfologia já se manifesta no início da década de oitenta, e se mantém em várias publicações nacionais nas décadas de oitenta e noventa, assim como em livros e outros veículos menores. Neste sentido, o interesse mais consistente da Morfologia no Brasil não se relaciona à sintaxe e à gramática, mas à Semântica lexical e à Lexicologia.

Uma posterior identificação no desenvolvimento da Morfologia no Brasil se instaura a partir da constituição do Projeto Gramática do Português Falado, em virtude do Grupo de Trabalho (GT) que então se constitui, abarcando especialistas de diferentes universidades brasileiras;⁷ e também em virtude dos problemas confrontados a partir da colocação dos objetivos descritivos do Projeto. No que se segue, à guisa de ilustração concreta da pesquisa morfológica no Brasil e procurando incorporar tanto interesses gerais quanto o trabalho levado adiante pelo grupo mais ativo no país no desenvolvimento de um projeto descritivo da Morfologia lexical do português, discuto, de início, as questões enfrentadas pelo GT de Morfologia nos estágios iniciais do Projeto. Em seguida, abordo uma questão tradicional da descrição do português, tratada por diferentes especialistas ao longo das duas últimas décadas, em seu encaminhamento pelo GT de Morfologia no Projeto Gramática do Português Falado (doravante PGPF).

2. Questões Morfológicas Fundamentais no PGPF

A proposta do PGPF é a descrição do português brasileiro falado culto. O Projeto reúne especialistas das melhores universidades brasileiras, gerativistas e funcionalistas; e estabelece como base de discussão um corpus mínimo compartilhado, que consiste de 15 Inquéritos do projeto NURC, abarcando, em proporções equivalentes, cinco capitais brasileiras, homens e mulheres adultos e três tipos de situação de fala: Elocuções Formais, Diálogos entre Informante e Documentador e Diálogos entre dois Informantes.

⁷ O GT de Morfologia do PGPF se instaurou em 1989 com os Professores Ieda Maria Alves (UNESP), Odette G.L.A.S. Campos (UNESP), Margarida Basilio (UFRJ/PUC-Rio) e Iara Bemquerer Costa (UFSC). Nos anos seguintes, aderiram Léa Gamarski (UFF), Angela Rodrigues (USP) e Antonio José Sandmann (UFPR). Posteriormente o GT se subdividiu em dois, o de Morfologia Derivacional (M. Basilio e L. Gamarski) e o de Morfologia Flexional (O. Campos e A. Rodrigues), tendo os demais professores deixado o Projeto.

A abordagem da Morfologia lexical na língua falada a partir de ocorrências num corpus apresenta problemas diferentes dos de abordagens anteriores de dados morfológicos e diferentes dos problemas de outras áreas. Em primeiro lugar, embora alguns processos lexicais sejam proscritos na escrita formal, o reverso não é verdadeiro no caso da língua falada culta, em que virtualmente qualquer regra de formação de palavras pode operar. Em segundo, o próprio objeto de estudo “português falado culto” seria questionável numa abordagem gerativa, assim como o corpus delimitado. Finalmente, em virtude da dupla natureza do léxico (lista de entradas lexicais e componente de regras), construções morfológicas podem vir tanto da utilização de uma regra quanto do acesso a um item estocado no léxico, de modo que as ocorrências podem não corresponder à operação de um processo lexical. O GT de Morfologia do PGPF teve de confrontar essas questões, isoladamente e em suas conexões, em termos imediatos.

O primeiro ponto não constitui um problema da área, já que não há interdições morfológicas específicas da fala culta. Entretanto, temos que refletir sobre se devemos postular um léxico especialmente para a língua falada, dado que as construções lexicais aparecem sobretudo como elementos já feitos no nível da construção do discurso. Em relação ao segundo ponto, a particularização do português falado culto é mais irrelevante do que contraditória numa morfologia gerativa, mas a abordagem como corpus é virtualmente inconcebível, na medida em que a noção de produtividade lexical se esteia fortemente em julgamentos de aceitabilidade de formas não existentes. Finalmente, o terceiro ponto se liga ao primeiro, porquanto a língua falada apresenta uma situação de processamento nitidamente diferente da língua escrita, dada a construção interativa e a ausência de tempo de elaboração.

No contexto dos problemas mencionados, é necessária uma cuidadosa discussão da noção de produtividade e seu tratamento no desenvolvimento de modelos lexicais; e da questão do acesso lexical na língua falada. Estes tópicos serão discutidos a seguir.

2.1 Produtividade e Produção

Podemos inicialmente definir a produtividade de uma Regra de Formação de Palavras (RFP) como a possibilidade que essa regra tenha de formar novas palavras no léxico da Língua (Aronoff, 1976).

O conceito de produtividade lexical é problemático sobretudo porque o

produto de uma RFP se incorpora ao léxico, o que permite a contagem de produtos de regras enquanto reflexo de frequência de aplicação. Assim, o termo 'produtividade' se refere também à frequência de aplicação (Kastovsky, 1986). O uso do mesmo termo confunde a RFP enquanto especificação de construções morfológicas possíveis com o teor de utilização de RFPs em variadas circunstâncias.

Com a preocupação de ressaltar a distinção entre produtividade e frequência de aplicação, Corbin (1984) estabelece o conceito de disponibilidade, definindo uma regra como disponível quando passível de utilização pelo falante/ouvinte no exercício normal da criatividade lexical e colocando o conceito de disponibilidade na esfera da competência lexical, enquanto a rentabilidade de uma dada regra se situaria na esfera da Análise do Discurso. Segundo Corbin, a produtividade define formas disponíveis e não formas necessariamente atestadas.

Assim, o conceito de produtividade deve ser entendido tão somente como o conjunto de condições estruturais de uma regra na definição de construções morfológicas possíveis. A produtividade de uma regra deve ser distinta das Condições de Produção, que são condições não estruturais de operação e dependem de fatores de ordem paradigmática, discursiva e sócio-cultural.

Há vários tipos de condições de produção, tais como condições paradigmáticas, determinadas pelas regras em competição (Basilio, 1980; Marle, 1986); o tipo de discurso, que permite ou estimula certos tipos de formação, enquanto dificulta ou interdita outros; as condições culturais, que criam referentes a serem rotulados; e assim por diante.

Para os objetivos do PGPF, o tipo de discurso é um ponto de importância crucial das condições de produção. Um dos problemas que se colocam em relação ao tipo de discurso é a própria questão da produção morfológica como um todo. O discurso formal escrito apresenta exigências de estrutura textual e necessidades anafóricas que se configuram em grande parte em construções morfológicas, ao mesmo tempo permitindo e exigindo um trabalho de arquitetura textual prévia. Assim, neste tipo de discurso predominam construções morfológicas com função de mudança categorial. Por outro lado, discursos altamente especializados, como o literário e o propagandístico, tendem a explorar as possibilidades de estranhamento latentes em processos de formação lexical. Os critérios de aceitabilidade via de regra se alteram e se especificam, como

efeito direto da própria consciência da especificidade do tipo de discurso; mas isto não altera as condições de produtividade dos processos envolvidos. Já o discurso falado coloquial dialogado utiliza outro instrumento, a construção interativa; e não permite, em geral, a elaboração meditada, o que certamente delimita o tipo e prejudica a frequência de operações de construção lexical.

Analisando o problema da duplicidade do conceito de produtividade na teoria gerativa, juntamente com a questão de se determinar o objeto de análise da Morfologia no PGPF, o GT de Morfologia do PGPF estabelece uma distinção teórica entre condições de produtividade, definidas como condições estruturais correspondentes a especificações de Regras de Formação de Palavras sobre bases e produtos; e condições de produção, definidas como fatores que facilitam, dificultam ou impedem a operação concreta de RFPs em circunstâncias específicas.

A partir desta distinção, as condições de produção constituem-se como único objeto possível para uma abordagem da formação de palavras no âmbito do PGPF, neutralizando-se, portanto, os problemas teórico-metodológicos iniciais.

O segundo problema maior na abordagem da formação de palavras no PGPF é o fato de que a ocorrência de uma construção lexical pode provir tanto de uma RFP quanto do acesso a um item já armazenado no léxico, e, portanto, não evidencia a operação do processo correspondente. O problema se coloca na medida em que o objetivo do GT é a investigação sobre quais processos de formação de palavras estariam em vigência no português falado culto.

Dado o objetivo básico da pesquisa, o GT decidiu considerar como objetos legítimos de análise apenas construções morfológicas regulares, isto é, aquelas cujas propriedades semânticas e fonológicas correspondessem exatamente ao previsto pela junção da base e do processo morfológico correspondente, já que apenas estas construções apresentam a dupla possibilidade de terem sido produzidas durante o ato de fala ou acessadas como formas previamente existentes no léxico.

Coloca-se, a este respeito, uma questão maior: a de se haveria na língua falada culta condições razoáveis de produção para RFPs em geral, ou seja, a de se é justificável o pressuposto metodológico básico de que formas regulares poderiam ter sido produzidas no decorrer do ato de fala; e, em consequência, até que ponto este pressuposto deveria ser utilizado em afirmações concretas

sobre condições de produção de processos específicos.

Este problema leva à uma velha questão da Psicolingüística e da Morfologia, a questão da representação e acesso de itens lexicais por palavras ou por morfemas. Passo, então, a discutir as hipóteses de representação e acesso lexical por radicais e regras de afixação (doravante RAF) ou por palavras previamente existentes (doravante PEX).

2.2. Representação e acesso de formas derivadas na fala culta

A polaridade nas propostas de representação lexical de formas derivadas surge já nos primeiros momentos do reingresso da morfologia na Teoria Gerativa. Aronoff (1976) propõe a não-listagem de formas regulares do léxico, o que corresponde ao acesso por RAF para todas as formas regulares. Jackendoff (1975) defende a Teoria da Entrada Plena, em que o léxico é representado em entradas lexicais completamente especificadas. Nesta proposta representacional, o acesso é basicamente por PEX.

Em Psicolingüística, a questão da representação e acesso lexical de formas derivadas por PEX ou RAF no processo de compreensão da fala tem sido objeto da atenção de inúmeros estudiosos na área de acesso lexical para compreensão, mas ainda não está resolvida. A proposta mais tradicional de modelo de reconhecimento lexical de formas derivadas é a de Taft e Forster (1975), que propõem que o acesso à representação lexical na memória só se faz a partir do acesso a radicais e prefixos. A hipótese da decomposição lexical para o acesso lexical é bastante difundida em psicolingüística, mas os resultados em que Taft e Forster se baseiam podem ser abarcados pela hipótese de um léxico morfologicamente estruturado. De qualquer maneira, a relevância destes estudos para a questão do acesso lexical na produção da fala depende da questão não resolvida da unicidade do léxico.

Estudos de acesso lexical do ponto de vista da produção da fala são raros e se resumem a fenômenos fora da normalidade, tais como deslizes verbais (slips of the tongue) e estratégias utilizadas por pacientes afásicos. Em sua revisão clássica da evidência psicolingüística pertinente à representação lexical em relação à produção, Butterworth (1983) investiga a hipótese da Listagem Plena, segundo a qual no léxico subjacente à produção da fala a representação lexical pode ser feita em termos de uma listagem integral de entradas lexicais. Deslizes verbais e da fala de afásicos não interferem nesta hipótese, que prevê o uso de regras como um mecanismo de suporte.

A evidência sobre afásicos e sobre deslizes verbais não é tão relevante para o acesso lexical na produção da fala porque o fato de que falantes podem eventualmente formar palavras em sua língua é bastante conhecido e não controverso. A questão é se os falantes o fazem habitualmente e, portanto, como se caracterizaria a fala no que tange a construções lexicais.

Passo a discutir a hipótese de que na produção da fala o léxico mental é estruturado em palavras e não em radicais e afixos; e o acesso lexical é feito por PEX no caso de processos de função categorial e designadora, podendo ser por RFPs, no entanto, no caso de palavras avaliativas. A discussão incide apenas sobre formas regulares, já que para as irregulares o acesso só é possível por PEX.

O acesso lexical no léxico de produção é determinado pela necessidade do falante de se referir a entidades do mundo exterior; e isto é de crucial importância para a discussão do acesso lexical por RAF ou PEX, sobretudo em palavras derivadas a partir de processos de função denotativa, porque o significado da palavra pode ser transparente no nível da construção morfológica, mas o nível de designação dos seres pode ser mais restrito do que o nível do significado da construção morfológica.

Isto, de certa maneira, é natural. Um afixo como -dor, por exemplo, é adicionado a uma base para nomear uma classe de objetos ou indivíduos por suas atividades, propriedades ou funções caracterizadoras, expressas na base verbal. Assim, a RFP que corresponde à adição de -dor tem uma função inerentemente designadora; ela é usada para fornecer um rótulo pelo qual uma determinada classe de seres possa ser referida.

Uma palavra que resulta de uma RFP de função designadora pode ser semanticamente transparente em termos de sua caracterização geral, mas o conjunto de objetos do mundo externo designado por essa palavra, embora previsível enquanto subconjunto incluído na caracterização geral, não é suficientemente especificado pela estrutura morfo-semântica, exatamente porque esta estabelece uma caracterização genérica, enquanto a formação em si tem uma função de designação de indivíduos específicos. Ou seja, formamos palavras como *computador* não para nos referirmos a todos os seres que executam computações, mas para darmos um rótulo mnemônico a um tipo específico de objeto. Palavras incluídas nesses casos têm que ser acessadas por PEX no léxico de produção, porque o aspecto designador do uso da palavra não é dado pelas regras morfo-semânticas de formação.

A questão passa a ser, então, a relevância relativa do fenômeno de designação na formação de palavras. Um caso crucial a observar é o das nominalizações deverbais abstratas, por causa de sua dupla função e da múltipla possibilidade de escolha de sufixos nominalizadores. Uma forma nominalizada permite referência neutra ao processo verbal, sendo, portanto, uma estratégia básica de estruturação textual, em especial por causa da possibilidade de referência anafórica. Na função de mudança categorial, que obedece sobretudo a motivações de estruturação textual, a nominalização é uma construção transparente e sem objetivos designadores.

Entretanto, a nominalização também pode ter função designadora, utilizando o significado básico do verbo para denotar um conceito entitativo. A nominalização denotativa é comum na linguagem científica. Palavras como *neutralização*, *derivação*, *referência* e outras, da terminologia lingüística, são formadas com propósitos designadores. Nessas formações, o significado no nível construcional é transparente, mas insuficiente para a compreensão da designação no aspecto terminológico. Um processo geral de incorporação do argumento interno opera na designação terminológica por nominalização, de modo que os falantes contam com um mecanismo mnemônico bastante eficiente para efeitos de rotulação, no qual a estrutura morfo-semântica pode ser mantida e apenas o argumento incorporado tem que ser memorizado. Mas a nominalização denotativa pode manter um significado genérico, podendo aplicar-se a qualquer argumento interno plausível. Por exemplo, enquanto designador, o termo *construção* pode designar diferentes objetos, da frase ao edifício. Adicionalmente, a forma nominalizada ainda pode ser usada para referência anafórica ao verbo correspondente.

Um grande número dessas construções apresenta ambas as funções, a de mudança categorial e a designadora. Assim, esta situação é de especial interesse como caso-teste para a questão de acesso lexical por RAF ou por PEX porque temos na mesma palavra duas possibilidades, uma que força acesso em termos de PEX (a que é produto da função designadora da nominalização) e outra que permite acesso por RAF (a que é produto da função de mudança categorial).

Assim, esperaríamos que, se o acesso por RAF fosse a situação normal para nominalizações de função categorial, haveria variação na escolha de afixos em formas nominalizadas na fala em casos de função de mudança categorial. Esperaríamos, além disso, que a proporção de uso de diferentes RFPs nominalizadoras refletiriam os graus relativos de produtividade, em geral

e com bases específicas (Anshen e Aronoff, 1981). Não é essa, entretanto, a situação encontrada num estudo realizado sobre formas nominalizadas no português culto no âmbito do PGPF.

Neste estudo sobre o corpus do PGPF, todas as nominalizações semântica e fonologicamente regulares foram coletadas, sendo a regularidade semântica considerada em termos de ocorrência no contexto, isto é, uma forma era considerada regular se no contexto de ocorrência pudesse ser interpretada em termos da função semântica e propriedades fonológicas previstas no processo morfológico correspondente. Um total de 373 formas nominalizadas deverbais foram coletadas, das quais 169 com função de mudança categorial e 204 com função designadora. Dessas formações, aproximadamente 60% apresentaram o sufixo -ção, índice de ocorrência três vezes maior que o segundo sufixo mais usado, -mento, com cerca de 20% de ocorrência. O resultado de importância para a questão de acesso na produção da fala, no entanto, é que em todo o corpus houve apenas uma troca de sufixo: a forma *coordenamento* foi usada em lugar de *coordenação* (Basilio, 1996).

Este fato se constitui em evidência que contradiz expectativas de acesso lexical por RAF para nominalizações no léxico de produção da língua falada culta. O fato de ocorrer apenas uma mudança de sufixo num corpus de 15 inquéritos de língua falada aponta fortemente na direção contrária à utilização de regras para a construção de formas nominalizadas na fala culta. Observe-se que a situação é a mesma para nominalizações em função de mudança categorial ou em função designadora. Podemos, portanto, concluir que o acesso a formas nominalizadas na produção da fala é por PEX e não RAF, mesmo quando a nominalização tem apenas função de mudança categorial.

Os dados do português falado culto favorecem, portanto, a Hipótese da Listagem Plena para a representação lexical das formas derivadas. Há casos, entretanto, em que a utilização de RFPs na produção da fala não pode ser descartada. Por exemplo, o caso dos diminutivos e superlativos em português é de especial interesse, por estar de certa maneira circunscrito à língua falada. Na utilização do diminutivo para caracterizar linguagem afetiva, por exemplo, é freqüente o surgimento de formações novas até inesperadas, o que evidencia a produção a partir de regras, o mesmo acontecendo no superlativo. O acesso a regras na produção da fala culta é, pois, evidente pelo freqüente surgimento de formas novas e eventual alteração de padrões.

Nossos dados mostram que a questão RAF/PEX no acesso lexical para a

produção da fala não pode ser considerada em termos absolutos; ao contrário, temos que formular a questão de quais formações correspondem ao acesso direto e quais ao acesso por regras. Entretanto, uma generalização já pode ser feita sobre a representação lexical de formas derivadas: a de que as formas básicas de representação no léxico mental utilizada na produção da fala em língua portuguesa são palavras e não radicais. Mais especificamente, podemos ter processos que acessam palavras do léxico e produzem novas palavras a partir da aplicação de uma RFP, mas mesmo nesses casos a base é uma palavra, estando, portanto, descartado o acesso direto a radicais. Concluimos, também, que a utilização das RFPs no decorrer do ato de fala, embora possível, não é freqüente e está condicionada à função das regras.

3. Verbos denominais no Português

Passo agora a discutir os problemas envolvidos na análise de verbos denominais no PGPF. O tema foi escolhido por se situar na confluência de várias controvérsias em descrições do português, que há muito preocupam morfólogos no Brasil, e também alguns sintaticistas. O problema por um lado, se relaciona com nominalizações; por outro, com a velha questão das chamadas derivações regressivas; um terceiro ângulo envolve a adoção ou não de regras zero em morfologia derivacional; e, finalmente, temos a linha de definição entre processos derivacionais e flexionais. Dada essa confluência, não é de se estranhar que o tema tenha suscitado freqüentes debates.⁸

São duas as principais questões: a morfológica e a da direcionalidade. A questão morfológica é a de se, dado um par S/V do tipo *perfume/perfumar*, devemos considerar o verbo como derivado do substantivo ou, alternativamente, considerar o caso como de conversão. Quanto à direcionalidade, dado um par S/V como *grito/gritar*, devemos considerar o verbo como derivante, e, portanto, morfológicamente básico, ou como derivado, e, portanto, denominal?

A primeira questão é a de se devemos considerar o processo como derivação ou conversão. Por exemplo, em *perfume/perfumar* temos a conversão de *perfume* em verbo, sendo o acréscimo do -a uma consequência da estrutura morfológica dos verbos em português, que inclui vogais temáticas? Ou seria -a(r) um sufixo derivacional que se adiciona a substantivos para formar verbos?

⁸ Ver, entre outros, Lobato (1988); Gamarski (1988); Basilio (1980) e (1987); e Basilio & Martins (1996).

Verbos como *perfumar* apresentam uma situação ambígua de análise, porque o elemento -a do tema pode ser visto tanto derivacional quanto flexionalmente. Assim, podemos considerar que os verbos denominais resultam de um processo de conversão, caso em que o -a seria uma adaptação da base à conjugação verbal, pelo acréscimo da vogal temática; ou estabelecer um sufixo derivacional -a que forma verbos a partir de substantivos. A primeira alternativa permite uma análise do português análoga à dos verbos denominais do inglês, sendo freqüentemente adotada por conveniência teórica, apesar dos problemas do ponto de vista estritamente morfológico.⁹

A ausência de marca aberta de derivação também traz problemas em relação à direcionalidade da formação. Casos como *analisar/análise* ilustram a questão: *analisar* seria um verbo derivante ou um verbo denominal? A questão foi tratada nas gramáticas normativas apenas do lado das chamadas derivações regressivas, mas o mesmo problema se coloca para os verbos denominais, já que o problema é justamente a direcionalidade.

Substantivos como *luta* são analisados nas gramáticas como formações regressivas por terem o significado de ação. Além de pouco claro no lado estritamente morfológico da questão, este tratamento é insuficiente do ponto de vista sintático-semântico, na medida em que formas nominalizadas podem apresentar mais de um significado. Analisando estes problemas, Basilio (1980) propõe que, na impossibilidade de estabelecer a direcionalidade da derivação a partir de critérios sintático-semânticos, seja adotado o critério morfológico, segundo o qual o substantivo seria o derivante e o verbo derivado nos pares S/V sem marca aberta de acréscimo morfológico. A proposta, no entanto, esbarra em dados factuais de proveniência gíria e de fala infantil e é contestada em Gamarski (1988), que arrola, entre outras, formas prefixadas como *repasse* (de *repassar*), *encaixe* (de *encaixar*) etc., cuja estrutura é nitidamente deverbal.

Gamarski propõe a análise alternativa de que as estruturas temáticas explícitas potenciais revelariam a direcionalidade. Esta posição é reforçada em Basilio (1987), que afirma ser mais conveniente considerar deverbal toda forma nominal correspondente a um verbo que apresente pelo menos uma interpretação de cunho verbal, em virtude do padrão geral de relação morfológica categorial que implica a relação S/V para cada verbo no léxico do português, sem que se obtenha relação correspondente a partir do substantivo.

⁹ Para uma análise mais detalhada da questão morfológica, ver Basilio (1993a, b).

A proposta de Gamarski (1988) apresenta problemas, no entanto, se considerarmos a dupla função da nominalização, a função de mudança categorial e a designadora, já que esperaríamos a correspondência temática explícita apenas nos casos de função de mudança categorial. Por outro lado, conforme apontado em Chomsky (1970), substantivos primitivos podem apresentar estrutura argumental análoga à de verbos, ainda que sem correlato morfológico. Assim, a correspondência de estrutura temática não pode ser usada como critério definitivo para a identificação de formas como deverbais ou não.

Não é este, aliás, o objetivo de Gamarski, que apenas coloca a correspondência temática como condição necessária para estabelecer formas como deverbais, mas não como suficiente para estabelecer formas como primitivas ou derivadas. Entretanto, ainda assim, seria razoável propor que, na ausência de outras evidências, se há correspondência de estrutura entre substantivo e verbo morfológicamente relacionados, o substantivo deve ser considerado como derivado do verbo, já que a estrutura temática, embora possível em substantivos, não é característica de substantivos, mas de verbos.

A aplicação concreta deste princípio não é fácil, porém. Considere-se o caso de *trabalho*. Definindo *trabalho* como “atividade sistematicamente exercida para fins de sustento”, ou “atividade de prestação de serviços ou produção de bens”, é possível interpretar o verbo *trabalhar* como “exercer atividade de trabalho” ou “executar trabalho”. No entanto, a direcionalidade é dúbia, dado que também podemos interpretar *trabalhar* como “exercer atividade sistematicamente...”, e *trabalho* como “ato ou efeito de trabalhar”. O problema que se coloca nesses casos é que a estrutura temática muitas vezes depende do significado, de sorte que o critério de correspondência sistemática entre verbo e substantivo não constitui uma base segura sobre a qual analisar pares S/V.

Adicionalmente, podemos encontrar casos em que a evidência morfológica contraria o critério de correspondência temática: na seqüência *influir / influência / influenciar*, embora a correspondência temática sugira a análise de *influência* como derivado de *influenciar*, a presença de *influir* aponta *influência* como anterior.

Uma possível alternativa seria tomar como indicador de direcionalidade a previsibilidade de significado das formações, ou seja, seria básica a forma de que a outra poderia semanticamente derivar de modo previsível. Entretanto,

na listagem que foi feita de pares S/V regulares no corpus mínimo compartilhado do PGPF, foi observado que a partir do significado do substantivo é possível interpretar o verbo como ato, atividade, causação ou estado que tem como argumento interno o significado do substantivo, do mesmo modo que, partindo do significado do verbo, podemos interpretar o substantivo como ato, efeito ou processo definido pelo processo verbal. Ou seja, o problema na análise do par *trabalho/trabalhar* se estende virtualmente a todo par S/V; a situação de previsibilidade é equivalente em ambas as direções de formação.

Pode-se concluir, então, mais uma vez, que a questão da direcionalidade deve ser resolvida apenas em termos morfológicos, já que só do ponto de vista morfológico existe uma real direcionalidade, revelando-se no aspecto sintático-semântico uma permanente associação de acepções nominais e verbais, independente da direcionalidade da formação.

4. Considerações finais

Esperando ter espelhado a situação geral da pesquisa morfológica no Brasil e colocado os vários pontos envolvidos em algumas das mais discutidas questões na morfologia brasileira contemporânea, ressalto que os pontos aqui enfocados dão uma idéia apenas parcial, diminuta talvez, dos temas que estão sendo abordados no momento por lingüistas em diferentes universidades brasileiras.

Finalizando, acrescento que se intensifica, no momento, a preocupação dos lingüistas brasileiros com a delimitação de unidades lexicais, manifestando-se em inúmeros projetos de pesquisa que perseguem critérios mais aperfeiçoados (a) para a distinção entre palavras formais e outras unidades lexicais, assim como entre sintagmas e palavras compostas; (b) para a definição dos clíticos, quer os tradicionalmente referidos pela tradição fonológica e sintática, quer as formas fonologicamente dependentes de caráter não pronominal, como preposições; (c) para a demarcação de fronteiras entre prefixos, formas dependentes e radicais e (d) para a delimitação de unidades lexicais na especificidade terminológica e lexicográfica. Em conexão com estas preocupações, presenciamos um desenvolvimento de estudos de morfossintaxe e fonologia lexical, ao mesmo tempo em que se consolida a singularidade da pesquisa morfológica brasileira das duas últimas décadas em torno das questões semânticas e lexicológicas envolvidas na descrição de estruturas morfológicas do português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. (1990) *Neologismo. Criação Lexical*. São Paulo: Ática.
- ANSHEN, F. e M. ARONOFF (1981) Morphological Productivity and Phonological Transparency. *Canadian Journal of Linguistics*, **26**: 63-72.
- ARONOFF, M. (1976) Word Formation in Generative Grammar. *Linguistic Inquiry Monograph I*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- BASILIO, M. (1980) *Estruturas Lexicais do Português*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1987) *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- _____. (1993a) Verbos em -ar em português: Afixação ou Conversão? *D.E.L.T.A.*, **9**(2): 295-304.
- _____. (1993b) Produtividade, Função e Produção Lexical no Português Falado. *Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL II*: 27-37. Campinas: UNICAMP.
- _____. (1996) Formação e Uso da Nominalização Deverbal Sufixal no Português Falado. In: A.T. CASTILHO e M. BASILIO (orgs.) *Gramática do Português Falado Volume IV- Estudos Descritivos*. São Paulo/Campinas: FAPESP/ UNICAMP: 223-33.
- BASILIO, M. e H. MARTINS (1996) Verbos Denominais no Português Falado. In: I. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado VI - Desenvolvimentos*: 371-91.
- BUTTERWORTH, B. (1983) Lexical Representation. In: B. BUTTERWORTH (org.) *Language Production v.II - Development, Writing and Other Language Processes*. London: Academic Press.
- CARONE, F. (1990) *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática.
- CHOMSKY, N. (1970) Remarks on Nominalization. In: R. A. JACOBS e P. S. ROSENBAUM (orgs.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, Mass: Ginn & Co.
- CORBIN, D. (1984) La Forme et le Sens: Explorations des Relations Derivationelles en Français. *Quaderni di Semantica*, **1**: 58-69.
- GAMARSKY, L. (1988) *A Derivação Regressiva: um estudo da produtividade lexical em português*. Goiânia: CEGRAF.
- HALLE, M. (1973) Prolegomena to a Theory of Word-Formation. *Linguistic Inquiry*, **4**: 3-16.
- JACKENDOFF, R. (1975) Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon. *Language*, **51**: 639-71.
- KASTOVSKY, D. (1986) The Problem of Productivity in Word-Formation. *Linguistics*, **24**: 601-627.
- KEHDI, V. (1990) *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática.
- LOBATO, L. (1988) *A Derivação Regressiva em Português: Conceituação e Tratamento Gerativo*. Universidade de Brasília: ms.

- MARLE, J. (1986) The domain hypothesis: the study of rival morphological processes. *Linguistics*, **24**: 585-600.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. (1970) *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1971) *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes.
- MONTEIRO, J. L. (1987) *Morfologia Portuguesa*. Fortaleza: EDUFC.
- ROCHA, L. C. A. (1998) *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: UFMG.
- SANDMANN, A. J. (1989) *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Ed.Ícone.
- _____ (1991) *Morfologia Geral*. São Paulo: Ed. Contexto.
- TAFT, M. & K. L. FORSTER (1975) Lexical Storage and Retrieval of Prefixed Words. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, **14**: 638-647.

ESTUDOS FUNCIONALISTAS NO BRASIL
(Functionalist Studies in Brazil)

Maria Helena de Moura NEVES (*Universidade Estadual de São Paulo*)

ABSTRACT: The paper presents a comprehensive survey of functional research in Brazil, from the very beginning, reaching research groups and individual researchers, carefully distinguishing the theoretical approaches followed. An extensive list of published work is added. (AE)

KEY WORDS: Functionalist Research; Functional Grammar.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisas Funcionalistas; Gramática Funcional.

0. Quadro geral

Os estudos funcionalistas têm tido grande incremento no Brasil, nos últimos anos, particularmente nos anos 90. Os pólos de interesse estão localizados especialmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

1. Os pioneiros

1.1. São pioneiros, no país, com linhas definidas, Evanildo Bechara e Rafael Hoyos-Andrade, o primeiro na linha estruturalista-funcionalista de E. Coseriu, o segundo na linha de centração sintática de A. Martinet. Rodolfo Ilari, por sua vez, tem papel histórico, pela consideração que faz da Escola de Praga na sua tese de doutoramento defendida na Universidade de Campinas em 1975, na qual estudou os recursos que expressam a perspectiva funcional da frase no português do Brasil (texto publicado em Ilari (1986), com reedição em 1992). Significativa é a indicação do prefaciador da obra, Ataliba T. de Castilho, que salienta o fato de que, nos anos 80, uma ampliação do aspecto teórico e metodológico levava necessariamente a preocupações de caráter discursivo e textual. O livro trata, na sua essência, de uma questão fundamental dentro de uma gramática de orientação funcionalista: o dinamismo comunicativo da linguagem, e, muito especificamente, a consideração da articulação tema-remática como forma de realizar as funções da linguagem, enquanto processo de caráter discursivo. Outro pioneiro é o próprio Castilho, que, sem invocar uma linha específica dentro do funcionalismo, trabalha, entretanto, desde os primeiros estudos, dentro da consideração de uma interface entre a sintaxe, a

semântica e a pragmática, visão que está na base de qualquer teoria funcionalista.

1.2. Pode-se dizer que Evanildo Bechara foi funcionalista desde os seus primeiros trabalhos filológicos. O estudo sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português (Bechara, 1954), apresentado ao Colégio Pedro II para defesa de Cátedra, trata a questão da concessão sob um ponto de vista da interação, antecipando nas suas formulações o próprio modelo de interação verbal que o funcionalismo hoje apresenta: 'A prática cotidiana habilitou o homem a pressupor, no correr de suas asserções, a objeção iminente. Enunciar o pensamento contando e obstruindo os obstáculos que o interlocutor ou interlocutores apresentariam era o propósito da idéia concessiva.' (Bechara, 1954:9). Temas caros ao funcionalismo entram significativamente no estudo: a incorporação das diversas funções na gramática ('a concessão deve ter nascido no momento em que as declarações do falante sentiram o peso do argumento contrário do interlocutor', p. 9); a fluidez de categorias ('nem sempre se traçam demarcações rigorosas nos meios de expressão que traduzem a gama variada e complexa de nossos pensamentos', p. 11); a gramaticalização ('se a vitalidade do vocábulo não suportar a alteração sofrida, criam-se novos meios de expressão', p. 23).

Bechara tem-se dedicado, em artigos originais e textos traduzidos, a divulgar o arcabouço teórico do estruturalismo funcional de Coseriu, com sugestões de aproveitamento na descrição do português. Bechara (1991) delimita o objeto da gramática funcional, segundo Coseriu, como o estudo da estruturação idiomática dos significados proposicionais de uma língua, tanto gramaticais quanto léxicos. Para Coseriu, o que a gramática funcional se propõe é estabelecer os significados gramaticais que uma língua distingue bem como as oposições que estabelece entre esses significados, remetendo para um segundo plano os tipos de emprego desses mesmos significados.

1.3. Hoyos-Andrade teve sua formação na França, na linha funcionalista de André Martinet e da Sociétés Internationale de Linguistique Fonctionnelle (SILF), e dentro dessa orientação realizou mais de duas dezenas de trabalhos, quase todos publicados.

Já em 1972, Hoyos apresentava, em um artigo, o princípio da autonomia sintática de inspiração martinetiana, aplicando-a a um enunciado em português (Hoyos-Andrade, 1972), e ainda nos anos 70 ele publicava um estudo contrastivo dos sistemas vocálicos das duas línguas (o espanhol e o

português) a partir da doutrina fonológica do funcionalismo martinetiano (Hoyos-Andrade, 1978). Hoyos marcou, ainda, seu papel histórico dentro dos estudos funcionalistas no Brasil, ao organizar, no Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, em 1985, um grupo de trabalho sobre funcionalismo, pretendendo que se discutissem os pontos comuns aos diferentes funcionalismos na época, objetivo que, entretanto, ele afirma que não foi atingido (Hoyos-Andrade, 1986d). A apresentação geral e a divulgação do modelo funcionalista de Martinet e da SILF norteiam grande parte da produção de Hoyos. A partir de um curso sobre Lingüística Formal ministrado no Seminário Andrés Bello - Instituto Caro y Cuervo de Bogotá, Colômbia, em 1984, ele preparou um livro em espanhol (Hoyos-Andrade, 1992), que trata especialmente dos aspectos sintáticos do modelo funcionalista de inspiração martinetiana, e que teve resenha de Jean-Michel Builles publicada na revista *La Linguistique*, vol. 30, fasc. 2, p. 157-159, em 1994. De caráter genérico é, ainda, um estudo que dá uma visão otimista do futuro do funcionalismo (Hoyos-Andrade, 1983a). O aspecto sintático, que é o centro da teoria martinetiana, é objeto de outros estudos, um que expõe os princípios e as características da sintaxe funcional e da metodologia para uma análise sintática de enunciados (Hoyos-Andrade, 1993), e um que analisa o signo sintático (Hoyos-Andrade, 1986c). Uma aplicação específica e sistemática da análise sintática funcionalista de Martinet à língua portuguesa é feita na tese de livre-docência, defendida na Universidade Estadual Paulista - Unesp de Assis (Hoyos-Andrade, 1983b). A atenção à semântica aparece num estudo que mostra a conveniência da distinção entre os valores das unidades lingüísticas (objeto da axiologia) e as variantes de significado dessas unidades, em função dos contextos, (objeto da semântica) (Hoyos-Andrade, 1986a). Outros estudos de fonologia sob orientação do funcionalismo martinetiano - além de Hoyos-Andrade, 1978 - têm como objeto os temas: a noção de sílaba a partir de critérios funcionalistas (Hoyos-Andrade, 1984); a 'criação' de um alfabeto fonológico para o português (Hoyos-Andrade, 1988); o sistema fonológico do português brasileiro e a sua transcrição, com base em Martinet e em Mattoso Câmara Jr. (Hoyos-Andrade, 1987a); os problemas de interferência entre sistemas fonológicos, com base na fonologia funcionalista (Hoyos-Andrade, 1994b).

A relação da gramática funcional martinetiana com a análise textual e com a lingüística do texto é tratada em Hoyos-Andrade (1991b), que enfatiza a necessidade de descortinar as verdadeiras tarefas da lingüística em relação ao texto, segundo pontos de vista funcionalistas, e em Hoyos-Andrade (1987b), que apresenta as opiniões expostas por funcionalistas da SILF a respeito da Gramática Textual, durante o XI Colóquio da SILF, realizado em Bolonha, em

julho de 1984. Uma das preocupações de Hoyos é a crítica da Teoria Gerativa, que está em Hoyos-Andrade (1982a), onde se destacam as características que distinguem a visão funcionalista da visão gerativista da linguagem e da lingüística, mas que está, especialmente, em uma série de resenhas (Hoyos-Andrade, 1985; 1986b; 1988a). Outras resenhas comentam obras do funcionalismo martiniano (Hoyos-Andrade, 1982b; 1991a) e do próprio A. Martinet (Hoyos-Andrade, 1995).

Uma questão que mereceu atenção de Hoyos recentemente (Hoyos-Andrade, 1994a) foi o confronto entre as teorias de Tesnière e de Martinet, que, embora não tenha concluído pelo reconhecimento de influências de um para o outro, revelou pontos de contato entre ambos os teóricos que o próprio A. Martinet reconheceu, confessando-se surpreso, em comunicação pessoal ao autor.

1.4. Na interface sintaxe/ semântica, Ataliba T. de Castilho situa trabalhos que, na década de 60, seriam arranjados sob a rubrica de *estudos onomasiológicos*. São indagações dos seguintes tipos: sobre a gramaticalização, no verbo, de noções tais como a de passado definido, a de passado que se estende ao presente, e a de passado remoto (Castilho, 1967); sobre a expressão da categoria do aspecto (duração, completamento da ação e repetição) no verbo (Castilho, 1968), chegando-se posteriormente à proposição das significações aspectuais como uma face qualitativa (donde o imperfectivo e o perfectivo) e uma face quantitativa (donde o semelfactivo e o iterativo) (Castilho, 1984); sobre a modalização operada por advérbios, identificando-se as categorias epistêmica, deôntica e afetiva dessa modalização (Castilho e Moraes, 1992; Castilho, 1993); sobre a predicação adverbial, em tese de livre-docência defendida na Universidade de São Paulo - USP (Castilho, 1993), na qual se estudam os advérbios modalizadores, os qualificadores e os quantificadores, tema retomado e sintetizado em trabalho posterior (Castilho, 1994b).

Na interface sintaxe/ pragmática, duas vertentes são detectáveis, uma que entende a pragmática dentro da lingüística do texto e outra que a considera dentro da análise da conversação. Na primeira vertente fizeram-se estudos sobre a correlação entre o tempo verbal escolhido e a articulação discursiva plasmada no texto (Castilho, 1978, 1987). Na segunda vertente se situa a maior parte dos trabalhos realizados sobre variedades conversacionais, que buscam caracterizar as estruturas sintáticas próprias à língua falada (Castilho, 1983), tema também tratado em um estudo que propõe a análise dos fenômenos da

sintaxe no contexto conversacional em que aparecem (Castilho, 1989). Essa matéria foi ampliada, ainda, em trabalho que propõe o estudo dos fenômenos sintáticos a partir de três processos discursivos, a construção, a reconstrução e a descontinuação (Castilho, 1994a). Foi novamente retomada em alentado estudo sobre a gramaticalização (Castilho, 1997a), no qual, feita uma incursão pela bibliografia sobre o assunto, separam-se as fases da gramaticalização e seus princípios, e, a seguir propõe-se uma visão sincrônica desse processo, insistindo-se na possibilidade de identificação, na língua falada, de situações em que um item lexical sofre alterações semânticas discursivamente motivadas, perdendo algumas propriedades gramaticais e adquirindo outras. Esse processo é exemplificado em um trabalho em que o item *mas* é visto como advérbio de inclusão, valor que licencia seu uso como marcador discursivo, e em que, a partir daí, se hipotetiza que o uso do *mas* como conjunção adversativa decorre exatamente daquele emprego em que o item agrega segmentos verbais (Castilho, 1997b).

2. Grupos de pesquisa

2.1. Alguns grupos de pesquisa organizados trabalham na teoria funcionalista. A multiplicidade de orientações que caracteriza a visão funcionalista da linguagem se reflete no cenário brasileiro, onde múltiplos são os interesses dos que se auto-intitulam funcionalistas. A própria indicação das correntes teóricas eleitas torna-se problemática, já que uma grande parte dos investigadores conciliam propostas de diferentes linhas.

2.2. O maior e mais antigo desses grupos é o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), que tem uma orientação variacionista dominante, movendo-se, pois, no que alguns membros do grupo definem como sociofuncionalismo. O projeto aborda a variação lingüística sob o prisma da função discursiva das variantes.

Na linha sociofuncionalista, Cláudia Roncarati estudou a negação na língua falada (Roncarati, 1996); investigou a variação e a aquisição da negação em L2 (português de contato) e em L1 (dados diacrônicos e de conversação espontânea) (Roncarati, 1997). No momento, mantém projeto de estudo sobre aspectos sociofuncionais da aquisição e da mudança de estruturas afirmativas e negativas.

Helena Gryner preparou análises em que aplicou o modelo variacionista para explanação dos fenômenos, com base na proposta funcionalista e com

foco principal na articulação condicional de orações. Os graus de coesão das formas de vinculação entre condicionante e condicionada no português falado foram estudados com base na hipótese de Givón desenvolvida por Hopper e Traugott sobre a trajetória em direção a uma maior complexidade dos elos interacionais (Gryner, 1995). Um prosseguimento desse estudo, não publicado, investiga o estatuto do gerúndio na gramaticalização das condicionais. Outro trabalho não publicado estuda a conexão condicional no português xinguano, confirmando uma trajetória de gramaticalização de três etapas, que vai no sentido de uma coesão crescente do vínculo de conexão bem como no sentido de uma abstração crescente dos conectores. No prelo encontra-se um estudo que investiga o uso das formas do futuro do indicativo do português falado no Rio de Janeiro, explanando o deslizamento sintático-semântico sofrido pelo verbo IR na sua trajetória em direção a uma maior gramaticalização. Outro trabalho em fase de publicação identifica a relação de iconicidade entre os conteúdos da escala epistemológica e a distribuição estatística - categórica ou variável - das diferentes formas verbais que os veiculam. Um tema relevante na orientação sociofuncionalista investigado por Gryner em diversos trabalhos foi a variação modal como estratégia argumentativa; num desses estudos (Gryner, 1996), verificou-se que o emprego de formas variáveis para a expressão das funções de exemplificação e de argumentação define dois tipos de estratégias argumentativas do locutor, o comprometimento e o distanciamento.

Nos trabalhos de Maria Luíza Braga a preocupação inicial com o uso e a variação levou à escolha do funcionalismo como quadro teórico. A abordagem quantitativa, entretanto, foi tema de vários estudos e recebeu explicitação em uma publicação sobre as relações entre o discurso e as abordagens quantitativas (Braga, 1989b). Valendo-se dos pressupostos metodológicos da teoria da variação, Braga investigou diversos fatos como fenômenos variáveis cujas variantes se instanciam na fala de pessoas concretamente situadas. Investigou, portanto, correlações entre os fenômenos variáveis em foco e o cotexto ou contexto maior (Braga, 1992b): o cotexto foi considerado sob a forma das variáveis lingüísticas, vistas como um conjunto de categorias lingüísticas a partir das quais os fenômenos seriam analisados; o contexto foi considerado como o conjunto revelador dos aspectos da situação pragmática capazes de se correlacionar com a escolha de uma determinada construção. Braga defende que os fenômenos não são reflexo do contexto do ato de fala, e que é a linguagem que ajuda a constituir a interação. A partir daí tem buscado identificar o que as construções fazem no texto, investigando funções como contraste, foco, codificação de informação nova, sinalização de episódio narrativo, sinalização de mudança de turno, efeito gatilho. Estiveram, assim,

em análise, fenômenos como: a ordem das palavras (Braga e Bentivoglio, 1988); as construções de tópico e o deslocamento à esquerda no português do Brasil e no crioulo caboverdiano (Braga, 1987); as estratégias de focalização, mais especificamente, a clivagem de sentenças (Braga, 1989a; 1991; 1992a; 1995a; Braga e Silva, 1992); as articulações das orações de tempo, de finalidade e reduzidas de gerúndio, no português do Brasil, com incursões no português xingano (Braga, 1990; 1995b; 1996); a gramaticalização (Braga e Omena, 1997). Os estudos sobre a inserção das construções clivadas no contexto maior compõem um conjunto especialmente importante na obra de Braga. Neles se procura verificar como essas construções se combinam com a seqüência anterior e a posterior, e que tipo de relação se instancia nessa contigüidade espacial, o que significa dizer que eles, de certa forma, tangenciam função como relação de um elemento estrutural. Tal idéia também perpassa a investigação das construções de tópico e das orações de tempo e de gerúndio. Esse último tema - articulação de orações - e o tema gramaticalização, relacionados entre si, são os que estão no centro dos projetos em andamento ou mais recentemente concluídos e ainda não publicados. A preocupação sempre presente é com a função como significado, segundo Nicholson, isto é, com as conseqüências textuais da escolha de uma construção em detrimento de outra. Aí está presente a orientação metodológica de Halliday e estão presentes também os parâmetros de Dik. De Halliday, valoriza-se a questão das opções, a seleção de uma alternante dentre um conjunto de outras variantes capazes de ser usadas mais ou menos com a mesma acepção e adequação naquele contexto particular. De Dik, vale, especialmente, a lição de que o papel a que servem as expressões lingüísticas pode explicar suas propriedades formais.

Maria da Conceição A. de Paiva também estuda a articulação de orações, dedicando-se ao exame da expressão das relações causais em português, sob orientação do funcionalismo de W. Chafe e S. Thompson. Foram estudadas, em tese de doutorado defendida na Universidade do Rio de Janeiro - UFRJ, as formas de ordenação das cláusulas causais e suas funções na organização do fluxo informacional (Paiva, 1991). Várias publicações derivaram desse trabalho, tratando temas como: as cláusulas causais do tipo 'adendos' (Paiva, 1993); as cláusulas causais ligadas à iconicidade e à funcionalidade (Paiva, 1995a); a dupla atuação do *porque* na organização discursiva (1995b); os pressupostos semânticos e pragmáticos da relação de causalidade (Paiva, 1996). Atualmente, Paiva vem-se dedicando ao estudo da aquisição das formas de expressão de causalidade em português como L2, dentro de uma teoria da gramaticalização.

Vera Paredes Silva tratou, em sua tese de doutorado da UFRJ, da expressão variável do sujeito num corpus de cartas pessoais de cariocas (Paredes, 1988). A análise utiliza os princípios e métodos da sociolinguística laboviana associados a interpretações funcionalistas dos resultados quantitativos, no sentido de ver as tendências de uso como reflexo da organização do processo comunicativo. Paredes publicou, com base nesse trabalho, um estudo sobre a omissão do sujeito e a compensação funcional dessa omissão, fundamentado em evidências do português escrito, e continuou dedicando-se ao estudo dos gêneros do discurso, especialmente as cartas pessoais (Paredes Silva, 1996). Outro tema tratado foi a questão do tópico em narrativas (Paredes Silva, 1995).

Pesquisador de grande experiência no grupo é Anthony Julius Naro, que tem apresentado em congressos trabalhos sobre o modelo funcionalista e sobre a natureza funcional da variação. Na linha funcionalista de Givón, Naro publicou vários trabalhos em colaboração com Sebastião Votre (Naro e Votre, 1985, 1986; 1992; 1996).

No seio do PEUL nasceu uma polêmica que envolveu esses dois funcionalistas e dois formalistas, e que se iniciou com um artigo na revista *D.E.L.T.A.* no qual se considerava a perspectiva funcionalista preferível à formalista (Votre e Naro, 1989). Esse texto teve como resposta um artigo que considerava que a comparação efetuada era desaprovada de sentido, já que as duas correntes têm diferente objeto de estudo, e, a partir daí, têm diferentes pressupostos, objetivos e metodologia (Nascimento, 1990). A seguir Dillinger (1991) discute os dois textos, afirmando que formalismo e funcionalismo não podem ser vistos como alternativas, já que estudam o mesmo objeto de maneiras diferentes, sendo, portanto, complementares. E a mesma dupla de funcionalistas que iniciara a polêmica, conclui, afinal, pelas seguintes afirmações: funcionalismo e formalismo parecem tratar os mesmos fenômenos, mas têm objetos de estudo distintos, embora não totalmente independentes; as duas escolas utilizam diferentes critérios para análise e generalização; elas também diferem quanto à relação causal entre função e forma, isto é, quanto à visão da própria gramática (Naro e Votre, 1992). E, afinal, eles mantêm a defesa da 'superioridade da posição funcionalista' (p. 285).

2.3. Ainda no Rio de Janeiro, outro grupo desenvolve pesquisas na linha do funcionalismo norte-americano. O projeto de estudos Discurso e Gramática, sediado na UFRJ e na Universidade Federal Fluminense - UFF, é financiado pelo CNPq e pelas duas universidades. Está concluído um trabalho sobre gramaticalização e complementação verbal, em que se analisam os processos semântico-sintáticos de integração dos objetos diretos. Está em

desenvolvimento um estudo sobre gramaticalização e integração no encaixamento das cláusulas, que analisa os processos de integração semântico-sintática das estruturas oracionais do português, no qual estão envolvidos três doutores (Sebastião Votre, Mário Martelotta e Mariângela Rios), três doutorandos e cerca de dez bolsistas.

A tese de doutorado de Mariângela Rios Oliveira, defendida na UFRJ (Oliveira, 1994) se faz nessa mesma linha, focalizando a repetição em diálogos, com análise da repetição lexical em diálogos do tipo D2 (diálogo entre dois informantes) do Projeto NURC (Norma Urbana Culta) do Rio de Janeiro. Derivou-se dessa pesquisa um estudo da gramaticalização na repetição, que analisou os processos de repetição lexical em textos falados e escritos de estudantes do Rio de Janeiro (Oliveira, 1996).

Dentro do funcionalismo norte-americano de orientação givoniana, outros membros da equipe concluíram e publicaram um estudo sobre a abordagem funcional da gramaticalização no português do Brasil, com foco nos operadores e no encaixamento de cláusulas (Martelotta, Votre & Cezário, 1996). Os mesmos autores se voltam agora para um estudo diacrônico dos processos de gramaticalização em operadores e encaixamento de cláusulas.

A orientação do projeto Discurso e Gramática foi levada a outro centro, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) por Maria Angélica Furtado da Cunha, que defendeu sua tese de doutorado sobre 'A passiva no discurso' na UFRJ (Cunha, 1989). O tema '*gramaticalização*' conduz um projeto em desenvolvimento que focaliza as estratégias de negação no português do Brasil.

2.4. Um grande projeto que abriga funcionalistas é Gramática do Português Falado (GPF), coordenado por Ataliba T. de Castilho e que abriga cerca de três dezenas de pesquisadores de todo o país, que produz análises do corpus do NURC desde 1990. Dentro desse projeto estão formados cinco grupos de trabalho, um deles (Sintaxe I), fazendo suas análises com integração dos componentes sintático, semântico e pragmático, dentro de uma das mais características lições de qualquer corrente funcionalista. Esse grupo foi coordenado até 1993 por Rodolfo Ilari e, a partir de então, vem sendo coordenado por Maria Helena de Moura Neves. A definição teórico-metodológica do grupo não esteve rigidamente assentada desde o início dos trabalhos, mas firmou-se mais solidamente com a definição de uma proposta teórica redigida em 1994 pela coordenadora da equipe (resumida e comentada,

posteriormente, em Neves, 1996h), elaborada a partir de uma reflexão sobre o produto de investigação do grupo já disponível para análise. Nessa proposta ficou claro que: a) embora parta dos itens da língua, de algum modo distribuídos em classes na tradição da gramática, a investigação se centra nos processos básicos de constituição do enunciado; b) a opção é por uma análise que privilegia as escolhas do falante sobre as determinações do sistema, sem, entretanto, ignorar estas últimas, já que, em última instância, busca regularidades.

Já no primeiro livro produzido dentro do Projeto GPF, o grupo Sintaxe I publicou um trabalho coletivo sobre a ordem dos advérbios na frase (Ilari et alii, 1990), que marcou, de certo modo, o rumo das investigações dentro da equipe. Por exemplo, na questão da posição que os advérbios ocupam na frase, o trabalho concluiu pela indicação de paradigmas que se definem funcionalmente e que correspondem a propriedades não só sintáticas como também semânticas. Tratou de posições preferenciais, de deslocamentos motivados por necessidades funcionais, e buscou explicações ligadas a razões de informatividade ou de interesse discursivo.

No prefácio do volume II da série *Gramática do Português Falado*, que organizou (Ilari, 1992a), o então coordenador da equipe Sintaxe I invocava Halliday, segundo o qual o advérbio é funcional no sistema da transitividade, do modo e do tema, o que determina relações inesperadas com o modo verbal e demais formas de modalização, com o aspecto verbal, com a dêixis, etc., sem prejuízo de uma integração na estrutura da sentença e do discurso.

Outro trabalho coletivo da equipe que marcou bastante a direção dos trabalhos foi o estudo dos pronomes pessoais (Ilari, Franchi, Neves e Possenti, 1996). A atenção se centra nos aspectos funcionais-semânticos e fornece um pano de fundo para a formulação adequada dos problemas mais gerais pertinentes à definição dos pronomes e ao papel que lhes é reservado no português falado. Assim diz o prefácio do livro: 'Muitos desses problemas residuais são tematizados, apontando-se assim várias direções possíveis de um aprofundamento necessário. Pela maneira como muitos deles são formulados, fica claro que afetam simultaneamente palavras de outras classes (demonstrativos, possessivos, indefinidos, etc.). O texto, assim, embora trate mais especificamente das categorias descritivas necessárias à análise dos pronomes pessoais, acaba por revelá-los como centrais na estratégia expositiva da gramática do português, além de fornecer pistas aproveitáveis na análise de outras classes' (Castilho e Basílio, 1996:13).

Individualmente, Rodolfo Ilari estudou os advérbios aspectuais (Ilari, 1992b) e os advérbios focalizadores (Ilari, 1992c), estudos publicados no volume que organizou (Ilari, 1992a). Em colaboração com Carlos Franchi, outro membro da equipe Sintaxe I, Ilari estudou, na linha de Knud Lambrecht em seus estudos sobre o francês não-standard, o sistema de clíticos em bielês, focalizando os deslocamentos pragmaticamente motivados de sintagmas nominais que ocorrem nesse tipo de dialeto (Ilari & Franchi, 1989).

Dentro do grupo Sintaxe I do Projeto GPF pesquisa o próprio coordenador do projeto, Ataliba T. de Castilho, que publicou no volume II do livro *Gramática do Português Falado* seu estudo sobre os advérbios modalizadores, feito em parceria com Célia Moraes-Castilho (Castilho e Moraes-Castilho, 1992).

Outro membro da equipe Sintaxe I é Roberto Camacho, que tem uma formação sociolinguística refletida nos seus trabalhos de orientação funcionalista. Um dos temas pesquisados foi a concordância verbal. Analisaram-se fatores linguísticos que determinam a concordância verbal numa amostra da variedade culta falada de São Paulo, mostrando-se que, além de ser uma regra variável, a concordância verbal é governada por condições de natureza funcional e estrutural (Camacho, 1993). Examinou-se também o efeito de condições estruturais e funcionais sobre a pluralização, mediante a interação das regras de concordância nominal e verbal (Camacho, 1995).

O papel do contexto social na teoria linguística foi pesquisado em Camacho (1994), onde se observa que a interação verbal tem sido relegada a um plano secundário na história recente da linguística, concluindo-se que o paradigma funcional representa uma alternativa relevante para a superação dessa questão metodológica.

Um dos temas centrais de investigação de Camacho tem sido a questão da estrutura argumental, dentro do tratamento que lhe dá a gramática funcional de Simon Dik, à qual o autor tem associado a teoria funcionalista da linha norte-americana. O estudo principal (Camacho, 1996b; versão reduzida em Camacho, 1996a), preparado dentro do Projeto GPF, mostra que, como as funções Sujeito e Objeto podem ser atribuídas a termos com diferentes funções semânticas, essa atribuição reorganiza a orientação básica inerente na predicação, conforme a perspectiva projetada pelo falante. O interesse específico do trabalho é salientar a produtividade dessa hipótese para a interpretação funcional das sentenças, enquanto procedimento de comunicação e interação social. Em andamento está a pesquisa sobre a

hierarquia de funções semânticas e a atribuição de funções sintáticas, que focaliza a acessibilidade de papéis semânticos na atribuição de papéis argumentais, centrando o foco nas construções marcadas, como demissão e promoção argumental, deslocamento e apagamento de constituintes, com especial atenção aos mecanismos de perspectivização. Ligados ao tema geral da estrutura argumental vista dentro da gramática funcional, desenvolvem-se diversos projetos de pesquisa que envolvem jovens pesquisadores.

Ainda dentro do projeto GPF, e com filiação teórico-metodológica da gramática funcional de Dik e da teoria funcional-cognitiva (especialmente E. Sweetser), Camacho fez um estudo das estruturas coordenadas aditivas, buscando fornecer uma classificação tipológica dos usos dessas conjunções, no nível da coordenação de termos e no nível da coordenação de orações. Esse estudo deve ser publicado no volume VII da série *Gramática do Português Falado*. Uma versão reduzida do estudo foi apresentada em Camacho (1997), onde se demonstra que o juntor aditivo é usado não só para estabelecer conjunção de conteúdos no nível estrutural, mas também para estabelecer relações epistêmicas e ilocucionárias no nível discursivo.

Em colaboração com Erotilde G. Pezatti, também membro da equipe Sintaxe I do Projeto GPF, Camacho estudou as subcategorias nominais contável e não-contável (Camacho & Pezatti, 1996). Analisaram-se as possibilidades gramaticais da subcategorização contável e não-contável dos nomes, concluindo-se que essa subcategoria não se esgota no nível lexical, mas apresenta correspondências entre a base cognitiva, ontológica, e o nível do significado relacional, em virtude da organização morfossintática.

Outros trabalhos foram preparados em colaboração pelos dois pesquisadores. Aguardam publicação três artigos que estudam a ordenação dos constituintes na sentença e que se inspiram na tese de doutorado de E. Pezatti, defendida em 1992 na Unesp de Araraquara (Pezatti, 1992). Com filiação teórico-metodológica da gramática funcional de Dik e do funcionalismo americano (principalmente Chafe, Du Bois, De Lancey, Hopper e Thompson), a tese trata das duas ordens de palavras predominantes no português oral do Brasil, SV(O) e VS, procurando descrever os aspectos gramaticais e discursivos de cada uma delas. Derivados da tese, outros trabalhos de Pezatti focalizam determinados aspectos da questão: as construções com verbo ser utilizadas para finalizar tópicos ou subtópicos discursivos (Pezatti, 1993); a relação entre as duas ordens predominantes no português, SV(O) e VS, e os padrões tipológicos nominativo e ergativo, respectivamente (Pezatti, 1994a; 1996b); a

função discursiva das estruturas SV(O) e VS na progressão do discurso (Pezatti, 1994b); o predomínio de diferentes estruturas com diferentes tipos de verbos (Pezatti, 1994c); o valor funcional das duas ordens de palavras naturais do português falado, SV(O) e VS (Pezatti, 1994d).

Aspectos ligados à estrutura argumental também têm sido estudados por Pezatti: a distribuição dos SNs em sentenças do português falado do Brasil, de acordo com a estrutura de argumento preferida proposta por Du Bois (Pezatti, 1996a); a consideração do fluxo de informação em relação com a *estrutura argumental preferida* no português falado do Brasil (Pezatti, 1996c). As determinações do fluxo de atenção sobre a estrutura da sentença são estudadas em Pezatti (1995), que trata das estruturas que apresentam o verbo em posição inicial e cujo argumento 1 não representa o ponto de partida do fluxo de atenção e nem o ponto de vista lingüístico. O estudo dos constituintes pragmáticos da sentença (tema, antitema, tópico, foco) tem sido objeto de pesquisa em nível de jovens pesquisadores, bem como o comportamento das frases inarticuladas no português (interjeição, rese e dirrema), que também constitui tema de projeto individual de pesquisa, com vistas a determinar a real função dessas frases na estruturação do discurso. Um estudo que relaciona tipos de textos com relevo discursivo (Pezatti, 1996d), trata a relação figura/fundo em textos narrativos, descritivos e dissertativos.

Pezatti também tem estudado, dentro do Projeto GPF, algumas estruturas coordenadas, com base na gramática funcional de Dik, ligada ao funcionalismo cognitivista. O estudo sobre as alternativas está em vias de publicação no volume VII da série *Gramática do Português Falado*, mas já existe uma versão reduzida publicada (Pezatti, 1997), na qual se demonstra que, além de juntores de estados-de-coisa, essas conjunções são usadas como meio de ligar inferências e atos de fala, e também como meio de modalização e retificação discursiva. Concluiu-se também um estudo sobre a repetição por meio do juntivo ou, que procura demonstrar que a disjunção é uma forma de repetição que pode ser vista sob três diferentes aspectos: como repetição estrutural, como forma de marcar a disjunção exclusiva e como meio de marcar a retificação discursiva.

As conjunções de valor adverbial têm merecido estudo, dentro do Projeto GPF, de Maria Helena de Moura Neves (além de M. L. Braga, que, como se apontou, estudou as construções temporais). Estudou-se, numa linha que integrou o funcionalismo europeu e o norte-americano (Halliday, Dik, Givón, Sweetser, Haiman, König, Heine, Traugott, Hopper, Mathiessen e Thompson),

o bloco das construções lato sensu condicionais, ou, o que é o mesmo, lato sensu causais. Encontram-se no prelo, no volume VII da série *Gramática do Português Falado*, três estudos, um sobre as construções causais, outro sobre as condicionais e outro sobre as concessivas. A tônica dos estudos é a consideração de que essas relações inter-sentenciais refletem relações discursivas mais amplas, que configuram o todo do texto. Estão sendo publicados vários outros trabalhos derivados desse tema: estudo sobre a natureza das predicções em orações articuladas, em que, a partir da concepção funcionalista da interação verbal, investiga-se a articulação de orações enquanto resultado de escolhas comunicativamente adequadas, com atenção especial para a natureza das predicções postas em interdependência; estudo sobre a gramaticalização e a articulação de orações, em que se examina o conceito de gramaticalização, buscando-se avaliar, especialmente, o estatuto - mais gramatical ou menos gramatical - de determinados elementos conjuntivos oracionais, dentro do quadro da gramática da língua; estudo sobre a articulação de orações vista para além da sintaxe e da semântica, em que, dentro de um modelo de interação verbal funcionalista, e considerando-se a noção de signo ligada ao esquema perceptivo de contraste entre figura e fundo, examina-se a construção de sentido obtida nos diferentes arranjos lineares das construções adverbiais, na língua falada; estudo sobre os padrões de repetição na articulação de orações, que conclui pela indicação de que, apesar das diferenças entre os conjuntos que se formam, os padrões de repetição de todas as construções adverbiais examinadas se resolvem muito determinadamente dentro da articulação tema-remata. A determinação textual da conjunção interfrasal já fora objeto de estudo na década de 80, em tese de livre-docência defendida na Unesp de Araraquara (Neves, 1984).

Outros estudos de orientação funcionalista (especialmente na linha de Halliday e na de Dik) desenvolvidos no âmbito do Projeto Gramática do Português Falado se centraram no funcionamento de outras classes de palavras. Além do estudo genérico e básico dos pronomes pessoais (Ilari, Franchi, Neves e Possenti, 1996) constituiu objeto de análise a função interacional de marcação de papéis discursivos, investigando-se, dentro dela, a alternância de pronomes, especialmente na indeterminação de referência (Neves, 1992b; 1993a). Analisou-se, ainda, a expressão ou a não-expressão do pronome sujeito de primeira pessoa em português, concluindo-se que, na maior parte das vezes, não há determinações rígidas de emprego, caracterizando-se apenas a existência de construções preferenciais condicionadas por fatores prosódicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos (Neves, 1995a). Outra classe estudada foram os advérbios circunstanciais

(Neves, 1992a), avaliados quanto ao caráter dêitico da categoria. Depreenderam-se dois subconjuntos, um em que, no próprio advérbio se faz a expressão fórica, e outro em que a um advérbio que expressa as relações semânticas de lugar e de tempo, se segue um complemento que manifesta o caráter fórico do sintagma. Mais uma classe de palavras estudada foi a dos possessivos (Neves, 1993b), examinados sob os pontos de vista distribucional, sintático-semântico (relações argumentais), e, especialmente, discursivo-textual (relações fóricas). Também se investigou a classe dos nomes, especialmente quanto à estrutura argumental (Neves, 1996f). O estudo buscou verificar o emprego dos nomes valenciais da língua, concluindo-se pela verificação de que a predicação nominal, que a princípio é equacionada dentro do sintagma nominal, sob pressão das condições de produção do enunciado, se resolve, muitas vezes, noutra nível. Dentro da classe dos verbos, estudaram-se, com base em pressupostos funcionalistas (Halliday, Dik, Mackenzie, Du Bois, Hopper e Thompson), os verbos-suporte (Neves, 1996g), para verificar as razões da opção do falante por essas construções, em detrimento de construções com verbo pleno, semanticamente correspondentes. Investigaram-se, ainda, as construções modalizadas (Neves, 1996b), outro estudo que, calcado em base funcionalista, (Halliday, Dik, Hengeveld, Mackenzie, Nuyts, Goosens) procurou integrar sintaxe, semântica e pragmática, considerando as camadas de constituição do enunciado, que se assentam na própria relação entre determinados predicados e determinados argumentos, mas que superpõem operações de diferentes níveis até chegar à elocução, em que a relação direta é com a intenção comunicativa.

Independentemente desse projeto coletivo, Neves estudou, na mesma linha, essas e outras classes de palavras. As palavras fóricas (alguns pronomes e o artigo definido) foram estudadas na perspectiva da lingüística do texto e sob uma consideração funcionalista da linguagem, procurando-se definir o seu estatuto e chegar a especificações e subespecificações (Neves, 1990c). As conjunções coordenativas foram estudadas com o objetivo de chamar a atenção para a necessidade de se buscar o valor de um determinado elemento na estruturação do texto, tomado como unidade, e de se proporem critérios para a organização desses elementos em classes dentro do sistema da língua (Neves, 1991c). As palavras gramaticais em geral (Neves; 1991a; 1991d) e as palavras de relação (Neves et alii, 1993) foram estudadas evidenciando a necessidade da descrição do comportamento das diferentes classes gramaticais segundo a funcionalidade de seu emprego nos diferentes níveis em que atuam. Os substantivos comuns mereceram um estudo (Neves, 1996c) que mostra que o estatuto categorial e relacional do nome constitui o suporte para o

cumprimento do complexo de funções que essa parte do discurso assume no texto. Outra classe investigada foi a dos verbos de ligação (Pinto & Neves, 1994).

A orientação funcionalista está presente na *Gramática de Usos do Português*, que Neves prepara, com auxílio de bolsistas de Aperfeiçoamento e de Iniciação Científica, em projeto integrado sediado na Unesp de Araraquara e financiado pelo CNPq e pela FAPESP. As bases teóricas que dirigem o trabalho bem como os princípios gerais do funcionalismo têm sido expostos em apresentações e em publicações (Neves, 1994a; 1994b; 1995b; 1996a; 1996e; 1997a). Diversas teses de mestrado e de doutorado têm sido, também, orientadas segundo esses princípios (Souza, 1989; 1996; Elias, 1994; Dall'Aglio, 1995; Fargoni, 1995; Brito, 1996; Lonardoni, 1996; Zamproneu, 1998; Antonio, 1998).

As mesmas bases têm sido expostas para explicitar os procedimentos que norteiam o *Dicionário de Usos do Português*, em elaboração por uma equipe coordenada por Francisco da Silva Borba na Unesp de Araraquara, à qual pertence Neves (Neves, 1990a; Neves & Borba, 1989a; 1989b; 1993; Borba & Neves, 1996). Em contraposição à tradição lexicográfica que preside aos dicionários das línguas, discute-se, em particular, a vantagem de dicionários que definam os itens lexicais e gramaticais com recurso às possibilidades construcionais para determinação do significado (Neves, 1997c).

A linha funcionalista, especialmente a consideração das funções da linguagem, governa, ainda, as investigações relativas ao ensino da gramática, e as propostas que, nesse sentido, vêm sendo feitas por Neves (1990b; 1993c). Defende-se a necessidade de determinação do valor das palavras a partir de uma análise que leve em consideração a possibilidade de o próprio estatuto sintático de algumas classes ser apreendido desse estudo (Neves, 1991b). Entre outras questões relativas ao ensino da gramática, discute-se a natureza da gramática ensinada nas escolas, defendendo-se que o funcionamento das classes de palavras seja observado no seu funcionamento no discurso, já que o texto é a unidade na qual se manifesta o complexo das funções que a língua exerce por meio da combinação das unidades menores (Neves, 1996d).

Em *A Gramática Funcional*, Neves (1997b) apresenta a gramática funcional como uma gramática de uso. É uma gramática que busca, essencialmente, verificar como se processa a comunicação em uma determinada língua, e, para isso, não assume como tarefa descrever a língua enquanto

sistema autônomo, e, portanto, não desvincula as peças desse sistema das funções que elas preenchem. Vê a relação entre estrutura e função como algo instável, que reflete o caráter dinâmico da linguagem. Considera que, na produção dos enunciados, forças internas (fonológicas, sintáticas e semânticas) e forças externas interagem, entrando em competição. Desse modo, não abstrai de sua análise o contexto global do discurso, e é dentro dele que procura correlacionar forma e sentido. Está no prelo, ainda, um número especial da revista *Alfa* (volume 42) organizado por M. H. M. Neves, M. L. Braga e M. C. Paiva, que, sob o título *Estudos em gramática funcional*, reúne dez estudos de pesquisadores brasileiros, orientados nas diferentes vertentes do funcionalismo.

Dentro do Projeto GPF, outro grupo, o de Morfologia, coordenado por Ângela Cecília de Souza Rodrigues, também produziu trabalhos que tiveram base funcionalista (Campos, Rodrigues & Galembeck, 1996; Rodrigues, Campos, Galembeck & Travaglia, 1996). Ambos os trabalhos investigaram a questão da perfectividade e da imperfectividade. O primeiro, que considerou o nível da frase, recorreu a Halliday e Givón, na explicitação de suas bases. O segundo, que se desenvolveu na dimensão textual-discursiva, levou em conta os parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson e a proposta de Hopper da consideração de primeiro e de segundo plano no discurso.

2.5. O funcionalismo cognitivista tem um centro de investigação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde se desenvolve o projeto integrado 'Espaços mentais e a gramaticalização das representações espaço-temporais em português', coordenado por Maria Margarida Martins Salomão (UFJF), ao qual se vinculam Lilian Vieira Ferrari (UFJF), Maria Lúcia Leitão de Almeida (UFRJ) e Valéria Coutinho Chiavegatto (Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ). Esse projeto foi proposto em continuação a outro projeto integrado, concluído em 1995, denominado 'A gramaticalização das representações espaço-temporais em português'.

Com filiação teórica na lingüística cognitiva de Lakoff, Langacker e Sweetser, Margarida Salomão estudou as perífrases aspectuais construídas com o gerúndio, demonstrando a operatividade de esquemas imagéticos na representação da noção de tempo. Outro estudo teve como objeto as representações espaciais e temporais em português, focalizando os vários fenômenos sintáticos envolvidos, sob a luz da hipótese da motivação funcional-cognitiva da gramática. Ambos os estudos aguardam publicação em Anais de Encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras

e Lingüística - Anpoll. Atualmente prossegue a investigação da gramática do aspecto como operadora sobre espaços mentais, estudando-se a motivação semântico-imagética das perífrases aspectuais, do ponto de vista da representação do fenômeno de deslocamento das relações figura/fundo, e de uma perspectiva discursiva. O modelo teórico funcional-cognitivista recorre, ainda, a Fauconnier, Gumperz, Levinson.

Ferrari publicou, como resultado de pesquisas ligadas ao primeiro projeto integrado, um estudo sobre variações e cognição, no caso das preposições locativas 'em' e 'ni' no português do Brasil (Ferrari, 1997). Em colaboração com Chiavegatto, Ferrari estudou também os aspectos polissêmicos sincrônicos das construções gerundiais, como reflexos de processos figurativos que se estabelecem na trajetória diacrônica (Ferrari & Chiavegatto, 1997), trabalho que investiga as pressões do uso e das motivações conceptuais na estruturação da gramática. Está em desenvolvimento um estudo sobre aspectos lingüístico-cognitivos das construções gerundiais e participiais em português.

Dentro do projeto integrado da equipe, Almeida concluiu um estudo sincrônico e diacrônico que buscou captar regularidades nas formações das redes polissêmicas e usos das classes, dedicando-se especificamente às classes de preposições, advérbios e conjunções. A tese de doutorado de Almeida, que descreve e analisa os processos lingüísticos de indeterminação do sujeito, com definições do núcleo prototípico, tem orientação teórica do funcionalismo givoniano (Almeida, 1992). Atualmente Almeida desenvolve uma pesquisa sobre o caso dos 'hedges', dentro do tema geral '*gramaticalização e espaços mentais*', analisando dados do NURC.

Vinculam-se à orientação dos projetos que se desenvolvem nesse centro as dissertações de Mestrado de Maria Cristina W. Tavella (Tavella, 1997) e de Terezinha B. Santos, (Santos, 1997).

2.6. Também têm base funcionalista com orientação cognitivista (de Chafe, Givón, Langacker, Fauconnier, Lakoff) estudos desenvolvidos por outra equipe de Minas Gerais, sediada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e composta por Mário Perini, Yara G. Liberato, Maria Elizabeth Fonseca Saraiva e Lúcia Fulgêncio. Está em andamento uma pesquisa que analisa aspectos da composição do sintagma nominal, com base nos mecanismos cognitivos envolvidos no seu processamento, e discute bases para classificação de palavras. Nesse estudo, descreve-se a estrutura interna do sintagma nominal

em português, com especial atenção à ordem dos termos. O sintagma nominal já foi objeto de estudo por alguns elementos da equipe: (Perini, Frania, Bessa Neto & Fulgêncio, 1996).

A abordagem cognitiva do sintagma nominal em português foi o tema da tese de doutorado de Liberato, defendida na UFMG (Liberato, 1997). Saraiva realizou um estudo em que analisou o comportamento sintático e semântico-pragmático do objeto incorporado no português (Saraiva, 1992a), numa linha teórica que tem base no funcionalismo norte-americano (Givón, Hopper, Thompson, Du Bois, Chafe, Lakoff, Johnson, Haiman). Na mesma linha, foi estudado o posvérbio em português (Saraiva, 1992b), analisando-se as diferenças semântico-pragmáticas entre estruturas com posvérbio e estruturas sem esse elemento, utilizando-se, especialmente, a teoria da prototipicidade e o princípio da iconicidade.

2.7. Ainda na UFMG, dentro de um projeto que, sob orientação de Eunice Pontes, estudou, durante longo tempo, o português coloquial contemporâneo, Vanda de Oliveira Bittencourt preparou vários trabalhos sobre a expressão da causatividade em português: com base em Haiman e Givón, verificou o estatuto semântico e sintático das construções causativas sintéticas que vêm proliferando no português brasileiro (Bittencourt, 1984); com base em Hopper, Thompson, Lakoff e Johnson, examinou o grau de transitividade de estruturas que têm como predicado verbos intransitivos ergativos (Bittencourt, 1987), bem como os traços de transitividade comuns às construções de tópico cristalizado e às causativas sintéticas (Bittencourt, 1989). Bittencourt defendeu, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sua tese de doutorado dentro do mesmo tema geral da expressão da causatividade no português brasileiro (Bittencourt, 1995), estendendo-o, porém, para a dimensão diacrônica. Atualmente estuda, com base nas propostas funcionalistas de Givón, Halliday, Haiman e Borkin, mudanças sintáticas no português do Brasil, e - como parte de um projeto orientado por Ângela Vaz Leão que examina a linguagem das *Cantigas de Santa Maria* - investiga aspectos semânticos e sintáticos da língua galego-portuguesa utilizada por D. Afonso.

2.8. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo concluiu-se, em 1994, o projeto integrado 'Comunicação para fins profissionais para um desempenho mais eficiente nas relações de trabalho', financiado pelo CNPq, pela Fapesp e pela Capes-British Council. Dentro dele, Heloísa Collins desenvolveu diversas pesquisas de base funcional sistêmica. De orientação funcional pertinente à teoria dos gêneros de Swales são trabalhos sobre os

gêneros lingüísticos, sobre a estrutura de eventos comunicativos e sobre fatores textuais de compreensão oral (Collins, 1993; 1994a; 1995). Numa orientação funcional pertinente ao estudo do tópico, analisou-se a linguagem das reuniões de negócios (Collins & Scott, 1997). Mais especificamente ligados à teoria sistêmico-funcional de Halliday e de Hasan são estudos que investigam apresentações orais, especialmente quanto à modalidade e ao sistema de papéis (Collins, 1994b; Collins & Thompson, 1996). De orientação pragmática é um estudo que, investigando as ameaças à face, estuda a questão da polidez em apresentações orais (Thompson & Collins 1995). A investigação funcional-sistêmica e a análise de gêneros orientam uma obra coletiva que faz análise do discurso (Collins, 1991). Outra obra coletiva orienta-se pela análise crítica do discurso de Halliday e de Kress, além da linha funcional-sistêmica (Collins & Caldas-Coulthard, 1994). Todas essas publicações pretendem contribuir para uma melhor compreensão da comunicação no contexto profissional não-acadêmico, especialmente o dos negócios.

Collins tem em curso um projeto de pesquisa que objetiva observar o processo de escolhas lingüísticas em contexto de comunicação escrita, em inglês como língua estrangeira. A análise e a interpretação dos resultados devem ser conduzidas dentro de uma perspectiva sistêmico-funcional da linguagem.

3. Pesquisas avulsas

Sem vinculação a projetos coletivos, têm-se produzido estudos especialmente na linha norte-americana de investigação funcionalista.

3.1. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mônica Maria Rio Nobre estudou a posição do adjetivo no sintagma nominal na fala do Rio de Janeiro, dentro de uma abordagem sintático-funcional. Atualmente Nobre estuda, segundo o funcionalismo cognitivista, a função adjetiva em sintagmas preposicionados com *de*.

3.2. Rosália Dutra, sem vinculação com universidade brasileira e residindo nos Estados Unidos, vem realizando há algum tempo estudos com interesse especial nas questões de gramática e discurso. Foi a propósito desse assunto que Dutra entrevistou Sandra Thompson (Dutra, 1993). Sobre a questão de estrutura argumental preferida, Dutra publicou um artigo que vem sendo bastante citado nos estudos sobre o tema (Dutra, 1987), além de ter concluído uma monografia na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara (Dutra, 1995).

Nos anos 80, Dutra realizou outros estudos monográficos sobre o português brasileiro, em universidades norte-americanas, com temas como: o papel do oblíquo no estabelecimento da tematicidade no discurso oral (Dutra, 1983); as passivas no discurso escrito (Dutra, 1985); a motivação discursiva dos sujeitos 'pospostos' (Dutra, 1986). Outros trabalhos foram apresentados em eventos, nos anos 90, como, por exemplo, um que estudou a relação entre estrutura e entoação (a repetição oracional como elemento de coesão) e um que estudou as categorias do fluxo informacional.

3.3. Na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Maria Beatriz N. Decat vem pesquisando, com a orientação funcionalista de Halliday e de Sandra Thompson, a hipotaxe adverbial. Sua tese de doutorado (Decat, 1993) analisou a articulação de cláusulas adverbiais em discursos orais e escritos dos gêneros narrativo e dissertativo. Parte desse trabalho foi publicada (Decat, 1995). Uma interface funcional-discursiva com a abordagem formalista-gerativista na questão da hipotaxe adverbial, manifestada no discurso falado, foi investigada em pesquisa não publicada, concluída em 1996. Atualmente, Decat estuda a articulação de cláusulas adverbiais e a produção de sentido vinculada aos usos e escolhas, dentro de um projeto maior, denominado 'Síntaxe e leitura, estudo dos mecanismos de articulação de cláusulas e seu envolvimento na produção de sentido'.

Na mesma universidade, Juliana Alves Assis concluiu sua dissertação de Mestrado sobre as funções do artigo (artigo definido, artigo indefinido e artigo zero) no discurso (Assis, 1995). Ela analisou o português culto falado de Belo Horizonte, considerando-se, sobretudo, o papel do ouvinte na organização da fala.

3.4. Rosane de Andrade Berlinck, da Universidade Estadual Paulista / Araraquara, é autora de uma tese de doutorado de orientação variacionista e funcionalista (Givón, Du Bois, Chafe, Ariel) defendida na Katolieke Universiteit Leuven, Bélgica, que analisa a ordem dos constituintes em corpora do português brasileiro e do português europeu em três momentos históricos - séculos XVIII, XIX e XX (Berlinck, 1995). Além da consideração do aspecto diacrônico, que indicou um processo de diferenciação entre as duas variedades do português, puderam depreender-se propriedades gerais, comuns tanto ao português brasileiro quanto ao português europeu, que confirmaram a significância do '*status informacional*' dos constituintes na organização linear da sentença. No nível do discurso, a análise confirmou uma idéia geralmente aceita, a de que sujeitos com graus baixos de acessibilidade tendem a aparecer

depois do verbo com mais freqüência que os sintagmas nominais comparativamente mais acessíveis. A ordem de constituintes já constituía tema da dissertação de Mestrado defendida na Unicamp (Berlinck, 1988), que, numa acepção ampla, já se orientava por uma visão funcionalista, optando por investigar a língua em uso, com ênfase em seus aspectos variáveis. Examinaram-se, especialmente, as condições que regiam e que regem a posposição do sujeito no português brasileiro, por meio de uma investigação empírica fundada nos princípios e na metodologia da Teoria da Variação e da Mudança Lingüísticas. Uma versão parcial do estudo foi publicada (Berlinck, 1989). O interesse pela ordem de constituintes na sentença levou à avaliação do fenômeno não apenas em seus aspectos morfossintáticos, mas também discursivos, entre eles o status informacional do sintagma nominal-sujeito. Esse interesse pela ordem dos constituintes continua no trabalho atual de Berlinck, com foco numa avaliação da viabilidade de extensão do princípio de graus de acessibilidade à organização de outros tipos de comentário, que não incluam sujeitos pospostos. Outras investigações em andamento dizem respeito à questão do objeto indireto no português falado e escrito do Brasil e à questão da variação sintática na literatura dramática do português do Brasil do século XIX. Na pesquisa deste último tema, Berlinck se associa com outros pesquisadores do país num projeto cujos objetivos principais são, além de obter resultados relativos à variação propriamente dita, avaliar a própria utilização do tipo de material em questão como fonte de dados para a análise lingüística.

3.5. Também da UNESP/Araraquara é Antonio Suarez Abreu, que, na linha de Dik, desenvolve pesquisa sobre processos morfológicos e sintáticos determinados por situações de comunicação. Em colaboração com outros pesquisadores, ele prepara uma gramática pedagógica da língua portuguesa.

3.6. Marize Dall'Aglio Hattner, da Unesp/São José do Rio Preto, a partir de sua tese de Doutorado, defendida na Unesp/Araraquara (Dall'Aglio, 1995), vem estudando a modalização sobre bases funcionalistas. Mostrou algumas possibilidades de tratamento das modalidades dentro de modelos funcionalistas de estrutura frasal que consideram a organização simultânea da sentença como mensagem e como evento de interação (Dall'Aglio-Hattner, 1996). Considerando as funções representacional e interpessoal da linguagem, segundo Hengeveld, analisou os mecanismos segmentais de expressão da modalidade epistêmica, sustentando a hipótese de que o grau de comprometimento do falante pode ser avaliado em correspondência com o nível da organização estrutural da frase em que o modalizador atua (Dall'Aglio-

Hattner, 1997b). De acordo com o modelo funcionalista de descrição dos enunciados proposto por Hengeveld e Dik, analisou o papel que a força ilocucionária, os constituintes extrafrasais e a organização transfrástica desempenham na atenuação ou reforço dos valores de certeza ou possibilidade expressos pela modalidade epistêmica e na construção do efeito comunicativo de (des)comprometimento do falante (Dall'Aglio-Hattner, 1997a).

4. Considerações finais

Os estudos funcionalistas no Brasil tiveram significativo incremento na última década, tanto assentados em modelos altamente sedimentados e desenvolvidos da Europa (Martinet, Coseriu, Halliday, Dik e seguidores) e dos Estados Unidos (Givón, Chafe), quanto inspirados em uma grande variedade de trabalhos norte-americanos, como os de Thompson, Hopper, Haiman, Traugott, Heine, König, Sweetser, Du Bois, e em pesquisas de orientação cognitivista, como as de Langacker, Fauconnier e Lakoff.

Em alguns casos associada a pressupostos sociolingüísticos, especialmente a Teoria da Variação e Mudança, a orientação funcionalista conduziu, nos últimos anos, um sem número de pesquisas, muitas delas interligadas em propostas conjuntas, preparadas por grupos constituídos. Uma relação de trabalhos publicados está apresentada na bibliografia acrescentada a este texto, e muitos outros vêm sendo apresentados à comunidade e discutidos, devendo, proximamente, engrossar o conjunto das pesquisas produzidas, no Brasil, na linha funcionalista de investigação da linguagem.

Pela dificuldade na obtenção de dados, apesar de todo o esforço empreendido, muitas pesquisas podem ter ficado fora deste inventário, e alguns notáveis pesquisadores não tiveram no texto o destaque que mereciam, mas o que aqui se apresenta - acredito - constitui uma amostra razoável do estado de desenvolvimento dos estudos funcionalistas no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. L. L. (1992) A indeterminação do sujeito em língua falada. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- ANTÔNIO, J. D. (1998) O fluxo de informação em textos do português. Tese de Mestrado. Araraquara: Unesp.
- ASSIS, J. A. (1995) Lugar do artigo no discurso: considerações sobre o uso do

- artigo no português culto falado em Belo Horizonte. Tese de Mestrado. Belo Horizonte: PUC.
- BECHARA, E. (1954) Estudos sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português. Tese de Cátedra. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II.
- BECHARA, E. (1991) Gramática funcional: naturezas, funções e tarefas. In: M. H. M. NEVES (org.) *Descrição do português II*. Publicação do curso de Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Ano V. n.º 1: 1-97, Araraquara: Unesp.
- BERLINCK, R. A. (1988) A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia. Tese de Mestrado. Campinas: Unicamp.
- _____ (1989) A construção V SN no português do Brasil - um estudo diacrônico sobre o fenômeno da ordem. In: F. TARALLO (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes: 95-112.
- _____ (1995) La position du sujet en portugais. Étude diachronique des variétés brésilienne et européenne. Thèse de Doctorat. Leuven: Katholieke Universiteit.
- BITTENCOURT, V. O. (1984) Sobre as estruturas causativas sintéticas no português. In: *Cadernos de Lingüística e Literatura*, 11: 98-117.
- _____ (1987) A questão da transitividade das estruturas causativas sintéticas no português. In: *Letras e Letras*, 2: 169-182.
- _____ (1989) Aspectos da transitivação no português: as estruturas de tópico cristalizado e as causativas sintéticas. In: *Estudos Lingüísticos*, XVII. São Paulo: USP: 313-323.
- _____ (1995) Da expressão da causatividade no português do Brasil: uma viagem no túnel do tempo. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC.
- BORBA, F. S. & M. H. M. NEVES (1996) A montagem de um dicionário de usos do português. In: *Actas del XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filología Románicas*: 561-567. La Coruña: Fundación 'Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa'.
- BRAGA, M. L. (1987) Esta dupla manifestação de sujeito, ela é condicionada lingüisticamente. In: *Estudos Lingüísticos*, XIV: 106-115.
- _____ (1989a) Discourse Functions of Cleft Sentences in Spoken Brazilian Portuguese. In: *IV Pacific Linguistics Conference*. Eugene, Oregon.
- _____ (1989b) Discurso e abordagens quantitativas. In: F. TARALLO (org.) *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Editora Pontes.
- _____ (1990) Articulações de orações. In: *Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL*. Campinas: Unicamp.
- _____ (1991) As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro. In: *Organon*, 18 (5): 109-125.

- _____ (1992a) Os condicionamentos discursivos. In: M. C. M. MOLLIKA (org.) *Introdução à teoria variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- _____ (1992b) Tópico e ordem vocabular. In: D. MACEDO e D. KOIKE. (eds.) *Romance linguistics. The Portuguese Context*. Westport: Bergin & Garvey.
- _____ (1995a) A informação, seu fluxo e as sentenças clivadas. In: J. HEYE (org.) *Flores verbais*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____ (1995b) As orações de tempo no discurso oral. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 28: 85-97.
- _____ (1996) Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. In: I. V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp: 231-251.
- BRAGA, M. L. & G. M. O SILVA (1992) As sentenças clivadas e a articulação de orações. In: *Estudos Lingüísticos*, XXI: 175-181.
- BRAGA, M. L. & N. P. OMENA (1997) A gente está se desgramaticalizando? In: A. T. MACEDO, C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro.
- BRAGA, M. L. & P. BENTIVOGLIO (1988) Espanhol, português e ordem de palavras. In: *D.E.L.T.A.*, 4 (2): 164-182.
- BRITO, C. M. C. (1996) A transitividade verbal na língua portuguesa: uma investigação de base funcionalista. Tese de Doutorado. Araraquara: Unesp.
- CAMACHO, R. G. (1993) Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. In: *Alfa*, 37: 101-116.
- _____ (1994) O papel do contexto social na teoria lingüística. In: *Alfa*, 38: 19-36.
- _____ (1995) Concordância verbal: condições formais e funcionais. In: *Estudos Lingüísticos*, XXIV, 273-279.
- _____ (1996a) Estrutura argumental e ponto de vista. In: *Estudos lingüísticos*, XXV: 392-399.
- _____ (1996b) O papel da estrutura argumental na variação de perspectiva. In: I. G. V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp: 253-274.
- _____ (1997) Usos discursivos da conjunção aditiva. In: *Estudos lingüísticos*, XXVI: 246-253.
- CAMACHO, R. G. & E. G. PEZATTI (1996) As subcategorias nominais contável e não-contável. In: M. A. KATO (org.) *Gramática do Português Falado V: Convergências*. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp: 155-183.
- CAMPOS, O. G. L. A. S.; A. C. S. RODRIGUES & P. T. GALEMBECK (1996) A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. In: A. T. CASTILHO & M. BASÍLIO (orgs)

- Gramática do Português Falado* IV: Estudos descritivos. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp: 35-78.
- CASTILHO, A. T. (1967) A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português. Marília: FFCL (Coleção Estudos n.º 12).
- _____ (1968) Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. Marília: FFCL (Coleção Teses n.º 6)
- _____ (1978) A dimensão textual do verbo. In: *Estudos Lingüísticos*, II: 125-140.
- _____ (1983) Variedades conversacionais. In: *Boletim da Abralin*, 5: 40-53.
- _____ (1984) Ainda o aspecto verbal. In: *Estudos Portugueses e Africanos*, 4: 9-36.
- _____ (1987) O presente do indicativo na oração e no texto. In: *Actas del VII Congreso Internacional de Alfa*: 389-404. Santo Domingo: Universidad Nacional Pedro Henríquez Ureña.
- _____ (1989) Da análise da conversação para a análise gramatical. In: *Estudos Lingüísticos*, XVIII: 219-226.
- _____ (1993) Predicação Adverbial. São Paulo. Tese de Livre-docência. São Paulo: USP.
- _____ (1994a) Problemas de descrição da língua falada. In: *D.E.L.T.A.*, 10 (1): 47-71.
- _____ (1994b) Um ponto de vista funcional sobre a predicação. In: *Alfa*, 38: 75-96.
- _____ (1997a) A gramaticalização. In: *Estudos Lingüísticos e Literários*, 19: 25-64.
- _____ (1997b) Língua falada e gramaticalização. In: *Filologia e Lingüística Portuguesa*, 1: 107-120.
- CASTILHO, A. T. & C. M. MORAES DE CASTILHO (1992) Advérbios modalizadores. In: R. ILARI (org.) *Gramática do português falado* II: Níveis de Análise Lingüística. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp: 213-260.
- _____ (1993) Adjetivos predicativos. In: *Letras*, 5: 122-143.
- _____ (orgs.) (1996) *Gramática do Português Falado* IV: Estudos Descritivos. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp.
- COLLINS, H. (org.) (1991) In: *The Specialist*, 12. São Paulo, 189p.
- _____ (1993) Compreensão de filmes em língua estrangeira: um estudo baseado na análise de 'Genres'. In: *D.E.L.T.A.*, 9(2): 149-174.
- _____ (1994a) Language we Teach, Genres we Perform: A Mismatch in elt Planning and Development. In: *Claritas*, 1 (1): 21-29.
- _____ (1994b) Modal Profing in Oral Presentations. In: L. BARBARA e M. SCOTT (eds.) *Reflections on Language Learning*. Clevedon: Philadelphia: Multilingual Matters Ltd.: 214-229.
- _____ (1995) Estrutura dos eventos comunicativos. In: *The Specialist*, 15

- (1/2): 1-6.
- COLLINS, H. & C. R. CALDAS-COULTHARD (orgs.) (1994) In: *The Specialist*, 15, 200p.
- COLLINS, H. & M. SCOTT (1997) Lexical Landscaping in Brazilian and British Business Meetings. In: F. BARGIELLA and S. HARRIS (eds.) *The Language of Business: an International Perspective*. Edinburgh: Edinburgh Univ. Press.
- COLLINS, H. & S. THOMPSON (1996) Grammatical Aspects of Roles in Culturally Diverse Oral Presentations. In: *D.E.L.T.A.*, 12 (2): 281-306.
- CUNHA, M. A. F. (1989) A passiva no discurso. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- DALL'AGLIO, M. M. (1995) A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor. Tese de Doutorado. Araraquara: Unesp.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. (1996) Uma abordagem funcional da modalização. In: *Estudos Lingüísticos*, XXV: 459-65.
- _____ (1997a) A construção do (des)comprometimento do falante. In: *Estudos Lingüísticos*, XXVI: 261-268.
- _____ (1997b) Uma análise funcional da modalidade epistêmica. In: *Alfa*, 40: 151-173.
- DECAT, M. B. N. (1993) 'Leite com manga, morre!': da hipotaxe adverbial no português em uso. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC.
- _____ (1995) Relações adverbiais e gênero do discurso. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 28.
- DILLINGER, M. (1991) Forma e função na lingüística. In: *D.E.L.T.A.*, 7 (1):395-407.
- DUTRA, R. (1983) The Role of the Oblique in Establishing Thematicity in Brazilian Portuguese Spoken Discourse. Unpublished Monograph. Los Angeles: Linguistics Department, University of California.
- _____ (1985) A Study of Passives in Brazilian Portuguese Written Discourse. Unpublished Monograph. Los Angeles: Linguistics Department, University of California.
- _____ (1986) Discourse Motivation for 'Postposed' Subjects in Brazilian Portuguese. Unpublished monograph. Washington D.C.: School of Languages and Linguistics, Georgetown University.
- _____ (1987) The Hybrid S-Category in Brazilian Portuguese: some implications for word order. In: *Studies in Language*, 11 (1): 163-180.
- _____ (1993) O Discurso e a gramática. In: *D.E.L.T.A.*, 9 (2): 217-236.
- _____ (1995) Theoretical and Practical Issues in the Preferred Argument Structure of Brazilian Portuguese. Santa Barbara: Unpublished Monograph. University of California.

- ELIAS, R. M. P. (1994) A organização do texto: um estudo das relações produtor-produto. Tese de Doutorado. Araraquara: Unesp.
- FARGONI, A. M. S. L. (1995) A manifestação da oralidade na escrita: um estudo da crônica. Tese de Mestrado. Araraquara: Unesp.
- FERRARI, L. V. (1997) Variação e cognição: o caso das preposições locativas em e ni no português do Brasil. In: *Revista da ANPOLL*, 3.
- FERRARI, L. V. & V. CHIAVEGATTO (1997) A motivação conceptual da gramática. In: *Revista Matraca*, 8.
- GRYNER, H. (1995) Graus de vinculação nas cláusulas condicionais. In: I. G. V. KOCH & M. L. BRAGA (orgs) *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 28: 69-83.
- _____ (1996) Variação modal como estratégia argumentativa. In: A. T. MACEDO, C. RONCARATTI & M. C. MOLLIKA. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 113-127.
- HOYOS-ANDRADE, R. E. (1972) A sintaxe segundo Martinet. In: *Fafinforma*. Santos: FFCL de Santos: 4.
- _____ (1978) El vocalismo del español y del portugués: estudio contrastivo fonético-fonológico y implicaciones pedagógicas. In: *Lingua e Literatura*, 7: 369-380.
- _____ (1982a) Funcionalismo vs. Gerativismo: algumas reflexões de epistemologia lingüística. In: *Alfa*, 26: 25-331.
- _____ (1982b) Resenha de WALTER, H. (1982) *Enquête phonologique et variétés régionales du français*. Paris, PUF]. In: *Alfa*, 26: 95-97.
- _____ (1983a) Estado da lingüística segundo o funcionalismo. In: *Alfa* 27, 1-8.
- _____ (1983b) Visão funcionalista da gramática e ensaio de aplicação à língua portuguesa. Tese de Livre-Docência. Assis: Unesp.
- _____ (1984) Sílabas e função lingüística. In: *Estudos Lingüísticos*, IX: 225-229.
- _____ (1985) Resenha de SILVA, M. B. (1981) *Leitura, ortografia e fonologia*. São Paulo: Ática, 110p. In: *Linguagem*, 4/5/6: 131-133.
- _____ (1986a) A semântica funcional ou axiologia. In: *Estudos Lingüísticos*, XIII: 184-191.
- _____ (1986b) El generativismo: una lingüística biónica. Resenha de BERNAL LEONGOMEZ, J. (1982) *Elementos de gramática generativa*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 197p. In: *Folios de Artes y Humanidades*, 12: 83-100.
- _____ (1986c) Natureza semiológica das unidades sintáticas. In: *Estudos Lingüísticos*, XII: 185-191.
- _____ (1986d) Relatório do Grupo de Trabalho sobre funcionalismo. In: *Estudos Lingüísticos*, XIII: 193-195.
- _____ (1987a) Proposta de notação fonológica do português do Brasil. In:

- Alfa*, 31: 65-78.
- ____ (1987b) Visão funcionalista da gramática textual: realismo ou radicalismo. In: *Estudos Lingüísticos*, XIV: 270-277.
- ____ (1988a) Leitura, ortografia e fonologia: tréplica a Myrian Barbosa da Silva. In: *D.E.L.T.A.*, 4 (1): 115-120.
- ____ (1988b) O 'Alfonic' um pré-alfabeto que deu certo. In: *Alfa*, 32: 69-77.
- ____ (1990) Pressupostos de uma teoria lingüística. In: *Cadernos de Pesquisa*, 2: 109-119.
- ____ (1991a) Resenha de NEDJAR, B. (1988) *Grammaire fonctionnelle de l'arabe du Coran*. Karlsruhe (RFA). Bahamani Nedjar, 4 volumes, 1842 p. In: *Alfa*, 35: 199-203.
- ____ (1991b) Texto: perspectivas lingüísticas. In: *Anais do IV Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná*. Guarapuava: Universidade do Centro Oeste do Paraná: 109-111.
- ____ (1992) *Introducción a la Lingüística Funcional*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.
- ____ (1993) A sintaxe funcional. In: *Boletim do Departamento de Lingüística*, 1: 61-72. Assis: Unesp.
- ____ (1994a) Dois funcionalistas franceses em confronto. In: *Alfa*, 38: 97-107.
- ____ (1994b) Sistemas fonológicos, interferências e ensino de línguas. In *Uniletras*, 16: 5-18. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- ____ (1995) Resenha de MARTINET, A. (1989) *Fonction et dynamique des langues*. Paris: Armand Colin, 210p. In: *La linguistique*, 31 (2): 166-168.
- ILARI, R. (1986) *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Ed. Unicamp.
- ____ (org.) (1992a) *Gramática do Português Falado II: Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp.
- ____ (1992b) Sobre os advérbios aspectuais. In: R. ILARI (org.) *Gramática do Português Falado II: Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp: 151-192.
- ____ (1992c) Sobre os advérbios focalizadores. In: R. ILARI (org.) *Gramática do Português Falado II: Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP:193-212.
- ILARI, R. & C. FRANCHI (1989) Componente clítico e funções pragmáticas em bielês. In: XIX CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUISTICA E FILOGIA ROMÂNICAS (Actas Secção IV) Santiago de Compostela.
- ILARI, R. et alii (1990) Considerações sobre a posição dos advérbios. In: A. T. CASTILHO (org.) *Gramática do Português Falado I: A Ordem*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP:63-142.

- ILARI, R.; C. FRANCHI; M. H. M. NEVES & S. POSSENTI (1996) Os pronomes pessoais do português: roteiro para análise. In: A. T. CASTILHO & M. BASILIO. *Gramática do Português Falado IV: Estudos Descritivos*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP: 79-166.
- LIBERATO, Y. G. (1997) A estrutura do SN em português: uma abordagem cognitiva. Tese. (Doutorado). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.
- LONARDONI, M. (1996) No topo da notícia: de como a submanchete faz manchete. Tese. (Mestrado). Unesp, Araraquara.
- MARTELOTTA, M.; S. VOTRE & M. M. CEZÁRIO (1996) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- NARO, A. J. & S. VOTRE (1985) Inversão de sujeito na fala carioca. In: *Boletim da ABRALIN* (Associação Brasileira de Lingüística), 6: 89-196.
- _____ (1986) Discurso e ordem vocabular. In: *Anais do Quarto Encontro de Variação e Bilinguismo na Região Sul*, Porto Alegre.
- _____ (1992) Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. *D.E.L.T.A.*, 8: 285-290.
- _____ (1996) Mecanismos funcionais do uso da língua. In: A. T. MACEDO, C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 51-62.
- NASCIMENTO, M. (1990) Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, 6 (1): 83-98.
- NEVES, M. H. M. (1984) A coordenação interfrasal em português. Tese. (Livre-docência). Unesp, Araraquara.
- _____ (1990a) Dicionário de usos do português contemporâneo do Brasil. In: *Descrição do Português 1*. Araraquara: Unesp: 87-102.
- _____ (1990b) *Gramática na Escola*. São Paulo: Contexto.
- _____ (1990c) Palavras fóricas: Alguns pronomes e os artigos definidos. *Alfa*, 34: 85-100.
- _____ (1991a) As palavras gramaticais. In: *Descrição do Português 2*. Araraquara: Unesp: 37-52.
- _____ (1991b) O ensino da gramática. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 4. Lisboa: 43-52.
- _____ (1991c) O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do português. In: Actes XVIII CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOGIE ROMANES. Tübingen, Alemanha: 218-228.
- _____ (1991d) O que dizer sobre as palavras gramaticais aos usuários da língua. In: *Anais do V ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL*. Porto Alegre: 87-93.
- _____ (1992a) Advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: R. ILARI

- (org.) *Gramática do Português Falado*, II: Níveis de Análise Lingüística. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP:261-296.
- ____ (1992b) A função interacional dos pronomes pessoais. In: *Descrição do Português 3*. Araraquara: Unesp: 18-27.
- ____ (1993a) Gramática do português falado: os pronomes pessoais. In: *Anais do VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL*, v. 2- Lingüística). Goiânia: ANPOLL: 547-556.
- ____ (1993b) Possessivos. In: A. T. CASTILHO (org.) *Gramática do Português Falado III: As Abordagens*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP:149-211.
- ____ (1993c) Reflexões sobre o estudo da gramática nas escolas de primeiro e de segundo grau. *Alfa*, 37: 91-98.
- ____ (1994a) A gramática e o usuário. In: *Estudos Lingüísticos*, XXIII. São Paulo: CNPq: 07-17.
- ____ (1994b) Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, 38: 109-127.
- ____ (1995a) Expressão e elipse do pronome sujeito em português. In: *Estudos Lingüísticos*, XXIV. São Paulo: IEL/Unicamp:523-528.
- ____ (1995b) Teorias sintáticas e análises gramaticais. In: *Estudos Lingüísticos*, XLIII, v. 2. Ribeirão Preto: UNAERP:53-62.
- ____ (1996a) A gramática de usos é uma gramática funcional. In: Boletim da ABRALIN. São Paulo: PUC: 27-38.
- ____ (1996b) A modalidade. In: I. G. V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP:163-199.
- ____ (1996c) A tarefa de investigação das ocorrências de nomes comuns. In: *Actas do CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PORTUGUÊS*, v. 3. Lisboa: Portugal: APL: 259-274.
- ____ (1996d) Entrevista: 'O ensino da gramática'. *Linha d'água*, 10: 9-17. São Paulo.
- ____ (1996e) Entrevista: Uma gramática funcional. *Macunaíma*, 8: 6-7. Araraquara.
- ____ (1996f) Estudo da estrutura argumental dos nomes. In: M. A. KATO (org.) *Gramática do Português Falado V: Convergências*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP:119-154.
- ____ (1996g) Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: I. G. V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP: 201-229.
- ____ (1996h) Reflexões sobre a investigação gramatical: Projeto GPF-Grupo Sintaxe I. In: *Atas do I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA*. Salvador: ABRALIN-FINEP-UFBA: 421-426.
- ____ (1997a) A articulação de orações: reflexões de base funcionalista. In: BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA. Atas do I Congresso

- Nacional da ABRALIN. n.º 21: 271-281.
- ____ (1997b) *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- ____ (1997c) A prática lexicográfica: Onde ciência e arte se encontram. *Alfa*, 40: 129-139.
- NEVES, M. H. M. & F. S. BORBA (1989a) Dicionário de usos do português contemporâneo do Brasil. In: *Anais do IV ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL*. Recife: 442-449.
- ____ (1989b) Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil. In: *Actes XXIII CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES*. Tübingen-Alemanha: 499-502.
- ____ (1993) A gramática num dicionário de usos: o dicionário de usos do português do Brasil. In: *Anais XXe. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES (Tome IV, Section VI)*: 711-721.
- NEVES, M. H. M. et alii (1993) Gramática de usos do português: análise do uso de algumas palavras de relação. In: *Estudos Lingüísticos*, XL. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda: 321-333.
- OLIVEIRA, M. R. (1996) *Gramaticalização na repetição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- ____ (1994) Repetição em diálogos. Tese. (Doutorado). UFRJ, Rio de Janeiro.
- PAIVA, M. C. A. (1991) Ordenação das cláusulas causais: forma e função. Tese. (Doutorado). UFRJ, Rio de Janeiro.
- ____ (1993) Cláusulas causais adendos: uma variante de ordenação. *Revista de Estudos da Linguagem*, 2: 5-21.
- ____ (1995a) Cláusulas causais: iconicidade e funcionalidade. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 28: 1-97.
- ____ (1995b) Empregos do porque no discurso oral. *D.E.L.T.A.*, 11: 27-39.
- ____ (1996) Pressupostos semânticos e pragmáticos da relação de causalidade. In: A. T. MACEDO, C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 63-74.
- PAREDES SILVA, V. L. (1988) Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal. Tese (Doutorado). UFRJ, Rio de Janeiro.
- ____ (1995) A referência ao tópico em três versões de uma narrativa. *Palavra*, 3: 69-76.
- ____ (1996) Quando escrita e fala se aproximam: uso do pronome de terceira pessoa em cartas pessoais. In: A. MACEDO, C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e discurso*. Tempo Brasileiro: 85-95.
- PERINI, M.; S. FRANIA; R. BESSA NETO & L. FULGÊNCIO (1996) O sintagma nominal em português: estrutura, significado e função. *Revista de Estudos da Linguagem*, n.º esp.
- PEZATTI, E. G. (1992) A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos

- e funcionais. Tese. (Doutorado). Unesp, Araraquara.
- ____ (1993) A ordem VS com verbo ser: construções existenciais com função de coda. In: *Estudos Lingüísticos*, XXII. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda: 1062-69.
- ____ (1994a) A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado. *Alfa*, 38: 37-56.
- ____ (1994b) A ordem dos constituintes da oração na estruturação do discurso. *Confluência*, 3: 43-54.
- ____ (1994c) Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado. *Alfa*, 38: 37-56.
- ____ (1994d) Duas ordens naturais no português oral do Brasil. In: *Estudos Lingüísticos*, XXIII (2). São Paulo: CNPq: 1146-53.
- ____ (1995) A frase-comentário no português. In: *Estudos Lingüísticos*, 24, (2). São Paulo: 550-5.
- ____ (1996a) A estrutura argumental preferida do português. In: *Estudos Lingüísticos*, XXV. Taubaté: CNPq: 695-701.
- ____ (1996b) A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado. In: *Actas do X CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGIA DE LA AMERICA LATINA*. México: Universidade Nacional Autónoma de México: 267-273.
- ____ (1996c) Estrutura argumental e fluxo de informação. In: I. G. V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP: 275-99.
- ____ (1996d) Relevo discursivo e tipos de textos. *Letras & Letras*, 12 (1): 77-95.
- ____ (1997) A subjetividade na disjunção de orações. In: *Estudos Lingüísticos*, XXVI. Campinas: Unicamp: 254-60.
- PINTO, A. M. S. M. & M. H. M. NEVES (1994) Moldes proposicionais dos predicados estativos locativos em português e em alemão. In: *Estudos Lingüísticos*, XXIII. São Paulo: CNPq: 1162-1169.
- RODRIGUES, A. C. S.; O. G. L. A. S. CAMPOS; P. T. GALEMBECK & L. TRAVAGLIA (1996) Formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo no plano textual-discursivo. In: I. G. V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP: 415-462.
- RONCARATI, C. (1996) A negação no português falado. In: A. T. MACEDO, C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 97-112.
- ____ (1997) Ciclos aquisitivos da negação. In: C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- SANTOS, T. B. (1997) A construção da cadeia referencial em textos infantis.

- Tese. (Mestrado). UFJF, Juiz de Fora.
- SARAIVA, M. E. F. (1992a) O objeto incorporado em português. Belo Horizonte: NAPq, FALE/UFMG.
- _____ (1992b) O posvérbio em português. Belo Horizonte: NAPq, FALE/UFMG.
- SOUZA, M. S. C. (1989) Estudo de alguns mecanismos de topicalização: gramática e estilística. Tese. (Mestrado). Unesp, Araraquara.
- _____ (1996) A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista. Tese. (Doutorado). Unesp, Araraquara.
- TAVELLA, M. C. W. (1997) A contribuição da significação lexical na interpretação escolar do léxico. Tese. (Mestrado). UFJF, Juiz de Fora.
- THOMPSON, S. & H. COLLINS (1995) Dealing with Face Threats in Oral Presentations. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 26: 81-99.
- VOTRE, S. J. & A. J. NARO (1989) Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, 7 (2): 169-184.
- ZAMPRONEU, S. (1998) A hipotaxe adverbial concessiva no português do Brasil. Tese. (Mestrado). Unesp, Araraquara.

TRINTA ANOS DE SINTAXE GERATIVA NO BRASIL*

(Thirty Years of Generative Grammar in Brazil)

Mary A. KATO (UNICAMP)**

Jânia RAMOS (UFMG/CNPq)

ABSTRACT: This paper reports the generativist research developed in Brazil, from the standard theory to the Minimalist approach (Chomsky 1995), leaving out works in language acquisition, which are reported in Kato (1999). It contains three sections: I. The Standard Theory and the Extended Standard Theory; II. The Principles and Parameters Theory; III. The years 1998-1999.

KEY WORDS: Generative Grammar, Principles and Parameters; Chomsky.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática Gerativa; Princípios e Parâmetros; Chomsky.

I. Primeira Parte: A Teoria-Padrão (TP) e a Teoria-Padrão Estendida (TPE)¹

1. A formação de sintaticistas no período da TP e TPE

A primeira notícia no Brasil sobre gramática gerativa veio de dois artigos publicados na revista Tempo Brasileiro, em 1967, um de Lemle e outro de Mattoso Câmara, no qual esse último afirmava ser o gerativismo uma variedade do estruturalismo. O primeiro curso de gerativa no Brasil foi ministrado por Sara Gudschinky, em 1994, na UnB. Mais tarde, a teoria é apresentada por Míriam Lemle, no Museu Nacional; por Heles Contreras no I Instituto de Lingüística em 1968; por John Martin, em vários Institutos Brasileiros de Lingüística e depois na PUC-SP. As primeiras teses seguindo esta teoria foram as de Eunice Pontes (1969/ 1973) sobre verbos auxiliares no português; de Leila Barbara (1971/1975) sobre asseveração e não-asseveração; e de Mary Kato (1972/1974) sobre a semântica do artigo definido. A partir de então, a sintaxe na linha gerativa passa a ser ministrada também por professores que

* A segunda parte do trabalho é uma expansão de KATO (no prelo) a sair na *REVISTA DA ALFAL*. Os trabalhos no prelo e não publicados foram excluídos, nesta versão, dada a limitação de páginas. Agradecemos a Mario Perini e Aryon Rodrigues pelos depoimentos sobre o período relatado na Primeira Parte. Agradecemos a Ana Paula Scher, Helena Britto e Marina Augusto, pela revisão da parte incluída na Segunda Parte.

** A autora contou com bolsa CNPq (Proc. 300814/88-89 renov.) e Auxílio FAPESP (Proc. 98/13726-8).

¹ Consulte-se Naro (1976) para uma boa retrospectiva do período.

obtiveram sua formação parcialmente no Brasil e parcialmente no exterior, através de Institutos e estágios.

Até 1974, o ensino e a pesquisa da gerativa dependiam muito de professores e orientadores estrangeiros, em geral americanos. Vários passaram por aqui: John Martin, Mercedes Roldan, Carl Harrison, Marianne Esztergar, Frank Brandon, Quentin Pizzini, Anthony Naro, Christian Rohrer. Naro, conforme depoimento de Perini, foi, dos estrangeiros, o mais importante; aqui se radicou e permaneceu, formando toda uma geração no Rio não só de gerativistas, mas também, e sobretudo, de variacionistas. John Martin teve também certa influência no início, tendo passado pela PUC-SP, PUC-Campinas, UNICAMP e PUC-PR.

Na década de 1970, havia alguns brasileiros estudando gerativa no exterior: Antônio Carlos Quicoli, na Universidade de SUNY, Buffalo, o primeiro brasileiro a obter Ph.D. na área, Milton Azevedo, na Universidade de Cornell e Perini, na Universidade do Texas². Com o retorno de Quicoli e de Perini, cresce o espaço da área. Quicoli vai para a UFRJ e depois para a UNICAMP e em 1978 deixa o país. Perini, que havia voltado para a UFMG, é contratado pela UNICAMP. No Rio, Margarida Basílio³ e Mariza Pimenta-Bueno iniciam sua atuação, após terem concluído doutorado, respectivamente, na Universidade do Texas e na Universidade de Stanford⁴.

Têm início, assim, quatro pólos principais de estudos gerativos: UFRJ, PUC-SP, UNICAMP e UFMG. Na UFRJ tem andamento pesquisas orientadas por Naro, Lemle e Basílio. Na PUC-SP formam-se pesquisadores sob a orientação de Mary Kato e Leila Barbara. Em Campinas, sob a orientação de Quicoli, Pizzini e Brandon, desenvolvem-se várias pesquisas. Na UFMG, Eunice Pontes, após publicar suas duas teses, continua suas atividades ao lado de Perini, indo exercer seu papel de formadora também na UnB.

As obras didaticamente mais importantes foram o livro de Perini (1976) sobre a TP com análises do Português e o de Lemle (1984) sobre o período da TPE. Não se pode deixar de referir, aqui, a publicação dos Anais do Encontro

² Vide Quicoli (1972), Azevedo (1973) e Perini (1974).

³ Basílio se dedica à área da morfologia derivacional, sub-área que não faz parte da cobertura deste trabalho.

⁴ Não se pode deixar de mencionar aqui o papel importante que Aryon Rodrigues teve na contratação dos professores estrangeiros e no envio dos lingüistas brasileiros aos Estados Unidos para se doutorarem na área.

Nacional de Lingüística da PUCRJ, que, até 1986, ofereceram um painel abrangente de quais eram as pesquisas realizadas e em andamento e de quem fazia lingüística no Brasil.

2. As linhas de pesquisa privilegiadas

2.1. Léxico e sintaxe

Um grupo de pesquisadores tem como objeto a decomposição lexicosemântica de verbos, de modo a correlacionar papel semântico dos argumentos ao tipo de complementação: causativas e incoativas (Lier, 1977; Votre, 1976); modais (Miranda, 1975; Lobato, 1978, 1979); verbos "dar", "fazer", "tomar", "ser", "estar" (Berthier, 1974); verbo "começar" (Azevedo, 1977a); o verbo "esquecer-se" (Oliveira, 1975); verbo "sujar" (Decat, 1978a); verbos de percepção (Barros, 1977); modo verbal (Pereira, 1974; Fávero (1974, 1982), e tempo verbal (Corôa, 1983); Trieweler, 1976); auxiliares (Vasconcelos, 1976 e Madureira, 1975); verbos de experiência (Mioto, 1975); verbos denominais (Arrais, 1981), verbos transitivos (Kato, 1976b) etc.

2.2. Estrutura sintática do português

2.2.1. Sintagma nominal

Foram objeto de estudo as regras que convertiam NPs em pronomes e indicavam o sentido e escopo do movimento: pronominalização (Mioto, 1975; Almeida, 1977; Alves, 1975; Gamarsky, 1974; Martins, 1976; Oliveira, 1978; Silva, 1975; Ikeda, 1977; Steiner, 1978); posição do adjetivo no sintagma nominal (Pazzini, 1978); gradação de adjetivos (Vannucchi, 1977); regras de expansão de constituintes (Lemle, 1978; Lemle e Naro, 1977); movimento de quantificadores (Maia, 1975; Simões, 1974); possessivos (Campos, 1977; Perini, 1977); determinantes (Pontes, 1976); complemento nominal (Shibao, 1977; Pereira, 1978; Schaff Filho).

2.2.2. Estrutura da oração simples

Em relação à passiva, buscavam-se evidências de diferenças semânticas entre as estruturas superficiais em relação às ativas com o propósito de mostrar que provêm de estruturas subjacentes distintas (Cunha, 1978; Arruda, 1978; Vieira, 1978; Branco, 1979; Nascimento, 1978).

Já em relação ao sujeito, foram objeto de análise a formulação de regras de supressão, movimento do NP sujeito e posição desse NP na estrutura profunda (Menezes, 1979; Teixeira, 1977; Kato, 1977); elipse (Kato, 1976a, 1981; Pimenta-Bueno, 1981b; Bittencourt, 1979; Gomes, 1975; Figueiredo, 1975).

Sobre concordância verbal, trabalharam Humberto (1975); Veado (1981); Martin (1975); Tondo (1976), entre outros.

Sobre movimentos e deslocamentos, foram analisados sintagmas deslocados em afirmativas (Carvalho, 1975); construções SA-Adj-Sprep (Brisolla, 1980; Bisol, 1972) e as interrogativas-Q (Decat, 1978b, 1980; Alvarenga, 1981).

Em relação a classes de palavras, foram estudados sob o ponto de vista sintático os predicados adjetivais (Alkmin, 1975); advérbios (Saraiva, 1979; 1980; Parisi, 1977); negação (Brenner, 1977; Kneipp, 1978; Brandon, 1976) e preposições (Sousa, 1977; Saliba, 1983); auxiliares (Tavares de Macedo, 1977); e particípios (Pimenta-Bueno, 1981a).

2.2.3. Estruturas oracionais complexas

Investigaram-se vários tópicos relacionados a orações subordinadas: fronteira entre orações (Rodrigues, 1975); orações relativas (Cardoso, 1976; Mollica, 1977; Samara, 1976; Silva, 1977; Cohen, 1982; Pizzini, 1979); orações finais (Waldrep, 1981); comparativas (Romualdo, 1975; Fontes, 1978); infinitivo flexionado (Moraes, 1971); modo verbal (Perini, 1978). Sobre orações coordenadas vide De Filipo (1977).

2.3. Comparação de línguas

Comparações detalhadas entre construções do inglês e do português foram apresentadas com diferentes propósitos, tendo um sido o ensino de línguas, e o outro, o avanço da teoria gramatical. Os tópicos são: preposições (Ramos, 1973; Schmitz, 1977); tempo verbal (Cerqueira, 1984); ordem dos adjetivos no sintagma nominal (Lemle, 1979); formas gerundivas (Pereira, 1979); subordinadas adverbiais no francês e no português (Machado, 1979); orações relativas no português e no francês (Viana, 1977); clíticos em espanhol e em português (Senday, 1975); negação no inglês e no português (Fiad, 1975); "tag questions" no inglês e português (Cavalcante, 1972); estruturas iniciadas com verbo no inglês e no português (Szabo, 1977); estruturas comparativas do

inglês e do português (Fontes, 1978); estruturas complexas do português e do inglês (Rocca, 1978), dentre outros.

II. Segunda Parte: A Teoria de Princípios e Parâmetros

1. A formação de sintaticistas na linha da TPP

Duas teses defendidas na França por brasileiros de Minas Gerais (UFMG, Belo Horizonte) iniciam a abordagem da TPP no Brasil: a de Milton do Nascimento (1984), sobre a posposição do sujeito no PB, e a de Moreira da Silva (1983), sobre a assimetria de comportamento entre o sujeito e o objeto no PB. Embora defendidas na França, faz-se menção a esses trabalhos por terem plantado a semente para muitas das questões que seriam tratadas depois no Brasil.

Uma outra lingüista formada na França, Charlotte Galves (da UNICAMP) é também uma deslanchadora de pesquisas sintáticas na visão da TPP. Muitas das questões com que a perspectiva gerativista vem trabalhando no Brasil, como, por exemplo, o fenômeno do objeto nulo referencial (Galves, 1984) ou as peculiaridades das construções com *se* (Galves, 1986a) e o enfraquecimento da concordância (Galves, 1993), foram tópicos por ela tratados inicialmente.

Em 1988, após sua estadia de pós-doutorado na França, Lúcia Lobato (da Universidade de Brasília) lança seu livro-texto (com manual) sobre a teoria da Regência e Ligação (Lobato, 1988a), que ajudou enormemente professores e alunos a ensinarem e a aprenderem a TPP. Em 1992, sai em Portugal o livro de Eduardo Raposo sobre a mesma teoria, obra que vem complementar, com dados do Português Europeu (PE), o livro de Lobato.

Juntam-se a esses a seguir quatro lingüistas da geração que havia passado por outras escolas e vertentes teóricas como o estruturalismo, gerativa-padrão, padrão estendida, semântica gerativa, gramática relacional e gramática categorial: Miriam Lemle (da UFRJ), Yonne Leite (do Museu Nacional), Carlos Franchi e eu (ambos da UNICAMP). Miriam Lemle continua a trabalhar na UFRJ, mas na perspectiva TPP. Yonne Leite deslança, no Museu Nacional, com sua colega Bruna Franchetto, de formação italiana, o estudo de línguas indígenas na visão da TPP. O colega Franchi, embora se declarando até hoje um céptico da gramática gerativa, atraiu, com seu discurso filosófico e brilhante, muitos alunos para a área e atuou fortemente na formação de sintaticistas. Quanto a mim, depois de um tempo afastada da teoria, decepcionada por um

modelo de gramática que se limitava a estudar restrições às regras, voltei a fazer gerativa, na década de 80, após fazer uns cursos com Rizzi, Safir, Whitman e outros no Instituto da LSA de 1986, na CUNY, atraída com as ricas possibilidades da versão de parâmetros na descrição empírica dos fatos lingüísticos.

Mais tarde, entra no cenário Esmeralda V. Negrão (da USP), com Ph.D. dos Estados Unidos, com tese sobre "controle" (Negrão, 1986). Há também doutores formados no Brasil começando a atuar na graduação e na pós-graduação, na área da sintaxe. Entre eles, por exemplo, os seguintes ex-doutorandos da UNICAMP: Carlos Mioto (UFSC), Jânia Ramos, Márcia Cançado e Eunice Nicolau (UFMG), Ilza Ribeiro (UEFS), Márcia D Vieira e Marília Facó Soares (Museu Nacional), Sonia Cyrino (UELondrina), Maria Aparecida Torres Morais (USP), M. Eugênia L. Duarte (UFRJ), Vicente Cerqueira (UFACre), Maria Aparecida Lopes Rossi (Faculdade de Taubaté), Rosane de Andrade Berlinck (UNESP) e muitos outros a caminho. Mais recentemente, houve o retorno de alunos que fizeram mestrado no país e que voltaram com Ph.D. do exterior, tendo sido já absorvidos pelos programas de pós-graduação do país. São eles: Lorenzo Vitral (UFMG), com doutorado da França, Maria Cristina Figueiredo (UFSC), com doutorado de Genebra, Jairo Nunes (UNICAMP), com doutorado dos Estados Unidos, Sergio Menuzzi (PUCRS) com doutorado da Holanda e outros também a caminho.

É assim, em Belo Horizonte, em Campinas, em Brasília, no Rio, em São Paulo e em Santa Catarina que se passou a ter os pólos principais de investigação lingüística na linha da TPP.

2. Teoria e dados

A gramática gerativa tem se centrado em dois tipos de pesquisa. O primeiro tipo tem a ver com os princípios e o segundo com os parâmetros, embora nem sempre seja fácil distinguir um do outro, pois muitos dos parâmetros são associados a determinados princípios.

O português, à primeira vista, apresenta, ainda, outros fenômenos que fazem duvidar de certos princípios e conceitos dentro da TPP, como é, por exemplo, o caso do domínio dos pronomes (Princípio de Ligação). Enquanto línguas como o inglês apresentam uma distribuição claramente complementar dos pronomes pessoais e dos reflexivos, o PB não apresenta uma distinção tão clara. Os trabalhos de Galves (1986b) e (1997) - o primeiro em resposta a

Lemle (1985) - abordam esse fenômeno. Também em relação a reflexivos (anáfora, na terminologia chomskiana), Franchetti (1997a e 1997b) levanta problemas sobre o que considerar um item anafórico.

Problemas na teoria do controle são examinados por Negrão (1989), a partir de dados do PB. Também o Princípio da Categoria Vazia (PCV) e o Princípio da Subjacência são discutidos por Lobato (1988b), com dados do PB.

As línguas indígenas também têm sido uma fonte de questões teóricas como, por exemplo, o problema levantado por Franchetto (1996) sobre o conceito de ergatividade; o problema do fenômeno da incorporação como um processo sintático levantado em Leite (1995); o problema da anáfora à longa distância discutido em Vieira (1997a).

Outra tarefa para os pesquisadores gerativistas é estudar como os diversos parâmetros postulados na teoria têm seus valores fixados em [+] ou [-] nas línguas. Os trabalhos brasileiros têm-se concentrado principalmente nessa tarefa, mas seus estudos apresentam uma característica própria. Além de estudos de cunho estritamente gerativista, com dados introspectivos, grande parte dos trabalhos são baseados em dados empíricos. Assim, em lugar de usar dados já estudados por outras vertentes teóricas ou usar exclusivamente dados de introspecção, nossa sintaxe sincrônica é rica em dados do dia-a-dia, que o lingüista grava ou escuta. Alguns autores assumem explicitamente "um casamento" entre a teoria gerativa e a metodologia variacionista, como é a linha seguida na UNICAMP por alguns professores, cujas idéias podem ser lidas em Tarallo & Kato (1989). Em trabalho mais recente de Ramos (1992 e 1997a), há uma reflexão sobre as afinidades e diferenças entre Chomsky e Labov. Foi essa forma de pesquisar que permitiu a Tarallo e Kato iniciar um projeto em diacronia, como se verá mais abaixo, e outro na área da Gramática do Português Falado⁵, mais especificamente de uma sub-parte desse projeto (Sintaxe II/Relações Gramaticais).

3. As linhas de pesquisa privilegiadas

Podem-se distinguir as seguintes linhas de pesquisa:

3.1. Estudos sobre a estrutura do português

⁵A Gramática como um todo foi idealizada e coordenada por Ataliba de Castilho (USP) e seus resultados podem ser vistos nos 6 volumes da *Gramática do Português Falado*, publicados desde 1990, pela Editora da UNICAMP, com suporte da FAPESP.

3.1.1. Relações léxico-sintáticas

Três trabalhos teóricos podem ser citados aqui: o de Lobato (1994a), o de Dillinger & Nascimento (1994) e o de Franchi (1997), que discutem, já numa visão Minimalista, a relação entre o léxico e a sintaxe, a possibilidade de eliminação do léxico como uma interface e a possibilidade das propriedades poderem ser deriváveis na interface da Forma Lógica com os sistemas conceituais-intencionais.

Nessa área da pesquisa se inscrevem os trabalhos de Whitaker Franchi (1989) acerca de verbos ergativos e de Caçado (1995a e 1995b) sobre verbos psicológicos. Outro trabalho na mesma linha é o de Viotti (1997) sobre as relações temáticas com o verbo *ter*. Usando a visão de Jackendoff (1990), Chagas de Souza (1997) analisa o caso dos causativos implícitos do PB.

Levantando a interessante questão da projeção de itens morfologicamente complexos como V-DO, Pires (1996) indaga sobre a natureza desse elemento. Também a estrutura argumental/temática problemática de adjetivos como *fácil* é analisada por Lobato (1989a). Outros casos de predicação não-verbal são analisados por Freitas (1991).

3.1.2. Sobre o Sujeito Nulo

A distribuição do Sujeito Nulo é um dos tópicos mais explorados. Os trabalhos sincrônicos são, em geral, de cunho teórico e procuram discutir o problema do licenciamento do sujeito nulo no PB, o qual, segundo o trabalho diacrônico de Duarte (v. abaixo), está deixando de ter uso referencial. São eles: o trabalho de Galves (1987), que já mostrava a diferença entre o licenciamento do sujeito nulo no PB e no PE; o de Figueiredo Silva (1996), que estuda o fenômeno em relação a uma proposta geral de estrutura da oração, atribuindo o valor de variável ao nosso sujeito nulo; o de Kato et alii (1996), que interpreta o sujeito nulo como um apagamento em Forma Fonética (FF); o de Galves (1993), que o analisa na perspectiva de sua hipótese geral de concordância fraca no PB; o de Negrão (1997a), que examina principalmente o fenômeno do sujeito nulo não-referencial, tratando-o como variável presa a um quantificador, em posição A'; o de Novaes (1996), que procura examinar as propostas anteriores, inclusive a proposta do sujeito nulo do tipo que têm as línguas de tópico zero, fazendo uma incursão pelo Minimalismo; e o de Nicolau (1995, 1997), que também procuram reinterpretar o fenômeno do licenciamento do sujeito nulo referencial numa perspectiva Minimalista. Consta, ainda, uma tese de mestrado de Mourão (1996) sobre esse mesmo tópico.

Com tipos diferentes de dados e de análise, esses trabalhos mostram que o tópico ainda está aberto a muitas discussões.

3.1.3. Sobre a Inversão Verbo Sujeito

Desde o trabalho clássico de Nascimento (1984), o problema da inversão VS no PB apresentou desafios. A restrição de mono-argumentalidade é demonstrada por Kato (1993a) como não sendo exclusiva da inversão livre, mas também abrangendo construções do tipo V2 e também as de deslocamento à direita com resumptivo nulo. A autora reanalisa todas essas ordens VS como falsas inversões. O tópico já merece um tratamento Minimalista em Vitral (1994), que o estuda em relação ao fenômeno da concordância. A inversão VS merece atenção ainda, no contexto de reduzidas de gerúndio, no estudo de Britto (1994), onde não há concordância. Um trabalho que procura verificar a relação entre o sujeito nulo e a inversão livre é o de Nicolau (1995), que analisa essas duas propriedades do parâmetro do sujeito nulo como fenômenos independentes.

Veja-se ainda o trabalho empírico sobre sujeito nulo e inversão no corpus NURC em Kato, Nascimento et alii (1996).

3.1.4. Sobre o objeto nulo no PB

Desde o trabalho de Huang (1984) para o chinês e de Raposo (1986) para o PE, a possibilidade de objeto nulo referencial passou a apresentar enorme interesse para a sintaxe brasileira, que contava com um objeto nulo de ocorrência muito menos restrita do que no chinês ou no PE. Wheeler (1981) já havia percebido esse fenômeno antes do advento da TPP, e Galves (1984) analisa o fenômeno dentro dessa linha, dando estatuto de pronome vazio a essa lacuna e refazendo essa análise (cf. Galves, 1989) ao longo de sua pesquisa. Kato (1993b) analisa o objeto nulo como um clítico nulo, e Kato (1996a) analisa o item lexical ele na posição de objeto como resultado de duplicação desse clítico nulo. Cyrino (1996), cujo trabalho diacrônico será visto mais adiante, faz uma retrospectiva dos estudos sobre o objeto nulo no português. Há também duas teses de mestrado abordando o assunto: a de Vanetti (1988) e a de Assunção (1993).

Além do objeto nulo, tem-se, ainda, os trabalhos de Cyrino (1997a e 1997b) sobre objetos indiretos nulos e eclipse de VP, fenômeno relacionado.

3.1.5. Sobre fenômenos nas margens sentenciais

As construções interrogativas, e o movimento do elemento-Q acompanhado ou não de V, mereceram um debate, na D.E.L.T.A., entre Kato (1987) e Lobato (1988c), tendo havido ainda um "follow-up" em Kato (1992). Mito (1994) estuda o fenômeno, já dentro da proposta do critério-wh, de Rizzi (1991), de que o movimento do elemento-Q e o do verbo são morfologicamente determinados. O mesmo autor, (Mito, 1997b), estudou, ainda, a correlação entre as formas com "é que" e "que". Ribeiro (1996a) trabalha com o mesmo tópico (o critério-wh, de Rizzi), já usando a noção de traços fortes e fracos, na visão minimalista. Uma análise empírico-gerativista pode ser vista em Sikansi (1994). O trabalho de Rocha (1990) já é uma comparação entre as interrogativas indiretas e as relativas livres. As interrogativas-Q foram ainda examinadas, em um estudo experimental sobre ilhas para extração, por Augusto (1994). O problema da extração é também examinado por Britto (1997a), que estuda o caso das copulares e suas estruturas inversas. Modesto (1995) faz uma análise original das clivadas e pseudo-clivadas. Sobre construções-Q, em geral, merece atenção ainda o estudo empírico de Kato, Braga et alii (1996), que analisa, em um só estudo, interrogativas, clivadas e relativas, em corpus oral.

Sobre tópico, ou deslocamento à esquerda, podem-se mencionar alguns trabalhos, deixando outros para a seção de estudos comparativos. Com base em um INFL implodido, Galves (1993) analisa o tópico como sujeito de AGR e associa o fenômeno ao enfraquecimento da concordância. Figueiredo Silva (1996), por outro lado, introduz o tópico em uma projeção acima do IP, em TopP, uma projeção distinta do lugar onde se posiciona o Foco sentencial. O trabalho de Modesto (1996) propõe que tanto Tópicos como Focos podem ser ou gerados in-situ, ou movidos para uma posição deslocada. Kato (1998) propõe o deslocamento como resultado de movimento de um predicado secundário; quando ele não apresenta um núcleo regente (tópico pendente).

3.1.6. Sobre a estrutura do DP

Há ainda estudos interessantes sobre a estrutura dos sintagmas nominais. A posição do possessivo e da frase genitiva PP é assunto de diferentes análises teóricas em Cerqueira (1995) e Müller (1996). O mesmo tema é tratado em Prado (1997). Pondé (1996) estuda a estrutura argumental dos denominais e Castro (1997) trata de categorias vazias no interior do DP. Em relação à ordem dos adjetivos, consta uma dissertação de mestrado sobre sua ordem, de Boff (1991) e um artigo de Nunes (1997). Sobre determinantes, consulte-se, ainda, o

trabalho de Guimarães (1997a).

Também a complementação do nome mereceu uma dissertação de mestrado. Trata-se de Jorge (1986), que revê a distinção entre complemento nominal e adjunto adnominal sob a luz da TPP.

3.1.7. Sobre complementação

Além do objeto nulo, há ainda outros estudos que lidam com domínio da complementação, tais como o estudo sobre complementos inacusativos/ergativos de Nuñez Costa (1989); de Nascimento e Kato (1995); de Duarte (1993); e de Negrão (1992), este para um tipo especial de construções inacusativas: as que contêm uma oração relativa.

Há ainda um interessante estudo sobre objetos nus de Saraiva (1996). De Matos (1991), tem-se um estudo sobre a complementação de verbos de percepção

Como não podia deixar de ser, complementos infinitivos merecem a atenção de vários estudiosos. Incluem-se aqui também aqueles que trabalham com o infinitivo em contextos que poderíamos chamar de adjunção, mas que podem ser tratados como completivas de preposição. Em ordem cronológica, tem-se: o trabalho de Ribeiro (1988, 1989); o de Galves (1992); o de Botelho Pereira & Roncarati (1993); o de Silveira et alii (1994); o de Luz (1994, 1997); o de Figueiredo Silva (1997) e o de Nunes & Raposo (1997). Sobre complementos subjuntivos, confira-se Santos (1996). Orações infinitivas e subjuntivas apresentam um problema comum de dependência nominal ou temporal, fenômeno estudado na sub-teoria de "Controle" na TPP. Estudos específicos sobre problemas de controle e complementação no PB são encontrados em Negrão (1986) e Negrão & Müller (1996). Um estudo sobre complementação predicativa é o de Gonçalves Pinto (1991), sobre o predicado verbo-nominal. Dentro do projeto da Gramática do Português falado, já mencionado, há um trabalho extenso sobre a complementação, no corpus NURC, de Dillinger, Galves, Pagotto e Cequeira (1996), com uma interpretação na linha da TPP.

Um tópico que também pode se enquadrar como sendo de complementação é o de Kato & Castilho (1991) que, pouco convencionalmente, tratam advérbios modalizadores como núcleos predicadores com uma sentença como complemento.

Embora não se possa caracterizar como complementação no sentido estrito, inclui-se aqui também o trabalho sobre construções comparativas de Menezes (1989).

3.1.8. Sobre a inter-relação sintaxe-morfologia

Muitos estudos diagnosticam algum fenômeno sintático como relacionado à morfologia fraca do PB. Mas há também trabalhos que focalizaram a concordância como o principal fenômeno. Um dos trabalhos é o de Botelho Pereira (1984), sobre gênero e número no PB. Outro trabalho é o de Lobato (1994b) sobre a interpretação de uma análise variacionista de concordância nominal sob a ótica da TPP.

Trabalhos sobre clíticos são os que tipicamente trabalham com um problema morfo-sintático. Mas o problema intrigante é a sua posição. Por que teríamos, nas línguas românicas, a célebre Lei de Tobler-Mussafia, que exigia clíticos em segunda posição, da mesma forma que nas línguas germânicas há o requisito do verbo em segunda posição? Que núcleo funcional é responsável pelo seu posicionamento? A posição original do objeto é ocupada por um vestígio ou um pro? Por que algumas línguas admitem ênclise e outras não? Qual a diferença entre um pronome fraco e um clítico?

Todas ou algumas dessas questões estão envolvidas nos trabalhos sobre clíticos. É o caso dos trabalhos de Galves, nesses últimos anos. Veja também o trabalho de Silveira (1996).

Um trabalho interessante é o que envolve o comportamento curioso do pronome você e suas variantes ocê e cê. Vitral (1996) trata o problema do ponto de vista da gramaticalização e Ramos (1997b) considera que o estatuto de cê é de um clítico. Nunes (1994b) mostra que há, na verdade, uma redução fonológica geral do paradigma dos pronomes nominativos e Kato (1996b) propõe que o PB tem nesses pronomes enfraquecidos o seu paradigma de pronomes fracos, havendo semelhança com o que houve no francês antigo (JOU>je).

O problema da realização morfológica de caso é um tópico abordado por Ramos (1997c) trabalhando com sintagmas nominais quantificados.

Incluimos sob esse tópico também o estudo sobre passivas de Chaves (1997), cujo tratamento enfatiza o papel das categorias funcionais.

A morfologia está intimamente ligada à conceituação de categorias. Além disso, um dos problemas que toda teoria sintática formal enfrenta é o de definir o conjunto de categorias. A definição de certas categorias enfrenta um problema maior do que a definição de outras. É o caso, por exemplo, da classe dos advérbios⁶ e das preposições.

Assim, dentro desse tópico podemos citar o de Salles (1992) que distingue PPs selecionados e não selecionados pelo núcleo verbal. Também Berg (1996) discute a natureza categorial das preposições. Sobre a classe dos advérbios, há ainda o trabalho de Oliveira (1996). Outro estudo é o de Moutella (1995) sobre o gerundivo, que a autora define como um núcleo Aspectual.

3.2. Estudos Comparativos

3.2.1. Sobre sujeito nulo

O trabalho de Duarte (1997) compara o fenômeno do sujeito nulo no PB e no PE e o de Oliveira (1997) o compara com o italiano. Ambos os trabalhos mostram que o PB privilegia o preenchimento.

3.2.2. Sobre as margens sentenciais: as chamadas posições A'

Esse tópico também tem merecido uma certa atenção na sintaxe comparativa do PB. Desde o trabalho clássico de Pontes (1987), o PB tem sido comparado às línguas orientais, como uma língua de proeminência de tópico. Isto quer dizer, em termos da TPP, que há um uso irrestrito de deslocamento à esquerda, propriedade essa correlacionada com a possibilidade de objeto nulo referencial. Kato (1989), comparando o PB com o japonês, analisa o sujeito posposto e interno a VP como correlato ao sujeito com -ga em japonês e o sujeito externo a VP como correlato ao sujeito com -wa, correspondendo essas distinções à oposição juízo categórico vs. tético de Kuroda (1976). No estudo de Kato & Raposo (1996), os autores comparam construções de foco, de tópico e interrogativas do PE e do PB. Retomando a visão de Kuroda (op. cit.), temos o trabalho de Britto (1996), que propõe SP como o lugar do deslocado e analisa as estruturas com deslocamento, no PB, como a representação do juízo categórico.

As orações interrogativas, com pronome interrogativo, foram analisadas,

⁶ V., por exemplo, os trabalhos sobre advérbios em: CASTILHO, A. (org.) (1990) e ILARI, R. (org.) (1992).

do ponto de vista comparativo, em três línguas românicas, por Miotto (1989): o espanhol, o PE e o PB. Essas mesmas construções mereceram, ainda, um estudo de Menuzzi (1994), que compara PB e PE, atribuindo à existência ou não do movimento do verbo para COMP um valor paramétrico.

Há ainda um trabalho sobre relativas em Zuiani (1988).

3.2.3. Sobre a estrutura da oração: posição de advérbios e quantificadores

Quando o assunto é a estrutura da oração e o movimento do verbo, a comparação com línguas que movimentam ou não o verbo é inevitável. Como vimos acima, na seção 3, a posição dos advérbios e quantificadores tem sido usada como diagnóstico da posição do verbo na sentença. Vários estudos abordam esse tema no PB, numa abordagem comparativa, dentre eles: Galves (1990); Vitral (1992); Kato & Nascimento (1996) e Figueiredo da Silva (1996). O interesse do tópico reside no fato de que o PB apresenta mais posições do que o inglês e o francês para posicionar os advérbios e os quantificadores flutuantes. Análises alternativas, com diferentes formas de implodir o núcleo flexão, são apresentadas.

No domínio da complementação por dois objetos, temos ainda os estudos de Scher (1996, 1997) e os de de Salles (1996a, 1996b, 1997) que comparam o português e o inglês.

Entre os estudos comparativos sobre a estrutura interna dos DPs temos os de Lobato (1989b e c), que comparam o PB com o francês. Outro estudo de Lobato (1993) estuda a colocação dos adjetivos do inglês e do português.

Na sub-área da morfologia de caso, temos Duarte (1987) sobre as passivas no português e no inglês; um estudo comparativo de Groppi (1997) sobre pronomes no PB e no espanhol do Uruguai; e uma tese de mestrado, de Luize (1997), sobre o PB e o PE açoreano falado em Santa Catarina. Sobre clíticos, temos Galves (1994), comparando o PB com o PE.

3.3. Estudos diacrônicos

No Brasil, o estudo da gramática na perspectiva diacrônica levantou interesse no período, em vista das enormes controvérsias sobre a existência ou não de um idioma brasileiro. Vários pontos dessa controvérsia podem ser recuperados em Tarallo (1993), para quem só um estudo rigoroso da língua, em

seus aspectos estruturais, pode responder lingüisticamente se temos ou não uma nova gramática. Contudo, uma vez que a visão paramétrica só faz previsões sobre propriedades de construções gramaticais, ela não entra na discussão sócio-lingüística sobre identidade lingüística. O francês antigo tinha propriedades diferentes do francês moderno, como se pode ver no estudo clássico de Adams (1987) e de Roberts (1993a), que alegam ter havido aí uma mudança paramétrica. Continua-se a assumir, contudo, que se trata da mesma língua externamente definida, embora internamente se trate de gramáticas distintas. O trabalho de Vilanova (1989) também estuda mudanças na ordem do francês antigo.

Alguns estudos diacrônicos vão até o latim, como é o caso do estudo de Lemle(1987) sobre a ordem no latim e em Camões. Em outro trabalho, Oliveira (1992) estuda o aparecimento do artigo definido no latim vulgar português.

Os estudos do português arcaico que aqui relatamos, embora escritos na visão da TPP, tiveram o sólido suporte de Mattos e Silva, na seleção e leitura dos textos. São eles os trabalhos de Ribeiro (1993, 1995, 1996b), principalmente sobre a ordem dos constituintes; e o de Augusto & Guimarães (1996), sobre o sujeito na Carta de Caminha. Parecem ter sido exatamente as mesmas propriedades do francês antigo que se perderam no português, conforme diz Roberts (1993b), embora em período de tempo muito maior.

Os demais estudos tomam principalmente os dados do clássico para o presente.

Continuando o tema da ordem dos constituintes temos os trabalhos de Torres Morais (1993, 1995, 1997), para as declarativas, e os de Duarte (1992) e Lopes Rossi (1993, 1996) ,para as interrogativas. Na pesquisa dessas autoras, observa-se a perda das propriedades V2. Torres Morais, em seus trabalhos, aborda a posição dos clíticos, tópico que é amplamente investigado em outros trabalhos. Outro trabalho da autora é o que aborda a história da construção de topicalização (Torres Morais 1996). Lopes Rossi verifica não só a perda do movimento do verbo, mas do próprio pronome interrogativo-Q. Seu trabalho faz ainda uma análise das interrogativas com o expletivo "é que", derivando-as de orações clivadas. Discutindo esse trabalho e o de Kato & Raposo (1996), que deriva a forma "O que que aconteceu" de "O que é que aconteceu", Miotto & Figueiredo Silva (1995) apresentam uma crítica a essa análise.

Andrade Berlinck (1995) estuda a perda da ordem VS nos vários contextos

(V1, V2, V3), já mais próximo do presente, e confirma a hipótese de Tarallo & Kato (1989) de que os inacusativos são o domínio de resistência da mudança.

A seguir, temos os trabalhos sobre clíticos. Um dos primeiros trabalhos a mostrar a perda dos clíticos é o de Albuquerque (1982), que estuda o caso do dialeto mineiro. Esse fenômeno é observado como um fato mais geral dos clíticos no PB por Pagotto (1992) e como um fato mais específico do clítico de terceira pessoa por Cyrino (1994). No primeiro se estuda mais a fundo a perda do movimento do clítico e no segundo a forma como o objeto nulo foi ampliando o seu domínio. Nunes (1993) dá uma interpretação fonológica da perda do clítico. Esse autor é também conhecido por seus trabalhos sobre o "famigerado se" (Nunes, 1990, 1995). Um deles mostra a perda da passiva com se em favor das construções com o se impessoal e o outro estuda a perda do anafórico se. Há ainda o estudo de Britto (1997b) sobre os clíticos nos séculos XVIII a XIX. Trabalhos teóricos de interpretação dos fatos diacrônicos do clítico no português são os de Galves, como, por exemplo, Galves (1996).

Os estudos de Duarte (1993 e 1995) descobrem a perda diacrônica e em tempo real do sujeito nulo referencial no PB, atribuindo essa mudança à redução do paradigma de concordância. Negrão & Müller (1996) contestam a tese da mudança defendida por Duarte, trabalhando também com os pronomes possessivos e nulos. O trabalho de Cyrino, Duarte e Kato (1996) relaciona a perda do sujeito referencial nulo do PB com o aumento do objeto referencial nulo, mostrando que as duas mudanças obedecem a um mesmo critério de lexicalização: a hierarquia de referencialidade. Tomando os estudos de Duarte (ops. cit.) para sujeito nulo e o de Cyrino (op. cit.) para objeto nulo, Oliveira (1995) analisa as pro-formas assertivas (respostas curtas), que no PB podem aparecer expressas por um núcleo verbal, conforme línguas que podem ter esses dois argumentos omissos, constatando que a cópula, em sua forma invariante É, vem substituindo os outros verbos.

No domínio dos sintagmas nominais, temos o estudo de Cerqueira (1993) sobre a mudança no paradigma dos possessivos. Há também o artigo de Kato (1993c), que propõe uma análise nova para as relativas resumptivas e cortadoras, derivando-as de extração da posição de deslocamento. Um outro estudo é o de Carvalho (1992) sobre a diacronia do verbo ser.

O trabalho de lingüística histórica de Almeida (1985) faz um estudo interessante acerca das classes de palavras, discutindo as oscilações encontradas em sua classificação nos compêndios gramaticais. Este estudo

sugere que tais oscilações não parecem ser um fenômeno acidental, podendo ser o fato atribuído à reanálise de tais categorias.

3.4. Estudos sobre línguas indígenas brasileiras

Os estudos indígenas na linha da TPP iniciaram-se com a tese de doutorado de Daniel Everett (1983).

É surpreendente o interesse que a teoria da TPP despertou nos estudiosos das línguas indígenas, principalmente para os pesquisadores do Museu Nacional do Rio de Janeiro, tradicionalmente conhecido pelas suas pesquisas sobre as línguas e a cultura de nossos índios.

O grupo desenvolve presentemente um estudo comparativo da sintaxe e morfologia das línguas Kuikuro, Guarani, Karajá e Tikuna, no que diz respeito à estrutura da cláusula e à linearização em sua ordem SOV, já na visão minimalista de Kayne (1994) e Chomsky (1993).

Cada um dos autores, especialista em alguma dessas línguas, ou mais de uma, conduz, além disso, um estudo aprofundado da sintaxe e morfologia de sua língua-objeto. Assim, temos os trabalhos de Maia 1997a, b e c) e Maia (1998, 1999) sobre a estrutura clausal, o movimento-wh e a dêixis espacial e empática do Karajá; os de Franchetto (1990, 1994, 1996) sobre a ergatividade do Kuikuro; os de Facó Soares (1989) sobre ordem, caso e movimento no Tikuna; os de Leite (1991, 1994) sobre a causatividade, a não-configuracionalidade, atividade/ergatividade e a incorporação nominal no Tapirapé; e finalmente os de Vieira (1989, 1995a e b, 1997 a, b e c) sobre a língua Assurini, em seus aspectos não-configuracionais, quantificacionais e de marcação de caso. Há ainda vários trabalhos em co-autoria de Leite & Vieira (1990, 1995 e 1996), com conteúdo comparativo.

Em outras universidades, verifica-se também um trabalho com línguas indígenas na linha da TPP. É o caso de Pereira (1992), que trabalhou com o Maxacali; o de Lovato do Nascimento (1995) sobre o Kaingang; os de Aguiar (1988, 1994), sobre o Katukina; e o de Pires (1992) sobre a língua Jeromiti.

Dois trabalhos estudam a categorização das palavras em línguas indígenas para a função de expressão de atributo. São eles os de Viana (1995) e o de Oliveira (1995) sobre as línguas Karajá e Ibibo, respectivamente.

3.5. Estudos sobre outras línguas

Embora sejam poucos os trabalhos sobre outra língua, diferente do PB ou de uma língua indígena, tais trabalhos são importantes do ponto de vista teórico e também descritivo.

Os primeiros são os de Ilari & Franchi (1985) e Franchi & Ilari (1986) sobre clíticos e inversão no bielês, parte de um projeto maior sobre esse dialeto italiano. O segundo é o de Duarte (1994) sobre o fenômeno das preposições desacompanhadas do inglês e o terceiro, da mesma autora (Duarte, 1990), sobre reanálise. O próximo é um artigo do lituano, de Nunes (1994a) sobre a concordância no particípio, já na ótica Minimalista. Outro trabalho, de mestrado, que trata de concordância é o de Schlachter (1996) que trabalha com o dialeto alemão renano-palatino, também dentro do Minimalismo. Há ainda outro trabalho de mestrado, de Figueiredo Silva (1988), sobre clíticos no galego.

Constam também duas teses de mestrado, uma sobre a ordem no alemão (Weichel, 1997) e outra sobre a sintaxe histórica do francês (Vilanova, 1989).

3.6. Estudos nas interfaces

Com as mudanças operadas a partir do Minimalismo, os níveis de Forma Lógica (FL) e de Forma Fonética (FF) passam a ser os únicos níveis conceitualmente necessários. Embora alguns dos trabalhos citados não trabalhem ainda sob essa ótica, já os classificaremos como trabalhos nas interfaces devido à sua natureza. Consideraremos como relevantes no nível de FL os trabalhos que dizem respeito a escopo como é o caso da negação e de quantificadores. Quanto a trabalhos na interface sintaxe-fonologia, incluiremos aqui os trabalhos que analisam algum fenômeno do ponto de vista sintático e fonológico ou prosódico.

Dos trabalhos que têm a ver com a interface FL, valem menção os trabalhos de Miotto (1992, 1997a e 1997b), que analisam a estrutura da negação. Sobre quantificadores, um trabalho exaustivo e profundo é o de Negrão (1997b) usando a teoria de múltiplos núcleos funcionais para os vários tipos de expressão quantificada.

Dos trabalhos que têm a ver com a FF, vale menção aqui o trabalho de Galves & Abaurre (1996) sobre os clíticos no PB contemporâneo; o de Callou et alii (1993) sobre a sintaxe e a prosódia de sentenças com topicalização e com

deslocamento à esquerda; o de Leite et alii (1996) sobre a prosódia de construções com tópicos e adjuntos; e o de Kato (1996b) sobre a correlação ótima entre traços fonológicos e traços semânticos na mudança e aquisição da língua. Nessa interface situa-se também o projeto interdisciplinar "Padrões prosódicos, fixação de parâmetros e mudança gramatical", coordenado por Antônio e Charlotte Galves, do qual um dos trabalhos em circulação é Galves & Galves (1995), que propõe uma modelagem matemática da relação da prosódia com a sintaxe na mudança da colocação de clíticos no português europeu.

Um trabalho de reflexão teórica sobre a sintaxe e a prosódia na perspectiva Minimalista é o de Guimarães (1997b).

III. Terceira parte: os anos de 1998 e 1999

Nesta seção alistamos os últimos títulos publicados que nos chegaram às mãos depois do artigo pronto, razão por que os trabalhos aparecem apenas listados.

1. Estrutura do português brasileiro

- ABAURRE, M. B. and C. GALVES (1998) As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. *D.E.L.T.A* 14: (2): 377-403.
- ABREU, S. P. (1998) *A negação sentencial: da teoria de princípios e parâmetros para o programa minimalista: uma investigação através do Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. PUC-RGS.
- CASSANDRO, M.; P. COLLET; A. GALVES; and C. GALVES (1999) A Statistical-Physics approach to language acquisition and language change. *Physica A* 263: 427-437.
- CHAVES, T. R. A. P. (1999) *Construções participiais do português do Brasil*. USP: Dissertação de Mestrado.
- CYRINO, S. M. L. (1998) O objeto indireto nulo no português brasileiro. *Signum* 1: 35-54.
- _____ (1999) A categoria "INFL" no Português Brasileiro. *Estudos Lingüísticos XXVIII*: 449-454.
- FILETTI, E. (1999) *O fenômeno dos objetos implícitos nos verbos no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, UFMG.
- FRANCHI, C.; E. V. NEGRÃO; E. S. VIOTTI (1998) Sobre a Gramática das Orações Impessoais com Ter/Haver. *Revista D.E.L.T.A.* 14, N.º Esp.: 113-140.

- KATO, M. A. (1999) Construções de deslocamento à esquerda e o parâmetro do sujeito nulo. *Atas do Congresso Internacional organizado por motivo dos vinte anos do português no ensino superior*. Universidade Eotvos Lorand, Budapest: 207-223.
- _____ (1999) Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *PROBUS* 11 (1): 1-38.
- LOBATO, L. (1999) Sobre a forma do participio do português e o estatuto dos traços formais. *D.E.L.T.A.* 15 (1): 113-140.
- MENUZZI, S. M. (1999) *Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese*. Ph.D. Dissertation. University of Leiden.
- MIOTO, C. (1998) Aspectos da sintaxe da negação. *Estudos Lingüísticos XXVII*: 745-748.
- _____ (1998) Tipos de negação. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 34: 103-117.
- NAVES, R. R. (1998) *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas com verbos psicológicos*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB.
- NEGRÃO, E. V. (1999) *O Português Brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. USP: Tese de Livre-docência.
- NICOLAU, E. M. D. (1998) Sobre a Caracterização do Sistema Flexional do Português Brasileiro. Gonçalves, G. & G. Ravetti (eds.) *Lugares Críticos*. Belo Horizonte, MG, Orobó Edições: 19-55
- RIBEIRO, I. (1998) O verbo: suas representações temáticas e sintáticas. *SITIENTIBUS* 8. UEFS: 83-91.
- RODRIGUES, C. (1998) *Aspectos sintáticos e semânticos da construção média: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado. Brasília, DF, UnB.
- SALLES, H. M. M. L. (1999) Construções de Objeto Duplo em Português. *Estudos Lingüísticos* 28.
- SANTOS, C. B. L. (1998) *Algumas questões sobre a construção existencial e sua análise face a dados do português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Brasília, DF, UnB.
- VIOTTI, E. C. (1999) *A Sintaxe das Sentenças Existenciais do Português do Brasil*. São Paulo, SP, USP: Tese de Doutorado.

2. Estudos diacrônicos do português

- CYRINO, S. M. L. (1998) Um plano para a sintaxe diacrônica do português brasileiro". In: A. T. Castilho (org.) *Para a história do português brasileiro*. Vol. I: Primeiras idéias. São Paulo, SP, Humanitas: 89-99.

- DUARTE, M. E. L. (1998) Left-Dislocated Subjects and Parametric Change in Brazilian Portuguese. *Proceedings of the 16th International Congress of Linguists*. (Paris, França) Cd-Rom, Session Syntax.
- ____ (1999) A Sociolingüística Paramétrica: Perspectivas. In: Hora, D. da & E. Christiano (orgs.) *Estudos Lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia: 107-114.
- FOLTRAN, M. J. G. D. *As construções de Predicação Secundária no Português do Brasil. Aspectos Sintáticos e Semânticos*. São Paulo, SP, USP: Tese de Doutorado.
- RIBEIRO, I. (1998) *A mudança sintática do PB é mudança em relação a que gramática? Para a história do português brasileiro. Vol. 1: Primeiras idéias*. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP: 101-119.
- ____ (1998) Diferenças sintáticas entre o galego e o português dos séculos XIII e XIV. *Atas do Simpósio de Língua e Imigração Galegas na América Latina*: 65-86.
- RODRIGUES, G. F. S. (1998) Reestruturação nas Mini-orações. Dissertação de Mestrado, UFMG.
- TORRES MORAIS, M. A. (1998) Para uma Abordagem Diacrônica do "Português Brasileiro". In: CASTILHO, A. (org.) *Para a História do Português Brasileiro. Vol I. Primeiras Idéias*. Ed. Humanitas. FAPESP.
- VITRAL, L. (1999) A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística. *D.E.L.T.A.* 15 (1): 57-84.

3. Línguas Indígenas

- MAIA, M. et alii (1998) Comparação de Aspectos da Gramática em Línguas Indígenas Brasileiras. *D.E.L.T.A.* 14 (2): 349-375.
- ____ (1999) A Estrutura da Oração em Línguas Indígenas Brasileiras. *D.E.L.T.A.* 15 (1): 01-26.
- SÂNDALO, F. (1997) A Grammar of Kadiwéu with special reference to the Polysynthesis Parameter. *MIT Occasional Papers in Linguistics* 11. 163 páginas.
- ____ (1999) Categorical Projections and Phrase Structure in Kadiwéu. In: Leora Bar-el, Rose-Marie Déchaine & Charlotte Reinholtz (orgs.) *Papers from the Workshop on Structure & Constituency in Native American Languages*. MIT Occasional Papers in Linguistics 17: 149-164.
- ____ (1999) Ergatividade Cindida em Kadiwéu e o Morfema Relacional. III Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, Porto Alegre, 18-21 de agosto.

4. Teoria sintática

- CYRINO, S. M. L. (1998) Sobre o componente morfológico e a forma da gramática. *Estudos Lingüísticos XXVI (GEL)*, p. 586-591.
- _____ (1998) Sobre a forma da Gramática. *Boletim do CCH 35*: 73-90, 1998.
- FRANCHI, C.; E. V. NEGRÃO & A. L. MÜLLER (1998) Um Exemplo de Análise e Argumentação. In: *Sintaxe - Revista da ANPOLL 5*: 37-63.
- MIOTO, C. (1998) Preposições: núcleos funcionais ou lexicais? In: L. Cabral, L. Grimm & E. Gorski (eds.) *Lingüística e Ensino*. Florianópolis, Insular: 165-179.
- NUNES, J. (1998) Some Notes on Feature Mismatch. *Cadernos de Estudos Lingüísticos 34*: 33-40.
- NUNES, J. (1998) The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program: Summary by the Author. *GLOT International 8* (3): 16-17.
- _____ (1998) Bare X'-Theory and Structures Formed by Movement. *Linguistic Inquiry 29* (1): 160-168.
- _____ (1999) Some Notes on Procrastinate and Other Economy Matters. *D.E.L.T.A. 15* (1): 27-55.
- VITRAL, L. (1999) A Negação: Teoria de Checagem e Mudança Lingüística. *D.E.L.T.A. 15* (1): 57-84.

IV. Quarta Parte: Considerações finais

Uma olhada nos dados desta retrospectiva mostra que, de uma década de setenta tímida, entramos com toda força na década de oitenta e noventa.

A quantidade de professores visitantes dos Estados Unidos e Europa mostra que o país se abre para fora, não só para ouvir, mas também para ser ouvido. A importância do contingente formado no exterior está na ponte que eles estabelecem entre o centro onde fizeram seu doutorado e a instituição à qual eles se filiam.

O grupo de gerativa é hoje um grupo respeitado, não só pelo rigor formal de seus trabalhos estritamente gerativistas, mas pelo que ele tem conseguido produzir no campo empírico, seja em forma de diacronia, seja em forma de gramática da fala, seja na descrição de línguas indígenas. Isso para não falar das contribuições na área da psicolingüística.

Assim, esta retrospectiva mostrou que, enquanto a sintaxe se torna cada vez menor, "minimalista", o número de pesquisadores nessa linha aumenta em

tamanho e expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, M. (1987) *Old French, Null Subjects and Verb Second Phenomena*. Ph.D. Dissertation. UCLA.
- AGUIAR, M. S. (1988) *Elementos de Descrição Sintática para uma Gramática do Katukina*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP; (1994) *Análise Descritiva e Teórica de Alguns Aspectos da Língua Katukina Pano*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- ALBUQUERQUE, A. C. R. C. (1982) *A Perda dos Clíticos num Dialeto Mineiro*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- ALKMIN, T. M. (1975) *A classe difícil de predicados adjetivais do português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- ALMEIDA, L. Q. (1977) *Os reflexivos em português*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- ALMEIDA, M. L. L. (1985) *Preposição, Advérbio e Conjunção: um estudo de reanálise*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- ALVARENGA, D. (1981) *Interrogativas indiretas no português*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- ALVES, M. C. M. (1975) *A redução anafórica*. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas.
- ANDRADE BERLINCK, R. (1995) *La Position du sujet en Portugais*. Tese de Doutorado. Katholieke Un. Leuven/UNICAMP.
- ARRAIS, T. C. (1981) *Predicação com verbos denominais em português*. *Anais do V Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro, PUC-RJ.
- ARRUDA, V. M. B. (1978) *As passivas de estado e de mudança de estado em português contemporâneo*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- ASSUNÇÃO, L. (1993) *As Estruturas de Objeto Nulo sob a Perspectiva da Teoria de Princípios e Parâmetros*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- AUGUSTO, M. R. A. (1994) *Fatores Envolvidos na Extração dos Adjuntos-Q*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- _____ & M. GUIMARÃES (1996) *O sujeito*. In: Mattos e Silva, R.V. (org.)
- AZEVEDO, M. G. C. M. (1977) *Sobre o verbo "começar" em português*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- AZEVEDO, M. M. (1973) *On passive sentences in English and Portuguese*. Ph.D. Dissertation, Cornell University.
- BARBARA, L. (1975) *A Sintaxe do Modo Verbal*. Tese original de 1971, São Paulo, SP, Ática.
- BARROS, A. R. M. P. (1977) *Aspectos da complementação de uma classe de*

- verbos de percepção*. Dissertação de Mestrado. Unicamp.
- BERG, M. B. (1996) *A Natureza Categorical da Preposição*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- BERTHIER, L. O. (1974) *Dar, fazer, ter, tomar, ser e estar: comportamento sintático-semântico de uma classe de verbos*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- BISOL, L. (1972) *Predicados complexos do português*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- BITTENCOURT, V. (1979) *A Posposição de Sujeito em Português*. Dissertação de Mestrado, UFMG.
- BOFF, A. (1991) *A Posição dos Adjetivos no interior dos Sintagmas Nominais*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- BOTELHO PEREIRA, M. A. (1984) *Gênero e Número em Português: um estudo da relação forma e sentido*. Tese de Doutorado. UFRJ.
- BOTELHO PEREIRA, M. A. & C. N. RONCARATI (1993) O caso do sujeito em orações infinitivas introduzidas por 'para' no português do Rio. *D.E.L.T.A.* 9 (1): 15-30.
- BRANCO, M. C. (1979) *O particípio passado como pré-modificador em inglês*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- BRANDON, F. (1976) Quantificação e negação em português. *Revista Brasileira de Linguística* 3 (1). Ano II: 92-108.
- BRENNER, T. M. (1977) *O modelo de Klima e a dupla negação em português*. Dissertação de Mestrado. UFRGS.
- BRISOLLA, S. S. (1980) *As construções SN-Adj-SPrep em português: um problema difícil de resolver*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- BRITTO, H. S. (1994) *Reduzidas de Gerúndio: teoria do caso e inversão verbo/sujeito*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- _____ (1996) Sentenças com tópico no PE, PB e Inglês: um estudo acerca das construções de deslocamento. Comunicação apresentada no *XI Encontro Nacional da ANPOLL*. Junho de 1996, João Pessoa.
- _____ (1997a) Canonical and inverted copular sentences and restriction to the presence of the subject. Comunicação apresentada no *VII Colóquio de Gramática Gerativa*. Abril de 1997. Oviedo, Espanha.
- _____ (1997b) Clitic placement in the history of European Portuguese between the XVIIIth and XIXth centuries. Comunicação apresentada em *The XIII International Conference on Historical Linguistics*. Agosto, 1997. Düsseldorf.
- CALLOU, D.; J. MORAES; Y. LEITE; M. A. KATO; C. T. de OLIVEIRA E COSTA; M. ORSINI & V. RODRIGUES. (1993) Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia. In: Castilho, A. (org.)

- (1993) (op. cit. n.º 32).
- CÂMARA JR., J. M. (1967) O estruturalismo lingüístico. *Tempo Brasileiro*, 15-16: 5-44.
- CAMPOS, E. (1977) *Pronomes possessivos em português*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- CANÇADO, M. (1995a) *Relações Estruturais e Semânticas dos Verbos Psicológicos*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- _____ (1995b) A teoria da proeminência de Grimshaw e os psico-verbos do português brasileiro. *D.E.L.T.A.* 11 (2): 279-299.
- CARDOSO, S. H. B. (1976) *O processo de relativização em diferentes registros do português*. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas.
- CARVALHO, M. B. (1975) *Regras de 'foregrounding': evidência do português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- CARVALHO, O. L. S. (1992) *O Verbo Ser na diacronia do português: 3 séculos em estudo*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- CASTILHO, A. (org.) (1990) *Gramática do Português Falado, Vol. I: A Ordem*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP.
- CASTRO, @. (1997) *A Categoria Vazia no Sintagma Determinante: licenciamento sintático e implicação semântica*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- CAVALCANTE, M. P. (1972) *Um estudo sobre a formação de 'tags' no português*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- CERQUEIRA, V. (1993) A forma genitiva 'dele' e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.): 129-162.
- _____ (1995) *A Sintaxe do Possessivo no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- _____ (1984) *O presente simples e progressivo do inglês e o presente do indicativo e progressivo do português: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- CHAGAS DE SOUZA, P. (1997) As causativas implícitas do Português do Brasil. *Anais do XXVI Seminário do GEL*: 195-201.
- CHAVES, T. R. A. P. (1997) A sintaxe das construções de voz passiva no Português do Brasil. *Seminários de Lingüística*, FFLCH-USP.
- CHOMSKY, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge: Mass. MIT Press.
- _____ (1993) A minimalist program for linguistic theory. In: K. Hale & S. J. Keyser (eds.) *The View from Building 20*, Cambridge: Mass. MIT Press.
- COHEN, M. A. A. (1982) *Orações restritivas em português*. Dissertação de

- Mestrado. UFMG.
- CORÔA, M. L. M. S. (1983) *O tempo nos verbos do português: Uma introdução à sua interpretação semântica*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- CUNHA, M. A. F. (1978) *Sobre os tratamentos transformacionista e léxico-interpretativo das construções passivas em português*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- CYRINO, S. M. L. (1993) Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.) (*op. cit.* n.º 45).
- _____ (1994) *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Campinas, SP, UNICAMP, Ph.D. Dissertation.
- _____ (1996) O objeto nulo do português brasileiro. *D.E.L.T.A.* 12 (2): 221-238.
- _____ (1997a) Objeto indireto nulo e 'dative shift'. *Anais do XXVI Seminário do GEL*: 466-471.
- _____ (1997b) Objetos nulos e elipse de VP. *Anais do I Encontro do CELSUL*: 595-603.
- CYRINO, S. M. L.; M. E. L. DUARTE & M. A. KATO (1996) Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. *NWAVE XXV*, Las Vegas. University of Nevada.
- DE FILIPO, F. (1977) *A supressão de constituinte coordenado em português*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- DECAT, M. B. N. (1978a) Sujar: um ou dois verbos. *Ensaio de Linguística* 1: 9-19.
- _____ (1978b) Movimento de Sintagma Nominal Interrogado em português. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- _____ (1980) Interrogativa múltipla: condições sobre o movimento do sintagma interrogado. *Ensaio de Linguística* 3: 56-71.
- DILLINGER, M.; C. GALVES, E. PAGOTTO & V. CERQUEIRA (1996) Padrões de complementação na gramática do português falado. In: M. A. Kato (org.).
- DILLINGER, M. & M. Nascimento (1994) The role of the lexicon in the syntax/ semantics interface. Comunicação apresentada no I Encontro Internacional da ABRALIN, Salvador.
- DUARTE, M. E. L. (1992) A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil. *D.E.L.T.A.* 8 (Especial): 37-52.
- _____ (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.): 107-128.
- _____ (1995) *A Perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP.

- _____ (1997) O sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro. Comunicação apresentada no *XLV Seminário do GEL*. Maio de 1997, UNICAMP.
- DUARTE, Y. (1987) *As Construções Passivas do Português e do Inglês: um estudo comparativo*. Tese de Doutorado. PUC-SP.
- _____ (1990) A reanálise de V+P nas passivas do inglês: uma proposta alternativa. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*: 853-62. São Paulo.
- _____ (1993) A hipótese inacusativa e as evidências do português. *D.E.L.T.A.* **9** (1): 31-58.
- _____ (1994) As construções desacompanhadas no inglês. *D.E.L.T.A.* **10** (2): 409-420.
- EVERETT, D. (1983) *A Língua Pirahã e a Teoria da Sintaxe*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- FACÓ SOARES, M. (1989) Marcação de caso e atribuição de caso em Tikuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos* **18**: 79-114.
- FÁVERO, L. (1974) *Complementação de predicado em português*. Tese de Doutorado. PUC-SP.
- _____ (1982) O modo verbal da oração completiva. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, SP, Global.
- FIAD, R. S. (1975) *Aspectos da negação*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1988) *Clíticos no galego: uma descrição dentro do quadro da Regência e Vinculação*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- _____ (1996) *A Posição do Sujeito no Português Brasileiro*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- _____ (1997) Notas para um estudo sobre infinitivas em PB. *Anais do I Encontro do CELSUL*: 621-629.
- FIGUEIREDO, A. B. (1975) *Raising: deslocamento de sujeito na estrutura encaixada*. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas.
- FONTES, S. M. (1978) *As construções comparativas do português e do inglês: um estudo contrástico e uma análise dos problemas de tradução*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- FRANCHETTI, S. (1997a) Algumas considerações sobre o uso de mesmo e próprio no PB. *Seminários em Teoria Gramatical*. FFLCH-USP.
- _____ (1997b) Ele mesmo e himself: formas análogas ou não? *Seminários em Teoria Gramatical*, FFLCH-USP.
- FRANCHETTO, B. (1990) A ergatividade Kuikuro (Karibe): algumas propostas de análise. *Cadernos de Estudos Linguísticos* **18**: 57-78.

- _____ (1994) A ergatividade em Kuyikuro: quadro geral, hipóteses explicativas e uma visão comparativa. *Revista Latino-Americana de Estudos Etnolinguísticos*, Vol. VII: 7-16.
- _____ (1996) As línguas ergativas e a teoria da gramática. Salvador, *Anais do I Encontro Internacional da ABRALIN*: 220-226.
- FRANCHI, C. (1997) Teoria da Adjunção: predicação e relações temáticas. *Seminários de Teoria Gramatical* 5. FFLCH-USP.
- FRANCHI, C. & R. ILARI (1986) Clíticos nominativos e inversão do sujeito em bielês. *D.E.L.T.A.* 2 (1): 77-104.
- FREITAS, J. D. F. (1991) *As predicções não-verbais no Português do Brasil: uma abordagem gerativa*. Dissertação de Mestrado, UFMG.
- GALVES, A. & C. GALVES (1995) A case study of prosodic driven language change. Comunicação apresentada no *3rd Workshop on Statistical Physics, Pattern Recognition and Grammar Selection*. Instituto de Estudos Avançados-USP, São Sebastião.
- GALVES, C. (1984) Pronomes e categorias vazias em Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 7: 107-136.
- _____ (1986a) luga-(se) casas: um problema da sintaxe portuguesa na teoria da regência e da vinculação. *Preedição* 2. Campinas, UNICAMP.
- _____ (1986b) A interpretação 'reflexiva' do pronome no português do Brasil. *D.E.L.T.A.* 2 (2): 249-264.
- _____ (1987) A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de Linguística* 13: 31-50.
- _____ (1989) L'objet null et la structure de la proposition en portugais du Brésil. *Revue de Langues Romanes* 93 (2): 305-336.
- _____ (1990) V-movement, levels of representation and the structure of S. In: Chao, W. & G. Horrocks (orgs.) *Levels of Representation*. Dordrecht: Foris.
- _____ (1992) Inflected infinitives and AGR licensing. Campinas, UNICAMP, ms.
- _____ (1993) O enfraquecimento da concordância no PB. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.): 387-408.
- _____ (1994) A colocação dos clíticos no Português Europeu. *Anais da ANPOLL VII* (2): 889-902.
- _____ (1996) Clitic placement and parametric change in Portuguese. In: C. Parodi *et alii* (orgs.).
- _____ (1997) S subjects, weak pronouns and AGR: the case of Brazilian Portuguese. *Workshop de Teoria Gramatical: problemas nos níveis de interface*. Agosto de 1997. UNICAMP/USC.
- GALVES, C. & M. B. M. ABAURRE (1996) Os clíticos no Português Brasileiro:

- elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: Castilho, A. & M. Basílio (orgs.) (1996) (*op. cit.* n.º 138).
- GAMARSKY, L. (1974) *Ocorrência de reflexivo nas construções incoativas*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- GOMES, M. L. (1975) *O deslocamento como processo sintático e suas implicações sintáticas e semânticas*. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas.
- GONÇALVES PINTO, R. (1991) *O Predicado verbo-nominal: uma abordagem gerativa*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- GROPPI, M. (1997) *Pronomes Pessoais no Português do Brasil e no Espanhol do Uruguai*. Tese de Doutorado. USP.
- GUIMARÃES, M. (1997a) A representação sintática dos artigos e dos demonstrativos numa perspectiva minimalista. *Anais do XXVI Seminário do GEL*: 550-556.
- _____ (1997b) Unifying LCA and prosodic phrasing in the Minimalist program. Comunicação apresentada no *Workshop de Teoria Gramatical: problemas nos níveis de interfaces*. Agosto de 1997, Campinas, UNICAMP/USC.
- HUANG, C. T. J. (1984) On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry* 15: 531-574.
- HUMBERTO, M. L. F. (1975) *Uma análise transformacional do processo de concordância em português*. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas.
- IKEDA, S. (1977) *A função do pronome se*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- ILARI, R. & C. FRANCHI (1985) Nominative clitics in biellese - morphological and distributional suovery. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 8: 135-149.
- ILARI, R. (org.) (1992) *Gramática do Português Falado, Vol. I: Níveis de Análise*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP.
- JACKENDOFF, R. (1990) *Semantic Structures*. Cambridge, Mass. The MIT Press.
- JORGE, L. T. L. (1986) *Complementação do Nome: relações semânticas e estruturas sintáticas: uma proposta de revisão da análise tradicional*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- KATO, M. A. (1974) *A Semântica Gerativa e o Artigo Definido*. Tese original de 1972. São Paulo, SP, Ática.
- _____ (1976a) A elisão do pronome sujeito em português e a hipótese do discurso direto de Kuno. *Anais do I Encontro Nacional de Lingüística*. Rio de Janeiro.
- _____ (1976b) Transitividade Verbal e decomposição lexical. *Revista*

- Brasileira de Lingüística*. Petrópolis, Vozes 3 (1): 3-21.
- _____ (1977) Restrições gerais à regra de omissão do pronome sujeito em português. *Anais do II Encontro Nacional de Lingüística*. PUC-RJ.
- _____ (1981) Restrições à regra da elipse verbal. *Ensaio de Lingüística* 5: 93-101.
- _____ (1987) Inversão da ordem SV em interrogativas no português. *D.E.L.T.A.* 3 (2): 243-252.
- _____ (1989) Sujeito e tópico: duas categorias na sintaxe? *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 17: 109-132.
- _____ (1992) Variação sintática e estilo. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 22: 127-139.
- _____ (1993a) Word order change: the case of Brazilian Portuguese wh-questions. Trabalho apresentado no *The XIth International Congress on Historical Linguistics*. Los Angeles: UCLA.
- _____ (1993b) The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. *Linguistic Perspectives on the Romance Languages: Selected Papers from the XXI Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam, John Benjamins: 225-235.
- _____ (1993c) Recontando a estória das relativas. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.): 223-261.
- _____ (1996a) Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa, Universidade de Lisboa: 211-237.
- _____ (1996b) The morpho-phonology of strong and weak pronouns and the pro-drop parameter. Comunicação apresentada no *Seminário de Morfologia*. Novembro de 1996. USC.
- _____ (1998) Tópicos como alçamento de predicados secundários. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 34: 67-76.
- _____ (1999) Aquisição de linguagem numa abordagem gerativa. *Letras de Hoje* 34 (3), setembro de 1999: 17-26.
- KATO, M. A.; M. L. BRAGA; V. R. CORREA; M. A. LOPES ROSSI & N. SIKANSI (1996) Construções-Q na gramática do português falado. In: I. V. Koch (org.) *Gramática do Português Falado*, Vol. VI: *Desenvolvimentos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP: 303-368.
- KATO, M. A. & A. CASTILHO (1991) Advérbios como núcleos predicadores. *D.E.L.T.A.* 7 (1): 409-423.
- KATO, M. A. & M. do NASCIMENTO (1996) Preenchedores aspectuais e o fenômeno da flutuação dos quantificadores. In: A. Castilho & M. Basílio (orgs.) (1996) *Gramática do Português Falado*, Vol. IV: *Estudos Descritivos*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, São Paulo: FAPESP:

245-272.

- KATO, M. A.; M. do NASCIMENTO; E. NICOLAU; R. BERLINCK & H. BRITTO (1996) Padrões de predicação na gramática do português falado. In: KATO, M. A. (org.) *Gramática do Português Falado*, Vol. V: *Convergências*. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP, FAPESP: 201-274.
- KATO, M. A. & E. RAPOSO (1996) European and Brazilian Portuguese word order: questions, focus and topic constructions. In: C. Parodi, C. Quicoli, M. Saltarelli & M. L. Zubizarreta (orgs.) (1996) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington, Georgetown Univ. Press: 267-277.
- KAYNE, R. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass., The MIT Press.
- KNEIPP, M. A. R. (1978) *Uma proposta de análise para o morfema 'não' em português*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- KURODA, S. Y. (1976) The concept of subject in grammar. In: M. Shibatani (org.) *Syntax and Semantics: Japanese generative Grammar*. New York, Academic Press: 1-16.
- LEITE, Y. (1991) Não-configuracionalidade nas línguas da família Tupi-Guarani? *Simpósio: Desenvolvimentos Recentes em Gramática Gerativa*. Brasília.
- _____ (1994) As construções causativas em tapirapé. In: *Revista Interamericana de Estudos Etnolinguísticos* 8: 73-86.
- _____ (1995) A incorporação nominal em tapirapé. Comunicação apresentada no X Congresso Internacional da ALFAL. Vera Cruz, México.
- LEITE, Y.; D. CALLOU; J. MORAES; M. A. KATO; M. ORSINI; V. RODRIGUES & E. COSTA (1996) Tópicos e Adjuntos. In: Castilho, A. & M. Basílio (orgs.): 321-342.
- LEITE, Y. & M. D. VIEIRA (1990) Atividade e ergatividade nas línguas da família Tupi-Guarani: problemas de análise. *Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL*: 247-255. Recife.
- _____ (1995) A incorporação nas línguas da família Tupi-Guarani: um processo sintático? *Atas do X Encontro Nacional da ANPOLL*: Caxambu.
- _____ (1996) A ordem livre em algumas línguas da família Tupi-Guarani: em busca de uma proposta de análise. *Anais do I Encontro Internacional da ABRALIN*: 503-513.
- LEMLE, M. (1967) O novo estruturalismo em lingüística: Chomsky. *Tempo Brasileiro* 15-16: 51-64.
- _____ (1978) Da maleabilidade da análise sintagmática. *Revista Brasileira de Lingüística* 5 (1): 89-121.
- _____ (1979) A ordem dos adjetivos no sintagma nominal em inglês e português: implicações para a teoria gramatical. *Anais do III Encontro Nacional de Lingüística*. PUC-RJ.

- _____ (1985) Pronomes, anáforas, zero: observações sobre uma mudança lingüística. *D.E.L.T.A.* 1 (1/2): 121-124.
- _____ (1987) *Movimento para posição não-argumental na poesia latina e na épica camoniana*. Tese de Livre-docência. UFRJ.
- _____ (1984) *Análise Sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo, SP, Ática.
- LEMLE, M. & A. NARO (1977) *Sobre sintagmas nominais maximamente preenchidos* (ms.).
- LIER, C. A. O. D. (1977) *As construções causativas e incoativas do inglês e do português*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- LOBATO, L. M. P. (1978) Existe mais de um verbo poder em português? *Anais do III Encontro Nacional de Estudos de Lingüística e Literatura*. Rio de Janeiro, RJ, Corujinha.
- _____ (1979) A favor da univocidade dos modais em português. *Anais do III Encontro Nacional de Lingüística*. PUCRJ: 250-274.
- _____ (1988a) *Sintaxe Gerativa do Português: Da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte, Vigília.
- _____ (1988b) PCV, subjacência e CVs do Português. Comunicação apresentada no *III Encontro Nacional da ANPOLL*, Rio de Janeiro.
- _____ (1988c) Sobre a regra da anteposição do verbo no português do Brasil. *D.E.L.T.A.* 4 (1): 121-147.
- _____ (1989a) Estatuto sintático das categorias vazias em estruturas com adjetivos do tipo fácil em português. *Anais do XI Encontro Nacional de Lingüística: @*. PUC, RJ.
- _____ (1989b) Deslocamento dentro e para fora de SNs em português e em francês. *Boletim da ABRALIN* 10: 35-51.
- _____ (1989c) Sobre algumas diferenças entre os SNs do francês e do português. Comunicação apresentada no *IV Encontro Nacional da ANPOLL*.
- _____ (1993) Adjetivos: uma tipologia e interpretação semântica. *Boletim da ANPOLL* 14: 9-25.
- _____ (1994a) Como se chega à sintaxe a partir do léxico? Comunicação apresentada no *IX Encontro Nacional da ANPOLL*, Caxambu.
- _____ (1994b) A concordância nominal no português do Brasil à luz da teoria de Princípios e Parâmetros. *D.E.L.T.A.* 10 (Especial): 173-212.
- LOPES ROSSI, M. A. (1993) Estudo diacrônico das interrogativas do português do Brasil. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.): 307-342.
- _____ (1996) *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- LOVATODO NASCIMENTO, S. H. (1995) *Aspectos Morfológicos e Sintáticos*

- e Marcação de Caso na Língua Kaingang*. Dissertação de Mestrado. UFSC.
- LUIZE, T. B. (1997) *Entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. UFSC.
- LUZ, G. A. (1994) *O Infinitivo Pessoal: uma análise do português contemporâneo*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- _____ (1997) Personal infinitives in Romance languages. Comunicação apresentada no *Workshop de Teoria Gramatical: problemas nos níveis de interfaces*. Agosto de 1997. Campinas.
- MACHADO, M. C. C. (1979) *Subordinadas adverbiais em francês e português*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- MADUREIRA, C. S. (1975) *Alguns verbos aspectuais em português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- MAIA, M. (1997a) Notes on Karaja clause structure. Comunicação apresentada no *XVI Congrès International de Linguistes*, Paris.
- _____ (1997b) A sintaxe da dêixis espacial em Karaja. Trabalho apresentado na Mesa Redonda *Perspectivas da Pesquisa em Línguas Indígenas Brasileiras. Encontro da ABRALIN*, UFAL, Maceió.
- _____ *et alii* (1997c) The syntax of wh-questions in Karaja, Kayapo (Macro-Je) and Machineri (Arawaki). Comunicação apresentada no *49º Congresso Internacional de Americanistas*, Quito.
- _____ *et alii* (1998) Comparação de Aspectos da Gramática em Línguas Indígenas Brasileiras. *D.E.L.T.A.* **14** (2): 349-375.
- MAIA, *et alii* (1999) A Estrutura da Oração em Línguas Indígenas Brasileiras. *D.E.L.T.A.* **15** (1): 01-26.
- MAIA, V. L. M. (1975) *Interrogação e relativização em português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- MARTIN, J. (1975) Concordância. *Revista Brasileira de Lingüística* **2** (2). Ano I: 50-72.
- MARTINS, E. J. (1976) Origem e função dos pronomes complemento de terceira pessoa. *Letras de Hoje* **26**: 123-133.
- MATOS, A. S. A. (1991) *Construções com Verbos de Percepção no Português do Brasil: uma abordagem gerativa*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- MENEZES, H. P. (1979) *A regra do alçamento de sujeito em português*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- _____ (1989) *As Construções Comparativas em Português: uma análise gerativa*. Tese de Doutorado. UFRJ.
- MENUZZI, S. (1994) Algumas observações acerca do movimento de verbos nas interrogativas-wh do português. *Letras de Hoje* **96**: 85-109.
- MIOTO, C. (1975) *Estruturas que implicam a noção de experiência*.

- Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas.
- _____ (1989) Construções interrogativas: elementos para uma análise do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 17: 39-64.
- _____ (1992) *Negação Sentencial no Português Brasileiro e o Critério - WH*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- _____ (1994) As interrogativas no português brasileiro e o critério-wh. *Letras de Hoje* 96: 19-33.
- _____ (1997a) Aspectos da sintaxe da negação. UFSC, ms.; (1997b) "Os itens negativos". UFSC, ms.
- _____ (1997b) Wh é que ¹ wh que. *Anais do XXVI Seminário do GEL*: 648-654.
- MIOTO, C. & M. C. FIGUEIREDO SILVA (1995) WH QUE =WH É QUE? *D.E.L.T.A.* 11 (2): 301-311.
- MIRANDA, Z. B. A. G. (1975) *Aspectos do comportamento sintático dos modais dever e poder*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- MODESTO, M. (1995) *As Construções Clivadas no PB: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. Dissertação de Mestrado. USP.
- _____ (1996) Topics and focalized phrases in Brazilian Portuguese. *Colloquium on Portuguese Linguistics*. Dept of Spanish and Portuguese, UCSB.
- MOLLICA, C. (1977) *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ.
- MORAES, E. (1971) *O infinitivo flexionado em português: uma análise transformacional*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- MOREIRA DA SILVA, S. (1983) *Études sur la Symétrie et l'Asymétrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil*. Tese de Doutorado. Un. Paris VIII.
- MOURÃO, E. (1996) *Pronome Lexical na posição de sujeito de Sentenças Finitas do Português*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- MOUTELLA, E. M. (1995) *O Gerúndio Oracional em Português*. Dissertação de Mestrado, UnB.
- MÜLLER, A. (1996) *A Sintaxe e a Semântica dos Possessivos no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- NARO, A. J. (1976) *Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ, Francisco Alves.
- NASCIMENTO, M. (1978) *Sobre a semântica da passiva*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- _____ (1984) *Sur la Postposition du Sujet dans le Portugais du Brésil*. Tese de Doutorado. Un. Paris VIII.
- NASCIMENTO, M. & M. A. KATO (1995) O estatuto dos nominais pós-

- verbais dos verbos inacusativos. *Revista de Estudos da Linguagem*, Ano IV (3): 31-74.
- NEGRÃO, E. V. (1986) *Anaphora in Brazilian Portuguese Complement Structure*. Ph.D. Thesis. University of Wisconsin.
- ____ (1989) 'PRO' e controle: problemas em algumas estruturas de complementação. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife.
- ____ (1992) Tem uma história que começa assim: peculiaridades de uma construção existencial. *Caderno de Estudos Linguísticos* 22: 81-90.
- ____ (1997a) Asymmetries in the distribution of overt pronouns and empty categories in Brazilian Portuguese. In: Black, J. R. & V. Motapanyane (orgs.) *Clitics, Pronouns and Movement*. Amsterdam: John Benjamins.
- ____ (1997b) The scopal properties of DPs in Brazilian Portuguese. *Seminários em Teoria Gramatical*. USP, ms.
- NEGRÃO, E. V. & A. L. MÜLLER (1990) Anáfora em algumas estruturas de complementação. *Anais do XIX Seminário do GEL*: 133-140.
- ____ (1996) As mudanças no sistema pronominal do Português Brasileiro: substituição ou especialização de formas? *D.E.L.T.A.* 12 (1): 125-152.
- NICOLAU, E. (1995) *As propriedades de sujeito nulo e de inversão no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- ____ (1997) O licenciamento do sujeito nulo: uma explicação nos moldes do Programa Minimalista. Comunicação apresentada no *XLV Seminário do GEL*, Campinas. UNICAMP.
- NOVAES, C. V. (1996) *Representação mental de Categorias Vazias: o caso do sujeito nulo no português do Brasil*. Tese de Doutorado. UFRJ.
- NUÑES COSTA, M. G. (1989) *A questão da ergatividade do português do Brasil*. Tese de Mestrado. UFRJ.
- NUNES, G. M. (1997) A anteposição dos adjetivos ao nome dentro do SN. *Anais do XXVI Seminário do GEL*: 150-156.
- NUNES, J. (1990) *O Famigerado SE*. Tese de Mestrado. UNICAMP.
- ____ (1995) Ainda o famigerado SE. *D.E.L.T.A.* 11 (2): 201-254.
- ____ (1993) Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.): 207-222.
- ____ (1994) Concordância de participio em lituano. *Letras de Hoje* 96: 59-84.
- ____ (1994) *Nominative pronoun reduction in Brazilian Portuguese*. University of Maryland, ms.
- NUNES, J. & E. RAPOSO (1997) Inflected infinitive in Portuguese: evidence against AGR. Comunicação apresentada no *Workshop de Teoria Gramatical: problemas nos níveis de interface*. Agosto de 1997.

- Campinas. UNICAMP/USC.
- OLIVEIRA, A. M. C. O. (1996) *Dos Advérbios*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- OLIVEIRA, M. (1992) *A expansão do Sintagma Nominal no Latim Vulgar e no Latim Português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- _____ (1995) *Respostas Assertivas e sua Variação nas Línguas Românicas*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- _____ (1997) O preenchimento do sujeito no italiano e no português do Brasil. Comunicação apresentada no XLV Seminário do GEL. Maio de 1997, UNICAMP.
- OLIVEIRA, M. A. (1975) *A sintaxe do verbo "esquecer-se"*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- _____ (1978) Clitic Placement in Portuguese. *Ensaaios de Lingüística* 1: 44-79.
- OLIVEIRA, M. S. D. (1995) *A Expressão de Atributo na Língua Ibíbo*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- PAGOTTO, E. (1992) *A Posição dos Clíticos em Português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP; (1993) Clíticos, mudança e seleção natural. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.) (op. cit. n.º 45).
- _____ (1993) Clíticos, mudança e seleção natural. In: Roberts & Kato (orgs): 185-206.
- PARISI, L. A. P. (1977) *Aspectos da gramática dos advérbios em -mente no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- PARODI, C.; C. Quicoli; M. Saltarelli & M. L. Zubizarreta (orgs.) (1996) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington, Georgetown U. Press.
- PAZINI, M. C. B. (1978) A posição do adjetivo na locução nominal em português. *Revista Brasileira de Lingüística* 5 (1), Ano IV: 27-52.
- PEREIRA, D. G. (1992) *Alguns Aspectos Gramaticais da Língua Maxacali*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- PEREIRA, M. A. B. (1974) *A oposição modal indicativo/subjuntivo em português*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- _____ (1978) Considerações sobre a complementação nominal em português. *Revista Brasileira de Lingüística* 5 (1). Ano IV: 57-78.
- PEREIRA, S. M. C. (1979) *Formas gerundiais em francês e português - problemas de tradução e análise*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- PERINI, M. A. (1974) *A grammar of Portuguese Infinitives*. Ph.D. Dissertation. University of Texas.
- _____ (1977) Uma restrição global em português. *Revista Brasileira de Lingüística* 4 (2). Ano III: 3-16.
- _____ (1978) Sintaxe e semântica do futuro do subjuntivo. *Ensaaios de*

- Linguística* 1: 20-43.
- _____ (1976) *A Gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, MG, Vigília.
- PIMENTA-BUENO, M. (1978) *Aspects of Verbal Syntax in Brazilian Portuguese within the Framework of the Extended Standard Theory*. Ph.D. Dissertation. Stanford University.
- PIMENTA-BUENO, M. N. S. (1981a) Em prol da redefinição da noção de "sujeito de" - evidências do português. *Anais do V Encontro Nacional de Linguística*. PUCRJ.
- PIMENTA-BUENO, M. (1981b) Os participios passivos portugueses: verbos, adjetivos ou uma terceira classe? *Anais do VI Encontro Nacional de Linguística*. PUCRJ.
- PIRES, A. M. G. (1996) *As Formas V-DO no Português do Brasil: características sintáticas e semânticas*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- PIRES, N. (1992) *Aspectos da Gramática da Língua Jeromiti (Jaboti)*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- PIZZINI, Q. A. (1979) Três tipos de orações relativas em português. *Anais do I Encontro Nacional de Linguística*, PUC-RJ: 74-84.
- PONDÉ, S. (1996) A estrutura argumental nas nominalizações: uma questão lexical. *Anais do XXV Seminário do GEL*: 702-707.
- PONTES, E. (1973) *Verbos Auxiliares no Português*. (Tese original de 1969) Petrópolis, RJ, Vozes.
- _____ (1976) A propósito dos pré-artigos. *Anais do I Encontro Nacional de Linguística*. PUC-RJ.
- _____ (1987) *O Tópico no Português do Brasil*, Campinas, Pontes.
- PRADO, M. S. (1997) Um estudo sobre o genitivo pré-nominal em português do Brasil. *Seminários de Teoria Gramatical*. FFLCH-USP.
- QUÍCOLI, A. C. (1972) *Aspects of Portuguese complementation*. State University of New York. Ph. D. Dissertation.
- RAMOS, J. (1992) *Marcação de Caso e Mudança Sintática: abordagem gerativa e variacionista*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- _____ (1997a) A sociolinguística paramétrica: Linguística paramétrica ou variação sintática? Comunicação apresentada no *Seminário de Sociolinguística*. João Pessoa.
- _____ (1997b) O uso das formas você, ocê e cê no Dialeto Mineiro. In: Demerval Hora (org.) *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa. Idéia Ed. Ltda.
- _____ (1997c) *Realização morfológica de caso em SNs quantificados no Português do Brasil*. UFMG, ms.
- RAMOS, R. M. S. (1973) A teoria dos casos na análise do uso das preposições

- em inglês. *Letras de Hoje* 15: 113-130.
- RAPOSO, E. (1986) On the null object in European Portuguese. In: Jaeggli, O. & C. Silva-Corvalán (orgs.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris.
- _____ (1992) *Teoria da Gramática: a Faculdade da Linguagem*. Lisboa, Caminho.
- RIBEIRO I. (1988) *O Papel do Traço [+Acordo] em Construções com Infinitivo Flexionado*. Dissertação de Mestrado. UFBA.
- _____ (1989) A teoria dos casos e o verbo acreditar. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 17: 91-108.
- _____ (1993) A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter, haver e ser*. In: Roberts & Kato (orgs): 343-386.
- _____ (1995) *A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico: o efeito V2*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- _____ (1996a) Traços morfológicos fortes e fracos, ordem XVS e o critério-qu. *Anais do I Encontro Internacional da ABRALIN*: 127-135.
- _____ (1996b) A ordem dos constituintes. In: Mattos e Silva, R.V. (org.) *A Carta de Caminha: Testemunho Lingüístico de 1500*. Salvador, Edufba.
- RIZZI, L. (1991) Residual verb second and the Wh-criterion. University of Génève Technical Reports in Formal and Computational Linguistics, n.º 2.
- ROBERTS, I. & M. A. KATO (1993) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*: 409-425. Campinas, SP, Editora da UNICAMP. 2ª edição: 1996.
- ROBERTS, I. (1993a) *Verbs and Diachronic Syntax: A Comparative History of English and French*. Dordrecht-Boston-London, Kluwer Academic Publishers.
- _____ (1993b) Pós-fácio. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.): 409-425.
- ROCCA, P. A. (1978) *Padrões sintáticos complexos do inglês e do português: análise contrastiva e sugestões de aplicação pedagógica*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- ROCHA, M. L. F. (1990) *Sintagma QU- em Interrogativas Indiretas e Relativas Livres do Português*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- RODRIGUES, M. H. N. (1975) *Uma análise gerativo-transformacional de estruturas encaixadas em português*. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas.
- ROMUALDO, J. A. (1975) *Cláusulas comparativas do português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- SALIBA, S. M. P. (1983) *Algumas funções do "em" no português do Brasil- uma análise sintático-semântica*. Dissertação de Mestrado. PUCRGS.

- SALLES, H. M. M. L. (1992) *Preposições em Português: um estudo preliminar*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- _____ (1996a) Argument licensing in ditransitive constructions. *Research papers in Linguistics*. Vol. 8. University of Wales, Bangor.
- _____ (1996b) Double Object Constructions: a Minimalist Approach. *Research Papers in Linguistics* 8. University of Wales.
- _____ (1997) On the correlation between P(reposition stranding) and D(ouble O(bject) C(onstructions)). UCW-Bangor/UnB, ms.
- SAMARA, S. (1976) *Análise das orações relativas introduzidas por onde*. Dissertação de mestrado. PUC-SP.
- SANTOS, J. S. (1996) *Ligação não-Seleativa de Subjuntivos: suas implicações na gramática*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- SARAIVA, M. E. (1979) *Movimento de Advérbios de Modo em Português*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- _____ (1980) O transporte dos advérbios de modo em português. *Ensaio de Linguística* 3: 87-96.
- _____ (1996) *O SN Nulo Objeto em Português: Um Caso de Incorporação Semântica e Sintática*. Tese de Doutorado. UFMG.
- SCHAFF FILHO, M. (1981) *Análise casual do sintagma nominal complexo em português*. Dissertação de Mestrado. PUC-RGS.
- SCHER, A. P. (1996) *As Construções com dois Complementos no inglês e no Português do Brasil: um estudo sintático comparativo*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- _____ (1997) 'Scrambling' determinando o efeito de objeto duplo do Português do Brasil. *Anais do I Encontro do CELSUL*: 896-905.
- SCHLACHTER, E. (1996) A concordância no renano-palatibo: uma interpretação teórica dentro do Minimalismo. *Anais do XXV Seminário do GEL*: 744-750.
- SCHMITZ, J. R. (1977) Análise contrastiva de erros: Estar com- Ter em português e Be-Have no inglês. *Revista Brasileira de Linguística* 4 (1). Ano III: 38-48.
- SENDAY, D. (1975) *Seqüências de clíticos em português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- SHIBAO, S. (1977) *Um estudo do complemento nominal em português*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- SIKANSI, N. S. (1994) *A Estrutura das Sentenças com Pronome Interrogativo no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- SILVA, M. (1977) *As orações relativas preposicionadas no português coloquial*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- SILVA, M. C. P. de S. (1973) *As orações relativas introduzidas por pronome*

- "que". Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- SILVA, M. P. F. N. (1975) *Aspectos da colocação dos pronomes clíticos no dialeto do português falado na cidade do Rio de Janeiro, numa abordagem transformacional*. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ.
- SILVEIRA, G. (1996) *O Comportamento Sintático dos Clíticos no Português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. UFSC.
- SILVEIRA, J. R. C., L. SIMÕES, S. ABREU, G. COLLISHONN & D. LIMA (1994) O infinitivo flexionado em português: um reestudo de Raposo. *Letras de Hoje* 96: 135-146.
- SIMÕES, A. M. (1974) *Movimento de quantificadores em português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- SOUSA, E. (1977) *A preposição e os termos da frase*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- STEINER, E. M. (1978) *O uso de alguns recursos endofóricos em português*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- SZABO, L. M. (1986) *Aquisição de padrões sintáticos em inglês correspondentes a estruturas iniciadas por verbo em português*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- TARALLO, F. (1993) Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.): 69-106.
- TARALLO, F. & M. A. KATO (1989) Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra-lingüística. *Preedição* 5. UNICAMP.
- TAVARES de MACEDO, A. (1977) Modelos de análise para o auxiliar em português. *Linguística* V. Rio de Janeiro, RJ, Museu Nacional da UFRJ.
- TEIXEIRA, R. F. A. (1977) *Pronomes pessoais sujeitos em português*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- TONDO, N. V. (1976) *Aspectos sintáticos e semânticos da concordância verbal em português*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- TORRES MORAIS, M. A. (1993) Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.): 263-306.
- _____ (1995) *Do Português Clássico ao Português Moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- _____ (1996) Hipótese para o aparecimento das construções de topicalização na história do português. *Anais do XXV Seminário do GEL*: 636-640.
- _____ (1997) A sintaxe do verbo e clíticos no português. *Anais do I Encontro do CELSUL*: 793-800.
- TRIEWEILER, N. A. (1976) *Emprego dos tempos verbais na sintaxe popular*.

- Dissertação de Mestrado. PUC-RJ.
- VANETTI, L. M. K. (1988) *O "Tópico" e o Objeto Nulo no PB*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- VANNUCCHI, J. D. (1977) Sintaxe da gradação do adjetivo em português. *Revista Brasileira de Linguística* 4 (2), Ano III: 17-44.
- VASCONCELOS, A. G. T. (1976) *Uma análise gerativo-transformacional do verbo "Ter"*. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas.
- VEADO, R. A. (1981) Uma proposta que considera a marca de número como constituinte gerado no SN em lugar de traço de nome. *Ensaio de Linguística* 3: 102-118.
- VIANA, A. M. S. (1995) *A Expressão de Atributo na Língua Karajá*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- VIANA, M. L. (1977) *As orações relativas do português e do francês: uma análise contrastiva*. Dissertação de Mestrado. PUC-RS.
- VIEIRA, M. A. R. (1978) A voz passiva num tratamento lexicalista. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- VIEIRA, M. D. (1989) O fenômeno da não-configuracionalidade em algumas línguas da família Tupi-Guarani. Comunicação apresentada no Seminário: *Sistemas de Marcação de Caso*. IEL-UNICAMP, Campinas.
- _____ (1995a) The expression of quantificational notions in Asurini do Trocará: against the universality of determiner quantification. In: Bach E, B. Partee, A. Kratzer e E. Jelinek (orgs.) *Quantification in Natural languages*. Dordrecht, Kluwer.
- _____ (1995b) Os parâmetros da configuracionalidade e da projeção e a língua Asurini do Trocará. *Revista Latino-Americana de Estudos Etnolingüísticos*, Vol. VII: 87-108.
- _____ (1997a) Long-distance binding in Mbyá Guarani. Comunicação apresentada no *XVI Congresso Internacional de Linguística*. Paris (resumo publicado nos Anais do Congresso).
- _____ (1997b) A derivação da incorporação nominal na língua Tupinambá (Tupi-Guarani). *Atas das II Jornadas de Linguística Aborígen*. Universidade de Buenos Aires.
- _____ (1997c) Para uma análise das sentenças possessivas do tipo bahuvrihi, em línguas da família Tupi-Guarani. Comunicação apresentada no *49o Congresso Internacional de Americanistas*. Quito.
- VILANOVA, L. E. (1989) *Mudanças em X-barra na História do Francês*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- _____ (1989) *Mudanças na X-barra na história do francês*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- VIOTTI, E. (1997) A predicação e as relações temáticas nas sentenças com o

- verbo ter. *Seminários de Teoria Gramatical 1*. FFLCH-USP.
- VITRAL, L. (1992) *Structure de la Proposition, et Syntaxe du Movement du Verbe en Portugais Brésilien*. Tese de Doutorado. Un. Paris VIII.
- _____ (1994) Estruturas VS e concordância verbal: uma perspectiva Minimalista. In: *Anais do I Encontro Internacional da ABRALIN*. Salvador.
- _____ (1996) A forma cê e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Ano 5 (4): 115-124.
- _____ (1997) *A Negação: Teoria de checagem e mudança lingüística*. UFMG, ms.
- VOTRE, S. J. (1976) Para uma análise semântica do português. *Letras de Hoje* 26: 41-56.
- WALDREP, J. W. (1981) *Um estudo sintático das orações finais no português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- WEICHEL, S. (1997) *A Ordem dos Constituintes do Alemão*. Dissertação de Mestrado. UFSC.
- WHEELER, D. (1981) Object deletion in Portuguese. In: Lantolf & Stone (orgs.) *Current Research in Romance Languages*. Filadelfia, John Benjamins.
- WHITAKER FRANCHI, R. C. M. (1989) *As Construções Ergativas: um estudo semântico e sintático*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- ZUIANI, M. R. (1988) *Um Estudo da Forma e Interpretação das Sentenças Relativas no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.

ORIENTAÇÕES ATUAIS DA LINGÜÍSTICA HISTÓRICA BRASILEIRA
(Recent Trends in Brazilian Historical Linguistics)

Rosa Virgínia Mattos e SILVA (*Universidade Federal da Bahia*)

ABSTRACT: The paper concentrates on the new directions taken by Historical Linguistics in Brazil, which gives special attention to Brazilian Portuguese, studying dialectal and sociolinguistic aspects. A special reference is made to projects that bring together researchers from several universities in the country. (Abstract by Editors (AE))

KEY WORDS: Historical Linguistics; Diachronic Linguistics; Phylology; Brazilian Linguistics.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística Histórica; Lingüística Diacrônica; Filologia; Lingüística Brasileira.

1. Delimitações preliminares

1.1 Introdução

Iniciarei com uma citação, que julguei pertinente, para desenvolver a minha reflexão sobre o tema proposto referente às orientações atuais, no Brasil, dos estudos histórico-diacrônicos sobre a língua portuguesa. Retirei a citação do bem sucedido livro organizado por Mary Kato e Ian Roberts, *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Diz Mary Kato na sua *Apresentação* dessa obra coletiva:

'A sociolingüística floresce não apenas no Brasil, mas em todo o continente americano: Canadá, Estados Unidos e América Latina. É a vocação do colonizado, em busca da identidade lingüística própria. Mas mexer com o problema da identidade é mexer com a História. Quer-se saber como tal identidade foi adquirida' (1993: 14).

Tem-se afirmado, e eu mesma já afirmei em outros trabalhos (1988, 1993, 1996a, 1997), e voltarei a discutir a questão mais adiante, que o retorno dos estudos histórico-diacrônicos no Brasil, esse novo e renovado fluxo, depois do refluxo entre 1960 e 1980, deve-se aos desenvolvimentos externos de duas orientações predominantes da Lingüística contemporânea, nomeadamente, da Sociolingüística quantitativa ou variacionista, com suas origens no

Empirical foundations for a theory of language change, de U. Weinreich, W. Labov e M. Herzog, de 1968, e do modelo gerativista paramétrico da década de oitenta, que, considerando a variação interlingüística, trouxe à especulação da teoria questões fundamentais em que se interrelacionam a aquisição – questão sempre presente, desde as origens, nos modelos chomskyanos – à mudança lingüística, até então questão secundária nos gerativismos anteriores.

A razão de ter iniciado com a citação acima se justifica pelo fato de que se soma, no Brasil, à pressão que sobre nós se exercem os desenvolvimentos externos recentes da ciência em que trabalhamos, o problema que é, a meu ver, fundamental da Lingüística brasileira: o de compreender e explicitar o português brasileiro, tanto na abordagem de sua estrutura heterogênea e de seu funcionamento sincrônico intrínseco, como em comparação com o português europeu, do qual se desenvolveu, em contexto histórico multilingüístico – considerem-se as línguas indígenas autóctones, as línguas africanas, à força, trazidas e as línguas que chegaram nas múltiplas faces da emigração – e ainda em comparação com as línguas irmãs românicas, tanto na sua face européia como na sua face americana.

Assim sendo, penso, para além dos modelos teórico-metodológicos que buscamos, há uma motivação interna, nossa, que nos atrai para a vertente histórica da Lingüística: a questão lingüística da língua que usamos.

Decorrente disso, como procurarei mostrar na segunda e terceira partes deste texto, os estudos histórico-diacrônicos que se desenvolvem nesses últimos anos no Brasil, em geral, se orientam para o português brasileiro, não só aqueles que do presente olham o passado, mas também aqueles que do passado olham o presente e até mesmo aqueles que, fixando-se em uma sincronia passada, não ignoram, como referência, o presente.

Considero que, antes de entrar no tema central, convém delimitar, como preliminares, algumas conceituações, para evitar possíveis ambigüidades, e ainda fazer um breve excursão sobre o passado dos estudos lingüísticos no Brasil, para chegar ao nosso foco: o que se está fazendo nos dias que correm no campo dos estudos histórico-diacrônicos sobre o português.

1.2. Breves conceituações

Afirmo antes que a vertente histórica da Lingüística nos atrai. Procurarei, então, explicitar o que estou designando por *vertente histórica da Lingüística*,

ou seja, o que conceituo como Lingüística Histórica.

Há toda uma tradição na história da Lingüística, sedimentada desde o século XIX, quando a Lingüística não precisava ser adjetivada, já que toda ela era *histórica*, que identifica a Lingüística Histórica como aquela Lingüística que se ocupa do passado das línguas e do seu processo de mudança ao longo do tempo, quer se trate de uma única língua, quer se trate do estudo comparado entre línguas de uma mesma família genética ou não. É essa a concepção normal em torno do conceito de Lingüística Histórica, encontrada em dicionários e manuais de Lingüística e que se mantém até hoje. Veja-se, por exemplo, na recente obra de W. Labov, *Principles of language change*, a sua definição: 'A tarefa da lingüística histórica é explicar as diferenças entre o passado e o presente' (1994:21).

Tomarei uma posição, que já externei há alguns anos (1988), em que esse sentido dado à Lingüística histórica não é excluído, pelo contrário, é o que designei por *Lingüística Histórica stricto sensu*. Fundada, contudo, no já clássico *Empirical foundations for a theory of language change* (1968) e com o respaldo da argumentação de Eugênio Coseriu, no também já clássico *Sincronia, diacronia e história*, propus e proponho que, a par da Lingüística Histórica no seu sentido estrito, se considere a *Lingüística Histórica lato sensu*, que será todo estudo lingüístico que se funde em base de dados necessariamente datados e localizados.

Embora, em nenhum momento dos *Empirical foundations*, seus autores considerem estudos de variação sincrônica, quer espacial, quer social, Lingüística Histórica, a relação que eles demonstram entre variação sincrônica e mudança diacrônica permite incluir no campo da Lingüística Histórica no sentido lato análises sincrônicas datadas e localizadas, portanto, historicamente contextualizadas.

Aliás, se foi a obra *Empirical foundations* que trouxe à cena recente a relação entre variação sincrônica e mudança diacrônica, desde a segunda metade do século XIX esta relação se estabeleceu quando, do âmbito da Lingüística Histórica no sentido estrito, se iniciaram os estudos de dialetos sincrônicos, sobretudo, é claro, os considerados mais arcaizantes, para melhor explicitarem-se mudanças ocorridas. Nasceu, assim, a Dialectologia românica e germânica, como um desdobramento natural da Lingüística Histórica, centrada no passado das línguas.

Contudo, foi o respaldo de Eugênio Coseriu que me decidiu a alargar a minha compreensão dos estudos históricos, delimitando-os e designando-os como *Linguística Histórica stricto e lato sensu*. Coseriu não usa tais designações; fala ele de *descrição e história da língua*:

'A descrição e a história da língua situam-se, ambas, no nível histórico da linguagem e constituem juntas a linguística histórica... A língua se faz...: é um fazer-se num quadro de permanência e continuidade... Mas o fato de se manter parcialmente idêntica a si mesma e o fato de incorporar novas tradições é, precisamente, o que assegura a sua funcionalidade como língua e o seu caráter de objeto histórico. Um objeto histórico só o é, se é, ao mesmo tempo, permanência e sucessão'. (1979: 236-238)

Uma outra delimitação que considero necessária é a diferença que nem sempre se estabelece entre *histórico* e *diacrônico*.

Sabemos todos que a oposição sincronia/diacronia se firmou a partir do *Curso* saussuriano e se definiu como duas formas de abordar a linguagem humana: a análise dos sistemas linguísticos em nível abstrato nas suas relações de simultaneidade e de sucessividade, respectivamente. À sucessividade temporal, diacrônica, associa-se, em geral, o qualificador histórico. Contudo, tanto os modelos diacrônicos dos estruturalismos, como os modelos diacrônicos dos gerativismos são, de fato, a-históricos, porque excluem os fatores sócio-políticos, enfim históricos, na compreensão da questão central da mudança linguística. Basta que se leia a teoria da mudança fônica no clássico do estruturalismo diacrônico *Économie des changements phonétiques* de André Martinet e, como exemplo recente, da teoria sintática gerativa diacrônica a seguinte formulação de A. Battye e I. Roberts, em *Clause structure and language change*:

'A maioria do trabalho tradicional na linguística histórica e na filologia é trabalho sobre 'E-language'... a análise de uma língua como 'E-language' é independente em princípio de qualquer propriedade que possa ser atribuída à mente/cérebro dos falantes nativos dessa língua... à gramática gerativa concerne a 'I-language'. (1995:7)

Depois de relacionarem 'questões tradicionais' da Linguística Histórica,

afirmam:

'qualquer resposta que possamos divisar para as questões dadas dependerá desta questão: quais são os mecanismos da mudança de parâmetros... Acreditamos que o estudo da sintaxe diacrônica uma vez que nos dá um insight nos mecanismos da mudança de parâmetros, pode-nos dizer alguma coisa sobre a marcação de parâmetros, isto é, sobre a aquisição da linguagem'. (1995: 6-7)

A rigor, a designação análise diacrônica só deveria ser utilizada quando se tratasse de estudos de mudança no quadro teórico da teoria dos sistemas ou no quadro teórico da teoria da gramática, em que os dados são argumentos empíricos para os modelos teóricos, abstratos. Num sentido mais leve, continua-se a utilizar *diacrônico* por *histórico*, confundindo-se os dois conceitos. Uma vez que, na atualidade, uma das abordagens mais proeminentes da mudança lingüística se encontra no modelo gerativista, que associa aquisição e mudança, vale ficar aqui destacado que, nos dias que correm, Lingüística Histórica e Lingüística Diacrônica devem ser consideradas como conceitos distingüíveis, como aliás não deveria deixar de ser.

Para sintetizar e concluir essas breves reflexões sobre alguns conceitos preliminares, cumpre reafirmar que considerarei no desenrolar deste texto os conceitos de *Lingüística Histórica lato sensu*, que inclui descrições e interpretações sincrônicas datadas e localizadas, *Lingüística Histórica stricto sensu*, que se concentra na mudança lingüística no tempo, levando em consideração fatores intralingüísticos ou estruturais e fatores extralingüísticos ou sócio-históricos e *Lingüística Diacrônica*, que, tratando da mudança no tempo, se concentra no sistema ou na gramática, depreensões teóricas que subjazem às línguas históricas.

1.3. Breve excursão sobre o passado

Situo o que denominei novo e renovado fluxo nos estudos histórico-diacrônicos, no Brasil, nos inícios dos anos oitenta. Um indicador externo e, diria, oficial para isso está no fato de que é em 1984 – depois de longo recesso – que ocorre no encontro anual da Associação Brasileira de Lingüística um evento de natureza histórico-diacrônica: uma Mesa Redonda, coordenada por Carlos Franchi, intitulada *Problemas de Lingüística Histórica*, de que participaram Fernando Tarallo, Marco Antônio Oliveira e Carlos Alberto Faraco, então recém-doutores, os dois primeiros vindos da Pennsylvania laboviana e C. A. Faraco, de Salford, onde cumprira doutorado com o romanista Martin

Harris. Renascia a Fênix! Permito-me plagiar o título da comunicação de F. Tarallo nessa Mesa: “A Fênix finalmente renascida!”. Referia-se à volta aos estudos históricos, decorrentes sobretudo da Sociolingüística laboviana.

De fato, quando se institucionaliza e academiciza a Lingüística no Brasil, ou seja, a sua entrada como disciplina obrigatória no currículo mínimo dos cursos superiores de Letras no Brasil por lei, em 1963, aportaram, e precariamente se generalizaram, já com enorme atraso, os modelos analíticos sincrônicos estruturalistas, logo seguidos, atropeladamente, pelos gerativo-transformacionais que, pelos inícios de setenta, já apagavam as orientações estruturalistas que mal se sedimentavam. Sem dúvida, a década de sessenta foi um divisor na história dos estudos lingüísticos no Brasil.

Na primeira metade deste século, contudo, a orientação hegemônica nos estudos lingüísticos no Brasil foi de natureza historicista como, aliás, dificilmente poderia deixar de ser. Seguíamos uma tradição herdada de Portugal – por sua vez seguindo orientações francesas e alemãs – que tinha como grande modelo a extraordinária obra do polígrafo português José Leite de Vasconcellos. Em outro trabalho, apresentado em 1996 ao grupo de Historiografia Lingüística da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Lingüística, intitulado *Sobre desencontros e reencontros: Filologia e Lingüística no Brasil no século XX*, desenvolvi com detalhes o entremear-se da Lingüística chamada moderna, desde 1938, pela segura e isolada mão e cabeça de Joaquim Mattoso Câmara Jr., com a Filologia então aqui hegemônica. Filologia que era compreendida então em seu sentido amplo, na definição de Leite de Vasconcellos, nas sua *Lições* de 1910-1911:

‘Nas minhas preleções entendo de ordinário Filologia Portuguesa o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, acessoriamente o da literatura, olhada sobretudo como documento formal da mesma língua’. (1959:9)

É ele o Mestre declarado de pelo menos Antenor Nascentes, Sousa da Silveira e de Serafim da Silva Neto, este o expoente maior, certamente, dos estudos lingüístico-filológicos ao longo dos anos cinqüenta e que sintetiza uma época que passava.

Serafim da Silva Neto, na 2ª edição do seu *Manual de filologia portuguesa* de 1957, mantém ainda a definição de Filologia herdada de Leite Vasconcellos, ao contrapor Lingüística/Filologia:

'A Lingüística é uma ciência de princípios gerais, aplicáveis a qualquer língua... A Filologia, sim, encerra todos os estudos possíveis acerca de uma língua ou grupo de línguas... dizemos todos os estudos possíveis, porque, como se sabe, a Filologia na Antigüidade era o estudos dos textos; hoje porém, com o desenvolvimento científico, ela abrange os assuntos puramente sincrônicos, isto é, descrições de estado da língua'. (1957:XII)

Essa concepção e abrangência da Filologia vigorou forte no Brasil até inícios dos anos sessenta e seu respeitável legado compõe a primeira fase dos estudos lingüísticos no Brasil, entendida aqui Lingüística em sentido lato, seguindo uma tradição que começou na Europa na segunda metade do século XIX, como já referido.

São, sem dúvida, obras maiores desse período o *Dialeto caipira* de Amadeu Amaral, primeira edição de 1920; *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes, primeira edição de 1922; *A língua do nordeste* de Mário Marroquim de 1934; o *Dicionário Etimológico*, também de Nascentes de 1932; a *Gramática Histórica* de Ismael de Lima Coutinho de 1938; a *História da língua portuguesa* de Serafim da Silva Neto, saída em fascículos entre 1952 e 1957; a obra de sintaticista diacrônico e histórico de Manuel Saidi Ali; a obra de romanista de Theodoro Maurer Jr e a obra filológica, no sentido estrito, de Sousa da Silveira.

Era esse o tempo, bem definido por Ivo Castro em *O retorno à Filologia*,

'... em que lingüistas também eram etnógrafos, historiadores, folcloristas, arqueólogos e não tinham problema de identidade disciplinar, pois se sabiam participantes de uma vasta empresa de aquisição de conhecimentos diversificados, mas harmonizáveis em torno de um interesse comum pela palavra documental ou artística e pelo seu comportamento na história. Conhecerem-se todos eles por filólogos era tradicional e apropriado'. (1995:512)

A Lingüística chamada moderna, que tem seu marco inicial em 1916, o que parece consensual, só se difunde no Brasil na década de sessenta, a partir de 1963, como dito antes, mas sobretudo depois da reforma universitária de 1968 que trouxe à cena a chamada dedicação exclusiva para os professores que pesquisassem e os Programa de pós-graduação, e, com eles, a obrigatoriedade da pesquisa no âmbito das Universidades.

Entretanto, desde 1938, inicia Mattoso Câmara Jr. seu solitário percurso de semeador da Lingüística moderna no Brasil, percurso que, curiosamente, teve sempre o respaldo do filólogo Sousa da Silveira, ilustre catedrático de Filologia Portuguesa entre 1940 e 1954 na antiga Universidade do Brasil. É ele que incentiva a publicação e faz o prefácio à primeira edição, de 1941, das *Lições de lingüística*, depois rebatizada como *Princípios de Lingüística Geral*, onde lamenta a descontinuidade da Lingüística nos currículos acadêmicos, iniciada em 1938 na malograda por razões políticas Universidade do Distrito Federal, e que só voltará, não como cátedra, à Universidade do Brasil, em 1948. Em ambas as Universidades o mestre escolhido foi Mattoso Câmara Jr. Mas o que considero mais interessante nesse prefácio do filólogo Sousa da Silveira e que quero destacar é a avaliação que faz da obra prefaciada:

'... as Lições de Lingüística do Prof. Mattoso Câmara Jr. serão lidas e aproveitadas, e o livro em que elas se contêm ficará constituindo não só uma espécie de cátedra pública em que o douto especialista continua a lecionar, suprindo a lacuna universitária... a leitura atenta do livro porá ordem dentro de muito cérebro onde as noções lingüísticas ainda se aglomeram confusamente'. (1954:10-11)

Ao tempo em que os filólogos historicistas construía sua obra, respaldado então pelo prestígio dessa orientação dos estudos lingüísticos, Mattoso Câmara Jr., no seu percurso à parte, nos legava uma obra fundamental que, sem dúvida, como prenunciou Sousa da Silveira, 'pôs ordem dentro de muito cérebro', numa orientação estruturalista plural, calcada em um saber lingüístico fundamentado e sedimentado. Dentre os muitos títulos, e conhecidos, de Mattoso Câmara destaco aqui a sua *História e estrutura da língua portuguesa*, elaborada entre 1963 e 1965, editada primeiro em inglês, em 1972, pela Chicago University Press; em 1975, traduzida e publicada no Brasil. Ambas as edições já póstumas. Esse livro representa, a meu ver, uma isolada aplicação a aspectos da história do português do estruturalismo diacrônico, que aqui divulgou-se quando a Lingüística brasileira já buscava outros caminhos.

Vê-se então nessa passagem dos anos cinquenta para sessenta uma reorientação dos estudos lingüísticos no Brasil em que a institucionalização da disciplina Lingüística; a institucionalização da pesquisa no âmbito das Universidades; o lento divulgar-se da obra de Mattoso Câmara Jr; e sobretudo as novas relações dos universitários brasileiros com seus pares americanos e

européus, tanto no sentido da saída para especializações e outras pós-graduações como no sentido da vinda de especialistas estrangeiros para reforçar a pós-graduação brasileira. Tais fatos condicionam as orientações que vieram a estabelecer-se nos anos setenta.

Reorientam-se o ensino e a pesquisa lingüística, a partir dos meados de sessenta, no sentido de privilegiar o que então se impunha no campo da ciência da linguagem: os estudos sincrônicos descritivos e os estudos interpretativos teóricos, frutos dos recortes saussurianos e suas reformulações, dos estruturalismos americanos que, superados, desencadearam os modelos gerativistas.

De fato, a Fênix histórico-diacrônica esteve adormecida!

2. Orientações atuais no Brasil dos estudos histórico-diacrônicos sobre a língua portuguesa

Não foi inocente a minha escolha da citação de Mary Kato, com que abri este texto, nem tampouco foi sem razão que procurei explicitar a distinção entre *Lingüística Histórica lato sensu*, *Lingüística Histórica stricto sensu* e *Lingüística Diacrônica*.

Enquanto se desenvolviam os estudos descritivos sincrônicos, seguindo os modelos estruturalistas, seguidos dos modelos teóricos gerativistas, modelos a-históricos por natureza, outros caminhos, também sincrônicos, percorriam lingüistas brasileiros, fazendo avançar o conhecimento da nossa realidade lingüística. Desenvolviam e desenvolvem o que designei por *Lingüística Histórica* no sentido lato.

Refiro-me, pela ordem do seu surgimento, primeiro aos que buscaram e buscam, aos poucos e mais lentamente do que certamente desejariam, conhecer as variedades regionais brasileiras, sonho dos historicistas da primeira metade deste século, tais como Antenor Nascentes e Serafim da Silva Neto que esboçaram caminhos para a Dialectologia brasileira. De 1963, data da publicação do pioneiro *Atlas prévio dos falares baianos*, por Nelson Rossi e sua equipe, alguns outros *Atlas* regionais vêm sendo publicados e pela ordem de publicação são: *Esboço de um Atlas lingüístico de Minas Gerais*, 1977, por M. R. Zagari et alii; o *Atlas lingüístico da Paraíba*, 1985, por M. S. Aragão e C. Bezerra de Menezes; o *Atlas lingüístico de Sergipe*, também coordenado por Nelson Rossi (1987); o *Atlas lingüístico do Paraná*, de 1990, por V. Aguilera. Outros

estão em elaboração: o do Ceará, o dos pescadores do Rio de Janeiro; o de São Paulo; o da Região Sul; o do Acre (cf. Cardoso e Ferreira, 1995). Embora não cumpram o plano dos pioneiros Nascentes e Silva Neto, já que não seguem idênticas metodologias, permitem um mapeamento de fatos, sobretudo fônicos e lexicais, que caracterizam o português brasileiro nas suas variedades regionais.

Em setembro de 1996, sob a liderança de Suzana Cardoso, da Universidade Federal da Bahia, iniciou-se a elaboração de um grande projeto, já em curso de realização, para a construção de um *Atlas Lingüístico do Brasil* (ALiB), que reúne a experiência de todos aqueles que vêm aqui realizando Dialectologia e Geografia Lingüística.

A par dessa orientação dialetológica, iniciada nos anos sessenta, pelo final daquela década se implementa no Brasil o primeiro projeto interinstitucional no âmbito da Lingüística Brasileira, o conhecido Projeto NURC que, em 1969, começou a ser planejado para o Brasil, segundo os moldes já em execução na América espanhola. Chegava assim ao Brasil a Sociolingüística, para outras ainda não a Sociolingüística, mas a Dialectologia Urbana, com o objetivo de desvendar a chamada *norma culta* ou as *normas cultas* conviventes em capitais brasileiras.

A partir dos inícios dos anos setenta se integram na Lingüística brasileira os projetos sociolingüísticos de orientação sobretudo americana, iniciados, no Rio de Janeiro, sob a orientação segura de Anthony Naro, primeiro sobre o *corpus* do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), depois sobre *corpora* preparados para a pesquisa sociolingüística como, por exemplo, o *Censo Sociolingüístico do Rio de Janeiro*. A esses outros se sucederam e vem se sucedendo em vários pontos do Brasil, como, por exemplo, o *Corpus* do VARSUL, que inclui o Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul.

Define-se cada vez mais extensivamente e com pre-requisitos exigidos pela pesquisa sociolingüística a heterogeneidade social do português brasileiro.

Se aceitam meu ponto de vista, pode-se dizer que no âmbito da *Lingüística Histórica lato sensu* não houve descontinuidade nos estudos lingüísticos brasileiros. Houve, sim, reorientações teóricas e metodológicas no sentido do rigor científico exigido tanto para a Dialectologia como para a Sociolingüística que, no Brasil, tem-se feito, sobretudo, mas não exclusivamente, na sua vertente laboviana, correlacional e quantificada privilegiando a metodologia variacionista.

Diria que o grande avanço que ocorreu dos anos sessenta para cá na Lingüística brasileira está no conhecimento cada vez mais extenso e fundamentado da heterogeneidade, sobretudo social, do português que usamos. É hoje múltipla, rica e numerosa a bibliografia nesse campo e promete prosseguir, vejam-se os vários projetos em desenvolvimento, sobretudo no âmbito das pós-graduações brasileiras, que têm como objetivos: descrever e interpretar sociolingüisticamente os usos falados dos diversos estratos sociais; confrontar as chamadas *normas cultas* conviventes no Brasil; comparar o falado com o escrito em diferentes estratos sociais; definir o que deverá ser o padrão escolar para o ensino do português, sobretudo escrito; desvendar a interrelação das variantes rurais transplantadas para cidades com as variantes urbanas. Temas como esses têm sido e continuarão ocupação de grande parte dos lingüistas brasileiros que se dedicam a esses aspectos sincrônicos, mas sócio-históricos do português brasileiro.

Assim indico que são esses alguns dos desenvolvimentos dos estudos históricos, no sentido lato da Lingüística Histórica, sobre o português no Brasil. Os fatos sincrônicos em variação nos usos brasileiros do português são um aspecto da história da língua que usamos. A explicação dessa variação pode ser captada por análises sociológicas sincrônicas, mas suas raízes se encontram na formação histórica da sociedade brasileira.

Com base nisso é que afirmo, no início, que, não apenas por pressões de modelos externos, nos sentimos atraídos para questões histórico-diacrônicas da língua portuguesa, em especial do português brasileiro.

O desvendar analítico da realidade lingüística sincrônica brasileira, rural/urbana, correlacionado a vários fatores sociais tem levado à busca de uma compreensão histórica, tanto da história do presente como da história passada para que se ultrapasse do limite descritivo e analítico para as interpretações histórico-diacrônicas.

Voltemo-nos então para os estudos histórico-diacrônicos, ou seja, para os estudos em *Lingüística Histórica* no sentido estrito.

Vêm-se nessa direção orientações muito recentes, sobretudo de pesquisadores jovens, que se voltam ao interesse antigo pelo que, no século XIX, era designado como história externa para distinguir dos estudos das mudanças no interior das línguas. Esse é um dos desenvolvimentos que

começam a se esboçar e a tomar corpo nos estudos histórico-diacrônicos no Brasil. Foi uma preocupação na primeira metade do século e, desse tempo, certamente, as reflexões fundadas em fontes sócio-históricas, mas assistematicamente exploradas, foram as que Serafim da Silva Neto reuniu no seu livro *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, cuja primeira edição é de 1950. Uma síntese recente, de 1985, está em Antônio Houaiss, *A língua do Brasil*, em que redimensiona questões afloradas por Silva Neto e outros. A meu ver, as mais interessantes são as referentes aos movimentos demográficos multi-étnicos ao longo da história do Brasil e à questão, que ele aborda de passagem, sobre a literatização e escolarização ao longo do nosso processo histórico, com reflexos evidentes sobre o português brasileiro atual (cf. Mattos e Silva, 1995).

Nesse âmbito devo destacar a dissertação de Mestrado de Alberto Mussa (1991), *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*, em que estão mapeados os sucessivos contingentes demográficos correlacionados com os grupos étnicos que compõem a nossa sociedade, ao longo do nosso tempo histórico, concentrando-se nos contingentes africanos, correlacionados a suas línguas, durante o tempo do tráfico.

Na direção da sócio-história ou história social do português brasileiro, alguns pós-graduandos, sobretudo à volta do professor Ataliba de Castilho, agora na Universidade de São Paulo, estão direcionando-se para cobrir áreas específicas do Brasil, para que, em futuro que não se espera longínquo, seja possível ter reconstruída a sócio-história do português brasileiro.

Diretamente relacionada à nossa sócio-história pregressa vem se desenvolvendo uma outra orientação de pesquisa histórico-diacrônica que, a partir dos dados sincrônicos de comunidades afro-brasileiras isoladas, busca testar a hipótese da criouliização prévia dessas comunidades, sem, no entanto, buscar generalizar a hipótese para todo o chamado português popular brasileiro. Trabalhando com metodologia variacionista sobre fatos sintáticos, a partir de recolha de campo rigorosa, essa orientação foi iniciada e está sendo implementada por um dos que melhor conhecem crioulos de base portuguesa, Alan Baxter, da Universidade de La Trobe, Austrália. No Brasil, tem tido como base a Universidade Federal da Bahia e, nela, o *Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR)*. Seu assistente de pesquisa no Brasil, Dante Lucchesi, já está desenvolvendo sua tese de doutoramento nesse campo, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação de Anthony Naro.

Dentro do quadro teórico da Sociolingüística laboviana, alguns estudiosos da variação sincrônica do português brasileiro, para responder à questão teórico-metodológica – *mudança em curso* ou *variação estável* – têm-se voltado para dados de *tempo real*, pesquisando em fontes do passado do português. Assinalo nessa orientação pesquisas realizadas no grupo de Sociolingüística do Rio de Janeiro, coordenado pelo Professor Anthony Naro. Seguem assim o percurso em duas direções, preconizado na metodologia laboviana, do presente para o passado e deste para esclarecer aquele.

Outras orientações teórico-metodológicas vêm se desenvolvendo, sobretudo a partir da Universidade de Campinas, graças ao campo aberto por Fernando Tarallo no seu fértil trabalho de uma década. Nessa linha o foco fundamental é a análise de mudanças sintáticas interrelacionadas definidoras da sintaxe brasileira em relação à sintaxe do português europeu. Estudo desencadeado a partir de sua tese de doutoramento de 1982 sobre a história das estratégias de relativização no português brasileiro, relacionadas a outras questões sintáticas, sobretudo referentes ao sistema pronominal. O seu artigo posterior *Turning different at the turn of the century*, traduzido como *Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar* (1993), deu a partida para uma série de teses de doutoramento e dissertações de Mestrado, algumas delas sintetizadas em artigos nos livros *Fotografias sociolingüísticas* (1989), organizado pelo próprio F. Tarallo e no *Português brasileiro: uma viagem diacrônica* (1993), organizado por Mary Kato e I. Roberts, como homenagem ao jovem mestre cedo falecido. É uma orientação de pesquisa diacrônica, em que o quadro teórico-sintático é o do gerativismo paramétrico, ao qual se associa a quantificação dos dados cronologicamente seriados, essenciais para definir mudanças quantitativas e qualitativas. Volto a ela mais adiante.

Mais recentemente, ainda na Universidade de Campinas, vem se desenvolvendo uma nova orientação de pesquisa diacrônica gerativista, liderada por Charlotte Galves e também Bernadette Abaurre em que interrelacionam mudança sintática e fonológica, centrando-se em mudanças prosódicas que teriam ocorrido no português europeu no século XVIII.

Também no quadro teórico gerativista e provenientes da pós-graduação da UNICAMP, Ilza Ribeiro, da Universidade de Feira de Santana, Maria Aparecida Moraes, da USP e Sônia Cyrino, da Universidade de Londrina estão pesquisando a ordem sintática e fenômenos correlatos do período arcaico para o contemporâneo, fixando-se a primeira do período arcaico para o século

XVII e as duas outras avançando para o século XX. Têm assim dado continuidade a suas teses de doutoramento, centradas em questões específicas relacionadas à ordem sintática. Essas pesquisas estão ligadas ao *Programa para a história da língua portuguesa* da UFBA, ao qual Ilza Ribeiro pertence desde sua criação em 1990.

Ainda proveniente da Universidade de Campinas, desenvolvendo-se agora na Universidade Estadual de São Paulo, são as pesquisas mais recentes de Gladys Massini-Cagliari sobre o acento e o ritmo no português arcaico, no quadro das teorias métrica e prosódica.

Numa orientação descritivo-interpretativa, que Mary Kato bem designou de *arqueologia estrutural* (1993:16), tenho eu própria pesquisado e levado outros a pesquisar, sobretudo nos limites do período arcaico, do século XIII para o XVI, já agora investindo nos inícios do português moderno (séc. XVI e XVII), com a intenção de organizar dados com base em *corpus* adequadamente selecionado, para um conhecimento empírico de fatos morfossintáticos e sintáticos na história do português. Nessa direção elaborei as *Estruturas Trecentistas* (1989) e já publicado se encontra um livro coletivo do grupo de pesquisa *Programa para a história da língua portuguesa*, centrado na *Carta de Caminha* (1996). Pesquisadores desse Programa, em seus projetos individuais, têm trabalhado sobre alguns aspectos da morfossintaxe e sintaxe do português arcaico em direção ao contemporâneo, nomeadamente: os clíticos no século XVI (Tânia Lobo); advérbios e locuções adverbiais (Sônia Borba Costa); conjunções e locuções conjuntivas (Therezinha Barreto); locuções prepositivas (Anna Maria Macedo e Rosauta Poggio); verbos de padrão especial (Zenaide Carneiro); a variação *ser/estar* e *haver/ter* (no princípio Maria do Socorro Netto e agora eu própria).

Nos limites das informações de que disponho, posso ainda mencionar que na Universidade Federal da Minas Gerais também trabalham em Lingüística Histórica Marco Antônio Oliveira, Jânia Ramos, Maria Antonieta Cohen e Viviane Cunha. Na Universidade Federal do Paraná, Carlos Alberto Faraco, autor de uma tese de doutoramento sobre a história das sentenças imperativas no português, numa abordagem semântica e discursiva, também autor do manual *Lingüística Histórica* (1991), publicado na coleção *Princípios* da Ática.

Para além dessas orientações histórico-diacrônicas, faz-se, no Brasil, a Filologia no seu sentido antigo e básico, que entendo como o trabalho com o texto, trabalho que por si se justifica no âmbito da Filologia e que é essencial

como base e ponto de partida para fundar os dados históricos para as análises histórico-diacrônicas no *tempo real* das línguas. A tradição filológica brasileira continua produtiva em algumas universidades e também em Centros de Pesquisa, como ocorre no Rio de Janeiro. Menciono, como exemplo, já que não me considero capaz de esgotar a informação, que se faz crítica textual, pelo menos, na Universidade Federal da Bahia, na Federal do Rio de Janeiro e na Universidade de São Paulo.

Em síntese: faz-se hoje *Linguística Histórica stricto sensu* no Brasil na direção da sócio-história ou história social; da crioulista; da sociolinguística no chamado *tempo real*; da sintaxe diacrônica gerativista; das fonologias não-lineares, a mais recente das orientações de pesquisa diacrônica no Brasil; do descritivismo-interpretativo, necessário como organizador de dados do passado e essencial para análises teóricas subseqüentes e continua-se a fazer crítica textual de documentos do passado, base também necessária como fonte para recolha de dados confiáveis para estudos histórico-diacrônicos.

Esta pluralidade de abordagens indica, a meu ver, que esse campo dos estudos linguísticos está agora muito vivo no Brasil e parece-me essencial a pluralidade de abordagens para a compreensão e explicitação do complexo fenômeno que é o das línguas no seu processo histórico-diacrônico de constituição.

A partir dessas abordagens, além de outras possíveis, pode-se pensar na futura composição de uma reescrita da História da Língua Portuguesa.

3. Recentes perspectivas em direção a uma história do português brasileiro

Desde a grande *História da língua portuguesa* elaborada por Serafim da Silva Neto, publicada a partir de 1952, em fascículos, e que se concentra, principalmente, nas origens românicas do português, nenhuma outra obra da mesma natureza e abrangente foi realizada. A excelente, mas sintética, *História da língua portuguesa* (1982) de Paul Teyssier avança sobre aspectos do chamado português clássico, especialmente o século XVI, e dedica uma parte ao português do Brasil. Mattoso Câmara Jr. realizou a única tentativa, já antes referida, entre os estruturalistas, de aplicar à diacronia do português os princípios de análise estrutural, sobretudo nos níveis fonológico e morfológico no, a meu ver, indispensável livro *História e estrutura da língua portuguesa* (1975).

Também é a Serafim da Silva Neto que se deve o início de uma sistematização para a compreensão e interpretação do passado do português brasileiro, sempre por ele designado como a *língua portuguesa no Brasil*. A isso se dedicou na década de cinquenta e seu último trabalho sobre o tema é de 1960 – *A língua portuguesa no Brasil: problemas*. Apesar de ser Serafim da Silva Neto o grande incentivador dos estudos dialectológicos no Brasil, faz falta a sua obra, como aliás não poderia deixar de ser, o conhecimento da chamada *realidade lingüística* brasileira, que então apenas começava.

A concentração quase exclusiva nos estudos sincrônicos que marcou a Lingüística brasileira nos anos sessenta, setenta e oitenta teve como conseqüência, como exposto no item 2., o avanço positivo na direção de um conhecimento bem generalizado e aprofundado sobre a realidade heterogênea do português brasileiro, sobretudo no seu aspecto social, tanto no que diz respeito à variação estrática em geral, como no que diz respeito à distância, mesmo a polarização, entre o chamado *português padrão*, ou seja, o veiculado pela tradição normativa, também o *português culto*, ou seja, o utilizado pelas camadas sociais de escolaridade alta, em relação ao *português corrente ou popular*, das camadas sociais – a maioria brasileira – que, ou não alcançam a escola ou apenas alcançam os primeiros anos de escolaridade.

A *realidade lingüística* que precisava ser conhecida, *cruzada* de Serafim da Silva Neto, está hoje, se não conhecida na sua completa e complexa diversidade, desvelada e analisada em muitos dos seus aspectos.

Deve-se, a meu ver, a Fernando Tarallo da Universidade de Campinas, o desencadear, ao longo dos anos oitenta, uma nova e renovada orientação de pesquisa em direção à explicitação do passado do português brasileiro.

Conseqüência de sua tese de doutoramento sobre estratégias de relativização no português brasileiro (1982), voltou-se ele para a formação de novos pesquisadores sociolingüistas, centrados sobretudo na sintaxe brasileira, com fundamentação teórica tanto na Sociolingüística laboviana como no gerativismo paramétrico, para o que se associou à grande gerativista brasileira, Mary Kato.

Apenas destacarei como fruto dessa rica via de pesquisa a coletânea organizada pelo próprio F. Tarallo em 1989 – *Fotografias sociolingüísticas* e seu livro, que é um manual renovador para os estudos históricos do português brasileiro, intitulado *Tempos lingüísticos. Itinerário histórico da língua*

portuguesa (1990). Em homenagem póstuma a F. Tarallo, Mary Kato e Ian Roberts organizaram a já referida coletânea complementar às *Fotografias*, intitulada *Português brasileiro: uma viagem diacrônica* (1993).

Com essa orientação de pesquisa, tornaram-se precisas na sincronia e mapeadas para o passado, até a segunda metade do século XVIII, propriedades sintáticas interrelacionadas que tipificam, ou parametrizam, o português brasileiro em relação ao português europeu.

É também dos inícios dos anos noventa a estruturação do grupo de pesquisa – *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR), do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, com origens numa tradição filológica, iniciada por Nelson Rossi, que remonta aos anos sessenta. Ao estruturar-se em 1991, o PROHPOR buscou e vem buscando cumprir seu objetivo geral que é o de contribuir com pesquisa nova, sem ignorar o já feito, para a construção de uma história da língua portuguesa, a partir de sua fase arcaica, origem do português brasileiro e, da segunda metade do século XVI em diante, reunir informações sistematizadas para a *história interna* e para a *história externa* do português brasileiro, fundamentadas nos avanços teóricos e metodológicos da Linguística Histórica contemporânea.

Esse grupo de pesquisa, por mim coordenado, reúne hoje não só pesquisadores da UFBA., mas também da Universidade Estadual de Feira de Santana, graças à atuante presença ali de Ilza Ribeiro, que, sendo do PROHPOR desde o seu início, doutorou-se na UNICAMP. Com base em projetos individuais e projetos coletivos, segue o PROHPOR um percurso diferente do da UNICAMP, formado por Tarallo, já que parte do passado para o presente e não do presente para o passado como aquele e não se restringe a uma orientação teórico-metodológica, mas a que considere adequada aos diferentes projetos, com base no fato de que, para a construção da história de uma língua, e para a compreensão e explicitação do multifacetado problema da mudança linguística a possibilidade de múltiplas abordagens precisa ser mobilizada (cf. Mattos e Silva, 1997a).

É também desta década o iniciar-se na Universidade de São Paulo, sob a coordenação de Ataliba de Castilho, o *Projeto de História do Português de São Paulo*, em que se conjugam projetos de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado em direção da reconstrução da história social do português em São Paulo, já ampliando-se para outras áreas do Brasil, como é o caso dos projetos para a região sul, de Gilvan Müller de Oliveira, *A última fronteira: a*

língua portuguesa no Brasil Meridional (1680 - 1822) e *Fontes para a história do português no Brasil Meridional* e do projeto de doutorado de Tânia Lobo, membro do PROHPOR, mas que desenvolve seu doutoramento na USP, sobre o português na Bahia do século XIX, com base em um *corpus* de cartas particulares.

Em outros pontos do Brasil também já surgem pesquisas na direção da recuperação da história do português brasileiro. Sem pretender ser exaustiva, já que não há informação organizada sobre o assunto, cito a pesquisa de doutoramento de Afrânio Gonçalves sobre o português do Rio de Janeiro no século XVIII, orientada por Dinah Callou na Universidade Federal do Rio de Janeiro e as pesquisas anunciadas orientadas por Jânia Ramos em acervos documentais mineiros e, também em acervos mineiros, a pesquisa de Antonieta Cohen, ambas da Universidade Federal de Minas.

Também, no âmbito do PROHPOR, iniciaram-se neste ano projetos de pesquisa de fontes documentais em arquivos de Salvador e de outros locais baianos, em função dessa perspectiva ampla que é a de reunir fontes não-literárias escritas no Brasil colonial e no século XIX, não só para uma história social lingüística do português brasileiro, mas também para a história lingüística interna da sua constituição ao longo dos seus cinco séculos de história.

Graças à acuidade e capacidade organizativa de Ataliba de Castilho já se inicia uma articulação nacional desses pesquisadores que têm por objetivo a reconstrução de uma história do português brasileiro (as histórias que se reconstroem são sempre *uma* história), fundada em testemunhos de várias naturezas e fundamentada em procedimentos científicos consistentes.

Para tanto, a partir de proposta do referido Ataliba de Castilho, realizou-se no XI Congresso Internacional da ALFAL (Las Palmas, 1996) um grupo de trabalho, sob minha coordenação, sobre a *História da língua portuguesa*, em que se reuniram alguns dos pesquisadores brasileiros que nesse campo vêm trabalhando e também alguns não-brasileiros.

Entretanto, como fato mais alvissareiro para uma futura história do português brasileiro, quero destacar, para finalizar, a realização em abril deste ano, na Universidade de São Paulo, e sob a coordenação de Ataliba de Castilho, do *I Seminário para a história do português brasileiro*, com os objetivos explicitados na Circular convocatória de (i) dar a conhecer as atividades de pesquisa na área; (ii) verificar a possibilidade de nos integrarmos num projeto

coletivo de caráter nacional. As *Atas* desse rico I Seminário já estão em processo de publicação e um novo Seminário se esboça para abril de 1998.

As frentes atuais de trabalho em que estão envolvidos os pesquisadores empenhados na reconstrução de uma história do português brasileiro já se esboçam com clareza e serão elas temas do próximo Seminário: a. a reconstrução de uma história social lingüística do Brasil; b. o percurso histórico da sintaxe brasileira; c. a busca e publicação de fontes documentais não-literárias inéditas do passado do português brasileiro, que, entre outras funções possíveis, servirão de base para análises lingüísticas diacrônicas do português brasileiro.

Outras frentes de trabalho serão, certamente, abertas no desenvolvimento desse programa de pesquisa de longo e trabalhoso curso. Todavia, sem dúvida, novos tempos apontam para os estudos histórico-diacrônicos do português brasileiro e tudo indica que, em breve futuro, estaremos amadurecidos para a construção de um projeto coletivo nacional com o objetivo de reconstruir e reescrever uma história do português brasileiro.

4. Encerrando

Não tive, nem poderia ter, a pretensão de esgotar o que se faz hoje no Brasil no campo dos estudos histórico-diacrônicos. Dentro dos meus limites de informação procurei dar um panorama geral de orientações de pesquisa nesse campo da Lingüística sobre as quais estou por alguma forma informada. Com base nisso é que não hesitei em afirmar que, de fato, a Fênix histórico-diacrônica, ou seja a *Lingüística Histórica stricto sensu* está na cena da Lingüística Brasileira de nossos dias, embora não ocupe o primeiro plano, o que, certamente, não seria de esperar.

Retomando o que afirmei no início, posso dizer, para finalizar, que os estudos histórico-diacrônicos hoje no Brasil, como procurei mostrar, se direcionam, prioritariamente, em direção ao português brasileiro, não só aqueles que, analisando o presente se voltam para o passado para uma melhor compreensão da variação ou mudança *em tempo aparente*, como fazem os sociolingüistas; mas também aqueles que, gerativistas diacronistas ou descritivistas, partem do passado em direção ao português contemporâneo e mesmo aqueles que, fixando-se em sincronia passada, tomam como referência o presente.

Se teorias lingüísticas vindas de fora favorecem este novo e renovado

fluxo de estudos histórico-diacrônicos no Brasil, o problema – o português brasileiro – a ser melhor compreendido e explicitado, se apresenta como um terreno propício, motivador para o desenvolvimento da *Linguística Histórica stricto e lato sensu* em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTYE, A. & ROBERTS, I. (1995) *Clause structure and language change*. Oxford: Oxford University Press.
- CÂMARA Jr., J. M. (1957) *Princípios de Linguística Geral*. 2ª ed. Rio: Acadêmica.
- _____ (1975) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio: Padrão.
- CARDOSO, S. A. e C. FERREIRA (1995) Um panorama da dialectologia no Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 14 (n.º especial): 91-105.
- CASTRO, I. (1995) O retorno à Filologia. In: C. PEREIRA & P. R. PEREIRA (orgs.) *Miscelânea de estudos filológicos, lingüísticos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio: Nova Fronteira.
- COSERIU, E. (1979) *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Rio/S. Paulo: Presença/USP.
- FARACO, C. (1991) *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. S. Paulo: Ática.
- FRANCHI, C. et alii (1984) Problemas de lingüística histórica. *Boletim ABRALIN*, 6: 82-108.
- HOUAISS, A. (1985) *O português no Brasil*. Rio: UNIBRADE - Centro de Cultura.
- LABOV, W. (1994) *Principles of language change*. Vol. I. Oxford/Cambridge: Blackwell.
- MARTINET, A. (1955) *Économie des changements phonétiques: traité de phonologie diachronique*. Berna: Francke.
- MATTOS & SILVA, R. V. (1988) Fluxo e Refluxo: uma retrospectiva da lingüística histórica no Brasil. *D.E.L.T.A.*, 4 (1): 85-113.
- _____ (1989) Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: IN-CM.
- _____ (1993) Lingüística histórica: o estado da questão e reflexos sobre estudos históricos do português. *Atas do IX Congresso da ALFAL*, II. Campinas: 181-202.
- _____ (1995a) A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro. *Boletim ABRALIN*, 17: 73-86.
- _____ (1996) Sobre desencontros e reencontros: Filologia e Lingüística no Brasil no século XX. Comunicação em Mesa Redonda da ANPOLL, João Pessoa. (inédito).

O DESENVOLVIMENTO DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL NO BRASIL
(The Development of Text Linguistics in Brazil)

Ingedore G. Villaça KOCH (*Universidade de Campinas*)

ABSTRACT: The scope of this paper is to present a critical review of what has been done in the field of Textlinguistics, mainly in Brazil, in the second half of the century and to point out some of the perspectives for new developments in this area.

KEY WORDS: Text Linguistics; Developments; Restrospective; Research in the Field; Main Research Groups.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística Textual; Desenvolvimentos; Retrospectiva; Pesquisa na Área; Principais Grupos de Pesquisa.

0. Introdução

É no final da década de 70 que começam a surgir, no Brasil, os primeiros trabalhos dedicados ao estudo lingüístico do texto. Pode-se dizer que, para tal fato, contribuiu, de forma bastante significativa, a tradução de duas obras: *Semiótica Narrativa e Textual* (Chabrol et al., 1977) e *Lingüística e Teoria do Texto* (Schmidt, 1978), bem como a publicação, em Portugal, do livro *Pragmática Lingüística e o Ensino do Português* (Fonseca & Fonseca, 1977), no qual se defendia a aplicação dos princípios da Pragmática Lingüística ao ensino de língua materna e, em decorrência, a necessidade de um enfoque textual, como já era comum em outros países da Europa.

Paralelamente, desenvolviam-se, na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil), os primeiros importantes estudos sobre o discurso e sobre Semântica Argumentativa, muitos deles publicados sob a forma de livros (Osakabe, 1979; Vogt, 1977) ou de artigos em revistas especializadas. Cumpre destacar também, nesse momento, os trabalhos de Pontes sobre as estruturas de tópico no português brasileiro, posteriormente coletadas nas obras *Sujeito: da Sintaxe ao Discurso* (São Paulo, Ed. Ática, 1986) e *O Tópico no Português do Brasil* (Campinas, Ed. Pontes, 1987).

Somente na década de 80, contudo, começam a multiplicar-se os estudos em Lingüística Textual. Após a publicação, na Revista *Letras de Hoje*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, de um artigo pioneiro

de Ignácio Antônio Neis (*Por uma Gramática Textual*, 1981), inspirado em textos de autores franceses, vêm à luz os dois primeiros livros na área, em 1983: *Linguística Textual: Introdução* (Fávero & Koch) e *Linguística de Texto: O Que é e Como se Faz* (Marcuschi). Muitas revistas passam a trazer artigos desenvolvidos sob essa perspectiva, surgindo mesmo números integralmente dedicados aos estudos textuais (cf., por exemplo, *Letras de Hoje* 18 (2), *Cadernos PUC 22: Linguística Textual/ Texto e Leitura*). Em anais de congressos e seminários começam a proliferar trabalhos desenvolvidos nesse domínio.

Em várias universidades brasileiras vão-se formando núcleos de pesquisa sobre texto. A pesquisa na área frutifica em cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização, ministrados em diversos pontos do país, bem como em dissertações de mestrado e teses de doutorado, cujos autores, subseqüentemente, vão implantando esse tipo de enfoque em suas instituições de origem.

1. Principais perspectivas teóricas

As pesquisas sobre texto realizadas no Brasil inspiram-se fortemente em estudos realizados na Alemanha (Weinrich, Dressler, Beaugrande & Dressler, Gülich & Kotschi, Heinemann & Viehweger, Motsch & Pasch, entre outros); na Holanda (Van Dijk); na França (Charolles, Combettes, Adam, Vigner, Coste, Moirand etc.), na Inglaterra (particularmente por Halliday & Halliday & Hasan) e nos EUA, tanto por lingüistas (Chafe, Givón, Prince, Thompson, Webber, Brown & Yule), como por psicólogos e pesquisadores em Inteligência Artificial (Clark & Clark, Minsky, Johnson-Laird, Sanford & Garrod, Rumelhart, Schank & Abelson, Marslen-Wilson e outros), além, é claro, daqueles realizados no interior do funcionalismo praguense (Daneš, Firbas, etc.); e, na década de 90, pesquisas sobre anáfora e referência que se vêm efetivando na França, no bojo do projeto *L'Anaphore et son traitement*, financiado pelo *Programa Cognisciencies, Pir- Cnrs* (Charolles, Kleiber, Mondada, Dubois) e por Apothéloz, Reichler-Béguelin Berrendonner, entre vários outros), na Suíça (Fribourg, Neuchâtel).

1.1. Primeiro momento

Na primeira metade da década de oitenta, publicaram-se em nosso país obras introdutórias, que visavam não só a apresentar ao leitor brasileiro esse ramo da ciência lingüística, seus objetivos, pressupostos e categorias de análise,

como traçar um panorama geral do que se vinha fazendo nesse domínio em outros países (*Linguística de Texto: O Que é e Como se Faz*, de Luiz Antônio Marcuschi e *Linguística Textual: Introdução*, de Ingedore G. Villaça Koch & Leonor L. Fávero, ambos publicados em 1983, além do artigo de Neis, acima mencionado). Em 1984, por ocasião da reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizou-se, pela primeira vez, uma mesa-redonda sobre linguística do texto, com o tema “Coerência e Coesão na Teoria do Texto”, da qual fizeram parte Marcuschi, Neis e Koch. Desde então, em todos os congressos e reuniões científicas, a linguística textual passou a ter o seu lugar.

Os aspectos mais enfatizados nessa época, como também na segunda metade da década de 80, foram: os critérios ou padrões de textualidade propostos por Beaugrande & Dressler (1981), especialmente a coesão textual, esta enfocada em geral sob a perspectiva de Halliday & Hasan (1976), mas inspirando-se, também, nos estudos da escola funcionalista de Praga (particularmente, Daneš) quanto às questões de progressão temática; a coerência textual; a intertextualidade; a tipologia de textos; a produção/compreensão/sumarização de textos; os mecanismos de conexão (conectores semânticos e pragmático/discursivos); outros processos linguísticos vistos sob a ótica textual (topicalização, referencialização, nominalização, tempos verbais; emprego do artigo, etc.).

Em 1985, publica-se *Coesão e Coerência em Narrativas Escolares Escritas* (Lúcia M. K. Bastos, Campinas: Editora da Unicamp). É também a partir de então que revistas especializadas e anais de congressos passam a trazer artigos e comunicações sobre os vários critérios ou fatores de textualidade, com destaque para a coesão, a coerência, a intertextualidade, a informatividade, a situacionalidade, a argumentatividade, bem como sobre o emprego dos tempos verbais e as tipologias textuais.

Como foi dito acima, grande parte dos trabalhos dessa primeira fase fundamentou-se em Halliday & Hasan (1976), no tocante à coesão e em Beaugrande & Dressler (1981), no que se refere aos fatores de textualidade. Contudo, os pesquisadores brasileiros não somente passam a proceder a uma revisão crítica de tais critérios, acrescentando vários outros, como também, principalmente, postulam que se deixe de considerar a coerência apenas como um fator, entre os demais, para entendê-la como um macro-fator da textualidade, resultante da atuação conjunta de todos os demais fatores e, portanto, decisiva para a caracterização da textualidade (cf. Marcuschi, 1983; Koch, 1984, 1985,

1986, 1987, 1988; Koch & Fávero, 1985; Fávero, 1985).

A pesquisa sobre o emprego textual dos tempos verbais fundamentou-se, basicamente, na teoria de Harald Weinrich (1964, 1968, 1971). Todos os estudos que se fizeram e (fazem) sobre o tema tomam sua obra como pressuposto principal, embora, evidentemente, se lhe façam alguns questionamentos de ordem geral e se apontem inadequações da teoria quando aplicada ao português (cf., por exemplo, Koch, 1982, 1984, 1992).

Quanto aos tipos de texto, a influência mais forte foi a de Van Dijk. Seu conceito de superestrutura, aplicado à descrição de diversos tipos de textos, teve grande aceitação no Brasil, tendo inspirado trabalhos bastante instigantes. O mesmo ocorreu com o conceito de macroestrutura e a descrição das estratégias de sumarização, que foram aplicadas não só em uma série de trabalhos sobre compreensão e produção de textos e sobre a produção de resumos, publicados em livros e revistas especializadas, como também em diversas teses e dissertações orientadas pelos pesquisadores que atuam na área da Linguística Textual.

1.2. Segundo momento

Em 1989, vêm à luz as obras *A Coesão Textual* (Koch, São Paulo: Ed. Contexto) e *Texto e Coerência* (Koch & Travaglia, São Paulo, Ed. Cortez), seguidas, em 1990, de *A Coerência Textual* (Koch & Travaglia, São Paulo: Ed. Contexto), que iniciam uma segunda fase dos estudos textuais em nosso país.

Koch (1989), seguindo um percurso que se havia iniciado já em 1986, com o artigo *Principais mecanismos de coesão textual em português*, afastando-se em parte de Halliday e abeberando-se em trabalhos de autores alemães como Meyer-Hermann (1976) e Kallmeyer (1974), entre outros, passa a classificar os mecanismos de coesão fundamentalmente com base em sua função textual. Distingue, assim, dois grandes grupos de recursos coesivos: os que são responsáveis pela remissão a outros elementos textuais ou inferíveis (coesão remissiva ou referencial) e os que se destinam a tornar possível a progressão textual, garantindo a continuidade de sentidos (coesão sequencial). Em Koch & Travaglia (1989, 1990), procede-se à conceituação da coerência como um princípio de interpretabilidade do texto, na esteira de Charolles (1987), a partir de três pressupostos básicos: 1. a coerência *não* constitui mera qualidade ou propriedade do texto em si; 2. em decorrência de 1, ela não se confunde com a coesão, a qual não é condição nem necessária nem suficiente

da coerência; 3. a coerência resulta da atuação conjunta de uma complexa rede de fatores, de ordem lingüística, cognitiva, sociocultural, interacional etc. Outras obras vêm defender, também, posições semelhantes, como é o caso de Fávero (1991) e de Costa Val (1991).

Também os estudos de E. Gülich, vários deles em co-autoria com T. Kotschi (cf. Gülich & Kotschi, 1987), influenciaram de forma importante algumas das pesquisas desse período, particularmente aquelas que dizem respeito à formulação textual (veja-se, entre outros, Barros, 1990; Hilgert, 1993).

1.3. Momento atual

Já nos primeiros anos da década de 90 delineava-se uma forte inclinação para a adoção de uma perspectiva sócio-interacional no tratamento da linguagem (Geraldí, 1991; Koch, 1992) e, em decorrência, para o estudo dos processos e estratégias sócio-cognitivos envolvidos no processamento textual (quer em termos de compreensão, quer em termos de produção), especialmente por parte de pesquisadores como Marcuschi e Koch. O primeiro, já na segunda metade da década anterior, havia desenvolvido um projeto sobre a produção de inferências, financiado pelo CNPq, cujos resultados foram parcialmente divulgados através de artigos (cf. Marcuschi, 1984, 1994). A segunda, em sua pesquisa intitulada *A construção da coerência em textos escritos e orais*, também financiada pelo CNPq, investigou também essa questão, que discutiu no artigo *A produção de inferências e sua contribuição na construção do sentido* (D.E.L.T.A. 9, n.º Especial, 1993).

Tal forma de abordagem dos fenômenos textuais levou a um diálogo crescente com outras Ciências Humanas, como a Psicologia Cognitiva, a Inteligência Artificial, a Neuropsicologia, a Antropologia, a Sociologia Interacional e as Ciências Cognitivas de modo geral.

Os principais objetos de pesquisa, dentro do enfoque mencionado, têm sido a estrutura e o funcionamento da memória, bem como as formas de representação dos conhecimentos, seu acesso, utilização, recuperação e atualização, por ocasião do processamento de textos; as principais estratégias de ordem sócio-cognitiva, interacional e textual postas em ação durante o processo de produção/ intelecção; e, ainda, as estratégias de 'balanceamento' do implícito/explicito.

Os pesquisadores que estão engajados no estudo dessas questões

(Marcuschi, 1994, 1995, 1997); Koch, 1996 a, b, 1997 a, b) tomam como fontes obras de autores como Schwarz (1992), Rickheit & Strohner (1985), Heinemann & Viehweger (1991), Van Dijk (1989,1994), Vignaux (1991), além de vários outros citados no item 2.

Outra tendência é a que, com base em obras como as de Adam (1990, 1992), bem como naquelas que se dedicam ao estudo dos gêneros textuais, retomam a questão da tipologia textual, a qual, por algum tempo, pareceu relegada a segundo plano. Podem destacar-se aqui as pesquisas de Marcuschi sobre tipologia do texto.

Nesta segunda metade da década de 90, vem voltando à tona com particular ênfase, em decorrência das pesquisas mencionadas no item 2, *caput*, a questão da referenciação, isto é, das diversas formas de remissão textual e, em particular, dos vários tipos de recursos anafóricos e de seu processamento sócio-cognitivo (Marcuschi, 1994, 1997; Koch, 1996, 1997).

Entre os principais pesquisadores na área da Lingüística Textual, nesse período, além dos acima mencionados, merecem destaque: Luiz Carlos Travaglia, da Universidade Federal de Uberlândia; Clélia Cândida Spinardi Jubran e Mercedes Sanfelice Rizzo, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis; Maria do Rosário Gregolin, da UNESP - campus de Araraquara; Elisa Guimarães e Maria Lúcia Cunha Victório Andrade, da Universidade de São Paulo; Maria Piedade Moreira de Sá, Dóris Carneiro da Cunha, Judith Hoffnagel, da Universidade Federal de Pernambuco; Maria Irlandé Antunes, da Universidade Federal de Alagoas; José Gaston Hilgert, da Universidade de Passo Fundo (RS); Sueli Cristina Marquesi, João Hilton Sayeg de Siqueira, Regina Célia Pagliuchi da Silveira, da Universidade Católica de São Paulo; José Luiz Meurer e seu grupo, da Universidade Federal de Santa Catarina; Maria Aparecida Lino Pauliukonis, Helênio Fonseca de Oliveira, Leonor Werneck dos Santos e equipe, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Todos esses pesquisadores têm não só publicado trabalhos na área, como orientado teses e dissertações nesse domínio.

De outra parte, alguns estudiosos vêm aplicando conceitos básicos da Lingüística Textual à alfabetização, à aquisição da escrita e ao ensino de língua, materna ou estrangeira, de modo geral. Entre eles, podem-se mencionar; Massini-Cagliari (1997); Koch (1993, 1994); Milanez (1993); Marcuschi (1993, 1997).

1.4 Estudo do texto falado

Outra vertente das pesquisas textuais extremamente importante no Brasil é a que se vem dedicando ao estudo de textos falados. Tais estudos vêm-se realizando, de forma particular, no interior de três grandes projetos: *NURC*, *Censo/Peul* e *PGPF*.

O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (*NURC*), visando a pesquisar a norma objetiva do português culto falado no Brasil, coletou, no início da década de 70, materiais de três diferentes tipos: elocuições formais (EF), entrevistas (DID) e diálogos entre dois informantes (D2), em cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre). Os informantes, divididos em três faixas etárias (25 a 35 anos; 36 a 55 anos; 56 anos ou mais), deveriam ter formação universitária completa, ter nascido na cidade em estudo e nela ter vivido, pelo menos, três quartas partes de suas vidas e ser filhos de falantes nativos de português.

Nas décadas de 80 e 90, esse material passou a ser objeto de estudos textuais pelo grupo do *NURC-Recife*, coordenado por Maria Piedade Moreira de Sá e, em especial, pelo grupo do *NURC/SP - Núcleo USP*, coordenado por Dino Preti. Deste último fazem parte, entre outros, Hudinilson Urbano, Paulo Gallemebeck, Diana Luz Pessoa de Barros, Zilda Maria Zapparoli Melo, Luiz Antônio da Silva, Margaret de Miranda Rosa e Leonor Lopes Fávero, de cujos trabalhos alguns encontram-se reunidos em Preti & Urbano (1990), Preti (1993) e Preti (1997).

O Projeto *Censo da Variação Lingüística do Estado do Rio de Janeiro*, que se desenvolveu também na década de 80 e vem tendo continuidade no *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (PEUL - UFRJ/CNPq), caracteriza-se por uma abordagem sociolingüística, que busca uma interface com o discurso. Reúne pesquisadores como Maria Luíza Braga, Anthony Julius Naro, Cláudia Nívea Roncarati, Alzira Tavares de Macedo, Maria Marta Pereira Scherre, Maria Cecília Mollica, Neliza Omena, Helena Gryner, Maria da Conceição Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte, Vera Lúcia Paredes P. da Silva, cabendo lembrar, ainda, Giselle Machline de Oliveira e Silva (já falecida), que coordenou o Projeto durante algum tempo e foi uma de suas maiores incentivadoras.

Por fim, o *Projeto Gramática do Português Falado* (PGPF), idealizado e coordenado por Ataliba Teixeira de Castilho, teve início em 1988, com o objetivo de produzir coletivamente uma gramática de referência do português culto falado no Brasil, com base nos dados do Projeto *NURC*, acima descrito. Cerca

de 35 pesquisadores, vinculados a diferentes universidades de todo o país, reagruparam-se, para uma melhor eficácia na condução dos trabalhos, em três projetos temáticos: (i) o de Classes Lexicais e Gramaticais, coordenado por Maria Helena de Moura Neves, que inclui o GT de Morfologia (posteriormente subdividido em Morfologia Derivacional, coordenado por Margarida Basílio, e Morfologia Flexional, coordenado por Ângela Rodrigues) e o de Sintaxe das Classes Gramaticais, sob a coordenação de Rodolfo Ilari; (ii) o de Relações Gramaticais, coordenado inicialmente por Fernando Tarallo, também falecido, e, desde então, por Mary A. Kato, que engloba também o GT de Fonologia e Fonética, sob a coordenação de Maria Bernadete Abaurre; (iii) o de Organização Textual-Interativa, coordenado por Ingedore G. Villaça Koch. Já se encontram publicados seis volumes intitulados *Gramática do Português Falado*, que reúnem trabalhos produzidos, em grupos ou individualmente, pelos pesquisadores de cada equipe.

Dentre os vários grupos acima mencionados, é no interior do Projeto Temático 'Organização Textual-Interativa no Português Falado no Brasil' que se têm desenvolvido, dentro da abordagem textual-interativa que o fundamenta, em decorrência, com a mobilização de conceitos da Lingüística Textual, da Análise da Conversação e da Pragmática Lingüística, as principais pesquisas sobre a natureza do texto falado, sua organização tópica, as estratégias de construção (inserção, parafraseamento, repetição, interrupção, segmentação, correção), os marcadores discursivos e/ou articuladores textuais, as formas de marcação de relevo, etc. Além dos textos incluídos nas coletâneas acima citadas, os membros da equipe (Koch, Risso, Jubran, Marcuschi, Fávero, Urbano, Hilgert, Travaglia, Oliveira e Silva, Souza e Silva, Andrade, Aquino, Crescitelli), bem como outros pesquisadores que neles se inspiraram, têm produzido grande número de trabalhos individuais, publicados em revistas especializadas e/ou apresentados em congressos, nacionais e internacionais.

2. Conclusão

Verifica-se que não só a Lingüística Textual, como também estudos sobre o texto realizados à luz de outras perspectivas teóricas, encontraram terreno fértil no Brasil, onde germinaram generosamente e continuam a produzir frutos em abundância.

Ano por ano, novos contingentes vêm engrossando as fileiras desse 'exército' que, reduzido a princípio a alguns poucos voluntários, hoje pode-se dizer que 'se apoderou' de praticamente todas as regiões do país, visto que,

em grande parte das universidades brasileiras, existem hoje docentes que se dedicam à pesquisa e ao ensino desse ramo da Ciência Lingüística.

Desta forma, tanto as pesquisas sobre textos escritos, como as que se ocupam da construção e elaboração de textos falados vêm ocupando lugar de destaque entre os estudiosos das universidades do país, quer federais, quer estaduais ou particulares e vêm dando origem a um acervo bibliográfico respeitável, tanto em termos quantitativos, como qualitativos.

O quadro continua a se mostrar grandemente promissor, já que muitos dos jovens pesquisadores ligados aos nossos cursos de pós-graduação têm escolhido esta área como campo de atuação, o que certamente garante a continuidade dos estudos nesse domínio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J.-M. (1990) *Éléments de linguistique textuelle*. Paris: Mardaga.
- _____. (1992) *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan.
- ANTUNES, I. C. (1996) *Aspectos da coesão do texto*. Recife: UFPE.
- BARROS, D. L. P. de & Z. M. Z. C. MELO (1990) Procedimentos e funções da correção na conversação. In: PRETI & URBANO (orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz/Fapesp: 13-58.
- BASTOS, L. M. K. (1985) *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- BRAGA, M. L. (1986) Construções de tópico de discurso. In: A.J.NARO. *Relatório final de pesquisa: Subsídios sociolinguísticos do projeto Censo à educação*. Rio de Janeiro, UFRJ, vol. 1 e 2.
- BEAUGRANDE, R. de & W. U. DRESSLER (1981) *Introduction to text linguistics*. Londres: Longman.
- BROWN, G. & G. YULE (1983) *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHABROL, C. et alii (1977) *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo: Cultrix.
- CHAFE, W. (1987) Cognitive constraints on information flow. In: R.S. TOULMIN (ed.) *Coherence and grounding in discourse*. Philadelphia: John Benjamins.
- CHAROLLES, M. (1983) Coherence as a principle in the interpretation of discourse. *Text* 3/1: 71-99.
- COSTA VAL, M. da G. (1991) *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes.

- CUNHA, D. A . C. (1995) A heterogeneidade de gêneros discursivos no espaço conversacional. *Anais do I Encontro Nacional sobre língua falada e ensino*: 421-425.
- _____ (1996) O discurso direto como uma estratégia de textualidade na fala. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*.
- DANEŠ, F. (1974) (org.) *Papers on functional sentence perspective*. Praga: The Hague.
- DRESSLER, W. U. (1978) (ed.) *Current Trends in Linguistics*. Berlim: Walter de Gruyter.
- FÁVERO, L L. (1985) Intencionalidade e aceitabilidade como critérios de textualidade. *Cadernos PUC 22: Lingüística textual/ texto e leitura*: 31-38.
- _____ (1985) A informatividade como elemento da textualidade. *Letras de Hoje*, 60: 13-20.
- _____ (1991) *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo: Ática.
- FÁVERO, L. L. & I. G. V. KOCH (1983) *Lingüística textual: Introdução*. São Paulo: Cortez.
- FÁVERO, L L.; M.L.C.V.O. ANDRADE; Z.G.O. AQUINO (1996) Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência. In: A.T. CASTILHO (org.) *Gramática do Português Falado IV: Estudos descritivos*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 473-508.
- _____ (1966) Estratégias de construção do texto falado: a correção. In: M. A. KATO (org.) *Gramática do Português Falado V: Convergências*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 355-366.
- FONSECA, J. & F. I. FONSECA (1977) *Pragmática lingüística e o ensino do português*. Coimbra: Almedina.
- GERALDI, J. W. (1991) *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- GREGOLIN, M. do R. F. V. (1997) A intervenção de estruturas da fala na produção de textos escritos por crianças em processo de alfabetização. *Anais do XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*.
- GRYNER, H. (1996) Variação modal como estratégia argumentativa. In: MACEDO, RONCARATI & MOLLIKA (orgs.) *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 113-128.
- GUIMARÃES, E. (1990) *A articulação do texto*. São Paulo: Ática.
- GÜLICH, E. & T. KOTSCHI (1983) Les marqueurs de la reformulation paraphrastique. *Cahiers de linguistique française*, 5: 305-351.
- _____ (1987) Les actes de reformulation dans la consultation 'La Dame de Caluire'. In: P. BANGE (ed.) *L'analyse des interactions verbales. La Dame de Caluire: une consultation*: 15-81.

- _____ (1995) Discourse production in oral communication. In: U. M. QUASTOFF (ed.) *Aspects of oral communication*. Berlim: De Gruyter: 30-65.
- HALLIDAY, M. A. K. & R. HASAN (1976) *Cohesion in English*. Londres: Longman.
- HEINEMANN, W. & D. VIEHWEGER (1991) *Textlinguistik: eine Einführung*. Tübingen: Niemeyer.
- HILGERT, J. G. (1993) Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: D. PRETI (ed.) *Análise de textos orais*. FFLCH/USP.
- _____ (1993) Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual. In: A. T. CASTILHO (org.) *Gramática do Português Falado III: As abordagens*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 99-110.
- _____ (1997) As paráfrases na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes. In: I. G. V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 131-148.
- HOFFNAGEL, J. C. (1996) A modalização epistêmica na construção de sentido: o caso do 'eu acho (que)'. *Anais do 6º. INPLA*.
- _____ (1996) A modalização epistêmica no processamento textual da fala. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*.
- JUBRAN, C. C. S.; H. URBANO; L. L. FÁVERO; I. G. V. KOCH; M. S. RISSO et alii (1992) Organização tópica da conversação. In: R. ILARI (org.) *Gramática do Português Falado, 2: Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 357-479.
- _____ (1993) Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: A. T. CASTILHO (org.) *Gramática do Português Falado III: As abordagens*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 61-74.
- _____ (1996) Parênteses: propriedades identificadoras. In: CASTILHO & BASÍLIO (orgs.) *Gramática do Português Falado IV: Estudos descritivos*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 411-422.
- _____ (1996) Por uma descrição textual-interativa das funções da parentetização. In: M. KATO (org.) *Gramática do Português Falado V: Convergências*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 339-354.
- KALLMEYER, W. et alii. (1974) *Lektürekolleg zur textlinguistik*. Frankfurt.
- KOCH, I. G. V. (1982) Os tempos verbais no discurso. *Ângulo*, 13/14: 14-17.
- _____ (1983) A argumentatividade no discurso. *Letras de Hoje*, 52 (número monográfico).
- _____ (1984) *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez.
- _____ (1985) A situacionalidade como elemento da textualidade. *Letras de*

- Hoje*, 18(2): 21-28.
- _____ (1986) A intertextualidade como elemento da textualidade. *Cadernos PUC 22: Linguística Textual/ Texto e Leitura*: 39-46.
- _____ (1987) Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: M. KIRST & E. CLEMENTE (orgs.) *Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto: 83-98.
- _____ (1988) Principais mecanismos de coesão textual em português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 15: 73-80.
- _____ (1989) *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto.
- _____ (1990) A propósito: existem mesmo digressões?. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19: 123-126.
- _____ (1991) Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? *D.E.L.T.A.*, 7 (2):529-541.
- _____ (1992) Markierte Topikkonstruktionen im Brasilianischen Portugiesisch. *Folia Linguistica XXVI / 1-2*: 62-74.
- _____ (1992) *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- _____ (1992) Visão panorâmica das pesquisas sobre texto no Brasil. *Ilha do Desterro*, 27: 143-156.
- _____ (1993) A atividade de produção textual. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 24: 65-74.
- _____ (1993) A produção de inferências e sua contribuição na construção do sentido. *D.E.L.T.A.* 9, número especial: 399-416.
- _____ (1994) Coesão e coerência: verso e reverso. In: *Morphé*, 9/10: 309-320.
- _____ (1995) A articulação entre orações no texto. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 28: 09-18.
- _____ (1996) Cognição e processamento textual. *Revista da ANPOLL*, 2: 35-44.
- _____ (1996) A coesão textual e a construção dos sentidos. In: I. MAGALHÃES (org.) *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UNB: 79-90.
- _____ (1996) Estratégias pragmáticas de processamento textual. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 30: 35-42.
- _____ (1996) Aquisição da escrita e textualidade. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 29: 109-117.
- _____ (1997) Funções discursivas da repetição. *Actas del I Seminário Interamericano de Analistas do Discurso*: 170-176.
- _____ (1997) *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
- _____ et alii (1990) Aspectos do processamento do fluxo de informação

- no discurso oral dialogado. In: A.T. CASTILHO (org.) *Gramática do Português Falado*, 1: A Ordem: 143-184. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 143-184.
- _____ & L. L. FÁVERO (1985) Critérios de textualidade. *Veredas*, 104: 17-34.
- _____ (1987) Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*, 3(1). 3-10.
- _____ & L. C. TRAVAGLIA (1989) *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez.
- _____ (1990) *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto.
- _____ e M. C. P. de SOUZA E SILVA, (1993) A dimensão ilocutória no texto falado. In: A.T. de CASTILHO (org.) *Gramática do Português Falado*, 3: As abordagens. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 19-33.
- _____ (1996) Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In: A.T. CASTILHO e M. BASÍLIO (orgs.) *Gramática do Português Falado* 4: Estudos descritivos. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 379-410.
- _____ (1996) Estratégias de desaceleração do texto falado. In: M.A.KATO (org.) *Gramática do Português Falado*, V: Convergências. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 327-338.
- MARCUSCHI, L. A. (1983) *Linguística de Texto: o que é e como se faz*. Recife:UFPE.
- _____ (1984) Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. *Anais do I Encontro Interdisciplinar de Leitura - UEL*: 21-44.
- _____ (1986) *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
- _____ (1993) *O tratamento da oralidade no ensino de língua*. São Paulo: Ática.
- _____ (1994) Estratégias de identificação referencial na interação face a face. Trabalho apresentado no I Congresso Internacional da ABRALIN.
- _____ (1995) *Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita*. ms.
- _____ (1997) A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: I. G. V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado*, VI: Desenvolvimentos. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 95-130.
- MARQUESI, S. C. (1995) *A organização do texto descritivo em língua portuguesa*. São Paulo: Vozes.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1997) *O texto na alfabetização: coesão e coerência*. Campinas: Ed. da Autora.
- MEURER, J. L. (1993) Aspectos do processo de produção de textos escritos.

- Trabalhos de Lingüística Aplicada*, 21: 37-48.
- MEYER-HERMMANN, R. (1976) Some topics in the study of referentials in portuguese. In: J. SCHMIDT-RADEFELD (ed.) *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam: North-Holland: 267-287.
- MILANEZ, W. (1993) *Pedagogia do oral*. Campinas: Sama
- MOLLIKA, M. C. (1996) Supra-segmentos de fronteira: principais causas e funções. In: TAVARES, RONCARATI & MOLLIKA (orgs.) *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 129-147.
- MOTSCH, W. (ed.) (1987) *Satz, Text, sprachliche Handlung*. Berlim: Akademie Verlag.
- NEIS, I. A. (1981) Por uma gramática textual. *Letras de Hoje*, 44: 35-52.
- _____ (1985) Por que uma lingüística textual? *Letras de Hoje*, 18(2): 7-12.
- _____ (org.) (1985) *Letras de Hoje*, 18(2): Lingüística Textual.
- _____ (1985) Elementos de tipologia do texto descritivo. *Cadernos PUC* 22: Lingüística Textual/ Texto e Leitura: 47-63.
- OLIVEIRA, H. F. (1996) Conectores da conjunção. In: L. W. dos SANTOS (org.) *Discurso, coesão, argumentação*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor: 67-80.
- OMENA, N. P. (1986) A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: A. NARO et alii. Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do projeto censo à educação, Rio de Janeiro, UFRJ: 286-319
- OSAKABE, H. (1979) *Argumentação e Discurso Político*. São Paulo: Kairós.
- PAIVA, M. da C. (1996) Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: TAVARES, RONCARATI & MOLLIKA (orgs.) *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro; Tempo Brasileiro: 63-74
- PAREDES da SILVA, V. L. (1985) É isso aí - verbo ser e demonstrativo em função coesiva em português. *Anais do X Encontro Nacional de Lingüística*. PUC/RJ.
- PAULIUKONIS, M. A. L. (1996) Comparação e argumentação: duas noções complementares. In: L. W. dos SANTOS (org.) *Discurso, Coesão, Argumentação*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor: 39-51
- PONTES, E. (1987) *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- _____ (1986) *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática.
- PRETI, D. (org.) (1995) *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: FFLCH/USP.
- _____ (1997) *O Discurso Oral Culto*. São Paulo: FFLCH/USP.
- _____ & H. URBANO (orgs.) (1990) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*, Vol. IV: Estudos. São Paulo: T.A. Queiroz/Fapesp.
- RICKHEIT, G. & W. STTROHNER (eds.) (1985) *Inferences in text processing*. Amsterdam: North-Holland.

- Risso, M. S. (1993) Agora... o que eu acho é o seguinte. In: A.T CASTILHO (org.) *Gramática do Português Falado, III: As Abordagens*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 31-60.
- _____. (1966) O articulador discursivo 'então'. In: CASTILHO & BASÍLIO (orgs.) *Gramática do Português Falado IV: Estudos Descritivos*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 432-452
- _____. ; G. M. de O. e SILVA; H. URBANO (1997) Marcadores discursivos: traços identificadores. In: I. G. V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 21-94.
- RONCARATI, C. N. (1991) Estruturas paralelas e combinação de cláusulas. *Anais do IX Congresso Internacional da ALFAL. UNICAMP*.
- SÁ, M. P. M. (1997) *A linguagem culta falada na cidade de Recife, V. I*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- SANTOS, L. W. (org.) (1996) *Discurso, Coesão, Argumentação*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor.
- SCHERRE, M. M. P. (1991) A concordância de número nos predicativos e participios passados. *Organon*, 5, nº 18: 52-70.
- SCHMIDT, S. J. (1978) *Linguística e Teoria do Texto*. São Paulo: Pioneira.
- SCHWARZ, M. (1992) *Einführung in die cognitive Linguistik*. Tübingen: Franke.
- SILVEIRA, R. C. P. (1986) Um conceito de texto. *Cadernos PUC 22: Linguística textual/Texto e Leitura*: 65-74.
- SILVA, G. M. O. & A. T. de MACEDO (1996) Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, RONCARATI & MOLLIKA (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 11-50.
- SIQUEIRA, J. H. S. (1986) As macrocategorias do texto dissertativo. *Cadernos PUC 22: Linguística de Texto/ Texto e leitura*: 133-142.
- SOUZA E SILVA, M. C. P. & I. G. V. KOCH (1996) Estratégias de desaceleração do texto falado. In: M. KATO (org.). *Gramática do Português Falado, V: Convergências*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 327-335.
- _____. & M. F. de C. CRESCITELLI (1997) Sem querer interromper e... não interrompendo. In: I. C. V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 149-159.
- TRAVAGLIA, L. C. (1996) Tipologia textual e a coesão/coerência no texto oral: transições tipológicas. In: CASTILHO & BASÍLIO (orgs.) *Gramática do Português Falado IV: Estudos Descritivos*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 453-472.
- _____. (1994) Categorias verbais e progressão textual. *Revista de Letras da Universidad de Rosario*: 35-52.

- VAN DIJK, T. (1983) *La Ciencia del Texto*. Barcelona: Paidós.
- _____ (1989) *Models in memory*. Ms.
- _____ (1994) *Cognitive context models and discourse*. Ms.
- _____ & W. KINTSCH (1983) *Strategies of Discourse Comprehension*. Nova Iorque: Academic Press.
- VIGNAUX, G. (1991) *Les Sciences Cognitives - Une Introduction*. Paris: La Découverte.
- VOGT, C. A. (1977) *O Intervalo Semântico*. São Paulo: Ática.
- WEINRICH, H. (1964) *Tempus: besprochene und erzählte Welt*. Stuttgart Klett. 2ª edição: 1971.
- _____ (1976) *Sprache in Texten*. Stuttgart: Klett.

ESTUDOS DO TEXTO E DO DISCURSO NO BRASIL
(Text and Discourse Studies in Brazil)

Diana Luz Pessoa de BARROS
(Universidade de São Paulo - Brasil)

ABSTRACT: The paper draws the distinction between Text and Discourse studies and relates the field to the other area of Linguistic studies developed in Brazil, giving special attention to the approaches taken.

KEY WORDS: Discourse; text; theories; study centers

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; correntes teóricas; centros de estudo

Este artigo organiza-se em duas partes: a primeira, sobre o lugar dos estudos do texto e do discurso entre as teorias da linguagem; a segunda, sobre tais estudos no Brasil.

Para a primeira questão foram retomadas, em grande parte, as reflexões que fiz sobre os estudos do texto e do discurso em conferência proferida como uma das provas de concurso de professor titular na Universidade de São Paulo, publicadas posteriormente na revista *Língua e Literatura* (1996).

1. Reflexões sobre os estudos do texto e do discurso.

Se os estudos de Saussure, de reconhecida importância para situar a lingüística entre as ciências humanas, para estabelecer seu objeto, limitaram o campo de possível interesse do lingüista, ao separarem rigidamente a língua da fala, o lingüístico do extralingüístico - por má interpretação do mestre, dizem alguns, por necessidade do momento histórico em que se transformavam os estudos da linguagem, afirmam outros, ou por razões ideológicas, consideradas as condições de produção do texto de Saussure, insistem terceiros -, os estudos que a partir de então se desenvolveram procuraram de modos diversos preencher os espaços entre as dicotomias estáveis, resgatar, do exílio da fala, outros elementos de interesse do estudioso da linguagem. Em outras palavras, os estudos posteriores reviram e retomaram posições postas de lado pela lingüística saussuriana, alargaram seu campo de estudos, deixaram, enfim, os trilhos previamente assentados, mas mantiveram, com outros nomes e novas definições, a distinção entre o que cabe ao lingüista examinar e o que é da alçada de outras ciências ou disciplinas. Essas mudanças ocorreram sobretudo quando os lingüistas se debruçaram mais seriamente sobre questões

de significação e sentido.

O caminho, a meu ver, fez-se pela ruptura de duas barreiras: a que impede a passagem da frase ao texto, a que separa o enunciado de sua enunciação. Alguns estudiosos procuraram vencer a primeira barreira, outros saltaram a segunda, muitos trataram de derrubar ambos os limites. No primeiro caso, devem ser mencionados os estudos de Harris que, sem fugir dos pressupostos da teoria distribucional, propõe, com método formal e prescindindo do conteúdo, que se examine a estruturação global do texto.

Já as teorias pragmáticas, por exemplo, vão além da segunda barreira, retomam ao extralingüístico elementos situacionais indispensáveis à constituição do sentido do texto e descrevem e explicam os laços que unem enunciação e enunciado. Agrupam-se entre as pragmáticas teorias diferentes que têm, porém, em comum, o fato de procurarem aumentar a "fatia" da linguagem que tradicionalmente cabe aos estudos lingüísticos, pela recuperação de uma parte do "caos" da fala e pela consideração de certas condições de uso da língua. Os fatos pragmáticos ou de interação social do homem na e pela linguagem são definidos, por essas teorias, como fatos de língua ou de competência do falante, isto é, como fenômenos sistemáticos, que fazem parte das regras que o falante domina para usar a língua.

Os estudos do texto e do discurso, por sua vez, caracterizam-se pela ruptura das duas barreiras, ao mesmo tempo: preocupam-se com a organização global do texto e examinam as relações entre discurso, enunciação e fatores sócio-históricos.

Esses caminhos novos trouxeram aos estudos da linguagem mudanças significativas de posicionamento e não somente acrescentamentos: deixou-se de ver a língua como lugar de representação apenas de significados objetivos, para considerá-la como meio convencional de agir no mundo (veja-se a pragmática dos atos de linguagem); passou-se a considerar a linguagem, por natureza, como um instrumento de argumentação e de interação e não somente de informação (vejam-se os estudos de Ducrot, as teorias da argumentação, a sociolingüística interacional ou a análise da conversação); concebeu-se o texto (ou o discurso) e não mais a frase como unidade de sentido, tomando-o como o objeto dos estudos lingüísticos e condicionando a descrição das frases ao exame satisfatório dos mecanismos de organização textual (vejam-se as teorias do texto e do discurso em geral e os escritos precursores de Bakhtin); colocou-se a intersubjetividade como anterior à subjetividade, ou seja, a relação

entre interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto (vejam-se os estudos de Bakhtin, as diversas teorias pragmáticas e a análise da conversação); caracterizou-se o discurso como lugar ao mesmo tempo do social e do individual; definiu-se a linguagem pelo dialogismo em suas duas acepções, a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo que cada texto mantém com outros textos.

Essas novas posições criaram um novo objeto (ou mais de um) dos estudos lingüísticos, com as características apontadas: ao mesmo tempo social e individual, instrumento de argumentação e de informação, fundado pela interação ou pelas relações intersubjetivas que antecedem e criam a subjetividade, de dimensão maior que a da frase e com organização própria, constitutivamente dialógico, ou mesmo, duplamente dialógico.

Em síntese, as diferentes teorias pragmáticas, textuais e discursivas trazem novas posturas e objeto aos estudos da linguagem, na segunda metade do século XX. E o fazem com fundamentos diferentes, herdados de quadros teóricos diversos, com que dialogam - a lógica e a filosofia da linguagem, a antropologia estrutural, os estudos cognitivos, a psicanálise lacaniana, o materialismo histórico, entre outros - e com graus de formalização e de estabilização dos objetos também diferentes.

Há, portanto, um ponto de vista comum a tais estudos, que paira sobre ou sob as diferenças, qual seja o de ocupar o "vão" entre pontos estáveis, o de preencher o espaço entre posições bem definidas pelos estudos lingüísticos anteriores - língua vs fala, competência vs performance, enunciação vs enunciado, lingüístico vs extralingüístico. Embaralham-se diferenças bem estabelecidas, mistura-se o que antes estava claramente separado, ou, como diz Guimarães Rosa, "tão claro como água suja". Os estudos do texto e do discurso, em decorrência, caracterizam-se pela fragilidade e instabilidade de não serem "nem isto, nem aquilo" ou de serem ao mesmo tempo "isto e aquilo".

A "fragilidade" dos estudos do texto e do discurso favorece assim críticas e objeções diversas, conforme a teoria se aproxime de um ou de outro pólo ou se mantenha em indecisa posição. Uma das objeções, em geral dita humanista, que sofrem as teorias do discurso é a de reducionismo. Essa objeção se refere ao "empobrecimento" que as teorias do discurso e do texto trazem a seu objeto de estudo, por excessivo formalismo, por adoção de um ponto teórico único, por muita preocupação com procedimentos lingüísticos e discursivos,

em detrimento de outros aspectos mais "intuitivos" ou "criativos", por fazerem do texto o lugar apenas de comprovação ou de exemplificação de complicadas elaborações teóricas. Uma segunda objeção, também bastante freqüente, é a crítica ideológica de negação da história, feita a propostas como as de Benveniste, de Greimas, das pragmáticas em geral que, por considerarem apenas a enunciação pressuposta no discurso, nem sempre examinam devidamente as variáveis sócio-históricas que, com as lingüísticas, engendram os sentidos do discurso. A terceira crítica seria o desafio "fundamentalista" (no dizer de Eric Landowski) de projetos mais descritivos que explicativos.

Em resumo, os estudos do texto e do discurso, por um lado, não são suficientemente formais e explicativos para a lingüística "hard", por outro são excessivamente formais ou estruturalistas ou atados a mecanismos internos para os adeptos de análises mais livres e "criativas". Embora sejam estudos da linguagem, os do discurso e do texto são muitas vezes marginalizados, porque caracterizados pela instabilidade acima mencionada. Os que assim pensam não percebem que essa instabilidade é condição do estudo da linguagem.

Em relação às críticas de reducionismo, cabe um "mea culpa" e uma defesa. É necessário reconhecer que são muitos os que se dizem estudiosos do texto sem o serem, muitos os que utilizam uma metalinguagem que desconhecem, muitos os que fazem realmente do texto um exemplo para teorias mal digeridas. No entanto, é fácil separar o joio do trigo e, se nem sempre se faz a distinção, é porque interferem questões de outra ordem: o desconhecimento dos estudos do texto e do discurso, de seus avanços e resultados, a má-fé e o medo de perder espaços.

A posição de instabilidade em que tais estudos colocam a linguagem é, portanto, a maior perdição deles e também sua maior "grandeza". O momento hoje é, sem dúvida, o de uma lingüística da instabilidade (veja-se, a respeito, José Luiz Fiorin em "Lingüística: perspectivas e aplicações", 1994). São os fatos lingüísticos instáveis, aqueles que não se resolvem como "ou isto ou aquilo", que instigam os estudiosos da linguagem, e os do discurso e do texto, antes de todos. O estudioso do discurso, bravamente, acredita poder dizer alguma coisa sobre essas questões, sem, no entanto, estabilizar o instável, pois cria apenas, e o reconhece, um equilíbrio precário.

2. Os estudos do texto e do discurso no Brasil.

2.1. Direções teóricas e distribuição no País

Procurei apontar as características gerais e o ponto de vista comum dos estudos do texto e do discurso. Faço agora o caminho inverso e trato de ressaltar a enorme diversidade desses estudos, a partir da trilha comum examinada. Vou-me limitar a mencionar as grandes linhas dessas abordagens no Brasil, diferenciando-as segundo as perspectivas da filiação teórica e dos papéis que assumiram no País.

Para esse panorama geral e um tanto superficial foram utilizados dois tipos de dados: as linhas e projetos de pesquisa dos cursos de pós-graduação no Brasil, na área de Letras e Linguística em 1990-1991 e 1994-1995 (material que me foi fornecido pela CAPES - Fundação Coordenação de Pessoal de Nível Superior); as informações do Quem é quem na pesquisa em Letras e Linguística no Brasil (Marcuschi, 1992), publicado pela ANPOLL - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística.

Com esses elementos, posso, de alguma forma, apontar os núcleos já constituídos e mais produtivos dos estudos do discurso no Brasil, os temas dos principais projetos em desenvolvimento e as direções teóricas dessas pesquisas.

Sete linhas teóricas destacam-se nos estudos do texto e do discurso no País: a Análise do Discurso (AD) francesa, a Semiótica Narrativa e Discursiva, também iniciada na França, as várias teorias do discurso inglesas, os estudos funcionalistas do discurso, a Linguística Textual, sobretudo anglo-saxônica, a Análise da Conversação e/ou análises da organização textual/interativa do discurso, e uma última direção que reúne, de modo mais eclético, estudos que dialogam com a Teoria da Literatura, a Semiologia, a Pragmática e a Semântica, Bakhtin ou Benveniste. Há muitas outras que deixo de examinar por terem tido menor alcance no Brasil. É o caso, por exemplo, da proposta modular de Eddy Roulet, trabalhada sobretudo na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Das sete direções teóricas destacadas, os estudos funcionalistas do discurso e a Linguística Textual são objeto de reflexão de outros artigos deste número da revista.

A distribuição das cinco linhas restantes por universidades e por cursos de pós-graduação (há mais de 50 cursos de mestrado e de doutorado em Letras e Linguística no Brasil) mostra aproximadamente o quadro que segue.

2.1.1. Análise do Discurso francesa (AD).

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa tem seus principais núcleos

na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, nos Departamentos de Lingüística e de Lingüística Aplicada. Desenvolvem-se lá grandes projetos coletivos e individuais, e boa parte dos analistas de discurso que hoje ensinam e formam pesquisadores nessa linha de investigação formou-se na UNICAMP. Há outros grupos menores, na Universidade de São Paulo - USP, sobretudo na pós-graduação em Língua Portuguesa, na Pontifícia Universidade Católica - PUC, em São Paulo, no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, nas universidades federais do Rio Grande do Sul - UFRGS e Fluminense - UFF, além de iniciativas mais individuais de estudiosos espalhados por várias outras universidades federais (na Paraíba, no Mato Grosso, em Santa Catarina, em Alagoas, em Brasília, em Juiz de Fora).

Muitas das pesquisas sobre o discurso desenvolvidas no Brasil pertencem a essa linha de investigação e podem ser agrupadas em três grandes blocos: o primeiro, com pesquisas sobre questões teóricas que tradicionalmente preocupam os analistas do discurso e que receberam entre nós desenvolvimentos próprios, tais como os estudos sobre o sujeito, a autoria, a interpretação e o sentido, o discurso e o acontecimento, a heterogeneidade discursiva, a noção de arquivo (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), ou as preocupações com a metodologia de análise do discurso (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Universidade Federal de Alagoas - UFAL); o segundo, com trabalhos também teóricos sobre discursos específicos ou sobre aspectos pontuais dos discursos, como por exemplo o discurso dos missionários (Universidade de São Paulo - USP e Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), da imigração (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), do humor (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), da gramática (Universidade de São Paulo - USP e Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), o discurso político, religioso e jurídico (universidades federais de Alagoas - UFAL, do Rio Grande do Sul - UFRGS, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), o discurso pedagógico (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS), o discurso naturalista (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), o funcionamento discursivo da disjunção em português (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), a norma culta na perspectiva da análise do discurso (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS); o terceiro, com estudos sobre a realidade brasileira, enquanto discursos, entre os quais cito apenas os projetos sobre discurso, significação e brasilidade (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), o discurso

público no espaço urbano (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), aspectos discursivos da análise de línguas indígenas (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), os discursos missionários e literários sobre os índios e brasilidade (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), o discurso público no espaço urbano (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), aspectos discursivos da análise de línguas indígenas (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), os discursos missionários e literários sobre os índios (Universidade de São Paulo - USP), a História das Idéias Lingüísticas no Brasil (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Universidade de São Paulo - USP, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Universidade Federal Fluminense - UFF), o discurso do e sobre os sem-terra (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Universidade Federal de Alagoas - UFAL), as formações discursivas dos docentes da rede pública de Porto Alegre (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS).

2.1.2. A influência dos ingleses nos estudos do discurso.

Alguns indiretamente vinculados à Análise do Discurso de linha francesa, outros nem tanto, há grupos no Brasil que se relacionam mais de perto com as pesquisas dos ingleses sobre o discurso (Fairclough, Clark, Coulthard, Sinclair e outros). É o caso de estudiosos da Universidade de Brasília - UnB que examinam, por exemplo, o discurso e a interação em contextos institucionais, ou as interações médico-paciente, terapeuta-paciente e da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sobretudo na pós-graduação em inglês, que se voltam para questões de discurso e sexo, discurso jurídico, interação verbal e não-verbal, discursos de auto-ajuda.

2.1.3. Estudos dos textos orais: perspectivas textual-interativa e/ou conversacional.

Os estudos dos textos orais no Brasil têm-se efetuado sobretudo nas perspectivas textual-interativa e/ou conversacional da Análise da Conversação, da Sociolingüística Interacional, da Etnografia da Comunicação ou da Etnometodologia. Nessas direções estão envolvidos principalmente grupos localizados na Universidade de São Paulo - USP, nos cursos de Lingüística, de Língua Portuguesa e de Alemão, sobretudo, com o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo - Projeto NURC-SP-USP, na Universidade de Campinas - UNICAMP, nos departamentos de Lingüística e de Lingüística Aplicada, na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, na Universidade

Estadual Paulista - UNESP, em Araraquara e em Assis, na Universidade Federal Fluminense - UFF e na Pontifícia Universidade Católica - PUC, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Além dos grupos constituídos, há pesquisadores distribuídos em diferentes universidades do País (nas universidades federais do Paraná - UFPR, de Santa Catarina - UFSC, de Mato Grosso - UFMT, do Rio Grande do Norte - UFRN, do Pará - UFPA, de Minas Gerais - UFMG, do Rio Grande do Sul - UFRGS, de Brasília - UNB, da Bahia - UFBA, de Uberlândia - UFU, de Alagoas - UFAL, Fluminense - UFF e na Universidade de Passo Fundo). Os estudiosos dos discursos orais aparecem, nas diferentes fontes consultadas, sob os rótulos de etnografia da comunicação, interação verbal, fala e escrita, estudo da fala, português falado e, principalmente, análise da conversação.

Os estudos dos núcleos estabelecidos ou dos pesquisadores isolados tratam sobretudo da organização textual-interativa da fala e dos procedimentos de construção dos discursos orais - estruturas paralelas, repetição, tópico, turnos, paráfrase, correção, hesitação, inserções, marcadores, rituais conversacionais - além de questões mais específicas sobre o poder na interação (na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE), linguagem, interação e sexo (nas universidades federais de Pernambuco - UFPE e de Santa Catarina - UFSC, e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ), interação no trabalho e em contextos institucionalizados - escola, empresa, mídia - (na Pontifícia Universidade Católica - PUC, em São Paulo e no Rio de Janeiro, nas universidades federais de Brasília - UNB, de Uberlândia - UFU e do Rio de Janeiro - UFRJ), relação entre fala e escrita (nas universidades federais de Pernambuco - UFPE, do Rio Grande do Norte - UFRN, de Uberlândia - UFU e na Universidade de São Paulo - USP), interação via computador, interação no discurso jurídico (na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF), linguagem dos idosos (na Universidade de São Paulo - USP), estratégias conversacionais no discurso psicótico (na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ).

Dois grandes projetos estão em andamento sobre o português falado: o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta, principalmente em São Paulo (Universidade de São Paulo - USP e Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), na Bahia (Universidade Federal da Bahia - UFBA, em Salvador), em Pernambuco (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, em Recife) e no Rio de Janeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ); o Projeto da Gramática do Português Falado, que envolve pesquisadores das diferentes instituições brasileiras e está centralizado na UNICAMP. Em ambos os projetos,

os estudos do português falado não contemplam apenas as questões discursivas, textuais ou interativas da fala, mas alguns dos grupos envolvidos nesses projetos dedicam-se especificamente a tais aspectos, daí terem sido inseridos neste panorama da análise do discurso no Brasil.

O discurso oral e o português falado estão sendo examinados no Brasil com regularidade nos últimos vinte anos, de perspectivas teóricas muito diversas. Além das já mencionadas, análises interativas e conversacionais, que interessam diretamente a esta apresentação, podem ser citadas a lingüística textual, sobretudo, quando relacionada com os estudos cognitivos, com o processamento lingüístico cognitivo do texto oral, (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, universidades federais Fluminense - UFF, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/Rio), algumas teorias semiolingüísticas (em geral na Pontifícia Universidade Católica - PUC, em São Paulo e no Rio e na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ), os estudos sociolingüísticos da variação e da interação, estreitamente relacionados com os do discurso oral ou da conversação, e que já apresentaram resultados significativos sobretudo nas universidades federais do Rio de Janeiro - UFRJ, de Santa Catarina - UFSC e do Paraná - UFPR e na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, além das demais teorias do discurso, tais como a Análise do Discurso francesa e a Semiótica, quando examinam os discursos orais.

2.1.4. Semiótica narrativa e discursiva.

O quarto bloco de estudos do discurso contempla os que têm como fundamentação teórica a Semiótica narrativa e discursiva, desenvolvida na França, por A. J. Greimas e por um grupo de pesquisadores principalmente na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais em Paris. Existem outras teorias semióticas, como a de Peirce ou a Escola de Tartu, por exemplo, também bastante conhecidas e produtivas no Brasil, mas que nem sempre podem ser consideradas teorias do discurso.

Por ser essa teoria a opção que fiz para os meus estudos sobre o discurso, posso apresentá-la com mais detalhes que os obtidos nas fontes consultadas.

A linha de investigação semiótica tem seus principais e mais antigos núcleos em São Paulo, na Universidade de São Paulo - USP, sobretudo na pós-graduação em Lingüística e na Escola de Comunicações e Artes - ECA, e na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Araraquara e em São José do Rio

Preto. Nessas universidades formou-se a maioria dos pesquisadores em Semiótica no Brasil e desenvolveu-se grande parte dos projetos de pesquisa na área. Em 1973, constituiu-se, com pesquisadores dessas instituições, um Centro de Estudos Semióticos que teve papel inegável na formação de pesquisadores e na divulgação dessa linha de pesquisa. Há atualmente outros grupos que merecem destaque, na PUC-SP (com um Centro de Estudos Sociosemióticos muito ativo), nas universidades federais do Rio Grande do Sul - UFRGS, de Minas Gerais - UFMG e Fluminense - UFF, na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Assis e na Universidade de Londrina - UEL. Alguns desses núcleos não estão ligados diretamente aos estudos lingüísticos, em sentido restrito, o que permite o enriquecimento dos estudos dos discursos verbais, orais e escritos, que podem assim ser aproximados, com um mesmo ponto de vista teórico, dos discursos do cinema, da publicidade, da pintura, etc.

A semiótica no Brasil tem cumprido, a seu modo e com suas possibilidades teóricas e metodológicas, os papéis e funções dos estudos do discurso em geral. Os semioticistas não se descuidaram das questões teóricas e, atualmente, três direções têm sido empreendidas no Brasil. A primeira sobre a sintaxe e a semântica do discurso, com estudos que examinam principalmente as estratégias do discurso - ambigüidade discursiva, argumentação, figurativização, aspectualização, configurações patêmicas - e as relações entre enunciação e discurso. Essas pesquisas preocupam-se também com a descrição do português. A segunda direção congrega estudos que revêem a concepção e organização do nível fundamental dos discursos, a partir de estudos sobre a figuratividade e a tensividade do esquema profundo. A terceira, diz respeito aos estudos de uma semiótica específica - discursos visuais, gustativos, poéticos, estéticos, da canção popular, da música, da pintura, do cinema -, às traduções intersemióticas e aos estudos interdisciplinares - semiótica e psicanálise, semiótica e teoria das catástrofes, semiótica e estudos cognitivos, semiótica e análise da conversação, semiótica e retórica. Examina-se, nesse bloco de pesquisas, o plano da expressão dos textos, do ponto de vista da construção do sentido, ou seja, estudam-se questões de sincretismo de expressão, de especificidade de certas matérias e substâncias da expressão, de relação semi-simbólica ou tensiva entre expressão e conteúdo.

Entre os projetos de pesquisa mais "aplicados" ou "sociais" da semiótica, menciono apenas alguns sobre os discursos dos presidentes militares após 64, a canção popular brasileira, os discursos dos livros didáticos de História do Brasil, a história das idéias lingüísticas no País, o discurso do vestibulando,

o discurso separatista gaúcho, os discursos literários brasileiros, o discurso da crítica de arte no Brasil.

2.1.5. Outros.

O último grupo reúne as pesquisas que combinam perspectivas diversas de análise do discurso e do texto e que são encontradas em quase todos os centros de pesquisa do País. Cito alguns deles:

a) estudos a partir de ou em torno dos escritos de Bakhtin, e, sobretudo, das questões de dialogismo, polifonia, intertextualidade, heterogeneidade discursiva, metalinguagem, paráfrase, ironia, humor, tanto em exames lingüísticos quanto literários, desenvolvidos principalmente na Universidade de São Paulo - USP, na Universidade Federal do Paraná - UFPR e na Pontifícia Universidade Católica - PUC, em São Paulo (Há pesquisadores individuais em outras universidades, tais como as universidades federais de Santa Maria - UFSM, de Minas Gerais - UFMG e de Juiz de Fora - UFJF);

b) estudos do discurso nas várias perspectivas pragmáticas, semânticas ou enunciativas (Benveniste, Jakobson e outros) e com materiais e objetivos também diversificados, tais como os provérbios, as fábulas, o discurso totalitário, o discurso jornalístico, a nação brasileira, a metáfora, o paratexto (prefácio), o texto publicitário, metáforas na TV, desenvolvidos sobretudo na Universidade de São Paulo - USP (em diferentes programas de pós-graduação), na Universidade de Campinas - UNICAMP, na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Araraquara, nas universidades federais do Rio Grande do Sul - UFRGS, de Pernambuco - UFPE, de Santa Catarina - UFSC, do Rio de Janeiro - UFRJ, do Ceará - UFCE, de Minas Gerais - UFMG e Fluminense - UFF e na Pontifícia Universidade Católica - PUC, no Rio de Janeiro e em São Paulo (Observe-se que no Quem é quem há grande intersecção entre os pesquisadores que se colocaram sob as etiquetas "pragmática", "semântica" e "análise do discurso");

c) estudos do discurso nos cursos de literatura das universidades brasileiras, em que, às pesquisas que examinam os discursos poéticos, estéticos ou literários (narrativa literária, discurso memorialista, biográfico, epistolar, ensaio, intertextualidade) com as fundamentações teóricas já mencionadas (análise do discurso francesa, lingüística textual, semiótica, etc), somam-se estudos com base na estética da recepção (nas universidades federais de Minas Gerais - UFMG, de Santa Catarina - UFSC, na Universidade de São Paulo -

USP, na Pontifícia Universidade Católica - PUC, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, na Universidade Estadual de Londrina - UEL), na hermenêutica (na Universidade de Brasília - UNB), na retórica e na estilística (na Universidade de São Paulo - USP, nas universidades federais do Rio de Janeiro - UFRJ, da Paraíba - UFPB, do Rio Grande do Sul - UFRGS, da Bahia - UFBA e Fluminense - UFF, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, na Universidade de Brasília - UNB,), na crítica genética (na Universidade de São Paulo - USP, nas universidades federais da Paraíba - UFPB e de Santa Catarina - UFSC), na semiologia (na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), com projetos, entre outros, sobre o discurso feminino ou sobre a mulher na literatura (nas universidades federais de Minas Gerais - UFMG, do Pará - UFPA, do Rio Grande do Norte - UFRN, de Alagoas - UFAL, do Rio de Janeiro - UFRJ, do Rio Grande do Sul - UFRGS, do Espírito Santo - UFES e Fluminense - UFF, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, na Pontifícia Universidade Católica - PUC, em Minas Gerais, em São Paulo e no Rio de Janeiro, na Universidade de São Paulo - USP), sobre a oralidade e a escrita na literatura (nas universidades federais de Minas Gerais - UFMG, da Bahia - UFBA, da Paraíba - UFPB, na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em São José do Rio Preto), sobre leitura e literatura, sobre a formação de leitores, sobre o ensino da literatura ou sobre literatura e educação (na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Assis, na Universidade de São Paulo - USP, nas universidades federais do Rio de Janeiro - UFRJ, do Rio Grande do Norte - UFRN, de Minas Gerais - UFMG, de Brasília - UNB, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, na Universidade Estadual de Londrina - UEL), sobre música e literatura (na Universidade Federal do Paraná - UFPR, na Universidade de São Paulo - USP, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), sobre pintura, arquitetura ou artes visuais, em geral, e literatura (na Universidade de Brasília - UNB, na Universidade de São Paulo - USP, na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em São José do Rio Preto e em Araraquara, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, nas universidades federais de Minas Gerais - UFMG, do Rio de Janeiro - UFRJ e de Juiz de Fora - UFJF), sobre literatura e jornalismo ou literatura e mídias (na Universidade de São Paulo - USP, na Universidade Federal da Bahia - UFBA), sobre mito (Universidade de Brasília - UNB), sobre humor na literatura (na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG) e, com muita frequência, sobre o discurso da crítica, da teoria literária, das revistas culturais (nas universidades federais da Bahia - UFBA e do Rio de Janeiro - UFRJ, na Pontifícia Universidade Católica - PUC, no Rio de Janeiro, na

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, na Universidade de São Paulo - USP);

d) estudos semiológicos e semiolingüísticos do discurso, de inspiração francesa, localizados principalmente nas universidades do Rio de Janeiro (UFRJ, UFF, UERJ, PUC), nas universidades federais de Minas Gerais - UFMG e de Juiz de Fora - UFJF, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em São José do Rio Preto;

e) estudos filológicos que, muitas vezes, se aproximam das análises do discurso e do texto, tal como previam R. Jakobson (*Essais de Linguistique Générale*; p. 21) e Isaac Nicolau Salum, com suas análises em "garfos", e que podem ser encontrados hoje sobretudo na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG, nas universidades federais da Bahia - UFBA, da Paraíba - UFPB, do Rio de Janeiro - UFRJ e Fluminense - UFF e na Universidade de São Paulo - USP.

Finalmente, menciono rapidamente o estreito relacionamento que as análises do discurso mantêm com outras disciplinas ou campos do conhecimento. Faço referência apenas às relações interdisciplinares mais usuais no Brasil:

- com a fonética e a fonologia, e em direções teóricas diversas dos estudos do discurso, principalmente na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Marília;

- com a lingüística indígena, sobretudo na linha da análise do discurso francesa e com estudos sobre aspectos discursivos das línguas indígenas, sobre o discurso missionário e sobre questões de ensino/aprendizagem, desenvolvidos principalmente na Universidade de Campinas - UNICAMP, na Universidade de São Paulo - USP e na Universidade Federal de Goiás - UFGO;

- com a neurolingüística, principalmente na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP;

- com os estudos de aquisição de linguagem, em diversas direções teóricas da análise do discurso, mas em geral nas dos estudos cognitivos do texto e dos estudos discursivos de língua falada, principalmente na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Araraquara.

- com a informática, em que se desenvolvem metodologias para análise de discursos, sobretudo na Universidade de São Paulo - USP, na Pontifícia Universidade Católica - PUC de São Paulo e do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC;

- com a psicanálise, em diferentes direções dos estudos do discurso, mas principalmente na análise do discurso francesa, na semiótica, na sociolinguística interacional, na análise da conversação e na lingüística textual, na Universidade de São Paulo - USP, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (Há muitos outros estudos no Brasil que aproximam psicanálise e estudos do texto, mas, a maioria, no campo da literatura, como por exemplo nas universidades federais de Alagoas - UFAL, de Minas Gerais - UFMG, do Rio de Janeiro - UFRJ, de Juiz de Fora - UFJF e na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG);

- com a sociolinguística e a teoria da variação, sobretudo nas universidades federais do Rio de Janeiro - UFRJ, de Santa Catarina - UFSC, do Paraná - UFPR e Fluminense - UFF e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ;

- com a sintaxe ou a teoria da gramática, no caso, essencialmente, dos estudos funcionalistas do discurso, nas universidades federais de Santa Catarina - UFSC, do Rio de Janeiro - UFRJ, Fluminense - UFF e de Juiz de Fora UFJF, na Universidade de São Paulo - USP e na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Araraquara;

- com a lingüística aplicada, laços que serão examinados na última parte deste texto.

3. Papéis e funções dos estudos do texto e do discurso no Brasil.

As funções primeiras dos estudos do texto e do discurso são, sem dúvida, as do estudos lingüísticos em geral: a de contribuir para o conhecimento da linguagem, através da língua e de seus discursos e, pela linguagem, do homem; a de concorrer para o desenvolvimento teórico e metodológico da própria disciplina. Com esses fins, os estudiosos do discurso no Brasil têm realizado pesquisas nas várias direções já apontadas neste artigo e conforme a perspectiva teórica escolhida. O acúmulo de conhecimento já é grande e sabe-se hoje bem mais sobre o discurso do que se sabia há trinta anos.

Além das preocupações teóricas, os estudos do texto e do discurso têm papéis que poderiam ser ditos "sociais", não fosse a redundância do termo, nesse campo do conhecimento: o de participar dos debates sobre ensino/aprendizagem da competência discursiva, em língua materna e em segunda língua; o de contribuir para que se conheçam melhor, por meio dos discursos, a cultura e a sociedade brasileiras.

3.1. Questões de ensino.

Os estudos do discurso são imprescindíveis para o ensino/aprendizagem da competência discursiva e os pesquisadores brasileiros não se furtaram a essa tarefa. Sem dúvida, outros caminhos têm sido também empreendidos; com êxito, nesse campo. Somam-se esforços, conjugam-se pesquisas, comparam-se resultados. Poucos são os estudiosos do texto e do discurso que, enquanto tal, não se dedicam ou tenham-se dedicado a questões de ensino, em três grupos de preocupações: leitura, redação, escrita e tradução; ensino/aprendizagem de língua materna e estrangeira; interação, sala de aula, relação professor/aluno.

Os laços são, portanto, estreitos com a lingüística aplicada, embora haja diferenças teóricas e de métodos entre a lingüística aplicada e os estudos do discurso. Menciono alguns centros em que essa interação ocorre, em geral nos cursos de línguas estrangeiras, além é claro, dos de lingüística aplicada, e com diferentes perspectivas dos estudos do discurso:

- problemas de tradução, nas universidades federais de Santa Catarina - UFSC (sobretudo na pós-graduação em inglês), de Brasília - UnB, do Rio Grande do Sul - UFRGS, de Santa Maria - UFSM, do Rio de Janeiro - UFRJ, de Minas Gerais - UFMG, de Uberlândia - UFU e Fluminense - UFF, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, na Universidade de São Paulo - USP, na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Assis (Podem ser incluídas nesse grupo as preocupações com a tradução literária ou poética, muito freqüentes nos cursos de literatura de diferentes universidades - Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Universidade de Brasília - UnB, Universidade de São Paulo - USP);

- redação, leitura, compreensão, na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em São José do Rio Preto e em Araraquara, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, na Universidade de São Paulo - USP, nas universidades federais de Alagoas - UFAL, da Bahia - UFBA, da Paraíba - UFPB, de Pernambuco - UFPE, do Rio de Janeiro - UFRJ, de Santa Catarina - UFSC, de Minas Gerais - UFMG, do Paraná - UFPR, do Pará - UFPA, do Rio Grande do Sul - UFRGS, de Santa Maria - UFSM, de Uberlândia - UFU, Fluminense - UFF, na Pontifícia Universidade Católica - PUC, em São Paulo e no Rio Grande do Sul;

- ensino de línguas indígenas e interações transculturais na Universidade Federal de Goiânia - UFGO e na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP;

- interação na escola, professor/aluno em sala de aula, em que a aula é vista como um discurso, na Universidade de Campinas - UNICAMP, nas

universidades federais de Brasília - UnB, de Pernambuco - UFPE, do Rio Grande do Norte - UFRN, de Alagoas - UFAL, na Universidade de São Paulo - USP, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP;

- análise do discurso e o ensino de 1ª e 2ª línguas, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, nas universidades federais de Santa Catarina - UFSC, do Rio de Janeiro - UFRJ e de Minas Gerais, UFMG, na Universidade de São Paulo - USP, na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Assis e Araraquara;

- processos discursivos na educação, na Universidade de Brasília - UnB, na Universidade de Campinas - UNICAMP, na Universidade de São Paulo - USP, na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ;

- discurso pedagógico, nas universidades federais do Rio Grande do Norte - UFRN, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, na Universidade de São Paulo - USP;

- discurso do livro didático, Universidade de São Paulo - USP, universidades federais da Paraíba - UFPB, de Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Araraquara, na Universidade Estadual de Londrina - UEL, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

3.2. Discurso e sociedade.

As investigações sobre o discurso que têm por preocupação contribuir para que se conheça melhor, por meio da linguagem, a sociedade brasileira são bastante numerosas no Brasil. É fácil perceber nas pesquisas que foram já citadas neste artigo o interesse que os estudiosos brasileiros do discurso, das diversas perspectivas, têm por esse tipo de pesquisa. São estudos sobre a História das idéias lingüísticas no Brasil (UNICAMP e USP); o discurso no espaço urbano (UNICAMP); discurso significação e brasilidade (UNICAMP); discurso político e religioso - dos presidentes da ditadura, de Antônio Conselheiro, separatista, etc - (USP, UNICAMP, UFRGS); o discurso nas situações de trabalho no Brasil e em relação ao Mercosul (UFRGS, UNICAMP, PUC/SP, PUC/Rio); o discurso urbano oral culto no Brasil (USP, UNICAMP, UFBA, UFPE, UFRJ); os livros didáticos, as redações de vestibular (USP, UNICAMP, PUC/SP); o discurso dos livros didáticos da História do Brasil (USP); o discurso dos missionários (UNICAMP, USP); os discursos dos índios (UNICAMP, UFGO), a construção discursiva dos heróis nacionais (USP); o discurso dos adolescentes e dos idosos brasileiros (USP, UFMG); as canções

populares brasileiras (USP); os discursos literários no Brasil (em diferentes universidades); o discurso da crítica de arte no Brasil (UFF), a argumentação nos editoriais de jornais de grande circulação (UFRGS); o discurso humorístico (UNICAMP); a fala e a escrita da mulher no Brasil (UFPE, UFF, UFRN); o discurso jurídico brasileiro (PUC-SP, UNISINOS) e muitos outros.

Deve-se mencionar que, desses estudos completados ou em andamento, desenvolvidos como projetos coletivos ou individuais, com a participação de pesquisadores experimentados, de alunos e de pós-graduandos, resultaram e resultam um número expressivo de teses, dissertações, livros, capítulos de livros, ensaios, artigos em revistas especializadas. Se os estudiosos do discurso no Brasil têm procurado cumprir seus múltiplos papéis e dado uma pequena contribuição para que se aprimore o ensino, para que as teorias lingüísticas avancem e para que se conheça um pouco melhor a sociedade brasileira, há ainda muito a ser feito.

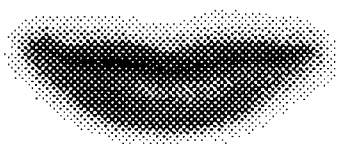
Espero ter conseguido, sem muitas distorções e com as fontes a que pude ter acesso, localizar os principais núcleos de exame do discurso no Brasil e, principalmente, mostrar o papel que desempenham entre nós e o estágio de desenvolvimento que alcançaram nas últimas décadas.

Termino expondo uma crença (ou uma certeza): a de que, tendo em vista o amadurecimento que se alcançou nessa área, é hora de deixar os esforços dos estudiosos do discurso na América Latina, para que se somem resultados e preocupações, dificuldades e soluções, caminhos comuns e perspectivas diversas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, D. L. P. de (1996) Reflexões sobre os estudos do texto e do discurso. *Língua e Literatura*, 22. São Paulo: 181-199.
- FIORIN, J. L. (1994) Lingüística: perspectivas e aplicações. *Estudos Lingüísticos*. XXIII Anais de Seminários do GEL, I: 18-25.
- MARCUSCHI, L. A. (org.) (1992) *Quem é quem na pesquisa em Letras e Lingüística no Brasil*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística - ANPOLL, Recife.

WORD OF MOUTH



Communication is power. An idea, passed from person to person, and village to village, can transform the world.

Start with the right idea.

Linguistics and Language Behavior Abstracts offering

- abstracts of scholarly articles and books
- bibliographic entries for subject specific dissertations and book and other media reviews.

LLBA's timely and comprehensive coverage speaks volumes on current ideas in linguistics and language research.

Available in print, online, on CD-ROM (from SilverPlatter and NISC) and on magnetic tape.

Visit our Web site: www.socabs.org for product information, links to relevant sites, and subscription-based access to the LLBA Speech, Language and Hearing Pathology subset.

LLBA

Linguistics and Language Behavior Abstracts

P.O. Box 22206, San Diego, CA 92192-0206

619/695-8803 • Fax: 619/695-0416 • email: socio@cerfnet.com

RETROSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA: CONTRIBUIÇÕES DO PEUL
(Sociolinguistic Overview: PEUL's Contribution)

Maria da Conceição de PAIVA (*Universidade Federal do Rio de Janeiro*)

Maria Marta Pereira SCHERRE (*Universidade Federal do Rio de Janeiro/
Universidade de Brasília*)

ABSTRACT: In this article we focus PEUL's (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) contribution to Brazilian Sociolinguistics, and, specifically, to variationist studies. We start by providing an overview of Rio de Janeiro variable phenomena. Then we show the spread of variation domain and emphasize the systematicity and regularity of a linguistic variable - the formal parallelism - on phenomena of language variation and change, and show some patterns of correlation between language and social structure.

KEY WORDS: Systematic Variation; Levels of Variation; Linguistic Change; Usage Universals.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Sistemática; Níveis de Variação; Mudança Lingüística; Universais de Uso.

0. Introdução

Nesta oportunidade, em que se comemoram os 30 anos de criação da Associação Brasileira da Lingüística (ABRALIN), coube-nos a tarefa de precisar as contribuições do grupo de pesquisa *Programa de estudo sobre o uso da língua* (PEUL) para o desenvolvimento da Sociolingüística no Brasil¹. Não podemos deixar de ressaltar a inquestionável importância dessa associação, cuja história se confunde com a própria história da Lingüística no Brasil. A consolidação dos estudos lingüísticos brasileiros em muito pôde se beneficiar da existência de uma entidade que, reunindo pesquisadores das mais diferentes correntes teóricas, vem contribuindo de forma significativa para o conhecimento da nossa realidade lingüística. A emergente Sociolingüística brasileira dos anos 60 pôde encontrar na ABRALIN um fórum de debates aberto e, ao mesmo tempo, agregador, que possibilitou o amadurecimento e a expansão de uma subárea com delimitação epistemológica própria, que toma a

¹ Agradecemos a Paula Pereira Scherre pela ajuda na montagem das referências bibliográficas e pela leitura criteriosa da versão final deste texto. Inconsistências formais que restarem são de nossa inteira responsabilidade.

heterogeneidade lingüística ordenada como um objeto passível de análise científica.

A Sociolingüística despontou, no contexto dos estudos lingüísticos brasileiros, como uma área fértil e desafiadora, dada a necessidade de compreender a realidade lingüística de um país em que diferentes dimensões sociais se conjugam para a configuração de um quadro sociolingüístico complexo: uma realidade que até um passado bem recente era conhecida apenas de forma pontual ou, por que não dizer, muitas vezes impressionística. No curto espaço de tempo em que a Lingüística se academicizou no Brasil, ressaltam questões ligadas aos estereótipos homogeneizantes nacionais, às especificidades do português brasileiro em relação à mãe européia, à diversidade e ao contato entre línguas no espaço geográfico brasileiro, à contribuição dos elementos indígenas e africanos na configuração da nossa variabilidade, aos reflexos de uma marcada estratificação social na heterogeneidade dialetal. Germinando em trabalhos pioneiros como os de Amadeu Amaral (1920), Clóvis Monteiro (1933), Mário Marroquim (1945), Antenor Nascentes (1953), entre diversos outros, a análise da realidade lingüística brasileira tem sido, no decorrer dos últimos anos, objeto do esforço continuado de muitos pesquisadores e diversos grupos de pesquisa localizados nos mais diferentes pontos deste país. Destaquemos aqui o trabalho dos modernos dialetólogos brasileiros, traduzido nos múltiplos atlas lingüísticos, que contribuíram para a precisão das realidades lingüísticas regionais (Ferreira et alii, 1994; Aguilera, 1998) e a importância do Projeto NURC – *Norma urbana culta* - (Cunha, 1989). Os diversos grupos de pesquisa variacionista e não variacionista que despontaram e cresceram nos últimos anos enriqueceram inegavelmente nossa compreensão acerca dos condicionamentos lingüísticos e sociais da modalidade culta e não culta do português do Brasil. Incorrendo no risco da enumeração,² devemos lembrar aqui o projeto *Competências básicas do português* (Lemle & Naro, 1977), o VARSUL - *Varição lingüística urbana da Região Sul* – (Fernandes, 1996:89), o VALPB - *Varição lingüística no Estado da Paraíba* - (Hora, 1998), o LUAL - *A língua usada em Alagoas* (Moura, 1997); *Dialetos sociais cearenses* (Aragão & Soares, 1996), o projeto de estudo da confluência dialetal na nova capital brasileira (Bortoni, 1984), o grupo de estudos *Discurso e Gramática* (Martelotta et alii, 1996) e a recente empreitada da *Gramática do português falado* (Castilho, 1990), todos mais voltados para a linguagem dos grandes centros urbanos. Destacam-se também

² Inúmeras são as pesquisas individuais desenvolvidas sob a ótica da Teoria da Variação. Fazer referência a todas elas neste espaço seria impossível.

pesquisas que focalizam dialetos rurais (Rodrigues, 1974; Jeroslow, 1974; Nina, 1980; Veado, 1982), ou comunidades específicas, como as pesqueiras do Estado do Rio de Janeiro, projeto APERJ – *Atlas etnolingüístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (Brandão & Vieira, 1998), ou comunidades isoladas brancas (Isensee, 1964; Callou, 1998) e comunidades isoladas negras (Ferreira, 1994; Careno, 1992; Vogt & Fry, 1997). Ampliando os estudos de comunidades isoladas negras e de áreas específicas do interior baiano, assume corpo o projeto *Vestígios de dialetos crioulos em comunidades afro-brasileiras* (Baxter & Lucchesi, 1997) e emerge o projeto *A língua portuguesa no semi-árido baiano* (Almeida & Carneiro, 1998). Perscrutando aspectos estruturais e sociais na linha do tempo, destaca-se o *Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR)* (Mattos e Silva, 1996) e cria-se o *Projeto para a história do português brasileiro* (Castilho, 1998). Não podemos deixar de lembrar também as conquistas substanciais do grupo coordenado pelo saudoso Fernando Tarallo, com a sua proposição de uma Sociolingüística Paramétrica, levada à frente por um número significativo de pesquisadores, que com muito contribuiu para o conhecimento das características do português brasileiro e das mudanças em curso nessa variedade (cf., por exemplo, Tarallo, 1983; 1989; Roberts & Kato, 1993; Cerqueira, 1990; Pagotto, 1992; Nunes, 1995; Duarte, 1995; 1998; Ramos 1997; 1998/2000; Cyrino, 1997; Corrêa, 1998). Com suas naturais especificidades teórico-metodológicas, a convergência de objetivos mais amplos de todas as pesquisas relacionadas tem possibilitado acúmulo considerável de conhecimento acerca da multidialetação diatópica e diastrática, da sistematicidade do uso lingüístico e dos processos de mudança na variedade brasileira do português.

O nosso objetivo neste artigo consiste apenas em ressaltar alguns aspectos teóricos e metodológicos que se consolidaram ou emergiram nos múltiplos trabalhos realizados pela equipe de pesquisadores do PEUL. Esse grupo de pesquisa vem se caracterizando, ao longo dos seus quase vinte anos de existência, pelo interesse no estudo da variedade não culta do português falado no Rio de Janeiro e pela busca de uma teoria mais geral da heterogeneidade e da mudança lingüísticas. A própria sigla PEUL já traz embutido o objetivo central dos pesquisadores que integram ou integraram o grupo: a legitimação de estudos sobre o uso lingüístico, nas suas diferentes modalidades. Esse objetivo que, no primeiro momento, se direcionou para a

³ Atualmente, o grupo PEUL é composto pelos seguintes pesquisadores: Anthony Julius Naro, Christina Abreu Gomes, Cláudia Roncarati de Souza, Helena Gryner, Maria Cecília Mollica, Maria da Conceição de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte, Maria Luiza Braga, Maria Marta Pereira Scherre, Nelize Pires de Omena e Vera Lúcia P. Pereira da Silva.

língua falada não-culta do Rio de Janeiro, constituiu o vetor básico de uma trajetória centrada na análise de parâmetros internos e externos de explicação da variação e da mudança lingüísticas e de instrumentos metodológicos que garantam o rigor da análise de dados. Mesmo incorrendo no risco de não refletir com fidelidade o valor intrínseco de cada trabalho, não pretendemos fazer aqui uma retrospectiva resumitiva de todas as pesquisas realizadas pelos integrantes do grupo³. Enfatizaremos, sobretudo, alguns resultados que permitiram depreender, a partir de análises empíricas particulares, a regularidade de alguns princípios sobre a variação e a mudança lingüísticas e desvendar alguns aspectos da interface língua/sociedade. Antes de nos deter nesses dois pontos, traçamos um breve esboço do universo de variação analisado pelo grupo, com o objetivo de deixar clara uma trajetória que culminou na convergência de diferentes paradigmas interpretativos da variação e de mudança lingüísticas.

1. Um panorama do universo variável do Rio de Janeiro

Concebido no final da década de setenta, por um grupo de pesquisadores reunidos em torno de Anthony Julius Naro, o PEUL se consolidou, durante os anos oitenta (Braga et alii, 1991; Silva & Votre, 1991; Tarallo, 1991; Silva & Scherre, 1996), como um foco irradiador da Sociolingüística Quantitativa nos moldes do paradigma laboviano (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1975; Sankoff, 1988a; 1988b). Na sua gênese, alguns princípios estavam necessariamente envolvidos: (1) a dissociação entre estrutura lingüística e homogeneidade - a língua é tomada como uma estrutura inerentemente variável e a *variação livre* como passível de descrição sistemática, em função de restrições lingüísticas e não-lingüísticas; (2) a rejeição da intuição como fonte dos dados lingüísticos, analisando-se, portanto, a língua inserida no contexto social e buscando dar conta da estrutura gramatical no discurso, a partir da conversação natural, de narrativas formais, de gêneros escritos diversos etc.; (3) a pressuposição de que um modelo de língua que acomoda os fatos variáveis e suas restrições lingüísticas e não-lingüísticas conduz a descrições e explicações mais adequadas e resolve questões ligadas à mudança lingüística; (4) a aceitação de motivações internas e/ou externas em competição, assumindo que a explicação dos fatos lingüísticos pode estar fora do sistema lingüístico; (5) a atribuição de importância à frequência dos dados, conduzindo necessariamente à sua quantificação em função de restrições que operacionalizam hipóteses passíveis de serem refutadas; (6) a pressuposição de que os fatores das possíveis restrições têm um efeito fixo, podendo, conseqüentemente, ser isolados, medidos, generalizados e explicados em

função de princípios internos e externos à língua.

Formulado com o objetivo precípua de estudar fenômenos variáveis presentes no português falado por cariocas não-cultos, através de uma metodologia quantitativa, o primeiro projeto se colocou a tarefa de constituir uma amostra estratificada da variedade em foco. Inspirando-se no modelo do corpus constituído para o francês de Montreal (Thibault & Vincent, 1990), o grupo coletou, transcreveu e armazenou eletronicamente 64 horas de gravação com falantes cariocas estratificados segundo variáveis sociolingüísticas clássicas (sexo, idade e escolaridade) e distribuídos por diferentes bairros da cidade.

Essa amostra, mais conhecida por *Corpus Censo*,⁴ revelou-se fértil manancial para o estudo da heterogeneidade da fala carioca. Foi possível contatar que, a depender da conjugação de fatores lingüísticos e extralingüísticos, *os cariocas*, em dias de sol, *curte ir na praia* e, depois, *adora toma umas cervejinha, assistino o jogo de futebol*. A frase anterior ilustra algumas variações já estudadas a partir do *Corpus Censo*, mas, certamente, não as esgota. Estudos de diversos fenômenos variáveis em todos os subsistemas lingüísticos permitiram a construção de um quadro bastante completo do universo da variação presente na fala dos cariocas com escolarização média.

No nível fonético-fonológico, destacam-se, entre os aspectos já examinados pelo PEUL, a tendência à monotongação dos ditongos decrescentes [ey] e [ow] (*peixe/peixe, couro/coro*) (Paiva, 1996a); a estigmatização da alternância entre as líquidas ou a queda de [r] nos grupos consonantais (*blusa/brusa, flamengol/framengo próprio/próprio, problema/pobrema*) (Mollica & Paiva, 1991;1993); a estabilidade da supressão de /d/ na seqüência *-ndo* (*andandol/andano, bebendol/bebeno*) e a significativa restrição do processo ao sufixo de gerúndio (Mattos & Mollica, 1989); o reforço da palatalização, competindo com as variantes alveolar, aspirada e zero nas diversas realizações do {S} pós-vocálico [*meɣzum/meɣzmu/mefɨmu/memo*] (Scherre & Macedo, 1989; 1996); a redução variável da preposição *para* (*para, pra e pa*) (Felgueiras, 1993); a implementação da queda de [r] pós-vocálico, em especial nos infinitivos (*beber/bebê, cantar/canta*) (Lima, 1992); a prótese (*voar/*

⁴ O *Corpus Censo* é constituído por 48 horas de gravação com falantes adultos, divididos por três faixas etárias (15-25 anos, 26-49 anos e mais de 50 anos) e uma amostra de crianças na faixa de 7 a 14 anos (Silva, 1996a).

avovar) e aférese (*assistir/sistir*) de segmentos fônicos (Gonçalves, 1993).

No nível morfossintático, um conjunto significativo de fenômenos foi abarcado. Os estudos sobre a concordância de número trouxeram à luz o comportamento simétrico dos três processos variáveis de concordância: a variação de concordância no sintagma nominal (*os meninos/os menino; as portas abertas/as porta aberta*) (Scherre, 1988; 1989; 1994; 1996a; 1997; 1998; Scherre & Naro, 1997), entre verbo e sujeito (*Eles ganham demais/Eles ganha demais*) (Scherre & Naro, 1993; 1997; Naro & Scherre, 1996a) e dos predicativos e participios passivos com o sujeito (*as coisas tão caras/as coisa tá cara; os meus filhos foram amamentados/os meus filhos foram alfabetizado*) (Scherre, 1991; Scherre & Naro, 1997).

Análises do uso variável de preposições revelaram aspectos importantes quanto aos processos de regência verbal. A análise da regência do verbo ir (*ir ao Maracanã/Eu ia pró sítio do meu tio/Meu pai que ia no açougue*) reforçou a hierarquização entre as três variantes: a preposição *a* é mais padrão do que *para*, *segundo-se*, *então*, a preposição *em* (Mollica, 1996a) e evidenciou a importância de fatores de natureza semântica. A instabilidade do sistema preposicional fica evidente ainda na tendência à inserção da preposição *de* em contextos em que não se prevê sua ocorrência - *dequeísmo* - (Basta *dizer* isto: *de que* esta metáfora das luzes é exclusiva do século XVIII) ou de sua queda em contextos onde é esperada - *queísmo* - (ela não *gosta que* interrompam a aula para pedir explicações) (Mollica, 1989a; 1991a; 1991b; 1995a). Um estudo mais abrangente de processos variáveis de regência verbal focalizou a alternância *a/para* ou o apagamento do nexos preposicional em contextos de verbos bi-transitivos (*Eu sabia que você ia pedir o dinheiro a ele/O cara vem do Brasil, um nordestino pra dar um presente pro papa/Num tem um senhor lá na Itália querendo dar um presente O papa*), a alternância entre *a/para* com verbos transitivos indiretos (*Seu Lacava mesmo pertence aos vicentinos/Nós estamos precisando de uma pessoa lá pra ficar na parte que pertence O o escritório*) e, ainda, a presença ou ausência das preposições em (*Vamos pensar em viver ainda mais/Penso O fazer um negócio, penso O sair*) e de (*Então o ser humano precisa O um espaço pelo menos que ele pode abrir os braços../Eu acho que o ser humano, ele, na sua essência, ele precisa- precisa de espaço à sua volta*) (Gomes, 1996).

As análises de variações entre formas pronominais desvendaram muitos dos movimentos no interior desse subsistema no português brasileiro. O estudo da alternância entre as formas *seu/dele* (*Comprei seu livro/Comprei o livro*

dele) mostra o estágio avançado de um processo de mudança que atinge o sistema de referência possessiva na 3ª pessoa do singular (Silva, 1991; 1996b). A análise da alternância entre nós e a gente fornece fortes evidências de uma mudança das formas de referência à primeira pessoa do plural, com gradativa substituição de nós pela expressão genérica a gente, em diversas funções sintáticas (que *nós temos* aqui uma dificuldade muito grande de colocar a documentação do bar em dia/Então, *a gente num tem* condição de fazer uma documentação certa) (Omena, 1987; 1996).

O emprego supostamente facultativo de artigos frente a possessivos e patronímicos (*o meu livro/meu livro, o Arthur/Arthur*) foi submetido ao rigor da metodologia quantitativa, desnudando-se, assim, diferenças significativas de contextos favoráveis a uma ou outra variante (Silva, 1996c).

Mereceram também atenção especial a definição de variáveis lingüísticas motivadoras do uso do pronome indefinido substantivo tudo em variação com o pronome indefinido adjetivo todo(a)(s) (escola para *todos* os ofícios/cria peixe aí, em *tudo* o quintal; esses troço *tudo* eu pego para ler/porque eles cortaram o cabelo dela *todo* (Pinto, 1996) e a alternância entre os verbos impessoais ter, haver, existir (*Tem* muitos livros na mesa/*Há* muitos livros na mesa/*Existem* muitos livros na mesa) (Fioretti, 1996).⁵

2. Alargando os domínios da variação

Desde os seus primeiros passos, o PEUL foi ampliando seus interesses, através da: (a) incorporação de outras amostras do português falado, assim como de amostras de língua escrita antiga e contemporânea; (b) incorporação nos estudos variacionistas de fatores ligados à organização do discurso, ao processamento da fala e ao processo interacional; (c) análise de fenômenos variáveis situados fora do domínio da sentença; (d) estudo de aquisição e mudança de processos variáveis no português falado como primeira língua (L1) e como segunda língua (L2).

O estudo dos padrões de variação na modalidade escrita, comparativamente aos da fala, tem se revestido de particular interesse, pois, do ponto de vista teórico, fornece subsídios para questões ligadas à

⁵ Uma parte dos trabalhos aqui citados foram reunidos sob o título de “Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro”, organizado por Silva & Scherre (1996).

implementação das mudanças e, do ponto de vista prático, permite incursionar com mais propriedade nas questões relativas ao ensino de aspectos do português não adquiridos como primeira língua. As alternativas de realização do sujeito de 1ª, 2ª e 3ª. pessoas (Acho que *ele* também tinha uma quedinha por mim, mas *o* não ousava sequer sair do sério. *Ele* é um cara muito legal não é?) foram analisadas na escrita informal, representada por cartas pessoais (Paredes da Silva, 1988; 1993; 1996). O estudo permite depreender pontos de interseção entre as modalidades falada e escrita e especificidades dessa última no que tange à realização do parâmetro sujeito nulo.

O estudo da concordância verbal de número na escrita padrão contemporânea tem propiciado uma análise mais generalizante de restrições lingüísticas relevantes para a variação na fala e na escrita. Os traços da saliência - fônica, de posição e de animacidade, estabelecem um jogo interessante com o traço sintático de número tanto no sentido de reter o controle da concordância no núcleo do sujeito quanto no sentido de permitir o deslocamento deste controle para o núcleo nominal do sintagma preposicional mais à esquerda (Scherre & Naro, 1998a; 1998b; Naro & Scherre, 1998). A estrutura das frases imperativas também é abordada na confluência entre fala e escrita, revelando-se, nos dados até então analisados, certa complementaridade no uso da forma indicativa, mais freqüente na fala, e da forma subjuntiva, mais freqüente na escrita. Restrições de natureza lingüística - semântica, sintática e fonológica - e não-lingüística - tipo e formalidade do evento, faixa etária e anos escolarização - entram em jogo no entendimento deste fenômeno (Scherre et alii, 1998).

O interesse pela língua escrita de séculos passados é um corolário natural da conjugação, implicada no próprio paradigma sociolingüístico, entre sincronia e diacronia. A necessidade de buscar no tempo real comprovação para as evidências do tempo aparente, com o objetivo de identificar no sistema as raízes da variação e de entender os caminhos da mudança, tem motivado o exame de textos antigos. Apenas para citar alguns exemplos de análise sistemática do tempo real, no estudo do artigo definido diante de possessivos e de patronímicos são examinados dados do século XV ao século XX (Silva, 1996c); a origem do (de)queísmo é minuciosamente investigada em diversos corpora diacrônicos, do século XII ao século XX (Mollica, 1989a; 1995a) e, no estudo da concordância verbal, percorre-se o período compreendido entre os séculos XIII a XV (Naro & Scherre, 1998; no prelo; Scherre & Naro, 1998a; 1998b). O percurso das formas sintáticas de indeterminação do sujeito está sendo rastreado a partir do século XIV até o século XX, procurando-se identificar novas estruturas implementadas na língua (Omena, em

desenvolvimento). De forma semelhante, a gênese das estruturas de negação é investigada em textos do português arcaico (Roncarati, 1997).

As análises de textos antigos têm fornecido argumentos para as discussões seculares sobre a natureza e origem do português do Brasil, que opõem adeptos de abordagens tão distintas como a hipótese da descrioulização ortodoxa (Jeroslow, 1975; Guy, 1989) à da mudança natural (Naro, 1981; Tarallo, 1993), passando por hipóteses intermediárias associadas à mudança natural acelerada por condições sociais particulares (Câmara Jr., 1975; Silva Neto, 1986) ou à transmissão lingüística irregular (Holm, 1992; Baxter & Lucchesi, 1997), ambas pressupondo uma fase lingüística crioula, ou à mudança natural acelerada por condições sociais diversas, sem pressuposto de fase lingüística crioula (Naro & Scherre, 1993a; no prelo).

A incorporação de fatores de natureza discursivo/pragmática se impõe pela necessidade de explicar fenômenos, que, situados no nível oracional, exigem a consideração de contextos mais amplos que permitam controlar as funções das estruturas lingüísticas. O estudo de fenômenos de topicalização e deslocamento de constituintes sintáticos (*Pós-operatório* todo muito tem) (Braga, 1986); da ocorrência de traços suprasegmentais em fronteiras sintáticas (A minha paixão pelo futebol (*pausa*) é desde criança/ Bem poucas pessoas (*ruptura entonacional*) tinha rádio/Eu não podia ver uma bola, (Mollica, 1993; 1996b, Braga & Mollica, 1986); da inversão do sujeito (Cem mil cruzeiros *faturou a nossa barraca*) (Votre & Naro, 1989); da dupla realização do sujeito (Aí o filho dele e mais uns amigos dele, só eles ali, *eles* conseguem formar um império desgraçado contra o ... do Dart..) (Braga, 1987); dos diversos tipos de construções de foco (Foi *isso* que aconteceu, A minha tia *é que* cozinha, *Quem* segura é o Sandro, Eles ficam *é* com ciúme, Ele *que* organiza os desfiles aqui) (Braga, 1991); da realização dos sujeitos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas (Paredes da Silva, 1988; 1994); e da variação nas estruturas de negação (Não sei/Não sei não/Sei não) demonstra que fatores como contraste, coesão textual, continuidade referencial e status informacional dos referentes, por exemplo, exercem incontestável pressão em processos de variação sintática (Roncarati, 1994; 1996).

Preocupados com a dimensão funcional da variação, diversos trabalhos ressaltam também a relevância de fatores de processamento da fala, como dimensão dos constituintes, traduzível no princípio da quantidade, distância e presença de material interveniente para fenômenos de níveis fonético/fonológico (Mollica, 1989b) e sintático (Braga, 1986; 1987; 1991).

A incorporação de aspectos discursivos e de processamento na análise variacionista, que alinha o grupo a paradigmas funcionalistas de estudo da linguagem, constitui uma tentativa de transpor o plano descritivo da variação, buscando a razão de ser da coexistência de duas ou mais formas de dizer a mesma coisa. Esse avanço se torna possível porque o grupo trabalha com uma noção estrita de significado, requerendo, na caracterização das variantes, apenas a equivalência de significado referencial. Outros tipos de significado, e mesmo nuances de significado referencial, são tomados como variáveis independentes (Callou, Omena & Silva, 1991; Paredes da Silva, 1992; Mollica, 1994b). O enquadre discursivo/funcional do grupo poderia ser resumido, retomando uma expressão já utilizada por Naro & Votre (1992), como “uma análise lingüística no discurso”, ou seja, uma análise das pressões de condicionamentos do co-texto e do contexto sobre a estrutura lingüística.

A abordagem discursivo/funcional suscitou saudável discussão entre funcionalistas (Votre & Naro, 1989; Naro & Votre, 1992) e formalistas (Nascimento, 1990; Dillinger, 1991) no início da década de 90, permitindo explicitar publicamente posições e questões que interessam a todos os estudiosos envolvidos na explicação do fenômeno linguagem. Recentemente, essa questão é retomada por Kato (1998) numa perspectiva integradora e harmônica.

Conseqüência natural do interesse pelos aspectos discursivo/funcionais da variação foi a extensão do modelo analítico variacionista a fenômenos fora do domínio oracional, submetendo ao rigor da análise quantitativa fenômenos como os processos de articulação de cláusulas e de articulação do próprio discurso. O estudo da variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais potenciais (Se a pessoa for virgem, tudo bem casa/Se eles estão ofendido, eles vão lá e joga e ganha) permite demonstrar o importante papel da variação na construção da estrutura retórica do discurso (Gryner, 1990; 1995; 1996). A análise da ordenação das cláusulas causais (Porque não tinha elevador eu desci a escada/ A maioria da classe média come em casa porque os restaurantes são proibitivos) (Paiva, 1992; 1995a; 1996b), das cláusulas temporais (Eu fico com remorso até de comer o pão, quando eu como? /Porque engraçado que, quando a gente viaja, a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes) (Braga, 1995; no prelo) e o estudo das orações reduzidas de gerúndio (Agora é engraçado que você saindo do Brasil, a gente sente uma falta muito grande dessa parte de verduras.) (Braga, 1996) permitiram demonstrar a importância de princípios funcionalistas como o de iconicidade e o de distribuição de informação, além de fornecerem subsídios

para a discussão do conceito de ordem marcada. O interesse pela ordenação de constituintes lingüísticos e pelas formas de combinação de cláusulas numa abordagem funcionalista tem levado o grupo a se voltar para os processos de gramaticalização, extraindo deste estudo conseqüências teóricas importantes.

A função de algumas partículas e de estruturas próprias do discurso oral mereceu atenção especial. Os marcadores do discurso foram objeto de análise minuciosa, visando a identificar os diferentes papéis discursivos dessas partículas e a sua importância enquanto elementos de organização da sintaxe da fala (Silva & Macedo, 1992; 1996; Silva et alii, 1996). Também voltado para a organização do discurso falado é o estudo de repetições como estratégias de processamento do texto (Roncarati, 1994). Ao se alargar o âmbito da variação, de forma a recobrir domínios cada vez mais amplos, salientou-se ainda a necessidade da análise de problemas ligados à tipologia de textos e à precisão de critérios distintivos de diferentes gêneros do discurso (Paredes da Silva, 1996; 1997a).

O Corpus Censo, dadas as suas especificidades de discurso monitorado, semi-informal, caracterizado por relação assimétrica entre os participantes do ato comunicativo, certamente limita, ou mesmo impossibilita, o estudo de alguns aspectos ligados a estilo de fala ou ao processo interacional. A incorporação de amostras de conversações espontâneas (Roncarati et alii, 1996; Paredes da Silva, 1997b) viabilizou (1) a verificação de condicionamentos como mudança de turno e relações entre os participantes da conversa sobre fenômenos lingüísticos variáveis e (2) a colocação de objetos de estudo próprios do processo interacional, envolvendo, por exemplo, as estruturas argumentais da conversação (Roncarati, 1994), formas de abertura de turnos (Macedo, 1994), a alternância entre tu e você para referência à 2ª. pessoa (Paredes da Silva, 1997b).

Como não poderia deixar de ser, o interesse pela variação e pela mudança culminou em hipóteses relativas à aquisição de processos variáveis no português enquanto L1 ou L2. Essa nova trilha, inaugurada com um conjunto significativo de estudos sobre o Português de Contato - variedade falada pelos diversos grupos étnico-lingüísticos da Reserva do Alto Xingu -, permitiu verificar a sistematicidade de alguns fenômenos variáveis em L1 e em L2. Citem-se a monotongação de [ey] e [ow], a queda de [r] medial e final, assimilação de [d] na seqüência -ndo, rotacismo (Mollica, 1997), preenchimento do sujeito (Duarte, 1995), estruturas de negação (Roncarati, 1997), aquisição de preposições (Gomes, 1997), formas de indeterminação do sujeito (Mollica

et alii, 1995), marcadores discursivos (Macedo, 1997), realização da relação semântica de causalidade (Paiva, 1998) e gramaticalização da relação de contraste (Braga, 1998).⁶ A amostra do Português de Contato abriu espaço também para a discussão de alguns aspectos relativos às situações de contato lingüístico e à emergência de códigos simplificados, a partir do estudo de algumas das suas especificidades como a neutralização variável do traço de sonoridade (Paiva, 1997) e a realização da categoria de gênero (Macedo & Lucchesi, 1997), a expressão das categorias de tempo e modo (Duarte, 1998b) e o uso do quantificador tudo como pluralizador (Loureiro, 1998).

Outra preocupação de membros do grupo PEUL tem sido a de construir elos entre a pesquisa básica e o ensino de línguas. O grupo tenta buscar nos resultados da pesquisa variacionista argumentos e diretrizes que permitam transformar a realidade do ensino/aprendizagem da norma escolar, seja pela discussão do preconceito lingüístico (Scherre, 1996b; 1996c), seja pela proposição de novas práticas pedagógicas (Mollica, 1995b; 1998).

3. A força da estrutura sobre a variação e a mudança lingüística

A focalização dos aspectos variáveis do português conduziu à apreensão de interdependências de todas as naturezas: (1) entre os componentes lingüísticos (fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical); (2) entre estes e outros componentes da linguagem (discursivo e pragmático) e, ainda, (3) entre os componentes lingüísticos e os aspectos não-lingüísticos (social, cognitivo e interacional), que envolvem o complexo fenômeno linguagem. As análises têm fornecido argumentos para a discussão de questões teóricas maiores, tais como identificação e entendimento das forças em competição, internas e externas; identificação dos caminhos e das motivações da mudança lingüística; identificação e proposição de princípios universais.

Raramente um fenômeno lingüístico variável se deixa explicar por meio de um único parâmetro ou por meio de um único princípio, mesmo que o fenômeno possa se encaixar no âmbito de seu próprio componente lingüístico. Mesmo fenômenos fonológicos, que mais frequentemente se explicam à luz de restrições do próprio nível fonológico, não estão isentos de influências de natureza lexical e social. Fenômenos de natureza morfossintática, ou estritamente sintática, na maior parte das vezes, só se esclarecem na confluência de componentes diversos.

Muitos dos fenômenos já relacionados ilustram essa interdependência entre diversos níveis/componentes, ou seja, o que Du Bois (1984) denominou de “motivações em competição”. Tomemos alguns exemplos que, longe de esgotar a questão, apenas evidenciam a sua pertinência. As realizações do {S} pós-vocálico como palatal, alveolar, aspirada ou zero são controladas pela escala da sonoridade do contexto seguinte tanto no nível lexical (internamente à palavra) quanto no nível pós-lexical (na fronteira entre palavras), obedecendo de forma bastante regular ao ciclo da sonoridade e à lei do contato silábico. Além desse controle fonológico, o fenômeno está sujeito à influência de aspectos lexicais como a classe gramatical da palavra e, mesmo, de itens lexicais específicos.

A interseção exemplificada acima fornece subsídios importantes para a discussão da controvérsia neogramáticos/difusionistas que, no interior do PEUL, tem encontrado guarida e se enriquecido com novas evidências, fornecidas por estudos do português como L1 e como L2 (Mollica, 1995a; Mattos e Mollica, 1992). Estudos exaustivos sobre a interface lexical da variação têm mostrado a relevância dos parâmetros frequência e formalidade do item lexical em fenômenos de níveis diferentes: fenômenos de natureza sintática, como o (de)queísmo, e fenômenos de natureza fonético-fonológica como assimilação de <ndo>no, queda da vibrante pós-vocálica em posição medial e final, queda da sibilante pós-vocálica em posição medial e final, monotongação de [ey] e [ow], aférese e prótese de segmentos sonoros.

A colaboração do nível fonológico para uma variação morfossintática fica explícita no uso variável das formas indicativas ou subjuntivas em frases imperativas. Embora o fenômeno seja um pouco sensível a fatores de natureza semântica (modalidade realis/irrealis), está também correlacionado a fatores de natureza fonológica. No caso específico dos verbos regulares da primeira conjugação, emerge a influência do traço de abertura da vogal precedente na forma verbal conjugada: se [+aberta], favorece o imperativo na forma indicativa (fala, cala, olha, volta, pega, espera); se [-aberta], favorece o imperativo na forma subjuntiva (mande, chame, tente, pense, tome, conte, analise, vire, procure, use) em um claro processo de assimilação ou, em outras palavras, de paralelismo fônico.

A alternância entre nós/a gente ilustra, de forma inequívoca, o jogo de forças entre o formal e o semântico na definição dos limites da variação e dos caminhos da mudança. Por um lado, a pressão do paralelismo lingüístico leva à repetição da forma nós ou de a gente em função da forma precedente. Por

outro, a influência semântica da mudança de referente provoca alternância entre as formas, levando à diferenciação de uma forma em relação à que a antecede.

A imbricação entre o formal e o discursivo/funcional pôde ser constatada em alguns fenômenos de natureza sintática como, por exemplo, o (de)queísmo e a topicalização do sujeito. No primeiro fenômeno, associa-se à força do paralelismo (tendência à repetição da massa fônica de, particularmente a da preposição de) o efeito de fatores nitidamente funcionais: conexão entre construções distantes, analogia entre construções com equivalência semântico-estrutural e iconicidade. No caso da topicalização do sujeito, entram em jogo fatores de natureza formal, ainda que interpretáveis em termos psicolinguísticos, como número de sílabas do SN sujeito, presença de elementos interferentes entre o SN sujeito e presença de elementos pós-verbais e, também, fatores de natureza semântica - o caráter animado do referente -; e de natureza discursiva - status informacional do referente do SN sujeito.

Nos exemplos utilizados acima, ressaltou para vários fenômenos a ação controladora da variável paralelismo linguístico (Scherre, 1988; no prelo), aspecto que gostaríamos de aprofundar. A recorrência e a sistematicidade do efeito dessa variável independente, para usar uma terminologia bem ao gosto dos variacionistas, a tornam forte candidata ao estatuto de um universal de processamento do uso linguístico⁷. O paralelismo linguístico em sentido lato, isto é, a repetição de elementos da mesma natureza ou de natureza semelhante, além de atuar de forma sistemática em fenômenos de todos os subsistemas linguísticos, atua também em planos (ou níveis) linguísticos diversos. Em outros termos, a harmonização entre as formas ou a tendência geral de formas gramaticais particulares ocorrerem juntas (Schffrin, 1981:55-6) pode ser observada (1) no plano discursivo - entre as formas no nível supra-oracional -, (2) no plano oracional - entre os constituintes maiores da oração -, (3) no plano sintagmático - entre elementos constitutivos do sintagma -, e (4) no plano da palavra - entre elementos da própria palavra ou entre elementos adjacentes de palavras que não formam constituinte.

No plano estritamente discursivo, a força do paralelismo se deixa observar nas construções de topicalização (Braga, 1986), na alternância nós e a gente

⁷ A escolha da variável paralelismo como tônica das contribuições do PEUL, no plano das variáveis estruturais, decorre da necessidade de proceder a um recorte. A sistematicidade de diversas outras variáveis linguísticas - saliência fônica, traço de animacidade, iconicidade e distribuição de informação - vem também despontando ao longo das muitas análises já realizadas.

(Omena, 1996), na variação de tempo-modo e conexão nas condicionais potenciais (Gryner, 1990). Nos planos discursivo, oracional e sintagmático, esta força deixa-se entrever especialmente nos fenômenos de concordância de número (Scherre, 1988; 1991; Scherre & Naro, 1991); no plano discursivo e no da palavra, manifesta-se na alternância entre para, pra e pa (Felgueiras, 1993); nos planos oracional e da palavra, deixa-se observar no (de)queísmo (Mollica, 1989; 1991a; 1991b); e no plano específico da palavra, deixa-se evidenciar nas variantes do modo imperativo (Scherre et alii, 1998).

A sistematicidade do efeito do paralelismo, já demonstrada também no estudo de fenômenos de muitas outras línguas, bem como em diversos outros fenômenos do português do Brasil,⁸ se reveste de importância capital por fornecer argumentos para a discussão de dois aspectos nucleares da teoria da variação: (1) o pressuposto da independência entre as diversas variantes de uma mesma variável dependente e da sua não interferência no efeito das variáveis independentes, caso haja interdependência entre as variantes (Sankoff & Laberge, 1978); (2) o pressuposto de que necessidades comunicativas podem determinar a configuração da variação e da mudança lingüística.

A possibilidade da dependência entre duas ocorrências sucessivas de variantes de uma mesma variável dependente fica evidenciada no efeito positivo da variável independente paralelismo. É possível mostrar também que a influência do paralelismo pode repercutir no comportamento de variáveis sociais, especialmente entre paralelismo e anos de escolarização. A análise da concordância de número, observando separadamente dados com ocorrências sucessivas de variantes de uma mesma variável dependente (dados seriados) e dados sem ocorrências sucessivas de variantes de uma mesma variável dependente (dados não-seriados), permitiu verificar a interdependência entre as variáveis paralelismo e escolarização. A variável escolarização não se mostra relevante em dados em que a força interna do paralelismo se faz presente. Todavia, entre a variável paralelismo e as demais variáveis, quer lingüísticas

⁸ A primeira referência a esta restrição em pesquisas variacionistas, no nível oracional, foi feita por Poplack (1980) em seus estudos sobre a concordância de número no SN, no espanhol de Porto Rico. Na literatura nacional, a primeira referência ao paralelismo deve ser atribuída a Omena (1978) no seu estudo sobre as formas pronominais variantes em função acusativa. Refêrências anteriores, sob a denominação de "efeito gatilho", especialmente na relação falante-ouvinte, são feitas, pela primeira vez, por Emmerich (1977).

⁹ A hipótese de interdependência entre variáveis internas e variáveis sociais requer maiores testes, porque, de forma geral, tem-se advogado em favor da independência entre esses dois tipos de condicionamentos.

quer sociais, nenhuma interferência significativa se fez notar. (Scherre & Naro, 1992)⁹

A questão das pressões comunicativas sobre a variação e a mudança lingüística, retomada por Labov (1994:545-68), que incorpora resultados de análises desenvolvidas pelo PEUL, também pode ser rediscutida à luz do efeito da variável paralelismo. Enfatizando o papel do paralelismo lingüístico no funcionamento sincrônico das línguas, Labov (1994:550-86) considera que “a comunicação da informação não determina a configuração da variação e da mudança lingüística”, o que significa dizer “que os falantes não são dominados pelas necessidades comunicativas quando escolhem uma variante particular na cadeia da fala”, embora “a história das línguas reaja para preservar o significado em geral. Com base nesse pressuposto, Labov desenvolve um modelo de mudança no qual estabelece que “não é o desejo de ser entendido, mas sim a consequência de problemas de interpretação é que influencia a mudança lingüística”.

As reflexões de Labov acerca das implicações anti-funcionais da variável paralelismo são discutidas no seio do PEUL (Naro, 1996), com base no argumento de que é fundamental distinguir o status dos diferentes tipos de fenômenos variáveis (variação estável, mudança de longa duração ou mudança em progresso) para situar com precisão o papel do paralelismo e a importância do efeito das necessidades comunicativas na variação e na mudança lingüística. Todos os fenômenos apresentados por Labov para subestimar a força do aspecto funcional na variação lingüística são do tipo variação estável, como ele próprio coloca, ou são fenômenos de mudança lenta na sua fase final, nos quais a força do paralelismo é mais saliente. Há de se considerar, todavia, que, em fenômenos de mudança que se encontram em sua fase intermediária, ou seja, no meio do ciclo funcional (Givón, 1995), variáveis de natureza informacional (no sentido mais amplo do termo) exercem um papel fundamental na configuração do espectro de variação. As mudanças em sua fase final, estas, sim, são menos susceptíveis à influência de variáveis de natureza informacional diversa, ou seja, são mais susceptíveis à influência do paralelismo. A questão não pode ser colocada, portanto, em termos de afirmação ou negação total de restrições comunicativas sobre a variação. As evidências existentes são todas consistentes “com a hipótese de que o grau de funcionalidade de uma variável lingüística depende de seu lugar no ciclo funcional” (Naro, 1996).

4. Contraparte social da variação e da mudança

É um truísmo dizer que os estudos sociolingüísticos contribuem não só para tornar evidente a sistematicidade de variedades do português, especialmente as não-cultas, como também para fornecer novos elementos à discussão do binômio homogeneidade/heterogeneidade. Mais problemática, no entanto, é a identificação dos parâmetros sociais correlacionados à variação e à mudança lingüística.

Uma busca ininterrupta à contraparte social da variação e aos índices extralingüísticos dos processos de mudança permitiu a apreensão do efeito não só de aspectos sociais adstritos ao falante (como sexo e idade) ou por ele adquiridos (como local de moradia, escolaridade) como também daqueles que envolvem os sistemas de representação vigentes no grupo social (como mercado lingüístico ou sensibilidade lingüística), ou a relação do falante com veículos de comunicação como a televisão. Foi possível demonstrar regularidades salientes em relação ao efeito dessas variáveis sociais sobre fenômenos de variação e mudança lingüística (Silva & Paiva, 1996).

Dadas as características da sociedade brasileira, na qual um imenso contingente da população é excluído do direito à escolarização formal, a variável escolaridade suplanta as demais, moldando, em grande parte, a heterogeneidade lingüística que se pode constatar no uso do português carioca. A escolarização continuada, refinando a consciência lingüística e insistindo na necessidade de padronização, favorece o emprego de determinadas variantes lingüísticas, em especial das que estão sujeitas a uma avaliação social positiva. Assim, retomando alguns dos fenômenos já apresentados, os falantes mais escolarizados (com 2º grau) apresentam maior presença de marca de plural em todos os elementos do SN, maior índice de preposições a e para com o verbo ir, menor frequência de rotacização do [l] nos grupos consonantais. Pelo menos em duas das variações citadas acima (concordância nominal e rotacismo), as variantes se distribuem nitidamente pelo binômio forma padrão/forma não-padrão, sendo objeto de correção sistemática do ensino. Em síntese, a ocorrência das variantes lingüísticas prestigiadas socialmente está correlacionada de forma saliente à variável escolaridade.

É preciso salientar no entanto que, de um ponto de vista estatístico, a variável escolaridade atua igualmente sobre fenômenos menos marcados socialmente, como a monotongação de [ey], uso de artigo diante de possessivo ou uso de seu/dele, que não são alvos explícitos de um ensino regular. Este fato leva a crer que a escola, além de fazer uma pressão direta sobre o uso lingüístico, atua também de forma indireta, ao iniciar e inserir o falante em uma

modalidade mais rígida e mais homogênea como a escrita. É possível também que a influência da variável escolaridade reflita, na verdade, a ação da variável classe social. Se assim for, as conseqüências são ainda mais perversas: não se modificam variantes lingüísticas, mas, sim, se excluem os indivíduos que não possuem determinadas variantes lingüísticas.

A variável sexo estabelece fronteira bastante nítida entre homens e mulheres, com as últimas demonstrando maior sensibilidade ao valor simbólico da variação. As mulheres, diferentemente dos homens, fazem mais concordância nominal, usam mais *ir a/para* do que *ir em* e rotacizam menos o [l] dos grupos consonantais. Esse apego do sexo/gênero feminino às variantes lingüísticas mais prestigiadas se faz sentir não apenas na produção, mas também na sua atitude em relação à variação, julgando de forma mais rígida o binômio padrão/não padrão.

A variável idade, por sua vez, forneceu índices para hipotetizar alguns processos de mudança em curso no português falado no Rio de Janeiro. Assim, a forma *a gente*, segundo a distribuição de estatísticas por faixas etárias, tende a se espalhar e a se implementar no sistema. Da mesma forma, verifica-se a perda do pronome possessivo *seu*, cada vez mais restrito à fala de pessoas mais velhas, e a progressiva implementação de *dele* entre falantes mais jovens. Além disso, um padrão nítido de distribuição de variantes lingüísticas pode ser constatado a partir da variável idade: os falantes mais jovens se mostram menos compromissados com a correção lingüística, valendo-se, em maior grau, das variantes menos prestigiadas.

Um aspecto crucial com relação ao efeito de variáveis sociais é o da independência do efeito de cada uma delas. A análise minuciosa das possíveis interações entre dois ou mais parâmetros sociais revela que o efeito de uma pode depender, pelo menos em parte, do efeito de outra. Tal é o caso, por exemplo, da variável sexo cujo efeito é, para muitos fenômenos, função da variável idade. Enquanto mulheres e homens mais velhos se distinguem quanto ao uso lingüístico, os jovens do sexo masculino e do sexo feminino tendem a se nivelar lingüisticamente.

Além dos padrões relativos à escolaridade, idade e sexo - variáveis sociais convencionais - outros vão emergir na análise de outros parâmetros externos associados à variação e mudança lingüísticas. Fatores como a inserção do falante no mercado ocupacional, o grau de exposição à mídia e a sensibilidade lingüística, testados empiricamente, se revelaram vetores importantes de

explicação da diversificação lingüística em uma comunidade de fala. A pressão social na linguagem, como se pode prever, envolve também os sistemas de representação acerca da linguagem e os estereótipos homogeneizantes veiculados pelos meios de comunicação de massa, em especial, a televisão. As variantes lingüísticas prestigiadas predominam entre falantes mais bem cotados no mercado ocupacional, mais expostos à mídia e mais atentos às diferenças de linguagem.

Correlações interessantes entre essas variáveis que reproduzem sistemas de valores e as variáveis mais convencionais também puderam ser sugeridas. Em alguns fenômenos, pôde ser observada, entre falantes do sexo feminino, uma atuação conjunta das variáveis mercado ocupacional e escolarização. Entre falantes do sexo masculino, no entanto, às vezes, o efeito de mercado ocupacional neutraliza o de escolarização, quando as duas variáveis são analisadas conjuntamente. O efeito da exposição à mídia também é mais transparente entre as mulheres.

A busca de variáveis sociais não convencionais para o entendimento da variação lingüística numa sociedade tão complexa como a brasileira, em que a categorização por classe social segundo parâmetros como renda, local de moradia, escolarização e profissão não é claramente delimitada, tem motivado o controle de aspectos mais sutis da ambientação material e cultural dos indivíduos e do seu grau de integração aos valores veiculados pelos meios de comunicação de massa. Concebidas na forma de escalas que controlam a relação quantitativa e qualitativa dos falantes com os produtos culturais (como mídia televisiva e escrita, cinema, teatro e outros), a sua posse de bens materiais disponíveis no mundo moderno (apartamentos, carros, telefones, viagens, etc.) e as suas expectativas em relação ao futuro, variáveis como bens materiais, bens culturais e motivação vêm insinuando uma outra forma de exame de variação sociolingüística. A relevância dessas variáveis mais refinadas pôde ser verificada, numa primeira análise, nos processos variáveis de concordância de número (Naro & Scherre, 1991; 1993a; 1996b), nos processos referentes aos grupos consonantais (rotacismo de [l] e queda de [r]) e na supressão de [d] na seqüência ndo (Silva, 1994; Lima, 1994; Fundo, 1994; Paiva, 1994; Paiva & Gomes, 1998)).

Conjugadas às variáveis mais convencionais como idade, sexo e escolarização, essas variáveis mais refinadas permitem detectar tendências divergentes no interior da mesma comunidade de fala. No que tange aos fenômenos de concordância de número, observa-se, na comunidade de fala

carioca, grupos em momentos e/ou direções distintas: para uns, há indícios de variação estável; para outros, vislumbra-se perda da concordância e, para alguns outros, entrevê-se processo de aquisição (Naro & Scherre, 1991; 1993b; 1996b).

Revela-se, portanto, estreita correlação entre a complexidade social e os processos de variação.

5. Considerações finais

Estas palavras finais não configuram uma conclusão, mas, antes, uma breve colocação de novas perspectivas. Na forma como procuramos delinear ao longo deste artigo, o grupo PEUL procurou não apenas desvendar o universo de variação da fala não culta do Rio de Janeiro como também ampliar o domínio da Sociolinguística quantitativa por meio da incorporação de outros paradigmas interpretativos da variação e da mudança linguística. Na medida em que se solidificaram técnicas de análise empírica, novas questões foram abrindo espaço para a investigação de outros objetos de estudo e para um maior refinamento das variáveis estruturais e sociais associadas à variação e à mudança.

Um longo caminho percorrido e alguma experiência adquirida no percurso servem, por sua vez, como ponto de partida para a colocação de outras questões relativas, principalmente, à implementação e encaixamento da mudança linguística. Essas novas vertentes constituem, no momento, o núcleo de interesse do grupo que passa a buscar no estudo da mudança em tempo real as evidências necessárias para a confirmação de hipóteses formuladas a partir de estudos em tempo aparente. Os dados coletados pelo PEUL já fazem 20 anos, o espaço de uma geração. Novos dados serão gravados para levarmos a cabo uma análise em tempo real. O PEUL espera, dessa forma, trazer novas contribuições à compreensão dos caminhos trilhados pelo português brasileiro e a uma teoria mais geral da mudança linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, V. de A. (org.) (1998) *A geolinguística no Brasil – Caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL.
- ALMEIDA, N. L. F. & Z. de O. N. CARNEIRO (1998) *A língua portuguesa no semi-árido baiano*. IV Congresso de Estudos Linguísticos e Literários. Feira de Santana: UEFS.

- AMARAL, A. (1920) *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro.
- ARAGÃO, M. do S. S. de & M. E. SOARES. (orgs.) (1996) *A linguagem falada em Fortaleza*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- BAXTER, A. N. & D. LUCCHESI. (1997) A relevância dos processo de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos lingüísticos e literários* (n.º especial). Salvador, Universidade Federal da Bahia: 65-83.
- BORTONI, S. M. R. (1984) *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRAGA, M. L. (1986) Construções de tópico de discurso. *Relatório final de pesquisa: Projeto subsídios do "Projeto Censo" à educação*, III. Rio de Janeiro: UFRJ: 393-453 (inédito).
- _____ (1987) Esta dupla manifestação de sujeito, ela é condicionada lingüisticamente. In: *Estudos lingüísticos. Anais de seminários do GEL*, XIV, Campinas, UNICAMP: 106-15.
- _____ (1991) As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro. *Organon*, 18 (5) - *A variação no português do Brasil*, Porto Alegre: UFRGS-Instituto de Letras: 109-25.
- _____ (1995) As orações de tempo no discurso oral. In: I.G.V. KOCH & M. L. BRAGA (orgs.) *Cadernos de estudos lingüísticos*, 28. Campinas: UNICAMP/IEL: 85-97.
- _____ (1996) Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. In: I. G. V. KOCH (org.) *Gramática do Português falado*, VI: *Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP: 231-52.
- _____ (1997) Discurso e abordagens quantitativas. *Alfa*, 41 (n.º esp). São Paulo: UNESP: 41-56.
- _____ (no prelo). The articulation of clauses: time.
- _____ (1998) A codificação de contraste no português de contato: um processo de gramaticalização. *Estudos Lingüísticos*, 27. *Anais do Seminário do GEL*. São José do Rio Preto: 111-9.
- BRAGA, M. L. et alii. (1991) Results of an integrated sociolinguistic study. In: F. G. de MATOS; S. M. BORTONI & J. FISHMAN (eds.) *International journal of the sociology of language - Sociolinguistics in Brazil*. Berlin: Mouton: 153-74.
- BRAGA, M. L. & M. C. MOLLICA. (1986) Marcas segmentais e/ou supra-segmentais entre sujeito e o predicado e sua função discursiva. *O histórico e o discursivo*. Uberaba, Série Estudos, 12: 24-40.
- BRANDÃO, S. F. & S. R. VIEIRA (1998) Aspectos morfossintáticos da fala de comunidades pesqueiras: um estudo variacionista. In: S. GROßE & K. ZIMMERMANN (eds.) <<Substandard>> e mudança lingüística n

- português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM: 227-54.
- CALLOU, D. M. I. (1998) Um estudo em tempo real em dialeto rural brasileiro: questões morfossintáticas. In: S. GROßE & K. ZIMMERMANN (eds.) <<Substandard>> e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM: 255-72.
- CALLOU, D. M. I., N. OMENA & V. L. PAREDES DA SILVA (1991) *Cadernos de estudos lingüísticos*, 20 – Sociolingüística. IEL/UNICAMP: 17-2.
- CÂMARA JR., J. M. (1975) *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- CARENO, M. F. (1992) A linguagem rural do Vale do Ribeira: a voz, a vez das comunidades negras. Assis: Universidade Estadual Paulista. Tese de Doutorado, inédito.
- CASTILHO, A. T. de (1990) Apresentação do projeto da gramática do português falado. In: A. T. CASTILHO (org.) *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP/FAPESP: 7-27.
- _____ (1998) *Para a história do português brasileiro. Primeiras idéias*. São Paulo: Humanitas, I.
- CERQUEIRA, V. C. (1990) A forma dele na indicação de posse e as mudanças no sistema pronominal. Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado, inédito.
- CORRÊA, V. R. (1998) Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil. Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado, inédito.
- CUNHA, C. (1989) Objetivos do projeto NURC. In: A. T. de CASTILHO (org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP: 11-14.
- CYRINO, S. M. L. (1997). *O objeto nulo no português do Brasil – um estudo diacrônico*. Londrina: UEL.
- DILLINGER, M. (1991) Forma e função na lingüística. *D.E.L.T.A.*, 7(1): 395-40.
- DUARTE, M. E. L. (1995) A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro. Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado, inédito.
- _____ (1997) Aquisição do sujeito pronominal em L2. In: C. RONCARATI & M. C. MOLLICA. *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 43-64.
- _____ (1998) O sujeito nulo no português do Brasil: de regra obrigatória a regra variável. In: S. GROßE & K. ZIMMERMANN (eds.) *Substandard e mudança lingüística no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM: 189-202.
- DU BOIS, J. W. (1984) Competing motivations. In: J. HAIMAN. *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins: 342-65.
- EMMERICH, C. (1977) Um traço propulsor numa língua de contato. In: *Anais do 2º Encontro Nacional de Lingüística*. Rio de Janeiro: PUC: 393-9.
- _____ (1984) A língua de contato no Alto Xingu - origem, forma e função. Rio

- de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado, inédito.
- FELGUEIRAS, C. M. (1993) Análise da variação no uso da preposição PARA. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado, inédito.
- FERNANDES, M. (1996) Concordância nominal na região sul. Florianópolis: UFSC. Dissertação de Mestrado, inédito.
- FERREIRA, C (1994) Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. Diversidade do português do Brasil – Estudos da dialetologia rural e outros. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA: 21-32.
- FERREIRA, C. et alii. (1994) Diversidade do português do Brasil – Estudos da dialetologia rural e outros. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.
- FIORETTI, M. T. G. (1996) Alternância no uso dos verbos existenciais em português. Rio de Janeiro, UFRJ. Dissertação de Mestrado, inédito.
- FUNDO, K. H do (1994) Distribuição e interseção das novas variáveis. *Boletim da ABRALIN*, 15. Salvador, UFBA: 256-61.
- GIVÓN, T. (1995) *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins.
- GOMES, C. A. (1996) Aquisição e perda de preposições no português do Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de doutorado, inédito.
- ____ (1997) Processos variáveis e aquisição de preposição em L2. In: C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 103-16.
- GONÇALVES, C. A. V. (1993). Aférese e prótese: verso e reverso morfológico. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado, inédito.
- GRYNER, H. (1990) Variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais em português. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado, inédito.
- ____ (1995) Graus de vinculação nas cláusulas condicionais. In: I.G.V. KOCH & M. L. BRAGA (orgs.) *Cadernos de estudos lingüísticos*, 28. Campinas, UNICAMP/IEL: 69-83.
- ____ (1996) Variação modal como estratégia argumentativa. In: A. T. MACEDO & C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 113-27.
- GUY, G. R. (1989) On the nature and origins of popular Brazilian Portuguese. In: *Estudios sobre Español de América y Lingüística Afroamericana*. Bogotá: Intituto Caro Y Cuervo: 226-44.
- HORA, D. da (1998) Variação lingüística no Estado da Paraíba: aspectos fonéticos-fonológicos In: S. GROßE & K. ZIMMERMANN (eds.) *Substandard e mudança lingüística no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM: 315-328.
- HOLM, J. (1991) Vernacular Brazilian Portuguese: a semi-creoule. In: E. D' ANDRADE & A. KIHM (orgs.) *Actas do Colóquio sobre "crioulos de base lexical portuguesa"*. Lisboa: Colibri: 37-6.

- ISENSEE, D. M. (1964) O falar de Mato Grosso (Bahia): fonêmica – aspectos da morfo-sintaxe e do léxico. Brasília: UnB. Dissertação de Mestrado, inédito.
- JEROSLOW, E. H. M. (1974) Rural Cearense Portuguese: a study of one variety of nonstandard Brazilian speech. Cornell University. Dissertation.
- _____ (1975) Creole characteristics in rural Brazilian Portuguese. Unpublished paper presented at the International Conference on Pidgins and Creoles. University of Hawaii.
- KATO, M. A. (1998) Formas de funcionalismo na sintaxe. *D.E.L.T.A.*, 14 (n.º especial): 145-68.
- LABOV, W. (1975) *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____ (1994) *Language and Society, 20. Principles of Linguistic Change - Internal Factors*. Cambridge: Blackwell.
- LUCHESI, D. & A. T. de MACEDO (1997) Variação na concordância de gênero no Português de Contato do Alto Xingu. *Papia; revista de crioulos de base ibérica*, 9. Brasília: Universidade de Brasília: 20-36.
- LEMLE, M. & A. J. NARO (1977) Competências básicas do português. *Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford*. Rio de Janeiro.
- LIMA, J. D' Arc de M. (1992) Difusão lexical na vibrante final. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado, inédito.
- LIMA, L. de (1994) Descrição e categorização das novas variáveis. *Boletim da ABRALIN*, 15. Salvador: UFBA: 250-55.
- LOUREIRO, F. C. (1998) O uso de tudo como pluralizador no Português de Contato. Rio de Janeiro, UFRJ. Dissertação de Mestrado, inédito.
- MACEDO, A. T. de (1994) Como iniciar o turno. In: M. C. MOLLIKA & L. P da M. LOPES (org.) *Tempo Brasileiro*, 117. *Linguagem, interação e cognição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 45-54.
- _____ (1997) Aquisição de marcadores em primeira e em segunda língua. In: C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 43-64.
- MARROQUIM, M. (1945) *A língua do nordeste - Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Nacional.
- MARTELOTTA, M. E et alii (1996) (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MATTOS e SILVA, R. V. (1996) (org.) *Carta de Caminha – Testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: UFBA.
- MATTOS, P. B. & M. C. de M. MOLLIKA (1989) Dois processos de assimilação fonológica no português falado semi-espontâneo do Rio de Janeiro.

- Relatório final do projeto Mecanismos funcionais do uso da língua. Rio de Janeiro: UFRJ, inédito.
- _____ (1992) Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. *Revista de estudos da linguagem*, 1. Belo Horizonte: UFMG: 53-64.
- MOLLIKA, M. C. de M. (1989a) *Queísmo e Dequeísmo em português*. Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de Doutorado, inédito.
- _____ (1989b) Influência de fatores de processamento na variação em português. In: F. TARALLO (org.) *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Ática: 283-300.
- _____ (1991a) (De) queísmo: variação em conexões intersentenciais. *Organon*, 18 (5). *A variação no português do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS - Instituto de Letras: 37-51.
- _____ (1991b) Processing and morpho-semantic effects in complementation in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, 3 (3). Cambridge University Press: 265-74.
- _____ (1993) Intervalos entre o silêncio e a fala e suas conseqüências na escrita. *Cadernos de Letras*, 9. Rio de Janeiro: UFRJ: 143-9.
- _____ (1994a) Mecanismos prosódico-interativos na comunicação. In: M. C. MOLLIKA & L. P. da M. LOPES (org.) *Tempo Brasileiro*, 117. *Linguagem, interação e cognição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 55-60.
- _____ (1994b) Funções diferentes de “variantes” ou equivalência semântico-funcional em variação. *Boletim da ABRALIN*, 15. Salvador, UFBA: 74-79.
- _____ (1995a) *(De) que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____ (1995b) Aplicação pedagógica de estudos variacionistas. In: L.P. da M. LOPES & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Espaços e interfaces da lingüística e da lingüística aplicada. – Cadernos didáticos*, 17. Rio de Janeiro: UFRJ: 49-57.
- _____ (1996a) A regência do verbo *ir* de movimento. In: G. M. de O. e SILVA & M. M. P. SCHERRE (orgs.) *Padrões sociolingüísticos - análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____ (1996b) Supra-segmentos de fronteira: principais causas e funções. In: A. T. MACEDO & C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 129-47.
- _____ (1997) Padrões fonológicos variáveis em aquisição. In: C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 33-64.
- _____ (1998) *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MOLLIKA, M. C. de M. et alii (1995) Contato lingüístico e aquisição do

- português. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)*, 14. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa: 119- 27.
- MOLICA, M. C. de M. & M. da C. PAIVA (1991) Restrições estruturais atuando na relação entre [l]/[r] e [r] 0 em grupos consonantais em português. *Boletim da ABRALIN*, 11(1). São Paulo, UNICAMP, Campinas: 181-89.
- ____ (1993) Grupos consonantais: da gênese ao português contemporâneo. *Terceira margem*, 1. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ: 136-140.
- MONTEIRO, C. do R. (1933) *A linguagem dos cantadores*. Rio de Janeiro. Tese apresentada em concurso à Congregação do Colégio Pedro II.
- MOURA, M. D. (1997) (org.) *Variação e ensino*. Maceió: EDUFAL.
- NARO, A. J. (1981) The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 57: 63-98.
- ____ (1996) *The functional nature of variation*. XXV New ways of analyzing variation (NWAVE) - Universidade de Nevada/Las Vegas, inédito.
- NARO, A. J. & M. M. P. SCHERRE (1991) Variação e mudança lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Cadernos de estudos lingüísticos*, 20. *Sociolingüística*. IEL/UNICAMP: 9-15.
- ____ (1993a) Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, 9 (n.º especial): 437-54.
- ____ (1993b) Flows and counter flows in variation and change. XXII New ways of analyzing variation (NWAVE) - Universidade de Ottawa/Ottawa, inédito.
- ____ (1996a) Disfluencies in the Analysis of Speech Data. *Language Change and Variation and Change*, 8. Cambridge University Press: 1-12.
- ____ (1996b) Contact with media and linguistic variation. In: J. ARNOLD et alii (ed.) *Sociolinguistic Variation - Data, Theory and Analysis - Selected Papers from NWAV23 at Stanford*, Stanford University: 223-8..
- ____ (1998) A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto. Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional- projetos de investigação lingüística sobre o português do Brasil*. Berlim.
- ____ (no prelo) Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: J. McWHORTER (ed.) *Current issues in pidgin and creole linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- NARO, A. J. & S. J. VOTRE (1992) Mecanismos funcionais do uso da língua - função e forma. *D.E.L.T.A.*, 8(2): 285-90.
- NASCENTES, A. (1953) *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- NASCIMENTO, M. (1990) Teoria gramatical e “mecanismos funcionais do uso da língua”. *D.E.L.T.A.*, 6 (1): 83-98.
- NINA, T. de J. C. (1980). Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-

- região de Bragantina. Rio Grande do Sul: PUC. Dissertação de Mestrado, inédito.
- NUNES, J. (1995) Ainda o famigerado *se*. *D.E.L.T.A.*, 11 (2): 201-40.
- OMENA, N. P. de. (1978) *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Rio de Janeiro: PUC. Dissertação de Mestrado, inédito.
- _____. (1987) A alternância entre nós e a gente na função de sujeito. In: *Estudos lingüísticos - Anais de seminários do GEL*, XIV. Campinas: UNICAMP: 94-105.
- _____. (1996) A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: G. M. de O. e SILVA & M. M. P. SCHERRE. (orgs.) *Padrões Sociolingüísticos - Análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: 183-215.
- PAGOTTO, E. G. (1992) A posição dos clíticos em português – um estudo diacrônico. Campinas: Unicamp. Dissertação de Mestrado, inédito.
- PAIVA, M. da C. (1992) Ordenação das cláusulas causais: forma e função. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado, inédito.
- _____. (1994) Nova abordagem de velhos fenômenos. *Boletim da ABRALIN*, 15. Salvador, UFBA: 262-67.
- _____. (1995a) Cláusulas causais: iconicidade e funcionalidade. In: I. G. V. KOCH & M. L. BRAGA (orgs.) *Cadernos de estudos lingüísticos*, 28. Campinas: UNICAMP/IEL: 59-68.
- _____. (1995c) Empregos do PORQUE no discurso oral. *D.E.L.T.A.*, 11(1): 27-39.
- _____. (1996a) A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: G. M. de O. e SILVA & M. M. P. SCHERRE (orgs.) *Padrões Sociolingüísticos - Análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 217-36.
- _____. (1996b) Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: A. T. MACEDO & C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA *Variação e discurso*. (orgs.) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 63-74.
- _____. (1997) Variação e aquisição do traço sonoridade. In: C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA (orgs.) *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 15-32.
- _____. (1998) Da parataxe à hipotaxe: uma trajetória do Português de Contato. *Estudos Lingüísticos*, 27. *Anais do Seminário do GEL*. São José do Rio Preto: 120-9.
- _____. & C. A. GOMES (1998) Pressões sociais da variação e da mudança. Comunicação apresentada no *XIII Encontro Nacional da ANPOLL*, Campinas.

- PAREDES DA SILVA, V. L. (1988) Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal. Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de Doutorado, inédito.
- ____ (1992) A relevância dos fatores internos. In: M. C. MOLLIÇA (org.) *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: FL/UFRJ: 33-7.
- ____ (1993) Subject omission and functional compensation: evidence from written Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, 5. Cambridge: Cambridge University Press: 35-49.
- ____ (1994) Marcas de oralidade na escrita como sinais de interação. In: M. C. MOLLIÇA & L. P da M. LOPES (orgs.) *Tempo Brasileiro, 117 - Linguagem, interação e cognição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 67-74.
- ____ (1996) Quando escrita e fala se aproximam: pronomes de terceira pessoa em cartas pessoais. In: A. T. MACEDO & C. RONCARATI & M. C. MOLLIÇA (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 63-74.
- ____ (1997a) Forma e função nos gêneros de discurso. *Alfa*, 41 (n.º esp.). São Paulo: UNESP: 79-98.
- ____ (1997b) A variação na referência à 2ª pessoa no português carioca. *Relatório final do projeto PEUL 2*, inédito.
- PINTO, I. I. (1996) A variação entre tudo e todo(a)(s) no português informal carioca. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado, inédito.
- POPLACK, S. (1980) The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: W. LABOV (eds.) *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania: 55-67.
- RAMOS, J. M. (1997) O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: D. da HORA (org.) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia: 46-60.
- ____ *Novos clíticos no português brasileiro: Projeto Integrado CNPq*. Belo Horizonte: UFMG, 1998-2000.
- ROBERTS, I. & M. A. KATO (1993) (orgs.) *Português brasileiro – uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- RODRIGUES, A. N. (1974) *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática.
- RONCARATI, C. (1994) Repetição e saliência em interações dialogadas. In: M. C. MOLLIÇA & L. P da M. LOPES (orgs.) *Tempo Brasileiro - Linguagem, interação e cognição*, 117. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 75-90.
- ____ (1996) A negação no português falado. In: A. T. MACEDO, C. RONCARATI & M. C. MOLLIÇA (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 97-112.
- ____ (1997) Ciclo aquisitivos da negação. In: C. RONCARATI & M. C. MOLLIÇA (orgs.) *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 03-16.

- RONCARATI, C et alii (1996) *Banco de dados interacionais*. Rio de Janeiro: Pós-graduação da Faculdade de Letras, UFRJ.
- SANKOFF, D. (1988a) Sociolinguistics and syntactic variation. In: F. J. NEWMAYER (ed.) *Linguistics: the Cambridge survey: IV* (Language: the socio-cultural context). New York: Cambridge University Press: 141-60.
- _____ (1988b) Variable rules. In: U. AMMON & N. DITTMAR & K. J. MATTHEIER (eds.) *Sociolinguistics - An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: Walter de Gruyter: 984-98.
- SANKOFF, D. & S. LABERGE (1978) Statistical dependence among successive occurrences of a variable in discourse. In: D. SANKOFF (ed.) *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press: 119-26.
- SCHFFRIN, D. (1981) Tense variation in narrative. *Language*, LSA, **57**(1): 45-62.
- SCHERRE, M. M. P. (1988) Reanálise da concordância de número em português. Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de Doutorado, inédito.
- _____ (1989) Sobre a saliência fônica na concordância nominal em português. In: F. TARALLO (org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. São Paulo: Pontes: 301-32.
- _____ (1991) A Concordância de número nos predicativos e participios passivos. *Organon*, **18** (5) - *A variação no português do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS-Instituto de Letras: 52-70.
- _____ (1994) Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)*, **12**. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa: 37-49.
- _____ (1996a) Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: G. M. de O. e SILVA & M. M. P. SCHERRE (orgs.) *Padrões Sociolinguísticos - Análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 85-117.
- _____ (1996b) Pesquisa e ensino: modelos de análise em debate - o modelo variacionista. In: *Pesquisa e Ensino de Língua: Contribuições da Sociolinguística - Anais do II Simpósio Nacional do GT Sociolinguística da ANPOLL*. UFRJ, Faculdade de Letras, 23-25 out. 1995. Rio de Janeiro, Timing Editora, UFRJ, Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, CNPq: 43-83.
- _____ (1996c) Variação Lingüística, *Mídia* e Preconceito Lingüístico. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)*, **16**. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa: 17:27.
- _____ (1997) Concordância nominal e funcionalismo. *Alfa*, **41** (nº-esp). São Paulo: UNESP: 181-206.
- _____ (1998) Variação da concordância nominal no português do Brasil:

- influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. In: S. GROßE & K. ZIMMERMANN (eds.) *Substandard e mudança lingüística no português do Brasil*. Frankfurt am Main, TFM: 153-89.
- _____ (no prelo) Paralelismo lingüístico. *Estudos da Linguagem*, 7(2). Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG.
- SCHERRE, M. M. P. et alii (1998) Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. In: PARADIS, C. et alii (eds.) *Papers in Sociolinguistics. NWAVE-26 à l'Université Laval* (Québec): Nota Bene: 63-72.
- SCHERRE, M. M. P. & A. T. de MACEDO (1989) Variação e Mudança: o Caso do S pós-vocálico. *ABRALIN - Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, 11. São Paulo: Unicamp: 165-80.
- _____ (1996) Phonetic and lexical effects: post-vocalic -S in Rio de Janeiro Portuguese. Comunicação apresentada no *25 New Ways of Analyzing Variation (NWAVE)*. Las Vegas: University of Nevada.
- SCHERRE, M. M. P. & A. J. NARO (1991) Marking in Discourse: Birds of a Feather. *Language Variation and Change*, 3. Cambridge University Press: 23-32.
- _____ (1992) The serial effect on internal and external variables. *Language Variation and Change*, 4 (1). Cambridge University Press: 1-13.
- _____ (1993) Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, 9 (1): 1-14.
- _____ (1997) A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: D. da HORA (org.) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia: 93-114.
- _____ (1998a) Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum lingüístico*, 1. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Pós-graduação em Lingüística. Florianópolis: Imprensa Universitária: 45-71.
- _____ (1998b) Hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito simples. Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional- projetos de investigação lingüística sobre o português do Brasil*. Berlim.
- SILVA, G. M. de O. (1991) Um caso de definitude. *Organon*, 18 (5) - *A variação no português do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS-Instituto de Letras: 90-108.
- _____ (1994) Uma nova variável sociolingüística – Velhas e novas (histórico). *Boletim da ABRALIN*, 15. Salvador, UFBA: 243-49.
- _____ (1996a) Variáveis sociais e perfis do *Corpus Censo*. In: G. M. de O e SILVA & M. M. P. SCHERRE (orgs.) *Padrões sociolingüísticos - análises*

- de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 51-81.
- ____ (1996b) Estertores do possessivo *seu* na terceira pessoa. In: G. M. de O. e SILVA & M. M. P. SCHERRE (orgs.) *Padrões Sociolingüísticos - Análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 168-81.
- ____ (1996c) Realização facultativa do artigo definido diante de possessivos e patronímicos. In: G. M. de O. e SILVA & M. M. P. SCHERRE (orgs.) *Padrões Sociolingüísticos - Análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 119-45.
- SILVA, G. M. de O. et alii (1996) Marcadores discursivos: traços definidores. In: I. G. V. KOCH. *Gramática do português falado, VI: Desenvolvimentos*. São Paulo: UNICAMP/FAPESP: 21-94.
- SILVA, G. M. de O. e & A. T. de MACEDO (1992) Discourse markers in the spoken Portuguese of Rio de Janeiro. *Language Variation and Change*, 4(2). Cambridge: Cambridge University Press: 235-49.
- ____ (1996) Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: A. T. MACEDO, C. RONCARATI & M. C. MOLLIKA. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 63-74.
- SILVA, G. M. de O. e & M. da C. A de PAIVA (1996) Visão de conjunto das variáveis sociais. In: G. M. de O e SILVA & M. M. P. SCHERRE (orgs.) *Padrões sociolingüísticos - análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 336-78.
- SILVA, G. M. de O. e & M. M. P. SCHERRE (1996) (orgs.) *Padrões sociolingüísticos - análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- SILVA, G. M. de O. e & S. J. VOTRE (1991) Estudos sociolingüísticos no Rio de Janeiro. *D.E.L.T.A.*, 7(1): 357-76.
- SILVA NETO, S. da (1986) *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.
- TARALLO, F. (1983) Relativization strategies in Brazilian Portuguese. Philadelphia: Universidade da Pensilvania, Tese de Doutorado.
- ____ (1989) (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes.
- ____ (1991) Debate a Oliveira e Silva e Votre. *D.E.L.T.A.*, 7(1): 377-93.
- ____ (1993) Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: I. ROBERTS & M. A. KATO (orgs.) *Português brasileiro – uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP: 35-68.

- THIBAUT, P. & D. VINCENT (1990) *Un corpus de français parlé - Montréal 84: historique, méthodes et perspective de recherche*. Québec: Université Laval.
- VEADO, R. M. A. (1982) *Comportamento lingüístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMG/PROED.
- VOTRE, S. J. & A. J. NARO (1989) Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, 5(2): 169-84.
- VOGT, C. & P. FRY. (1997) A “descoberta” do Cafundó. *Quilombos em São Paulo – tradição, direitos e lutas*. São Paulo: IMESP: 82-102.
- WEINREICH, U., W. LABOV & M. I. HERZOG (1968) Empirical foundations for a theory of language change. In: W. LEHMANN & Y. MALKIEL. *Directions for historical linguistics: a symposium*. Austin: University of Texas Press: 95-188.

A DIALECTOLOGIA NO BRASIL: PERSPECTIVAS
(Brazilian Dialectology: Perspectives)

Suzana Alice Marcelino CARDOSO (*Universidade Federal da Bahia*)

ABSTRACT: This paper presents an overview of the dialectological studies in Brazil and the current perspectives of that field of linguistic investigation. The article also discusses the development of Brazilian geolinguistic studies. It is given information of the five already published linguistic atlases and the other six still in course. Finally the paper presents the Atlas Lingüístico do Brasil project, describing its methodology and giving an account of the present stage of the research.

KEY WORDS: Dialectology; Geolinguistics; Variation.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia; Geolingüística; Variação.

Neste artigo sobre os caminhos da Dialectologia no Brasil, apresento um breve histórico dos estudos dialetais, detendo-me, particularmente, nos últimos cinquenta anos, examino os avanços no campo da Geolingüística e, por fim, trato do projeto atlas lingüístico do Brasil.

0. À Guisa de Introdução

A diversidade de usos entre o português brasileiro e o português europeu, ainda que não sistematicamente estudada, foi reconhecida desde, pelo menos, o século XVIII. Testemunho de tal preocupação são as referências de D Jerônimo Contador de Argote a dialetos ultramarinos dentre os quais citava o do Brasil, caracterizando o seu léxico como possuidor de '*muytos termos das linguas barbaras, e muytos vocabulos do Portuguez antigo*' (1725:300). A esse dado, acrescentam-se as observações de Frei Luís do Monte Carmelo (1767: 128) que, pela primeira vez, chamou a atenção para um traço fonético do português falado no Brasil ao assinalar, de referência à vogal *a*, que não se fazia a distinção entre as pretônicas abertas, como em '*pàdeiro, prègar, còrar*' e as fechadas, como em '*cadeira, pregar, morar*'. Em começos do século XVIII, Jerónimo Soares Barbosa (1830: 31; 51; 52), além de destacar o mesmo fato para o qual chamara a atenção Monte Carmelo, informa, na sua gramática, que os brasileiros dizem '*minino*', '*mi deu*' e que também não chamam o -s implorivo.

Ao lado das referências existentes em obras voltadas para a análise da língua, convém assinalar, como o faz Teyssier (1982:77), as características apresentadas nas falas de personagens brasileiros do teatro português do século XVIII e dos primeiros anos do século XIX, como mostras do reconhecimento da diversidade de usos que se apresentava e para a qual já se havia despertado.

Estas informações buscadas ao longo do tempo e recuadas ao terceiro século de vida da nova terra visam, apenas, a chamar a atenção para o processo de dialeção que se vinha, gradativamente, instalando, diferenciando essa que no curso da história tem delineado os limites e deixado transparentes a variação ao seu interior e no seu confronto com a realidade do português europeu.

1. Breve Retrospectiva

A primeira manifestação, porém, que se pode caracterizar de natureza dialetal sobre o português do Brasil deve-se a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, que escreveu, em 1926, quando ministro plenipotenciário do Brasil na França e a pedido do geógrafo vêneta Adrien Balbi, um informe sobre *'les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal'* o qual vem inserido às páginas 172-175 da *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*. Trata-se de uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil.

A partir de então, costuma-se considerar iniciada a história dos estudos dialetais no Brasil para a qual Ferreira & Cardoso (1984:37-62) atribuem três diferentes etapas, reformulando, assim, a periodização proposta por Nascentes (1953) que estabelece apenas duas grandes fases. A formulação tripartida, apresentada pelas autoras, tem como base, como se verá a seguir, identificar e demarcar as três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas identificadas.

1.1. Primeira Fase

A primeira fase recobre um século e estende-se de 1826 a 1920, data da publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Os trabalhos produzidos direcionam-se para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil. São dicionários, vocabulários e léxicos regionais, dentre os quais e

a título de ilustração podem ser citados os seguintes: *Dicionário da língua brasileira*, 1832, de Luís Maria Silva Pinto, que se constitui num dicionário do português com a introdução de formas próprias do Brasil; *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa*, 1853, de Brás da Costa Rubim, obra de caráter geral; *Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada*, publicado pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan na *Gazeta Literária*, de 1883 a 1884, que foi, posteriormente, em 1889, transformado no *Dicionário de vocábulos brasileiros*; *A linguagem popular amazônica*, 1884, de Macedo Soares, contendo um glossário de cerca de cento e vinte palavras de origem tupi em uso na Amazônia; *O tupi na geografia nacional*, 1901, obra de Theodoro Sampaio que se detém na contribuição das línguas tupis ao português do Brasil; *Glossário paraense*, 1905, com o subtítulo *Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó*, de Vicente Chermont de Miranda que declara, no prefácio da obra, fazer ela parte de um trabalho mais amplo, *A criação de Gado no Marajó*; *Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros*, 1912, de P. Carlos Teschauer; *Dicionário de brasileirismos*, 1912, de Rodolfo Garcia.

Integrando esse conjunto de obras de caráter lexicográfico, constituído, basicamente, de glossários ou dicionários, que imprimem o tom da primeira fase, encontra-se um primeiro estudo de natureza mais ampla e de cunho gramatical, *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, escrito pelo brasileiro José Jorge Paranhos da Silva (1879) que trata dos diferentes aspectos da variação do português do Brasil *versus* o português de Portugal e faz na sua obra sugestiva dedicatória:

Aos moços que, se tendo ido formar em Coimbra, dizem que querem outra vez ser considerados como nascidos no Brasil, offereço esta comparação da nossa maneira de falar com a dos actuaes Portuguezes.

1.2. Segunda Fase

Inicia-se com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral e se estende até 1952, momento em que se dão os primeiros passos para o sistemático desenvolvimento da Geolingüística em território brasileiro. É marcada pela produção de trabalhos voltados para a observação de uma área determinada, buscando descrever os fenômenos que a caracterizam não só do ponto de vista semântico-lexical mas também fonético-fonológico e morfossintático.

Nota-se a existência da preocupação com uma metodologia de abordagem dos fenômenos orientada para o exame da realidade, observada *in loco* e considerada nos seus diferentes aspectos. São, assim, produzidos estudos de caráter monográfico, dos quais ponho em destaque os trabalhos de Amaral, Nascentes e Marroquim, obras iniciais do período que imprimem uma nova ótica ao exame da realidade lingüística brasileira.

Publicado em 1922, *O dialeto caipira* nasceu da preocupação de Amaral com o processo de dialeção do português brasileiro, sobre o qual e até aquela época pouco se sabia ou se tinha escrito. A consciência de tal situação leva-o a assim se expressar na "Introdução" da obra (1953:43):

Fala-se muito num "dialeto brasileiro", expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados.

Estudando uma área do estado de São Paulo, aquela identificada como a do falar caipira, Amaral fornece aos que a ele sucederem no tempo e no campo da investigação dialetal, a fundamentação para um trabalho sério. Chama a atenção para a necessidade de '*observadores imparciais, pacientes e metódicos*', capazes de assumir uma postura metodológica que os levasse à observância da realidade *in loco*, eliminando '*por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente*' (1953:43). Enfeixa as suas idéias com uma preocupação, ao mesmo tempo desejo, de que se venham a realizar estudos regionais, executados com os mesmos critérios de rigidez metodológica de que se utilizou pois, conclui (1953:44):

Só assim se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um.

Dois anos depois, publica Antenor Nascentes *O linguajar carioca em 1922*, obra que a partir da segunda edição passa a chamar-se simplesmente *O linguajar carioca*.

O Autor preocupa-se, inicialmente, em definir o que entende por *falar brasileiro* e procurar situar o linguajar carioca no conjunto desses falares.

Imbuído da importância do conhecimento dos casos de patologia lingüística, muito à moda, além-mar, naquela época, mostra a relevância do conhecimento dos dialetos e chega a emitir uma decisiva opinião (1953:14):

São do mais alto valor científico os casos de patologia lingüística apresentados pelos dialetos; têm mais importância do que as questiúnculas fúteis sobre colocações de pronomes e outros assuntos.

Discutindo, ainda, o processo de dialeção do português do Brasil, apresenta uma divisão dos falares brasileiros (MAPA 1) a que declara ter chegado depois de haver realizado *'o ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá'* (1953:24). Essa divisão, primeira a ser proposta em base estritamente lingüística, é a única de que, até o presente, dispomos. A ausência de dados descritivos e em nível nacional sobre o português do Brasil impossibilita testar, com base em dados atuais, os limites que estabelece. Nada obstante, respaldada nos dados que o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* oferecem, Cardoso (1986) examinou a realidade dessa área no que se refere à realização das vogais médias pretônicas – um dos fatos tomados por Nascentes como parâmetro para a sua divisão – e os limites a que chegou coincidem com os traçados por Nascentes em 1922. Essa constatação evidencia a pertinência, ainda hoje, dos limites estabelecidos por Nascentes, pelo menos no que se refere a essa área considerada.

A obra de Nascentes, além da contribuição específica que traz para o conhecimento do dialeto carioca ao estudar aspectos da fonética, morfologia, sintaxe e léxico, destaca-se pela proposta, primeira, de divisão dialetal do Brasil que apresenta.

Completando essa tríade está Mário Marroquim com *A língua do Nordeste*, publicada em 1934. Tomado de interesse pelos estudos dialetais e preocupado com a raridade de publicações sobre essa temática, diz muito enfaticamente no primeiro capítulo da sua obra (1996:9):

Não está ainda feito o estudo do dialeto brasileiro. A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridade e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que se fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país.

E procura, ele próprio, responder a esse apelo produzindo o circunstanciado estudo sobre a língua de Alagoas e Pernambuco, área sobre a qual se debruça. Aparecida em 1934, *A língua do Nordeste* constitui-se no volume XXV da Coleção Brasileira, série V, da Biblioteca Pedagógica Brasileira, editada pela Companhia Editora Nacional. Essa edição inicia-se diretamente com o primeiro capítulo, não tendo prefácio nem apresentação. A segunda edição, em 1945, da mesma coleção e editora traz um prefácio de Gilberto Freire que não exagera ao afirmar (1996:6):

Aqui está um livro que, sendo de filólogo, não se perde em bisantinismos de gramatiquice, esquecendo o sentimento humano, a significação psicológica, o interesse histórico dos problemas oferecidos ou sugeridos pelas particularidades regionais de um idioma.

Recentemente, por ocasião do seu centenário de nascimento ocorrido em 1966, fez-se uma terceira edição, no momento em que se encontram estimulados os estudos sobre a variação espacial do português brasileiro.

Às três obras postas em destaque, reúnem-se outras que caracterizam essa segunda fase, as quais se distribuem, segunda o enfoque que as domina, em quatro grupos diferenciados.

No primeiro grupo estão léxicos e glossários regionais que continuam a ser produzidos e dão, em conseqüência, continuidade ao que predominou na fase anterior, como ilustram as obras: *Vocabulário gaúcho*, 1926, de Roque Callage; *Dicionário dos animais do Brasil*, 1931, de Rodolfo von Ihering; *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul - Linguagem dos praieiros*, 1933, de Dante de Laytano; *O vocabulário pernambucano*, 1937, de Pereira da Costa; *Vocabulário amazonense*, 1939, de Alfredo da Maia.

No segundo grupo encontram-se obras de caráter geral que analisam as questões numa perspectiva mais ampla e globalizante, como o fazem: *O ritmo da língua nacional*, 1926, de Álvaro Maia; *O português do Brasil*, 1937, de Renato Mendonça; *O problema da língua brasileira*, 1940, de Sílvio Elia; *A língua do Brasil*, 1946, de Gladstone Chaves de Melo.

Integrando um terceiro grupo estão estudos de caráter regional, abordando, particularmente, aspectos de uma área geográfica e fenômenos específicos de uma dada região. Inscrevem-se nesse grupo, além das já postas

em destaque, obras como: *A linguagem dos cantadores*, 1933, de Clóvis Monteiro; *O falar mineiro*, 1938, e *Estudos de dialectologia portuguesa. A linguagem de Goiás*, 1944, de José Aparecido Teixeira; *A linguagem popular da Bahia*, 1951, de Edison Carneiro.

Por fim, vêm a constituir uma quarta vertente de interesses dialetais nessa segunda fase, os estudos específicos sobre a contribuição africana, dentre os quais citam-se: *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, 1933, de Jacques Raimundo; *A influência africana no português do Brasil*, 1933, de Renato Mendonça; *Os africanismos no dialeto gaúcho*, 1936, de Dante de Laytano.

Figura de destaque no que se identifica como a terceira fase dos estudos dialetais no Brasil, Serafim da Silva Neto se faz presente, nesse período, com uma produção da qual se destacam a *Diferenciação e unificação do português do Brasil* e *Capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil*, publicados em 1946 e, posteriormente, em 1950, reunidos na *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*.

1.3. Terceira Fase

Tem como marco um ato do governo brasileiro, o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha de ser criada, assentava como a principal delas a elaboração do atlas lingüístico do Brasil. Essa prioridade é retomada pela Portaria 536, de 26 de maio do mesmo ano, que, ao baixar instruções referentes à regulamentação do Decreto, põe ênfase na elaboração do atlas lingüístico do Brasil.

Posta na letra da lei, não bastaria isso para que se viesse, de fato, a ter um outro momento na história dos estudos dialetais no Brasil. Era necessário que uma nova visão se introduzisse na abordagem dos fenômenos da variação lingüística no país. E isso aconteceu graças ao trabalho de figuras pioneiras, das quais destaco Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, que se empenharam na implantação de um novo momento para a Dialectologia brasileira: o início dos estudos de geografia lingüística.

Antenor Nascentes publica as *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*, obra em dois volumes saídos o primeiro em 1952 e o segundo em 1961, na qual estabelece, como o próprio nome sugere, passos

fundamentais para o início do trabalho nesse campo. Discute, na pequena introdução, as vantagens de um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, mas reconhece a impossibilidade de sua concretização nesses termos entre nós, argumentando com a vastidão do nosso território e a dificuldade de acesso aos diferentes pontos.

Defensor da criação de ‘*uma mentalidade dialetológica*’ (1957:9), exortação com que abre a “Introdução” do seu *Guia para estudos dialectológicos*, Serafim da Silva Neto pugnou, a cada momento, pela necessidade e pela urgência de se estudarem os falares brasileiros. Nesse sentido, sugeriu que as Faculdades de Filosofia — leia-se hoje Institutos/ Faculdades de Letras — realizassem a cada ano um curso de Dialectologia Brasileira e procurou definir com muita clareza as tarefas que considerava urgentes para a concretização dos estudos dialetais no Brasil. Chegou a estabelecer no seu *Guia* (1957: 11) um rol delas, assim identificadas:

- a) sondagens preliminares, criação de ambiente, difusão do método;
- b) recolha de vocabulários com todas as exigências técnicas;
- c) monografias etnográfico-lingüísticas sobre determinadas “esferas semânticas”;
- d) monografias etnográfico-lingüísticas sobre falares;
- e) atlas regionais;
- f) inquérito nacional feito com questionário uniforme e distribuição geográfica dos materiais recolhidos, em mapas (*Atlas Nacional*).

Foi um grande incentivador da realização do atlas lingüístico do Brasil sem deixar, porém, de enfatizar a importância dos estudos dialetais nas suas diferentes manifestações.

Preocupado com as questões relativas a uma política de conhecimento da língua portuguesa, Celso Cunha tinha presente a necessidade de empreender-se a execução do atlas lingüístico do Brasil, reconhecendo, porém, que a impraticabilidade de realização de um atlas nacional indicava o caminho de construção de atlas regionais. Essa é a posição que assume, juntamente com Serafim da Silva Neto, em 1957, por ocasião do III Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa.

O primeiro passo concreto, no campo da Geolingüística, vem a ser dado por Nelson Rossi que publica, em 1963, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Ao caracterizar o âmbito da Dialectologia, a cujo estudo se dedicou

intensamente, Rossi chama a atenção para a natureza eminentemente ‘contextual’ de que se reveste ao afirmar (1967:89) que:

Convirá, porém, nunca esquecer que a dialectologia é essencialmente contextual: o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área.

Inicia Rossi a sua empreitada dialetológica na Bahia, tornando-se pioneiro na aplicação da geografia lingüística no Brasil e colocando-se entre os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, se empenharam na implantação dos estudos dialetais.

A terceira fase da história dos estudos dialetais tem, assim, como marca identificadora o início dos estudos sistemáticos no campo da geografia lingüística, objeto de maiores considerações no item que se segue. Não ficam, porém, ausentes desse período estudos de natureza teórica, a produção de léxicos regionais e de glossários, bem como a elaboração de monografias sobre regiões diversas. O levantamento de teses de doutorado e de dissertações de mestrado produzidas no período de 50 anos – 1939 a 1989 — aponta um número considerável de trabalhos no campo da Dialectologia, como se pode ver da consulta à *Bibliografia indexada de dissertações e teses de Letras e Lingüística defendidas em universidades brasileira*, organizada por Ulf Gregor Baranow e publicada em 1990 sob o patrocínio da ANPOLL-Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. São apresentados 1.589 trabalhos entre teses de doutorado e dissertações de mestrado na área dos estudos lingüísticos, dos quais 98 se debruçam sobre aspectos dialetais nos seus mais diferenciados enfoques. Não cabe enumerar todas elas, mas convém assinalar que recobrem o país, parafraseando Nascentes, do Oiapoque ao Chuí, pois há trabalhos produzidos sobre, pelo menos, áreas de dezenove estados brasileiros, começando pelo Pará e chegando ao Rio Grande do Sul.

Postas estas linhas gerais da história dos estudos dialetais no Brasil, procuro, no item que segue, examinar a produção no campo da geografia lingüística, especificamente no que se refere à realização de atlas lingüísticos.

2. A Geolingüística no Brasil

Nas *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil* (1958:7), Nascentes dá um conselho que é oportuno lembrar. Diz o dialetólogo:

Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral.

Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto...

O reconhecimento das dificuldades advindas sobretudo da extensão territorial do país e da precariedade das vias de comunicação determinaram a opção inicial dos estudos geolingüísticos no Brasil: empreender-se o trabalho começando pelos atlas regionais. Sintetizando os passos que viabilizaram a efetivação desse desiderato, Ferreira (1995:256) aponta, de forma precisa, três momentos significativos para a aplicação do método da geografia lingüística em nosso país. Diz a Autora:

em 1952, o Centro de Pesquisa Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro...determinou 'como de finalidade principal a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil';

em 1957, no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em Lisboa, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha concluem pela impraticabilidade de um atlas nacional devido à amplitude territorial do país mas defendem a elaboração dos atlas lingüísticos regionais, que consideram essenciais para o conhecimento do português do Brasil;

em 1958, Antenor Nascentes, então membro da Comissão de Filologia do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa, publica as Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil, mas entende da dificuldade de elaborá-lo e adota o princípio de que sejam feitos atlas por região.

Aceito o conselho e criadas as condições, passa a se desenvolver um trabalho gradativo de mapeamento lingüístico do país que, hoje, recobre cinco estados com atlas publicados e seis outros com atlas em andamento, além do projeto mais amplo do atlas lingüístico do Brasil, que ora se inicia e cujos detalhes serão expostos na parte final deste artigo.

A Geolingüística conta, atualmente, no Brasil, com a descrição de uma

área já considerável que vai da região Sul, com o Paraná, à região Sudeste, com Minas Gerais, expandindo-se até a região Nordeste com a Bahia, Sergipe e a Paraíba (MAPA 2). Desses atlas publicados passo a fazer um breve informe, ao qual se seguirá a notícia sobre os atlas em andamento.

O primeiro atlas lingüístico produzido em terras brasileiras, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, tem como autor Nelson Rossi e co-autoras Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee e foi feito e publicado entre 1960 e 1963. Recobre todo o Estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, que se distribuem pela diferentes áreas geográficas e culturais, treze das quais coincidentes com os pontos, num total de 30, sugeridos por Nascentes nas suas *Bases*.

O *questionário lingüístico* usado nas localidades da Bahia é de pouca extensão e tem um total de 179 perguntas (numeradas de 1 a 164, mas com algumas delas desdobradas em **a**, **b** e **c**), selecionadas a partir de material recolhido anteriormente em 4 localidades, onde foi aplicado um questionário experimental de cerca de 3600 itens. As perguntas que compuseram o Extrato de Questionário do *APFB*, agrupadas por área semântica, foram aplicadas mediante a formulação indireta, todavia introduziu-se, na investigação de campo, um comportamento metodológico não usual em trabalhos dessa natureza. Após a aplicação integral do questionário, não ouvidas certas respostas e já familiarizados, como estavam todos os inquiridores, com tais expressões regionais obtidas em outras áreas quanto da aplicação do questionário amplo de caráter experimental, perguntou-se diretamente ao informante se ele conhecia a expressão em questão. Fosse qual fosse a resposta, esse dado foi controlado e a resposta dada através do que se convencionou chamar de teste de identificação direta foi cartografada ou não, a depender da caracterização fornecida pelo informante.

Nos inquéritos para o *APFB* as respostas foram anotadas imediatamente, após ouvidas do informante, em transcrição fonética, usando-se, assim, o método direto, pela dificuldade de contar, àquela altura, com gravadores portáteis e com autonomia de corrente.

Os informantes, em número de 100, contemplam ambos os sexos, e se encontram assim distribuídos: ao primeiro ponto inquirido, que tem no atlas o número 5, compareceram todos os inquiridores que trabalharam com 6 informantes, aos pares; dois pontos tiveram 3 informantes, 41 pontos, 2 informantes e 6 apenas 1 informante.

Os inquiridores do *APFB*, além do seu coordenador Nelson Rossi, foram 8 licenciadas recém-formadas que, ainda como estudantes, tiveram ampla formação, não apenas teórica mas também prática em Dialectologia e no método da Geolingüística. São elas inquiridoras e também colaboradoras do *APFB* pois participam, em grau distinto, das etapas posteriores de análise de dados e elaboração das cartas.

O atlas constitui-se de um conjunto de 209 cartas, assim distribuídas: 198 cartas lingüísticas, 44 das quais são resumos das cartas fonéticas, e 11 cartas introdutórias que fornecem dados complementares de caráter geral. As cartas lingüísticas vêm acompanhadas de notas (MAPA 3) que contêm ou o discurso dos autores ou o discurso dos informantes, estas últimas, sem dúvida, as mais importantes pois ampliam os dados lingüísticos não apenas no nível do léxico ou da fonética mas também da morfossintaxe, e transmitem melhor o ambiente cultural em que vive o informante. A título de ilustração, cito algumas das notas que retratam a fala do informante:

Ponto 56, inf. B (*ALS*)

“ela [referia-se à sela de mulher] é do jeito de uma bacia, fica dum lado, uma parte...um lado aberto, e agora a outra parte é dum jeito de uma bacia porque as mulher se mete ali dentro e agora ela [isto é, a sela] tem uma cabeça na frente, tem uma galha para se segurar. E o homem monta escanchado e a mulher só monta de banda, quer dizer que fica ali dentro, porque está sentada numa bacia.”

Ponto 49, informante único (*APFB*)

“moveu é palavra do tempo do jebe-jebe [isto é, antigo], agora mudou, não tem esse nome mais, não, é aborto.”

Ponto 8, inf. A (*APFB*)

“chamava antes luneta mas agora que ficou sabida chama óculos”.

O *APFB* ao lado dos dados estritamente lingüísticos traz nas suas cartas dados etnográficos, muitos deles acompanhados de ilustrações de objetos segundo a descrição que apresentavam os informantes ou pela exibição que deles faziam. (MAPA 3).

Embora, por dificuldade de financiamento, publicado somente em 1987, o *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)* quanto à recolha de dados e preparação

de cartas se segue imediatamente ao *APFB* e tem os seus originais prontos para impressão desde 1973. Foi executado pelo grupo de pesquisadores da Bahia, tendo como autores Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi. A escolha do Estado de Sergipe para dar prosseguimento ao trabalho feito na Bahia deve-se à continuidade geográfica, à maior facilidade de acesso, pois foi realizado pela mesma equipe de pesquisadores do *APFB*, e ao fato de estar incluído na área do “falar baiano”, segundo a divisão de Nascentes.

O *ALS* dá mais alguns passos à frente na metodologia adotada no *APFB*, a saber:

- a) Aplicação de *inquéritos preliminares*, gravados, nas 15 localidades que constituíram a rede de pontos. Esses inquéritos foram realizados por estudantes que concluíram os seus cursos de graduação em 1963 e 1964, com acompanhamento dos professores.
- b) Maior amplitude do questionário definitivo em relação ao aplicado na Bahia: com cerca de 700 perguntas, nele incluídas as que compõem o Extrato de Questionário da Bahia, acrescidas de outras que os inquéritos preliminares em Sergipe sugeriram.
- c) Formulação por escrito, no próprio questionário, da maneira de perguntar-se sobre o item, com o objetivo – alcançado – de garantir maior homogeneidade nos inquéritos, eliminando-se, assim, possíveis dificuldades no momento da exegese.

Os inquéritos definitivos foram realizados em 1966 e 1967 e perfazem um total de 150 horas de gravação. Desse material foi examinada, prioritariamente, a parte correspondente às cartas do *APFB* do que resultou um conjunto de 171 cartas lingüísticas, sendo 12 duplas – as cartas Bahia-Sergipe –, pois conjugam aos dados recolhidos em Sergipe os da Bahia que não foram cartografados no *APFB* (MAPA 4). O restante do material colhido em campo, ainda inédito, está sendo trabalhado por Suzana Cardoso para se constituir no volume II do *ALS*.

Os atlas da Bahia e de Sergipe, como resumidamente aqui se procurou mostrar, seguiram uma mesma orientação, com modificações em Sergipe que refletem avanços nos passos metodológicos. Com eles passa-se a ter uma visão, de certo modo extensa, do que se constitui a área dos “falares baianos”, visão essa que se torna mais ampla se conjugada ao que se registra ao Norte de Minas Gerais, também área dos “falares baianos”, segundo os dados que

se apresentam no *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*.

Publicado em 1977 e tendo como autores José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio, o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG)*, volume I, foi concebido em quatro volumes dos quais se publicou o primeiro, estando os demais no prelo, com previsão de saída para 1997.

A metodologia seguida utilizou-se de inquéritos aplicados diretamente nos pontos selecionados e de inquéritos por correspondência. Os primeiros foram realizados em 116 municípios e a pesquisa por correspondência, quando se publicou o volume I, já havia atingido 302 localidades que responderam a questões cuja finalidade era comprovar, no domínio do léxico, a validade ou não de isoléxicas traçadas a partir de dados colhidos diretamente.

O volume I do *EALMG* constitui-se de 73 cartas, quarenta e cinco das quais são cartas onomasiológicas, com dados exclusivamente lexicais ou léxico-fonéticos, recobrando as áreas semânticas “tempo” e “folgedos infantis”, e as demais fornecem isófonas e isoléxicas de fenômenos destacados (CARTA 5).

Os volumes que se encontram no prelo ampliam consideravelmente os dados sobre o Estado de Minas Gerais e estabelecem uma área de confronto mais ampla com o que se registra no *APFB*, permitindo, assim, a observação mais aprofundada das questões relativas ao “falar baiano” e à demarcação de limites entre os por Nascentes denominados “falares do Norte” e “falares do Sul”.

O *Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPb)* de autoria de Maria do Socorro Silva e Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, está concebido em três volumes dos quais os dois primeiros foram editados em 1984.

Constituem pontos do atlas vinte e cinco municípios, escolhidos como base, e mais três outros, considerados municípios-satélites, para cada uma das localidades inquiridas que servem como instrumento de controle dos dados registrados e por isso não figuram nas cartas.

Em cada localidade foram inquiridos um mínimo de três informantes e um máximo de dez, todos eles com idade compreendida entre 30 e 75 anos. O questionário aplicado compõe-se de duas partes: uma geral, com duzentas e

oitenta e nove perguntas, e outra específica, com quinhentas e oitenta e oito questões.

O *ALPb* apresenta no seu vol. I um conjunto de cartas lexicais e/ou fonéticas num total de 149, precedidas da parte introdutória referente à metodologia (CARTA 6).

Enfeixando o conjunto de atlas publicados está o *Atlas Lingüístico do Paraná (ALPr)*, de autoria de Vanderci de Andrade Aguilera, apresentado inicialmente como Tese de Doutorado, em 1990, e depois publicado em 1994, em dois volumes.

No primeiro volume vem exposta a metodologia seguida, a descrição das localidades, a caracterização dos informantes, apresentação das cartas e glossário das formas cartografadas e registradas em notas às cartas. No segundo volume está o conjunto de cartas lingüísticas, num total de 191 cartas, das quais 92 são lexicais, 70 fonéticas e 29 oferecem traçados de isoglossas (CARTA 7).

Foram pesquisadas 65 localidades distribuídas por todo o Estado do Paraná e ouvidos 2 informantes em cada ponto da rede, com idade variando entre 30 e 60 anos.

Aguilera teve a louvável preocupação de ampliar as possibilidades de uma análise comparativa dos dados do *ALPr* com os dos atlas já publicados e, em função disso, introduz, no questionário de que se utiliza, perguntas comuns aos outros atlas do que resultou a apresentação de cartas coincidentes com as dos demais.

Ao lado desses cinco atlas publicados, estão em curso seis outros que se encontram em diferenciados estágios de elaboração.

O Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul, coordenado por Walter Koch, com a colaboração de Mário Klassmann, José Luiz Mercer, Oswaldo Furlan e Hilda Vieira é, dentre esses, o que se encontra em estágio mais adiantado, devendo ter os seus primeiros volumes publicados no curso de 1997. Recobre os três estados extremos do país: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

O Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro, coordenado inicialmente por Celso Cunha, tem, atualmente, a direção de Sílvia

Brandão, contando com a participação de Maria Emília Barcelos da Silva e Edila Viana da Silva.

Com a fase de recolha de dados já concluída estão o Atlas Lingüístico de São Paulo, dirigido por Pedro Caruso, com a participação de Brian Head, Vandarsi Santana e Harumi Pisciota, e o Atlas Lingüístico do Ceará, coordenado por José Rogério Bessa.

Em processo inicial encontram-se o Atlas Lingüístico do Acre, sob a coordenação de Luiza Galvão Lessa, e o Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul, coordenado por Albana Xavier Nogueira e Dercir Pedro de Oliveira.

Enfeixando esse conjunto, situa-se o Atlas Lingüístico do Brasil, projeto de construção de um atlas nacional, em fase de implantação, do qual se dará informação pormenorizada no item final deste trabalho.

O panorama que oferecem os atlas publicados e os em curso mostra o desenvolvimento que vem tendo a Geolingüística no Brasil, nesta segunda metade do século e a partir da publicação do *APFB*. Há, como se pode observar no MAPA 2, uma vasta área do território nacional retratada em cartas lingüísticas, com dados postos para análise, oferecendo a possibilidade de identificação de possíveis limites geolingüísticos. Com base em tais dados, numerosos trabalhos têm sido publicados em revistas especializadas ou apresentados em reuniões científicas e alguns ensaios de identificação de áreas dialetais vêm sendo possíveis, como se pode ilustrar com Head (1996); Mota & Rollemberg (1995); Cardoso (1986; 1993; 1996).

3. O Atlas Lingüístico do Brasil

Retomando a idéia de um atlas lingüístico do Brasil, lançada em 1952, pesquisadores da área de Dialectologia reúnem-se em Salvador, Bahia, em novembro de 1996, no Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil* e assumem esse desafio. Nesses três dias de discussão em que foram abordadas temáticas referentes a uma política geolingüística para o Brasil e a questões metodológicas em geral, ficou também acertada a criação de um Comitê Nacional que, a partir daquele momento, se encarregaria de dar curso às decisões do encontro e implementar o projeto nacional para execução do atlas lingüístico do Brasil, constituído com representantes de cada um dos atlas publicados e com um representante dos atlas em curso. Integram, assim, o Comitê Jacyra Mota, Maria do Socorro Aragão, Mário

Zágari, Suzana Alice Marcelino Cardoso, Vanderci Aguilera e Walter Koch.

Com esse Projeto dá-se curso ao desejo de realização do atlas lingüístico nacional e defende-se uma política de integração e coordenação do trabalho no campo da Geolingüística com vistas a se alcançar o objetivo final da produção de um atlas geral do Brasil.

O quadro histórico-social do país, hoje, e a necessidade do conhecimento sistemático e geral da realidade lingüística brasileira, necessário sobretudo à difusão de um ensino adequado ao caráter pluricultural do Brasil, estão a exigir, sem mais demora, um esforço coletivo na tentativa de se desenvolverem estudos mais amplos que levem a esse conhecimento global que se afigura tarefa da Dialectologia brasileira, nesse final de milênio, a se concretizar, fundamentalmente, com a realização do atlas lingüístico geral do Brasil.

Situações, fatos e dados lingüísticos e extralingüísticos justificam a deliberação de fazer-se um atlas lingüístico. O percurso histórico dos estudos sobre o português estão a cobrar esse passo. E, tudo indica, parece ter chegado a hora. Razões de ordem lingüística *stricto sensu*, de ordem social, de ordem histórica, e ainda relacionadas à política de ensino da língua materna e à própria política de entendimento da diversidade de usos do português parecem, de forma resumida, constituírem-se na justificativa do que se propõe.

Em se tratando do nosso país, a inexistência de dados que apontem, de maneira ampla e geral, as características do português no território nacional apresenta-se como primeira razão. Os estudos dialetais que se iniciaram no século passado, voltados principalmente para a identificação das diferenças lexicais, e as abordagens da primeira metade deste século, com estudos de natureza monográfica e recobrando toda uma área, têm funcionado como sondagens iniciais, explorações prévias que esboçam características e denotam traços particulares de áreas e regiões.

O quadro atual demonstra que há uma preocupação, de certo modo nacional, com a geografia lingüística no Brasil e afigura-se como o prenúncio da vontade ainda não formalmente manifesta, talvez, mas sentida, por certo, de que é urgente uma descrição acurada da realidade lingüística brasileira para que se alcance o pleno conhecimento do português do Brasil.

Se por um lado já se dispõe de estudos preliminares, passíveis de instrumentar um trabalho maior, por outro, ainda se padece da ausência de dados lingüísticos que permitam traçar uma divisão dialetal do Brasil apesar de contar-se com a já referida divisão proposta por Nascentes (1953),

fundamentada na realização das médias pretônicas e na entoação.

Um segundo fator está a apontar para a necessidade de um atlas do Brasil. É preciso ter-se a multidimensionalidade da língua no país não apenas para efeito de precisar e demarcar espaços geolingüísticos, mas para que se possa também contribuir de forma direta para um melhor equacionamento entre a realidade de cada área e o ensino da língua materna que nela se processa.

A implantação e desenvolvimento do Projeto se constituirá em substancial contribuição para o entendimento da língua e de suas variantes, eliminando visões distorcidas que privilegiam uma variante tida como culta e estigmatizam as demais variantes, causando, assim, ao ensino-aprendizagem da língua materna consideráveis prejuízos.

Em resumo, o conhecimento sistemático da variação, a delimitação de áreas lingüísticas específicas e a relação entre os diferenciados usos que se faz da língua constituem-se num benefício de cunho social.

Admitindo-se ter chegado a hora do atlas lingüístico do Brasil, como de fato se reconhece, uma preliminar se faz necessário assentar: os atlas regionais, publicados, em curso ou no desiderato de grupos de pesquisa, não interferem na proposta de elaboração de um atlas geral do Brasil. Ao contrário, servem de apoio e devem continuar a ser executados porque têm por finalidade um conhecimento mais detalhado e circunstanciado de cada região.

Os objetivos do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil podem ser, assim, resumidamente definidos:

1. Descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolingüística.

2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (lingüistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o 1º e 2º graus, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados

em mapas lingüísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.

4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento — história, sociologia, antropologia, etc. — de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.

5. Oferecer aos interessados nos estudos lingüísticos um imenso volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade lingüística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.

6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso mas dotado de uma unidade sistêmica.

O Comitê Nacional realizou a sua primeira reunião em Maceió, nos dias 11 e 12 de março/97 e uma segunda reunião em julho/97, em Belo Horizonte, nos dias 13 e 14, quando foram definidas questões metodológicas e concluído o projeto amplo a ser encaminhado a organismos financiadores da pesquisa em nosso país.

No que se refere à rede de pontos, foram selecionadas 235 localidades, distribuídas por todo o território nacional, levando-se em consideração a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área, restando, ainda, quinze pontos a serem definidos em função do que as observações *in loco* venham a sugerir e justificar. Foram, ainda, consideradas questões referentes aos limites internos e internacionais e analisados os pontos sugeridos por Nascentes os quais, reconhecida a pertinência, foram mantidos. A idéia é de que não se ultrapasse o número de 250 pontos. O Quadro ALiB-Rede de pontos fornece uma visão global da distribuição da rede de localidades.

ALIB - REDE DE PONTOS - Distribuição por região

1. Região Norte

ESTADO	DENSIDADE	N° DE PONTOS
RONDÔNIA	1.6	02
ACRE	0.8	02
AMAZONAS	3.8	05
RORAIMA	0.4	01
PARÁ	8.0	09
AMAPÁ	0.6	02
TOCANTINS	1.7	02
TOTAL	16.9	23

2. Região Nordeste

ESTADO	DENSIDADE	N° DE PONTOS
MARANHÃO	8.0	08
PIAUI	4.1	04
CEARÁ	11.0	11
RIO GRANDE DO NORTE	3.9	04
PARAÍBA	5.2	05
PERNAMBUCO	11.5	11
ALAGOAS	4.0	04
SERGIPE	2.7	03
BAHIA	19.2	21
TOTAL	69.6	71

3. Região Sudeste

ESTADO	DENSIDADE	N° DE PONTOS
MINAS GERAIS	27.0	22
ESPIRITO SANTO	4.5	05
RIO DE JANEIRO	22.0	13
SÃO PAULO	55.0	39
TOTAL	108.5	79

4. Região Sul

ESTADO	DENSIDADE	N° DE PONTOS
PARANÁ	14.5	16
SANTA CATARINA	7.8	09
RIO GRANDE DO SUL	15.5	16
TOTAL	37.8	41

5. Região Centro-Oeste

ESTADO	DENSIDADE	N° DE PONTOS
MATO GROSSO DO SUL	3.2	5
MATO GROSSO	3.6	7
GOIÁS	7.2	9
DISTRITO FEDERAL	3.0	0

Quanto aos informantes, ficou fixado o número de quatro por localidade, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias – de 18 a 30 anos e de 45

a 70 anos – e contemplando os dois sexos. Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a quarta série do primeiro grau e possuidores de uma profissão definida, que não requeira grande mobilidade e que se encontre inserida no contexto social local. Por fim, os informantes além da condição primeira de terem nascido na localidade em questão, devem, preferentemente, ser filhos de pais da região lingüística em estudo, excetuando-se os casos de cidade muito novas.

De referência ao questionário lingüístico, deliberou-se pela aplicação de quatro tipos de questionário direcionados, especificamente, cada um deles para os aspectos semântico-lexical, fonético-fonológico, morfossintático e prosódico. Na sua elaboração foram considerados estudos de diferente natureza existentes sobre o português regional do Brasil, os questionários dos atlas já publicados e aqueles disponíveis dos atlas em andamento, e também os questionários do ALiR-Atlas Linguistique Roman e do Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza. Foram, ainda, examinados os resultados cartografados nos atlas nacionais. Para os questionários fonético-fonológico e morfossintático foram selecionados fatos que, a partir dos dados disponíveis, oferecem maior interesse.

O cronograma inicialmente traçado prevê um seminário nacional para treinamento de inquiridores a se realizar em março/98 e admite que em meados desse mesmo ano de 98 venha a ter início a fase de recolha dos dados.

Do ponto de vista da sua estrutura, o Projeto é coordenado por um Comitê Diretor Nacional, conta com Coordenadores regionais e tem ainda um corpo diversificado de assessores.

O trabalho é desafiante, não resta dúvida, basta que se pense nos 8 milhões de quilômetros quadrados desse país-continente a serem enfrentados. Mas, estamos todos convencidos, os que lidamos com a Dialectologia no Brasil, de que a hora do atlas lingüístico geral é chegada. E só nos resta entrar na empreitada e aceitar o desafio!

4. Para Concluir

Neste artigo busquei traçar as linhas gerais dos estudos dialetais no Brasil, dando relevo à produção no campo da Geolingüística. A crescente produção de trabalhos no campo dialetal, o interesse pela realização de atlas regionais e, agora, pela realização do atlas lingüístico do Brasil mostram a vitalidade dos estudos de Dialectologia em nosso país, campo promissor de

análise pelo que oferece de possibilidades para perscrutar-se o *coração* da língua portuguesa no Brasil.

Pode-se concluir este informe pondo em destaque o fato de que a idéia de concretizar-se, neste final de milênio, a realização de um atlas lingüístico geral do Brasil no que toca à língua portuguesa, tem sido não só muito bem recebida, principalmente entre os pesquisadores das ciências da linguagem, como também tem-se afigurado como uma das formas de possibilitar-se o efetivo conhecimento da realidade lingüística do Brasil, no que tange ao seu lado português-brasileiro que instrumentará, sem dúvida, muitas ações sobretudo no campo do ensino-aprendizagem da língua materna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, V. de A. (1994) *Atlas lingüístico do Paraná*. São Paulo: Assis.
- ARAGÃO, M. do S. & C. B. de MENEZES (1984) *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial.
- ARGOTE, D. J. C. de (1725) *Regras da Lingua Portuguesa, Espelho da Lingua Latina*. 2ªed. Lisboa.
- BARBOSA, J. S. (1830) *Grammatica Philosophica*. Lisboa.
- CARDOSO, S. A. M. (1986) Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). *Estudos: Lingüísticos e Literários*, 5: 47-59.
- _____ (1993) Áreas dialetais no português do Brasil: [t^hs] no decurso it. *ABRALIN. Boletim* 14: 301-312.
- _____ (1996) Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil. *Atas*. I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística. Universidade Federal da Bahia, 11 a 16 setembro 1994. Jacyra Mota e Vera Rollemberg (orgs.) Salvador: ABRALIN: FINEP: UFBA, 1996. 1: 181-186.
- CARMELO, Frei L. do M. (1767) *Compêndio de Orthographia*. Lisboa.
- FERREIRA, C. (1995) A Geografia Lingüística no Brasil. *D.E.L.T.A.*, 11, n.º2: 255-277.
- FERREIRA Carlota & S. CARDOSO (1984) *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- FERREIRA, C.; J. FREITAS; J. MOTA; N. ANDRADE; S. CARDOSO; V. ROLLEMBERG & N. ROSSI (1987) *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- HEAD, B. F. (1996) Os Parâmetros da Variação Dialectal no Português do Brasil. In: I. DUARTE & I. LEIRIA (orgs.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa, Portugal, junho 1996: 141-165.
- MOTA, J. & V. ROLLEMBERG (1995) Constrictivas implorativas em área nordestina.

- Estudos: lingüísticos e literários* 17: 79-86.
- NASCENTES, A. (1953) *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões.
- ____ (1958, 1961) *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil. I e II*
- RIBEIRO, J., M. R. L. ZÁGARI, J. PASSINI & A. P. GAIO (1977) *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - Casa de Rui Barbosa - Universidade Federal de Juiz de Fora.
- ROSSI, N. (1967) *A dialectologia*. *ALFA*, 11: 89-116.
- ROSSI, N., C. FERREIRA & D. ISENSEE (1963) *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura - Instituto Nacional do Livro.
- SILVA NETO, S. da (1957) *Guia para os estudos dialectológicos*. Belém.

A LINGÜÍSTICA INDÍGENA NO BRASIL

(Linguistics of Indigenous Languages in Brazil)

Lucy SEKI (UNICAMP; CNPq)

ABSTRACT: This article presents a panorama of the area of the linguistics of the indigenous languages in Brazil within the discipline of Brazilian linguistics as a whole. Special attention is given to those aspects related to its specific development. It is argued that in contrast to what is commonly supposed, the arrival of the Summer Institute of Linguistics (1959) not only was not the beginning of this area of study in the country, but it even contributed to the delay in its establishment. It was only after the return of Brazilian scholars educated abroad who were interested in the study of the national indigenous languages that a specialized branch of linguistics directed to the study of these languages began to take form. The present situation of the area and perspectives for future development are both explored.

KEY WORDS: Indigenous Languages; Branch of Linguistics; History; Perspectives; Institutions.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Indígenas; Área da Lingüística; Histórico; Perspectivas; Instituições.

¹ Na elaboração deste artigo muito nos beneficiamos de discussões com os colegas Aryon Rodrigues, Ataliba de Castilho, Rodolfo Ilari, Filomena Sandalo, e Wilmar D'Angelis, e também com alunos da área de Linguística Antropológica: Aldir Santos de Paula, Andrés Salanova, aos quais deixamos aqui registrados nossos agradecimentos. Aos professores Rodolfo Ilari e Ataliba de Castilho nosso agradecimento pela leitura do manuscrito e pelos valiosos comentários e sugestões. Somos gratos a Angel Corbera, Wilmar D'Angelis e Aldir Santos de Paula por facilitarem o acesso a certas obras, e ao último também pelo auxílio prestado na digitação dos anexos. Eventuais problemas são de responsabilidade exclusiva da autora. Agradecemos as seguintes pessoas que enviaram informações solicitadas sobre projetos, atividades e publicações próprios e / ou de colegas: S. Braggio, M. Borges, M. do Socorro Vale (UFG), M. Maia, B. Franchetto, M. Facó (MN), Ruth Monserrat (UFRJ), W. F. Netto (USP), D. Moore, N. Gabas, M. C. D. Barros, S. Meira (MPEG), I. M. Teles (UNIR), W. D'Angelis, A. C. Mori, F. Sandalo, M. C. Cavalcanti, F. B. Pacheco, L. Dourado, C. Fargetti, G. Vieira, G. Antunes (Unicamp), A. S. de Paula UFAL/Unicamp), M. Ferreira (UFPA/Unicamp), A. Salanova (MN/Unicamp), F. Queixalós (ORSTOM); Elizabeth Ekdahl (SIL); R. Guirardello, S. Gildea, A. Aikhenvald. Os colegas A. D. Rodrigues, A. S. A. Câmara e Aldir S. de Paula enviaram também informações sobre a UnB, UFPA, e UFPE / UFAL, respectivamente.

0. Introdução¹

Até bem recentemente a expressão "lingüística indígena" não seria apropriada em nosso contexto, não só em decorrência da situação incipiente da Lingüística no País, mas também porque nossas línguas indígenas praticamente não tinham lugar nesta ciência. O fato de hoje a expressão soar natural indica uma mudança promissora de perspectiva: pressupõe a delimitação, dentro da Lingüística Brasileira, de um campo de estudos voltado para as nossas línguas e constitui um indicativo de que elas começaram a ocupar o espaço que lhes era devido nessa ciência.

O processo da lenta constituição da Lingüística Indígena no Brasil reflete-se, de certa forma, em avaliações que com alguma periodicidade os estudiosos envolvidos com a problemática das línguas indígenas brasileiras e seu estudo têm feito da área, focalizando ora suas necessidades e seus problemas, ora também suas conquistas e perspectivas (Oiticica, 1930; Rodrigues, 1963, 1985, 1997; Câmara, 1963; Franchetto e Leite, 1983; Carson, 1984; Seki, 1991; Moore e Storto, 1991). Ao apresentarmos, neste trabalho, um panorama da área, é nosso objetivo abordar mais especificamente o período a partir da década de sessenta, com incursões em períodos anteriores, tentando focalizar a Lingüística Indígena dentro de um contexto mais amplo da Lingüística no Brasil. Tendo em vista construir um quadro de fundo, iniciaremos com alguns dados sobre a situação atual das línguas indígenas brasileiras, passando por um brevíssimo resumo histórico sobre o estudo dessas línguas em fases anteriores².

1. Línguas Indígenas brasileiras e sua situação atual.

Embora não haja dados totalmente precisos, os estudiosos em geral concordam com a estimativa de que atualmente são ainda faladas no Brasil cerca de 180 línguas indígenas. Estima-se também que desde a chegada dos portugueses houve a perda de 1.000 línguas, o que representa 85% das línguas existentes no território brasileiro no século XVI. As línguas remanescentes são todas minoritárias, calculando-se em aproximadamente 155.000 o número total de falantes. É muito variável o número de falantes por língua, havendo

²A versão original do trabalho contém, em forma de anexos, os resultados de um levantamento preliminar sobre a produção relativa às línguas indígenas brasileiras a partir de 1960, realizado tendo em vista contribuir para a elaboração de uma bibliografia mais ampla de trabalhos da área e para um futuro mapeamento da produção sobre línguas indígenas e mesmo para divulgar trabalhos de autores brasileiros, em geral pouco conhecidos. Por razões de espaço tais anexos não puderam ser incluídos no presente volume.

apenas uma, o Ticuna, com cerca de 20.000. Três línguas - o Makuxi, o Terena e o Kaingang, contam com 10.000 falantes; vinte línguas têm entre 1.000 e 10.000 falantes, e as outras 156 têm menos de mil, sendo que dentre elas, 40 são faladas por menos de cem pessoas, havendo casos de línguas com menos de 20 falantes (Rodrigues, 1993).

Essas estimativas devem ser ainda consideradas com certa cautela, pois as línguas indígenas encontram-se sob as mais diferentes pressões, sofrendo o impacto do crescente contato com a população envolvente e a língua majoritária. Contudo, não há em geral levantamentos que permitam estabelecer com maior margem de exatidão os reflexos do impacto do Português nos distintos grupos em termos de deslocamento da língua indígena, tanto no que se refere a graus de bilingüismo / monolingüismo, quanto no que se refere à interferência do Português nessas línguas, nem sempre claramente perceptível nas fases iniciais, mas que vai aos poucos contribuindo para a perda da língua minoritária (Seki, 1995).

As línguas indígenas acham-se hoje concentradas nas regiões amazônica e centro oeste, nos Estados do Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Acre, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins e, em menor proporção em outros estados do Brasil. Algumas delas são faladas em regiões limítrofes entre o Brasil e outros países vizinhos.

O número ainda existente de línguas indígenas brasileiras representa uma grande diversidade lingüística: as 180 línguas se distribuem por cinco grandes grupos - Tronco Tupi, Tronco Macro-Jê, Família Karib, Família Aruak, Família Pano; havendo ainda nove outras famílias menores e dez Isolados lingüísticos.

O Tronco Tupi, estabelecido bem claramente, inclui 6 famílias genéticas: Tupi-Guarani (com 33 línguas e dialetos), Mondé (com 7 línguas), Tupari (com 3 línguas), Juruna, Munduruku e Ramarana (cada uma com 2 línguas) e 3 línguas: Aweti, Mawé e Puruborá. A família Tupi-Guarani caracteriza-se por grande dispersão geográfica: suas línguas são faladas nas diferentes regiões do Brasil e também em outros países da América do Sul (Bolívia, Peru, Venezuela, Guiana Francesa, Colômbia, Paraguai e Argentina). As demais famílias do tronco Tupi estão todas localizadas em território brasileiro, ao sul do rio Amazonas.

No tronco Macro-Jê, definido com base em evidências menos claras, são

incluídas 6 famílias genéticas (Jê, Bororó, Botocudo, Karajá, Maxacali, Pataxó) e 4 línguas (Guató, Ofayé, Erikbaktsá e Fulniô). As línguas filiadas a esse tronco, exclusivamente brasileiro, são faladas principalmente nas regiões de campos e cerrados, desde o sul do Maranhão e Pará, passando pelos estados do centro oeste até Estados do sul do País.

A família Karib é representada, no Brasil, por 20 línguas, distribuídas ao norte e ao sul do rio Amazonas. Outras línguas da família Karib são faladas nas Guianas, na Venezuela e Colômbia.

Dezessete línguas representam a família Aruak (Arawak) no Brasil, estando situadas no noroeste e oeste do País e também na região do Alto Xingu e ao sul da mesma. Há outras línguas da família Aruak faladas fora de território brasileiro.

A família Pano inclui 13 línguas faladas no Brasil, situadas nos estados do Acre, Rondônia e Amazonas, ainda pouco estudadas, e outras no Peru e Bolívia.

Outras famílias linguísticas são: Tucano, com 11 línguas e vários dialetos; Arawá, com 7 línguas; Makú, com 6 línguas; Katukina e Yanomámi, cada uma com 4 línguas; Txapakura e Nambikwara, com 3 línguas cada; Múra, com 2 línguas e Guaikuru, com 1 língua no Brasil (Kadiwéu).

Dez outras línguas indígenas são classificadas como isoladas, isto é, constituem tipos linguísticos únicos: Tikuna, Irantxe/ Münkü, Trumai, Máku, Aikana, Arikapu, Jabuti, Kanoê e Koaiá ou Kwaza.

2. Estudo das línguas indígenas brasileiras: breve histórico.

2.1. Período anterior à década de 60 / século XX.

É muito pouco o que se fez em relação ao estudo de línguas indígenas brasileiras até os anos 50 do século XX. Nos três primeiros séculos após o descobrimento, os materiais linguísticos foram produzidos sobretudo por missionários portugueses entre os quais se destacam as figuras do Pe. José de Anchieta, que em 1595 publicou uma gramática Tupi, e a do Pe. Luis Figueira, também autor de uma gramática sobre a mesma língua. Entre os franceses, destaca-se Jean de Léry, que deixou observações sobre aspectos do Tupi.

Características principais dos materiais linguísticos dessa época, já apontadas por Câmara Jr. são (1) o fato de se referirem somente à língua Tupi, também chamada de Brasílica, nos séculos XVI e XVII e de Tupinambá, no século XVIII e períodos posteriores (a única exceção é a língua Cariri, sobre a qual há documentos produzidos no final do século XVII); (2) a língua era focalizada não pelo interesse nela em si, enquanto objeto de estudo, mas com finalidade prática de estabelecer um meio de comunicação com os nativos e de promover sua catequese; (3) a língua era abordada com base no aparato conceptual então disponível - o das gramáticas clássicas, particularmente a latina (veja-se Câmara Jr., 1965 e Rodrigues, 1998 para detalhes e bibliografia; e também Ayrosa, 1954).

No século XIX e início do século XX há que distinguir dois tipos principais de estudiosos: o primeiro é o daqueles que desenvolveram seus trabalhos fora do contexto indígena, configurando o que Mattoso Câmara denominou "Filologia Tupi", ou seja, que se dedicaram fundamentalmente à análise de materiais escritos legados pelos missionários e outros do período anterior, e focalizando também a influência do Tupi no Português. Incluem-se aqui figuras como Batista Caetano, Rodolfo Garcia, Plínio Ayrosa, Paula Martins, Lemos Barbosa, Edelweiss, entre outros (vide Ayrosa, 1954, para bibliografia). O segundo grupo é constituído por estudiosos que estiveram em contato direto com os falantes nativos. Segundo Câmara Jr. (1965) incluem-se aqui tres grupos de pesquisadores: estrangeiros (geógrafos, naturalistas, etnólogos), como von den Steinen, Wied-Neuwied, Martius, Castelnau, Koch-Grünberg, Manizer, entre outros; missionários, como Fidelis de Alveano, Colbachini, Val Florianiana, A. Giacconi, A. Kruse, entre outros; e pesquisadores brasileiros, como Couto de Magalhães, Visconde de Taunay, Capistrano de Abreu, Nimuendaju, entre outros. De modo geral nos trabalhos desse período não tomavam como objetivo central a abordagem da língua em si, mas estavam subordinados aos interesses de catequese, no caso dos missionários, ou aos interesses específicos de cada pesquisador, nos demais casos; os estudos consistem, via de regra, de listas lexicais, sendo raras as tentativas de descrição de outros aspectos da língua; as transcrições eram, com raras exceções, precárias, impressionísticas. Ao mesmo tempo, nesse período houve interesse por outras línguas, que não o Tupi, e os materiais produzidos permitiram análises comparativas que serviram de base para o trabalho de classificação inicial de nossas línguas e, em muitos casos, constituem a única informação sobre línguas hoje extintas. E alguns trabalhos, como o de Anchieta, sobre o Tupi, o de Steinen, sobre o Bakairi, o de Capistrano, sobre o Kaxinawá, são reconhecidos como sendo mais elucidativos do que muitos produzidos por lingüistas contemporâneos.

2.2. Os estudos de línguas indígenas na segunda metade do século XX.

2.2.1. A área de Lingüística Indígena

Considerações sobre o estudo das línguas indígenas brasileiras nesse período entrecruzam-se necessariamente com a história da implementação da Lingüística no Brasil e com a instalação, no País, do Summer Institute of Linguistics.

O interesse por uma abordagem científica no estudo das línguas indígenas brasileiras já se prenuncia nos anos trinta, (embora trabalhos com características dos períodos anteriores continuassem a ser produzidos após esta data), época em que a Lingüística passava por uma fase de grande desenvolvimento no Exterior, mas ainda inexistia no Brasil.

O principal foco daqueles que se preocupavam então com as línguas indígenas era o apelo em favor do estudo científico das mesmas. Assim, em 1930 José Oiticica (1933), ao mesmo tempo em que criticava a orientação até então vigente nos estudos de línguas indígenas, falava sobre a necessidade de se proceder metodicamente à documentação dessas línguas e de se organizar um centro coordenador de pesquisas lingüísticas na América do Sul. Três décadas depois, em relatório apresentado na 5ª Reunião Brasileira de Antropologia (B. Horizonte, junho/61), A. Rodrigues (1961) observava que a "indigência de bons materiais" sobre as línguas indígenas brasileiras era ainda praticamente a mesma. O Relatório foi feito cerca de quatro anos após o estabelecimento do Summer Institute of Linguistics no Brasil, num momento em que aqui se encontravam mais de 70 membros da Instituição, trabalhando com aproximadamente 20 línguas indígenas, o que era considerado como uma "mudança radical" no campo de estudo dessas línguas. Por outro lado, o ensino da Lingüística mal começava a ser implementado no Brasil. Assim, ao mesmo tempo em que via a situação dos estudos das línguas indígenas brasileiras como "altamente favorável e promissora", Rodrigues apontava dois sérios problemas: por um lado, a mudança ocorria devido à "importação de lingüistas estrangeiros", continuando o Brasil "praticamente sem lingüistas e sem lingüística". Por outro lado, a formação de pesquisadores brasileiros era dificultada pela estrutura então dominante do ensino superior. Opinião semelhante foi externada pelo co-relator, Mattoso Câmara, em seu comentário ao Relatório: "O auxílio que nos está prestando o Summer Institute ... não nos libera da obrigação de procurar constituir uma equipe de lingüistas nossos, tecnicamente capazes de cooperar com os do Institute e afinal ocupar a posição

na lingüística indígena brasileira". Com relação à Universidade, Mattoso Câmara também observa que a estrutura do ensino universitário não favorecia a formação integral de pesquisadores lingüistas (Câmara, 1961).

De fato, na época o quadro institucional das universidades só previa o ensino de línguas clássicas e línguas literárias modernas, dentro de uma orientação profissionalizante. Atuavam como lingüistas umas poucas pessoas, com formação básica em Filologia ou em outras áreas, mas que, por interesse pessoal na nova disciplina dedicavam-se ao estudo da mesma. Esses pioneiros teriam um papel relevante na implantação da Lingüística no País, o que se daria nas décadas de 60 e 70.

Chama a atenção o fato de que, desde o início, em vários eventos relacionados à implantação da Lingüística nomes como Rosário F. Mansur Guérios, Aryon Rodrigues, Mattoso Câmara, interessados no estudo de línguas indígenas, tenham tido um papel relevante. Contudo, o campo da Lingüística Indígena foi um dos que mais tardaram em se constituir na Lingüística brasileira.

O processo de delimitar um domínio próprio de investigação da Lingüística foi marcado no Brasil pela oposição à Filologia e à Gramática tradicional, o que favoreceu o interesse pelo estudo do Português, a partir das novas orientações relacionadas à Lingüística, em oposição aos estudos anteriores dessa língua. No que respeita às línguas indígenas (vivas) em sua prática totalidade não havia, com raras exceções, estudos prévios que as tornassem visíveis e aos quais se pudesse aplicar as novas abordagens. Um outro fator a ser considerado é que era ainda amplamente difundida a idéia errônea, reforçada pelo estabelecimento oficial, de que o Brasil era um país monolíngüe, o que também favoreceu o estudo do Português do Brasil em prejuízo das línguas indígenas, como de resto as outras línguas minoritárias faladas no País, que em geral eram ignoradas, inclusive nos meios universitários. Sobre línguas indígenas, a idéia prevalecente (e ainda hoje bastante comum) é a de que no Brasil havia o Tupi, ou Tupi-Guarani, uma língua extinta da qual se falava usando os tempos do passado.

Em 1959, em resultado de gestões iniciadas em 1956, foi ratificado um convênio entre o Museu Nacional e o Summer Institute of Linguistics (SIL), tendo em vista o estabelecimento de um plano de estudos das línguas indígenas brasileiras. De acordo com Barros (1993:323), a "presença do SIL no país e a assinatura do acordo com o Museu Nacional foram considerados o início da Lingüística Indígena no país". Isto parece discutível, pois implica, de um lado,

reconhecer que a área ficou constituída desde então e, de outro lado, reduzir a área à produção de materiais sobre as línguas indígenas por um corpo de estudiosos desvinculados da Lingüística Brasileira, deixando à parte outros fatores envolvidos na constituição de uma área, como a formação de um corpo de especialistas próprios. Ao contrário, a implementação da área de Lingüística Indígena Brasileira foi de certa forma atropelada pela vinda do Summer Institute of Linguistics para o Brasil.

O ingresso do SIL no País deu-se através de convênio com o Museu Nacional, ou seja, por via acadêmica, depois de fracassadas as tentativas de estabelecer acordo governamental, e recebeu inicialmente apoio no meio antropológico, dada a expectativa de que os lingüistas do Summer tomariam a si as tarefas de descrever as línguas indígenas (então consideradas pelo indigenismo vigente como não tendo perspectivas futuras), "salvando-as" para a posteridade, e de contribuir para a formação de lingüistas brasileiros para a pesquisa dessas línguas (Museu Nacional, Publicação Avulsa 49). No que respeita ao primeiro ponto, houve uma contribuição por parte do SIL (a esta questão voltaremos adiante), porém o mesmo não se pode dizer com relação à formação de lingüistas brasileiros para o estudo de línguas indígenas: estes receberam formação ou em instituições brasileiras, sob a orientação de brasileiros, ou em universidades estrangeiras. Somente no início lingüistas do SIL prestaram alguma colaboração conduzindo cursos nas instituições acadêmicas a que o Instituto esteve ligado - o Museu Nacional e a UnB. Porém, tão logo conseguiu seu intento de estabelecer convênio com a FUNAI, em 1968, o que lhe permitiria maior amplitude e liberdade de ações voltadas para seu real objetivo de proselitismo religioso, o SIL foi abandonando seus compromissos com as instituições acadêmicas (Cardoso, 1981:66). Um breve retorno se deu no período de 1978 a 1982, época em que a FUNAI revogou a autorização para ingresso de missionários em comunidades indígenas. O SIL valeu-se então de um convênio com a Unicamp², o que permitiu que alguns de seus membros, matriculados como alunos na instituição, dessem continuidade à pesquisa de campo com algumas línguas. De fato, as expectativas iniciais se inverteram nesse momento: na área de Línguas Indígenas não há pesquisadores brasileiros orientados por lingüistas do SIL³, porém 6 membros do SIL receberam titulação (cinco graus de mestre e dois de doutor) em instituição brasileira, a Unicamp, orientados por brasileiros⁴.

³ Uma única dissertação de mestrado sobre língua indígena (Rikbaktsá), produzida em 1967 (após portanto o fechamento da universidade) por Odilo P Lunkes, foi orientada por membro do SIL — Dra. U. Wiesemann. Outras duas dissertações produzidas na UnB e orientadas por linguistas do SIL, referem-se a uma língua africana, Ronga, e ao Português.

Do mesmo modo, somente durante os primeiros anos lingüistas do SIL tiveram participação em outros tipos de atividades na vida acadêmica brasileira, apresentando comunicações em encontros científicos, conferências e seminários sobre o andamento de suas pesquisas (Leite, 1981:61). Posteriormente a tendência geral foi de afastamento em relação aos lingüistas brasileiros, e os trabalhos destes, salvo poucas exceções, não são citados em publicações do SIL, a não ser em situações em que a menção possa se reverter em benefício da instituição. Este é o caso da inclusão, em relatórios, de trabalhos produzidos por brasileiros e publicados em edições que envolvem nomes de lingüistas do SIL, ainda que não seja este o patrocinador. A título de exemplo, a relação de publicações técnicas do SIL referentes a línguas brasileiras inclui os trabalhos de B. Franchetto (1990), sobre o Kuikuro, e de A. Rodrigues (1990), sobre o Tupinambá (línguas que não foram objeto de estudo por parte do SIL) que foram publicados em volume editado por Doris Payne, docente da Universidade do Oregon e membro do SIL. Deve-se ainda acrescentar que as publicações do SIL circularam mal na academia brasileira. À parte fornecer cópias de materiais às instituições acadêmicas às quais esteve ligado (Museu Nacional, UnB, Unicamp), em cumprimento de cláusulas dos respectivos convênios e durante a vigência dos mesmos, o contato privilegiadamente mantido pelo SIL foi sempre de caráter pessoal.

Lingüistas estrangeiros por vezes manifestam estranheza quanto ao fato de que, no Brasil, diferentemente do que ocorre em muitos países, não exista colaboração mútua entre membros do SIL e lingüistas locais. Obviamente, há lingüistas que se interessam antes de tudo pelos dados, independentemente da fonte dos mesmos e do custo que sua obtenção representa para as comunidades falantes. Contudo, em geral não é este o ponto de vista dos lingüistas brasileiros, que conscientes de sua responsabilidade social não ficam indiferentes a questões de ordem ética e política.

A vinda e permanência do SIL teve outras influências negativas na formação da Lingüística Indígena no Brasil. O acordo com aquela instituição criou a falsa idéia de que nossas línguas já estavam sendo estudadas por lingüistas competentes, o que desestimulou o ingresso na área de estudantes iniciantes e mesmo de outros pesquisadores estrangeiros. Alie-se a isto o fato de que o modo de trabalho lingüístico do SIL, com sua concepção de permanência prolongada em campo (sem dúvida imprescindível para o

⁴ Cheryl J. Jensen, Helen Weir, Daniel Everett, e os brasileiros Tine van der Meer e Isaac Costa receberam título de mestre. D. Everett e Arthur Jensen obtiveram o título de doutor.

aprendizado prático da língua e para as tarefas de catequese e tradução da bíblia), com a produção de resultados em geral fragmentários, em desproporção ao tempo de permanência em área e às facilidades de infra-estrutura disponíveis à Instituição (Leite, 1981), passou a ser visto como o "padrão" de trabalho com línguas indígenas, contribuindo para uma falsa representação de que o estudo de uma língua indígena constitui um tarefa de natureza "missionária", ao qual o pesquisador deve dedicar toda a sua vida, sendo pouco gratificante do ponto de vista acadêmico.

Somente a partir da década de setenta, e mais particularmente de oitenta, paralelamente ao avanço gradativo no processo de institucionalização da Lingüística no Brasil, houve também um avanço considerável na formação de lingüistas brasileiros que passaram a se dedicar ao estudo de nossas línguas e à formação de novos quadros para a área, o que se evidencia pelo número de teses e dissertações defendidas e pelo significativo aumento de publicações.

Foi se delineando dentre os lingüistas brasileiros um grupo de especialistas que trabalham com línguas indígenas e que se reconhecem e são reconhecidos como constituindo um grupo específico, mas que não alcançou, ainda, uma integração satisfatória, tanto internamente, quanto externamente.

A questão, frequentemente colocada (Franchetto & Leite, 1983), do "isolamento" experienciado pelos estudiosos de línguas indígenas, dá-se, a nosso ver (Seki, 1991) em distintas direções: dentro da própria área, dentro da Lingüística Brasileira, em relação a disciplinas afins e em relação à Lingüística em geral.

Começando pelo último ponto, que não é um problema exclusivo da Lingüística Indígena, mas um traço geral de nossa Lingüística, e mesmo de outras áreas, algumas causas têm sido apontadas, entre elas a barreira da língua, já que o Português não tem penetração no exterior; a crônica falta de apoio institucional, que dificulta uma maior participação em eventos internacionais mesmo na América Latina, onde a questão da língua seria contornável; os veículos usados para publicação, a maioria deles de âmbito local, desconhecidos e de difícil acesso.

No que se refere a áreas afins, diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos, no Brasil a Lingüística Indígena não se insere no campo da Antropologia, embora nas fases iniciais da implantação da Lingüística os estudos de línguas indígenas estivessem ligados a museus, como o Paranaense

e o Nacional e, dentro destes, vinculados aos setores de Antropologia. De fato, a primeira instituição especificamente linguística no Brasil foi o Setor Linguístico, criado no final dos anos cinquenta na Divisão de Antropologia do Museu Nacional. Linguistas pioneiros interessados na investigação de nossas línguas receberam apoio de antropólogos e, por outro lado, foi fundamental a intermediação destes para a instalação do SIL no País e, mesmo, para legitimar a concepção de pesquisa de campo desenvolvida por membros da instituição (Barros, 1993). Entretanto, à medida em que se deu sua institucionalização nas universidades, a Linguística passou a integrar a área de Letras⁵ e foi se desvinculando da Antropologia. A especialização crescente da Linguística, a predominante adoção de abordagens estritamente formais no estudo das línguas indígenas levaram ao afastamento de questões culturais e à perda da interdisciplinaridade. Atualmente o estudo de línguas indígenas ainda se desenvolve em Museus, como o Goeldi (Belém), o Nacional (Rio de Janeiro) e o Antropológico de Goiás, porém não há nesses espaços cursos de graduação e pós-graduação. Estes são oferecidos pelas universidades às quais os museus (exceto o Goeldi) acham-se formalmente vinculados. Também a Associação Brasileira de Antropologia manteve espaço, em suas reuniões, para sessões sobre línguas indígenas, porém a regra geral é a de que dessas sessões somente participam linguistas, não havendo a desejável integração com os antropólogos (Junqueira et alii, 1984).

No que respeita às suas relações com a Linguística no Brasil, a área de Linguística Indígena ainda não conseguiu a ela integrar-se de modo satisfatório, seja em termos de seu objeto de estudos, seja em termos do corpo de especialistas, seja em termos institucionais. De modo geral, a Linguística Brasileira ainda não incorporou a compreensão quanto ao papel relevante que tem o conhecimento das línguas não indoeuropéias na formação de nossos linguistas e na constituição da ciência.

Nos resultados do mapeamento, feito por França et alii, da produção linguística publicada nos Anais de Seminários do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) no decorrer de 25 anos (1978-1992), dentre 550 trabalhos elaborados com base em dados de línguas naturais, 83,1% se referem ao Português, e apenas 4,2% a línguas indígenas. A conclusão das autoras é de que "até o início dos anos 90, pelo menos, o trabalho de

⁵ Insere-se na área de Letras, e não na de Linguística. Os linguistas que trabalham com línguas indígenas têm dificuldade no preenchimento do código de área em formulários das agências de fomento. Sendo linguistas, são obrigados a assinalar a área de Letras, onde consta a sub-área Línguas Indígenas.

coleta e descrição de material lingüístico indígena não teve, de modo geral, lugar de destaque nas reflexões do lingüista brasileiro" (França et alii, 1995:54). Cumpre observar que a maioria dos participantes do GEL são vinculados a instituições de São Paulo, Estado onde existem três grandes universidades estaduais: USP, UNESP e UNICAMP, e que os trabalhos sobre línguas indígenas publicados nos Anais do GEL são de pesquisadores ligados a esta última (Altman, 1995:15).

Um fato bastante revelador relativo à interrelação com especialistas de outras sub-áreas da Lingüística, já abordado em Seki (1991), pode ser detectado no exame dos programas de encontros científicos realizados no Brasil: os trabalhos sobre línguas indígenas, independentemente da área de conhecimento específico focalizado - fonologia, sintaxe, etc., são sempre incluídos em sessão separada, e acabam sendo apresentados somente para estudiosos dessas línguas e discutidos apenas internamente. Tal fato reflete uma situação geral de marginalidade da área de Lingüística Indígena na Lingüística Brasileira. Os resultados obtidos na investigação das línguas indígenas são em geral ignorados pelos especialistas de outras sub-áreas da Lingüística, e é praticamente nula a contribuição destes para a investigação dessas línguas.

Tal situação conflita com as próprias características e necessidades da área de línguas indígenas. Esta, similarmente à de língua portuguesa e diferentemente de outras sub-áreas da Lingüística, identifica-se por seu objeto empírico - a(s) língua(s) indígena(s), e não por "níveis" de conhecimento, como é o caso da Fonologia, Sintaxe, etc. (Seki, 1991). Considerando-se que na realidade contemporânea, ao mesmo tempo em que ocorre a busca por uma teoria lingüística universal, tem lugar a tendência crescente para a especialização, fica evidente a importância da contribuição de distintos especialistas na investigação da(s) língua(s).

Passando ao isolamento dos pesquisadores dentro da própria área de Lingüística Indígena, a questão tem suas raízes na forma em que se deu a implantação da área, forma esta que reflete a maneira em que ocorreu a implantação da Lingüística no Brasil. Como aponta Altman (1994), o processo de implantação desta foi desencadeado por uma resolução do Conselho Federal de Educação, em 1962, que incluía a Lingüística como disciplina obrigatória nos Cursos de Letras, num momento em que não havia no País pessoas preparadas para realizar a tarefa, e isto levou as diferentes instituições de ensino a adotarem as mais variadas estratégias (envio de estudantes para

formação no exterior, contratação de especialistas estrangeiros, realização de cursos intensivos, etc.) tendo em vista conseguir os recursos humanos necessários para atender as novas exigências. Conforme Altman, "isto explica em parte....a multiplicidade de orientações teóricas e metodológicas e, de certa maneira, nossa tão propalada receptividade. Desde o começo, a Lingüística Brasileira se fez em ilhas." (op. cit., p. 397). Processo semelhante ocorreu na Lingüística Indígena. Os lingüistas profissionais que se ocupam do estudo de nossas línguas encontram-se dispersos, integrados às instituições em que atuam e tendem a se vincularem àquelas em que se formaram, resultando disso uma variedade de concepções de pesquisa, objetivos e abordagens teóricas adotados. No caso da Lingüística Indígena, a situação tem ainda como fator complicador o grande número de línguas indígenas, sua diversidade, sua dispersão geográfica, o número proporcionalmente muito reduzido de pesquisadores e também a ausência de estudos prévios das mesmas. A isto se relaciona em parte o predomínio de pesquisas isoladas e a natureza ainda predominantemente fragmentária dos resultados obtidos.

Também no que se refere aos modelos teóricos há um paralelo entre a área de Línguas Indígenas e a história da implementação da Lingüística no Brasil. Esta última foi marcada pela adoção do estruturalismo americano⁶ (corrente então dominante), com as concepções a ele relacionadas (critérios formais de análise e descrição, postura sincrônica), como embasamento teórico e metodológico, e pela atribuição de caráter científico aos estudos realizados dentro desta abordagem, passando as demais abordagens a serem consideradas como acientíficas. Estes aspectos vigoraram nos estudos de línguas indígenas brasileiras, que até os anos setenta eram realizados predominantemente por membros do SIL, e ficaram associados ao trabalho desenvolvido pelos lingüistas da instituição.

Nos anos setenta houve a penetração do gerativismo, o novo detentor do estatuto de cientificidade, em oposição a outras orientações teóricas, às quais foi negado o caráter de "teorias de vanguarda", concomitantemente com a rejeição dos resultados anteriormente obtidos. Isto coincidiu com o momento em que pesquisadores brasileiros passaram a atuar de maneira mais acentuada no estudo de nossas línguas indígenas, e a tendência geral de rejeição do estruturalismo (e outras abordagens indistintamente assim consideradas) foi, na área de Línguas Indígenas, reforçada pela associação do

⁶ Em São Paulo, o modelo de estruturalismo que corresponde ao momento da implantação da Lingüística é o francês.

modelo ao trabalho dos membros do SIL.

De fato, nas críticas às abordagens não gerativistas estas não são individualizadas. Descrição de línguas aparece como sendo necessariamente estruturalista. O funcionalismo (pressuposto como corrente homogênea), e a abordagem tipológica são, via de regra, identificados com o estruturalismo, e este é reduzido à tagmêmica, que por sua vez é freqüentemente confundida com princípios básicos de análise de dados que já são incorporados à Lingüística em geral e que, explícita ou implicitamente, são usados por todos os que trabalham com línguas previamente não estudadas. Vale observar que o modelo tagmêmico como tal não teve penetração no Brasil e, ao que seja de nosso conhecimento, não foi aplicado por nenhum brasileiro no estudo de gramáticas de línguas indígenas.

Embora as diferenças apareçam em geral sob a forma de oposição entre enfoque estruturalista Vs. gerativista, ou funcionalista Vs. gerativista, na realidade elas se referem não tanto aos modelos em si, mas antes às perspectivas teóricas fundamentais que, conforme Nichols & Woodbury (1985:1-2), se distinguem na Lingüística Moderna e que não se reduzem à classificação usual de modelos teóricos: uma (com suas origens na Lingüística Descritiva) indutiva, comparativa, orientada para os fenômenos lingüísticos (phenomenon-oriented), e a outra orientada para o modelo (model-oriented), voltada antes de tudo para o desenvolvimento de um modelo explanatório integrado, centrando os interesses nos construtos internos à teoria. Essas perspectivas de fato não são antagônicas, mas complementares, o que via de regra não é bem compreendido.

Entretanto, a partir dos anos 80 e, principalmente, nos anos 90 o funcionalismo (orientado para os fenômenos lingüísticos) e a abordagem tipológica passaram a ganhar espaço no trabalho com línguas indígenas, inicialmente na Unicamp, e posteriormente, também no Museu Goeldi⁷, e houve um incremento de descrições baseadas nessas linhas. De fato, houve um certo refluxo do entusiasmo pelo gerativismo mesmo na lingüística do Português, depois dos êxitos do projeto "Gramática do Português Falado". No caso das línguas indígenas, a mudança em parte foi propiciada pelo crescente envolvimento dos lingüistas com as comunidades indígenas e sua

⁷ Na Unicamp com o trabalho de L. Seki. No Museu Goeldi o funcionalismo passou a ganhar espaço através de pesquisadores visitantes que adotam a linha funcionalista, vindos através de convênios, e também pelo envio de estudantes para cursos de pós-graduação em centros funcionalistas.

problemática, em particular as necessidades educacionais, o que levanta a necessidade de tratar questões que escapam às preocupações gerativistas, notadamente questões de natureza pragmática.

Por outro lado, os diferentes pontos de vista quanto aos modelos teóricos (incluindo-se aqui distintas correntes funcionalistas) a serem utilizados no trabalho com as línguas indígenas, constitui ainda um fator que dificulta em parte a coesão interna dos pesquisadores da área, questão que só recentemente começa a ser superada.

2.2.2. Quadro atual no estudo das línguas indígenas

Rodrigues (1985), ao apresentar um levantamento sobre a situação da pesquisa de línguas indígenas brasileiras, abrangendo o período de 1963 a 1983, indica como sendo próximo de 100 o número de línguas indígenas brasileiras que nos trinta anos anteriores tinham sido objeto de algum tipo de estudo, por parte de pesquisadores brasileiros ou estrangeiros não missionários e, em sua maioria, por parte de membros do SIL. Os trabalhos arrolados no mencionado levantamento perfazem um total de 173 títulos, um resultado que, embora significativo ficava aquém do esperado, considerando-se o período abrangido, as excelentes condições de trabalho disponíveis à maioria dos pesquisadores envolvidos, os lingüistas do SIL, e o tempo dispendido por eles em trabalho de campo. Também no aspecto qualitativo os resultados deixavam a desejar. O total de trabalhos incluía 18 descrições gramaticais e 9 dicionários, sendo os demais de natureza fragmentária, referentes a descrições fonológicas ou detalhes da fonologia, e aspectos isolados da gramática de diferentes línguas

Resultados similares aparecem em levantamento feito em 1991 por Moore & Storto: os autores concluem que era de 80 a 100 o número de línguas indígenas até então contempladas com algum estudo, e que apenas entre 10 a 20% delas haviam sido objeto de descrições gramaticais de boa qualidade (Moore & Storto, 1991).

A partir dos anos 80 houve a participação crescente de brasileiros no estudo de nossas línguas. Em 1991 eram 59 as línguas sendo estudadas por brasileiros, o que constituiu um aumento de 36% em relação a 1985 (Rodrigues, 1991). Este aumento foi em muito favorecido pelo Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras /PPCLIB (Rodrigues et alii, 1997), patrocinado pelo CNPq e pela FINEP, e que a partir de 1987 passou não só a

apoiar atividades relacionadas a projetos já em andamento, como também a estimular a elaboração de novos projetos, bem como a propiciar o ingresso de novos pesquisadores na área, através de Cursos Intensivos de Linguística Indígena. O Programa foi desativado com o advento do governo Collor, quando, em decorrência da prioridade à tecnologia, veio o fim da classe de Projetos Especiais⁸.

Em 1998 sobe para cerca de 80 o número de línguas que foram objeto de algum tipo de investigação por parte de não missionários, a julgar pelas dissertações e teses, bem como outras publicações. Por parte do SIL, as informações são de que 30 línguas (incluindo-se aí duas, cujos projetos constam em relatório anterior (SIL, 1991) como encerrados: Hixkariana e Sateré) estão sendo atualmente investigadas por membros da instituição, arrolando-se outras 8 cujos projetos são considerados concluídos. Contudo, esses números devem ser considerados com cuidado, já que, de um lado muitas línguas estudadas por brasileiros o são também por missionários, e, por outro lado, há muitas línguas com apenas um pequeno estudo. De qualquer forma, a conclusão a que se chega é de que há ainda um grande número de línguas que não foram contempladas nem mesmo com um pequeno estudo.

No que respeita à qualidade, a produção é muito variável. Nas palavras de A. Rodrigues, "o trabalho lingüístico dos missionários, mesmo quando apresenta boa ou mesmo alta qualidade técnica, é necessariamente limitado pelos objetivos missionários" (Rodrigues et alii, 1997). Segundo Yonne Leite, o problema incide principalmente sobre "a falta de uma visão de conjunto da língua estudada: os trabalhos abordam aleatoriamente aspectos cuja relevância não fica patente de imediato. Assim, tem-se ora uma descrição sobre o verbo em Terêna, ora notas sobre os substantivos em Kayabi, uma fonêmica Xerente e uma descrição de aspectos do Xavânte. Inexiste o material que os estudiosos de línguas em geral e antropólogos tanto almejam: uma gramática com terminologia descritiva acessível e dicionários" (Leite, 1981:63).

Também variável é a produção de pesquisadores brasileiros. Dentre os trabalhos divulgados, há poucas descrições mais abrangentes, que possibilitem uma visão de conjunto da língua pesquisada. Predominam trabalhos de natureza fragmentária, que em geral focalizam aspectos da estrutura fonológica e gramatical, sendo muito raros aqueles que tratam de aspectos semânticos, pragmáticos ou discursivos. Isto é compreensível, considerando-se que nas

⁸ Rodrigues, comunicação pessoal

instituições em que se desenvolve a investigação de línguas indígenas (universidades e museus) o número de pesquisadores profissionais é limitado, e que, particularmente nas universidades, a pesquisa em grande parte é feita por estudantes bolsistas, com duração limitada. Como alunos de Pós-graduação, os pesquisadores têm pouco tempo disponível para as atividades de pesquisa, particularmente para o trabalho de campo, sendo este em geral realizado nos períodos de férias acadêmicas. É também nesses períodos que os docentes / pesquisadores realizam seu trabalho de campo. No que respeita aos pesquisadores-alunos, as pesquisas raramente têm perspectivas de continuidade (questão já apontada por Rodrigues et alii, 1997), visto que o campo de trabalho - os Departamentos de Letras - em sua absoluta maioria privilegia os estudos do Português. A situação institucional das universidades brasileiras anterior à década de 60, com os interesses centrados em línguas clássicas e línguas e literaturas modernas em grande parte não foi superada. Em muitas instituições a Lingüística ainda é pouco ensinada e continua subsidiária dos cursos de Letras e em outras as pesquisas se concentram no Português.

2.2.3. Os espaços institucionais e os pesquisadores

Há atualmente no Brasil 66 programas de pós-graduação em Letras e Lingüística filiados à Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL), contudo mal chega a 12 o número das instituições em que se desenvolvem pesquisas de Línguas Indígenas e / ou que têm em seu quadro algum pesquisador dessas línguas.

Falar dessas instituições, seus quadros e delimitar o trabalho nelas realizado não é tarefa simples. O desempenho de cada uma delas em geral varia, apresentando períodos de maior ou menor produtividade e mesmo de descontinuidade, em decorrência de fatores vários, entre eles a contratação e o desligamento de especialistas. Por outro lado, há uma certa imbricação de fatos resultante da mudança de local de trabalho de lingüistas profissionais e também do fato de que pesquisadores em formação, filiados a uma instituição ou participantes de projetos ali desenvolvidos, realizam seus estudos em outra instituição, ou recebem orientação de especialistas externos.

Dentre as instituições brasileiras, aquelas que têm mantido uma tradição mais constante no estudo de Línguas Indígenas, mesmo em períodos menos favoráveis, são o Setor Lingüístico do Museu Nacional e o Departamento de Lingüística da Unicamp. Em meados dos anos 80, centros de pesquisa de

línguas indígenas foram se formando em outras instituições, como o Museu Goeldi, a UnB, entre outros. Segue um breve apanhado sobre as instituições e pesquisadores.

(1) UNICAMP/ Departamento de Lingüística

O Departamento de Lingüística da Unicamp foi criado em 1970, funcionando inicialmente no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Em 1978 passou a integrar o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), juntamente com o Departamento de Teoria Literária e o Centro de Lingüística Aplicada.

Desde o início o Departamento de Lingüística esteve voltado para atividades de pesquisa e formação de lingüistas e procurou favorecer a coexistência de distintas correntes teóricas. Oferece um curso de Bacharelado em Lingüística, que inclui duas disciplinas obrigatórias de Línguas Indígenas, e um Programa de Pós-graduação em Lingüística, com cursos de Mestrado e Doutorado que inclui entre suas áreas de concentração a Lingüística Antropológica, onde se insere o estudo das línguas indígenas.

Também integrado ao IEL está o Departamento de Lingüística Aplicada, criado a partir do Centro de Lingüística Aplicada no início dos anos 80. O Programa de Doutorado deste Departamento inclui, desde seu início, em 1993, uma área de concentração em Educação Bilingüe, com vários projetos envolvendo comunidades indígenas.

O quadro de docentes / pesquisadores diretamente vinculados à área de Lingüística Antropológica variou significativamente desde a criação do Departamento. Dele participaram os professores Aryon Rodrigues (1973 -87), Maurizio Gnerre, Daniel Everett (set. de 1980 - 83; 1986 - 87), Márcio Silva (1981-89) e Lucy Seki (dez. 1977 até o presente).

Houve um período de seis anos (1988 - 1994) em que o Departamento de Lingüística teve apenas um doutor para responder por todas as atividades específicas da área de Línguas Indígenas, o que ilustra bem o que foi dito anteriormente sobre as dificuldades institucionais da área. Não obstante, houve neste período a implementação de um projeto integrado de pesquisas sobre línguas faladas no Parque Xingu, coordenado por L. Seki, a promoção da vinda de professores visitantes (A. E. Kibrik, R. M. W. Dixon, A. I. Aikhenvald, H. Muñoz e S. Gildea) e a organização de eventos anuais nos quais se tentou reunir pesquisadores de diferentes abordagens teóricas e / ou áreas.

A partir de 1994 dois outros docentes / pesquisadores - Angel C. Mori e Wilmar D'Angelis (doutores pela Unicamp em 1994 e 1998, respectivamente) passaram a integrar a área, melhorando assim as perspectivas de trabalho. Atualmente Maria Filomena Sandalo (doutora pela Universidade de Pittsburg) encontra-se no Departamento como hóspede acadêmico (FAPESP), atuando junto às áreas de Lingüística Antropológica (Línguas Indígenas), Sintaxe, Fonologia e Morfologia.

Uma característica do Departamento de Lingüística da Unicamp, que tem sido muito frutífera para a área de Línguas Indígenas, é a existência de cooperação por parte de docentes especialistas de outras sub-áreas da Lingüística na orientação de mestres e doutores, e a possibilidade enriquecedora de interlocução com os mesmos.

As atividades desenvolvidas no Departamento relativas às línguas indígenas se distribuem em três tipos básicos, conforme o objetivo para o qual estão dirigidas, porém intimamente relacionados: formação de pesquisadores, pesquisa de línguas indígenas e educação escolar indígena.

No que se refere ao primeiro ponto, a Unicamp é a instituição brasileira que mais formou pesquisadores para a área de Línguas Indígenas: de 1977 até o presente contam-se 33 mestrados e 15 doutorados, incluindo-se entre eles ex-estagiários do Museu Nacional e do Museu Goeldi, bem como docentes filiados a outras universidades e alguns provenientes de outros países da América Latina. Esses trabalhos se referem a 33 línguas indígenas brasileiras e 3 línguas indígenas sul-americanas. Atualmente há 8 dissertações e 10 teses em andamento envolvendo outras 13 línguas.

Quanto à pesquisa, vários trabalhos estão relacionados ao Projeto integrado "História e Conhecimento Lingüístico dos Povos Indígenas do Parque Xingu", idealizado e coordenado por L. Seki, e que tem como objetivo a investigação abrangente e sistemática de um grupo representativo de línguas indígenas faladas no território do Parque, pertencentes às famílias Tupi-Guarani (Kamaiurá, Kayabi), Jê (Panará, Suyá, Tapayuna), Karib (Ikpeng), Aruak (Mehinaku, Waurá, Yawalapiti), Juruna (Juruna) e ainda as línguas Aweti (do Tronco Tupi) e Trumai (Isolada). Atualmente a equipe que atua no projeto inclui quatro pesquisadores docentes e vários alunos de pós-graduação, responsáveis por sub-projetos referentes a línguas específicas. Os pesquisadores e respectivos sub-projetos são: a) Lucy Seki: língua Kamaiurá

- análise e descrição (gramática concluída); b) Angel C. Mori: línguas Aruak (cf. adiante); c) Dr. Ludoviko C. dos Santos (Universidade Estadual de Londrina): línguas Suyá e Tapayuna; d) Luciana G. Dourado (mestre pela UnB, onde atua como docente; doutoranda na Unicamp): Língua Panará; e) Cristina M. Fargetti (mestre pela Unicamp e doutoranda na Instituição): língua Juruna; f) Frantomé B. Pacheco e Cilene Campetela (ambos mestres pela Unicamp e doutorandos na Instituição): língua Ikpeng; g) Patrícia O. Borges (mestranda / Unicamp): língua Kayabi; h) Cristina Borella (mestranda / Unicamp): língua Aweti.

No âmbito do projeto integrado incluem-se ainda a língua Yawalapiti, objeto de estudo de Mitzila I. O. Mujica (mestre pela Unicamp), e a língua Trumai, pesquisada por Raquel Guirardello, que após concluir o mestrado na Unicamp, com dissertação sobre a gramática da língua, esteve no Museu Goeldi como bolsista de Desenvolvimento Regional (set./92-jul/94) e posteriormente cursou o doutorado no exterior. Também estiveram envolvidos no projeto vários bolsistas de Iniciação Científica.

Além das mencionadas, outras línguas estudadas no DL / Unicamp por docentes e / ou posgraduandos são: Tupari (Tronco Tupi), Krenak (Fam. Botocudo), Aguaruna (Jívaro), Yawanawá, Shanenawá, Kaxarari, Matis (Pano), Apanjekrá, Parkatejê, Kayapó, Kaingang (Jê), Maxakali (Macro-Jê), Makushi (Karib); Ashaninka (Aruak), Kadiweu (Guaikuru).

No que se refere à participação em programas educacionais, pesquisadores docentes e alunos têm atuado como assessores e instrutores no Programa de Formação de Professores Indígenas do Parque Xingu, coordenado pelo Instituto Socio-Ambiental (ISA), envolvendo distintas línguas faladas no Parque, e também no Projeto de Formação de Professores Indígenas de Rondônia, bem como em outros projetos. Além disso, foi iniciado um curso de extensão / Unicamp "Linguística para Indígenas", com um primeiro módulo realizado em fevereiro de 1998, do qual participaram 27 professores indígenas provenientes de distintas regiões, falantes de 16 línguas. Do Curso de Extensão realizado na Unicamp participaram também docentes de outras sub-áreas da Linguística da instituição.

(2) Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

O Setor Linguístico do Museu Nacional / UFRJ, criado em fins dos anos 50, constituiu o primeiro espaço para estudos linguísticos no Brasil e desenvolve tradicionalmente o estudo de línguas indígenas. Em decorrência

do acordo firmado entre o Museu e o SIL, esta entidade concentrou suas atividades no Setor Lingüístico do Museu no período de 1957 a 1961, transferindo-se depois para a recém criada Universidade de Brasília.

De 1968 a 1971 o Museu manteve um Programa de Pós-Graduação em Lingüística com a oferta de Curso de Mestrado e de Institutos Brasileiros de Lingüística, sendo estimulada a ida de estudantes para doutorado no exterior, em sua maioria nos Estados Unidos. Este Curso, que contava com apoio da Fundação Ford, tinha uma quadro docente reduzido, com apenas dois doutores e dois mestres, complementado com professores estrangeiros visitantes (Rodrigues, 1972). Em 1971 a Pós-Graduação em Lingüística foi transferida para a Faculdade de Letras e dois anos depois Aryon Rodrigues e parte da equipe que ali atuava se transferiram para a Unicamp. As pesquisas de línguas indígenas continuaram no Setor Lingüístico, tendo à frente Yonne Leite e Charlotte Emmerich, responsáveis também pela orientação de estagiários como Tânia Clemente, Marília Facó Soares, Márcia Damaso Vieira (posteriormente doutoradas pela Unicamp), Bruna Franchetto (doutorada pela UFRJ) e Marcus Maia (doutorado pela Southern California), todos ativos até o presente. Na UFRJ, encontra-se também Ruth Monserrat, ex-estagiária do Setor Lingüístico.

Atualmente o Setor Lingüístico do Museu Nacional é coordenado por Marília Facó Soares e inclui em seu quadro outros quatro doutores: Yonne Leite, Marcus Maia, Bruna Franchetto e Márcia Damaso Vieira. O grupo é responsável pela orientação de estagiários e tem oferecido regularmente Cursos de Especialização em Línguas Indígenas Brasileiras, participando ainda ativamente em Projetos de Educação Indígena.

O Setor Linguístico do Museu Nacional participa do projeto "Rede Franco-Brasileira de Estudos das Línguas Indígenas do Brasil" (CAPES/COFECUB) e tem formado um "Grupo de Estudos Pano", articulado a programa de pesquisa bilateral entre a UFRJ e a Universidade de Paris VII - Centre d'Études de Langues Indigènes d'Amérique (CELIA). No Museu / UFRJ são estudadas as línguas Tikuna (Tikuna), Karajá (Jê) e seus dialetos (Karajá, Java'e, Xambioá), Tapirapé (Tupi-Guarani), Kuikuro (Karib), Mükü (Isolada), Munduruku (Tronco Tupi);

(3) Museu Paraense Emílio Goeldi

O Museu Goeldi, um instituto de pesquisa do CNPq, inclui em seu Departamento de Ciências Humanas a Divisão de Lingüística, que a partir de

meados dos anos 80 vem desenvolvendo mais intensivamente atividades de pesquisas relacionadas a línguas indígenas e, a partir dos 90, atividades ligadas a projetos educacionais. A Divisão de Lingüística é atualmente coordenada por Denny A. Moore (doutor pela City University of New York) e conta com dois pesquisadores funcionários: Cândida Mendes Barros (doutora pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Unicamp) e Nilson Gabas Junior (doutor pela Universidade da Califórnia em Santa Bárbara) e vários estagiários. Conta ainda com a colaboração de pesquisadores afiliados, os doutores Spike Gildea (Universidade Rice), Francisco Queixalós, Odile Lescure (convênio CNPq-ORSTOM), e os doutorandos Hein van der Voort (Universidade de Amsterdam) e Sebastião Drude (Universidade Livre de Berlim).

O Museu tem como prioridades o desenvolvimento da Instituição e o treinamento de estudantes e estagiários através de pesquisa de campo e encaminhamento para estudos em instituições brasileiras e, principalmente, do exterior. Passaram pela Divisão de Lingüística do Museu Goeldi e atualmente cursaram ou cursam pós-graduação realizando pesquisa de línguas indígenas, além dos citados acima, os pesquisadores (1) doutorandos: a) Luciana Storto (MIT) - língua Karitiana (fam. Arikém); b) Vilacy Galúcio Univ. de Chicago) - língua Mekéns (fam. Tupari); c) Raquel Guirardelo (Univ. Rice) - língua Trumai (Isolada); d) Sidney Facundes (SUNY-Buffalo) - língua Apurinã (fam. Aruak); e) Eduardo Ribeiro Univ. de Chicago) - língua Karajá (Macro-Jê); f) Petronila Tavares (Univ. Rice) - Wayana (fam. Karib); g) Sérgio Meira (Univ. de Rice) - língua Tiriyó (fam. Karib); (2) mestrandos: Ana Carla Bruno (Univ. do Arizona) - língua Waimiri-Atroari (fam. Karib). Também relacionada ao Goeldi é a graduanda (UFPA) Gessiane Lobato Picanço - língua Munduruku (fam. Munduruku).

(4) Universidade de Brasília (UnB)

No mesmo ano da fundação da UnB, em 1962, foi firmado um acordo pelo então reitor Darcy Ribeiro com o diretor do SIL no Brasil (Dale Kitzman), para que, sem ônus para a UnB, membros daquela instituição ministrassem disciplinas introdutórias à linguística no curso de graduação em Letras (Curso-Tronco de Letras Brasileiras). Lecionaram nesse ano o casal inglês John e Audrey Taylor e a norte-americana Lorraine I. Bridgeman, sob a supervisão da Dra. Sarah C. Gudshinsky, de mesma nacionalidade.

Em 1963, Aryon Rodrigues, da Universidade do Paraná, foi contratado pela UnB e passou a chefiar o Departamento de Lingüística, criado no ano

anterior no âmbito do Instituto Central de Letras, e provocou uma reformulação no projeto de cursos de pós-graduação, obtendo a instituição de um mestrado em Linguística (ao lado de outros em Teoria Literária, Filologia Portuguesa, etc). Por proposta de Rodrigues foi acrescentado no acordo com o SIL que este manteria na Universidade, em cada semestre, um lingüista com doutorado, que pudesse cooperar no ensino pós-graduado. Em decorrência, atuaram na pós-graduação, além de Sarah Gudshinsky, Irvine Davis (1963) e Ivan Lowe (1964). Ainda em 1963 foi criado na UnB o CECLI, Centro de Estudos das Culturas e Línguas Indígenas, com a participação do Departamento de Antropologia (do Instituto Central de Ciências Humanas) e do Departamento de Linguística, tendo sido Rodrigues incumbido de coordenar o mesmo. Rodrigues assumiu também a coordenação geral dos programas de pós-graduação da UnB. No CECLI foi organizado um arquivo, em que foram sendo recolhidos e classificados dados de línguas indígenas do Brasil, não só provenientes do SIL, mas também de outros pesquisadores.

No primeiro semestre de 1965, Gilda M. Corrêa de Azevedo concluiu sua dissertação de mestrado sobre a língua Kirirí, sob a orientação de Rodrigues, tendo sido esta a primeira dissertação de mestrado sobre uma língua indígena feita no Brasil. O segundo semestre de 1965 foi extremamente conturbado na UnB pela ação do novo interventor do regime militar, o qual demitiu injustificadamente 25 professores e teve como reação, no dia seguinte, os pedidos de demissão de mais de 200 professores. Consumadas as demissões, ficaram no Departamento de Linguística apenas os membros do SIL e um instrutor / aluno de pós-graduação, tendo todos os demais deixado a universidade.

Nos vinte anos (1966-1985) em que a UnB foi administrada por interventores politicamente orientados pelo regime militar, o estudo das línguas indígenas deixou de existir. Membros do SIL ainda deram aulas no início desse período, mas depois se afastaram. Uma dissertação de mestrado foi ainda produzida em 1967 por um aluno de pós-graduação, Odilo P. Lunkes, sobre a língua Rikbaktsá (Estudo fonológico da língua Rikbaktsá) sob a orientação de Ursula Wiesemann, do SIL.

Findo esse período, a sociolinguista Stella Maris Bortoni promoveu a divisão em três departamentos do grande departamento de Letras a que fora reduzido o Instituto Central de Letras durante o período discricionário, sendo um deles o de Linguística, Letras Clássicas e Vernácula, tendo reaberto assim maior espaço institucional para o desenvolvimento da Linguística. Bortoni

representou a UnB, em 1987, no grupo de trabalho que projetou o Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras (PPCLIB) - CNPq / FINEP. Neste mesmo ano ela organizou um curso intensivo de linguística indígena, com a participação de especialistas de várias instituições (MN, UFG, UFPE, Unicamp) e iniciou um projeto de levantamento dos recursos bibliográficos sobre línguas indígenas com bolsistas de iniciação científica.

Em 1988 Aryon Rodrigues, aposentado da Unicamp, reintegrou-se à UnB e passou a estimular entre os alunos do curso de mestrado em Linguística o estudo das línguas indígenas, tendo iniciado no Departamento uma linha de pesquisa sobre essas línguas. No mesmo ano se reintegrou também à UnB Daniele M. Grannier Rodrigues, mestre em Linguística pela Unicamp, que, ao lado de outras atividades, retomou suas pesquisas sobre o Guaraní antigo.

No período de 1990 a 1998 foram objeto de dissertações de mestrado as seguintes línguas, a maioria das quais ameaçadas de desaparecimento: Mehinaku (Aruak), Máku (Isolada; um único conhecedor vivo); Kanoê (Isolado, 4 falantes conhecidos em 1990); Yuhúp (Makú), Arara (Karib); Tupari (Tupari); Surui / Aikewára (Tupi-Guaraní); Tembê (Tupi-Guaraní); Ka'apór (Tupi-Guaraní); Tapirapé (Tupi-Guaraní); Mundurukú (Mundurukú); Yatê; Xokleng (Jê), Kayapó (Jê) e Panará (Jê).

(5) Universidade Federal de Goiás / Museu Antropológico

Na década de 80 iniciou-se na Universidade a organização de um centro de estudos de línguas indígenas, que atualmente conta com um grupo de seis pesquisadores: professoras Lydía Poleck (mestre), Raquel Teixeira (doutora pela U.C./Berkeley), Marita P. Cavalcante (doutora pela Unicamp), Silvia Braggio (doutora pela Universidade do Novo México), Maria Sueli de Aguiar (doutora pela Unicamp) e Mônica V. Borges (mestre pela UFG)). Os membros do grupo desenvolvem uma linha de pesquisa etnolingüística, conjunta do Mestrado em Linguística e Museu Antropológico, a qual inclui trabalhos de pesquisa lingüística e trabalhos voltados para a educação escolar indígena. Algumas línguas estudadas na UFG são Karajá, Krahó Avá-Canoeiro e Xerente.

(6) Universidade Federal do Pará (UFPA).

A partir de 1987 passou a ter o curso de mestrado em Letras, onde atuaram, na etapa inicial, os professores Leopoldina Araújo (doutora pela UFRJ) e Carl Harrison (pela Universidade de Indiana). Na década de 90 vêm sendo desenvolvidas várias atividades voltadas para a constituição de um centro de

ensino e estudo de línguas indígenas. Em 1993 houve a inclusão de disciplinas linguísticas básicas para a descrição de línguas indígenas, e neste mesmo ano foi defendida uma dissertação (Maria Risoleta Silva Julião - Língua dos índios do rio Cairari), orientada por Leopoldina Araujo. Em 1997 houve a implantação de um projeto integrado "Línguas Indígenas Brasileiras: descrição e reconstrução histórica" (FINEP / CNPq) e de um Seminário Permanente de Línguas Indígenas, ambos coordenados por Ana Suely Cabral.

Presentemente o quadro de pesquisadores inclui os doutores Carmen Lúcia Reis Rodrigues (doutorado na Universidade de Paris VII), Ana Suely A. C. Cabral (doutora pela Univ. de Pittsburg), bem como os mestres Alzerinda de Oliveira Braga (doutoranda, UFPA/Toulouse), Maria Risoleta Silva Julião (doutoranda, UFPA, Toulouse) e Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira Borges (doutoranda /Unicamp). Há ainda 4 mestrandos na UFPA e bolsistas de iniciação científica. Na UFPA são estudadas as línguas Jo'e, Asurini do Tocantins, Anambé, Parakanã (Tupi-Guarani), Makurap, Xipayá (fam. Juruna), Kuruaya/Munduruku.

(7) Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Em 1996 foi organizado um Programa de Pós-Graduação em Linguística Indígena na UNIR, Campus de Guajará-Mirim, contemplando mestrado e doutorado, que foi aprovado por órgãos superiores da universidade, mas não foi consolidado como curso regular. Contudo, conta com um quadro permanente de quatro doutores: Jean-Pierre Angenot, Iara Maria Teles, Celso Ferrarezi Junior e Henri Ramirez, tendo ainda recebido professores visitantes de longa e curta duração. O grupo vem atuando na formação de pesquisadores e no desenvolvimento de pesquisas. Em 1996 foi organizado o projeto integrado "Documentação, Descrição e Comparação de 5 famílias (Chapakúra, Arawá, Murá, Arawák, Makú) e de 7 Línguas Amazônicas (Puruborá, Urueuwauwau, Itonama, Kayuvava, Tukano, Kanitxana, Movima)". Foi organizada a série CEPLA Working Papers in Amerindian Languages, com corpo editorial, tendo como editora Iara M. Teles, e que já publicou 18 trabalhos.

(8) Universidade de São Paulo (USP)

A USP, criada em 1934, já no ano seguinte incluía no curso de Geografia e História a Cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani. No início dos anos 70 a universidade passou a oferecer um programa de pós-graduação em Linguística, com possibilidade de concentração em Línguas Indígenas

(Altman, 1998:143), porém na instituição deu-se continuidade à linha de trabalhos de natureza histórica e toponímica, sem que tenha havido o desenvolvimento de outras abordagens linguísticas e do trabalho com línguas indígenas vivas. Exceto tentativas de Jurn Phillipson, somente a partir dos anos noventa registram-se atividades voltadas para o estudo dessas línguas. Foram realizadas pesquisas de iniciação científica com as línguas Tenharim e Wayampi, e de mestrado, sobre a língua Apanjekrá, sob a orientação de Waldemar Ferreira Netto, e atualmente há 4 dissertações de mestrado em andamento, envolvendo as línguas Gavião Pykobje, Guarani, Wayampi e Karajá, orientadas pelo mesmo professor. Este desenvolve ainda um projeto de análise fonológica do Uru Eu Wau Wau: O foco principal de todos esses trabalhos é o vínculo entre a pesquisa linguística e os programas de educação indígena. Ferreira Netto tem participado em três Programas desse tipo: a) Programa de Educação Indígena Timbira (USP/CTI), sob responsabilidade de Maria Elisa Ladeira; b) Programa de Educação Indígena Wayãmpi (USP/CTI), sob responsabilidade de Dominique Gallois e c) Programa de Educação Indígena Guarani-ES (USP / Secretaria de Educação do Espírito Santo).

(9) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

O programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE foi fundado, com o curso de Mestrado, em março de 1976, tendo procurado, desde o início, incentivar o processo de capacitação dos docentes das universidades nordestinas. Em 1980, como marco da instalação de uma nova linha de pesquisa, a de línguas indígenas brasileiras, foi instalado o Núcleo de Estudos Indigenistas (NEI), vinculado ao Programa de Pós-Graduação. O Núcleo desenvolve trabalhos de pesquisa, ensino e extensão. Possui um significativo acervo bibliográfico, materiais de áudio e vídeo, artesanato dos mais variados grupos indígenas brasileiros e publica o Boletim Axéwuvyru, que divulga artigos e notícias relacionados à temática indígena.

Além da preparação de pesquisadores para o estudo de línguas indígenas, a linha de pesquisa sobre línguas indígenas desenvolvida na Pós-Graduação da UFPE tem como objetivo a formação de professores indígenas e não indígenas através de vários convênios firmados entre o NEI e a Secretaria Estadual de Educação para a implementação de projetos voltados para a educação escolar indígena.

Na implantação e consolidação da linha de pesquisa de línguas indígenas na UFPE teve um papel relevante Adair Pimentel Palácio (doutora pela Unicamp)

que desenvolveu pesquisa sobre a língua Guató e tem sido responsável, até o momento, pela orientação de várias dissertações de mestrado e / ou doutorado, envolvendo as línguas Parakanã, Awá-Guajá, Poyanáwa, Shawãdawa, Taurepang, Umutina e Yathê, e também pela orientação inicial e encaminhamento de estudantes para outras instituições. Este é o caso dos doutorandos Sérgio Meira (Museu Goeldi e Rice); Carla Cunha e Aldir Santos de Paula (Unicamp); Stella Teles e Odileis Cruz (Univ. Livre de Amsterdam); Januacele Costa e Rosely Lacerda (UFPE).

(10) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

No Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC, a partir de 1989, houve uma série de iniciativas por parte dos doutores Jean-Pierre Angenot e Alexandra Y. Aikhenvald, tendo em vista instituir um centro de pesquisas sobre línguas indígenas. Essas iniciativas incluíram a criação de uma opção "Línguas Indígenas" no Departamento e a formulação de um projeto integrado de pesquisa "Informática Aplicada às Línguas Indígenas. Classificação e reconstrução da Família Arawák", com temas de investigação nas linhas descritiva, fonético-acústica, histórico-comparativa e tipológica, sociolinguística e etnolinguística.

Os trabalhos se desenvolveram até 1994, ano em que os responsáveis pelo projeto se transferiram para outras instituições. Do empreendimento resultaram 6 dissertações de mestrado orientadas pelos dois pesquisadores e algumas outras teses e dissertações defendidas posteriormente, entre elas uma dissertação (Marci Fileti Martins - Incorporação Nominal em Guarani Mbyá) e uma tese (Ludoviko C. Dos Santos - Descrição de Aspectos Morfosintáticos da Língua Suyá (Kĩnsêdjê) - Família Jê), ambas orientadas por L. Seki, da Unicamp.

(11) Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Recentemente tem se desenvolvido nesta universidade iniciativas voltadas para a formação de um centro de pesquisas de línguas indígenas. Em 1995 foi fundado o Núcleo de Estudos Indigenistas (NEI-UFAL), vinculado ao Programa de Pós-Graduação. Seus objetivos são promover ações que possibilitem a compreensão da cultura indígena, promover o intercâmbio entre as comunidades indígenas, as universidades e as escolas de primeiro e segundo graus e promover pesquisas de línguas indígenas. A grande incentivadora dessa nova perspectiva, Adair Palácio, tem contribuído significativamente

para a formação de novos pesquisadores. Há professores em fase de doutoramento que poderão, num futuro próximo, constituir um grupo de pesquisa quantitativamente mais relevante. Alguns professores já prestam assessoria a projetos educacionais.

(12) Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Nesta Universidade há um Programa de Mestrado em Letras com áreas de concentração em Língua Portuguesa e Literatura, que não contempla no momento um espaço institucional para o estudo das línguas indígenas. Aí se encontra Ludoviko C. dos Santos, doutorado em 1997 pela Unicamp, na área de Lingüística Antropológica e que coordena um projeto de extensão "Jagné Mré Hyn Han (Construir Juntos)", voltado para atividades de educação em áreas indígenas do Norte do Paraná, e, juntamente com Ismael Pontes, coordena um projeto de pesquisa "Abordagem do nível morfossintático da Língua Kaingang sob o ponto de vista do funcionalismo givoniano".

Lingüistas Estrangeiros não missionários.

Continuam sendo relativamente poucos os estrangeiros não missionários e não vinculados a instituições brasileiras a realizar pesquisas sobre línguas indígenas do Brasil. Entre as razões aventadas como possível explicação para o fato está a crença bastante difundida de que o SIL estaria encarregado de trabalhar com todas as línguas brasileiras (Rodrigues, 1985).

Entre os estrangeiros que realizaram estudos sobre línguas indígenas do Brasil estão Ernesto Migliaza (Yanomámi, Máku), na década de sessenta; os antropólogos A. Monod-Becquelin (língua Trumai) e David Price (Nambikwára), na década de setenta; Greg Urban (Xokleng), Laura Graham (Xavante); Gerald Taylor (Baniwa), Gail Gomes (Yanomámi), nas décadas seguintes. Recentemente os doutores Leo Wetzels, da Universidade Livre de Amsterdam, R. M. W. Dixon, da Universidade Nacional da Austrália, e Alexandra Y. Aikhenvald, que atua na mesma universidade desde 1994, têm desenvolvido pesquisas e publicado vários trabalhos sobre línguas indígenas brasileiras. Os dois últimos têm produzido obras gerais, de natureza tipológica, em que são amplamente utilizados dados de nossas línguas.

A área de Lingüística Indígena no Brasil não dispõe de um órgão nacional que pudesse tomar a si a tarefa de reunir, catalogar e divulgar as pesquisas feitas, bem como de constituir um banco de dados. De fato, praticamente nada

se sabe sobre os corpora que medeiam entre as línguas faladas e os trabalhos produzidos, bem como o que existe no País em termos de dados não tratados.

A área de Lingüística Indígena não tem, ainda, uma associação específica nem veículo de publicação próprios. Mais regularmente os pesquisadores da área divulgam no Brasil os resultados de suas pesquisas em sessões a elas dedicadas nas reuniões de associações de âmbito nacional, como a ABRALIN (Associação Brasileira de Lingüística), SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), ABA (Associação Brasileira de Antropologia), ANPOLL (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Lingüística), ou de âmbito regional, como o GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo) e, mais recentemente o CELSUL (Centro de Estudos Linguísticos do Sul) e o CELLIP (Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná). Dentro da ANPOLL há o Grupo de Trabalho (GT) "Línguas Indígenas", o que mais se aproxima de uma associação nacional.

No que se refere a espaços internacionais, menos utilizados devido a dificuldade de apoio institucional, a produção de brasileiros é apresentada na ALFAL (Associação de Lingüística e Filologia da América Latina), que a partir de 1990, por iniciativa de Ataliba Castilho, abriu espaço para as línguas indígenas. Mais raramente ocorre a participação em reuniões da SSILA (Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas), nos Estados Unidos, e outros tipos de eventos neste e outros países.

Um importante espaço tem sido, a partir dos anos 90, as "Jornadas de Lingüística Aborígen", promovido pelo Instituto de Lingüística da Universidade de Buenos Aires, e as "Jornadas de Etnolingüística de la Cuenca del Plata", promovido pela Universidade Nacional de Rosário, Argentina. Uma nova perspectiva abriu-se com o I Congreso de Lenguas Sudamericanas, recentemente realizado na Universidad Ricardo Palma, no Peru.

Os principais veículos utilizados para a publicação de trabalhos no Brasil são os Boletins da ABRALIN, os Anais de Seminários do GEL (Estudos Linguísticos), do CELLIP, do CELSUL e de reuniões da SBPC e ANPOLL; os Cadernos de Estudos Linguísticos, do IEL / Unicamp, aberto à publicação de trabalhos produzidos por pesquisadores de outras instituições; os Boletins do Museu Goeldi e do Museu Nacional, a Revista de Antropologia (USP). Muitos trabalhos são ainda publicados em uma variada gama de edições locais.

Nos últimos dois anos passaram a ser utilizados recursos eletrônicos.

Em 1996, por proposta do congresso "As Línguas Amazônicas na Ciência e nas Sociedades", realizado no Museu Goeldi, foi instituído o Boletim Informativo LINDA (Línguas Indígenas da Amazônia). E em junho de 1998, por proposta do GT "Línguas Indígenas", durante o XIII Congresso Nacional da ANPOLL, realizado na Unicamp, foi criada a lista de discussão LING-AMERINDIA, "que se propõe a ser um forum aberto para a discussão de problemas específicos da fonologia, sintaxe, lexicografia e morfologia das línguas indígenas da América do Sul, e um meio para a divulgação de publicações e outras informações relevantes à comunidade de pesquisadores dedicados ao tema" (Ling-Amerindia / Introdução⁹).

3. Avaliação / Perspectivas

A área de Lingüística Indígena tardou a se constituir no Brasil. Além da imagem projetada pela atuação do SIL e de alguns fatores já apontados no presente trabalho, há outras causas para o atraso, entre elas a ausência de apoio oficial; o preconceito, durante muitas décadas, de que o estudo das línguas indígenas seria irrelevante para fins pedagógicos; o sedentarismo e às vezes oficialismo de nossos linguistas; a excessiva disposição de nossos linguistas para discutir os problemas metodológicos e para incorporar modas exportadas pelo "primeiro mundo"; a falta de reconhecimento da importância que têm (ou podem ter) as línguas não indoeuropéias na formação do linguista e na construção da(s) teoria(s).

No que pesem as dificuldades, a Lingüística Indígena experimentou um grande desenvolvimento no Brasil nos últimos 20 anos. Houve um aumento quantitativo e qualitativo na produção acadêmica relacionada às línguas indígenas e na formação de pesquisadores para o trabalho de investigação dessas línguas, e cresceu consideravelmente o número de línguas estudadas em maior ou menor grau.

Constituiu-se dentro da Lingüística Brasileira um grupo de pesquisadores que se identificam e são reconhecidos como um grupo específico, voltado para um objeto próprio de investigação, mas que está em processo de alcançar uma plena integração interna, e também externa, em relação à comunidade acadêmica em geral. O grupo é relativamente pouco numeroso em comparação aos de outras sub-áreas, o que está aquém das necessidades colocadas por seu objeto de estudo - as línguas indígenas brasileiras, numerosas e diversificadas. Entretanto, nisto o Brasil não constitui exceção: também em outros países os lingüistas que se dedicam ao estudo de línguas indígenas em

geral constituem uma minoria.

Nos anos 90 surgiram tendências que apontam para mudanças importantes. Se antes, via de regra, cada língua era objeto de pesquisa de um único lingüista, hoje há muitas línguas que são estudadas por vários pesquisadores. Observa-se também a tendência para projetos coletivos, por vezes envolvendo pesquisadores de distintas instituições. Ao lado de projetos de investigação de línguas individuais, têm surgido outros que se propõem a investigar um mesmo fenômeno em diferentes línguas, que abordam fenômenos de diferentes línguas sob um determinado prisma teórico, que procuram focalizar grupos de línguas geneticamente aparentadas, ou ainda línguas de uma mesma área geográfica, através de uma mesma abordagem teórica.

No que respeita à questão do "isolamento" interno e externo dos lingüistas da área, a tendência tem sido no sentido de seu equacionamento. Cresceu a participação em encontros científicos no Brasil e no exterior, e também o número de publicações, o que tem contribuído para aumentar a comunicação dentro do grupo e entre os membros deste e seus pares em outros países, principalmente a América Latina.

Com relação a perspectivas futuras, em nossa opinião algumas ações se fazem necessárias tendo em vista a consolidação e o crescimento da área, citando-se entre elas:

1. a constituição de um banco de dados, com a reunião, sistematização e mapeamento dos materiais de diferentes tipos existentes (publicados ou manuscritos, corpora de dados gravados ou transcritos, brutos ou semi-elaborados), bem como de pesquisas feitas ou em andamento sobre as línguas indígenas;
2. a definição de normas que garantam aos pesquisadores o reconhecimento quanto aos direitos autorais em qualquer tipo de trabalho, de modo a serem encorajados a divulgá-los ou a fornecê-los para o banco de dados;
3. possibilitar o acesso, por parte dos pesquisadores em geral, ao banco de dados, sem o que o mesmo não terá a validade pretendida;
4. promover a discussão dos problemas e necessidades da área, a busca coletiva de soluções e a definição de uma política de desenvolvimento da área.
5. buscar o apoio institucional por parte do governo, agências de fomento e

outras organizações;

6. promover reuniões, envolvendo pesquisadores de diferentes instituições e de diferentes abordagens teóricas, especificamente voltadas para a discussão dos referenciais teóricos e metodológicos, buscando encontrar meios de administrar as diferenças, não no sentido de homogeneização, mas de possibilitar a convivência e cooperação tendo em vista um objeto comum - a investigação das línguas indígenas, sem prejuízo da qualidade.

A implementação das medidas acima aponta para a necessidade de criação de um centro nacional especificamente dedicado às línguas indígenas, e acreditamos que o GT "Línguas Indígenas" da ANPOLL e a lista de discussão LING-AMERINDIA podem se constituir em um locus importante para promover o encaminhamento dessa e outras ações.

Entretanto, desde logo algumas medidas podem ser adotadas. Do quadro delineado sobre a situação da área de Linguística Indígena no Brasil, salta à vista a necessidade da criação de uma revista dedicada às línguas indígenas brasileiras, o que está sendo implementado, na Unicamp, pela autora do presente trabalho. Uma outra medida, que poderia ser encaminhada pelo GT "Línguas Indígenas", seria o estímulo à elaboração de resenhas críticas da produção lingüística de outras áreas, demonstrando a importância dos dados de línguas indígenas para o tratamento de questões neles abordadas.

Quanto às tarefas da Lingüística Indígena no Brasil, hoje, uma prioridade, a nosso ver, é a elaboração de descrições de boa qualidade, com terminologia acessível a estudiosos não familiarizados com abordagens teóricas particulares, bem como a reunião e sistematização de dados confiáveis e abrangentes das línguas indígenas. Ao mesmo tempo em que isto representará uma contribuição para a Lingüística, permitirá também atender, em parte, a demanda, das comunidades indígenas, quanto à documentação de suas línguas e culturas. Por outro lado, há também necessidade de um trabalho voltado para o tratamento de fenômenos dessas línguas sob o ponto de vista de construção de teorias. Em ambos os casos, o trabalho poderá contribuir para tornar essas línguas "visíveis" ao meio científico. Uma outra tarefa dos linguistas conscientes de sua responsabilidade social é auxiliar as comunidades indígenas na luta pela manutenção de suas línguas e suas culturas. Um papel importante tem aqui, a nosso ver, o envolvimento de falantes na investigação de suas línguas e a necessária capacitação dos mesmos para este trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, M. C. F. S. (1994) Trinta anos de Lingüística Brasileira e Auto-afirmação Profissional". *D.E.L.T.A.*, **10.2**: 389-408.
- ALTMAN, M. C. F. S. (1998) A pesquisa Lingüística no Brasil (1968-1988). São Paulo: Humanitas.
- AYROSA, P. (1954) Apontamentos para a Bibliografia da Língua tupi-guarani. (2ª ed.). São Paulo:USP.
- BARROS, M. C. D. M. 1993. Lingüística Missionária: Summer Institute of Linguistics. Tese de Doutorado, Campinas: IFICH / Unicamp.
- CARSON, M. N. (1984) Problemas de Análise Lingüística em Línguas Indígenas Brasileiras. *Boletim da ABRALIN*, **6**:131-138.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (1981) Deve o Summer permanecer no Brasil?. *Religião e Sociedade*, **7**: 66-67. São Paulo:Cortez.
- CASTILHO, A. T. de & M. C. F. S. ALTMAN (1994) Para a História da Associação Brasileira de Lingüística. *Boletim da ABRALIN*, **16**: 21-37. Salvador:UFBA.
- FRANÇA, M. C. et alii (1995) Mapeamento Historiográfico da Produção Lingüística nos 25 anos do GEL. *Estudos Linguísticos*, XXIV. Anais de Seminários do GEL. São Paulo: IEL / Unicamp: 50-57.
- FRANCHETO, B. & Y. F. LEITE (1983) A Concepção dos Lingüistas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, **4**. Márcio Silva (org.). Campinas:Unicamp/Funcamp:15-20.
- JUNQUEIRA, C.; M. LEONEL; B. MINDLIN & R. GAMBINI (1984) Estudo de Línguas Indígenas: Perspectiva Antropológica. *Boletim da ABRALIN*, **6**:127-130.
- LEITE, Y. F. (1981) O Summer Institute of Linguistics: Estratégias e Ação no Brasil. *Religião e Sociedade*, **7**. São Paulo:Cortez: 60-64.
- MATTOSO CÂMARA Jr. J. (1963) Comentário ao Relatório (parte geral) do Professor Aryon Dall'Igna Rodrigues". In: RODRIGUES, 1963.
- MATTOSO CÂMARA Jr. J. (1965) *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro:Livraria Acadêmica.
- MOORE, D. & L. STORTO (1991) Lingüística Indígena no Brasil. Ms.
- MORI, A. C. (1998) Resumos das Dissertações e Teses sobre Línguas Indígenas apresentadas no IEL - Unicamp (1977- 1998). Divulg. pela LING-AMERINDIA.
- MUSEU NACIONAL - Publicação Avulsa 49. 1965. O Setor Linguístico do Museu Nacional (organização e objetivos). Rio de Janeiro:UFRJ.
- NICHOLS, J. & A. WOODBURY (eds.) (1985) *Grammar inside and outside the clause. Some approaches to theory from the field*. Cambridge:Cambridge University Press.
- OTTICICA, J. (1933) Do Método de Estudos das Línguas Sul-Americanos. *Boletim*

- do Museu Nacional*, 9. Rio de Janeiro: Museu Nacional:41-81.
- RODRIGUES, A. D. (1963) Os Estudos de Lingüística Indígena no Brasil. *Revista de Antropologia*, separata do vol.XI, n.º ½. São Paulo.
- _____ (1966) Tarefas da Lingüística no Brasil. *Estudos Linguísticos* -Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada vol. 1, n.º 1. São Paulo: Centro de Lingüística Aplicada: 4-15.
- _____ (1985) The Present State of the Study of Brazilian Indian Languages. In: H. M. KLEIN & L. STARK (eds.) *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Austin: University of Texas Press.
- _____ (1988) A Lingüística na Universidade Brasileira antes de 1964. *Boletim da ABRALIN*, 9: 57-61.
- _____ (1990) You and I = Neither You nor I: the personal system of Tupinamba (Tupi-Guarani). In: D.L.Payne (org.) *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Texas: University of Texas Press.
- _____ (1991) Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras (CNPq/FINEP). Relatório sucinto das atividades estimuladas e apoiadas em 1990 e previsões para 1991.
- _____ (1993) Línguas Indígenas:500 anos de Descobertas e Perdas. *D.E.L.T.A.*, 9.1: 83-103.
- _____ (1998) O Conceito de Língua Indígena no Brasil, I: os Primeiros Cem Anos (1550-1650) na Costa Leste. *Línguas: Instrumentos Linguísticos*. Campinas: Pontes: 59-78. (1998) O Conceito de Língua Indígena no Brasil, I: os Primeiros Cem Anos (1550-1650) na Costa Leste. *Línguas: Instrumentos Linguísticos*. Campinas: Pontes: 59-78.
- RODRIGUES, A. D. et alii (1997) Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras (CNPq/FINEP).
- SEKI, L. (1991) Perspectivas para os estudos linguísticos no Brasil. *Boletim da ABRALIN*, 12. Campinas: IEL/Unicamp: 7-24.
- SEKI, L. Os Krenak (Botocudo/Borum and their Language. In: *Actas del Primer Congreso de Lenguas Sudamericanas*. Lima:Universidad Ricardo Palma.(A sair)
- SIL - Studies in Languages of Brazil. Technical Publications (site Internet).
- SIL - Relatório de Atividades:out. de 1990 a set. de 1991.

**UMA HISTÓRIA DE DELIMITAÇÕES TEÓRICAS: TRINTA ANOS DE
SEMÂNTICA NO BRASIL***

(Theoretical Outlines: A History of Thirty Years of Semantics in Brazil)

Roberta PIRES DE OLIVEIRA (*Universidade Federal de Santa Catarina*)

ABSTRACT: A map of the state of the art in semantics during the last third years of linguistics in Brazil is presented in the first section. Two case studies, then, are analysed: the debate argumentative semantics and formal semantics, and the debate formal semantics and cognitive semantics. Our analysis shows that an effective strategy for theoretical autonomy is that of declaring war to the dominant model. We do not subscribe to the war metaphor as an explanation to knowledge, however. Our paper finishes with some words on epistemology.

PALAVRAS-CHAVES: Epistemologia; Semântica; Modelos.

KEY WORDS: Epistemology; Semantics; Models.

O ano de 1968, fundação da Abralín, marca a instituição da Lingüística no Brasil.¹ Data, até certo ponto aleatória, como afirma Altman (1998), limita no tempo e no espaço nossa reflexão sobre o estudo do significado. Pode-se percorrer esses limites seguindo caminhos que não levam necessariamente à mesma chegada. Uma análise quantitativa, um percurso possível, cujo objetivo fosse investigar exaustivamente os trabalhos produzidos na área, e, de posse desses dados, traçar um mapa dos modelos, poderia fazer chegar a um resultado completamente distinto do nosso. Infelizmente, não há pesquisas sobre a semântica no Brasil, nem para desmentir nem para corroborar nosso estudo, que adota uma posição mais interpretativa, um olhar próximo daquele do epistemólogo. Se a história da semântica no Brasil permanece terreno inexplorado, sua análise de um ponto de vista epistemológico é frágil, porque ela se sustenta em dados históricos.

* Agradeço a todos que enviaram informações sobre a pesquisa semântica no Brasil. Ao professor Jürgen Heye, o envio da bibliografia; aos professores Edair Gorsky e Roberto Camacho, os esclarecimentos sobre semântica funcional; aos professores Leonor Scliar Cabral e Paulino Vandressen, seus depoimentos; a Maria Cristina Figueiredo Silva, a leitura de uma versão preliminar; ao professor Rodolfo Ilari, tudo que já foi agradecido e muito mais.

¹ Sobre a data da institucionalização da Lingüística no Brasil ver Altman (1998).

² Restringimos nossa pesquisa às teses produzidas em: Unicamp, USP, PUCRS, PUCSP, UFSC, UFPr, UFRS. (*cont.*)

É por esta razão que realizamos um breve levantamento da produção acadêmica em semântica. Rastreamento parcial, que se ancora em dados retirados dos seguintes registros: teses publicadas – infelizmente nem todas as bibliotecas das universidades brasileiras dispõem de dados em rede² -; artigos e debates publicados em revistas especializadas – aquelas poucas, infelizmente mais uma vez, disponíveis; grupos de estudos e pesquisadores cadastrados nas entidades de pesquisa; e alguns poucos depoimentos pessoais.³ Nossa panorâmica é, portanto, impressionista.

Nosso artigo visa sobretudo a responder às questões: “que modelos semânticos foram e estão sendo adotados pelos semanticistas brasileiros?” e “como ocorreram, no tempo, essas delimitações teóricas?”. O quadro resposta à primeira pergunta sugere, como o leitor verá, uma pluralidade crescente de modos de descrever o significado; pluralidade que repercute e explica as diferentes formas de relação que cada modelo estabelece com outras disciplinas da lingüística, em especial com a sintaxe e a análise textual-discursiva, e, ao mesmo tempo, com outras áreas do conhecimento para além da lingüística: a filosofia da linguagem, as ciências do computação, as teorias de ideologia, a psicanálise, entre outras. A primeira seção deste artigo fotografa a pluralidade de modelos através da explicitação do quadro do estado da arte da disciplina, sem almejar uma reconstituição da história de como as diferentes orientações ganham uma face.

A segunda questão, que nos interessa mais de perto, procura descrever o processo do qual resultou a pluralidade de modelos a partir da análise de dois casos: o debate semântica formal e a argumentativa; e semântica formal e a cognitiva. É esse o tópico da segunda seção. Mostraremos que uma estratégia de delimitação é atribuir a outro modelo o lugar de inimigo ou teoria a ser derrotada. Mostrar a presença dessa estratégia não é aceitar que o conhecimento científico se constrói na guerra. Antes, a metáfora que construiremos, porque acreditamos ser a mais adequada e com maior poder explicativo, será a de que o conhecimento científico se constrói na conversa; ele é uma interlocução sem fim. Na terceira parte propomos uma rápida excursão

(cont.)³ Nossa análise baseou-se nas seguintes referências: Altman (1998), Marcuschi (1998), Banco de Dados de teses do CNPq, Banco de Dados CAPES, Banco de Dados de Grupos de Estudo do CNPq, artigos publicados em: *RBL* (Revista Brasileira de Linguística - São Paulo), *D.E.L.T.A.*, *CEL* (Cadernos de Estudos Linguísticos, Unicamp), *Anais do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*, *GEL*, *ALFA*, *Letras* (PUCCAMP), *Estudos* (Universidade Federal da Bahia, Salvador), *Letras de hoje* (Porto Alegre), *Revista Letras* (Universidade Federal do Paraná).

em epistemologia da lingüística a partir da questão sobre a proliferação de modelos numa disciplina. Cumpre dizer que, ao longo deste artigo, o termo 'modelo' é usado de maneira quase informal, como sinônimo de orientação teórica.

1. Um quadro de semânticas

É, segundo Altman (1998), na década de 70 que surgem os primeiros artigos em sintaxe/semântica. Evidentemente, a reflexão sobre o significado é antiga; a filologia já pesquisava o léxico. O que a década de 70 conhece é a reflexão sobre o significado no âmbito da disciplina semântica na ciência lingüística. Citamos a filologia porque ela teve um papel na definição da semiótica, o modelo estrutural que se contrapôs a ela. Além disso, a pesquisa filológica permanece; uma indicação de que o modelo kuhniiano de substituição de paradigmas pode não estar correto. Parece não haver uma substituição da filologia pela lingüística, mas antes uma espécie de unificação, já que podemos considerar hoje em dia a filologia como parte da lingüística. A pesquisa de Evanildo C. Bechara, que, no *Quem é quem da Lingüística*, a descreve pelos termos semântica e lexicologia e aponta como projeto "As fases históricas da língua portuguesa", parece ser representativa da unificação.⁴

Poder-se-ia argumentar que a filologia, assim como a lexicografia, constituem disciplinas independentes; nesse caso, seu estudo estaria fora do âmbito deste artigo. Nada diremos sobre a filologia, mas a lexicologia pode nos ser útil. Pesquisas em bancos de dados revelam que lexicógrafos em geral fazem referência à semântica e à morfologia. A lexicologia estaria, pois, ocupando um entre-lugar. Não nos parece, entretanto, disparatado tratar a lexicologia na semântica, porque, em primeiro lugar, lexicógrafos arrolam a semântica como um definidor de sua pesquisa e alguns mencionam apenas a semântica - pesquisas de orientação estrutural muitas vezes não mencionam a morfologia. Em segundo, as formas de abordagem do léxico se conformam às mesmas tendências teóricas presentes na semântica. A pesquisa de Basílio (1998) é exemplar: ela se situa entre a morfologia e a semântica, embora tenda claramente para a morfologia, e adota o quadro da Gramática Gerativa que, como veremos, é um dos tantos suportes teóricos da semântica. Propomos deixar a lexicografia em suspenso e utilizá-la para verificar a plausibilidade de nosso quadro do estado da arte em semântica.

⁴ Quando citamos sem referência específica, estamos baseando nossa análise em bancos de dados.

Iniciamos o quadro do estado da arte em semântica pelo trabalho historiográfico de Altman (1998). A autora classifica os artigos em revistas especializadas em dois grupos segundo o parâmetro da unidade lingüística: um grupo de descrições cujo objeto é a sentença e suas partes constituintes; outro, em que a unidade será o texto e o discurso. Estudos sentenciais se classificam, ainda de acordo com a autora, em três sub-grupos: os fonético/fonológicos, os morfológico/lexicológicos e os sintático/semânticos. Para a autora, a lexicologia se agrega à morfologia. Sua classificação, entretanto, não faz jus ao trabalho de Ilari (1986a), por exemplo, que é classificado como morfológico/lexicográfico, embora analise os verbos delocutivos, uma questão propriamente semântica. Artigos em sintaxe/semântica datam do início dos anos 70, ao passo que os extra-sentenciais datam do final dos anos 70. O estudo da palavra antecede, pois, o estudo da sentença que precede historicamente aquele que atenta para unidades maiores. Não há nada de surpreendente nesse movimento, porque ele repete, por um lado, a bastante difundida metáfora de que o conhecimento vai de unidades menores às maiores e, por outro, a seqüência de níveis de análise lingüística tal qual estabelecida pelo Estruturalismo; que é, então, incorporada como natural.

A classificação por unidade serve a certos objetivos, mas é insuficiente para outros. Se nossa meta é desenhar o percurso das correntes teóricas na semântica, essa classificação deixa a desejar. Em primeiro lugar, porque a semântica não se define necessariamente por sua unidade de análise, a sentença ou o texto; e, no momento atual, esse critério não serve nem mesmo para distinguir modelos. Embora seja senso-comum na lingüística a associação entre semântica formal e sentença, trabalhos como o de Kamp e Reyle (1993) mostram que a análise formal pode tomar o texto/discurso como unidade. Não há, pois, relação intrínseca entre unidade lingüística e modelo semântico. O artigo de Guimarães (1985), por exemplo, apresenta uma descrição do operador *não só...mas também* no português brasileiro, tomando como unidade de análise os encadeamentos argumentativos, ou seja, o texto/discurso em que o operador ocorre. Tanto é que Altman o inclui no grupo das análises extra-sentenciais. Trata-se, no entanto, de um trabalho em semântica quer porque seu objeto de estudos é o significado de expressões lingüísticas, quer porque o próprio autor se define como fazendo semântica. “Antes de abordar o que mais de perto nos interessa, ou seja, os aspectos *semântico*-discursivos relativos ao uso de *não só...mas também (...)*” (1985:81, grifo meu). Guimarães (1985), independente da unidade de análise, é, veremos, um artigo em semântica argumentativa.

Em segundo lugar, se a associação sintaxe/semântica certamente dá conta de um certo número de trabalhos, há tanto trabalhos em sintaxe que não fazem referência explícita à semântica, quanto trabalhos em semântica que nada dizem sobre sintaxe; a descrição dos progressivos realizada por Ilari e Mantonelli (1983) é um exemplo deste último caso. Assim, se nossa meta é delinear orientações teóricas, é preciso observar esse aspecto; quando assim o fazemos, notamos que, mesmo nos vinte primeiros anos de lingüística brasileira, já há várias semânticas. De Oliveira (1978), por exemplo, trata do sintagma nominal complexo dentro de uma abordagem gerativa, ao passo que Salomão (1978) critica a abordagem formal, apontando para a impossibilidade, presumida por Katz e Fodor (1963), de a semântica descrever o significado independente do contexto. Seu artigo pretende mostrar que uma análise que abrisse mão da distinção semântica/pragmática, sem, contudo, assumir a abordagem argumentativa, que a autora também mostra ser insuficiente, seria a melhor. Sua conclusão direciona para a funcionalista como a melhor solução teórica.

A semântica não era uma já nos primeiros anos de Lingüística no Brasil (talvez nunca tenha sido uma) e os semanticistas sabiam disto, e Salomão (1978) o comprova. Altman (1998) menciona três vertentes teóricas na semântica: a semiótica, cuja base teórica são a semântica analítica de Pottier, que no Brasil foi desenvolvida por Cidmar Pais, e a semântica estrutural de influência de Greimas, cujo representante brasileiro foi Ignácio Assis Silva; a semântica argumentativa, que a autora associa a Carlos Vogt, “Vogt seguiu cursos de Ducrot e desses primeiros contatos resultaram as futuras visitas de Ducrot à Unicamp, onde ministrou vários cursos de Lógica e Semântica Argumentativa” (1998: 157); e a semântica formal ou lingüística, de “vocação científica” (1998: 226), que se deu “em torno das proposições de Chomsky, Katz e Fodor, Lakoff e Jackendoff” (1998: 204). Mesmo que o foco da atenção não sejam os modelos teóricos, porque o interesse é a reconstrução da história da lingüística enquanto instituição, a descrição dos vinte primeiros anos deixa transparecer a pluralidade na semântica, independente da unidade lingüística adotada.

Essa pluralidade pode ser melhor entendida e sua história descrita com mais exatidão se for ela o objeto de estudos. Diversos métodos podem ser utilizados para identificarmos modelos e para refazermos a história de sua constituição. Podemos, por exemplo, nos concentrar nas direções teóricas explicitadas pelos autores quando do preenchimento de relatórios, de fichas

⁵ Evidentemente, Altman se refere ao funcionalismo, só não o faz com relação à semântica.

para bancos de dados; podemos examinar o material publicado em revistas especializadas, tendo como foco de atenção as delimitações teóricas propostas nos artigos; podemos nos deter no exame dos debates acadêmicos, momento em que se explicitam posições teóricas; finalmente, podemos recorrer a depoimentos pessoais. São essas as estratégias que norteiam este artigo. O primeiro método não pode ser aplicado ao período de 68 a 88 por falta de dados.

Uma retrospectiva dos artigos, debates e teses dos primeiros vinte anos de semântica mostra que as tendências delineadas por Altman são orientações teóricas que nortearam a análise do significado. Antes, porém, de enfrentar a questão de como se deram estas delimitações, é preciso acrescentar que há pelo menos uma orientação que não é explicitamente mencionada por Altman, ao menos enquanto tendência de análise semântica, mas que, assim nos parece, está presente desde a fundação da lingüística. Trata-se do que chamaremos de abordagem funcional do significado.⁵ Na década de 70 já é clara a sua presença na lingüística nacional. Assim atestam os trabalhos de Biderman (1972/73) e Salomão (1978). Biderman (1972/73) analisa os usos históricos dos pronomes de tratamento e os relaciona com suas diferentes funções sociais; realizando uma descrição do “significado social dos pronomes” (Biderman, 1972/73: 339). Não há referência a relações estruturais, que caracterizam a abordagem formal, já presente no artigo de Kato (1976). Salomão (1978), como dissemos, aposta na orientação funcional. Se é assim, parece-nos justificado afirmar a existência de uma abordagem funcional do significado. Enquanto grande moldura teórica ela congrega o trabalho de Machado Paes de Barros (1985), e, hoje em dia, os trabalhos de Valéria Coelho Chiavegatto, de Camacho e Pezatti (1996), Maria Helena Moura Neves, entre outros autores.

A tendência funcional não é explicitamente mencionada, porque, acreditamos, foi ao longo desse período que se instalou a oposição formal versus funcional; não havia inicialmente confronto explícito entre eles. Suas diferenças eram mais facilmente percebidas como complementares. Na década de 80, a oposição estará institucionalizada na contraposição entre a semântica cognitiva e a formal, que é concebida por aquela como o inimigo a ser derrotado. Uma segunda razão deve-se ao fato de que, se hoje em dia, a semântica cognitiva é um modelo funcional de análise do significado, não é possível afirmar que houvesse, na década de 70, uma semântica funcional; não havia, então, e mesmo hoje parece ser essa a situação em certos círculos, um modelo semântico funcional. Havia uma maneira funcional de descrever o significado. Daí a afirmação da professora Edair Gorski, em depoimento, de que a semântica funcional se caracteriza negativamente: “ela não é nem semântica formal, nem argumentativa, nem semiótica”.

A década de 70 conheceu, no Brasil, quatro tendências teóricas: a semiótica, cuja inauguração pode ser identificada com a publicação do artigo de Pais em 1974; a semântica formal, que surge fortemente ligada à abordagem gerativa/formal, mas que tem autonomia garantida pelos estudos lógico-filosóficos – a tese de Kato (defendida na PUCSP em 1972, publicada em 1974) sobre o artigo definido exemplifica a presença da tradição lógico-filosófica; a semântica argumentativa, cujo momento fundador é a publicação da tese de Carlos Vogt em 1977; e a abordagem funcional ainda não claramente um modelo semântico, mas uma maneira de descrever o significado, difusamente presente na lingüística.

	1968	1974	1977
Filologia Lexicografia	Fundação da Lingüística		
		Semiótica	
			Semântica argumentativa
		Semântica formal	
		Funcionalismo	

Tabela 1: Os Primeiros Vinte Anos de Semânticas no Brasil

A semiótica é a que primeiro se define porque seu estabelecimento é concomitante à instituição da própria lingüística em sua oposição à filologia: a semiótica é o estruturalismo “científico” que bate de frente com a análise filológica, então concebida como fora dos padrões científicos. Sua luta por autonomia vai se acentuar, na década de 80, pois caminhará na direção de se afirmar como uma disciplina mais geral do que a lingüística; ela não se confrontará, pois, com outros modelos de descrição do significado, mas com a lingüística. Por isso a excluímos de nossa análise. Como veremos, a semântica argumentativa nasce da crítica da semântica formal. Ducrot (1972), discutindo sobre pressuposições, contrapõe-se à análise lógico-formal, que tinha então uma história de descrições do significado bastante robusta. Basta lembrar as contribuições de Frege, Russell, Strawson, Donnellan.

No Brasil, os primeiros artigos em semântica de orientação formal datam da década de 70, com a introdução do gerativismo, mas havia também trabalhos de orientação lógico-formais que não se filiavam ao gerativismo chomskiano. A semântica formal floresce com o crescimento do gerativismo e por suas próprias pernas, repetindo um movimento internacional – a análise formal do significado nas línguas naturais nasce sob a influência da tese de Chomsky de que as línguas naturais podem ser descritas como sistemas formais, mas, graças à própria tradição lógico-filosófica descendente de Gottlob Frege, e

que conta entre tantos outros com o trabalho de Richard Montague, ela ganha autonomia da sintaxe chomskiana. Nos primeiros anos, não havia oposição forma e função. É apenas paulatinamente que a leitura de oposição se legitima. A introdução da sociolinguística - que vem substituir a dialetologia - e o fim da semântica gerativa, que tem como um de seus efeitos o surgimento da semântica cognitiva, estão na base da leitura de confronto que oporá a abordagem formal e uma certa vertente funcional, em especial a semântica cognitiva.

Se observarmos os pesquisadores presentes no *Quem é quem na Pesquisa em Letras e Linguística no Brasil*, selecionados a partir do descritor 'semântica', e os grupos de pesquisas cadastrados juntos ao CNPq, também selecionados a partir da palavra-chave 'semântica', e os adotarmos como índices das orientações teóricas contemporâneas, verificamos que a década de 90 conhece essas quatro grandes vertentes de análise do significado: a semiótica, a argumentativa, a formal e a funcional. E, mais, as conhece agora de maneira distinta, cada uma constituindo um modelo à parte. A tendência à definição teórica pode ser verificada pelo fato de que uma boa parte dos pesquisadores contemporâneos procuram, nas palavras-chaves ou nos definidores, explicitar a linha teórica em que sua pesquisa se enquadra. O quadro atual da semântica no Brasil parece ser o seguinte:

Década de 80 a 90

<i>Semiótica</i>	<i>semântica argumentativa</i>	<i>semântica formal</i>	<i>funcionalismo</i>
estrutural		extensional	semântica cognitiva
pragmática		intensional	funcional

Tabela 2: O Quadro Atual de Semânticas no Brasil

Vamos exemplificar este quadro com dados retirados do *Quem é quem*. A pesquisa de Hardarik Blühdorn é em semiótica; o autor explicita sua posição teórica nas linhas de pesquisa ao se filiar à semiótica geral. José Borges Neto e Ana Lúcia de P. Müller representam a vertente formal, e nos seus descritores encontramos a palavra 'lógica'; Eduardo R. Guimarães e Mônica Zoppi-Fontana incluem nos descritores o termo 'enunciação', o que os filia à semântica argumentativa; finalmente, Valéria Coelho Chiavegatto e Margarida Salomão explicitamente colocam-se como funcionalistas e se filiam à semântica cognitiva. Uma inspeção dos catálogos das teses produzidas durante estes últimos dez anos confirma a presença desses quatro modelos.

Incluimos a semiótica porque seus adeptos definem suas pesquisas pelo termo ‘semântica’, mas Altman parece estar correta ao afirmar sua autonomia da lingüística. Desses modelos, a semântica argumentativa é a única sem divisões internas. Os demais se esfacelam em várias tendências. A semiótica pode ser mais estrutural ou mais pragmática. A semântica formal se multiplica em orientações tão diversas quanto a semântica extensional e a intensional. O funcionalismo conhece pelo menos uma polarização entre versões mais fortes, em que a sintaxe simplesmente não tem lugar - a tendência da semântica cognitiva -, e versões mais fracas, em que se pode falar que um condicionamento mútuo entre as diferentes instâncias.

Retornemos às pesquisas lexicográficas para nos certificarmos de que são estas as orientações que as respaldam. Embora não tenhamos encontrado grupos de pesquisa em lexicografia que se filiassem explicitamente à orientação argumentativa, as teses produzidas neste modelo são análises lexicográficas. O trabalho de Ducrot e Vogt (1980) sobre os dois tipos de *mas*, mas_{SN} e mas_{PA} , as teses de Zamboni sobre a palavra *ainda* e de Tafarello sobre a palavra *mesmo* atestam esta vertente lexicográfica da semântica argumentativa.⁶ Já dissemos que o trabalho de Margarida Basílio se conforma à abordagem formal/gerativa. Os trabalhos sobre toponímia adotam como referencial teórico a semiótica-estrutural e buscam descrever o vocabulário de um certo domínio lingüístico, seguindo portanto a abordagem estrutural. Esta parece ser a orientação teórica que pauta a pesquisa de Maria Antonieta Carbonari de Almeida - veja, por exemplo, seu artigo “O vocabulário da moda” (1993). Maria Lúcia Leitão de Almeida inclui nos descritores os termos “morfosintaxe”, “semântica” e “funcionalismo” e nas linhas de pesquisa, “teoria lexical”, de onde podemos inferir que seu projeto de pesquisa trata do léxico a partir do arsenal teórico funcionalista. Além disso, a autora vem desenvolvendo um projeto sobre *hedges* que se situa numa orientação claramente cognitivista. Confirmam-se, portanto, as mesmas tendências da semântica.

As análises computacionais do léxico tampouco constituem orientações distintas, embora uma de suas especificidades seja, talvez devido à necessidade prática de implementação, misturar modelos. Dallari (1998), ao tratar da descrição computacional do léxico, identifica duas vertentes teóricas. Uma delas toma o léxico como um módulo isolado, em franca consonância com o modelo gerativo; a outra descreve o léxico como parte de um processo global de interpretação. Trata-se, neste caso, de uma abordagem de cunho

⁶ Zamboni, Lilian M.S. Análise Semântica da palavra *ainda*, Unicamp, 1978. Tafarello, Maria Cristina M. *Mesmo*: uma proposta de análise dentro da teoria semântica argumentativa, Unicamp, 1979.

funcionalista/conexionista. Embora Dallari não as mencione, encontramos, principalmente no banco de dados do CNPq, análises computacionais que se definem como semióticas. De modo que pesquisas em lexicologia computacional desenham o mesmo quadro da semântica.

2. Exercícios em Epistemologia

Supondo que os quadros apresentados reflitam momentos da semântica no Brasil, colocam-se as seguintes questões: como ocorreu esse processo de delimitação teórica, e em que medida essas delimitações devem ser entendidas como “oposições” ou, para chegar ao mesmo, em que medida elas não são compatíveis. Responderemos primeiramente ao problema da constituição dos modelos, sem nos preocupar em descrever suas especificidades teóricas. O problema da compatibilidade será o tópico da última seção. Vale ressaltar, mais uma vez, que propomos uma reconstituição bastante impressionista da história recente da semântica no Brasil e, enfatizemos novamente, são necessários mais estudos.

2.1 A semiótica

A semiótica, como dissemos, foi a que primeiro se definiu teoricamente, devido à sua forte tradição estruturalista. Isto porque foi o estruturalismo que funcionou como elemento fundador da lingüística na diferença com a filologia. Assim, a semiótica marca a sua presença de carona com o estabelecimento da lingüística estrutural, vista, então, como a única alternativa científica de descrição da linguagem. Sua filiação ao estruturalismo, claramente presente na sua produção – ver em especial o trabalho de Barbosa (1976) -, e seu embate com a filologia fazem com que a semiótica não vá figurar nas disputas entre modelos em semântica. Além disso sua consolidação segue caminho muito distinto porque vai se marcar pela busca de autonomia com relação à lingüística. “A semiótica formou, a partir dos anos oitenta, grupos de especialidade à parte, clamando por especificidade teórica e metodológica em relação à Lingüística e criando suas próprias instituições: periódicos, núcleos de estudo regionais e supra-regionais, e uma associação científica de caráter nacional: a *Associação Brasileira de Semiótica (ABS)*.” (Altman, 1998: 292).

Se de fato há um movimento de autonomia da semiótica com relação à lingüística, ele está ainda em andamento, porque é inegável a sua presença na lingüística - os catálogos de publicação dos últimos encontros do GEL, o catálogo recente do II Congresso da Abralin atestam a participação dos semióticos na lingüística brasileira, os bancos de dados da lingüística assim

atestam.⁷ Não há dúvidas, entretanto, de que a semiótica constitui uma abordagem particular do significado, em especial porque seu objeto de estudos é o signo em geral, independente de sua realização em um dado sistema semiótico; qualquer processo em que haja troca de informação em sentido amplo, inclusive processos de estímulo e resposta em plantas e animais (Pankow 1995), constituem seu objeto de estudos. Um outro fator de diferença com relação à lingüística está no lugar atribuído aos textos literários. Os semioticistas sempre lidaram com a literatura, textos, gêneros e formas literárias, ao passo que a lingüística tem na linguagem ordinária seu foco de atenção. Não investigaremos aqui a relação entre a semiótica e a lingüística, mas acreditamos que suas diferenças foram conceituadas como oposição.

2.2 Casos-Estudo: a constituição de semânticas

A década de 70 viveu, como é opinião de Altman (1998: 280), momento de grande efervescência teórica, que resultou, entre outros efeitos, na prevalência de oposições teóricas entre os modelos. Em contextos de delimitações teóricas, que, enfatizemos, não precisam necessariamente ser conceituadas como “lutas”, os debates têm papel poderoso, porque neles se esclarecem as diferenças. Ruben (1995), a partir da adoção de uma perspectiva epistemológica em que aspectos retóricos e pragmáticos são tomados como constitutivos da ciência, chama a atenção para os debates na história de uma disciplina. “Os debates lingüísticos, afirma Ruben, funcionam como eventos históricos que veiculam a transformação de conhecimento (científico) num senso comum (também científico) que formará a história da lingüística enquanto saber cristalizado” (1995: 156). O conceito mesmo de ‘debate’ acadêmico, mostra-nos Ruben, somente se constitui na prática do debate. Assim, se a ciência se transforma no debate, se é nele que se mostram diferenças teóricas, então é preciso não apenas estudar mais sistematicamente os debates, como o faz Ruben, mas principalmente é preciso estimulá-los; não porque com eles aprendemos a confrontar opiniões e sermos mais democráticos - o que evidentemente é um de seus efeitos positivos -, mas porque, como veremos na próxima seção, é no diálogo que construímos conhecimento.⁸

Não houve muitos debates na semântica brasileira e, até onde sei, eles não foram ainda analisados. Apresento uma análise do debate Guimarães e Ilari, mas já adianto que ele merece um estudo menos superficial. No entanto,

⁷ O professor Ignácio Assis Silva, representante da semiótica e promotor das idéias de Greimas, participou intensamente de vários encontros do GEL.

dados que nosso objetivo é mostrar como ocorrem delimitações teóricas, nossa análise será suficiente. Nosso segundo caso-estudo refere-se à diferença entre as visões formal e funcional; centraremos nossa atenção no surgimento da semântica cognitiva, um dos ramos do funcionalismo. A oposição forma e cognição foi o tópico da discussão que ocorreu durante a sessão “Linguagem e Cognição”, coordenada pelo professor Luiz Antônio Marcuschi, no II Encontro da Abralín. Dela trataremos brevemente.⁹ Concluiremos que uma estratégia recorrente nas delimitações teóricas, presente nestes dois casos-estudos, é a constituição de um modelo-inimigo, em ambos os casos a semântica formal, que deve ser derrotado para o “bem” do conhecimento. O fato de que a reflexão sobre o significado na tradição lógico-formal pode ser importada para a linguagem natural parece constituir a razão pela qual tanto a semântica argumentativa quanto a semântica cognitiva a conceituaram como o inimigo a ser derrotado. Vejamos, pois, como se deu este processo.

2.2.1 Forma e Argumento

Os escritos de Oswald Ducrot (1972, 1995) mostram um percurso de progressivo afastamento da vertente lógico-formal, embora (talvez porque) ela tenha sido seu berço. A análise das pressuposições em Ducrot, por exemplo, parte da análise lógico-formal, cujo ponto de origem situa-se em Frege e sua proposta para a pressuposição de existência. Está aí embutido o debate sobre os limites entre a semântica e a pragmática, que não nos interessará aqui. Viviam-se, então, na década de 70, um momento em que a integração semântica da linguagem natural e análises lógico-formais, inclusive de cunho filosófico, já estava consolidada. Esse amálgama é uma das contribuições dada por Chomsky com a publicação de *Syntactic Structure* (1957): ver a linguagem natural como um objeto formal. Era, pois, previsível que as dissensões se dessem a partir da moldura criada pela análise lógico-formal, pois vários problemas sobre o significado já haviam sido descritos por ela. A semântica argumentativa só pode ser revolucionária, se houver um inimigo, a abordagem formal. É ainda relevante que Ducrot tenha escolhido as pressuposições, porque esse era o tema do momento na lingüística formal. Ele estava sendo então intensamente discutido. Basta lembrar que a publicação de “Fact” de Kiparsky e Kiparsky, texto que inaugura a discussão sobre pressuposição factual, se deu em 1970. Kempson (1975) e Wilson (1975) são alguns expoentes deste movimento.

⁸ A importância do debate na ciência é também defendida no trabalho de Gil (1986).

⁹ Este debate permanecia inédito, quando da escritura deste artigo.

O professor Rodolfo Ilari lembra, em depoimento, que a presença de Ducrot no IEL coincide com a formação de um seminário interdisciplinar, que contou com a participação de filósofos, lógicos – empenhados naquele momento na fundação do Centro de Lógica e Epistemologia, da Unicamp - e lingüistas. Desses seminários, uma iniciativa de Oswald Porchat, participaram além do próprio Porchat, Andrés Raggio, Michel Lahud, Luiz Henrique Lopes dos Santos, Baltasar Barbosa, e vários linguistas do IEL, entre eles Carlos Franchi, Carlos Vogt, Rodolfo Ilari.¹⁰ Os seminários giravam em torno de vários temas relacionados à semântica e à linguagem na tradição lógico-formal; Lahud lançara seu livro sobre os dêiticos e Lopes dos Santos terminava sua tese sobre Frege. Foram nesses seminários que o tema da pressuposição foi discutido e nem todos aderiram às teses de Ducrot.

É nesse contexto que a semântica argumentativa vai se estabelecer. No Brasil, ela ganhará espaço através da crítica à análise que a abordagem formal faz de alguns operadores. Buscava-se mostrar que conjunções como *e*, *mas*, *não só... mas também*, ... não têm o mesmo conteúdo semântico. Não podemos, este era o argumento dos adeptos da semântica argumentativa, substituir *e* por *mas*, como preconiza a semântica formal sem alterarmos o significado das sentenças. Estabelecer estas diferenças de significado pode ser um argumento a favor da abordagem argumentativa, uma vez que ela conseguiria explicar fenômenos que não são abarcados pela teoria em competição; ela teria, portanto, maior abrangência empírica. Se em epistemologia este não é o único critério decisivo para julgarmos que um modelo é melhor que outro – o critério de adequação explicativa (“evite hipóteses *ad hoc*”) é outro parâmetro forte na escolha de modelos em competição -,¹¹ ele tem certamente grande força retórica: quem explica mais, é melhor. Evidentemente, a questão é: será que a teoria rival não consegue mesmo explicar estas diferenças? Ou será que as explica diferentemente? Se o mesmo fenômeno é explicado diferentemente, então vale o critério explicativo.

Não estamos endossando a metáfora bélica quando propomos comparar modelos, afinal pode ser que as diferentes soluções sejam compatíveis, o que levaria a sua unificação. Neste caso, poderíamos aderir à metáfora da cebola descrita por Marcelo Dascal: a semântica formal explicaria até certo ponto - o fato de que os operadores *e*, *mas*, *não só...mas também* constituem uma sentença verdadeira se e somente se suas partes forem verdadeiras -, sendo

¹⁰A forte interdisciplinaridade entre a linguística e filosofia marcou o grupo de linguistas da Unicamp, segundo Altman (1998).

¹¹ Ver Lacey (1998), em especial capítulo III.

complementada pela argumentativa, que descreveria as diferenças entre estes operadores, talvez de maneira próxima à noção de implicatura convencional em Grice.¹² Parece ser a postura de unificação que embasa o artigo de Geraldi, Guimarães e Ilari (1985), “Os operadores de argumentação e o diálogo”, em que se lê: “De Saussure até as orientações chomskianas é sabido que a lingüística moderna, em sua prática efetiva de análise tem abordado unidades cuja complexidade sintática não vai além da frase complexa. Unidades maiores – por exemplo o parágrafo e o texto – têm sido por assim dizer abandonadas a outras disciplinas...”(1985: 143) Não se trata de estabelecer uma oposição com as abordagens sentenciais, mas antes de estender a análise para o texto/ discurso, quiçá complementando-as.

Se até um certo momento, a possibilidade de compatibilizar as abordagens formal e argumentativa estava no horizonte de expectativas de alguns semanticistas, a crítica de Ilari (1987) à análise de Guimarães (1985) sobre o operador *não só...mas também* deixa clara a leitura de ruptura que também estava em processo e que, acreditamos, foi a vencedora. A crítica apareceu na seção “Questões e Problemas” da revista *D.E.L.T.A.*, e mostrava que o efeito de sentido produzido por *não só...mas também* poderia ser descrito a partir dos pressupostos da análise lógico-formal, em especial a partir da propriedade da composicionalidade. No artigo de 1985, Guimarães apontava, reforçando o argumento de Vogt, a inadequação da abordagem lógico-formal, uma vez que ela, ao afirmar a equivalência entre *e* e *não só mas também* não permitia explicitar suas diferenças. “Mas restaria, de qualquer modo, numa abordagem destas (a abordagem lógica), especificar as diferenças entre *e* e *não só...mas também*”. (1985: 84). Em sua explicação, o autor afirma que o efeito de sentido produzido pelo operador não pode ser recuperado via análise da contribuição de cada um de seus elementos. Ele não é, portanto, composicional, uma noção cara à semântica lógico-formal e, sem dúvida, necessária se quisermos explicar com plausibilidade empírica o funcionamento da linguagem.

A solução de Guimarães implica aumentarmos o léxico em pelo menos um item lexical. Esta é, na verdade, uma solução recorrente na semântica argumentativa, que acaba gerando uma explosão do léxico, porque nele se inscrevem os mais diversos usos de um termo. A questão é: é preferível descrever a diferença de sentido produzida pelo uso de *e* e *não só...mas também* como resultado de operadores distintos ou é melhor derivá-la

¹² Para um tratamento do *e* e do *mas* em termos de implicaturas convencionais ver Wilson (1975).

composicionalmente? Para responder a esta questão é preciso distinguir 'componencial' de 'composicional'. Componencial se refere à composição de um item. Menino, por exemplo, se decompõe em humano, não-adulto e masculino. Composicional refere-se ao princípio de composicionalidade que Frege atribui a Leibniz. Trata-se do conceito de função: tome um objeto x opere sobre ele uma função y e gere outro objeto, z . Ilari (1987) mostra que o efeito de sentido produzido pelo operador *não só...mas também* pode ser descrito através de uma análise composicional. Se é assim, então sua solução é melhor porque mais econômica, já que explica o mesmo com menos entidades.

Este ponto, aparentemente sem grande importância, é fundamental, dada a afirmação de Guimarães, que segue aqui os passos de Ducrot, de que "Em princípio deveríamos refutar a possibilidade de uma análise componencial (sic!), pois ela estaria comprometida com a hipótese que considera a linguagem como fundamentalmente informativa" (1985: 96). O "em princípio" do autor trai seu engajamento teórico: a linguagem em princípio é argumentação e não troca de informação. A semântica da argumentação afirma, num movimento retórico de eleger um inimigo, que a semântica lógico-formal estaria intrinsecamente atrelada a uma visão informacional e representacional da linguagem, que, por sua vez, estaria atada à noção de composicionalidade. Há muitos equívocos nessas associações: em primeiro lugar, a análise formal não está atada a teoria de verdade como correspondência. Em segundo lugar, a noção de composicionalidade não está vinculada a uma visão informacional da linguagem. O que se vê em Guimarães e em Ducrot é uma estratégia recorrente nas ciências: constrói-se um inimigo-fantasma, derrotado pela teoria-mocinho. É fácil, no entanto, constatar que a semântica lógico-formal pode casar com as mais diferentes metafísicas, inclusive aquela que acredita, como parece ser o caso da semântica argumentativa, que a referência é uma ilusão criada pela linguagem.¹³

A análise de Ilari não explora, contudo, uma leitura de oposição. Ao contrário, ele utiliza, em sua análise, a descrição do *mas* proposta pela semântica argumentativa; o que nos fala da possibilidade de compatibilizar estas abordagens e da presença, ao menos até certo momento da história da semântica no Brasil, de uma vontade de compatibilização. A conclusão de Ilari aponta, no entanto, para o fim deste projeto: "Se tudo isso for correto (a análise que o autor propõe), composicionalidade e argumentação podem coexistir

¹³ Para uma apresentação de diferentes metafísicas ligadas às lógicas, ver Haack (1978). Seria certamente interessante investigar a relação entre a semântica da argumentação e as teorias neo-positivistas de verdade como coerência.

pacificamente, e fica no ar uma dúvida: é possível que a não-composicionalidade, aparentemente tão crucial para os argumentativistas, não seja uma necessidade teórica ou metodológica, mas apenas um dos tantos ingredientes da auto-representação que sua escola, como qualquer outra, precisa manter ativa para efeito de violações territoriais e contra-insurgência.” (1987: 115). A definição de inimigos é mais um ato político de demarcação territorial (e de verbas, com bem lembra Rajagopalan (1997b) em seu texto sobre a disputa funcionalismo versus formalismo) do que uma questão de incompatibilidade teórica. Instaura-se, pois, uma leitura cisão, maior ou menor dependendo do pesquisador, entre essas abordagens. Assim não é por princípio impossível conciliar forma e argumento; o que parece colocá-los como inimigos é antes a necessidade político-econômica de se definir como um modelo à parte.

Desvencilhando-se da semântica formal, a semântica argumentativa se aproxima da análise textual, da análise de discurso de origem francesa e também de uma certa pragmática. O trabalho de Koch (1993) atesta o vínculo com a Análise Textual, a pesquisa recente de Guimarães com a Análise de Discurso, e o trabalho atual de Ducrot (1995) sobre os Topoi está fortemente ligado a uma certa tradição pragmática, aquela que acredita ser possível calcular as inferências.¹⁴

2.2.2 Forma e Função

É também na década de 70 que a diferença funcionalismo e formalismo será entendida como oposição, não tanto por ela ser teórica ou metodologicamente necessária, mas, antes porque surge a necessidade de se criar um modelo particular de análise e aí uma boa estratégia é erguer inimigos. A relação forma e função não precisa, pois, ser simbolizada como uma relação de oposição, ela também pode ser vista como de complementaridade, embora não tenha sido esta a leitura que se impôs. Há vários indícios de que a própria distinção entre forma e função é recente na lingüística. Nuyts (1995), por exemplo, afirma que o funcionalismo sempre esteve presente nas pesquisas sobre linguagem, ao passo que o formalismo teria surgido com o estruturalismo americano:

“From a historical perspective, functionalism has been around ever since language has been studied in a systematic way, not only in linguistics,

¹⁴ Para Davidson, por exemplo, fenômenos pragmáticos são em princípio imprevisíveis.

but also in language psychology. Formalism, on the other hand, is much more recent, and is characteristic of certain branches of linguistics in particular: it has emerged from the positivist attitude and methodology associated with American structuralism." (1995: 294).

Inegável que sua posição é favorável ao funcionalismo e sua postura é de oposição. Bach (1989) associa a emergência do formalismo à tese de Chomsky de que a linguagem natural se estrutura logicamente; o formalismo na lingüística teria, pois, acontecido a partir de meados da década de 50. É este de fato o marco da transposição da abordagem formal para as línguas naturais. O formalismo, no entanto, está presente na reflexão sobre o significado desde Aristóteles, por causa de sua estreita relação com as estruturas do pensamento. Uma vez que é possível descrever a linguagem natural como uma estrutura lógica - é este, já dissemos, o passo decisivo de Chomsky -, parece-nos inevitável, como já dissemos, que a semântica formal se constituísse no grande pano de fundo, porque era ela afinal que já tinha prestígio e uma reflexão consistente sobre vários fenômenos semânticos; restava, pois, ou mostrar que ela estava equivocada ou aderir às suas teses. Seu prestígio se deve, neste século, não apenas ao seu grande desenvolvimento teórico, mas também as suas possibilidades de aplicação prática na construção de máquinas. Isto sem contar a influência filosófica do Positivismo Lógico no fazer científico do século XX. Assim, mesmo que a abordagem lógica seja posterior ao funcionalismo com respeito à análise lingüística, ela era mais consistente enquanto modelo de análise do significado. Não havia, no entanto, razão para que a distinção forma e função fosse lida como oposição de guerra; do mesmo modo que forma e argumento não se excluem necessariamente.

Embora, como já dissemos, não houvesse, no Brasil, uma semântica funcional, havia descrições funcionais do significado, que precedem historicamente as formais. As primeiras análises semânticas lógico-formais datam de meados da década de 70, com a explosão da moda gerativo-transformacional. O volume 3 da *Revista Brasileira de Lingüística* do ano de 1976 conta com oito artigos em Gramática Gerativa, uma boa parte deles dedicada à discussão de aspectos componenciais do significado. Segundo depoimento do professor Rodolfo Ilari, circularam, na década de 70, os artigos de Katz e Fodor (1963), "Structure of a Semantic Theory", de Weinreich de 1963 sobre os universais e o de 1966, "Explorations in Semantic Theory". Eles não eram, no entanto, projetos idênticos. Katz e Fodor definem explicitamente seu trabalho como complemento semântico a *Syntactic Structure* (1957) de Chomsky, enquanto que a análise de Weinreich era muito mais próxima do funcionalismo.

A coexistência destas duas orientações talvez não fosse sentida como tão absurda quanto é hoje em certos círculos. Não porque os semanticistas de então não tivessem consciência das diferenças teóricas, mas porque, acreditamos, estas diferenças não eram exacerbadas pela necessidade de delimitação teórica.

Scliar-Cabral (1977), por exemplo, descreve os dados de aquisição de linguagem no modelo da gramática gerativa e termina defendendo a proposta de Halliday; o que certamente indica que havia consciência da distinção entre forma e função. Não é, portanto, a falta de clareza teórica que favoreceu, ao menos no Brasil, teses como a de Ilari, defendida em 1974 e publicada em 1986, que de algum modo combinavam aspectos das duas orientações - embora a tese de Ilari tenda para o funcionalismo, é fácil perceber sua filiação à análise formal; ou a tese de doutoramento de Carlos Franchi, de 1976, que se auto-denomina funcional, mas utiliza os argumentos da dissidência da Gramática Gerativa para mostrar que o modelo chomskiano era, em última instância, ainda muito distribucional.¹⁵ Estas combinações se deviam menos a uma não clareza sobre as diferenças do que a crença na possibilidade de sua complementaridade ou coexistência. Nos primeiros anos de 70 parece não haver uma forte pressão opondo a semântica formal à funcional, que as torna distintas e irreconciliáveis. Já nos anos 80-90 é a oposição que estará institucionalizada, a despeito do surgimento da sociolinguística paramétrica, o melhor exemplo de complementaridade entre forma e função. Um dos indícios de institucionalização da oposição é o surgimento da semântica cognitiva. A diferença forma e função vista como oposição será reforçada por vários autores, que afirmaram ou que elas são incomensuráveis, o que significa dizer que não é possível nem mesmo uma conversa entre elas, porque seus termos terão significados absolutamente diferentes,¹⁶ ou que uma delas é a melhor.¹⁷ Estas orientações estavam, no entanto, emaranhadas no final dos anos 60 e meados dos anos 70, porque, entre outros, elas se compatibilizam no trabalho dos proponentes da semântica gerativa.

A semântica gerativa vai se desenvolver nos Estados Unidos pelas mãos de Lakoff, Postal, Fillmore, McCawley entre outros, e poderia complementar a sintaxe gerativa chomskiana, pois assumia o postulado da estrutura lógico-formal das línguas naturais. Havia desde o início, no entanto, uma diferença

¹⁵ Até onde sei a tese de doutoramento de Franchi permanece inédita, ver, no entanto, Franchi (1977).

¹⁶ Ver Borges Neto (1989).

entre elas: o postulado da centralidade da sintaxe, uma hipótese auxiliar para a semântica gerativa e não parte de seu núcleo duro. A semântica interpretativa surge como uma reação a semântica gerativa. Em seu trabalho de reconstrução desta disputa, que pode ser lida como o debate sobre a centralidade da semântica ou da sintaxe, Huck e Goldsmith (1995) não apenas apontam para uma complementaridade entre elas, “The two programs were in fact quite complementary” (1995: 3), mas acenam para uma explicação sócio-política, muito mais do que teórico-metodológica para a sua separação. Em artigo de 1976, Brandon faz referência a esta disputa, salientando que “nenhuma das duas posições está bem definida ainda” (1976: 93), embora a disputa já estivesse terminada nos Estados Unidos.

Este debate mostra o cerne da diferença entre forma e função, o velho problema do biscoito Tostines, na terminologia de Borges Neto (1997): a forma precede a função, e portanto é autônoma, ou a função a condiciona. Funcionalistas parecem concordar que a sintaxe não é autônoma, mas este postulado tem matizes dentro do próprio funcionalismo.¹⁸ O fim da disputa semântica gerativa e semântica interpretativa se dá com a “morte” da semântica gerativa e o nascimento de um modelo de análise do significado de cunho funcional, que será conhecido como semântica cognitiva; esta nova abordagem vai congrega os dissidentes da abordagem gerativa: Lakoff, Fillmore, Langacker, entre outros, e tem na publicação de *Metaphors we live by* (1980) um marco fundacional.

Evidentemente, a disputa entre a semântica gerativa e a interpretativa e o surgimento da semântica cognitiva, em franca oposição à semântica formal e à sintaxe gerativa chomskiana, serão interpretados diferentemente pelos diversos grupos de semanticistas brasileiros. Adeptos da semântica argumentativa vêem aí indícios da ruína do modelo americano de fazer lingüística, adotando uma moral do tipo: eles vão se estilhaçar em tantos modelos que acabarão sumindo do mapa. Funcionalistas reagiram diferentemente dependendo de como concebem a relação forma e função. Como já dissemos, há uma polarização entre os funcionais: aqueles para quem a sintaxe procede do discurso de tal modo que ela é sempre emergente, isto é ela não tem nenhuma independência com relação à semântica/pragmática, dificilmente aceitarão uma postura conciliatória; já aqueles para quem há interdependência entre sintaxe, pragmática e semântica verão possibilidades de compatibilizar função e forma.¹⁹ Assim, alguns semanticistas caminharão

¹⁷ Ver Votre e Naro (1989)

¹⁸ Ver Kato (1998).

nos trilhos da conciliação – as teses de Ilari e Franchi, assim como o surgimento da sociolinguística paramétrica são bons exemplos; outros, vêem uma oposição irreconciliável e a vitória de um de um dos modelos – a posição de Naro e Votre, claramente favorável ao funcionalismo e também adeptos da semântica cognitiva que buscam negar veementemente tanto a base lógica da linguagem quanto qualquer possibilidade de conversa; alguns sintaticistas gerativas parecem, também, aderir à tese da oposição radical. Mais recentemente, há semanticistas interessados em combinar funcionalismo e cognitivismo, sem desprezar as contribuições da semântica formal – Camacho e Pezatti (1996), por exemplo.

A relação forma e função foi, pois, diferentemente equacionada. No artigo de Votre e Naro (1989), assim como na semântica cognitiva e em alguns círculos do chomskianismo, ela toma a feição de uma oposição “fatal”: elas não apenas se opõem, como é uma delas que explica totalmente a linguagem. Tarallo, em artigo de 1986, ao defender a sociolinguística paramétrica, vê forma e função como umbilicalmente ligados. Borges Neto e Müller (1987) e Borges Neto (1989) acirram o fosso: não é possível, epistemologicamente falando, unir o que é incomensurável; em outros termos, a linguagem da função não pode ser interpretada pela linguagem da forma e vice-versa. Kato (1998) ameniza as diferenças entre as abordagens e propõe “casamentos”: “É um erro, a meu ver, pensar que formalistas e funcionalistas não possam vir a trabalhar juntos em um mesmo objeto” (1998: 162).

Se houve diferentes maneiras de lidar com a diferença forma e função, parece-nos que, no senso comum da lingüística brasileira, foi a leitura de uma oposição ferrenha entre elas o que predominou. O percurso teórico de George Lakoff é exemplar do movimento de construir uma oposição ferrenha entre forma e função/cognição. Lakoff é um dos mentores da semântica cognitiva e, no processo de identificá-la não apenas como um modelo autônomo, mas principalmente como o melhor modelo, delimitará a semântica formal e a sintaxe gerativa como inimigo.²⁰ Enquanto representante da semântica gerativa, Lakoff aceitava, compartilhando esse postulado com a semântica interpretativa, a base lógico-formal para a linguagem natural - a linguagem natural se estrutura logicamente –, embora ele afirmasse a centralidade da semântica. Seu trabalho mais recente, a partir da publicação de *Metaphors we live by* (1980), em co-autoria com Mark Johnson, inverte o postulado sobre a estrutura lógica da línguas naturais: é a lógica que se estrutura através da linguagem natural,

¹⁹ Agradeço ao professor Roberto Camacho este esclarecimento.

negando, pois, o passo teórico dado por Chomsky. Um exemplo da inversão proposta pela semântica cognitiva é a descrição dada ao silogismo clássico, do tipo “Todo homem é mortal; João é mortal, logo ele é homem”. Lakoff (1987) defende que o raciocínio inferencial presente neste silogismo ganha sentido via nossas experiências corpóreas de estar dentro de um certo recipiente. É o esquema imagético gerado por essa experiência que dará suporte aos raciocínios lógicos.

A semântica cognitiva vai se opor radicalmente à análise formal, alegando que esta não explica fenômenos da linguagem natural. São várias as críticas de Lakoff; citemos, dentre elas, a crítica ao fato de que a abordagem formal não percebe a centralidade da imaginação. Na abordagem formal, a metáfora, afirma Lakoff, é apenas um desvio marginal, ao passo que a metáfora é um processo cognitivo ubíquo. Ele está presente no entendimento de sentenças tão banais quanto *A primavera começa a semana que vem*. Sem entrar em detalhes, basta notar o uso do verbo *vir*, originalmente de movimento, para estruturar nossa concepção do tempo para nos certificarmos da onipresença da metáfora, redefinida no quadro cognitivo como mapa entre domínios da experiência. Outra crítica feroz à análise formal diz respeito ao problema das categorias. Segundo Lakoff, a noção tradicional de categoria, em que algo pertencia a uma categoria se tivesse certas propriedades necessárias e suficientes para tal, não encontra respaldo em pesquisas em psicologia. Categorizamos, nos diz Lakoff, através de protótipos, membros centrais da categoria, com os quais outros membros mantêm relação de semelhança. Assim, a categoria PÁSSARO teria como membro central o pardal e o pingüim estaria na periferia.

Lakoff (1987) une a abordagem lógico-formal do significado ao modelo da sintaxe gerativa de Chomsky no que ele denomina objetivismo metafísico. É o objetivismo metafísico que a lingüística cognitiva ergue como vilão, responsável por todos os erros de análise da linguagem e que ela, semântica cognitiva, irá, ao começar do zero, remediar. O objetivismo metafísico se caracteriza, entre outros, por ver a linguagem como troca de informação - a famosa metáfora do canal descrita por Michael Reddy - e por depender de uma teoria de verdade como correspondência. Não é difícil notar que o objetivismo metafísico descrito por Lakoff é uma ficção, que cria um anteparo sobre o qual a semântica cognitiva se constrói. Já dissemos que é possível fazer semântica formal sem estar comprometido com uma metafísica realista e sem adotar uma teoria de verdade como correspondência. Trata-se mais uma vez da estratégia

²⁰ Ver em especial Lakoff (1998).

de criar um fantasma, o bandido que será derrotado pelo mocinho, que dessa forma ganha sua própria identidade. Como se a cada nova teoria tivéssemos que jogar fora os erros das anteriores, destruindo a visão tradicional, e iniciando desta vez da forma correta.

Conciliados ou inimigos, o funcionalismo e o formalismo estão definitivamente presentes na lingüística contemporânea. A partir da década de 80 não é mais possível definir a abordagem funcionalista do significado apenas negativamente, como “aquilo que não é nem semântica formal, nem argumentativa, nem semiótica”, porque o surgimento da semântica cognitiva define os contornos de uma semântica propriamente funcionalista. A prova de que essa abordagem já se impôs é a sua presença em manuais recentes de introdução à semântica.²¹ São testemunhas dessa abordagem no Brasil, como já dissemos, os trabalhos de Salomão (1978), de Machado Paes de Barros (1985), Maria Lúcia Leitão de Almeida.

No último congresso da Abralín (Florianópolis 1999), durante mesa coordenada pelo professor Luiz Antônio Marcuschi, intitulada “Linguagem e Cognição”, houve uma polarização entre as posições de Salomão, que apresentou uma descrição dos modais no português brasileiro a partir do quadro teórico de Sweetser, francamente cognitivista, e de Pires de Oliveira, que, ao descrever o estado da arte das teorias contemporâneas de metáfora, argumentou que a análise lingüística (semântico/pragmática) conseguia explicar mais fatos lingüísticos do que a semântica cognitiva. A abordagem lingüística da metáfora tem sido sistematicamente criticada por Lakoff que a associa às teses objetivistas. Ele a trata, no entanto, como se houvesse apenas uma descrição lingüística da metáfora. Durante a sessão coordenada, discutiu-se o problema da modularidade da mente que reproduz a disputa entre abordagens formais – que vêem a mente como compartimentada e a linguagem como um conhecimento à parte–, e as funcionalistas – associadas aos conexionistas. A posição de Feltes foi conciliatória, mostrando que talvez a mente seja ao mesmo tempo modular e conexionista; modular em certos aspectos, conexionista em outros. Levanta-se, mais uma vez, a possibilidade de conciliar a abordagem formal à cognitiva. Esta é na verdade a posição defendida por Newmeyer (1992).

Herdamos do debate forma e função a falsa crença de que a única maneira de simbolizarmos as diferenças entre essas abordagens é opô-las radicalmente.

²¹ Ver Saeed (1997).

Herdamos, ainda, a crença de que semanticistas formais são todos gerativistas. Não há, ainda que este seja o senso-comum científico na lingüística brasileira, uma coincidência entre gerativistas e semanticistas de orientação lógico-formal. Em primeiro lugar, não se pode confundir o conceito de formalismo, que aparece na disputa funcionalismo versus formalismo, com o conceito de formalização, como bem lembra Nuyts “nothing prevents the use of formalisms in the framework of a functionalist methodology or theory” (1995: 294). Assim é perfeitamente possível uma descrição formal-funcional. Em segundo lugar, nem toda abordagem semântico-formal é necessariamente filiada à gramática gerativista chomskiana (embora todas sejam gerativistas, no sentido lógico-formal que precede o uso chomskiano), não havendo, portanto, concordância a respeito da autonomia e centralidade da sintaxe. O que parece unir os semanticistas formais é uma certa maneira de descrever o significado, utilizando instrumentos da lógica, e a crença, talvez melhor explicitada por Richard Montague, de que ao menos fragmentos das línguas naturais podem ser descritos como sistemas formais interpretados. Não há, contudo, acordo sobre vários outros aspectos: é preciso uma semântica intensional ou basta uma extensional é um dos impasses. No Brasil, no entanto, o senso comum na lingüística associou, num mesmo lado, gerativismo e formalismo e, no outro, funcionalismo; o que não impediu o desenvolvimento de abordagens formais sem vínculo direto com o gerativismo – o trabalho inédito de Borges Neto, de Ibaños (1997) podem servir de exemplo.

3. Proliferação de teorias: Crise na Semântica?

Estes trinta anos de semântica conhecem uma delimitação crescente das quatro formas paradigmáticas de descrever o significado e o seu esfacelamento em subteorias; fragmentação é atestada por vários autores (Altman, 1998; Borges Neto, 1989; Rajagopalan, 1997a). Uma estratégia para ganhar autonomia teórica é de declarar o modelo dominante inimigo e se propor como uma alternativa melhor, que é até mesmo capaz de destruir o inimigo. Esta estratégia de guerra supõe um re-início perpétuo: a teoria nova re-coloca as questões, desta vez da forma certa e assim implantará (finalmente) a verdade. Supõe ainda que não há espaço para a convivência de diferenças: se um modelo estiver certo o outro está necessariamente errado.

Nossos casos-estudo mostraram esta estratégia de guerra. A semântica argumentativa e a cognitiva, em especial a praticada por aqueles que aderiram às teses do Grupo de Berkeley, elegeram, por razões históricas - a forte presença da descrições lógico-formais -, a semântica formal como abordagem a ser

desacreditada, quer porque ela supostamente não daria conta de dados empíricos, quer porque sua concepção de linguagem – baseada, segundo estas abordagens, na teoria de correspondência – é inadequada. Não se trata apenas de afirmar que existe apenas uma semântica formal, mas que ela se vincula a uma certa metafísica e a uma certa teoria de verdade. Estas três afirmações são inexatas, daí falarmos em estratégia: o inimigo é quase um fantasma, um pano de fundo sobre o qual o novo modelo se estabelece. Descrever esta estratégia bélica não significa endossar a crença de que o conhecimento se constrói através do enfrentamento de teorias rivais. Ao contrário, vimos que coexistiam a idéia da guerra e a idéia da compatibilização. O que significa, no nosso entender, que não é necessário que as diferenças sejam interpretadas como alternativas excludentes, como impossíveis de serem tópicos de uma conversa comum. A teoria de conhecimento que sugerimos procura mostrar que o conhecimento se constrói na conversa na diferença, sem que com isto seja necessário supor um mesmo projeto em comum. Em outras palavras, não é preciso que todos os semanticistas estejam atrás do mesmo objetivo final para produzirmos conhecimento compartilhado.

Vejamus a questão mais de perto, nos perguntando se é problemática a “pulverização” de teorias, para citar palavras de Altman. Será que um esfacelamento teórico acarretaria a dissolução da semântica num sem número de modelos independentes? Rajagopalan, apud Borges Neto (1989), “deplora a “desenfreada proliferação de aparatos teóricos” que tem como consequência a “crise institucional da lingüística” (Borges Neto, 1989: 43):

“[a crise institucional da lingüística] se deve, entre outros fatores, à ausência de um único paradigma que funcione como força centrípeta, que ofereça um conjunto de postulados gerais dentro do qual se possa enquadrar uma parcela significativa da pesquisa lingüística no Brasil” (Apud Borges Neto, 1989: 44).

A crise, cujo perigo é o desmantelamento da lingüística, teria como única saída a “re-aproximação” das diversas correntes com vistas à obtenção de um paradigma único, que funcionaria como força centrípeta; talvez uma meta comum. Este é o mote que permite a Borges Neto questionar a possibilidade mesma de aproximações entre programas científicos: “Em outras palavras, [esta] é a verdadeira questão: É possível “aproximar” teorias lingüísticas distintas?” (1989: 45) Borges Neto, obviamente, nega tal possibilidade, assumindo, em sua argumentação, a proposta de Kuhn (1987) quanto à incomensurabilidade de paradigmas. Não haveria, segundo o autor, suporte

epistemológico que possibilitasse a unificação entre a Teoria da Variação e a Gramática Gerativa, porque elas são incomensuráveis. A solução de Rajagopalan é, portanto, inviável e utópica – “Se queremos sonhar com utopias, busquemos as aproximações” (Borges Neto, 1989: 64) -, mas, para alívio dos lingüistas, não há, ainda segundo o autor, perigo do fim da lingüística: “não há por que temer a proliferação de teorias”, porque o progresso da ciência se dá pela competição de teorias conflitantes, com a sobrevivência da mais apta. A moral é: “Quem puder mais, chorará menos” (Borges Neto, 1989: 63). Deixemos, pois, que cada teoria siga o seu próprio caminho e, se ela encontrar um precipício, será naturalmente eliminada.

A citação de Rajagopalan choca seus leitores, acostumados a ver o autor defendendo a heterogeneidade e o pluralismo – também Borges Neto se surpreende com esta posição, porque vê nela uma manifestação apolínea de desejo de unidade, e a conseqüente presença do dogmatismo, num autor que ele chama de dionisíaco. Afinal o próprio Rajagopalan (1997a), em outro artigo, assume uma posição mais em consonância com a de Borges Neto, denunciando a impropriedade da metáfora da ciência como construção conjunta do grande edifício, e a necessidade de tomarmos consciência da metáfora da luta pelo poder (e pela sobrevivência). Neste caso, não há como falar em aproximações, mas em guerra e imposição do mais forte. Na citação acima, no entanto, chama atenção o pedido de Rajagopalan por uma força centrípeta unificadora, como se sem isto a lingüística não pudesse sobreviver. É possível ver aí a presença da metáfora do edifício comum, aquela mesma que Rajagopalan (1997a) descreve, utilizando a metodologia da semântica cognitiva, e crítica. A metáfora da meta comum pode sustentar propostas de unificação teórica. Parece ser ela que justifica a afirmação de Kato de que “O ponto de vista metodológico não importa” (1998: 165). O que importa, podemos concluir, é a construção do conhecimento. É possível unir uma gerativista, a professora Mary Kato, e um funcionalista, o professor Ataliba Teixeira porque, para além das diferenças, há o horizonte em comum, a construção do grande saber, sobre o português brasileiro, por exemplo. Neste caso, modelos se unem porque são guiados por uma mesma meta.

Parecem-nos equivocadas tanto as metáforas utilizadas para descrever a construção do conhecimento, a da luta pela sobrevivência e a da construção do edifício, quanto as posições de Rajagopalan e Borges Neto, enquanto epistemólogos da lingüística. Enquanto epistemólogos, os autores adotam uma visada normativa. Borges Neto decreta, tendo em vista o fato de existir incompatibilidade teórica entre a Teoria da Variação e a Gramática Gerativa, a

incomensurabilidade entre elas. Sua atitude é normativa porque cumpre ao epistemólogo descrever unificações, se elas ocorrem e não ditar que elas são impossíveis. Acreditamos que a teoria de Kuhn, suporte epistemológico de Borges Neto, dificulta a descrição de unificações. Rajagopalan é normativo porque ao epistemólogo não cumpre ditar os caminhos que uma disciplina deve seguir; se a proliferação de teorias em um campo do conhecimento significar seu esfacelamento, sumiço ou unificação com outras teorias, é esta a história da disciplina e, mais uma vez, cumpre ao epistemólogo descrever o processo, seja ele qual for.

Vejam, agora, porque as metáforas são equivocadas. A descrição de um paradigma vencedor que destrói os demais pode até ocorrer, mas este não é o único caso na ciência. O século XX viveu várias unificações e a convivência de teorias incompatíveis. Em muitos casos, parece não haver a eliminação do modelo dominante, a filologia por exemplo. Se há espécies extintas, há muito mais resquícios, vestígios, retomadas. Nem mesmo quando os pesquisadores de uma área morrem todos, o modelo necessariamente morre. Há, nas ciências, idas e vindas, mortes e renascimentos - vide o renascimento da semântica gerativa no projeto minimalista. Assim, opor modelos, como se fossem incompatíveis, pode ser uma estratégia para conceituar a sua diferença, mas parece não descrever como construímos o saber.

São muitos os casos na ciência em que compatibilizam-se teorias incompatíveis. Este pode ser o caso da Teoria da Variação e Gramática Gerativa, citado várias vezes como exemplo de uma leitura complementar entre forma e função; afinal, é fato que há uma sociolinguística paramétrica. Neste sentido, o trabalho de Fleck (1979) sobre a sífilis parece ser exemplar, porque a reconstrução histórica do conceito de sífilis mostra que ele é o resultado da combinação de teorias incompatíveis.²² É, pois, possível construir coerências onde há diferenças, porque os pesquisadores acertam seus relógios de metalinguagens, compreendem os termos de uma teoria na linguagem da outra. Importa ao epistemólogo, assim me parece, entender como ocorrem interpretações de uma teoria por outra, de tal sorte que dali surge uma linguagem comum. A pergunta deveria ser, então: como o termo 'variação', por exemplo, é lido na conversa entre a Teoria da Variação e a Gramática Gerativa. Colocando a questão para as semânticas nos perguntaríamos: como, numa semântica lógico-argumentativa, o termo 'argumento' seria entendido?

²² Sobre a epistemologia fleckiana ver Ilari e Pires de Oliveira (1991).

Combinamos, na nossa interpretação da construção do conhecimento, a proposta fleckiana de ver o conhecimento como “comunicação” de sentidos, a demonstração dada por Davidson (1984) de que o conceito de incomensurabilidade de paradigmas em Kuhn não é possível - logo, há sempre possibilidade de “traduzir” de uma linguagem para outra -, e a explicação sobre o funcionamento da comunicação dada por Davidson (1986). Seu esquema de comunicação não supõe a necessidade de um código compartilhado antes do ato de comunicação, mas graus de convergência de interpretações (intencionalidades). Ele afasta com isto tanto a incomensurabilidade radical quanto a transparência da comunicação. Nesta forma de ver o conhecimento, é da conversa que emergem os significados primeiros, o conhecimento compartilhado, que embora volátil, interfere nas teorias diferentes que cada modelo necessariamente tem. Assim, acreditamos, é possível descrever a diferença entre forma e função na conversa que se estabeleceu entre eles e verificar as mudanças de sentido que dali emergiram e o conhecimento ali gerado. Este modelo comunicacional permite afastar a metáfora da construção do conhecimento como a execução do grande projeto em comum. É ingênuo acreditar que estamos engajados num mesmo projeto, a menos que compreendamos este projeto de uma forma tão ampla que ele perde seu poder explicativo. Não estamos todos falando sobre o mesmo, quando falamos sobre linguagem e nem é preciso que estejamos.

Nossa rápida reconstrução da constituição de modelos na semântica nos dá a dica para entendermos a diversidade sem precisarmos afastá-la na homogeneidade do projeto final ou torná-la insuperável no isolamento de cada teoria: o conhecimento em si mesmo parcial e fragmentado se constrói na conversa propiciada pela diversidade de abordagens. Neste sentido, a diversidade é condição necessária para o conhecimento. Se todos fizessem semântica formal seria o fim da semântica. A melhor metáfora não é, portanto, a do projeto único, nem a dos caminhos isolados, mas de uma conversa na diferença; quanto mais conversamos, mais os conceitos circulam, mais revisões são necessárias, mais conhecimento comum é gerado. Evidentemente a conversa é mais animada se os participantes tiverem clareza do seu lugar, da sua diferença com relação ao outro; e é daqui que se conclui o contrário da afirmação de Kato (1998): é muito importante o ponto de vista epistemológico e quanto mais clareza tivermos sobre ele mais produtiva pode ser a conversa, precisamente porque entendemos melhor nossos limites teóricos.

Assim, ao contrário de Kuhn, acreditamos, como Davidson (1984), que há sempre a possibilidade de tradução mesmo que ela signifique sempre

alterações, porque embora os sistemas de medição não sejam idênticos e possível entendê-los a partir do nosso próprio sistema. São as traduções, aliás, que nos permitem conversar mais e quanto mais conversamos melhor a nossa teoria sobre a teoria do outro, maior o nosso horizonte de conhecimento. Além disso, se as noções de verdade e objetividade são inter-subjetivas, então é precisamente no diálogo, mesmo que polêmico, momento em que as diferenças ficam expostas, que somos mais objetivos e em que a verdade, sempre parcial, pode emergir. É neste sentido que só podemos concordar com Ruben (1995): os debates são absolutamente fundamentais para a construção do saber.

“[homens que a maioria de nós pretende ser, os que conversam entre si a partir de seus próprios recursos, usando sua própria linguagem para pôr os outros à prova e, reciprocamente, se submetendo eles mesmos a essa.] Aqueles que agem assim, temos, você e eu, a meu ver, que imitar, trocando um com o outro palavras que sejam as nossas próprias, a fim de pôr à prova tanto sua verdade quanto nós mesmos” (Sócrates, Protágoras de Platão).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, M. C. (1998) *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.
- BACH, E. (1989) *Informal Lectures on Formal Semantics*. New York: State University of New York Press.
- BARBOSA, M.A. (1976) O modelo do código lingüístico e o seu uso nos universos da obra literária: a combinatória sêmio-táxica. *Revista Brasileira de Lingüística*, 3, n.º 2: 51-69.
- BASÍLIO, M. (1998) Morfológica e Castilhamente: um estudo das construções Xmente no Português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, 14, n.º especial: 15-25.
- BIDERMAN, M.T.C. (1972/73) Formas de tratamento e estruturas sociais. *ALFA*, 18/19: 339-382.
- BORGES NETO, J. (1989) A incomensurabilidade e a “compatibilização” de teorias. *Letras*, 38: 43-66.
- _____. (1997) Formalismo versus Funcionalismo nos estudos lingüísticos. *Anais do Iº Encontro do CelSul*, 1: 15-24.
- BORGES NETO, J. & A. L. MÜLLER. (1987) Lingüistas ou camaleões? - uma resposta a Tarallo. *D.E.L.T.A.*, 3.1: 85-95.
- BRANDON, F.R. (1976) Qualificação e Negação em Português. *Revista Brasileira de Lingüística*, 3 (1): 92-108.

- CAMACHO, R. e E. G. PEZATTI (1996) As subcategorias nominais contável e não-contável. In: M. KATO (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp: 155-186.
- DALLARI, B. (1998) Modelos lexicalistas e não-lexicalistas de estruturas de informação semântica: uma comparação computacional. *Estudos Lingüísticos*, XXVII: 592-598.
- DAVIDSON, D. (1984) On the very Idea of a Conceptual Schema. In: *Inquiries into Truth and Interpretation*. Oxford: Claredon: 183-198.
- _____ (1986) A Nice Derangement of Epitaphs. In: E. LEPORE (ed.) *Truth and Interpretation. Perspectives on the Philosophy of Donald Davidson*. Oxford: Basil Blackwell: 433-446.
- DE OLIVEIRA, M. A. (1978) Movimento de clíticos. *Ensaio Lingüísticos*, 1(1): 44-79.
- DUCROT, O. (1972) *Dire et ne pas dire*. Traduzido para o português como *Princípios de Semântica Lingüística*. São Paulo: Cultrix. 1977.
- _____ (1995) Topoi et formes topiques. In: J.C. ANSCROMBE. *Théorie des Topoi*. Paris: Éditions Kimé.
- DUCROT, O. & C. VOGT (1980) De magis à mais. *Revue de linguistique romane*, 43: 317-341.
- FLECK, L. (1979) *Genesis and Development of a Scientific Fact*. Chicago: University of Chicago Press.
- FRANCHI, C. (1977) Linguagem: Atividade Constitutiva. *Almanaque*, 5: 9-27.
- GERALDI, W. J., E. R. J. GUIMARÃES & R. ILARI (1985) Operadores de argumentação e diálogo. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 9: 143-158.
- GIL, F. (1986) Ciência e controvérsia. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 11: 117-128.
- GUIMARÃES, E. R. J. (1985) Não só...mas também: Polifonia e Argumentação. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 8: 79-108.
- HAACK, S. (1978) *Philosophy of Logics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUCK G. J. & J. A. GOLDSMITH (1995) *Ideology and Linguistic Theory. Noam Chomsky and the Deep Structure Debates*. London: Routledge.
- IBAÑOS, A. M. (1997) Atitudes proposicionais: uma abordagem por linguagens categoriais. *Anais do 1º Encontro do CelSul*: 2: 708-712.
- ILARI, R. (1986a) Verbos Delocutivos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 10: 81-85.
- _____ (1986b) *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____ (1987) Algo mais sobre não só mas também. *D.E.L.T.A.*, 3, 1: 111-115.
- ILARI, R. & I. MANTONELLI (1983) As Formas Progressivas do português.

- Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 5: 27-60.
- ILARI, R. & R. PIRES DE OLIVEIRA (1991) Considerações lingüísticas sobre a gênese e o desenvolvimento de um fato científico: uma leitura semântica de Ludwig Fleck. *Boletim da ABRALIN*, 12: 85-108.
- KAMP, H. & V. REYLE (1993) *From Discourse to Logic: Introduction to Model Theoretic Semantics for Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- KATO, M. (1974) *A semântica gerativa e o artigo definido*. São Paulo: Ática.
- _____. (1976) Transitividade verbal e decomposição lexical. *Revista Brasileira de Lingüística*, 3 (1): 3-21.
- _____. (1998) Formas de funcionalismo na Sintaxe. *D.E.L.T.A.*, 14, n.º especial: 145-168.
- KATZ, J. J. & J. A. FODOR (1963) The Structure of a Semantic Theory. *Language*, 39: 170-210.
- KEMPSON, R. (1975) *Presuppositions and the Delimitation of Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KIPARSKY, P. e C. KIPARSKY (1970) Fact. In: M. BIERWISH & K. E. HEIDOLF. *Progress in Linguistics*. The Hague: Mouton.
- KOCH, I. G. V. (1993) *Argumentação e Linguagem*. 3ª. edição. São Paulo: Cortez.
- KUHN, T. (1987) *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- LACEY, H. (1998) *Valores e atividade científica*. São Paulo: Discurso Editorial.
- LAKOFF, G. e M. JOHNSON (1980) *Metaphors we Live by*. Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. (1987) *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- _____. (1998) Cognitive Semantics. In the Heart of Language. *Fórum Lingüístico*, 1 (1): 83-118.
- MACHADO PAES DE BARROS, A. R. (1985) Compreender é ver. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 8: 67-78.
- MARCUSCHI, L.A. (org.) (1998) *Quem é quem na Pesquisa em Letras e Lingüística no Brasil*. CNPq e ANPOLL.
- NEWMAYER, F. J. (1992) Iconicity and Generative Grammar. *Language*, 68 (4): 756-96.
- NUYTS, J. (1995) Funcionalism vs. formalism. In: J. VERSCHUEREN, J.-O. OSTMAN, J. BLOMMAERT (eds.) *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company: 293-299.
- PAIS, C.T. (1974) Inter-relações forma-substância nos universos semiótico-lingüísticos. *Revista Brasileira de Lingüística*, 1: 5-15.
- PANKOW, C. (1995) Semiotics. In: J. VERSCHUEREN, J.-O. OSTMAN, J. BLOMMAERT (eds.) *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing

- Company: 469-475.
- RAJAGOPALAN, K. (1997a) A interdisciplinariedade: um imperativo desde sempre. *Boletim Abralin*, **19**: 91-103.
- _____ (1997b) Formalismo vs. Funcionalismo: sobre as premissas ocultas dessa polêmica. *Anais do Iº Encontro do CelSul*: 25-33.
- RECTOR, M. (1975) Problemas e tendências da semiótica. *Revista Brasileira de Lingüística*, **2**: 104-110.
- RUBEN, M. V. (1995) Argumentação e debates lingüísticos no Brasil. *D.E.L.T.A.*, **11. 1**: 133-159.
- SAEED, J. I. (1997) *Semantics*. Oxford: Blackwell.
- SALOMÃO, M. (1978) Implicação lógica e condicional lingüístico: um estudo semântico. *Revista Brasileira de Lingüística*, **5** (1): 3-26.
- SCLIAR-CABRAL, L. (1977) O modelo de Fillmore e as gramáticas emergentes. *Revista Brasileira de Lingüística*, **4** (2): 70-134.
- VOGT, C. (1977) *O Intervalo Semântico - Contribuição para uma Teoria Semântica Argumentativa*. São Paulo: Ática.
- VOTRE, S. J. & A. NARO (1989) Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, **5. 2**: 169-184.
- WEINREICH, U. (1963) On the Semantic Structure of Language. In: J. GREENBERG (org.) *Universal of Language*. Cambridge: MIT Press.
- _____ (1966) Explorations in Semantic Theory. In: T. SEBEOK (ed.) *Current Trends in Linguistics*, **3**. The Hague: Mouton: 395-477.
- WILSON, D. (1975) *Presuppositions and Non-Truth Conditional Semantics*. New York: Academic Press.

Sociology • the Social Sciences

.....
2 BIRDS IN THE HAND



**If one bird in the hand is worth two in the bush ...
Our two sources are invaluable
... and right at your fingertips.**

For current thought and research in sociology and the
social sciences, consult

sociological abstracts (sa)

and

Social Planning/Policy & Development Abstracts (SOPODA)

Abstracts of articles, books and conference papers from more than 2,500 journals published in 35 countries; citations of relevant dissertations and book and other media reviews.

Comprehensive, cost-effective, timely.

Available in print, online, on the **sociofile** CD-ROM and on magnetic tape. Our Web site, <http://www.socabs.org>, features the *Note Us* newsletter; information on support services and document delivery; links to relevant sites, and the SAI Web Search Service offering reasonably priced subscriptions to two subsets: Marriage and Family Issues & Law, Crime and Penology.



P.O. Box 22206, San Diego, CA 92192-0206
619/695-8803 • Fax: 619/695-0416 • email: socio@cerfnet.com

OS CAMINHOS DA PRAGMÁTICA NO BRASIL
(Pragmatic Studies in Brazil)

Kanavillil RAJAGOPALAN (*Universidade Estadual de Campinas*)

ABSTRACT: This paper traces the history of the study of pragmatics in Brazil. It is shown that Brazilian researches have, by and large, remained attentive to major developments in the field taking place elsewhere in the world. Of particular importance is the burgeoning tendency to focus attention on social issues affecting the day-to-day lives of ordinary people. More and more researchers are realizing the need to assume a critical role in relation to the theories they encounter in the literature.

KEY WORDS: Pragmatics; Semantics; Linguistic Theory; Linguistic Research in Brazil.

PALAVRAS-CHAVE: Pragmática; Semântica; Teoria Lingüística; Pesquisa Lingüística no Brasil.

São vários os fatores que dificultam qualquer tentativa de averiguar as pesquisas no campo da pragmática no Brasil. O primeiro e o mais importante deles nada tem a ver com as condições sabidamente precárias de pesquisa no país, mas sim à própria indefinição a respeito do que vem a ser a pragmática – ou seja, trata-se de algo que atinge todos os pesquisadores no mundo inteiro. Ao apresentar um volume de artigos dedicados à pragmática, publicado em 1983, Vogt (1983: 7) já avisava: “Hoje a pragmática são muitas coisas, sem ser nenhuma em especial”. Passadas uma década e meia, a situação permanece inalterada, como bem evidencia a afirmação feita pelo presente autor no texto de apresentação ao número 30 dos *Cadernos de Estudos Lingüísticos* da Unicamp, dedicado à pragmática: “A pragmática ainda é vista por muitos estudiosos, não sem razão, como um verdadeiro saco de gatos” (Rajagopalan, 1996: 6), ou ainda, “O interesse da pragmática, para mim, sempre foi a inexistência da disciplina propriamente dita – na verdade, parece muito mais sensato falar em pragmáticas, no plural”.

Na mesma coletânea apresentada por Vogt, constava um artigo de Guimarães no qual o autor abria a discussão dizendo o seguinte: “Os estudos sobre a linguagem têm sido incluídos há muito e, de modo mais intenso, nos últimos 30 anos, estudos que têm sido colocados como o objeto da pragmática. No entanto tais estudos, como de resto qualquer outro tipo de reflexão sobre

a linguagem, não se apresenta, e nem poderia, como um conjunto monolítico e único.” (Guimarães, 1983: 15). Trata-se, na verdade, de um outro fator que dificulta qualquer esforço de relatar as pesquisas na área da pragmática: não existe, nem de longe, nenhum consenso sobre como e quando surgiu a área de investigação. De acordo com Guimarães, “para não sair dos limites relativos ao tempo da chamada lingüística moderna, podemos dizer que [a história da pragmática] remonta ao filósofo americano Charles S. Peirce” (ibid.). No entanto, segundo o *Penguin Dictionary of Philosophy* (Mautner, 1996), o termo ‘pragmática’ se estabeleceu a partir dos anos 1930, graças aos esforços de Charles Morris. Levinson concorda, porém faz questão de ressaltar que “Além dessa ligação, há muito pouca relação entre a pragmática e as doutrinas filosóficas de pragmatismo” (1983: 1). Nas palavras de Lyons (1977: 119), “Decerto, pode-se argumentar que as origens da distinção tripartite [sintaxe, semântica, pragmática] na concepção peirceana da ciência geral de semiótica são, hoje em dia, mais ou menos irrelevantes quanto ao modo como essa distinção é traçada pelos lingüistas e filósofos”. Na contramão desses estudiosos estão Brigitte Nehrlich e David Clarke que, em seu livro relativamente recente (Nehrlich & Clarke, 1996), se esforçam para procurar achar as raízes da pragmática contemporânea nos fins do século XVIII.

Gazdar (1979: 2) nos dá uma excelente dica sobre o porquê de tamanha indefinição em torno do uso do termo ‘pragmática’: “... nos 30 anos que se passaram entre a monografia de Morris e o trabalho de Montague intitulado ‘Pragmática’, quase ninguém estudou nada que o próprio pesquisador chamasse de ‘pragmática’”. Esse fato, facilmente comprovado até nos dias de hoje, inclusive no Brasil, pode ser considerado como o terceiro fator mais importante quanto à dificuldade em averiguar o “state of the art” em pragmática. Em conferência proferida por ocasião da 48ª reunião anual da SBPC realizada em São Paulo, Marcuschi (1996) lamenta o quadro confuso que encontrou quando se propôs a fazer um levantamento sobre o interesse dos pesquisadores nas diferentes subáreas da Lingüística. A frustração do autor, contida no seguinte desabafo, ilustra bem o estado de coisas. Eis as suas próprias palavras (Marcuschi, 1996: 21-2):

É possível que eu não seja a pessoa mais indicada para classificar essa massa de dados. Há muita coisa que imaginei ser da área de Teoria Literária, Teoria da Cultura ou outras Teorias. Posso honestamente garantir que me esforcei para não falsear a visão dos fatos. Confesso também que as caracterizações [como elas se encontram feitas] não me agradam, pois elas mascaram os fatos.

Há mais trabalhos de sintaxe e fonologia do que se imagina, mas eles são autocaracterizados como lingüística indígena (descrição fonológica, sintática) ou, então, psicolingüística (aquisição da sintaxe, da fonologia). Não há nada que se caracterize ou que se identifique de maneira explícita com semântica ou pragmática. Mas muitos dos trabalhos estão impregnados de semântica e pragmática. Não, porém, de uma forma mais técnica e teoricamente centrada. (ênfase acrescida).

O autor prossegue apontando que a mesma indefinição pode ser encontrada nos resumos dos seminários da ANPOLL, dos congressos da ABRALIN, e nas programações e nos Anais do GEL.

Um excelente indicativo da confusão que paira sobre a questão da delimitação das subáreas dentro da lingüística é a grande divergência entre os estudiosos no que diz respeito à proximidade entre elas ou mesmo as possíveis relações hierárquicas. Enquanto para Orlandi (1996: 33) há uma “diferença fundamental” entre a pragmática e a análise de discurso, diferença esta que estaria ligada à “própria noção de discurso”, na ótica de Possenti (1996: 72), “A inclusão ou exclusão, em uma teoria do discurso, de pontos de vista da pragmática, da história ou da psicanálise não é obviamente uma questão simples: nem se deve crer que seja ditada pelos fatos, o que seria empirismo grosseiro, nem que seja ditada exclusivamente pela decisão do pesquisador de favorecer uma hipotética pureza teórica. Trata-se, em geral, de uma questão de política de conhecimento”. Há outros pesquisadores que preferem seguir uma certa tradição já consagrada que apela para a noção de contexto para separar a pragmática da semântica. É preciso acrescentar no entanto que a própria noção de contexto é um tanto complexa e cabeluda. Moura (1999) sintetiza bem o problema inerente à prática de dividir o bolo de significação entre a semântica e a pragmática com base no conceito de contexto. Em suas palavras, “A fronteira entre semântica e pragmática é normalmente traçada a partir da noção de contexto. A significação que depende de contexto é colocada no campo de pragmática; o problema é que uma definição precisa de contexto raramente é fornecida, e a divisão entre semântica e pragmática continua muito fluída.” (Moura 1999: 66). Na medida em que dão a entender que a subárea mais abrangente seria a análise de discurso (na qual pensar-se-ia a possibilidade ou não de incluir os pontos de vista da pragmática), Castilho e Altman (1994: 34) parecem entender a relação entre as duas áreas de forma exatamente oposta. Em suas próprias palavras, “Várias áreas de atuação se somaram ao “núcleo duro” da Fonética e da Fonologia, da Morfossintaxe e da Semântica, e hoje o

país conta com especialistas respeitáveis atuando na Sociolingüística, na Psicolingüística, na Lingüística Indígena (ou Antropológica), na *Pragmática (com seus ramos Análise do Discurso, Análise da Conversação, Lingüística do Texto)*” (ênfase acrescida). Dascal (1982: 20), por sua vez, entende que o estudo *lingüístico* do texto (a ênfase é do referido autor) “está intimamente ligada à temática da pragmática”. “Se ampliarmos,” diz ele (Dascal 1982: 21), “... a noção de ‘contexto de enunciação’ de modo a fazê-la conter também, o que parece natural, o contexto verbal (enunciados anteriores e posteriores) em que se insere o enunciado investigado, será fácil entrever como se liga a pragmática, enquanto investigação de todos os aspectos do ‘contexto’ que influem na interpretação de um enunciado, com o estudo do ‘texto’ (seqüência mais ou menos longa de enunciados).

Talvez a maior divergência entre os lingüistas que atuam na área de pragmática seja na questão da necessidade ou não de demarcar – e, se a resposta for “sim”, como traçar – a linha divisória entre a pragmática e a semântica. É bom lembrar, antes de mais nada, que até pouco tempo atrás, a palavra “pragmática” simplesmente não constava dos programas e nomes das disciplinas dos cursos de pós-graduação em lingüística nas universidades brasileiras. Tópicos como a teoria dos atos de fala, a teoria de conversação de Grice etc. que, quase unanimemente são considerados como estando dentro da alçada da pragmática se encontravam como parte do conteúdo da disciplina de semântica. No caso da Unicamp, a “emancipação” da pragmática como disciplina separada da semântica ocorreu relativamente recente – não obstante afirmativas como a de que “O crescimento da produção em campos como os da Psicolingüística, Semântica(s), Pragmática(s), linhas de investigação que desde a fundação da IEL [Instituto de Estudos da Linguagem, unidade que abriga o Departamento de Lingüística na Unicamp] se renunciavam fortes, acompanhou-se de significativa revisão – empírica e teórica – dos limites extensionais da análise lingüística e dos aspectos a ela pertinentes” (Altman, 1998: 219). Assim, na nota informativa sobre o departamento e seus cursos que consta do primeiro número dos *Cadernos de Estudos Lingüísticos* da Unicamp, não há sequer uma menção da palavra ‘pragmática’ e, das 29 dissertações de mestrado até então defendidas, apenas uma, a do Prof. João Wanderley Geraldi, ostenta a palavra em seu título, *Se a Semântica fosse também Pragmática ... ou Para uma Análise Semântica dos Enunciados Condicionais* (Mesmo assim, o que o título efetivamente promete é um tratamento semântico do fenômeno sob enfoque).

Num trabalho apresentado na reunião anual da S.B.P.C. em 1982,

Gomes de Matos (1982) observa a ausência da pragmática como disciplina na grande maioria dos programas de pós-graduação em todo o território nacional. As disciplinas mais compartilhadas eram, segundo o autor, fonologia, sintaxe, semântica, e teorias lingüísticas. Ao analisar as dissertações até então defendidas em 4 mestrados de universidades brasileiras – as universidades escolhidas foram a PUC-SP, a UFSC, a UFMG, e a UFPE, descobriu-se que, de todas as dissertações, apenas 2 lidavam com a pragmática, sendo uma da PUC-SP e a outra da UFPE.

É preciso deixar claro que, o que se verifica nas universidades brasileiras acerca da indefinição do conteúdo da pragmática enquanto disciplina autônoma é simplesmente um reflexo de uma tendência há muito em evidência na Europa e nos Estados Unidos. Trata-se da tendência de relegar a pragmática a um segundo plano, ou considerá-la como um apêndice da semântica. Na França, a escola que surgiu sob inspiração de Ducrot, chega a pleitear uma “pragmática integrada”, ou seja integrada à semântica (cf. Ducrot, 1977; Vogt, 1977). Do outro lado do Canal da Mancha, Kempson (1977) defende uma semântica bem mais “magra”, fiel às condições de verdade, implicações e acarretamentos lógicos etc. e, quase no desfecho do seu livro, confessa que “Não há dúvida de que a Cinderela deste livro tem sido a área de pragmática” (Kempson, 1977: 192). Aqui no Brasil, o livro de Ilari e Geraldi (1985) opta por uma divisão de bolo nessa mesma linha. Os fenômenos como sinonímia, antonímia, hiponímia e duplicidade de sentido são tratados como “temas semânticos mais tradicionais” (p. 41), ao passo que alguns fenômenos que são amplamente reconhecidos como pertencentes ao campo da pragmática (ver, por ex., Lobato 1987: 130) – tais como dêixis, atos de fala, implicaturas conversacionais, e até mesmo operadores argumentativos - são tratados sob o rótulo dos “fenômenos que demonstram a ‘presença do homem na língua’ ” (expressão devidamente creditada a Émile Benveniste). Cabe lembrar também que, ao se debruçar sobre alguns aspectos sintáticos da sentença imperativa no português brasileiro, Faraco (1986:14) chama a atenção para “um processo interessante de mudança lingüística no português – que poderíamos chamar tentativamente de especialização pragmática”.

A indefinição quanto à demarcação da linha fronteira entre os domínios da semântica e da pragmática também geraram algumas polêmicas interessantes. Em duas dessas, já bastante comentada na literatura, o presente autor teve participação. As duas polêmicas estão registradas nos seguintes conjuntos de três artigos cada: Rajagopalan (1983 a), Kato (1983), e Rajagopalan (1983 b); Ilari (1984/1987), Rajagopalan (1987), Ilari (1987a). A primeira polêmica

teve como ponto de discórdia os casos de verbos performativos no negativo, ao passo que a segunda se deu em relação às construções simétricas. Esses e outros autores deram vazão à constante preocupação no sentido de separar a semântica da pragmática; mesmo reconhecendo que os problemas se avolumavam de todos os lados. Houve também propostas mais categóricas e taxativas. Entre elas está a seguinte colocação de Perini (1985a: 46): “O estudo do significado literal é geralmente chamado “semântica”; o estudo dos fatores que modificam esse significado literal (para aqueles que colocam assim a questão) é colocado na “pragmática”. Perini se apressa para acrescentar o seguinte: “Não existe critério universalmente aceito para distinguir pragmática de semântica; e nenhum dos critérios correntes é realmente preciso”.

Com base em dados recolhidos nos *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (CEL) da Unicamp, Altman (1998: 227) distingue 3 tendências nos estudos de significação. “Em última instância,” acrescenta a autora, “a pertinência da chamada dimensão pragmática da linguagem, na análise semântica das línguas naturais, pode ser apontada como o grande divisor das águas das principais orientações – e também das principais polêmicas – que surgiram nos CEL, durante o período”. A primeira tendência, segundo Altman, é centrada na análise gramatical e vê na pragmática “um papel marginal”. Pertencem a essa tendência Dascal (1982b), Ilari (1981, 1987), Francesconi (1982), Ilari e Mantoanelli (1983) e Gallego (1987). Como mote dessa tendência, Altman (1998: 227) cita as seguintes palavras de Ilari: “... o apelo a soluções pragmáticas [em muitos casos] vale por uma busca intuitiva, legítima, dos fatores que determinam as diferenças de leituras, e como maneira ilegítima de desobrigar-nos de representar tais fatores nas expressões produzidas pela sintaxe...” (Ilari, 1981: 57). A segunda tendência a que refere Altman também é centrada em categorias gramaticais porém “procura incorporar, à diferença da anterior, componentes pragmáticos na elaboração de uma teoria semântica”. (Altman, 1998: 228). Os trabalhos citados como representantes dessa tendência são: Vogt (1978), Guimarães (1985), Tfouni (1984) e Fuchs (1985). A terceira tendência “seria englobante em relação à sintaxe e à semântica” e, segundo Altman, tem como representantes Rajagopalan (1984, 1987), Parret (1984), Jacques (1985), Lorenz (1986) e Dascal (1986).

Os dados de Altman, utilizados no parágrafo anterior, se referem à revista da Unicamp (*Cadernos de Estudos Lingüísticos*). As polêmicas entre as três tendências por ela distinguidas também foram travadas tendo a revista *D.E.L.T.A* como palco. Müller (1988) e Ilari (1987) são exemplos disso. Aliás, no âmbito da revista *D.E.L.T.A.*, foram diversos os confrontos entre os

partidários de formalismo e aqueles que pleiteavam apelo a fatores externos incluindo contexto de enunciação, funções comunicativas etc. Essas polêmicas na verdade se confundem com as polêmicas sobre os respectivos méritos da semântica e da pragmática. É possível argumentar que a própria polêmica “formalismo vs. funcionalismo” tem muito a ver com a questão da pragmática compreendida sob um certo prisma. Trata-se da tendência de identificar a pragmática com tudo o que diz respeito ao uso da língua em oposição à gramática (leia-se sintaxe, acrescida de uma interpretação semântica). Uma vez colocada nesses termos, a demarcação entre a gramática da forma e a pragmática do uso (ou das funções) vai ser feita em uma das seguintes maneiras: (a) defendendo uma gramática enxuta, repleta de regras determinísticas com “output” satisfatório sempre garantido; à pragmática cabe, neste caso, explicar tudo o que não se explica na gramática (b) propondo uma gramática bastante ampla, “frouxa”, com muitas regras probabilísticas, heurísticas, e estocásticas; boa parte da pragmática é, dessa forma, incorporada à gramática.

A polêmica entre Perini (1985) e Kato (1985), logo no primeiríssimo número da *D.E.L.T.A.*, exemplifica o confronto entre as duas opções (a) e (b) acima referidas. Enquanto Perini defende uma “gramática adaptada para as necessidades de comunicação”, Kato prefere que os fatos analisados por Perini sejam analisados “como um fenômeno de uso”. Da mesma forma Naro e Votre (1989) advogam uma postura eminentemente funcionalista como alternativa à abordagem formal, a qual é rechaçada por Nascimento (1990) com base num argumento de que as duas propostas são incomensuráveis, argumento este que é reforçado por Dillinger (1991). Naro e Votre definem seu objetivo da seguinte forma: “A hipótese fundamental desta proposta é que do uso da língua – a comunicação na situação social – origina-se a forma da língua, com as características que lhe são peculiares, inclusive, diferentes graus de instabilidade associados a diferentes subsistemas. Isso supõe entender a língua como um objeto maleável, probabilístico, e não não-determinístico” (Naro e Votre, 1989: 169-70). Utilizando uma metáfora que é atribuída a Redford, Nascimento diz: “... uma perspectiva de uso da língua está para o manual do construtor assim como o gerativismo está para as leis que regulamentam as construções. Isso quer dizer que a teoria apenas estabelece os princípios segundo os quais uma sentença é ou não bem formada, sem nada dizer sobre os usos que o falante faz dentre as formas autorizadas pela teoria” (Nascimento, 1990: 95). Convém lembrar que a posição de Nascimento se assemelha à de Kato que, em sua resposta a Perini, argumentara que “As formas que Perini considera agramaticais são, dentro dessa concepção, vistas apenas como não-ocorrentes ou não produtivas. Como fenômenos de uso e

não de regra gramatical ...” (Kato, 1985: 119). Há, porém, uma importante diferença entre eles. Enquanto Nascimento considera formalismo e funcionalismo abordagens distintas e não necessariamente conflitantes entre si, Kato parece entender que há uma escolha a ser feita entre as duas alternativas. Por sua vez, Naro e Votre também não acreditam que a escolha entre as duas seja uma mera questão de gosto pessoal, mas sim algo a ser feito com base nos resultados concretos e mais satisfatórios – embora, diferentemente de Kato, sua preferência seja a favor da abordagem funcional.

Com base em Dik (1981), Neves (1994) contrapõe o paradigma formal (PFO) ao paradigma funcional (PFU) e explicita nada menos que 8 “tópicos de confronto” mais tarde “transfor[mando] sete desses tópicos em sete questões”. A questão sete, tal qual é elaborada por Neves (1994: 69), interessa à presente discussão.

Qual a relação entre a pragmática, a semântica e a sintaxe?

No PFO, a sintaxe é autônoma com respeito à sintaxe [sic – creio que trata-se de um erro de datilografia, a autora, ao que parece, quis dizer, semântica]; a sintaxe e a semântica são autônomas com respeito à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.

No PFU, a pragmática é vista como o quadro abrangente no qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas. A semântica é instrumental em relação à pragmática e a sintaxe é instrumental em relação à semântica. Nessa visão não há lugar para uma sintaxe autônoma.

Em trabalho publicado dois anos mais tarde, a autora coloca a questão nas seguintes palavras: “Na gramática funcional, noções ‘pragmáticas’ – relativas às escolhas que o falante faz para distribuir a informação de seu enunciado – são entendidas como internas à gramática. Essa visão, que necessariamente relaciona padrões discursivos a padrões gramaticais, faz uma integração da pragmática na gramática” (Neves, 1996: 34). Cabe salientar que os formalistas rechaçam qualquer tentativa de incorporar fatores pragmáticos à gramática. A primeira pergunta que foi feita a Chomsky após sua conferência “Novos horizontes no estudo da linguagem” proferida no Rio de Janeiro em dezembro de 1996 foi “Por que o senhor parou de usar o termo sintaxe?” (cf. Chomsky, 1997: 73). Em sua resposta, Chomsky diz, entre outras coisas, o seguinte:

Em minha opinião praticamente tudo o que se denomina semântica é sintaxe. Tem a ver com alguma coisa que está passando dentro da cabeça. Com representações internas que são objetos simbólicos e como interagem e assim por diante. [...] as pessoas que estivessem trabalhando com a verdadeira semântica estariam falando da relação entre o que está na cabeça e o que está lá fora no mundo, as coisas sobre as quais as pessoas falam. Quase ninguém trabalha sobre isso. É um problema muito difícil. Aquilo com que as pessoas trabalham é a relação entre o que está dentro da cabeça e a maneira como é interpretado.

Voltando ao artigo de Neves, a autora concorda com Nascimento (1990) que “não cabe considerar uma ou outra como melhor opção, pelo simples fato de que cada uma tem diferente objeto de estudo, e, a partir daí, diferentes pressupostos, objetivos, e metodologia”. Contrariamente à situação verificada com respeito a Kato e Naro / Votre, onde ambos estão de acordo sobre a necessidade de se fazer uma escolha, mas divergem quanto à escolha, Nascimento e Neves não vêem a necessidade de conflito de interesses entre formalismo e funcionalismo, embora cada um tenha sua preferência por uma das opções teóricas distintas. De modo geral, os pesquisadores que pleiteiam pluralismo na lingüística concordam com Nascimento e Neves sobre a possibilidade de convivência pacífica e harmoniosa entre abordagens diferentes. Franchi (1994) e Borges Neto (1996) são exemplos ilustrativos. Borges Neto (1996: 5-6) defende a tese de complementaridade entre as diferentes “visadas” da seguinte forma: “Dado o grande número de relações que a linguagem mantém, não temos condições de decidir por onde é que vamos começar a abordá-la. Toda abordagem proposta vai [ser] sempre parcial e arbitrária. A palavra de ordem aqui é *escolha*. E escolher implica em deixar algo de fora”.

De qualquer forma, é fato inegável que os simpatizantes da corrente funcionalista recorrem com frequência à pragmática, como pode ser facilmente constatada por uma consulta à bibliografia representativa (cf. Mollica, 1994: 79; Brito: 1994:80). Alguns analistas de texto também reconhecem a importância de considerações pragmáticas em seu trabalho. Diz Martins (1993: 253): “Os pré-requisitos de coerência de um texto ou discurso [passam por] relações que são de natureza pragmática, embora, dependendo da análise, se passam priorizar outros níveis de relação como o semântico”. Em entrevista concedida a Dutra (1993), Sandra Thompson reforça uma certa caracterização da pragmática segundo a qual ela deve se voltar a unidades maiores que a

sentença. Em resposta a uma pergunta a respeito da tendência de usar o termo 'análise do discurso' como sinônimo a todas as análises que envolvem aspectos pragmáticos, a lingüista norte-americana diz o seguinte: "Há muita gente trabalhando já há algum tempo em pragmática. Acontece que há várias pessoas aqui que, embora se digam interessadas em pragmática, estão trabalhando unicamente ao nível da sentença isolada. Inventam sentenças e discutem essas sentenças à luz dos atos de fala, discutem seu significado e os contextos em que podem ser usadas. Eu acho esse enfoque um tanto limitado, porque não se observa o contexto real, de fato, desses dados lingüísticos ... esse não é enfoque empirista." (Dutra, 1993: 218). A importância de analisar dados autênticos também foi ressaltada por Mollica e Roncarati (1991).

Se a preocupação no sentido de trabalhar com dados recolhidos da vida realmente vivida pelos usuários de língua e não inventados pela imaginação fértil dos pesquisadores une a pragmática às áreas como análise de discurso, análise conversacional, lingüística de texto, e sociolingüística, é de se esperar que os pesquisadores que se interessam pela pragmática também se interessem pelas questões que são tratadas sob o rótulo de "lingüística aplicada". É interessante mencionar a esse respeito que a recém publicada *Concise Encyclopedia of Pragmatics* (Mey, 1998) contém verbetes como 'Lingüística aplicada', 'Lingüística aplicada – sociolingüística', 'Educação em Black English em Reino Unido/ nos Estados Unidos', 'Discurso', 'Análise de discurso e literatura', 'Discurso, ideologia e literatura', 'Lingüística emancipatória', 'Etnografia de fala', 'Functional sentence perspective', 'Linguagem e poder', 'Gramatologia', 'Interlíngua', 'Linguagem como realidade social', 'Linguagem e sociedade', 'Língua para fins específicos: pedagogia', 'Métodos de ensino de língua', 'Imperialismo lingüístico', 'Pragmática literária', 'Sociolingüística', e 'Lingüística de texto', entre outros assuntos. A grande variedade de assuntos tratados é prova de que a pragmática mantém vínculos com muitas outras disciplinas, assim como muitas das demais subáreas dentro da lingüística. Uma rápida consulta ao livro de resumos das comunicações apresentadas durante o 6º Congresso Internacional de Pragmática em Reims, França, em 1998, evidencia o crescente número de pesquisadores na área, assim como a grande variedade de questões que os atraem. Por sinal, o tema central escolhido para o referido congresso foi 'Ideologia'.

Os possíveis pontos de encontro entre a pragmática e a lingüística aplicada, ambas definidas em termos amplos, foram sinalizados nas seguintes palavras de Mey (1993:286), que pede que a pragmática fique cada vez mais voltada às questões de interesse social:

A questão de uma pragmática socialmente sensível é intimamente ligada à relação entre a lingüística como uma 'ciência pura' e a prática de lingüística enquanto aplicada ao uso da linguagem pelas pessoas, ao que elas 'fazem com as palavras', para usar uma fórmula que está à beira de se tornar banal. Tradicionalmente, essa cisão na lingüística se redundou numa divisão da disciplina em duas alas principais que parecem não conseguir conversar entre si: a lingüística teórica e a lingüística aplicada.

Para Mey, uma pragmática socialmente sensível conseguiria superar a distância entre a parte teórica e a parte aplicada. Tentativas como as de Mey, como também as de Cameron et al. (1993), Rampton (1995, 1997), Fairclough (1989, 1992) de interrogar a lingüística teórica, procurando torná-la eticamente responsável e consciente das suas implicações ideológicas estão abrindo novos caminhos para os pesquisadores em pragmática. Com base nas propostas de Hymes (1980), Rampton argumenta que a própria atividade de construir teorias é algo que se processa no mundo real (cf. Rajagopalan, 1999a & b). As seguintes palavras de Pennycook (1998: 24) são bastante eloqüentes:

Como lingüistas aplicados, estamos envolvidos com linguagem e educação, uma confluência de dois dos aspectos mais essencialmente políticos da vida. Na minha visão, as sociedades são desigualmente estruturadas e são dominadas por culturas e ideologias hegemônicas que limitam as possibilidades de refletirmos sobre o mundo e, conseqüentemente, sobre as possibilidade de mudarmos esse mundo.

À guisa de conclusão, podemos dizer com segurança que a pragmática já se encontra numa fase bastante amadurecida. A indefinição quanto às suas linhas de fronteira não pode ser atribuída à falta de consolidação da área nos meios acadêmicos. Ao que parece, a indefinição é algo típico da própria natureza dessa subárea da lingüística. Em sua introdução à coletânea de textos em pragmática, Dascal (1982: 7) chega a dizer que "uma das preocupações fundamentais dos 'pragmaticistas' é a de justificar a inclusão de um componente pragmático na teoria da linguagem". Ou seja, não muito tempo atrás os pesquisadores que enveredavam pelo caminho da pragmática se viam na necessidade de se desculpar e reivindicar seu lugar junto com seus colegas que trabalhavam nas áreas supostamente mais nobres. Já se foi aquele tempo. Curiosamente, numa conferência proferida apenas 2 anos após a publicação do referido livro, Castilho (1984) faz um apanhado geral dos trabalhos

desenvolvidos nos quinze anos anteriores sob a égide do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado do GEL) e observa que um dos três centros de interesse dos pesquisadores é “o da Pragmática e da Lingüística do Texto, nisto que parece configurar uma ruptura com os paradigmas vigentes e o começo de uma nova revolução na Lingüística, com expansão de seus domínios para as áreas cobertas até aqui por outras disciplinas, tais como a Teoria e a Crítica Literária, a Estilística, a Retórica, a velha Filologia.” (Castilho, 1984: 13). Trata-se, portanto, de duas tendências opostas, uma de submissão e apologia, notada por Dascal, e a outra, de desafio e confronto, identificada por Castilho.

A futurologia é sempre um empreendimento arriscado, já que não se dispõe de nenhuma bola de cristal confiável. Mas, se dicas que o momento presente nos oferece querem dizer alguma coisa, dir-se-á que a pragmática poderá vir a ser a única ponte para estabelecer diálogos frutíferos com as disciplinas conexas, como já previam as palavras de Castilho.

Agradecimento

Sou grato ao CNPq pela bolsa-pesquisa n.º 306151/88-0.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, C. (1998) *A Pesquisa Lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.
- BORGES NETO (1996) O pluralismo teórico na lingüística. *Estudos Lingüísticos*, XXV (Anais do GEL): 4-17.
- BRITO, C. (1994). Uma proposta funcionalista. *Boletim da ABRALIN*, 15: 80-87.
- CAMERON, D. et al. (1993) Ethics, advocacy and empowerment: issues of method in researching language. *Language and Communication*, 13: 81-94.
- CASTILHO, A. T. de (1984). Quinze anos de Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. *Estudos Lingüísticos*, IX (Anais do GEL): 10-20.
- ____ & M.C.F.S. ALTMAN (1994) Para a história da Associação Brasileira de Lingüística. *Boletim da ABRALIN*, 16: 21-37.
- CHOMSKY, N. A. (1997) Chomsky no Brasil. *D.E.L.T.A.*, 13, n.º Especial.
- DASCAL, M. (1982a) Introdução. *Pragmática. Parte IV. Fundamentos Metodológicos da Lingüística*. Unicamp: 7-22.
- ____ (1982b). Começemos a acabar de começar. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 3. Unicamp: 126-186.
- ____ (1986) A relevância do mal-entendido. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, II. Unicamp: 199-217.

- DIK, S. (1981) *Funcional Grammar*. Dordrecht-Holland: Foris Publications.
- DILLINGER, M. (1991) Forma e função na lingüística. *D.E.L.T.A.*, 7, 1: 395-407.
- DUCROT, O. (1977) *Dizer e Não Dizer: Princípios da Semântica Lingüística*. Trad. bras. São Paulo: Ed. Cultrix.
- FARACO, C. A. (1986) Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, 2: 1-15.
- FAIRCLOUGH, N. (1989) *Language and Power*. Londres: Longman.
- _____ (1992) *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity.
- _____ (1995) *Critical Discourse Analysis*: Londres: Longman.
- FRANCESCONI, C. (1982) Further evidence for a compositional nature of aspects. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 3. Unicamp: 92-125.
- FRANCHI, C. (1994) Lingüística no Brasil: o pluralismo necessário. Conferência proferida no 1º Congresso Internacional da ABRALIN.
- FUCHS, C. (1985) A paráfrase lingüística – equivalência, sinonímia ou reformulação? *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 8. Unicamp: 129-133.
- GALLEGO, M. (1987) Um exemplo de modelo intencional. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 12. Unicamp: 25-41.
- GAZDAR, G. (1979) *Pragmatics: Implicature, Presupposition, and Logical Form*. Nova Iorque: Academic Press.
- GERALDI et al. (1985) Operadores de argumentação e diálogo. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 9. Unicamp: 143-157.
- GOMES DE MATOS, F. (1982) Pós-graduação em Lingüística no Brasil: orientações curriculares e output (dissertações). *Boletim da ABRALIN*, 3: 81-87.
- GUIMARÃES, E. (1983) Sobre alguns caminhos da pragmática. *Série Estudos*, 9. *Sobre Pragmática*: 15-29.
- _____ (1985) Não só ... mas também – polifonia e argumentação. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 8. Unicamp: 79-107.
- HYMES, D. (1980) Speech and language: on the origins of and foundations of inequality among speakers. In: *Language in Education: Ethnolinguistic Essays*. Washington: Center for applied Linguistics: 19-61.
- ILARI, R. (1981) Os reflexivos e a interpretação dos prossintagmas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 2. Unicamp: 56-156.
- _____ (1983/1987) Dos problemas de imperfeita simetria. *Ensaio Lingüísticos*, 9. 1983: 94-120. Republicado em *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 13. Unicamp. 1987: 49-65.
- _____ (1987a) O que fazer quando ‘2+3’ não é igual a ‘3+2’: a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 13. Unicamp: 97-105.
- _____ (1987b) Algo mais sobre não só mas também. *D.E.L.T.A.*, 3: 111-5.
- ILARI, R. e GERALDI, J.W. (1985) *Semântica*. São Paulo: Ed. Ática.

- ILARI, R. e I. MANTOANELLI (1983) As formas progressivas do português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 5. Unicamp: 27-60.
- JACQUES, F. (1985) Do dialogismo à forma dialogada. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 9. Unicamp: 23-48.
- LORENZ, K. (1986) A intencionalidade e sua dependência da linguagem. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 11. Unicamp: 57-64.
- KATO, M. A (1983) A determinação da força ilocucionária de construções com performativo no negativo: réplica a Rajagopalan. *Série Estudos, 9. Sobre Pragmática*: 39-45.
- _____ (1985) A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial – réplica a Perini. *D.E.L.T.A.*, 1. n.º 1 e 2: 107-120.
- KEMPSON, R. (1977) *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOBATO, L. (1987) Resenha do livro *Semântica* por Ilari e Geraldi. *D.E.L.T.A.*, 3.1: 127-135.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MAUTNER, T. (org.) (1996) *Penguin Dictionary of Philosophy*. Londres: Penguin Books.
- MARCUSCHI, L.A. (1996). Perspectivas da pesquisa lingüística no Brasil. *Boletim da ABRALIN*, 19:15-25.
- MARTINS, E. J. (1993) Uma perspectiva pragmática de análise de texto. *Boletim da ABRALIN*, 14: 253-59.
- MEY, J.L. (1993) *Pragmatics*. Oxford: Blackwell.
- _____ (1998) *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. Oxford: Elsevier.
- MOLLIÇA, M.C. (1994) Funções diferentes de ‘variantes’ ou equivalência semântico-funcional em variação. *Boletim da ABRALIN*, 15: 74-79.
- _____ e RONCARATI, C. (1991) Enfoques sobre amostragem em sociolingüística. *D.E.L.T.A.*, 7.2: 521-8.
- MOURA, H.M de M. (1999) *Significação e Contexto: Uma Introdução a Questões de Semântica e Pragmática*. Florianópolis, SC: Ed. Insular.
- MÜLLER, A.L. de P. (1988) Semântica formal versus pragmática. *D.E.L.T.A.*, 4.2: 183-192.
- NARO, A e VOTRE, S.J. (1989) Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, 5.2: 169-184.
- NASCIMENTO, M. do (1990) Teoria gramatical e ‘mecanismos funcionais do uso da língua’. *D.E.L.T.A.*, 6.1: 83-98.
- NEHRlich, B. e CLARKE, D.D. (1996) *Language, Action, and Context: The Early History of Pragmatics in Europe and America, 1780-1930*. Amsterdam: John Benjamins.
- NEVES, M.H.de M. (1994) A gramática funcional. *Boletim da ABRALIN*, 15:

- 67-73.
- ____ (1996) A gramática de usos é uma gramática funcional. *Boletim da ABRALIN*, 19: 27-38.
- ORLANDI, E. P. (1996) Exterioridade e ideologia. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 30: 27-33.
- PARRET, H. (1984) Pragmática. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 7: Unicamp: 39-51.
- PENNYCOOK, A. (1998) A lingüística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: I. SIGNORINI & M. C. CAVALCANTI (orgs.) *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras: 23-50.
- PERINI, M. (1985a) *Para Uma Nova Gramática do Português*. São Paulo: Ed. Ática.
- ____ (1985b) O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *D.E.L.T.A.*, 1. n.º 1 e 2: 1-16.
- POSSENTI, S. (1996) Pragmática na análise do discurso. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 30: 71-84
- RAJAGOPALAN, K. (1983 a) Sobre a eficácia comunicativa dos verbos performativos no negativo. *Série Estudos, 9. Sobre Pragmática*: 30-38.
- ____ (1983 b) O caso de verbos performativos no negativo: semântica ou pragmática? - Tréplica a Mary Kato. *Série Estudos, 9. Sobre Pragmática*: 46-65.
- ____ (1984) A note on His Majesty's baldness. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 6: 219-227.
- ____ (1987) Quando "2+3" não é igual a "3+2": a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural'. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 13. Unicamp: 67-96.
- ____ (1996) Pragmática – uma vista aérea. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 30: 5-7.
- ____ (1999a) Tuning up amidst the din of discordant notes: on a recent bout of identity crisis in applied linguistics. *International Journal of Applied Linguistics*, 9. n.º 1: 99-119.
- ____ (1999b) Critical approaches and their *raison d'être*: a rejoinder to Brumfit and Widdowson. *International Journal of Applied Linguistics*, 9. n.º 1: 127:134.
- RAMPTON, B. (1995) Policies and change in research in applied linguistics. *Applied Linguistics*, 16 (2): 233-56.
- ____ (1997) Retuning in applied linguistics. *International Journal of Applied Linguistics*, 7 (1): 3-25.
- TFOUNI, (1984) O resgate de identidade – investigação sobre o uso da

modalidade por adultos não-alfabetizados. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 7. Unicamp: 59-76.

Vogt, C. (1977) *O Intervalo Semântico*. São Paulo: Ed. Ática.

_____ (1978) Indicações para uma análise semântico-argumentativa das conjunções “porque”, “pois” e “já que”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 1. Unicamp: 35-50.

_____ (1983) Pragmática: o rosto e a máscara da linguagem. *Série Estudos*, 9 *Sobre Pragmática*: 7-14.

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UMA RETROSPECTIVA DOS ÚLTIMOS TRINTA ANOS
(Language Acquisition: A Survey of the Research of the Last Thirty Years)

Letícia Maria Sicuro CORREA (PUC-Rio)

Abstract: A survey of the research on language acquisition is presented, in which the major trends, controversies and findings of the last 30 years are highlighted. The study of language acquisition carried out in Brazil is situated within the broader context of the research in this area. The perspectives of a theory of language acquisition are considered.

Key-words: Language acquisition; Linguistic development

Palavras-chave: Aquisição da linguagem; Desenvolvimento lingüístico

0. Introdução

Este artigo apresenta uma retrospectiva do estudo da aquisição da linguagem, situando a pesquisa em Aquisição da Linguagem conduzida no Brasil nos últimos 30 anos nos desenvolvimentos teóricos desse campo, que tomaram forma em meados deste século.

A aquisição da linguagem apresenta-se como uma questão fundamental na Teoria Lingüística e no estudo da cognição humana. O estudo da aquisição da linguagem visa a explicar de que modo o ser humano parte de um estado no qual não possui qualquer forma de expressão verbal e, naturalmente, ou seja, sem a necessidade de aprendizagem formal, incorpora a língua de sua comunidade nos primeiros anos de vida, adquirindo um modo de expressão e de interação social dela dependente.

O material empírico de que esse estudo dispõe são dados da produção, da percepção e da compreensão de enunciados lingüísticos por crianças, obtidos em condições naturais ou experimentais. O estudo de casos excepcionais em condições adversas é também da maior relevância, dado que esses casos permitem que se considerem as condições necessárias para que o processo de aquisição da linguagem transcorra sem ser significativamente alterado.

Toda criança é, em princípio, capaz de tomar a língua de sua comunidade como língua materna e de adquirir simultaneamente mais de uma língua. A

aquisição de cada língua irá requerer a identificação de seu sistema fonológico, sua morfologia, seu léxico, o que há de peculiar em sua sintaxe e no modo como relações semânticas se estabelecem. Diante da variabilidade das línguas, a criança terá de lidar com uma série de variáveis nessa identificação. A despeito disso, o processo de aquisição da linguagem apresenta um padrão de desenvolvimento, em grande parte, comum aos diferentes indivíduos nas diferentes línguas, o que remete àquilo que, na linguagem, é comum à espécie humana. Cabe a uma teoria da aquisição da linguagem explicar esse fato, considerando de que modo a aquisição de uma língua específica pode elucidar o processo pelo qual a aquisição espontânea de qualquer língua humana se realiza. Uma teoria da aquisição da linguagem pode, portanto, ser concebida como um modelo da dinâmica desse processo. Essa teoria deverá caracterizar o modo como a criança lida com o material lingüístico de que dispõe, extraindo dele informação relevante sobre a língua em questão, e explicar de que forma esse processo se faz viável para qualquer língua.

O desenvolvimento de uma teoria da aquisição da linguagem faz supor uma concepção ou modelo do estado estável do desenvolvimento a ser atingido e do estado inicial desse processo. Não há, contudo, no estudo da aquisição da linguagem, total consenso quanto ao modo de se conceberem os estados inicial e “final”. Isso se deve, por um lado, à duplicidade de objetos a que o termo linguagem pode remeter – língua e forma de expressão verbal, o que dá margem a diferentes modos de se conceber o problema de aquisição. Por outro lado, as divergências decorrem do confronto de diferentes tradições ou posturas epistemológicas no tratamento de um problema interdisciplinar.

A Teoria Lingüística¹, de orientação racionalista, parte do pressuposto de um estado inicial formulado em termos de uma Gramática Universal (GU) – correlato lingüístico do tipo de programação biológica tida como necessária para que línguas apresentem as propriedades que as definem e sejam adquiridas num período de tempo relativamente curto. O estudo da aquisição da linguagem no contexto do desenvolvimento da criança, apoiado numa concepção empirista de aquisição de conhecimento, tende a pressupor menos informação especificamente lingüística, ou seja, maior indeterminação quanto à forma das línguas a serem adquiridas no estado inicial do processo.

¹ O termo Teoria Lingüística remete aqui à vertente da Lingüística que visa a explicar o fato de línguas humanas serem adquiridas mais do que a prover descrições lingüísticas satisfatórias para outros fins. Até então, é a Lingüística Gerativista, mais especificamente na corrente chomskyana, que se tem colocado tal meta.

Existem, ainda, dificuldades operacionais para uma aproximação com a Teoria Lingüística por parte daqueles que, no âmbito das ciências cognitivas, não se dedicam diretamente ao desenvolvimento de um modelo formal de língua, independentemente de seu posicionamento epistemológico. Modelos formais tendem a ser de grande complexidade e muitas das soluções encontradas para problemas descritivos apresentam-se pouco ou não motivadas.² Grande parte do estudo do processo de aquisição da linguagem desenvolve-se, pois, de forma praticamente independente da Teoria Lingüística, ainda que a incorporação de uma teoria de língua numa teoria da aquisição da linguagem seja necessária. Na ausência de consenso quanto ao modo de se conceber a língua a ser adquirida e o ponto de partida do processo de aquisição tem havido mais divergência do que convergência em direção a um corpo teórico coerente, ao longo de cerca de meio século de pesquisa nessa área.

Pode-se, não obstante, vislumbrar o início da reversão desse quadro. Evidências empíricas provenientes de resultados da pesquisa psicolingüística e em áreas afins têm contribuído para tornar menos ideológica a discussão relativa à autonomia da língua no conjunto da cognição humana. Dados da percepção da fala por bebês (cf. Juckzyk, 1997) requerem que se atribua ao estado inicial do processo de aquisição da linguagem pelo menos um aparato perceptual especializado para o tratamento do material lingüístico. Indivíduos com deficiências cognitivas profundas, de origem genética ou congênita, que mantêm sua capacidade lingüística preservada, de um lado (Bellugi et al, 1993; Curtiss, 1981; Smith & Tsimpli, 1995), e a existência de déficits especificamente lingüísticos no desenvolvimento, de outro (Bishop, 1998), sustentam a hipótese da especialização de domínios cognitivos. As perdas seletivas na afasia (Grodzinsky, 1990; Swinney & Zurif, 1995) sugerem, ainda, haver especialização não apenas entre domínios cognitivos como no próprio domínio da língua. E a robustez do processo de aquisição de uma língua materna em condições socialmente adversas permite que se restrinjam as condições necessárias para o desenvolvimento lingüístico (Skuse, 1993). Com isso, a necessidade de se conceber uma programação biológica específica para a língua e para sistemas perceptuais dedicados ao processamento de material lingüístico revela-se hoje

² O comentário de Chomsky é ilustrativo desse ponto: "We ask how much of what we are attributing to the faculty of language is really motivated by empirical evidence, and how much is a kind of technology, adopted in order to present data in a convenient form while covering up gaps of understanding. Not unfrequently, accounts that are offered in technical work turn out on investigation to be of roughly the order of complexity of what is to be explained, and involve assumptions that are not independently very well-grounded. (...)" (Chomsky, 1997, p.9-10).

de forma mais clara do que em meados desse século.

Os desenvolvimentos recentes no âmbito da Teoria Lingüística, por sua vez, tendem a facilitar uma maior aproximação entre esta e o estudo do processo de aquisição da língua. Um modelo de GU formulado em termos de princípios universais e de parâmetros com um número fixo de valores possíveis facilita a formulação de hipóteses acerca do que se apresenta à criança como problema de aquisição (Chomsky, 1981; 1986). Em sua formulação mais recente (Chomsky, 1995; 1997), essa teoria passou a levar em conta a necessidade de caracterizar níveis de interface entre língua e sistemas de desempenho no modelo de língua interna (língua-I, de interna e intensional, Chomsky, 1986) a ser tomado como representativo do estado estável do processo de aquisição. Considera-se a possibilidade mesma de estes sistemas influenciarem a forma como expressões lingüísticas se apresentam, ao definirem-se condições de legibilidade dos níveis de interface (Chomsky, 1997). Essa concepção contempla, de certo modo, a idéia de um “funcionalismo” perceptual há muito intuída por Bever (1970 a; b) (cf. 4), ao discutir a relação entre língua e sistemas perceptuais. Paralelamente, uma versão alternativa de GU, nos termos da chamada Teoria da Otimidade (Prince & Smolensky, 1993; McCarthy & Prince, 1993 apud Kager, 1999), fornece um modelo menos determinístico do estado inicial, tornando-se mais aceita por parte das correntes inicialmente mais refratárias à idéia de inatismo no estudo do desenvolvimento lingüístico. De qualquer forma, persiste a divergência quanto ao grau de indeterminação do estado inicial, o que remete a diferentes tipos de teorias de aquisição.

O estudo da aquisição da linguagem conduzido no Brasil inscreve-se nesse contexto teoricamente diversificado e assume direcionamentos próprios. Esse estudo teve início na década de 70, no auge da polêmica em relação à chamada hipótese inatista (Chomsky, 1965) e ao grau de autonomia a ser atribuído ao desenvolvimento lingüístico em face dos demais aspectos da cognição. De modo a situar a pesquisa em Aquisição da Linguagem conduzida no Brasil no curso do desenvolvimento de uma teoria da aquisição da linguagem é necessário, pois, percorrer a trajetória desse campo de investigação e buscar entender o porquê de muito da controvérsia em torno do modo de caracterizar o processo de aquisição da linguagem.

A presente retrospectiva parte do problema da aquisição da linguagem formulado na Teoria Lingüística e apresenta as principais direções tomadas pelo estudo do processo de aquisição da linguagem a partir dessa formulação. A principal controvérsia no que concerne à aquisição da linguagem, qual seja,

o quanto de informação relativa à forma das gramáticas das línguas humanas atribuir ao programa biológico que caracteriza o estado inicial do processo de aquisição, manifesta-se no modo como a relação entre desenvolvimento lingüístico e cognitivo é abordada, no modo como a relação entre sintaxe e semântica no desenvolvimento lingüístico é concebida, na formulação de hipóteses acerca das condições ambientais ou interpessoais tomadas como necessárias para a aquisição de uma língua e na natureza dos procedimentos de aquisição propostos. Nesse artigo, cada um desses pontos será focalizado. Apresentar o percurso teórico do estudo da aquisição da linguagem sob uma perspectiva histórica e temática é, entretanto, proposta ambiciosa para os limites de um artigo. Não se deve, pois, esperar aprofundamento dos temas levantados, nem uma revisão por sub-áreas específicas. A razão de insistir-se numa caracterização abrangente, ainda que não exaustiva e, até certo ponto superficial, dos desenvolvimentos da pesquisa em aquisição da linguagem reside na carência de um material de leitura que facilite ao leitor pouco familiarizado com o campo uma rápida inserção na trajetória multidirecionada do mesmo.

O objetivo deste artigo é, pois, prover um mapa teórico básico (na medida do possível não tendencioso), para que o leitor tenha uma visão panorâmica do estudo da aquisição da linguagem nos últimos 30 anos. Espera-se que ele venha a ser capaz de identificar algumas das principais questões que essa pesquisa vem tentando responder, assim como a perspectiva teórica subjacente a estudos sobre tópicos específicos que venha a encontrar. Espera-se, em particular, que possa posicionar o estudo da aquisição da linguagem conduzido no Brasil no desenvolvimento de uma teoria da aquisição da linguagem. Visa-se, com isso, não só motivar o leitor a agregar-se aos poucos que, neste país, se dedicam a essa área, como facilitar-lhe uma inserção nesse campo de investigação que não fique restrita aos termos de uma dada abordagem.

1. O problema lógico da aquisição da linguagem e o contexto em que foi formulado

A pesquisa em Aquisição da Linguagem tomou impulso com a formulação do problema lógico aquisição da linguagem pela Lingüística Gerativista. Esta, ao apresentar um modelo formal de gramática como modelo da competência lingüística de um falante/ouvinte abstrato, defrontou-se com a tarefa de explicar o fato de gramáticas (línguas) serem identificadas (num conjunto de gramáticas possíveis) a partir de um subconjunto das expressões por elas geradas, num período de tempo relativamente curto. A formulação desse problema levou a

Teoria Lingüística a conceber restrições à forma das gramáticas de línguas naturais como parte da dotação biológica característica da espécie humana, o que é formalizado como Gramática Universal (GU) (Chomsky, 1965). O problema da aquisição da linguagem é, portanto, originalmente concebido como um problema de identificação (no sentido de seleção de uma língua num conjunto de línguas possíveis) da língua materna pela criança.

Em função dos desenvolvimentos associados à chamada revolução cognitiva de meados desse século (cf. Gardner, 1986)³, a formulação do problema lógico da aquisição da linguagem pela Lingüística Gerativista despertou interesse no processo de aquisição, o qual passou a ser abordado por diferentes frentes: pela então emergente Teoria da Aprendibilidade⁴, vinculada à Teoria das Gramáticas Formais ou Lingüística Matemática (ambas constituídas no contexto da Lingüística Gerativista), pela Psicologia do Desenvolvimento e pela Psicologia Cognitiva, particularmente no ramo que se constituiu como Psicolingüística a partir dos anos 60.

2. A concepção formal da aquisição da linguagem e o estudo do processo a partir de GU

De um ponto de vista abstrato, o processo de aquisição da linguagem foi considerado inicialmente pela Teoria da Aprendibilidade (Gold, 1967 apud Pinker, 1979; Hamburger & Wexler, 1973; 1975; Pinker, 1979; 1989), que formula hipóteses sobre as propriedades a serem atribuídas a sistemas formais para que estes sejam identificados por um dado procedimento de aprendizagem (também definido abstratamente), em condições específicas (tais como, a presença ou ausência de feedback positivo ou negativo e a presença ou ausência de evidência negativa nos dados lingüísticos primários) (cf. Culicover, 1976).

Essa pesquisa demonstrou, por exemplo, que os modelos de gramática de línguas naturais então concebidos não apresentavam línguas passíveis de serem identificadas por um procedimento com propriedades também atribuíveis

³ Esses desenvolvimentos incluem o tratamento de processos cognitivos em termos de processamento de informação no âmbito da Psicologia Cognitiva, o desgaste do paradigma behaviorista, afetando diretamente a Psicologia do Desenvolvimento, e o surgimento de uma Teoria de Gramáticas Formais vinculada à Teoria da Computação.

⁴ Aprendibilidade é um termo cunhado a partir do inglês *learnability* e remete às propriedades a serem atribuídas a um sistema formal de gramática para que este possa ser identificado num conjunto de gramáticas formais, a partir de um subconjunto das expressões ou sentenças por ele geradas, tendo-se definido um dado procedimento de aprendizagem.

ao procedimento humano de aquisição da primeira língua. Ou seja, por um procedimento de aprendizagem que não tem acesso ao conjunto de sentenças já processadas ao lidar com uma nova sentença ou expressão da língua (e sim à gramática da língua), que não se baseia em evidência negativa e é insensível a feedback negativo imediato quanto à forma, como sugerem observações sobre o papel da correção explícita do adulto à forma dos enunciados produzidos por crianças (cf. Ingram, 1989).

Fora dessa abordagem estritamente formal, o estudo da aquisição da linguagem vinculado à Teoria Lingüística nos anos 70 apresentava uma vertente preocupada em formular hipóteses sobre o processo de aquisição levando em conta, diretamente, dados do desempenho lingüístico de crianças. Buscava-se, para isso, avaliar sua competência lingüística por meio de experimentos de compreensão (cf. artigos apresentados na coletânea de Tavakolian, 1981, como representativos dessa abordagem). Esse tipo de abordagem não se revelou, contudo, dos mais produtivos. Por um lado, a concepção de gramática da época $\frac{3}{4}$ gramática como sistemas de regras, fazia com que o problema da aquisição de uma língua fosse concebido como de aquisição de suas regras (tais como relativização e apassivação), concepção esta que se revelou equivocada (cf. Chomsky, 1981). Por outro lado, a análise e interpretação dos dados do desempenho lingüístico da criança encontrava uma série de dificuldades. Esses dados eram tomados como reflexo da competência lingüística da criança, sem que a mediação entre esta e sistemas de desempenho fosse considerada. Alterações no desempenho lingüístico eram, então, entendidas como alterações no estado da competência lingüística e processos maturacionais autônomos, no domínio de GU, apresentavam-se como explicação privilegiada para tais alterações. (cf. Corrêa, 1996).

Os desenvolvimentos no âmbito da Teoria da Aprendibilidade nos anos 70 contribuíram para que a Teoria Lingüística chegasse a um modelo de GU formulado em termos de princípios universais e parâmetros (como, por exemplo, a posição do complemento em relação a um núcleo lexical) cujos valores seriam fixados (dentro um conjunto de valores preferencialmente binários) a partir do contacto da criança com uma dada língua (Chomsky, 1981; 1986). Dessa forma, o problema da aquisição da linguagem passou a ser entendido, basicamente, como um problema de fixação de parâmetros e de aquisição do léxico da língua. Uma vez que a fixação de um determinado parâmetro repercutiria em diferentes subsistemas da língua, muito do que antes ficava dependente de aquisição específica passou a ser eliminado. A aquisição do léxico (cf. Clark, 1993), por outro lado, embora acentuada aos dois anos de idade, constituiu um processo

que pode estender-se até uma idade avançada, o que torna plausível supor tratar-se de um processo regido por fatores distintos dos que operam na sintaxe e na fonologia.

O estudo da aquisição da linguagem formulado em termos da fixação de parâmetros deu origem a uma série de questões teoricamente relevantes, como por exemplo: Deve-se assumir o pressuposto da continuidade, ou seja, o de que os princípios de GU estão acessíveis no estado inicial da aquisição da linguagem e o desenvolvimento diz respeito unicamente à fixação dos parâmetros? Ou deve-se assumir que esses princípios estão sujeitos a um cronograma maturacional tornando-se acessíveis de forma gradativa no desenvolvimento (Felix, 1992; Penner & Wissenborn, 1996)? O que promoveria a fixação de um dado parâmetro? Por que, estando desde o início exposta a evidências relevantes à fixação de um dado parâmetro, a criança parece “selecionar” informação (Borer & Wexler, 1987)? A fixação de parâmetros envolveria procedimentos de aprendizagem ou de auto-desencadeamento (bootstrapping⁵)? (Pylyshyn, 1977; Pinker, 1987). O quanto de exposição a evidências positivas relativas a um determinado valor é necessário para que parâmetros sejam fixados (Lightfoot, 1989; Randall, 1992)? Em que nível de encaixamento da oração estaria a informação necessária para a fixação de parâmetros (Lightfoot 1989; Roeper & Weisenborn, 1990)? Parâmetros podem ser refixados? Haveria um valor default (Hymes, 1986)? Haveria “erros” previsíveis no processo (Harris & Weler, 1996)? (ver Meisel, 1997, para uma introdução às questões que orientam essa pesquisa).

A partir dessas questões, tem-se uma segunda geração de estudos do processo de aquisição da linguagem vinculados à Teoria Lingüística, que busca testar hipóteses relativas ao modelo de GU e ao processo de fixação de parâmetros nos dados do desempenho lingüístico de crianças, particularmente, nos dados da produção espontânea. Persistem, contudo, dificuldades metodológicas nessa abordagem. As evidências que sustentam as hipóteses formuladas são, de uma modo geral, negativas, ou seja, sustentam-se pela não observância de algo que não seria previsível pela teoria de GU em questão. Além disso, fatores relativos ao desenvolvimento de habilidades de processamento do material lingüístico podem ser determinantes do

⁵ O termo bootstrapping diz respeito a uma ação promovida por um sistema que desencadeia outra que afeta a ele próprio. Seu uso, no contexto da aquisição da linguagem, diz respeito a uma ação, proveniente do contato da criança com a língua de seu meio social, que irá desencadear ou operacionalizar o sistema computacional que estaria especificado num programa biológico

desempenho lingüístico da criança num dado momento. Não é claro, pois, se evidências compatíveis com a hipótese de uma descontinuidade no desenvolvimento remetem necessariamente a diferenças quanto à informação disponível a partir de GU num dado momento (cf. Kato, 1999) De qualquer forma, esse modo de investigação tem-se revelado produtivo.

Grande parte da pesquisa em Aquisição da Linguagem que tomou forma no Brasil a partir dos anos 80 vincula-se à pesquisa em Teoria Lingüística na âmbito do chamado modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981; 1986). Dados da produção de crianças na aquisição do português são considerados de modo a contribuir para essa teoria, apresentando evidências ou provendo soluções para problemas específicos de fixação paramétrica (cf. Kato, 1995). Tópicos como o sujeito nulo e o objeto nulo têm sido particularmente enfocados com base nesses dados, além de questões relativas à hipótese da continuidade, considerando-se a presença ou ausência de categorias funcionais nas gramáticas iniciais (ver Kato, 1999, para um levantamento de dissertações e teses nessa linha de pesquisa; Perroni, 1999; Simões, 1998).

No âmbito da fonologia, tem-se, também a partir da década de 80, uma linha de pesquisa em aquisição do português e desvios fonológicos do desenvolvimento fundamentada numa concepção de GU expressa nos termos da Fonologia Auto-segmental (Clements & Hume, 1995) (Lamprecht, 1995; 1999; Hernandorena, 1995; 1996; 1999 a; 1999b; Mota, 1999; Ramos, 1999). Mais recentemente, avalia-se o potencial explanatório da Teoria da Otimidade como alternativa para dar conta desse tipo de dados (cf. Lamprecht (1999) e referências ali contidas).

3. A aquisição da linguagem e o desenvolvimento da criança

De um ponto de vista mais concreto ou não formal, o processo de aquisição da linguagem foi abordado por psicólogos do desenvolvimento, que passaram a prover descrições longitudinais do percurso evolutivo da aquisição do inglês (Brown, 1973; Menyuk, 1969; 1971; Bloom, 1970; 1973), retomando a tradição dos diários de bebês, de forma linguisticamente mais informada do que a época de seus antecessores (Leopold, 1939-49 e Stern & Stern, 1907 apud Blumenthal, 1970 e apud Ingram, 1989).

A influência da Teoria Lingüística sobre esta linha de investigação manifestou-se, de fato, mais no fornecimento de um instrumental descritivo para a apresentação de dados do desenvolvimento do que no de uma hipótese

sobre a natureza do processo de aquisição da linguagem. A formulação desse processo, do ponto de vista da aprendibilidade de gramáticas, não se apresentava atraente para o estudo do desenvolvimento centrado na criança, talvez por abstrair a criança num procedimento de aprendizagem. Psicólogos do desenvolvimento e lingüistas punham-se, em grande parte, em distribuição complementar. Enquanto Chomsky manifestava-se céptico quanto à relevância de dados da fala de crianças para o estudo do processo de aquisição da linguagem (Chomsky, 1964, apud Allen & van Buren, 1971, p.134), Roger Brown dizia-se pouco motivado a especular sobre dispositivos de aquisição da linguagem mal definidos (cf. Brown, 1973, p.19), fazendo referência à noção de LAD - Language Acquisition Device, introduzida por Chomsky (1965), de modo a materializar a idéia de que procedimentos de aquisição e sistemas perceptuais específicos, definidos como parte de uma faculdade de linguagem, seriam requeridos para que a criança viesse a lidar com os chamados dados lingüísticos primários.

Na verdade, a questão do que seria necessário atribuir ao estado inicial do processo de aquisição da linguagem não se apresentava claramente à Psicologia Evolutiva. A indiferenciação do estado inicial do desenvolvimento por domínios cognitivos era o pressuposto básico da tradição empirista na qual a Psicologia se inseria. Logo, o discurso racionalista recuperado pela Lingüística Gerativista provocava reação entre psicólogos do desenvolvimento, por abalar seus fundamentos epistemológicos. Uma vez que as bases biológicas de uma possível diferenciação por domínios no estado inicial do processo eram apenas conjeturadas (Lennenberg, 1967), o discurso da Lingüística corria o risco de ser visto, na ótica de psicólogos de formação empirista, como um retrocesso para uma concepção pré-científica da atividade mental.

Nos anos 60-70, a Psicologia Evolutiva norte-americana, distanciando-se do Behaviorismo, abria-se à influência do pensamento europeu através de traduções para o inglês dos trabalhos de Piaget ([1926] 1959; [1951] 1962; [1964], 1974)⁶, acerca do desenvolvimento cognitivo. Ao mesmo tempo, as idéias de Chomsky chegavam à Europa (Lyons, 1970; Aitichison, 1976), eram aparentemente absorvidas pela escola Piagetiana (Sinclair, 1976 a; 1976 b) e abalavam uma longa tradição funcionalista na Lingüística e uma forte tradição empirista na Filosofia (cf. Halliday, 1975; Bruner, 1983). Nesse contexto, as relações entre linguagem e cognição por um lado, e entre linguagem e

⁶ As datas entre colchetes referem-se à edição original em francês.

comunicação ou interação social, por outro, passaram a assumir o foco da atenção de psicólogos, lingüistas e filósofos, sendo esse interesse progressivamente absorvido por uma ampla comunidade intelectual, como pôde ser constatado no famoso “debate” entre Chomsky e Piaget, em 1975⁷. (Piatelli-Palmerini, 1980).

Diante de diferentes perspectivas e abordagens, o estudo da aquisição da linguagem passou a ser dominado pela controvérsia. De um lado, a proposta inatista da Teoria Lingüística e, de outro, diferentes posturas em relação ao quanto de especificidade é necessário atribuir à língua/gem quando comparada a outros sistemas cognitivos e ao quanto de independência pode ser atribuída ao desenvolvimento lingüístico no conjunto do desenvolvimento cognitivo. De um lado, a centralização do problema da aquisição da linguagem em seu aspecto sintático (cf. 1) e, de outro, a preocupação com os conceitos e relações semânticas expressas na fala da criança e a hipótese de uma precedência da semântica sobre a sintaxe, no processo de aquisição. (Bloom, 1970; Schlesinger, 1971; Bowerman, 1973). De um lado, a idéia da precariedade do input lingüístico da criança (Chomsky, 1964 apud Allen & van Buren, 1971) e, de outro, a caracterização da fala dirigida à criança como um registro peculiar (cf. Snow, 1986). De um lado, o desenvolvimento lingüístico tomando forma a partir da discriminação do sinal acústico da fala nos primeiros dias de vida (Eimas, 1974 apud Mehler & Dupoux, 1990) e, de outro, o desenvolvimento lingüístico visto como fundado em habilidades comunicativas ou pragmáticas pré-lingüísticas (Bates, 1976).

Foi a partir dessa controvérsia que o interesse pela aquisição da linguagem foi difundido para além do mundo anglofônico e é no contexto teórico dos anos 70 que a pesquisa em aquisição da linguagem tem início no Brasil. São dessa época os estudos pioneiros de de Lemos (1975), sobre a aquisição dos verbos ser e estar, refletindo, de certa forma, a confluência de diferentes tradições na Grã-Bretanha⁸, o estudo de Scliar-Cabral (1977), procurando alternativas teóricas para lidar com a descrição de gramáticas emergentes, e o trabalho de Mota Maia (Albano) (1975), analisando a negação na fala da criança, de modo a refletir sobre a proposta gerativista. É nessa década que tem início o projeto de Aquisição da Linguagem, coordenado por Cláudia de Lemos na UNICAMP,

⁷ Evento que reuniu Piaget, Chomsky e expoentes de diferentes áreas do conhecimento como Filosofia, Biologia, Antropologia, dentre outras, para discutirem a questão do estado inicial da aquisição da linguagem, nas perspectivas inatista e construtivista, ocorrido em 1975, na abadia de Royaumont, na França.

⁸ Trabalho conduzido na Universidade de Edinburgh.

a partir do qual irradiou, em grande parte, o interesse sobre esse tópico no país (cf. de Lemos, 1989 e Scliar-Cabral, 1989, para um levantamento dos trabalhos dessa época).

Foi uma época rica em idéias, que deu margem a muitos direcionamentos para o estudo da aquisição da linguagem. Ao mesmo tempo foi uma época povoada por mal-entendidos, devidos, até certo ponto, à não distinção entre diferentes tipos de questões: questões relativas à aquisição de uma determinada língua, ao desenvolvimento de habilidades de processamento lingüístico e ainda a formas de expressão dependentes de uma linguagem verbal. A interdisciplinaridade que passou a caracterizar o estudo da aquisição da linguagem, ao mesmo tempo que enriquecia o tratamento do problema, contribuía para uma flutuação conceitual que dificultava o debate, como pode ser observado nos diferentes usos de termos tais como estrutura profunda, universais lingüísticos, estratégias, gramática, semântica, dentre outros, na literatura de então.

Reconstituir um pouco dessa época, identificando os pontos de controvérsia e dissolvendo-a, quando possível, permite entender as principais questões que têm orientado o estudo da aquisição da linguagem nesses 30 anos e o atual estado-da-arte. O modo como a pesquisa em aquisição da linguagem conduzida no Brasil se inscreve nessa história deverá emergir à medida que essas questões forem tematizadas.

3.1. Desenvolvimento cognitivo e a representação de relações gramaticais

Sabe-se que, por volta dos anos 70, o paradigma teórico behaviorista já se havia desgastado⁹. Requeria-se uma teoria de desenvolvimento que desse conta de uma criança cognitivamente ativa e lingüisticamente criativa, em contraposição à criança objeto da ação condicionante do meio antes apresentada pela chamada Teoria Geral da Aprendizagem, que havia dominado a Psicologia Evolutiva norte-americana na primeira metade do século.

O discurso da Epistemologia Genética de Piaget (cf. Piaget, 1976), enfatizando a ação da criança sobre o meio físico, da qual decorreria a

⁹ Contribuíram para isso, além dos argumentos de Chomsky, em sua crítica ao Verbal Behavior de Skinner (Chomsky [1959] (1967)), os experimentos clássicos de Bruner, Goodnow & Austin, 1956 (apud Cromer, 1981), sobre a aquisição de conceitos, e de Berko (1958), sobre o uso produtivo de morfemas flexionais por crianças apresentadas a pseudo-palavras.

construção de estruturas cognitivas fundamentais para todo o tipo de desenvolvimento - os esquemas sensório-motores - apresentava uma alternativa atraente àquela teoria. Dado o seu caráter generalista, i.e. independente de domínio, a teoria de Piaget passou a ser tomada como referência para a caracterização do desenvolvimento cognitivo da criança. A possibilidade de esta teoria de desenvolvimento absorver o desenvolvimento lingüístico (Inhelder, 1980; Morehead & Morehead, 1974; Sinclair, 1976a; 1976b) ou fornecer um modelo de desenvolvimento capaz de descrever o processo de desenvolvimento no domínio específico da linguagem (Karmiloff-Smith, 1979) gerou diferentes linhas de investigação sobre a aquisição da linguagem no contexto do desenvolvimento da criança.

No primeiro caso, a natureza estrutural da teoria de Piaget facilitou sua aproximação com o tipo de modelo formal de língua apresentado pela Teoria Lingüística, no que este tinha de descritivo. Nessa aproximação, o modelo de língua foi visto como redutível à estrutura lógico-matemática passível de ser abstraída em todos os domínios da cognição, de acordo com a concepção de Piaget (cf. Piaget, 1976; 1980). A gênese da língua ficava, assim, submetida à gênese dessa estrutura cognitiva, qual seja, aos esquemas sensório-motores formados a partir da ação da criança sobre o meio no primeiro ano e meio de vida, dispensando-se, com isso, a necessidade de uma especialização lingüística formulada nos termos de uma GU (embora esse argumento não necessariamente eliminasse a possibilidade de uma programação biológica especificamente lingüística).

Essa linha de investigação mostrou-se, no entanto, equivocada. Por um lado, relações gramaticais não são redutíveis a relações lógico-matemáticas, dado que não há correlação entre medidas de complexidade sintática e morfológica e medidas de desenvolvimento cognitivo definidas nos termos das operações caracterizadas por Piaget. Por outro lado, as previsões de Inhelder (1980) quanto à dependência da língua ao desenvolvimento sensório-motor não se confirmaram, (cf. Cromer, 1981; Yamada, 1992). De fato, a fragilidade da proposta de Piaget em relação à língua, apoiada numa concepção filogenética insustentável, foi revelada no já citado debate (Piatelli-Palmerini, 1980; 1994).

O estudo da aquisição da linguagem conduzido no Brasil nessa época incorporou a concepção construtivista de desenvolvimento, segundo a qual categorias e estruturas de conhecimento são gradativamente formadas a partir da ação da criança sobre o mundo. Contudo, apenas alguns trabalhos, mais voltados para o desenvolvimento da teoria piagetiana do que para o estudo

da aquisição da linguagem em si, veicularam visão semelhante à de Sinclair (ver. levantamento de trabalhos da época em Scliar-Cabral, 1976). Na perspectiva, aqui dominante, do chamado sócio-construtivismo, esse tipo de abordagem foi criticado. A ação construtiva da criança na interação verbal é, sob essa perspectiva, vista como direcionada para própria linguagem (de Lemos e Castro Campos, 1978; de Lemos, 1989) (cf. 3.4.1).

Uma outra linha de abordagem para a aquisição da linguagem a partir de uma perspectiva piagetiana tomou forma já no fim da década de 70, com vistas a manter a concepção de desenvolvimento da Epistemologia Genética de Piaget, ao mesmo tempo que eliminando a idéia de reduzir-se a aquisição da linguagem ao desenvolvimento cognitivo (Karmiloff-Smith, 1979). Ao lidar com a questão da aquisição de determinantes, Karmiloff-Smith (1979) apresenta a língua/gem como um espaço-problema para a criança (em sentido equivalente ao de espaço de ação para Piaget). Nesse sentido, esse enfoque aproxima-se da Teoria Lingüística, que apresenta a língua como domínio específico. No entanto, difere das teorias de aquisição da linguagem a ela vinculadas ao supor que a criança terá de atuar cognitivamente sobre o material lingüístico, organizando-o de diferentes formas ao longo do desenvolvimento, levando em conta, inclusive, as possíveis funções de formas lingüísticas no discurso. Nesse ponto, essa abordagem aproxima-se da proposta de de Lemos (cf. 1985), segundo a qual categorias lingüísticas são tomadas como resultado da ação da criança sob a própria linguagem. Difere desta, contudo, ao desconsiderar o papel do interlocutor nesse processo (cf. 3.4.1).

A abordagem cognitiva e funcional (no sentido de relacionado à função da língua no discurso) de Karmiloff-Smith percorreu os anos 80, focalizando, em particular, a aquisição de formas pronominais, vistas como plurifuncionais. O fato de uma dada forma, como o pronome referencial, admitir mais de uma função discursiva (manter e alterar a referência) apresentaria à criança um problema de aquisição, no mapeamento entre forma e função (Karmiloff-Smith, 1981; 1985; 1987). A criança lidaria com esse problema através de um procedimento geral, aplicável a diferentes domínios da cognição, o qual refletiria um modo particular de organização do conhecimento num dado estágio de desenvolvimento cognitivo (Karmiloff-Smith, 1985; 1987). A aquisição da linguagem, coordenada por um desenvolvimento cognitivo mais amplo, passaria por um processo de sucessivas re-descrições (Karmiloff-Smith, 1992).

A proposta de Karmiloff-Smith requer um modelo de língua que inclua a representação das funções discursivas assumidas por uma dada forma. Embora

tenham sido feitas tentativas nessa direção em vertentes funcionalistas da Lingüística, o tipo de modelo de língua proposto (cf. Kuno, 1987), por não ser comprometido com o objetivo de apresentar uma língua que satisfaça a critérios de aprendibilidade, não pode ser imediatamente incorporado a uma teoria de aquisição da linguagem.

Não é claro, contudo, até que ponto a idéia de se incorporarem representações de natureza discursiva em um modelo de língua é promissora. A habilidade de se conduzir processamento sintático e interpretação semântica no nível da sentença parece estar, até certo ponto, dissociada da habilidade de se conduzir processamento no nível do discurso, como sugerem os déficits que se manifestam de forma diferenciada nessas habilidades (cf. Smith & Tsimpli, 1995) e a relativa independência no modo como processos sintáticos e discursivos são fisicamente implementados em hemisférios distintos do cérebro (cf. Dennis, 1998; Cohen & Le Normand, 1998).

No Brasil, o estudo do desenvolvimento de habilidades discursivas tem atraído considerável interesse, tanto no que concerne ao desenvolvimento da produção oral quanto da escrita, (Guimarães, 1994; Soares, 1991; 1997; Uller, 1990). No que diz respeito à referência pronominal, contudo, a idéia de a plurifuncionalidade do pronome referencial constiur um problema de aquisição da linguagem, no sentido de aquisição de língua, tal como apresentado por Karmiloff-Smith (1981; 1985; 1987), tem sido questionada (Corrêa, 1995c; 1999a, 1999b), a partir de uma perspectiva teórica que incorpora um modelo do processamento do material lingüístico no tratamento de questões relativas à aquisição da linguagem (cf. 4).

3.2. Relação sintaxe / semântica na aquisição da linguagem

O estudo da aquisição da linguagem no contexto do desenvolvimento da criança nos anos 70 também colocou em foco a semântica na aquisição de uma língua. O interesse em aspectos semânticos nessa época pode ser visto, em grande parte, como uma reação à ênfase na sintaxe que havia predominado nos anos 60, com descrições da produção lingüística da criança em termos de gramáticas pivot (Braine, 1963; MacNeill, 1966) e fala telegráfica (cf. Brown, 1973). A pesquisa no âmbito da Lingüística Gerativista vivenciava intenso debate quanto ao modo de situar um componente semântico no modelo de língua e de se formalizarem aspectos semânticos não captados no chamado modelo padrão (i.e. Chomsky, 1965) (cf. Fillmore, 1968; McCawley, 1968; Lakoff, 1971). Isso levou os dissidentes da “autonomia da sintaxe” a constituírem a

Semântica Gerativa como corrente teórica autônoma. Esses modelos lingüísticos alternativos pareciam oferecer ao estudioso da aquisição da linguagem meios de descrever relações semânticas atribuídas à fala da criança (cf. Schlesinger, 1971; Brown, 1973; Bowerman, 1973). Buscou-se, assim, caracterizar o que as crianças dizem quando começam a produzir enunciados lingüísticos e concebeu-se o método da interpretação rica, através do qual diferentes significados são atribuídos a enunciados aparentemente semelhantes, em função do contexto em que foram produzidos (Bloom, 1970; 1973). A já mencionada influência do pensamento piagetiano no estudo da aquisição da linguagem levou a que se caracterizassem as relações semânticas expressas na fala da criança como expressão da inteligência sensório-motora (Brown, 1973) e, sob a influência da Semântica Gerativa, concebeu-se uma descontinuidade no desenvolvimento lingüístico, com representações inicialmente semânticas, no sentido de temáticas, evoluindo para representações sintáticas no processo de aquisição da língua (cf. Antinucci & Parisi, 1973; Bowerman, 1973).

A interpretação das relações de sentido expressas pela criança em termos de uma lógica sensório-motora fica, não obstante, comprometida quando se questionam as bases empíricas da teoria de desenvolvimento cognitivo em questão. Com o desenvolvimento de técnicas de experimentação com bebês, como a mensuração do tempo em que o bebê olha para determinado ponto, tem sido possível atribuir à criança uma relação conceptual com o mundo bem mais abstrata do que fazia supor a lógica sensório-motora (cf. Spelke, 1990; 1994). Quanto à hipótese da descontinuidade entre o que seriam relações semânticas e sintáticas, esta não se apresenta satisfatória no tratamento de dados longitudinais e deixa em aberto o modo como uma alteração qualitativa nas representações gramaticais transcorreria (ver Atkinson, 1982 para uma revisão crítica da literatura dessa época).

Os primeiros estudos da aquisição da linguagem conduzidos no Brasil inseriram-se na discussão sobre o tipo de modelo que seria mais adequado na caracterização de estados da competência lingüística da criança ao longo do desenvolvimento. De acordo com as tendências da época, focalizavam aspectos de natureza semântica na aquisição da linguagem e apontavam para limitações do modelo chomskyano de gramática na caracterização daqueles (cf. Scliar-Cabral (1977), (Albano) Mota Maia (1975), de Lemos (1975)).

A necessidade de se incorporarem elementos semânticos num modelo de língua comprometido com “adequabilidade explanatória” tornara-se

evidente. No âmbito da Semântica Gerativa, a formalização de relações sintáticas a partir de relações semânticas não se mostrou, contudo, factível, o que promoveu um redirecionamento na pesquisa que evoluiu dessa vertente para a chamada Linguística Cognitiva (cf. Lakoff, 1990). No âmbito do Gerativismo “clássico”, soluções formais, tais como a atribuição de uma estrutura argumental a núcleos lexicais (cf. Grimshaw, 1990) e a caracterização de posições estruturalmente definidas para o estabelecimento de relações de co-referência (cf. Chomsky & Lasnik [1993] em Chomsky, 1995; Reinhart, 1986), têm sido buscadas para que as relações entre sintaxe e semântica possam ser explicitadas.

Atualmente, a hipótese de uma descontinuidade entre categorias sintáticas e semânticas no desenvolvimento lingüístico não mais se apresenta como tal. Questões relativas à descontinuidade encontram-se praticamente restritas a aspectos específicos da morfologia da língua e do léxico (Bowerman, 1982; 1991; Figueira, 1977; 1995; 1999). Em todo o caso, o questionamento em torno de uma possível “prioridade epistemológica” de relações temáticas sobre relações sintáticas geradas no âmbito do estudo da aquisição da linguagem tem retornado à Teoria Lingüística (cf. Pesetsky, 1982 apud Chomsky and Lasnik [1993] em Chomsky, 1995).

Grande parte da dificuldade no tratamento de questões relativas à semântica no estudo da aquisição da linguagem advém da falta de clareza quanto ao que entender por “semântica” quando a linguagem da criança é analisada. Slobin (1985), por exemplo, desenvolve um estudo comparativo da aquisição da linguagem em diferentes línguas, partindo da hipótese de que há universalidade na ordem de aquisição de conceitos e toma tal ordenação como parâmetro de comparação. Diferenças no curso da aquisição de diferentes línguas são vistas como decorrentes de dificuldades no mapeamento entre forma lingüística e função ou conteúdo semântico, cujo desenvolvimento, por ser de natureza cognitiva, seria constante. Assim, se numa dada língua a criança utiliza, por exemplo, a flexão de número, numa dada idade, e em outra língua não o faz, considera-se que há um impedimento formal para a expressão de um conteúdo semântico já incorporado pela criança (cf. Slobin (1973; 1985) e Peters (1985) para uma discussão de dificuldades dessa proposta).

Note-se que, nesse tipo de abordagem, prevalece uma concepção “bloomfieldiana” de semântica, entendendo-se por semântico conceitos, intenções, o objeto ou evento da referência, enfim, tudo para o que a língua apresentaria um rótulo. Essa confusão entre semântico, conceitual e referencial

se faz presente em grande parte da literatura em aquisição e desenvolvimento da linguagem, como assinala Cromer (1981), que chama atenção para uma distinção entre semântico - relativo à significado na língua e conceptual - no domínio estritamente cognitivo.

Nas últimas décadas, a discussão em torno da relação entre sintaxe e semântica na aquisição da linguagem tem sido conduzida no âmbito de teorias que partem do pressuposto de uma especialização lingüística e que admitem a hipótese da continuidade no que concerne à disponibilidade dos princípios de GU a partir do estado inicial do processo de aquisição de uma primeira língua. Existe uma aparente controvérsia quanto ao papel a ser atribuído à informação de natureza semântica no processo de aquisição da língua, que contrapõe a chamada hipótese do bootstrapping¹⁰ semântico (Pinker, 1987; 1989) ao chamado bootstrapping sintático¹¹ (Gleitman, 1990).

Segundo a hipótese do bootstrapping semântico, a criança seria biologicamente programada para assumir uma correlação entre sintaxe e semântica, ainda que a primeira não seja redutível à segunda, e seria capaz de derivar representações semânticas a partir de informação lexical e contextual. (Pinker, 1987) (o que é posteriormente revisto, para representações conceptuais, requerendo uma mediação lingüística para a formação de representações semânticas (Pinker, 1989)). Tais representações, correlacionadas a padrões sintáticos, desencadeariam de GU as propriedades relevantes para a identificação das relações sintáticas em questão¹². A hipótese do bootstrapping sintático, por outro lado, remete ao papel da informação sintática relativa a traços de subcategorização na aquisição do significado de verbos e prevê maior importância à informação sintática do que à informação de natureza conceptual na atribuição de sentido a um enunciado pela criança.

Uma série de estudos experimentais tem demonstrado que crianças levam em conta informação sintática ao inferir o significado de enunciados relacionados a uma cena ou situação. Esses resultados têm sido interpretados como evidência de que a aquisição do significado de verbos é direcionada por

¹⁰ Ver nota 4.

¹¹ Nesse caso, o uso do termo bootstrapping cria um contraponto apenas nominal com o "semântico", dado que os processos a que se referem são de natureza distinta - um remete ao sistema computacional da língua e o outro ao léxico. É apenas em relação ao primeiro que o sentido de auto-desencadeamento de um sistema se aplica (cf. Pinker, 1994).

¹² Esta é uma apresentação simplificada. Para discussão dos pressupostos dessa hipótese e de dificuldades inerentes a ela, ver Pinker (1989).

informação relativa aos esquemas (frames) sintáticos em que estes se encontram (Gleitman, 1990; Fisher et al., 1994). Fisher et al, 1994, por exemplo, investigaram a influência relativa de restrições de ordem conceptual (uma ação pressupõe um agente causal) e sintática (relativas à transitividade do verbo) no modo como crianças de 3 e 4 anos inferem o significado de verbos inventados utilizados na descrição de situações passíveis de serem interpretadas em termos de relações semânticas distintas, tais como dar/receber, perseguir/escapar. Verificou-se que a influência de restrições sintáticas é maior do que as de ordem conceptual na atribuição do papel de agente a um NP, pela escolha do verbo utilizado pelas crianças para parafrasear a descrição da cena. Seria, contudo, esse tipo de resultado uma evidência contrária à hipótese do bootstrapping semântico?.

Resultados que apontam para a maior relevância de informação de natureza sintática do que generalizações de ordem conceptual na aquisição do significado de verbos não afetam a tese do bootstrapping semântico. Esta não diz respeito ao modo como o significado de itens lexicais pode ser adquirido e sim ao modo como o sistema computacional da língua (ou subsistemas deste) pode ser operacionalizado ou “inicializado” a partir de representações de ordem semântica. Por outro lado, a proposta de aquisição de significado lexical fundada na sintaxe não exclui o papel da referência a eventos nesse processo, como a leitura de Pinker (Pinker, 1994) faz crer (cf. Gleitman, 1990). Assim, o confronto entre bootstrapping semântico e sintático não se faz pertinente pois cada hipótese diz respeito a um processo distinto. A principal dificuldade da hipótese do bootstrapping sintático diz respeito ao fato de não haver correspondência biunívoca entre padrões sintáticos e relações semânticas de modo a garantir a eficácia do processo para todo o tipo de verbo. No que concerne ao bootstrapping semântico, essa hipótese incorpora a dificuldade de se caracterizar o modo como processos perceptuais dão origem a representações conceptuais e como estas se relacionam com representações semânticas numa dada língua.

De fato, a relação entre representações conceptuais e semânticas apresenta um dos problemas de mais difícil resolução no âmbito de uma teoria semântica/lingüística, sendo recentes as propostas para um tratamento formal integrado dessas relações em nível proposicional e lexical (cf. Jackendoff, 1983; Pustejovsky, 1995). Mas a despeito das dificuldades em prover-se um tratamento formal para essa relação, a articulação entre desenvolvimento conceptual e lingüístico tem sido uma preocupação no estudo da aquisição da linguagem desde sua fase inicial.

Esta questão foi abordada diretamente por Cromer ((1974)), o qual propôs a chamada Hipótese da Cognição como alternativa ao determinismo lingüístico expresso na chamada hipótese Sapir-Whorf, ainda dominante nos anos 60. Estudos experimentais com crianças com menos de 1 ano vinham demonstrar a anterioridade de conceitos em relação à sua expressão lingüística (cf. Macnamara, 1977), juntando-se a uma série de evidências que davam suporte `aquela hipótese (Cromer (1991)). Contudo, o próprio Cromer apresenta argumentos que gradativamente a relativizam, revisando estudos sobre a aquisição de termos que se distinguem em função da variável [+/- contável] por crianças adquirindo inglês e sobre a aquisição da categoria número, por crianças falantes de inglês e de Yucatec (língua Maia, na qual apenas nomes [-animados] admitem plural). O resultados desses estudos evidenciam processos que levam em conta diferenças formais na identificação de categorias semânticas.

Recentemente, estudos sobre a aquisição do léxico - processo que parece tomar forma por volta dos 9 meses de idade (cf. Jusczyk, 1997), têm sugerido que formas lingüísticas (palavras novas) contribuem para que bebês dessa idade categorizem objetos (Waxman, 1994). A possibilidade de formas lingüísticas contribuírem para a aquisição de conceitos foi particularmente aventada por Vygotsky (1962) e é levada em conta em formulações teóricas que atribuem às relações interpessoais que se estabelecem pela linguagem verbal um papel fundamental no estabelecimento de relações semânticas na língua (cf. 3.4).

3.3. A fala dirigida à criança e as condições necessárias à identificação de uma língua

Uma outra vertente de pesquisa aberta no estudo do desenvolvimento da criança a partir da hipótese inatista buscou caracterizar a fala dirigida à criança e verificar o possível efeito da qualidade desta no desenvolvimento lingüístico.

A argumentação que acompanhava a hipótese inatista apresentava os dados lingüísticos primários de que a criança dispõe como constituídos de enunciados fragmentados, cheios de falsos começos e pouco transparentes quanto às possíveis relações gramaticais neles expressas. Psicólogos do desenvolvimento partiram da hipótese de que a fala dirigida a criança (FDC) seria distinta da fala dirigida ao adulto, o que poderia contribuir para facilitar o acesso da criança à língua. Com base numa ampla base de dados de crianças

adquirindo inglês, e posteriormente, outras línguas, foi constatado que a fala dirigida à criança (FDC) distingue-se da fala dirigida a adultos em função de uma série de variáveis, tais como, complexidade sintática (medida em termos de número de morfemas por enunciado, número de orações encaixadas, número de orações subordinadas em posição inicial, etc.), boa-formação (caracterizada em função da presença hesitações, falsos começos, pausas dentro de constituintes, etc, nos enunciados), formas lexicais (formas próprias, com reduplicação de sílabas), tornando-se aparentemente mais simples, bem formada e redundante do que a fala entre adultos (cf. Kaye, 1980 apud Ingran, 1989; Snow, 1986). De um ponto de vista fonético, verificou-se que a FDC apresenta caracteristicamente um alto pitch, um maior leque de frequências e entonação mais variada do que a fala dirigida ao adulto (cf. Ingran, 1989). Estudos realizados na cultura ocidental revelam, ainda, que desde cedo (registros a partir dos 3 meses) a fala dirigida ao bebê tende a referir-se a ele e, a partir do momento em que seu foco de atenção possa ser dirigido, a objetos ou atividades do seu interesse (cf. Snow, 1986).

Tais resultados claramente contradiziam o que era pressuposto por Chomsky (1964 apud Allen & van Buren, 1971)). Contudo, como admite Snow (1986), estas evidências só poderiam eliminar a necessidade de uma predisposição específica para a aquisição de línguas caso fosse demonstrado que outras espécies, comparado o nível de inteligência, seriam bem sucedidas na tarefa de adquirir uma língua humana, mediante dados simplificados, o que claramente não é o caso (cf. Aitchison, 1976). Além disso, a existência desse resgistro especial não implica que o uso deste seja uma condição necessária para a aquisição de uma língua.

Ingram (1989) apresenta um sumário de estudos etnográficos que revelam diferentes atitudes culturais em relação ao bebê que fazem com que não lhe seja dirigida a palavra até que ele fale, seja como forma de proteger sua alma, entre os Quiché da Guatemala, porque tal atitude iria de encontro a convenções de etiqueta, entre os Samoanos da Nova Guiné, porque bebês ainda “não são humanos”, entre os Javaneses, ou simplesmente por provocarem ciúme entre os Mundugumor. Estudos de casos de crianças que adquiriram uma primeira língua em condições socialmente precárias também sugerem que a FDC não é condição necessária para a aquisição de uma língua materna. Skuse (1993) relata uma série de casos de crianças submetidas a situações extremas de isolamento ou abandono na primeira e média infância, as quais, uma vez integradas socialmente, foram capazes de adquirir uma língua materna. O mais impressionante é o caso de Isabelle, que viveu isolada com uma mãe surda-

muda até os 6 anos e, segundo o relato, após uma semana de contato com língua oral¹³, começou a vocalizar, tornando-se, em um ano, capaz de aprender a ler e a escrever. Crianças com audição normal, cujos pais são surdos, não adquirem, contudo, a língua da comunidade mais ampla assistindo a televisão ou presenciando situações eventuais de interlocução oral em que não estejam envolvidas (Sachs, Bard & Johnson, 1981). É possível, pois, que a imersão da criança num particular modo de interação lingüística (oral ou de sinais) seja condição crucial para que seu potencial lingüístico seja ativado e não necessariamente seu contato com um registro com as propriedades da FDC.

A qualidade da interação entre a criança e o adulto pode, não obstante, afetar o desenvolvimento lingüístico. Estudos de casos evidenciam que crianças cujos interlocutores não costumam expandir ou manter o tópico do diálogo, tendem a produzir uma fala repetitiva, pouco informativa e com problemas de articulação (Lieven, 1978 apud Snow, 1986). Parece, pois, que as expansões são de grande relevância para o desenvolvimento do potencial expressivo da linguagem embora a prática de o adulto expandir os enunciados de crianças possa não ser essencial para a que a criança lide com o modo de operação da língua e identifique suas propriedades organizacionais básicas. (cf. Ochs & Sheffelin, 1984; Snow, 1986).

No Brasil, o estudo da FDC não teve maior expressão¹⁴. O que atraiu considerável atenção de pesquisadores no país foi o diálogo, visto como meio de inserção da criança na língua, no discurso e como forma de torná-la sujeito da linguagem.

3.4. A interação e o diálogo na aquisição da linguagem

Ainda na década de 70, a interação comunicativa e o diálogo passaram a atrair atenção no estudo do desenvolvimento lingüístico. Halliday (1975) apresentava uma análise funcionalista das emissões vocais de seu filho Nigel, numa fase dita “pré-lingüística”, segundo a qual uma série de intenções identificadas com funções da linguagem são atribuídas à criança. Bates (1976) concebe uma origem pragmática para a linguagem, introduzindo uma concepção teórica que tem como principal problema dar conta da descontinuidade entre o que seriam categorias de natureza comunicativa e categorias gramaticais no

¹³ Não consta do relato que o registro comumente utilizado com bebês tenha sido adotado.

¹⁴ Apenas duas referências, remetendo a dissertações de mestrado conduzidas na PUC-Rio, ainda nos anos 70, foram encontradas no levantamento dos estudos da aquisição da linguagem no Brasil apresentado em Scliar-Cabral, 1989.

desenvolvimento (ver também Bates, Camaoni, Volterra, 1979; Bates & MacWhinney, 1982). Bruner (1983)¹⁵, parafraseando Austin (1962), pergunta-se “how to get things done with words?” e introduz o problema de como a criança desenvolve a habilidade de produzir enunciados pragmaticamente efetivos num dado contexto.

A proposta de Bruner, ao contrário das demais, não atribui uma origem pragmática para língua. Segundo ele, jogos interativos entre mãe (adulto) e criança apresentariam a esta esquemas interacionais necessários ao desenvolvimento de habilidades lingüísticas de caráter pragmático tais como a habilidade de solicitar, de estabelecer referência, dentre outras (Bruner, id. ibid.). Bruner leva em conta o problema lógico apresentado pela Teoria Lingüística ao supor a necessidade de um “LAD” (cf. 2.1.1). Considera, contudo, necessário introduzir o conceito de LASS (Language Acquisition Support System) numa teoria do desenvolvimento lingüístico. O LASS consistiria de um esquema (format) interacional, inicialmente sob o controle do adulto, o qual seria necessário para que o LAD fosse posto em funcionamento. Assim, a medida que a criança fosse inserida num modo de agir por meio da linguagem, poria em funcionamento um aparato para aquisição da língua em questão.

O pensamento de Bruner tornou-se influente, particularmente no contexto europeu¹⁶ (Camaioni, 1979; McShane, 1980). A concepção de jogos interacionais levaria à formulação dos conceitos de especularidade, complementaridade e reciprocidade para caracterizar a interação entre mãe (adulto) e criança, a partir dos enunciados de uma palavra (Camaioni, 1979). Esses conceitos foram resignificados por de Lemos (cf. de Lemos, 1989), ao aproximá-los da teoria construtivista de desenvolvimento cognitivo de Piaget, conciliada à perspectiva de Vygotsky, no que concerne ao papel da interação social por meio da língua nesse desenvolvimento (cf. 3.4.1)

A linha de pesquisa iniciada por de Lemos no Brasil tem sido identificada como sócio-interacionismo ou sócio-construtivismo¹⁷. Essa linha desenvolveu-se com alunos e colaboradores a partir do projeto Aquisição da Linguagem (cf. 3) que teve início em 1976 (Castro Campos, 1983; 1992; de Lemos, 1981;

¹⁵ O livro a que essa referência remete foi editado a partir de uma coletânea de artigos da década de 70.

¹⁶ Na década de 70 Bruner passou um período na Universidade de Oxford, onde entrou em contato com a Filosofia da Linguagem.

¹⁷ Ver uma retrospectiva de seu percurso nas duas décadas precedentes em de Lemos (1989) e do direcionamento que esta tomou nos últimos anos em de Lemos (1999).

1886 a, 1986 b 1989; Figueira, 1977; 1985; Gebara (Scarpa), 1978; 1985; Lier-de-Vito, 1983; 1994; Mota Maia (Albano),¹⁸ 1986, Perroni Simões, 1977; 1978; 1991; Scarpa, 1990). O sócio-interacionismo/construtivismo apresenta-se como a abordagem mais característica do estudo da aquisição da linguagem conduzido no Brasil até recentemente. Cabe, pois, caracterizar essa proposta, relacionando-a com o problema da aquisição da linguagem tal como apresentado pela Teoria Lingüística e abordado no âmbito do estudo do desenvolvimento, ainda que correndo-se o risco de não captar de forma precisa todas as suas implicações.

3.4.1. A concepção sócio-construtivista de aquisição da linguagem

A proposta sócio-interacionista/construtivista de de Lemos compartilha com Bruner a idéia de que esquemas interacionais servem como meio para introduzir a criança na língua. Diferentemente de Bruner, contudo, a proposta de de Lemos não vem complementar a concepção do problema “aquisição da linguagem”, tal como formulado na Teoria Lingüística, voltando-se para o desenvolvimento pragmático. O sócio-interacionismo/construtivismo identifica-se com correntes antagônicas à idéia de inatismo no estudo do desenvolvimento da criança (cf. de Lemos, 1986a), embora não submeta o desenvolvimento lingüístico a um cronograma regido por um desenvolvimento cognitivo mais amplo, nem atribua uma origem pragmática para a língua. Coloca-se, pois, no extremo oposto da hipótese que orienta a Teoria Lingüística, no que concerne ao quanto de informação acerca das propriedades do sistema comum às diferentes línguas estaria acessível à criança no estado inicial da aquisição da linguagem, e distancia-se das principais abordagens para a aquisição da linguagem no estudo do desenvolvimento. Enquanto a Teoria Lingüística pressupõe alto grau de determinação para a forma das línguas humanas a partir do estado inicial do processo, a proposta sócio-construtivista assume um alto grau de indeterminação. Segundo essa visão, categorias fundamentais para o sistema lingüístico, tais como Nome e Verbo, não estariam acessíveis para a análise e para a produção da fala pela criança. Teriam de ser construídas ao longo do desenvolvimento, num processo dependente da interação com um adulto (alguém que domina a língua).

A indeterminação atribuída ao estado inicial do desenvolvimento acarreta uma dificuldade metodológica na análise da fala da criança, que torna-se objeto de preocupação nessa proposta (de Lemos, 1986b. 1989, 1999; Scollon, 1979).

¹⁸ Para um redirecionamento teórico ver Albano, 1987.

Os enunciados produzidos pela criança, numa fase inicial do processo de aquisição da língua, não seriam analisáveis em termos de categorias lingüísticas, dado que as mesmas não estariam disponíveis no início desse processo. Tais enunciados corresponderiam a fragmentos não analisados, tomados da fala do adulto, numa espécie de imitação deferida¹⁹ (ver também Peters, 1985). A solução apresentada para essa dificuldade metodológica seria tomar o diálogo e não a sentença como unidade de análise (de Lemos, 1986b, 1989; 1999; Scollon, 1979). Nesse quadro, o principal problema teórico consiste em explicar de que modo a criança analisaria as unidades não necessariamente lingüísticas tomadas da fala do adulto de modo a compor unidades lingüísticas em um sistema produtivo. O diálogo é tomado como meio através do qual o processo de construção da língua se realiza a partir de tais fragmentos, assumindo assim uma relevância tanto metodológica quando teórica no estudo da aquisição da linguagem .

O processo de aquisição da linguagem através do diálogo pode ser entendido de duas formas: como um procedimento de produção através do qual criança e interlocutor compõem, conjuntamente, um enunciado “lingüístico”, e como processo ontogenético, de construção de categorias lingüísticas. No primeiro caso, fragmentos (equivalentes ao que seriam palavras, sintagmas ou sentenças na fala do adulto) produzidos, em turnos, pela criança e pelo adulto, dariam origem a um enunciado com uma espécie de sintaxe vertical, tal como caracterizada por Scollon (1979) (cf. de Lemos, 1981). Essa relação dialógica teria como propriedades a especularidade (o adulto espelhando o enunciado da criança, parafraseando-o com a estrutura, o sentido e a intenção que atribui a ele); a complementaridade (o adulto ou a criança retomando parte o enunciado do outro e complementando-o) e a reciprocidade (a criança passando a iniciar o diálogo, instaurando o adulto como interlocutor) (cf. de Lemos, 1989). No segundo caso, esse mesmo processo de produção permitiria `a criança agir sobre a fala (sua e do interlocutor) ¾ condição tomada como necessária para a construção de categorias lingüísticas e o estabelecimento de relações entre elas.

Essa proposta compartilha com Karmiloff-Smith (1979) a concepção de desenvolvimento lingüístico fundada na ação da criança sobre a língua dando origem a processos reorganizacionais. Tal como na teoria de desenvolvimento

¹⁹ A expressão “tocando de ouvido”, empregada por Albano (1990) (num modo de teorização já distanciado, em muitos aspectos, da proposta sócio-construtivista) para caracterizar um processo que partiria da fala, como ação, para a língua, capta a idéia de indeterminação categorial na apreensão holística da fala do adulto que estaria subjacente `a fala da criança.

lingüístico de Karmiloff-Smith, a concepção de língua subjacente à proposta sócio-interacionista/construtivista não é explicitada. Aos processos reorganizacionais é, não obstante, atribuído um caráter metafórico e metonímico (de Lemos, 1992). Isso sugere que a concepção de língua intuída na proposta sócio-interacionista fundamenta-se em relações de caráter analógico.

Parece, pois, haver uma incompatibilidade entre a concepção de língua subjacente à proposta sócio-interacionista/construtivista e o modelo de língua apresentado pela Teoria Lingüística. Enquanto esse último incorpora um mecanismo gerativo, de caráter essencialmente modular, no qual categorias lexicais, definidas a partir de traços, funcionam como primitivos, a concepção de língua aparentemente intuída na proposta sócio-interacionista parece apresentar a propriedade de isotropia²⁰ e o caráter Quineriano²¹, com que Fodor (1983) caracteriza os sistemas centrais da mente - sistemas cognitivos que atuariam em qualquer domínio da cognição e que lidariam com informação proveniente de todo o tipo de fonte, em contraposição aos sistemas modulares. Assim sendo, diferentes objetos parecem estar envolvidos quando a aquisição da linguagem é abordada do ponto de vista da Teoria Lingüística e do ponto de vista da proposta sócio-interacionista. Uma questão teórica que se apresenta é se o objeto língua, tal como intuído nessa proposta, uma vez formalizado, atenderia a condições de aprendibilidade que garantiriam a aquisição de uma língua materna, levando em conta os procedimentos de aprendizagem nela

²⁰ Isotropia diz respeito à qualidade daquilo que apresenta as mesmas propriedades físicas em todas as direções. No sentido com que o termo é incorporado ao texto de Fodor (1983), diz respeito à propriedade da “confirmação” de uma hipótese, extraída de qualquer tipo de evidência, seja empírica ou demonstrativa. Fodor considera que a capacidade geral de resolver problemas é isotrópica e que a isotropia cognitiva pode ser melhor identificada no contexto de descobertas do que no de verificação de hipóteses, pois diz respeito à transferência de informação entre domínios cognitivos, a qual encontraria sua forma mais pura no raciocínio analógico.

²¹ O adjetivo Quineriano remete a Willard Quine, filósofo de origem empirista, muito influente no âmbito da Filosofia da Mente desde a década de 50. Com propostas que abalaram os cânones da Filosofia, como a da dissolução da distinção entre proposições analíticas e sintéticas, assumiu posturas polêmicas no que se refere à Semântica e à relação entre o domínio físico e o mental. O adjetivo usado por Fodor parece remeter às considerações de Quine sobre crenças, desejos e intenções, cuja relação com o comportamento manifesto é vista como indireta, dependente da totalidade do indivíduo, o que o leva a sugerir que as bases de uma interpretação psicológica não são redutíveis a um conjunto de regras ou princípios. Na visão de Quine, tanto uma descrição psicológica quanto a tradução são indeterminadas, de forma que não há como avaliar, em última análise, o quão corretas são. O conceito de empatia viria caracterizar o modo como tal indeterminação não acarretaria dificuldades de entendimento na prática (cf. Hookway (1994) e referências aí contidas).

caracterizados.

Existem ainda outras diferenças que distinguem o estado estável ou final do processo de aquisição apresentado pela Teoria Lingüística do que é tomado como resultado do desenvolvimento na concepção sócio-interacionista. Nessa concepção, a aquisição da linguagem tem como produto não apenas uma língua internalizada mas um sujeito psicológico, constituído pela linguagem, considerado a partir de uma perspectiva epistemológica segundo a qual sujeito e objeto definem-se mutuamente. A aquisição da linguagem teria, assim, no diálogo, não apenas as condições tidas como necessárias para a construção de uma língua mas as condições essenciais para o estabelecimento das relações intersubjetivas das quais emergiria a criança como sujeito da linguagem. Daí o interlocutor ser usualmente apresentado, nos trabalhos dessa linha, como o “Outro”, ou seja, como representante da alteridade numa relação inter-subjetiva (cf. de Lemos, 1986 a; Lier-de-Vito & Arantes, 1998; de Castro, 1998). Nesse aspecto, a proposta sócio-interacionista aproxima-se, inicialmente, do pensamento de Vygotsky (1962) (cf. de Lemos, 1989) e, posteriormente da Psicanálise e da Análise do Discurso (cf. de Lemos, 1999a; de Lemos, 1999a).

De Vygotsky, o sócio-interacionismo buscou incorporar o papel atribuído à língua, entidade que, por ser socialmente compartilhada, ao mesmo tempo que é instrumental na aquisição do conhecimento, introduz a criança no curso de um desenvolvimento sócio-histórico. Uma retomada ao pensamento de Vygotsky pode, não obstante, prover um meio de aproximar-se uma concepção sócio-constructivista de aquisição da linguagem de hipóteses que supõem um maior grau de determinação quanto à forma das línguas, a partir do estado inicial do processo de aquisição.

Vygotsky (1962) atribui à linguagem verbal, ou seja, à língua realizada como forma de expressão no discurso, um papel central no desenvolvimento cognitivo. A criança, de posse da língua como instrumento, desenvolveria o que é chamado de “pensamento verbal” - atividade mental que, ao tornar-se consciente ou deliberada no planejamento de ações voltadas à solução de uma tarefa cognitiva qualquer, necessita de uma linguagem de apoio. Vygotsky enfatiza que esse “pensamento verbal”, em contraposição à fala, não seria inato e sim determinado socio-historicamente. Assim, ao estabelecer distinção entre pensamento verbal e fala, Vygotsky atribui um caráter socio-histórico ao primeiro e biológico a esta última²².

A mediação exercida pela língua na aquisição de conceitos e do discurso organizado no desenvolvimento do pensamento lógico é vista como o papel

crucial assumido por fatores sócio-históricos no desenvolvimento cognitivo. A ação de agentes sociais nesse desenvolvimento seria, não obstante, restringida pelo cronograma maturacional da criança. Apenas estando a criança numa “zona de desenvolvimento iminente” poderia sua interação com o adulto acelerar a descoberta da solução para uma dada situação-problema na dinâmica do processo evolutivo.

Aproximar a proposta sócio-construtivista para a aquisição da linguagem do pensamento de Vygotsky requer transportar o papel mediador da linguagem para atuar na aquisição da própria língua (cf. de Lemos, 1986b). Faz-se necessário, contudo, distinguir os diferentes significados do termo linguagem nesse contexto para facilitar o entendimento das diferentes dimensões dessa proposta. Assim, a linguagem, como língua realizada no discurso incorpora todo o significado sócio-histórico que lhe possa ser atribuído. Esta realização viria a interferir na aquisição da linguagem entendida como língua (equivalente a uma língua interna construída), ao mesmo tempo que promoveria a constituição da criança como sujeito da linguagem, entendida como forma de expressão.

De acordo com a concepção de Vygotsky, uma interferência dessa natureza estaria condicionada ao cronograma de desenvolvimento da criança. Uma vez que a interferência no desenvolvimento cognitivo estaria submetida ao cronograma deste, uma atuação da linguagem no domínio da língua, teria de obedecer o cronograma dessa última. A incorporação do pensamento de Vygotsky em uma teoria da aquisição da linguagem parece, pois, pressupor uma concepção de língua fundada numa programação biológica específica responsável por tal cronograma de desenvolvimento. Logo, a incorporação do pensamento de Vygotsky a uma teoria de aquisição da linguagem não parece requerer a hipótese de indeterminação subjacente à proposta sócio-interacionista.

Observa-se que as dificuldades de se assumir total indeterminação no processo de aquisição da linguagem têm sido apontadas e levadas em conta no âmbito de teorias de incorporam processos construtivos ao desenvolvimento lingüístico. Peters (1985), por exemplo, assinala que qualquer processo de reestruturação pressupõe a percepção de determinadas

²² A seguinte citação pode ilustrar esse ponto: “O pensamento verbal não é uma forma de comportamento inata e sim determinada por processos histórico-culturais cujas propriedades específicas e leis não podem ser encontradas nas formas naturais do pensamento e da fala.” Vygotsky (1962, p.51, Trad. LMSC)

propriedades do sinal acústico como passíveis de serem lingüisticamente relevantes. Scarpa (1999) considera o papel da prosódia promovendo um bootstrapping fonológico em relação a um modelo de GU inspirado na Teoria da Otimidade. Albano, que vem desenvolvendo uma linha de pesquisa inserida na Teoria da Ação²³, com vistas a caracterizar um continuum evolutivo da sensório-motricidade à cognição, fundado no conceito de gesto articulatório (cf. Albano, 1999), considera a possibilidade de conciliação dessa perspectiva com um conceito de GU, tal como apresentado naquela teoria (Albano, comunicação pessoal).

A idéia de processos construtivos pode ser, portanto, compatibilizada com hipóteses que pressuponham restrições à forma de línguas a serem adquiridas a partir de informação disponível no estado inicial do processo ou das propriedades de sistemas perceptuais (articulatórios) dedicados ao processamento lingüístico. Note-se que o processo de aquisição concebido na proposta sócio-interacionista toma a criança a partir do momento em que esta fala. Muito do processo de aquisição de uma língua transcorre, contudo, antes que produção da fala se realize (cf. 4).

Grande parte dos estudos em aquisição da linguagem orientados pela perspectiva sócio-interacionista volta-se para aspectos do desenvolvimento relativos ao léxico, à semântica ou para habilidades de natureza discursiva (cf. de Castro (Campos), 1983; 1992; Figueira, 1977; 1985; 1995; 1999; Perroni Simões, 1977; 1978; 1986; 1991). É possível, pois, que os processos de desenvolvimento caracterizados nessa proposta, ainda que possam não ser necessários à construção de primitivos lingüísticos, correspondam a processos requeridos em domínios específicos da linguagem.

4. Procedimentos de aquisição e habilidades de processamento lingüístico de crianças

Um requisito fundamental de uma teoria da aquisição da linguagem consiste em prover um modelo da dinâmica desse processo, ou seja, dos

²³ Nos termos da Teoria da Ação (cf. Kugler & Turvey 1987 apud Albano, 1999), uma ação pode ser definida como uma gama de movimentos por meio dos quais uma conduta motora se realiza, o que facilita um tratamento quantitativo para o desenvolvimento. No âmbito da Fonética, essa abordagem tem facilitado a caracterização de gesto articulatório, fundamentada em princípios da Dinâmica, a partir da qual a continuidade do desenvolvimento fonético/fonológico é explicitada (Albano, 1999). A concepção de gesto articulatório também orienta o trabalho de Teixeira, sobre o desenvolvimento fonológico (cf. Teixeira & Davis, 1999).

procedimentos através dos quais a aquisição de uma língua qualquer se realiza. Desde os anos 70, a Psicologia Cognitiva tem buscado caracterizar procedimentos de aquisição de uma língua materna que podem pressupor maior ou menor grau de determinação quanto à forma das línguas humanas. Diferentemente das teorias de base interacionista acima apresentadas, os procedimentos de aquisição são concebidos a partir de um modelo do processamento do material lingüístico pela criança.

No artigo clássico de 1970, Bever concebe estratégias perceptuais para a aquisição de uma primeira língua que visam a extrair sentido de enunciados lingüísticos a partir de generalizações quanto à forma superficial (ou configuração) dos mesmos. Tais estratégias eram vistas como submetidas a restrições gerais à percepção e, nesse ponto, eram situadas as bases cognitivas para a aquisição da linguagem. A proposta de Bever não se apresentava, contudo, antagônica à Teoria Lingüística, uma vez que as estratégias perceptuais incorporavam uma série de pressupostos gramaticais (tais como a relevância da ordem dos constituintes lingüísticos, a relevância de palavras funcionais) que teriam de ser atribuídos a uma GU. Ao longo dessa década, uma série de estratégias de aquisição foi apresentada (cf. Cromer, 1976). O problema da utilização do conceito de estratégia no estudo da aquisição da linguagem residia, contudo, no fato de, por um lado, confundirem-se estratégias de compreensão (meios de se atribuir sentido a um enunciado) com estratégias de aquisição de língua (cf. Corrêa, 1982; 1986), e, por outro, no fato de a teoria de língua então pressuposta (o modelo padrão (Chomsky, 1965)) requerer a aquisição de regras específicas - concepção que se mostrou improdutiva (cf. 2). Com isso, as estratégias propostas, ainda que dessem conta do padrão de respostas de crianças em tarefas de compreensão, não eram capazes de explicar a dinâmica do processo de aquisição.

Numa linha menos comprometida com a Teoria Lingüística, embora pressupondo uma série de unidades lingüísticas como primitivos, Slobin (1973; 1985) concebeu procedimentos que aquisição de línguas a partir daquilo que enunciados lingüísticos teriam de perceptualmente saliente em qualquer língua e que pudesse ser gramaticalmente relevante. Slobin (1985), partindo de um amplo estudo comparativo entre diferentes línguas, desenvolve a concepção de princípios operacionais universais, formulados em termos de instruções para um mecanismo de aquisição da linguagem. A ausência de uma teoria de língua, por um lado, e de um modelo de processamento lingüístico no qual saliência perceptual pudesse ser caracterizada dificultam, contudo, essa proposta.

MacWhinney (1987), numa perspectiva menos conciliável com a Teoria Lingüística, apresentou o chamado modelo da competição - modelo probabilístico segundo o qual um mapeamento forma-função é caracterizado, ponderando-se a importância relativa de uma "forma" na língua (tal como a ordem de palavras) e seu custo de processamento. Dados de diferentes línguas serviram de base para sua proposta. Contudo, a falta de respaldo de base experimental para o que é tido como fácil de processar, aliada à carência de uma teoria de língua, tem como resultado mais um inventário descritivo, baseado em critérios diversificados, do que procedimentos que possam explicar o modo como o processo de aquisição se realiza.

O possível efeito de propriedades distribucionais e contingência semântica foi explorado por Maratsos & Chalkley (1981), no que se refere à identificação de categorias gramaticais. A proposta de Maratsos & Chalkley incorpora, implicitamente, uma série de primitivos lingüísticos. Entretanto, esses procedimentos parecem acarretar problemas comuns a procedimentos de aprendizagem indutiva, não satisfazendo, portanto, aos critérios de aprendibilidade requeridos de teorias de aquisição de línguas naturais (ver Pinker, 1987).

Mais recentemente, procedimentos de natureza conexionista têm sido caracterizados para modelar o processo de aquisição (ou de aprendizagem) da língua materna (cf. Plunkett, 1997). Tais procedimentos, de base eminentemente associacionista, são, em princípio, conciliáveis com modelos de cunho probabilístico tais como o de MacWhinney (1987). Modelos probabilísticos ou modelos conexionistas para a aquisição da linguagem requerem, não obstante, uma teoria de língua que seja com eles compatível. A Teoria da Otimidade apresenta-se como uma possível base teórica para tais modelos, muito embora esta pressuponha maior grau de determinação e especificidade de domínio do que procedimentos conexionistas - caracteristicamente independentes de domínio, usualmente pressupõem. No Brasil, uma linha de pesquisa emergente busca uma abordagem conexionista para a aquisição da linguagem (cf. Poerch et al, 1998).

As propostas para procedimentos de aquisição de língua materna concebidas até então partem de um estágio do processo no qual unidades lexicais, morfológicas e sintáticas já são segmentadas. Pode-se dizer, portanto, que lidam com o processo de aquisição da linguagem numa fase avançada, quando comparada com o processamento do material lingüístico que se opera

até que se possa atribuir à criança a segmentação de tais unidades. Alternativamente, numa abordagem psicolingüística para aquisição da linguagem que também tomou forma nos anos 70, busca-se caracterizar o que a criança processa do sinal acústico (vinculado ou não a outros estímulos que contribuam para a identificação de seu significado) antes de ela emitir enunciados caracteristicamente lingüístico (ver histórico e referências em Mehler & Dupoux, 1990).

Os estudos da percepção da fala por bebês têm revelado que muito do processo de aquisição da linguagem transcorre antes de a criança atuar linguisticamente por meio da fala. Uma série de resultados sugere a necessidade de uma teoria da aquisição da linguagem incorporar um aparato perceptual altamente especializado para o processamento de línguas que seja posto em funcionamento aos primeiros contatos da criança com uma língua. O recém-nascido é, por exemplo, capaz de discriminar melodias de vozes (Aslin, Pisoni, Jusczyk, 1983). Aos 3 meses, bebês orientam-se pela voz da mãe (cf. Locke, 1997). Aos 9 meses reconhecem o padrão fonotático da língua em aquisição (Jusczyk et al, 1994). Aparentemente, capacidades fonéticas discriminatórias que se desenvolvem nos primeiros meses de vida podem ser determinantes de uma "surdez" para distinções que não são fonêmicas na língua materna, o que sugere que a identificação do sistema fonológico pode se realizar antes mesmo de unidades lexicais serem segmentadas (Dupoux, & Peperkamp, no prelo). Diante dessas capacidades, a necessidade de supor uma programação biológica linguisticamente específica e a possibilidade de um bootstrapping fonológico ou via prosódia têm sido amplamente consideradas (Christophe & Dupoux, 1997; Scarpa, 1999).

Também no que se refere à sintaxe e ao léxico, cada vez mais o estudo do processo de aquisição da linguagem volta-se para as capacidades de processamento de crianças com idade inferior a dois anos, quando muitas ainda não produzem enunciados de mais de uma palavra. Constata-se, por exemplo, que crianças antes de produzirem linguagem falada são sensíveis à ordem dos constituintes da língua, distinguindo, em função desta, os papéis de agente e objeto da ação (cf. Hirsh-Pasek & Golinkoff, 1991). Bebês de 9 meses apresentam-se sensíveis a fronteiras sintagmáticas (Jusczyk et al, 1992) e a unidades lexicais (Waxman, 1994). Aos 11 meses, crianças parecem distinguir nomes (Myers et al., 1996) e ser sensíveis a morfemas funcionais (Shafer et al., 1998).

No Brasil, o estudo da aquisição da linguagem do ponto de vista do processamento lingüístico tem sido conduzido numa linha de pesquisa que

teve início em meados da década de 80. Numa primeira instância, foi considerada a necessidade de se formular um modelo do estado estável do desenvolvimento lingüístico em termos de processamento, de modo a distinguirem-se problemas de aquisição de língua de problemas de desenvolvimento de habilidades de processamento, dado que ambos podem se confundir nos dados do desempenho lingüístico da criança. (Corrêa, 1986; 1995a; b). Num segundo momento, bucou-se questionar a necessidade de se atribuir `a criança dificuldades na aquisição de formas pronominais, a partir de um modelo em que as funções assumidas por estas formas decorrem de condições de processamento específicas (Corrêa, 1995c; 1999a, b) (cf. 3.2). A proposta de distinguir habilidades dependentes do sistema computacional da língua de habilidades de processamento específicas no desenvolvimento lingüístico orienta o trabalho de Rodrigues (1999) sobre a produção de sentenças coordenadas. Mais recentemente, essa linha tem-se voltado para a identificação de habilidades de processamento no que concerne à percepção de unidades morfológicas e ao estabelecimento de relações de concordância por crianças com idade inferior a dois anos (Corrêa, 1999c; Name, em prep.), assim como `a distinção entre habilidades de processamento lingüístico mais diretamente dependentes do sistema computacional da língua de outras não diretamente a este vinculadas, em portadores de déficits da cognição (de Freitas, a sair).

5. Um balanço final

Este artigo buscou apresentar os desenvolvimentos da pesquisa em aquisição da linguagem, compondo um panorama histórico-temático desta segunda metade de século, que permitisse situar a pesquisa em aquisição da linguagem conduzida no Brasil, a partir do momento em que teve início, há quase 30 anos. Nessa retrospectiva, procurou-se levantar o que houve ou há de mais controverso no tratamento desse tema, desde a formulação da chamada hipótese inatista, e identificar os pontos em que essa controvérsia reside, na tentativa de dissolvê-la.

A principal constrovérsia diz respeito ao quanto de informação relativa às propriedades das línguas humanas estaria disponível no estado inicial do processo de aquisição. As principais dificuldades decorrem, por um lado, da falta de um modelo de língua que seja tomado como representativo do estado estável de desenvolvimento na maioria das abordagens para o desenvolvimento lingüístico e, por outro, da necessidade de se explicitar, num modelo de língua, seus modos de articulação com sistemas de desempenho.

A Teoria Lingüística, na sua principal vertente, encaminha-se hoje para a formulação de um modelo que explicita tal articulação. Com isso, deverá ser possível caracterizar o quanto das restrições à forma das línguas humanas pode advir do modo de operação desses sistemas. Ao mesmo tempo, modelos alternativos vêm sendo propostos, o que deverá permitir que se avalie o potencial explanatório de teorias mais ou menos determinísticas da forma das línguas humanas a partir de uma GU. O estudo da aquisição da linguagem volta-se, por sua vez, mais diretamente para as habilidades de processamento de crianças de tenra idade, o que permite uma melhor caracterização do que há para ser adquirido a partir da produção da fala e do que deve estar disponível no estado inicial do processo.

A despeito de muitos dos percursos para o estudo da aquisição da linguagem não terem sido produtivos e do caráter insatisfatório de muitas das propostas aqui revisadas, o resultado da pesquisa em aquisição da linguagem nos últimos 30 tem um saldo positivo. Aquele que hoje ingressar no estudo da aquisição da linguagem encontra um campo menos conflituoso e problemas mais bem definidos do que há 20 ou 30 anos atrás. No que se refere ao estudo da aquisição da linguagem conduzido no Brasil, verifica-se a ampliação do interesse nessa área e uma maior diversificação de abordagens do que nos anos 70. É, entretanto, proporcionalmente pequeno o número de pesquisadores voltados para a aquisição da língua materna, no que concerne à sua identificação, no país.

O estudo da aquisição da linguagem, tomado em sentido amplo, comporta, não obstante, uma série de tópicos não incluídos nessa retrospectiva e que, no Brasil, têm tido maior desenvolvimento. Estes incluem, além do já mencionado estudo do desenvolvimento de habilidades discursivas (cf. 3.2), a aquisição da escrita (Abaurre, 1999), os processos de leitura e o letramento em geral (Grimm-Cabral, 1998; Scliar-Cabral, 1998) assim como a consciência metalingüística e sua relação com a alfabetização (cf. Scliar-Cabral, 1989)²⁴. Cada um desses temas abre um campo teórico próprio, não necessariamente integrado ao da aquisição da língua materna, em sentido estrito. Situa-los teoricamente iria muito além do que se poderia requerer nos limites desse artigo. Acredita-se, não obstante, que um posicionamento em relação às questões fundamentais é crucial, qualquer que seja o aspecto do desenvolvimento lingüístico considerado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

²⁴ Ver Atas dos Encontros Nacionais de Aquisição da Linguagem para identificação de diferentes linhas de pesquisa.

- ABAURRE, M. B. (1999) Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: Lamprecht, R.R. (org.) *Aquisição da Linguagem: Questões e Análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- AITICHISON, J. (1976) *The Articulate Mammal*. London: Hutchinson
- ALBANO, E. (1987) Emergindo da ilusão reducionista em psicolinguística. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, **12**: 4-14
- _____ (1999) O gesto articulatório como unidade fônica abstrata: indícios da fala infantil e evidências da fala adulta. In: Lamprecht, R.R. (org.) *Aquisição da Linguagem: Questões e Análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- ALLEN, J.P.B. & P.V. VAN BUREN (1971) *Chomsky: Selected Readings*. Oxford: OUP.
- ANTINUCCI, F. & D. PARISI (1973) Early language acquisition: a model and some data. In: C.A. Ferguson & D.I. Slobin (eds.) *Studies of Child Language Development*. New York: Holt, Reinhart & Winston.
- ASLIN, R.N., D.B. PISONI, P.W. JUSCZYK (1983) Auditory development in speech perception in infancy. In: M. Haith & J. Campos (eds.) *Carmichael's Handbook of Child Psychology: Infancy and Developmental Psychobiology*. New York: John Wiley & Sons.
- ATIKINSON, M. (1982) *Explanations in the Study of Child Language Development*. Cambridge: CUP.
- AUSTIN, J. (1962) *How to do things with words*. Oxford: OUP.
- BATES, E. (1976) *Language and Context: The Acquisition of Pragmatics*. New York: Academic Press.
- BATES, E., L. CAMAIONI & V. VOLTERRA (1979) The acquisition of performatives prior to speech. In: E. Ochs & B.B. Scheffehn (eds.) *Developmental Pragmatics*. New York: Academic Press.
- BATES, E. & B. MACWHINNEY (1982) Functionalist approaches to grammar. In: E. Wanner & L. Gleitman (eds.) *Language Acquisition: The State of the Art*. New York: CUP.
- BELLUGI, U., S. MARKS, A. BIHRLE & H. SABO (1993) Dissociation between language and cognitive functions in Williams syndrome. In: D. Bishop & K. Mogford (eds.) *Language Development in Exceptional Circumstances*. Hove: Lawrence Erlbaum.
- BERKO, J. (1958) The child's learning of English morphology. *Word*, **14**: 150-177.
- BEVER, T.G. (1970a) The cognitive basis for linguistic structures. In: J. R. Hayes (ed.) *Cognition and the Development of Language*. New York: John Wiley & Sons.
- _____ (1970b) The influence of speech performance on linguistic structure.

- In: G. Flores d' Arcais & W.J.M. Levelt. (eds.) *Advances in Psycholinguistics*. Amsterdam: North Holland.
- BISHOP, D.V.M. (1998) *Uncommon Understanding: Development & Disorders of Language Comprehension in Children*. Hove: Psychology Press.
- BLOOM, L. (1970) *Language Development: Form and Function in Emerging Grammars*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- _____ (1973) *One Word at a Time*. The Hague: Mouton.
- BLUMENTHAL, L. (1970) *Language & Psychology*. New York: John Wiley & Sons.
- BORER, H. & K. WEXLER (1987) The maturation of syntax. In: T. Roeper & E. Williams (ed) *Parameter-setting in Language Acquisition*. Dordrecht: Reidel.
- BOWERMAN, M. (1973) *Early Syntactic Development: A Cross-linguistic Study, with special reference to Finnish*. Cambridge: CUP.
- _____ (1982) Reorganizational processes in lexical and syntactic development. In: E. Wanner & L. Gleitman (eds.) *Language Acquisition: The State of the Art*. New York: CUP
- _____ (1985) What shapes children's grammar?. In: D.I. Slobin (ed.) *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*, vol.2: Theoretical Issues. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum.
- BRAINE, M.D.S. (1963) The ontogeny of syntactical phrase structure: the first phase. *Language*, **39**: 1-13.
- BROWN, R. (1973) *A First Language: The Earlier Stages*. Harmondsworth: Penguin Books.
- BRUNER, J. S. (1983) *Child's Talk: Learning to Use Language*. Oxford: OUP.
- CAMAIONI, L. (1979) Child-adult and child-child conversations: an interactional approach. In E. Ochs & B.B. Scheffelin (eds.) *Developmental Pragmatics*. New York: Academic Press.
- CHOMSKY, N. [1959] Review of Skinner's Verbal Behavior. In: L.A. Jakobovits & M.S. Miron (eds.) (1967) *Readings in the Psychology of Language*. Englewood Cliffs, N. J. , Prentice Hall.
- _____ (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- _____ (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- _____ (1986) *Knowledge of Language*. New York: Praeger.
- _____ (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- _____ (1997) New Horizons in the Study of Language. *D.E.L.T.A.*, **13**. Edição Especial: Chomsky no Brasil: 1-20.
- CHRISTOPHE, A. & E. DUPOUX (1996) Bootstrapping lexical acquisition: the role of prosodic structure. *The Linguistic Review*, **13**: 383-412.

- CLARK, E. (1993) *The Lexicon in Acquisition*. Cambridge: CUP.
- CLEMENTS, G.N. & E. HUME (1995) The Internal Organization of Speech Sounds. In: Goldsmith, J. (ed) *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell.
- COHEN, H. & M.T. LE NORMAND (1998) Language development in children with simple-parietal left-hemisphere epilepsy. *Brain & Language*, 64: 409-422.
- CORREA, L. M. S. (1982) Strategies in the acquisition of relative clauses. In: J. Aitichison & N. Harvey (eds.) *Working Papers of the London Psycholinguistics Research Group*, 4: 40-56.
- _____ (1986) On the comprehension of relative clauses: A developmental study with reference to Portuguese. Unpublished PhD. Dissertation. University of London.
- _____ (1995a) An alternative account of children's comprehension of relative clauses. *Journal of Psycholinguistic Research*, 24 (3): 183-203.
- _____ (1995b) The relative difficulty of children's comprehension of relative clauses: A procedural account. In: K.E. Nelson & Z. Réger (eds.) *Children's Language*, 8 Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.
- _____ (1995c) A plurifuncionalidade do pronome no desenvolvimento lingüístico reconsiderada. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 29: 153-162.
- _____ (1996) Dificuldades e potencialidades do uso do método experimental no estudo da aquisição da linguagem. In: M.F.P. de Castro (org.) *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- _____ (1999a) A produção de sentenças no discurso e a questão da referência pronominal na aquisição da linguagem recolocada. In: L. G. Cabral & J. Morais (orgs.) *Investigando a Linguagem: Ensaio em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- _____ (1999b) Self-correction in the establishment of pronominal reference and the thematic subject strategy reconsidered. Trabalho apresentado no VIII International Congress for the Study of Child Language, San Sebastian. 12-16 de julho.
- _____ (1999c) Aspectos do processamento da concordância de gênero. Trabalho apresentado no I Workshop Brasileiro Internacional sobre Processamento de Linguagens, Florianópolis, 16-17 de novembro..
- CROMER, R. F. (1974) The development of language and cognition: The Cognition Hypothesis. In: R. F. Cromer (1991) *Language and Thought in Normal and Handcapped Children*. Oxford: OUP (Obras reunidas, edição póstuma).
- _____ (1976) Developmental strategies for language. Id. *ibid*.

- _____ (1981) Reconceptualizaing Language Acquisition and Cognitive Development. Id. Ibid.
- _____ (1991) The Cognition Hypothesis of language acquisition? Id. ibid.
- CULICOVER, P. (1976) *Syntax*. New York: Academic Press.
- CURTISS, S. (1981) Dissociations between language and cognition: cases and implications. *Journal of Autism and developmental disorders*, **11**: 15-20.
- DE CASTRO (CAMPOS), M.F. P. (1983) Processos dialógicos e construção de inferências e justificativas na aquisição da linguagem. Tese de doutorado inédita. UNICAMP.
- _____ (1992) *Aprendendo a Argumentar: Um Momento da Construção da Linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____ (1998) Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança. *Letras de Hoje*, **112**. Atas do IV Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: 1997.
- DE FREITAS, M. C. (em prep) Avaliação das habilidades lingüísticas de portadores de Síndrome de Willians. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio.
- DE LEMOS, C.T. G. (1975) The use of ser e estar with particular reference to child language acuisition in Brazilian Potuguese. Unpublished PhD: Dissertation. University of Edinburgh.
- _____ (1981) Interactional processes and the child's construction of language. In: W. Deutsch (ed.) *The Child's construction of language*. London: Academic Press.
- _____ (1986a) Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. In: J. M. Meisel (ed.) *Aquisición de lenguaje /Aquisição da linguagem*. Frankfurt: Vervuert.
- _____ (1986b) A sintaxe no espelho. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, **10**: 5-15.
- _____ (1989) Uma abordagem socio-constutivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões. *Anais do I Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem*, CEAAL-PUC-RS.
- _____ (1992) Los procesos metafóricos y metomínicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, **1.1**:121-135.
- _____ (1999a) Tendências de uma Aquisição da Linguagem Brasileira: Sobre o Interacionismo. *Letras deHoje*, Volume especial.
- _____ (1999b) A criança com(o) ponto de interrogação. In: Lamprecht, R.R. (org.) *Aquisição da Linguagem: Questões e Análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- DE LEMOS, C.T. G. & M. F. de CASTRO CAMPOS (1978) Algumas observações sobre a utilização do modelo piagetiano em recentes estudos

- de aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 1: 51-63.
- DENNIS, M. (1998) Discourse in Children with Neurodevelopmental Disorder, Early Focal Brain Injury, or Childhood Acquired Brain Injury. *Brain and Language*, 61: 305-307.
- DUPOUX, E. & S. PEPPERKAMP (no prelo) Fossil markers of language development: phonological 'deafnesses' in adult speech processing. In: B. Laks and J. Durand (eds.) *Cognitive Phonology*. Oxford: Oxford University Press.
- FELIX, S. W. (1992) Language acquisition as a maturational process. In J. Weissenborn, H. Goodluck & T. Roeper (eds.) *Theoretical issues in language acquisition*. Hillsdale: N. J. Lawrence Erlbaum.
- FERNALD, A. (1985) Four-month-old infants prefer to listen to motherese. *Infant Behavior and Development*, 7: 19-25.
- FIGUEIRA, R.A. (1977) Áreas de dificuldade na aquisição do léxico pela criança. *Anais do II Encontro Nacional de Lingüística*. PUC-Rio: 44-47.
- _____ (1985) Causatividade: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do português por uma criança. Tese de doutorado inédita. UNICAMP.
- _____ (1995) Erro e enigma na aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*, 102, Edição Especial. Atas do III Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem: 145-163.
- _____ (1999) Aquisição do verbos prefixados por des em português. *Palavra*, 5 (no prelo).
- FILLMORE, C. J. (1968) The case for case. In: E. Bach, & R. T. Harms (eds.) *Universals in Linguistic Theory*. N. Y.: Holt, Reinhart & Winston.
- FISHER, C., D. G. HALL, S. RAKOWITZ & L. GLEITMAN (1994) When it is better to receive than to give: syntactic and conceptual constraints on vocabulary growth. In: L. Gleitman & B. Landau (eds.) *The Acquisition of the Lexicon*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- FODOR, J. (1983) *The Modularity of Mind: An Essay on Faculty Psychology*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- GARDNER, H. (1986) *The Mind's New Science: A History of the Cognitive Revolution*. New York: Basic Books.
- GEBARA, E. M. S. (1978) Marcas aspectuais nos primeiros estágios do desenvolvimento lingüístico. *Anais do III Encontro Nacional de Lingüística*. PUC-Rio.
- _____ (1985) Intonação e processos dialógicos: fusão ou diferenciação. *Aquisição da Linguagem*. Série Estudos, CCHLFIU: 56-74.
- GLEITMAN, L. R. (1990) The structural sources of verb meanings. *Language Acquisition*, 1: 3-55.

- GRIMM-CABRAL, L. (1998) Conhecimento do léxico e a compreensão em leitura. In: L. Grimm-Cabral & E. Gorski (eds.) *Linguística e Ensino*. Florianópolis: Insular.
- GRIMSHAW, J. (1990) *Argument Structure*. *Linguistic Inquiry Monograph*, 18. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- GRODZINKY, Y. (1990) *Theoretical perspectives on language deficits*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- GUIMARÃES, A. M. M. (1994) Desenvolvimento da criança na fase de letramento. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 26: 103-110.
- HALLIDAY, M.A.K. (1975) *Learning How to Mean*. London: Anold.
- HAMBURGER, H. & K. WEXLER (1973) Identifiability of transformational grammars. In: K.J.J. Hintikka, J. M. E. Moravicsik & P. Suppes (eds.) *Approaches to Natural Language*. Dordrech: Reidel.
- _____ (1975) A mathematical theory of learning transformational grammar. *Journal of Mathematical Psychology*, 12: 137-157.
- HARRIS, T. & K. WEXLER (1996) The Optional Infinite Stage in Child English: Evidence from negations. In: H. Clahsen (ed.) *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamin.
- HERNANDORENA, C.L.M. (1995) Sobre a descrição de desvios fonológicos e de fenômenos da aquisição da fonologia. *Letras de Hoje* 30 (4): 91-110.
- _____ (1996) Relações implicacionais na aquisição da fonologia. *Letras de Hoje*, 31 (2): 67-76. 1996.
- _____ (1999a) Tendências dos estudos em aquisição da fonologia do português brasileiro: A pertinência dos modelos gerativos. *Letras de Hoje*, Volume Especial.
- _____ (1999b) Aquisição da Fonologia e implicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais. In: Lamprecht, R.R. (org.) *Aquisição da Linguagem: Questões e Análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- HIRSH-PASEK, K. & GOLINKOFF, R. M. (1991) Language comprehension: a new look at some old themes. In: N. Krasnegor, D. Rumbaugh, M. Studdert-Kennedy & R. Schiefelbusch (eds.) *Biological and Behavioral Aspects of Language Acquisition*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaun.
- HOOKWAY, C. (1994) Quine, E. S. Guttenplan (ed.) *A Companion to the Philophy of Mind*. Oxford: Blackwell.
- HYMES, N. (1986) *Language acquisition and the theory of parameters*. Dordrecht: Reidel.
- INGRAM, D. (1989) *First Language Acquisition: Method, Description and Explanation*. Cambridge: CUP.
- INHELDER, B. (1980) Cognitive schemes and their possible relations to language acquisition. In: M. Piatelli-Palmerini (ed.) *Language and*

- Learning: The Debate between Jean Piaget and Noam Chomsky.*
Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- JACKENDOFF, R. (1983) *Semantics and Cognition*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- LIER-DE VITO, M.F & L.M. ARANTES (1998) Sobre os efeitos da fala da criança: a heterogeneidade desses efeitos. *Letras de Hoje*, **112**. Atas do IV Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem, Porto Alegre: 1997.
- LIGHTFOOT, D. (1989) The child's trigger experience: degree-0 learnability. *Behavioral & Brain Science*, **12** (2): 321-334.
- LOCKE, J. L. (1997) Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada. In: P.Fletcher & B. MacWhinney (eds.) *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LYONS, J. (1970) *Chomsky*. London: Fontana.
- MACNAMARA, J (1977) From Sign to Language. In: J. Macnamara (ed.) *Language Learning and Thought*. New York: Academic Press.
- MACNEILL, D. (1966) Developmental Psycholinguistics. In: F. Smith & G. Miller (eds.) *The Genesis of Language*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- MacWHINNEY, B. (1987) The competition model. In: B. MacWhinney (ed.) *Mechanisms of Language Acquisition*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- MARATSOS, M. P. & M. CHALKLEY, (1981) The internal language of children's syntax: the ontogenesis and representation of syntactic categories. In: K. Nelson (ed.) *Children's Language*. vol.2. Hillsdale, N. J.: Erlbaum. New York: Gardner Press.
- McCAWLEY, J. D. (1968) The role of semantics in a grammar. In: E. Bach & R. T. Harms (eds.) *Universals of Linguistic Theory*. N.Y.: Holt, Rinehart & Winston.
- McSHANE, J. (1980) *Learning to Talk*. Cambridge: CUP.
- MEHLER, J. & E. DUPOUX (1990) *Nascer Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MEISEL, J. (1997) Parâmetros na aquisição. In: P.Fletcher & B. MacWhinney (eds.) *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MENYUK, P. (1969) *Sentences children use*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____ (1971) *The Acquisition and Development of Language*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- MOREHEAD, D. M. & A MOREHEAD (1974) A Piagetian view of thought and language during the first two years. In: R. L. Shiefelbusch and L.L. Lloyd (eds.) *Language Perspectives - Acquisition, Retardation and Intervention*. Baltimore: University Park Press.
- MOTA, H. B. (1999) Os caminhos na aquisição segmental do português. In: Lamprecht, R.R. (org.) *Aquisição da Linguagem: Questões e Análises*.

Porto Alegre: EDIPUCRS.

MOTA MAIA, E. A. (1975) A negação da criança: Reflexões sobre as bases empíricas da teoria gerativo-transformacional. Dissertação de Mestrado. UFRJ.

_____ (1986) Sobre a interpretação dos fatos no desenvolvimento fonológico. In: J. M. Meisel (ed.) *Aquisición de Lenguaje / Aquisição da Linguagem*. Frankfurt: Vervuert.

MYERS, J., P. JUSCZYK, KEMLER-NELSON, CHARLES-LUCE, WOODWARD, K. HIRSH-PASEK (1996) Infants sensitivity to word boundaries in fluent speech. *Journal of Child Language*, **23**:1-30.

NAME, M. C. L. (em prep) A aquisição do gênero em Português e Francês.

OCHS, E. & B.B. SHEIFFELIN (1984) Language acquisition and socialization: three developmental stories and their implications. In: R. Scweder & R. LeVine (eds.) *Culture and its Acquisition*. N.Y.: CUP.

PENNER, Z. & J. WISSENBORN (1996) Strong Continuity, Parameter Setting and the Trigger Hierarchy: On the acquisition of DP in Bernese Swiss German and High-German. In: H. Clahsen (ed.) *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamin.

PERRONI (SIMÕES), M.C. (1977) Emergência de expressões de relações temporais em crianças brasileiras. *Anais do II Encontro Nacional de Linguística*. PUC-Rio.

_____ (1978) Ensaio de narrativas: do "jogo de contar" às protonarrativas. *Anais do III Encontro Nacional de Linguística*. PUC-Rio.

_____ (1986) A Bela e a Fera da Aquisição da linguagem. In: J. M. Meisel (ed.) *Aquisición de Lenguaje / Aquisição da Linguagem*. Frankfurt: Vervuert.

_____ (1991) Aprendendo a contar mentiras. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, **21**:5-24.

_____ (1999) PARA na gramática infantil do Português Brasileiro. *Letras de Hoje*. Volume especial.

PETERS, A. (1995) Language segmentation: operating principles for the perception and acquisition of language. In: D.I. Slobin (ed.) *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*, vol.2: Theoretical Issues. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum.

PIAGET, J. (1959) *Language and Thought of the Child*. London: Routledge & Kegan Paul.

_____ (1962) *Play, Dreams and Imitation in Childhood*. London: Routledge & Kegan Paul.

_____ (1974) *The Child and Reality: Problems of Genetic Psychology*. London: Frederick Muller Ltd.

_____ (1976) Piaget's Theory. In: B. Inhelder & H.H. Chipman (eds.) *Piaget*

- and His School: A Reader in Developmental Psychology*. New York: Springer-Verlag.
- PIATELLI-PALMERINI, M. (1980) (ed.) *Language and Learning: The Debate between Jean Piaget and Noam Chomsky*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- _____ (1994) Ever since language and learning: afterthoughts on the Piaget-Chomsky debate. *Cognition*, **50**: 315-346.
- PINKER, S. (1979) Formal models of language learning. *Cognition*, **7**: 217-283.
- _____ (1987) The bootstrapping problem of language acquisition. In: B. MacWhinney (ed.) *Mechanisms of Language Acquisition*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- _____ (1989) *Learnability and Cognition: The Acquisition of Argument Structure*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- _____ (1994) How could a child use verb syntax to learn verb semantics? In: Gleitman & B. Landau (eds.) *The Acquisition of the Lexicon*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- PLUNKETT, K. (1997) Abordagens conexionistas da aquisição da linguagem. In: P.Fletcher & B. MacWhinney (eds.) *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- POERCH, J. M. et al. (1998) Contribuições do paradigma conexionista na obtenção do conhecimento lingüístico. *Letras de Hoje*, **112**: 36-62. Atas do IV Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem, Porto Alegre, 1997
- PUSTEJOVSKY, J (1995) *The Generative Lexicon*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- PYLYSHYN, Z. (1977) What does it take to bootstrap a language? In: J. Macnamara (ed.) *Language Learning and Thought*. New York: Academic Press.
- RAMOS, A.P.F (1999) Processos de estrutura silábica em crianças com desvios fonológicos: a compatibilidade entre o ciclo de soância e um modelo integrado de percepção e produção. In: Lamprecht, R. R. (org.) *Aquisição da Linguagem: Questões e Análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- RANDALL, J (1992) The catapult hypothesis: an approach to unlearning. In: J. Weissenbom, H. Goodluck & T. Roeper (eds.) *Theoretical issues in language acquisition*. Hillsdale: N. J. Lawrence Erlbaum.
- REINHART, T. (1983) *Anaphora and Semantic Interpretation*. London: Croom Helm.
- RODRIGUES, A. (1999) Coordenação e concatenação de orações no desenvolvimento da linguagem. Trabalho apresentado no Simpósio em Processamento da Linguagem do II Encontro Nacional da ABRALIN.

- ROEPER, T. & J. WEISENBORN (1990) How to make parameters work? Comments on Valian. In: L. Frazier & J. de Villiers (eds.) *Language Processing and Language Acquisition*. Dordrecht: Kluwer.
- SACHS, J., B. BARD & M. S. JONHSON (1981) Language learning with restricted input: case studies of two hearing children of deaf parents. *Applied Psycholinguistics*, 2, 33-54.
- SCARPA, E. M. (1990) Intonation and dialogue processes in early speech. In: Conti-Ramsden, G. & C. Snow (orgs.) *Children's language*, vol VII.
- _____ (1999) Interfaces entre componentes e representação na aquisição da prosódia. In: Lamprecht. *Aquisição da Linguagem: Questões e Análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- SCHLESINGER, I. M. (1971) Production of utterances and language acquisition. In: D.I. Slobin (ed.) *The Ontogenesis of Grammar*. N.Y.: Academic Press.
- SCLIAR-CABRAL, L. (1976) O estado da Psicolinguística no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 28 (3): 146-176.
- _____ (1977) A explanação lingüística em gramáticas emergentes. Tese de doutorado, USP.
- _____ (1989) Pesquisas sobre aquisição da linguagem no Brasil nos últimos quinze anos. *Anais do I Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem*, CEAAL-PUCRS, Porto Alegre.
- _____ (1998) Letramento e as perspectivas para o próximo milênio. In: L. Grimm-Cabral & E. Gorski (eds.) *Lingüística e Ensino*. Florianópolis: Insular.
- SCOLLON, R. (1979) A Real Early Stage: An Unzipped Condensation of a Dissertation on Child Language. In: E. Ochs & B.B. Schieffelin (ed.) *Developmental Pragmatics*. New York: Academic Press.
- SHAFFER, V., D. SHUCARD, J. SHUCARD & L. A. GERKEN (1998) An eletrophysiological study of infants' sensitivity to the sound patterns of English Speech. *Journal of Speech, Language and Hearing Research*, 41: 874-886.
- SIMÕES, L.J. (1997) Sujeito nulo na aquisição do português do Brasil: resultados quantitativos de um estudo de caso. *Letras de Hoje*, 32 (4):107-124.
- SINCLAIR, (1976a) Developmental Psycholinguistics. In: B. Inhelder & H.H. Chipman *Piaget and His School: A Reader in Developmental Psychology*. New York: Springer-Verlag.
- _____ (1976b) Epistemology and the study of language, Id *ibid*.
- SKUSE, D. H. (1993) Extreme deprivation in early childhood. In: D. Bishop & K. Mogford (eds.) *Language Development in Exceptional Circumstances*. Hove: Lawrence Erlbaum.
- SLOBIN, D. I. (1973) Cognitive prerequisites for the development of grammar.

- In: C.A. Ferguson & D. I. Slobin (eds.) *Studies of Child Language Development*. New York: Holt, Reinhart & Winston.
- SLOBIN, D.I. (1985) Crosslinguistic Evidence for the Language-Making Capacity. In: D.I. Slobin (ed.) *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*, vol.2: Theoretical Issues. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum.
- SMITH, N. & I-M. TSIMPLI (1995) *The Mind of a Savant: Language Learning and Modularity*. Oxford: Blackwell.
- SNOW, C.E. (1986) Young children's responses to adult sentences of varying complexity. In: P. Fletcher & M. Garman (1986) *Language Acquisition*. Cambridge: CUP Second Edition.
- SPELKE, E. (1990). Principles of object perception. *Cognitive Science*, **14**: 29-56.
- _____ (1994). Initial knowledge: six suggestions. *Cognition*, **50**: 431-445.
- SOARES, M.E. (1991) *A constituição do discurso coeso: um estudo evolutivo da produção oral e escrita*. Tese de doutorado inédita. PUC-Rio.
- _____ (1997). Aspectos relativos à produção de narrativas por crianças de 3 a 9 anos. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, **26**: 72-102.
- SWINNEY, D. & ZURIF, E. (1995) Syntactic processing in aphasia. *Brain & Language*, **50**: 225-239.
- TAVAKOLIAN, S. L. (1981) (ed.) *Language Acquisition and Linguistic Theory*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- TEIXEIRA, E. R. & B. L. DAVIES (1999) Phonetic patterns and ambient language influences in the speech acquisition of two Brazilian Portuguese speakers. Trabalho apresentado no VIII International Congress for the Study of Child Language. San Sebastian, 12-16 de julho.
- ULLER, M. C. (1990) Um estudo evolutivo da produção e compreensão de relações anafóricas. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ.
- VYGOTSKY, L.S. (1962) *Thought and Language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- WAXMAN, S. R. (1994) The development of an appreciation of specific linkages between linguistic and conceptual organization. In: L. Gleitman & B. Landau (eds.) *The Acquisition of the Lexicon*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- YAMADA, J.E. (1992) *Laura: A Case for the Modularity of Language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

**ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO BILÍNGUE E ESCOLARIZAÇÃO EM CONTEXTOS DE
MINORIAS LINGÜÍSTICAS NO BRASIL* ****

(Studies on bilingual education and schooling in Brazilian contexts of
linguistic minorities)

Marilda C. CAVALCANTI (UNICAMP)

ABSTRACT: This paper aims at presenting a state-of-the-art of a subarea in Applied Linguistics, i.e., bilingual education studies in Brazil or yet education in bilingual settings such as indigenous communities, immigrant, frontier and deaf communities. These settings usually have more than two languages in use as well as language varieties. The paper shows a sociolinguistic panorama of the country and of the studies about education in linguistic minority contexts and draws implications for teacher education and language diversity.

KEY WORDS: Linguistic Minorities; Multilingualism; Multiculturalism; Bilingual Education; Bidialectal Settings.

PALAVRAS-CHAVE: Minorias Lingüísticas; Multilingüismo; Multiculturalismo; Educação Bilíngüe; Contextos Bidialectais.

Em comparação com outras subáreas da Lingüística Aplicada¹, por exemplo, ensino-aprendizagem de línguas (materna/estrangeira) e tradução, os estudos sobre interação em contextos bi/multilíngües no Brasil são recentes. Não completaram ainda uma década e, por enquanto, constituem área de concentração em somente um programa de pós-graduação² em LA no país. Como se verá a seguir, isso não significa dizer que não existam estudos sobre

* Agradeço ao CNPq (520616/95-2) pelo auxílio que tornou possível a continuidade da pesquisa, base deste texto. Agradeço também a FAPESP (1996/4443-7) pelo auxílio no período 1997-1999 dentro do Acordo CNPq-Fapesp. O título dos projetos aos quais faço referência no texto são: *Escolas da Floresta* (CNPq 1995-97, Fapesp 1997-1999), *O índio e a escola* (CNPq 1997-99), e *Vozes na Escola: Cultura e identidade em contextos sociolinguisticamente complexos* (CNPq 1999-2001)

** Uma nota de agradecimento a A.L.César pela leitura de versão preliminar do texto e pela discussão decorrente.

¹ A Lingüística Aplicada como área de domínio próprio que tem pontos em comum, mas que difere da Lingüística e dela não depende em seus estudos, tem seu fortalecimento no meio da década de 80 com a abertura de novos programas de pós-graduação em Lingüística Aplicada. O primeiro programa de LA na PUC-SP é do início da década de 70. A Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (ALAB) foi fundada em 1990.

² PPGLA/Unicamp.

educação bilíngüe e sobre educação em contextos bi/multilíngües em outros programas. É importante observar que não estou me propondo a fazer aqui um trabalho exaustivo, mas apresentar contextos bi/multilíngües de minorias para que o mapa da educação nesses cenários seja desvelado, venha à superfície e possa ter visibilidade.

Observe-se que utilizo a expressão educação ou escolarização³ em contextos bi/multilíngües⁴ juntamente com o termo educação bilíngüe⁵ (Vide Hornberger, 1991, Freeman, 1998, Hamel, 1989, Garcia & Baker, 1995) porque os contextos que vou focalizar podem ou não apresentar casos de educação bilíngüe propriamente dita. São, no entanto, cenários onde mais de uma língua é falada e não necessariamente é escrita. São cenários fortes em tradição oral.

O texto está organizado em três partes. Na primeira, focalizo o cenário sociolinguístico brasileiro e, na segunda, os estudos sobre educação em cenários bilíngüe/multilíngües e sobre o bilingüismo de minorias linguísticas. Na terceira, dentro de uma tradição da Linguística Aplicada de voltar à prática, visando a um levantamento de implicações, busco estabelecer relações entre

³ Ver também Cavalcanti (1998a e b).

² A reflexão que aqui faço tem como base projetos de pesquisa de cunho etnográfico que desenvolvi com uma equipe, primeiramente no contexto de educação escolar indígena e, a partir deste ano, em contextos bi/multilíngües de minorias. Baseia-se também na orientação de projetos de pesquisa visando a dissertações de mestrado e tese de doutorado. Mais especificamente, a discussão foi originada no desenvolvimento de dois projetos de pesquisa (Cavalcanti, 1995, 1997), ambos com foco no contexto indígena assim como na orientação de trabalhos (Maher, 1990, 1996, Mendes, 1995, e em andamento, César, em andamento, e Freitas, em andamento), e também no trabalho de orientação de pesquisa nos contextos imigrantes (Jung, 1997, Takasu, 1999, Pereira, 1999) e de fronteira (Martins, em andamento). Esses trabalhos deram origem a um terceiro projeto de pesquisa (Cavalcanti, 1999c) que focaliza contextos sociolinguisticamente complexos sejam eles indígenas, imigrantes ou de fronteira. Em todos eles, as escolas focalizadas apresentam um cenário sociolinguisticamente complexo, uma vez que nas comunidades envolvidas mais de uma língua e/ou mais de uma variedade linguística são faladas.

⁵ Em sua revisão das tipologias existentes sobre educação bilíngüe, Hornberger (1991) apresenta três modelos: de transição, de manutenção e de enriquecimento. O modelo de transição que se concretiza em programas de transição vê a língua como um problema a ser resolvido e visa a chegar à língua-alvo. A primeira língua do aluno (a língua da comunidade) serve de ponte para a língua dominante. O modelo de manutenção, também concretizado em vários tipos de programas de manutenção, embora considere a língua da comunidade como direito, pode, em última instância, servir de transição para a língua da sociedade dominante. O modelo de enriquecimento – a língua como recurso (não somente para os alunos de comunidades minoritárias mas também para os alunos que são parte da sociedade dominante) – aparece em programas tais como: de imersão, de línguas de herança imigratória, de duas línguas, de imersão bilíngüe, de mão dupla. (Ver também Freeman, 1998.)

o cenário sociolingüístico apresentado e a formação de professores.

1.O cenário sociolingüístico brasileiro

Quem catequizou os índios foi o coronel do barranco, o proprietário fazendeiro que botava os outros no cativeiro... amarrava e açoitava (...) e amedrontou eles prá não falarem a língua ... prá desmoralizar ele botou o nome na língua "gíria".

Profa. Manaitá (Railda Poyanawá) in Maher & Cavalcanti (1995)

Não sei falar bem o português. Na minha língua sou doutor.

Prof. Joaquim Maná Kaxinawá⁶ (Anotações de campo do Projeto Escolas da Floresta, 1997)

Aqui só se fala português.⁷

Professora em escola localizada em comunidade imigrante alemã de zona rural. (Jung, 1997)

Apesar de falas como as que servem de epígrafe para esta seção, geralmente causa estranheza quando digo que minha área de pesquisa atual está relacionada a contextos bilíngües de minorias (Cavalcanti, 1999c e d) no Brasil. Isso talvez aconteça, porque, em primeiro lugar, existe um mito de monolingüismo no país (Cf. Bortoni, 1984, Cavalcanti, 1996a, Bagno, 1999). Esse mito é eficaz para apagar as minorias, isto é, as nações indígenas, as comunidades imigrantes e, por extensão, as maiorias tratadas como minorias, ou seja, as comunidades falantes de variedades desprestigiadas do português. Em segundo lugar, uma das razões para essa estranheza pode ser decorrente de o bilingüismo estar estereotipicamente relacionado às línguas de prestígio no que se convencionou denominar bilingüismo de elite⁸. Em terceiro lugar, esses contextos bilíngües de minorias são (tornados) invisíveis, portanto

⁶ O Professor Maná sabe falar muito bem o português (regional e com marcas indígenas) e como argumenta bem... Sua língua primeira, de identidade indígena, é o Kaxinawá. Com o português escrito, a aproximação aconteceu em contexto escolar. Sua fala exemplifica um cenário bi/multilíngüe no país.

⁷ Na escola, há momentos em que se fala o português da comunidade (o "brasileiro"), uma variedade de alemão e se aprende o português escrito do livro didático.

⁸ A expressão educação bilíngüe é, geralmente, mais conhecida por sua associação ao bilingüismo denominado de elite, ou seja, um bilingüismo de escolha, relacionado a línguas de prestígio tanto internacional como nacionalmente. As escolas bilíngües no Brasil (e em outros países), por exemplo, escola americana, escola francesa, tem na língua alvo seu (principal e, às vezes, único) meio de instrução independentemente da L1 do aluno.

naturalizados, tanto por quem deles faz parte como pela sociedade envolvente, uma vez que as línguas faladas são de tradição oral, portanto estigmatizadas. A questão da invisibilidade será retomada na segunda parte.

Não é somente no Brasil que essa imagem de cenário monolíngüe predomina. Mesmo se tendo a informação de que o bilingüismo está presente em praticamente cada país do mundo - Grosjean (1982:vii) diz que cerca da metade da população mundial é bilíngüe - segundo Romaine (1995:9), é o monolingüismo que representa a norma, é o monolingüismo que é a base para os estudos lingüísticos. De fato, para a autora, o monolingüismo deveria ser tratado como caso especial, como desvio da norma, e o bilingüismo deveria representar a norma. Diz ainda a autora (Romaine, 1995:8): Há cerca de trinta vezes mais línguas do que há países. Isso implica a presença do bilingüismo em praticamente todos os países do mundo.

No Brasil, não se pode ignorar os contextos bilíngües de minorias, uma vez que no mapa do país pode-se localizar em uma pincelada não exaustiva: i. comunidades indígenas em quase todo o território, principalmente, na região norte e centro-oeste; ii. comunidades imigrantes (alemãs, italianas, japonesas, polonesas, ucranianas, etc) na região Sudeste e Sul, que mantêm ou não sua língua de origem; iii. comunidades de brasileiros descendentes de imigrantes e de brasileiros não-descendentes de imigrantes em regiões de fronteira, em sua grande maioria, com países hispano-falantes. Além dessa classificação geográfica, quando se focalizam os contextos bilíngües não se pode esquecer das comunidades de surdos que, geralmente, são criadas em escolas/instituições e que estão espalhadas pelo país. Todos⁹ esses contextos bilíngües são de alguma forma também "bidialetais", pois contemplam alguma variedade de baixo prestígio do português ou de outra língua lado a lado com a variedade de português convencionalizada como padrão.

Se estou focalizando contextos bilíngües, por que estou também me referindo a falantes de variedades consideradas de baixo prestígio do português do Brasil? A resposta é simples: nos estudos realizados (Vide Jung, 1997, Pereira, 1999, Maher, 1996, Cavalcanti, 1997b) os contextos bilíngües são sempre mais complexos do que parecem à primeira vista e essa complexidade passa pelas variedades do português. Em outras palavras, esses contextos

⁹ Há ainda outras comunidades bilíngües como as de terreiros de candomblé que congregam brasileiros descendentes e não descendentes de africanos também apagadas do cenário sociolingüístico do país.

bilíngües de minorias são também "bidialetais"¹⁰. De fato, a complexidade mencionada resulta em apresentar esses contextos como multilíngües e não somente bilíngües, dando o devido status às línguas (e não às variedades ou dialetos) falados por essas comunidades.

Contextos indígenas

Contextos indígenas

O universo indígena no Brasil hoje é pequeno, porém, extremamente rico e diverso no que concerne aos aspectos sociolingüísticos, sociohistóricos e socioculturais. É composto de aproximadamente (não há um levantamento preciso e oficial, cf. Cardoso de Oliveira, 1988:34) de 250.000 pessoas o que corresponde a menos de 0.2% da população do Brasil. Das cerca de 1300 línguas faladas pelos diversos grupos por volta de 1500, apenas 170 sobreviveram. Muitas dessas línguas têm pouquíssimos falantes. É importante observar que, por volta do ano de 1500, a população indígena era aproximadamente de 5 milhões de pessoas e as línguas faladas eram cerca de 1300, de acordo com vários registros, inclusive Ribeiro (1995). A taxa de crescimento populacional, hoje, no entanto, e felizmente, é maior do que a população não-indígena: 4% ao ano.

Nos contextos acima descritos, há situações de manutenção, de perda e processos de "revitalização"¹¹ da língua nativa. Os processos de "revitalização" podem ter um peso simbólico (Vide Maher, 1996), por exemplo, no material didático em língua indígena em uma comunidade onde não se fala/ensina essa língua. Esse material, no entanto, simboliza a posse/a existência da língua. No caso do português falado pelos índios, é interessante observar que a língua de origem da comunidade, mesmo nos casos em que não é mais falada, por exemplo, na Comunidade Indígena Apurinã no Sudoeste do Amazonas, deixa sua marca (Ver Maher, 1996, 1998) na variedade de português que se torna a primeira língua. Maher utiliza o termo "português índio" para fazer referência a essa variedade do português falado. Outros autores (por exemplo, Grillo Guimarães, 1996) utilizam o termo "português étnico".

¹⁰ Vide Bortoni (1998) sobre o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade e letramento e continuum de monitoração estilística.

¹¹ Utilizo o termo revitalização entre aspas como forma de questionamento, uma vez que, dado o dinamismo de uma língua seria impossível revitalizá-la como foi no passado. Em outras palavras, o termo revitalização, que parece indicar a idéia de imutabilidade, necessita ser relexicalizado ou então mudado.

Contextos de imigração

Tendo em vista que a imigração é apenas uma parte da história para os contextos atuais bilíngües/bidialectais, reporto-me a Ribeiro (1995:241):

O contingente imigratório¹² europeu integrado na população brasileira é avaliado em 5 milhões de pessoas, quatro quintas partes iguais entraram no país no último século. (...) [Esse contingente] é composto, principalmente, por 1,7 milhão de imigrantes portugueses, que se vieram juntar aos povoadores dos primeiros séculos, tornados dominantes pela multiplicação operada através do caldeamento com índios e negros. Seguem-se os italianos, com 1,6 milhão; os espanhóis, com 700 mil; os alemães, com mais de 250 mil; os japoneses, com cerca de 230 mil e outros contingentes menores, principalmente eslavos, introduzidos no Brasil sobretudo entre 1886 e 1930.

O país tem então como "raízes" os índios, os portugueses e os africanos. Nos índios temos os donos das terras, desalojados para que essas fossem doadas aos primeiros imigrantes¹³, os colonizadores portugueses. Com os índios desalojados, tentou-se escravizá-los. Não deu certo. Vem então da África, a mão de obra escrava, cerca de 6 milhões de pessoas (Ribeiro, 1995:228), para trabalho forçado nas terras "doadas" aos portugueses. Os imigrantes, que, curiosamente, sempre estão fora do tripé das "raízes" brasileiras, chegaram em maior número após a Abolição da Escravatura. Vieram, principalmente italianos e japoneses, substituir os africanos na agricultura, sonhando com a aquisição de terras. Ou seja, até 1836 o fluxo de imigração era de portugueses e africanos¹⁴. Entre 1836 e 1968, cerca de 5 a 7 milhões de imigrantes se instalaram na região Sul e Sudeste, especialmente em zonas rurais. É nessa época que chegam os alemães e também mais japoneses. Mais tarde, o governo brasileiro,

¹² Os números apresentados por Ribeiro convergem com o quadro apresentado pela **Folha de São Paulo** em 13/07/97 para um período de 60 anos:1870-1868. Esses números indicam "cerca de de 5 milhões a 7 milhões" de imigrantes e "não incluem os africanos trazidos para o país como escravos": 1,76 milhão de portugueses, 1,62 milhão de italianos, 719 mil espanhóis, 257 mil alemães, 243 mil japoneses, 119 mil russos, 98 mil austríacos, 79 mil 'turcos', 54 mil poloneses, 50 mil franceses. "A maioria deles se instalou nas regiões Sul e Sudeste do país, onde a necessidade de mão-de-obra era mais forte, em especial para a agricultura".

¹³ Usei o termo imigrante propositalmente. Esses primeiros portugueses não são vistos como tal, parecem ter um status superior como "donos/donatários" das terras.

¹⁴ Há registros também de libaneses que chegaram já com os portugueses e se estabeleceram no comércio.

através de intermediários europeus, apoiou um programa de incentivo à imigração através da venda de terras para agricultura. Dessas ondas imigratórias, temos hoje os descendentes de imigrantes¹⁵ africanos¹⁶ que podem constituir uma maioria em algumas regiões do país (Vide César, 1995; César & Silva, 1992) apesar de serem tratados como minorias. Os descendentes de imigrantes europeus¹⁷ (italianos, alemães, ucranianos, poloneses, holandeses, espanhóis, austríacos, russos, para nomear alguns) e asiáticos (japoneses, chineses) fazem parte da imigração antiga e estão principalmente no Sul e Sudeste do país. Como exemplo de imigração recente, pode-se citar os coreanos.

Ainda conforme Ribeiro (1995: 242):

Não ocorre no Brasil (...) nada parecido com o que sucedeu nos países rio-platenses, onde uma etnia original numericamente pequena foi submetida por massas de imigrantes que representando quatro quintos do total, imprimiram uma fisionomia nova, caracteristicamente européia, à sociedade

¹⁵ Os africanos também não são vistos como imigrantes por razões diversas da explicação da nota anterior. Arrisco-me a dizer que a razão estaria mais relacionada a uma política de “branqueamento” do país através das contínuas levas de imigração européia. Dessa política, certamente, poderia fazer parte os apagamentos (propositais) existentes nas famílias brasileiras dos ascendentes negros e também índios em favor dos ascendentes imigrantes europeus.

¹⁶ Conforme Ribeiro (op. cit.:114): *Os negros do Brasil, trazidos principalmente da costa ocidental da África, foram capturados meio ao acaso nas centenas de povos tribais que falavam dialetos e línguas não inteligíveis uns aos outros. A África era, então, como ainda hoje o é, em larga medida, uma imensa Babel de línguas. Embora mais homogêneos no plano da cultura, os africanos variavam também largamente nessa esfera. Tudo isso fazia com que a uniformidade racial não correspondesse a uma unidade lingüístico-cultural, que ensejasse uma unificação, quando os negros se encontraram submetidos todos à escravidão. (...) Encontrando-se dispersos na terra nova, ao lado de outros, seus iguais na cor e na condição servil, mas diferentes na língua, na identificação tribal e freqüentemente hostis pelos referidos conflitos de origem, os negros foram compelidos a incorporar-se passivamente ao universo cultural da nova sociedade. E apesar das circunstâncias adversas, aprendem o português “para comunicar-se entre si.”*

¹⁷ Brasilianistas, por exemplo, Lesser (1999, mencionado na **Folha de São Paulo**, 06/06/99, 5:7), levantam a hipótese da busca de embranquecimento do “sangue moreno brasileiro através da vinda de imigrantes brancos europeus”. Já, de acordo com Nobles (no prelo, também parte da reportagem da **Folha de São Paulo**, 06/06/99, 5:8) aponta que o “censo tem ajudado a embranquecer” o país. Afirma que “o censo no Brasil tem sido uma disputa entre os que acham que o país é de maioria branca e os que defendem que somos um país de negros ou pelo menos de não-brancos. O pomo da discórdia, claro, é o mulato.”

e à cultura nacional, transfigurando-os de povos novos em povos transplantados. O Brasil nasce e cresce como povo novo, afirmando cada vez mais essa característica em sua configuração histórico-regional. O assinalável no caso brasileiro é, por um lado, a desigualdade social, expressa racialmente na estratificação pela posição inferiorizada do negro e do mulato. E, por outro lado, a homogeneidade cultural básica, que transcende tanto as singularidades ecológicas regionais, bem como as marcas decorrentes da variedade de matrizes raciais, como as diferenças da proveniência cultural dos distintos contingentes.

Contextos de fronteira

Apesar da extensão da fronteira brasileira em contato/conflito¹⁸, primordialmente, com países hispano-falantes, não há muitos estudos sobre as comunidades de fronteiras. No caso da fronteira com o Uruguai talvez se tenha mais informação, como, por exemplo, os estudos citados¹⁹ em Trindade, Behares e Fonseca (1995) e desenvolvidos pela Universidad de la Republica/Uruguai. Em relação às comunidades de fronteira com o Paraguai, há alguns estudos (Vide, por exemplo, Martins, 1996) que focalizam a movimentação de imigrantes brasileiros de ascendência alemã para a zona rural paraguaia próxima na fronteira com o Brasil. Há também estudos (Vide D'Angelis & Mazzarolo) que discutem a migração brasileira para o Paraguai e que mostram a fronteira do lado brasileiro (Ver Santos, 1999).

Comunidades de surdos

De acordo com o Correio Braziliense (1997), dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que "a deficiência auditiva afeta 10% da população mundial". Conforme a mesma fonte, "no Brasil, estima-se que existam 15 milhões de pessoas com algum tipo de perda auditiva. Desses 350 mil são totalmente surdos". A população de surdos é, portanto, quantitativamente grande. No entanto, como acontece nos outros contextos focalizados, também aí há um apagamento, uma minimização de sua importância, que promove sua invisibilidade.

¹⁸ Minha escolha pelo termo contato/conflito (lingüístico) está relacionada à discussão de vários autores, principalmente em relação à posição tomada a partir dos autodenominados sociolingüistas de periferia. O ponto da discussão que não há contato sem conflito, por exemplo, no caso da diglossia. (Ver Martin-Jones, s.d. e Hamel & Sierra, 1995.)

¹⁹ Elizaincín, Behares & Barrios (1987), Elizaincín (1976), Behares (1982).

Essas comunidades, que muitas vezes estão espalhadas, há muito reivindicam acesso à língua de sinais (LIBRAS). Já sofreram e ainda sofrem discriminações. Os estudos nessa área estão mais voltados para a descrição da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e para sua importância. Brito (por exemplo, 1993) tem uma contribuição importante para a área. Há projetos educacionais tentando levar os resultados dessas pesquisas para a prática (cf. Favorito, 1999) como é o caso do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no Rio de Janeiro. A meu ver, questões de bilingüismo e de bidialetalismo têm espaço potencial nesse contexto.

Contextos bidialetais/rurbanos

Essas comunidades, que constituem a maioria da população dentro e fora da escola, dentro e fora do sistema, "com fome de cidadania, salário, educação ..." (remetendo a um artigo de Herbert de Souza, publicado no Jornal do Brasil em 1993, não podem deixar de ser mencionadas porque sua(as) variedade(s) lingüística(s) é(são) diferente(s) do português visto como padrão.

A premissa é, portanto, que há uma maioria de contextos bidialetais nas escolas públicas brasileiras. Esses contextos são ou ignorados ou apagados (Ver, no entanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais, e Bagno, 1997) e passam a impressão de cenários monolíngües. Para Romaine (1995), há, no entanto, heterogeneidade mesmo em comunidades consideradas monolíngües, uma vez que geralmente há variedades regionais, sociais e estilísticas dentro do que é considerado como "uma língua".

Utilizo aqui o termo bidialetal segundo Bortoni (1984), de forma a polemizá-lo e com vistas a apreender implicações para a formação de professores no país. Bidialetais são, por exemplo, as comunidades "rurbanas" (Cf. Bortoni, 1985) compostas por populações de origem rural que vivem na cidade e que falam alguma variedade estigmatizada²⁰ de português. Essas comunidades constituem o que venho denominando "as maiorias tratadas como minorias.

Rajagopalan (1998:23) diz: ... quando se trata de distinguir entre categorias conceptuais nebulosas como "língua" e "dialeto, até os lingüistas se abstém

²⁰ Essas variedades tem nos traços descontínuos (Vide Bortoni-Ricardo, 1984) as marcas da estigmatização: muié, nós fumu, nós vinhemu. Esses traços convivem com traços graduais que já estão incorporados ao português padrão oral: os menino, me dá.

de estabelecer uma diferença. Para Wiley (1996:105): o termo "dialeto" (...) em seu uso popular carrega uma conotação subpadrão. (...) Embora alguns lingüistas façam objeção ao termo 'dialeto' por razões técnicas, a maioria acredita que é aplicável a todas as variedades da língua inclusive a padrão. Neste texto, poderia estar usando somente o termo "língua" como foi feito em Jung (1997), porém, optei por "bidialetal" para dramatizar a questão e por "bilíngüe" para chamar a atenção sobre cada um dos contextos focalizados, que em verdade, é multilíngüe e não apenas bilíngüe. No dois casos, como já apontei anteriormente, busco especificamente e deliberadamente trazer os termos para discussão.

A respeito da discussão sobre variedades lingüísticas, é importante ainda destacar, seguindo Cazden (1993:198), que:

todas as línguas são faladas em muitas variações - variações que tem um desenvolvimento histórico, são distribuídas de modo não-aleatório na sociedade, e são profundamente influenciadas por relações de poder tanto no cenário mais próximo (o contexto da situação) como na sociedade (o contexto cultural).

Para a imagem firmada de um país monolíngüe onde, além da língua dita padrão, sequer uma variedade de português é reconhecida, houve "contribuição" nos diferentes contextos focalizados. No caso dos falantes de variedades de baixo prestígio do português, o português falado é visto como "errado" e a questão era somente fazer com que aprendessem a "falar português direito" e tudo estava resolvido. No caso dos indígenas, a proibição de uso das línguas indígenas foi direta nos variados contextos: a língua indígena (qualquer que fosse) era "feia" - a denominação "gíria" não é gratuita - e ser índio era uma "vergonha" (cf., por exemplo, fala da Profa Manaitá no início desta seção). Não é preciso acrescentar mais nada para entender que esse foi um incentivo (de sucesso!) para a construção da baixo-estima da população indígena e do perigo de deslocamento das línguas indígenas. No caso dos africanos e seus descendentes, essa proibição, hoje esquecida e raramente mencionada nos livros didáticos de História, é parte, por exemplo, da invisibilidade da presença²¹ de termos das línguas africanas incorporados à Língua Portuguesa falada no Brasil. No caso das línguas de comunidades

²¹ Há estudos sobre o assunto, principalmente na Bahia, porém não parece haver interesse e vontade política de dessiminação desse conhecimento.

imigrantes, houve a proibição²², à época do governo Getúlio Vargas, de línguas estrangeiras dos países do Eixo nas escolas e comunidades. No caso dos surdos, estes, a princípio estavam confinados aos lares, e se estavam em comunidades estas eram silenciosas. Além disso, era comum ouvir-se o questionamento se a Língua dos Sinais constitui uma língua.

Educação bilíngüe no Brasil?

A partir do que foi exposto, depreende-se que o Brasil²³ não reconhece e não encoraja o ensino bilíngüe no contexto de minorias lingüísticas. A exceção fica com as comunidades indígenas, que tem na Constituição de 88 o direito assegurado para a educação bilíngüe, mas que se não fosse pelo trabalho de indigenistas, de ONGs e, em menor escala, de grupos de pesquisa/ensino de universidades nada teria de concreto hoje.

Um parêntese é necessário, neste ponto, para lembrar que "somente em 1991 a educação indígena foi introduzida na constituição brasileira como sendo responsabilidade do governo" (Cavalcanti, 1996a). Em 1994 orientações escritas para uma política educacional indígena foram produzidas pelo Ministério da Educação (Ministério da Educação e Cultura, 1994). E em 1998, foi publicado o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas.

Deve-se observar também que as escolas em contexto indígena são um caso à parte. São oficialmente reconhecidas como escolas bilíngües e seus professores se autodenominam bilíngües. Nas etnias focalizadas no Acre, considerando o ponto de vista dos professores índios, a escola, que veio de fora, da sociedade dominante, é um conceito em construção. Mesmo considerando que nesse pequeno universo indígena no Brasil existe diversidade lingüística e diversidade de contato/conflito, o conceito de escola em construção não se aplica a todas as comunidades indígenas.

²²De acordo com Kreutz (1994), essa proibição é parte de uma campanha de nacionalização do ensino, com início em 1918, desenvolvida pelo governo brasileiro de modo preventivo até 1938 e, a partir daí, de maneira ostensiva. Kreutz (: 48) aponta que para o governo "o perigo estava apenas nas escolas teuto-brasileiras ["indício seguro de resistência local anti-brasileira"]. Entendia que a etnia italiana não oferecia problema neste sentido. [Também não ofereciam perigo as escolas nas comunidades dos imigrantes judeus, poloneses e japoneses porque eram pequenas (Kreutz: 47).] Sobre a questão da proibição nas comunidades imigrantes alemão, ver também Bärnert-Fürst (1989) e Pereira, (1999).

²³Essa situação não é "privilégio" do cenário brasileiro. É comum em outros países, por exemplo, nos EUA, o não reconhecimento e o não encorajamento de ensino bilíngüe. (Ver Freeman, 1998)

Nos Parâmetros Curriculares, no entanto, as questões aqui focalizadas são mencionadas, porém, não são elaboradas ou enfatizadas. E entre aparecer no documento e ser efetivamente parte da escola existe uma distância grande e essa distância passa pelos cursos de formação de professores assim como passa pelas decisões de políticas lingüísticas e educacionais. "A escola(rização) bilíngüe/bidialetal não faz [portanto ainda] parte da vida educacional brasileira" (Cavalcanti, 1999c:2). Em outras palavras, o bilingüismo de minorias e o bidialetalismo de majorias, na prática, ainda está naturalizado como invisível (Cavalcanti, 1996b, 1997a).

As escolas em contexto indígena e na zona rural têm (ou tinham) em comum o fato de serem bi- ou multisseriadas. No contexto indígena continuam multisseriadas no Acre, no Xingu, mas em Minas Gerais, por exemplo, índios pataxó são levados para estudar em escolas seriadas na cidade mais próxima pela Prefeitura. De acordo com os professores indígenas do Acre, as classes multisseriadas favorecem o aprendizado em grupo: um aluno ensina o outro, parte integrante da pedagogia indígena.

Na zona rural essas classes estão em vias de extinção no Estado de São Paulo e no Estado do Paraná: os alunos são transportados às escolas na cidade mais próxima pela Prefeitura (Jung, 1998). Enquanto os contextos de bilingüismo na zona rural ficam aglutinados e até incentivam o bilingüismo (Jung, 1997), nas cidades ficam dispersos em salas de aula multiculturais tratadas como se fossem monoculturais e monolíngües. A resistência dos alunos a aprender e à escola é vista como parte de outros fatores e não como relacionada à diferença lingüístico-cultural²⁴ (Jung, em andamento).

Nessas escolas localizadas em comunidades imigrantes, algumas contam com professores da própria²⁵ comunidade. As escolas são oficialmente monolíngües, mas, em comunidades bilíngües, é natural que haja trânsito entre uma e outra língua e é isso que se viu na prática (Jung, 1997). É claro que há sempre o receio de o professor de não estar trabalhando de acordo com a

²⁴ A discussão do termo cultura não faz parte do escopo deste texto. O termo, aqui utilizado com base em De Certeau (1995), Erickson (1996, 1997) e Azcona (1993), carregado de imprecisão e polissemia, é parte tanto do cotidiano da rua como da academia.

²⁵ Às vezes, professores da própria comunidade com o poder que a instituição lhes confere podem ser insensíveis às suas próprias origens. Outras vezes não: intuitivamente desenvolvem uma sensibilidade, quem sabe para compensar o problemas que eles próprios, como alunos, enfrentaram na escola (Ver Osborne, 1996, e Jung, 1997).

Secretaria da Educação (cf. Jung, 1997, e Pereira, 1999) e há sempre uma afirmação sobre o português como sendo a única língua da escola. Tantos anos passados da proibição das línguas dos países do Eixo nas escolas e essa questão continua. A solução poderia vir dos supervisores de ensino, que deveriam ser sensíveis à diversidade lingüístico-cultural para poder orientar os professores. Reclamam esses supervisores²⁶ sobre sua falta de conhecimento sobre o contexto em que atuam os professores. São, portanto, necessários cursos²⁷ para formadores de professores e para agentes e técnicos de secretarias de educação e delegacias de ensino (ou similares) que estão em contato com esses professores. Essa sugestão ratifica a proposta constante do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.

Em outras palavras, a política lingüística de monolingüismo no Brasil (Cavalcanti, 1996b) é uma questão naturalizada, tornada natural. Para Wiley (1996:103): *Apesar de sua recência [data de 1960] como uma área acadêmica, o planejamento lingüístico e a análise da política lingüística sempre existiram como atividades de estados e impérios, embora não explicitamente sob esses rótulos.* E de novo essa não é uma questão isolada. Para Wiley (1996:105): *Em sociedades onde a maioria da população é monolíngüe (...), há frequentemente uma suposição subjacente de que o monolingüismo (...) representa um estado ideal natural, enquanto o multilingüismo representa um condição temporariamente anormal.* No Brasil, a maioria da população é vista como monolíngüe, mas como apontado anteriormente, essa visão é artificial, porém extremamente eficaz para a imagem de estado ideal natural longe do "perigo" de qualquer condição temporariamente anormal proveniente de situações de bi/multilingüismo.

2. Os estudos sobre educação em contexto bilíngüe: a invisibilidade do bilingüismo e do "bidialetalismo"

A gente não fala bem nem o alemão nem o brasileiro.

Depoimento de morador de comunidade imigrante de zona rural (Pereira, 1999).

²⁶ Anotações realizadas durante o Seminário Estadual sobre o Currículo de Magistério Indígena. Participação (na elaboração e) na apresentação das disciplinas de Línguas, Estudo Dirigido e Iniciação à Pesquisa. Rio Branco, Acre. 23 a 25/05/1996.

²⁷ A Comissão Pró-Índio do Acre estará responsável por um curso para técnicos e supervisores da Secretaria de Educação do Estado a partir do ano 2000.

²⁸ E o contato (que às vezes se torna conflito nessas situações) com o português escrito foi na escola...

Minha primeira língua é o japonês, a língua da minha família. Meu primeiro contato com o português²⁸ foi com os empregados da fazenda [no interior de São Paulo]. (Takasu, 1999)

Há um ponto em comum entre os contextos apresentados sejam eles de comunidades indígenas, de comunidades de imigrantes e de fronteira: são de tradição oral. São também de tradição oral as comunidades rurais e rurbanas. As crianças (e adultos) dessas comunidades se deparam com uma língua(gem) totalmente desconhecida na escola: o português escrito. Além disso, essas comunidades pertencem a minorias lingüísticas (muitas com terra própria como relatam Jung, 1997, Martins, 1996, Pereira, 1999a) e falam mais de uma língua, apesar de não se reconhecerem e não serem reconhecidas como bilíngües. Houve um processo de naturalização da invisibilidade desse tipo de bilingüismo. Por exemplo, até há pouco tempo, os indígenas eram sempre apresentados no tempo passado nos livros didáticos como se não existissem mais; os imigrantes eram mencionados pela mídia somente em épocas festivas quando interessava mostrar que as comemorações eram realizadas de modo diferente, peculiar. As comunidades de fronteira e as comunidades de surdos não apareciam nem na mídia e muito menos nos livros didáticos. Em relação ao bidialetalismo, o "caipira", por exemplo, só aparece na mídia, de forma estigmatizada, durante o período de festas juninas.

Nos estudos realizados por Jung (1997) e por Pereira (1999) foi observado que nesses contextos há um sentimento de inferioridade em relação às línguas faladas devido a pelo menos dois fatores: a) as línguas faladas não são (d)escritas e como tal não são reconhecidas; b) a incidência de não escolarização dos integrantes adultos da comunidade. No caso das comunidades rurbanas (urbanas de origem rural), de tradição oral, a língua da escola também é diferente daquela falada em casa e na comunidade. Neste caso, no entanto, o foco não está nas minorias lingüísticas: são, na verdade, maiorias²⁹, porém com tratamento de minorias, que falam uma variedade de

²⁹ Ver discussão de Robinson (1993:52). Para o autor, "a noção de língua minoritária tomou forma através da análise de situações onde a distinção entre maioria e minoria era precisa." No entanto, essa distinção é difusa em muitas situações como em um caso na África que o autor focaliza em sua pesquisa. Além da discussão sobre o conceito de língua minoritária, Hornberger (1998:453) focaliza os conceitos minoria x maioria e afirma que essa distinção está mais relacionada a poder [e prestígio] do que a quantidade (números), ou seja, uma maioria de excluídos significa -poder e -prestígio. Uma minoria de elite tem +poder e +prestígio. Além disso, os termos dão idéia de homogeneidade, escondendo a diversidade e a heterogeneidade dos grupos.

português considerada de baixo prestígio, e, portanto, naturalizadamente invisível (Vide discussão em Bortoni-Ricardo, 1984 e em Bagno, 1997, 1999) e inferiorizada dentro e fora da comunidade.

Os estudos mencionados no parágrafo anterior vêm mostrando escolas oficialmente monolíngües em cenários bilíngües/bidialectais, onde as línguas da comunidade convivem com a língua da escola, muitas vezes de forma imperceptível aos participantes ou de forma não reconhecida pelos mesmos em suas representações sociais³⁰ (Fairclough, 1989). Como mencionado, no entanto, ainda se sabe muito pouco sobre essas escolas. Mais estudos são necessários.

Antevejo um ponto de divergência nas representações sociais que as comunidades podem ter sobre a escola e sobre a escrita e suas relações com a discussão atual sobre o letramento (Vide Street, 1993, 1995; Barton, 1994; Soares, 1999; Heath, 1987; Kleiman, 1995). No contexto indígena (Cavalcanti, 1998c), a escola é algo que vem de fora, alheia à educação tradicional dentro da cultura local, mas pode ser algo mais próximo dependendo do contato do grupo com a sociedade envolvente (Ver César, em andamento). Nas escolas em comunidades imigrantes, de fronteira e rurbanas a relação pode ser diferente. Ainda se sabe pouco sobre o assunto.

Em 1987, Zuñiga et alii afirmava que "o cenário em que se processa a Educação Indígena latino-americana é, por um lado, repleto de experiências de extrema riqueza e profundidade, por outro, ele é carente de documentação, e mais ainda de pesquisas científicas". Dado o quadro que é apresentado por Hornberger (1997), o cenário de pesquisa em educação bilíngüe indígena nos outros países da América do Sul não é muito diferente do que dizia Zuñiga et alii (1987). Também não é diferente do que aconteceu no Brasil, uma vez que até o início da década de 90, a maior parte dos trabalhos de pesquisa focalizava a descrição de línguas indígenas. A educação escolar indígena estava, sem dúvida, representada em projetos, porém esses projetos, via de regra, não incluíam pesquisa.

O cenário brasileiro já começou a mudar. De todos os contextos já mencionados, é o indígena que tem merecido maior atenção por parte de

³⁰Para Fairclough (1989:11): representações são procedimentos de interpretação baseados na linguagem, e conhecimento de mundo das pessoas, suas crenças, seus valores e pressuposições. Ver também Hall (1996) e Cavalcanti (1999b).

pesquisadores, por exemplo, Resende (1992), Ferreira (1992), Carvalho, (1995), Monte (1996), Grillo Guimarães (1996), Cunha (1996), Taukane (1999). É importante registrar que duas dissertações de mestrado vêm de pesquisadoras direta ou indiretamente oriundas de comunidades indígenas. Taukane talvez seja a primeira pesquisadora indígena a olhar seu próprio povo e sua escola. Já Carvalho se autodenomina descendente de Terena e também investiga a educação escolar indígena. Uma parte desses trabalhos foi desenvolvida em faculdades de educação e outra parte em departamentos de antropologia. Os trabalhos realizados especificamente na área de Lingüística Aplicada são de Maher (1990, 1996) Mendes (1995, em andamento), César (em andamento), Freitas (em andamento). Maher (1990 e 1996), Rezende (1992), Monte (1994) foram desenvolvidos dentro do Projeto de Aatoria, projeto de educação da CPI-Acre. Dois dos cinco trabalhos de tese/dissertação (Maher, 1990 e 1996) que investigaram o cenário do Projeto de Aatoria, e mais um, o de Mendes (1995) foram desenvolvidos no Projeto Escolas da Floresta e em seu antecessor (Projeto Guarani). Todos os três trabalhos focalizaram o curso de formação de professores índios de acordo com o objetivo do projeto que os abrigava. Esses trabalhos todos representam um começo. Há necessidade de mais pesquisa. E se há ainda carência de pesquisa em educação escolar indígena, há também no caso das comunidades imigrantes e muito mais há nas comunidades de fronteira e nas comunidades de surdos.

As comunidades imigrantes têm sido examinadas em trabalhos de pesquisa de viés sociolingüístico que tem potencial para trabalhos futuros em LA. Por exemplo, MacRae (1997) focaliza a comunidade britânica em São Paulo, e estende seu interesse para um levantamento das comunidades imigrantes no Estado de São Paulo. Kulczynskij (1997) vem há tempo investigando a comunidade ucraniana no Paraná. Ambos os pesquisadores são das comunidades pesquisadas. Há ainda dissertações de mestrados, por exemplo, Leme (1984), Barnet-Fürst (1989), que se constituem em trabalhos únicos, de meu conhecimento, sem continuidade. Kreutz (1994) registra três teses realizadas no exterior focalizando a nacionalização das escolas nas comunidades alemãs no sul do Brasil. Não há, no entanto, ainda muitos trabalhos de pesquisa focalizando salas de aula no contexto imigrante. Na Unicamp, na área de Lingüística Aplicada, há dois trabalhos de pesquisa concluídos, uma dissertação de mestrado (Jung, 1997) e uma tese de doutorado (Pereira, 1999) ambos sobre escolas em comunidades rurais de imigração alemã no Paraná. Há também uma pesquisa focalizando descendentes de japoneses na sala de aula de língua japonesa na universidade (Takasu, 1999).

Nas regiões de fronteira, o trabalho mais conhecido é o de Trindade, Behares & Fonseca (1995) sobre escolas na fronteira Brasil-Uruguai. Há também vários trabalhos de pesquisa voltados para a fronteira com o Paraguai: brasiguaios. São, na maioria das vezes, trabalhos de descrição sociolingüística que podem servir de ponto de partida para trabalhos em LA. Há um estudo de Martins (1996) sobre uma comunidade de imigrantes brasileiros no Paraguai. Outro estudo de Santos (1999/UFPPr) focalizando crianças brasiguaias em escolas de Foz do Iguaçu. Especificamente no campo da Lingüística Aplicada, há o estudo de Martins (em andamento) que investiga uma comunidade migrante rural cujos integrantes foram do Paraná para o Paraguai. São descendentes de alemães. Seus filhos vão para a escola pública onde o meio de instrução é o espanhol, tem contato com outras crianças que falam também o Guarani. Em casa, falam o português ou o alemão. Ainda outro estudo, recém-iniciado dentro do Projeto Vozes na Escola, de Pereira (em andamento) focaliza estudantes que moram no Paraguai e estudam em Foz do Iguaçu.

Os estudos sobre a sala de aula com alunos surdos e sobre a educação Zuñiga bilíngüe para surdos são escassos³¹ (Vide, no entanto, Freire, 1998). Talvez a afirmação de et alii (1987) seja aplicável aqui (Ver, ainda, Favorito, 1999.) no sentido de que há descrições de projetos educacionais e essas descrições representam cenários potenciais para pesquisas futuras. O Instituto Nacional de Educação de Surdos/RJ tem contribuído para essa discussão com os vários seminários que já promoveu nesta década. Os anais de congressos sobre educação e surdez e sobre educação especial tanto desse instituto como de outras instituições mostram também que há grupos que trabalham com comunidades de surdos que demonstram interesse na área de educação bilíngüe e que uma interlocução (Vide Maher, 1996) entre essas áreas já foi iniciada.

Em relação aos cenários bidialetais, Stella Maris Bortoni-Ricardo (1984, 1988) é pioneira tanto na orientação de estudos (ver, por exemplo, Dettoni, 1995) sobre escolas em comunidades rurais e urbanas e sobre meninos de rua (Carvalho, 1989) como também na proposta de currículo bidialetal (Bortoni & Qental, s.d.). Kleiman (1991, 1995) e colaboradoras como Terzi (1995) e Signorini (1992) também têm contribuições relevantes na área.

3 - O cenário sociolingüístico focalizado e a formação de professores: algumas

³¹Ver também Gesser (1999) em estudo sobre ouvintes aprendendo LIBRAS com um professor surdo.

implicações

Já na comunidade japonesa, apesar de o programa de ensino ser o mesmo, apareceu a diferença: os alunos eram mais disciplinados, os pais completamente presentes na vida escolar dos filhos, mas o problema da língua dificultava o aprendizado, pois havia alunos que não entendiam uma só palavra em português.

(...) havia o programa a cumprir, as séries misturadas, e a língua como mais um trabalho a cumprir. Na hora do recreio, eu brincava com eles, fazendo os alunos japoneses que falavam o português brincar e falar com aqueles que nada entendiam, para que por meio da brincadeira eles fossem gravando e tomando conhecimento da nossa língua.

D. Lourdes Serrão, professora primária em depoimento realizado em 1992 sobre o final dos anos quarenta no interior do Estado de São Paulo.

Na época em que ser professor era ser respeitado, quando as condições de trabalho eram dignas, quando o professor primário escolhia sua vaga dependendo de classificação em concurso, quando geralmente se começava na zona rural para depois ir se buscar uma posição na zona urbana, a professora Serrão, em suas memórias, recordou a dificuldade enfrentada em sua primeira sala de aula em uma fazenda no interior de São Paulo. A fazenda era parte de uma comunidade imigrante japonesa: os alunos em sala de aula, crianças japonesas que não falavam português, e, havia também alguns poucos alunos filhos de trabalhadores recém-chegados do Nordeste do Brasil. Pode-se imaginar a surpresa dessa professora formada para dar aula no curso primário para falantes nativos de português?

Se o professor (bem) formado para trabalhar nos anos quarenta enfrentava esse quadro sociolinguístico complexo e apelava para sua intuição para trabalhar na situação bilíngüe-bidialectal configurada, imagine-se o que a formação (carente) dos anos oitenta e noventa põe em evidência nos cenários de sala de aula atuais que são principalmente (mas não somente) bidialectais.

Os professores de hoje enfrentam problemas semelhantes aqueles enfrentados pela professora na comunidade japonesa. O contexto sociolinguístico em todos os exemplos acima é sempre complexo e, os cursos de magistério e de Letras não formam professores para enfrentar essas

realidades. Continuam formando pessoas para trabalhar com o falante nativo ideal em uma comunidade de fala homogênea, sem conflitos ou problemas de qualquer espécie. A escola parece conseguir ficar distante do contexto sócio-histórico e "sobreviver". E isso é suficiente para os tempos atuais de tantas e tão rápidas mudanças? Como já apontei (Cavalcanti, 1999a, entre outros), não vejo a culpa com os professores. Os cursos de formação de professores dentro da conjuntura atual de políticas lingüísticas (muitas vezes não explícitas) e de políticas educacionais devem arcar com essa culpa sobre o status quo. A diversidade lingüística e cultural precisa ser parte da sala da aula, das comunidades envolventes, dos cursos de formação.

Quando focalizo a formação do professor para atuar em contexto bi/multilíngüe, estou pensando tanto no Curso de Magistério como no Curso de Licenciatura. Estou pensando tanto no professor que no Ensino Fundamental vai trabalhar com múltiplas disciplinas, um trabalho perpassado pelo português e suas variedades em comunidades urbanas, rurbanas e rurais, como no professor que vai trabalhar com a disciplina língua portuguesa em contexto bi/multilíngüe, bi/multicultural nas mesmas comunidades. Uma vez que a diversidade social e lingüística é apagada e o monolingüismo, naturalizado, parece haver uma justificativa para que não haja questionamento sobre questões várias, por exemplo, a variedade lingüística a ser meio de instrução. Aceita-se como natural que seja o português padrão e nem se cogita na tomada da variedade lingüística familiar ao aluno como ponto de partida. (Ver, no entanto, os trabalhos de Magda Soares, na área de educação, e Stella Maris Bortoni, na sociolingüística educacional.) Aceita-se como natural que todos os alunos compartilhem de uma mesma e única cultura. No entanto, os alunos podem pertencer a grupos culturais diversos, de tradição oral, que são invisibilizados de forma homogeneizante. Por exemplo, usa-se o termo "negros" para fazer referência às comunidades de descendentes de africanos, mas há aí grupos culturais distintos (Ver César, 1995). (As línguas ancestrais dessas comunidades estão hoje circunscritas principalmente, mas não somente, ao espaço ritual religioso.)

No Curso de Magistério, a Língua Portuguesa é uma disciplina a mais em um currículo que enfatiza a educação geral. Se há nesse currículo um distanciamento da língua, que afinal perpassa todas as matérias dentro das primeiras séries na escola, imagine-se, o distanciamento do ensino de língua dentro de um contexto de diversidade lingüístico-cultural. O Curso de Magistério, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (Versão preliminar, Novembro, 1995), é uma 'habilitação técnica'.

Há mais de cem habilitações técnicas, o magistério é uma delas. Sendo uma habilitação técnica, cabe ao professor dar a aula e ponto. Em outras palavras, o foco está no "treinamento" e não na formação do profissional da educação.

Os Cursos de Licenciatura de maior prestígio, em muitos casos, se vangloriam por não formar professores. Os professores que acabam indo para as escolas públicas estudam em faculdades particulares pequenas. De qualquer modo, o foco desses cursos é muito mais no conteúdo, deixando a parte pedagógica para os últimos semestres. (Vide Cavalcanti e Moita Lopes, 1991). Disciplinas que seriam essenciais no curso nem fazem parte do currículo, por exemplo, Lingüística Aplicada, Sociolingüística (Educativa), Iniciação à Pesquisa, Antropologia (Educativa), Interação em Sala de Aula. Essas disciplinas poderiam, dependendo de como fossem dadas, sensibilizar os futuros professores para o contexto sociolingüístico complexo que os esperam em muitos dos lugares onde farão sua prática docente.

Nos Cursos de Licenciatura, há um currículo mínimo geralmente concretizado de forma segmentada. Fala-se em integração de conteúdos, mas a segmentação continua. O currículo mínimo é constituído de dois blocos:

- conteúdos específicos
- matérias pedagógicas (estrutura e funcionamento do ensino de Primeiro e Segundo Graus, didática, prática de ensino e psicologia da educação. Normalmente as matérias pedagógicas são cursadas nas Faculdades de Educação ou, como, acontece na maioria dos casos (faculdades particulares), nos institutos onde se deu a formação específica (Letras, Matemática, Geografia, História, Ciências, etc). (Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Versão preliminar, Novembro, 1995)

Além disso, na concretização desse currículo mínimo existe uma assepsia: o ensino de língua materna sempre voltado para um falante nativo ideal e para uma comunidade de fala homogênea. Essa assepsia não combina com os contextos de educação bilíngüe de minorias.

A questão que aqui se coloca é que os currículos de formação de professores deveriam contemplar uma forma ou outra dos contextos bilíngües/multilíngües acima mencionados. Para tanto, os currículos devem ter espaço para a discussão de pedagogias culturalmente sensíveis³² (Vide Erickson, 1987, Ladson-Billings, 1994, Osborne, 1996). Em outras palavras, não adianta

³² Segundo Ladson-Billings (1994) o conceito de pedagogias culturalmente sensíveis repousa nas seguintes proposições: a) O aluno deve experienciar o sucesso; b) O aluno deve manter sua cultura e c) O aluno deve desenvolver sua consciência crítica.

simplesmente mudar as matérias do currículo. Isso tem que acontecer juntamente com a determinação do perfil do aluno entrante e seu objetivo, com o pressuposto filosófico que faz o tecido do curso, com o entrelaçamento dos objetivos das diferentes disciplinas e do pessoal envolvido.

Os programas de formação de professores deveriam focalizar, através da observação e da iniciação à pesquisa, a diversidade lingüística, uma vez que, como se depreende do que foi exposto, ela é parte dos mais diversos contextos e salas de aula no país. O cenário para várias pesquisas está aí nas salas de aula e suas respectivas comunidades do país. O ponto de partida vem a ser, por exemplo, os vários clichês que se ouvem nas escolas por parte de alunos e professores que podem até explicar esse apagamento dos cenários de bidialetalismo/biculturalismo e também de bi/multilingüismo: "não sabe/não sei nem falar português direito", "falam gozado"/"falo diferente deles" (contextos bidialetais e bilíngües), "cometem erros o tempo todo: só escrevem errado", "você fala alguma coisa em sala de aula e é como se estivesse falando sobre algo de outro planeta"/"não entendo o que a professora fala" (bi/multiculturalidade), "esse r não é do português" (contextos bilíngües/bidialetais).

Sabe-se pouco ainda sobre as escolas em vários contextos. Sabe-se menos ainda sobre cursos de formação de professores: geralmente, os currículos são construídos com base em currículos anteriores, sem levar em consideração resultados de pesquisas sobre o assunto, assunto esse que merece preocupação, reflexão e pesquisa. A área tanto de ensino/aprendizagem de língua portuguesa está em desvantagem aqui, pois no ensino/aprendizagem de LE o tema vem sendo objeto de investigação há algum tempo. O mesmo acontece, em menor escala, em educação escolar indígena. E o que tem acontecido em relação à formação de professores indígenas pode ajudar a pensar sobre a formação de professores para a escola pública.

Algumas perguntas que tem permeado a construção de currículos de magistério indígena são: Quem é o professor a ser formado? O que contempla o currículo indígena? Em que difere do currículo de magistério não-indígena? Vou responder estas perguntas focalizando o currículo³³ elaborado pela Comissão Pró-Índio do Acre para os professores índios do Acre e do Sudoeste

³³ O currículo tem dois blocos, formação básica e formação específica e as matérias são: Línguas (Indígenas e Portuguesa) e Literaturas, Matemática, Estudos Sociais, e Ciências na Formação Básica; e Pedagogia, Prática Reflexiva, Estágio Supervisionado, Iniciação à Pesquisa, e Estudo Independente na Formação Específica. Tem ainda duas transversalidades: Temática (três vértices: terra-desenvolvimento sustentado; língua - bil/multilingüismo; cultura-interculturalidade) e Metodológica - (a formação do professor/pesquisador em serviço).

do Amazonas. O primeiro ponto a ser observado é que o currículo foi elaborado a posteriori e reflete uma prática nos cursos de formação de professores de mais de dez anos de trabalho da CPI-Acre. Uma dessas práticas é a interdisciplinaridade: por exemplo, não há separação entre disciplinas de conteúdo e disciplinas pedagógicas - línguas indígenas, língua portuguesa e metodologia de ensino caminham entrelaçadamente. Quando se trabalha com produção de material didático, isso é feito tanto nas línguas indígenas como em português. Mais um ponto: o professor já está em serviço desde o início do curso e a condição para que ele continue participando é que ele permaneça em serviço. A prática é, portanto, parte integrante do processo. O currículo de magistério indígena é, na verdade, um currículo de formação de 1o. e 2o. graus. Ele contempla a formação do professor desde os primeiros anos de escolarização, pois alguns desses professores foram alfabetizados no início do curso de formação. E um ponto final: o currículo prevê a iniciação do professor em pesquisa.

Faltou especificar quem é o professor em formação. O professor focalizado tem um perfil diferenciado. Além de professor, ele é "agricultor, caçador, [pescador,] extrator [de seringa], produtor, morador de um espaço sócio-geográfico de onde produz e reproduz sua cultura. [Tem ainda] responsabilidade com a construção de alternativas de sobrevivência econômica [auto-sustentada] e com a formação das novas gerações da floresta." (Fonte: Versão preliminar da Proposta Curricular Bilíngüe Intercultural para a Formação de Professores Índios do Acre e do Sudoeste do Amazonas").

Em resumo, poder-se-ia levantar algumas implicações do currículo de magistério indígena para se repensar, principalmente³⁴, o Curso de Licenciatura. Nesse repensar, retomando os pontos da discussão anterior, seria necessário direcionar o foco para:

a) o perfil do aluno a ser formado (Nas discussões sobre currículo nas universidades, as horas de cada disciplina parecem ter mais importância do que o perfil do aluno);

b) o aluno como professor (O aluno não é visto como futuro professor nem pelos formadores nem por eles próprios. Diferentemente, no curso de magistério indígena, o aluno é tratado como professor mesmo que não vá sê-lo. Enquanto está no curso, é professor.)

c) o currículo de Letras: O currículo de Letras é um apanhado de matérias

³⁴ O curso de magistério está sendo descontinuado. Fica a indagação sobre a modificação a ser feita e suas implicações a médio e longo prazo.

que cumprem o currículo mínimo. Essas matérias aí estão desde o tempo das Belas Letras. Não é hora de mudar?

d) a formação de professores com reflexão sobre a prática (Vide Cavalcanti, 1999a);

e) a necessidade de maior número de pesquisas sobre os cursos de formação de professores

f) o reconhecimento da necessidade de diversidade lingüística e cultural nas escolas no Brasil. (Nem a língua 2 ensinada como língua estrangeira nas escolas em comunidades imigrantes, por exemplo, tem prioridade na escolha da língua estrangeira? Isto é: espanhol nas regiões de fronteira; alemão, italiano, ucraniano, japonês, holandês, polonês, etc. em comunidades imigrantes de estabelecimento antigo quando a língua não é mais mantida. E quando a língua é mantida, por que não considerar a possibilidade de educação bilíngüe?)

g) a necessidade de mais pesquisas em sala de aula dentro de uma visão antropológica e educacional (Vide Jacob & Jordan, 1996), sensível à diversidade cultural e lingüística (Vide Hornberger, 1997, 1998).

Evidentemente que os itens acima não esgotam a discussão. Podem ser vistos como pontos de partida para uma reflexão necessária e já tardia.

Considerações Finais

Neste texto, arranhei apenas a superfície do tema, a ponta do iceberg. Há muitas outras questões a serem desveladas; muitos outros contextos a serem estudados. É necessário também conhecer melhor os contextos que focalizei. Dessa maneira, aprofundando e ampliando o conhecimento e colocando a história do país em evidência, pode-se buscar uma contribuição para efetivar uma política lingüística de inclusão que tenha influência na modificação dos cursos de formação de professores e de técnicos e agentes educacionais. O importante nessa trajetória é rever, repensar e trabalhar as negações e os apagamentos³⁵ da diversidade e da diferença (Vide Weeks, 1991, Barth, 1969.) e os preconceitos (Bagno, 1999) decorrentes que são parte integrante do cenário sociohistórico, cultural e lingüístico brasileiro. Essa reflexão e esse trabalho precisa ser visto de modo amplo e integrado nas escolas (professores e agentes educacionais, alunos e suas famílias), nas comunidades e na sociedade envolvente.

Em resumo, os contextos multilíngües, e por extensão, multiculturais, no

³⁵ Na imagem construída pelo "senso comum", a Língua Portuguesa sempre foi falada no Brasil. Nessa imagem, apaga-se a Língua Geral ou Nheengatu (de origem tupi) falada no país nos séculos XVII a XX. (Ver, entre outros, Barros, Borges & Meira, 1996) Apaga-se também a Língua Geral Africana da época colonial.

Brasil não são minoritários e devem fazer parte da educação de professores. Em outras palavras, é regra entrar em uma sala de aula multicultural/multilíngüe. Exceção seria encontrar uma sala de aula com "falantes nativos ideais" dentro de uma "comunidade de fala homogênea". Conforme apontei anteriormente (Cavalcanti, 1998c), "é mister que se discuta a relação entre bilingüismo/bidialealismo e escola(rização)" nesses contextos de minoria ou de maioria numérica sem poder ou prestígio.

Minha insistência em trazer os contextos bidialetais para este texto sobre estudos sobre educação em contextos bi/multilíngües de minorias está pautado na relevância do tema para a formação de professores. Falar sobre educação em contextos bilíngües no Brasil faz parte do presente com o qual nos deparamos a cada momento nas salas de aula da zona urbana e da zona rural, principalmente, pela interface da educação bilíngüe de minorias com o "bidialealismo" das variedades lingüísticas estigmatizadas. Os contextos que apresentei tem muitos pontos de convergência e espero tê-los mostrado a contento. Há muito que intercambiar e aprender entre os contextos mencionados e outros contextos que ainda não estão estudados. Espero que a reflexão realizada sirva de inspiração para trabalhos de pesquisa futuros que venham a contribuir para a discussão.

Algumas das questões que ficam para esses trabalhos futuros são: A existência de um contexto bilíngüe justifica (sempre) a necessidade de educação bilíngüe e intercultural? O que se entende por educação bilíngüe? Todo contexto bilíngüe é também intercultural? O que se entende por educação em contextos bi/multilíngües? Por que as línguas de tradição oral não tem espaço na escola? O professor em contexto bilíngüe necessita de formação específica? A educação em contextos de minorias não está ajudando a cristalizar mitos que geram preconceitos? Como essas perguntas poderiam ser adaptadas a contextos bidialetais? Tendo estas perguntas como pano de fundo e tendo em primeiro plano as vozes (cf. Bakhtin, 1990, Wertsch, 1991, Cazden, 1993) dessas comunidades bi/multilíngües invisíveis, apagadas do mapa, pode-se focalizar (cf. Cavalcanti, 1997a) os cursos de formação de professores como profissionais em preparação para uma realidade muito mais complexa e inserida dentro do contexto sociohistórico atual. Em resumo, o trabalho com o falante de português padrão em comunidades de fala onde não haja conflitos ou problemas constitui uma fantasia, alimentada implícita ou explicitamente pela negação das línguas (indígenas, africanas, de imigrantes, de sinais) e das variedades do português do Brasil e pelo apagamento dessas comunidades bilíngües pela sociedade, pela elite, pelos escolarizados, pela mídia...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZCONA, J. (1993) *Antropologia II - A Cultura*. Petrópolis: Vozes.
- BAKHTIN, M. (1990) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec.
- BAGNO, M. (1997) *A Língua de Eulália: Novela sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto.
- _____ (1999) *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola.
- BÄRNERT-FÜRST, U. (1989) Manutenção e mudança linguística no Município de Panambi: Um estudo qualitativo e quantitativo. Dissertação de Mestrado inédita. Unicamp.
- BARROS, M.C.D.M., L.C. BORGES & M. MEIRA (1996) A Língua Geral como identidade construída. *Revista de Antropologia*, 39/1:191-220.
- BARTH, F. (org.) (1969) *Ethnic groups and boundaries: the social organization of cultural difference*. Boston: Little, Brown & Co.
- BARTON, D. (1994) *Literacy: An Introduction to the Ecology of Written Language*. Oxford: Blackwell.
- BEHARES, L.E. (1982) Diglosia em la sociedad escolar de la frontera uruguaya com Brasil. Matriz social del bilingüismo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 6: 228-234.
- BORTONI-RICARDO, S.M.B. (1984) Problemas de comunicação interdialeto. *Revista Tempo Brasileiro*, 78/79: 9-32.
- _____ (1985) *The Urbanization of Rural Dialect Speakers: A Sociolinguistic Study in Brazil*. Cambridge.
- _____ (1988) Situações dialógicas assimétricas: implicações para o ensino. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 18: 39-60.
- _____ (1998) A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística in S. GROSSE & K. ZIMMERMANN (orgs.) Frankfurt: TFM.
- BORTONI, S.M. & L. QUENTAL (s.d) Currículo bidialeto de Língua Portuguesa para o 1º Grau. (mimeo)
- BRITO, L.F. (1993) *Integração social e educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (1988) *A Crise do Indigenismo*. Campinas: Editora da Unicamp.
- CARRIKER, M.K. (1998) Re)construção de identidades em narrativas na primeira pessoa: casos de bilíngües. Dissertação de Mestrado inédita. UNICAMP.

- CARVALHO, M.A. (1989) *Tô vivu - Histórias dos meninos de rua*. Goiânia: CEGRAF/UFMG.
- CARVALHO, R.F. de (1995) Subsídios para a compreensão da educação escolar indígena Terena do Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado inédita/ UFSM.
- CAVALCANTI, M.C. (1990) Projeto Guarani: Educação Bilíngüe e Bicultural (Currículo e formação de professores. Projeto de Auxílio Integrado a Pesquisa - CNPq 1990-1991, 1991-1992.
- _____ (1991) Interação Guarani/não-Guarani: Etnocentrismo naturalizado na questão do silêncio inter-turnos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, **18**: 101-110.
- _____ (1993) O aspecto sociocognitivo da leitura (pós-alfabetização) em português como segunda língua em contexto indígena. Projeto de Pesquisa. Bolsa Pesquisa CNPq (1993-1995)
- _____ (1993) Escolas da Floresta e a Formação de Professores: Análise de interações transculturais e intraculturais em contexto pedagógico (1993-1995/1995/1997) Projeto de pesquisa, financiamento FAPESP Proc. No. 1996/4443-7 (1997-1999) Participação: Coordenadora e pesquisadora.
- _____ (1996a) Collusion, resistance and reflexivity: Indigenous teacher education in Brazil. *Linguistics and Education*, **8**: 3-16.
- _____ (1996b) Conferência de abertura na XII JELI: Políticas linguísticas no Brasil (Language teaching policies in Brazil: A retrospective analysis). Departamento de Letras/Universidade de São Paulo e APLIESP. 17/05/1996.
- _____ (1997a) Formação de professores para contextos bilíngües no Brasil. Conferência proferida na Programação da ALAB na 49ª Reunião Anual da SBPC. Belo Horizonte, MG, 18/07/97.
- _____ (1997b) O índio e a escola: A linguagem na construção de representações sobre a educação indígena pós-contato. Projeto de Pesquisa (Proc. CNPq 520616/95-2 NV) (1997-1999) Participação: Coordenadora e pesquisadora
- _____ (1998a) Escola(rização) em contextos bilíngües: foco no contexto indígena. Trabalho apresentado no simpósio "Bilingüismo e Construção do Conhecimento" no V CBLA (Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada), UFRGS, Porto Alegre, RS, 31/08a 04/09/1998.
- _____ (1998b) Review of S.L. MACKAY & N.H. HORBERGER (orgs.) (1996) *Sociolinguistics and Language Teaching: Language and Education*, **12/2**:154-157.
- _____ (1998c) Relatório parcial de pesquisa do Projeto "Escolas da Floresta" apresentado à FAPESP. (mimeo)

- _____ (1999a) A prática como fonte de projetos de pesquisa para a formação de professores. In: J. C. P. ALMEIDA Fº (org.) *Professores de Língua Estrangeira em Formação*. Campinas, SP: Editora Pontes.
- _____ (1999b) Representaciones sociales en una práctica de lengua escrita: interacción transcultural en un curso para formación de maestros para escuelas de la región occidental de la selva amazónica en Brasil. In: A.M. MEJÍA & L. TÓVAR (orgs.) *Perspectivas Recientes del Bilingüismo y de la Educación Bilingüe en Colombia*. Editora da Universidad del Valle, Cali, Colômbia.
- _____ (1999c) Vozes na Escola: Cultura e Identidade em Cenários Sociolingüisticamente Complexos (Implicações para a formação de professores em contextos bilíngües e/ou bidialetais). Projeto CNPq 520616/95-2, Modalidade Auxílio Integrado à Pesquisa.
- _____ (1999d) Entrecruzamento de Vozes e Representações: o professor e a escola na comunidade (Bilingüismo e/ou bidaletalismo em contextos de tradição oral, minoritários ou majoritários com tratamento de minorias). Plano de trabalho/projeto de pesquisa apresentado ao CNPq na modalidade Bolsa Produtividade (Auxílio Integrado à Pesquisa).
- CAVALCANTI, M.C. & T. M. MAHER (1993) Interação transcultural na formação do professor índio. In: L. SEKI (org.) *Interação Índio/Não-Índio no Limiar do Século XXI*. Campinas: Editora da UNICAMP: 217-230.
- CAVALCANTI, M.C. & L.P. MOITA LOPES (1991) Implementação de Pesquisa na Sala de Aula de Língua Estrangeira. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 17:133-144.
- CAZDEN, C. B. (1993) Vygotsky, Hymes, and Bakhtin: From word to utterance and voice. In: E.A. FORMAN, N. MINICK & C.A. STONE (orgs.) *Contexts for Learning: Sociocultural Dynamics in Children's Development*. New York: Oxford Press.
- DE CERTEAU, M. (1995) *A Cultura no Plural*. Campinas: Papirus. (Tradução de obra originalmente publicada em 1993).
- CÉSAR, A.L. (1995) Formação de guias e guardiães do Parque São Bartolomeu: a diversidade lingüística em diversas linguagens. *Afro-Ásia*, 16:135-166.
- _____ (em andamento) Construção de autoria na formação do professor. Projeto de pesquisa visando tese de doutorado. PPGLA/UNICAMP.
- CÉSAR, A.L. & J. SILVA (1992) As políticas de segregação e resistência negra. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 7: 89-98.
- COMISSÃO Pro-Índio do Acre, Narradores Kaxinawá, Escritores Kaxinawá (s.d.) Shenipabu Miyui - História dos Antigos. Comissão Pró-Índio do Acre. Rio Branco, Acre.
- Correio Braziliense*, 21/09/97 (Fonte: <http://www.maturidade.com.br/saude/>)

- antigos/surdez.htm)
- CUNHA, M.J. (1996) The Yudja of Xingu: Language, literacy and social changes among speakers of an endangered language. PhD thesis. University of Lancaster.
- D'ANGELIS, W.R. & J. MAZZAROLLO (1981) A migração brasileira para o Paraguai. *Cadernos de Justiça e Paz*.
- DETONI, R.V. (1995) Interação em Sala de Aula: as crenças e a prática do professor. Dissertação de Mestrado inédita. UnB.
- ELIZAINCÍN, A.E. (1976) The emergence of bilingual dialects on the Brazilian-Uruguayan border. *IJSL*, 9: 123-134.
- ELIZAINCÍN, A.E., L.E.BEHARES & G. BARRIOS (1987) *Nos falemo brasileiro. Dialectos Portugueses em Uruguay*. Montevideo: Amesur.
- ERICKSON, F. (1987) Conceptions of school culture: An overview. *Educational Administration Quarterly*, 23/4: 11-24.
- _____ (1996) Transformation and school success: the politics and culture of educational achievement. In: E.JACOB & C. JORDAN (orgs.) *Minority Education: Anthropological Perspectives*. Norwood: ALEX. (2ª edição, 1ª edição 1993).
- _____ (1997) Culture in society and in educational practices. In: J.A.BANKS & C.A. MCGEE BANKS (orgs.) *Multicultural Education: Issues and Perspectives*. Boston: Allyn and Bacon.
- FAIRCLOUGH, N. (1989) *Language and Power*. Londres: Longman.
- FAVORITO, W. (1999) Educação bilíngüe para surdos. III Congresso Brasileiro sobre Educação Especial. Caderno de Resumos. Curitiba/Pr, 20 a 22/05 e 16 a 18/06, Natal/RN.
- FERREIRA, M.K.L. (1992) Da origem dos homens à conquista da escrita: um estudo sobre povos indígenas e educação escolar indígena. Dissertação de mestrado inédita. USP
- Folha de São Paulo*, Caderno Mais! (06/06/1999) Os Novos Brazilianistas "Negócios com a 'raça brasileira' ", 5:7 e "Armadilhas do racismo" 5:5.
- FRAGA, M.C.S. (1999) O lugar das instruções do livro didático na interação em aula de língua estrangeira. Dissertação de mestrado inédita. UNICAMP.
- FREEMAN, R. (1998) *Bilingual Education and Social Change*. Clevedon: Multilingual Matters.
- FREITAS, D.B.A.P. (1998) Makuxi - como as crianças sentem e usam sua língua tradicional na escola? Projeto de pesquisa visando tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/UNICAMP.
- FREIRE, A.F. (1998) A aquisição do português como segunda língua: uma proposta de currículo. *Revista Espaço*, 9. Rio de Janeiro/INES.
- GARCIA, O. & C.BAKER (orgs.) (1995) *Policy and Practice in Bilingual*

- Education: Extending the Foundations*. Multilingual Matters.
- GEE, J. P. (1990) *Sociolinguistics and Literacies: Ideology in Discourse*. Londres: Falmer Press.
- GESSER, A. (1999) Teaching and learning Brazilian Sign Language as a foreign language: a microethnographic description. Dissertação de Mestrado inédita, UFSC.
- GRILLO GUIMARÃES, S.M. (1996) A aquisição da escrita e diversidade cultural - a prática dos professores Xerente. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade de Brasília.
- GROSJEAN, F. (1982) *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- GUIMARÃES, S.M.G. (1996) A aquisição da escrita e diversidade cultural - a prática de professores Xerente. Dissertação de mestrado inédita. UnB.
- HALL, S. (1996) *Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres: Sage/Open University Press.
- HAMEL, R.E. (1989) Determinantes sociolingüísticos de la educación bilíngüe. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 12.
- HAMEL, R. E. & M.T. SIERRA (1983) Diglossia y conflicto intercultural: la lucha por um concepto o la danza de los significantes. *Boletín de Antropología Americana*, 8: 98-110.
- HEATH, S.B. (1987) *Ways with Words: Language, Life and Work in Communities and Classrooms*. Cambridge University Press.
- HORNBERGER, N.H. (1991) Extending enrichment bilingual education: Revisiting typologies and redirecting policy. In: O. GARCIA (org.) *Bilingual Education Focusschrift in Honor of Joshua A. Fishman*. Volume 1. Philadelphia: John Benjamins.
- _____ (org.) (1997) *Indigenous Literacies in the Americas: Language Planning from the Bottom up*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- _____ (1998) Language policy, language education, language rights: Indigenous, immigrant and international perspectives. *Language in Society*, 27: 439-458.
- JACOB, E. & C. JORDAN (orgs.) (1996) *Minority Education: Anthropological Perspectives*. Academic Press.
- JUNG, N.M. (1997) Eventos de letramento em uma escola multisseriada de uma comunidade rural bilíngüe (alemão/português). Dissertação de Mestrado inédita. UNICAMP.
- _____ (1998) A formação de escolas núcleo em um contexto multilíngüe. Projeto de doutorado aprovado em exame de seleção na UNESP/Assis e na UFRGS.
- KLEIMAN, A. B. (1991) Introdução. E um início: A pesquisa sobre interação e

- aprendizagem. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 18: 5-14.
- _____ (org.) (1995) *Os significados de letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras.
- KLEIMAN, A.B., M. C. CAVALCANTI & S. M. BORTONI (1992) Considerações sobre o ensino crítico de língua materna. *Anais da IX ALFAL*. Setor de Publicações, IEL/UNICAMP.
- KREUTZ, L. (1994) A escola teuto-brasileira católica e a nacionalização do ensino in T.L. MÜLLER (org.) *Nacionalização e Imigração Alemã*. São Leopoldo: Editora UNISINOS.
- KULCZYNSKYJ, W. (1997) The Ukranian language in Brazil: A sociolinguistic study of a bilingual community. Comunicação apresentada no International Symposium on Bilingualism. 09-12/04/97. Newcastle upon Tyne, GB.
- LADSON-BILLINGS, G. (1994) *The Dreamkeepers: Successful Teachers of African American Children*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- LEME, M.L.A. (1984) A linguagem na comunidade tirolesa da cidade de Piracicaba/SP. Dissertação de Mestrado inédita, Unicamp.
- LESSER, J. (1999) *Negotiating National Identity: Immigrants, Minorities, and the Struggle for Ethnicity in Brazil*. Duke Universtiy Press.
- MACRAE, M. (1997) Language shift in the Anglo-Brazilian Community in São Paulo: Language, Culture and Symbolic Domination. Comunicação apresentada no International Symposium on Bilingualism. 09-12/04/97. Newcastle upon Tyne, GB.
- MAHER, T.M. (1990) "Já que é preciso falar com os doutores de Brasília..." Subsídios para o planejamento de curso de português oral em contexto indígena. Dissertação de Mestrado inédita. UNICAMP.
- _____ (1996) Ser professor sendo índio: Questões de língua(em) e identidade. Tese de Doutorado inédita. UNICAMP.
- _____ (1997) O dizer do sujeito bilíngüe: aportes da Sociolingüística. *Anais do Seminário Desafio e Possibilidades na Educação Bilíngüe para Surdos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Sürdos.
- _____ (1998) Português é língua de índio. Bay (A educação escolar indígena em Minas Gerais). Publicação do Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais. Secretária da Educação do Estado de Minas Gerais. (págs 40-43).
- MAHER, T.M. & M.C.CAVALCANTI (1995) O Colorido Atlas Lingüístico Acreano. *Jornal Página 20*, Seção Papo de Índio, Rio Branco, Acre, 23 a 29/07.
- MARTIN-JONES, M. (s.d) Bilingualism and linguistic minorities. *Working Paper 12*, Centre for Language and Social Life, Lancaster Univerisity.
- MARTINS, L. M. (1996) Um estudo sociolingüístico na comunidade dos imigrantes

- brasileiros em Santa Rosa del Monday. Dissertação de Mestrado inédita. UFP.
- _____ (em andamento) O ensino escolar e as dificuldades de aprendizagem das crianças multilíngües - alemão, português, espanhol - inseridas em escola bilíngüe - espanhol e guarani - em Santa Rosa del Monday, Paraguai, na zona rural - Linha Jacutinga. Projeto de pesquisa visando tese de doutorado. PPGLA/UNICAMP.
- MENDES, J.R. (1995) Descompassos na interação professor-aluno na aula de matemática em contexto indígena. Dissertação de Mestrado inédita. UNICAMP.
- _____ (em andamento) As práticas de numeramento em uma comunidade indígena. Pesquisa visando tese de doutorado. PPGLA/UNICAMP.
- Ministério da Educação e do Desporto (1998) Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, DF: MEC/Secretaria da Educação Fundamental.
- Ministério da Educação e do Desporto (1995) Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Versão preliminar.
- Ministério da Educação e do Desporto (1998) Parâmetros Curriculares Nacionais, 5ª a 8ª séries. (1998) Brasília, DF: MEC.
- MONTE, N.L. (1996) *Escolas da Floresta - Entre o passado oral e o presente letrado: Diários de Classe de Professores Kaxinawá*. Rio de Janeiro: Multiletra.
- NOBLES, M. (no prelo) *Shades of Citizenship: Races and Censuses in Modern Politics*. Stanford University Press.
- OSBORNE, A.B. (1996) Practice into theory into practice: culturally relevant pedagogy for students we have marginalized and normalized. *Anthropology and Education Quarterly*, 27/3: 285-314.
- PEREIRA, M.C. (1999a) Naquela comunidade rural, os adultos falam "alemão" e "brasileiro", na escola, as crianças aprendem o português: Um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- PEREIRA, M.C. (1999b) Um olhar sobre a fronteira: alunos paraguaios bilíngües - espanhol e guarani - que estudam em escolas monolíngües em Foz do Iguaçu, PR. Projeto de pesquisa (mimeo)
- Proposta Curricular Bilíngüe Intercultural para a Formação de Professores Índios do Acre e do Sudoeste do Amazonas (Versão preliminar ora sendo revisada). Elaborada pela Equipe de Educação da Comissão Pró-Índio do Acre/CPI-AC.
- RAJAGOPALAN, K. (1998) O conceito de identidade em Lingüística: É chegada a hora para uma reconsideração radical. In: I. SIGNORINI (org.) *Lingua(gem)*

- e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado.* FAPESP/FAEP/Unicamp/Mercado de Letras: 21-46.
- RESENDE, M.M.S. (1992) El saber indígena, el saber geográfico y la enseñanza de geografía. Tese de Doutorado inédita. Universidad de Barcelona. Barcelona, Espanha.
- RIBEIRO, D. (1995) *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras.
- ROMAINE, S. (1995) *Bilingualism.* 2ª edição. Oxford: Blackwell.
- ROBINSON, C.D. (1993) Where minorities are in the majority: language dynamics amidst high linguistic diversity. *AILA Review 10: Case studies in minority languages.* Offsetdrukkerij Ridderprint.
- SANTOS, M.E.P. (1999) Fatores de risco para o sucesso de crianças brasiguaias nas escolas de Foz do Iguaçu: Uma abordagem sociolinguística. Dissertação de Mestrado inédita, UFPr.
- SIGNORINI, I. (1992) É conversando que a gente menos se entende: opacidade e transparência na comunicação intercultural em língua materna. *Investigações, 2:* 133-144.
- SIGNORINI, I. & M. C. CAVALCANTI (1998) Introdução. In: I. SIGNORINI & M.C. CAVALCANTI (orgs.) *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade.* Campinas: Mercado de Letras.
- SOARES, M. (1986) *Linguagem e Escola: Uma perspectiva social.* São Paulo: Editora Ática.
- _____ (1999) *Letramento: Um tema em três gêneros.* Belo Horizonte: Autentica.
- STREET, B.V. (1993) Introduction: the new literacy studies. In: B. STREET (org.) *Cross-cultural Approaches to Literacy.* Cambridge.
- _____ (1995) *Social Literacies: Critical Approaches to Literacy in Development, Ethnography and Education.* Londres: Longman.
- TAKASU, F. (1999) O 'silêncio' na interação entre descendentes e não-descendentes na sala de aula de língua japonesa. Dissertação de mestrado inédita. UNICAMP.
- TAUKANE, D. (1999) A História da Educação Escolar entre os Kurâ-Bakairi. Publicação com recursos do Governo do Estado de Mato Grosso, através da Lei de Incentivo à cultura, com o patrocínio da DAMATTA Produtos Agropecuários Ltda.
- TERZI, S. B. (1995) A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: A.B. KLEIMAN (org.) *Os significados de letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.* Campinas: Mercado de Letras.
- TRINDADE, A.M., L.E.BEHARES & M.C.FONSECA (1995) *Educação e Linguagem*

- em Áreas de Fronteira Brasil-Uruguaí*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM.
- WEEKS, J.V. (1991) The value of difference. In: J. RUTHERFORD (org.) *Identity, Community, Culture, Difference*. Londres: Lawrence & Wishart.
- WEINREICH, U. (1968) *Languages in Contact*. 2ª edição. The Hague: Mouton (1ª edição: 1953).
- WERTSCH, J.W. (1991) *Voices of the Mind*. Cambridge: Harvard University Press.
- WILEY, T.G. (1996) Language Planning and Policy. In: S.L. MCKAY & N.H. HORBERGER (orgs.) *Sociolinguistics and Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ZUÑIGA, M. et alii (orgs.) (1987) *Educación en Poblaciones Indígenas: Políticas y Estrategias en América Latina*. Santiago de Chile: UNESCO-OREALC.

**FOTOGRAFIAS DA LINGÜÍSTICA APLICADA
NO CAMPO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL***
(Photographs of Applied Linguistics in the Field of Foreign
Language in Brazil)

Luiz Paulo da Moita LOPES (UFRJ)

Para Maria Antonieta Alba Celani**

ABSTRACT: This paper presents photographs of the field of Applied Linguistics (AL) in the area of foreign language (FL) in Brazil in the last thirty years. The photographs focus on: the increase in the number of AL programmes, most favored dissertation and thesis topics, the foundation of FL teachers' associations and of the Brazilian Association for Applied Linguistics, the Brazilian English for Specific Purpose Project, the main periodicals and books published in the field, and the Brazilian National Parameters for FL Education. By way of conclusion, the paper presents virtual photographs of the area as a way of pointing to what is to come in the future: a multilingual foreign language education policy, the foundation of new AL programmes, research areas to be developed and theoretical and methodological approaches to be favored.

KEY-WORDS: Applied Linguistics; Foreign languages; Brazil.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística Aplicada; Línguas estrangeiras; Brasil.

0. Introdução

Para colocar, em perspectiva, as fotografias da Lingüística Aplicada (LA) na área de Línguas Estrangeiras (LEs) no Brasil, que vou apresentar, gostaria de começar pelo relato de Gomes de Mattos e Wigdorsky, intitulado "Foreign Language Teaching in Latin America", e publicado no volume n.º 4 de *Current Trends in Linguistics* em 1968. A fotografia do mundo do ensino de LEs que Gomes de Mattos apresenta, no que se refere ao Brasil, é quase irreconhecível

* Sou grato à Marlene Soares dos Santos (UFRJ) pelas sugestões feitas a uma primeira versão deste trabalho.

** Este texto é dedicado à Maria Antonieta Alba Celani (PUC-SP) pelo seu trabalho pioneiro no desenvolvimento da área de Lingüística Aplicada, em geral, e, em particular, no campo de Línguas Estrangeiras no Brasil. Sem sua dedicação e entusiasmo, muito do que se fez e se faz no Brasil nessas áreas não teria sido possível.

se compararmos com os avanços consideráveis neste campo nos 30 anos que passaram, como as fotografias que apresentarei deste período abaixo deixam ver. Não tenho dúvida de que estes desenvolvimentos estão relacionados à criação dos cursos de pós-graduação no Brasil¹. Começo, portanto, este trabalho com uma nota positiva.

Ainda que seja possível fazer muitas críticas ao campo da LA na área de LEs no Brasil em seu estado atual, a fotografia da área apresentada no referido artigo já se apagou ou está amarelada. A título de exemplo, veja-se o comentário de Gomes de Mattos sobre o acordo entre o Instituto de Línguas Yázigi e o Departamento de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Através deste acordo, o referido Instituto contribuiria para o ensino de inglês naquela universidade. Nesta fotografia não se reconhece, atualmente, aquela universidade e nem outras, que, provavelmente, usaram a mesma estratégia, então. Os quadros das universidades principais, que atualmente incluem doutores e mestres, têm massa crítica suficiente para não ser dependente de nenhuma outra instituição². Diga-se, porém, que o Centro de Linguística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigi teve importante papel, então, no desenvolvimento do ensino de LEs no Brasil. Por cerca de 10 anos, a partir de 1965, este Centro organizou uma série de seminários, intitulados Seminários Brasileiros de Linguística, em várias capitais do Brasil, que constituíram um espaço importante para os professores de LEs se informarem sobre novas metodologias para o ensino de LEs³.

Note-se, ainda, que a seção do referido artigo escrita por Gomes de Mattos, em sua conclusão, já anunciava alguns desenvolvimentos pioneiros que desenhavam o mundo que estaria por vir, entre os quais destaque: a criação de cursos de pós-graduação nas universidades brasileiras, a introdução da Linguística no currículo dos cursos das áreas de Letras, o lançamento da revista Estudos, que focalizava o ensino de LEs “à luz dos modernos princípios da linguística aplicada” (Gomes de Mattos & Wigdorsky, 1968: 484), e a realização dos primeiros eventos para professores de línguas. Percebe-se, ainda, que muitas das iniciativas pioneiras estavam nas mãos de escolas par-

¹ Note-se, neste sentido, que os cursos de pós-graduação no Brasil, na macro-área de Letras & Linguística têm início em 1968; portanto, há mais de 30 anos.

² Deve ser indicado, porém, que devido às dificuldades de contratações atuais os quadros de professores das universidades públicas são reduzidos, mas se espera que esta situação venha a ser alterada a partir do próximo ano.

³ Sou grato a Francisco Gomes de Mattos por estas e outras informações valiosas sobre a história do ensino de LEs no Brasil.

ticulares para o ensino de LEs e que a área de LA é mencionada somente uma vez, ao passo que o campo da Lingüística é indicado várias vezes no texto. As referências são, em geral, à contribuição da Lingüística para a área de LEs ao invés de serem à contribuição da LA no campo de LEs como é entendido hoje em dia. Tal diferença se deve à história do desenvolvimento da LA, que se consolidou internacionalmente nos últimos 30 anos⁴ e, no Brasil, mais fortemente, quero crer, nos últimos 15 anos, com a criação de um maior número de programas de pós-graduação no campo da LA⁵ como também de várias associações de professores de LEs e da Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (ALAB) - cf. fotografia 3 abaixo.

Um outro ponto a ser ressaltado no artigo de Gomes de Mattos & Wigdorsky (1968) se refere à discussão que Gomes de Mattos faz sobre o predomínio do inglês como LE no Brasil já naquela época, que se consolida nos últimos anos, enquanto a motivação pelo espanhol, então, era mínima, conforme relatado no trabalho. É notável, porém, que a explicação dada para tais fatos no artigo não contempla, de modo algum, aspectos de natureza sócio-política como é comum se fazer hoje em dia (Moita Lopes, 1996). Ora explicam o interesse pelo inglês, tendo em vista “o relativo isolamento cultural e lingüístico do Brasil no hemisfério sul que favorece uma relação mais próxima com os Estados Unidos e (cada vez menos agora) com a Europa” (Gomes de Mattos & Wigdorsky, 1968: 470), ora justificam a falta de interesse pelo espanhol pela similaridade entre o português e o espanhol. Fatores como a Guerra Fria entre a então chamada União Soviética e os Estados Unidos, que colocaram o Brasil sob o foco de interesse dos Estados Unidos, não são focalizados, ainda que o ponto crucial da história que marca o aumento de interesse pelo inglês no mundo sob a influência americana seja indicado: o fim da Segunda Guerra Mundial. É o fim desta guerra que coincide com o início da Guerra Fria e a divisão do mundo em dois grandes blocos de poder econômico, situando o Brasil sob a influência americana. Estes fatos também explicam a pouca motivação pelo espanhol na época, contrastando, nitidamente, com o momento que vivemos hoje com a criação do Mercosul, que elevado o espanhol à posição de segunda LE mais estudada no Brasil. Os fatores de natureza

⁴ Note-se que a Associação Internacional de Lingüística Aplicada (AILA) foi fundada em 1964.

⁵ Por muitos anos, o Programa de Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas (LAEL), atualmente Programa de Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), fundado em 1970, foi o único programa de Lingüística Aplicada no Brasil, que influenciou direta ou indiretamente muitos lingüistas aplicados brasileiros

sócio-política são, portanto, necessários para explicar o papel de predomínio que certas LEs passam a desempenhar na história.

Ofereço a discussão acima como uma fotografia de pano de fundo para as idéias a serem desenvolvidas aqui ou para as fotografias que vou apresentar a seguir. Assim, construo o artigo com base em fotografias de aspectos específicos do campo de LEs no Brasil, que mostram o passado e a situação atual: a ampliação do número de programas de pós-graduação, tópicos de pesquisa mais típicos da área de LEs no Brasil, a criação de associações de professores de LEs e de LA e a organização de eventos científicos, o Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental, o aparecimento de revistas científicas arbitradas e de livros de autores brasileiros, e a elaboração dos Parâmetros Curriculares de Línguas Estrangeiras.

Ao concluir, levanto alguns pontos que me parecem reveladores do mundo que vamos encontrar no campo de LA na área de LEs no Brasil no futuro, ou seja, fecho o trabalho com fotografias virtuais: uma política multilíngüe para o ensino de LEs, a consolidação e a criação de cursos de pós-graduação, abordagens teóricas e metodológicas a serem prestigiadas e áreas de pesquisa a serem desenvolvidas.

1. Fotografias

Fotografia 1: Ampliação do número de Programas de Pós-Graduação

Como já indicado acima, a criação dos programas de pós-graduação em LEs nas universidades brasileiras é responsável pela diferença qualitativa entre o que o artigo de Gomes de Matos & Wigdorsky (1968) relata e o que se faz hoje neste campo no Brasil. Ainda que a maior parte dos programas de LEs tivesse inicialmente uma concentração dupla em LEs e literaturas de LEs, já havia, nas universidades (USP, UFRJ, UFSC, UFF etc.), a possibilidade de concentração em estudos lingüísticos ou literários na elaboração da dissertação ou da tese.

Deve-se notar que, na maior parte dos cursos, a concentração em língua seguia a perspectiva de estudos descritivos de aspectos sistêmicos das LEs. Ressaltem-se, nesta tendência, os trabalhos desenvolvidos sob a orientação de Carly Silva na UFRJ e UFF e de Marta Steinberg na USP, por exemplo. A contribuição destes dois professores nesta perspectiva foi responsável pela especialização de vários docentes universitários. A relevância deste tipo de

investigação, acredito, seria que uma compreensão descritiva adequada dos problemas sistêmicos da LE teria influência positiva nos cursos de formação de professores de LEs e, portanto, nos processos de ensino/aprendizagem de LEs. É claro que a pesquisa nos programas ocorria sob a égide da Lingüística ou do que se convencionou chamar de aplicação de Lingüística na descrição de línguas.

Ao mesmo tempo, com o desenvolvimento da área de LA, a percepção começa a ser da necessidade de uma área de investigação que, além de problemas descritivos do sistema da LE, incorporasse aspectos processuais do ensino/aprendizagem de LEs. Destaco, aqui, o trabalho de Mario Mascherpe (1970) que focaliza estudos contrastivos da fonologia do inglês e do português na tentativa de levantar as dificuldades potenciais representadas pelas diferenças e semelhanças na aprendizagem de dois sistemas lingüísticos diferentes. Note-se que os aspectos processuais eram tratados em termos de dificuldades potenciais, tendo em vista o que o aparato descritivo da Lingüística permitia antever. A abordagem era claramente de aplicação da Lingüística na descrição comparativa dos sistemas das línguas. Uma outra tendência importante, ainda nesta vertente de aplicação, seria a utilização de princípios teóricos da Lingüística diretamente no ensino de LEs. Se uma determinada teoria lingüística postulava um certo construto teórico, o trabalho do pesquisador em LA seria o de aplicá-lo diretamente ao ensino.

Mas a grande mudança de foco nos programas de pós-graduação começa a surgir quando a compreensão de que para se produzir conhecimento que possa iluminar os processos de ensinar/aprender LEs o que é necessário é examinar o que o aprendiz de LEs faz. Aparecem, então, uma série de estudos que focalizam os processos de aprender LEs através da análise das ínterlínguas dos aprendizes em vários níveis lingüísticos e nas modalidades oral e escrita. Pode-se dizer que o Programa de Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC-SP, pioneiro nos estudos de LA no Brasil, passou por estas fases todas da LA no Brasil, que refletem modos de entender LA internacionalmente.

É, contudo, a partir do final da metade dos anos 80 que a área de LEs começa a se firmar nacionalmente. O surgimento de outros programas de pós-graduação ou áreas de concentração em LA no Brasil (UNICAMP, UFRJ, UFSC, USP, UFMG, UFPE, UFF, UFRN, UFRGS, UFSM, UFAL, UNESP-S. J. Rio Preto, UCPEL, UECE, por exemplo) coincide com o desenvolvimento da LA como uma área de investigação interdisciplinar, que focaliza problemas de

uso da linguagem em contextos institucionais - a escola sendo apenas um deles (Cavalcanti, 1986; Moita Lopes, 1996). Tal ampliação do quadro que existia anteriormente deu uma contribuição qualitativa, possibilitada pelo aumento da massa crítica, i.e., do número de pesquisadores que hoje atuam efetivamente em LA⁶, tornando possível, conseqüentemente, a ampliação dos tópicos de pesquisa como também de seu tratamento teórico e metodológico.

Fotografia 2: Tópicos de pesquisa mais típicos em LE no Brasil⁷

Listo abaixo os tópicos de pesquisa na área de LE, que foram prestigiados no Brasil nos últimos 30 anos. A lista é decrescente, já que começa com aqueles mais favorecidos em dissertações e teses:

- a) Ensino/aprendizagem de qualquer aspecto da LE, excluindo leitura, produção escrita, compreensão oral e ensino através de computador
- b) Leitura
- c) Formação do professor de línguas
- d) Descrição de algum aspecto sistêmico da LE
- e) Análise de erros / interlíngua
- f) Análise contrastiva entre a LE e o português
- e) Análise da interação oral em sala de aula
- g) Avaliação de material didático
- h) Produção escrita
- i) Planejamento de cursos
- j) Compreensão oral
- k) Aquisição de L2
- l) Elaboração de material didático
- m) Análise do discurso/pragmática em LE
- n) Construção da identidade em sala de aula
- o) Ensino de LE por computador
- p) Testagem

O quadro que esta fotografia apresenta deve ser entendido como estan-

⁶ Aqui me refiro a pesquisadores que têm a LA em sua agenda principal de pesquisa e que não fazem LA de forma periférica.

⁷ Sou grato a Rosangeles Peres Estevan (PUC-SP), Matilde Scaramucci (UNICAMP), Nelson Mitrano Neto (UFF), Marília Lima (UFRGS), Vilson Leffa (UCPel), Pedro Praxedes Filho (UECE) e Abuêmdia Padilha (UFPE), pelas informações preciosas que me forneceram, possibilitando a montagem para esta fotografia.

do sobreposto à fotografia 1, já que os tópicos favorecidos são determinados pelos modos de se entender a pesquisa em LA, conforme delineados nos programas de pós-graduação. Nota-se uma preponderância da análise de questões de ensino/aprendizagem de LEs, inicialmente, de uma perspectiva de aplicação de princípios da Lingüística ao ensino, em que o que ocorre em sala de aula não é considerado e, posteriormente, dentro da tradição de pesquisa de diagnóstico e de intervenção em sala de aula, em que o processo de ensino/aprendizagem em sala de aula é levado diretamente em consideração. Esta segunda tradição já se encontra dentro da concepção contemporânea de Lingüística Aplicada. O segundo tópico prestigiado é leitura, o que parece ser revelador da importância que o campo da leitura em LE alcançou no Brasil, tendo em vista o fato de os pesquisadores terem, em seus projetos, passado a considerar a relevância social da aprendizagem de uma LE.

Fotografia 3: A criação de associações de professores de LEs e de LA e a organização de eventos científicos

Tem papel importante no desenvolvimento da área de LEs no Brasil, a criação, relativamente recente, de várias associações de professores de LEs (inglês, francês, espanhol, alemão etc.). Até a metade dos anos 70, conforme Gomes de Mattos (Gomes de Mattos & Wigdorsky, 1968) indica, os encontros de professores eram organizados pelas escolas de línguas. Registre-se, porém, a importância de uma série de eventos organizados pelo PILEI (Programa Interamericano de Lingüística e Enseñanza de Idiomas), patrocinados, inicialmente, pela Fundação Ford, na formação de pesquisadores brasileiros nos anos 60 e 70⁸.

Tal quadro se transforma com a criação de associações independentes, organizadas por profissionais atuantes no campo de LEs, principalmente nos últimos 10 anos, quando surgem várias associações estaduais de professores de LEs em várias partes do país⁹. As associações criam um espaço acadêmico importante para o desenvolvimento da área como também um espaço político de defesa da educação em LEs no Brasil. Organizam eventos anuais e têm tido grande influência.

⁸ Dentro da programação do PILEI, foi realizado na USP, em 1969, o II Simpósio Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas.

⁹ Note-se também, nos anos 90, o surgimento das afiliadas brasileiras da TESOL (Associação de Ensino de Inglês (Braz-Tesol) e da IATEFL (Associação Internacional de Ensino de Inglês como LE).

Entre as associações, quero destacar duas associações nacionais de professores de LEs, que já têm longa tradição: a ABRAPUI e a FBPF. A ABRAPUI (Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês) se caracterizava por realizar eventos, predominantemente, de literaturas de língua inglesa, mas passa, a partir do final dos anos 70, também a organizar eventos voltados especificamente para a área de inglês como LE: os ENPULIs (Encontros Nacionais de Professores Universitários de Língua Inglesa). A FBPF (Federação Brasileira de Professores de Francês) tem tido um papel importante na atualização dos professores de francês no Brasil, enfrentado o desafio de lutar para manter a língua francesa nos currículos escolares apesar da hegemonia do inglês e da presença, cada vez maior, do espanhol. A leitura dos programas dos eventos destas associações é uma boa exemplificação: a) de como a área cresceu no Brasil, devido à multiplicação do número de pesquisadores com autonomia de pesquisa; e b) dos tópicos que estão sendo considerados relevantes na área. Estes tópicos acompanham, em linhas gerais, o desenvolvimento que tracei nas fotografias 1 e 2 acima.

Sem dúvida, merece destaque também a fundação da Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (ALAB) em 1990, o que evidencia a percepção política e acadêmica de um grupo de pesquisadores como lingüistas aplicados, atuantes tanto em LEs quanto em língua materna (LM) e em outras áreas da LA. A ALAB é filiada à AILA (Associação Internacional de Lingüística Aplicada) e tem tido uma atuação numerosa e ativa tanto na participação acadêmica (em painéis, simpósios e comunicações) tanto nos congressos mundiais como nos comitês internacionais e executivos da AILA¹⁰. A ALAB organizou, pela primeira vez, em 1998, um evento nacional: o V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o que evidencia que o espaço que a ALAB representa para o desenvolvimento do campo de LEs e da LM no país é crucial. Deve-se registrar, contudo, a título de justiça e resgate histórico, que os primeiros quatro eventos nacionais de LA foram organizados por colegas do Departamento de LA da UNICAMP, que tiveram um papel central no impulso que deram à criação de um evento nacional de LA no Brasil.

Os outros encontros importantes no Brasil em que a LA na área de LE tem ou teve um espaço representativo são o INPLA (Intercâmbio de Pesquisa em LA) da PUC-SP, o SIMPLA (Simpósio de LA) da UFRJ e o I Seminário

¹⁰ Neste sentido, deve-se registrar que Hilário Bohn (UFSC e UCPEL) acaba de ser eleito vice-presidente da AILA, durante a realização do congresso mundial de 1999, em Tóquio.

Nacional sobre Política de Ensino de LEs, realizado na UFSC. O INPLA é um encontro que se caracteriza por atrair pesquisadores em formação em vários níveis e é organizado em forma de simpósios, tendo o 9º INPLA sido realizado em 1999. O SIMPLA foi um evento que se caracterizava por reunir pesquisadores avançados em LA, que eram convidados a contribuir para temáticas específicas. Foram realizados 5 eventos entre 1990 e 1995. Já o I Seminário Nacional sobre Política de Ensino de LEs, como o próprio nome indica, foi uma conferência realizada em 1996, que se centrou especificamente na questão de política de ensino de LES, tema extremamente relevante no Brasil, tendo em vista a necessidade de uma política de multilingüísmo no país (cf. a seção 3 abaixo).

Registre-se, ainda, a realização em Recife, na UFPE, de um importante evento internacional, em 1997: o XIX Congresso Mundial da FIPLV (Federação Internacional de Professores de Línguas Vivas). Este foi pioneiro devido ao seu cunho internacional, possibilitando o intercâmbio entre profissionais que atuam em LEs no Brasil com colegas de outros países.

Como componente final desta fotografia, cabe notar a criação, no Brasil, da Sociedade Internacional de Ensino de Português Língua Estrangeira (SIPLE). Cada vez mais, a SIPLE vem atraindo professores e pesquisadores para o ensino de PLE, realizando seminários e congressos, que têm colaborado para o desenvolvimento de uma área emergente de pesquisa. A importância deste campo no Brasil pode ser avaliada por duas iniciativas em 1998: a) a criação, pelo MEC, de um exame de proficiência em PLE: o CELPE-Bras; e b) a criação de uma licenciatura em PLE na Universidade de Brasília. Coincidentemente, nota-se, nos últimos anos 10 anos, o aumento de dissertações no campo de PLE nos programas de pós-graduação.

Fotografia 4: O Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental

Tem papel central no quadro do que aconteceu no Brasil na área de LEs, nos últimos 30 anos, o Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental (PEII), coordenado por Maria Antonieta Alba Celani da PUC-SP, tendo como participantes-alvo professores universitários de inglês. A criação do projeto acompanha desenvolvimentos teóricos e metodológicos, na área de ensino das línguas em geral (não só em LEs), que apontam que as pessoas aprendem línguas com propósitos variados e que, portanto, a eficiência de um programa de ensino pode ser aumentada se focaliza, diretamente, os objetivos específicos dos aprendizes. Esta percepção trouxe à tona uma nova área de pesquisa,

a área de ensino instrumental de línguas, que o PEII fomentou no Brasil, causando uma verdadeira revolução na concepção de ensinar línguas, tanto no que se refere à elaboração de programas/cursos de línguas quanto a metodologias. Além disso, o PEII teve a grande importância de aumentar a reflexão sobre os processos de aprender/ensinar línguas no Brasil, em geral, envolvendo, em pesquisa, grande parte dos professores de inglês das universidades brasileiras. Note-se, ainda, que, ao aumentar a massa crítica nos departamentos de inglês, o PEII também afetou, indiretamente, professores que não estavam envolvidos com o referido projeto como também professores de outras LEs e de língua materna. Note-se, ainda, que, a partir de 1985, o PEII passou a incluir as escolas técnicas, continuando até hoje como um programa nacional que inclui cerca de 70 instituições de todo o país.

Com o apoio da CAPES em 1978, o PEII teve, inicialmente, a finalidade de pesquisar as necessidades lingüísticas de alunos universitários brasileiros, firmando-se, em 1980, como um grande projeto nacional, com o financiamento da CAPES, Conselho Britânico e CNPq. A contribuição do Projeto para o ensino de leitura em LEs no Brasil é inegável, tendo influenciado, principalmente, pesquisas sobre formação de professores e elaboração de material didático. Que eu saiba, nunca houve no Brasil um projeto, envolvendo professores, que tenha gerado tantos benefícios para a prática da sala de aula e da pesquisa e que tenha obtido tal efeito multiplicador como o PEII. Este projeto é, na minha visão, um modelo que pode inspirar outros projetos na área de LEs e LM, principalmente devido ao fato de seu percurso ter passado por várias fases: elaboração, piloto etc., atingindo até a fase de avaliação (cf. Fotografia 5 abaixo) e um boletim mensal.

Além disso, o projeto também criou, na PUC-SP, o Centro de Pesquisa, Recursos e Informação em Leitura (CEPRIL) que, além de incluir uma biblioteca, funciona como um banco de material de ensino que serve a toda a comunidade brasileira. Note-se que o CEPRIL publica também um periódico: *The ESPECIALIST* (cf. Fotografia 5 abaixo).

Fotografia 5: O aparecimento de revistas científicas arbitradas e de livros de autores brasileiros

Talvez o testemunho mais importante da vitalidade da área tenha sido o aparecimento de revistas semestrais arbitradas. Destacam-se *The ESPECIALIST* e *Trabalhos de Lingüística Aplicada*. A primeira é uma revista inicialmente voltada para a área de ensino instrumental de línguas, mas que atualmente

publica artigos que focalizam pesquisa sobre ensino/aprendizagem de línguas em geral, como também descrições de usos da linguagem e formação de professores de línguas. A revista aceita artigos em português, espanhol, inglês e francês e é indexada no Sociological Abstracts e no Linguistics and Language Behaviour Abstracts. É uma iniciativa de Maria Antonieta Alba Celani da PUC-SP e é publicada pelo CEPRIL/PUC-SP. A outra revista mencionada, Trabalhos de Lingüística Aplicada (TLA), é publicada pelo Departamento de Lingüística Aplicada da UNICAMP e, embora aceite artigos na vasta área de estudos aplicados no campo da linguagem, tem tido papel relevante na divulgação da pesquisa em LEs no Brasil. Observe-se, neste sentido, que o levantamento dos artigos publicados na revista feito em um número de 1998, aponta que a maioria dos trabalhos focaliza a área de LEs. TLA também publica artigos escritos em português, espanhol, inglês e francês.

Merece registro também INTERCÂMBIO, uma publicação anual, mais recente, que publica trabalhos apresentados nos eventos do INPLA da PUC-SP. Os trabalhos são arbitrados por um comitê editorial e já foram publicados 9 volumes. Trata-se de uma iniciativa do Programa LAEL da PUC-SP e a publicação na área de LEs tem sido grande. Além de divulgarem a pesquisa e colaborarem para o avanço teórico e metodológico do campo de LEs no Brasil, estes três periódicos têm papel central na cunhagem de metalinguagem em português.

É também digno de nota o aparecimento, nestes 30 anos, de livros de autores brasileiros na área. Destaco aqui os seguintes:

- Lingüística Aplicada ao ensino de inglês, de Francisco Gomes de Mattos, publicado pela McGraw Hill, São Paulo em 1976. Trata-se da tese de doutorado do autor, em que é focalizada a influência de princípios da Lingüística nos manuais de ensino de inglês.

- Por que ensinar língua estrangeira na escola de 1o grau, de Daniel Martins Costa, publicado em São Paulo, em 1987, pela EPU/EDUC. O livro focaliza a questão crucial dos objetivos da aprendizagem de LEs no ensino fundamental.

- Tópicos em Lingüística Aplicada: o ensino de línguas estrangeiras, uma coletânea organizada por Hilário Bohn e Paulino Vandresen, e publicada pela Editora da UFSC, Florianópolis, em 1988. O livro inclui seções sobre teorias de aprendizagem de línguas, análise contrastiva e tipológica, e ensino de LEs.

- The Brazilian ESP Project: an evaluation, editado por M. Antonieta

Celnaiu, John Holmes, Rosinda Guerra Ramos e Michael Scott, publicado em 1988, pela EDUC, em São Paulo. O livro relata a avaliação participativa do Projeto de Ensino de Inglês Instrumental (cf. fotografia 4), incluindo dados referentes à história e à elaboração do projeto.

- *Interação Lêitor-Texto. Aspectos da interação pragmática*, de Marilda do Couto Cavalcanti, publicado em Campinas, pela Editora da UNICAMP, em 1989. O livro é a tese de doutorado da autora e focaliza pesquisa de natureza introspectiva sobre o processo de leitura em LE.

- *Ensino de português para estrangeiros. Pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais, uma coletânea organizada por José Carlos P. de Almeida Filho e Leonor C. Lombello*, publicada em Campinas, pela Pontes, em 1989. O livro focaliza aspectos relacionados ao planejamento de cursos de português para estrangeiros como também questões relativas à prática de elaborar material didático.

- *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*, uma coletânea organizada por Mara Zanotto Paschoal e Maria Antonieta Alba Celani, publicada pela EDUC, em São Paulo, em 1992. O livro foi organizado para celebrar os 20 anos do LAEL da PUC-SP e inclui trabalhos de pesquisadores que tiveram uma relação com o programa, tanto como alunos ou como professores. O livro inclui artigos sobre pesquisa em sala de aula, aquisição de linguagem, línguas para fins específicos, leitura e compreensão, direitos linguísticos etc.

- *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*, de José Carlos de Almeida Filho, publicado pela Pontes, em Campinas, em 1993. O livro focaliza aspectos da abordagem comunicativa de ensino de LEs.

- *Reflections on Language Learning*, editado por Leila Barbara e Mike Scott, e publicado em Clevedon, Inglaterra, pela Multilingual Matters, em 1994. A coletânea é um festschrift para Maria Antonieta Alba Celani e contém trabalhos nas áreas de desenvolvimento de projetos, formação de professores, processamento linguístico e análise da interação da área de negócios.

- *Autonomy in Language Learning*, uma coletânea editada por Vilson Leffa, e publicada pela Editora da UFRGS, em 1994. A coletânea inclui trabalhos selecionados entre aqueles apresentados no XII ENPULI, realizado na UFRGS, em 1993. Focaliza questões teóricas relativas à aprendizagem de LEs e o desenvolvimento da autonomia do aprendiz, uso de tecnologia no ensino, redação, leitura, e aspectos da aprendizagem da perspectiva do aprendiz.

- *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*, uma coletânea organizada por Maria José Coracini, e publicada em Campinas, pela Editora Pontes, em 1995. Os artigos focalizam aspectos do discurso da sala de aula de leitura.

- Oficina de Linguística Aplicada. A natureza social e educacional dos processos de ensinar/aprender línguas, de Luiz Paulo da Moita Lopes, publicado pela Mercado de Letras, em Campinas, em 1996. O livro, organizado em forma de oficina de trabalho, focaliza uma visão contemporânea de LA, questões relacionadas à atitude e aptidão linguística, à pesquisa na sala de aula de línguas, à língua do aprendiz, à leitura e à formação do professor.

- Ensino de Língua Inglesa. Reflexões e Experiências é uma coletânea organizada por Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, publicada em Campinas pela Pontes, em 1996, com o apoio do Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG. O livro contém artigos que focalizam aspectos relativos à cultura e ideologia no ensino de inglês e questões relativas à prática de ensinar/aprender LEs, incluindo sugestões pedagógicas.

- Ensino de Segunda Língua: redescobrimo as origens, uma coletânea organizada por Maria Antonieta Alba Celani, publicada em São Paulo, pela EDUC, em 1997. O livro inclui artigos que tratam de questões atuais da área (interação, o papel do professor, abordagem comunicativa, análise de necessidades etc.), revistas à luz dos textos de Sweet, Palmer, Palmer & Palmer, Fries e Lado, fundadores do campo de ensino de LEs.

- News as social practice, de Carmem Rosa Caldas-Coulthard, publicado pela Pós-graduação em Inglês, da UFSC, em Florianópolis, na série Advanced Research in English Series, em 1997. O livro empreende uma análise crítica do discurso das notícias da mídia escrita britânica, demonstrando como estas são construídas cultural e socialmente.

- Aspects of language in self-help counselling, de José Luiz Meurer, publicado pela Pós-graduação em Inglês, da UFSC, em Florianópolis, na série Advanced Research in English Series, em 1998. O livro focaliza o discurso de livros de auto-ajuda em inglês, argumentando que este tipo de discurso é parte do processo de reflexividade em que as sociedades contemporâneas estão mergulhadas.

Fotografia 6: A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Línguas Estrangeiras (PCNs de LEs)

Iniciativa do MEC, dentro de um projeto que elaborou os PCNs de todas as disciplinas que compõem a grade curricular das escolas brasileiras, os PCNs de LEs foram publicados em 1998 e elaborados, em conjunto, por Maria Antonieta Alba Celani (PUC-SP) e Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ), que contaram ainda com a consultoria de Maria Aurora Consuelo Alfaro Lagório (UFRJ), Hilário Bohn (UFSC e UCPel), e Francisco Gomes de Mattos (UFPE). A elaboração dos PCNs levou também em consideração pareceres de profes-

sores de LEs atuantes nos vários níveis da educação brasileira.

Os PCNs de LEs são um documento que pretende fomentar a reflexão crítica na área e procurou dar conta da multiplicidade de contextos em que ocorre a educação em LE. Têm como objetivo principal o engajamento discursivo do aprendiz de modo que o conhecimento da LE possa fazê-lo ter consciência de seu papel no espaço social em que vive. Calcada em uma visão sociointeracional do discurso e da aprendizagem, a proposta tem como temas principais: a questão da cidadania, a consciência crítica em relação à linguagem e aspectos sociopolíticos da aprendizagem de LEs. Além disso, procura, ao se basear em uma compreensão teórica explícita do objeto de ensino, ir da teoria à prática na sala de aula. O envolvimento dos professores de LEs em discussões sobre os princípios dos PCNs é tarefa central para que o documento possa surtir efeito nos vários níveis da educação brasileira.

Deve ser notado que a publicação dos PCNs de LEs ocorre em momento auspicioso, logo após a promulgação da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) em 1996, que torna obrigatório o ensino de LEs nas escolas brasileiras, restaurando a relevância da educação em LE nas escolas.

2. Conclusão: fotografias virtuais

Para fechar as últimas páginas deste álbum de fotografias, quero levantar algumas questões que parecem ser centrais no desenvolvimento da área de LEs no Brasil, ou seja, ao concluir, apresento fotografias virtuais.

a) Uma política multilíngüe de ensino de LEs

A consolidação do inglês como LE hegemônica no Brasil é, no meu entender, uma questão preocupante. Conquanto, tenha clareza sobre a relação entre LEs e fatores sociopolíticos, e que, portanto, seja inegável a importância de se aprender inglês em um mundo em que as fronteiras nacionais são perpassadas pelo uso do inglês devido ao poder da economia norte-americana no chamado mundo globalizado que se apresenta, parecem ser essenciais investimentos de pesquisa e de natureza política no ensino de outras LEs. Cabe às associações de professores de LEs, à ALAB e às de outros profissionais da área de linguagem, a luta por uma política de educação multilíngüe e pela garantia de qualidade na aprendizagem de LEs na escola pública. Neste sentido, uma das tarefas centrais dessas associações deverá ser a colocação de LEs em pé de igualdade com outras disciplinas do currículo da escola

pública, como a nova LDB apresenta. É incompreensível, por exemplo, que o MEC continue excluindo livros didáticos de LEs da lista de materiais que envia às escolas públicas. É, no mínimo, um desrespeito à lei que rege a educação brasileira.

Esta questão se torna ainda mais central quando se sabe que a comunicação internacional se dará cada vez mais pelas redes do tipo INTERNET e que a língua usada é o inglês. Para se participar das discussões internacionais sobre a agenda (biotecnologia, ecologia, economia etc.) do novo século que se inicia, o domínio do inglês será, portanto, vital. A escola brasileira deverá, portanto, garantir a aprendizagem do inglês. Por outro lado, a aprendizagem de uma outra LE será também imperiosa para se abrir horizontes e perspectivas em um mundo que se quer cada vez mais plural. A aprendizagem de outras LEs pode colaborar para fornecer mais espaço na escola para se garantir acesso às diferenças que constituem a vida humana. Se o mundo tem que ser globalizado, é crucial que as diferenças de que somos feitos não sejam apagadas. Tal tarefa pode ser sobremodo facilitada pela aprendizagem de LEs.

b) A consolidação dos programas existentes de LEs e a criação de outros

O aumento da massa crítica que as fotografias acima indicam deve ser ainda mais incentivado, e têm papel crucial, neste projeto, a consolidação dos Programas de LA existentes e a criação de outros. Somente o envolvimento dos professores em investigação e reflexão pode alterar a qualidade da educação em LE no Brasil e a pós-graduação brasileira em nosso área é central na realização de tal objetivo. É essencial o investimento em pesquisas que focalizem a educação pública em LEs, devido aos fatores incluídos na fotografia virtual a) acima.

c) Algumas áreas a serem desenvolvidas no campo de LEs

Minha lente de fotógrafo virtual capta as seguintes áreas como importantes na área de LEs no Brasil:

- formação reflexiva de professores de LEs através de envolvimento em pesquisa colaborativa, narrativa e pesquisa-ação;
- pesquisa em sala de aula de LEs, focalizando a construção da identidade social do aluno, tendo em vista os múltiplos significados sobre a vida social a que é exposto na e fora da escola em um mundo globalizado;
- pesquisa em sala de aula de LE, enfocando o discurso/interação como

espaço de construção do conhecimento;

- novas tecnologias e o processo de ensino/aprendizagem de LEs presencial e à distância;

- ensino crítico de LEs, no sentido de se enfatizar a consciência de como usamos a linguagem na construção da vida social.

d) Abordagens teóricas a serem prestigiadas

Abordagens que se centram em visões socioculturais da cognição e da linguagem parecem estar atraindo um grande número de pesquisadores. A área parece que será cada vez mais informada por teorias que vêem o discurso e a aprendizagem como situados na e constitutivos da vida social, levando à compreensão de que o aprendiz tem uma sócio-história do qual é participante com suas marcas sociais. A vinculação do aprendiz a sua sócio-histórica parece ser essencial para a compreensão dos processos de ensinar/aprender LEs. Isso quer dizer que antevejo o uso de teorias sobre o discurso e aprendizagem que, claramente, reconhecem que o aprendiz/participante do discurso tem corpo (classe social, gênero, sexualidade, raça etc.) e não somente estrutura cognitiva.

e) Metodologias de pesquisa

Como já vem acontecendo, vejo a área se interessando, cada vez mais, por metodologias interpretativistas (Moita Lopes, 1994), incluindo também tradições metodológicas que são típicas de outras disciplinas (histórias de vida - cf. Telles, 1996; Brockmeier & Harré, 1997, por exemplo), e o envolvimento de pesquisadores em projetos de pesquisa transdisciplinares (Moita Lopes, 1998).

A natureza interdisciplinar da LA na área de LEs deverá ser cada vez mais ampliada, já que a tendência nas Ciências Sociais e Humanas me parece ser a de que é impossível se entender qualquer ato humano dentro do limites de uma única disciplina. Acompanhando também uma das características recentes destas Ciências, vejo a importância de estudos centrados no discurso para se estudar a vida humana penetrando também o campo de LEs. Estou me referindo aqui ao que tem sido chamado de a virada discursiva nas Ciências Sociais/Humanas (cf. Fairclough, 1992; Brockmeier & Harré, 1997; Scollon, 1999), que tem trazido à tona novas perspectivas pós-positivistas para investigações interpretativistas, que enfatizam a necessidade de se estudar o discurso como constitutivo da vida social.

As fotografias apresentadas acima, é claro, refletem o meu olhar, e, portanto, minha visão do campo de LEs no Brasil. Um outro fotógrafo usaria outras lentes, o que possibilitaria ângulos diferentes de enquadramentos e de profundidade, como também talvez privilegiasse outros objetos. A fotografia, como uma forma de construção de significado/discurso, posiciona o fotógrafo na vida social, i.e., com suas marcas sócio-históricas, visões de mundo, crenças, valores e projetos políticos. Quem fotografa ou usa a linguagem está intrinsecamente imbricado naquilo que fotografa, diz, escreve, ouve e lê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTI, M. (1986) A propósito de Lingüística Aplicada. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, 7: 5-12.
- BROCKMEIER, J. & R. HARRÉ (1997) Narrative: problems and promises of alternative paradigm. *Research on Language and Social Interaction*, 30(4): 263-283.
- FAIRCLOUGH, N. (1992) *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.
- GOMES DE MATTOS, F. & L. WIGDORSKY (1968) Foreign Language Teaching in Latin America. In: R. LADO, W. McQUOWN, S. SAPORTA & H. LASTRA (eds.) *Currents trends in Linguistics*. Vol. 4. Ibero-American and Caribbean Linguistics. The Hague: Mouton.
- MASCHERPE, M. (1970) *Análise Comparativa dos Sistemas Fonológicos do Inglês e do Português*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais.
- MOITA LOPES, L. P. (1994) Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, 10 (2): 329-338.
- _____ (1996) *Oficina de Lingüística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras.
- _____ (1998) A transdisciplinaridade é possível em Lingüística Aplicada? In: I. SIGNORINI & M. CAVALCANTI (orgs.) (1998) *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras.
- SCOLLON, R. (1999) Mediated discourse and social interaction. *Research on Language and Social Interaction*, 32 (1/2): 149-154.
- TELLES, J. (1996) Being a language teacher: stories of critical reflection on language and pedagogy. Tese de Doutorado, Universidade de Toronto.

INGLÊS INSTRUMENTAL, INGLÊS PARA NEGÓCIOS E
INGLÊS INSTRUMENTAL PARA NEGÓCIOS
(English for Specific Purposes/ESP, English for General Business
Purposes and English for Specific Business Purposes)

Orlando VIAN JR. (LAEL, PUC-SP/CNPq)

*"The falcon cannot hear the falconer".
Is the ESP 'falcon' beginning to fly so far that
it can no longer hear the call of the ESP 'falconer'?
"Things fall apart; the centre cannot hold". Is ESP
falling apart, is the ESP 'centre' unable to hold?
Is the 'ceremony of innocence' for ESP at an end?
Are we faced with a 'second coming' in ESP, and
if so, what does this mean for its future?¹
Alan Waters, 1994.*

ABSTRACT: This article aims, from a broader perspective, at (1) discussing some definitions of English for Specific Purposes currently used by theorists and practitioners in the area, focusing on the implications, causes and consequences brought about by these studies, trying then to define, (2) what English for General Business Purposes is as well as its implications for teaching English in-companies and, from a narrower perspective, discuss what English for Specific Business Purposes and its main features in our context at present.

KEY WORDS: English for Specific Purposes/ESP; English for General Business Purposes/EGBP; English for Specific Business Purposes/ESBP.

PALAVRAS-CHAVE: Inglês instrumental; Inglês para negócios; Inglês instrumental para negócios.

0. Introdução

Os cursos de inglês instrumental tornam-se cada vez mais difundidos no mundo globalizado, principalmente pela sua característica primordial de atender às necessidades específicas do aprendiz, estando relacionado a sua área

¹ Os trechos entre aspas duplas referem-se a estrofes do poema *The Second Coming*, de W. B. Yeats.

de atuação, além de desenvolver a linguagem apropriada ao seu contexto e de acordo com habilidades específicas, como é o caso de profissionais/aprendizes, por um lado, que necessitam de inglês para interação com o mundo dos negócios em seu sentido mais amplo, requerendo o domínio de mais de uma habilidade para o desempenho de diversas tarefas. Por outro lado, existem os profissionais/aprendizes que necessitam desenvolver apenas uma habilidade para um fim específico, como, por exemplo, apresentar dados financeiros a uma equipe estrangeira.

Essas diferentes necessidades levaram, conseqüentemente, ao desenvolvimento de novos materiais que as atendessem, culminando com uma ampliação da questão terminológica: o inglês para negócios (English for General Business Purposes/EGBP), em sentido amplo, objetivando atender necessidades gerais dos aprendizes, principalmente aquelas relacionadas ao dia-a-dia empresarial, ramificou-se em função das necessidades, fazendo surgir o que se convencionou chamar inglês instrumental para negócios (English for Specific Business Purposes/ESBP), cujo objetivo é atender necessidades e habilidades específicas.

A área de ensino de inglês para negócios, dessa forma, desenvolve-se diariamente, tanto do ponto de vista da produção de materiais, quanto do ponto de vista de ensino, pois cada vez mais pessoas procuram tais cursos, além do crescente número de pesquisas preocupadas com questões relativas à linguagem empresarial e ao ensino de inglês no contexto empresarial, mais especificamente.

O termo inglês para negócios, principalmente por questões mercadológicas, tem sido usado, atualmente, para se referir desde a cursos de natureza mais ampla que incluem um componente lexical de termos relativos a negócios, até cursos muito específicos, que instrumentalizam o aprendiz com linguagens específicas para escrever um relatório financeiro, fazer uma apresentação ou conduzir uma reunião de negócios, entre inúmeras outras.

Neste artigo pretendemos, a partir desse cenário, (1) discutir algumas das definições de inglês instrumental mais comumente utilizadas por teóricos e práticos da área, com foco nas implicações, causas e conseqüências trazidas com tais estudos, com o objetivo de (2) se definir, a partir daí, o que é inglês para negócios e seu status no ensino de inglês em empresas e, num contexto mais específico, (3) discutir o que é inglês instrumental para negócios e suas principais características em nosso contexto atualmente.

1. Breve histórico do ensino de inglês instrumental

O termo inglês instrumental é parte de um movimento maior na área de ensino de línguas estrangeiras denominado língua para fins específicos (Language for Specific Purposes - LSP), no qual se insere o ensino de qualquer língua estrangeira com foco nas necessidades específicas do aprendiz, objetivando o uso da língua-alvo para desempenho de tarefas comunicativas, sejam elas de produção ou compreensão oral ou escrita naquela língua.

De acordo com Swales (1985), o ano de 1962 marca o início do ensino de inglês instrumental no mundo moderno com a publicação do artigo "Some measurable characteristics of modern scientific prose" de Barber, embora este não seja o ano em que o ensino instrumental realmente começou, pois, de certa forma, e de maneira informal, o ensino instrumental sempre existiu, basta que consideremos, por exemplo, os contatos entre os impérios antigos, como o grego e o romano, por exemplo, onde, sem dúvida, a língua era utilizada para contato com os novos povos conquistados e, por certo, pelo que se tem notícia a respeito do ensino de línguas estrangeiras, não havia um ensino de línguas formal, a língua era aprendida, portanto, com o fim específico de estabelecer relações de dominado/dominante entre as partes, o que já representa, por si, um fim instrumental.

Bloor (1997) fornece subsídios para o reforço dessa hipótese, sinalizando que não foi no século 20 que se ouviu falar em ensino instrumental pela primeira vez citando, por exemplo, um manual de ensino de 1415 destinado a mercadores de lã ou produtos agrícolas, o que seria, dessa forma, um curso em inglês para negócios que incluía diálogos longe de parecerem reais, mas apresentavam uma quantidade significativa de palavras técnicas associadas à indústria de lã.

Outra publicação - também citada por Bloor (1997) - por volta de 1480, na Inglaterra, inclui em sua introdução: "Who with this book shall learn may well enterprise or take in hand merchandise from one land to another", o que indica a preocupação com as necessidades do negociante que viajava e o inglês que seria utilizado para esse fim.

Em sua história do ensino de inglês, Howatt (1984) assinala os anos 60 como o período em que o ensino instrumental começou a tomar corpo como atividade vital na área de ensino de inglês como segunda língua e/ou como

língua estrangeira, culminando, inclusive, com a publicação dos primeiros livros de inglês instrumental.

Com o advento dessas tendências, inúmeros cursos instrumentais espalharam-se pelo mundo, principalmente a partir de projetos financiados por órgãos como o Conselho Britânico ou outros órgãos ligados aos governos de países de língua inglesa. No Brasil, as necessidades dos alunos do programa de mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC-SP advindos de diversas partes do país, levou a então coordenadora do programa, no final dos anos 70, ao desenvolvimento de um projeto em âmbito nacional, o Projeto Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras, que culminou, mais tarde, na criação do Centro de Pesquisas, Recursos e Informação em Leitura (CEPRIL) e na publicação do periódico *the ESPECIALIST* (Celani et al., 1978), além da constante pesquisa dos mais diversos aspectos teóricos e práticos relacionados ao assunto, produção de materiais, apoio a professores, congressos e ensino não só de inglês, mas também de francês e português instrumentais.

2. Definições de inglês instrumental

Uma das questões centrais que vem à tona ao se falar em ensino de inglês instrumental é a problemática da terminologia, culminando sempre com o questionamento feito não só por professores de inglês para fins gerais não familiarizados com o termo, mas, hoje em dia, por pessoas em empresas responsáveis pela contratação de cursos para seus funcionários: afinal o que é inglês instrumental? Para discutir essa questão, tomaremos por base sete textos da área, os quais apresentam definições ou se propõem a discutir o que é inglês instrumental.

Se considerarmos os anos 60 como o início do ensino instrumental, as definições apresentadas a seguir podem ser consideradas tardias, pois surgiram vinte anos depois do início do movimento, mas elas se baseiam em definições prévias, sem mencionar também o fato de o ensino instrumental ser uma área rica em materiais, mas com pouca pesquisa até os anos 80, quando inúmeros trabalhos de pesquisa começaram a ser desenvolvidos. Estes textos, portanto, serão apresentados aqui em ordem cronológica: Robinson (1980), Kennedy & Bolitho (1984), Hutchinson & Waters (1987), Strevens (1988), Robinson (1991) e Dudley-Evans & St John (1998). No contexto brasileiro, consideraremos as questões colocadas por Holmes (1981a e b).

Em seu trabalho de 1980, no capítulo intitulado "Definitions of ESP", Robinson apresenta as principais modificações ocorridas na área; principalmente aquelas envolvendo a mudança da significação do termo, que a princípio correspondia a Inglês para Fins Especiais, o que pode dar uma idéia distorcida, do ponto de vista semântico, da palavra especial, levando-se a inferir a idéia de linguagens especiais ou restritas. Para ampliar seu escopo e referir-se a todos os recursos que a língua coloca a nossa disposição, passou-se a usar a palavra específico, focando a atenção nos propósitos do aprendiz.

Inglês instrumental é, então, definido pela autora da seguinte maneira:

"An ESP course is purposeful and is aimed at the successful performance of occupational or educational roles. It is based on a rigorous analysis of students' needs and should be 'tailor-made'. (...) It is likely to be of limited duration. Students are more often adults and may be at any level of competence," (Robinson, 1981: 13)

Kennedy & Bolitho (1984), por sua vez, apresentam os principais desenvolvimentos do ensino de inglês instrumental, focando em dois pontos principais: o primeiro foi o caminho em direção ao foco no aprendiz e o segundo foi a mudança de visão de linguagem, não apenas como um conjunto de regras gramaticais, mas também como um conjunto de funções, derivando-se, a partir desse desenvolvimento, a definição de inglês instrumental apresentada pelos autores:

"ESP has its basis in an investigation of the purposes of the learner and the set of communicative needs arising from those purposes. these needs will then act as a guide to the designs of course materials. The kind of English to be taught and the topics and themes through which will be taught will be based on the interests and requirements of the learner." (Kennedy & Bolitho, 1984: 3)

A partir da analogia entre o ensino de inglês e uma árvore (cf. The tree of ELT, página 17), Hutchinson & Waters (1987) apresentam inglês instrumental como um dos ramos do ensino de inglês como língua estrangeira (English as a Foreign Language - EFL) e, assim, preferem mostrar o que NÃO é inglês instrumental, mas apontam, ao final de sua discussão a seguinte definição:

"ESP should be seen as an approach not as a product. ESP is not a particular kind of language or methodology, nor does it consist of a particular

type of teaching material. Understood properly, it is an approach to language learning, which is based on learner need.” (Hutchinson & Waters, 1987: 19)

Como se pode depreender a partir da citação acima, o ensino de inglês instrumental deve ser visto como uma abordagem e não como um produto, ou seja, ao definirmos, através de análise de necessidades, para que exatamente o aprendiz necessita do inglês e trabalharmos de acordo com essas necessidades, estaremos seguindo o princípio básico do inglês instrumental; os autores propõem, como base de todo o ensino instrumental, a simples pergunta: “Por que esse aprendiz precisa aprender uma língua estrangeira?” (Hutchinson & Waters, 1987: 19).

Em seu artigo “ESP after twenty years: a re-appraisal”, Strevens (1988) aponta que pretende resumir a natureza, as potencialidades e as limitações do ensino instrumental 20 anos depois de seu aparecimento, afirmando que uma definição de inglês instrumental deve contemplar quatro características absolutas e duas características variáveis, quais sejam (Strevens, 1988: 1-2):

1. Absolute characteristics:

ESP consists of English language teaching which is:

- designed to meet specified needs of the learner
- related in content (i.e., in its themes and topics) to particular disciplines, occupations and activities
- centered on the language appropriate to those activities in syntax, lexis, discourse, semantics, etc., and analysis of this discourse
- in contrast with “General English”.

2. Variable characteristics:

ESP may be, but is not necessarily:

- restricted as to the language skills to be learned (e.g., reading only)
- not taught according to any pre-ordained methodology

Com a publicação, em 1991, de *ESP Today: a practitioner’s guide*, Robinson objetiva fazer uma revisão dos principais desenvolvimentos na área de ensino de inglês instrumental durante os anos 80, dessa vez, entretanto, ao contrário do que fizera em 1980, e também pelo claro objetivo do livro (cf. What this

book covers, página 5) a autora não dá uma definição de inglês instrumental, apenas aponta que:

“It is impossible to produce a universally applicable definition of ESP. Strevens suggests that ‘a definition of ESP that is both simple and watertight is not easy to produce’ and Hutchinson and Waters prefer to say what ESP is not.” (Robinson, 1991:1)

Mais próximos ao final da década de 90, Dudley-Evans & St John (1998) propõem-se a revisitar três definições: a de Hutchinson & Waters (1987), a de Strevens (1988) e a de Robinson (1991), para, com base nelas, apresentarem a sua própria definição. Os autores admitem a validade de cada uma das definições anteriores, mas também admitem, por outro lado, as suas falhas, tanto em relação à definição como nas características descritas.

Para Dudley-Evans & St John, uma definição de inglês instrumental deve refletir o fato de que a metodologia instrumental difere da metodologia utilizada no ensino de inglês para fins gerais, uma vez que, numa situação envolvendo o ensino instrumental, o professor passa a ser mais um consultor, ao passo que o aluno mantém o seu status de especialista em sua área de atuação. Podemos inferir aqui que, para esses autores, portanto, a diferença reside principalmente na interação aluno-professor, pois o professor, em função do conhecimento técnico do aluno, passará a desempenhar a função de consultor lingüístico. Caberá ao professor, assim, o papel de

“... develop a conscious awareness so that control is gained, whether over language, rhetorical structure or communication skills.” (Dudley-Evans & St John, 1998: 188)

A partir dessas considerações, os autores apresentam a sua definição de inglês instrumental que, assim como a de Strevens (1988), apresenta características absolutas e variáveis (Dudley-Evans & St John, 1998: 4-5):

1. Absolute characteristics:

- ESP is designed to meet specific needs of the learner;
- ESP makes use of the underlying methodology and activities of the disciplines it serves;
- ESP is centered on the language (grammar, lexis, register), skills, discourse and genres appropriate to these activities.

2. Variable characteristics:

- ESP may be related to or designed for specific disciplines;
- ESP may use, in specific teaching situations, a different methodology from that of general English;
- ESP is likely to be designed for adult learners, either at a tertiary level institution or in a professional work situation. It could, however, be used for learners at secondary school level;
- ESP is generally designed for intermediate or advanced students. Most ESP courses assume basic knowledge of the language system, but it can be used with beginners.

O que se observa, ao compararmos a definição dada pelos autores em relação às demais, é que Dudley-Evans & St John elegem as características propostas por Strevens como as mais abrangentes entre as três anteriores, mas assinalam que pode gerar uma possível confusão, principalmente quanto ao uso da palavra conteúdo apresentada na segunda característica absoluta proposta por Strevens. Para os autores, esse item lexical pode confirmar a falsa impressão de que o ensino de inglês instrumental seja sempre relacionado diretamente a um conteúdo disciplinar específico (Dudley-Evans & St John, 1998: 3).

Verificamos, com base nas diversas definições apresentadas, que, embora com pequenas variações, podem-se definir três traços distintivos para o ensino de inglês instrumental:

- a análise de necessidades
- os objetivos claramente definidos
- o conteúdo específico.

Essas características serão de crucial importância não só em cursos de inglês instrumental como um todo, mas principalmente em cursos de inglês instrumental para negócios, pois os aprendizes no contexto empresarial têm objetivos claramente definidos e os querem atingir em curto prazo, além do fato de que tais objetivos devem contemplar a equação custo/benefício.

Embora todas as definições apresentadas até aqui se refiram a autores estrangeiros, torna-se necessário ressaltar que tais questões também ocuparam lugar de destaque no contexto brasileiro, focando, inclusive, na influência de tais definições em nosso contexto, onde uma das primeiras discussões sobre o que é inglês instrumental no Brasil foi a partir dos textos de Holmes

(1981a e b), nos quais o autor sinaliza que sua proposta “descrevia muito mais as idéias do Projeto Nacional de Inglês Instrumental do que a definição internacional de ‘Inglês Instrumental’ “ (1981b: 28).

Os episódios apresentados por Holmes em seu artigo ilustram as três das questões de maior destaque no âmbito do Projeto Nacional de Inglês Instrumental (cf. Celani et al., 1978) e que foram o ponto de partida para diversos estudos tanto práticos quanto teóricos (cf., por exemplo, os working papers do Projeto Nacional publicados pelo CEPRIL). Através da apresentação de tais episódios, Holmes pretende ilustrar três aspectos ao se formular uma metodologia em inglês instrumental: (i) o fracasso do inglês convencional, (ii) o efeito do modismo “inglês instrumental” e (iii) o papel do professor; essas questões, embora apresentadas no início da década de 80 ainda prevalecem em alguns contextos, principalmente no contexto do ensino de inglês para negócios, uma vez que as pessoas envolvidas na contratação de cursos, muitas vezes, não têm uma visão clara do que seja inglês instrumental, além de inúmeras crenças e falsas idéias preconcebidas sobre o assunto.

A questão acerca da terminologia fez surgir, na área, outras tentativas de se ampliar o conceito de inglês instrumental, como é o caso, no âmbito internacional, de Boswood (1994), que propõe um termo mais abrangente: a comunicação para propósitos específicos (CSP - Communication for Specific Purposes), mas o autor antecipa, contudo, que há vários problemas teóricos envolvidos na operacionalização do conceito.

Essa mesma questão também tem precedentes no Brasil, onde, apesar de haver tentativas de se utilizar abreviaturas em português para se referir ao ensino de inglês instrumental, como é o caso de Moita Lopes (1996: 133), em seu artigo sobre a aprendizagem da língua estrangeira na escola pública, que utiliza a abreviatura ELI (Ensino de Língua Instrumental), o termo não é muito difundido ou utilizado na área. Os termos vigentes continuam sendo inglês instrumental e/ou inglês para fins específicos, havendo uma grande utilização, pelos profissionais da área, da abreviatura em inglês, pois muitos preferem dizer que ensinam ESP, talvez pelo fato de não ser claro para muitas pessoas o que seja inglês instrumental, sendo visto ainda, em alguns meios, com um prestígio menor do que o ensino de inglês para fins gerais.

3. Tipos de inglês instrumental

Embora muito similares, parece haver duas tendências em se dividir a

área de ensino instrumental, ambas, no entanto, preocupam-se com as necessidades do aprendiz, ou seja, se o aprendiz precisa de inglês para fins acadêmicos ou profissionais.

A primeira tendência preocupa-se em distinguir os tipos de aprendiz (cf. Kennedy & Bolitho e Robinson), usando o termo inglês instrumental como guarda-chuva para abarcar duas áreas: uma para fins acadêmicos (EAP - English for Academic Purposes) e outra para fins ocupacionais (EOP - English for Occupational Purposes). A segunda tendência, por sua vez, preocupa-se em primeiramente distinguir as áreas e, só a partir daí, apresentar os tipos de aprendiz em cada uma (cf. Hutchinson & Waters).

A primeira vertente apresenta uma primeira divisão: ocupacional e vocacional e, dentro dela, apresenta os tipos de aprendiz inseridos em cada uma, se já têm experiência prévia no campo de trabalho ou se não são familiarizados com o assunto.

A segunda, por sua vez, apresenta primeiramente as três grandes áreas - inglês para ciência e tecnologia (EST - English for Sciences and Technology), inglês para negócios e economia (EBE - English for Business and Economics) e inglês para ciências sociais (ESS - English for Social Sciences) - e, somente a partir delas, é que surgem as ramificações ocupacional e acadêmico.

Existe ainda uma terceira tendência, apresentada por Johns (1993), Johns & Dudley-Evans (1991) e Robinson (1991) como sendo a vertente de inglês instrumental nos Estados Unidos, na qual se verifica uma primeira grande divisão em acadêmico, profissional e vocacional. Num segundo nível, a área acadêmica apresenta-se subdividida em duas áreas: uma geral e outra específica para a disciplina; a área profissional subdivide-se em negócios, social e tecnologia; a área vocacional apresenta um nível inicial e outro no qual o aprendiz já tem algum conhecimento.

Como se pode depreender, os tipos de inglês instrumental estão estritamente focados no aprendiz e preocupam-se em definir as áreas, assim como produzir materiais em função de seus objetivos. O termo inglês para negócios, no entanto, parece não se encaixar em nenhuma das áreas (Johnson, 1993), conforme veremos a seguir.

4. Inglês para negócios

O que acontece com a área de inglês para negócios atualmente é o mesmo que aconteceu com o inglês para ciência e tecnologia (EST - English for Sciences and Technology) nos anos 70 e com o inglês para fins acadêmicos (EAP - English for Academic Purposes) nos anos 80 (Dudley-Evans & St John, 1996): as mudanças políticas e econômicas do mundo globalizado aumentam a demanda por material; com as outras duas áreas, entretanto, houve uma grande produção em pesquisa, inversamente proporcional ao inglês para negócios onde houve uma explosão de produção de material didático, mas pouco se desenvolveu em pesquisas.

Esse panorama, contudo, vai aos poucos se alterando, uma vez que o inglês tornou-se a língua internacional dos negócios, principalmente se pensarmos nas informações veiculadas diariamente pela Internet, sem mencionar a grande quantidade de informações trocadas entre falantes não-nativos da língua inglesa que utilizam essa língua como meio de comunicação. Consideremos, por exemplo, os trabalhos de Santos (1996) e de Batista (1998): o primeiro analisa a troca de cartas comerciais entre os escritórios de empresas parceiras na Holanda, na Inglaterra e no Brasil, para as quais a língua utilizada é o inglês; o trabalho de Batista, por sua vez, analisa a troca de e-mails entre uma empresa sueca e suas filiais na Suécia, na Inglaterra, no Brasil e em outros países da América Latina falantes de espanhol; Nickerson (1999) desenvolve uma investigação sobre o uso do inglês na comunicação de um profissional holandês e as razões pelas quais o inglês é utilizado em vez do holandês.

A utilização do inglês como língua internacional no mundo dos negócios pode ainda ser verificada com base em três áreas que têm apresentado um sensível desenvolvimento nos últimos anos: (a) as pesquisas sobre o uso de inglês desenvolvidas em países não-nativos de língua inglesa como o Brasil e a Finlândia e a publicação dos resultados de tais pesquisas; (b) a publicação de livros didáticos para o ensino de inglês para negócios, que admitem o uso, principalmente em seus exercícios de compreensão oral, do inglês internacional; (c) o surgimento de certificados internacionais que comprovam a capacidade de utilização do idioma para uso em situações de negócios, além das (d) novas tendências em pesquisas preocupadas com o estudo da linguagem empresarial, conforme discutiremos a seguir.

(a) O uso do inglês em países não-nativos de língua inglesa

Uma das razões mais frequentes para a utilização do inglês em países não-nativos de língua inglesa, geralmente mencionada em estudos (cf. Akar & Louhiala-Salminen, 1999) sobre a linguagem empresarial, é o fato de as mudan-

ças tecnológicas terem alterado sensivelmente a comunicação entre as empresas e de o inglês ser a língua utilizada para essa comunicação. Há pouco menos de uma década, a carta era o meio utilizado para a comunicação entre as empresas, ao passo que novas tecnologias foram desenvolvidas, a carta, antes trocada por via postal, passou a ser enviada via fax, para, num momento seguinte, após a grande expansão da World Wide Web e seu uso no mundo dos negócios, o fax foi relegado a um segundo plano, dando lugar ao e-mail, que é hoje o grande meio de comunicação intra e entre as empresas, principalmente pela sua rapidez, para não dizermos imediatez.

O avanço tecnológico, portanto, obrigou as empresas a desenvolver meios cada vez mais rápidos e eficientes para a comunicação, mudando assim as práticas de produção de documentos escritos, que antes eram baseados em livros e manuais com modelos preestabelecidos de cartas, funcionando como uma fonte de frases feitas para as pessoas que necessitassem produzir algum documento escrito.

A necessidade de uso da língua inglesa, com base nessa situação, tornou-se iminente, pois grande parte da comunicação entre empresas localizadas em diferentes países passou a ser em inglês.

O estudo de Barbara et alii (1996), que tem como objetivo principal detectar as necessidades de comunicação de usuários em inglês e português para propósitos empresariais, assim como identificar as variedades de gêneros do discurso mais difundidos nas transações entre empresas, revela que, das empresas que responderam aos 214 questionários utilizados no estudo, 72% delas utilizam o inglês como língua para comunicação internacional.

Os resultados obtidos na Finlândia apresentam um índice ainda maior; segundo o estudo de Louhiala-Salminen (1996), 90% da comunidade empresarial finlandesa utiliza o inglês para comunicação, revelando ainda que a carta tradicional tem se tornado rara, ou quase extinta, além da emergência do que a autora denomina Euro-English, ou seja, o inglês falado entre os europeus que não aprenderam inglês como primeira língua.

Outra consequência revelada por estes estudos, embora não explicitamente, diz respeito ao surgimento do inglês internacional, pois, uma vez que são falantes de uma outra língua estrangeira e utilizam o inglês para comunicação, tendem a imprimir a essa língua características lexicais e sintáticas típicas de sua língua materna, dificultando, por vezes, a compreensão do chamado

inglês internacional por falantes nativos do idioma.

(b) O uso do inglês internacional em livros didáticos

Assim como o mercado globalizado imprimiu um novo status ao inglês, a publicação de livros didáticos voltados ao ensino de inglês para negócios parece acompanhar a mesma tendência: alguns dos livros recentemente publicados assumem a utilização do inglês como língua internacional, outros afirmam acompanhar as novas tendências de mercado, incluindo novas habilidades requeridas no contexto, como o uso de e-mail, por exemplo.

Os autores do livro *Business Venture 1* (Barnard & Cady, 1992), por exemplo, sinalizam em sua introdução:

“The language models provided are standard American English, although a variety of other native and non-native accents (British, Australian, Japanese, French) appear in the listening materials. The emphasis throughout is on presenting English as an international means of communication”.

Como se pode verificar, essa preocupação, a julgar pela data de publicação do material, não é tão recente.

Outros materiais se propõem a acompanhar as tendências do mundo moderno apresentando uma atualização tecnológica. O livro *Powerhouse* (Evans, 1998) traz em sua contra-capá, entre outros itens:

“Business skills for the modern world - such as systematic work on vocabulary and social skills, and developing e-mail writing abilities.”

Há, como se vê, uma preocupação em demonstrar a atualização do material, bem como o interesse em garantir ao aprendiz a sua interação com o mundo através do inglês.

(c) Os certificados de inglês para negócios

Além das tendências anteriormente relacionadas em relação à globalização do inglês e sua utilização como língua internacional, um outro fator que vem adicionar-se aos anteriores é o surgimento de certificados internacionais que conferem ao aprendiz um documento formal de que está apto a utilizar o inglês em situações de negócios.

A Universidade de Cambridge, além dos já conhecidos certificados internacionais como o First Certificate in English e o Certificate of Proficiency in English, lançou recentemente o BEC - Business English Certificate, em três níveis, cobrindo conteúdos lingüísticos de nível básico, intermediário e avançado (BEC 1, BEC 2 e BEC 3, respectivamente). Em folheto explicativo, são explicados os fatores de lançamento desses certificados, que já haviam sido lançados na Ásia em 1993. Em termos de objetivos são assim descritos:

“...They are practical examinations that focus on the application of language in dealing with real-world business situations... (p. 4)”

A Câmara de Comércio Inglesa também oferece o EFB (English for Business), certificados para profissionais em quatro níveis de proficiência, além de oferecer, atualmente, um certificado para professores de inglês para negócios, o FTBE (Foundation Certificate for Teachers of Business English).

A gradação de níveis estabelecida pelo certificado da Câmara do Comércio Inglesa é baseado nos níveis estabelecidos pelo Conselho da Europa, bem como pelos parâmetros ditados pelo governo britânico, o British Government's National Standards for Languages.

O TOEIC (Test of English for International Communication) era oferecido inicialmente apenas para o Japão e, em 1995, passou a ser também oferecido aos países da Ásia, Europa e Américas. Este teste foi desenvolvido pelo Educational Testing Service, órgão sem fins lucrativos localizado em Princeton, Estados Unidos, com o objetivo de mensurar a proficiência em língua inglesa requerida para uso prático no mundo profissional. Algumas empresas utilizam o TOEIC como forma de mensurar a habilidade de seus profissionais em utilizar o inglês para propósitos como contratação, treinamento, para promoção a cargos para os quais o inglês seja requerido ou para assumir cargos no exterior (Dudley-Evans & St John, 1996).

Esses certificados, portanto, vem ocupar um novo nicho surgido com o desenvolvimento do inglês como língua internacional e como ferramenta essencial para a interação no contexto empresarial mundial.

(d) Novas tendências

O cenário de consultores de ensino de línguas para empresas que operam na área empresarial e têm pouco contato com o meio acadêmico (Johns,

1993), parece estar mudando, como se pode perceber, por exemplo, com a grande quantidade de trabalhos preocupados com a linguagem empresarial, como aqueles conduzidos por alunos dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (cf., por exemplo, Garcez, 1991), da PUC-RJ (cf. por exemplo, Bastos, 1996; Gago, 1999), e da PUC-SP (cf., por exemplo, Berber Sardinha, 1994; Machado, 1995; Santos, 1996; Tapia, 1996; Guerra, 1997; Ramos, 1997; Vian Jr., 1997; Abdalla Nunes, 1998; Prado, 1998 e Batista, 1998).

Essa tendência vem suprir uma grande deficiência na área de ensino de inglês instrumental, alegada por autores como Johns & Dudley-Evans (1991), Thompson (1994), St John (1996) e Ellis & Johnson (1994), que é a escassez de estudos empíricos, em contraposição à grande produção de material existente na área.

O fato de haver pouca pesquisa na área será a grande tendência para o século XXI, no universo cada vez mais globalizado: as preocupações com o ensino de inglês no contexto empresarial, as linguagens utilizadas para interação nos meios profissionais e questões envolvendo gêneros do discurso (cf. Collins et al., 1997). A questão que deriva daí, contudo, é novamente uma questão terminológica, conforme veremos a seguir.

Uma outra tendência que aparece como reflexo dos tópicos até aqui expostos é o surgimento, na área da Lingüística Aplicada, e conforme sinalizado por Bargiela-Chiappini & Nickerson (1999), de novos campos de pesquisa: o discurso institucional, o discurso profissional e o discurso dos negócios.

O discurso profissional refere-se ao discurso legal, médico, educacional e científico, entre outros, caracterizados por um conjunto de necessidades cognitivas, condições sociais e sua relação com a sociedade como um todo (Gunnarson et alii, 1997: 5). Associado a este, mas num contexto mais restrito está o discurso institucional, que compreende a relação entre um leigo e um especialista, como na relação médico-paciente, ou advogado-cliente, por exemplo. O discurso da área de negócios, finalmente, apresenta muitas características do discurso profissional, principalmente em relação à interdiscursividade, mas apresenta uma distinção marcante, que é o papel dos interactantes, que se encontram, geralmente, num mesmo nível.

O trabalho de Bargiela-Chiappini & Nickerson (1999) traz marcantes contribuições para a área de inglês para negócios, suprimindo, de certa forma, a

escassez em pesquisas mencionada anteriormente, além dos trabalhos de Gunnarson et alii (1997), Bremer et alii (1998) e Mawer (1998), que também apresentam estudos relacionados à área de negócios.

5. Inglês instrumental para negócios

Com o avanço tecnológico e a conseqüente diminuição das distâncias, principalmente em função da Internet, o profissional/aprendiz de inglês, tendo aulas nas empresas, passou a ter necessidades cada vez mais específicas, fugindo, por vezes, das necessidades e conteúdos impostos pelo livro didático, tornado-se desnecessário o estudo de áreas muito gerais, fazendo surgir o ensino centrado no que se convencionou chamar “performance skills”, ou seja, habilidades que o profissional já desempenhava na língua materna, tais como atender telefone, participar de reuniões, fazer apresentações, negociações, entre outras e, numa economia globalizada, surgiu como necessidade para interação com falantes nativos e não-nativos de todo o mundo que utilizam o inglês nessas interações.

O profissional/aprendiz, dessa forma, viu-se na iminência de ter que utilizar o idioma para essas situações específicas, havendo assim, acima de tudo, a pressão de tempo. Isso acelerou o aparecimento de cursos voltados para atender essas necessidades, o que levou, conseqüentemente, à produção de material. Essa tendência, portanto, fez surgir uma nova área no ensino de inglês para negócios: o ensino instrumental para negócios ou ensino de inglês para fins específicos de negócios (ESBP - English for Specific Business Purposes).

As características, a princípio, assemelham-se àquelas do inglês para negócios, mas diferem em alguns pontos, como a questão das competências, pois, em alguns casos, a competência sociolingüística torna-se muito mais importante do que a preocupação com a competência gramatical, típica dos cursos de inglês para fins gerais de negócios, que possuem necessariamente um item de conteúdo gramatical.

Outro fator que incita essa tendência é a grande quantidade de estudos publicados ultimamente que colocam como primordial a preocupação com o ensino dos gêneros do discurso (Stevens (1988), Johns e Dudley-Evans (1991), Johns (1993), Tickoo (1994), Dudley-Evans & St. John (1996), Swales (1990), entre outros), tendência que atende mais eficientemente às necessidades do aprendiz que tem que utilizar gêneros específicos de acordo com a situação.

Todas essas tendências trazem um novo status ao ensino de inglês instrumental para negócios, colocando por terra problemas tais como o apontado por Williams (1988), em que havia uma discrepância muito acentuada entre o que se ensina de linguagem na sala de aula e o que realmente ocorre no mundo real e pesquisas na área, como a de Garcez (1993), por exemplo, permite-nos transmitir aos alunos o que realmente ocorre no mundo real, não apenas o conteúdo imaginado pelo autor de livros didáticos.

6. Considerações finais

Este trabalho procurou traçar, de maneira sucinta, a trajetória do ensino de inglês instrumental e a questão terminológica. Nosso objetivo foi, com isso, focar no surgimento da área de ensino de inglês instrumental para negócios que, diferentemente de outras áreas, fez surgir necessidades cada vez mais específicas, ampliando o leque teórico na área de ensino de inglês instrumental.

Apresentamos algumas das principais características dessa área de ensino, principalmente aquelas relacionadas às necessidades do aprendiz, bem como as perspectivas futuras de aumento de estudos nessa área que, embora tenha apresentado um grande aumento de pesquisa, ainda requer estudos em áreas específicas, para que possamos levantar, cada vez mais, questões práticas e de aplicação pedagógica para aplicação em contextos específicos, nesse caso, para o ensino no contexto empresarial.

As questões aqui levantadas apresentam, ainda que de maneira tímida, algumas respostas às perguntas colocadas por Waters no texto em epígrafe na introdução deste trabalho, mostrando a ampliação da área de ensino de inglês instrumental - mais especificamente, neste caso, o inglês para fins gerais de negócios, referido neste artigo como inglês para negócios e o inglês para fins específicos de negócios, aqui utilizado como inglês instrumental para negócios -, correspondendo ao “second coming” sugerido por Waters. As respostas, feliz ou infelizmente, serão obtidas na nossa prática diária e surgirão com a evolução natural tanto de nossa prática pedagógica quanto de pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA NUNES, Z. A. (1998) Entrevistas de emprego: o que há de simétrico e assimétrico nas perguntas dessa relação? Tese de

- doutorado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- AKAR, D., L. LOUHALA-SALMINEN (1999) Towards a new genre: a comparative study of business faxes. In: F. BARGIELA-CHIAPPINI & C. NICKERSON (eds.) *Writing Business: genres, media and discourses*. Essex: Longman.
- BARBARA, L., M. A. A. CELANI, H. COLLINS, M. SCOTT (1996) A survey of communication patterns in the Brazilian business context. *English for Specific Purposes* 15 (1): 57-71.
- BARGIELA-CHIAPPINI, F. & C. NICKERSON (1999) *Writing business: genres, media and discourses*. Essex: Longman.
- BARNARD, R., J. CADY (1992) *Business Venture* 1. Oxford: Oxford University Press.
- BASTOS, L. C. (1996) Power, solidarity and the construction of requestes in service encounters. *The ESPECIALIST* 17 (2): 151-174.
- BATISTA, M. E. (1998) E-mails na troca de informação numa multinacional: o gênero e as escolhas léxico-gramaticais. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- BERBER SARDINHA, A. P. (1994) Lexical frameworks in Annual Business Reports. *DIRECT Papers. Working Paper* 12. CEPRIIL, PUC-SP, AELSU, University of Liverpool.
- BLOOR, M. (1997) The English language and ESP teaching in the 21st century. In: *ESP in Latin America*. F. MEYER, A. BOLIVAR, J. FEBRES, M. B. SERRA (eds.) Universidad de los Andes. CODEPRE.
- BOSWOOD, T. (1994) Communication for Specific Purposes: establishing the communicative event as the focus of attention in ESP. Perspectives. *Working Papers of the Dept. of English*. Volume 6 (1) City Polythecnic of Hong Kong.
- BREMER, K., C. ROBERTS, M-T VASSEUR, M. SIMONOT, P. BOREDER (1998) *Achieving Understanding: Discourse in Intercultural Encounters*. Essex: Longman.
- CELANI, M. A. A.; J. L. HOLMES; R. C. G. M. RAMOS; M. R. SCOTT (1978) *The Brazilian ESP project - an evaluation*. São Paulo, SP: EDUC.
- COLLINS, H.; L. BARBARA; M. A. A. CELANI; M. C. P. SOUZA E SILVA (1997) Ângulos de análise do discurso empresarial. *DIRECT Papers. Working Paper* 37. CEPRIIL, PUC-SP, AELSU, University of Liverpool.
- DUDLEY-EVANS & M. J. ST. JOHN (1996) Report on Business English: a

- review of research and published teaching materials. *TOEIC Research Report* number 2. Princeton, Educational testing Service.
- _____ (1998) *Developments in English for Specific Purposes - A multi-disciplinary approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ELLIS, M. & C. JOHNSON (1994) *Teaching Business English*. Oxford: Oxford University Press.
- EVANS, D. (1998) *Powerhouse - an intermediate Business English course*. Oxford: Longman.
- GAGO, P. C. (1999) Análise de esquemas e alinhamentos na sentença judicial penal. *Intercâmbio*, volume VIII: 353-360. LAEL/PUC-SP.
- GARCEZ, P. (1991) Conflicting conversational styles in a cross-cultural business negotiation. Dissertação de mestrado inédita. Universidade Federal de Santa Catarina.
- _____ (1993) Point-making styles in cross-cultural business communication: a microethnographic study. *English for Specific Purposes* 12: 103-120.
- GUERRA, V. M. L. (1997) Linguagem empresarial: a questão da polifonia e dos intertextos no discurso da CESP. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- GUNNARSON, B-L, P. LINELL & B. NORDBERG (1997) *The construction of professional discourse*. London: Longman.
- HOLMES, J. (1981a) What do we mean by ESP? Projeto Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras. *Working Paper 2*. São Paulo, SP, PUC-SP.
- _____ (1981b) Que queremos dizer com 'inglês instrumental'? In: R. M. SOUSA (org.) *Instrumentalidade no ensino de línguas estrangeiras*. Fortaleza, CE, Prensa Universitária, Universidade Federal do Ceará.
- HOWATT, A. P. R. (1984) *A history of English Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- HUTCHINSON, T., A. WATERS (1987) *English for Specific Purposes - a learning-centred approach*. Cambridge, Cambridge University Press.
- JOHNS, A. (1993) ESP around the world: a perspective from the United States. *Les Cahiers de l'APLUIT*. Volume XIII 2 (51).
- JOHNS & T. DUDLEY-EVANS (1991) English for Specific Purposes: international in scope, specific in purpose.
- JOHNSON, C. (1993) Business English. *Language Teaching* 26: 201-209.
- KENNEDY, C. & R. BOLITHO (1984) *English for Specific Purposes*. Basingstoke, Macmillan.

- LOUHALA-SALMINEN, L. (1996) The business communication classroom vs reality: what should we teach today? *English for Specific Purposes* 15 (1): 37-51.
- MACHADO, M. J. (1995) Linguagem empresarial: um estudo da polifonia e da ideologia no discurso de uma grande corporação. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- MAWER, G. (1998) *Language and Literacy in Workplace Education*. Essex: Longman.
- MOITA LOPES, L. P. (1996) A função da aprendizagem de línguas estrangeiras na escola pública. In: *Oficina de Lingüística Aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- NICKERSON, C. (1999) The use of English in electronic mail in a multinational corporation. In: F. BARGIELA-CHIAPPINI & C. NICKERSON (eds.) *Writing Business: genres, media and discourses*. Essex: Longman.
- PRADO DE SOUZA, S. M. (1998) O trabalho traz uma contribuição importante para a área dos estudos da linguagem no contexto das relações de trabalho numa perspectiva intercultural (Brasil e Inglaterra). Tese de doutorado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- RAMOS, R. C. G. (1997) Projeção de imagens através de escolhas lingüísticas: um estudo no contexto empresarial. Tese de doutorado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- ROBINSON, P. (1980) *ESP - English for Specific Purposes*. Pergamon Press.
- _____ (1991) *ESP today: a practitioner's guide*. Hertfordshire: Prentice Hall International.
- SANTOS, V. B. M. P. (1996) Padrões interpessoais no gênero de cartas de negociação. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- ST-JOHN, M. J. (1996) Business is booming: business English in the 1990s. *English for Specific Purposes*, volume 15 (1): 3-18.
- STREVENS, P. (1988) ESP after twenty years: a re-appraisal. In: *ESP: state of the art*. M. L. TICKOO (ed.) Anthology Series 21. SEAMEO Regional Language Center.
- SWALES, J. (1985) *Episodes in ESP*. Oxford: Pergamon Press.
- _____ (1990) *Genre analysis - English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TAPIA, M. X. C. (1996) Se eu não soubesse eu não ia saber - representação

- de uma identidade comunitária através de um gênero no discurso médico. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- THOMPSON, S. (1994) Laughter and interpersonal management in a business meeting. In: L. Barbara & M. Scott (eds.) *Reflections on second language learning*. Clevedon, Multilingual Matters.
- TICKOO, M. L. (1994) Approaches to ESP: arguing a paradigm shift. In: R. KHOO (ed.) *LSP: Problems and prospects*. Anthology Series 33. SEAMEO Regional Language Center.
- VIAN JR., O. (1997) Conceito de gênero e análise de textos de vídeos institucionais. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- WATERS, A. (1994) ESP - things fall apart? In: R. KHOO (ed.) *LSP: Problems and prospects*. Anthology Series 33. SEAMEO Regional Language Center.
- WILLIAMS, M. (1988) Language taught for meetings and language used in meetings: is there anything in common? *Applied Linguistics* 9: 45-58.

INSTRUCTIONS FOR PRESENTATION OF THE CONTRIBUTIONS

Papers submitted to D.E.L.T.A. should be sent: in floppy disk, typed in WORD for Windows with no format other than paragraphs, and three paper copies. The label on the floppy disk must specify the author's name, title of the paper, author's affiliation and version of word-processing programme used. To guarantee anonymity when sent to referees, in two of the printed copies, the name, affiliation and other references that may identify the author must be omitted. The floppy disk will not be returned to the author. Therefore, please keep back-up copy for the modifications that may be suggested by referees.

Foot-notes: located at the bottom of the page, numbered from 1. Should there be a foot note in the title it is to be introduced by an asterisc (*) and must not be numbered. Foot notes should not be used for bibliographical references. References should be made within the text, in brackets, using the surname of the author, date of publication followed by a colon and the page number; when it is not a quotation put cf. before the name of the author (ex.: Chomsky (1965:152) or (Chomsky;1965:152) and (cf.: Chomsky;1965:152) or (cf.: Chomsky :1965:152)).

Tables, charts, figures, trees must also be sent separately in camera ready format - laser/ink jet or indian ink. The title of tables, charts, figures, are numbered and capital letters are used for initials.

Abstract/Resumo: In Italics, introduced by the word ABSTRACT or RESUMO in two versions, one in Portuguese and one in English of around 100 words each. It is advisable to have them read by native speakers. They are each to be followed by 4 key words/ 4 palavras-chave, preceded respectively by the word Key Words/Palavras-Chave.

References: type the word REFERENCES 3 lines before the first entry. The entries, in alphabetical order and single spaced. Use upper case for surnames. Initials of the first author follow the surname; initials of other authors in an entry precede the surname. Titles of books or journals are in italics and the number of journals in bold. In the second entry of a given author his/her name is replaced by a 5 space dash. The date comes in brackets after the author's name; other relevant date come at the end of the entry; more than one work in the same year are distinguished by the letters a, b, etc., within the brackets. E.g.:

SERRANI-INFANTE, S. (1997) *Formações Discursivas e Processos Identificatórios na Aquisição de Línguas*. D.E.L.T.A., 13.1 : 63-81.

KRESS, G. (1997) *Before Writing : Rethinking the Paths to Literacy*. London: Routledge.

Appendices: should there be any, after the references, preceded by the Word Appendix, in upper case. If long stretches of text from published works are to be annexed, please provide camera ready copy as well as complete bibliographical reference and permission from the publishers for reproduction.

D.E.L.T.A. keeps the copyright of the papers submitted unless it officially withdraws this right on request. Papers submitted are not to be withdrawn after the process of refereeing starts.

Size: ARTICLE: maximum length: 10.000 words; OVERVIEW, DEBATE: maximum length: 12.000 words; SQUIBS: maximum length: 6.000 words; REVIEW: maximum length: 3.600 words.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

Os trabalhos submetidos à D.E.L.T.A. devem ser enviados:

·em três vias impressas, com páginas numeradas, duas delas sem nenhuma informação que identifique a autoria. Em folha à parte, devem vir um título em português e um em inglês, além do endereço completo, com telefone, fax e e-mail do autor, bem como informação da área em que se insere o trabalho. Os nomes dos autores, com o sobrenome principal em maiúsculas, devem ser seguidos da filiação por extenso;

·em disquete, digitados em programa Word-for-Windows recente, sem formatação além de parágrafo; deve ser colada, no disquete, uma etiqueta contendo o nome do/a autor/a, o título do trabalho e o programa utilizado. O disquete não será devolvido a/o autor/a, que deve manter seu arquivo para as eventuais modificações sugeridas pelos pareceristas.

Notas: devem ser digitadas em pé de página, numeradas a partir de 1. Se houver nota no título, esta recebe asterisco e não numeração. As notas não devem ser utilizadas para referência bibliográfica. Estas devem ser feitas no corpo do trabalho, entre parênteses, usando o sobrenome do autor, data de publicação e página, no caso de citação, precedido de cf. no caso de paráfrase (ex.: Chomsky (1995:152) ou (Chomsky;1995:152) e (cf.: Chomsky;1995:152) ou (cf.: Chomsky :1995:152).

Ênfase: usar itálico, não sublinhar.

Tabelas, gráficos, desenhos, quadros e árvores devem ser encaminhados, também separadamente, em versão impressa, pronta para ser fotografada, em laser/ink jet ou tinta nanquim. Devem ser numerados e ter título. Apenas as iniciais do título devem estar em maiúsculas.

Abstract/Resumo: datilografados em itálico, precedidos da palavra ABSTRACT ou RESUMO, em duas versões de cerca de 100 palavras, uma em inglês e umã em português. Recomenda-se que sejam revistos por falantes nativos dos respectivos idiomas. Os ABSTRACTS e RESUMOS devem ser seguidos de quatro palavras-chave/key words, naquela língua, precedidos do termo Key Words ou Palavras-Chave. Referências bibliográficas: datilografar a expressão REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Os autores devem estar em ordem alfabética, sem numeração das entradas e sem espaço entre as referências. O principal sobrenome de cada autor, digitado em maiúsculas, seguido de vírgula e das demais iniciais (do nome e sobrenomes). As iniciais de outros autores precedem o sobrenome. Título de livro ou revista deve vir em itálico e o número de revista em negrito. Na segunda entrada de um mesmo autor, seu nome é substituído por um traço de 5 toques. Data identificadora da obra, entre parênteses, após o nome do autor (outras datas relevantes, no final da entrada). Mais de uma obra no mesmo ano, distinguidas pelas letras a, b, etc. após a data. Ex.:

SERRANI-INFANTE, S. (1997) Formações Discursivas e Processos Identificatórios na Aquisição de Línguas. D.E.L.T.A., 13.1 : 63-81.

KRESS, G. (1997) Before Writing : Rethinking the Paths to Literacy. London: Routledge. Anexos: caso existam, devem ser colocados depois das referências bibliográficas, precedidos da palavra Anexo. Para anexos que constituam textos originais já publicados, enviar em formato final para ser fotografado e incluir referência bibliográfica completa, bem como permissão de editores para reprodução.

A D.E.L.T.A. detém o "copyright" dos trabalhos a ela submetidos, exceto nos casos em que está impresso o contrário. Os trabalhos submetidos à D.E.L.T.A não devem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.

Tamanho: ARTIGO: até 10.000 palavras; se tiver gráficos e/ou anexos, o conjunto não deve ultrapassar 27 páginas. RETROSPECTIVA, DEBATE: até 12.000 palavras. QUESTÕES E PROBLEMAS: até 6.000 palavras. RESENHA: até 3.600 palavras.

Impressão e Acabamento

Jetgraphic

Fone: (11) 575-7602

475

**DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS
EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA**

D.E.L.T.A., Vol. 15, Nº ESPECIAL, 1999

Revista publicada com o apoio oficial da ABRALIN - Associação Brasileira de Lingüística

Tesouraria / Treasurer

Sumiko Nishitani Ikeda - *PUC-SP*

Correspondência / Mailing address

Revista D.E.L.T.A.

Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Rua Monte Alegre, 984 - CEP 05014-001 - São Paulo, SP, Brasil

Fone: (55) (0XX11) 3864-4409 Fax: (55) (0XX11) 3862-5840

www.scielo.br/delta

E-mail: delta@exatas.pucsp.br

D.E.L.T.A.
REVISTA DE DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA
TEÓRICA E APLICADA

SUMÁRIO /CONTENTS

APRESENTAÇÃO/PRESENTATION

- Heitor MEGALE e César NARDELLI Cambraia - Filologia Portuguesa no Brasil/Portuguese Philology in Brazil
- Eleonora Cavalcante ALBANO - O Português Brasileiro e as controvérsias da Fonética Atual: pelo Aperfeiçoamento da Fonologia Articulatória/Implications of Brazilian Portuguese Data for Current Controversies in Phonetics: Towards Sharpening Articulatory Phonology
- Margarida Maria de Paula BASILIO - A Morfologia no Brasil: Indicadores e Questões/Morphological Studies in Brazil: Data and Issues
- Maria Helena de Moura NEVES - Estudos Funcionalistas no Brasil/Functionalist Studies in Brazil
- Mary A. KATO & Jânia RAMOS - Trinta anos de Sintaxe Gerativa no Brasil/Thirty Years of Generative Grammar in Brazil
- Rosa Virgínia Mattos e SILVA - Orientações Atuais da Lingüística Histórica Brasileira/Recent Trends in Brazilian Historical Linguistics
- Ingedore G. Villaça KOCH - O Desenvolvimento da Lingüística Textual no Brasil/The Development of Text Linguistics in Brazil
- Diana Luz Pessoa de BARROS - Estudos do Texto e do Discurso no Brasil/Text and Discourse Studies in Brazil
- Maria da Conceição de PAIVA & Maria Marta Pereira SCHERRE - Retrospectiva Sociolingüística: Contribuições do PEUL/Sociolinguistic Overview: PEUL's Contribution
- Suzana Alice Marcelino CARDOSO - A Dialectologia no Brasil: Perspectivas/Brazilian Dialectology: Perspectives
- Lucy SEKI - A Lingüística Indígena no Brasil/Linguistics of Indigenous Languages in Brazil
- Roberta PIRES DE OLIVEIRA - Uma História de Delimitações Teóricas: Trinta anos de Semântica no Brasil/Theoretical Outlines: A History of Thirty Years of Semantics in Brazil
- Kanavillil RAJAGOPALAN - Os Caminhos da Pragmática no Brasil/Pragmatic Studies in Brazil
- Leticia Maria Sicuro CORREA - Aquisição da Linguagem: Uma Retrospectiva dos Últimos Trinta anos/Language Acquisition: A Survey of the Research of the Last Thirty Years
- Marilda C. CAVALCANTI - Estudos sobre Educação Bilingüe e Escolarização em Contextos de Minorias Lingüísticas no Brasil/Studies on Bilingual Education and Schooling in Brazilian Contexts of Linguistic Minorities
- Luis Paulo da Moita LOPES - Fotografias da Lingüística Aplicada no Campo de Línguas Estrangeiras no Brasil/Photographs of Applied Linguistics in the Field of Foreign Language in Brazil
- Orlando VIAN Jr. - Inglês Instrumental, Inglês para Negócios e Inglês Instrumental para Negócios/English for Specific Purposes, English for General Business Purposes and English for Specific Business Purposes

revista de

Documentação de
Estudos em
Linguística
Teórica e
Aplicada

Vol.15 - n° 1 - 1999

educ

**DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS
EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA**

D.E.L.T.A., Vol. 15, Nº 1, 1999

Revista publicada com o apoio oficial da ABRALIN - Associação Brasileira de
Linguística

Editores / Editors

Leila Barbara - *PUC-SP*

Kanavillil Rajagopalan - *UNICAMP*

Editores Executivos / Executive Editors

Antônio Paulo Beber Sardinha - *PUC-SP*

Laís Furquim de Azevedo - *PUC-SP*

Maria Aparecida Caltabiano-Magalhães - *PUC-SP*

Mary Aizawa Kato - *UNICAMP*

Roxane R. H. Rojo - *PUC-SP*

Sandra Madureira - *PUC-SP*

Sumiko Nishitani Ikeda - *PUC-SP*

Assistentes Editoriais / Editorial Assistants

Rodrigo Esteves de Lima-Lopes - *PUC-SP*

Flamínia M. M. Lodovici - *PUC-SP*

Grácia Anacleto - *PUC-SP*

Karlene Rocha Campos - *PUC-SP*

Conselho Editorial / Editorial Board

Ângela B. Kleiman - *UNICAMP*

Anthony J. Naro - *UFRJ*

Brigitte Schlieben-Lange - *U. de Tübingen*

Charlotte Galves - *UNICAMP*

Daniel Everett - *U. de Pittsburg*

Daniel Fáita - *U. de Provence*

Dennis Albert Moore - *UFPA*

Derek Bickerton - *U. do Havai*

Eduardo Raposo - *U. da Califórnia, Srª Bárbara*

Eleonora Albano - *UNICAMP*

Esmeralda V. Negrão - *USP*

Giampaolo Salvi - *U. de Budapeste*

Gillian Sankoff - *U. da Pensilvânia*

Helena Nagamine Brandão - *USP*

Heloisa Collins - *PUC-SP*

Henry Widdowson - *U. de Londres*

Ian Roberts - *U. de Wales*

Ilza Ribeiro - *U. Feira de Santana*

Ingedore G. V. Koch - *UNICAMP*

Jairo Nunes - *UNICAMP*

João A. de Moraes - *UFRJ*

João Andrade Perez - *U. de Lisboa*

José Luiz Fiorin - *USP*

Jürgen M. Meisel - *U. de Hamburgo*

Leda Bisol - *UFRS*

Leonor Scliar-Cabral - *UFSC* - Pres. da

ABRALIN - *U. de Nijmegen*

Letícia M. Sicuro Corrêa - *PUC-RJ*

Luiz A. Marcuschi - *UFPe*

Malcom Coulthard - *U. de Birmingham*

Marco Antonio de Oliveira - *UFMG*

Margarida Basílio - *UFRJ*

M. Antonieta A. Celani - *PUC-SP*

M. Cecília Pérez de Souza e Silva - *PUC-SP*

M. da Graça Pinto - *U. do Porto*

M. Denilda Moura - *UFAL*

M. do Carmo Leite de Oliveira - *PUC-RJ*

M. Fausta Pereira de Castro - *UNICAMP*

M. Helena Moura Neves - *UNESP,*

Araraquara

M. Luíza Braga - *UNICAMP*

M. Rachel D. Martins - *U. de Lisboa*

Mercedes S. Risso - *UNESP, Assis*

Michael R. Scott - *U. de Liverpool*

Nadja R. Moreira - *UFCE*

Paola Bentivoglio - *U. de Caracas*

Pedro M. Garcez - *UFSC*

Rodolfo Ilari - *UNICAMP*

Rosa V. Mattos e Silva - *UFBA*

Roxane H. R. Rojo - *PUC-SP*

Shana Poplack - *U. de Ottawa*

Thomas Huckin - *U. de Utah*

Yonne de F. Leite - *UFRJ*

W. Leo Wetzels - *U. Livre de Amsterdam*

Ana M. Martins - *U. de Lisboa*

© Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada

Chamada

Número especial ano 2000

A revista DELTA lançará um número especial dedicado às perspectivas para as áreas e sub-áreas da linguística teórica e linguística aplicada para o início do milênio.

O corpo editorial estará interessado especificamente em trabalhos voltados aos rumos prováveis de cada área com base em tendências discerníveis nas pesquisas em curso. Não há restrições quanto à orientação teórica ou enfoque da pesquisa, sendo especialmente bem-vindos trabalhos que levem em conta a questão da transdisciplinaridade.

São aceitas contribuições escritas em português, inglês, espanhol, francês e italiano.

O prazo final para submissão é 31 de julho de 1999.

Call for Papers

DELTA is planning to launch a special issue devoted to possible developments and prospects in the different areas and subareas in both theoretical linguistics and applied linguistics in the years ahead.

The editorial board would be particularly interested in contributions dealing with likely tendencies in each of the areas with special attention to work already in progress. There are no restrictions with respect to theoretical orientation or research emphasis, and we welcome papers geared towards transdisciplinary topics.

We welcome contributions in Portuguese, English, Spanish, French, and Italian.

The deadline for the submission of manuscripts is 31 July 1999.

BEST COPY AVAILABLE

ASSINATURAS/ SUBSCRIPTIONS

To/Para:

D.E.L.T.A.
Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e
Aplicada.
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da
Linguagem (LAEL)
Rua Monte Alegre, 984. CEP 05014-001.
São Paulo, SP, Brasil.

From/De:

NOME/NAME: _____

ENDEREÇO/ADDRESS: _____

CEP/ZIP CODE: _____

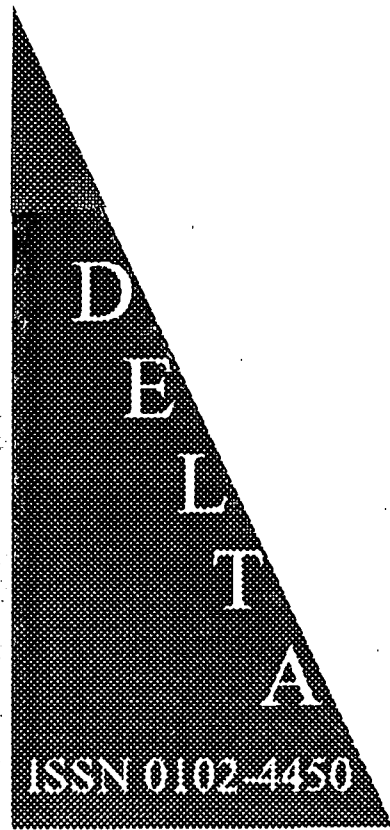
COUNTRY: _____

Pagamento/Payment

- por cheque em reais
- por depósito em banco na conta corrente do BANESPA. # 03.066006/7 Banco # 033, Agência # 0220
- by international money order to Account # 03.066006-7 Bank BANESPA # 033. Bank Agency # 0220.

Pedido/Order

- 1) Assinatura anual / Annual Subscription
Ano / year: _____
- 2) Vol. 12 n.º especial (volume que inclui todos os resumos dos trabalhos publicados de 1985 a 1994). (A special issue including all the *abstracts* of the works published by D.E.L.T.A. from 1985 to 1994).
- Vol. 13 n.º especial (Chomsky no Brasil/Chomsky in Brazil)
- Enviar os seguintes números / Please send me the following back issues



BEST COPY AVAILABLE

482

Programa de Apoio a Publicações Científicas

MCT

 CNPq

 FINEP

483

revista de

Documentação de
Estudos em
Linguística
Teórica e
Aplicada

BEST COPY AVAILABLE

vol. 15 - nº1 - 1999

484

POLÍTICA EDITORIAL

A Revista D.E.L.T.A. publica estudos de caráter teórico ou aplicado, oriundos de qualquer área referente ao fenômeno lingüístico, desde que se trate de contribuições inéditas.

Será dada preferência a trabalhos que contenham pesquisa original, que poderão vir em forma de ARTIGOS, DEBATES e QUESTÕES E PROBLEMAS. A Revista publica, ainda, RETROSPECTIVAS (síntese crítica acerca do estado da ciência), NOTAS BIBLIOGRÁFICAS e RESENHAS.

Colaboradores de todos os países estão convidados a submeter seus trabalhos, os quais serão avaliados, anonimamente, por dois membros do Conselho Editorial assessorados, quando necessário, por pareceristas *ad hoc*. Em caso de empate, um terceiro parecerista é convidado.

Tais trabalhos devem ser escritos em português, inglês, francês, espanhol ou italiano.

Artigos, Retrospectivas, Debates são precedidos de abstract em Inglês e resumo em Português com aproximadamente 150 palavras cada. Para programas a serem usados e normas gerais de digitação, ver final do volume.

Os originais apresentados não devem ter sido publicados ou submetidos simultaneamente a outra revista.

Ficam concedidos à revista todos os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados.

ASSINATURAS

A Revista D.E.L.T.A. é uma publicação semestral (fev. e ag.), podendo haver a possibilidade de um número especial incluso na anuidade. Preço anual da assinatura no Brasil: Indivíduos: R\$30,00 (número avulso: US\$17,00). Instituições: R\$70,00 (número avulso: US\$27,00).

Aceita-se permuta.

EDITORIAL POLICY

D.E.L.T.A. is adressed to all areas of study concerning language and speech, whether theoretical or applied; however, only unpublished contributions will be considered.

Preference will be given to original research work, presented under the categories of ARTICLES, DEBATES or SQUIBS. The journal also carries OVERVIEWS (critical overview of the state of the art), as well as BIBLIOGRAPHICAL NOTES and REVIEWS.

Researchers from all countries in the world are invited to submit their papers which will be sent to two anonymous referees from the Editorial Board. In the event of a tie, a third will be called. If necessary, an *ad hoc* referee can be invited.

The articles should be written in Portuguese, English, French, Spanish or Italian.

Articles, Overviews, Debates are preceded by an abstract not exceeding 150 words, in English and Portuguese. As for word processing software to be used and general typing instructions see last page of this issue.

It is a condition of publication that manuscripts submitted to this journal have not been published and have not been simultaneously submitted elsewhere.

The acceptance of papers by the journal entails the transference of the copyright to the publishers.

SUBSCRIPTIONS

D.E.L.T.A. is a bi-annual publication (Febr. and Aug.) with an optional special issue. Annual price-abroad: Individuals: US\$30,00 (single issue: US\$17,00). Institutions: US\$70,00 (single issue: US\$27,00).

Exchange of publications welcome.

D.E.L.T.A.
REVISTA DE DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA
TEÓRICA E APLICADA

SUMÁRIO/CONTENTS

ARTIGOS/ARTICLES

- Marcus MAIA, Bruna FRANCHETTO, Yonne de Freitas LEITE, Marília Facó SOARES & Marcia Damaso VIEIRA - A Estrutura da Oração em Línguas Indígenas Brasileiras/ The Structure of the Clause in Brazilian Indigenous Languages 01
- Jairo NUNES - Some Notes on Procrastinate and Other Economy Matters/ Considerações sobre Procrastinar e Outras Questões de Economia 27
- Lorenzo VITRAL - A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística/Negation: Checking Theory and Linguistic Change 57
- Angélica FURTADO DA CUNHA, Mariangela Rios de OLIVEIRA & Sebastião VOTRE - A Interação Sincronia/Diacronia no Estudo da Sintaxe/ The Interaction Synchrony/Diachrony in the Study of Syntax 85
- Lucia LOBATO - Sobre a Forma do Particípio do Português e o Estatuto dos Traços Formais/On the Form of Portuguese Past Participle and the Status of Formal Features 113
- Antonio P. BERBER SARDINHA - Word Sets, Keywords, and Text Contents: An Investigation of Text Topic on the Computer/Iniciando a Lingüística do Corpus do Português: Explorando um Corpus para Ensinar Português como Língua Estrangeira 141

DEBATE/DEBATE

- Clarinda Rodrigues LUCAS - A Metalinguagem como Lugar da Interpretação: Terminologia e Bases de Dados Informatizadas/ Metalanguage as a Space of Interpretation: Terminology and Atomatised Databases 151
- Pedro Paulo Abreu FUNARI - Lingüística e Arqueologia/ Linguistics and Archaeology 161

RETROSPECTIVA/OVERVIEW

- José Luiz FIORIN - Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva /Towards a Semiotics Theory 177

RESENHAS/REVIEWS

- BIBER, Douglas, Susan Conrad, & Randi Reppen. *Corpus linguistics - Investigating language structure and use* por A. P. BERBER SARDINHA 209
- GUY, G., C FEAGIN, , D. SCHIFFRIN, & J. BAUGH (eds.) (1997) *Towards a social science of language. V.2: Social interaction and discourse structures* por Maria da Conceição de PAIVA 217

- NOTAS SOBRE LIVROS/BOOKNOTES** 225

- NOTAS** 231

D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada.
Vol. 1, 1/2 (fev/ago 1985)
São Paulo: EDUC, 1985
Semestral, no. Especial desde 1992
Revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC SP e
da Associação Brasileira de de Linguística/ABRALIN
Resumo em Português e Inglês em todos os artigos

1. Linguística Teórica - periódicos. 2. Linguística Aplicada - periódicos. I. Título:
Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. II. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo III. Associação Brasileira de Linguística

ISSN 0102-445

CDD 405

Os textos publicados na revista são indexados no LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, no MLA (Modern Language Association) Directory of Periodicals e International Bibliography, no Sociological Abstracts e no ULRICH's International Periodicals Directory

The Journal and its contents are indexed in LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, MLA (Modern Language Association) Directory of Periodicals as well as International Bibliography, Sociological Abstracts and ULRICH's International Periodicals Directory

A ESTRUTURA DA ORAÇÃO EM LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS*
(The Structure of the Clause in Brazilian Indigenous Languages)

Marcus MAIA, Bruna FRANCHETTO, Yonne de Freitas LEITE,
Marília Facó SOARES & Marcia Damaso VIEIRA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

ABSTRACT: This paper compares a set of interrelated phenomena concerning the syntax/morphology interface in four Brazilian indigenous languages: Kuikúro, Guarani, Karajá and Tikuna. The role of functional categories and the general structure of the clause are investigated in the languages. Problems for the SOV linearization are discussed and alternative analyses are proposed.

RESUMO: Compara-se neste artigo um conjunto de fatos relacionados à interface sintaxe/morfologia em quatro línguas indígenas brasileiras, a saber, Kuikuro, Guarani, Karaja e Tikuna. Investiga-se o papel das categorias funcionais na derivação da estrutura básica da oração nessas línguas. Discutem-se os problemas que se colocam para a linearização da ordem SOV, propondo-se análises alternativas.

KEY WORDS: Minimalism; Word Order; Functional Categories; Subject; Indigenous Languages.

PALAVRAS-CHAVE: Minimalismo; Ordem de Constituintes; Categorias Funcionais; Concordância; Sujeito; Línguas Indígenas.

0. Introdução

Neste artigo discutimos exploratoriamente a arquitetura da oração nas línguas indígenas brasileiras Karajá, do tronco Macro-Jê, Mbyá Guarani,

*Este trabalho foi apresentado inicialmente no III Encontro de Gramática Gerativa, na Faculdade de Letras da UFRJ em agosto de 1995. Uma segunda versão foi apresentada no Simpósio Teoria da Gramática/Línguas Indígenas Brasileiras no XI Encontro Nacional da ANPOLL em junho de 1996. O primeiro autor é o principal autor da publicação, sendo os demais autores listados em ordem alfabética pelo último sobrenome. Todos desenvolvem projetos individuais sobre as línguas em comparação. Bruna Franchetto estuda o Kuikúro, Yonne Leite e Marcia Damaso Vieira pesquisam línguas da família Tupi-Guarani, Marcus Maia estuda a língua Karajá e Marília Facó Soares estuda a língua Tikuna.

da família Tupi-Guarani, Kuikúro, da família Karib, e Tikuna, isolada. Avaliamos ainda as línguas indígenas em questão face às duas possibilidades consideradas em Chomsky (1993) para analisar a combinação entre o verbo e seus afixos: a teoria da incorporação e a teoria de checagem. De acordo com a primeira, os afixos são adquiridos na sintaxe visível por verbos não flexionados através de movimento X^0 de V para o núcleo da categoria funcional relevante. A teoria de checagem, por outro lado, prediz que os verbos são inseridos na sintaxe completamente flexionados, checando seus morfemas contra os traços correspondentes das categorias funcionais para as quais se movem.

Conforme observamos em Maia et al. (1998), os dados das línguas indígenas examinadas propõem um problema para o modelo teórico de Chomsky (1993): como é possível ao sujeito gerado na posição de especificador do SV alçar-se acima do especificador de AgroP, sem que o verbo se eleve do núcleo de TP para criar a equidistância que evitaria a violação do Princípio do Movimento Mais Curto?

As soluções possíveis para essa questão seriam as seguintes: a) o sujeito não é gerado internamente ao SV; b) o sujeito é gerado internamente ao SV, mas sua posição de base está acima da posição derivada do objeto; c) modificação do conceito de domínio mínimo. Assumir a opção em (a) implica recusar a Hipótese do Sujeito Interno ao SV (Kitagawa, 1986; Kuroda, 1988; Sportiche, 1988), amplamente aceita e assumida inclusive em Chomsky (1993), quadro teórico utilizado neste artigo. Além disso, seria necessário explicar como se faria a atribuição temática fora do extrato lexical (SV), isto é, em IP, que é tipicamente a camada frasal onde se licenciam as propriedades morfo-sintáticas. Não parece haver evidências, nas línguas examinadas, que justifiquem propor o licenciamento temático no âmbito de alguma categoria funcional do sistema IP. A possibilidade, no entanto, de recuperar a relação temática entre os SN's e o predicado através do sistema proposto em Baker (1995) é considerada para o Tikuna em 1.1. A alternativa em (b) apresenta diferentes versões. Uma das primeiras versões da própria hipótese do sujeito interno ao SV (Koopman & Sportiche, 1985), propunha que o argumento externo não fosse gerado no especificador de SV e, sim, adjungido ao SV. Koizumi (1993) propõe a hipótese do SV cindido, em que o conteúdo de V é dividido em duas projeções: um V_e , responsável pelo argumento externo e um V_i , responsável pelo argumento interno. Entre as duas estaria a projeção

AgroP. Note-se que tais possibilidades não parecem ser justificadas pela análise adotada para os dados aqui examinados. A análise adotada para os auxiliares em Karajá e Mbyá Guarani, em Maia et alii (1998a), por exemplo, prevê que os auxiliares subcategorizem um complemento SV, de acordo com análise corrente na literatura gerativa (cf. Dobrovie-Sorin, 1993). Se adotada, a análise de Koizumi, inviabilizaria a linearização da ordem SOVAux, tanto em Karajá quanto em Mbyá Guarani.

A proposta de Bobaljik (1994), que caracteriza a opção (c) acima, parece ser, então, a mais apropriada, diante dos dados das línguas aqui examinadas. Considerando a existência em Irlandês da operação chamada "Object Shift", sem o pré-requisito da elevação do verbo na sintaxe visível (generalização de Holmberg), Bobaljik argumenta ser possível existirem outros exemplos, além do Irlandês, que demonstrem que a vinculação rígida do movimento do verbo ao licenciamento do movimento visível de SN seja demasiadamente forte empiricamente. Aparentemente, os dados das línguas indígenas aqui considerados oferecem evidência adicional em favor da proposta de Bobaljik de reconceituar as noções de domínio mínimo e de equidistância, caracterizadas em Chomsky (1993) a partir de uma operação de adjunção de V ao núcleo funcional acima, em termos de uma noção mais básica na gramática, a noção de adjacência. A adoção da proposta de Bobaljik (1994)¹ permite que se conceba a saída do SN sujeito do interior do SV, sem que se tenha como pré-condição a subida do V para o núcleo de TP, licenciando a saída do sujeito, mas desfazendo a linearização SOV.

Consideraremos inicialmente fatos da língua Tikuna.:

¹Bobaljik (1994) propõe substituir a definição de domínio mínimo adotada em Chomsky (1993) e em Bures (1993), abaixo delimitada em (a), pela definição em (b):

(a) Let [Spec,XP] be the closest position of the relevant type for an element a .

Either (i) or (ii) may apply:

(i) a may move to Spec, XP

(ii) a may move to Spec, YP, where X has adjoined to Y

(b) Let [Spec,XP] be the closest position of the relevant type for an element a .

Either (i) or (ii) may apply:

(i) a may move to Spec,XP

(ii) a may move to Spec, YP, where XP is the complement of Y.

1. Tikuna

1.1. A posição de origem do sujeito em Tikuna

Em Tikuna, que é uma língua em que são freqüentes as ordens SOV, SVO e OVS, há situações em que somente a ordem é suficiente para a explicitação de funções sintáticas. Tais situações ocorrem sob a ordem SOV. Nessa ordem, o que se poderia considerar como sujeito aparece, muitas vezes, seguido da partícula **rü**, como se vê nos exemplos em (1). Essa partícula também aparece, facultativamente, em orações intransitivas após o agente como em (2). Nas orações transitivas essa mesma partícula pode não aparecer após o agente, como acontece em (3), tudo indicando que ela não é identificadora de um sujeito. Em Soares (1992a) nós a consideramos como marca de tópico:

- (1) a. Maria **rü** Elisa-si i-dau
 Maria tóp. Elisa-piolho 3p.f.- procurar
 (Maria, piolho da Elisa catou)
 'Maria catou piolho da Elisa'
- b. airu **rü** ãtape na-bü'ü
 cachorro tóp. cobra 3p-morder
 (O cachorro, cobra mordeu)
 'O cachorro mordeu a cobra'
- c. Elisa **rü** Luiza'-ü, iya-wü-para
 Elisa tóp Luiza-dativo 3p.f- riscar-perna
 (Elisa, à Luiza coça a perna)
 'Elisa está coçando a perna da Luiza'
- (2) Reinaldo **rü** ni-fene i ngewa
 top. 3p-caçar x hoje
 (Reinaldo, foi caçar, hoje)
 'Reinaldo foi caçar hoje'
- (3) a. Maria pacara i-'ü ga ine
 cesto 3p.f.-fazer x ontem
 'Maria fez cesto ontem'

- b. Gracila airu i-yau
cachorro 3p.f-pegar
'Gracila pegou o cachorro'
- c. Reinaldo airu ni-ma'
cachorro 3p-matar
'Reinaldo matou o cachorro'

A favor da existência de um tópico sentencial em Tikuna marcado através de uma partícula, tem-se o fato de que há itens que ocupam a posição inicial da sentença sem que se possa demonstrar que são, necessariamente, um argumento do verbo - tal como se vê em (4). Algumas observações referentes aos sintagmas que ocupam a posição de tópico são necessárias. Em Tikuna, não há uma situação única, na qual um argumento qualquer simplesmente ocupa a posição de tópico - uma posição não argumental. Deve-se considerar o tipo de argumento que está nessa posição e a necessidade, ou não, de cópia desse argumento no interior da sentença. A esse respeito, podem ser constatadas as seguintes situações: a) sintagmas que não são argumentos do verbo ocupam a posição de tópico (situação comum); não há cópia do sintagma no interior da sentença:

- (4) a. wea rü napa wa i-pe i Luiza
velha tóp. rede locativo 3p.fem.-dormir x
([Na] velha, na rede dormiu, a Luiza)
'Luiza dormiu na rede velha'

- b. ãpa rü na-nore ga nai nhumã rü
antes tóp. 3p-pouco x árvore agora tóp

na-muu)tchi i nai
3p-muito x árvore
(Antes, tinha pouco, árvore; agora, tem bastante, árvore)
'Antes tinha pouca árvore, agora tem bastante'

- c. mo'ü, rü ta-powae-gü
amanhã tóp. 1p.pl- pescar-pl
(Amanhã, vamos pescar)
'Amanhã vamos pescar'

b) o agente está na posição de tópico (situação comum); aqui também não é necessário haver cópia no interior da sentença:

(5) a. airu rü ãtape na-büü
cachorro tópico cobra 3p-morder
Cachorro, cobra mordeu)
'O cachorro mordeu a cobra'

b. yatü rü powae wa na-u)
homem tóp. pesca locativo 3p-ir
O homem, na pesca foi)
'O homem foi pescar'

c) a posição de tópico é ocupada por um argumento que não é o agente e não há cópia desse argumento no interior da sentença nem marca de caso no interior do tópico; aqui, as sentenças são agramaticais ou de gramaticalidade duvidosa, como em (6):

(6) a. *Dapü rü ya yatü
Terra Vermelha tóp x homem

ya powae-cü na-'u
x pescar- nom. 3p-ir
(Terra Vermelha, o homem que pesca foi)
'O homem que pesca foi na Terra Vermelha'

b.* ãtape rü i-moü, i Luiza
cobra tóp.3p-temer x Luiza
(Cobra, tem medo a Luiza)
'Luiza tem medo de cobra'

c. ? ãtape rü Luiza i-moü
cobra tóp. 3p-temer
(Cobra, Luiza tem medo)
'Luiza tem medo de cobra'

d) na posição de tópico está um argumento que não é o agente e há cópia desse argumento dentro da sentença; nesse caso, as sentenças são consideradas gramaticais, como em (7):

(7) a. Dapü rü ya yatü ya powae-cü
 Terra Vermelha tóp x homem x pescar-nom.

ngema na-'u)
 lá 3p-ir)

(Terra Vermelha, o homem, o que pesca, lá ele foi)
 'O homem que pesca foi na Terra Vermelha'

b- ya nasi rü na-ca' tcha-dau
 x piolho tóp. 3p-por 1p-procurar
 (Piolho, eu cato = Piolho, por ele procuro)
 'Eu cato piolho'

A partir dessas situações, constatamos que: a) quando é o agente que ocupa a posição de tópico, a posição que pode ficar vazia, sem cópia, é a posição de sujeito; b) aparentemente, o vazio estrutural livremente permitido é o da posição de sujeito; quanto às outras posições, pode haver restrições e são essas restrições que impedem que um argumento ocupe simplesmente a posição de tópico.

Uma observação importante a ser feita é aquela referente à situação em (b). Quando o agente ocupa a posição de tópico, a posição que fica vazia, isto é, sem cópia, é aquela do sujeito. Com isso poder-se-ia concluir que em Tikuna o tópico é gerado em dois lugares: há o tópico seguido de uma partícula *rü* e há o tópico comum da sentença, que seria o sujeito.

Conferindo a essa conclusão o status de hipótese, diremos que, se a posição de sujeito admite um vazio estrutural, é possível pensar em um sujeito que não seja gerado internamente ao SV. Nesse caso, para que se possa pensar em uma recuperação da relação do sujeito com o verbo, poder-se-ia considerar - como Baker (1995:189-190) - que os papéis temáticos do núcleo devem ser expressos morfologicamente na palavra. No caso Tikuna, o morfema que indica o agente deveria estar presente no interior da palavra verbo para licenciar um pronome nulo interno ao SV (posição de especificador), o que, por sua vez, satisfaria o critério theta. Além disso, como o morfema que indica o agente no verbo pode ser considerado como um morfema de concordância que absorve as propriedades de Caso do núcleo (de acordo com Baker, 1995), ter-se-ia uma motivação para que o sintagma nominal aberto interpretado como sujeito

esteja em posição tematicamente não licenciada - a posição de tópico ou a posição que seria a de especificador de IP.

No caso de não se desejar pensar em uma recuperação da relação do sujeito com o verbo nos termos de Baker (1995) - que segue com princípios deixados de lado no âmbito do Programa Minimalista (como o Princípio de Projeção e o critério theta) - , fica o problema, para o Tikuna, da conciliação do Princípio da Projeção Estendida (PPE - que exige que todo predicado deva ter um sujeito) com a posição de geração do sujeito: as posições possíveis para gerar esse último (tópico ou especificador de IP) esbarram na impossibilidade de satisfação do PPE sem movimento do verbo.

Num caso ou no outro, vale ressaltar que a hipótese de ser o sujeito em Tikuna gerado fora do SV encontra uma evidência indireta a partir do que seriam, à primeira vista, quantificadores flutuantes nessa língua. Quantificadores têm aí uma característica que os diferencia de outras línguas: em Tikuna, os quantificadores são nomes que se relacionam a outros nomes através das partículas que marcam adjunção. Assim:

(8) a. tamaepü ya yatü-gü 'três homens'
três x homem-pl

b. * tamaepü yatü-gü 'três homens'
três homem-pl

c. gu'üma i to-gü i mayu-gü rü
todos x outro-pl x índio-pl top

nu'ü na-ngema i norü nacuma-gü
3p-"dat" 3p-existir x dele costume-pl

(Todos os outros índios, para eles, ela existe, a cultura deles)

'Todos os indígenas possuem a sua própria cultura'

Em face de uma tal característica, não é possível sustentar, a partir dos quantificadores, a idéia de que sujeitos em Tikuna são gerados internamente ao SV: o teste por meio de quantificadores flutuantes do tipo "todos" não funciona, uma vez que as diferentes posições que ocupa o quantificador não marcam necessariamente a posição por onde se move o sujeito - como bem o demonstram as construções em (9), que são possíveis em Tikuna:

- (9) a. *gu'üma i boü-gü i-na-ngu*
 todos x criança-pl aspecto-3p-chegar

'Todas as crianças chegaram'

- b. *boü-gü i-na-ngu i gu'üma*
 criança-pl aspecto-3p-chegar x todos

(As crianças chegaram, todas)

'As crianças chegaram todas'

Para a satisfação do PPE, adotamos, então, a hipótese de Baker acima mencionada, afirmando que o sujeito em Tikuna é gerado fora do SV, nas posições de tópico e especificador de IP - esse último sendo equivalente a [Spec, AgrsP]. Vale ressaltar que, em Tikuna, AgrsP revela-se um nóculo sintaticamente inerte, na medida em que é apenas uma posição para geração do sujeito.

1.2. Tempo como operador em Tikuna

No que diz respeito à questão do nóculo TP, em Tikuna, dados comprovam que o nóculo de que faz parte o tempo não é uma projeção situada no interior de um IP. Alguns desses dados seguem abaixo:

- (10) a. *Üpa rü na-nore ga nai nhumã rü na-mo-õtchi*
 antes tóp. 3p-pouco x pau agora tóp. 3p-muito-intens.

i nai

x pau

'Antes tinha pouca árvore aqui, agora tem bastante.'

- b. *Yeguma Hilda na-na-gu*
 dêitico (naquele tempo) 3p-OI-assar

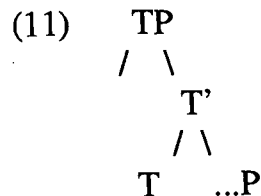
ga tchoni rü Reinaldo na-na-ngo'

x peixe tóp. 3p-OI-comer

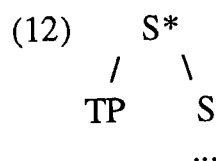
'Quando Hilda moqueou o peixe, Reinaldo o comeu'

- c. *Ngeguma* Hilda na-na-gu
 dêitico (nesse tempo) 3p-OI-assar
- i tchoni rü* Reinaldo na-na-ngo'
x peixe tópico 3p-OI-comer
 'Quando Hilda moquear o peixe, Reinaldo vai comer'

Nos dados acima estão presentes partículas que identificam construções em adjunção. A relação dessas partículas com o tempo é clara para *ga*, sempre ligada à idéia de passado. Quanto às outras partículas (*i / ya*), elas teriam seu significado de base determinado por sua oposição a *ga*, o que permitiria considerar seu significado como sendo 'não passado'. Em (10a) é um dêitico temporal na posição de tópico que determina a forma dessas partículas. Em (10b) e (10c) é um dêitico que, funcionando como complementizador, determina a forma dessas mesmas partículas, sendo ele próprio atingido pelo tempo (*yeguma* está ligado ao tempo passado e *ngeguma* ao não passado). Ao excluir o nóculo TP como projeção situada no interior de um IP, os dados acima estão, na verdade, excluindo um diagrama como o que se vê em (11) (diagrama em que mantemos em aberto o rótulo da categoria funcional irmã de T):



Com uma tal exclusão, os dados apontam para uma situação em que TP estaria funcionando como operador de proposição. Uma maneira de dar conta desse funcionamento seria postular um diagrama como (12), no qual T - no interior de um TP não ramificado - tem escopo sobre S²:



²Como não está definida, para o Tikuna, a categoria funcional específica da qual resulta a arquitetura da sentença, referimo-nos a essa última provisoriamente como S em (5).

Esse último diagrama apresenta uma possibilidade teoricamente já levantada em Stowell (1981), que, em fase anterior da teoria gerativa, sustentava a conexão entre marcação temporal e sistema complementizador. Transposta para um momento mais recente da teoria gerativa, essa possibilidade não necessitaria ser formulada através de uma configuração em que se tem um operador fora da sentença. Por exemplo, para o caso Tikuna é possível levar em consideração proposta de Rizzi (1997), que vê o conteúdo proposicional como encaixado no sistema complementizador, o qual, por sua vez, realiza a interface entre o conteúdo proposicional (IP) e a estrutura superordenada (uma oração mais alta ou a articulação do discurso). A proposta de Rizzi (1997) supõe uma cisão do sistema complementizador, que tem entre os seus componentes os sintagmas Força, Tópico, Foco e Finitude (sendo que uma oração admite mais de um tópico e uma única posição estrutural de foco). Um caminho promissor de análise da marcação temporal em Tikuna através da proposta de Rizzi está, de um lado, na interface realizada pelo sistema complementizador e, de outro, na visão de que esse não é uma extensão análoga do sistema IP e, ultimamente, de VP (cf. Rizzi 1997: 284). Como indicativo da diferença substancial entre tais sistemas, Rizzi aponta o fato de que as propriedades flexionais de C (complementizador) não estão codificadas na forma da morfologia verbal, vindo expressas em morfemas funcionais livres - fato que aproximadamente se ajusta aos dados Tikuna.

Como última observação em relação ao nóculo TP, cabe registrar que não está demonstrado que o verbo em Tikuna concentra a maior parte das informações sobre aspecto. E que, mesmo que TP seja concebido como categoria inteiramente abstrata (que pouco ou nada tenha a ver com o tempo gramatical e que englobe apenas uma parte do sistema aspectual), a postulação de uma categoria TP no interior de um IP em Tikuna não resolverá os problemas relativos à posição do verbo nem propiciará uma explicação adequada para a forma assumida pelas partículas vistas acima.

2. Mbyá Guarani

2.1 A ordem OV e a categoria AgroP

Para dar conta da linearização da ordem OVAux em Mbyá Guarani, postulamos uma categoria funcional - AgroP- , localizada acima de VP (ou

de AuxP), cujo núcleo contém traços N e V fortes, que provocam o movimento do objeto e do verbo lexical para as suas posições de especificador e de núcleo respectivamente. A existência de Agro com traços fortes explica também a ocorrência de sujeitos de construções de Regência Excepcional para Caso na posição de objeto na oração matriz. A postulação de AgroP acima de SV em Mbyá Guarani é motivada, então, para abrigar o objeto e o verbo deslocados.

2.2. O movimento do sujeito e as categorias TP e AgrsP

A fim de justificar o fato de que nem o verbo auxiliar nem o verbo lexical são alçados acima de Agro em sintaxe visível, assumimos que tanto Agrs quanto T possuem traços V fracos em Mbyá Guarani. Só em Forma Lógica é que o verbo lexical irá checar os seus traços de tempo e de concordância de sujeito nos núcleos funcionais apropriados.

Conforme discutiu-se na introdução do artigo, a linearização do sujeito na estrutura SOV acarreta problemas para o quadro teórico aqui adotado, uma vez que, sem o movimento do complexo [Agro Verbo+ Agro] para T, as posições [Spec, TP] e [Spec, AgroP] não se tornam equidistantes da posição de sujeito em [Spec, VP]. Como se mencionou na introdução, existem propostas alternativas a serem examinadas a fim de que se possa chegar a uma solução para a derivação do movimento de sujeito, sem a violação da Condição de Movimento Mais Curto.

2.2.1 A hipótese do SV cindido

Uma dessas propostas é a de Koizumi (1993), que postula uma representação oracional onde a posição de base do sujeito é mais alta do que a posição derivada do objeto; isto porque AgroP é gerado internamente ao SV. Sendo assim, o movimento do sujeito para fora de SV não viola a Condição de Movimento mais Curto, uma vez que não atravessa [Spec, AgroP] preenchida pelo objeto.

Para comprovar a sua hipótese, Koizumi utiliza, entre outros, o teste dos quantificadores flutuantes³. Como o sujeito é gerado em uma posição acima da posição derivada de objeto, os quantificadores flutuantes com escopo sobre ele não podem ocorrer após o objeto. Os dados do Mbyá Guarani revelam, todavia, que o quantificador *pāve* (“todos”) pode ocorrer após o objeto deslocado, indicando, assim, que o sujeito não é gerado acima de AgroP:

- (13) *ava-kwe g-oo o-moxi pāve*
 homem-pl. 3 refl.-casa 3-pintar de branco todos
 ‘Todos os homens pintaram as suas casas de branco’

Note-se também que o quantificador flutuante *pāve* não pode aparecer após o objeto quando este permanece *in situ*, como mostra o exemplo (14):

- (14)* *kunhā-gwe o-'u o-kwapy pira pāve*
 mulher-pl. 3-comer 3-aux. peixe todas
 ‘Todas as mulheres estão comendo peixe’

Dados como esses revelam que: (i) o sujeito é gerado abaixo de AgroP, isto é, abaixo da posição derivada de objeto, como mostra o exemplo (13); e (ii) o objeto permanece *in situ* em construções do tipo SVAuxO, ao passo que, em SOVAux, ele aparece deslocado, na posição de [Spec, AgroP], permitindo, então, que o quantificador com escopo sobre o sujeito possa ocorrer à sua direita. Estruturas como (13) constituem evidência contra a hipótese de Koizumi sobre a geração do sujeito acima de AgroP. Além desse fato, a representação oracional postulada por Koizumi não daria conta da posição dos auxiliares em Mbyá Guarani, visto que esses sempre ocorrem após o objeto e o verbo.

2.2.2.A reformulação da noção de domínio mínimo

Uma outra possível análise para dar conta do movimento do sujeito na ordem SOV em Mbyá Guarani é adotar a proposta de Bobaljik (1994),

³ Não parece ser o caso do quantificador *pāve* em Mbyá.

Autores como Bobaljik (1995) assumem a posição de que os quantificadores adverbiais possuem natureza adverbial e só aparecem em uma posição à esquerda de um PP ou predicado secundário que seguem o SV. Eles são também verificados em posições em que nenhum vestígio de NP pode ser postulado. Esse Guarani que obedece a certas exigências estruturais e nunca pode ocorrer em SV abaixo do objeto não-deslocado.

mencionada acima, que redefine a noção de domínio mínimo, fazendo com que a noção de equidistância não seja mais estabelecida em termos de adjunção. Bobaljik reconhece que é problemático vincular a noção de equidistância ao movimento do verbo, uma vez que há línguas, como o Irlandês, em que o movimento do objeto não está condicionado ao movimento do verbo. Com base no fato de que, em certas línguas, a associação entre a flexão e o radical verbal exige adjacência, o autor sugere que o movimento do objeto só está vinculado ao movimento do verbo, caso o primeiro venha a interromper a exigência de adjacência entre o afixo e o verbo. Do contrário, não é preciso que o verbo se desloque quando houver movimento de objeto para AgroP.

Sendo assim, Bobaljik abandona a definição de equidistância em termos de derivação, e reformula a noção de domínio mínimo (cf. nota 18). Para ele, o especificador de um núcleo e o especificador do núcleo de seu complemento são sempre equidistantes. Dessa maneira, quando TP é acrescentado à estrutura oracional, [Spec,TP] e [Spec, AgroP] tornam-se, por definição, equidistantes para o sujeito em [Spec,VP]. O sujeito, então, pode ser deslocado para [Spec, TP] sem que haja violação da Condição de Movimento mais Curto. Adotando a definição de domínio mínimo de Bobaljik, pode-se derivar, então, a ordem SOV em Mbyá Guarani, sem que haja a necessidade do verbo se mover para T antes de Spell-Out.

2.2.3 Movimento do sujeito para [Spec,TP]

Em línguas com o deslocamento de objeto, postula-se que a posição [Spec,TP] é licenciada (cf. Bobaljik e Jonas, 1996) para o sujeito aterrissar em sintaxe visível. O movimento do sujeito para [Spec, Agrs] só se dá, então, em Forma Lógica, porque se ele fosse alçado diretamente para AgrsP haveria a violação da Condição de Movimento mais Curto.

Em Mbyá Guarani, assumimos também que, antes de Spell-Out, o sujeito se move para o especificador de TP. Nessa configuração, ele checa os seus traços de caso nominativo com o núcleo de TP. O sujeito não se move antes de Spell-Out para [Spec, AgrsP], visto que a checagem dos traços de concordância só será efetuada quando o verbo for alçado para Agrs em Forma Lógica. Lembramos, aqui, que Agrs têm traços V fracos em Mbyá Guarani e, por isso, o verbo não se move para o seu domínio antes de Spell-Out.

Temos, então, o seguinte quadro de categorias funcionais em Mbyá Guarani: Agro com traços V e N fortes, T com traços N fortes e traços V fracos e Agrs com traços N e V fracos. Agrs em Mbyá Guarani é fraco, uma vez que nem o sujeito, nem o verbo são alçados para o seu domínio em sintaxe visível. Resta-nos um problema relacionado à checagem de traços de concordância de sujeito dos verbos auxiliares que permanecem *in situ* na sintaxe visível. Observe-se que, em uma estrutura como (15), tanto o verbo lexical quanto o verbo auxiliar apresentam marcas de concordância de sujeito:

- (15) xee kya a-japo a-iny
eu rede 1sg.-fazer 1sg.-aux.

Para a checagem desses traços de concordância, há duas possibilidades. A primeira, proposta por Demuth e Gruber (cf. Collins, 1997), sugere que em construções com concordância múltipla, cada verbo é dominado por um AgrsP e um TP, sendo o T mais alto o núcleo com a propriedade [+ finito] e com traços de caso nominativo. Os traços de concordância são, então, checados quando o sujeito se move sucessivamente para a posição de especificador do AgrsP que domina cada verbo.

Esta proposta, embora atraente, não está isenta de problemas, tais como: (i) justificar o movimento do sujeito para [Spec, AgrsP] que domina cada um dos verbos auxiliares (como se viu, Agrs tem traços N e V fracos em Mbyá Gurani); (ii) postular vários AgrsPs e TPs torna a representação oracional ainda mais complexa, o que é contrário ao espírito do Programa Minimalista.

A outra possibilidade é a de que a checagem dos traços de concordância de sujeito tanto no verbo lexical quanto no verbo auxiliar seja realizada em Forma Lógica. O verbo lexical deve subir para T e para Agrs, a fim de checar os seus traços de tempo e de concordância de sujeito. O verbo auxiliar, por ter apenas traços de concordância a serem checados, deveria adjungir-se a Agrs. Existem, porém, dois problemas referentes à checagem dos traços do auxiliar em Forma Lógica. Em primeiro lugar, para que Aux se mova para Agrs, ele deve atravessar dois núcleos funcionais preenchidos: Agro e T, violando a Condição do Movimento mais Curto. Em segundo lugar, como Agrs tem apenas um papel mediador, servindo para checar se os traços de

seu especificador e os traços dos núcleos em adjunção a ele são compatíveis, ele desaparece após realizar a sua função. Sendo assim, Agrs não pode checar dois núcleos com os mesmos traços de concordância.

2.4 Checagem vs Incorporação da morfologia verbal

Como nem o verbo lexical, nem o verbo auxiliar ultrapassam a posição de Agro em sintaxe visível, a sua morfologia flexional não pode ter sido adquirida na sintaxe por meio de movimentos sucessivos dos verbos para os núcleos de T e/ou de Agrs, conforme a teoria da incorporação de flexão verbal. Portanto, em Mbyá Guarani, a flexão verbal só pode ser adquirida no léxico, de acordo com a teoria da checagem de traços morfológicos .

Passamos em seguida a fatos da língua Karajá:

3. Karajá

O argumento empírico que fundamenta a proposta de que a posição de base do sujeito é mais baixa do que a posição derivada do objeto (Sportiche 1988 e outros), está baseado no comportamento dos chamados quantificadores flutuantes. Observe-se que, em Karajá, o quantificador pode estar imediatamente à direita ou à esquerda do SN que quantifica, podendo ainda estar relacionado a um SN não adjacente⁴. É o que se observa nos exemplos em (16):

- (16) a. Hābu ijō benora rimyra detimy
 homem todos tucunaré pegou rapidamente
 “Alguns homens pegaram tucunaré rapidamente”
- b. Ijō hābu benora rimyra detimy
 alguns homens tucunaré pegaram rapidamente
- c. Hābu benora rimyra ijō detimy
 homem tucunaré pegaram alguns rapidamente

⁴Note-se, no entanto, que a possibilidade de separar-se o quantificador do SN quantificado não está disponível para todos os quantificadores da língua Karajá.

O fato de que (c) é gramatical em Karajá viabiliza a interpretação de que o quantificador assinale a posição de base do sujeito, conforme proposto por Sportische (1988). Por outro lado, o fato de que uma frase como (17) é agramatical indica que o sujeito, se gerado em Spec de SV, não poderia ficar nesta posição:

- (17) * Hawò riwinyra kua habu ywimy.
canoas fez aquele homem vagorosamente

Embora haja evidências em Karajá para a postulação de Spec TP, pois, como vimos acima, tempo e concordância apresentam posições próprias, justificando uma fixação positiva do parâmetro do Spec TP, conforme proposto em Bures (1993) e Bobaljik e Jonas (1996), não dispomos, no entanto, de evidências positivas que justifiquem a geração do sujeito nesta posição. Face ao teste com quantificadores apresentado acima, parece-nos mais apropriado, portanto, adotar a hipótese do sujeito gerado internamente ao SV, assumindo a proposta de Bobaljik (1994), resumida na introdução da seção II, a fim de explicar o alçamento do SN sujeito para fora do SV, sem o requisito de que o verbo tenha de se mover do núcleo de Agro. Postulamos, no entanto, que o sujeito se mova de [Spec, SV] para o especificador de TP na sintaxe visível, a fim de checar os seus traços de caso nominativo com o núcleo de TP, possibilitando a linearização SOV. Em nossa análise, portanto, TP tem traços N fortes e traços V fracos, já que, como vimos acima, o verbo pode procrastinar qualquer movimento de sua posição derivada em Agro para a sintaxe invisível. AgrsP, por outro lado, tem traços N e V fracos em Karajá, permitindo que tanto o verbo quanto o SN sujeito só tenham que mover-se para o seu domínio após Spell-Out. Assim, assume-se que há em Karajá um contraste marcante entre as categorias funcionais AgrsP e AgroP. Enquanto o sistema de concordância de objeto parece ser ativo ao nível da sintaxe visível, seja através da relação especificador/núcleo (nominais e clíticos), seja por adjunção do verbo ao núcleo de AgroP (desinências de objeto internas ao verbo), o sistema de concordância de sujeito parece ter traços N e V fracos em Karajá⁵, procrastinando sua checagem para FL.

⁵Uma interpretação alternativa seria a de se especular que os traços-fi de concordância de sujeito que não são checados na sintaxe visível, possam ser visíveis na interface com o componente morfológico de FF, disparando processos morfofonêmicos, parte da maquinaria pós-sintática disponíveis no componente morfológico de FF. É o que se exemplifica em (a) e em (b). Note-se que a marca t- de segunda pessoa espalha-se para os morfemas de plural e de tempo, mas não para a raiz. (cont.)

A análise do fragmento de estrutura oracional do Karajá que discutimos, aqui, implica claramente que o movimento sintático é apenas invocado no caso dos nominais e de Agro. O inteiro conjunto de afixos verbais (sujeito, aspecto, plural, negação, tempo/modo) só precisa ser checado em FL.

3.1. AgrsP e o sistema de dêixis direcional

Observa-se em Karajá ainda a ocorrência de um sistema de dêixis espacial e empática que é implementado nos verbos através de alternâncias fonológicas que têm lugar primariamente no âmbito do sistema de concordância de sujeito, atingindo os prefixos de concordância de sujeito ativo, e espalhando-se para posições que podem indicar a pessoa nos sufixos de plural e nos sufixos de tempo. Basicamente, a marcação de direção assinala que uma entidade ou situação discursiva está orientada em direção ao falante, ou seja, é concebida como ocorrendo de lá para cá (cislocativamente), opondo-se à orientação espacial daqui para lá ou à orientação dali para lá, que são indistintas em Karajá. Assim, por exemplo, em (41a), a raiz *-hony-* “sair”, não está marcada direcionalmente, devendo ser interpretada como “eles saíram” daqui para lá ou dali para lá. Já a forma verbal em (41b), marcada direcionalmente indica que a ação de sair é exercida em direção ao falante, devendo, portanto, ser interpretada como “eles saíram de lá para cá”:

(cont.) Especulamos sobre a possibilidade de que os traços-fi de sujeito inseridos na forma verbal na numeração sejam enviados para o componente morfológico de FF depois de Spell-Out, além de checados em FL. Não se trata, obviamente, de um processo em que os traços fossem checados apenas em FL, pois do contrário não se poderia constatar o efeito morfofonêmico que se verifica no componente morfológico da Forma Fonética, uma vez que não há relação direta entre FF e FL. Note-se que não é apenas um processo fonológico que ocorre em (a) e (b), pois a raiz verbal que também inicia com [r] não é afetada pelo espalhamento:

(a) *r-a-rybè-reny-re*

3S-tema-falar-PL-Pass

“They spoke”

(b) *t-a-rybè-teny-te*

2S-tema-falar-2S/PL-2S/Pass

Embora tal quadro de divisão de tarefas entre a morfologia e a sintaxe pareça ser compatível com os princípios de economia que singularizam o programa minimalista, a caracterização do componente morfológico ainda é um ponto muito confuso na teoria sintática, conforme apontado por um revisor anônimo da Revista D.E.L.T.A.

(18) a. r-o-hony-reny-re “Eles saíram”
3A-tema-sair-plural-passado

b. d- o-hony-deny-de “Eles saíram”
3A(dir)-tema-sair-pl. (dir)-pass.(dir)
(marcado direcionalmente)

Observe-se que a marcação direcional em Karajá não tem um locus próprio, mas é implementada por meio de alternâncias fonológicas nos afixos de pessoa, número e tempo. Claramente, trata-se de uma operação gramatical computada na sintaxe, pois tem reflexos em FF, bem como em FL. A representação da direção como uma categoria funcional independente não se justificaria por duas razões. Em primeiro lugar, a direção não parece ser um traço forte, que requeira checagem na sintaxe visível em Karajá. É o que parece ser demonstrado pelo fato de que a direção pode ser marcada nos verbos auxiliares que, segundo nossa análise acima, não se movem antes de Spell-Out. Exemplo (19):

(19) Uladu mahadu waximy d-o-i-deny-de.
criança grupo pescar 3dir-tema-locomover-pl(dir)-pass(dir)
“As crianças vieram pescar”

Além disso, como já notamos, a marcação morfológica dos direcionais não requer uma posição própria afixada à raiz, mas é implementada através de alternâncias que têm lugar sobre afixos do sistema de Agrs, não se justificando a postulação de uma categoria funcional específica. A proposta de representar a direção em Karajá como implementada sintaticamente através de Agrs parece, portanto, mais adequada.

Em resumo, a língua Karajá apresenta movimento do verbo principal para fora do SV para checar traços fortes de Agro e permitir o alçamento do SN objeto por cima do especificador de SV, a fim de licenciar a checagem do Caso acusativo para o SN objeto via relação especificador/núcleo. Assumindo-se a noção de equidistância de Bobaljik (1994), permite-se que o SN sujeito mova-se para o especificador de TP para checar caso nominativo na sintaxe visível. Os verbos auxiliares são concatenados ao núcleo de Agro acima de SV e não precisam elevar-se na sintaxe visível para checar quaisquer traços, pois os únicos afixos fortes em Karajá são os prefixos objetivos que, sintomaticamente, não ocorrem nos auxiliares. Após Spell-Out propõe-se que

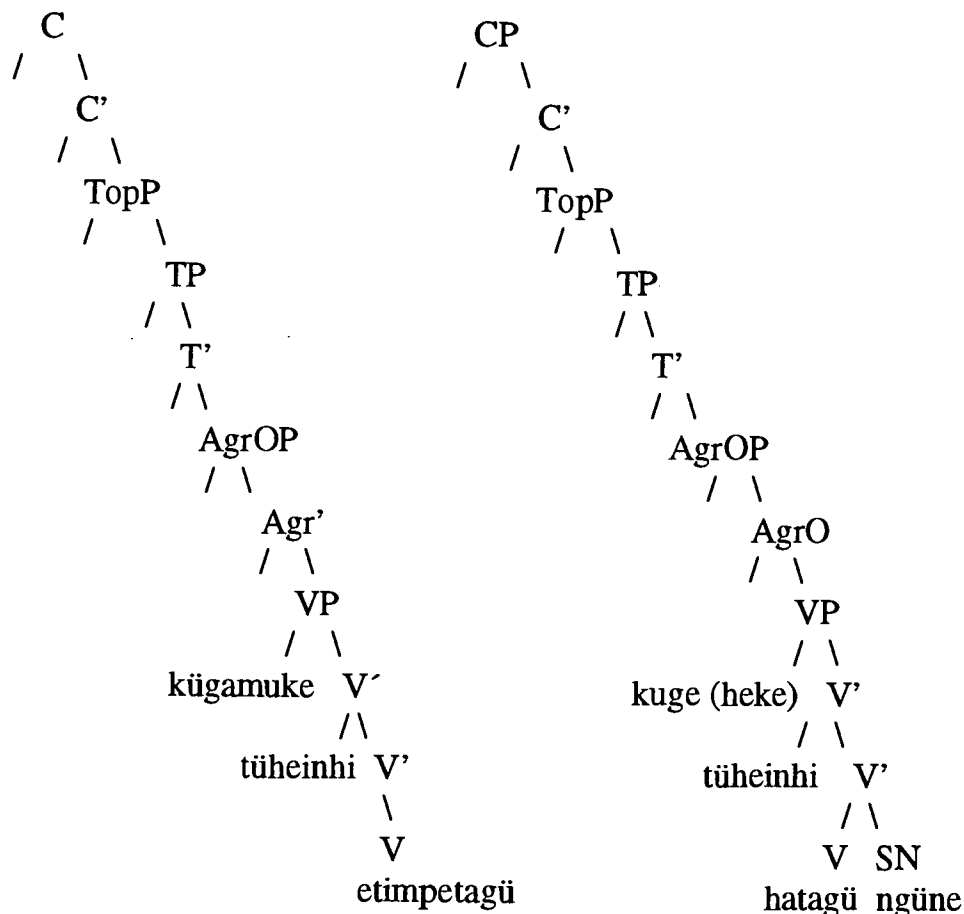
os auxiliares movam-se primeiro para o núcleo de TP e, subseqüentemente, para o núcleo de AgrsP, onde checam, respectivamente, seus traços de tempo e de concordância. Assim, ao contrário do francês, que exhibe movimento do verbo lexical bem como movimento do verbo auxiliar e ao contrário do inglês que exhibe movimento do auxiliar, mas não movimento de verbo lexical, a língua Karajá apresentaria movimento do verbo lexical, mas não movimento do auxiliar na sintaxe visível.

Conclui-se, assim, que, ao contrário do sistema de concordância de objeto, o sistema de concordância de sujeito em Karajá, com suas indicações de pessoa e de direção, bem como o inteiro conjunto de afixos verbais, (sujeito, aspecto, plural, negação, tempo/modo) só precisem ser checados em FL. Além disso, postula-se para o Karajá um sistema CP, responsável, por exemplo, pela checagem das construções interrogativas e de um sistema TopP para as construções de tópico, conforme analisado em Maia et al. (1997).

4. Kuikúro

Pelo menos dois problemas se colocam para a língua Kuikuro a respeito do SN heke, o agente-causa, a sua posição de base, e da existência de uma categoria funcional acima de Agro. Os exemplos mostram a necessidade de postular que, na sintaxe visível, o sujeito Agente, SN heke, permanece in situ, em posição de especificador de SV. Postulamos, assim, que seu movimento é procrastinado para FL e é para uma categoria funcional TP mais alta com traços fracos. Explicar-se-iam, dessa maneira, a ordem OVA, o comportamento ambíguo do SN heke, um sintagma posposicional com propriedades de sujeito, bem como a fraqueza das marcas verbais propriamente temporais. Propomos, então, as seguintes representações frasais para o Kuikúro. Gráficos (20) a e (20)b na próxima página.

(20) a. intransitiva b. transitiva



Note-se que retomamos parcialmente para a nossa análise propostas de Chomsky (1993), de Bobaljik (1993) e de Murasugi (1992) para as línguas ergativas. Em concordância com os primeiros, o paralelismo entre S e O é epifenômeno do movimento de S para especificador de uma mesma categoria funcional, imediatamente acima de SV (AgrOP ou AspP). É o movimento de S (o argumento de verbo intransitivo gerado em [Spec, VP]) que é parametrizado, dados os traços fortes de AgrO. Em concordância com Murasugi, não postulamos Agrs mas, sim, um TP, inerte na sintaxe visível. O argumento de verbo transitivo gerado em [Spec, VP] permanece in situ, sendo que a posposição heke é inserida como recurso para atribuição de Caso.

A ocorrência do SN heke (agente-causa) em posição que antecede linearmente o complexo S/O-V, ou seja na ordem AOV, tem sido caracterizada, em trabalhos anteriores e em descrições de outras línguas karib, como resultado de topicalização. Em Kuikúro, apenas um dos seguintes constituintes pode ser topicalizado em cada frase: um advérbio ou um adjunto ou o próprio SN heke. Dêiticos e partículas aspectuais geralmente demarcam a fronteira do tópico. Vejam-se os exemplos abaixo:

(21) tüheinhi akatsege kügamuke etimpe-tagü
de pressa ENF crianças chegar-T/A
“de pressa as crianças chegaram”

kuge heke-ha ige-i ngüne ha-tagü tüheinhi
pessoal A-ENF DEIT-COP casa fazer-T/A de pressa
“o pessoal está fazendo a casa de pressa”

Consideramos que a ordem AOV é derivada através do movimento do SN heke (ex) para a categoria TopP, que, por sua vez, pode ser vista como parte da camada de complementizador cuja função seria a de interface com o discurso e a força ilocucionária (Rizzi, 1997). Embora não seja possível desenvolver, aqui, uma análise daquilo que Rizzi chama de “estrutura da periferia esquerda”, a representação da configuração frasal em Kuikúro identifica tres camadas: a lexical (SV), cujo núcleo é o verbo e onde se dá a atribuição theta; uma camada “flexional” composta por uma única categoria funcional ativa na sintaxe visível (AgroP ou AspP), significativa para as especificações morfológicas do verbo e responsável para a checagem de Caso; uma camada de complementizador composta minimamente por TopP e CP.

5. Conclusões

As conclusões da comparação dos aspectos gramaticais das línguas indígenas examinadas neste trabalho são resumidas no quadro em (22). Há evidências em algumas das línguas examinadas que parecem indicar que as categorias AgroP e AgrsP (se postulada) tenham conteúdos com características distintas daquelas postuladas no modelo de Chomsky (1993). Em Kuikúro, conforme apresentado acima, a categoria imediatamente acima do SV poderia estar relacionada também à checagem do sistema aspectual da língua. Em Karajá, o conteúdo de Agrs deve

de alguma forma licenciar o sistema de dêixis direcional e empática existente na língua e que é especificado em relação ao sistema de Agrs, mas não ao de Agro. Em Mbyá Guaraní, a existência de Agro com traços fortes explica também a ocorrência de sujeitos de construções de Regência Excepcional para Caso em [Spec,AgroP] na ordem OV da oração matriz.

Em Karajá, parece haver uma categoria AgrsP inerte sintaticamente, isto é, com traços N e V fracos cuja checagem pode ser procrastinada para a FL. Em Kuikúro, seguindo-se a análise de Murasugi (1992) para línguas ergativas, preferiu-se postular uma categoria TP, ao invés de AgrsP. Em Tikuna, adota-se a hipótese de geração do SN sujeito fora do SV, diretamente em tópico ou em especificador de AgrsP, que teria, assim, traços N e V fracos. Em Mbyá Guaraní, postula-se uma categoria AgrsP inerte na sintaxe visível, já que a sua presença não é motivada nem por fatores estruturais - nada é gerado ou se move para o seu domínio - e nem permitiria explicar a checagem de concordâncias múltiplas.

Quanto ao elenco de categorias funcionais presentes na arquitetura da frase, além das categorias de concordância, parece haver em todas as línguas examinadas, evidências para a postulação de uma categoria TP e de uma categoria CP. Além dessas categorias comuns, apresentaram-se evidências em favor de uma categoria de Tópico, TopP, em Tikuna e em Kuikuro. Em Tikuna, propôs-se ainda que TP seja, de fato, um operador.

No que se refere à posição de geração do sujeito, considerou-se que em Karajá e em Guaraní este é gerado internamente ao SV, movendo-se para TP na sintaxe visível para checagem de caso nominativo. A adoção da análise de Bobaljik (1994) propiciou a base teórica para legitimar a subida do SN sujeito do interior do SV sem a pré-condição da subida de V, que desfaria a ordem SOV. Em Tikuna, por outro lado, apresentaram-se evidências em favor da hipótese de que a posição de geração do sujeito seja a posição de tópico ou especificador de AgrsP, uma vez que não parece possível sustentar, a partir dos testes com quantificadores flutuantes, a idéia de que os sujeitos nesta língua sejam gerados internamente ao SV. Já em Kuikuro, consideraram-se duas possibilidades: a ordem SOV e a ordem OVS. Para ambas, propôs-se que o sujeito seja gerado internamente ao SV, sendo que em SOV considerou-se que o sujeito se move na sintaxe para um Sintagma de Tópico (TopP), enquanto que em OVS, o sujeito procrastina seu movimento para a Forma Lógica, onde é alçado para TP.

Finalmente, as análises desenvolvidas para a arquitetura oracional das quatro línguas examinadas eliminou a possibilidade de se ter um sistema flexional incorporativo, em que a afixação seria explicada via movimento sintático de núcleo. Como o verbo não sobe além de Agro, não seria possível à raiz verbal anexar os diferentes afixos que, segundo o sistema incorporativo, deveriam ser adquiridos pela raiz verbal não flexionada nas categorias funcionais relevantes. Sendo assim, tem-se evidência em Mbyá Guarani, Kuikuro, Karajá e Tikuna em favor da teoria de checagem, segundo a qual o verbo já sai do léxico integralmente flexionado.

(22) Quadro comparativo

Traço/Língua	Mbyá Guarani	Kuikuro	Karajá	Tikuna
SOV	Agro tem traços Ne V fortes Agrs tem traços Ne V fracos	Agro tem traços Ne V fortes Não tem Agrs TP tem traços N e V fracos	Agro tem traços Ne V fortes Agrs tem traços Ne V fracos	Agro tem traços Ne V fortes Agrs tem traços Ne V fracos
AUX	Gerado acima de SV Checagem problemática Transparente para movimento longo de núcleo SVAux problemática	—	Gerado acima de SV Move-se em FL Transparente para movimento longo de núcleo SVAux problemática	—
Clíticos	Simple	—	Simple: distribuição complementar com SN Paralelo a alçamento de objeto	Redobro de clítico Subcategorizaçã o morfológica
Sujeito	Gerado em SV Move-se para TP na sintaxe visível	OVS: Gerado em SV Move-se p/ TP em FL SOV: Gerado em SV Move-se p/TopP na sintaxe	Gerado em SV Move-se para TP na sintaxe visível	Gerado fora do SV (em TopP ou em AgrsP)
Categorias Funcionais	CP, TP, AgrsP, AgroP	TopP, CP, TP, AgroP,	TopP, CP, TP AgrsP, AgroP	TopP, CP, AgrsP, AgroP, TP como operador
Combinação Verbo+Afixos	Checagem	Checagem	Checagem	Checagem

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, M. (1995) *The Polysynthesis Parameter*. Oxford
- BOBALJIK, J. D. (1993) Ergativity, Economy and the Extended Projection Principle. *Generals Paper*. MIT, Cambridge, Mass.
- _____(1994) *What does Adjacency do?* In: H. Harley & C. Phillips (eds.). *The Morphology-Syntax Connection. The MIT Working Papers in Linguistics*, 22.
- _____(1995) *Morphosyntax: The syntax of verbal inflection*. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Mass.
- BOBALJIK, J. D. and Dianne Jonas (1996) Subject Positions and the Role of TP. *Linguistic Inquiry*, 27.2, 195-236.
- BURES, A. (1993) There is an argument for a cycle at LF, here. In: *CLS 28*. Vol 2, The Parasession, 14-35. Chicago Linguistic Society, University of Chicago, Chicago, Ill.
- _____(1993) A Minimalist Program for Linguistic Theory. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 1.
- COLLINS, C. (1997) *Local Economy*, MIT Press.
- DOBROVIE-SORIN, C. (1993) *The Syntax of Romanian: comparative studies in romance*. Berlin, New York: Mouton deGruyter.
- HOLMBERG, A. (1986) *Word Order and Syntactic Features in the Scandinavian Languages and English*, Ph.D. Dissertation, Stockholm University.
- KITAGAWA, Y. (1986) *Subjects in Japanese and English*. PhD dissertation, University of Massachusetts.
- KOIZUMI, M. (1993) Object Agreement Phrases and the Split VP hypothesis. In: J. Bobaljik & C. Phillips (eds.). *Papers on Case and Agreement I. The Mit Working Papers in Linguistics*, 18: 99-148.
- KOOPMAN, Hilda & Dominique Sportische (1985) Theta Theory and Extraction. *Abstract in GLOW Newsletter*.
- KURODA, S. Y. (1988) Whether We Agree or Not: a Comparative Syntax of English and Japanese. *Linguisticae Investigaciones*, 12, 1-47.
- MAIA, M., E. LANES & A. SALANOVA (1997) *Syntaxis Comparada de las interrogativas en Karajá, Kayapó y Manchineri*. A aparecer nas atas do 49 Congresso Internacional de Americanistas, Quito, Equador.
- MAIA, M., B. FRANCHETTO, Y. LEITE, M.F. SOARES & M.D. VIEIRA (1998a) *Comparação de Aspectos da Gramática em Línguas Indígenas Brasileiras*. Manuscrito a aparecer na Revista D.E.L.T.A.
- MURASUGI, K. (1994) A Constraint on the Feature Specification of Agr. In:

- H. Harley & C. Phillips (eds.) *The Morphology-Syntax Connection. The MIT Working Papers in Linguistics*, **22**, 131-152.
- ____ (1992) *Crossing and Nested Paths: NP Movement in Accusative and Ergative Languages*. PhD Dissertation, MIT.
- RIZZI, L. (1997) *The Fine Structure of the Left Periphery*. In: Haegeman, L. (ed.) *Elements of Grammar: A Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 281-337.
- SOARES, M. F. (1992a) *Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna*. 245p. Volume I de *O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas.
- SPORTICHE, D. (1988) *A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure*, *LI* **19**, 425-49.
- STOWELL, Tim (1981) *Origins of Phrase Structure*. Ph.D. dissertation MIT.
- (Recebido em fevereiro de 1998; Aceito em outubro de 1998)

SOME NOTES ON PROCRASTINATE AND OTHER ECONOMY MATTERS*
(Considerações sobre Procrastinar e Outras Questões de Economia)

Jairo NUNES (*Universidade de Campinas*)

ABSTRACT: This paper argues that Chomsky's (1993) Procrastinate principle is not in consonance with the general guidelines of the Minimalist Program and proposes an alternative account of the preference for covert movement instead of overt movement and the preference for lexical insertion instead of movement. This proposal also accounts for the order of application of certain operations related to deletion of traces.

RESUMO: Este trabalho argumenta que o princípio Procrastinar de Chomsky (1993) destoa das linhas gerais do Programa Minimalista e propõe uma análise alternativa para a preferência de movimento coberto a movimento aberto e de inserção lexical a movimento. Essa proposta também dá conta da ordem de aplicação de certas operações relacionadas a apagamento de vestígios.

KEY WORDS: Procrastinate; Derivational Economy; Minimalism; Traces.

PALAVRAS-CHAVE: Procrastinar; Economia Derivacional; Minimalismo; Vestígios.

0. Introduction

One crucial assumption in the Minimalist Program outlined in Chomsky (1993, 1994, 1995) is that the language faculty is a nonredundant and optimal system in the sense that particular phenomena are not overdetermined by linguistic principles and that the linguistic system is subject to economy restrictions specified by Universal Grammar. Part of the Minimalist agenda is thus devoted to investigating the very nature of such economy conditions.

* This paper is a development of section II.10.1 of my dissertation (see Nunes, 1995). The ideas discussed here were presented in courses taught at Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual Paulista (Araraquara), Universidade Federal de Alagoas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, University of Maryland, and University of Southern California. I am thankful to these audiences. Special thanks to Hans-Martin Gärtner, Max Guimarães, and two anonymous reviewers for helpful comments and suggestions.

This paper discusses Chomsky's (1993) economy principle referred to as *Procrastinate*, according to which covert operations should in principle be preferred to overt ones. I argue that given the overall assumptions of the Program, *Procrastinate* cannot be taken as a principle of derivational economy and should rather be derived from more general and conceptually sound economy considerations. I explore a suggestion by Chomsky (1995:226) which links derivational cost to the appropriate definition of derivation, showing (i) that the standard effects of *Procrastinate* can be derived in consonance with core Minimalist guidelines; and (ii) that the fixed order of application of some operations also falls under the same analysis.

The paper is organized as follows. In section 1, I review some of the major features of the Minimalist Program which will be relevant for our purposes. Section 2 presents the motivation for postulating *Procrastinate* and section 3 discusses whether *Procrastinate* is in accordance with the general picture sketched in section 1. In section 4, I discuss some attempts to derive the effects of *Procrastinate* and in section 5, I propose an alternative analysis. Section 6 shows that the proposed analysis receives further support from computations concerning deletion of traces as analyzed by Nunes (1995, 1996, forthcoming). Finally, a brief conclusion is presented in section 7.

1. The Minimalist Program: General Picture

Earlier versions of the Principles and Parameters Theory (see Chomsky 1981, 1986, for example) worked with the hypothesis that the linguistic system has several levels of representation encoding systematic information about linguistic expressions. Some of these levels are conceptually necessary, since their output is the input to performance systems which interact with the linguistic system. The Minimalist Program for Linguistic Theory proposed by Chomsky (1993, 1994, 1995:chap. 4) restricts the class of possible linguistic levels of representation to only the ones which are required by conceptual necessity, namely, the ones which interface with performance systems. Under the assumption that these performance systems are the Articulatory-Perceptual System (A-P) and the Conceptual-Intentional System (C-I), the linguistic levels which interface with A-P and C-I are PF (Phonetic Form) and LF (Logical Form), respectively. From the Minimalist perspective, all principles and parameters of the linguistic system should thus be stated in either LF or PF terms, perhaps as modes of interpretation by the performance systems.

Another assumption of the Program is that the language faculty is comprised of a lexicon and a computational system which is strictly derivational (see Chomsky, 1994:5-6, 1995:223-224).¹ The lexicon specifies the items which enter into the computational system and their idiosyncratic properties; the computational system then arranges these items in a way to form a pair (π, λ) , where π is a PF object and λ is an LF object. If π and λ are legitimate objects (i.e., they satisfy Full Interpretation in the sense of Chomsky, 1986, 1993), the derivation is said to *converge* at LF and at PF, respectively. If either π or λ does not satisfy Full Interpretation, the derivation is said to *crash* at the relevant level. A derivation is taken to converge only if it converges at both LF and PF.

The pair of legitimate objects (π, λ) must meet the requirement of compatibility. After all, it is not the case that any linguistic sound can be associated with any linguistic meaning. π and λ should thus be based on the same lexical choices. In previous versions of the Principles and Parameters Theory, this compatibility requirement was ensured by D-Structure, which provided the computational system with an array of lexical items structured in a certain way. Under Minimalist assumptions, however, there is no room for a syntactic level such as D-Structure, because it is not an interface level.² In order for (π, λ) to be formed according to Minimalist guidelines, it is necessary that the basis for a derivation be an array of lexical items stripped of any substantive property that would make it a syntactic level of representation.

Chomsky (1994:7; 1995:225) proposes that such an array is a *numeration*: a set of pairs (LI, i) , where *LI* is a lexical item comprised of (at most) phonological, semantic and formal features, and *i* indicates the number of times that *LI* is accessed by the operation *Select*. *Select* pulls out a lexical item from a numeration, reduces its index by one, and makes this lexical item available for further operations of the computational system.

Once the compatibility between π and λ is ensured, one needs to deal with the fact that elements interpretable at the A-P interface are not

¹ For a representational version of the Minimalist Program, see Brody (1995).

² For additional conceptual and empirical problems raised by the notion of D-Structure, see Chomsky (1993:sec.3).

interpretable at the C-I interface, and vice versa. At some point in the derivation, the computational system must then split into two parts, one forming π and the other forming λ , which do not interact any further after the bifurcation. S-Structure was the point of this split in pre-Minimalist versions of the Principles and Parameters Theory. The problem from a Minimalist perspective with there being a level feeding PF and LF such as S-Structure is that, since it does not interface with any performance system, it is not conceptually necessary. Thus, every substantive property attributed to S-Structure should be restated within the Minimalist framework in either LF or PF terms.

In the case at hand, the only thing required under Minimalist assumptions is a rule which splits the computation to form the distinct objects π and λ . Chomsky (1993:22) calls this operation *Spell-Out*. Spell-Out is free to apply at any point in a given derivation; “wrong” choices presumably cause the derivation to crash at one of the interface levels.³ The computation from Spell-Out to PF is referred to as the *phonological component*, the computation from Spell-Out to LF as the *covert component*, and the computation that obtains before Spell-Out as the *overt syntax*. In addition to containing phonological rules proper, the phonological component includes a morphological subcomponent and also deals with linearization.

Finally, it is assumed that the mapping from a numeration N to λ , is subject to two conditions (see Chomsky 1994: 8, 1995: 228-229): (i) the *Uniformity Condition*, which states that the operations available in the covert component must be the same as the ones available in overt syntax; and (ii) the *Inclusiveness Condition*, which postulates that λ must be built from the features of the lexical items of N .

2. Feature Checking, Procrastinate, and Strong Features

Chomsky (1993, 1994, 1995) assumes that lexical and functional heads are already inflected in the numeration. A checking operation made available by overt or covert applications of the operations Merge or Move then allows

³ The details of the inner workings of Spell-Out have to do with the internal coherence of the system regarding lexical access after Spell-Out, which must be either blocked or very restricted in order to ensure the compatibility between ? and ? See Chomsky (1993:22, 1994:8, 1995:232), Nunes (1995:sec. II.5), and Uriagereka (1997), for different formulations and relevant discussion.

lexical and functional heads to be appropriately paired (if possible). The problem is to show how the parametric variation concerning overt vs. covert movement can be stated without reference to a syntactic level such as S-Structure. This problem basically involves two questions: (i) Why should all languages not have only overt movement? and (ii) Why do some languages have overt movement?

To address the first question, Chomsky (1993:30) proposes an economy principle referred to as *Procrastinate*, which states that covert movement is less costly than overt movement. Regarding the second question, Chomsky (1993:30) proposes that the features of a lexical item may be weak or strong, and that strong features cannot be eliminated in the phonological component.⁴ Thus, the only way to prevent strong features from reaching the phonological component is to eliminate them before Spell-Out through the checking operation made available by either Merge or Move. If Merge does not yield a convergent derivation, overt movement is then required.

The fact that overt movement triggered by strong feature checking always violates *Procrastinate* is not a problem. As an economy principle, *Procrastinate* only chooses among competing derivations which converge. In the case under discussion, if overt movement does not take place, a strong feature will reach the phonological component and the derivation will crash at PF. Generally put, only the derivations that converge in an optimal way reach the performance systems.

3. Problems with *Procrastinate*

As mentioned in section 1, among the optimality conditions taken to govern the mapping from any given numeration N to its corresponding LF object φ , is the Uniformity Condition, which requires that the operations available in the covert component be the same as the ones available in overt syntax. Let us consider the conceptual motivation behind the Uniformity Condition for a moment.

⁴ For alternative views of strong features, see Chomsky (1994:9, 1995:232-235), Nunes (1995:sec. II.6.2), and Uriagereka forthcoming.

If there were operations that by definition could only apply before or after Spell-Out, objects resulting from improper applications of "overt operations" in the covert component should be filtered out by LF and objects resulting from improper applications of "covert operations" in overt syntax should be ruled out by Spell-Out. This, however, would render Spell-Out a syntactic level of linguistic representation, going against the Minimalist goal to eliminate non-interface levels (see section 1). By requiring that the same operations be available for covert and overt computations, the Uniformity Condition renders LF able to filter out illicit objects which would otherwise have to be ruled out by Spell-Out; in turn, this has the effect of stripping Spell-Out of a substantive property which would make it a level of representation.

Bearing these considerations in mind, let us examine the Procrastinate principle introduced in section 2. Suppose for the sake of the argument that in a given convergent derivation, Move has applied overtly in absence of strong features. Obviously, the result of this undesirable movement cannot be ruled out at LF, given that the derivation converges; apparently, the only way to prevent this case is to postulate that Spell-Out rules out the output of overt movement in absence of strong features, which would in turn render Spell-Out a level of representation. Therefore, Procrastinate, as formulated in Chomsky (1993), does not fit well in the system. Postulating an inherent difference between overt and covert movement operations amounts to saying that these are two different types of operation, violating the Uniformity Condition and requiring a non-interface level to deal with one of them.

The general assumptions of Minimalist Program thus lead us to the conclusion that, even if Procrastinate is empirically accurate, it should not be taken as a principle of derivational economy. Rather, it should be simply taken as a description of the results of more abstract economy computations. In the following sections, I discuss some proposals in the literature which attempt to derive the effects of Procrastinate, and advance a new alternative.

4. Some Attempts to Derive the Effects of Procrastinate

4.1. Nunes (1994) and Kitahara(1995)

Assuming the copy theory of movement, according to which a moved

element leaves behind a copy which gets deleted in the phonological component (see Chomsky, 1993:35), Nunes, 1994 and Kitahara, 1995) attempt to derive the effects of Procrastinate from economy considerations regarding the number of operations required by overt movement. Leaving aside the technical details and differences between these two papers, their point is that overt movement entails extra work in the phonological component. The derivation underlying the sentence in (1a) below, for instance, with overt object movement for purposes of Case checking requires one application of deletion to eliminate the lower copy of Mary and should thus be more costly than the one in (2b), which requires no such operation. In other words, covert movement should always be the preferred option; overt movement should only be employed if the derivation does not converge otherwise, as in instances involving strong feature checking.

- (1) a. *John Mary saw.
 b. $[_{AgrsP} \text{John} [_{TP} \text{T} [_{AgroP} \text{Mary} [_{Agro'} \text{Agro} [_{VP} \text{John saw Mary}]]]]]]]$
- (2) a. John saw Mary.
 b. $[_{AgrsP} \text{John} [_{TP} \text{T} [_{AgroP} \text{Agro} [_{VP} \text{John saw Mary}]]]]]$

The virtue of the proposals by Nunes (1994) and Kitahara (1995) is that they rely upon general economy considerations regarding the number of applications of the operations of the computational system in a given derivation, without ascribing inherent cost to overt operations. Therefore, the effects of Procrastinate are derived in compliance with the Uniformity Condition on the mapping from N to λ .

The problem with these proposals, however, is that they resort to global computations. Chomsky (1995:chap. 4) has argued, based on conceptual as well as empirical grounds, that economy comparison should not involve global computations. The (convergent) derivations of (3a) and (4a) below, for instance, each involve one overt movement operation and hence, one violation of Procrastinate. If violations of Procrastinate are to be counted in a global fashion, the derivations of (3a) and (4a) should then be equally economical and pattern alike, contrary to fact.

- (3) a. There don't seem to be men in the list.
 b. [there_i don't seem [t_i to be men in the list]]
- (4) a. *There don't seem men to be in the list.
 b. *[there don't seem [men_i to be t_i in the list]]

In order to account for the contrast between (3a) and (4a), Chomsky (1995:346) proposes that economy should be computed at every step of the derivation. Consider the step after the computational system has assembled (in a cyclic fashion) the structure in (5) below, whose T head has a strong feature requiring the subject position to be filled. Insertion of *there* to check the strong feature, as in (3b), is more economical than movement of *men*, as in (4b), because the latter violates Procrastinate; hence the contrast between (3a) and (4a).

(5) [to be men in the list]

Let us return to the discussion of the proposals by Nunes (1994) and Kitahara (1995). According to these proposals, the decision of whether or not the object should move overtly after the structure in (6) below is assembled in the derivation of (1a) or (2a) depends on later computations in the phonological component, after the full AgrsP is assembled and Spell-Out has applied. However, if economy can be determined based on such global computations, one cannot account for the contrast between (3a) and (4a), as argued by Chomsky (1995). Thus, a uniform account of the data in (1)-(4) is still to be provided.

(6) [_{AgrOP} Agro [_{VP} John saw Mary]]

4.2. Chomsky (1995)

A more promising approach can be found in Chomsky's (1995:sec. 4.4.4) theory of movement. Chomsky (1995:262-263) observes that if movement operations are triggered by feature checking, Minimalist considerations would lead us to expect Move to operate with features, rather than categories. Chomsky (1995:262-263) then proposes that the operation Move does target features; however, properties of the phonological component require that when a feature of a lexical item or a phrase moves,

all the other features of that category be pied-piped. Morphology presumably is not able to operate with isolated features or other scattered parts of words. Thus, overt movement of a feature F has the appearance of movement of a category containing F; on the other hand, since covert movement does not feed Morphology, it need not (therefore must not) resort to generalized pied-piping. Movement of a given feature F for checking purposes is therefore subject to the condition in (7) (see Chomsky, 1995:262):

(7) F carries along just enough material for convergence.

Crediting H. Kitahara and H. Lasnik by the observation, Chomsky (1995:264) notes that "the proposed economy principle provides a further rationale for the principle Procrastinate: nothing at all is the least that can be carried along for convergence and that is possible only if raising is covert, not entering the phonological component".⁵

This suggestion also has the merit of deriving some aspects of Procrastinate without assigning inherent cost to overt operations, thereby satisfying the Uniformity Condition. However, it appears to be restricted to the choice between overt and covert movement in absence of strong feature checking and does not extend to the choice between lexical insertion and overt movement for purposes of strong feature checking, which also falls under Procrastinate in Chomsky's (1995:chap. 4) system. Recall that a convergent derivation involving the step in (5) must check the strong feature of T. It is plausible to assume that the morphological restrictions regarding scattered features mentioned above also exclude a derivation in which only

⁵ Chomsky (1995:265) assumes that "Move F automatically carries along FF(LI), the set of formal features of LI". However, the pied-piping of the remaining formal features of LI when a feature F of LI is moved in the covert component in principle should also be excluded by the economy condition in (7). If true, this apparent departure of optimality needs to be accounted for. It could be the case that the Move operation just happens to deal with sets of features or sets of sets of features, but not with single features. Another possibility to consider is that movement in the covert component may actually target heads, which only have formal and semantic features after Spell-Out. Yet another possibility is that the derivational cost with respect to feature movement may take into consideration three variables: number of features moved, number of applications of Move, and number of checking relations made available by the moved features. The idea is that the most economical derivational step is the one which allows the largest number of checking relations with fewest number of features in a single application of Move. I will leave the choice among these three options pending on further research.

the categorial feature of *there* in (3b), for instance, merges with the structure in (5) to check the strong feature; rather, the whole category *there* (including phonological features) must merge with (5). Once “generalized pied-piping” is arguably required for overt applications of both Merge and Move, one needs to resort to an independent economy criterion to choose between the derivations in (3b) and (4b). Again, we are still in need of a uniform account of (1)-(4).

4.3. Groat and O’Neil (1996)

Groat and O’Neil (1996) propose an alternative model to the one laid out in Chomsky (1993), as far as the notions of Spell-Out and movement are concerned:

In our model, a derivation proceeds until all features, weak and strong, have been checked, yielding a single “final” phrase-marker K_f , which is the object of the interpretive mechanism and of the phonological component. In other words, Spell-Out and LF interpretation take the same K_f as their input. All syntactic operations have taken place before interpretation and before PF; there are no post-Spell-Out syntactic operations. (Groat and O’Neil, 1996:124)

In this system, the difference between “overt” and “covert” movement is expressed in terms of whether the head or the tail of the chain is phonetically realized, which should take place in compliance with the principle in (8a) and the economy condition in (8b) (Groat and O’Neil’s (7)).

- (8) a. Strong features may be checked only in a checking relation with node specified for phonological features.
- b. Moving phonological features to the head of the chain is more costly than leaving them in the tail of the chain.

The effects of Procrastinate regarding the preference for “covert” instead of “overt” movement appear to be derived in a natural fashion in this system, given that more features are moved when movement takes place overtly. However, this result is achieved with a substantial complication of the inner workings of the movement operation. In Groat and O’Neil’s (1996:125) own words, “forming a chain results in copying all syntactic

features of the category moved, but does not copy the category's phonological matrix: it either moves it to the new position or fails to move it". That this complication is not without problems can be illustrated by two facts.

First, if the only difference between overt and covert movement is phonetic realization (movement of phonological features), we should expect the Portuguese sentences in (9) and (10) with and without overt wh-movement, respectively, to have the same possibilities of interpretation for the reflexive, which is not the case.

(9) Que fotografia de [si mesmo _{i,j} Pedro_j disse que Paulo_i viu?
 which picture of self own Pedro said that Paulo saw
 'Which picture of himself did Pedro say that Paulo saw?'

(10) Pedro_j disse que Paulo_i viu que fotografia de [si mesmo]_{i/*j} ?
 Pedro said that Paulo saw which picture of self own
 'Which picture of himself did Pedro say that Paulo saw?'

The other potential problem for this approach is posed by constructions involving wanna-contraction, such as (12) below, for instance (see Nunes, 1995:sec. III.4.3.2). Given the sentence in (11a), where the second instance of *who* precedes *to*, it is safe to assume that a strong feature is checked in the embedded subject position; hence, (12a) should involve (at least) two instances of movement, as represented in (12b):

(11) a. Who wants who to win the prize?
 b. [_{CP} who wants [_{IP} who_i to [_{VP} t_i win the prize]]]

(12) a. Who do you want to/*wanna win the prize?
 b. [_{CP} who_i do you want [_{IP} t_i to [_{VP} t_i win the prize]]]

According to Groat and O'Neil's analysis, the phonological features of *who* in (12b) should be moved to the embedded subject position to check a strong feature and then moved to the matrix Spec of CP to check another strong feature. Given that there are no phonological features intervening between *want* and *to*, we should then expect contraction to be allowed,

contrary to fact. Notice that we cannot ascribe the impossibility of (12b) to the intervening formal or semantic features of the intermediate trace of *who*. Were that the case, the formal or semantic features of PRO in (13b) should also block contraction, again contrary to fact⁶:

- (13) a. I want to/ wanna win the prize.
 b. I want [_{CP} PRO_i to [_{VP} t_i win the prize]]

It might be the case that these problems can be solved if Groat and O'Neil's proposal is recast in terms of Chomsky's (1995) Move-F approach, a possibility that I will not explore in this paper. The point to be borne in mind here is that even if the problems pointed out above are overcome and the effects of Procrastinate regarding covert vs. overt movement can be derived along the lines Groat and O'Neil suggest, we would still need an independent economy criterion to choose between Merge and Move, as in Chomsky's Move-F analysis (see section 4.2).

4.4. Kitahara (1997)

Adopting Chomsky's (1995:chap. 4) general proposal that covert movement involves only sets of formal features, whereas overt movement involves whole categories, Kitahara (1997:chap. 2) attempts to derive the effects of Procrastinate through a global economy condition minimizing the number of applications of what he calls *elementary* operations:

(14) *Shortest Derivation Condition:*

Minimize the number of elementary operations necessary for convergence.

Kitahara proposes that Merge and Move should be decomposed into the more basic operations of *concatenation and replacement*: cyclic applications of Merge or Move involve only concatenation, whereas noncyclic ones involve concatenation and replacement.⁷ In addition, assuming that the

⁶ As Groat and O'Neil (1997:fn. 3) acknowledge, it is also not immediately obvious in their system how to account for the fact that strong features can apparently be checked by elements without phonological features, such as PRO and null operators.

⁷ Replacement is to be understood in the context of Chomsky's (1995:chap. 4) phrase structure building algorithm, according to which given a structure Σ : with constituents α and K *noncyclic* movement of α to target K concatenates α and K forming the object L, and *replaces* K by L in Σ , yielding the new structure Σ'

phonological and semantic features of a lexical item (PF(LI) and SF(LI), respectively) “are interpreted *only once*” (p. 35), Kitahara also proposes that overt movement necessarily induces covert erasure of SF(LI) of LI or of its trace, where erasure is taken to be an application of replacement substituting an empty element \emptyset for SF(LI).⁸

With these assumptions, Kitahara successfully derives the effects of Procrastinate regarding verb movement in languages like English, as illustrated in (15), and the preference for Merge instead of Move in the case of (3) and (4), repeated below in (16) and (17):

- (15) a. John often sees Mary.
 b. *John sees often Mary.
- (16) a. There don't seem to be men in the list.
 b. [there_i don't seem [t_i to be men in the list]]
- (17) a. *There don't seem men to be in the list.
 b. *[there don't seem [men_i to be t_i in the list]]

Covert verb movement in (15a) involves the application of two elementary operations: concatenation of the formal features of the verb with T, and the replacement of the resulting syntactic object in the larger structure. The derivation of (15b), on the other, requires the application of the same operations plus an additional replacement operation to erase SF(LI) of one of the links of the verb chain. The Shortest Derivation Condition in (14) selects the more parsimonious derivation between these two, yielding the contrast in (15). The contrast between (16) and (17) is accounted for in a similar manner. Overt movement of *men* in (17) triggers erasure of SF(LI) of one of the links of the NP chain, but movement of *there* in (16) does not, since expletives arguably have no semantic features; hence, (16) blocks (17).

When other constructions are considered, Kitahara's approach faces

⁸ \emptyset is taken to be “an actual symbol of mental representation with no feature” (Kitahara, 1997:34). Putting aside the dubious nature of such contentless element, the introduction of a symbol which is not part of the initial numeration in the course of the derivation is at odds with the Inclusiveness Condition, according to which LF objects are built from the features of the lexical items of the initial numeration (see section 1).

some problems which compromise the analysis as a whole. For instance, in this system overt and covert object movement for purposes of Case checking have the same cost, because both options involve two elementary operations: if object shift takes place overtly, it involves concatenation of the object and the vP (a projection of a light verb) and the erasure of SF(LI) of one link of the object chain; if it takes place covertly, it involves the concatenation of the formal features of the object with the relevant head and the replacement of the resulting syntactic object in the large structure. Although this may be a welcome result regarding the optionality of object shift in Icelandic, it is certainly an undesirable result for languages such as French and English.

In order to account for the absence of object shift in English-type languages, which lack verb movement, Kitahara resorts to Chomsky's (1993) Minimal Link Condition (MLC) in terms of equidistance, according to which object shift requires verb movement (past the subject).⁹ Since there is no overt verb movement to T in English, the computational system chooses the derivation without object shift, which does not violate the MLC. This line of reasoning however cannot be extended to languages such as French, where overt verb movement should render covert and overt object shift equally costly. As Kitahara (p. 114:fn. 26) acknowledges, an additional parameter would be necessary to make the distinction between Icelandic and French.

It should also be pointed out that by assuming both the version of the MLC in terms of equidistance proposed in Chomsky (1993) and the clausal structure without Agr projections assumed in Chomsky (1995:chap. 4), Kitahara's analysis overgenerates. For instance, it wrongly rules in the derivation sketched in (18) in a language with overt verb movement to T:

⁹ The relevant definitions for the following discussion of locality of movement are given in (i)-(iv) below (see Chomsky, 1993:11-19 for original formulation, and Nunes, 1995:sec. II.7, Nunes and Thompson, forthcoming: sec. 8, and Uriagereka, forthcoming for discussion).

(i) *Max*(α):

The least full-category maximal projection dominating α

(ii) Domain of α (δ (α)):

The set of categories contained in *Max*(α) that are distinct from and do not contain α

(iii) *Minimal Domain of α* (*Min*(δ (α)):

The smallest subset K of (α) such that for any $\gamma \in \delta(\alpha)$, some $\beta \in K$ reflexively dominates γ

(iv) *Equidistance*:

Where α and β are targets of movement for a category γ , if α and β are in the same minimal domain, they are equidistant from γ

- (18) a. [_{VP} SU-acc [_v V+v [_{VP} t_v OB-nom]]]
 b. [_{VP} SU-acc [_v t_{SU-acc} [_v V+v [_{VP} t_v OB-nom]]]]
 c. [_{TP} V+v+T [_{VP} SU-acc [_v t_{SU-acc} [_v t_{V+v} [_{VP} t_v OB-nom]]]]]
 d. [_{TP} OB-nom [_{TP} V+v+T [_{VP} SU-acc [_v t_{SU-acc} [_v t_{V+v} [_{VP} t_v t_{OB-nom}]]]]]]]

In (18b) an accusative subject moves to the outer Spec of vP to check its Case against the verbal complex V+v, and in (18c) the verbal complex moves to T. Crucially, after the verb movement in (18c), the two Specs of vP and Spec of TP fall under the minimal domain of the chain (V+v, t_{V+v}) and are, therefore, equidistant from the object (see fn. 9); the nominative object is then allowed to move to Spec of TP to check its Case in compliance with the MLC, yielding (18d). Thus, Kitahara's assumptions lead to the wrong prediction in languages with overt movement to T, a surface sequence corresponding to "John-nom kissed Mary-acc" would be ambiguous between the interpretations 'John kissed Mary' and 'Mary kissed John'.

Given the overall adjustments that are required for Kitahara's system to derive the timing of object shift in different languages without resorting to Procrastinate, it is not clear whether it is a better alternative to Chomsky's 1995:chap. 4 system, which dispenses with the notion of equidistance and assigns an optional strong feature to the light verb in languages such as Icelandic. If these problems are not overcome, the partial derivation of the effects of Procrastinate regarding (15)-(17) becomes substantially weakened.

5. An Alternative Approach

Based on a suggestion by Chomsky (1995: chap. 4) about the conceptual grounds for the postulation of economy conditions, below I explore an alternative approach which provides a unified account of the preference for covert movement instead of overt movement and the preference for lexical insertion instead of movement.

5.1. Derivational Cost of the Operations of the Computational System

Chomsky (1995:226) suggests that the computation of derivational cost hinges on whether an operation is a defining property of derivations or whether it is associated with a convergence condition on derivations. For Chomsky

(1995:225-226), a derivation is a sequence of symbolic elements S mapped from a numeration N such that the last member of S is a pair (π, λ) and N is reduced to zero (that is, for any L_i of N , $i = 0$). A given derivation is said to be cancelled if an illegitimate operation is performed during the computation, if the pair (π, λ) is not formed, or if the numeration is not exhausted (see Chomsky, 1995:225-226).

If the applications of Select, for instance, are insufficient to exhaust the numeration, the derivation is cancelled and no questions of convergence or economy arise. Similar considerations hold of the operation Merge, which takes two syntactic objects and replaces them with a single object. Assuming that it is a defining property of a derivation that λ is formed from a single syntactic object, the computational system must then employ sufficient applications of Merge.¹⁰ If such a requirement is not met, the derivation is cancelled and no questions of convergence or economy can be raised.

The operations Move, Delete, and Erase, on the other hand, are associated with convergence conditions. If they do not apply, a derivation may eventually be formed, but at least one object of the pair (π, λ) violates Full Interpretation. Chomsky then suggests that the operations Move, Delete, and Erase, which are required for the pair (π, λ) to be legitimate and interpreted by the performance systems are derivationally costly, whereas the operations Select and Merge, which define what is a possible derivation, have no derivational cost.

Let us now see how this conceptual basis for the computation of derivational economy allows us to derive the effects of Procrastinate.

5.2. Deriving Procrastinate

The notion of derivational cost as proposed above straightforwardly

¹⁰ This corresponds to the property of single-rootedness of phrase-markers in standard X'-Theory. Chomsky (1993:22) takes single-rootedness to be a convergence property at PF; Chomsky (1995:226), on the other hand, takes it to be a defining property of the mapping from N to λ . The shift is related to the fact that Chomsky (1995:chap. 4) allows lexical access in the covert component, but not in the phonological component (see fn. 3). It is reasonable to assume that in order for (the relevant features of) the lexical items shipped to the phonological component to be linearized in accordance with Kayne's (1994) Linear Correspondence Axiom, the syntactic object to be spelled out must also be single-rooted (but see Uriagereka forthcoming for the opposite view). The choice among these options is irrelevant for what follows.

accounts for the contrast between (3) and (4), repeated below in (19) and (20). After the structure in (21) is assembled, its strong feature can be checked by either lexical insertion (applications of Select and Merge) of *there* (cf. (19b)) or movement of *men* (cf. (20b)), both possibilities leading to a convergent derivation. Since Select and Merge are derivationally costless and Move is costly, lexical insertion is preferred over movement despite the fact that the former employs two operations.¹¹

(19) a. There don't seem to be men in the list.
 b. [there_i don't seem [t_i to be men in the list]]

(20) a. *There don't seem men to be in the list.
 b. *[there don't seem [men_i to be t_i in the list]]

(21) [to be men in the list]

Similar reasoning extends to the derivational step after (6), repeated below in (22), is formed. Given that no strong feature requires that the Spec of Agro be filled, merging (22) with the tense head T is more economical than moving the object *Mary* to the Spec of Agro. The interesting question arises after the whole AgrsP in (2b), repeated below in (23), is formed with the movement of the subject *John* to the Spec of Agrs. Assuming for the moment that the numeration has already been exhausted (see below for further discussion), the sequence of derivational steps involving Select and Merge is no longer available. The next step then is either to apply the Spell-Out rule or to move *Mary* to the Spec of Agro for Case checking.

(22) [_{AgroP} Agro [_{VP} John saw Mary]]

(23) [_{AgrsP} John [_{TP} T [_{AgroP} Agro [_{VP} John saw Mary]]]]

¹¹ Nunes (1995:chap. IV) argues that rather than being a complex operation encompassing four suboperations (Copy, Merge, Form Chain, and Delete Trace), as in Chomsky's (1995:chap. 4) system, Move should be viewed as a description of the interaction of the independent operations Copy, Merge, Form Chain, and Chain Reduction (on the latter, see section 6 below). In this system, Copy is derivationally costly, but not Form Chain or Chain Reduction. Thus, "lexical insertion" (interaction of Select and Merge) is still more economical than overt movement (interaction of Copy, Merge, Form Chain, and Chain Reduction). See Nunes (1995:sec. II.10) for details.

According to what was discussed in the previous section, Spell-Out is a defining property of a derivation; if it does not apply, the pair (π, λ) is not formed and the derivation is cancelled. Spell-Out is therefore derivationally costless and should be preferred over movement, if the two options lead to convergence. In the case at hand, both options allow the derivation to converge, since strong features have already been checked. The computational system then applies Spell-Out to (23) and movement of (the formal features of) Mary takes place in the covert component.

Therefore, it is not the case that overt movement is inherently more costly than covert movement, as stipulated by Procrastinate. Rather, this asymmetry follows from the fact that once strong features are checked and the numeration is exhausted, Spell-Out, which is derivationally costless, should be preferred over Move, which has derivational cost. The general economy considerations discussed in the previous section thus allow us to eliminate Procrastinate as a principle of UG, while deriving its effects without violating the Uniformity Condition on the mapping from N to λ . This analysis also overcomes the disadvantages of the proposals reviewed in section 4: economy is always computed locally, taking a single derivational step into account, and a unified account is offered to the preference for covert instead of overt movement, and the preference for lexical insertion instead of movement.¹²

For the sake of completeness, let us reconsider the sentence (2a),

¹² One reviewer raises the following issue:

ASSUME (i) that Spell-Out is taken to be part of the phonological component; and ASSUME further (ii) the view that such a system is extraneous to the computation C_{HL} . Then, Spell-Out (short of contradiction) CANNOT be taken to be "an operation which is a defining property of derivations", with the further consequence that it cannot even ENTER into comparison [in terms of cost; JNW]. If anything, Spell-Out should be a VERY costly operation, under this view.

I take Spell-Out to be an operation which is imposed on the computational system by what Chomsky's (1993, 1995) calls "bare output conditions". Given that (i) the language faculty interfaces with different cognitive systems (say, for the sake of the argument, the Conceptual-Intentional and the Articulatory-Perceptual systems) and (ii) these systems operate with different vocabularies, the computational system should have a screening device to satisfy the vocabulary requirements of each interface. Spell-Out fulfills such function by splitting the computation based on the kinds of lexical features each interface operates with. Spell-Out is therefore a defining property of syntactic derivations; if it does not apply, the pair (π, λ) can not be formed.

repeated below in (24a). Assuming that the “force” of a clause is determined by the nature of its complementizer, (24a) must have a null declarative complementizer C.¹³ Thus, the structure in (24b) must be assembled at some point in the derivation. Based on the discussion in section 2, we conclude that the complementizer in (24b) does not have a strong feature, because it does not trigger overt movement. The question then is whether C is inserted overtly or covertly. Chomsky (1995:292) proposes that a complementizer with neither strong nor phonological features should be inserted covertly “on grounds of economy, if we assume that Procrastinate holds of Merge as well as Move”.

- (24) a. John saw Mary.
 b. [_{CP} C [_{AgroP} John [_{TP} T [_{AgroP} Agro [_{VP} John saw Mary]]]]]

Notice that underlying Chomsky’s proposal is the assumption that Procrastinate should be taken as an independent economy principle of UG. If, on the other hand, the effects of Procrastinate should be derived along the lines proposed above, Chomsky’s claim that Merge is subject to Procrastinate would amount to saying that Merge and Spell-Out should be compared for purposes of economy and that the former is more costly. However, there appears to be no principled reason for taking Merge to be inherently more costly than Spell-Out. In addition, the choice between overt and covert insertion of this type of complementizer seems to have no empirical consequence, as far as I can see. In absence of empirical evidence to the contrary, I will keep the assumption that Merge and Spell-Out should be analyzed as equally economical, given that a pair (π, λ) can only be formed with applications of these operations (see section 5.1).¹⁴ It is possible that this is an instance in which the grammar allows true optionality: if Merge and Spell-Out are equally economical, a matrix complementizer with no

¹³ As Chomsky (1995:292) observes, the null complementizer that appears in matrix clauses is different in nature from the overt complementizer *that* in English: the former carries declarative force, whereas the latter does not. Thus, (ii) is an appropriate answer for the question in (ia), but not for the one in (ib):

- (i) a. What did Mary say?
 b. What happened?
 (ii) That John left.

¹⁴ Recall that comparing Spell-Out with the sequence of derivational steps involving Select and Merge (i.e., lexical insertion) is not illuminating either, because Select is also derivationally costless (see section 5.1).

phonological or strong features can be inserted either before or after Spell-Out.

6. Other Economy Computations

In sections 6.2 and 6.3 below, I present two other cases which also fall under the conceptual guidelines for economy computation discussed in section 5.1. Both of them have to do with Nunes's 1995, 1996, forthcoming analysis of deletion of traces in the Minimalist Program, which is summarized in section 6.1.

6.1. The Copy Theory of Movement and Deletion of Traces

Assuming the general framework of Chomsky (1995:chap. 4), Nunes (1995, 1996, forthcoming) attempts to account for why traces must be deleted in the phonological component, once the copy theory of movement is assumed. Given the structure in (25) below, for instance, one must determine why the NP chain cannot be realized with all of its links phonetically realized (cf. (26a)) and why deletion targets traces and not the head of a chain (cf. (26b) vs. (26c)).

(25) [John [was [arrested John]]

- (26) a. *John was arrested John.
 b. *Was arrested John.
 c. John was arrested.

Extending a proposal by Chomsky (1995:227), Nunes (1995, 1996, forthcoming) assumes that two lexical items count as nondistinct if they are not distinctively specified in the initial numeration. In the case at hand, the two occurrences of *John* in (25) count as nondistinct if the initial numeration underlying (25) has a single instance of *John* (i.e., the index of *John* in the initial numeration is 1). Assuming this to be so, there is no way for the computational system to linearize the structure in (25) in accordance with Kayne's 1994 Linear Correspondence Axiom (LCA), according to which linear precedence in the phonological component is determined by asymmetric c-command. Since the verb *was* in (25), for instance, asymmetrically c-commands the lower instance of *John*, the LCA requires that *was* precede *John*; by the same token, the LCA requires that *John* precede *was* because the upper copy of *John* asymmetrically c-commands *was*. Given that the two copies of *John* are nondistinct, that amounts to saying that *was* should precede and be preceded by the same element, in violation of the asymmetry condition

on linear order. Hence, the structure in (25) cannot surface as (26a) because it cannot be linearized. In order to yield a PF object, the NP-chain in (25) has to undergo the operation Chain Reduction, as described in (27) (see Nunes 1995, 1996, forthcoming for details and discussion).¹⁵

(27) *Chain Reduction:*

Delete the minimal number of constituents of a nontrivial chain CH which suffices for CH to be mapped into a linear order in accordance with the LCA.

Applying to (25), Chain Reduction deletes either the upper or the lower copy of *John*, allowing either resulting structure to be linearized in accordance with the LCA. The choice between these two derivations will depend on the elimination of formal features in the phonological component. Although formal features are relevant for morphological computations, they are not interpretable at PF (only phonological features are); thus, an operation of the phonological component applying after morphology must eliminate formal features which are visible at PF (see Chomsky, 1995:230-231). Let us refer to this rule as *FF-Elimination*, which is stated in (28) (see Nunes, 1995:291).

(28) *Formal Feature Elimination (FF-Elimination):*

Given the sequence of pairs $\sigma = \langle (F, P)_1, (F, P)_2, \dots, (F, P)_n \rangle$ such that σ is the output of Linearize, F is a set of formal features and P is a set of phonological features, delete the minimal number of formal features in order for σ to satisfy Full Interpretation at PF.

Extending Chomsky's 1995:sec. 4.5.2 checking theory, Nunes (1995) proposes that a [-interpretable] formal feature becomes invisible at PF after being checked. Thus, a checked feature need not (therefore must not) be eliminated by FF-Elimination, because it has already been rendered invisible

¹⁵ Although I will assume the formulation in (27) for purposes of presentation, it is actually unnecessary to specify that Chain Reduction must delete the *minimal number* of constituents; that is, Chain Reduction need not count. Economy considerations regarding the length of a derivation may indirectly determine the number of elements to be deleted by enforcing the minimal number of applications of deletion. All things being equal, a short derivation should block a longer derivation (see Chomsky, 1995:314, 357); hence, a derivation in which constituents are unnecessarily deleted is longer, therefore less economical, than a competing derivation where no such deletion occurs. Similar considerations apply to FF-Elimination and Chain Uniformization, which are discussed below.

at PF by a checking operation (see Nunes 1995, 1996, forthcoming for details and discussion).

Bearing these considerations in mind, let us examine the Case-feature of *John* in the course of the derivation of (25), as shown in (29) below. The Case-feature of the upper copy of *John* becomes invisible at both LF and PF after being checked against the finite T head, as represented by the subscript in (29c).

- (29) a. [was [arrested John-CASE]]
 b. [John-CASE [was [arrested John-CASE]]]
 c. [John-_{CASE} [was [arrested John-CASE]]]

After (29c) undergoes Chain Reduction for purposes of linearization, it yields either (30a) or (30b) below, depending on which copy of *John* is deleted. In order to converge, the derivation operating with the structure in (30b) still requires an application of FF-Elimination targeting the unchecked Case-feature, whereas no such application is required for (30a), because its Case-feature became invisible at PF after being checked. The derivation in which

¹⁶ Notice that the choice of the chain link to survive Chain Reduction is determined by *economy* considerations, not *convergence*. This makes the prediction that in instances where the phonetic realisation of the head of the chain does not lead to a convergent derivation, another link becomes the optimal option for phonetic realization. See Nunes forthcoming for discussion of potential cases.

¹⁷ One reviewer asks whether this analysis does not wrongly predict that a structure such as (i), with movement of the expletive, should yield both sentences in (ii): given that the only formal feature of *there* (its categorial feature) enters into a checking relation with both the embedded and the matrix T, the two copies of *there* should be identical.

- (i) [there seems [there to be a man in the room]]
 (ii) a. There seems to be a man in the room.
 b. *Seems there to be a man in the room.

Here I am following Nunes's (1995) proposal that when participating in an overt checking relation, a [+interpretable] feature can optionally be deleted with respect to PF. If it is deleted, it patterns with deleted [-interpretable] features in not being able to enter into any further checking relations; if it is not deleted with respect to PF, it is allowed to enter into another checking relation. Since undeleted formal features (regardless of their interpretability at the C-1 interface) must be eliminated in the phonological component in order for the derivation to converge at PF, economy considerations dictate that two elements in an overt checking relation should have the largest number of features deleted with respect to PF, up to convergence. In other words, checking with respect to PF allows the number of applications of FF-Elimination targeting undeleted features to be minimized. Thus, if the D-feature of *there* (which I take to be [+interpretable], like any other categorial feature) is deleted with respect to PF in the embedded subject position in (i), it will not be able to check the strong feature of the matrix T; hence, only the upper copy of *there* in (i) can have its D-feature deleted for PF purposes, becoming the optimal link to survive Chain Reduction (cf. (ii)). Similar considerations extend to successive cyclic movement (see Nunes 1995:sec. III.6.2.5, forthcoming:sec. 6.1 for further details).

Chain Reduction deletes the head of the chain thus ends up being more costly than the one in which the trace is deleted; hence, the contrast between (26b) and (26c).^{16,17}

- (30) a. [John-_{CASE} [was [arrested]]]
 b. [[was [arrested John-CASE]]]

6.2. “Procrastinating” FF-Elimination

As formulated in (28), FF-Elimination applies after a given syntactic object is linearized and, therefore, after Chain Reduction has applied. This is crucial in the reasoning; if FF-Elimination applied to the NP-chain in (29c) before Chain Reduction, there would be no basis to distinguish (26b) from (26c), and, more generally, the account for why (in general) only heads of chains are phonetically realized would be lost.

Nunes (1995, 1996) observes that if FF-Elimination applied before Chain Reduction, it would be redundant in eliminating certain formal features of constituents which would be themselves deleted later on by Chain Reduction. Hence, application of Chain Reduction before FF-Elimination was taken to be the optimal option since it would avoid this redundancy. This reasoning faces the familiar problem of resorting to global economy computations since it takes into consideration two derivational steps at a time (see the discussion in section 4).

The conceptual grounds for economy considerations laid out in Chomsky (1995:226) and reviewed in section 5.1, however, provide the means for deriving the order of application between Chain Reduction and FF-Elimination in a local and unified fashion (see Nunes forthcoming). If the chain CH = (John-_{CASE} John-CASE) in (29c), for instance, is not reduced, the structure containing it cannot be linearized and no PF object can be formed; as a defining property of a derivation, Chain Reduction is therefore costless. If FF-Elimination does not apply to (29c), on the other hand, an illegitimate PF object may eventually be formed; hence, by being associated with PF

convergence, FF-Elimination is derivationally costly. Thus, in the derivational step where a chain can in principle undergo either Chain Reduction or FF-Elimination, economy considerations will ensure its reduction. Optimality considerations concerning the number of applications of FF-Elimination then indirectly choose the derivation where the lower links of the chain are deleted (see section 6.1).¹⁸

6.3. “Procrastinating” Chain Uniformization

Let us reconsider the structure in (29c), repeated below in (31). As is, (31) should yield a violation of Full Interpretation at LF because the Case-feature of the lower copy of *John*, a [-interpretable] feature, is visible at LF (see Chomsky, 1995:sec. 4.5.2).

(31) [John-_{CASE} [was [arrested John-CASE]]]

The problem posed by (31) is reminiscent of the problem that a sentence such as (32a) below, for instance, presents for Chomsky’s 1995 system, where “the features of a chain are considered a unit: if one is affected by an operation, all are” (see Chomsky 1995:chap. 4, fn. 12). Under this assumption, after the formal features of the lower copy of *what* in (32b) raise in the covert component, a checking operation will obliterate the Case-features of both links of the newly formed chain, but not the Case-feature of the copy of *what* in Spec of CP, which is part of the chain formed earlier in the overt syntax. Noting this problem, Chomsky (1995:303) further adds that “a convention is then needed requiring erasure of F throughout the array of chains containing F, so that no [-interpretable] feature remains in the operator position”.

(32) a. What did John see?
 b. [_{CP} what-CASE did+Q [_{TP} John see what-CASE]]

¹⁸ Notice that this approach does not face the type of globality problem discussed in relation to Nunes (1994) and Kitahara (1995) (see section 4.1). In these papers, the application of an operation (overt movement) was contingent on the later application of another operation (deletion of traces). In the system explored here, Chain Reduction must apply regardless of FF-Elimination; the link to survive Chain Reduction is indirectly determined by economy considerations regarding derivational length (see fn. 15): the fewer features to be deleted by FF-Elimination a surviving link has, the shorter the derivation will be.

Assuming that traces are unaffected by the operations affecting heads of chains (see discussion in section 6.1), Nunes (1995) provides a single account of (31) and (32b) by implementing the convention suggested by Chomsky in terms of the condition in (33) and the operation in (34):

(33) *Feature Uniformity Condition:*

Given a chain $CH = (\alpha_1, \dots, \alpha_n)$, every α_i ($1 \leq i \leq n$) must have the same set of features visible at LF.

(34) *Chain Uniformization:*

Delete the minimal number of features of a nontrivial chain CH in order to allow its links to satisfy the Feature Uniformity Condition.

As it stands, the NP chain in (31) violates the Feature Uniformity Condition in (33). Applied to (31), Chain Uniformization deletes the Case-feature of the lower copy of *John*, allowing the NP chain to satisfy the Feature Uniformity Condition and the derivation to converge at LF. As for (32a), we have to consider two chains: the chain $CH_1 = (\text{what-CASE}, \text{what-CASE})$, formed overtly, and the chain $CH_2 = (\text{FF}(\text{what-CASE}), \text{FF}(\text{what-CASE}))$ formed after the set of formal features of the lower copy of *what* raises covertly. In order for CH_2 to satisfy the Feature Uniformity Condition, Chain Uniformization deletes the Case feature of its lower link, which consequently changes the uniform chain CH_1 into the nonuniform $CH_1' = (\text{what-CASE}, \text{what-CASE})$. Chain Uniformization then applies to CH_1' and deletes the Case-feature of its upper link, allowing it to satisfy the Feature Uniformity Condition and the derivation to converge at LF.

Just to make sure that we do not have overapplications of (34), let us consider the chain $CH = (\text{Bill-CASE}, \text{Bill-CASE})$ in (35b) below. If Chain Uniformization deleted the unchecked Case-features of CH, the Feature Uniformity Condition would be satisfied, but the derivation in (35b) would be incorrectly allowed to converge, because Full Interpretation would be met. However, this incorrect result does not arise because Chain Uniformization does not apply to chains which are already uniform with

19. This is actually the reason why Chain Uniformization cannot be subsumed under FF-Elimination, as one reviewer suggested; FF-Elimination is related to Full Interpretation (at PF), but Chain Uniformization is not.

respect to feature composition. The important thing to keep in mind is that, as stated in (34), deletion of ([-interpretable]) features is triggered by the Feature Uniformity Condition, not by Full Interpretation at LF. This is a natural assumption to make: if Chain Uniformization could delete any [-interpretable] feature to satisfy Full Interpretation at LF, no movement operation would ever be necessary.¹⁹

- (35) a. *It was believed Bill to be often kissed.
 b. [it was believed [Bill-CASE to [be often kissed Bill-CASE]]

Let us now return to the issue of economy computations. I have been tacitly assuming that Chain Uniformization applies in the covert component. However, given that the Uniformity Condition on the mapping from a given numeration to LF makes the same set of operations available in the covert component and in overt syntax (see section 1), one wonders whether Chain Uniformization could apply to the chain of (36), for instance, before Spell-Out. If that were possible, it would enable the NP chain to satisfy Full Interpretation at both LF and PF without any other operation eliminating the unchecked Case-features; however, the basis for the NP trace to be deleted in the phonological component instead of the head of the chain would be lost (see section 6.1).

- (36) [John-_{CASE} [was [arrested John-CASE]]]

I propose that although available throughout the mapping from a given numeration to LF, Chain Uniformization is prevented from applying overtly for economy reasons. Consider a derivational step after all the strong features have been checked and the numeration has been exhausted. The computational system may then apply Chain Uniformization to the chains formed overtly or apply Spell-Out. Since Spell-Out is required for a derivation to be generated, it is costless, therefore being more economical than Chain Uniformization, which is an operation related to a convergence condition (the Feature Uniformity Condition). Thus, since the structure in (36) is spelled out without the uniformization of the NP chain, an asymmetry between the head and the tail is created, which will then be the basis for the choice of the link to be deleted in the phonological component (see section 6.1.). Therefore, the fact that Chain Uniformization only applies covertly need not be stipulated and is not at odds with the Uniformity Condition on the mapping from N to λ ; its

application after Spell-Out is ensured by general economy considerations which are independently motivated.

7. Conclusion

In a derivational view of the Minimalist Program, an adequate definition of what constitutes a possible derivation is obviously necessary. Chomsky (1995:225-226) proposes a definition and makes the interesting proposal that the operations of the computational system which are required in order for a given computation to be valid as a derivation so defined should be derivationally costless. The intuitive idea is that if these operations do not apply, we simply do not have a computation that is linguistically relevant; hence, it does not make sense to ask whether the resulting object is legitimate or whether a given computational step is more economical. Economy chooses among convergent derivations, therefore among derivations. Once the operations that are in some sense part of the definition of a possible derivation are taken to be costless, the remaining operations, the ones which are concerned with what is a legitimate LF or PF object, should thus be the ones which have derivational cost.

As observed by Chomsky, one of the effects of Procrastinate can be derived under this view: lexical insertion (applications of the costless operations Select and Merge) should always be preferred to overt movement (if the two options lead to convergent derivations). I have shown that the other aspect of Procrastinate (covert movement is more economical than overt movement) can also be derived along the same lines if we take the relevant comparison to be the one between Move and Spell-Out.

This approach has the virtue of stripping Procrastinate of any theoretical significance as a principle of economy. Recall that, as discussed in section 3, the Uniformity Condition on the mapping from N to λ ensures that Spell-Out does not end up being a level of representation by being responsible for ruling out overt applications of "covert operations". By violating the Uniformity Condition, Procrastinate retained an unwanted residue of S-Structure in the system and therefore its effects should be accounted for in a different manner.

The notion of derivational cost depending on convergence was also shown to make the correct predictions with respect to the order of application

of operations having to deal with deletion of traces as proposed in Nunes (1995, 1996, forthcoming). More specifically, (i) deletion of chain links for purposes of linearization (Chain Reduction) must precede elimination of formal features in the phonological component (FF-Elimination); and (ii) although Chain Uniformization (the operation which renders chains uniform in terms of feature composition) is available throughout the computation from N to λ , it only applies in the covert component.

To the extent that these results are derived in a unified fashion, they lend indirect support for Chomsky's (1995:225-226) definition of derivation as a sequence of symbolic elements S mapped from a numeration N such that the last member of S is a pair (π, λ) and N is reduced to zero.

(Recebido em julho de 1997. Aceito em outubro de 1997)

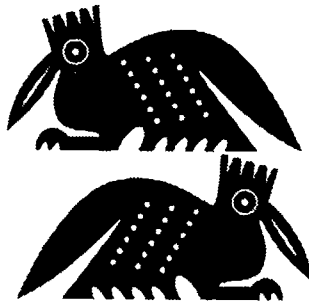
REFERENCES

- BRODY, M. (1995) *Lexico-Logical Form: a Radical Minimalist Theory*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Foris, Dordrecht.
- ____ (1986) *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger.
- ____ (1993) A Minimalist Program for Linguistic Theory. In: K. Hale & S. Keyser (eds.): *The Views from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger*, 1-52. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- ____ (1994) Bare Phrase Structure. *MIT Occasional Papers 5*.
- ____ (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- ____ GROAT, E. & J. O'NEIL (1996) Spell-Out at the Interface: Achieving a Unified Syntactic Computational System in the Minimalist Framework. In: W. Abraham, S. D. Epstein, H. Thráinsson & C. J.-W. Zwart (eds.): *Minimal Ideas: Syntactic Studies in the Minimalist Framework*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- KAYNE, R. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KITAHARA, H. (1995) Target α : Deducing Strict Cyclicity from Derivational Economy. *Linguistic Inquiry*, 26:46-77.
- ____ (1997) *Elementary Operations and Optimal Derivations*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- NUNES, J. (1994). Linearization of Non-trivial Chains at PF. *University of*

- Maryland Working Papers in Linguistics* 2:159-177.
- _____ (1995) The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program. Doctoral dissertation. University of Maryland, College Park.
- _____ (1996) On Why Traces Are Not Phonetically Realized. *Proceedings of NELS* 26, 211-225. Amherst: GLSA, University of Massachusetts.
- (forthcoming) Linearization of Chains and Phonetic Realization of Chain Links.
- _____ To appear in: S. D. Epstein & N. Hornstein (eds.): *Working Minimalism*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____ & E. THOMPSON (forthcoming) Appendix. In: J. Uriagereka: *Rhyme and Reason: a Minimalist Dialogue on Human Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- URIAGEREKA, J. (1997) Multiple Spell-Out. *Groningen Arbeiten sur germanistischen Linguistik* 40:109-135.
- _____ (forthcoming) *Rhyme and Reason: a Minimalist Dialogue on Human Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Sociology • the Social Sciences

.....
2 BIRDS IN THE HAND



**If one bird in the hand is worth two in the bush ...
Our two sources are invaluable
... and right at your fingertips.**

For current thought and research in sociology and the
social sciences, consult

sociological abstracts (sa)
and
Social Planning/Policy & Development Abstracts (SOPODA)

Abstracts of articles, books and conference papers from more than 2,500 journals published in 35 countries; citations of relevant dissertations and book and other media reviews. Comprehensive, cost-effective, timely.

Available in print, online, on the **sociofile** CD-ROM and on magnetic tape. Our Web site, <http://www.socabs.org>, features the *Note Us* newsletter; information on support services and document delivery; links to relevant sites; and the SAI Web Search Service offering reasonably priced subscriptions to two subsets: Marriage and Family Issues & Law, Crime and Penology.



P.O. Box 22206, San Diego, CA 92192-0206
619/695-8803 • Fax: 619/695-0416 • email: socio@cerfnet.com

A NEGAÇÃO: TEORIA DA CHECAGEM E MUDANÇA LINGÜÍSTICA
(Negation: Checking Theory and Linguistic Change) *

LORENZO VITRAL (*Universidade Federal de Minas Gerais*)

ABSTRACT: This paper proposes an analysis of the negative agreement phenomenon assuming the checking theory of the Minimalist Program (Chomsky, 1995). After comparing Brazilian Portuguese with other languages, it was necessary to consider some diachronic facts described through the notion of grammaticalization (Hopper & Traugott, 1993). Finally, we claim that the stages of linguistic change presupposed by this notion are "visible" to the computational system.

RESUMO: Esse artigo analisa o fenômeno da concordância negativa de acordo com a teoria da checagem do Programa Minimalista (Chomsky, 1995). Comparando os dados do português brasileiro com os de outras línguas, fomos levados a considerar fatos de natureza diacrônica que foram descritos através da noção de gramaticalização (Hopper & Traugott, 1993). Finalmente, fizemos a hipótese de que as etapas de mudança lingüística previstas por essa noção são "visíveis" para o sistema computacional.

KEY WORDS: Negation; Minimalist Program; Checking Theory; Linguistic Change; Grammaticalization.

PALAVRAS-CHAVE: Negação; Programa Minimalista; Teoria da Checagem; Mudança Lingüística; Gramaticalização.

0. Introdução

Nos últimos anos, têm surgido vários trabalhos que retomam a idéia da necessidade de se levar em conta a influência de aspectos diacrônicos na análise de fatos sincrônicos. Este artigo, que analisa a distribuição de constituintes negativos em português e outras línguas, pretende ser uma contribuição nesse sentido.

* Quero agradecer às sugestões de dois pareceristas anônimos desta revista que me permitiram, no meu entender, aperfeiçoar o texto. Os erros que persistem são, evidentemente, de minha responsabilidade.

O fenômeno da concordância negativa, existente em algumas línguas mas inexistente em outras, será levado em consideração e examinado através da Teoria da Checagem (cf. Chomsky, 1995). Vamos nos valer também da noção de Gramaticalização que, como se sabe, tem sido usada em estudos de sintaxe funcionalista (cf. Hopper & Traugott, 1993). Esta noção nos servirá, num primeiro momento, apenas como recurso descritivo para sistematizar certas observações de natureza diacrônica. Vamos, entretanto, dar um passo adiante e fazer a hipótese de que o sistema computacional, no sentido de Chomsky (1995), reconhece as etapas de mudança lingüística previstas pelo processo de gramaticalização.

1. Polaridade Negativa e Concordância Negativa

A discussão das construções negativas do inglês tem privilegiado o contraste entre, de um lado, a distribuição dos itens de polaridade negativa, isto é, *anybody, anything, anywhere* etc., e de outro, o comportamento dos quantificadores negativos, ou seja, palavras como *nobody, nothing* etc. O fenômeno da polaridade negativa pode ser definido levando-se em conta os exemplos seguintes:

- (1) a. I didn't see anybody.
- b. * I saw anybody.
- (2) a. Didn't anybody come?
- b. * Anybody come.

Os contrastes acima são, geralmente, atribuídos à necessidade de os itens de polaridade negativa serem c-comandados pela partícula negativa *not* (ver, entre outros, Jackendoff, 1972; Ladusaw, 1979; Laka, 1988; Progovac, 1994). Estes itens podem, entretanto, aparecer em contextos nos quais a partícula negativa está ausente, como por exemplo em frases condicionais, interrogativas, comparativas e construções-too (cf. Progovac, 1994):

- (3) If anyone comes, let me know.
- (4) Has anyone come?
Who wants any beans?
- (5) John is taller than anyone in his class is.
- (6) John is too smart to make any mistakes.

Os dados acima mostram assim, que os itens de polaridade negativa não são inerentemente negativos, podendo ser licenciados por *not* como em (1a) e (2a) ou nos contextos como (3-6).

Os constituintes nomeados de quantificadores negativos, por outro lado, contrariamente ao que se passa em (1a) e (2a) não precisam ser precedidos da partícula negativa nem podem preceder esta partícula:

- (7) a. Nobody came
 b. I saw nobody.
 c. * Nobody didn't come.

Em português, a oração que inclui a expressão *qualquer pessoa* parece, quando esta expressão é precedida por *não*, admitir uma paráfrase contendo *ninguém* na posição de objeto:

- (8) José não viu qualquer pessoa lá.

e também como em inglês, esta expressão não pode ocorrer na posição sujeito, antecedendo a partícula *não*:¹

- (9) * Qualquer pessoa não irá à festa.

O fenômeno ilustrado por (8) não é, porém, produtivo em nossa língua. As orações abaixo mostram que, quando se fazem anteceder por *não*, as expressões *qualquer coisa* e *qualquer lugar* não equivalem a *nada* e a *nenhum lugar*:

- (10) a. José não comprou qualquer coisa em Miami.
 b. Maria não vai viajar para qualquer lugar.

O termo quantificador negativo, por outro lado, tem sido usado em análises do italiano para designar palavras como *nessuno* e *niente*. Estas palavras se comportam como *nobody* e *nothing* quando se alocam na posição sujeito mas quando aparecem na posição objeto exigem a presença de uma partícula negativa (ver Rizzi, 1982; Longobardi, 1987 e Zanuttini, 1989).

¹ Note-se, entretanto, que a presença de um verbo modal favorece a presença de *qualquer pessoa*:

- (i) a. *Qualquer pessoa foi à festa.
 b. Qualquer pessoa pode ir à festa.

Na nossa língua, os termos que podem ser definidos como quantificadores negativos se comportam da mesma maneira que seus similares italianos, isto é, exigem a presença da partícula *não* quando se alocam numa posição posverbal, mas parecem impedir sua ocorrência quando se encontram numa posição preverbal:

- (11) a. Ninguém (**não*) conseguiu passar no vestibular.
 b. Manuel não viu ninguém no cinema.
 c. *Manuel viu ninguém no cinema.
- (12) a. Nada (**não*) foi feito em favor dos pobres.
 b. José não comprou nada em Miami.
 c. *José comprou nada em Miami.
- (13) a. Nenhum aluno (**não*) conseguiu passar no vestibular.
 b. Maria não encontrou nenhum aluno na faculdade.
 c. *Maria encontrou nenhum aluno na faculdade.

Os contrastes apresentados acima também são observados no comportamento dos advérbios negativos *nunca* e *jamais*:

- (14) a. O Luís nunca/jamais estava satisfeito.
 b. *O Luís nunca/jamais não estava satisfeito.
 c. O Luís não estava nunca/jamais satisfeito.
 d. *O Luís estava nunca/jamais satisfeito.

Entretanto, como se verá na seção 8, há dialetos do português brasileiro que aceitam a coocorrência de itens como *ninguém* ou *nunca* e a partícula *não* precedendo o verbo. Por razões de exposição, vou chamar os itens de valor negativo como *nada*, *nunca* ou *ninguém* de itens N.² O fato, então, de a ocorrência da partícula *não* ser obrigatória quando os itens N se encontram numa posição posverbal, isto é, os contrastes em (11-14), é chamado por Zanuttini (1989) e Haegeman e Zanuttini (1991), que analisam dados do italiano e de outras línguas, de concordância negativa (cf. também Milner, 1982; a respeito do francês; e Labov, 1972).

² Como vamos ver adiante, dispõe de valor negativo o item lexical caracterizado inerentemente pelo traço [+NEG]. Nessa perspectiva, os itens de polaridade negativa não têm valor negativo.

2. A Análise de Pollock (1989)

A distribuição das palavras de valor negativo do francês é um dos fenômenos analisados por Pollock (1989) num artigo que tem como objetivo estabelecer quais são e como se articulam as categorias da frase. A derivação proposta para orações como (15) se vale da representação, em estrutura-S, exposta em (16):

(15) Jean ne mange pas des andouettes.

(16) [Jean [ne mange [pas [t [t [t des...]]]]]]
 TP T' NEGP NEG' AGRP VP

Como se vê, Pollock considera que os elementos *ne* e *pas* são constituintes de uma categoria negativa que funcionam, respectivamente, como núcleo e especificador. Para obter a ordem desses constituintes em (15), ele supõe que o núcleo *ne* – considerado como um clítico – se move para uma posição adjunta a T e que, a este núcleo, também se encontra adjunto o verbo *mange*. O especificador *pas*, enfim, se mantém na sua posição sendo, portanto, pronunciado depois do verbo.

A análise que Pollock propõe para as ocorrências das expressões negativas *ne...rien*, *ne...personne*, *ne...jamais* e outras difere, em certos aspectos da que foi proposta para *ne...pas*. Supõe-se que *ne...jamais/point/guère/plus* são geradas numa posição adverbial negativa que aparece numa posição inicial do VP; enquanto que *ne...rien* é um NP negativo que ocupa uma posição-A. Nesses casos, *ne* é tratado como núcleo e o segundo termo das expressões negativas como especificador. Por outro lado, com *personne*, *ne* não forma um constituinte: *personne* é visto como o núcleo de um NP e *ne* é o núcleo de uma categoria negativa sem especificador gerada numa posição à esquerda do VP.

Algumas dificuldades aparecem quando tentamos transpor para o português a análise que acaba de ser resumida. Há, primeiramente, a questão de saber se a partícula *não* pode ser considerada, à semelhança do *ne* francês, como um clítico. Esta questão foi discutida por Zanuttini (1989) a respeito da partícula *non* do italiano. Segundo esta autora, uma vez que existe a ênclise no italiano, o fato de pronomes serem clíticos não os obriga a preceder

o verbo. Ora, é claro, assim, que a simples hipótese de que *non* é um clítico não explica por que, em italiano, esta partícula deve preceder o verbo. O argumento, que não é válido para o português brasileiro falado se considerarmos que, quando ocorre neste dialeto, um clítico é sempre proclítico (cf. Kato, 1994), parece, entretanto, ser pertinente para o português de Portugal ou mesmo para registros mais formais do dialeto brasileiro nos quais a ênclise aparece. De toda maneira, se levarmos em conta o conjunto de propostas conhecido por Programa Minimalista (cf. Chomsky, 1995), a hipótese de Pollock pode ser considerada insuficiente na medida em que não nos oferece uma justificativa, baseada em princípios, para o movimento do núcleo da categoria NEGP: na busca constante de adequação explicativa, o movimento de um constituinte, na perspectiva minimalista, é motivado pela necessidade de checagem de traços gramaticais, o que garante uma dependência convergente entre dois constituintes.

No português brasileiro, há, por outro lado, assim como em francês, uma dicotomia entre *não* e *num*. Estas duas partículas, da mesma maneira que *non* e *ne* (cf. Moignet, 1965), se encontram em distribuição complementar nos contextos abaixo:

- (17) a. não/* num pertinente; não/* num fiável.
 b. non/* ne pertinent; non/* ne fiable.
 Você comprou o carro?
 c. Não/* num.
 Avez-vous acheté la voiture?
 d. Non/* ne.
 e. José não/num é inteligente.
 f. Jean *non/n'est pas intelligent.
 g. Não/*num, o Oto não parou de fumar.
 h. Non/*ne, Oto n'a pas arrêté la cigarette.
 i. Eu não/num vi a Maria não/*num.

Como se verá na seção 8, os contrastes acima reforçam a hipótese de que *ne* é um clítico. Poder-se-ia pensar, assim, que *num* é equivalente ao *ne* francês, embora, como o mostra (17e, f), a distribuição complementar entre a partícula portuguesa e *não*, contrariamente ao que se passa em francês, deixe de existir diante do verbo flexionado. Mesmo se *num* puder ser visto como um clítico, restaria explicar, como já foi mencionado, porque esta partícula deve preceder o verbo.

A eventual transposição da análise de Pollock para o português ainda encontra dificuldades em relação a exemplos como os seguintes:

- (18) a. José nunca/jamais ganhará na loto.
 b. Nunca/jamais o Pedro diria uma coisa dessas.
 c. Pedro nada comprará naquela loja.
 d. NADA, a Maria devolveu ao Pedro.
 e. Nada foi feito por Pedro.
 c. Ninguém sai de casa com um tempo desse.
 f. ? NINGUÉM, o José encontrou na festa.

A comparação dos dados acima com os de (11-14) nos permite fazer as seguintes observações:

- (A) a presença dos itens N em posições preverbiais torna as orações bem-formadas. Compare, por exemplo, (14d) com (18a);
 (B) os itens N podem ocorrer sem se fazer acompanhar da partícula *não*.

A observação (A) nos leva a concluir que, em orações negativas do português, na ausência da partícula *não*, um item N deve, necessariamente, preceder o verbo. Ora, não há nada no sistema de hipóteses de Pollock que justifique esse fato. Não se poderá lançar mão, evidentemente, da idéia de que também os itens N são clíticos.

A observação (B) acima pode servir como um argumento contra a hipótese da existência da categoria NEGP cujo núcleo seria *não* e cuja função de especificador seria desempenhada pelos itens N. A fim de mantê-la para o português, somos obrigados a considerar que, em orações como (18), NEGP conteria um núcleo *não* não realizado fonologicamente. Esta hipótese, que parece artificial na forma que acaba de ser enunciada, pode ser plausível caso consigamos justificar porque a presença de itens N em posições preverbiais impede a ocorrência da partícula *não*.

O debate a respeito da existência da categoria NEGP pode tomar, na verdade, três possíveis vertentes: a primeira delas nega, simplesmente, a possibilidade dos elementos de valor negativo poderem se constituir como categoria sintática autônoma; nesta perspectiva, não haveria NEGP mas

apenas advérbios ou nomes de valor negativo; a segunda, como acabamos de ver, leva em conta a existência de NEGP que dispõe de um núcleo, como o *ne* francês, e constituintes, os itens N, que funcionam como especificador e a terceira vertente considera que uma partícula como *não* é o núcleo de uma categoria NEG que não dispõe de especificador, ou seja, os itens N não teriam esta função. Essas três possibilidades de análise serão discutidas a seguir.

3. O Estatuto Nuclear da Partícula Negativa

Ao analisar construções do italiano e do francês nas quais as partículas negativas se interpõem entre um clítico e seu vestígio, Kayne (1987) conclui que *non* e *ne* funcionam como núcleo no sentido da teoria X-barras. A má-formação de construções desse tipo se deve, então, a um efeito de Minimalidade (cf. Rizzi, 1990). No sistema de hipóteses de Chomsky (1995) prefere-se dizer que se tem uma violação da Condição do Elo Mínimo (“Minimal Link Condition”).

O fenômeno mencionado acima também ocorre em português:

- (19) a. José não os quer ver.
 b. José não quer vê-los.
 c. *José os quer não ver.

Supõe-se também que, em inglês, a impossibilidade de construções como (20) abaixo é também um efeito de Minimalidade (cf. Chomsky, 1991): *not* impede o movimento do verbo *likes* para INFL na sintaxe encoberta (ou para T, de acordo com Chomsky, 1995):

- (20) * John not likes Mary.

Há também certos contrastes entre o comportamento dos advérbios e da partícula *não* que sugerem ser esta partícula não um advérbio usual mas um núcleo no sentido da teoria X-barras.

Note-se inicialmente que um advérbio não impede o movimento de um clítico:

- (21) a. Oto (lhe) tinha (lhe) educadamente pedido para sair do recinto.
b. Mané não a tinha ainda observado.

A partícula *não*, assim como os auxiliares, permitem a ocorrência de um VP elíptico (ou apagamento de VP). Os advérbios, normalmente, não dispõem dessa propriedade:³

- (22) a. José não tinha visto a Maria no parque mas o Oto tinha.
b. Udo conseguiu o emprego e o Max não.
c. *Max calmamente sorriu para a criança mas/e Maria calmamente/nervosamente.

Observe-se, enfim, que um advérbio pode aparecer à esquerda ou à direita da categoria modificada enquanto que *não*, que em (24a), como se verá na seção seguinte, encontra-se em relação de dependência com o predicado, só pode ocupar uma posição preverbal (ver, no entanto, (17i)):⁴

- (23) a. (Provavelmente) Oto vai viajar (provavelmente).
b. Pedro modificou (completamente) seus horários (completamente).
(24) a. Udo não encontrou (* não) a Maria.
b. *Udo encontrou não a Maria.

O fato de a negação dever aparecer numa posição preverbal pode ser analisado através de uma Condição de Adjacência que se faz necessária entre núcleos e seus complementos (ver Williams, 1994), Stowell, 1981; Ouhalla, 1991). Williams propõe que os núcleos das categorias lexicais atribuem seus papéis temáticos numa direção particular, à esquerda ou à direita. Também as categorias não lexicais, como a negação, que estabelecem uma relação de “functor” com seus complementos se submetem à

³ Assim como *não* e *num*, o advérbio *também* tem a propriedade de ocorrer com VP elíptico, o que talvez se deva ao fato de ele indicar, inerentemente, duplicidade. Por outro lado, o advérbio *Já*, que também admite apagamento de VP, pode ser analisado como um aspectual ou um marcador de frase afirmativa.

⁴ Em alguns dialetos do português brasileiro, é possível, como se sabe, a ocorrência de *não* posverbal, principalmente, como resposta a uma pergunta (mais detalhes sobre negação pós verbal são apresentados na seção 7):

- (i) – Você viu o José?
– Vi não (* o José).

direcionalidade. Através de um Parâmetro de Direcionalidade Temática, a direção é vista como uma dimensão de variação entre as línguas (ver também Travis, 1984). Seguindo a mesma linha de análise, Ouhalla (1991) considera que a dependência entre categorias funcionais e seus complementos pode ser tratada através da noção de Seleção que seria, então, de natureza funcional. Não vou discutir aqui a possibilidade de a dependência entre categorias funcionais e lexicais poder ser analisada através da noção de Economia (cf. Chomsky, 1995). Esta perspectiva não me parece promissora devido ao elevado número de virtuais possibilidades combinatórias entre as categorias.

É possível considerar, então, que a partícula *não* toma uma categoria XP como complemento, sendo portanto um núcleo no sentido da teoria X-barra.

4. O Escopo da Negação

A análise das construções negativas deve estabelecer o que exatamente é negado pelos itens de valor negativo. Propostas recentes têm considerado que há uma relação de dependência, que implica numa coocorrência, entre as categorias da negação e do tempo. Zanuttini (1989) e Haegeman e Zanuttini (1991) propõem que o núcleo da categoria NEGP seleciona a categoria funcional TP, que é então seu complemento (cf. também Laka, 1988).

Esta hipótese encontra dificuldades, no entanto, quando se observam construções como as seguintes:

- (25) a. A não demonstração do teorema por parte do professor levou o governo a prendê-lo.
- b. José considera o caseiro não condizente com o emprego.

Como se vê, a partícula negativa aparece num constituinte nominal, precedendo um deverbal, em (25a), e anteposto em relação ao núcleo adjetival da mini oração (small clause) em (25b). A negação pode ainda incidir sobre outros constituintes da oração. Em (26), é um quantificador que é negado e, em (27), um advérbio:

- (26) a. Os alunos fizeram não muitos trabalhos.
- b. *Os alunos fizeram não trabalhos.

(27) Ele falou não claramente.

Na tradição gramatical, associa-se normalmente a negação à presença do verbo (Jespersen (1917:44), por exemplo, diz: “We...always find a strong tendency to attract the negative to the verb”). Vou considerar a hipótese de a negação ter como complemento, no sentido da teoria X-barra., uma categoria lexical. O núcleo NEG seleciona, então, um VP em orações como (28) abaixo; um NP em sentenças como (25a); e um advérbio, considerado, portanto, de natureza lexical, em orações como (26a) e (27).⁵

(28) José não ama Maria.

Vamos propor que, a fim de que a negação possa ter sob seu escopo a categoria selecionada, o núcleo desta última deve ser c-comandado pelo núcleo *não* ou por um item N. Esta condição encontra-se destacada abaixo (cf. Vitral, 1992):

(29) Um item de valor negativo deve c-comandar um núcleo lexical na sintaxe visível.

A condição acima é compatível com línguas como o italiano e o espanhol e também com o inglês, como se pode ver por meio das orações abaixo:

(30) a. Mary will not help him.
b. John can't do this.

Nossa condição também parece pertinente para explicar o contraste entre orações como (11c), (12c), (13c) e (14d) e orações como (11a,b), (12a,b), (13a,b), (14,c). Repito abaixo os exemplos (12b) e (12c):

(31) a. José nada comprará em Miami.
b. *José comprará nada em Miami.

⁵ O contraste entre (26b) e (25a) parece mostrar que a presença da negação é favorecida quando o núcleo nominal aparece com o seu complemento. Por outro lado, em ambientes contrastivos, é possível a negação do objeto:

(i) Os alunos fizeram não trabalhos, mas cópias!

Em (31a), contrariamente a (31b), o item N *nada* c-comanda o verbo, obedecendo à condição (29).⁶

Há, entretanto, uma diferença de comportamento entre o inglês e o português no que concerne a frases como (31b). Em inglês, elas são bem-formadas:

- (32) a. Mary bought nothing in the shop.
b. John saw nobody at the party.

O problema colocado por (32) à condição (29) parece, no entanto, ser apenas aparente. Considera-se normalmente que, em inglês, o processo de checagem envolvendo o verbo e a categoria T tem lugar na sintaxe encoberta, após “spell-out” (ver Pollock, 1989; Chomsky, 1995). Já que a condição (29) é pertinente na sintaxe visível, o verbo, ocupando sua posição de origem no VP, é c-comandado pelos itens N *nothing* e *nobody* em orações como (32). Por outro lado, em português, *nada* em (31b) não pode c-comandar o verbo se admitirmos que o verbo, diferentemente do inglês, alça a T antes de “spell-out” (cf. Vitral, 1992).

A análise que acabamos de propor encontra, entretanto, algumas dificuldades. A primeira delas diz respeito ao estatuto teórico de uma condição como (29) que determina a posição linear de um item a fim de que ele possa ter uma categoria (ou o seu conteúdo) sob seu escopo. No modelo minimalista, tem-se procurado determinar a ordem dos constituintes através do processo de checagem. Assim, os itens se alocam no domínio de checagem de uma categoria de forma a checar seus traços formais em relação aos traços formais inerentes da categoria funcional que os abriga. É teoricamente desejável, então, que os fatos previstos por meio da noção de escopo possam ser reduzidos à teoria da checagem. O segundo problema da condição (29) é empírico e diz respeito à sua aparente falta de universalidade. Em algumas línguas, como por exemplo, o francês falado e as línguas escandinavas – os exemplos abaixo são, respectivamente, do sueco e do islandês –, a negação pode aparecer numa posição posverbal e, nestas línguas, considera-se que o

⁶ O contraste abaixo pode servir de apoio à condição (29) (ver, no entanto, a seção 8 a respeito de (ib)):

- (i) a. O fato de ninguém ter saído não incomodou Maria.
b. *Ninguém não incomodou Maria.

alçamento do verbo se faz antes de “spell-out” (cf. Pollock, 1989; Holmberg & Platzack, 1988):

(33) Jean achetera pas le bouquin.

(34) a. Köpte Jan inte boken.
 b. Keypti Jón ekki bókina.
 comprou J. não o livro.
 “João não comprou o livro”.

Em (33) e (34b), admite-se que o verbo ocupa a posição T e, em (34a), é em C que ele se encontra. Nestas posições, os verbos não podem ser comandados pelos elementos negativos, o que viola a condição (29).

Na seção seguinte, os dados descritos pela condição (29) e também os problemas que esta condição levanta serão reconsiderados à luz da teoria da checagem.

5. A Negação e a Teoria da Checagem

Não é nova a idéia de o escopo da negação poder ser determinado através de uma configuração especificador-núcleo, envolvendo uma concordância de traços formais negativos (cf. Rizzi, 1990; Haegeman & Zanuttini, 1991; Zanuttini, 1994). Essa hipótese pode ser aprimorada através da teoria da checagem de Chomsky (1995). Vamos considerar, então, que as construções negativas dispõem de uma categoria funcional negativa inerentemente definida pelo traço [+NEG]. Desde já, pode-se perguntar a respeito da localização desta categoria negativa. Na literatura, há duas hipóteses principais: 1º) o núcleo NEG toma TP como complemento, e 2º) o núcleo T toma NEGP como complemento. A distribuição das partículas negativas, se compararmos línguas como o inglês, o português e o árabe, favorece a segunda hipótese (cf. Benmamoun, 1990, sobre o árabe). Além disso, adotá-la nos evita ter de encontrar uma razão para explicar o fato de o sujeito, de acordo com a primeira hipótese, ocupar a posição de especificador de NEGP.

A estrutura da oração negativa é, então, a seguinte (o uso do esquema X-barra é notacional e irrelevante na nossa discussão):

(35) [[T [[NEG[DP V DP]]]]]
 TP T' NEGP NEG' VP

Vamos considerar, assim, que a presença na numeração da partícula *não* ou de um item N, que são caracterizados por um traço formal [+NEG], faz surgir uma categoria também definida pelo traço [+NEG], que tem a natureza Forte, isto é, exige a checagem antes de “spell-out”. A partícula *não* é inserida por meio da operação JUNTAR (MERGE) em NEG de forma a checar o traço [+NEG]. Os itens N tais como *nada* ou *ninguém*, que se alocam na posição objeto ou, funcionando como argumento externo, na posição de especificador de VP, e *nunca* e *jamais*, que aparecem numa posição adverbial adjunta ao VP, se deslocam através da operação MOVER (MOVE) e podem ocupar a posição de especificador de NEGP ou transitar por esta posição. As duas operações permitem a checagem do traço [+NEG]. Quando o deslocamento dos itens N tem lugar na sintaxe visível, a inserção da partícula *não* é necessária e ter-se-á a geração de orações como (36):⁷

- (36) a. José nada encontrou na estante.
 b. Ninguém conseguirá passar no vestibular.
 c. Pedro nunca estava satisfeito.

Quando a operação JUNTAR insere a partícula *não*, o deslocamento dos itens N não precisa ser feito de forma que são derivadas frases como (37):

- (37) a. Maria não encontrou nada na estante.
 b. José não ganhará nunca na Sena.

A má-formação de orações como (38) abaixo se deve ao fato do traço Forte [+NEG] não ter sido checado antes de “spell-out”:

- (38) a. * José encontrou ninguém na sala.
 b. * Maria ganhará jamais na sena.

⁷ Nossa análise deixa entender que a ausência de *não* na numeração já predetermina a movimento de itens N antes de “spell-out”. A numeração pode não ser, então, apenas um “punhado” de itens do léxico. A formação das frases negativas inglesas, com inserção de *do*, nos leva à mesma conclusão. Permitir a inserção de *não* (em construções em que esta partícula coocorre com um item N) e *do*, que estariam assim ausentes da numeração, num ponto posterior da derivação acarreta, por outro lado, dificuldades em relação à Economia.

Vamos admitir então que o traço [+NEG] que define a categoria NEG é interpretável e permanece disponível para o sistema computacional e visível no nível da Forma Lógica mesmo após ter sido checado. Adaptando para as frases negativas do português a análise de Chomsky (1995) para as orações interrogativas do inglês, pode-se dizer que o traço [+NEG] dos itens N também é interpretável e dispensado de checagem. Como vimos, os itens N alçam, então, para o domínio de checagem de NEG apenas se esta opção é selecionada para eliminar o traço Forte de NEG.⁸

A derivação de frases como (36b) supõe, por outro lado, que *ninguém* transita pela posição de especificador de NEGP antes de se alocar na posição de especificador de TP na qual o traço D de T é checado. Os itens N podem, também, recebendo foco, aparecer numa posição no início da frase, após terem participado da checagem do traço [+NEG]:

(39) NUNCA, o Mané conseguirá ganhar na Loto.

Finalmente, somos levados a concluir que, na nossa língua, o movimento do verbo para T não se faz na sintaxe visível.⁹

⁸ Na literatura, há, entretanto, evidências, a respeito de fenômenos de localidade, que nos levam a concluir que itens N, como *nessuno* ou *personne*, sofrem movimento na Forma Lógica (cf. Rizzi, 1982; Longobardi, 1991; Moritz & Valois, 1994). Dever-se-á supor, assim, que o traço interpretável [+NEG] de itens como *nessuno* se encontra no domínio de checagem do núcleo NEG no nível da Forma Lógica.

⁹ A agramaticalidade de frases como (i), contrariamente ao que se passa em inglês, em que um advérbio de modo aparece diante do verbo parece ser um contra-exemplo à hipótese do não movimento do verbo, no português brasileiro, na sintaxe visível (cf. Vitral, 1992):

(i) * Oto completamente modificou seus horários.

No entanto, um advérbio em *mente* que permite, além da interpretação de modo, também a leitura “orientado para o sujeito” (ver Jackendoff, 1972), é admitido entre o sujeito e o verbo:

(ii) Mané calmamente sorriu.

A frase (ii) é ambígua, permitindo as duas interpretações mencionadas.

O fato de a posição preferencial para o advérbio, no português brasileiro, ser entre o sujeito e o verbo pode ser também uma evidência da hipótese do não movimento do verbo antes de “spell-out”. Em relação ao problema colocado pela frase (i), pode-se, enfim, fazer a previsão de que, provavelmente, um advérbio de modo “puro”, como *completamente*, é mais frequente em posição final, o que dependerá, evidentemente, de um levantamento estatístico.

A distribuição dos advérbios tem sido, por outro lado, colocada em dúvida como critério para se atestar o movimento do verbo (cf. Chomsky, 1995; Costa, 1996).

6. A Teoria da Checagem e a Negação Pós-verbal

Como vimos na seção 4, existem línguas, como o francês falado e as línguas escandinavas, nas quais os itens negativos aparecem numa posição pós-verbal (cf.(33) e (34)).

Em islandês, um advérbio negativo pode ainda aparecer entre o objeto direto e um sintagma preposicionado (cf. Holmberg & Platzack, 1988):

- (40) Hann stingur smjörinu aldrei i vasann.
 ele coloca manteiga jamais no seu bolso.
 “Ele jamais coloca manteiga no seu bolso”.

Orações como (33), (34) e (40) têm desafiado as várias análises da negação que procuram estabelecer um eventual caráter universal do escopo dos itens negativos, levando em conta a relação entre a posição desses itens e a posição das categorias T (ou I) e V.

Considerando a análise proposta na seção anterior, pode-se perguntar, então, quais são as previsões feitas pela Teoria da Checagem em relação a orações como (33), (34) e (40). Como foi dito anteriormente, supõe-se que, em orações como (34a), o verbo encontra-se na posição C, o que, aliás, é proposto, normalmente, para as línguas V2. Se, então, NEGP se aloca entre T e o VP, V, ao se mover para C, teria violado a Condição do Elo Mínimo, ao “pular” a posição núcleo de NEGP. Esta conclusão indesejável pode ser evitada se dissermos que itens como *ekki* e *inte* não ocupam a posição núcleo de NEGP. Estes itens podem ser analisados como especificadores de NEGP ou como adverbiais gerados na posição de adjunção a VP. A primeira opção é, aliás, admitida por Pollock (op. cit.) para o *pas* francês. Vou adotar a seguinte análise desses fatos: itens como *pas*, *ekki* e *inte*, através da operação JUNTAR, encontram-se adjuntos ao VP antes de “Spell-Out” e se movimentam para o domínio de checagem de NEG na sintaxe encoberta de forma a checar o traço [+NEG], ou seja, nestas línguas, este traço é Fraco.

A boa-formação de orações como (40) parece mostrar que o item negativo *aldrei* não ocupa, antes de “Spell-Out”, uma posição no domínio de checagem de NEG. Também o fato de o francês falado admitir itens negativos na posição objeto mostra que, nesta língua, o processo de checagem exigido por NEG se faz no componente encoberto:

- (41) a. J'ai vu personne dans le cinéma.
b. Paul a acheté rien hier.

A análise desenvolvida até aqui permite, enfim, fazer a seguinte classificação de línguas:

- (42) a. Línguas em que NEG é Forte: português, inglês, italiano.
b. Línguas em que NEG é Fraco: islandês, sueco, francês falado.

7. O Ciclo de Jespersen e a Noção de Gramaticalização

A classificação estabelecida em (42) faz surgir, naturalmente, a questão sobre a razão da variação entre as línguas no que concerne à natureza da categoria negativa. O que determina o estatuto Forte/Fraco de NEG?

A fim de tentar responder a esta questão e também analisar certos fatos que se mantêm rebeldes ao tratamento proposto nas seções 5 e 6, parece-me ser de grande valia considerar certos fenômenos de natureza diacrônica, que podem ser descritos através da noção de Gramaticalização.

Sabe-se que a posição da negação em relação ao verbo pode também caracterizar estágios diferentes de uma mesma língua. Observando o inglês e o francês, Jespersen (1917,1971) sistematiza este fato através do seguinte ciclo:

(43) Ciclo de Jespersen

	Inglês	Francês
1°	Ic ne secge	Jeo ne di
2°	I ne seye not	Je ne dis pas
3°	I say not	Je dis pas
4°	I do not say	
5°	I don't say	

O ciclo em (43) parece refletir a evolução da expressão da negação em outras línguas além do inglês e do francês: o dinamarquês, cuja partícula negativa *ikke*, adquiriu sentido negativo historicamente, parece se situar no estágio 3° de (43). O mesmo pode ser dito para o sueco e o islandês analisados

na seção anterior (cf. Jespersen, 1971: 480). Acrescente-se ainda ao paradigma inglês de (43) o fato de, em certos contextos, como em *I don't know*, haver uma redução fonética da partícula negativa, o que é analisado por Zwicky & Pullum (1983) como um fenômeno de cliticização de *not*.

O ciclo de Jespersen deixa entender que há uma relação entre a redução fonética da partícula negativa preverbal e o aparecimento de itens de valor negativo em posições posverbiais, isto é, a redução da partícula preverbal faz surgirem itens negativos em posições posverbiais que, por sua vez, adquiriram sentido negativo historicamente. Após o desaparecimento da partícula preverbal, os itens negativos posverbiais passam a ser os constituintes que expressam negação e tendem, eles também, a sofrer redução fonética e se comportarem como clítico.

A descrição do ciclo de Jespersen que acabamos de fazer parece poder ser corroborada por dois tipos de fenômenos portugueses.

O primeiro deles diz respeito à possibilidade de se atribuir o estatuto de clítico à partícula negativa *num* que, assim como foi visto em (17), se encontra em distribuição complementar com a forma *não*. Em (17), o fato de *num* não poder aparecer junto ao adjetivo; não poder funcionar como resposta a uma pergunta; nem poder aparecer topicalizado ou numa posição posverbal confirma o estatuto clítico dessa partícula: também um clítico pronominal não ocorre nestes ambientes.

As conclusões a que chega Ramos (1996) também reforçam a hipótese do estatuto clítico de *num*: 1) *num* não aparece antes de pausa, o que indica uma contigüidade estrita entre esta forma e o verbo; 2) *num* liga-se ao constituinte à direita e não ao constituinte à esquerda, o que é compatível com a ausência de ênclise no português brasileiro falado; 3) *num* não recebe acento contrastivo; 4) *num* é favorecido quando há um NP quantificado numa posição posverbal, o que permite identificar uma correlação entre a presença de reforço e a redução fonética na posição preverbal; 5) levando-se em conta a faixa etária dos falantes, confirma-se que a variante *num* é inovadora;¹⁰ 6)

¹⁰ Sabe-se, porém, que a forma *num* encontra-se atestada em textos medievais (cf. Huber, 1933). Será preciso verificar se o *num* medieval se encontra em distribuição complementar com a forma *não* e também comparar a frequência dessas duas formas nesses textos. Talvez a partícula *num* medieval não apresente comportamento de clítico e tenha-se um caso de variação estável que, apenas recentemente, no português do Brasil, de acordo com a análise com base em dados do tempo aparente, parece começar a se decidir a favor da forma *num*.

as orações subordinadas desfavorecem a variante *num*, o que é coerente com seu caráter inovador.

A outra evidência da descrição proposta para o ciclo de Jespersen se refere ao fato, amplamente reconhecido, de certas palavras de valor negativo do português atual, e de outras línguas, terem adquirido, através de sua evolução histórica, a possibilidade de exprimir negação. É o caso, por exemplo, da palavra *nada* que se originou de uma redução da locução *rem natam* “coisa que exista” e, no português arcaico, tinha, como equivalente, somente a forma *rem* (cf. Mattoso Câmara, 1979; Nunes, 1945: II 10; Ilari, 1984). *Rem* deu origem também ao francês *rien*. Ainda em relação ao francês, pode-se citar os exemplos dos itens negativos *personne* e *pas* que, em estágios anteriores, significavam apenas “pessoa” e “passo” (cf. Traugott, 1980; Hock, 1991; Schwegler, 1988). O português atual admite ainda a possibilidade de expressões como *um tostão* ou *um pio* em, por exemplo, *Eu não tenho um tostão* ou *Ele não deu um pio*, participarem da negação da proposição.

O processo de cliticização envolvendo as partículas *não* e *num* parece não ser o único em curso no português brasileiro atual. Em Vitral (1996), propôs-se que a distribuição complementar entre as formas *você* e *cê* mostra ser esta última o resultado de um processo de cliticização que teve como ponto de partida a expressão *Vossa Mercê*. Admitiu-se, então, que a forma *cê* é o penúltimo estágio de um processo de gramaticalização que pode ser descrito por meio das seguintes etapas (cf. Hopper & Traugott, 1993):

(44) a. item lexical > b.item gramatical > c.clítico > d.afixo

As observações feitas a propósito do ciclo de Jespersen parecem indicar que é possível analisar este ciclo de forma a reduzi-lo ao processo de gramaticalização apontado em (44). O desaparecimento das partículas preverbiais pode ser visto como o estágio Ø, posterior ao estágio (d) de (44), também previsto por Hopper & Traugott (op.cit.). Vem ao apoio dessa proposta o fato de itens de natureza lexical poderem adquirir valor negativo historicamente e se tornarem, assim, itens gramaticais ou, nos termos da Gramática Gerativa, itens funcionais: é o caso, por exemplo, da palavra *nada*. Por outro lado, a mudança em curso envolvendo o par *não/num*, descrita por Ramos (1996), parece incluir apenas as etapas (b) e (c) de (44). Este fato pode ser analisado de duas maneiras: 1) há mais de um ponto de entrada no

processo de gramaticalização, isto é, no caso de *não/num*, ele se inicia no estágio (b); ou 2) o estágio (a) é tão remoto que se torna difícil recuperá-lo: de acordo com Jespersen (1971:479) a forma *ne* era, em sua origem indo-européia, uma interjeição que exprimia repugnância.

Comparando agora as observações feitas a respeito do ciclo de Jespersen, o processo de gramaticalização e a análise desenvolvida na seção 7, pode-se dizer que a aplicação da operação MERGE e MOVE que, ao distinguirem traços funcionais e lexicais e a natureza Forte/Fraca dos traços funcionais, são responsáveis pelo processo de checagem, leva em conta o estágio de gramaticalização, no que concerne à expressão da negação, em que a língua se encontra.

Vamos detalhar o que acaba de ser dito observando então que, à primeira vista, os itens do estágio (b) de (44) são aqueles que podem participar do processo de checagem por meio da operação MOVE que os aloca na posição de especificador de NEGP. Já os itens do estágio (c) de (44) são aqueles que participam do processo de checagem através da operação MERGE e ocupam a posição núcleo de NEGP. No entanto, a partícula *não* não é um clítico mas, de acordo com nossa análise, é inserida na posição núcleo. Para entender a razão dessa dificuldade é preciso analisar mais de perto as etapas do processo de Gramaticalização descrito em (44).

Os dois primeiros estágios de (44) são estabelecidos levando-se em conta um critério de tipo semântico: é a “perda de significado” que permite um item lexical se transformar em item gramatical ou funcional.¹¹ Por outro lado, a mudança envolvendo os estágios (c) e (d) é determinada através de critério morfo-fonético. Vamos separar estas duas dimensões e propor uma versão estendida do processo de gramaticalização que terá o seguinte esquema:

- (45) a. a. Lexical > b. Gramatical
 b. a1. p.máxima > b1.p.máxima > b2.núcleo > b3.clítico > b4. afixo.

Vamos admitir então que o processo de gramaticalização funciona em paralelo levando em conta os eixos A e B de (45) e que, além disso, o

¹¹ Vitral & Ramos (1997) apresentam uma discussão a respeito da natureza da “perda de significado” apontada pelos autores que lidam com a noção de gramaticalização.

componente computacional distingue os estágios previstos no eixo (B). Por razões de espaço, não vou me deter aqui a respeito da questão sobre como o componente computacional distingue, por exemplo, os núcleos clíticos dos não clíticos. Em Vitral (em preparação), desenvolve-se a hipótese de o traço [+FOCO] ser o traço formal responsável por essa distinção.¹²

A forma *não* pode, então, ser classificada como do tipo (b2), assim como os itens *non* e *not*; exemplos de (b3) são as partículas *num*, *ne* e *n't*; *nunca*, *pas*, *ekki*, *inte*, *nada* são ocorrências de (b1).¹³ Vamos observar, por outro lado, que, nas línguas que dispõem de itens do tipo (b2) e (b3), a categoria NEG é Forte, já para aquelas línguas que só dispõem de itens do tipo de (b1), a categoria NEG é caracterizada como Fraca.

A descrição acima pode ser visualizada através do seguinte quadro:

(46)

A item lexical	item gramatical			
B proj. máxima	proj. máxima	núcleo		
		núcleo	clítico	afixo
	pas, ekki, nunca, inte, nada	não non not	num ne n't	

A análise proposta parece atestar a existência de uma correspondência entre a Teoria da Checagem e o processo de Gramaticalização, que pode ser assim resumida: a Teoria da Checagem determina a ordem dos itens na oração valendo-se da natureza desses itens e esta sofre mutações previstas pelo processo de Gramaticalização. É preciso dizer, no entanto, que o componente computacional reconhece não o processo de Gramaticalização e, sim, as etapas por ele previstas, o que o faz gerar produtos diferentes.

¹² Para uma discussão a respeito do confronto entre as perspectivas sintáticas e fonológicas no que concerne à cliticização, pode-se consultar, entre outros, Fontana (1993), Rouveret (1989) e Brandão de Carvalho (1989).

¹³ Note-se, porém, que do ponto de vista do eixo A, as formas (b1) não são homogêneas: *nada* e *nunca* podem adquirir valores semânticos não admitidos, por exemplo, por *pas*, que é apenas um marcador negativo. Trata-se de mais uma razão obrigando-nos a precisar a natureza da “perda de significado” mencionada na literatura sobre gramaticalização (cf. Vitral e Ramos, 1997).

Lançar mão do processo de Gramaticalização pode ter, enfim, a vantagem de retirar o caráter estipulativo da distinção Forte/Fraco utilizada pela Teoria da Checagem no que concerne ao fenômeno da negação mas introduz a questão de explicar a natureza desse processo tal qual está descrito em (45).

8. Alguns Problemas e a Interpretação da Negação

Nesta seção, vamos fazer algumas especulações e sugestões de análise a respeito de certos fenômenos que se mostram rebeldes em relação à análise proposta.

No dialeto do português brasileiro examinado, a coocorrência de, por exemplo, o item *N ninguém* na posição sujeito e da partícula *não* é agramatical, mas há dialetos, no entanto, nos quais as frases abaixo são bem formadas:

- (47) a. Ninguém num disse isso.
b. Ele nem num fez isso.

Construções como (47) já existiram no português do século XVI como nos mostram os seguintes exemplos de Said Ali (1966) (ver também Matos & Silva, 1990):

- (48) a. Nem eu nom vos faço prazer.
b. Nenhum nom lhe soube dizer.

Também em italiano e espanhol, estruturas como (48) eram produtivas (cf. Meillet & Vendryes, 1948), e subsistem, como se sabe, no francês escrito:

- (49) a. *Personne ne crois aux politiciens.*
b. *Jamais, il ne dirais ça!*

Para analisar esse tipo de construção, vamos, inicialmente, fazer algumas considerações a respeito da interpretação das construções negativas.

A interpretação de orações como (50) abaixo pode ser descrita através da expressão em (51) (cf. Rizzi, 1982: 124):

(50) Ninguém quebrou a janela.

(51) Não há x, x = pessoa, tal que x quebrou a janela.

Deve-se observar que embora a negação em (50) incida sobre a posição sujeito, como o mostra a fórmula em (51), ela tem o efeito de uma negação sentencial. Não foi praticada assim a ação de “quebrar a janela”. É provável que o correspondente formal dessa interpretação seja, como nossa análise mostrou, a possibilidade de o traço [+NEG] ser checado por *ninguém*, que também dispõe desse traço.

Pode-se agora especular que no dialeto que aceita *ninguém num* preverbaais, um dos dois itens não contém o traço negativo inerente capaz de checar [+NEG]. Já que, como vimos, os itens ganham valor negativo historicamente, é possível que, no português do século XVI, *nenhum* não tivesse, ainda, a capacidade de checar o traço [+NEG] (cf. Martins (1997), enquanto que, nos dialetos atuais que admitem (47), talvez a partícula *num* não seja capaz de checar este traço, se comportando, assim, como um expletivo.¹⁴

Esta análise parece encontrar apoio nos fatos do francês. Como se sabe, admite-se que a partícula negativa *ne* do francês seja expletiva ou redundante. A seu respeito, Robert Martin (1972:21) nos diz que se trata de um morfema que

...ne modifie pas le signe de l'énoncé et qui peut être supprimé sans dommage autre pour le sens que celui d'une subtile nuance.

Também segundo Muller (1984), nos contextos em que o *ne* expletivo aparece, são os verbos (ou as preposições) que retêm o valor negativo do enunciado (ver também Stauf, 1928). Pode-se supor, então, que nos contextos como (49), tenha-se, na verdade, mais uma ocorrência de *ne* expletivo, isto é, incapaz de checar o traço [+NEG].

As hipóteses levantadas nesta seção podem ainda levar em conta o que não será desenvolvido aqui por razões de espaço, o comportamento da categoria NEGP em comparação com a categoria CP. O dialeto português

¹⁴ Vitral & Ramos (1997) discutem dados de Duarte (1997) que mostram, de forma independente, o uso da forma *você* como expletivo.

examinado nesta seção, contrariamente àquele descrito na seção 1, admite, nos termos da teoria X-barras, o preenchimento simultâneo das posições de núcleo e de especificador de NEGP. É interessante observar que este preenchimento duplo, no que concerne à categoria CP, é a regra em várias línguas e levou Chomsky (1995) a propor a equivalência das operações JUNTAR e MOVER no que concerne à teoria da Checagem. O dialeto português apresentado na seção 1 mostra, no entanto, que se impõe a escolha de uma das duas operações para a checagem de [+NEG].

A comparação com a categoria CP deve ainda considerar os seguintes dados:

- (52) a. Nunca, ninguém derrubará o governo.
b. Nada jamais foi feito a seu favor.

As orações acima mostram que não há impedimento de preenchimento múltiplo da posição de especificador de NEGP.¹⁵ Ora, também neste aspecto, a comparação com a categoria CP é pertinente: como se sabe, em várias línguas, existem construções com múltiplos sintagmas-WH, que foram analisadas através de uma regra de Absorção na posição de especificador de CP (cf. Higginbotham & May, 1981; Aoun, Hornstein & Sportiche, 1981; Moritz & Valois, 1994). Nos termos de Chomsky (1995), podemos dizer que, em (52), o traço [+NEG], que é interpretável, pode ser checado por um item, não ser apagado e permanecer visível para a checagem de outro item.

O segundo problema que vamos examinar diz respeito às frases seguintes do inglês:

- (53) a. I see nobody at the party.
b. I buy nothing in the shop.

As orações acima colocam dificuldades para a nossa análise pelas seguintes razões: concluímos que o inglês dispõe de um traço [+NEG] Forte

¹⁵ O preenchimento múltiplo da posição de especificador de NEGP, assim como no caso da posição de especificador de CP, parece porém, sofrer restrições. Observe-se o contraste abaixo:

(i) a. *Nada ninguém disse a respeito de Oto.

b. Ninguém nada disse a respeito de Oto.

À primeira vista, a má-formação de (ia) é um problema de superioridade (cf. Rizzi, 1990).

que exige a checagem antes de Spell-out. Ora, as frases acima parecem mostrar o contrário, ou seja, os traços negativos de *nothing* e *nobody*, provavelmente, alçam para o domínio de checagem de NEG na sintaxe encoberta. A suposição que se pode fazer é que as orações em (53) pertencem ao estágio 3 do Ciclo de Jespersen descrito em (43), isto é, é provável, mas não será investigado aqui, que orações como (53) conviviam com frases do tipo de *I see not Mary*. Tratar-se-ia, portanto, de resíduos de uma época em que a categoria NEG do inglês era Fraca. O mesmo pode ser proposto para orações como *He is not happy* que apresentam verbo cópula.

As observações a respeito de (53) nos permitem concluir que o apelo à noção de gramaticalização pode ainda nos ser útil como critério para decidir se um determinado fato lingüístico é de natureza residual e, assim, localizá-lo em relação aos processos de mudança nos quais a língua se encontra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AOUN, J., N. HORNSTEIN & D. SPORTICHE (1981) Some Aspects of Wide Scope Quantification. *Linguistic Inquiry* 18, pp.537-577.
- BENMAMOUN, A. (1990) Inflectional Morphology: Problems of Derivation and Projection, Ms., USC.
- BRANDÃO DE CARVALHO, J. B. (1989) Phonological Conditions on Portuguese Clitic Placement: on Syntactic Evidence for Stress and Rhythmical Patterns. *Linguistics* 27, pp.405-436.
- CHOMSKY, N. (1991) Some Notes on Economy of Derivation and Representation. In: R.FREIDEN (ed.) *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge: The MIT Press.
- _____ (1995) *The Minimalist Program*. The MIT Press, Cambridge.
- COSTA, J. (1996) Adverb positioning and V-Movement in English: Some More Evidence. *Studia Linguistica*, 50.1: 22-34.
- DUARTE, M. E. L. (1997) A Sociolingüística Paramétrica: perspectivas. Comunicação apresentada no 1º Seminário Nacional de Estudos Lingüísticos, João Pessoa.
- FONTANA, J. (1993) Phrase Structure and the Syntax of Clitics of Spanish. Ph D dissertation, University of Pennsylvania.
- HAEGEMAN, L. & R. ZANUTTINI (1991) Negative Heads and Negative Concord, ms., Université de Genève.
- HIGGINBOTHAM, J. & R. MAY (1981) Questions, Quantifiers, and Crossing.

- The Linguistic Review* 1: 41-79.
- HOCK, H. H. (1991) *Principles of Historical Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- HOLMBERG, A. & C. PLATZACK (1988) On The Role of Inflection in Scandinavian Syntax. Ms., University of Stockholm.
- HOPPER, P. & E. TRAUOGOTT (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUBER, J. (1933) *Altportugiesisches Elermentrbuch*. Carl Winters Universitätsbuchhandlung: Heidelberg. trad. Port. de M. M. G. Delille. Lisboa, Gramática do Português Antigo, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- ILARI, R. (1984) Locuções Negativas Polares: Reflexões sobre um Tema de Todo Mundo. *Linguística: Questões e Controvérsias. Série Estudos* 10, Uberaba.
- JACKENDOFF, R. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: The MIT Press.
- JESPERSEN, O. (1971) *The Philosophie de la Grammaire*. Tradução francesa de The Philosophy of Grammar. Paris: Editions de Minuit.
- ____ (1917) *Negation in English and other languages*. Kobenhavn: Bianco Lunos Bogtrykkeri.
- KATO, M. (1994) Português Brasileiro Falado: aquisição em contexto de mudança lingüística, ms., Congresso Internacional sobre o Português, Lisboa.
- KAYNE, R. (1987) Facets of Romance Past Participle Agreement", ms., MIT.
- LABOV, W. (1972) Negative Attraction and Negative Concord, *Language* 48: 773-818.
- LADUSAW, W. (1979) Polarity Sensitivity as Inherent Scope Relations. Tese de Doutorado, The University of Texas at Austin.
- LAKA, I. (1988) Constraints on Sentence Negation: the Case of Basque, ms., MIT.
- LONGOBARDI, G. (1987) The Negation Systems of Romance, *Glow Newsletter*.
- ____ (1991) In defense of the correspondence hypothesis: island effects and parasitic constructions in Logical form. In: *Logical Structure and Linguistics Structure*, C. T. James Huang and Robert May (eds), 149-196, Dordrecht, Kluwer.
- MARTIN, R. (1992) La Négation de Virtualité du Moyen Français, *Romania*, 93, 20-49.
- MARTINS, A. M. (1997) Aspectos da Negação na História das Línguas

- Românicas (da Natureza de palavras como *nenhum, nada, ninguém*). *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A. P. L.: 170-210.
- MATOS & SILVA, R. V. (1990) *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- MATTOSO CAMARA JR., J. (1979) *História e Estrutura Portuguesa, Padrão*, Rio de Janeiro: Editora Padrão.
- MEILLET, A. & J. VENDRYES (1948) *Traité de Grammaire Comparée des langues Classiques*, 2e éd., Paris: Lib. Honoré Champion.
- MILNER, J. C. (1982) *Ordres et Raisons de Langue*, Paris: Le Seuil.
- MOIGNET, G. (1965) L'Opposition NON/Ne en Ancien Français, *Trav. Ling. Litt., Strasbourg, T 3*: 41-65.
- MORITZ, L. & D. VALOIS (1994) Pied-Piping and Specifier-Head Agreement. *Linguistic Inquiry*, 25, 4, pp.667-707.
- MULLER, C. (1984) L'Association Négative. *Langue Française* 62: 59-94.
- NUNES, J. J. (1945) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- OUHALLA, J. (1991) *Functional Categories and Parametric Variation*. London: Routledge.
- POLLOCK, J-Y. (1989) Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP, *Linguistic Inquiry* 20, 3 :365-474.
- PROGOVAC, L. (1994) *Negative and Positive Polarity: a Binding Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RAMOS, J. (1996) A Alternância entre “não” e “num” no Dialeto Mineiro: um caso de mudança lingüística. Ms., UFMG.
- RIZZI, L. (1982) *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris Publications.
- ____ (1990) *Relativised Minimality*. Cambridge :The MIT Press.
- ROUVERET, A. (1989) Cliticização e Tempo em Português Europeu. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 17: 9-37.
- SAID ALI, M. (1966) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos.
- SCHWEGLER, A. (1988) Word-order Changes in Predicate Negation Strategies in Romance Languages. *Diachronica* 5: 21-58.
- STAUF, I. (1928) *Recherches sur le “ne” Redondant*. Paris: Rousseau.
- STOWELL, T. (1981) *Origins of Phrase Structure*, PhD dissertation, MIT.
- TRAUGOTT, E. (1980) Meaning-change in the Development of Grammatical Markers, *Language Science* 2: 44-61.

- TRAVIS, L. (1984) Parameters and Effects of Word Order Variation, PhD dissertation, MIT.
- VITRAL, L. (1992) Structure de la Proposition et Syntaxe du Mouvement en Portugais Brésilien. Thèse de doctorat nouveau régime: Université Paris VIII.
- _____. (1996) A Forma Cê e a Noção de Gramaticalização, *Revista de Estudos da Linguagem* 5: 115-124.
- _____. (em preparação) A Natureza Sintática da Cliticização. UFMG.
- _____. & J. RAMOS (1997) Gramaticalização de “Você”: um processo de perda de informação semântica? Ms., UFMG.
- WILLIAMS, E. (1994) *Thematic Structure in Syntax*. Cambridge: The MIT Press.
- ZANUTTINI, R. (1989) The Structure of Negative Clause in Romance. Ms., University of Pennsylvania.
- ZANUTTINI, R. (1994) Re-Examining Negative Clauses. In: G. CINQUE, J. KOSTER, J. -Y POLLOCK, L. RIZZI, R. ZANUTTINI (eds.) *Paths Towards Universal Grammar Studies in Honor of Richard Kayne*. Washington D. C.: Georgetown University Press.
- ZWICKY, A. & G. PULLUM (1983) Cliticization vs. Inflection: English n't. *Language*, 59: .502-510.

(Recebido em março de 1998; Aceito em julho de 1998)

A INTERAÇÃO SINCRONIA/DIACRONIA NO ESTUDO DA SINTAXE*
(The Interaction Synchrony/Diachrony in the Study of Syntax)

Maria Angélica FURTADO DA CUNHA (*U. Federal do Rio Grande do Norte*)
Mariangela Rios de OLIVEIRA (*Universidade Federal Fluminense*)
Sebastião VOTRE (*Universidade Federal Fluminense*)

ABSTRACT: In the more recent functionalist researches one can notice a strong tendency toward the historical investigation of linguistic facts, together with synchronic descriptions. The interaction and interdependence synchrony/diachrony is central to the understanding of the process of grammaticalization since, besides the synchronic analysis of grammatical forms as a discourse-pragmatic phenomenon, primarily syntactic, one should also investigate the origin of these forms in discourse and the paths of change along which they proceed. Studies on the trajectory and current configuration of items such as 'onde' and 'ir', of processes such as syntactic integration by embedding or of processes such as repetition and negation, give evidence of this interaction, which results in the panchronic approach.

RESUMO: Nas pesquisas funcionalistas mais recentes nota-se uma orientação cada vez mais acentuada para a investigação histórica dos fatos lingüísticos, associada à descrição sincrônica. A interação/interdependência sincronia/diacronia é fundamental na compreensão do processo de gramaticalização. Além do exame sincrônico das formas gramaticais como um fenômeno discursivo-pragmático, primariamente sintático, cabe também investigar a origem dessas formas no discurso e as trajetórias de mudança por que passam. Estudos sobre a trajetória e configuração atual de itens como 'onde' e 'ir', ou de processos como integração sintática por encaixamento, ou de processos como repetição e negação, atestam as vantagens dessa interação, que resulta na abordagem pancrônica.

KEY WORDS: Panchrony; Synchrony; Diachrony; Functionalism; Linguistic change.

PALAVRAS-CHAVE: Pancronia; Sincronia; Diacronia; Funcionalismo; Mudança lingüística.

* Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada na forma de Comunicação Coordenada no I Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, em setembro de 1997. Agradecemos aqueles que, na ocasião, trouxeram valiosas sugestões no sentido do aprimoramento do presente texto.

0. Introdução

As reflexões contidas neste texto são em parte produto do estágio de pós-doutorado da primeira autora em Santa Barbara e, em parte, fruto das leituras acumuladas na área, sobretudo Givón, Hopper, Traugott, Bybee e Thompson, entre outros. O texto focaliza a consolidação de algumas tendências presentes na literatura especializada que apontam para o fim da dicotomia sincronia/diacronia. Nota-se, sobretudo, uma orientação cada vez mais acentuada para a investigação histórica dos fatos lingüísticos, associada à descrição sincrônica de cada item ou processo. Há um novo consenso de que a interação e interdependência entre sincronia e diacronia é central para o estudo do processo de gramaticalização, entendido aqui como regularização ou convencionalização. No caso do português, falecem-nos fontes fidedignas, quer da origem, quer do desenvolvimento de muitos fatos sintáticos, hoje regulares/convencionais, ou em vias de regularização. Estudar a mudança lingüística, nesse quadro, envolve o estudo e a comparação de estágios lingüísticos distintos, recuando a partir do presente até o português arcaico, utilizando modelos e princípios descritivos desenvolvidos nas pesquisas sincrônicas. Esses modelos sincrônicos podem ser testados a partir de dados históricos e só podem ser considerados completos se permitirem a incorporação da mudança na gramática. A combinação de informação sincrônica e diacrônica, no que se caracteriza como uma abordagem pancrônica do estudo da língua, pode fornecer uma descrição mais densa, com possibilidade de compreensão mais completa dos fenômenos sob investigação. Estudos sobre a trajetória e configuração atual de itens como *onde* e *ir*, ou de processos como integração sintática por encaixamento, ou processos de repetição e negação, atestam as vantagens dessa interação, que resulta na abordagem pancrônica.

1. Consolidação da tendência pancrônica na lingüística funcional¹

Um primeiro ponto que gostaríamos de abordar é a questão do resgate da diacronia. Nos estudos funcionalistas mais recentes, nota-se, se não o fim da dicotomia sincronia/diacronia, ao menos uma orientação cada vez mais acentuada para a investigação histórica, diacrônica, dos fatos lingüísticos, associada à descrição sincrônica.

¹ As idéias desta seção do artigo resultam sobretudo da pesquisa da professora Angélica Furtado.

Fazendo um retrospecto dos anos 60-70, constatamos que a lingüística formalista seguia orientação fortemente sincrônica, tanto em suas abordagens quanto em seus pressupostos, o que significa relegar os fatores históricos a segundo plano ou até mesmo excluí-los. A mudança lingüística, e aí se inclui a gramaticalização, era vista como conjuntos de ajustes a regras, ajustes esses confinados a um estágio inicial e um estágio final, sem interesse pelo processo gradual que se desenvolveu entre esses estágios. Nesse contexto, o processo de gramaticalização se coloca como um desafio às abordagens lingüísticas que postulam categorias discretas inseridas/dispostas em sistemas rígidos e estáveis.

Na tentativa de derivar as mudanças lingüísticas de leis gerais, parece ser mais esclarecedor servir-se de explicações funcionais, sejam elas comunicativas ou cognitivas, ao invés de formais, e recorrer a tendências naturais, ao invés da postulação de leis rígidas. Além disso, parece que sincronia e diacronia não podem, na prática, ser tão separadas como admitia Saussure. As línguas têm um passado, e o estado sincrônico é uma função desse desenvolvimento passado. Segue-se, daí, que, embora a investigação histórica possa ser subseqüente à análise sincrônica, dado que envolve a comparação de estados sincrônicos sucessivos, uma teoria lingüística preocupada com a questão da mudança deve envolver a dimensão diacrônica. Sincronia e diacronia estão, portanto, entrelaçadas.

A interação e interdependência entre sincronia e diacronia é fundamental na compreensão do processo de gramaticalização já que, além do exame das formas gramaticais como um fenômeno discursivo-pragmático, primariamente sintático, cabe também investigar a origem dessas formas e os caminhos/trajetórias de mudança por que passam.

Estudar a mudança lingüística - intrínseca à gramaticalização - envolve a pesquisa e a comparação de estágios lingüísticos distintos, utilizando modelos ou teorias desenvolvidos nas pesquisas sincrônicas. Por outro lado, esses modelos podem ser testados a partir de dados históricos, e só podem ser considerados completos se permitirem a incorporação da mudança na gramática. A combinação de informação sincrônica e diacrônica, no que se caracteriza como uma abordagem pancrônica do estudo da língua, fornece uma descrição mais densa, com possibilidade de explicação mais completa do fenômeno sob investigação. Estamos, portanto, admitindo que o estudo lingüístico sincrônico está intrinsecamente associado ao diacrônico.

Uma perspectiva diacrônica pode oferecer mais do que simplesmente um comentário histórico interessante a respeito dos fatos sincrônicos. Como dizem Hopper & Traugott (1993), os próprios fatos sincrônicos são indistinguíveis dos processos diacrônicos e discursivo-pragmáticos nos quais eles são surpreendidos. Assim, a morfossintaxe sincrônica pode ser entendida como o reflexo temporário/provisório, e não necessariamente estável, de mudanças em processo.

Há várias razões pelas quais uma abordagem diacrônica é desejável. Em primeiro lugar, ela aumenta o poder explanatório da teoria lingüística. Demonstrar que uma dada forma ou construção desempenha determinada função não justifica a existência dessa forma ou construção. É necessário, também, tentar mostrar como essa forma ou construção veio a ter essa função. O estado sincrônico é resultado de um desenvolvimento passado que continua no presente. O princípio do uniformitarismo, que se tornou um ingrediente essencial em grande parte das pesquisas lingüísticas históricas (cf. Labov, 1974; Romaine, 1982), prevê que tendências hoje em curso devem ter atuado em estágios anteriores e possivelmente continuarão a atuar. Segundo Hopper & Traugott (1993:38), isso significa que, operacionalmente, não se pode reconstruir nenhuma regra ou gramática para uma língua morta que não seja atestada em uma língua viva. Desse modo, há boas razões para se postular que a gramaticalização ocorreu em línguas faladas há 10 mil anos atrás de modo bastante semelhante ao que se verifica hoje.

Vejamos um exemplo. O estudo da locução formada pelo verbo *ir*, na forma do presente, acompanhando um verbo no infinitivo não flexionado, é usada no português contemporâneo para indicar futuro, como nesse trecho retirado do *corpus Discurso & Gramática*, de Natal:

- (1) Bem, a minha opinião sobre o namoro é que está muito avançado, porque esses rapazes de hoje não pensa no amanhã que *vai ser*.
(Lúcia, 8ª série)

A comparação entre o português, o francês e o espanhol modernos mostra que as três línguas utilizam a mesma estratégia de marcação do tempo futuro. Em francês, temos:

- (2) a. *Je vais aller à la plage.*

b. *Je vais faire* des courses.

E, em espanhol:

(3) a. El Sábado *voy a ir* al baile.

b. Yo *voy a hacer* una dieta.

Ou seja, afirmar que o futuro é expresso em português pela locução $i_{PRES} + V_{INFINITIVO}$ não é suficiente. É preciso olhar para trás e procurar no passado a origem comum desse mecanismo de codificação do português, do francês e do espanhol. Assim, eventos passados podem lançar luz sobre situações presentes, de modo que podemos compreender melhor sistemas correntes considerando como eles surgiram. A investigação diacrônica pode iluminar a sincronia na medida em que as mudanças históricas são, muitas vezes, preservadas na estrutura sincrônica.

Uma segunda justificativa para o estudo diacrônico é que os fatores cognitivos e comunicativos que subjazem ao significado gramatical são mais claramente revelados à medida que a mudança ocorre, ou seja, em situações de dinamismo ao invés de situações de estabilidade. Dado que os elementos lingüísticos são altamente convencionais e usados inconscientemente, podem ser descritos e interpretados de vários modos, mas a natureza da mudança geralmente aponta para a interpretação que é adequada (cf. Bybee et al., 1994).

Em terceiro lugar, a língua não apresenta uma organização estável do significado, uma vez que este está constantemente mudando: a língua não é, mas está. Considerar a fatia sincrônica como apenas um estágio em uma longa série de desenvolvimentos ajuda-nos a explicar/entender a natureza da gramática num momento particular. Tomemos um caso específico. No estudo da polissemia do pronome/advérbio *onde*, Bezerra Oliveira (1997) investigou a trajetória de abstratização espaço > tempo > texto no português sincrônico. Os exemplos seguintes ilustram esse movimento do *onde*:

(4) Já se optarmos pelo Pastel, precisaremos de um lugar com melhores condições de trabalho, tal como uma sala arejada ou um atelier *onde as condições físicas do ambiente não tenham muitas variações.* (Ítalo, 3º grau)

(5) ... quando chegou no acampamento ... ele pegou a comida que tava junto e dividiu ... sendo que ... cada pessoa comia de cada coisa uma ... ou seja ... o que eu levei ... eu não comi sozinho ... eu tive que dividir com todos os amigos ... depois disso teve a noite *onde foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos* ... (Emerson, 8ª série)

(6) O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. *Onde eu acho um desafio*. Pois eu tenho de chegar à perfeição. (Ítalo, 3º grau)

A pesquisa sobre os sentidos do *onde* em textos que abrangem desde o latim clássico até o português do século XVIII mostrou que há uma regularidade no processo de metaforização na medida em que os sentidos de tempo e texto foram constatados em alguns textos medievais. O exame da evolução histórica do *onde* revelou que essa trajetória de abstratização é um caso remanescente de estágios anteriores da língua, em vez de uma inovação a ser explicada no âmbito estrito da sincronia.

Finalmente, as generalizações são mais efetivamente formuladas como generalizações sobre rotas ou trajetórias de desenvolvimento do que como generalizações sobre estados sincrônicos; a diacronia fornece explicações mais reveladoras das correlações entre forma e significado ou função (como se pode ler em Bybee et alii, 1994 e Mc Mahon, 1995).

Pensamos que a gramaticalização deve ser concebida como um processo pancrônico que apresenta uma perspectiva diacrônica, já que envolve mudança, e uma perspectiva sincrônica, já que implica variação que pode ser descrita como um sistema sem referência a tempo. Uma vez que um elemento lingüístico - palavra ou construção - é capaz de adquirir e reter novos sentidos e usos sem perder os antigos, seu estudo requer uma perspectiva pancrônica. Nesse sentido, dizemos que a lingüística funcional é essencialmente pancrônica, pois os princípios que a norteiam podem ser aplicados quer aos padrões fluidos do uso da língua que se observam num corte sincrônico, quer aos processos de mudança que se depreendem na trajetória diacrônica.

Um outro ponto que gostaríamos de enfocar diz respeito à frequência de uso, e conseqüente desgaste, das formas lingüísticas. Se considerarmos que a hipótese básica do funcionalismo é que sobretudo o uso da língua

molda a gramática, a repetição ou frequência de ocorrência de um item ou construção é o mecanismo através do qual esse processo de modelagem da língua ocorre (cf. Givón, 1979; Du Bois, 1985; Hopper, 1987; Hopper & Thompson, 1993). O exame de generalizações translingüísticas desenvolvido por esses autores leva à conclusão de que a gramática é primariamente modelada por generalização nos padrões de uso.

O interesse pela abordagem diacrônica no estudo da gramaticalização faz surgir a questão das condições que propiciam a sua ocorrência. Na literatura são arrolados fatores como saliência perceptual, conteúdo semântico e frequência de uso da forma candidata à gramaticalização. Assim, do conjunto de fenômenos correlacionados que motiva a gramaticalização, e portanto, a regularização e fixação, a frequência é considerada como um dos mais relevantes. Quanto mais freqüente a forma, mais gramaticalizada ela é. A frequência textual de um item é, portanto, evidência empírica do seu grau de gramaticalização.

Nesse sentido, a gramaticalização é entendida como um modo de rotinização da língua. Quando uma construção deixa de ser um meio inovador de reforçar um aspecto do discurso e se transforma em uma estratégia comum, previsível, a frequência com que ela ocorre indica que ela passou a ser considerada pela comunidade lingüística como gramatical.

Com base nessas colocações, podemos justificar o uso do verbo *ir* como marcador de futuro. Os verbos que expressam movimento mais generalizado, ou seja, que não especificam a natureza do movimento, são empregados em um âmbito maior de contextos discursivos. Compare-se *ir* com *andar*, *caminhar* e *rastejar*, por exemplo. Também por essa razão, são mais freqüentes os verbos de movimento: uma vez que se aplicam a um número maior de contextos, são usados mais freqüentemente. São itens lexicais desse grau de generalidade que tendem a ser usados em construções que sofrem o processo de gramaticalização. (cf. Bybee et al., 1994).

Ao estudar as conseqüências, na sintaxe, da frequência de ocorrência de uma forma, Bybee & Thompson (1997) ressaltam o efeito da redução e o efeito da conservação. À primeira vista, esses dois efeitos são incompatíveis, já que parecem condicionar resultados opostos: a alta frequência de uma forma promove a mudança, ao mesmo tempo em que torna a forma resistente

à mudança. Contudo, esses dois efeitos se dão em estágios diferentes na vida de uma construção e envolvem dois tipos de mudança de natureza muito diferente. O efeito da redução desempenha um papel central na gramaticalização, enquanto o efeito da conservação interage com um terceiro tipo de efeito, o da alta frequência do *type*, em oposição a *token*.

O efeito da redução tem uma dimensão fonética, sintática e semântica. A mudança fonética avança mais rapidamente em itens de alta frequência no discurso, como se pode observar na gramaticalização de formas que sofrem redução à medida que sua frequência cresce, como *tá (está)*, *né (não é)*, *xovê (deixa eu ver)*, *bora (vamos embora)*. Do ponto de vista sintático, seqüências de alta frequência de uso são processadas como uma fatia única, o que resulta na perda de sua estrutura interna, como se dá com *xovê*, por exemplo. O desbotamento semântico acompanha a redução fonológica e a perda da estrutura interna dos elementos de alta frequência. As construções que são mais repetidas perdem seu valor expressivo, o que, por sua vez, permite que elas ocorram com maior frequência, tendo como consequência o desbotamento semântico posterior, gerando um efeito de espiral.

Os exemplos clássicos de desbotamento incluem casos em que expressões originariamente enfáticas perdem esse *status* e se tornam o modo não-marcado de expressar determinados conteúdos. Tomemos as estratégias de negação no português para ilustrar esse ponto:

(7) a. negativa padrão *não* + SV:

Com a luz acesa a gente não conseguia dormir.

b. dupla negativa *não* + SV + *não*:

Eu não tirei foto não.

c. negativa pós-verbal SV + *não*:

Tudo eu faço ... sabe? tem isso comigo não.

Vários estudos focalizam a associação da negação com ênfase (Schwegler, 1988; Croft, 1991; Dryer, 1989; Ashby, 1981; Payne, 1985; Hopper & Traugott, 1993; entre outros). A introdução de elementos enfáticos na negação é geralmente explicada pelo fato de que os enunciados negativos quase sempre pressupõem a contraparte positiva no contexto, quer explícita,

quer implicitamente (cf. Givón, 1979). A asserção negativa contrasta com a pressuposição positiva e, portanto, induz uma ênfase na asserção negativa. Assim, os negadores enfáticos entram no sistema negativo como indicadores da rejeição enfática da crença explícita ou implícita do ouvinte. Via reanálise, o elemento enfático original se torna posteriormente um negador regular, comum, e o marcador negativo obrigatório é eliminado.

A evolução da partícula negativa *pas* do francês é um caso bem conhecido do ciclo da negação. No francês informal, *pas*, que originalmente significava *passo* e era usado opcionalmente para enfatizar verbos de movimento, estendeu seus contextos sintáticos de tal modo que no francês coloquial moderno ele é usado como o marcador negativo primário. Estamos defendendo a idéia de que a emergência das estratégias de negação no português do Brasil é paralela à observada no francês.

Em primeiro lugar, podemos observar que na negativa padrão o marcador negativo está sofrendo um processo de redução fonológica. No discurso falado rápido, o *não* acentuado é enfraquecido para *num*, ou até mesmo para uma simples nasalização, conforme o quadro 1:

Negativa pré-verbal	Negativa dupla
[nãw] 279 (55%)	[nãw] 10 (19%)
[nu] 229 (45%)	[nu] 42 (81%)
Total 508 (100%)	Total 52 (100%)

Quadro 1: Realização do *não* nas negativas pré-verbal e dupla

Ao reforçar a informação negativa, ou seja, a negação da pressuposição, o falante acrescenta uma segunda partícula negativa *não* no fim da oração. Essa partícula pós-verbal pode ser vista como uma estratégia restauradora, que compensa a erosão fonológica do *não* pré-verbal e seu conseqüente esvaziamento semântico (cf. Furtado da Cunha, 1996).

Sabe-se que a perda de morfologia através da erosão fonológica é uma ocorrência comum, especialmente em palavras monomorfêmicas (cf. Hopper, 1994; Bybee, 1988). Por um lado, há uma tendência para reduzir o sinal falado no discurso rápido. Por outro lado, se uma forma é freqüentemente repetida, ela perde sua força expressiva. Uma estratégia recorrente para recuperar material fonológico é o reforço, através do qual uma construção

que se enfraqueceu semanticamente é restaurada pela adição de um segundo morfema. Como resultado, surge uma construção que cobre muito do domínio funcional da forma antiga antes que ela sofresse redução e enfraquecimento. A nova forma tipicamente começa como uma variante usada esporadicamente, sua frequência aumenta à medida que o tempo passa e, finalmente, ela pode vir a substituir a forma antiga. Como ressalta Hopper (1994: 37), sem dúvida, o evento básico na mudança lingüística é a simples erosão de material fonológico.

Parece plausível concluir que a negativa dupla emerge em resposta ao objetivo do falante de reforçar uma relação que já existe mas se tornou desgastada. A redução fonológica do *não* pré-verbal reflete o efeito da repetição sobre o significado. A frequência de uso da negativa pré-verbal cria um potencial para a perda de informação. Portanto, a emergência da negativa dupla é motivada por uma pressão discursiva. A ausência da negativa dupla na escrita fornece evidência positiva de sua origem interacional. Nos textos escritos, o *não* pré-verbal não sofre redução e, portanto, não há necessidade pragmática para uma nova partícula reforçadora, típica da fala.

Uma evidência para a hipótese de enfraquecimento do *não* pré-verbal é a construção negativa pós-verbal SV + *não*. Nesse caso, podemos admitir que a redução do *não* teria atingido seu estágio final, tendo como resultado a perda ou eliminação completa desse marcador. A baixa ocorrência de negativas pós-verbais nos dados e seu contexto de uso muito restrito parece indicar que o processo de erosão do marcador negativo pós-verbal está ainda em seu estágio inicial.

Desse modo, podemos atestar o papel crucial desempenhado por fatores interacionais na emergência de novas estratégias de negação no português do Brasil. O paradigma de gramaticalização não apenas fornece uma explicação da gênese mas também do comportamento sincrônico e desenvolvimento posterior das construções negativas.

2. A abordagem pancrônica da frequência de uso²

Segundo os pressupostos teóricos do funcionalismo, no *continuum* do processo de gramaticalização, atuam como fatores de fixação das estruturas

² Esta seção do artigo ficou a cargo da professora Mariangela Rios de Oliveira.

gramaticais, dentre outros, parâmetros relativos à *freqüência* e à *adequação semântica* das formas que mais tendem à regularização ou sistematização. Além dos citados parâmetros, contribui para essa fixação o princípio de *iconicidade*, desdobrado em seus três subprincípios: proximidade, quantidade e ordenação linear - todos aplicáveis à explicitação dos processos gerais e mais sistemáticos de repetição.

O parâmetro de freqüência - com destaque especial neste texto - preconiza que a alta recursividade de uma estrutura nas variadas manifestações discursivas faz com que tenda a aumentar a probabilidade dessa estrutura se regularizar lingüisticamente. Há estreita relação entre o efeito de freqüência de usos discursivos e o aparecimento da gramática, como apontam Du Bois (1985), Givón (1995) e Martelotta et alii (1996), dentre outros. Termos repetidos em determinados ambientes textuais motivam certa padronização de uso, num processo típico de estágio inicial de gramaticalização.

O parâmetro de adequação semântica refere-se à tendência de determinados conteúdos serem mais sensíveis ao processo de regularização do que outros. Assim se explicam, por exemplo, as distintas propostas de trajetória metafórica rumo à crescente abstração dos significados assumidas pelo funcionalismo. Sweetser (1990) aponta o percurso *universo histórico-social > experiência fundante > ato de fala*; Traugott e Heine (1991) sugerem a progressão *espaço > (tempo) > texto*; Heine et alii (1991) propõem a seqüência *corpo > objeto > processo > espaço > tempo > qualificação*. Nas três postulações, o caminho rumo ao abstrato, ao *desbotamento* ou à transferência semântica, tem nos procedimentos de repetição uma de suas estratégias básicas. São os termos concretos do nível lexical, relativos à localização espacial ou ao domínio corporal que, retomados sucessivamente na história das línguas, se transferem para outros campos de referência atingindo o nível gramatical, em estágios cognitivamente mais elaborados e mais abstratos de referencialidade.

O princípio de iconicidade, contraponto da arbitrariedade saussureana, prevê como motivado o binômio unidirecional *função > forma*. Fundada na relação de *um-para-um* entre o significado e sua formulação, a iconicidade prevista pelo processo de gramaticalização, a denominada *iconicidade diagramática*, apresenta-se desdobrada em seus três subprincípios.

O subprincípio da *quantidade* preconiza que quanto maior, mais imprevisível e saliente for um conteúdo, maior também será a quantidade de forma adotada para sua representação. Este subprincípio guarda estreita relação com o traço *freqüência* (Traugott e Heine, 1991), anteriormente mencionado como associado à gramaticalização. Em termos de repetição, a questão da saliência informacional se destaca no estudo da *quantidade* icônica.

O segundo subprincípio, o de *proximidade*, postula que, quanto mais próximos estiverem dois conteúdos, conceptual e cognitivamente, mais próximas também deverão estar as formas que os representam. O traço *proximidade*, assim definido por Givón (1995), tem correspondência com o *princípio de adjacência*, preconizado pelo autor como fator de gramaticalização; segundo este princípio, a distância espaço-temporal na cadeia da fala tende a refletir distância conceptual.

O terceiro subprincípio icônico, o de *ordenação linear*, estabelece que, quanto mais importante, previsível e temático for um conteúdo, mais sua forma correspondente tenderá a se localizar na parte primeira do enunciado, em posição de destaque. Para a abordagem da repetição, a questão da ordenação linear é de todo relevante. As estratégias que se regularizam encontram-se ordenada e hierarquicamente articuladas segundo padrões determinados pelo uso. A ordenação linear é considerada uma restrição gramatical básica.

Dentre os mecanismos de repetição atuantes pancronicamente na regularização gramatical, tomam-se como exemplos para esta apresentação aqueles relativos ao desenvolvimento e à fixação da referência temporal de futuro, um tipo de freqüência, na terminologia de Bybee e Thompson (1997), observado na história de considerável número de línguas.

Na investigação histórica da trajetória de mudança lingüística, uma das maiores contribuições das estratégias de repetição para a fixação de padrões gramaticais encontra-se no desenvolvimento das marcas de futuro. Em geral, tais marcas têm origem em modelos discursivos de expressão de vontade ou desejo. Retomadas sucessivamente pelos usuários na interação cotidiana, eleitas e regularizadas cada vez mais pela comunidade lingüística, tais marcas acabam passando por um processo de reanálise sintática, em que se fixam como ordem básica para a expressão de sentido futuro. Está iniciado, assim,

o caminho rumo à gramaticalização - de uma estrutural opcional, discursiva, para uma ordenação regular, sistemática. A etapa seguinte representa a passagem da sintaxe para a morfologia, com a crescente redução semântica e fonológica prevista em processos como esse.

Em português, assim foi o caminho percorrido na expressão do futuro do presente, exemplificado nas séries *hei de falar > falar hei > falarei*, correspondentes, de forma geral, à mudança *discurso > sintaxe > morfologia*. Não se trata tão somente da alteração verificada na integração do plano formal; o conteúdo também passa por transformação, transformação esta identificada fundamentalmente pelo *desbotamento* semântico do verbo *haver*, que atinge seu ponto de maior opacidade como desinência modo-temporal, num estágio em que se torna quase imperceptível o sentido inicial de expressão de vontade.

Essas alterações nos planos semântico e sintático são nomeadas por Bybee e Thompson de *efeito de redução*, uma das conseqüências pancrônicas da freqüência na sintaxe. Segundo as autoras, estruturas lingüísticas altamente repetidas funcionam como estratégias *automáticas*, à semelhança das demais atividades de produção humana. Em conseqüência desse automatismo, tais estratégias tornam-se cada vez mais *eficientes* na interação, deixando de representar apenas *uma* das possíveis alternativas de comunicação e passando a constituir *a* estrutura gramatical consagrada pela comunidade lingüística.

A gramaticalização da expressão de futuro em português comprova também o segundo efeito de freqüência na sintaxe proposto por Bybee e Thompson, complementar ao efeito de redução referido - trata-se do *efeito de conservação*, segundo o qual, a retomada freqüente de uma forma faz com que sua representação seja cada vez mais fixada, facilitando sua acessibilidade em novas oportunidades. Uma das conseqüências mais visíveis do efeito de conservação das estruturas lingüísticas estaria nos casos de irregularidade, comprovadores da retenção pela repetição. Através do efeito de conservação assim proposto, seria justificável a alomorfa da desinência - *rei* na primeira pessoa do singular, que estaria tão somente retendo sua irregularidade originária, através de *hei*. Note-se que, mesmo diante de tantas alterações e reduções funcionais e formais sofridas por esta expressão de futuro português, foi conservada a singularidade alomórfica de tal referência.

Assim posto, é possível constatar que as estratégias de repetição, ao longo da história dos fatos lingüísticos, têm produzido dois resultados distintos e complementares, responsáveis tanto por desgaste e degeneração (efeito de redução) como, por outro lado, por retenção e singularização (efeito de conservação). Esses dois efeitos respondem, respectivamente, pelos fenômenos de automação e de irregularidade verificados nos padrões gramaticais das línguas em geral.

A evidência do caráter pancrônico desse processo, que conjuga reanálise sintática e mudança ou conservação semântica, se encontra na sincronia atual da língua portuguesa. Nos dias de hoje, embora haja à disposição dos usuários uma desinência verbal gramaticalizada para a representação futura, com suas marcas flexionais sistemáticas, há forte tendência para a utilização de perífrases para essa representação. Através da repetição, fica cada vez mais regular e automático no português do Brasil o uso de sintagmas do tipo *vou falar*, ao invés de *falarei*; *vai falar*, no lugar de *falará*; ou ainda *vamos falar*, mais freqüente do que *falaremos*. Trata-se de procedimento semelhante ao verificado com o futuro do presente em sua evolução desde a origem latina. Tal como *haver*, a forma verbal *ir* encontra-se, nesse processo, mais abstratizada. A idéia básica de *deslocamento no espaço* transfere-se para *deslocamento no tempo*, confirmando a trajetória da mudança lingüística assumida pelo funcionalismo.

Outra estrutura resultante da reanálise de padrões discursivos como padrões gramaticais, exemplificadora do efeito de freqüência na sintaxe e que vem progressivamente se regularizando no uso coloquial e oral para a representação de obrigatoriedade, de um fazer futuro, é o sintagma *ter que + infinitivo*. Em *tenho que falar*, *tem que falar* ou *temos que falar*, não há praticamente mais condição de se identificar alguma autonomia da forma verbal *ter*, seja do ponto de vista semântico (a idéia concreta de posse foi perdida) ou sintático (não se pode lhe atribuir *status* oracional pleno). O fato de essa expressão se encontrar assim tão fortemente vinculada conceptual e formalmente, na representação e fixação de uma organização semântico-sintática, indica tratar-se de um processo de gramaticalização em pleno curso, desencadeado pela alta recursividade, pela contínua reiteração por parte dos usuários desse arranjo estrutural.

Séries como *tenho que falar/vou falar/falarei, tem que falar/vai falar/falará* ou ainda *temos que falar/vamos falar/falaremos* configuram-se como formas em competição momentânea na história do português, conforme se encontra em Hopper (1991). Representam distintas camadas polissêmicas que passaram a integrar o paradigma gramatical em diferentes estágios da mudança lingüística. Séries como essas convivem durante períodos indetermináveis, possuem idades distintas (as mais recentes são as mais extensas em termos formais) e funcionam complementarmente na representação da referência de futuro, condicionadas que estão a variáveis como: tipo de texto, modalidade e grau de formalidade, dentre outras.

Segundo Bybee (1988), a trajetória de mudança dos sentidos lexicais rumo aos gramaticais pode ser identificada numa mesma língua, por intermédio da investigação de suas distintas etapas de evolução, ou translingüisticamente, através da análise de várias línguas. Dados relativos a outras línguas vêm confirmar o caráter pancrônico do efeito da freqüência de uso na referência de futuro. Um exemplo clássico utilizado pelo funcionalismo nessa demonstração é o que ocorre com o Tok Pisin, língua originária do *pidgin* de mesmo nome de Papua/Nova Guiné, como demonstram Sankoff e Brown (1976), em *A origem da sintaxe no discurso*. A forma de representação de futuro nessa língua é o que resulta da redução semântica e estrutural de um termo adverbial de tempo que, usado reiteradamente, passa a assumir uma designação modo-temporal de futuro, através da trajetória *bai em bai (daqui a pouco; pouco a pouco) > bambai > bai* (morfema modo-temporal de futuro).

Meillet (1948), em *A evolução das formas gramaticais*, atesta a tendência generalizada de utilização de formas de manifestação de intencionalidade para indicar ações ainda não realizadas, originado-se, assim, paradigmas gramaticais de tempo futuro nas línguas em geral. Ao exemplificar o efeito de tal uso, o autor destaca uma das expressões de futuro do francês na atualidade - paralelo ao que já verificamos no português - que se origina da evolução *j'ai a finir > je finir ai > je finirai*. Constata Meillet que o verbo *avoir*, em situações como essa, não mais preserva o sentido original de posse, perdendo seu valor expressivo concreto, uma vez que se encontra intrinsecamente unido à forma infinitiva. Conclui o autor, antecipando-se à proposta funcionalista da origem discursiva da gramática, que o desejo de expressão gera estruturas sintáticas que, pela freqüência de uso, perdem *status*

informativa, abstratizam-se, e passam a funcionar como formas gramaticais, mais integradas conceptual e formalmente.

Meillet destaca a sintaxe como primeiro nível de gramaticalização, como consequência natural e previsível da consagração e da convencionalização pela interação social lingüística. Para ele, se a ordem em latim era questão expressiva ou pragmaticamente condicionada, nas línguas românicas a situação é outra: a ordem possui valor gramatical, com implicações sintáticas, morfológicas e fonético-fonológicas.

A expressão de futuro do inglês representada pela forma *will* também resulta do efeito de frequência de uso. Okamura (1996) aponta duas funções atuais para essa partícula: uma de referência de futuro, o que chama de *futuro puro*, e outra de modalização. De acordo com o autor, o futuro puro *will*, estágio mais gramaticalizado desse termo, tem origem num primitivo item lexical de expressão de desejo ou intenção, que teria se auxiliarizado, perdendo assim o *status* de verbo pleno; em fase posterior, *will* reduz sua função à referência de futuro. A partícula *will*, no inglês atual, possui, portanto, dupla funcionalidade, modal e temporal, evidenciando um processo marcado pela conservação formal e pela redução semântica.

O que procuramos demonstrar aqui são os efeitos de um dos procedimentos mais comuns no uso lingüístico, a repetição, como estratégia de regularização e de convencionalização ao longo da história das línguas. Segundo Haiman (1994), assim como os demais mecanismos que se retomam e automatizam no âmbito cultural, as construções gramaticais são resultado também de estratégias de repetição que conduzem à ritualização e à convencionalização. Através da frequência de uso, elas se fixam cada vez mais, se tornam sistemáticas, eleitas como padrão da expressão lingüística. Em uma palavra - gramaticalizam-se.

Esse processo, extremamente marcado pelo efeito de redução e parcialmente marcado pelo efeito de conservação, não se resume à alteração ou não da configuração formal das expressões lingüísticas. A frequência de uso tem estreita correlação com as estratégias de representação mental. São conteúdos que se transformam e especializam; noções que se integram e refinam. Trata-se da passagem da referência lexical, externa, transparente e motivada, para a referência gramatical, interna, progressivamente mais opaca

e convencional. Os significados concretos dão lugar às noções lógico-formais. Manifestações de desejo e de intenção, no nível do discurso, são regularizadas para a representação modo-temporal de futuro, no nível da gramática. A criação se transforma em sistematização. Assim ocorre às manifestações culturais, assim ocorre aos usos lingüísticos.

3. A interação sincronia/diacronia na integração sintática³

No processo de integração sintática por encaixamento no português, temos o ciclo seguinte:

* parataxe > hipotaxe apositiva > subordinação com *quod* > subordinação com infinitivo e acusativo para sujeito distinto, encaixamento com apagamento de sujeito idêntico da encaixada.

Essa trajetória mantém estreita correlação com os três grandes tipos de verbos. Os verbos proposicionais exprimem, de uma maneira geral, julgamento de ordem intelectual sobre algum fato, como os verbos *achar, pensar e saber*. Os emotivos exprimem um julgamento de ordem pessoal em que os sujeitos exercem - ou tentam exercer - uma manipulação sobre o sujeito da cláusula subordinada, como *querer, deixar e desejar*. Os verbos efetivos são os que, concretamente, efetuam os processos contidos no verbo principal, sendo conhecidos como auxiliares - a exemplo de *estar, ficar e poder*.

Apresentamos a seguir a análise sincrônica e diacrônica do verbo *achar*, na sua trajetória de integração sintática, que percorre os estágios parataxe > hipotaxe > subordinação > encaixamento no sistema de combinação de cláusulas substantivas no português arcaico e contemporâneo.

A hipótese por nós acolhida prevê que, ao contrário do que propõem os neogramáticos - que fazem a construção com *quod* posterior à construção sintética -, com os verbos proposicionais, em primeiro lugar deu-se a utilização de *quod* com função demonstrativa indefinida, em que a cláusula subordinada seguinte tinha caráter de aposto:

(8) Credo quod terra est rotunda.

³ Esta seção ficou a cargo do professor Sebastião Votre.

Segundo nossa hipótese, com o processo de integração semântica e sua contraparte sintática, em algumas construções suprimiu-se o conector *quod*. Conseqüentemente, resultou:

(9) Credo terra est rotunda.

Entretanto, esse contexto foi alterado por reinterpretação morfo-semântica: o nome *terra* passou a ser interpretado como objeto direto do verbo *credere*, assumindo a morfologia de acusativo, de que resultou a reanálise do sujeito da subordinada para acusativo da principal; com isso o verbo da subordinada, sem ter com quem concordar, ficou na forma de infinitivo:

(10) Credo terram esse rotundam.

Estava implantada na língua a construção, altamente integrada, de infinitivo com acusativo.

Esse processo não foi plenamente produtivo. Sobretudo, não foi categórico. Assim, algumas construções, cujos sujeitos dos verbos principais não exerciam manipulação sobre o sujeito da subordinada, mantiveram relativa autonomia sintática da subordinada. É o caso de certos verbos proposicionais, como *dizer, falar, declarar*. A subordinada mantém sujeito próprio e verbo na forma finita, no modo indicativo:

(11) Eu disse que o dia estava lindo.

Por outro lado, o processo foi altamente produtivo quando se verificava um grau maior de manipulação entre o sujeito do verbo da principal e o sujeito da subordinada, como nos casos de verbos sugestivos, a exemplo de *achar, imaginar, pensar*, em contextos tensos, em que a sintaxe revela pressão através do futuro do presente e do pretérito na forma subordinada:

(12) Eu acho que você deveria mudar-se pra Paraíba.

(13) Eu imagino que ele deverá sair.

(14) Eu penso que ele deveria sair.

O quadro de pressão e manipulação é mais transparente no caso dos verbos propriamente emotivos, tais como *querer*, *pretender*, *propor*. Nos casos de sujeito distinto, a manipulação do sujeito da principal se manifesta no modo subjuntivo. No caso de sujeito idêntico, entra uma forma reduzida, com apagamento do sujeito na subordinada:

(15) Eu quero que você saia. Eu quero sair.

(16) Eu queria que ele saísse. Eu queria sair.

Utilizamos na parte sincrônica do estudo o *corpus* Discurso & Gramática - a língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro. Analisamos as entrevistas dos 93 informantes e todos os textos, orais e escritos, por eles produzidos. Os tipos de textos são: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local preferido, relato de procedimento e relato de opinião.

Comparamos os achados com um *corpus* do português arcaico, centrado em *Vita Christi*, *A Demanda do Santo Graal* e *Boosco Deleitoso*, sabendo embora dos problemas de tal comparação.

Apoiamo-nos fortemente na professora Rosa Virgínia (1991):

“Caracteriza a documentação escrita dessa época a variação. Não apenas variação na grafia - as primeiras propostas de ortografia para o português se iniciam nos meados do século XVI - mas também a variação na morfologia e na sintaxe. Pela variação gráfica se podem depreender indícios de realizações fônicas conviventes então e pela variação morfológica e sintática podem ser percebidas possibilidades estruturais, então em uso, que são indicadores para mudanças que depois vieram a ocorrer e que, a partir da normatização gramatical, a documentação escrita exclui, já que serão sempre algumas das variantes as selecionadas para o uso escrito normativizado das línguas. Com isso queremos pôr em destaque o fato de que o texto escrito do período arcaico se aproxima, em geral, mais da fala do que os textos escritos posteriores à normatização gramatical”.

Vejamos os resultados do verbo *achar*, estudado com auxílio da bolsista de Iniciação Científica do nosso grupo de estudos, Rosa Lucia Pereira Virgílio Neves. O estudo sobre a sincronia e a diacronia do verbo *achar* oferece

pontos para uma reflexão interessante a respeito da integração entre as duas perspectivas: a sincrônica e a diacrônica.

Temos evidência histórica do uso de *achar* em construção de infinitivo com acusativo no português arcaico, impossível sequer de ser compreendida hoje, o que indica que houve reorganização sintática desse verbo. Examinamos o português arcaico, que se situa entre os séculos XIII e XV, já que esse período marca o início da história escrita da língua portuguesa, precisamente com o *Testamento de Afonso II*, datado de 1214, e a *Notícia do Torto*, escrita entre 1214-1216.

Pesquisamos em fontes variadas da época arcaica, e formamos um *corpus* de 168 ocorrências. Constatamos no *corpus* arcaico seis cláusulas do verbo *achar* ocorrendo com o infinitivo de outro verbo mais o acusativo, como nos exemplos que se seguem:

- (17) “E mãdou vijnr cõmigo hua muy honrada dona diaconyssa, per nome chamada Romana, *a qual*, quando ueo, *achou iazer* aos pees do sancto bispo Nono Pelagia com gran planto e doo.”
(*Crestomatia arcaica* - p. 96)
- (18) “E seja o vagar e a folga do solitário temperada e branda, e o apartamento do ermo seja assessegado e pacífico e nom cruel e fero, em tal guisa que aqueles que i veerem maravilhem-se da humanidade e da caridade *que* viirem e *acharem morar* em o ermo, a qual é vida esterrada das cidades;”
(*Boosco Deleitoso* - p. 117)

No exemplo (17), pode-se observar a forma verbal “*achou iazer*” com o objeto direto “*a qual*”, e no exemplo (18) a forma verbal “*acharem morar*” e o objeto direto “*que*”. Esse tipo de construção, ou seja, infinitivo com acusativo, foi pouco freqüente no *corpus*, apenas 5,2% das ocorrências. Esse resultado demonstra que essa construção estava sendo pouco utilizada no período arcaico, pelo menos com o verbo *achar*. Essa forma representa um resíduo do latim no português arcaico que, com o tempo, desapareceu, pois não ocorre no português atual.

Os dados mostram que as formas associam-se a novos significados, num *continuum* temporal, num processo metafórico unidirecional, em que os significados mais abstratos são derivados progressiva e cumulativamente de sentidos mais concretos.

Segundo essa proposta, a mudança se processa conforme a seguinte escala de abstração crescente: *corpo* > *objeto* > *processo* > *espaço* > *tempo* > *qualificação*. As mudanças processadas em cada item ou construção podem ocorrer ou não em todas as etapas da escala. No nível semântico, constatamos que no latim o verbo *achar* (*afflare*) significava primeiramente ‘soprar’. No entanto, sua evolução semântica e também sintática já se inicia nessa fase. Assim, explica-se a evolução semântica pelo fato de o vocábulo ter origem na linguagem dos caçadores: do sentido primitivo do latim ‘soprar’ passou-se ao de ‘sentir a proximidade da caça pelo odor’, ‘farejar’ e, daí, ‘descobrir’, ‘encontrar’ (a caça). Silva Neto salienta ainda que “a evolução semântica de *afflare* até *achar* mostra à evidência que o *ato de achar* pressupõe uma busca intencional, o resultado de quem, antes, procurou”. Quanto à evolução sintática, Silva Neto salienta que “no curso da história da latim muitos verbos intransitivos passaram a construir-se com acusativo, isto é, objeto direto”. Assim, “onde se diria, sucessivamente *Canis afflat* (intransitivo) e *Canis afflat venatum* (transitivo). De *o cão fareja a caça* passava-se, naturalmente, a *o cão acha a caça*”.

Podemos considerar que a trajetória de mudança do verbo *achar* segue as seguintes etapas da escala de Heine: *corpo* (*afflare* - soprar) > *espaço físico* (achar algo no espaço físico), sem passar pela etapa de objeto > processo.

Como já foi dito, a mudança sintática do verbo *achar* já tinha se processado no latim. Ou seja, de verbo intransitivo passara a construir-se com acusativo, isto é, com objeto direto.

Do princípio da iconicidade, destacamos o *subprincípio da adjacência*, que é de fundamental importância neste estudo para explicar o grau de integração sintático-semântica do verbo *achar* em cláusulas com complemento oracional. Segundo esse princípio, “a distância espaço-temporal no fluxo de fala tende a refletir distância conceptual” (Givón, 1995:179). Assim, as estruturas sintáticas mais integradas refletem maior integração no plano

conceptual, e as menos integradas refletem menor integração no plano conceptual.

Vejam os o quadro sincrônico. Quanto ao *status* do verbo, de natureza proposicional, encontramos no *corpus* estudado 241 cláusulas do verbo *achar* com complemento oracional. Os sentidos de *achar* foram classificados a partir da análise dos dados, em três diferentes tipos:

- a) proposicional de incerteza epistêmica: (19) *acho que* ele era nadador... profissional... (Érica - 3º grau);
- b) proposicional de percepção: (20) *acho que...* essa seleção não está boa... apesar de... ter sido... classificada pra final... (José - CA adulto);
- c) emotivo de sugestão: (21) *eu acho* que as pessoas deveriam contribuir... né? (Jorge - 3º grau).

O quadro (2) mostra o número de ocorrências e a frequência desses três diferentes sentidos do verbo *achar* e o quadro (3) a sua ocorrência nos diferentes tipos de texto:

Sentidos de 'achar'	Apl./T	Freq.
Incerteza Epistêmica	124/241	51,4%
Percepção	86/241	35,6%
Emotivo de Sugestão	31/241	12,8%

Quadro 2: Sentidos do verbo *achar*

Tipo de texto	Parte oral	Parte escrita
	Apl./T Freq.	Apl./T Freq.
Narrativa de experiência pessoal	23/200 11,5%	03/41 7,3%
Narrativa recontada	25/200 12,5%	06/41 14,6%
Descrição de local preferido	07/200 3,5%	03/41 7,3%
Relato de procedimento	07/200 3,5%	--
Relato de opinião	138/200 69%	29/41 70,7%

Quadro 3: Frequência da ocorrência do verbo *achar* nos tipos de textos

Verifiquemos agora no *corpus* sincrônico se ocorre gramaticalização com a expressão epistêmica ‘*eu acho*’ quando esta se encontra no final da cláusula, deixando de ser a cláusula principal e passando a ser interpretada como parentético epistêmico (isto é, expressão epistêmica consistindo de um sujeito e de um verbo que aparece no final de uma cláusula). Temos alguma evidência de um possível processo de gramaticalização da construção *eu acho*, no português falado contemporâneo, não atestado no passado. Para tal, vale confrontar o estudo sobre o português com o estudo correspondente, realizado por Sandra Thompson e Anthony Mulac (1991), sobre as construções *I think* e *I guess*, no inglês.

Encontramos no *corpus* estudado dois casos do verbo *achar* comportando-se como um ‘parentético epistêmico’. Como no exemplo seguinte:

- (22) aí eu estava no colégio... era... aula de ciências... *eu acho*
(Viviane - 8ª série);

E no exemplo que se segue:

- (23) *E*: e::... agora eu queria que você me dissesse... como é que é o...
o lugar onde você mais gosta de ficar na sua casa...
I: na minha casa... uhn::... (...) geralmente é na cozinha que a
gente está conversando... fazendo alguma coisa pra comer... né?
enfim...é::... é mais ou menos na cozinha... *eu acho*... (Regina - 3º grau).

No inglês ocorre um fenômeno semelhante com a expressão *I think*, como no exemplo de Thompson e Mulac (1991:313), que se transcreve a seguir:

- (24) It’s just your point of view, you know what you like to do in your spare time *I think*. (É seu ponto de vista, você sabe o que gosta de fazer em seu tempo livre, *eu acho*.)

Thompson e Mulac (1991:313) estudaram esse fenômeno, partindo do pressuposto da ligação entre o fenômeno conhecido na gramática inglesa como ‘that-deletion’ (a supressão do *that*), ilustrado em (25) e (26) e a gramaticalização de expressão epistêmica ilustrada em (26) e (27):

- (25) I think *that* we're definitely moving towards being more technological.
(Eu acho que estamos definitivamente caminhando para ser mais tecnológicos)
- (26) I think *Ø* exercise is really beneficial, to anybody.
(Eu acho exercício é realmente útil para todos)
- (27) It's just your point of view know what you like to do in your spare time *I think*.
(É seu ponto de vista, você sabe o que fazer em seu tempo livre, *eu acho*)

T & M propõem que “o que tem sido pensado sobre a supressão do *that* é entendido melhor como uma alternativa entre construções como (25), em que *I* e *think* são sujeito e verbo, com *that* introduzindo uma oração subordinada e construções como (26) e (27) em que o *I think* é uma expressão epistêmica, representando o grau de comprometimento do falante (Palmer 1986:51, Traugott 1989), funcionando aproximadamente como um advérbio epistêmico, tal como *talvez* com a oração com que ele está associado.” T & M interpretam casos como (26) e (27) como versões gramaticalizadas de (25). O mesmo tendemos a fazer, em relação às construções como (22) e (23).

Em síntese, o olhar para as duas perspectivas, sincrônica e diacrônica, nos permite a) identificar um uso mais integrado de *achar* no português arcaico, que não mais ocorre no português contemporâneo; b) identificar um uso novo, aparentemente em início de gramaticalização no português contemporâneo, para o qual não temos forma atestada no português arcaico (ou: assim postulada, exatamente por não termos evidência de sua ocorrência naquela fase da língua).

4. Considerações finais

A análise dos fatos aqui desenvolvida sugere que a interação/interdependência sincronia/diacronia é fundamental na compreensão do processo de gramaticalização. Além do exame sincrônico das formas gramaticais como um fenômeno discursivo-pragmático, primariamente sintático, cabe também investigar a origem dessas formas no discurso e as trajetórias de mudança por que passam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHBY, W. J. (1981) The loss of the negative particle 'ne' in French: a syntactic change in progress. *Language* 57: 674-687.
- BEZERRA OLIVEIRA, L. de A. (1997) *A trajetória de gramaticalização do onde: uma abordagem funcionalista*. Natal: UFRN. Dissertação de mestrado.
- BYBEE, J. (1988) Semantic substance vs. contrast in the development of grammatical meaning. *BLS* 14: 247-264.
- _____, R. PERKINS, & W. PAGLIUCA. (1994) *The evolution of grammar*. Chicago: The University of Chicago Press.
- _____. & S. THOMPSON. (1997) Three frequency effects in syntax. *BLS* 23.
- CARTUSIANO, L. (1957) *O livro de Vita Christi*. Vol. I e II. Ed. fac-similar e crítica do incunábulo de 1495, cotejado com os apógrafos por Augusto Magne. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa.
- CROFT, W. (1991) The evolution of negation. *Journal of Linguistics* 27: 1-26.
- DRYER, M. (1989) Universals of negative position. In: MORAVISIK, E., J. WIRTH & M. HAMMOND (eds.) *Studies in syntactic typology*, 93-124. Amsterdam: John Benjamins.
- DU BOIS, J. (1985) Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in syntax*, 343-365. Amsterdam: John Benjamins.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.) (1995) *Corpus Discurso & Gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: UFRJ. Mimeo.
- _____. (1996) Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA et al. (orgs.).
- GIVÓN, T. (1979). *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press.
- _____. (1995) *Functionalism and grammar*. Amsterdam: Benjamins.
- HAIMAN, J. (1994) Ritualization and the development of language. In: *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins.
- HEINE, B., U. CLAUDI & F. HÜNNEMEYER. (1991) *Grammaticalization - a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HOPPER, P. J. & E. C. TRAUGOTT (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOPPER, P. J. & S. THOMPSON. (1993) Language universals, discourse pragmatics, and semantics. *Language Sciences* 15: 357-376.
- _____. (1994) Phonogenesis. In PAGLIUCA, W. (ed.) *Perspectives on grammaticalization*, 29-45. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins [Current Issues in Linguistic Theory 109].

- ____ (1991). On some principles of grammaticalization. In: HEINE et al.
- ____ (1987) Emergent grammar. *BLS* 13: 139-157.
- LABOV, W. (1974) On the use of the present to explain the past. In: Heilman, L. (ed.) *Proceedings of the 11th International Congress of Linguistics*, 825-852. Bologna: Mulino.
- MAGNE, A. (1944) *A Demanda do Santo Graal*. Vol I. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- ____ (1950) *Boosco Deleitoso*. Vol. I. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- MARTELOTTA, M, S. VOTRE & M. M. CEZARIO (orgs). (1996). *Gramaticalização no português do Brasil - uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MATTOS e SILVA, R. V. (1989) *Estruturas trecentistas; elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN – CM.
- ____ (1991) *O Português Arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto.
- ____ (1993) *O Português Arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto
- MC MAHON, A. M. S. (1995) *Understanding language change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MEILLET, A. (1948) L'évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion.
- NUNES, J. J. (1959) *Crestomatia arcaica*. 4a ed. Lisboa: Clássica Editora.
- OKAMURA, Y. (1996) The grammatical status of pure future “will” and the category of future form. *Studia Linguistica* 50: 35-49.
- PALMER, F. R. (1986) *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PAYNE, J. R. (1985) Negation. In: SHOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description*, vol. II, 42-140. Cambridge: Cambridge University Press.
- RIO DE OLIVEIRA, M. & S. VOTRE (orgs.) (1995) *Corpus Discurso & Gramática - a língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ. Mimeo.
- ROMAINE, S. (1982) *Social-Historical Linguistics: Its Status and Methodology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SANKOFF, G. & P. BROWN. (1976) The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives. In: SANKOFF, G. (ed.) *The social life of language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

- SCHWEGLER, A. (1988) Word-order changes in predicate negation strategies in romance languages. *Diachronica* 2: 21-58.
- SILVA NETO, S. da. (1992) *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença/INL.
- ____ (1958) *Bíblia Medieval Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- SWEETSER, E. (1990) *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- THOMPSON, S. & A. MULAC. (1991) A quantitative perspective on the grammaticization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT, E. C & B. HEINE. (orgs.).
- TRAUGOTT, E. C. & B. HEINE. (orgs.) (1991). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins.
- TRAUGOTT, E. C. (1989) On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language* 65: 31-55.
- (Recebido em abril de 1998; Aceito em julho de 1998)

**SOBRE A FORMA DO PARTICÍPIO DO PORTUGUÊS E O
ESTATUTO DOS TRAÇOS FORMAIS.***

(On the Form of Portuguese Past Participle and
the Status of Formal Features)

Lucia LOBATO (*Universidade de Brasília*)

ABSTRACT: This paper shows that Portuguese has three types of past participle formations, which share the presence of the string [stressedV + C + V] and differ with respect to its location within the word: (A) [...]_{Root} + [stressedV + C + V]], for all conjugations, (B) [...stressedV... + C]_{Root} + V], for 1st conjugation, and (C) [...stressed V...]_{Root} + C + V], for 2nd and 3rd conjugations. The specific proposal of the paper is that there is an abstract structure of formal features underlying both the morphophonological form and grammatical semantic interpretation: those formations result from the participial interpretation being met at these three locations. This analysis is an extension of Chomsky's (1995) proposal about formal features.

RESUMO: Este trabalho mostra que o português tem três tipos de formação de particípio passado, que compartilham a presença da sequência [Vacentuada + C + V] e diferem a respeito de sua localização dentro da palavra: (A) [...]_{Radical} + [Vacentuada + C + V]], para todas as conjugações, (B) [...Vacentuada... + C]_{Radical} + V], para 1ª conjugação, e (C) [...Vacentuada...]_{Radical} + C + V], para 2ª e 3ª conjugações. A proposta específica do trabalho é que há uma estrutura abstrata de traços formais subjacente tanto à forma morfofonológica quanto à interpretação semântica gramatical: aquelas formações resultam de a interpretação de particípio ser satisfeita nessas três localizações. Essa análise é uma extensão da proposta de Chomsky (1995) sobre traços formais.

KEY WORDS: Portuguese past participle; Double participles; Morphophonology; Formal features.

* Dedico este trabalho à memória do grande linguista brasileiro Manuel Said Ali, que nunca cheguei a conhecer, mas cuja obra não canso de admirar. Agradeço a Mary Angotti, Rozana Naves, Cilene Rodrigues, Clóvis Santos e Eduardo Tuffani pelos valiosos comentários às primeiras versões e a Evanildo Bechara, Janete Garcia, Marta Scherre e John Schmitz pela ajuda bibliográfica. As observações de S. H. Lee e de dois pareceristas anônimos sobre a versão anterior a esta foram muito importantes a respeito de questões específicas.

PALAVRAS-CHAVE: Participípio passado do português; Participípios duplos; Morfofonologia; Traços formais.

0. Introdução

Na morfologia verbal do português, um fato interessante chama a atenção e se mantém inexplicado: a existência, para o mesmo verbo, de duas formas de participípio passado — uma dita regular, com uso de vogal temática verbal, a qual é portadora do acento tônico, daí ser essa forma arrizotônica, e a outra dita irregular, sem uso de vogal temática verbal e com acento sobre o radical, sendo essa forma então rizotônica —, como em *expulsado/expulso, pegado/pego*. À primeira vista, poderia parecer que as formas irregulares são reduções das regulares. Essa hipótese já foi descartada por Said Ali (1919/1966), em seu excelente estudo da questão.¹ Said Ali observa que as formas irregulares não são “desvios ulteriores de processos gerais preestabelecidos” e aponta evidências empíricas nesse sentido. Uma é o fato de, em termos diacrônicos, qualquer uma das duas formas poder, em princípio, preceder a outra. Às vezes, de fato, a forma regular é mais antiga, e a irregular mais recente, como parece ser o caso de *elegido/eleito*. Mas, outras vezes, a forma regular é na verdade a mais recente das duas. Cita exemplos desse tipo em que o participípio irregular “ficou desalojado”: *absolvido/absoluto, cingido/cinto, despendido/despeso, defendido/defeso, dividido/diviso, resolvido/resoluto*. Em outros casos ainda, a forma regular é antiga na língua e de uso corrente até hoje, e não há registro da forma alatinada: “*Movido, metido e metudo, recebido e recebudo, vencido e vençudo, vivido*, mencionam-se a miúdo nas crônicas e nos primeiros documentos; porém, em nenhuma parte se encontram vestígios do uso de participípios correspondentes às formas latinas *motum, missum, receptum, victum*.” Outra evidência é o fato de haver casos em que, como ele diz, “não se descobre como poderia ela [a forma irregular] ter provindo da forma regular mais extensa. A maior parte das vezes, pelo contrário, é vocábulo que precedeu à criação do verbo e se incorporou à sua conjugação.” E ilustra: “Assim observamos junto do participípio normal *entregado* o concorrente terrível *entregue*. Já o seu aspecto externo nos surpreende. Excetuada a palavra *livre* — um adjetivo que também faz de participípio — não sabemos de outro exemplo de forma participial em -e em

¹ O texto de *Dificuldades da Língua Portuguesa* passou a incluir o capítulo sobre participípios duplos a partir da 2ª edição, de 1919. As citações neste artigo são de trechos das páginas 126-129 da 6ª edição, de 1966, e atualizam a ortografia.

todo o português literário desde o seu começo até o fim da era seiscentista, e ainda mais tarde.” Said Ali aceita então que tenha se formado primeiro o adjetivo *entregue* (em sintaxe do tipo *ser entregue de alguma cousa*), e a partir dele o verbo *entregar*, passando o adjetivo em seguida a ter função também de particípio. Sobre *pago* diz: “O latim só legou *pacatum* às línguas românicas, e o particípio *pago* é privativo do português. Supô-lo nascido da forma mais extensa seria hipótese gratuita, contrária às leis fonéticas.”² Evidentemente, se não há relação derivacional entre as duas formas de particípio que um mesmo radical verbal gera, tem de estar havendo algum processo mais abstrato que leva à produção das duas.

Neste trabalho faremos um breve exame dos particípios portugueses, tentando contribuir para o entendimento da questão da sua forma. No entanto, estenderemos nossa atenção aos verbos que geram particípios únicos. Dada a limitação do escopo do trabalho à configuração morfofonológica, não nos deteremos na questão da categoria gramatical — um ponto sobre o qual muito se escreveu nos últimos anos.³ Em virtude dessa exclusão, e por uma questão de simplicidade, examinaremos somente particípios que têm uso verbal, e formas não-verbais só serão citadas *en passant*. Com isso, estaremos também deixando de lado, neste momento, as questões argumental e

² Camara (1972: 138-139, 1979: 160-161) esclarece que existem dois tipos de processos históricos de formação de particípio rizotônico no português: (1) persistência no português de particípios já existentes em latim clássico e latim vulgar, ou estabelecidos no latim vulgar (*dito*, *escrito*, *vindo*, etc.), (2) formações novas no português. Distingue três tipos de processos de formações novas: (i) Formação a partir de adjetivo proveniente de particípio latino e que “foi novamente associado ao verbo respectivo (*preso*, para *prender*; *aceso*, para *acender*; *extinto*, para *extinguir*), ou foi associado a um verbo derivado daquele de que era o particípio (*aceito*, verbo *accipere*, para *aceitar*; *expresso*, verbo *exprimere*, port. *exprimir*, para *expressar*; *expulso*, verbo *expellere*, port. *expelir*, para *expulsar*.” (ii) Uso como particípio de um adjetivo cognato (*livre*, para *livrar*; *limpo*, para *limpar*.” (iii) Finalmente, “criação de novos particípios desse tipo, pelo mecanismo de acrescentar ao radical verbal a vogal de um tema nominal em *-o* ou mesmo em *-e* (*pago*, para *pagar*; *ganho*, para *ganhar*; *gasto*, para *gastar*; *entregue*, para *entregar*.” Acrescenta que a formação de particípios rizotônicos é “mecanismo dinâmico que tende a se expandir”. Além de produtivas, essas formações rizotônicas obedecem a um padrão bem regular de formação, como tentaremos mostrar neste artigo. Dado isso, seria mais apropriado evitar chamá-las de irregulares, se bem que, por razões de estilo e simplicidade, às vezes assim as denominaremos. Camara (1970: Capítulo XIV) já havia explicitado que para os “verbos ditos ‘irregulares’” há “uma padronização também” e optou pelo uso das expressões “padrão geral” e “padrão especial” para referência às formações regulares e irregulares, respectivamente.

³ A respeito do português, V. Azevedo (1974, 1975), Arruda (1978), Casteleiro (1981), Lemle (1984), Pimenta-Bueno (1986), Schmitz (1984, 1989), Gamarski (1996), Gouvea (1996) e Pires (1996).

aspectual.⁴ Duas outras questões importantes que têm chamado a atenção dos estudiosos ficarão igualmente fora do escopo deste trabalho: a questão da variação entre as duas formas de particípio para um mesmo verbo e a questão da produtividade das formações rizotônicas.⁵ Nosso objetivo será bem preciso. Primeiramente, aceitando a conclusão de Said Ali de que os participios regulares e irregulares têm formações independentes, não ocorrendo derivação de um a partir do outro em qualquer nível que seja, nos perguntaremos o que determina a realização morfológica do particípio português como arrizotônico e/ou rizotônico. A partir daí todo o artigo se voltará para a tentativa de encontrar evidências indicadoras (i) da existência de caráter determinístico relativo na realização morfológica do particípio português e (ii) da existência de informações subjacentes levadas em conta pela língua nessa realização morfológica. A proposta do artigo é que essas informações subjacentes correspondem a uma certa configuração estrutural

⁴ A questão argumental cruza a questão categorial, e tem a ver com os argumentos selecionados pelo item. Sobre a questão aspectual das formas -DO do português, conhecemos somente Schmitt (1996), que, no entanto, dedica-se às ocorrências adjetivais dessas formas.

⁵ Barbosa (1993: 51) afirma que “a variação real é muito restrita, pois ela só existe entre os itens *ganhado/ganho*”. Efetivamente, os candidatos a variantes são muito limitados, pois se restringem aos pares em que a forma rizotônica é usada em amplos contextos, incluindo ocorrência com *ter, ser e estar*, como acontece com *aceito, entregue, ganho, gasto, pago e pego*. Também ocorre variação regional. Rodrigues (c.p.) informou-nos sobre o uso normal das formas *abrido* (V) e *escrevido* (V, A) em Minas Gerais, região de Matutina, São Gotardo e Tiros (Triângulo Mineiro), onde a forma *aberto* também existe, mas como forma adjetival (*porta aberta* ‘open door’). Segundo ela, essa variedade da língua foi influenciada pela variedade do português falada na Ilha da Madeira, e tem a propriedade de usar o *b* pelo *v* em formas como *bassoura* e *trabesseiro*. A variação também se dá em termos diacrônicos. Existem verbos que só têm a forma rizotônica atualmente, mas que tiveram ambas no português arcaico, como mostra Said Ali com o exemplo *escrevido*. Em outros casos, foi a forma rizotônica que se perdeu, como ilustra esse autor: a língua conheceu *assolto* e *ausoluto*, como participios de *absolver*, mas hoje somente se usa *absolvido*. Além disso, a maioria das formas rizotônicas é criação nova do português, como afirma Camara (1972, 1979) (V. N. 2). A produtividade do processo de formação rizotônica é confirmada pela criação espontânea, na língua oral, de formas novas de particípio, que, no entanto, causam riso. Barbosa (1993) cita *chego, espalho, perco, prego, trago*, que formam pares com *chegado, espalhado, perdido, pregado, trazido*. Mary Angotti (c.p.) atestou o par *compro/comprado* (“A diretora tinha compro os carimbos e não chegou até hoje.”). Essas formas não têm apresentado flexão, em virtude de até agora só terem ocorrido em contextos com *ter/haver*. A questão da variação (em termos sincrônicos e diacrônicos) entre as duas formas de particípio para um mesmo verbo e da produtividade da formação rizotônica se entrecortam. Pode-se presumir que a variação sincrônica no âmbito de uma dada variedade da língua é uma etapa num processo maior de mudança. Essa idéia é favorecida pela intuição de que não existem sinônimos perfeitos. A produtividade da formação rizotônica seria decorrência desse processo de mudança. A respeito do fenômeno de variação morfossintática, V. Kroch (1994).

dos elementos de base construtores de estruturas (no sentido amplo da palavra, abrangendo construção morfológica e sintática) — os traços formais. Esses traços são ‘formais’ em oposição aos traços semânticos e fonéticos, como [Humano] e [Nasal], que são traços ‘substantivos’ (cf. Chomsky, 1995, 1988). Chomsky caracteriza os traços formais como capazes de provocar operações computacionais. Se a argumentação deste artigo estiver correta, esses traços têm efeito não somente nas operações sintáticas, mas também na produção da própria forma fonético-fonológica dos itens lexicais. A argumentação vai se restringir à defesa da existência daquelas informações, sem procurar identificá-las precisamente.

1. Generalidades distribucionais da forma dos participípios portugueses

1.1. Relação radical / forma do participípio

Os verbos do português que formam participípio se distribuem em três classes, quanto a essa formação: (i) verbos para os quais só existe a forma arrizotônica: *aborrecer: aborrecido, amar: amado, cantar: cantado, formar: formado, ler: lido, preocupar: preocupado, sair: saído, ser: sido, sorrir: sorrido, ...*; (ii) verbos para os quais só existe a forma rizotônica: *dizer: dito, escrever: escrito, abrir: aberto, vir: vindo, ...*; (iii) verbos para os quais existem ambas as formas: *aceitar: aceitado/aceito, despertar: despertado/desperto, envolver: envolvido/ envolto, prender: prendido/preso, ...*⁶

⁶ Há uma grande generalidade na formação de participípios no português, em relação ao conjunto total de verbos da língua: mesmo os verbos defectivos em sua maioria apresentam forma participial, que no caso (i) é sempre a arrizotônica, ou regular, para os defectivos que não possuem as flexões em que o acento cairia no radical e só se conjugam nas formas arrizotônicas, tais como *aguerrir, combalir, delinquir, empedernir, falir, punir, remir, etc.*, e (ii) pode ser só a regular ou ambas, para os defectivos que possuem flexões rizotônicas e arrizotônicas (como os defectivos que só não possuem a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e formas dela derivadas — presente do subjuntivo, imperativo negativo e terceira pessoa singular e plural e primeira do plural do imperativo afirmativo), tais como *abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, emergir, exaurir, imergir, ungir etc.* Cunha (1976: 426) aponta “*concernir, esplender* e alguns mais” como verbos “desusados no participípio”. A nosso ver, *concernido* é forma normal (cf. *Essa questão não teria me concernido, se a situação tivesse sido outra.*). Almeida (1997, § 463.7) cita *prazer*. Já os derivados deste (*aprazer, comprazer, desprazer, ...*) se conjugam regularmente (cf. Almeida e também Bechara (1963: 178)). Não estamos considerando neste artigo os verbos sem participípio. No entanto, seu estudo é crucial para o entendimento da questão dos traços formais: pelo menos para alguns desses verbos, a razão da lacuna poderia ser a inexistência, na configuração subjacente de traços formais projetada pelo radical, de propriedade essencial à realização de participípio.

Evidentemente, se o português distingue essas três classes de verbos quanto à formação dos particípios, é porque assim tem de fazer — afinal, trata-se de um processo natural na língua, sobre o qual os falantes/ouvintes nada decidem.⁷ Em outras palavras, se as coisas assim acontecem, há razões subjacentes para tal. Isso nos leva a indagar sobre o tipo de informação que a língua leva em conta e que explica essas distinções:

- (1) O que determina a realização morfológica do particípio português como arrizotônico e/ou rizotônico?

Dado que os radicais verbais são diferentes para cada classe, de imediato podemos concluir que há algum tipo de informação no próprio radical verbal que é levado em conta. Parece que, realmente, é o radical, e não o tema, o elemento determinante da formação participial, uma vez que as três conjugações formam particípios duplos; cf.: *ganhar (ganhado/ganho)*; *pegar (pegado/pego)*; *morrer (morrido/morto)*; *suspender (suspensionado/suspensão)*; *excluir (excluído/exclusão)*; *imprimir (imprimido/impresso)*. No entanto, quanto ao acento, já se sabe (V. Bisol (1992, 1994), Lee (1994), Cagliari (1994), Massini-Cagliari (1992)) que a informação pertinente não pode estar restrita ao radical, uma vez que o acento primário leva em consideração a palavra morfológica como um todo, e não somente o radical. A questão do acento é por demais complexa para ser tratada aqui, e somente observaremos que há um cruzamento, ainda a ser compreendido, entre essa questão do acento nos particípios e a questão da forma participial.⁸ De qualquer modo, dado o caráter determinista da relação radical / forma do particípio, essa informação no radical verbal é não só pertinente para a formação do particípio, mas também determinante. A questão (1) pode, então, ser expressa mais especificamente e ao mesmo tempo sem referência ao acento:

- (2) Que tipo de informação presente no radical verbal determina a realização morfológica do particípio português?

⁷ Apesar disso, o uso da forma arrizotônica para verbos analisados pela tradição gramatical como só aceitando a forma rizotônica é corriqueiro em crianças pequenas e, às vezes, até em adultos (*fazido*, em vez de *feito*, por exemplo). Além disso, ocorre variação, como já mencionado (cf. N. 5).

1.2. Regularidades fonológicas na formação de particípio

Existem regularidades distribucionais na ocorrência das formas de particípio do português que parecem apontar para a existência de informações abstratas precisas, subjacentes à realização morfológica. Consideremos algumas:

1.2.1. Relação Vogal Temática / Formação de Particípio

Apesar de termos concluído que é o radical, e não o tema, que contém a informação determinante para a forma do particípio português, os dados mostram que existem alguns padrões na derivação dessas formas relacionados com a vogal temática. Um deles diz respeito à formação de particípios rízetônicos únicos. Como exposto em (3) e ilustrado em (4), um verbo de primeira conjugação nunca pode formar particípio rízetônico, exclusivamente, apesar de poder formar arrízetônico único, como em (5):

(3) Verbos de 1ª conjugação necessariamente formam particípio arrízetônico.

(4) Particípios rízetônicos únicos:

- a. 1ª conjugação: _____;
- b. 2ª conjugação: *dizer (dito), ver (visto), ...* ;
- c. 3ª conjugação: *abrir (aberto), vir (vindo), ...* .

(5) Particípios arrízetônicos únicos:

- a. 1ª conjugação: *cantar (cantado), falar (falado), ...*;
- b. 2ª conjugação: *ler (lido), perceber (percebido), ...*;
- c. 3ª conjugação: *medir (medido), pedir (pedido), ...* .

Como verbos de primeira conjugação também projetam particípios duplos, parece que a pertinência à primeira conjugação não impede a formação de particípio rízetônico, mas força a possibilidade de formação de particípio arrízetônico. Isso, até o momento, parece um completo mistério:

⁸ Tratamos da questão do acento nos particípios em Lobato (1998a), preparado posteriormente a este artigo.

- (6) Por que todo radical que no infinitivo se associa à vogal temática verbal *-a* leva à derivação necessária da forma arrizotônica de particípio?

Evidentemente, não tem nenhum valor explicativo dizer que essa vogal é a produtiva em português e, portanto, geradora de formas arrizotônicas. Na perspectiva que estamos adotando, a questão se coloca diferentemente: se os radicais que se associam a essa vogal têm de gerar a forma arrizotônica de particípio, é porque eles são portadores de algum tipo de informação abstrata que provoca essa situação. Tampouco seria explicativo responder que a presença da vogal temática verbal *-a* acarreta geração da forma arrizotônica porque toda vogal temática verbal de particípio é acentuada no português: esta resposta simplesmente levaria a uma nova pergunta:⁹

- (7) Por que as vogais temáticas verbais dos particípios têm sempre de ser portadoras de acento em português?

Observe-se que a exigência de que a vogal temática do particípio seja portadora do acento não é um universal: o latim clássico, por exemplo, licencia formas de particípio perfectivo com vogal temática não-acentuada (cf. *dēbītum* > *devido*; *molītum* > *moído*). Por outro lado, o fato de só verbos de segunda e terceira conjugações poderem formar particípios rizotônicos únicos leva a concluir que há algum tipo de relação entre as vogais temáticas *-e*, *-i* e esse tipo de formação, de onde a indagação:

- (8) Por que todo verbo que forma particípio rizotônico único projeta as vogais temáticas *-e* ou *-i* no infinitivo?

⁹ Segundo a análise de Camara (1972:122) existem dois casos de vogal temática verbal não-tônica no português: (i) o das formas de segunda pessoa singular e terceira singular e plural do presente do indicativo - *am-a-s*, *am-a-m*-, segunda do singular do imperativo - *am-a* -, em que essas vogais são átonas, e (ii) o das formas do futuro do presente e do pretérito, do indicativo - *am-a-rei*, *am-a-ria*, ... - em que são pretônicas. Numa perspectiva como a nossa, em que a forma fonética da palavra resulta da ida para a interface forma fonética (PF) de uma certa estrutura subjacente de traços, esses casos de não-acentuação da vogal temática teriam de receber uma explicação em termos desses mesmos traços. Enfim, não se trata, na verdade, de exceção. Simplesmente, nesses dois casos estaria sendo projetada uma estrutura subjacente de traços que levaria a esse tipo de projeção do acento.

Dado o caráter automático dessa relação, ela tem de estar sendo causada por alguma propriedade abstrata bem precisa.

Um outro padrão relativo à ocorrência da vogal temática nos participípios é a perda sistemática da distinção entre vogal temática de segunda e terceira conjugações nesses itens, tendo-se o quadro em (9):¹⁰

- (9) a. 2ª Conjugação: Infinitivo: Radical *-er*; Participípio: Radical *-ido*,
 b. 3ª Conjugação: Infinitivo: Radical *-ir*; Participípio: Radical *-ido*.

Dada a total regularidade dessa formação e dado o fato de que não há nenhuma restrição do português à ocorrência de *e* imediatamente antes de *d* (cf: como parte do radical: ¹¹ Substantivos: *dedo, medo*; Adjetivo: *ledo (ledo engano)*; Verbos: *cedo, fedo*; Advérbio: *cedo*; como afixo nominal: *arvoredo, vinhedo, passaredo*), o não-licenciamento do segmento *-edo* e obrigatoriedade do segmento *-ido* para os participípios de segunda conjugação só podem decorrer de alguma propriedade subjacente. A pergunta a que se chega então é:

- (10) Por que todo radical verbal que no infinitivo se associa à vogal temática verbal *-e* rejeita essa vogal na adjacência à esquerda do sufixo participial *-do*, quando passa a exigir a vogal *-i*?

Evidentemente, a restrição diz respeito à manifestação da interpretação semântica de participípio passado verbal.

Um terceiro padrão diz respeito à não-realização de vogal temática verbal nas formas rizotônicas, em oposição à sua realização nas formas arrizotônicas, com uma cisão adicional, para as formas rizotônicas, entre primeira conjugação, de um lado, e segunda e terceira, de outro: para a primeira conjugação na grande maioria dos casos deixa-se o radical intacto — e não se realiza nem a vogal temática verbal nem a consoante *d* (*aceitar: aceit(ad)o; despertar: despert(ad)o; expressar: express(ad)o; expulsar:*

¹⁰ Obviamente, uma explicação definitiva para a questão daria automaticamente uma explicação também para a mudança quanto ao uso da vogal temática e do acento ocorrida do latim para o português. Wohlmuth (1978) fornece subsídios importantes nessa direção. Em Lobato (1998a,b) apontamos algumas regularidades dessa mudança com relação ao acento.

¹¹ Por uma questão de simplicidade, optamos, quando possível, por usar a forma ortográfica dos segmentos.

expuls(ad)o; ganhar: ganh(ad)o; gastar: gast(ad)o etc.) —, ao passo que para as segunda e terceira conjugações a norma é a alteração na forma do radical (*imprimir: imprimido/impresso, suspender: suspenso/suspensa* etc.) (cf. Subseção 1.2.3. para as 'exceções' a ambas as generalizações). Surgem então as perguntas:

- (11) Por que certas formas de particípio podem dispensar o uso de vogal temática, mantendo basicamente o significado de particípio?
- (12) Por que o processo de formação rizotônica de 1ª conjugação em geral deixa o radical intacto e o de 2ª e 3ª em geral o altera?

Finalmente, um quarto tipo de padrão diz respeito à colocação do acento: independentemente de conjugação, nos particípios regulares, em que se tem vogal temática verbal, o acento cai sempre sobre esse elemento, daí, as formas serem arrizotônicas, ao passo que nos irregulares, em que não se tem vogal temática verbal, o acento cai sempre sobre o radical, daí, as formas serem rizotônicas (cf.: *aceitado/aceito, pagado/pago*). Dizer que as formas rizotônicas não podem manifestar a vogal temática verbal porque esta necessariamente teria de levar o acento ainda não seria uma resposta para a questão, pois de novo surgiria a pergunta (7). Tendo em vista o caráter automático dessas ocorrências, tem de haver algum tipo de informação subjacente arbitrando o jogo entre o acento e as formas regular/irregular:

- (13) Que papel desempenha o acento na formação dos particípios?

1.2.2. Relação contexto fonético / forma do particípio

Os dados apontam para uma relação estreita entre forma fonética do radical verbal e tipo de formação do particípio. Por exemplo, parece ser necessária a presença de certos sons na palavra resultante, para a formação de particípios duplos, em virtude de lacunas como:

- (14) *acatado/*acato, começado/*começo, estado/*esto, falado/*falo, terminado /*termino, vendido/*vendo/*vento, ...*

Uma outra evidência da inter-relação entre forma fonética do radical e tipo de formação participial são as características idiossincráticas dos radicais,

para cada tipo de formação de particípio, como tentaremos mostrar no curso da próxima Seção. A necessidade de um certo padrão fonético seria também a justificativa para o fato apontado por Said Ali de inexistirem no português os particípios irregulares correspondentes às formas latinas *motum*, *missum*, *receptum*, *victum* (fato a que voltaremos no final da próxima Subseção):

(15) mover: movido/*moto; meter: metido/*misso; receber: recebido
*receito; viver: vivido/*vito.

1.3. Hipótese explicativa

A hipótese que fazemos, para explicar os fatos apontados, é que existe uma estrutura de traços abstratos subjacente aos itens lexicais e que um particípio rizotônico é formado quando o próprio radical verbal já é associado com certo traço (ou certos traços) característico(s) da interpretação de particípio.

2. Formações Morfológicas Participiais do Português

2.1. Tipos de Formações Morfológicas

Há três tipos morfológicos de formação de particípio em português:

(16) Formação Regular de Particípio em Português:

(1ª, 2ª e 3ª conjugações)

Radical + VT verbal acentuada + *-d* + VT nominal.

(17) Formações Irregulares de Particípio em Português:

i. 1ª conjugação:

Radical acentuado terminado em C diferente de *d* + VT nominal
ou Radical acentuado terminado em nasal+*d* + VT nominal.

ii. 2ª e 3ª conjugações:

Radical acentuado + *-t*, *-s* + VT nominal ou Radical acentuado terminado em nasal + *-d* + VT nominal.

As formações irregulares estão ilustradas abaixo, primeiramente com as formas únicas e, em seguida, com as de particípios duplos (o processo de

derivação aumenta o efetivo das listas: *desdizer: desdito, reescrever: reescrito, satisfazer: satisfeito, transpor: transposto, prever: previsto, entreabrir: entreaberto* etc.). As formações regulares estão ilustradas nas listas de participios duplos.

Participios Irregulares Únicos:

2ª Conjugação:

dizer: dito,
 escrever: escrito,
 fazer: feito,
 por: posto,
 ver: visto,

3ª Conjugação:

abrir: aberto,
 cobrir: coberto,
 vir: vindo.

Participios Duplos:¹²

¹² Para listas bem mais extensas, mas incluindo participios de uso estritamente não-verbal (*cinto* e *conteúdo*, por exemplo) e formas com alteração afixal (*encher-enchido-cheio, escurecer-escurecido-escuro*, entre outras), V. Pereira (1953) e Almeida (1997). Cf. Bechara (1963) para uma lista menor, mas, assim mesmo, divergente. V. também Cunha (1976). Estamos considerando que os participios irregulares ilustrados têm uso verbal. Nos casos mais claros há coocorrência possível com *ter* (*aceito, expulso, ganho, aceso, expulso, ...*), incluindo-se aí também formas como *junto* (Ele tem junto muito dinheiro ultimamente), menos natural mas possível. Para casos menos evidentes, usamos como critério a possibilidade de uso com *ser* da passiva (*Ele foi cego pela luz. Ele foi circunciso. A boiada foi dispersa. O trabalho não foi findo a tempo. As batatas foram fritas. Essa cláusula foi inclusa no contrato. O piso foi seco com este pano. O cavalo foi seguro pela rédea pelo peão numa fração de segundo.*) e em oração reduzida com interpretação temporal diferente da oração principal (*Dispersa a boiada, foi difícil reunir o gado de novo. Findo o dia, ele voltou depressa para casa. Fritos os bifés, servimos o almoço. Livres os companheiros, ele se entregou. Quite a dívida, ele deixou de jogar. Murcha a flor, ela a tirou do vaso. Seco o rio, os moradores deixaram a aldeia. Segura a rédea, o cavalo se aquietou. Sepulto o filho, ele nunca mais falou do acidente. Revoltas as cinzas, não foi fácil juntá-las.*). *Circunciso* é um caso limite: pode-se ter *Ele foi circunciso, Circunciso o menino, eles voltaram para casa*, mas a interpretação adjetival compete com a verbal de um modo mais forte do que nos exemplos anteriores. (cont.)

1ª conjugação:

aceitar:	aceitado	/	aceito,
cegar:	cegado	/	cego,
circuncidar:	circuncidado	/	circunciso,
descalçar:	descalçado	/	descalço,
despertar:	despertado	/	desperto,
dispersar:	dispersado	/	disperso,
entregar:	entregado	/	entregue,
enxugar:	enxugado	/	enxuto,
expressar:	expressado	/	expresso,
expulsar:	expulsado	/	expulso,
findar:	findado	/	findo,
fixar:	fixado	/	fixo,
fritar:	fritado	/	frito,
ganhar:	ganhado	/	ganho,
gastar:	gastado	/	gasto,
isentar:	isentado	/	isento,
juntar:	juntado	/	junto,
libertar:	libertado	/	liberto,

(cont.) Em alguns casos uma dessas formas é marcada estilisticamente (por exemplo, *As cinzas foram revoltas pelo vento.*) e às vezes não é, definitivamente, esperada no uso oral cotidiano (por exemplo, não é usual o item *tinto* como particípio verbal, mas ele, no entanto, caberia bem num uso rebuscado: *Tinta, por uma aguda sensibilidade, com as cores da emoção passional, sua poesia sangra.*) Em outros casos, só uma forma é possível (a passiva parece impossível com *quite*, por exemplo). Há exemplos em que a interpretação verbal exige uma certa interpretação aspectual (por exemplo, *Ele foi sujeito à tortura* exige a leitura perfectiva (= Ele foi submetido à tortura.)). Esse mesmo item expressa potencialidade em exemplos como *Nesse clima ela fica sujeita a crises asmáticas*. Isso para nós indica que essas formas só contêm parte da estrutura de traços dos particípios nitidamente verbais. Foram excluídos os particípios que só ocorrem com *estar* e não aceitam os contextos acima (*cativo, completo, falho, misto, sito, ...; converso, nato, ...; exclusivo, ressurecto, ...*). Os falantes/ouvintes consultados também rejeitaram *vago* nesses contextos. Os exemplos apresentados foram: *O cargo foi vago com a saída do Ministro. Vaga a cátedra, foi aberto concurso*. No entanto, no meu próprio julgamento este último exemplo é perfeitamente possível. Para certas formas há nítida variação nos julgamentos, como pudemos verificar para *anexo* e *fixo*: alguns falantes/ouvintes consultados, mas não todos, sentiram um certo desconforto com seu uso passivo (*?O documento foi anexo ao currículo pela secretária. ?A prótese foi fixa no molde pelo protético.*), assim como com o uso de *fixo* em oração reduzida (*??Fixa a data da partida, começamos os preparativos. ??Fixa a data da partida, vamos agendar a programação da viagem.*), mas não com o de *anexo* (*Anexo o documento, o currículo foi encaminhado.*). O par *elegido/eleito* é interessante, pois o que se tem de comprovar é o uso verbal da forma regular, que ainda se mantém (cf.: *Tê-lo eleito foi bom*), apesar de muito restrito.

limpar:	limpado	/	limpo,
livrar:	livrado	/	livre,
manifestar:	manifestado	/	manifesto,
matar:	matado	/	morto,
murchar:	murchado	/	murcho,
ocultar:	ocultado	/	oculto,
pagar:	pagado	/	pago,
pegar:	pegado	/	pego,
quitar:	quitado	/	quite,
salvar:	salvado	/	salvo,
secar:	secado	/	seco,
segurar:	segurado	/	seguro,
sepultar:	sepultado	/	sepulto,
soltar:	soltado	/	solto,
sujeitar:	sujeitado	/	sujeito,
suspeitar:	suspeitado	/	suspeito,
vagar:	vagado	/	vago.

2ª conjugação:

acender:	acendido	/	aceso,
benzer:	benzido	/	bento,
eleger:	elegido	/	eleito,
envolver:	envolvido	/	envolto,
incorrer:	incorrido	/	incurso,
morrer:	morrido	/	morto,
prender:	prendido	/	preso,
revolver:	revolvido	/	revolto,
suspender:	suspendido	/	suspensio.

3ª conjugação:

emergir:	emergido	/	emerso,
exprimir:	exprimido	/	expresso,
extinguir:	extinguido	/	extinto,
frigir:	frigido	/	frito,
imersir:	imersido	/	imerso,
imprimir:	imprimido	/	impresso,
incluir:	incluído	/	incluso,
inserir:	inserido	/	inserto,

restringir:	restringido	/	restrito,
submergir:	submergido	/	submerso,
tingir	tingido	/	tinto.

2.2. Particularidades das Formações Participiais

As generalizações (16)-(17) mostram haver pelo menos duas diferenças básicas entre formação regular e formação irregular de particípio em português: uma relativa ao acento e a outra, ao tipo de terminação do particípio. Com relação ao acento, a diferença é simples: acentuação na vogal temática para as formações regulares, e no radical para as irregulares, nas quais não ocorre vogal temática. Com relação às terminações, as diferenças são mais intrincadas, pois além da diferença entre formas arrizotônicas de um lado e rizotônicas de outro, as formas rizotônicas de primeira conjugação se distinguem das de segunda e terceira.

Nas formas arrizotônicas, a terminação é, sem dúvida, um sufixo: há até uma vogal acentuada (a vogal temática verbal) marcando a fronteira entre o radical e esse sufixo (*am-a-r* : *am-a-do*; *venc-e-r* : *venc-i-do*; *ped-i-r* : *ped-i-do*). O padrão do processo de formação participial então é: [[...] + VT verbal acentuada + -d + VT nominal].
Radical

Nas formas rizotônicas de primeira conjugação, há uma grande variedade de terminações (*to*, *so* — e também *sso/ço/xo* —, *co*, *cho*, *go*, *gue*, *nho*, *ndo*, *po*, *te*, *vre* nos exemplos examinados), se bem que nas ocorrências efetivas a terminação *to* predomine (nos 35 exemplos de particípios duplos da primeira conjugação acima, 15 terminam em *to*, 5 em /*so*/ (com grafias (*s*)*so*, *ço*, *xo*) e 4 em *go*; para as demais terminações a relação foi de 1/35). As consoantes dessas terminações em geral são parte do radical verbal. Nos nossos 35 exemplos, em 33 casos a consoante da terminação da forma rizotônica é a última consoante do radical infinitivo (*aceit-ar*: *acei-to*, *ceg-ar*: *ce-go*, ...). Isso só não ocorre para *circuncidar*: *circunciso*, *enxugar*: *enxuto*. Mas no caso de *circuncidar*: *circunciso* há algo especial: o radical infinitivo termina em *d*, uma consoante que não ocorre na sílaba final dos particípios rizotônicos, a não ser quando há nasalização na sílaba adjacente (*vir*: *vindo*, *fındar*: *fındo*), situação sobre a qual discutiremos adiante. Para *enxugar*: *enxuto* não há explicação óbvia, uma vez que a consoante *g* ocorre em formações participiais rizotônicas (por exemplo, *pago*, *pego*). Mas

certamente deve haver uma explicação, e essa poderia ser fornecida pelo enfoque morfofonológico com base em traços formais que estamos sugerindo, caso ele se mostre viável. De qualquer modo, um fato importante nesses dois casos é que se trata somente de uma realização diferente de consoante final do radical — *d, g* para o infinitivo e *s, t* para o particípio, respectivamente —, havendo em comum o fato de a consoante da terminação pertencer ao radical. Portanto, para todas as formas rizotônicas de primeira conjugação o processo de formação é a adição da vogal temática nominal ao radical verbal acentuado, mantendo-se a última posição de consoante desse radical, e essa consoante só podendo ser *d* quando precedida de nasalidade. Enfim, o padrão é: Radical acentuado terminado em C(onsoante) diferente de *d* seguido de VT nominal, ou Radical acentuado terminado em nasal+*d*, seguido de VT nominal.¹³

Nas formas rizotônicas de segunda e terceira conjugações há pouca variação de terminação: essas se reduzem a *-to*, *-so* e nasal+*-do*. Nos particípios rizotônicos únicos só *-to* e nasal+*-do* ocorrem. Nas formas rizotônicas de particípios duplos só ocorrem *-to* e *-so*. A diferença crucial entre essas formações rizotônicas e as de primeira conjugação é que, agora, as consoantes nunca são parte do radical verbal (p.ex.: *abr-i-r: aber-to; fazer-r: fei-to; po-r: pos-to*, ...). Portanto, essas terminações têm realmente um aspecto sufixal.¹⁴ Tal caráter sufixal já existia no latim: esses particípios em *-to* correspondem a formas latinas em *-tu* (*apertu > aberto, copertu > coberto, dictu > dito, scriptu > escrito, factu > feito, positu > posto, *vistu > por visu > visto*, etc.) e os em *-so* a formas em *-su* (*accensu > aceso, defensu > defeso, sparsu > esparso, tensu > teso, prensu > preso*, etc.) (cf. Coutinho, 1941: 291, 303, 310). Mas, evidentemente, por si só, a derivação histórica não explica a ocorrência de *-t, -s* nesses exemplos em português, em contraste com a ocorrência de *-d* nas formas arrizotônicas. Nem explica por que *-to* ocorre com qualquer tipo de formação participial rizotônica, enquanto *-so*

¹³ Outras consoantes podem também estar ausentes, como nos parece verdadeiro para *l* e *m*.

¹⁴ Ao analisarmos as terminações dos particípios rizotônicos de segunda e terceira conjugações como sufixais estamos indo de encontro à análise de Camara (1972, 1979), que explicita (1979: 160): “Salvo para *vindo*, que é estruturalmente o sufixo *-do*, sem vogal temática, acrescentado ao radical *vin-* (em variação com *ven-*) não tem significação, do ponto de vista descritivo, considerar ainda um sufixo participial nessas formas [rizotônicas provenientes de étimo latino]. É mais econômico e mais condizente com a realidade funcional, interpretá-las hoje como temas em *-o* de um radical variante do radical verbal básico: *dit-*: *diz (es)*; *escri-*: *escrev(es)*; *feit-*: *faz(es)*; *post-*: *põ(es)*; *vist-*: *vê (s)*, *abert-*: *abr(es)*; *cobert-*: *cobr(es)*.” (cont.)

só ocorre nas formações rizotônicas de participípios duplos.¹⁵ Além da diferença quanto à variedade na terminação, as formas rizotônicas de segunda e terceira conjugações se distinguem das de primeira quanto aos processos fonológicos sofridos pelo radical. Com relação a formas rizotônicas de participípios duplos, na primeira conjugação na esmagadora maioria dos casos simplesmente acresce-se uma vogal temática nominal ao radical verbal completo (*aceit-ar: aceit-o, express-ar: express-o, expuls-ar: expuls-o, fix-ar: fix-o, gast-ar: gast-o, pag-ar: pag-o, peg-ar: peg-o, solt-ar: solt-o, sujeit-ar: sujeit-o, ...*), com alteração no radical em raros casos (mudança da última consoante em *circuncid-ar: circuncis-o, enxug-ar: enxut-o*),¹⁶ ao passo que nas segunda e terceira conjugações praticamente sempre há uma grande alteração na forma do radical, que ora perde a última consoante (*ben-z-er: ben-to, envol-v-er: envol-to, imer-g-ir: imer-so, revol-v-er: revol-to, submer-g-ir: submer-so, tin-g-ir: tin-to, ...*) ou a nasalidade e uma consoante (*ace-nd-er: ace-so, pre-nd-er: pre-so, ...*), ou, em vez de uma seqüência de vogal e nasal no final do radical, passa a manifestar outra vogal e perde a nasalidade

(cont.) Essa proposta apresenta alguns problemas. Primeiro, não explica o fato de todos os participípios rizotônicos únicos terminarem em *-to*, com exceção de *vindo*, que representa uma generalidade à parte, não havendo uso de nenhuma outra consoante, contrariamente ao que acontece com as formações rizotônicas de primeira conjugação. Segundo, impede uma explicação para as correspondências fonéticas diacrônicas (por exemplo, na evolução do latim para o português, *facere* corresponde a *fazer* (mais precisamente: *fácere* > **facére* > *fazer*; cf. Coutinho (1941: 295)) e *factum* corresponde a *feito* (mais precisamente: *factu* > **faito* > *feito*; cf. Coutinho (1941: 296)), havendo, portanto, no latim, o radical *fac-* em ambos os casos. Mas no infinitivo latino tinha-se o radical [fatš] e no participípio [fak]. Logo, nas correspondências fonéticas, a evolução foi a seguinte: [tš] > [z] no contexto [a] — [-e]; e [ak] > [ey] no contexto — [t]. Esse último tipo de correspondência ocorreu também em *lacte* > *leite*, por exemplo. Segundo a proposta de Camara, trataríamos *feito* como tendo o radical *feit*. O problema é que então se perde o relacionamento com a forma *factum*, onde o radical é *fac* e *t* é sufixal. A análise que estamos sugerindo capta perfeitamente o fato de ao radical do participípio latino *fac* corresponder *fei* em português. Evidentemente, as relações diacrônicas eram do conhecimento de Camara, que preferiu a outra análise por influência da posição estruturalista que adotou, como se deduz de suas palavras citadas acima nesta Nota. Em terceiro lugar, impede que se chegue a uma generalização a respeito das formações rizotônicas dessas duas conjugações em geral, incluindo as formações rizotônicas de pares participiais (*aceso, bento, morto, preso, suspenso, ...; impresso, incluso, inserto, restrito, submerso, ...*): como mostramos no texto, qualquer formação rizotônica dessas duas conjugações termina em *-to, -so*, que eram sufixos em latim, e eventualmente nasal+do, que, como veremos, tem explicação independente.

¹⁵ Também rejeitamos, como não-explicativo, o critério de frequência de ocorrência, segundo o qual tinham tendência a se conservar as formas rizotônicas de maior uso. A antigüidade da forma na língua tampouco é explicativa. Além disso, não tem validade empírica, como bem observou Said Ali (cf. também N. 2).

(*expr-im-ir: expr-e-ssô, impr-im-ir: impr-e-ssô*), ou mantém a última consoante do radical, mas tem uma alteração em sílaba anterior (*inc-o-rr-er: inc-u-r-so*), havendo alguns casos de conservação integral do radical, que então termina em vogal ou *r* (*inclu-ir: inclu-so, inser-ir: inser-to, morr-er: mor-to*). Na perspectiva que estamos adotando, o fato de os sons finais serem esses é significativo. Essa distinção entre formas rizotônicas de segunda e terceira conjugações, de um lado, e de primeira, de outro, se confirma com a ocorrência de diferenças marcantes concernentes à realização fonética nas formações únicas — todas de segunda e terceira conjugações —, em relação aos radicais de infinitivo correspondentes, como já apontamos na Subseção 1.2.1. Resumidamente, o padrão do processo de formação de participios rizotônicos de segunda e terceira conjugações é: [...Vacentuada...]_{Radical} + *-t, -s* + VT nominal], ou [... Vacentuada + nasal]_{Radical} + *-d* + VT nominal].

3. Uma análise em termos de traços formais

3.1. Relação determinística entre traços formais e forma do participípio

O que os fatos acima nos dizem inicialmente, acerca das formações rizotônicas para verbos de primeira conjugação, é que o papel que é desempenhado nas formas arrizotônicas pela vogal temática acentuada e pelo *-d* é, nessas formas rizotônicas, de certo modo desempenhado dentro do radical por uma vogal acentuada e por uma consoante diferente de *d*, ou mesmo o *d* no caso de a consoante ser precedida de nasalidade. Fazemos a ressalva de que é ‘de certo modo’, devido ao fato de as formas arrizotônicas serem sempre formas verbais (se bem que eventualmente possam também ter outro emprego; cf. *ferido, metido*), ao passo que há uma grande variedade categorial no uso das formas rizotônicas, o que salta aos olhos quando se consideram listas mais abrangentes do que as que examinamos (por exemplo: verbos — *entregue, pego*, etc.—, adjetivos — *corrupto, omissô, perverso, submisso*, etc.—; substantivos — *assento, cinto, crucifixo*, etc. —, preposições — *salvo, exceto* —, ocorrendo de muitos itens se enquadrarem em mais de uma dessas categorias). Na nossa percepção, isso significa que há casos com maior diferença na configuração estrutural de traços em relação à formação regular de participípio verbal, daí advindo a diferença categorial, e

¹⁶ Em *ma-t-ar: mor-to* não se trata de modificação no interior do radical, uma vez que nesse caso a forma rizotônica é o participípio de *morrer*.

casos de maior identidade, daí advindo o uso verbal do particípio rizotônico em amplos contextos, incluindo ocorrência com *ter*, *ser* e *estar*, como acontece com *aceito*, *entregue*, *ganho*, *gasto*, *pago* e *pego*. Como estamos partindo da hipótese de que os elementos básicos da construção morfológica e sintática são traços formais, concluímos em seguida que nessas formações rizotônicas a vogal acentuada e a consoante relevante dentro do radical configuram uma estrutura subjacente de traços abstratos bem semelhante à associada à vogal temática acentuada e à consoante *-d* sufixal,¹⁷ satisfazendo pelo menos em parte à configuração de traços que caracteriza a interpretação de particípio.

Quanto às formações rizotônicas de segunda e terceira conjugações, o fato de sistematicamente a terminação ser um sufixo aponta para a não-configuração daquele mesmo tipo de estrutura no âmbito do radical dessas conjugações. É como se agora a informação subjacente à vogal temática já estivesse sendo encontrada dentro do radical, mas não a subjacente à consoante sufixal *-d*, daí advindo a necessidade de derivação sufixal. A necessidade de o sufixo não poder ser *-do* presumivelmente decorre de diferenças precisas entre essa nova estrutura subjacente de traços formais e a estrutura das formações regulares, que só a investigação poderá identificar. Finalmente, é razoável pensar que a grande alteração que ocorre no radical nesse tipo de formação resulte justamente do fato de haver derivação sufixal sem projeção de vogal temática; no entanto, não temos no momento elementos para dar uma explicação para essa questão.

É preciso dizer algumas palavras a respeito das formas *vindo* e *findo*, únicos casos de formas rizotônicas com presença da terminação *do*, sufixal para *vindo* mas não para *findo*. Essas duas exceções compartilham um fato em comum: a presença de nasalidade antecedendo a forma *do*. Em ambos os casos, a propriedade subjacente à nasalidade está presente também no radical infinitivo, uma conclusão favorecida, no caso de *vindo*, pela derivação histórica (*venīre* > *vir*). Coutinho (p. 309) apresenta a seguinte derivação para o particípio *vindo*: **venitu* por *ventu* > **vêido* > *vīido* > *vindo*. Segundo Nunes (1930: 329, N.2), *findo* é “particípio do arc. *fūr*, que desapareceu, sendo substituído por um derivado daquele.” Teria sido então criado o verbo *findar* a partir do particípio *findo*. O contraste entre *vindo* e *findo*, de um lado, e *extinto* e *junto*, de outro, mostra que a adjacência da nasal é crucial

¹⁷ Essa configuração poderia ocorrer mesmo para o caso de *enxugar*: *enxuto*, se o *t*, nesse caso, fosse a realização de traços formais ligados ao radical.

para a ocorrência de *do*: naqueles casos há adjacência na estrutura subjacente entre nasal e a consoante da terminação, e ocorre o *do*, e nestes não há adjacência e ocorre o *-to* (cf. *extinctu* > *extinto*; *junctu* > *junto*; cf. também *tinctu* > *tinto*). A explicação mais viável, a nosso ver, consiste em se tratar a própria nasalidade manifesta como sendo o resultado da existência de uma certa configuração de traços formais com a informação crucial para a manifestação fonética como nasal. Nessa perspectiva, à forma *vir* poderia subjazer o traço que leva à nasalidade, mas sem que tivesse se constituído a configuração necessária para o acesso à interface PF, talvez porque esse traço estivesse tendo outro uso. Quanto ao particípio irregular em *do*, adviria da adjacência, no nível subjacente, aos traços associados à nasal.

Se bem sucedida, essa proposta poderia fornecer uma explicação para os diferentes tipos de relação entre vogal temática e formação de particípio que apontamos na Subseção 1.2.1.

Neste ponto, o leitor atento pode estar pensando ver uma contradição nesta proposta: Afinal, se há uma relação determinística entre traços subjacentes e forma morfofonológica, como pode o português gerar particípios duplos? Dado que, nesse caso, tem-se um único e mesmo radical, não se teria de projetar um único e mesmo tipo de particípio? Na verdade, não. O que acontece com os particípios duplos é que os dois itens gerados para cada par não são sinônimos perfeitos, o que é demonstrado pela diferente escolha que fazem dos auxiliares *ter*, *ser*, *estar*, na maioria dos casos. Enfim, há entre as duas formas dos pares de particípio diferenças de variados níveis (categoriais, aspectuais e argumentais, por exemplo), e mesmo nos casos das formas *aceitado/aceito*, *entregado/entregue*, *ganhado/ganho*, *gastado/gasto*, *pagado/pago* e *pegado/pego*, que consideramos os exemplos de maior aproximação entre as duas formas, não há sinonímia perfeita, se bem que aí as diferenças sejam mais sutis. Dentro do enfoque de traços que estamos sugerindo, é bem razoável supor que em todos os pares de particípios duplos os radicais sejam portadores de traços tais que permitem a dupla derivação, cada uma com sua interpretação. A dupla derivação seria, então, consequência da própria configuração estrutural de traços abstratos do radical.

Cabe aqui uma palavra de alerta sobre a proposta ‘determinista’ deste artigo. Efetivamente, a relação determinística entre traços abstratos e forma morfofonológica que estamos dizendo existir tem de ser relativa: o próprio

fato de poder haver geração dupla de participípios nos mostra que a relação traços/forma pode envolver uma escolha (mesmo que inconsciente). A questão é a seguinte. De um lado, parece haver uma relatividade na relação traços/forma, em função da interpretação semântica que se quer obter: quanto aos participípios duplos de uso geral na língua (em contraste com as inovações espontâneas, que fazem rir), dependendo do que se pretende expressar como informação categorial, argumental e aspectual, vai-se gerar uma, ou outra, configuração subjacente para os traços abstratos. De outro lado, há um nítido determinismo nessa relação, em virtude dos limites bem definidos para o que pode ocorrer, impostos pelos traços do próprio radical. A existência desses limites é clara, dada a idiossincrasia da relação “tipo de formação participial / radical”, assim como da relação “tipo de interpretação categorial do participípio / radical”.¹⁸ Em resumo, os traços do radical impõem limites ao que se pode gerar, e nesse sentido determinam o produto final, tanto em sua forma quanto em sua interpretação semântica mas, muitas vezes, a informação do radical dá margem a uma dupla derivação, o que implica escolha, daí advindo o caráter relativo da relação determinística.

Voltemos agora às nossas observações na Subseção 1.2.2, sobre a relação contexto fonológico/forma do participípio. A respeito das formas irregulares latinas *motum*, *missum*, *receptum*, *victum*, que correspondem a formas regulares no português, o fato de, para os mesmos verbos, o latim gerar formas irregulares, e o português não, confirma que o fator crucial para a formação de participípio não está na sua semântica lexical, em si mesma. O que ocorre, a nosso ver, é o seguinte. Na morfologia manifesta, o latim distingue, e o português não, verbos ativos e verbos deponentes. Isso significa que a estrutura morfológica subjacente dos verbos é diferente, em algum aspecto, no latim e no português. A diferença apontada por Said Ali entre o latim e o português decorreria dessa diferença na estrutura morfológica subjacente de traços formais. Em outras palavras, haveria, sim, uma necessidade de um certo padrão fonológico superficial para a existência de um participípio passado numa língua, mas esse padrão é decorrência da estrutura subjacente de traços formais, daí, que a genuína explicação para as formações de participípio está na estrutura subjacente de traços formais, e não na sua manifestação fonética.

Ao explicitarmos que o fator crucial na formação de participípio não está

¹⁸ A idiossincrasia da relação entre radical e interpretação categorial dos participípios já havia sido enfatizada por Schmitz (1984, 1989). V. também Pires (1996).

na semântica lexical em si mesma, não queremos dizer que as formações de particípio não dependam da informação semântica do radical: apesar de não dependerem da informação semântica substantiva (as listas de verbos de cada formação não constituem classes semânticas substantivas), parecem claramente depender da informação semântica de tipo léxico-estrutural (i.e., de tipo lexical e construtor de estrutura), daí, advindo as diferenças aspectuais entre as duas formas de particípio duplos, por exemplo. Mas essa é uma questão que extrapola os limites deste artigo. Somente a título de ilustração da complexidade dessa questão, observe-se que verbos dos três tipos de formações podem ser ergativos com causação inexistente (cf. Rodrigues (1998) a respeito dessa distinção): *secar: secado/seco; quebrar: quebrado/*quebro; abrir: aberto/*abrido*.

O exame que acabamos de fazer dos padrões morfofonológicos superficiais dos particípios portugueses se baseou numa amostra de verbos da língua e somente desvela a ponta do iceberg. De qualquer modo, esse exame já é revelador (i) da existência de uma estreita relação entre informação no radical e tipo de formação do particípio, e (ii) do caráter determinístico dessa relação. Observe-se que essa informação subjacente não tem nada a ver com a geometria de traços, uma vez que as restrições em questão não envolvem classes naturais de sons no sentido dessa teoria (cf. os dados da Seção 2, por exemplo). De acordo com as conclusões deste artigo, essa informação é de tipo léxico-estrutural.¹⁹ Por outro lado, a investigação deste

¹⁹ Nesse ponto a proposta deste artigo se distingue da proposta da fonologia lexical prosódica, de diferentes níveis de derivação no léxico de uma língua. Usando a fonologia lexical, Lee (1995) propõe haver no léxico do português do Brasil dois níveis ordenados (Nível 1 e Nível 2), seguidos do nível pós-lexical; a flexão irregular e toda a derivação estariam no Nível 1, e a flexão regular no Nível 2 (Estamos deixando de lado as composições.). Logo, seguramente, para ele, os particípios regulares seriam gerados no Nível 2, e os particípios irregulares únicos, assim como os irregulares de pares participiais de segunda e terceira conjugações, pertenceriam ao Nível 1 (p.ex.: *visto, vindo; envolto, bento, morto, preso; expresso, imerso, impresso, omissso, submerso*). Quanto aos particípios irregulares de primeira conjugação (*entregue, expulso, pago, pego, ...*) não nos parece claro que tratamento teriam, uma vez que na verdade gozam de grande regularidade na sua formação (Radical Verbal intacto + Vogal Temática Nominal para a grande maioria dos casos), com as poucas 'exceções' que indicamos (*enxugar: enxuto*, por exemplo), marcando-se como irregulares sobretudo em relação à formação participial em *-ado*. Na proposta que estamos sugerindo essa questão não se coloca, pois a diferença crucial entre os vários tipos de formações participiais é decorrente de diferença na estrutura de traços formais projetada pelo radical verbal, de onde resultariam diferenças em relação à caracterização da configuração necessária para a ida a PF.

artigo também revela que haveria uma estrutura morfofonológica subjacente em termos de traços formais num nível mais abstrato do que o dos traços fonéticos e fonológicos habituais.

3.2. Derivação a Partir de Traços formais

Chomsky (1995) introduz o conceito de traços ‘formais’, opondo esses aos traços ‘substantivos’ de tipo semântico e fonético. Os traços formais são caracterizados como traços “usados pelas operações computacionais que constroem a derivação de uma expressão” (Chomsky, 1998: 51), e postulados como basicamente distintos dos traços que não têm esse papel e são, antes, inerentemente interpretativos (os traços substantivos semânticos e fonéticos).

O exame que fizemos dos participípios do português nos levou a concluir que existe, no nível da projeção morfológica dos radicais verbais, das vogais temáticas verbais, do sufixo participial e das vogais temáticas nominais, um certo tipo de informação que é levado em conta na construção desses itens. Pressupondo que tanto os itens lexicais quanto as estruturas sintáticas são construídos a partir de traços, analisamos aquela informação como ocorrendo sob a forma de traço, e, mais precisamente, sob a forma de traços formais. Se nossa análise estiver correta, ela estende a proposta de Chomsky em pontos importantes. Por falta de espaço, deixamos ao leitor o paralelo entre as duas propostas. Apontamos simplesmente que, se nossa análise estiver correta, os traços formais têm participação também na construção da forma morfofonológica e da interpretação semântica gramatical dos itens, e não somente na construção sintática. Poderia haver, na estrutura abstrata das línguas, como já proposto por Hjelmslev, uma forma da expressão e uma forma do conteúdo, além de uma substância da expressão e uma substância do conteúdo, e o caráter ‘formal’ dos chamados traços formais estaria ligado aos níveis da ‘forma’ da expressão e da ‘forma’ do conteúdo. Nessa linha de pensamento, é bem viável supor que haveria uma construção simultânea da forma da expressão e da forma do conteúdo dos itens, por meio do uso de uma mesma configuração estrutural de traços formais.²⁰

Até agora não demonstramos que a informação subjacente em pauta ocorre sob a forma de traços. Essa, no entanto, parece ser a hipótese que os

²⁰ Desenvolvemos essa proposta em Lobato (1998b), posteriormente a este artigo.

dados favorecem. Já concluímos que no português a leitura de participípio depende de informação relacionada com uma vogal acentuada e uma consoante, havendo três diferentes possibilidades de localização desses dois segmentos. Simplificadamente temos:

- (18) a. [[...V...] - [C...]]_{Radical}
 b. [...V...]_{Radical} - [C]
 c. [...]_{Radical} - [V] - [C]

Em (18a) essa informação se localiza toda no radical (1ª conjugação, formação irregular), em (18b), se localiza parcialmente no radical (2ª e 3ª conjugações, formação irregular), e em (18c) se localiza inteiramente fora do radical (formação regular). Além disso, essa leitura depende da projeção da vogal temática nominal após a consoante em questão. Para ser possível à interpretação participial ser encontrada em partes diferentes da palavra, mas sempre relacionadas com um dado tipo de segmento (V acentuada e um certo tipo de C), tem de ser verdade que no constituinte morfológico correspondente a cada um desses segmentos há um certo tipo de informação que provoca a leitura participial. Se isso é verdade, há uma relação estreita e necessária entre forma morfofonológica e interpretação semântica, na verdade muito mais estreita do que imaginado até agora nas propostas lingüísticas teóricas: à estruturação fonológica das palavras subjazeria um tipo de traço mais abstrato do que os traços que a fonologia tem proposto até agora, sendo esses traços também usados na interpretação semântica. Adviria, daí, tanto a flexibilidade na localização da informação participial na estrutura morfológica do participípio português quanto o caráter determinístico da relação informação morfofonológica/interpretação participial.

A existência dessa relação entre estrutura morfológica, estrutura fonológica e interpretação semântica favorece a proposta deste artigo de que a construção morfofonológica das palavras e a interpretação semântica gramatical lidam com o mesmo tipo de elemento - traços formais: a interface sonora e a interface semântica estariam operando sobre o mesmo tipo de informação subjacente, e o estatuto de traço para essas informações de interface

²¹A diferença entre flexão e derivação fornece outra possibilidade de argumentação a favor da nossa proposta. Os três processos de derivação de participípios no português mostram que a informação que leva à interpretação participial se distribui entre diferentes partes da palavra — radical verbal, vogal temática verbal, sufixo participial e vogal temática nominal —, numa combinação que depende em primeiro lugar de cada radical. Segundo Chomsky (1995, 1998), as propriedades flexionais são traços formais. (cont.)

seria decorrente das condições de legibilidade (cf. Chomsky, 1995, 1998).²¹

Os fatos em (18) também favorecem a hipótese de a leitura de participío depender de uma dada configuração estrutural de traços e não de um traço ou um simples conjunto de traços. Com efeito, se é verdadeiro que a leitura participial depende de informação projetada em pelo menos três diferentes partes da estrutura morfológica do item lexical, havendo uma ordem estrita entre essas três partes — sempre [Vacentuada + C + VTnominal] na ordem linear, o que produziria uma hierarquia, na estrutura morfológica, com essa ordem em espelho —, tem de ser verdade também que essa leitura depende de uma dada configuração de traços, e não somente de um dado traço ou dados traços.

4. Conclusão

Neste trabalho, lançamos um breve olhar sobre as formas de participío passado do português, procurando apontar uma nova direção para o exame desses itens. Num enfoque radicalmente minimalista, segundo o qual traços formais são usados tanto na construção morfofonológica de itens lexicais quanto na construção de estruturas sintáticas e interpretação semântica de itens e estruturas, propusemos que os traços usados na derivação morfofonológica dos participíos são os mesmos usados na sua interpretação semântica. Evidentemente, a grande questão a ser respondida, mas que não

(cont.) Será a terminação regular de participío uma propriedade flexional? Tradicionalmente, a formação de participíos tem sido tratada como flexional, como salienta Spencer (1991:193):
 [...] the creation of participles, gerunds and infinitival forms of verbs seems to involve a change of category, and yet the traditional, and in many respects most motivated, view is to regard them as part of the inflectional paradigm of the verb, not as a species of derivational morphology.

No entanto, dada a fluidez da distinção entre flexão e derivação (cf. Spencer (pp. 193-197)) e dada a falta de entendimento, no estágio atual do conhecimento sobre linguagem, sobre a mesma, qualquer opção que fizéssemos não seria mais do que terminológica. Vamos, antes, levar em conta a seguinte observação de Spencer (p.197):

the morphological devices of affixation, phonological processes and so on are just as likely to be used for derivation as for inflection.

Se os mesmos dispositivos morfológicos e processos fonológicos são usados pela flexão e pela derivação, não parece irrazoável considerar que esses dois processos morfológicos lidam com as mesmas propriedades de base. Aceitando que as propriedades flexionais são traços formais, diremos, então, que as propriedades das formações participiais (em geral, e não somente a regular) são igualmente traços formais, mesmo que sejam derivacionais. Ora, se a geração de participío se faz na base de traços formais, dados os três tipos de formação participial que identificamos, tem de ser verdadeiro que traços formais subjazem ao radical verbal, às vogais temáticas verbais, ao sufixo de participío e às vogais temáticas nominais.

examinamos no artigo, é:

(19) Quais são os traços formais?

Se o que dissemos tem algum fundamento de verdade, não se tem ainda nem uma teoria fonológica nem uma teoria morfológica capazes de explicar os dados apontados: seriam necessárias teorias que incorporassem o conceito de traços formais, a fim de se chegar a uma verdadeira explicação. Com um tal aparato talvez fosse possível se chegar a uma resposta para as diversas perguntas que deixamos em aberto neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. M. de (1997) *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 41^a ed. São Paulo, Saraiva.
- ARRUDA, V. M. B. (1978) *As Passivas de Estado e de Mudança de Estado em Português Contemporâneo*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB.
- AZEVEDO, M. M. (1974) On the Semantics of Estar + Participle Sentences in Portuguese. *Linguistics* 135: 25-33.
- ____ (1975) On Passive-Like Sentences in Brazilian Portuguese. *Language Sciences* 38: 13-16.
- BARBOSA, A. G. (1993) *Particípios Duplos na Fala Carioca: Variação e Distribuição Lexical*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ.
- BECHARA, E. (1963) *Moderna Gramática Portuguesa*. 8^a ed. São Paulo, Nacional.
- BISOL, L. (1992) O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 22: 69-90. (Reimpresso como : O acento e o pé binário. *Letras de Hoje* 98, 1994, pp. 25-42.)
- CAGLIARI, L. C. (1994) Regras de feedback. *Letras de Hoje*, 98: 55-76.
- CAMARA JR., J. M. (1970) *Estrutura da Língua Portuguesa*. 2^a ed. Petrópolis, Vozes.
- ____ (1972) *The Portuguese Language*. Chicago, The University of Chicago Press.
- ____ (1979) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 2^a ed. Rio de Janeiro, Padrão.
- CASTELEIRO, J. M. (1981) *Sintaxe Transformacional do Adjectivo: Regência das Construções Completivas*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

- CHOMSKY, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass., The MIT Press.
- _____. (1998) *Linguagem e Mente: Pensamentos Atuais sobre Antigos Problemas*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- COUTINHO, I. de L. (1941) *Pontos de Gramática Histórica*. 2ª ed. São Paulo, Nacional.
- CUNHA, C. (1976) *Gramática da Língua Portuguesa*. 3ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, Fename.
- GAMARSKI, L. (1996) Produtividade e produção de participios passivos. Comunicação lida no *Encontro Nacional sobre Adjetivos*. Brasília, UnB.
- GOUVEA, A. C. (1996) Formas V-do e classe de palavras. Comunicação lida no *Encontro Nacional sobre Adjetivos*. Brasília, UnB.
- HJELMSLEV, L. (1971) *Prolégomènes à une Théorie du Langage*. Paris, Minuit. (1ª ed. dinamarquesa: 1943]
- KROCH, A. (1994) Morphosyntactic variation. Beals, K. et al., orgs. *Papers from the 30th regional meeting of the Chicago Linguistic Society. Parasession on variation and linguistic theory*.
- LEE, S. H. (1994) A regra do acento do português: outra alternativa. *Letras de Hoje* 98: 37-42.
- _____. (1995). *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp.
- LEMLE, M. (1984) *Análise Sintática: Teoria Geral e Descrição do Português*. São Paulo, Ática.
- LOBATO, L. (1998a) Uma proposta minimalista para o acento de palavra. Mesa-redonda: A interface fonologia/sintaxe. *XIII Encontro Nacional da Anpoll*. Campinas, Unicamp.
- _____. (1998b). What the form of Portuguese past participles reveals about formal features and language development. Ms. Brasília, UnB.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1992) Sobre o lugar do acento de palavra em uma teoria fonológica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 23: 121-136.
- NUNES, J. J. (1930) *Gramática Histórica Portuguesa. (Fonética e Morfologia)*. 2ª ed. Lisboa, Clássica.
- PEREIRA, E. C. (1953) *Gramática Expositiva. Curso Superior*. 88ª ed. São Paulo, Nacional.
- PIMENTA-BUENO, M. N. S. (1986) As formas [V+-do] em português: um estudo de classes de palavras. *D.E.L.T.A.* 2 (2): 207- 229.
- PIRES, A. M. G. (1996) *As Formas V-DO em Português do Brasil*:

- Características Sintáticas e Semânticas*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB.
- RODRIGUES, C. (1998) *Aspectos Sintáticos e Semânticos das Estruturas Médias no Português do Brasil: Um Estudo Comparativo*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB.
- SAID ALI, M. (1966) *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- SCHMITZ, J. R. (1984) Problems in the Analysis of Portuguese Participles in -do. Baldi, P. (ed.). *Papers from the XIIth Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam, Benjamins, pp. 549-564.
- _____ (1989) Os participípios passados em -do em português. *Estudos Lingüísticos. XVIII Anais de Seminários do GEL*. Lorena, GEL/Prefeitura Municipal de Lorena, pp. 594-603.
- SCHMITT, C. (1996) Os adjetivos errados e os adjetivos vermelhos: diferenças aspectuais. *Encontro Nacional sobre Adjetivos*. Brasília, UnB.
- SPENCER, A. (1991) *Morphological Theory*. Oxford, Blackwell.
- WOHLMUTH, S. M. (1978) Lexicalization of the Irregular Past Participle in Hispano-Romance up to and including the Alfonsine Period. In: F. H. Nuessel, Jr. (ed.). *Linguistic Approaches to the Romance Lexicon*. Washington, D.C., Georgetown University Press.
- (Recebido em outubro de 1997; Aceito em abril de 1998)

**WORD SETS, KEYWORDS AND TEXT CONTENTS: AN INVESTIGATION OF TEXT
TOPIC ON THE COMPUTER***

(Iniciando a Lingüística do Corpus do Português: Explorando um Corpus
para Ensinar Português como Língua Estrangeira)

A. P. BERBER SARDINHA (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*)

ABSTRACT: This study presents a methodology for the identification of coherent word sets. Eight sets were initially identified and further grouped into two main sets: a 'company' set and a 'non-company' set. These two sets shared very few collocates, and therefore they seemed to represent distinct topics. The positions of the words in the 'company' and 'non-company' sets across the text were computed. The results indicated that the 'non-company' sets referred to 'company' implicitly. Finally, the key words were compared to an automatic abridgment of the text which revealed that nearly all key words were present in the abridgment. This was interpreted as suggesting that the key words may indeed represent the main contents of the text.

RESUMO: Este estudo apresenta uma metodologia para a identificação de conjuntos de palavras coerentes. Oito conjuntos foram identificados inicialmente e posteriormente agrupados em dois conjuntos principais: um conjunto denominado 'companhia' e outro denominado 'não-companhia'. Estes dois conjuntos partilham alguns colocados, e portanto parecem representar tópicos distintos. A posição das palavras de ambos os conjuntos foi computada ao longo do texto analisado. Os resultados indicaram que os conjuntos 'não-companhia' se referiam indiretamente à companhia. Por fim, as palavras-chave dos conjuntos foram comparadas a um resumo do texto automático gerado por computador o qual revelou que quase todas as palavras-chave estavam presentes no resumo. Este fato foi interpretado como indício de que as palavras-chave representam o conteúdo central do texto.

Key Words: Corpus Linguistics; Teaching Portuguese as Foreign Language; Corpus-based description of Portuguese.

Palavras-Chave: Lingüística do Corpus; Ensino de Português como Língua Estrangeira; Descrição do Português baseada no Corpus.

* An earlier version of this paper was presented at the 7th International Systemic-Functional Workshop, Valencia, Spain, on 27 July 1995 under the title 'Segmentation and choice in written bussiness English', and published as DIRECT Working Paper 25.

0. Introduction

The aim of this paper is to propose a methodology for extracting coherent word sets from text. The relevance of the investigation lies in the fact that it can lead to the automatic identification of themes discussed in the text. Word set coherence is conditioned by two criteria: one, each *individual* set must sound coherent to the reader of the text; and two, the *set of sets* must present itself as coherent, that is, the individual sets must be related to each other by sharing the similar content. Word sets can be viewed as indicators of how the text can be partitioned into coherent segments.

The analysis is meant to be entirely inductive, that is, all of the interpretative categories will result from the analysis rather than be imposed onto it. Other studies have applied a bottom-up methodologies in the investigation of texts (Miall, 1992; Phillips, 1988; Scott, 1995; Wilson, 1993).

It is possible to derive word sets by studying word distribution statistically (e.g. Knott and Dale, 1993). A disadvantage of a pure statistical approach is that it may sacrifice validity. In our case, this means that the interpretation of the results would become too complex for the vast majority of researchers in applied linguistics.

In Systemic Linguistics there have been attempts at extracting word sets with only moderate use of statistics or none at all. For instance, Halliday (1992) outlines the possible lexical sets in a commercial letter. Similarly, Benson and Greaves (1992) describe and discuss the word sets in a letter in terms of the systemic category of *field*. Since they succeed in carrying out their analysis by computer, their study will serve as a basis for the present investigation. Their approach was based upon the intuitive identification of what was in their opinion the main clause or 'pitch clause' of the letter. In this clause, they decided that the word 'please' was central to it and extracted its collocates. The collocates were distributed into meaning sets. There are a few points in their technique which can be improved. As they suggest, comparisons of word frequency were carried out by using the absolute frequencies of the words in question, rather than frequencies relative to text size. Also, the key word in the text was chosen prior to the extraction of the field sets.

The technique proposed here uses the concept of 'key word' as implemented in the KeyWords tool of the WordSmith suite (Scott, 1995). Firstly, the text will be compared to a corpus of similar texts and the chi-square of

the distribution of each word type in the text and in the corpus will be computed. Secondly, the words will be sorted according to the significance of the chi-square statistic. At this stage there are two possibilities. Either the word is significantly more frequent in the corpus or it is significantly more frequent in the text. In the former case, the word will not interest us, since its frequency will be less than expected in the text and therefore will not be characteristic of the text. In the latter case, however, the word will have been used in the text more frequently than expected and therefore it can be considered to characterize the text. Words which characterize the text by being unusually frequent in this way will be called **KEY WORDS**¹, although in the original proposal in Scott (1995) these would be called 'positive' key words. Finally, the collocates for each key word will be computed. Each set will then be formed by key words and their collocates.

The methodology described above can perhaps improve a few aspects of the approach applied by Benson and Greaves (1992). First, relative frequencies are compared by taking into account the difference between their expected and observed values (chi-square). Second, key words are not chosen intuitively, but by computing statistical significance.

The problem with relying on chi-square significance to identify key words is that high frequency words will often turn out to be key. But since high frequency words are in their majority function words, these words will not be key because function words are excluded from the analysis. Initially, all content words (nouns, main verbs, adjectives, adverbs) were allowed to become key. This was established following Eggins (1994), according to whom changes in field have 'an immediate impact on the content words used' (:68). However, it was later found that a further filtering was necessary so as to make sets as coherent as possible. Here we followed Halliday (1992), who in his analysis for lexical sets, included only nouns.

2. Collocates

Each word set is constituted by at least one key word and its cluster of collocates. A cluster is defined as the words which collocate with a given

¹ For a discussion on comparing corpora along these lines on the CORPORA list, see <http://www.liv.ac.uk/~tony1/corpus.html>

node word (Carter, 1992: 49). Including collocates is important because they provide information about the use of key words in context. According to Sinclair 'In the relation of form and meaning it became clear that in all cases so far examined, each meaning can be associated with a distinctive formal patterning.' (Sinclair, 1993: 6). Thus, collocates can provide a better picture of the specific meanings associated to key words in context. Similarly, Phillips (1985) has found that different textbook chapters present different sets of collocations.

A problem with investigating collocations is the width of the span within which the collocates will be computed. As a general rule, a span of four words on either side of the node word is regarded as appropriate (e.g. Sinclair 1991). Sinclair, Jones and Daley, 1970 argued that 'a shorter span would miss valuable evidence, a longer one would overlay the relevant patterns with more distant material' (:9). Nevertheless, a wider span would allow us to incorporate more context into the investigation of the contexts in which key words are used. Since the size of our data is small, we would not suffer any penalties in terms of computation efficiency if we adopted a wider span. In addition, we will only include collocates which are lexical words, so the amount of 'noise' generated by widening the span will be reduced. Therefore, we have opted for a span of five words.

3. Analysis

The business report was 3,355 words long, and the corpus, made up of 17 business reports, had 95,541 running words. The text was first tagged for part of speech by the University of Birmingham Tagger. Then the key words were computed using the WORDSMITH package (Scott, 1995), following the guidelines described earlier. A list of nouns occurring more often than expected in the text was extracted by the KEYWORDS program. After that the collocates for each key word were calculated. Only those collocates with a frequency higher than one were retained. The resulting meaning sets are listed in the table below. The item at the head of the group is the key word, and the words that follow it are its collocates. The collocates are listed in alphabetical order.

ABC, Algar and Group activities, answer, companies, company, communication, continuity, diversity, fundamentals, informatics, internationalizat

ion, investments, goals, mission, network, objective, policy, quality, performance, search, strategy, subsidiaries, treatment, trend, year

process continuity, modernization
talent human
satisfaction client, markets
objective group, priority
clients (no content word collocates)
formation coordinators, executives, program
excellence search, standards.

Three key words were joined together in the same set: ABC, Algar and Group. They were grouped because they are part of the name of the company ('ABC Algar Group'). This set is the longest of all. It comprises common themes encountered in the text: 'activities of the company', 'company investments', 'strategies deployed by the company', 'company subsidiaries', etc.

An inspection of the sets reveals that there are two types of sets. One, a central set closely associated with the company's name, where there is mention of the goals of the company, the objectives of the company, the performance of the company, the company's policies, the company's subsidiaries, the company's investments, and so on. And the other is a compound set comprising seven individual sets which express themes not formally associated with the company name. Hence, we have a *company* set on the one hand, and one *non-company* set of sets on the other. Significantly, in the non-company sets, only 4 words out of the 19, namely 'objective', 'client(s)', 'group' and 'search', are repeated in the company set. The majority are unique to the group.

We have also calculated the placement of key words across the text with the help of the KEYWORDS program. First, the program calculates the number of portions of text in which at least one key word appears. A portion is defined as 1% of the running words of the text (33.55 words). It has found that there are 26 portions in which at least one key word appears. Of these, 21 contain at least one company key word. This suggests that company keywords are distributed across most of the text where key words appear. Also, it indicates that company key words share most of the portions in which noncompany key words are present. This is interesting because non-

company key words did not show as collocates of company key words or vice-versa.

By examining examples of non-company key words in the texts, we noticed that non-company key words were generally being used to refer to the company, even though the word 'company' was not mentioned. For example, the set for the key word 'process' includes the phrases 'process of developing modernization' and 'process of business modernization' which in fact should be interpreted as processes taking place *in the company*. The 'excellence' set is used in a similar context, as the example below illustrates:

Indispensable as tool to a company committed to modernity, Total Quality in Grupo ABC Algar has a conclusive answer. In reference to the search for excellence of operation, products, and services, through the integration of methods, efforts...

In the example, 'search for excellence' is being used to refer to the Total Quality program taking place within the company.

These implicit references to 'the company' stand in contrast with other key words which refer to 'company' more explicitly by appearing near the word 'companies'². For instance, the set for the key word 'talent' includes the phrases 'to develop Human Talents *of the companies*'.

3. Main themes

The question that remains is whether the key word sets actually represent the main themes of the text. Since the identification of themes is a highly intuitive task, a more objective means of assessment had to be devised. Summaries are usually considered representations of the main topics of the text. Obtaining an automatic summary of the text would be an adequate alternative because it would not involve subjective judgment on the part of human readers. Among the various options, automatic abridgments (Hoey, 1991) stand out as a good technique for summarizing texts because abridgments are produced on the basis of the distribution of lexical items in the text, just like our technique for extracting word sets.

² 'Companies' did not form part of the set because it had a frequency of one.

A series of abridgments of the business report were produced controlling for the number of links and bonds. The choice was for an abridgment which would be about 50% of the text in length, but not less. The shortest abridgment under these circumstances was one containing 1766 words and 42 sentences, representing 52.6% of the original text.

The key words and their collocates from the unabridged text were searched for in the abridgment. It was found that only one word did not appear in the abridgment ('executives'). Since the abridgment is formed by central sentences which subsume other sentences lexically, the words in the abridgment can be considered to be those which carry the main themes of the text. The fact that all but one of the set words appeared in the abridgment suggests that the sets are representative of the main themes in the text.

4. Summary and Final Comments

In this study a methodology based on the extraction of key words was applied to the identification of coherent word sets. It was hoped that these word sets would be coherent. Ultimately, it was hoped that the word sets would represent the main themes or topics of the text. Eight word sets were extracted and analyzed. It was found that the eight sets could be divided into two main groups, one 'company' set and one 'non-company' set. These two sets shared very few collocates, therefore they seem to represent distinct topics. The positions of the words in the 'company' and 'non-company' sets across the text were computed. The results indicated that they did very often share the same portions of the text. This was interpreted as meaning that the 'non-company' sets referred to 'company' implicitly. Finally, an automatic abridgment of the text was created. The abridgment contained central sentences of the text, and therefore it was regarded as a good representation of the main themes of the text. Nearly all of the key words from the unabridged text were present in the abridgment, which suggests that the key words may indeed represent the main contents of the text.

The research reported here is work in progress and cannot offer definitive answers to the problem of identifying the main contents of texts automatically by computer. Nevertheless, it illustrates the possibility of applying key words extracted by the KeyWords program (Scott, 1995) in areas such as content analysis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENSON, J. D. and GREAVES, W. S. (1992) Collocation and field of discourse. In: *Discourse description - diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. (Eds: Mann, William C; Thompson, Sandra A) (Pragmatics and Beyond New Series, 16.) John Benjamins, Amsterdam.
- CARTER, R. (1992) *Vocabulary - Applied linguistic perspectives (Reprint of 1987 original)*. Routledge, London.
- EGGINS, S. (1994) *An introduction to systemic functional linguistics*. Pinter, London.
- HALLIDAY, M. A. K. (1992) Some lexicogrammatical features of the Zero Population Growth text. In: *Discourse description - Diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. (Eds: Mann, William C; Thompson, Sandra A) (Pragmatics and Beyond, 16.) John Benjamins, Amsterdam, 327-358.
- HOEY, M. (1991) *Patterns of Lexis in text*. (Describing the English Language.) Oup, Oxford.
- KNOTT, A. and DALE, R. (1993) Using linguistic phenomena to motivate a set of rhetorical relations. Department of Artificial Intelligence, Human Communication Centre, University of Edinburgh, unpublished manuscript.
- MIALL, D. S. (1992) Estimating changes in collocations of key words across a large text: A case study of Coleridge's notebooks. *Computers and the Humanities* 26, 1-12.
- PHILLIPS, M. (1985) *Aspects of text structure - An investigation of the lexical organisation of text*. (North-Holland Linguistic Series, 52.) North-Holland, Amsterdam.
- PHILLIPS, M. K. (1988) Text, terms and meaning: Some principles of analysis. In: *Linguistics in a Systemic perspective*. (Eds: Benson, James D; Cummings, Michael J; Greaves, William S) (Current Issues in Linguistic Theory, 39.) John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia, 99-118.
- SCOTT, M. R (1995): WordSmith Tools. Software for text analysis, unpublished computer program.
- SINCLAIR, J. et al. (1970) English lexical studies. OSTI Report. University of Birmingham, Birmingham.
- SINCLAIR, J. (1991) *Corpus, concordance, collocation*. (Describing English Language Series.) Oup, Oxford.

634

- _____ (1993) Written discourse structure. In: *Techniques of description - Spoken and Written discourse* (A festsch rift for Malcolm Coulthard). (Eds: Sinclair, JMCH; Hoey, M; Fox, and G) Rout-ledge, London, 6-31.
- WILSON, A. (1993) Towards an integration of content analysis and discourse analysis: the automatic linkage of key relations in text. Unit for Computer Research on the English Language Technical Papers 3, UCREL, University of Lancaster, UK.

(Recebido em maio de 1998; Aceito em novembro de 1998)

**A METALINGUAGEM COMO LUGAR DA INTERPRETAÇÃO: TERMINOLOGIA E
BASES DE DADOS INFORMATIZADAS**
(The Metalanguage as Space of Interpretation: Terminology and
Automatized databases)

Clarinda Rodrigues LUCAS (*Universidade Estadual de Campinas*)

ABSTRACT: The main objective of this work is to discuss the notion of metalanguage concerning the use of thesaurus (symbols systems, functions indicators, descriptors) utilized by indexers for article representation in computerized bibliographical databases. Our corpus comprises article abstracts and bibliographical database descriptors LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde) and SOCIOFILE Sociological Abstracts. We aim at clarifying the effects of subjectivity in the functioning of indexing taking account the grounds for interpretation that allow different meanings.

RESUMO: A partir da afirmação de Pêcheux (1990) de que não há metalinguagem, na medida em que toda descrição está exposta ao equívoco da língua (da ordem do simbólico); de que há o outro na sociedade e na história e, por isso, há um real estranho à univocidade lógica, buscamos trabalhar a noção de metalinguagem referida ao uso dos tesouros (sistema de símbolos, indicadores de função, descritores) utilizados pelos indexadores para a representação dos artigos nas bases de dados informatizadas. Nosso corpus é composto por resumos de artigos e descritores das bases de dados bibliográficas LILACS (Literatura Latino-americana em Ciências da Saúde) e SOCIOFILE (Sociological Abstracts). Buscamos explicitar os efeitos da subjetividade no funcionamento da indexação, levando em conta os espaços de interpretação que dão lugar ao deslocamento dos sentidos.

KEY WORDS: Metalanguage; Computerized Bibliographical Databases; Indexing; Interpretation; Thesaurus.

PALAVRAS-CHAVE: Metalinguagem; Bases de Dados Bibliográficas Computadorizadas; Indexação; Interpretação; Tesouro.

¹ Trabalho apresentado no Colóquio Internacional "Métalangage et terminologie", realizado em Grenoble, França, de 14 a 15 maio de 1998.

0. Introdução

Esta reflexão toma como ponto de partida duas afirmações de Pêcheux (1990):

- 1) A de que “não há *metalinguagem*” na medida em que toda descrição (de objetos, de acontecimentos ou de arranjos discursivo-textuais) está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua (da ordem do simbólico), isto é, a capacidade de todo enunciado tornar-se outro, de haver deslocamento de sentido, de pontos de deriva, abrindo assim espaço para a interpretação;
- 2) A existência do *outro* nas sociedades e na história, apontando para a ligação entre este *outro próprio* ao linguageiro discursivo, correspondendo às filiações históricas (as memórias organizadas, as relações sociais em redes de significação).

E o ponto de chegada dessas duas afirmações, como escrito por Pêcheux:

- 3) Há um *real* estranho à univocidade lógica, há um outro tipo de saber que não se reduz à ordem das “coisas a saber” (o sistema estrutural constituído pelos especialistas de todas as espécies e instituições).

Tendo em vista esta constatação de Pêcheux, buscamos verificar como o funcionamento da indexação se realiza e que efeitos produz, visto indexação pressupor a metalinguagem e estar apoiada numa construção da terminologia que visa a elidir os efeitos da subjetividade. Objetivamos trabalhar a noção de *metalinguagem* como vista por Gardin (1973), e utilizada pelos indexadores das bases de dados informatizadas para a representação dos documentos. Nosso *corpus* será constituído pelos resumos e descritores de artigos indexados nas bases de dados bibliográficas LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde) e SOCIOFILE (Sociological Abstracts). Buscamos observar o funcionamento da indexação, tendo em vista os espaços de interpretação que promovem o deslocamento dos sentidos, dando espaço dentro da própria terminologia à deriva e à interpretação.

Apontamos, neste trabalho, os vários lugares de interpretação na metalinguagem. Sabemos, como escrevem Orlandi e Guimarães (1988), “que a relação entre as diferentes formações discursivas no texto pode ser de muitas e diferentes naturezas: de confronto, de sustentação mútua, de exclusão, de neutralidade aparente, de gradação etc.”. Por conseguinte, ocorre

637

637

a dispersão do texto e do sujeito, isto é, o cruzamento de múltiplas vozes nas constituições da textualidade e da subjetividade.

1. A Metalinguagem e Os Tesouros

Gardin (1973) propôs o uso do termo *metalinguagem* para o sistema de símbolos constituído pelos Tesouros e utilizado para representar o conteúdo dos documentos nas bases de dados bibliográficas. Para Gardin, a definição de análise de documentos (entendido aqui em sentido amplo, incluindo tanto textos em linguagem natural quanto textos de literatura científica) como a extração do significado de um texto sugere a referência a algo que é tomado de fora do texto e designado por símbolos que não são encontrados no texto. Os indexadores, os documentalistas fazem uso desses sistemas de símbolos representados pelos Tesouros, pelas Terminologias para representar o conteúdo dos artigos, dos textos e, os leitores, enquanto usuários das bases de dados, ao realizarem suas pesquisas também fazem uso desses vocabulários direta ou indiretamente. Nebodity (1983) descreve o processo de documentação sob o ponto de vista da terminologia como envolvendo a análise do conteúdo do documento, a formulação desse conteúdo em um conjunto de descritores (um vocabulário controlado) e a ordenação desses descritores de forma que os pesquisadores das bases de dados bibliográficas possam fazer suas pesquisas.

Visto de outro modo, Nebodity aponta para dois processos paralelos na indexação: por um lado, o tratamento do texto do documento em linguagem natural, por outro, o tratamento do texto da descrição do índice, que ele caracteriza como sendo em linguagem mais ou menos artificial. Observa que em qualquer desses dois modos a tarefa do indexador é prover a interface correta entre a terminologia do documento, a terminologia do sistema de informação e a terminologia de quem indaga. Sem essa ideal compatibilidade de linguagens, Nebodity afirma que o processo de informação não funciona.

Os tesouros são constituídos por listas de termos autorizados: descritores e não descritores de um domínio particular do conhecimento, tendo em vista relações semânticas e lógicas, sendo a sua construção apoiada no *corpus* discursivo da área que abrange, isto é, a seleção de termos é feita dentre os conceitos mais freqüentes, buscando assim assegurar a semelhança entre o vocabulário a ser utilizado para a representação dos artigos e o universo do

conhecimento expresso nos textos. Desta forma, os tesouros cristalizam os conceitos de determinada área de conhecimento, fixando-os, e dando-lhes autoridade. Ressaltamos da definição de tesouro o seu caráter de grade interpretativa, onde cada descritor é a síntese de um amplo espectro de significados, vindo de encontro a sua caracterização como *metalinguagem*.

2. O funcionamento da indexação e a metalinguagem

Tendo em vista a questão da impossibilidade *da metalinguagem* levantada por Pêcheux, observemos o resumo e os descritores (palavras-chave) que foram atribuídos pelos indexadores a um mesmo artigo respectivamente na base LILACS e SOCIOFILE:

Giffin, Karen. Violência de gênero, sexualidade e saúde/ Gender violence, sexuality, and health. In: *Cadernos de Saúde Pública*; v. 10 (suplement 1), p. 146-55, 1994.

Resumo original em português na base de dados LILACS:

Apresenta alguns resultados de um levantamento recente de estudos e dados internacionais sobre a violência contra a mulher, bem como sobre as conseqüências para a saúde destas formas de violência, onde o agressor é, mais freqüentemente, um conhecido íntimo. Desenvolve alguns argumentos sobre as raízes desta violência, abordando questões acerca da construção social da identidade de gênero e da sexualidade na tradição dualista, que separa mente e corpo, enfatiza elementos biológicos na sexualidade, e define homens e mulheres como seres radicalmente diferentes. Conclui com críticas à visão mais integral da sexualidade e dos seres humanos.

Descritores: violência, saúde da mulher, saúde pública.

Notamos que os descritores atribuídos ao artigo ressaltam o aspecto saúde, neste caso, a da mulher e a pública. O público-alvo dessa base de dados é formado por profissionais da área da saúde, portanto, os descritores a serem utilizados já têm uma terminologia voltada para essa especificidade; com isto, estamos querendo realçar que o aspecto social não é, inicialmente, o enfoque principal dessa base de dados. Outro assunto que mereceu realce

foi a violência; entretanto os indexadores ignoraram os aspectos referidos no resumo à sexualidade, diferenças sexuais, construção social da identidade e maus-tratos conjugais, cujos termos estão disponíveis no Tesouro da base de dados LILACS. O mesmo texto traz o seguinte resumo na base de dados SOCIOFILE:

Although women have now gained a strong role in the labor force & in the public sphere, the social distribution of violence follows a traditional division: men are victims of violence in the public sphere while violence against women occurs in the domestic sphere. In explaining this violence, dualistic visions of gender as biologically determined are criticized & a view of sexuality as socially constructed on a biological nondeterminant basis is proposed.

Descritores: Battered-Women; Family-Violence; Sex-Differences; Violence; Victimization.

Neste resumo notamos que não há nenhuma referência à saúde, pública ou da mulher, omissão forte a sentidos que estão no título do artigo; os indexadores deram ênfase ao aspecto violência, presente em três dos termos que representam o artigo: violência na família, violência (geral) e indiretamente com os termos vitimização e mulheres espancadas. Observamos que no resumo é dado destaque à construção social da sexualidade, e também ao fato da distribuição social da violência: contra os homens ser pública e ser doméstica no caso das mulheres, aspectos estes ignorados pelos indexadores. O segundo artigo que vamos analisar é da base de dados SOCIOFILE:

Huggins,-Martha-K.; Mesquita,-Myriam-Castro-P. *Exclusion, Civic Invisibility, and Murder: The Killing of Street Youth in Democratizing Brazil*. American Sociological Association (ASA). 1995.

ABSTRACT: A sociological analysis of murder in public places, focusing on youth murders by strangers in Brazil as a function of the victim's societal exclusion, civic invisibility, & social stigmatizing, all nurtured by a "bystander culture" that creates impunity for the killings. This empirical study puts a human face

on Brazil's youthful murder victims – the majority of whom are poor, dark-skinned males ages 15-17- & provides insight into their killers, who are usually on- & off-duty police of social class origins similar to their victims. Emphasis is on victim-generating sociostructural situations & the social creation of victims. It is concluded that the Brazilian image of poor urban youth as dangerous street children personalizes the social problem of youth murders & helps mute social consciousness about the relationship of murders to such structurally rooted social problems as unemployment, debt, hunger, & land & other wealth inequalities.

Descritores: Brasil; Homicídio, Juventude; Vitimologia, Fatores sócio-culturais.

Este artigo trabalha com a noção das crianças de rua como vítimas de problemas sociais e econômicos (desemprego, fome, morte, desigualdade de acesso aos bens), constatando que agentes e vítimas da violência provêm da mesma classe social. Aponta para a cumplicidade da sociedade como inibidora da busca dos reais motivos que levam as crianças a serem vítimas da violência. Este texto expressa como de fato a noção de pré-construído funciona remetendo uma palavra, expressão a uma construção anterior, exterior, sempre independente, como se todo um imaginário já estivesse dando os dados para uma determinada situação, os próprios autores apontam para a imagem da juventude urbana brasileira pobre como *perigosas* crianças de rua.

Notamos a ausência de descritor para o que o resumo apresenta como *exclusão social*, invisibilidade cívica; faltam também chamadas para os aspectos econômicos da geração das vítimas não abrangido pelo termo *fatores socioculturais* e para a relação imagem versus consciência social.

O terceiro texto que vamos analisar faz parte da base de dados SOCIOFILE :

Peralva, Angelina T. Ethnicité, violence et participation culturelle: un regard sur la jeunesse de Rio de Janeiro. In: *International Sociological Association (ISA)*, 1994.

Resumo na base de dados SOCIOFILE:

An inquiry into the many ways urban violence impacts the major proportion of youth in metropolitan Rio de Janeiro, Brazil. The need for cultural participation is strongly expressed by numerous forms of violence. However, violence is not an ethnic issue. It is noted that attempts by black movements to mobilize poor black youth on the basis of identity have not succeeded.

Descritores: Rio de Janeiro, Brasil; Juventude; Crime urbano; Violência; Juvenile-Offenders; Delinquência juvenil; Estudos em violência.

Aspectos psicológicos: Juventude, Rio de Janeiro (Brasil), impacto da violência urbana.

Dentre os termos atribuídos ao artigo na base de dados não há qualquer referência a estudos étnicos, a movimentos raciais ou à participação cultural ou identidade cultural, aspectos esses presentes no resumo do artigo. Todo destaque é dado para a violência.

A partir das rápidas análises acima, verificamos que os três planos que se cruzam no funcionamento da indexação produzem equívocos, ambigüidades; isto é, no funcionamento da indexação temos: a) o título do artigo e seu resumo (o original e o que aparece na base de dados), b) o thesauros, e c) a comunidade usuária da base de dados. Estes três planos são atravessados pelo sujeito que realiza a indexação, sujeito este que, atravessado pelo real, pela história, pela língua, atua como intérprete, dentro de suas condições de produção específicas, dentro de sua interdiscursividade.

O indexador é também um intérprete - lê o texto, conclui do que trata, busca os descritores que melhor representem a sua interpretação. Parret (1988) escreveu que a interpretação, ao nível da leitura ou de comentário caracteriza-se como um esforço de estruturação de uma riqueza inicial e inesgotável; resultando num novo texto, fonte ele próprio de novas interpretações, criador de intertextualidade e, por outro lado, o lugar da interpretação na metalinguagem, vinculado a sua vocação científica, é o da estabilização dos conteúdos, do artificial, do arbitrário. Os nossos exemplos atestam o funcionamento da indexação no entremeio da interpretação e da busca da metalinguagem. Notamos que o indexador enquanto busca os

sentidos que representem os textos, e realiza a escolha dentre os descritores que indicam os assuntos (descritores estes já previstos nos tesouros, nas linguagens documentárias, entendidas como metalinguagem) é um sujeito afetado pelo interdiscurso, pelo jogo da repetição e do mesmo.

3. Memória, interdiscurso e sujeito

Sabemos que a memória - o interdiscurso - apresenta-se como um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, lugar de conflitos e de regularização. Um espaço onde ocorrem “desdobramentos, discussões, polêmicas e contra-discursos.” (Pêcheux). Gostaríamos de relacionar estas questões sobre a estruturação do discursivo como constitutivo de uma certa memória social com as linguagens documentárias utilizadas pelos indexadores como ferramenta de leitura para fins de indexação.

A sedimentação dos processos de significação se faz historicamente, produzindo a institucionalização do discurso dominante; dessa institucionalização, dirá Orlandi (1988), decorre a legitimidade, e o sentido legitimado fixa-se como centro: o sentido oficial, literal. Com efeito, quando nos deparamos com um descritor, sabemos que ele é resultado de um jogo de poder da e na linguagem, já que os sentidos têm história. O controle terminológico, a determinação dos sentidos, sua desambigüização, são *mecanismos de controle* dos sentidos, para que eles não sejam vulneráveis a interpretações outras que não aquelas previstas e desejadas, legitimadas por determinada comunidade. O tesouro busca o controle terminológico e a normalização da representação dos conceitos/informação de uma área de conhecimento, a partir de um conjunto de definições dos termos específicos da área considerada.

A partir dessa observação e com os olhos nos exemplos das bases de dados SOCIOFILE e LILACS, constatamos que, apesar de um Tesouro poder explicitar o que é um termo X ou Y, o sujeito que indexa, mesmo fazendo uso de uma terminologia que contextualize os sentidos das palavras, continuará a ser um sujeito afetado pelo complexo das formações discursivas historicamente determinadas. Pêcheux (1990) afirma que só há a possibilidade de uma metalinguagem quando há interdição de interpretação. Orlandi (1996) dirá que esta interdição à interpretação resulta em espaços discursivos estabilizados. Do que estamos observando, sobressai a noção da metalinguagem como redutora, disciplinadora, estabilizadora de sentidos, remetendo ao que Pêcheux (1990) chamou de *univocidade lógica*.

4. Considerações finais

Tendo em vista a metáfora utilizada por Tarsky (1944) para definir metalinguagem: “Uma metalinguagem é uma linguagem que serve para falar de uma outra linguagem”, isto é, uma segunda linguagem para falar da primeira linguagem e a afirmação de Rey-Debove (1978) da *metalinguagem* ser não somente uma construção científica mas, sim, a língua natural, ela mesma convertida em *metalinguagem natural*, podemos fazer algumas colocações apoiados no que Orlandi (1996) escreveu sobre “o modo como as palavras fazem sentido, tem a ver com a língua, com o sujeito, com a história. Não há discurso (sentido) sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”.

Na perspectiva de Orlandi (idem) os princípios da significação sempre estão presentes: nem as definições, nem a *metalinguagem* formal escapam desses princípios. A última das línguas é sempre ainda a linguagem natural, ou seja, a língua materna. Observa Orlandi que, para pôr a *metalinguagem* em funcionamento, o homem se serve da língua natural. Há um gesto mínimo de interpretação do sujeito, diante de um sinal como 4, isto é, ao reconhecê-lo como um sinal que significa algo, e uma memória discursiva, num discurso específico já há a interpretação.

Observamos em nossas análises que o funcionamento da indexação, pressupondo a *metalinguagem*, dá lugar à imprevisibilidade, à instabilidade dos sentidos. Por decorrência, a metalinguagem não pode ser arbitrária, nem autônoma, ela não pode ser concebida, como uma relação de validade universal, pois sendo a produção de sentidos o lugar, por excelência, do mal entendido, da disputa, não cabe pressupor qualquer consenso a priori entre os protagonistas da linguagem. O que nos leva a concluir, reafirmando Pêcheux (1990), que a metalinguagem não dá conta do Outro nas sociedades e na história, dos espaços da interpretação, do real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GARDIN, J.C. (1973) Document analysis and linguistic theory. *Journal of Documentation*, London, v. 29, n. 2.
- NEBODITY, W. (1983) La terminología y su aplicación a la clasificación, indización y preparación de resúmenes analíticos. *Revista de la UNESCO de Ciencia de la Información, Bibliotecología y Archiv*, v. 5, n.4.

- ORLANDI, E. P. & E. GUIMARÃES. (1988) Unidade e dispersão: uma questão do sujeito e do discurso. In: *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, Campinas: Ed. da UNICAMP.
- _____. (1990) *Terra à vista*. São Paulo: Cortez, Campinas: Ed. da UNICAMP, _____ *Interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PARRET, H. (1988) *Pragmática*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- PÊCHEUX, M. (1988) *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- _____. (1990) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- REY -DEBOVE, J. (1978) *Le métalangage*. Paris: Le Robert.
- TARSKY, A. (1944) The semantic conception of truth and the foundations of semantics. *Philosophy and Phenomenological Research*, 4, 341-376.
- (Recebido em abril de 1998; Aceito em setembro de 1998)

LINGÜÍSTICA E ARQUEOLOGIA
(Linguistics and Archaeology)

Pedro Paulo Abreu FUNARI (*Universidade Estadual de Campinas*)

ABSTRACT: This retrospective paper will shed light on the relations between Linguistics and Archaeology by drawing special attention to the history of Archaeology and the influence of Linguistic models for the development of archaeological interpretive frameworks. Reference will be made to culture history theoreticians, like Gordon Childe, to processual archaeologists influenced by Structuralism and to post-processual discourse analysis. The paper will conclude stressing the importance of Linguistics to archaeological thought.

RESUMO: A retrospectiva lançará luz sobre as relações entre a Lingüística e a Arqueologia, chamando atenção para a História da Arqueologia e a influência dos modelos lingüísticos para o desenvolvimento dos esquemas interpretativos da Arqueologia. Será feita referência a teóricos histórico-culturais, como Gordon Childe, a arqueólogos processuais influenciados pelo Estruturalismo e à análise de discurso pós-processual. O artigo concluirá ressaltando a importância da Lingüística para o pensamento arqueológico.

KEY WORDS: Culture History; Historical Linguistics; Structuralism; Processual Archaeology; Post-Processual Archaeology; Discourse Analysis.

PALAVRAS-CHAVE: História Cultural; Lingüística Histórica; Estruturalismo; Arqueologia Processual; Arqueologia Pós-Processual; Análise de Discurso.

0. Introdução

A Arqueologia é uma disciplina cuja multiplicidade de enfoques e especializações dificulta que se possam tecer generalizações a seu respeito. Uma primeira grande questão refere-se à sua posição em relação às outras ciências, pois alguns a consideram uma técnica, enquanto outros preferem considerá-la uma ciência. Alguns consideram-na uma disciplina auxiliar de uma ciência interpretativa maior, como a Antropologia ou a História, outros rejeitam essa dicotomia. Um grande número considera que ela estuda o

passado, embora outros admitam que pode tratar, também, do presente. Todos têm como ponto em comum, no entanto, o fato de a Arqueologia construir seu conhecimento, principalmente, a partir da cultura material (cf. Funari, 1988: 9-16).

Este preâmbulo fazia-se necessário para que se pudesse introduzir a discussão sobre a relação entre a Lingüística e a Arqueologia de forma adequada. De fato, a Arqueologia engloba uma série de disciplinas, mais específicas, cujos pontos de contato podem não ser numerosos, como a Pré-História e a Arqueologia Histórica, a paleografia e a paleobiologia, a Arqueologia Clássica e a os estudos líticos, para mencionar apenas uma fração das especializações correntes. Neste contexto, meus objetivos neste ensaio não pretendem abarcar, diretamente, as relações entre a Lingüística e a Arqueologia em todos os campos desta última e em todas as variedades teórico-metodológicas, mas, de maneira mais modesta, destacar as relações históricas e estruturais entre ambas. Na medida em que se estará buscando as origens dessas ligações, far-se-á uso do aporte da Filologia e, no que se refere ao século XX, a Lingüística será tomada em sentido igualmente amplo.

1. A Lingüística românica e o nascimento da Arqueologia

A língua, para os românicos, era uma preocupação central, e as línguas estariam ligadas a determinados locais, paisagens e clima, expressões individuais de povos específicos, a serem guardados ciosamente. Isto levou ao desenvolvimento da Filologia histórica com seus dois modelos principais, tronco e famílias lingüísticas. Na Lingüística histórica, os pressupostos de origens simples, seguidos de ramificações e divergências, identificáveis *a posteriori*, tornaram-se ubíquos na disciplina. Os modelos de tronco e família lingüísticas não favoreciam a concepção de misturas ou convergências, reforçando o axioma inicial de que cada língua teria uma essência cujos contatos históricos não alterariam nunca. Neste contexto, no final do século XVIII, o interesse pela Índia, em geral, e pelo sânscrito, em particular, levou à constatação de que a afinidade, tanto de raízes verbais, como de formas gramaticais, entre o sânscrito e as línguas européias devia explicar-se por uma origem comum. Tais povos e línguas originais foram logo designados como indo-europeus, por franceses e ingleses, e *Indogermanisch* pelos cientistas de língua alemã. Uma raça, ariana, seria a portadora dessa língua e esse povo foi logo considerado superior por fatores lingüísticos. Assim, foram

distinguidos dois tipos de língua: as línguas nobres, flexionadas, de origem espiritual, que permitiam o desenvolvimento da inteligência e o pensamento abstrato e universal, como as línguas indo-européias, e as línguas não-flexionadas, de tipo animalesco, como todas as outras.

É notável como os principais lingüistas, em particular na Alemanha, como Humboldt, estabeleceram as bases tanto das modernas ciências humanas como do novo sistema universitário (Reill, 1994: 365). Humboldt estabeleceu a superioridade cultural dos gregos, resultado de sua análise da perfeição lingüística do grego antigo, resultado, como o próprio alemão, da sua autenticidade e pureza, não contaminadas por elementos estrangeiros. Os lingüistas, ao relacionarem o grego ao sânscrito e ao criarem a noção de indo-europeus, elevaram, paralelamente, a *Philologie* ao estatuto de ciência exata (*Wissenschaft*), acima da necessidade de evidências históricas externas que validassem seus esquemas interpretativos, fundados na migração de povos portadores de línguas. A origem lingüística da vida social pode ser avaliada por uma passagem de Ernst Curtius, datada de meados do século passado:

“O povo que soube, de uma maneira tão peculiar, desenvolver o tesouro comum da língua indo-germânica foi o heleno. O primeiro feito histórico foi o desenvolvimento desta língua, feito já artístico. Entre suas irmãs, o grego deve ser considerado uma obra de arte, a tal ponto que, se dos helenos só nos restasse sua gramática, seria já um testemunho integral e válido dos dotes extraordinários e naturais deste povo. A língua toda parece o corpo de um atleta treinado, no qual cada músculo e cada tendão desenvolve-se, plenamente, sem materia inerte, tudo é poder e vida” (Curtius, citado em Bernal, 1991: 334-5).

Estabelecida a equação entre língua e raça, no contexto evolucionista do século passado, logo buscou-se no difusionismo a explicação para o desenvolvimento da civilização nos diferentes rincões (sobre a continuidade do uso do conceito de difusionismo, consulte-se Ruiz, 1996). Flinders Petrie, embora viesse de uma área técnica, com sua base na engenharia, pode ser considerado, a justo título, um dos fundadores da moderna Arqueologia, ainda que seja conhecido, em geral, como egiptólogo. Petrie dirigiu-se ao Egito, em 1880, para verificar se o que diziam sobre as pirâmides era verdade, tendo comprovado os diversos avanços técnicos dos egípcios e desenvolvido um método de classificação tipológica para ordenar os diferentes estilos da

cerâmica local. Essa tipologia, uma das bases fundamentais de toda a Arqueologia, fundava-se em uma analogia com a classificação lingüística, que se utilizava de termos como “troncos e famílias” lingüísticas, substituindo-se, apenas, a língua pela forma dos artefatos. Sir Flinders Petrie inventou a chamada “datação por seqüência” (*sequence dating*), no início deste século, ao classificar uma série de tumbas egípcias, de acordo com uma seqüência cronológica. Sua classificação partiu da cerâmica encontrada nas tumbas, que foram colocadas em uma ordem, de maneira que as diferenças eram vistas como o resultado de uma série lógica de mudanças. Por exemplo, as alças de um pote tornavam-se progressivamente menores, até serem reduzidas a uma simples linha pintada na lateral do vaso, na posição antes ocupada pela alça saliente. Classificando os potes de acordo com a progressiva diminuição do tamanho da alça obtém-se uma datação relativa da série de artefatos. A inspiração lingüística desta classificação é clara: assim como a Lingüística histórica pode reconstruir a seqüência *est* (latim), **es*, *é* (português), também o arqueólogo propôs classificar os artefatos (Deetz, 1967: 32). Os desdobramentos desta analogia lingüística seriam múltiplos e pode dizer-se que toda a Arqueologia do século XX fundou-se, como veremos adiante, nesta matriz.

A relação entre língua, raça e cultura material seria outro passo decisivo na constituição da Arqueologia. Esta equação surgiu, de maneira sintomática, na obra de um filólogo e pré-historiador alemão, Gustav Kossina (1911), cuja preocupação era determinar elementos da cultura material que correspondessem a um povo conhecido e definido por sua língua, os germanos (Jones, 1997). Partia-se do axioma que em todos os períodos, áreas culturais arqueológicas coincidem com povos ou tribos reconhecíveis, com a ocupação de um dado território e com uma língua, ou dialeto, próprios. Procurava-se distinguir, assim, os grande grupos lingüísticos, e portanto étnicos, dos germanos, eslavos e celtas, na Pré-História, bem como culturas individuais, que corresponderiam a dialetos lingüísticos, como é o caso dos vândalos ou dos lombardos (Trigger, 1989: 165). Teríamos o seguinte esquema lógico:

Línguas	Germânicas	Célticas	Eslavas
Povos	Germânicos	Celtas	Eslavos
Territórios	Germânicos	Celtas	Eslavos
Cultura material	Germânica	Celta	Eslava

Na Pré-História, caberia ao arqueólogo fazer o caminho inverso à lógica formal, que parte da existência da língua, identificando um conjunto de artefatos, que se distribuem por um território e que corresponde, necessariamente, a um povo e a uma língua, ainda que não tenhamos acesso direto a esta última. O grande divulgador desta teoria, que viria a ser conhecida como “histórico-cultural”, foi Gordon Childe, cuja advertência de que “a cultura, entretanto, se não representa necessariamente um grupo lingüístico, representa geralmente um grupo local que ocupa uma área geográfica contínua” (Childe, 1960: 17-18), não deixa dúvida quanto ao paradigma lingüístico de sua concepção de cultura:

“Sendo a linguagem um veículo tão importante na formação e transmissão da tradição social, o grupo assinalado pela posse de uma ‘cultura’ distinta provavelmente falará também uma linguagem distinta...cada língua é produto de uma tradição social e age sobre outras formas tradicionais de comportamento e pensamento. Menos familiar é o processo pelo qual as divergências de tradição atingem até a cultura material.... ‘next Friday’, na Inglaterra, transforma-se em ‘Friday first’ na Escócia...Na Irlanda e no País de Gales os trabalhadores rurais usam pás de cabos longos, ao passo que na Inglaterra e na Escócia os cabos são muito mais curtos. O trabalho realizado é, em cada caso, o mesmo, embora o manuseio do instrumento seja, evidentemente, diverso. As divergências são puramente convencionais...As divergências lingüísticas devem ser tão velhas quanto as divergências culturais identificáveis no registro arqueológico” (Childe, 1960: 15-17).

A influência da Lingüística de Saussure (1955) aparece na adaptação à cultura material de conceitos desenvolvidos para a língua. Assim, a regularidade absoluta das modificações fonéticas transforma-se em mudanças regulares na forma dos artefatos, a Lingüística geográfica, que procura explicar a dispersão das línguas e sua possível concomitância em um mesmo lugar fornece à Arqueologia um modelo de causalidade das extensões geográficas das chamadas “culturas” arqueológicas. No entanto, a leitura arqueológica de Saussure poderia ser definida como seletiva, instrumental, como se o modelo estrutural da Lingüística fosse antes um fato do que uma interpretação. Desta forma, as considerações prudentes de Saussure sobre a questão da relação entre língua, raça e mentalidade foram deixadas de lado, o que acarretaria uma separação muito nítida entre a Lingüística e a Arqueologia. Assim, Saussure alertava que língua e raça não coincidem e

que a cultura, o modo de pensar, chamado de “mentalidade”, não deriva da língua utilizada e, de forma explícita, negava a existência de uma mentalidade semita e outra indoeuropéia (Saussure, 1955: 311). Em outros termos, o caráter radicalmente arbitrário da língua, ressaltado por Saussure, foi negligenciado, a favor de uma leitura culturalista e racial.

Childe derivava, pois, o conceito de cultura, usado na Arqueologia, daquele formulado pela Lingüística e sua leitura dos axiomas correntes na Lingüística histórica (Harris, 1994), prevalecente até o pós-guerra, fazia com que também propusesse a existência de línguas e, portanto, povos e culturas, superiores, sempre a partir do critério lingüístico, como transparece, de forma mais notável, no seu livro sobre “Os arianos”, publicado em 1926: “as línguas indo-européias e sua pressuposta língua de origem foram, sempre, excepcionalmente, instrumentos delicados e flexíveis do pensamento...pelo que se pode supor que os arianos foram dotados de dotes mentais excepcionais, senão do usufruto de uma alta cultura material” (Childe, 1926: 4).

O período posterior à Segunda Guerra Mundial viria a desvalorizar os aspectos mais claramente racistas destas teorias, como reação explícita à manipulação nazista desta identificação entre raça, língua e um *ethos* imutável. No entanto, não caiu totalmente em desuso algo que havia sido popularizado pela Arqueologia no meio século anterior: a confecção de mapas das migrações de povos, falantes de certas línguas e portadores de uma cultura material específica. Assim, um mapa de supostas expansões territoriais de povos de língua germânica, feito por um arqueólogo nazista, Hans Reinerth, continuou a ser contraposto a mapas de outras expansões, como a migração de povos de fala eslava, feito por um polonês, Konrad Jazdzewski, sendo, talvez, o exemplo mais recente e elaborado aquele proposto por Colin Renfrew (1987^a); uma crítica consistente encontra-se em Kohl, 1992, 169-173). Em outros termos, a busca dos indo-europeus, por parte da Arqueologia (cf. Dolukhanov, 1995; Häusler, 1995; crítica em Funari, 1996), e a aceitação de uma relação direta entre língua, povo e evidência material continua sendo atual (cf. crítica em Jones e Graves-Brown, 1995: 7) e suas ligações com a lingüística histórica são diretas. Na América do Sul (Brochado, 1984), a Pré-História também tem buscado identificar línguas, povos e artefatos, sempre a partir dos esquemas de filiação lingüística, como no caso das línguas tupis, procurando identificar migrações de povos, com suas línguas e artefatos, estes últimos os únicos preservados arqueologicamente. A dispersão

lingüística continua a servir de modelo para a difusão de formas de objetos, como no caso dos vasos da tradição Pedra do Caboclo (cf. discussão de um caso recente, em Neves, 1998). Pode concluir-se que grande parte da Arqueologia contemporânea continua a usar os modelos da língüística de pré-guerra, sendo, provavelmente, o exemplo mais elaborado o livro de Colin Renfrew sobre “Arqueologia e Língua” (Renfrew, 1987b; cf. crítica em Huld, 1993).

2. Lingüística estrutural, Análise de discurso e Arqueologia

O período do pós-guerra testemunhou o surgimento de outras influências de desenvolvimentos da Lingüística nas demais ciências, que se somaram às anteriores, em particular na Arqueologia. A Lingüística estrutural viria a ter um impacto muito forte na Arqueologia, em particular a partir da década de 1960. Contudo, isto não significa que se tenha abandonado a analogia com a Lingüística histórica; pelo contrário, esta continuou a servir de modelo, em especial no que se refere à classificação e seriação tipológica dos artefatos. Aceitando-se a noção de que a língua passa por um nascimento, crescimento, apogeu, declínio e substituição por outra, aplicou-se o mesmo aos artefatos:

LATIM ARCAICO	ESTILO INICIAL
LATIM PRÉ-CLÁSSICO	ESTILO EM CRESCIMENTO
LATIM CLÁSSICO	ÁPICE
LATIM PÓS-CLÁSSICO	DECLÍNIO DO ESTILO
LÍNGUA ROMÂNICA	NOVO ESTILO

Este método, chamado de seriação, parte do pressuposto de que os artefatos passam por um ciclo analógico àquele de uma língua e caberia, assim, ao arqueólogo que encontra um artefato, colocá-lo na correta posição, relacionando uma suposta regra universal que afetaria línguas, artefatos e povos. Embora o esquema de nascimento, crescimento, apogeu, declínio e fim seja, de maneira direta, emprestado à vida, não à língua, sua adoção como método com estatuto de discurso científico derivou da segurança científica da análise lingüística histórica. No entanto, a seriação em Arqueologia levou a uma prática tautológica, pois a colocação dos elementos em uma ordem deriva deste ciclo *a priori*, não de datações externas independentes que mostrassem ao arqueólogo que o esquema proposto estava sempre correto. No entanto, a generalização do uso da seriação, ainda que

esta se baseie em axiomas não verificáveis, explica-se, em grande parte, pelo caráter científico da análise lingüística que estava na base do método arqueológico.

Depois disso, na década de 1960, com o desenvolvimento da chamada Arqueologia Processual, a Lingüística estruturalista exerceu uma influência determinante na formulação de uma metodologia arqueológica estritamente "lingüística". Segundo essa perspectiva, os artefatos, como as palavras, seriam os produtos da atividade motora humana, por meio da ação dos músculos e sob uma orientação mental. A forma resultante de qualquer artefato consistiria de uma combinação de unidades estruturais — os atributos — que, com determinada combinação, produz um objeto com função específica na cultura que o produziu. Se mudarmos qualquer atributo, sua significação funcional mudará, se a mudança for suficiente para alterar sua significação. Em outras palavras, haveria unidades estruturais nos artefatos, correspondentes aos fonemas e morfemas na linguagem, o que demonstraria, muito mais do que uma simples analogia, uma identidade de estrutura essencial entre a língua e os objetos. Um exemplo, apresentado por James Deetz (1967: 83-101), permite avaliar o grau de adequação do modelo lingüístico para a análise arqueológica. Ao classificarmos pontas de flecha provenientes de um determinado sítio, encontramos três tipos. Um tipo tem base e laterais retas, com uma chanfradura perto da base; outro é semelhante, mas tem base denteada; o terceiro tem lados e base retos e não tem chanfradura. Esta classificação funda-se em três atributos — chanfradura na lateral, na base e na forma dos lados.

Se aceitarmos que as chafraduras nas laterais ou na base têm algum sentido funcional, pontas de flecha idênticas, exceto pela presença ou ausência de chanfraduras nas laterais, formariam um par mínimo, distingüíveis com base em um único elemento estrutural, assim como as palavras *mata* e *bata* formam um par lingüístico mínimo. Igualmente, as pontas de flecha que são idênticas, exceto pela presença ou ausência de chanfraduras na base, formariam, também, um par mínimo, se servissem a diferentes propósitos. Esta chanfradura é, normalmente, um fator na colocação de um cabo, a maneira como a ponta da flecha era ligada à flecha, pelo que é razoável supor a existência de uma diferença funcional. Chanfradura das laterais poderia ser, portanto, considerada como equivalente a um fonema, tendo Deetz proposto o uso do neologismo *factema* para se referir a isso. A definição de

factema seria, então, a classe mínima de atributos que afeta a significação funcional do artefato. As chanfraduras poderiam variar consideravelmente de forma, contanto que a significação funcional da ponta de flecha não fosse alterada por essa variação, sendo estas variantes do factema consideradas como alofatos. A origem deste raciocínio na Lingüística estrutural é clara, pois a variação alofônica deriva, em parte, das imperfeições ou variações no aparelho produtor da fala e algumas variações nos factemas são o resultado de expressões imperfeitas do mundo mental para aquele material.

Os morfemas da Língua foram renomeados, chamados de *formemas* da cultura material, a classe mínima de objetos que tem significação funcional. Neste contexto, as pontas de flecha formam morfemas, que combinam com outros morfemas para produzir outros artefatos. Continuando no exemplo da flecha, poderíamos dizer que se constitui de cinco formemas: haste, cabeça, penas, cimento de encaixe e pintura ou desenho na haste. Cada um desses formemas pode aparecer em outros contextos, mas juntos formam algo específico. O estruturalismo lingüístico, levado, talvez, a suas últimas conseqüências por Deetz, seria adotado, de forma mais genérica e menos literal pela Arqueologia daquele período, em geral (cf. Carandini, 1979). Em alguns casos, como no estudo de petroglifos, alguns arqueólogos utilizaram o modelo da evolução lingüística para interpretar a transformação estilística, como no exemplo de uma evolução a partir de uma linha reta coroada com um ponto, ou a partir de um ângulo ou de um círculo (Porrás, 1992). De uma forma ou de outra, assim, este modelo, inspirado no estruturalismo lingüístico, continua a ser um dos mais fortes referenciais para a interpretação arqueológica.

Já na década de 1970 podia afirmar-se que “a preocupação central das ciências do homem é a linguagem” (Vogt, 1989: 62). A Lingüística, no entanto, passou a incorporar outras abordagens, em particular introduzindo uma noção sócio-histórica de discurso, de maneira que se entende que as condições sociais determinam mesmo as propriedades do discurso (Fairclough, 1990: 17; 155). A introdução das classes sociais e dos contextos históricos específicos (Kress e Hodge, 1979) e a valorização do exosemiótico, para usar um termo de Lagopoulos (1986: 234), representou uma nova onda de influência lingüística, a partir de autores como Rossi-Landi (1975; 1986). Para a Arqueologia Pós-Processual, iniciada na década de 1980, a cultura material poderia ser considerada como um sistema de sinais em código que

constitui sua própria língua material, ligada à produção e ao consumo. Esta linguagem, entretanto, não reflete, de forma direta, as estruturas significativas de uma língua em outra forma, como se, a cada passo, a analogia entre sistema de linguagem verbal e material devessem corresponder rigorosamente. Como a língua, a cultura material é uma prática, práxis simbólica com produto de significado determinado e específico, que precisa ser situado e compreendido em relação à estrutura global do social (Shanks e Tilley, 1987: 101).

Se, para Saussure, a relação entre significante e significado era inteiramente arbitrária então, e seguindo os passos de Derrida (1976; 1978), Barthes (1977) e Foucault (1981), as oposições e diferenças poderiam ser estendidas indefinidamente. Na medida em que o significado é dado pela diferença, mais do que pela identidade, a linguagem não pode ser um sistema fechado. Os sentidos dos sinais são sempre ambíguos, pois se um sinal é constituído pelo que não é, pela diferença, com relação aos outros, não pode haver uma relação fixa entre um significante e um significado, já que o significado é, imediatamente, o significante de um outro significado. O sentido, portanto, é o resultado de um jogo sem fim de significantes. Na esteira destas preocupações, pode considerar-se a cultura material como um discurso material estruturado e silencioso, ligado às práticas sociais e às estratégias de poder, interesse e ideologia. Se a própria Lingüística é uma empreitada que não dispensa a pluralidade de pontos-de-vista (Barthes, 1968: 84), uma ideologia (Rajagopalan, 1996), a mesma subjetividade passou a ser elemento central da Lingüística apropriada pelas outras ciências humanas (Iggers, 1995: 560). Os fundamentos semióticos das ciências (Grzybek, 1994) implicavam em considerar a própria textualidade do discurso acadêmico.

Na Arqueologia, há dois discursos a serem analisados: aquele da cultura material e sua representação, em forma de texto, sobre a cultura material. A discursividade da cultura material, objeto de atenção básica da Arqueologia, tem merecido particular consideração. A cultura material pode ser concebida como constituída por uma série de signos metacríticos, signos cujo sentido mantém-se radicalmente disperso por uma cadeia aberta de significantes-significados. O sentido do registro arqueológico, nesta perspectiva, não se reduz aos seus elementos constitutivos mas o que se busca são as estruturas, e os princípios que compõem essas estruturas, subjacentes à tangibilidade visível da cultura material. A análise visa, assim, descobrir o que está oculto nas presenças observáveis, levar em conta as ausências, as co-presenças e

co-ausências, as semelhanças e diferenças que constituem o padrão da cultura material em um contexto espacial e temporal específico. Os princípios que regem a forma, natureza e conteúdo deste padrão encontram-se tanto em termos de micro-relações (como um conjunto de desenhos em um vaso cerâmico) quanto de macro-relações (como o conjunto de relações entre assentamentos e enterramentos), estando sempre inextricavelmente ligados.

Segundo estas abordagens, a cultura material não significa tanto uma relação entre as pessoas e a natureza, como relações entre grupos, relações de poder, portanto. A forma das relações sociais fornece uma rede na qual a força sógnica da cultura material permite definir, redefinir, organizar e transformar essa mesma rede (*grid*). As próprias relações sociais articulam-se em um campo de significado parcialmente estruturado pelo pensamento e pela linguagem, sendo capaz de reforçar os sentidos reificados e inscritos na cultura material. A cultura material como constituída por cadeias de significantes-significados não deve ser tratada de forma simplista, como se representasse algo em particular, como, por exemplo, se o uso do vermelho estivesse sempre a indicar o sangue ou se vasos de certa forma fossem considerados de uso feminino, e outros de uso masculino. A força sógnica da cultura material depende da estrutura das suas inter-relações e o sentido de qualquer artefato específico está sempre interseccionado pelo sentido de outros artefatos. Os artefatos, assim, formam elos em uma cadeia de objetos, em um campo aberto de signos. De acordo com estas leituras da Lingüística aplicadas à Arqueologia, seria falso considerar que a cultura material expressa exatamente o que se exprime na língua, com uma simples mudança de forma (da voz para a matéria). A importância da cultura material como força sógnica consiste na sua diferença em relação à linguagem, ainda que esteja envolvida na comunicação de sentidos. Os sentidos podem ser comunicados por meio de ações, falas e artefatos, mas o meio altera a natureza e a efetividade da mensagem (Shanks e Tilley, 1987: 102-117).

A cultura material revela sua estrutura e princípios subjacentes por meio da repetição. Como um discurso comunicativo, ela solidifica, codifica e reifica as relações sociais nas quais ela viceja e das quais deriva, a um só tempo. A ação social é o produto do discurso e deste surgem tanto a ação como a cultura material, que menos significam as relações sociais do que as estabelecem e fixam. Pode afirmar-se, em consequência, que os artefatos constituem um código de signos que se trocam. A produção, utilização e

consumo de cultura material, por parte do indivíduo, pode ser considerada como um ato de bricolagem. A partir desta perspectiva, uma série de estudos têm sido feitos, marcando, provavelmente, uma inflexão o livro de Ian Hodder (1982), significativamente intitulado “Símbolos em ação”. Pode comparar-se a abordagem proposta, a partir dos anos 1980, com aquelas que estudamos nas páginas precedentes deste ensaio, a partir do exemplo da análise da cerâmica Dangwara, da Índia (Miller, 1985). Miller representa o quadro simbólico formal que sumariza a variabilidade da cerâmica na sociedade dangwara, estabelecida ao relacionar as formas dos potes, as cores e os usos às categorias culturais e aos códigos, como comidas, gênero e casta. As diferentes classificações das categorias cerâmicas, de acordo com a cor, rótulo semântico e função, foram relacionando o código cerâmico a outros códigos ou sistemas de classificação.

Esta Arqueologia “intérprete” parte do pressuposto que o mundo social é polissêmico (Shanks e Hodder, 1995: 8) e que, como qualquer outra disciplina, a Arqueologia constrói seu objeto por meio de um discurso e possui, portanto, um caráter narrativo (Munslow, 1997: 5). Caracterizado o arqueólogo como um *storyteller* (Shanks e McGuire, 1996: 82), um segundo nível discursivo passou a ser objeto de atenção: o próprio discurso da Arqueologia. Um clássico desta nova inflexão pode ser considerado o estudo de Christopher Tilley (1989) sobre “Discurso de poder: o gênero da conferência inaugural de Cambridge”. Desde que a cátedra de Arqueologia foi fundada por John Disney, em 1851, em Cambridge, sucederam-se dez catedráticos, sendo que os últimos quatro discursos de posse da cátedra, por Dorothy Garrod (1938), Grahame Clark (1952), Glyn Daniel (1974) e Colin Renfrew (1981), foram analisados como um gênero literário dotado de uma retórica própria. A aula inaugural, encarada como um rito de passagem, possui alguns princípios típicos desse gênero literário: referência aos catedráticos anteriores, citações das conferências inaugurais anteriores, a importância de Cambridge, seu internacionalismo, um estilo erudito, com referências abundantes e em línguas estrangeiras. Uma linha de investigação importante da Arqueologia da última década, portanto, passou a ser o estudo do discurso dos próprios arqueólogos, não apenas, nem principalmente, em escritos programáticos, como as conferências inaugurais, mas em sua produção quotidiana sobre os mais variados temas. Assim, a identificação de grupos étnicos, no registro arqueológico, passou a ser investigada, justamente, como uma construção textual que constitui tradições discursivas arqueológicas sobre

o tema (Jones, 1997). Não se trata mais de tentar “descobrir” os vestígios dos “germanos”, mas de entender como se constrói um discurso sobre grupos étnicos a partir da cultura material.

Os exemplos poderiam ser multiplicados e não se imagine que essas preocupações discursivas restrinjam-se a um grupo reduzido de estudiosos, pois a própria produção de divulgação da Arqueologia para o grande público, a seu modo, incorporou essas novas abordagens. Assim, o manual de Rahtz (1986: 109-110), um *best seller* já traduzido para o português, incorpora, de forma jocosa, esse caráter inevitavelmente discursivo do escrito arqueológico, por mais objetivo, empírico e factual que se pretenda. Apresenta um engraçado guia para a leitura e decifração dos áridos relatos de escavação que merece ser citado: quando se lê “é razoável sugerir que...”, leia-se “não é razoável, mas seria ótimo se fosse assim...”; ou então, “não pode haver dúvida que...” deve ser entendido como “qualquer um que não concorde se sentirá um tolo...”. Em outros termos, as certezas empíricas das décadas passadas foram substituídas por um saudável alerta de que também o arqueólogo, está a produzir um texto a ser analisado enquanto tal.

Pode concluir-se que a Arqueologia, umbelicalmente ligada à Lingüística, continua a receber seus influxos e, em certo sentido, a construir-se como ciência, tendo a Lingüística como referencial maior. A História da própria disciplina vincula-se à Lingüística e, nos últimos anos, tem-se, com mais e mais freqüência, voltado para uma introspecção que inclui a análise metalingüística do próprio discurso arqueológico (Tilley, 1989: 62). A Arqueologia, como disciplina crítica e criativa, continuará a dialogar, de forma muito intensa, com a Lingüística, em suas mais variadas manifestações.

* AGRADECIMENTOS

Agradeço a Rajagopalan Kanavilil o convite para que escrevesse este ensaio e aos seguintes colegas, que me ajudaram de diferentes maneiras: Martin Bernal, Siân Jones, Philip L. Kohl, Alexandros-Phaidon Lagopoulos, Randall McGuire, Eduardo Goes Neves, Michael Shanks, Bruce G. Trigger. Os comentários de dois *referees* anônimos ao manuscrito permitiram-me diminuir suas deficiências, mas aquelas que permanecem são de minha responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. (1968). *Elementi di Semiologia. Linguistica e scienza delle significazioni*. Turim: Bonomi.

- _____ (1997). *Image, music, text*. Nova Iorque: Hill and Wang.
- BERNAL, M. (1991). *Black Athena, The Afroasianic Roots of Classical Civilization*, volume I, *The Fabrication of Ancient Greece, 1785-1985*. Londres: Vintage Press.
- BROCHADO, J. P. (1984). *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Urbana, PhD Thesis.
- CARANDINI, A. (1979). *Linguaggio dei manufatti: dagli strumenti alle arti*. In: Andrea Carandini, *Archeologia e cultura materiale, dai 'lavori senza gloria' nell'antichità a una politica dei beni culturali*. Bari: De Donato. 101-112.
- CHILDE, V. G. (1926). *The Aryans*. Londres: Kegan Paul.
- _____ (1960). *O Que Aconteceu na História*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar (original de 1942).
- DEETZ, J. (1967). *Invitation to Archaeology*. Nova Iorque: The Natural History Press.
- DERRIDA, J. (1976). *Of Grammatology*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- _____ (1978). *Structure, sign, and play in the discourse of the human sciences*. In: J. Derrida, *Writing and difference*. London: Routledge and Kegan Paul.
- DOLUKHANOV, P. M. (1995). *Archaeology and Linguistics: theories old and new*. In: Martin Kuna and Natalie Venclová (orgs), *Whither Archaeology?* Praga: Institute of Archaeology. 204-210.
- FAIRCLOUGH, N. (1990). *Language and power*. London: Longman.
- FOULCAULT, M. (1981). *The order of discourse*. In: R. Young (org.), *Untying the text*. Londres: Routledge and Kegan Paul. 123-154.
- FUNARI, P. P. A. (1988). *Arqueologia*. São Paulo: Ática.
- _____ (1996). *Pluralism and divisions in European archaeology*. *Journal of European Archaeology* 4: 384-385.
- GRZYBEK, P. (1994). *Semiotics of history - historical cultural semiotics*. *Semiotica* 98 (3/4): 341-356.
- HARRIS, D. R. (1994). *The Archaeology of V. Gordon Childe*. Londres: University College Press.
- HÄUSLER, A. (1995). *Über Archäologie und Ursprung der Indogermanien*. In: Martin Kuna and Natalie Venclová (orgs.), *Whither Archaeology?* Praga: Institute of Archaeology. 211-229.
- HODDER, I. (1982). *Symbols in action*. Cambridge: Cambridge University Press.

- HULD, M. E. (1993). Early Indo-European weapons terminology. *Word* 44 (2): 223-234.
- IGGERS, G. G. (1995). Zur 'linguistischen Wende' im Geschichtsdenken und in der Geschichtsschreibung. *Geschichte und Gesellschaft* 21: 557-570.
- JONES, S. e GRAVES-BROWN, P. (1995). Introduction, Archaeology and cultural identity in Europe. In: Paul Graves-Brown, Siân Jones and Clive Gamble (orgs.), *Cultura Identity and Archaeology*. Londres: Routledge. 1-24.
- JONES, S. (1997). *The Archaeology of Ethnicity, constructing identities in the past and present*. Londres: Routledge.
- KOHL, P. L. (1992). Ethnic strife: a necessary amendment to a consideration of class struggle in Antiquity. In: Christine Ward Gailey (org.), *Civilization in Crisis, Anthropological Perspectives*. Gainesville: University of Florida Press. 167-179.
- KOSSINA, G. (1911). *Die Herkunft der Germanen*. Leipzig: Kabitzsch.
- KRESS, G. e HODGE, R. (1979). *Language as ideology*. London: Routledge and Kegan Paul.
- LAGOPOULOS, A.-P. (1986). Semiotics and history: a Marxist approach. *Semiotica* 59 (3/4): 215-244.
- MILLER, D. (1985). *Artefacts as categories*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MUNSLow, A. (1997). *Deconstructing history*. Londres: Routledge.
- NEVES, E. G. (1998). De onde surgem os modelos? As origens e expansões tupi na Amazônia central. *Revista de Antropologia* (no prelo).
- PORRAS, P. I. (1992). Petroglifos, Altos del Misaguallí, Alto Napo, Ecuador. In: MEGGERS, Betty J. (org.), *Prehistoria sudamericana, nuevas perspectivas*. Washington: Taraxacum. 359-368.
- RAJAGOPALAN, K. (1996). Linguistics, ideology and the ethical question. Unpublished typescript.
- RAHTZ, P. (1986). *Invitation to Archaeology*. Oxford: Basil Blackwell.
- REILL, P. H. (1994). Science and the constructions of the cultural sciences in the Late Enlightenment Germany: the vase of W. von Humboldt. *History and Theory* 33 (3): 345-366.
- RENFREW, C. (1987a). "Archaeology and Language. The Puzzle of Indo-European Origins". *Current Anthropology* 29: 437-441.
- _____ (1987b). *Archaeology and Language. The puzzle of Indo-European origins*. London: Penguin books.
- ROSSI-LANDI, F. (1975). *Linguistics and economics*. The Hague: Mouton.

- RUIZ, A. (1996). A diverse Europe: an archaeological perspective. *Journal of European Archaeology* 4: 1-18.
- SAUSSURE, F. de. (1955). *Cours de Linguistique Générale*. Paris, Payot (original de 1915).
- SHANKS, M. e IAN, H. (1995). Processual, postprocessual and interpretive archaeologies. In: Ian HODDER *et alii* (orgs), *Interpreting Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press. 3-29.
- SHANKS, M. e MCGUIRE, R. (1996). The craft of archaeology. *American Antiquity* 61 (1): 75-88.
- SHANKS, M. e TILLEY, C. (1987). *Social Theory and Archaeology*. Oxford: Polity Press.
- TILLEY, C. (1989). Discourse and power: the genre of the Cambridge inaugural lecture. In: Daniel MILLER, Michael ROWLANDS e Christopher TILLEY (orgs.). *Domination and Resistance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TRIGGER, B. G. (1989). *A History of the Archaeological Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VOGT, C. (1989). *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec.
(Recebido em dezembro de 1997; Aceito em abril de 1998)

661

SENDAS E VEREDAS DA SEMIÓTICA NARRATIVA E DISCURSIVA
(Towards a Semiotics Theory)

José Luiz FIORIN (*Universidade de São Paulo*)

ABSTRACT: This work analyses the development of a recent discourse theory, namely French Semiotics. It refers to the principles that form the basis of that theory, its progress regarding the establishment of a meaning generative process, the course it has followed towards the complexification of the narrative level through a study of the modalizations of doing and being, ranging from the building up of theory concerned with the pragmatic dimension of the narrative to a theory focused on the cognitive and pathematic dimensions of the narrative. Furthermore, this work examines current paths of investigation which seek to analyse not only what underlies but also what goes on beyond discourse. In the first case, by means of the concepts of aesthesis, aspectualization and modulation, the recovering of the signification pre-conditions continuum in discourse is investigated; in the second case the problem of the relationship between the level of content and level of expression is examined.

RESUMO: Este trabalho analisa o desenvolvimento de uma das teorias recentes do discurso: a Semiótica francesa. Mostra os princípios sobre os quais se constituiu, sua marcha no estabelecimento do percurso gerativo de sentido, os caminhos de complexificação do nível narrativo, com o estudo das modalizações do fazer e do ser, passando da constituição de uma teoria da dimensão pragmática da narrativa para a de suas dimensões cognitiva e patêmica. Em seguida, examina os caminhos atuais da investigação, em que se busca estudar um aquém e um além do percurso. Naquele, com os conceitos de estesia, aspectualização e modulação, investiga-se a recuperação no discurso do contínuo das pré-condições de significação; neste, examina-se o problema da relação entre plano do conteúdo e plano da expressão.

KEY WORDS: Semiotics; Generative process; Passions; Semi-symbolism; Aspectualization; Modalization.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Percurso gerativo; Paixões; Semi-simbolismo; Aspectualização; Modalização.

O caminhante faz seu caminho ao caminhar.
(Antônio Machado)

A Linguística criou, a partir do século XIX, diferentes objetos teóricos: a *langue*, a competência, a variação, a mudança e o uso. Deste último ocupam-se as diferentes teorias pragmáticas, textuais e discursivas. Pode-se, com razão, perguntar se se trata de um objeto teórico ou de mais de um, dado que essas diferentes teorias, aparecidas na segunda metade do século XX, investigam esse objeto com fundamentos teóricos muito diversos, dialogam com quadros teóricos muito diferentes (a lógica, a antropologia estrutural, as ciências cognitivas, a psicanálise lacaniana, o marxismo, etc.) e apresentam graus distintos de formalização. Todos esses estudos, porém, têm algo em comum: ocupam o “vão entre pontos estáveis”, embaralham diferenças bem estabelecidas pelos estudos lingüísticos anteriores (Barros, 1996: 184).

Abandonemos a pragmática, para nos determos nas teorias do discurso e do texto. Cinco têm sido as orientações teóricas mais praticadas no Brasil: a Análise do Discurso de linha francesa, a Análise do Discurso de extração anglo-saxã, a Análise da Conversação, a Linguística Textual e a Semiótica Narrativa e Discursiva, também de origem francesa. Não é objetivo deste texto estabelecer as diferenças entre as distintas teorias discursivas e textuais, mas buscar estabelecer, de maneira crítica, o percurso de uma delas: a Semiótica Narrativa e Discursiva.

É preciso alertar que o fazer teórico da semiótica é aspectualizado imperfectivamente, o que significa que não constitui ela uma teoria pronta e acabada, mas um projeto, um percurso. Não está *facta*, mas *in fieri*. Por isso, a todo momento, está repensando-se, modificando-se, refazendo-se, corrigindo-se. É essa trajetória que vamos buscar.

Greimas começa sua obra fundadora, *Semântica estrutural*, mostrando que sendo a significação onipresente e multiforme (1973:15), a ponto de o mundo humano definir-se “essencialmente como um mundo de significação”, de só poder “ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa” (1973:11), o denominador comum das ciências humanas é a pesquisa acerca da significação (1973:11). Diz ele que “se as ciências da natureza se indagam para saber como são o homem e o mundo, as ciências do homem, de maneira mais ou menos explícita, se interrogam sobre o que significam

um e outro” (1973:11). Assim, o problema da significação é central para as ciências humanas. Apesar disso, não se tinha, segundo ele, na época, uma disciplina científica adequada para tratar dessa questão, dado que “a semântica foi sempre a parente pobre da lingüística” (1973:12). A lingüística, que “teve a possibilidade de aparecer como a disciplina mais bem situada” para estudar a significação (1973:11), mostrou-se “de maneira geral, mais que reticente, até mesmo hostil a toda pesquisa semântica” (1973:12). A semântica, cuja denominação só se forjou em fins do século XIX, diz Greimas, “foi precedida, no quadro do desenvolvimento da lingüística histórica, inicialmente pela fonética, mais aprimorada, e depois pela gramática. Embora denominada e instaurada, a semântica procurou tomar emprestados seus métodos quer da retórica clássica, quer da psicologia da introspecção” (1973:12). “A lingüística estrutural seguiu, no seu desenvolvimento, a mesma ordem de prioridade. A Escola de Praga fundamentou solidamente a fonologia; a Escola de Copenhagen, que a seguiu imediatamente, preocupou-se com a elaboração da teoria lingüística, que procurava aplicar à renovação dos estudos gramaticais. O esquecimento da semântica é patente e voluntário” (1973:12-13), porque se discutiam as seguintes questões: se a semântica tem um objeto homogêneo, se a significação se deixa analisar estruturalmente, enfim, se se pode considerar a semântica uma disciplina lingüística (1973:13).

Segundo Greimas, são três os motivos que “explicam as reticências dos lingüistas em relação às pesquisas sobre a significação”: “o retardamento histórico dos estudos semânticos, as dificuldades próprias à definição do seu objeto e a onda de formalismo” (1973:13). É preciso lembrar que o formalismo contra o qual se coloca Greimas é o formalismo behaviorista, que distinguia forma de conteúdo. Como se vai verificar, Greimas acolherá e operacionalizará a distinção forma e substância proposta por Hjelmslev (1968), bem como considerará formalismo diferente de formalização, sendo esta uma atitude científica que visa a construir modelos formais para explicar os dados da experiência e, principalmente, que utiliza sistemas formais baseados numa axiomática. Diz ele que a formalização é uma necessidade na elaboração de uma teoria científica.

Diante do fato de que o problema da significação é central para as ciências humanas e de que não havia uma disciplina científica adequada para tratar da significação, Greimas propôs “refletir acerca das condições pelas quais seja possível um estudo científico da significação” (1973:14). Em outras

palavras, construir uma semântica. Essa semântica não seria uma semântica lógica, que se ocupasse do estudo das condições de verdade de uma frase, tendo em mira o exame dos aspectos vericondicionais de interpretação dos enunciados, ou seja, das condições requeridas para que os enunciados sejam verdadeiros. Ao contrário, seria uma semântica lingüística, que se ocuparia da análise da significação tal como é fornecida pelo código da língua. A Semiótica não se interessa pela verdade dos enunciados, mas por sua veridicção, isto é, pelos efeitos de sentido de verdade com os quais um discurso se apresenta como verdadeiro, falso, mentiroso, etc.

Essa semântica deveria ser gerativa, sintagmática e geral. É uma teoria sintagmática, porque seu escopo é estudar a produção e a interpretação dos textos. Aqui se produz o primeiro deslocamento produzido pela Semiótica. Sua totalidade não é o plano de conteúdo das línguas naturais, mas o texto. Assim, não se interessa em detectar o conjunto de categorias responsáveis pela criação dos sentidos das palavras de uma dada língua, como postulava Hjelmslev (1991:111-127), mas as diferenças produtoras do sentido do texto.

É geral, porque se interessa por qualquer tipo de texto, independentemente de sua manifestação. Postula que o conteúdo pode ser analisado separadamente da expressão, uma vez que o mesmo conteúdo pode ser veiculado por diferentes planos de expressão (por exemplo, uma negativa pode ser manifestada pela palavra *não* ou por um gesto da cabeça ou do indicador). É, por conseguinte, uma teoria geral dos textos, quer se manifestem verbalmente, visualmente, por uma combinação de planos de expressão visual e verbal, etc. Num primeiro momento da análise, faz abstração da manifestação, para examinar o plano do conteúdo, e só depois vai estudar as especificidades da expressão e sua relação com o significado.

É uma teoria gerativa, porque concebe o processo de produção do texto como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, num processo de enriquecimento semântico. Isso significa que vê o texto como um conjunto de níveis de invariância crescente, cada um dos quais suscetível de uma representação metalingüística adequada. O percurso gerativo de sentido não tem um estatuto ontológico, ou seja, não se afirma que o falante na produção do texto passe de um patamar ao outro num processo de complexificação semântica. Constitui ele um simulacro metodológico, para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo.

A noção do percurso gerativo de sentido radica-se no trabalho de Propp sobre a narrativa. Este busca as invariantes narrativas, os elementos que fazem que uma narrativa seja uma narrativa. Num procedimento semelhante ao do fonólogo, que se indagava, diante da imensa variedade da realização dos sons, como os falantes compreendiam sempre a mesma unidade fônica da língua, Propp desejava revelar as regularidades subjacentes à imensa variedade das narrativas; procurava apreender, em meio à diversidade imensa de modos de manifestação da narrativa (oral, escrita, gestual, pictórica, etc.), de tipos de narrativa (mitos, contos, romances, epopéias, tragédias, comédias, fábulas, etc.) e de realizações concretas, as invariantes narrativas. Separa dessa forma uma *langue* narrativa de uma *parole* narrativa. Como os fonólogos que distinguiram os *fonemas*, unidades da língua, dos *sons*, unidades da *parole*, diferencia as estruturas abstratas e invariantes dos seus revestimentos concretos, responsáveis pela “singularidade” de cada narração tomada individualmente (ver Barthes, 1971:18-19). Para Propp, por exemplo, *o doador do objeto mágico* é uma unidade dessa *langue* narrativa, enquanto *o peixe que dá uma escama ao herói* é uma unidade de sua *parole*. Para Greimas, a mesma coisa se passa em relação à *aquisição do poder fazer* e ao *juntar dinheiro para comprar um apartamento*. Em síntese, ambos buscam identificar um número finito de unidades diferenciais e de regras combinatórias responsáveis pelo engendramento das relações internas. Seu objetivo era, pois, definir a estrutura da narrativa: o conjunto fechado de relações internas que se estabelecem entre um número finito de unidades. Esse procedimento procurou transpor para além dos limites da frase, que era até então a unidade última para os lingüistas, os métodos da lingüística estrutural (Barthes, 1971:21-22).

Por outro lado, a idéia do percurso gerativo de sentido parte da constatação de que é preciso explicar o fato de que o discurso é da ordem da estrutura e do acontecimento. Assim, é necessário detectar invariantes, mas também descrever a variabilidade histórica que reveste essas invariantes. O modelo não é genético, mas gerativo, ou seja, busca ser preditivo e explicativo.

O projeto semiótico filia-se à tradição saussuriana. De um lado, tem por objeto não o significado, mas a significação, isto é, um conjunto de relações responsáveis pelo sentido do texto. Postula que o sentido não é algo isolado, mas surge da relação. Só há sentido na e pela diferença. Assim, os efeitos de sentido percebidos pelo falante pressupõem um sistema

estruturado de relações. Por conseguinte, a Semiótica não visa propriamente ao sentido, mas a sua arquitetura, não tem por objetivo estudar o conteúdo, mas a forma do conteúdo. Em termos mais simples, poder-se-ia dizer que a Semiótica deseja menos estudar o que o texto diz ou por que diz o que diz e mais como o texto diz o que diz. De outro lado, procura realizar o projeto saussuriano, que preconiza que a Linguística seria parte de uma ciência mais geral, a Semiologia, que, segundo o lingüista genebrino, estudaria os diferentes sistemas de signos e as leis que os regem (1969: 24). A Semiótica demarcase da Semiologia e, por isso, assume outro nome, porque, ao incorporar o conceito saussuriano de valor, torna-se uma teoria da significação, que tem por escopo descrever a produção e a compreensão do sentido, e não uma teoria do signo. Enquanto a Semiologia buscava descrever sistemas de signo, como, por exemplo, o sistema de signos da heráldica (Mounin, 1970:103-115), a Semiótica visa a compreender o sistema de diferenças responsáveis pela produção de sentido de um texto.

Na *Semântica estrutural*, estava a idéia de que o discurso comporta níveis de invariância, mas não estava ainda constituído o percurso gerativo, tal como o concebe a Semiótica hoje. Analisemo-lo rapidamente.

O percurso gerativo é constituído de três patamares: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas. Vale lembrar que estamos no domínio do conteúdo. As estruturas discursivas serão manifestadas como texto, quando se unirem a um plano de expressão no nível da manifestação. Cada um dos níveis do percurso tem uma sintaxe e uma semântica.

Na Gramática, a sintaxe opõe-se à morfologia. Esta ocupa-se da formação das palavras e da expressão das categorias gramaticais por morfemas; aquela, da combinação de palavras, para formar orações, e de orações, para constituir períodos. Na Semiótica, a sintaxe contrapõe-se à semântica. Aquela é o conjunto de mecanismos que ordena os conteúdos; esta, os conteúdos investidos nos arranjos sintáticos. Observe-se, no entanto, que não se trata de uma sintaxe puramente formal, ou seja, não se opõem sintaxe e semântica como o que não é dotado de significado e o que tem significado. Um arranjo sintático é dotado de sentido. Por conseguinte, a distinção entre esses dois componentes reside no fato de que a semântica tem uma autonomia maior do que a sintaxe, o que significa que se podem investir diferentes conteúdos semânticos na mesma estrutura sintática.

Analisemos agora cada um dos patamares do percurso gerativo de sentido. O nível fundamental compreende a(s) categoria(s) semântica(s) que ordena(m), de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto. Uma categoria semântica é uma oposição tal que *a* vs *b*. Podem-se investir nessa relação oposições como *vida vs morte*, *natureza vs cultura*, etc. Negando-se cada um dos termos da oposição, teremos *não a* vs *não b*. Os termos *a* vs *b* mantêm entre si uma relação de contrariedade. A mesma coisa ocorre com os termos *não a* vs *não b*. Entre *a* e *não a* e *b* e *não b* há uma relação de contraditoriedade. Ademais, *não a* mantém com *b*, assim como *não b* com *a*, uma relação de implicação. Os termos que mantêm entre si uma relação de contrariedade podem manifestar-se unidos. Teremos um termo complexo, quando houver uma unidade *a + b*; e um termo neutro, quando se estabelecer a união de *não a* com *não b*. Esse conjunto de relações é muito importante, para analisar a especificidade de alguns textos, cuja sintaxe fundamental se caracteriza pela presença de termos complexos ou neutros. É o caso, por exemplo, do mito. Mircea Eliade (270: 242) dizia que ele é a *coincidentia oppositorum*. Ora, se analisarmos seus mecanismos de estruturação do sentido, veremos que ele se define por operar com termos que unem opostos, ou seja, com termos que englobam elementos semânticos contrários. O mito grego do andrógino, por exemplo, conta que esse ser reunia a masculinidade e a feminilidade. No âmbito da mitologia cristã, Cristo junta a divindade e a humanidade; os anjos englobam a não humanidade e a não divindade; a Virgem Maria articula a maternidade e a virgindade.

Essa categoria semântica do nível fundamental é, então, o elemento mais simples e abstrato de ordenamento dos múltiplos conteúdos do texto. O discurso ecologista articula-se em torno da oposição semântica /civilização/ vs /natureza/. Estabelecer a categoria semântica de base não é, porém, o objetivo último da análise. É apenas apreender a articulação mais geral do texto. Para compreender, no entanto, toda a sua complexidade é preciso ir remontando aos níveis mais concretos e complexos do percurso.

Ainda no nível fundamental, os elementos em oposição transformam-se em valores. Isso é feito sobremodalizando-os com um traço de positividade ou negatividade, ou em termos mais precisos, com os traços /euforia/ e /disforia/. Dois textos podem, por exemplo, trabalhar com a mesma categoria semântica, mas axiologizá-la diferentemente e isso vai produzir discursos completamente distintos. Poderíamos, por exemplo, dizer que o discurso

dos ecologistas sobre a Amazônia e o dos madeireiros sobre a mesma questão operam com a mesma categoria semântica /civilização/ vs /natureza/. Entretanto, enquanto aqueles consideram o primeiro termo da oposição negativo e o segundo positivo, estes fazem exatamente o contrário. O romance *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, constrói-se sobre a categoria /civilização/ vs /natureza/, contrapondo uma à outra. Na primeira parte, a civilização tem valor positivo e a natureza, valor negativo. Na segunda parte, a axiologia se inverte.

a) Toda a intelectualidade nos campos se esteriliza, e só resta a bestialidade. Nesses reinos crassos do vegetal e do animal duas únicas funções se mantêm vivas, a nutritiva e a procriadora. Isolada, sem ocupação, entre focinhos e raízes que não cessam de sugar e de pastar, sufocando no cálido bafo da universal fecundação, a sua pobre alma toda se engelhava, se reduzia a uma migalha de alma, a uma fagulhazinha espiritual a tremeluzir, como morta, sobre um naco de matéria; e nessa matéria dois instintos surdiam, imperiosos e pungentes, o de devorar e o de gerar. Ao cabo de uma semana rural, de todo o seu ser tão nobremente composto só restava um estômago e por baixo um falo! A alma? Sumida sob a besta. E necessitava correr, reentrar na cidade, mergulhar nas águas lustrais da civilização, para nelas largar a crosta vegetativa, e ressurgir reumanizado, de novo espiritual e jacíntico! (p. 379-380)

b) Mas eu, ávido pela história daquela ressurreição:
- Então não estiveste em Lisboa?... Eu telegrafei...
Qual telégrafo! Qual Lisboa! Estive lá em cima, ao pé da fonte da Lira, à sombra duma grande árvore, *sub tegmine* não sei quê, a ler esse adorável Virgílio... E também a arranjar o meu palácio! Que te parece, Zé Fernandes? Em três semanas, tudo soalhado, envidraçado, caiado, encadeirado!... (p. 474)

Passemos agora ao segundo patamar: as estruturas narrativas. Uma narrativa mínima define-se como uma transformação de estado. Este organiza-se da seguinte forma: um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto. Temos, pois, dois tipos de estado: um disjunto e um conjunto. Quando dizemos *Pedro é rico*, temos um sujeito *Pedro* em relação de conjunção com um objeto *riqueza*. Quando afirmamos *Pedro não é rico*,

temos um sujeito *Pedro* em relação de disjunção com um objeto *riqueza*. A transformação é, por conseguinte, a mudança da relação entre sujeito e objeto. Se há dois tipos de objetos, as transformações possíveis serão também duas: de um estado inicial conjunto para um estado final disjunto e de um estado inicial disjunto para um estado final conjunto. Assim, o pequeno texto *Um faxineiro de São Paulo ganhou um milhão de dólares na Sena* é uma narrativa, porque contém uma transformação de um estado inicial disjunto, em que o sujeito *faxineiro* estava em disjunção com a *riqueza*, para um estado final em que o mesmo sujeito está em conjunção com o objeto.

As transformações narrativas articulam-se numa seqüência canônica, assim chamada, porque, de um lado, revela a dimensão sintagmática da narrativa e, de outro, mostra as fases obrigatoriamente presentes no simulacro da ação do homem no mundo, que é a narrativa. A primeira fase é a *manipulação*. Nela, um sujeito transmite a outro um querer e/ou um dever. Essa fase pode ser concretizada como um pedido, uma súplica, uma ordem, etc. Temos, por exemplo, uma manipulação por provocação, quando o manipulador diz ao manipulado que ele é incapaz de realizar uma ação, esperando que, como reação, ele a execute com vistas a provar que é perfeitamente capaz de fazê-la. A segunda fase é a da *competência*. Nela, um sujeito atribui a outro um saber e um poder fazer. Quando, num conto maravilhoso, uma fada dá a um príncipe um objeto mágico, que lhe permitirá realizar uma ação extraordinária, está dando-lhe um poder fazer, figurativizado pelo referido objeto mágico. A terceira fase é a *performance*. Nela, ocorre a transformação principal da narrativa. Num conto de fadas em que a princesa foi raptada pelo dragão, a performance será a libertação da princesa. A última fase é a da *sanção*. Temos dois tipos de sanções, a cognitiva e a pragmática. Aquela é o reconhecimento por um sujeito de que a performance de fato ocorreu. Em muitos textos, essa fase é muito importante, porque é nela que as mentiras são desmascaradas, os segredos são desvelados, etc. A sanção pragmática pode ou não ocorrer. Pode ser um prêmio ou um castigo. Na chamada narrativa conservadora, porque tem a finalidade de reiterar os valores colocados na fase da manipulação, os bons são premiados e os maus castigados. Já numa novela como *Justine*, de Sade, cada vez que a personagem age segundo os ditames da moral cristã, recebe um castigo.

Essas fases mantêm entre si uma relação de implicação recíproca. Com efeito, se se reconhece que algo foi realizado, é porque efetivamente o foi

ou, ao menos, parece ter sido. Para que um sujeito possa executar uma ação, é preciso que ele saiba e possa fazê-lo, isto é, seja competente para isso, e, ao mesmo tempo, queira e/ou deva fazê-lo.

A seqüência canônica não é uma fôrma onde se faz caber a narrativa. Ao contrário, inúmeras possibilidades devem ser levadas em conta, para permitir desvelar a forma específica que a narratividade assume num texto particular. Em primeiro lugar, é preciso notar que certas fases podem ser pressupostas. Se tomarmos o pequeno texto mencionado acima que relata que um faxineiro ganhou um milhão de dólares na Sena, veremos que estamos apenas narrando a performance. No entanto, há uma fase de competência pressuposta: só pode ganhar quem tem um bilhete, que é, por conseguinte, um poder ganhar. Em segundo lugar, é necessário destacar que certos textos dão mais ênfase a uma fase que a outras. Por exemplo, o programa *Aqui e agora* e uma novela policial do tipo inglês narram crimes. No entanto, a diferença da abordagem dos dois textos reside no fato de que aquele acentua a performance (como agiu o assassino, qual foi seu procedimento para matar a vítima, etc.), enquanto este evidencia a sanção (a descoberta da identidade do assassino pelo detetive). Em terceiro, cabe lembrar que uma narrativa complexa é constituída de inúmeras seqüências que se articulam por parataxe ou por hipotaxe, ou seja, uma pode-se colocar ao lado de outra ou estar subordinada a outra. Há uma relação hipotática entre as seqüências, por exemplo, na história da menina da bilha de leite. Há uma relação paratática, por exemplo, em contos maravilhosos em que o herói deve realizar inúmeras provas iniciáticas. Dizer que a narratologia formulada pela Semiótica é uma “camisa de força” ou que não se aplica a textos mais complexos é desconhecer os princípios dessa teoria narrativa.

Não é possível no espaço deste texto explicar toda a teoria narratológica que foi desenvolvida, a partir das formulações de Propp e de Lévi-Strauss, pela Semiótica francesa. O que importa é que se entendam os diferentes níveis de invariância do percurso gerativo de sentido. Há, porém, alguns elementos da semântica narrativa que devem ser destacados, depois de termos percorrido, de maneira muito sucinta, alguns aspectos da sintaxe narrativa.

Há dois tipos de objetos buscados pelos sujeitos: os objetos modais (o querer, o dever, o poder e o saber) e os objetos de valor. Os primeiros são os objetos necessários para a obtenção dos segundos, que são o objetivo último

da ação narrativa. Assim, são objetos de valor a *riqueza* nas histórias do Tio Patinhas, a *notoriedade* nas ações de Lílian Ramos¹, o *prazer* nos *120 dias de Sodoma*, de Sade. É exatamente nos conteúdos investidos nos objetos que se dá a articulação entre o nível fundamental e o nível narrativo. Os conteúdos do nível fundamental são concretizados nos objetos do nível narrativo. Quando se narra a história da compra de um apartamento, o dinheiro que se juntou não constitui um objeto valor, mas um objeto modal, porque ele é o poder comprar.

É preciso responder agora a uma dúvida, que deve estar presente na cabeça do leitor desde o momento em que leu que o percurso gerativo de sentido comporta um nível narrativo. Mas então todos os textos têm um nível narrativo? Para a Semiótica, sim. É claro que é preciso entender a narratividade como qualquer transformação de estado. Implícita ou explicitamente, todos os textos trabalham com transformações. Tomemos um que a teoria tradicional dos gêneros não poderia considerar, de maneira nenhuma, narrativo: um teorema. Esse texto articula-se em três partes: o enunciado do teorema, a demonstração e a afirmação de que a demonstração se fez (*q.e.d.*, *quod erat demonstrandum*). Quando se faz a afirmação final, o que se está dizendo é que, no texto, se passou de um estado de *não demonstrado* para um de *demonstrado*. Teremos uma descrição, quando a transformação narrativa ficar implícita, ou seja, quando se trabalhar apenas com o estado inicial ou o estado final. Por isso, é que se diz que, na maioria dos casos, não temos descrições puras: em geral, elas servem para iniciar um texto, que, em seguida, será mudado em narração. Teremos a narração, quando se focar a transformação propriamente dita. Assim, uma descrição passa a narração, quando se explicita a transformação que está implícita na descrição.

Passemos agora para o terceiro nível, o discursivo. Esse patamar é aquele em que se revestem as estruturas narrativas abstratas. Suponhamos que tivéssemos a seguinte estrutura narrativa *Um sujeito A, que estava em conjunção com o objeto vida, entra em disjunção com ele*. Essa estrutura poderia ser concretizada como *assassinato*, se o sujeito operador da disjunção for concretizado como um ser humano diferente de A; como *suicídio*, se o sujeito operador da disjunção e A forem concretizados como a mesma personagem; como *morte por acidente*, se o sujeito operador for concretizado

¹ Lembramos ainda uma vez que as narrativas são simulacros das ações do homem no mundo.

como um desastre ou uma catástrofe natural, etc. Esse é um primeiro nível de concretização. Depois, essa concretização primeira é suscetível de uma nova concretização. O *assassinato* pode ser concretizado como *um tiro dado por ladrões durante um roubo* ou como *espancamento realizado por policiais numa Delegacia*. Temos, então, dois níveis de concretização das estruturas narrativas: a tematização e a figurativização. Se a concretização parar no primeiro nível, teremos textos temáticos; se vier até o segundo, teremos textos figurativos. Os primeiros são compostos *predominantemente* de temas, isto é, de termos abstratos²; os segundos, *preponderantemente* de figuras, ou seja, de termos concretos. Cada um desses tipos de texto tem uma função diferente: os temáticos explicam o mundo; os figurativos criam simulacros do mundo. Por exemplo, uma tese que discutisse a situação de penúria e as péssimas condições de trabalho dos operários franceses nas minas de carvão no século XIX, a questão da produção da mais valia e as lutas para melhorar essas condições de vida seria um texto temático; já o *Germinal*, de Zola, que trata desses mesmos assuntos, é um texto figurativo, pois faz uma representação de tudo isso. A dissertação é temática, enquanto a descrição e a narração são figurativas. Compreender um texto figurativo é, antes de mais nada, entender o componente temático que subjaz às figuras.

O percurso gerativo é composto de níveis de invariância crescente, porque um patamar pode ser concretizado pelo patamar imediatamente superior de diferentes maneiras, isto é, o patamar superior é uma variável em relação ao imediatamente inferior, que é uma invariante. A mesma estrutura narrativa, *Um sujeito que entra em disjunção com o objeto vida*, pode ser tematizada como *assassinato, suicídio, morte por acidente*, etc. O mesmo tema pode ser figurativizado de diferentes maneiras. Assim, o tema da *evasão* pode ser figurativizado pela ida para um mundo imaginário, como a *Pasárgada* de Manuel Bandeira, ou por uma viagem pelos mares do sul. As fotonovelas

² A tradição escolar ensina que concreto/abstrato é uma categoria classificatória que se aplica aos substantivos. Na verdade, ela refere-se a todos os lexemas, pois abstrato é o termo que não remete a algo considerado existente no mundo natural, mas a uma categoria explicativa dos existentes, enquanto concreto é o termo que se refere a elementos existentes no mundo natural. É preciso entender bem o que significa *mundo natural* neste contexto, não é aquele mundo que os sentidos dão por natural, mas são os mundos que o discurso dá como existentes. Então, *fada* é concreto, porque é considerado um ser existente no mundo natural criado pelo universo discursivo do conto maravilhoso. Já *orgulho* é uma categoria explicativa de uma série de atitudes concretas tomadas por seres efetivamente existentes em mundos naturais criados por universos de discurso. Da mesma forma, *branco* é um adjetivo concreto, enquanto *temo* é abstrato.

e as telenovelas trabalham quase sempre com a mesma estrutura narrativa e geralmente com os mesmos temas (ascensão social, realização afetiva, etc.) figurativizados de maneira diferente.

Entra aqui a questão das diferentes leituras de um texto. A Semiótica denomina isotopia a recorrência de traços semânticos que determinam um dado plano de leitura. Um texto pode ter várias isotopias e, por conseguinte, vários planos de leitura. Um texto como *O ferrageiro de Carmona*, de J. Cabral, pode ter uma leitura relativa ao trabalho com o ferro e uma concernente ao trabalho com a linguagem. Essa segunda leitura transforma o poema num metapoema. Isso significa que, para a Semiótica, um texto pode ter várias leituras, mas elas já estão inscritas nele. Não resultam da subjetividade do leitor, mas de organizações semânticas que se entrecruzam e se superpõem no texto.

A sintaxe do discurso compreende as projeções da enunciação no enunciado e os procedimentos que o enunciador utiliza para persuadir o enunciatário a aceitar o seu discurso. Aquelas abarcam a temporalização, a espacialização e a actorialização. Sendo a enunciação, como mostrava Benveniste, a instância do *ego-hic-nunc*, o processo de discursivização não existe sem a instauração de pessoas, espaços e tempos. Todas as pessoas, espaços e tempos instalados no enunciado estão de alguma forma relacionados ao *eu-aqui-agora* da enunciação. Além disso, há um componente aspectual, que projeta no discurso pontos de vista de um observador sobre as categorias enunciativas.³ O que importa é determinar os efeitos de sentido gerados pelas diferentes projeções da enunciação no enunciado. Por exemplo, é preciso analisar qual é o efeito de sentido criado pela ausência do *eu* no discurso narrativo, quando, então, como acontecia no naturalismo, os fatos parece narrarem-se por si mesmos. Por outro lado, ao recusar o ponto de vista da Teoria da Informação de que a comunicação é uma transmissão de “novidades” entre dois pólos neutros, a Semiótica considera que um componente determinante do processo comunicacional é o fazer crer. Por

³ Observe-se que a Semiótica trabalha com uma concepção ampliada de aspecto. Tradicionalmente, o aspecto era considerado um ponto de vista que sobredeterminava o tempo, indicando se o processo que se desenrolava no tempo era pontual ou durativo; em sendo durativo, se era contínuo ou descontínuo (iterativo), etc. Ora, numa perspectiva enunciativa, o aspecto é um ponto de vista que incide sobre cada uma das categorias da enunciação, a saber, o tempo, o espaço e a pessoa.

isso, o componente argumentativo adquire um relevo muito grande na teoria. Argumentação é qualquer mecanismo pelo qual o enunciador busca persuadir o enunciatário a aceitar seu discurso, a acolher o simulacro de si mesmo que cria no ato de comunicação.

Como foi dito acima, desde a obra inaugural da Semiótica francesa, estava presente a idéia de que o discurso tem invariantes, que se realizam de maneira variável. Assim, a mesma estrutura fundamental pode ser narrativizada de várias maneiras; as mesmas estruturas narrativas podem ser discursivizadas de modos variáveis; o mesmo tema pode ser figurativizado diferentemente. Portanto, a idéia do percurso gerativo de sentido já se achava embrionariamente esboçada na *Semântica estrutural*. No entanto, esse arcabouço hoje conhecido por percurso narrativo foi se esboçando ao longo do tempo, para dar conta, como já se disse, do aspecto variante e invariante do discurso. Ele não é uma camisa de força, em que se devem enfiar todos os textos, mas um modelo de análise e de previsibilidade, que, ao mesmo tempo, expõe generalizações sócio-históricas (invariantes) e especificidades de cada texto (variantes).

Mantida a concepção do percurso gerativo, é preciso dizer que, por razões históricas, o nível narrativo foi o mais bem explorado até hoje, o que não significa, porém, que os outros níveis não tenham tido desenvolvimento. Na primeira fase, a da constituição do percurso gerativo, a Semiótica aplicase a estudar os simulacros da ação do homem no mundo presentes nas narrativas. Elabora assim uma teoria da performance. A narratividade é entendida como “uma transformação de estado, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age sobre o mundo em busca de determinados valores investidos no objeto” (Barros, 1995:85). Analisa os conflitos entre sujeitos que buscam o mesmo objeto. Para desenvolver essa teoria da ação, transformou a noção proppiana de função na noção de enunciado narrativo (Barros, 1995:82-85). O conceito de função em Propp diz respeito a unidades sintagmáticas constantes sob a multiforme superfície das narrativas. A sucessão dessas invariantes constitui o relato. Essa noção foi precisada com o conceito de enunciado narrativo. Para a Semiótica, como já se mostrou, há dois tipos de enunciados elementares, o de estado e o de fazer, que derivam da existência de duas relações-função: a junção (conjunção e disjunção) entre um sujeito e um objeto e a transformação, que é a mudança de uma relação de junção. Dessa noção de enunciado narrativo decorre o fato de que é possível

675.07

prever organizações hierarquizadas de enunciados. Estes organizam-se em programas narrativos (um enunciado de fazer regendo um enunciado de estado), em percursos narrativos (encadeamentos lógicos de programas narrativos em que um programa pressupõe outro) e em seqüências narrativas (em que se organizam os percursos narrativos). Com isso, constrói-se uma sintaxe narrativa hierarquicamente organizada e não uma simples sucessão de unidades sintagmáticas, como previa o modelo proppiano. Nessa sintaxe, vai-se do programa ao percurso e deste à seqüência, estabelecendo um modelo de previsibilidade da narrativa, que pode dar conta da especificidade de cada relato singular, dado que esses níveis são empregados recursivamente e que têm um desdobramento polêmico. De um lado, programas, percursos e seqüências podem ser repetidos indefinidamente, encaixando-se, sucedendo-se, etc.; de outro, toda narrativa tem uma dimensão polêmica (cf. Barros, 1995:83): a um sujeito corresponde um anti-sujeito; a uma apropriação, um desapossamento. Isso quer dizer que um relato pode ser feito de dois pontos de vista: um roubo pode ser contado do ponto de vista do ladrão ou da vítima; a história da Gata Borralheira pode ser relatada do ponto de vista da órfã submetida a duros trabalhos e da madrasta e suas filhas, do príncipe que procurava uma esposa e da moça que perdeu o sapatinho. Essa sintaxe vai do mais simples ao mais complexo.

Apesar do salto dado pela teoria narrativa proposta pela Semiótica, esse modelo apresenta uma limitação muito grande. Seu âmbito de aplicação são as narrativas da chamada pequena literatura (Barros, 1995:85). Com efeito, um modelo que considera a narrativa como a busca de valores, como ação do homem no mundo, só pode aplicar-se àqueles textos que apresentem um componente pragmático muito forte: por exemplo, as narrativas folclóricas.

Ao compreender a limitação dada pelo alcance das aplicações, a Semiótica vai passar para uma segunda fase, em que vai interessar-se pela competência modal do sujeito que realiza a transformação. Nessa fase, as investigações incidem menos sobre a ação e mais sobre a manipulação (Barros, 1995:85-88).

Parte-se da constatação de que só pode executar uma ação quem possuir pré-requisitos para isso, ou seja, de que o fazer exige condições prévias. Só pode realizar uma ação o sujeito que quer e/ou deve, sabe e pode fazer. É

isso que se chama competência modal do sujeito. A modalização do fazer é a sobredeterminação de um predicado do fazer por outro predicado (querer/dever/saber/poder). Ao reconhecer isso, a Semiótica começa a realizar uma tipologia muito mais fina dos sujeitos. Pode haver sujeitos coagidos, que devem, mas não querem realizar uma ação; sujeitos que afrontam o sistema (heróis que agem sozinhos), que querem, mas não devem; sujeitos impotentes, que querem e/ou devem, mas não podem e assim por diante. Com a modalização do sujeito, a Semiótica passa a analisar também seu modo de existência: sujeitos virtuais, os que querem e/ou devem fazer, sujeitos atualizados, os que sabem e podem fazer; sujeitos realizados, os que fazem. Uma gama muito grande de textos passa agora a ser explicada pela teoria: aqueles em que há personagens sonhadoras, mas que são incapazes de passar à ação; aqueles em que há personagens realizadoras, etc.

Nessa fase, o estudo das modalizações está ainda muito ligado à ação, pois o que se investiga são as condições necessárias para sua realização. No entanto, isso representou um salto muito grande, pois, se se pensar não apenas no sujeito que tem sua competência modal alterada, mas naquele que realiza essa alteração, passa-se do estudo da ação ao da manipulação, ou seja, do fazer ao do fazer fazer. Agora, não se procura mais apenas explicar as relações entre sujeito e objeto, mas entre sujeitos, o que leva a uma concepção de narrativa como uma sucessão de estabelecimentos e rupturas de contratos (Barros, 1995:86). Aqui começa todo um exame dos procedimentos de manipulação. Estudam-se a provocação, o desafio, a tentação, a sedução, a intimidação, etc. Por outro lado, começa-se a aprofundar o estudo dos mecanismos da sanção, seja ela cognitiva ou pragmática. Os percursos da manipulação e da sanção constituem a dimensão cognitiva da narrativa e enquadram sua dimensão pragmática.

Com o estudo da dimensão cognitiva, a Semiótica mostra que a organização da intersubjetividade é articulada por meio de estruturas polêmicas e contratuais. Por exemplo, enquanto a teoria marxista vê a História como uma estrutura polêmica (lembremo-nos de que o *Manifesto comunista* se inicia afirmando que a história da humanidade é a história da luta de classes), a concepção liberal enfatiza os aspectos contratuais da constituição do Estado. Além do exame dessas estruturas, o estudo da manipulação abre caminho para o estudo de sujeitos manipulados por sistemas de valores diferentes. Por exemplo, na tragédia clássica, o herói trágico sofre uma manipulação

por valores contraditórios. Antígona deve optar entre a lei divina, que determinava que os mortos fossem sepultados, e a lei do Estado, que instituía que quem morresse, lutando contra a cidade, deveria permanecer insepulto.

Apesar de o campo de textos abrangido por essa teoria narrativa ter aumentado, possuía ela ainda um problema em relação ao domínio de aplicação. A teoria narrativa explicava o que se poderiam chamar estados de coisas, mas não o que se denominariam estados de alma. Até este ponto de seu desenvolvimento, a teoria trabalha com textos em que há transferência de objetos tesaurizáveis ou com textos em que há estruturas diversas de manipulação e de sanção. No entanto, há narrativas que operam com outros tipos de objetos. *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, não é um romance sobre a traição, mas sobre o estatuto veridictório dos fatos, sobre certezas e incertezas, sobre a criação do objeto e a atribuição subjetiva a ele de um valor de verdade; *Gobseck*, de Balzac, trata da avareza e dos prazeres proporcionados pela posse da riqueza; *Otelo*, de Shakespeare, aborda o ciúme e a manipulação dos estados de alma de outrem; *Il Gattopardo*, de Tommaso di Lampedusa, discute a recusa e a aceitação da mudança; o episódio do ferimento do príncipe Andrei, em *Guerra e Paz*, de Tolstoi, delinea o sutil problema da vergonha do medo e do medo da vergonha; o filme *Salò, os 120 dias de Sodoma*, de Pasolini, mostra como a exacerbação do medo faz ruírem as normas da vergonha. Poder-se-ia continuar a citar textos em que se trata de estados de alma, em que se discute o valor veridictório do objeto. Como operar com as “paixões de papel”, os estados de alma narrados?

Para tratar dessa questão, a Semiótica passa por mais duas fases. A primeira examina as modalizações do ser (Barros, 1995:88-91). Foi mostrado acima que, para a Semiótica, existem dois tipos de enunciados elementares: o de estado e o de fazer. O exame das modalidades do fazer levou ao estudo das condições modais necessárias para a realização da ação. No entanto, é preciso verificar que o sujeito de estado (um enunciado de estado estabelece uma relação de conjunção ou de disjunção com um objeto) pode ser também modalizado. Não se tem, nesse caso, modalizações do fazer (querer fazer, dever fazer, saber fazer, poder fazer), mas modalizações do ser (querer ser, dever ser, saber ser e poder ser). O sujeito de estado, por exemplo, quer entrar em conjunção com um dado objeto. Nesse caso, o objeto é desejável para o sujeito, enquanto ele é um sujeito desejante. Por isso, poder-se-ia afirmar, com mais propriedade, que a modalização do estado incide sobre o

objeto, ou mais particularmente, sobre o valor nele investido e que isso repercute sobre a existência modal do sujeito. É o objeto desejável que faz o sujeito desejante; é o objeto impossível que faz o sujeito impotente e assim por diante.

A categoria *euforia/disforia* do nível fundamental converte-se em traços modais que modificam as relações entre sujeito e objeto. Assim, um valor marcado euforicamente no nível fundamental converte-se, por exemplo, em objeto desejável no nível narrativo, enquanto um valor disfórico torna-se, por exemplo, um objeto temido no nível narrativo.

Por outro lado, há um outro tipo de modalização do ser, que se diferencia, pelo lugar em que incide, daquela até agora exposta. Enquanto, no caso acima, a modalização recai sobre o objeto, neste caso, que passamos a expor, a modalização incide sobre a relação de conjunção ou de disjunção que liga sujeito e objeto. Trata-se de modalidades veridictórias e epistêmicas. As veridictórias articulam-se como estrutura modal em *ser vs parecer* e aplicam-se à função-junção. Mostra-se que um enunciado *é* ou *parece ser*. No entanto, essa modalização não diz respeito a nenhuma relação referencial, mas a algo criado pelo texto. *Ser* é o estatuto veridictório exposto pela própria narrativa ou, em outros termos, pelo narrador; *parecer* é o estatuto veridictório atribuído a um estado por uma personagem. Seixas, personagem de *Senhora*, de Alencar, é visto como um homem rico (parece ser rico), mas o narrador mostra ao leitor que ele é o filho de uma modesta costureira (*ser*). Temos, então, uma mentira: ele não é rico, mas parece sê-lo. As modalidades veridictórias permitem estabelecer o estatuto veridictório dos estados: verdade, falsidade, mentira, segredo. Os enunciados modalizados veridictoriamente podem ser sobredeterminados pelas modalidades epistêmicas do *crer*: um sujeito crê que um estado parece verdadeiro ou é verdadeiro, etc. A modalização epistêmica resulta de uma interpretação, em que um sujeito atribui um estatuto veridictório a um dado enunciado. Nela, o sujeito compara o que lhe foi apresentado pelo manipulador com aquilo que sabe ou aquilo em que crê. O estatuto veridictório de um enunciado é dado por um julgamento epistêmico, em que o *crer* precede o *saber*, o que implica reconhecer o caráter ideológico da operação de interpretação. Para a Semiótica, *crer* e *saber* pertencem ao mesmo universo cognitivo e a distinção entre a adesão fiduciária, regida pelo *crer*, e a adesão lógica, comandada pelo *saber*, é o estabelecimento de uma separação entre dois tipos de

racionalidade, que, na interpretação, quando aparecem situações, como em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, de verdade ou falsidade das certezas, de dúvida da verdade, etc., confundem-se, misturam-se, entrecruzam-se (Greimas, 1983:115-133).

O estudo da modalização do ser permite estabelecer tipologias de culturas (por exemplo, há culturas que valorizam mais o querer do que o dever e outras que fazem o contrário), dar representações mais adequadas da aplicação dos códigos sociais de caráter normativo, como regras gramaticais, regras de polidez, etc. (nelas, combinam-se dever e saber: o excesso de zelo no código de polidez aproxima-se da hipercorreção em gramática, quando a um dever fazer não corresponde um saber fazer, mas um não saber fazer) (Greimas, 1983:88-90).

Todo esse estudo das modalizações do ser passa ainda pelo exame das compatibilidades e incompatibilidades entre as modalidades. Por exemplo, o dever ser é compatível com o poder-ser, ao passo que é incompatível com o não poder ser. Com efeito, o que é necessário deve ser compatível com o que é possível, mas não com o impossível. No entanto, cabe lembrar que as compatibilidades e as incompatibilidades nada têm a ver com o aparecimento de certas combinatórias modais nos textos. Os sujeitos de estado podem ser modalizados por modalidades compatíveis ou incompatíveis entre si. Um sujeito pode querer o que pode ser, mas pode querer o que não pode ser. A percepção dessas compatibilidades e incompatibilidades abre caminho para o estudo das paixões.

Chega-se, então, à quarta fase da Semiótica. A paixão é entendida, inicialmente, pela Semiótica como efeitos de sentido de qualificações modais que alteram o sujeito de estado, o que significa que é vista como um arranjo das modalidades do ser, sejam elas compatíveis ou incompatíveis. Por exemplo, a obstinação define-se como um querer ser aliado a um não poder ser, enquanto a docilidade reúne um querer ser a um poder ser. O obstinado é aquele que quer, apesar da impossibilidade evidente, enquanto o dócil limita-se a desejar o que é possível.

A história modal do sujeito de estado (transformações modais que vai sofrendo) permite estudar outros tipos de textos narrativos, aqueles fundados sobre um processo de construção ou de transformação do ser do sujeito e

não apenas do seu fazer. Os efeitos de sentido passionais derivam de arranjos provisórios de modalidades, de intersecções e combinações entre modalidades diferentes. Por exemplo, a vergonha define-se pela combinação do querer ser, não poder não ser e saber não ser. Os arranjos modais que têm um efeito de sentido passional são determinados pela cultura.

A noção de paixão como arranjo de modalidades permite estabelecer uma diferença entre o atualizado (apreensão de um predicado do ponto de vista das condições de realização) e o realizado. A distinção entre *querer morrer* e *morrer* reside no fato de que, no primeiro, uma série de roteiros é possível, enquanto no segundo, não. A diferença entre o atualizado e o realizado permite, pois, estabelecer potencializações, o que possibilita analisar fatos que parece contrariarem a lógica narrativa (cf. Fontanille, 1995:175-190). São exemplos disso o apego que perdura após a morte do ser amado, objeto de fina análise em *Memorial de Aires*, de Machado de Assis; o ciúme, sentimento indiferente ao fato de o outro ser fiel ou não.

A título de exemplo das possibilidades a que chegou a Semiótica com o estudo das paixões, vamos analisar, de maneira ainda pouco formalizada, para que o entendimento seja maior, alguns percursos patêmicos do conto *Noite de almirante*, de Machado de Assis (1979:v. II:446-451). O conto é bastante complexo do ponto de vista dos estados de alma nele desenvolvidos, porque entrelaça modalidades que incidem sobre o objeto com modalidades veridictórias e mostra que os sujeitos têm existência modal diferente.

O marinheiro Deolindo, ao voltar de uma longa viagem de instrução, “levava um grande ar de felicidade aos olhos”, porque uma grande “noite de almirante” o esperava em terra. Três meses antes de começar a viagem, conhecera Genoveva, ambos apaixonaram-se perdidamente e ele partira em viagem, depois de um “juramento de fidelidade” recíproca. Há aqui uma situação de espera fiduciária. Deolindo quer estar em conjunção com a fidelidade e crê que Genoveva deve, por força do contrato, realizar a conjunção desejada. A espera não é tensa, pois o sujeito não apresenta o efeito patêmico da aflição. Ao contrário é relaxada, pois Deolindo está feliz. A felicidade é um efeito de satisfação produzido pelo saber poder ser (possível) a conjunção desejada. Ao mesmo tempo, essa paixão indica que Deolindo tinha confiança (crer ser) em que Genoveva cumpriria o contrato.

681

O narrador modaliza o ato de celebração do contrato como verdadeiro. “Não havia descrer da sinceridade de ambos: ela chorava doidamente, ele mordida o beijo para dissimular”.

Quando Deolindo, depois de descer a terra, chega à casa em que morava Genoveva, “a velha Inácia” diz-lhe que ela estava com outro, residindo na Praia Formosa. Altera-se, então, a existência modal de Deolindo. Agora, sabe que Genoveva não cumpriu o contrato, mantendo a fidelidade. O sujeito crédulo e confiante passa a ser um sujeito insatisfeito e decepcionado. Aparece o sentimento de falta. Adquire, então, uma outra competência modal: querer fazer o mal. Assim, começa o percurso da reparação da falta: o da vingança. “As idéias marinham-lhe no cérebro, como em hora de temporal, no meio da confusão de ventos e apitos. Entre elas, rutilou a faca de bordo, ensangüentada e vingadora”.

Quando Deolindo chega à Praia Formosa, Genoveva recebe-o com maneiras francas. Novamente, entram em cena as modalidades veridictórias. Genoveva não tem o que esconder, está no domínio da verdade (ser + parecer). Deolindo volta a ter esperança, reassume a confiança. A velha poderia ter mentido ou ter-se enganado, relatando um parecer que não corresponde a um ser, fazendo uma interpretação não verdadeira dos fatos. Altera-se sua existência modal. Crê poder realizar a conjunção desejável. Mas Genoveva não manifesta “nenhuma comoção nem intimidade”, ou seja, mantém-se indiferente e distante.

Diante desse estado passional, altera-se novamente a existência modal de Deolindo. Passa do crer ao não crer poder realizar a conjunção desejada. Com isso, ressurgem o querer vingar-se. “Em falta de faca, bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, e durante os primeiros minutos não pensou em outra coisa”. Contém seu desejo e diz-lhe que sabia tudo. Ela não mente. Deolindo tem um ímpeto, o querer vingar-se retorna novamente; ela fá-lo parar com a ação dos olhos; diz-lhe que, “se lhe abrisse a porta, é porque contava que era homem de juízo”, isto é, que não se deixava levar por estados patêmicos intensos. Em seguida, conta-lhe o amor que sentira por ele, mas diz que seu coração mudara. Mudara o objeto de seu querer. O narrador modaliza veridictoriamente suas palavras dizendo: “Não sorria de escárnio. A expressão das palavras é que era uma mescla de candura e cinismo, de insolência e simplicidade, que desisto de definir melhor.

Creio até que insolência e cinismo são mal aplicados. Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das ações.” O que ela diz é verdadeiro, pois ela crê não ser culpada de nada. Por isso, não quer criar um parecer que oculte o ser.

A questão da culpa distingue as duas personagens. Elas vêm o contrato firmado entre elas de maneira diferente. Para Deolindo, o juramento é aspectualizado durativamente (“O pobre marujo citava o juramento de despedida, como uma obrigação eterna”). Ao rompê-lo, Genoveva fora perjura e ingrata, pois passara a querer não fazer o bem a quem devia obrigação. A gratidão é uma paixão de benevolência que se articula numa reciprocidade. Para Genoveva, o juramento é aspectualizado com a pontualidade. Não poderia ser perjura, porque “quando jurou era verdade”. Não era ingrata, pois a gratidão implica que se esteja obrigado a alguém e ele, durante a viagem, não devia ter-se lembrado dela (“E ele que tanto enchia a boca de fidelidade, tinha-se lembrado dela por onde andou?”). Ela crê que ele pode não ter mantido o contrato, o que também a desobrigaria de cumpri-lo. A resposta dele foi dar-lhe um pacote de presentes onde estavam uns brincos. Ela ficou confusa, por “receber um mimo a troco de um esquecimento”. Está, então, modalizada por um saber que Deolindo não pode não ter mantido o juramento e por saber que ela não o manteve. Ao mesmo tempo, tem as paixões da satisfação (contentamento e deslumbramento) por saber que está em conjunção com a fidelidade de Deolindo, figurativizada pelos brincos.

Renasce a esperança em Deolindo. De novo, transforma-se sua existência modal. Passa do não crer ao crer poder realizar a conjunção desejada. As razões para esse ressurgir da esperança estão no fato de pensar que o juramento pode ser aspectualizado com a pontualidade e, nesse caso, se ele fora violado quando estava ausente, pode ser rompido, estando o outro ausente, ou com a duratividade e, então, não seria negado, dado que talvez ela não tivesse jurado nada ao outro.

Ela pede que Deolindo lhe conte as aventuras que vivera em terras longínquas. Demonstra um enorme interesse por elas. Está modalizada por um querer saber. Quando Deolindo percebe que o objeto de sua solicitude eram seus relatos e não ele, passa novamente a um estado de crer não poder ser (“A esperança (...) começava a desampará-lo”).

Ela mostra a uma amiga os brincos que ele lhe dera. Esta elogia muito o presente. Deolindo tem um momento de satisfação, sabe ter podido realizar uma conjunção desejada (“durante alguns segundos, saboreou o prazer exclusivo e superfino de haver dado um bom presente; mas foram só alguns segundos”).

Sai cabisbaixo e lento, sem o ímpeto com que chegara. Estava tomado pelo estado patêmico da infelicidade, por um saber não poder ser. Mas que é que ele não podia ser? A resposta virá em seguida. Geneveva entrou em casa alegre e barulhenta, estava modalizada por um saber poder ser. Conta à amiga que ele dissera que iria suicidar-se. De certa forma, suicidar-se era realizar a vingança desejada, pois infligiria a Geneveva a dor do remorso, reequilibrando, assim, a situação patêmica. Diante do espanto da amiga, Geneveva mostra que sabe que ele não pode fazer o que prometera, pois não é dotado das paixões fortes e durativas que levam o sujeito a tornar-se competente para a vingança, aquelas que o modalizam com o poder fazer. Ao contrário, é apenas dotado das paixões fracas da malevolência, que instauram um sujeito operador com a modalidade do querer vingar-se, mas não o atualizam com o poder vingar-se (“Qual o quê! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo, diz as cousas, mas não faz. Você verá que não se mata. Coitado, são ciúmes.”). No ciúme, há um não querer não ser, isto, não querer não estar em conjunção com um objeto amado. Deolindo é modalizado pelo querer, mas não pelo poder, é aspectualizado pela pontualidade (ímpeto), mas não pelo duratividade (persistência), é modulado pela baixa intensidade.

No dia seguinte, diante de seus colegas, Deolindo manifesta o estado patêmico da satisfação, derivado do saber estar em conjunção com o objeto desejado. Nota, no entanto, o narrador que se trata de uma mentira. Deolindo parece satisfeito, mas não está. Por que mentiu? Porque parece que tivera vergonha da realidade. Vergonha é “um sentimento penoso de sua inferioridade, de sua indignidade ou de sua humilhação diante de outrem, de seu rebaixamento na opinião dos outros”. Deriva de uma sanção cognitiva negativa, a reprovação própria ou alheia. Essa reprovação gera a vergonha. A vergonha é, assim, um estado de alma da ordem do saber: o sujeito sabe que não possui a competência para um fazer exigido pelo simulacro de membro de um determinado grupo social ou que fez algo em desacordo com a deontologia grupal. Por outro lado, é preciso também que esse sujeito aceite esse simulacro ou essa deontologia como um ideal a ser seguido, pois, se

não dá nenhuma importância a eles, não será atingido pelo sentimento de vergonha. Assim, é necessário, para que esse estado de alma ocorra, que o dever fazer e o dever ser se tornem também um querer fazer e um querer ser. Se o sujeito é modalizado por um não querer, age diferentemente do simulacro sem ser atingido pela vergonha. Aparecem, então, os comportamentos atrevidos e insolentes. O sintagma modal do efeito patêmico da vergonha é *dever ser/fazer; querer ser/fazer; saber não poder ser/fazer ou saber (outro) saber* que a competência requerida pelo simulacro não existe ou que a performance não corresponde ao dever.

Voltemos a Deolindo. Diz o narrador: “A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe no ombro, cumprimentando-o pela noite de almirante, e pediram-lhe notícias de Genoveva, se estava mais bonita, se chorara muito na ausência, etc. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.” A vergonha de Deolindo opera sob o signo do segredo. Ele faz uma sanção negativa de sua performance de não se vingar. Não realiza a vingança, porque não possui a modalidade atualizante do poder-fazer, que seu grupo social atribui ao homem. A traição da mulher deve implicar necessariamente a vingança realizada pelo homem. Deolindo, porém, é dotado apenas das paixões fracas do querer. Para não permitir que sua vergonha seja exposta, opta pela mentira. No nível do parecer, mostra satisfação; no do ser, insatisfação e decepção. A decepção, entretanto, não é com Genoveva, mas consigo mesmo.

A análise de textos de diferentes épocas e culturas que pintam paixões de papel (o ciúme, a avareza, a cólera, a indiferença, etc.) mostrou que as paixões variam de uma cultura para outra, de uma época para outra. Por exemplo, a configuração da avareza é distinta em Molière e Balzac. Enquanto no primeiro, o avaro caracteriza-se pelo entesouramento, no segundo, aparece algo que é próprio da formação social capitalista, a idéia de que o dinheiro produz dinheiro. Isso significa que, embora as paixões se caracterizem fundamentalmente pelo arranjo das modalidades, a modalização não é suficiente para produzir efeitos passionais, pois as mesmas organizações modais podem gerar ou não sentidos patêmicos. Ora, isso obriga a introduzir novos elementos teóricos.

Poderíamos dizer que o que caracteriza hoje a pesquisa semiótica são duas direções: a) a análise do que está além do percurso gerativo de sentido em sua formulação clássica; b) o estudo do que está aquém dele e, por conseguinte, propicia sua constituição. Esse exame do além e do aquém do percurso determina seu reexame, a revisão de seus níveis.

Façamos uma resumo das novas direções, cujos princípios foram esboçados há mais ou menos tempo e que têm apresentado cada vez mais resultados.

No estudo do além do percurso, analisa-se o problema dos sistemas semi-simbólicos. A semiótica estabeleceu, a partir da distinção hjelmsleviana entre semióticas monoplanas e biplanas, a diferença entre sistemas simbólicos e sistemas semióticos. Para entender essa distinção, é preciso observar uma característica dos símbolos: são grandezas isomorfas à interpretação, isto é, elementos dotados de conteúdo, mas não passíveis de uma análise em unidades menores constitutivas de uma forma da expressão correlacionada a uma forma do conteúdo. Há, nos sistemas simbólicos, uma correspondência termo a termo entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, o que significa que existe uma conformidade total entre esses dois planos. Assim, por exemplo, a cruz gamada é o símbolo do nazismo. Este é seu conteúdo. No entanto, sua expressão não é constituída de unidades menores, cuja relação estabeleceria uma forma da expressão. Seu conteúdo, do mesmo modo, não se constitui de unidades menores. Da mesma forma, a foice o martelo são o símbolo do comunismo. Esse símbolo não se deixa analisar em unidades menores, mesmo que, historicamente, a foice simbolize o campesinato; o martelo, o proletariado e o cruzamento dos dois, a união dessas duas classes. Na verdade, constituído o símbolo, adquire ele um valor global e deixa de ser analisado em unidades menores.

Já nos sistemas semióticos não há uma conformidade entre o plano da expressão e o do conteúdo. Com efeito, o conteúdo deixa-se analisar em semas (por exemplo, *touro* analisa-se em /bovino/, /macho/, /reprodutor/) e a mesma coisa ocorre com o plano da expressão, que se decompõe em femas. Não há, entretanto, correspondência entre as unidades menores da expressão e as do conteúdo.

Os sistemas semi-simbólicos são aqueles em que a conformidade entre os planos da expressão e do conteúdo não se estabelece a partir de unidades,

como nos sistemas simbólicos, mas pela correlação entre categorias (oposição que se fundamenta numa identidade) dos dois planos. Assim, na gestualidade, a categoria da expressão /verticalidade/ vs /horizontalidade/ correlaciona-se à categoria do conteúdo /afirmação/ vs /negação/. Os sistemas semi-simbólicos constituem a base dos textos poéticos. São eles que explicam os efeitos de sentido gerados pelas aliterações, pelo ritmo, pelas rimas, etc. Observemos um exemplo. Nos versos de Tibulo que seguem, nota-se uma oposição entre a concentração de oclusivas no segundo verso e sua pequena proporção no primeiro. Essa oposição da expressão está correlacionada a uma contraditoriedade do conteúdo: ausência do tropel dos netos diante dos avós vs presença do barulho que fazem.

Hic ueniat Natalis auis prolemque ministret,
ludat et ante tuos turba nouella pedes (II, 2, 21-22)

Que venha o Gênio e aos avós conceda netos,
e a jovem turba brinque diante de ti.

O estudo dos sistemas semi-simbólicos estabelece as relações entre o sensível e o inteligível, pois, ao examinar as correlações entre categorias da expressão e do conteúdo, está desvelando “os mecanismos reveladores da transfiguração das sensações em manifestações sígnicas” (Teixeira, 1998:3). O estudo do semi-simbolismo tem um alcance teórico e um, analítico. De um lado, permite discutir, com profundidade, o papel da percepção sensorial na produção do sentido; de outro, possibilita o exame acurado das relações entre expressão e conteúdo (Teixeira, 1998:5-6), o que permite compreender melhor os textos poéticos (não só das poéticas verbais, mas também das poéticas visuais), que se caracterizam pela presença do semi-simbolismo; as semióticas sincréticas (aquelas, como o cinema, cujo plano de conteúdo é manifestado por diferentes planos da expressão); o processo tradutório, seja a tradução intra-semiótica dos textos poéticos, seja a tradução intersemiótica. Em todos esses casos, é preciso não perder de vista a importância das correlações entre conteúdo e expressão.

No exame do aquém do percurso, é preciso examinar as pré-condições do aparecimento do sentido. Se a significação se apresenta sob a forma de unidades discretas, é preciso considerar que essa discretização opera sobre um contínuo, que constitui uma potencialidade de sentido. Portanto, é

necessário introduzir a instabilidade e o deslizamento sob a estabilidade do discurso. A linguagem é uma tensão permanente entre estabilidade e instabilidade, indiferenciação e diferenciação; é uma relação de equilíbrio precário derivado de forças estabilizadoras e desestabilizadoras. Como diz Jacques Fontanille, em elegante fórmula, depois da fonologização da semântica, chegou o momento de sua prosodização. A formulação teórica das pré-condições de significação permite, de um lado, compreender melhor a dimensão estética e, de outro, a dimensão patêmica da linguagem. Começemos por discutir rapidamente a questão da experiência estética.

Em seu livro *De l'imperfection*, Greimas analisa a questão da experiência estética. Na primeira parte, intitulada *La fracture*, examina cinco textos, de diferentes escritores (Tournier, Calvino, Rilke, Tanizaki e Cortázar), que relatam experiências estéticas, para mostrar o que é a estesia. A experiência estética é um evento extraordinário enquadrado pela cotidianidade (1987:19), é uma surrealidade englobada pela realidade (1987:32). Nela o tempo pára, o espaço fixa-se (1987:15-16) e ocorre um sincretismo entre sujeito e objeto (1987:31), que estão disjuntos na temporalidade de todos os dias. Rasga-se o parecer imperfeito e aparece a “nostalgia da perfeição”, “oculta pela tela da imperfeição”, que constitui a realidade cotidiana (1987:17). A estesia é o vislumbre do contínuo, da fusão anterior à discretização, perdida pela constituição da significação.

A leitura dessas cinco análises, no entanto, chama a atenção para o fato de que o objeto estético não tem nelas o mesmo estatuto. O próprio Greimas, ao iniciar a análise do texto de Cortázar, *Continuidade dos parques* (1972, 11-13), chama atenção para isso, dizendo que, com o autor argentino, há uma mudança de problemática, pois, nos outros textos, “a experiência estética aparecia como a apreensão e a reassunção diversa de algum fragmento do mundo natural”, enquanto o objeto que se dá a perceber, neste caso, é um “artefato, um objeto literário construído” - não o texto de Cortázar, mas o texto no texto - “que, progressivamente, consegue ocupar o lugar da ‘realidade’ contextual descrita” (1987:55). Nas quatro primeiras análises, o objeto estético é “natural”, enquanto, na quinta, pertence ao domínio dos objetos culturais. Por exemplo, no de Italo Calvino, é o seio nu de uma moça deitada na praia; em Rilke, é o perfume do jasmim que vem do parque; em Tanizaki, é a cor das sombras. Em Cortázar, ao contrário, o objeto estético é o texto literário.

O conto narra que um fazendeiro começou a ler, de maneira intermitente, um livro. Um dia, depois de se ocupar dos negócios, pôs-se a ler os últimos capítulos. Tomou todos os cuidados para tornar sua leitura o mais confortável possível. Aos poucos, começou a afastar-se, “linha a linha, daquilo que o rodeava” e “a fantasia novelesca absorveu-o” (1972, 11). Essa personagem do plano da enunciação enunciada penetra no enunciado, na ação romanesca, participando como testemunha do encontro das personagens do livro que estava lendo. O homem vai matar alguém. Chega a uma casa, entra e encontra a personagem a ser morta. “A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance” (1972, 13). A personagem do enunciado penetra no plano da enunciação enunciada e vai matar o leitor. O conto é uma narrativa da leitura de um romance, ou mais extensamente, é o relato da leitura da literatura, ou mais amplamente ainda, é o raconto da leitura do objeto artístico. Essa narrativa contém um esboço de uma teoria da experiência estética. A ilusão romanesca é uma força que se apodera do sujeito prestes a acolhê-la (1987:57). O sujeito afasta-se da realidade enfraquecida e evanescente e é absorvido pelo mundo da ilusão (1987:59). Há, pois, uma fusão do sujeito com o objeto. A ficção é uma surrealidade que acolhe em seu interior, quando da apreensão estética, o sujeito (1987:64). Esse ato de matar suspenso é “a representação simbólica do impacto produzido pela obra trágica sobre o espectador, isto é, da catarse aristotélica” (1987:67). A “eficácia suprema do objeto literário - ou mais amplamente, estético - sua conjugação assumida pelo sujeito, não está na sua dissolução, na passagem obrigatória pela morte do leitor-espectador - pergunta Greimas (1987:67)?

Essa fusão é, na verdade, uma mudança de plano enunciativo. O sujeito passa do plano da enunciação enunciada para o do enunciado enunciado. Em *A rosa púrpura do Cairo*, de Woody Allen, a mulher, maltratada pelo marido brutal, refugia-se no cinema para esquecer as agruras de sua vida triste. Sua fusão com o objeto fílmico é figurativizada pela entrada na ação do filme, para viver uma história de amor, uma vida cheia de aventuras, com o galã do cinema. Nessa outra dimensão enunciativa, o sujeito deixa a realidade da existência, para viver, durante o tempo da experiência estética, uma surrealidade, uma segunda vida. Esses exemplos mostram a fecundidade da questão teórica das pré-condições da significação, para a compreensão de certos tipos de textos.

Por outro lado, a dimensão passional permite analisar, por meio dos procedimentos da convocação enunciativa, a retomada do contínuo no discurso. As configurações modais estão sobredeterminadas por uma modulação, que gera efeitos de sentido patêmicos. Passa-se, no estudo do componente patêmico, da modalização à aspectualização e à intensidade. O conceito de aspectualização, entendida não apenas como processo lingüístico, mas como processo discursivo, não é somente uma sobredeterminação do tempo, mas uma sobredeterminação de todas as categorias de enunciação, o tempo, o espaço e a pessoa. Aparece também o conceito de foria, que, conjugando a intensidade e a extensão, produz, ao projetar-se no espaço e no tempo, efeitos de andamento e de ritmo discursivos. O estudo das paixões passa a convocar, simultaneamente, grandezas discretas e categoriais (modalizações), mas também grandezas contínuas e articuladas (aspectualização e intensidade).

A aspectualização caracteriza tipos passionais: por exemplo, temos as paixões da duratividade, como o ressentimento; paixões da pontualidade, como a ira; paixões da perfectividade, como o remorso. Ao mesmo tempo, as paixões apresentam uma intensidade. A depressão exhibe um andamento lento, enquanto a agitação tem um andamento acelerado. O avaro é modalizado por um querer ser, mas um querer ser que ultrapassa o simples querer não gastar. Distingue-se do econômico, porque a economia do avaro vai além do necessário. É uma economia excessiva, desnecessária, incoerente. A impulsividade define-se por um querer fazer, ao mesmo tempo que pela incoatividade e pela intensidade.

Estudada dessa maneira, a paixão não se opõe à razão, mas constitui uma forma de racionalidade discursiva, permitindo analisar, de maneira bastante fina, a aspectualização, a intensificação e a quantificação, consideradas não como categorias da língua, mas como procedimentos de discursivização. Na medida em que o contínuo e suas modulações passam a fazer parte da teoria ultrapassa-se o estruturalismo, fundado no discreto e no categorial.

O caminho da Semiótica começa pela proposição de uma semântica gerativa, geral e discursiva; passa pela constituição do percurso gerativo de sentido; em seguida, pela sua complexificação, com o estudo, no nível narrativo, das modalidades do fazer e do ser e o estudo das paixões e, no

nível discursivo, com a pesquisa dos procedimentos de figurativização e das projeções da enunciação no enunciado (temporalização, espacialização e actorialização); chega ao exame do além do percurso, com a análise dos sistemas semi-simbólicos, e do aquém do percurso, com a investigação sobre as pré-condições de significação. A constatação de que, nessas pré-condições, estão presentes o contínuo, o indiferenciado, obriga ao estudo das categorias discursivas da aspectualização, da quantificação e da intensificação. É um projeto que busca analisar, primacialmente, os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, embora não desconsidere a interdiscursividade.

O discurso científico não atua como o discurso religioso, que apresenta uma explicação total e definitiva para o mundo, mas, ao contrário, faz aproximações sucessivas do objeto. Diferentemente do discurso religioso, que não precisa da comprovação dos fatos, o discurso científico precisa do teste da realidade e, por isso, é da sua natureza a publicidade dos resultados, o debate, a crítica e a contradição, para que esse conhecimento vá aproximando-se da verdade. Por confrontar-se com os fatos da realidade (no nosso caso, da realidade discursiva) é da natureza do discurso científico, dos projetos teóricos da ciência, a mudança. É necessário sempre alterar os modelos, para que possam abranger novos fenômenos, descrevendo-os e explicando-os. Por isso, a história é inerente ao fazer científico. Mesmo diante de dogmatismos que se criam onde não deveriam ser produzidos, por exemplo, na Universidade, é preciso acreditar, como Galileu, que *eppur si muove*. Como mostra Camões:

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.*

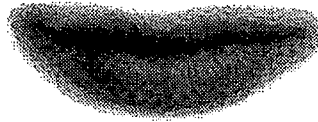
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, D. L. P. de (1995) Sintaxe narrativa In: OLIVEIRA, A. C. e LANDOWSKI, E. *Do inteligível ao sensível. Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo, EDUC, 81-97.
- ____ (1996) Reflexões sobre os estudos do texto e do discurso. *Língua e literatura* 22: 181-199
- CORTÁZAR, J. (1972) *Final do jogo*. 2 ed. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura.

- BARTHES, R. (1971) Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R. et alii. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Vozes.
- ELIADE, M. (1970) *Traité d'Historie des Religions*. Paris: Payot.
- FONTANILLE, J. (1995) Le tournant modal en sémiotique. *Organon. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. 23; 175-190.
- _____ (1973) *Semântica estrutural*. São Paulo, Cultrix/EDUSP.
- _____ (1976) *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques*. Paris, Seuil.
- _____ (1983) *Du Sens II*. Paris, Seuil.
- _____ (1987) *De l'imperfection*. Périgueux, Pierre Fanlac.
- HJELMSLEV, L. (1968) *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris, Minuit.
- _____ (1991) *Ensaio lingüísticos*. São Paulo, Perspectiva.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. (1979) *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, v. II.
- MOUNIN, G. (1970) *Introduction à la sémiologie*. Paris, Minuit.
- QUEIRÓS, E. de (1966). *Obras de Eça de Queiroz*. Porto, Lello & Irmãos, v. I.
- SAUSSURE, F. (1969) *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix/EDUSP.
- TEIXEIRA, L. (1998) *Um rinoceronte, uma cidade: relações de produção de sentido entre o verbal e o não verbal*. Niterói, cópia xerox.

(Recebido em maio de 1998; Aceito em julho de 1998)

WORD OF MOUTH



Communication is power. An idea, passed from person to person, and village to village, can transform the world.

Start with the right idea.

Linguistics and Language Behavior Abstracts offering

- abstracts of scholarly articles and books
- bibliographic entries for subject specific dissertations and book and other media reviews.

LLBA's timely and comprehensive coverage speaks volumes on current ideas in linguistics and language research.

Available in print, online, on CD-ROM (from SilverPlatter and NISC) and on magnetic tape.

Visit our Web site: www.socabs.org for product information, links to relevant sites, and subscription-based access to the LLBA Speech, Language and Hearing Pathology subset.

LLBA

Linguistics and Language Behavior Abstracts

P.O. Box 22206, San Diego, CA 92192-0206

619/695-8803 • Fax: 619/695-0416 • email: socio@cerfnet.com

RESENHA/REVIEW

Biber, Douglas, Susan Conrad, and Randi Reppen. *Corpus linguistics - Investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, ISBN 0521496225.

Resenhado por A. P. BERBER SARDINHA (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*)

PALAVRAS-CHAVE: Linguística do Corpus; Análise Multidimensional; Pesquisa assistida por computador.

KEY WORDS: Corpus Linguistics; Multi-Dimensional Analysis; Computer-assisted research.

1. Introdução

O lançamento do mais recente livro de Douglas Biber é recebido com satisfação pela comunidade de linguistas do corpus do mundo inteiro. O trabalho de Biber mais reconhecido é em análise multidimensional de registro, na qual há um interesse pelo estudo de aspectos relacionados à caracterização de variedades textuais. Embora a análise multidimensional não deixe de se situar dentro dos limites da Linguística do Corpus, ela não se definiu como parte da Linguística do Corpus desde seu início. Entretanto, Biber vem se definindo como linguista do corpus há algum tempo, e por isso este volume tem especial significação porque marca formalmente sua passagem para o grupo dos que se intitulam linguistas do corpus. Com a publicação deste volume seu nome será associado a outros pesquisadores mais reconhecidos dentro da Linguística do Corpus, como John Sinclair, Tony McEnery, e Jan Aarts.

A bem da verdade, o crescimento de seu nome como linguista do corpus está fortemente ligado ao desenvolvimento de uma escola de Linguística do Corpus particular. Poderia se situar esta escola do ponto de vista conceitual e geográfico. Conceitualmente, o tipo de Linguística do Corpus desenvolvida por ele tem como aspectos centrais o estudo de características lexicais e gramaticais com forte apelo estatístico. Geograficamente, os seguidores desta corrente estão concentrados primordialmente nos Estados Unidos. Pode-se

arriscar um palpite de que agora em diante vai se falar em uma 'escola norte-americana' de Linguística do Corpus localizada em Flagstaff, Arizona (sede da Universidade onde Biber trabalha), em contrapartida a outras mais antigas, como a britânica ou a escandinava, as quais refletem em maior ou menor grau as tendências emanantes de centros de pesquisa estabelecidos como Birmingham (Grã-Bretanha) e Bergen (Noruega).

As demais autoras, Susan Conrad e Randi Reppen foram alunas de Biber. Elas também participam como co-autoras de outros trabalhos (Biber et al. 1994, 1996, em preparação).

2. Conteúdo

A obra se divide em quatro partes principais: investigação do uso de características linguísticas, investigação de características de variedades, resumo e perspectivas, e quadros metodológicos. Há ainda uma introdução que precede a primeira parte.

A Introdução é o primeiro capítulo da obra, e nela os autores expõem os pontos principais que definem a Linguística do Corpus. Primeiramente, haveria dois tipos de investigação possíveis na linguística: o estudo da estrutura, e o estudo da linguagem em uso. Segundo, o foco na utilização da linguagem abre um leque de questões que podem ser investigadas, e este leque exige um tratamento diferente do tradicional (baseado em pequenas amostras e análises de poucos traços). Terceiro, na Linguística do Corpus há uma preocupação com a descoberta de padrões de associação no estudo do uso, e aqui entende-se padrão como um conjunto de traços típicos que co-ocorrem. Finalmente, o ser humano não é dotado da capacidade de perceber o que é típico, pelo contrário, ele é equipado para notar aquilo que se destaca, isto é, o atípico. A abordagem baseada em corpus permite buscar respostas à questão da tipicidade porque faz uso do computador, o qual é naturalmente programado para detectar ocorrências e co-ocorrências.

A introdução toca ainda em outros pontos importantes. Pode-se citar dois. O primeiro ponto seria um resumo das características principais da abordagem baseada em corpus: base empirista, utilização de corpora, emprego de computador, e uso de técnicas quantitativas e qualitativas de interpretação. E o segundo seria a própria definição de corpus: uma coletânea grande e

criteriosa ('principled') de textos de linguagem natural (isto é, não artificiais como linguagem de programação de computador ou matemática).

Ao capítulo introdutório se segue a primeira parte, a qual se intitula 'Investigação do uso de características da linguagem. Esta parte é composta de três capítulos: Lexicografia, gramática, e o estudo de características discursivas.

Nesta parte, a discussão se desenrola em torno da relação entre as áreas tradicionais da investigação linguística e a Linguística do Corpus. Os autores mostram como questões pertinentes à lexicografia, sintaxe, pragmática, e análise do discurso podem ser investigadas por meio de uma abordagem baseada em corpus. Os autores se centram na descrição a partir de unidades abaixo do nível da oração, isto é, o léxico e estruturas gramaticais. A descrição no nível do texto é reservada para a próxima parte do livro.

A segunda parte leva o título de 'Investigação das características de variedades'. Como na primeira parte, esta também é composta de três capítulos. Eles se intitulam, respectivamente, Variação de registro e Inglês para Fins Específicos, Aquisição e desenvolvimento da linguagem, e Investigações históricas e estilísticas.

Nesta parte, os autores apresentam uma discussão a respeito da aplicação da abordagem baseada em corpus para o estudo de variedades específicas de linguagem. Seguindo a nomenclatura adotada por Biber em outros trabalhos, os autores utilizam o termo 'registro' ('register') para se referir a estas variedades específicas. Um registro seria um tipo de linguagem definida por meio de características situacionais, isto é, não-linguísticas (domínio, sexo, formalidade, etc). A abordagem é aplicada basicamente à descrição de corpora de tipos de texto específicos.

A terceira parte é a menos extensa de todas, e se intitula e 'Resumo e prospectos futuros'. Ela comporta apenas um capítulo, chamado de conclusão. Os autores fazem um sumário das idéias principais e fazem sugestões de como os leitores podem se aprofundar em vários temas relativos ao conteúdo da obra.

A quarta parte tem o título de 'Notas metodológicas' (Methodology boxes), e contém dez pequenos textos referentes a questões de cunho prático que permeiam a visão de Linguística do Corpus contemplada no livro. As dez notas são: Questões de desenho de corpus, Questões de desenho de corpus diacrônico, Programas de concordância versus programação para análise de corpus, Características de corpora etiquetados, O processo de etiquetagem, Normalização de contagens, Medidas estatísticas de associação lexical, A unidade de análise em estudos baseados em corpus, Testes de significância e o relato de estatísticas, e Cargas fatoriais e escores dimensionais.

Há um apêndice que inclui corpora disponíveis comercialmente e ferramentas analíticas. A obra contém ainda uma lista única referências e um índice analítico, o qual fecha o volume.

3. Avaliação

'Corpus linguistics' é uma obra indispensável para se conhecer uma parte significativa da Linguística do Corpus atual. A obra cobre com sucesso vários tópicos centrais da área, e apresenta estes tópicos dentro de uma visão particular da Linguística do Corpus, visão esta que está fortemente ligada aos tipos de análise levados a cabo por Douglas Biber ao longo dos anos.

É preciso fazer uma observação em relação ao título. Embora apareça no título, a expressão 'corpus linguistics' figura somente na capa e no prefácio, desaparecendo posteriormente (nem mesmo a título de referência no índice ela é incluída). Ela é substituída por 'corpus-based approach' (abordagem baseada em corpus). As duas expressões não são exatamente sinônimas, visto que 'Linguística do Corpus' pressupõe uma área de investigação ou disciplina mais ou menos delimitada, ao passo que 'abordagem baseada em corpus' é mais abrangente e permite a inclusão mais confortável de várias outras áreas já estabelecidas.

Além disso, outros autores assumem uma diferenciação entre 'corpus-based' e 'corpus-driven linguistics' (Tognini-Bonelli 1993 *apud*. Pearson 1998), o que poderia causar conflito com a posição de Biber: na primeira acepção, o corpus seria usado apenas para provar uma teoria ou posição *a priori*, enquanto na segunda o corpus teria o papel de permitir contraprova a posições iniciais assumidas pelos pesquisadores ou pela comunidade em geral. A posição defendida por Biber seria, segundo esta dicotomia, definida como 'corpus-driven' e não como 'corpus-based'.

De qualquer modo, a dicotomia 'based / driven' não é universalmente aceita, e portanto a substituição de Linguística do Corpus por 'corpus-based approach' não acarreta maiores problemas. De fato, há uma propagação do uso de 'corpus-based approach' (e.g. Ljung 1997). Por esta ótica, a decisão de se ater à abordagem é acertada, visto que os autores defendem a exploração de corpora em várias disciplinas do estudo da linguagem. Mas mesmo assim falta uma justificativa para o desaparecimento brusco do termo Linguística do Corpus.

O leitor não deve esperar obter uma visão ampla e variada das várias correntes analíticas atuantes na Linguística do Corpus. Algumas questões tratadas são pertinentes a qualquer tipo de análise baseada em corpus, seja de que orientação for. Entretanto, a obra se destaca por apresentar uma visão sólida e criteriosa daquilo que caracteriza mais o trabalho de Douglas Biber e da corrente de Linguística do Corpus que ele representa.

Muitos tópicos não são discutidos, mas visto que a abrangência não era o critério norteador dos autores, não chega a ser um problema. Isto é deixado bem claro no prefácio, no qual os autores declaram que o objetivo do volume é relatar aquilo que os autores acham de mais apaixonante na Linguística do Corpus: a investigação empirista da linguagem em uso, e não a apresentação do estado da arte ou de detalhes técnicos de análise. É uma decisão acertada, visto que dado o crescimento vertiginoso da área, torna-se cada vez mais difícil combinar-se abrangência com profundidade. Vide, por exemplo, outras obras, como McEnery e Wilson (1996), a qual consegue ser um pouco mais abrangente mas deixa a desejar em profundidade, e Kennedy (1998), a qual é extremamente abrangente mas pouco detalhada.

Os capítulos estão redigidos de forma clara e organizada. Em sua maioria, a leitura é fácil e assume pouco conhecimento prévio, embora o teor do texto não seja introdutório. A leitura é mais difícil nas partes onde se exige um conhecimento e uma familiaridade com a quantificação. As partes mais herméticas são aquelas em que se aplica a abordagem multidimensional e se faz referência à análise fatorial.

O leitor mais privilegiado será aquele que tiver algum conhecimento da área, ao qual poderíamos nos referir como 'falso iniciante'. O leitor ideal é aquele que já tem algum conhecimento do trabalho prévio de Douglas Biber

na análise multidimensional. Para os mais avançados, ou seja, os que já atuam na Linguística do Corpus, a leitura fica um pouco prejudicada porque muitas das análises podem ser questionadas quanto a seus pressupostos ou sua apresentação (mas não quanto à sua condução).

Em geral, não é aconselhável a leitura linear, capítulo por capítulo. Para o leitor mais iniciante, recomendo o primeiro capítulo (a introdução), a seção 3 do capítulo 4 (comparação do uso de 'begin' e 'start'), e a seção 3 do capítulo 5 (mapeamento da ocorrência de características verbais em artigos acadêmicos), nesta ordem. O leitor mais avançado pode incluir a parte 3 do capítulo 6 (resumo da metodologia da análise multidimensional) e o capítulo 8 inteiro (comparação histórica de várias características textuais).

O capítulo mais questionável é o de número 5, o qual é dedicado ao estudo do discurso. Os autores acertam ao afirmar que a investigação de aspectos discursivos é dificultada devido à problemática da definição da unidade de análise e da inadequação de programas de computador para identificar tais unidades. Mas o capítulo deixa de fazer menção a um crescente número de trabalhos assistidos por computador e baseados em corpora que investigam uma ampla gama de aspectos discursivos, como a identificação de fronteiras internas do texto (conhecida por segmentação discursiva), a localização de tópicos por meio da ocorrência lexical, a análise da ideologia, da imagem, bem como de vários elementos relacionados ao que se convém chamar de uma visão crítica do discurso. Não está se sugerindo aqui que o capítulo contivesse uma análise detalhada destas áreas, mas sim que pelo menos se fizesse menção a elas. O capítulo inclui apenas uma análise de referência pronominal e uma de distribuição de tempos verbais ao longo de seções de artigos acadêmicos.

As notas metodológicas finais são as mais discutíveis. Pode-se inferir que a seleção dos tópicos para inclusão seguiu basicamente dois critérios: o primeiro, de relevância para o entendimento do texto da obra, e o segundo, de aprofundamento de questões práticas que, embora relevantes, eram específicas demais para discussão no corpo do trabalho. Por isso, há um desequilíbrio visível no elenco de temas. Alguns temas são claramente fundamentais e aplicáveis à maioria das abordagens, independente da escola, como por exemplo, questões de desenho de corpus. Outras, porém, são extremamente específicas a uma corrente particular de análise, como 'Cargas

fatoriais e escores dimensionais', a qual se refere ao tipo de análise criada e desenvolvida (brilantemente, diga-se de passagem) pelo autor principal, Douglas Biber. No conjunto, apesar de problemas de representatividade, a seleção é satisfatória. Deve-se notar que três dos temas incluídos, viz. desenho de corpus, programação para linguistas do corpus, e etiquetagem, foram foco de discussão recente na principal lista de email da disciplina (CORPORA).

O apêndice é útil pois apresenta não somente vários programas e corpora disponíveis mas também os endereços para contato com os responsáveis pelos mesmos. Uma falta gravíssima no apêndice é o fato de ter sido deixado de fora o programa WordSmith Tools (Scott 1997), que é padrão de referência para muitos usuários, principalmente no ambiente operacional Windows.

A bibliografia é adequada para o conteúdo da obra mas não serve como referência para a Linguística do Corpus. É característico do volume o fato de uma das sete páginas da bibliografia ser dedicada às referências a Douglas Biber.

Em conclusão, mesmo com as ressalvas elencadas acima, 'Corpus Linguistics – Investigating Language Structure and Use' é uma obra valiosa e indispensável para linguistas do corpus, estudiosos da linguagem em uso, e curiosos a respeito desta recente e excitante área de investigação, a Linguística do Corpus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIBER, D., S. Conrad and R. Reppen. "Corpus-based approaches to issues in Applied Linguistics." *Applied Linguistics* 15 (1994): 169-223.
- BIBER, D., S. Conrad, R. Reppen and S. Rilling. Corpus linguistics and language teaching: Concordancing and beyond. Colóquio apresentado na 30ª Convenção TESOL, 28 de março de 1996, Chicago, Ill, EUA.
- BIBER, D., Stig Johansson, Geoffrey Leech, Susan Conrad, and Edward Finegan. *The Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman, em preparação.
- KENNEDY, G. (1998) *An introduction to Corpus Linguistics*. New York: Longman.
- LJUNG, M. (org.) (1997) *Corpus-based Studies in English - Papers from the Seventeenth International Conference on English Language Research Research on Computerized Corpora (ICAME 17)*. Amsterdam/Atlanta, GA: Rodopi.

- McENERY, T. and A. Wilson. (1996) *Corpus Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- PEARSON, J. (1998) *Terms in context*. Studies in Corpus Linguistics, 1. Amsterdam: Benjamins.
- SCOTT, M. (1997) *WordSmith Tools Version 2*. Oxford: Oxford University Press.
- TOGNINI-BONELLI, E. Rationale and aims of Corpus Linguistics. Internal memorandum. Corpus Linguistics Group, Birmingham University, UK.
(Recebido em outubro de 1998; Aceito em dezembro de 1998)

701

RESENHA/REVIEW

GUY, G., FEAGIN, C., SCHIFFRIN, D., BAUGH, J. (eds.) (1997) *Towards a social science of language. V.2: Social interaction and discourse structures*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 358 p. Current issues in linguistic theory, 128.

Resenhado por Maria da Conceição de PAIVA (*Universidade Federal do Rio de Janeiro*)

Key Words: Sociolinguistics; Variation; Discourse Analysis.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação; Análise do Discurso.

O segundo volume de “Towards a social science of language”, coletânea dedicada a William Labov, é um trabalho exemplar de exploração e exemplificação das diversas áreas de pesquisa que, de forma direta ou indireta, se inspiraram nas bases teóricas lançadas por este autor. Conforme está anunciado nas palavras iniciais do prefácio, de autoria de G. Guy, “this book is a survey and a synthesis of the field that may be called labovian linguistics. Um campo vasto que inclui diferentes áreas de pesquisa como o estudo da contextualização social da linguagem, a dinâmica interna da variação e da mudança lingüísticas, o estudo de variedades não-standard como o inglês afro-americano, a análise da estrutura do discurso e, ainda, da influência de fatores discursivos e interacionais sobre a comunicação humana. Essa multiplicidade, como bem ressaltado no prefácio do livro, converge para um denominador comum: o estudo da língua na sociedade sustentado em observações diretas das práticas discursivas cotidianas.

Ainda no prefácio, G. Guy procura delimitar as contribuições teóricas e metodológicas do trabalho de Labov para a lingüística contemporânea, destacando dentre elas a proposição de um paradigma dinâmico que vai distingui-lo de outros modelos vigentes no século XX e que abriu novas perspectivas para o estudo da linguagem como fenômeno social. Essa visão da língua como um sistema social dinâmico, que se traduz no próprio termo “towards” utilizado no título da coletânea, vai perpassar todos os trabalhos reunidos neste segundo volume, ainda que os artigos abordem questões e fenômenos bastante diferenciados entre si.

Segue o prefácio o testemunho de Kac que participou na coleta de dados para o trabalho que veio a resultar em “The social stratification of English in New York City”, tese de doutoramento de W. Labov. O depoimento mostra, com clareza, as dificuldades do trabalho de análise do uso da língua, que envolve, necessariamente, questões como a “caça” aos informantes e os tropeços na obtenção dos dados.

O objetivo principal da coletânea, alcançado com maestria, foi o de reunir trabalhos originais cuja existência seria improvável sem o trabalho pioneiro desenvolvido por Labov. O volume é organizado em duas sessões, concentrando na primeira os trabalhos que estendem e aprofundam questões relacionadas à organização do discurso, vinculados às perspectivas teóricas abertas com os estudos labovianos da narrativa, dos textos descritivos e do discurso terapêutico. A segunda seção concentra trabalhos com temas ligados às complexidades semânticas da comunicação humana e aos determinantes discursivos e interacionais do uso da língua. Essa diversidade vem contemplar diversos aspectos do estudo da língua em uso, interessando, portanto, não apenas àqueles que se dedicam a estudos de variação lingüística como também aos que se preocupam com a estrutura e organização do discurso.

A primeira seção do volume, intitulada “Social interaction and discourse structures”, reúne textos bastante diversificados que exploram diferentes aspectos da organização dos textos narrativos ou da conversação espontânea. No seu conjunto, os artigos constituem um reconhecimento ao pioneirismo de Labov no sentido de transformar a análise do discurso em legítimo objeto de estudo lingüístico e de ter mostrado que variantes sintáticas e semânticas encontradas nas narrativas superpõem funções referencial, social e expressiva. A seção aberta com o artigo de Linde (“Discourse analysis, structuralism, and the description of social practice”) que coloca no centro da discussão as ligações entre estrutura lingüística e prática social tanto no nível do discurso quanto no nível da sintaxe. Através da análise de trechos narrativos, a autora propõe novas perspectivas de análise do discurso, postulando a construção de um modelo que integra uma análise estruturalista do discurso e uma análise da prática social em que os discursos estão encaixados. Com base nos dados analisados, a autora fornece argumentos para a crença de que todo estudo lingüístico é necessariamente sociolingüístico.

A incorporação de aspectos sociais na estrutura do texto narrativo é focalizada também no artigo de Schiffrin (“The transformation of experiences, identity and context”). A autora defende a tese de que o texto narrativo não se restringe à transformação da experiência. Nos textos narrativos os falantes constroem um “self portrait”, criando e recriando sua identidade, de forma dinâmica, durante o ato de discurso. Enquanto unidades lingüísticas veiculadoras de uma identidade e de um contexto social as narrativas possuem um papel central para a Sociolingüística, provendo um material valioso para o estudo da variação e da mudança..

O artigo de Bower (“Deliberative action constructs: reference and evaluation in narrative”) focaliza as construções lingüísticas que ocorrem nas seções de complicação dos textos narrativos, mostrando que, nesses trechos de discurso se superpõem as funções referencial e avaliativa. Além de transmitirem informação e fazerem avançar a ação narrativa, essas unidades revelam um estado interno, subjetivo do falante, refletindo sua orientação quanto à ação narrada.

Concentrado também na estrutura das narrativas, o artigo de Goodwin (“Byplay: negotiating evaluation in storytelling”) explora as seções de avaliação, defendendo que a dinâmica interacional entre falante e ouvinte pode determinar a forma de desenvolvimento do texto narrativo. Analisando situações de conversação espontânea, a autora mostra como a participação do ouvinte intervém no desenvolvimento de uma narrativa. A participação e reações do ouvinte em relação ao que está sendo narrado pode se manifestar de diferentes formas, demonstrando recusa ao que está sendo dito ou co-participação no processo de criação do discurso.

Os mecanismos de reparo, quando surge algum distúrbio na conversação espontânea, é a tônica do artigo de Schegloff (“Third turn repair”). O autor procura descrever as circunstâncias em que os reparos aparecem e as formas com que se manifestam, mostrando que essas unidades possuem diferentes funções interacionais e constituem estratégias que podem elucidar aspectos importantes da relação forma e função nas línguas humanas.

Ainda na área da análise da conversação, o texto de Shuy (“Discourse clues to coded language in an impeachment hearing”) se volta para uma questão mais específica: a forma como os falantes de uma língua podem usar

o código lingüístico para disfarçar o significado, ou seja, passar mensagens cifradas. Na análise de conversações telefônicas entre pessoas suspeitas de envolvimento em um processo de corrupção, o autor se vale de índices lingüísticos e discursivos para determinar a natureza cifrada da mensagem. A organização do discurso, muito mais do que as palavras utilizadas pelos envolvidos na conversação apontam a anti-naturalidade do evento de fala, levando a crer que se trata de um discurso codificado.

Dois dos artigos contidos no volume estão mais direcionados para os processos envolvidos na interpretação do discurso. O artigo de Weiner (“The incongruity of jokes, riddles and humorous situations”) concentra sua atenção na incongruência que resulta da violação de regras pragmáticas. Essas regras derivam, segundo a autora, de um sistema de conhecimento compartilhado pela comunidade e fundamental para a comunicação humana. A infração a regras pragmáticas pode ser intencionalmente utilizada pelo falante com o objetivo de gerar surpresa ou um efeito humorístico.

A questão da inferência é recolocada no texto de Gumperz (On the interactional bases of speech membership community) com o objetivo de sugerir uma perspectiva de interpretação do conhecimento social e lingüístico requerido na interpretação do discurso. Através da análise de situações de comunicação que envolve falantes pertencentes a grupos étnicos distintos, o autor demonstra que muitas das estratégias de interpretação empregadas estão relacionadas a experiências comunicativas compartilhadas pelos interlocutores. As inferências se baseiam em conhecimento adquirido como parte de uma história social e econômica comum.

Um problema crucial na formulação de uma análise sociolingüística do discurso é a aplicabilidade de métodos quantitativos, como o proposto para análise da regra variável, a fenômenos do discurso, devido à dificuldade de se definir a variável, ou o que Schegloff denominou de problema do denominador. Esse problema é retomado em dois artigos que propõem soluções alternativas, que garantam, no entanto, o princípio de “accountability” proposto por Labov, ou seja, a exigência de que as afirmações acerca de um fenômeno lingüístico sejam verificadas de forma exata. O primeiro, da autoria de Horvarth (“An empirical study of textual structure: horse call races”) apresenta uma tentativa de abordagem empírica e quantitativa para o estudo de textos. A autora toma como exemplo a análise

da estrutura de narrações de corridas de cavalo e, valendo-se de um método estatístico, procura confirmar a correspondência entre unidades lingüísticas e funcionais nos textos em questão. O estudo experimental abre novas perspectivas para a análise das diferenças lingüísticas e funcionais entre textos assim como das diferenças que possam ser atribuídas ao indivíduo.

No artigo de Dubois e Sankoff (“Discourse enumerators and Scheglof’s denominator”), o problema da aplicabilidade de métodos quantitativos a fenômenos discursivos é discutido a partir da análise dos processos de enumeração no discurso oral. Os autores defendem a possibilidade de demonstração do grau de interrelação entre dois grupos de fatores ou dois parâmetros de análise das construções de enumeração por meio de técnicas estatísticas como a de tabulação cruzada, que permite verificar as interações possíveis entre os dados.

A segunda seção livro, intitulada “Language in use: syntactic and lexical variation”, reúne artigos que exploram uma das direções mais produtivas do modelo sociolingüístico laboviano: a análise de fenômenos variáveis, principalmente lexicais e sintáticos, à luz da conjugação entre fatores gramaticais e discursivos, mostrando que a adequação descritiva no estudo da variação lingüística só pode ser alcançada mediante o controle conjunto de propriedades estruturais e funcionais dos elementos da linguagem. O primeiro artigo da seção, de autoria de Braga e Oliveira (“On focusing sentences in brazilian Portuguese”) contempla, como está explícito no título, as construções de focalização no português, comparando dados de duas cidades brasileiras: Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O estudo, além de revelar algumas diferenças entre as duas cidades, mostra que a variação entre as diversas construções de foco é controlada por fatores gramaticais e por fatores discursivos.

Também fortemente influenciado por fatores de natureza discursiva é o uso de pronomes livres ou presos em javanês, tema do artigo de Myhill (“View point, sequencing and pronoun usage in javanese short stories”). O autor mostra que a escolha entre as duas formas do pronome é dependente da função narrativa da sentença onde eles ocorrem. O pronome preso está associado com cláusulas narrativas, sequenciais. O pronome livre, por sua vez, ocorre mais freqüentemente em sentenças onde se verifica uma avaliação subjetiva do falante em relação ao referente do pronome.

A relação entre forma e função, eixo em torno do qual se aglutinam quase todos os textos da segunda seção, é enfocada sob um prisma um pouco diferente no artigo de Prince (“On Kind sentences, resumptive pronouns and relative clauses”). A autora apresenta evidências de algumas línguas para defender a tese de que as cláusulas encaixadas em uma sentença matriz com *tipo (kind)* e que contêm um pronome resumitivo não estão relacionadas sintaticamente com as relativas sem pronome resumitivo. Além das diferenças sintáticas entre os dois tipos de estrutura a autora aponta especificidades funcionais do pronome resumitivo nas orações com *tipo*. As evidências translingüísticas levam a autora a concluir que a correlação entre forma e significado é imprezível, constituindo um fato específico de cada língua.

O artigo de Wald (“Varbrul and the human/inanimate polarization of the swahili object marker”) retoma uma das controvérsias centrais dos estudos variacionistas de orientação laboviana: a aplicação do programa de regra variável, varbrul, à análise de alternâncias que envolvem diferença de significado. O que leva à discussão de um dos pressupostos centrais do modelo, ou seja, o da invariância semântica entre formas estruturalmente distintas. O estudo acerca do uso variável do marcador de objeto em swahili permite ao autor ilustrar a combinação do instrumento varbrul a outros métodos de análise para obter conclusões acerca do comportamento de um fenômeno lingüístico. A metodologia quantitativa permite, como enfatiza o autor, reconhecer a independência dos fatores e comprovar conclusões motivadas por uma análise mais qualitativa.

O dinamismo dos processos de mudança em situação de contato lingüístico é igualmente bem contemplado na coletânea. Retomando o pressuposto laboviano de que a explicação da mudança lingüística não emerge apenas da análise de fatores estruturais, mas deve buscar seus fundamentos também na complexidade social das comunidades de fala, dois artigos da coletânea examinam processos de mudança lexical e sintática em contextos bilingües. Boyd et alii (“Patterns of incorporation of lexemes in language contact: language typology or sociolinguistics”) analisa a incorporação lexical em três comunidades bilingües. Os autores demonstram, através de uma análise cuidadosa dos processos de incorporação morfo-fonológica de itens lexicais de uma língua em outra, a insuficiência de explicações baseadas unicamente nas diferenças tipológicas entre as línguas. Os padrões de incorporação só podem ser compreendidos à luz do contexto social do contato lingüístico que influencia de forma relevante as soluções encontradas por cada comunidade bilingüe.

Poplack analisa o uso variável das formas de subjuntivo no francês falado em comunidades bilingües da fronteira entre Quebec e Ontário, no Canadá ("The sociolinguistics dynamics of apparent convergence"). A autora busca comprovar a hipótese de que a perda do subjuntivo no francês falado nessas comunidades é decorrente de um processo de convergência entre a língua minoritária, o francês, e a língua majoritária, o inglês, ou seja, um caso de mudança induzida por contato lingüístico. O estudo quantitativo da variação mostra, no entanto, fracas evidências a favor da hipótese, sugerindo outras explicações para o fenômeno.

A coletânea termina com uma preciosa compilação da extensa bibliografia de W. Labov, organizada cronologicamente, subdividida por tipos de publicação e com a indicação das traduções para diferentes línguas. Todos aqueles que se interessam pelo modelo variacionista encontram nas páginas finais do livro um excelente ponto de referência que permite acompanhar o pensamento científico do homenageado.

Como se pode ver, o aparente ecletismo do segundo volume de "Towards a social science of language" é apenas uma consequência da diversidade de perspectivas e temas que passaram, a partir de W. Labov, a ocupar a atenção de uma quantidade considerável de lingüistas em diferentes partes do mundo, trabalhando com diferentes sistemas lingüísticos. É um ecletismo revelador das múltiplas faces do estudo da língua em uso e que vem contribuir de forma substancial para aumentar o nosso conhecimento das complexas inter-relações entre língua, discurso e sociedade.

(Recebido em setembro de 1998; Aceito em novembro de 1998)

NOTAS SOBRE LIVROS/BOOKNOTES

- ◆ GRANGER, S. (org.) (1998) *Learner English on Computer*. New York: Longman,. ISBN 0-582-29883-0.

Esta obra trata de um segmento da Lingüística do Corpus que embora tenha crescido muito nos últimos anos, ainda não contava com uma coletânea de peso: o uso de corpora de falantes não-nativos na investigação da aprendizagem de línguas estrangeiras. Embora esta coletânea seja dedicada especificamente à linguagem de aprendizes do inglês, 'Learner English on Computer' vem cobrir uma lacuna importante na Lingüística do Corpus.

A organizadora, Sylviane Granger, tem trabalhado nesta área há muito tempo, e é sem dúvida o nome de maior destaque na área. Outros nomes importantes que figuram entre os autores são Geoffrey Leech, Tony McEnery, Doug Biber e Jan Aarts. Mas além desses conhecidos, o volume reúne também um rol de novos autores que vêm expandir e renovar a área.

A obra compreende 15 contribuições, divididas em três partes: desenho e análise de corpus de aprendizes; estudos acerca da gramática, léxico, e discurso; e aplicações pedagógicas de corpora de aprendizes. A primeira parte trata, de modo geral, do papel do computador na investigação da aprendizagem e, mais especificamente, da armazenagem e exploração de textos e transcrições de fala de falantes não-nativos. A segunda parte, a mais extensa, enfoca aspectos variados relacionados com a descrição da interlíngua: frequência de vocabulário, fraseologia, adjetivação, formação de perguntas, arranjos de constituintes gramaticais, etc. A última parte engloba trabalhos voltados à criação e melhoria do instrumental de ensino, como livros-texto, materiais para sala de aula, e dicionários.

Por sua abrangência e qualidade, a obra será de relevância para um grande número de leitores, praticantes ou não da Lingüística do Corpus. Para lingüistas do corpus esta é uma obra indispensável, pois expande os limites tradicionais da área para além da investigação de variedades nativas. Para os estudiosos do ensino e aquisição de língua estrangeira, o volume também é de muita valia, já que mostra como várias questões podem ser tratadas sob a ótica da Lingüística do Corpus.

Por/By A.P. Berber Sardinha (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*)

- ◆ KENNEDY, G. (1998) *An introduction to Corpus Linguistics*. New York: Longman, ISBN 0-582-23154-X.

Este é a mais nova introdução à Lingüística do Corpus, e vem a somar-se ao rol de livros destinados a este fim (Biber et al., 1998; McEnery e Wilson 1996). A sua publicação mostra que há um interesse crescente na utilização de corpora eletrônicos na pesquisa lingüística.

A obra compreende cinco capítulos: introdução, desenho e desenvolvimento de corpora, descrições do inglês baseadas em corpus, análise de corpus, e implicações e aplicações da análise baseada em corpus. A introdução apresenta vários pontos importantes da área, de modo abrangente e detalhado, inclusive com informações de cunho histórico. O segundo capítulo mostra um panorama do desenvolvimento de corpora, tanto computacionais quanto pré-eletrônicos, e por isso é indispensável para o entendimento das direções que tomou a Lingüística do Corpus. O terceiro capítulo apresenta um apanhado de pesquisas que utilizam métodos baseados em corpora para tratar de vários aspectos relacionados à língua inglesa. Novamente, há uma excelente apresentação de uma gama de trabalhos antigos de difícil obtenção hoje em dia. Além disso, o autor incluiu estudos recentes de sua autoria. O capítulo quatro focaliza os procedimentos de análise de corpora, tais como concordâncias, etiquetagem, e lematização, além de fornecer aspectos básicos acerca de vários programas de computador. O último capítulo proporciona uma discussão primorosa voltada aos rumos futuros da Lingüística do Corpus tendo em vista seu desenvolvimento até o presente.

Do ponto de vista da abrangência, esta é, sem dúvida, a melhor monografia sobre Lingüística do Corpus existente. O texto é redigido com esmero, e não exige conhecimento prévio substancial, embora não seja um trabalho recomendado para aqueles que não têm base alguma da área.

Por/By A. P. Berber Sardinha (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIBER, D., et all. (1998) *Corpus linguistics - Investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press,.
- MCENERY, T. & A. WILSON. (1996) *Corpus Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

- ◆ WIDDOWSON, H.G. (1996). *Linguistics*. Oxford: Oxford University Press. (Série *Oxford Introductions to Language Study*). xiii + 134.

Logo no começo do Prefácio ao livro, o autor pergunta: Que justificativa teria mais um livro introdutório sobre a Lingüística, já que existem vários títulos no mercado com esse propósito, inclusive alguns por autores com gabarito inquestionável para realizar a tarefa com êxito? A resposta do próprio autor é a de que esses livros ditos introdutórios tendem a ser, com freqüência, obras que demandam leitura demorada e penosa. O presente livro é, sem dúvida, fruto de um trabalho muito bem concebido e executado. Ele é escrito numa linguagem extremamente simples e direta. Trata-se do número 1 de uma série intitulada “Oxford Introductions to Language Study”, sob a direção do próprio organizador da série, Henry Widdowson, estudioso de grande repercussão e reconhecimento (e, por coincidência, membro do Conselho Editorial da Revista D.E.L.T.A. nos seus primeiros anos).

São livros, conforme já disse, de fácil acesso, destinados aos principiantes e pesquisadores em outras áreas que queiram adquirir idéias gerais sobre a lingüística e áreas afins. A série se distingue das outras do gênero pela organização singela e bastante atraente do conteúdo. Os livros são, todos eles, divididos em 4 partes distintas. A primeira e a mais extensa faz um apanhado geral sobre os diversos aspectos da questão em pauta. A segunda fornece ao leitor pequenos trechos extraídos de textos famosos (ao todo, são 24) da área do conhecimento - no caso do livro em discussão, a Lingüística (os autores selecionados no caso deste primeiro volume incluem Chomsky, Whorf, Saussure, Lyons e outros). Há uma pequena apresentação por parte do autor antes de cada um dos trechos, e duas ou três perguntas abertas no final de cada um, perguntas essas que procuram ao mesmo tempo testar a compreensão e fornecer pistas para maior reflexão sobre cada um dos temas. A parte 3 contém uma pequena bibliografia comentada para cada um dos capítulos, sendo que os livros são divididos em três grupos - como introdutórios, avançados e altamente especializados. Finalmente, a quarta parte fornece um glossário com todos os termos técnicos usados no decorrer da exposição.

Os 6 capítulos que compõem o presente livro têm, respectivamente, os seguintes títulos: A natureza da linguagem, O escopo da lingüística, Princípios e níveis de análise, Campos de investigação - enfoque na forma, Campos de

investigação - enfoque no significado, e Questões atuais. São, todos eles, capítulos bem enxutos porém cheios de informações pertinentes. À guisa de ilustração, o primeiro capítulo discute no espaço reduzido de 12 páginas o estatuto da lingüística enquanto ciência da linguagem, a centralidade da linguagem em nossas vidas, como a linguagem tem sido objeto de comentários desde a antigüidade, conceitos como a arbitrariedade de signo e o princípio de dupla articulação, as diferenças entre a linguagem humana e os sistemas de comunicação utilizados pelos membros de outras espécies no reino animal, a polêmica em torno da linguagem como um atributo herdado geneticamente ou uma capacidade adquirida, gramática universal, o conceito de parâmetros de Chomsky, e a "oposição psicologia vs. sociologia" no âmbito dos estudos da linguagem. Sem dúvida, uma discussão bastante superficial, porém extremamente útil para quem não tem nenhum conhecimento prévio sobre as questões.

O livro de Widdowson deve ser de grande valia sobretudo àqueles que são de outras áreas acadêmicas e que desejam fazer alguma incursão ao mundo da Lingüística sem ter a intenção de se aprofundar nas diversas questões e nem dispõem de tempo para consultar dezenas de livros em busca das informações desejadas.

Por/By Kanavillil Rajagopalan
(*Universidade Estadual de Campinas*)

- ◆ SHIBATANI, M. & THOMPSON, S.A. (1996) *Grammatical Constructions - their form and meaning*. Oxford: Clarendon Press. Páginas xvii + 345.

O livro é dedicado a Charles J. Fillmore como reconhecimento da sua liderança nos estudos das construções gramaticais.

A década de 80 marca a emergência da investigação das chamadas construções gramaticais (ou seja, construções cujo significado independe das palavras que as compõem). Doze artigos ao todo estudam as propriedades semânticas, pragmáticas e gramaticais dessas construções, na tentativa de determinar o papel que desempenham na complexa interação dos recursos lingüísticos que o falante traz para a situação comunicativa.

O livro traz várias abordagens sobre construções que se conhecem na atualidade. Assim é o estudo das construções relativamente lexicalizadas, de Goldberg, no seu estudo sobre a construção com *way*. Outras dedicam-se a construções tradicionais, tais como as condicionais (McCawley e Sweetzer), as construções de alçamento do possessivo (O'Connor), as orações relativas (Matsumoto), ou as orações com *-te* no japonês (Hasegawa). A interação entre tipos de verbo e tipos de argumento semânticos são discutidos por Shibatani (*applicatives* e *benefactives*), Slobin (verbos de movimento), Talmy (*event frames*), e Van Valin e Wilkins (*'effector' roles*), enquanto as construções no nível das frases nominais são foco dos artigos de Brugman (frases nominais modificadas) e Walters (nominais deverbais).

Todas elas enfocam a língua como um intrincado conjunto de habilidades cognitivas e sociais adaptado de maneira requintada para a comunicação humana, e o papel das construções gramaticais nesse processo pela sua riqueza semântica, pragmática e gramatical.

Por/By Sumiko Nishitani Ikeda
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

NOTAS/NOTES

1. Publicações/Publications

ADGER, D. et all (eds.) (1998) *Minimalist Approaches*. Oxford: Clarendon Press.

AINSWIRTH-VAUGHN, N. (1998) *Claiming Power in Doctor-Patient Talk*. Oxford Studies in Sociolinguistics. Oxford: Oxford University Press.

BAO, Z. (1999) *The Structure of Tone*. Oxford: Oxford University Press.

BARBOUR, S. and C. CARMICHAEL (eds.) (1999) *Language and Nationalism in Europe*. Oxford: Oxford University Press.

BERG, T. (1998) *Linguistics Structure and Change - An Explanation from Language Processing*. Oxford: Clarendon Press.

BERK, L. M. (1999) *English Syntax - From Word to Discourse*. Oxford: Oxford University Press.

BORTOLOTTI, N. (1998) *A Interlocução na Sala de Aula*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

BOUISSAC, P. (ed.) (1998) *Encyclopedia of Semiotics*. Oxford: Oxford University Press.

BROWN, C. M. and P. HAGOORT (1999) *The Neurocognition of Language*. Oxford: Oxford University Press.

CARSTAIRS-McCARTHY, A. (1999) *The Origins of Complex Language - An Inquiry into the Evolutionary Beginnings of Sentences, Syllables, and Truth*. Oxford: Oxford University Press.

CATFORD, J. C. (1988) *A Practical Introduction to Phonetics*. Oxford: Clarendon Press.

CHACON, L. (1998) *Ritmo da Escrita - Uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes Editora

CHOMSKY, N. (1998) *Linguagem e Mente*. Brasília: Editora da UnB.

CINQUE, G. (1999) *Adverbs and Functional Heads - A Cross-Linguistic Approach*. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford: Oxford University Press.

CORNISH, F. (1999) *Anaphora, Discourse and Understanding - Evidence from English and French*. Oxford: Clarendon Press.

CROWLEY, T. (1998) *An Introduction to Historical Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.

CRUSE, D. A. (1999) *Meaning in Language - An Introduction*. Oxford Textbooks in Linguistics. Oxford: Oxford University Press.

- ELKONIN, D. B. (1999) *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Martins Fontes.
- EMMOTT, C. (1999) *Narrative Comprehension - A Discourse Perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- EPSTEIN, S. D. et al. (1998) *A Derivational Approach to Syntactic Relations*. Oxford: Oxford University Press.
- EVANS, R. J. W. (1999) *The Language of History and the History of Language*. Inaugural Lectures. Oxford: Oxford University Press.
- FAHNESTOCK, J. (1999) *Rhetorical Figures in Science*. Oxford: Oxford University Press.
- FREINET, C. (1999) *A Educação do Trabalho*. São Paulo: Martins Fontes.
- GILDEA, S. (1998) *On Reconstructing Grammar - Comparative Cariban Morphosyntax*. Oxford Studies in Anthropological Linguistics No. 18. Oxford: Oxford University Press.
- GIORGI, A. and F. PIANESI (1998) *Tense and Aspect - From Semantics to Morphosyntax*. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford: Oxford University Press.
- GOPNIK, M. (ed.) (1998) *The Inheritance and Innateness of Grammars*. Vancouver Studies in Cognitive Science No. 6. Oxford: Oxford University Press.
- HEINE, B. (1998) *Cognitive Foundations of Grammar*. Oxford: Oxford University Press.
- HOYLE, S. M. and C. ADGER (eds.) (1998) *Kids Talk - Strategic Language Use in Later Childhood*. Oxford: Oxford University Press.
- HUNSTON, S. and G. THOMPSON (1999) *Evaluation in Text - Authorial Stance and The Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press.
- KIRBY, S. (1999) *Function, Selection and Innateness - The Emergence of Language Universals*. Oxford: Oxford University Press.
- LEVY, M. (1997) *Computer-Assisted Language Learning - Context and Conceptualization*. Oxford: Clarendon Press.
- LIER-DE VITTO, M.F. (1998) *Os Monólogos da Criança: Delírios da Língua*. São Paulo: EDUC/ FAPESP.
- MATTOS, M.A.de (1998) *Dispersão e Memória no Quotidiano*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- MC CONVELL, P. and N. EVANS (eds.) (1998) *Archeology and Linguistics - Aboriginal Australia in Global Perspectives*. Oxford: Oxford University Press.
- MOON, R. (1998) *Fixed Expressions and Idioms in English - A Corpus-Based Approach*. Oxford Studies in Lexicography and Lexicology. Oxford: Clarendon Press.

- MÜLLER, N. (1999) *Agents in Early Welsh and Early Irish*. Oxford: Oxford University Press.
- MYERS-SCOTTON, C. (ed.) (1998) *Codes and Consequence - Choosing Linguistics Varieties*. Oxford: Oxford University Press.
- NETTLE, D. (1999) *Linguistic Diversity*. Oxford: Oxford University Press.
- O'DOWD, E. M. (1998) *Prepositions and Particles in English - A Discourse-Functional Account*. Oxford: Oxford University Press.
- PHILIPS, S. U. (1998) *Ideology in the Language of Judges - How Judges Practice Law, Politics, and Courtroom Control*. Oxford Studies in Anthropological Linguistics No. 17. Oxford: Oxford University Press.
- PIRES, S. (1997) *Estratégias Discursivas na Adolescência*. S.Paulo: Editora Arte e Ciência.
- RAVIN, Y. and C. LEACOCK (1999) *Polysemy - Theoretical and Computational Approaches*. Oxford: Oxford University Press.
- SAMPSON, R. (1999) *Nasal Vowel Evolution in Romance*. Oxford: Oxford University Press.
- SCHIEFFELIN, B. B. et al. (eds.) (1998) *Language Ideologies - Practice and Theory*. Oxford Studies in Anthropological Linguistics No. 16. Oxford: Oxford University Press.
- SCOVEL, T. (1998) *Psycholinguistics*. Oxford Introductions to Language Study. Oxford: Oxford University Press.
- SHIBATANI, M. et al. (eds.) (1999) *Approaches to Language Typology*. Oxford: Oxford University Press.
- SIGNORINI, I. & M. C. CAVALCANTI (1998) *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. São Paulo: Mercado de Letras.
- SKEHAN, P. (1998) *A Cognitive Approach to Language Learning*. Oxford: Oxford University Press.
- SOUZA, R. M. de (1999) *Que Palavra Que Te Falta? - Linguística, Educação e Surdez*. São Paulo: Martins Fontes.
- SPOLSKY, B. (1998) *Sociolinguistics*. Oxford Introductions to Language Study. Oxford: Oxford University Press.
- WIERZBICKA, A. (1998) *Understanding Cultures Through Key Words - English, Russian, Polish, German and Japanese*. Oxford Studies in Anthropological Linguistics No. 8. Oxford: Oxford University Press.

2. Eventos/Events

ABRIL/99 16-17: XV Jornada de Ensino de Língua Inglesa – Tecnologia no Ensino de Língua Estrangeira. UNAERP, Ribeirão Preto. (Contato:

Maria Helena/Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) – Av. Constâbile, 2201, Ribeirania; CEP: 14096-380; Ribeirão Preto/SP; Fones (017) 221-2316/(016) 603-6798/603-6776; e-mail: mahe@edu.ibilce.uneso.br.

ABRIL/1999 30 - MAIO 02 IX InPLA – Intercâmbio de Pesquisas em Lingüística Aplicada, PUC-SP, São Paulo, Brasil. (Contato: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Programa de Estudos de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) Profª Beth Brait e/ou Profª Sumiko Ikeda, Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, São Paulo, SP, Brasil, CEP.: 05014-001; Fone: +55+11 864.4409; Facsimile: +55 +11 3862.5840; e-mail: inpla@exatas.pucsp.br)

MAIO/99 6-8: Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 1999 – 50th. Anniversary Celebration 1949-1999. Wahsinton, D.C.

JUNHO/99 20-24: XIX Conferência Mundial sobre Educação Aberta e à Distância. Viena. (Contato: Sede do Congresso – Austria Center Viena – Am Hubertusdamm 6 A – 1220, Viena; e-mail: sc.icde99@fernuni-hagen.de).

JUNHO/99 21 – JULHO 30: 1999 LSA Linguistic Institute. University of Illinois at Urbana, Champaign. (Contato: University of Illinois at Urbana – 4088 Foreign Languages Building, 707 South Mathews, Urbana, Illinois, Zip Code: 61801, USA).

JULHO/99 11-16: 51a. Reunião Anual da SBPC. PUC-RS, Porto Alegre. (Contato: SBPC - Rua Maria Antonia, 294 - 4º andar - 01222-010 – SP; Fone (011) 259-2766 R. 212; Fax (011) 3106-1002; e-mail: eventos@sbpcnet.org.br; homepage: <http://www.sbpcnet.org.br> - Inscrição com apresentação de trabalho (painéis): até 16/03/99 (com desconto); de 17 a 31/03/99 (sem desconto).

JULHO/99 19-22: XV ENPULI - Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa. USP, São Paulo. (Contato: Departamento de Letras Modernas – FFLCH/Universidade de São Paulo - Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 - 05508-900 - São Paulo, SP; Tel: (011) 818-5051 / 818-4296; Fax: (011)818-5041; e-mail: enpuli99@edu.usp.br).

AGOSTO/1999 1-6: XII AILA World Congress of Applied Linguistics. Tokio, Japão (Contato: Fone: +81 -3-3226-2822; Fax +81-3226-2824; e-mail: aila99@simul.co.jp; <http://www.langue.hyper.chubu.ac.jp/jacet/aila99>).

- AGOSTO/99 16-20:** III Congresso Nacional de Lingüística e Filogogia. Instituto de Letras da UERJ, Rio de Janeiro. (Contato: e-mail: pereira@uerj.br; Fone (021) 569-0276).
- AGOSTO/99 18-21.** III Encontro do CELSUL, IV Seminário Internacional de Lingüística e X Encontro do VARSUL. PUC-RS, Porto Alegre. (Contato: Profa. Jane Rita Caetano da Silveira; e-mail: jarita@ez-poa.com.br).
- AGOSTO/99 25-27:** VI Congresso Internacional de Educação à Distância. (Contato: ABED – Associação Brasileira de Educação à Distância – Av. Profº Lúcio Martins Rodrigues, Trav. 4, Bloco 18, Cidade Universitária – CEP: 05508-900, São Paulo/SP; e-mail: abed@edu.usp.br; homepage: www.abed.org.br; apresentação de resumos dos trabalhos até 15 de abril de 1999).
- SETEMBRO/99 10-12:** II Jornada de Estudos Hispánicos. Universidade Estadual de Londrina. (Contato: Departamento de Letras Estrangeiras Modernas - Caixa Postal 600 – CEP: 186051-990 - Londrina, PR; Tel.: (043)371-4468; Fax: 371-4408; e-mail: jorhisp@uel.br).
- OUTUBRO/99 13-15:** III Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso. Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Contato: Helênio F. de Oliveira - Rua Gustavo Sampaio, 760/601 - 22010-010 - Rio de Janeiro, RJ; Fone: (021) 275-0027).
- ABRIL/2000 26 –29** 3rd International Maastricht-Lodz Duo Colloquium on “Translation and Meaning”. Maastricht, The Netherlands. (Contato: Hogeschool Maastricht - School of Translation and Interpreting – Dr. Marcel Thelen, P. O. Box 964, 6200 AZ Maastricht, The Netherlands; Fax: + 31 43 346 6649; Tel: + 31 43 346 6471 (direct line); e-mail: m.m.g.j.thelen@ftv.hsmaastricht.nl).
- SETEMBRO/2000 21-24** 3rd International Maastricht-Lodz Duo Colloquium on “Translation and Meaning”. Łódź, Poland. (Contato: Department of English Language - University of Lodz Prof. Dr. Habil. Barbara Lewandowska-Tomaszczyk, Al. Kosciuszki, 65, 90-514, Lodz, Poland; Fax: + 48 42 36 63 37; Tel: + 48 42 36 63 37; e-mail: duoduo@krysia.uni.lodz.pl).

INSTRUCTIONS FOR PRESENTATION OF THE CONTRIBUTIONS

Papers submitted to D.E.L.T.A. should be sent: in floppy disk, typed in WORD for Windows with no format other than paragraphs, and three paper copies. The label on the floppy disk must specify the author's name, title of the paper, author's affiliation and version of word-processing programme used. To guarantee anonymity when sent to referees, in two of the printed copies, the name, affiliation and other references that may identify the author must be omitted. The floppy disk will not be returned to the author. Therefore, please keep back-up copy for the modifications that may be suggested by referees.

Foot-notes: located at the bottom of the page, numbered from 1. Should there be a foot note in the title it is to be introduced by an asterisc (*) and must not be numbered. Foot notes should not be used for bibliographical references. References should be made within the text, in brackets, using the surname of the author, date of publication followed by a colon and the page number; when it is not a quotation put cf before the name of the author (ex: Chomsky (1965:152) or (Chomsky;1965:152) and (cf.: Chomsky;1965:152) or (cf.: Chomsky :1965:152)).

Tables, charts, figures, trees must also be sent separately in camera ready format - laser/ink jet or indian ink. The title of tables, charts, figures, are numbered and capital letters are used for initials.

Abstract/Resumo: In Italics, introduced by the word *ABSTRACT* or *RESUMO* in two versions, one in Portuguese and one in English of around 100 words each. It is advisable to have them read by native speakers. They are each to be followed by 4 key words/ 4 palavras-chave, preceded respectively by the word *Key Words/Palavras-Chave*.

References: type the word REFERENCES 3 lines before the first entry. The entries, in alphabetical order and single spaced. Use upper case for surnames. Initials of the first author follow the surname; initials of other authors in an entry precede the surname. Titles of books or journals are in italics and the number of journals in bold. In the second entry of a given author his/her name is replaced by a 5 space dash. The date comes in brackets after the author's name; other relevant date come at the end of the entry; more than one work in the same year are distinguished by the letters a, b, etc., within the brackets. E.g.:

SERRANI-INFANTE, S. (1997) *Formações Discursivas e Processos Identificatórios na Aquisição de Línguas*. *D.E.L.T.A.*, 13.1 : 63-81.

KRESS, G. (1997) *Before Writing : Rethinking the Paths to Literacy*. London: Routledge.

Appendices: should there be any, after the references, preceded by the Word Appendix, in upper case. If long stretches of text from published works are to be annexed, please provide camera ready copy as well as complete bibliographical reference and permission from the publishers for reproduction.

D.E.L.T.A. keeps the copyright of the papers submitted unless it officially withdraws this right on request. Papers submitted are not to be withdrawn after the process of refereeing starts.

Size: ARTICLE: maximum length: 10.000 words; OVERVIEW, DEBATE: maximum length: 12.000 words; SQUIBS: maximum length: 6.000 words; REVIEW: maximum length: 3.600 words.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

Os trabalhos submetidos à D.E.L.T.A. devem ser enviados:

- em três vias impressas, com páginas numeradas, duas delas sem nenhuma informação que identifique a autoria. Em folha à parte, devem vir um título em português e um em inglês, além do endereço completo, com telefone, fax e e-mail do autor, bem como informação da área em que se insere o trabalho. Os nomes dos autores, com o sobrenome principal em maiúsculas, devem ser seguidos da filiação por extenso;

- em disquete, digitados em programa Word-for-Windows recente, sem formatação além de parágrafo; deve ser colada, no disquete, uma etiqueta contendo o nome do/a autor/a, o título do trabalho e o programa utilizado. O disquete não será devolvido a/o autor/a, que deve manter seu arquivo para as eventuais modificações sugeridas pelos pareceristas.

Notas: devem ser digitadas em pé de página, numeradas a partir de 1. Se houver nota no título, esta recebe asterisco e não numeração. As notas não devem ser utilizadas para referência bibliográfica. Estas devem ser feitas no corpo do trabalho, entre parênteses, usando o sobrenome do autor, data de publicação e página, no caso de citação, precedido de cf. no caso de paráfrase (ex.: Chomsky (1995:152) ou (Chomsky;1995:152) e (cf.: Chomsky;1995:152) ou (cf.: Chomsky :1995:152).

Ênfase: usar itálico, não sublinhar.

Tabelas, gráficos, desenhos, quadros e árvores devem ser encaminhados, também separadamente, em versão impressa, pronta para ser fotografada, em laser/ink jet ou tinta nanquim. Devem ser numerados e ter título. Apenas as iniciais do título devem estar em maiúsculas.

Abstract/Resumo: datilografados em itálico, precedidos da palavra *ABSTRACT* ou *RESUMO*, em duas versões de cerca de 100 palavras, uma em inglês e uma em português. Recomenda-se que sejam revistos por falantes nativos dos respectivos idiomas. Os *ABSTRACTS* e *RESUMOS* devem ser seguidos de quatro palavras-chave/key words, naquela língua, precedidos do termo *Key Words* ou *Palavras-Chave*.

Referências bibliográficas: datilografar a expressão REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Os autores devem estar em ordem alfabética, sem numeração das entradas e sem espaço entre as referências. O principal sobrenome de cada autor, digitado em maiúsculas, seguido de vírgula e das demais iniciais (do nome e sobrenomes). As iniciais de outros autores precedem o sobrenome. Título de livro ou revista deve vir em itálico e o número de revista em negrito. Na segunda entrada de um mesmo autor, seu nome é substituído por um traço de 5 toques. Data identificadora da obra, entre parênteses, após o nome do autor (outras datas relevantes, no final da entrada). Mais de uma obra no mesmo ano, distinguidas pelas letras a, b, etc. após a data. Ex.:

SERRANI-INFANTE, S. (1997) Formações Discursivas e Processos Identificatórios na Aquisição de Línguas. *D.E.L.T.A.*, 13.1 : 63-81.

KRESS, G. (1997) *Before Writing : Rethinking the Paths to Literacy*. London: Routledge.

Anexos: caso existam, devem ser colocados depois das referências bibliográficas, precedidos da palavra Anexo. Para anexos que constituam textos originais já publicados, enviar em formato final para ser fotografado e incluir referência bibliográfica completa, bem como permissão de editores para reprodução. A D.E.L.T.A. detém o "copyright" dos trabalhos a ela submetidos, exceto nos casos em que está impresso o contrário. Os trabalhos submetidos à D.E.L.T.A não devem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.

Tamanho: ARTIGO: até 10.000 palavras; se tiver gráficos e/ou anexos, o conjunto não deve ultrapassar 27 páginas. RETROSPECTIVA, DEBATE: até 12.000 palavras. QUESTÕES E PROBLEMAS: até 6.000 palavras. RESENHA: até 3.600 palavras.

Volume 13 n. ESPECIAL © Noam Chomsky
**DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS
EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA**

D.E.L.T.A., Vol. 15, Nº 1, 1999

Revista publicada com o apoio oficial da ABRALIN - Associação Brasileira de
Lingüística

Tesouraria / Treasurer

Sumiko Nishitani Ikeda - *PUC-SP*

Correspondência / Mailing address

Revista D.E.L.T.A.

Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Rua Monte Alegre, 984 - CEP 05014-001 - São Paulo, SP, Brasil

Fone: (55) (011) 3670-8392 Fax: (55) (011) 3862-5840

www.scielo.br/delta

E-mail: delta@exatas.pucsp.br

Sumário /Contents

A RTIGOS/A RTICLES

Marcus M AIA, Bruna FRANCHETTO, Yonne de Freitas LEITE, Marília Facó Soares & Marcia Damaso Vieira - A Estrutura da Oração em Línguas Indígenas Brasileiras/ The Structure of the Clause in Brazilian Indigenous Languages

Jairo NUNES - Some Notes on Procrastinate and Other Economy Matters/ Considerações sobre Procrastinar e Outras Questões de Economia

Lorenzo VITRAL - A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística/Negation: Checking Theory and Linguistic Change

Angélica FURTADO DA CUNHA, Mariangela Rios de OLIVEIRA & Sebastião VOTRE - A Interação Sincronia/Diacronia no Estudo da Sintaxe/ The Interaction Synchrony/Diachrony in the Study of Syntax

Maria Lucia LOBATO - Sobre a Forma do Particípio do Português e o Estatuto dos Traços Formais/On the Form of Portuguese Past Participle and the Status of Formal Features

Antonio P. BERBER SARDINHA - Word Sets, Keywords, and Text Contents: An Investigation of Text Topic on the Computer/Iniciando a Lingüística do Corpus do Português: Explorando um Corpus para Ensinar Português como Língua Estrangeira

D EBATE/D EBATE

Clarinda Rodrigues LUCAS - A Metalinguagem como Lugar da Interpretação: Terminologia e Bases de Dados Informatizadas/ Metalanguage as a Space of Interpretation: Terminology and Atomatised Databases

Pedro Paulo Abreu FUNARI - Lingüística e Arqueologia/ Linguistics and Archaeology

R ETROSPECTIVA/O VERVIEW

José Luiz FIORIN - Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva /Towards a Semiotics Theory

R ESENHAS/R EVIEWS

BIBER, D., S. CONRAD, & R. REPPEN. *Corpus linguistics - Investigating language structure and use* por A. P. BERBER SARDINHA

GUY, G., C FEAGIN, D. SCHIFFRIN, & J. BAUGH (eds.) (1997) *Towards a social science of language*. V.2: Social interaction and discourse structures por Maria da Conceição de PAIVA

N OTAS SOBRE L IVROS/B OOKNOTES

N OTAS

BEST COPY AVAILABLE

2-4450

revista de
D ocumentação de
E studos em
L ingüística
T eórica e
A plicada

Vol.15 - n.º 2 - 1999

educ

DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA

D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º 2, 1999

Revista publicada com o apoio oficial da ABRALIN - Associação Brasileira de Lingüística

Editores / Editors

Leila Barbara - *PUC-SP*

Kanavillil Rajagopalan - *UNICAMP*

Editores Executivos / Executive Editors

Antônio Paulo Berber Sardinha - *PUC-SP*

Laís Furquim de Azevedo - *PUC-SP*

Maria Aparecida Caltabiano-Magalhães - *PUC-SP*

Mary Aizawa Kato - *UNICAMP*

Roxane R. H. Rojo - *PUC-SP*

Sumiko Nishitani Ikeda - *PUC-SP*

Assistentes Editoriais / Editorial Assistants

Flamínia M. M. Lodovici - *PUC-SP*

Grácia Anacleto - *PUC-SP*

Fábio Junqueira B. Teixeira - *PUC-SP*

Karlene da Rocha Campos - *PUC-SP*

Conselho Editorial / Editorial Board

Ana M. Martins - *U. de Lisboa*

Ângela B. Kleiman - *UNICAMP*

Anthony J. Naro - *UFRJ*

Anthony Kroch - *U. da Pensilvânia*

Brigitte Schlieben-Lange - *U. de Tübingen*

Charlotte Galves - *UNICAMP*

Daniel Everett - *U. de Pittsburg*

Daniel Faïta - *U. de Provence*

Dennis Albert Moore - *UFPa*

Eduardo Raposo - *U. da Califórnia, Stª Bárbara*

Eleonora Albano - *UNICAMP*

Esmeralda V. Negrão - *USP*

Giampaolo Salvi - *U. de Budapeste*

Gillian Sankoff - *U. da Pensilvânia*

Helena Nagamine Brandão - *USP*

Heloisa Collins - *PUC-SP*

Ian Roberts - *U. de Wales*

Ilza Ribeiro - *U. Feira de Santana*

Ingedore G. V. Koch - *UNICAMP*

Jairo Nunes - *UNICAMP*

João A. de Moraes - *UFRJ*

João Andrade Perez - *U. de Lisboa*

José Luiz Fiorin - *USP*

Jürgen M. Meisel - *U. de Hamburgo*

Leda Bisol - *PUC-RS*

Leonor Scliar-Cabral - *UFSC*

Letícia M. Sicuro Corrêa - *PUC-RJ*

Luiz A. Marcuschi - *UFPE*

Malcolm Coulthard - *U. de Birmingham*

Marco Antonio de Oliveira - *UFMG*

Margarida Basílio - *UFRJ*

M. Antonieta A. Celani - *PUC-SP*

M. Cecília Pérez de Souza e Silva - *PUC-SP*

M. da Graça Pinto - *U. do Porto*

M. do Carmo Leite de Oliveira - *PUC-RJ*

M. Elias Soares - *UFC* - Pres. da ABRALIN

M. Helena Moura Neves - *UNESP, Araraquara*

M. Luíza Braga - *UNICAMP*

M. Raquel D. Martins - *U. de Lisboa*

Mercedes S. Risso - *UNESP, Assis*

Michael R. Scott - *U. de Liverpool*

Nadja R. Moreira - *UFCE*

Paola Bentivoglio - *U. de Caracas*

Pedro M. Garcez - *UFSC*

Rodolfo Ilari - *UNICAMP*

Rosa V. Matos e Silva - *UFBA*

Roxane H. R. Rojo - *PUC-SP*

Shana Poplack - *U. de Ottawa*

Thomas Huckin - *U. de Utah*

Yonne de F. Leite - *UFRJ*

W. Leo Wetzels - *U. Livre de Amsterdam*

© Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada

Revista publicada com o apoio oficial da ABRALIN - Associação Brasileira de Lingüística

ASSINATURAS / SUBSCRIPTIONS

To/Para:

D.E.L.T.A.

Revista de Documentação de Estudos em Lingüística
Teórica e Aplicada.

Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e
Estudos da Linguagem (LAEL)

Rua Monte Alegre, 984. CEP 05014-001.

São Paulo, SP, Brasil.

From/De:

NOME/NAME:

ENDEREÇO/ADDRESS:

CEP/ZIP CODE:

COUNTRY:

Pagamento/Payment

- por cheque em reais
- por depósito em banco na conta corrente do BANESPA, #
01.063171-1 Banco # 033, Agência # 0220

Pedido/Order

- Assinatura anual / Annual Subscription
Ano / year: _____
- Vol. 12 n.º especial (volume que inclui todos os resumos dos
trabalhos publicados de 1985 a 1994). (A special issue
including all the *abstracts* of the works published by
D.E.L.T.A. from 1985 to 1994).
- Vol. 13 nº especial (Chomsky no Brasil/Chomsky in Brazil)
- Vol. 14 nº especial (Homenagem ao Profº Ataliba Teixeira
de Castilho)
- Enviar os seguintes números / Please send me the following
back issues :

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZCONA, J. (1993) *Antropologia II - A Cultura*. Petrópolis: Vozes.
- BAKHTIN, M. (1990) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec.
- BAGNO, M. (1997) *A Língua de Eulália: Novela sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto.
- _____ (1999) *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola.
- BÄRNERT-FÜRST, U. (1989) Manutenção e mudança lingüística no Município de Panambi: Um estudo qualitativo e quantitativo. Dissertação de Mestrado inédita. Unicamp.
- BARROS, M.C.D.M., L.C. BORGES & M. MEIRA (1996) A Língua Geral como identidade construída. *Revista de Antropologia*, 39/1:191-220.
- BARTH, F. (org.) (1969) *Ethnic groups and boundaries: the social organization of cultural difference*. Boston: Little, Brown & Co.
- BARTON, D. (1994) *Literacy: An Introduction to the Ecology of Written Language*. Oxford: Blackwell.
- BEHARES, L.E. (1982) Diglosia em la sociedad escolar de la frontera uruguaya com Brasil. Matriz social del bilingüismo. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 6: 228-234.
- BORTONI-RICARDO, S.M.B. (1984) Problemas de comunicação interdialeto. *Revista Tempo Brasileiro*, 78/79: 9-32.
- _____ (1985) *The Urbanization of Rural Dialect Speakers: A Sociolinguistic Study in Brazil*. Cambridge.
- _____ (1988) Situações dialógicas assimétricas: implicações para o ensino. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 18: 39-60.
- _____ (1998) A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística in S. GROSSE & K. ZIMMERMANN (orgs.) Frankfurt: TFM.
- BORTONI, S.M. & L. QUENTAL (s.d) Currículo bidialeto de Língua Portuguesa para o 1o Grau. (mimeo)
- BRITO, L.F. (1993) *Integração social e educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (1988) *A Crise do Indigenismo*. Campinas: Editora da Unicamp.
- CARRIKER, M.K. (1998) Re)construção de identidades em narrativas na primeira pessoa: casos de bilíngües. Dissertação de Mestrado inédita. UNICAMP.

- CARVALHO, M.A. (1989) *Tô vivu - Histórias dos meninos de rua*. Goiânia: CEGRAF/UFG.
- CARVALHO, R.F. de (1995) Subsídios para a compreensão da educação escolar indígena Terena do Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado inédita/ UFSM.
- CAVALCANTI, M.C. (1990) Projeto Guarani: Educação Bilíngüe e Bicultural (Currículo e formação de professores. Projeto de Auxílio Integrado a Pesquisa - CNPq 1990-1991, 1991-1992.
- _____ (1991) Interação Guarani/não-Guarani: Etnocentrismo naturalizado na questão do silêncio inter-turnos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, **18**: 101-110.
- _____ (1993) O aspecto sociocognitivo da leitura (pós-alfabetização) em português como segunda língua em contexto indígena. Projeto de Pesquisa. Bolsa Pesquisa CNPq (1993-1995)
- _____ (1993) Escolas da Floresta e a Formação de Professores: Análise de interações transculturais e intraculturais em contexto pedagógico (1993-1995/1995/1997) Projeto de pesquisa, financiamento FAPESP Proc. No. 1996/4443-7 (1997-1999) Participação: Coordenadora e pesquisadora.
- _____ (1996a) Collusion, resistance and reflexivity: Indigenous teacher education in Brazil. *Linguistics and Education*, **8**: 3-16.
- _____ (1996b) Conferência de abertura na XII JELI: Políticas linguísticas no Brasil (Language teaching policies in Brazil: A retrospective analysis). Departamento de Letras/Universidade de São Paulo e APLIESP. 17/05/1996.
- _____ (1997a) Formação de professores para contextos bilíngües no Brasil. Conferência proferida na Programação da ALAB na 49ª Reunião Anual da SBPC. Belo Horizonte, MG, 18/07/97.
- _____ (1997b) O índio e a escola: A linguagem na construção de representações sobre a educação indígena pós-contato. Projeto de Pesquisa (Proc. CNPq 520616/95-2 NV) (1997-1999) Participação: Coordenadora e pesquisadora
- _____ (1998a) Escola(rização) em contextos bilíngües: foco no contexto indígena. Trabalho apresentado no simpósio "Bilingüismo e Construção do Conhecimento" no V CBLA (Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada), UFRGS, Porto Alegre, RS, 31/08a 04/09/1998.
- _____ (1998b) Review of S.L. MACKAY & N.H. HORBERGER (orgs.) (1996) *Sociolinguistics and Language Teaching*. *Language and Education*, **12/2**:154-157.
- _____ (1998c) Relatório parcial de pesquisa do Projeto "Escolas da Floresta" apresentado à FAPESP. (mimeo)

revista de

Documentação de
Estudos em
Linguística
Teórica e
Aplicada

BEST COPY AVAILABLE

728

vol. 15 - nº 2 - 1999

POLÍTICA EDITORIAL

A Revista D.E.L.T.A. publica estudos de caráter teórico ou aplicado, oriundos de qualquer área referente ao fenômeno lingüístico, desde que se trate de contribuições inéditas.

Será dada preferência a trabalhos que contenham pesquisa original, que poderão vir em forma de ARTIGOS, DEBATES e QUESTÕES E PROBLEMAS. A Revista publica, ainda, RETROSPECTIVAS (síntese crítica acerca do estado da ciência), NOTAS BIBLIOGRÁFICAS e RESENHAS.

Colaboradores de todos os países estão convidados a submeter seus trabalhos, os quais serão avaliados, anonimamente, por dois membros do Conselho Editorial assessorados, quando necessário, por pareceristas *ad hoc*. Em caso de empate, um terceiro parecerista é convidado.

Tais trabalhos devem ser escritos em português, inglês, francês, espanhol ou italiano.

Artigos, Retrospectivas, Debates são precedidos de abstract em Inglês e resumo em Português com aproximadamente 150 palavras cada. Para programas a serem usados e normas gerais de digitação, ver final do volume.

Os originais apresentados não devem ter sido publicados ou submetidos simultaneamente a outra revista.

Ficam concedidos à revista todos os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados.

ASSINATURAS

A Revista D.E.L.T.A. é uma publicação semestral (fev. e ag.), podendo haver a possibilidade de um número especial incluso na anuidade. Preço anual da assinatura no Brasil: indivíduos: R\$40,00 (número avulso: R\$25,00). Instituições: R\$80,00 (número avulso: R\$45,00).

Aceita-se permuta.

EDITORIAL POLICY

D.E.L.T.A. is adressed to all areas of study concerning language and speech, whether theoretical or applied; however, only unpublished contributions will be considered.

Preference will be given to original research work, presented under the categories of ARTICLES, DEBATES or SQUIBS. The journal also carries OVERVIEWS (critical overview of the state of the art), as well as BIBLIOGRAPHICAL NOTES and REVIEWS.

Researchers from all countries in the world are invited to submit their papers which will be sent to two anonymous referees from the Editorial Board. In the event of a tie, a third will be called. If necessary, an *ad hoc* referee can be invited.

The articles should be written in Portuguese, English, French, Spanish or Italian.

Articles, Overviews, Debates are preceded by an abstract not exceeding 150 words, in English and Portuguese. As for word processing software to be used and general typing instructions see last page of this issue.

It is a condition of publication that manuscripts submitted to this journal have not been published and have not been simultaneously submitted elsewhere.

The acceptance of papers by the journal entails the transference of the copyright to the publishers.

SUBSCRIPTIONS

D.E.L.T.A. is a bi-annual publication (Febr. and Aug.) with an optional special issue. Annual price-abroad: individuals: \$40,00 (single issue: \$25,00). Institutions: \$80,00 (single issue: \$45,00).

Exchange of publications welcome.

D.E.L.T.A.
REVISTA DE DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA
TEÓRICA E APLICADA

SUMÁRIO / CONTENTS

	237
ARTIGOS/ARTICLES	
Roxane Helena Rodrigues ROJO - Agir, Obedecer e as Formas de Dizer a Ação: As Interações Familiares na Construção das Ações, da Linguagem e do Sujeito Social/Acting, Obeying, Speaking about Actions: The Role of Family Interactions in the Construction of Action and Action Discourse	269
Javier GARCIA-CALVO - Un Estudio Comparativo de Abstracts para Eventos Científicos en Inglés y Español/A Comparative Study of Conference Abstracts	289
A. P. BERBER SARDINHA - Beginnig Portuguese Corpus Linguistics: Exploring a Corpus to Teach Portuguese as a Foreign Language/Iniciando a Lingüística do Corpus do Português: Explorando um Corpus para Ensinar Português como Língua Estrangeira	301
Adair BONINI - Reflexões em torno de um Conceito Psicolingüístico de Tipo de Texto/Some Reflections around a Text Type Psycholinguistic Concept	319
DEBATE/DEBATE	
Carlos Alexandre GONÇALVES - O Fenômeno da Focalização e a Interface Fonologia-Sintaxe/The Strategies of Focusing and the Syntax-Phonology Connection.	343
QUESTÕES E PROBLEMAS / SQUIBS	
Paulo Mosânio Teixeira DUARTE - Contribuição para o Estudo do Pseudoprefixo em Português/Contribution to the Study of Pseudoprefix in Portuguese	355
RESENHAS/REVIEWS	
SIGNORINI, I. E CAVALCANTI, M. C. (orgs.) (1998). <i>Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas</i> . Por/By Kanavillil RAJAGOPALAN	361
MACHADO, A. R. (1998) <i>O diário de leituras. A introdução de um novo instrumento na escola</i> . Por/By Angela B. KLEIMAN	367
RIBEIRO, B. T. & P. M. GARCEZ (orgs.) (1998) <i>Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso</i> . Por/By Ana Cristina OSTERMANN	

GUY, G. R.; C. FEAGIN, D. SCHIFFRIN & J. BAUGH (eds.) (1996) <i>Towards a Social Science of Language - Papers in Honor of William Labov Volume 1: Variation and Change in Language and Society.</i> Por/By Marco Antônio de OLIVEIRA	373
SHARPLES, M. (1999) <i>How we write. Writting as creative design.</i> Por/By Francisco Gomes de MATOS	411
NOTAS SOBRE LIVROS/BOOKNOTES	415
NOTAS	423
ÍNDICE/INDEX VOL. 15	429

**AGIR, OBEDECER E AS FORMAS DE DIZER A AÇÃO: AS INTERAÇÕES
FAMILIARES NA CONSTRUÇÃO DAS AÇÕES, DA LINGUAGEM E DO SUJEITO SOCIAL**
(Acting, Obeying, Speaking about Actions: The Role of Family Interactions
in the Construction of Action and Action Discourse)

Roxane Helena Rodrigues Rojo
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

ABSTRACT: This paper is based on a viewpoint that takes the social construction of action and language as being essentially determined by the social history of the interactions and the language-patterned activities in which subjects under constitution are, and were, immersed. Data analysis will support that different patterns of language activities (Schneuwly, 1988), linked to the building of discourse genres, will have various effects on the constitution of action forms and on the ways of speaking about them (Bronckart, 1997). Dialogic family genres (Bakhtin, 1979) would be responsible for both: the constitution of action forms (teleological action (Bronckart, 1997)), and their normalisation (normative action). At other moments of language constitution, different narrative genres - reports and fairy tales, in special - will unfold. Due to their relatively early constitution by the children and the fact that they are focused on action (the action on-course, the experienced action and the (re-)created actions) in different manners - conjunctive and disjunctive referentiality -, they should play an important role in the social construction of discourses about the action and, therefore, in its awareness.

RESUMO: Este artigo baseia-se num ponto de vista segundo o qual a sócio-construção da ação e da linguagem é fundamentalmente determinada pela sócio-história das interações e das atividades de linguagem em que sujeitos em constituição estão e estiveram imersos. A análise dos dados aqui exposta busca demonstrar que diferentes matrizes de atividade de linguagem (Schneuwly, 1988), ligadas à construção de diferentes gêneros do discurso, terão efeitos diversos na constituição das formas de ação e das formas de dizer a ação (linguagem) (Bronckart, 1997). Os gêneros familiares dialógicos (Bakhtin, 1979) seriam responsáveis tanto pela constituição das normas de ação (ação teleológica, Bronckart, 1997), como por sua normalização (ação normativa). Em momentos mais avançados da constituição da linguagem, diferentes gêneros narrativos - em especial, os relatos e os contos de fadas -, tendo as particularidades de serem gêneros construídos relativamente cedo pelas crianças e de tematizarem as ações (em curso, experienciadas, re-(criadas)) de diferentes maneiras -

referencialidade conjunta e disjunta (Bronckart, Schneuwly et al., 1985) -, teriam um papel importante na sócio-construção de discursos sobre a ação e, a partir disto, também sobre sua consciência.

KEY WORDS: Family Interaction; Sociocultural Approach; Discursive Genres.

PALAVRAS-CHAVE: Interação Familiar; Enfoque Sócio-cultural; Gêneros do Discurso.

Este trabalho baseia-se num ponto de vista segundo o qual a sócio-construção da ação e da linguagem é fundamentalmente determinada pela sócio-história das interações e das atividades de linguagem¹ em que sujeitos em constituição estão e estiveram imersos. Diferentes matrizes de atividade e diferentes atividades de linguagem (Schneuwly, 1988), ligadas à construção de diferentes gêneros do discurso, terão efeitos diversos na constituição das formas de ação e das formas de dizer a ação (linguagem) (Bronckart, 1997).

Embora esta seja uma posição largamente aceita no paradigma sócio-histórico de investigação (social, psicológica, lingüística), ela não deixa de envolver algumas questões de fundo, ainda em elaboração por diferentes enfoques: a relação entre ação, linguagem e pensamento; a interseção entre as práticas sociais e as práticas individuais; o mecanismo de apropriação das práticas sociais por sujeitos em processo de constituição.

Não por acaso, dois dos grandes autores fundadores desta reflexão - Vygotsky e Bakhtin e seu círculo² -, num momento inicial de seu trabalho (Vygotsky, 1924; Volochínov, 1929), fazem referência à noção de “*psicologia do corpo social*” (Plekhánov, 1922) como um extrato de análise intermediário, entre a Sociologia e a Psicologia, a um só tempo, *locus* e mecanismo de reprodução e refração do macro-social no micro-psicológico. No dizer de Voloshínov (1929: 41),

“... a essência deste problema liga-se à questão de saber como a realidade (a infra-estrutura) determina o signo; como o signo reflete e refrata a realidade em transformação [...] A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. O que chamamos de psicologia do corpo social e que constitui, segundo a teoria de Plekhánov e da maioria

¹ Em francês, *Activités Langagières*.

² Volochínov, 1929; Bakhtin, 1975; 1979a; 1979b.

dos marxistas, uma espécie de elo de ligação entre a estrutura sócio-política e a ideologia no sentido estrito do termo (ciência, arte etc.), realiza-se, materializa-se, sob a forma de interação verbal.”

Ambos fazem intervir - entre as relações econômicas infra-estruturais das forças produtivas e a situação político-social e as várias ideologias que refletem superestruturalmente este contexto em suas características - um outro nível: o do *contexto psíquico do homem social* (Vygotsky, 1924) ou o da *psicologia do corpo social* (Voloshínov, 1929). Ambos, portanto, admitem a necessidade de um tipo social de Psicologia para dar conta da dinâmica humana de perpetuação/mudança das estruturas sociais. Ou ainda, dito de outro modo, para dar conta da apropriação, por parte do indivíduo humano, das práticas sociais (*die Praxis*) em circulação na situação social mais ampla.

Também não por acaso, ambos colocam na *interação social*, cujo corpo é o *signo* ou a *palavra*, a materialidade deste extrato necessário.

Volochínov (1929: 42), neste ponto, vai além da reflexão de Vygotsky (1924), na medida em que indica caminhos de operacionalização desta reflexão:

“... A psicologia do corpo social deve ser estudada de dois pontos de vista diferentes: primeiramente, do ponto de vista do conteúdo, dos temas que aí se encontram atualizados num dado momento do tempo; e, em segundo lugar, do ponto de vista dos tipos e formas de discurso através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, realizam-se, são experimentados, são pensados etc.”

Portanto, investigar este ponto de interseção entre o individual e o social é refletir sobre *como* as formas de ação e interação social humanas (atividades de linguagem ou discursos) são capazes de multiplicar e reproduzir temas e formas discursivas que refratam e refletem formas possíveis em situações sócio-históricas dadas; em momentos sócio-político-ideológicos determinados³.

O curioso, entretanto, é que nenhum dos dois autores manteve o foco neste ponto fugidio de interseção entre o sócio-político (macro) e o psicológico (micro). O Círculo de Bakhtin vai centrar seu foco principal na Arte Literária,

³ E aqui, é importante notar a relação desta posição com a posterior Teoria dos Gêneros, na obra mais tardia de Bakhtin (1979a).

monumento ideológico, artefato macro-social. Vygotsky e seu círculo concentrarão a atenção na construção psicológica do propriamente humano na pessoa - o pensamento verbal -, a partir de métodos de pesquisa decididamente psicológicos.

Poderíamos fazê-lo, como é tendência do Círculo de Bakhtin, a partir do macro-social e, mantendo em foco as condições sócio-históricas de seu engendramento, analisarmos sua materialização numa obra ou na obra de um autor.

No entanto, neste trabalho, intentamos fazê-lo a partir do micro-psicológico, mais especificamente do ponto de vista da construção da linguagem, da ação e da pessoa social, na criança em constituição. É, pois, objetivo do presente trabalho, a partir de uma análise de processos micro-psicológicos de construção da ação e da linguagem por duas crianças de diferentes inserções socioculturais, fazer inferências a respeito dos construtos e dos efeitos macro-sociais por eles determinados e deles determinantes.

A questão central que norteia este trabalho é, pois: que diferença pode haver entre duas crianças, de inserção sócio-cultural diferenciada, que participam diferentemente de pautas interacionais ou jogos de linguagem diversos? Como interpretar estas diferenças do ponto de vista da construção da linguagem, da ação e do sujeito? Qual o impacto social de desenvolvimentos humanos tão diferenciados?

Como mencionamos, para respondermos a estas questões, é preciso, num primeiro momento, que elaboremos instrumentos de análise destes processos adequados a esse ponto de foco, i.é, instrumentos de análise de possam articular o macro-social ao micro-psicológico, sem perda de nenhuma das duas faces desta articulação. Dito de outro modo, instrumentos de análise que seriam próprios de uma "*psicologia do corpo social*". As noções de *atividade de linguagem* e de *gênero do discurso* terão na análise este papel articulador entre os dois níveis e, por isso, destinamos todo o item 1. à sua explanação.

1. Matrizes de atividade, atividades ou jogos de linguagem e os gêneros do discurso

Poucos são os trabalhos de investigação que tentam refletir sobre este ponto de articulação e, naturalmente, muitos deles se encontram no campo da aprendizagem ou da "construção do sujeito social".

Um destes trabalhos, que merece referência aqui, é o da equipe de investigação a que pertencem Jean-Paul Bronckart e Bernard Schneuwly. Schneuwly, em seu trabalho de 1988, que está interessado na aprendizagem dos discursos pela criança e, logo, em operacionalizar - teórica e metodologicamente - este ponto em que as práticas sociais vão se transformar em discurso apropriado e próprio do sujeito. Para dar corpo a esta *psicologia do corpo social*, Schneuwly (1988) vai recorrer a um conceito sócio-político da lavra de Sève (1974) - *matrizes de atividade*⁴ - e, relacionando-o a diferentes *tipos de atividade* presentes nestas matrizes sociais, Schneuwly vai dar um novo foco à noção de *atividade de linguagem*, "...*tipo de atividade dentre outras*", que, no entanto, exige um recorte do objeto "*linguagem*" não só como "*atividade*", mas também como "*processo complexo exterior-interior-exterior*". Ou seja, capaz de dar conta deste ponto de interseção (*op. cit.*, p. 20).

Para Schneuwly, *matrizes sociais de atividade* são unidades de análise de uma *psicologia do corpo social*. Podemos também atribuir este poder articulador às noções de *enunciado* e *enunciação ou situação enunciativa de produção* em Bakhtin (1981: 289) que distingue cinco tipos de relações sociais de comunicação, por meio das quais podemos classificar os *gêneros do discurso*: relações na arte; relações de produção; relações burocráticas ou de negócios; relações ideológicas *stricto sensu* (na ciência, na filosofia, na imprensa, na escola, na propaganda etc.) e relações cotidianas.

Para Schneuwly (1988), a *atividade*, seja ela exterior ou interior, tem sempre um aspecto interno e um aspecto externo, concernente, este último, à articulação com a realidade material e social na qual esta se desenvolve; melhor dizendo, com a realidade material socialmente mediatizada e formatada, com as práticas sociais regulando a relação de uma sociedade com a natureza. Ainda segundo o autor, é justamente tarefa do materialismo histórico e de uma teoria da ideologia definir as relações sociais fundamentais e seu funcionamento. Este é, para ele, um nível sociológico de análise completamente diverso daquele da *atividade* situada ao nível do indivíduo e da pessoa (psicológico).

Para o autor, há necessariamente um lugar de articulação entre as relações sociais e a *atividade*. Poderíamos dizer que, para ele, o mecanismo de funcionamento de uma *psicologia do corpo social* seria justamente o das *matrizes de atividade*. Trata-se do mesmo esforço de articulação entre o estrato sociológico e o estrato psicológico de análise, entre infra-estrutura e superestrutura, que fazem, tanto Vygotsky (1924) como Voloshínov (1929), a

partir da noção de *psicologia do corpo social*. Também, como aponta o próprio Schneuwly (1988: 24), é o mesmo esforço de articulação presente nas noções de *enunciação* e *enunciado* de Bakhtin (1981: 289), quando este se propõe a distinguir, na *situação material de produção do enunciado*, cinco tipos de relação de comunicação social - pelas quais poderíamos classificar os *gêneros* -, definidos ali por sua instituição de base: a relação artística, as relações de produção, as relações de negócios (burocráticas), as relações cotidianas e as relações ideológicas *stricto sensu*, na propaganda, no jornalismo, na escola, na ciência, na filosofia.

Assim, a nosso ver, juntas, as noções de *matriz de atividade* e de *atividade de linguagem* têm, a um só tempo, a vantagem de fazerem a ligação diretamente entre as *condições sociais de produção* de uma dada atividade e sua *formatação* discursiva (Teoria de *Gêneros*) e de estarem baseadas na visão marxista do sujeito social.

Uma terceira vantagem deste tipo de abordagem, agora já no campo mais psicológico, está na proposta implícita de um vínculo social indissolúvel entre *ação-linguagem-pensamento* (ou cognição). Ao se falar de “tipos de atividades”, dentre eles as “atividades de linguagem”, regidos por “matrizes sócio-ideológicas de atividade”, reenfocam-se também as relações *ação/linguagem*: *linguagem* passa a ser vista como forma de *ação* e *ação* não se constitui fora de um universo discursivo (cf., a respeito, Bronckart, 1997).

Re-enfocando a *linguagem como atividade humana*, Bronckart (1992: 30) encara a atividade de linguagem (“*activité langagière*”) como “... ‘práticas verbais’ articuladas às diversas formas de *ação humana*”. Para o autor, “... trata-se de (...) aplicar a este objeto um procedimento de interpretação destinado a explicar suas formas de organização e suas condições de funcionamento”.

Trabalhando com o conceito filosófico de *jogos de linguagem* (Wittgenstein, 1953), Bronckart (1992: 20-21) crê, ele também, que há uma equivalência entre a noção wittgensteiniana de *jogos de linguagem* e a noção de *discurso* em algumas correntes lingüísticas e psicolingüísticas. Bronckart aponta aqui, especificamente, a teoria da enunciação bakhtiniana e a importante noção de *gêneros* (*primários* e *secundários*), o que combina bastante bem com a posição que vimos desenvolvendo até aqui neste artigo.

Tomando a *ação com sentido* (*‘action sensée’*, Ricoeur (1986)) como

objeto central da Psicologia e retomando a perspectiva desenvolvida por Leontiev (1979), a partir da noção de *atividade*, o autor define *ações* como modalidades sociais práticas através das quais efetuam-se as *atividades* e que devem ser analisadas como:

- sistemas orientados de comportamento que produzem efeitos no mundo;
- mas que, simultaneamente, ocorrem em um contexto social gerador de convenções (valores, símbolos, regras) e, logo, deve-se analisar o sentido da ação como produto deste controle social;
- e, finalmente, as modalidades através das quais o agente se insere na trama de relações sociais conferem a sua ação características singulares, que não são senão pistas daquilo que se “deixa ver” de si mesmo aos demais;
- logo, também se deve interpretar esta “*estilística*” da ação.

Aí é que se insere, na reflexão do autor, a *Teoria da Ação Comunicativa* de Habermas e as noções de *ação teleológica*, *normativa* e *dramática*, dos tipos de *mundos* que sustentam estas modalidades de *ação comunicativa* e de suas *pretensões de validade*.

O próprio autor assinala, entretanto, que, em Habermas,

“... estes mundos são formais; estão constituídos por conhecimentos (representações) que são necessariamente produtos de uma construção [...] Para Habermas, a construção dos três mundos procede da ‘racionalização’ do ‘mundo vivido’ de um sujeito [...] A ação com sentido supõe um ‘agente’, i.é., um sujeito ‘particular de base’ que, solitário ou com outros agentes, intervém desencadeando o estágio inicial do acontecimento e controlando, parcialmente, as transformações e o estado final” (Bronckart, : 35-36).

Neste sentido é que também imputamos à noção habermasiana de *ação* um suposto agente racional e consciente, capaz de intenção, controle e eficácia - o sujeito da razão constituído -, que absolutamente não se aplica a nosso universo de pesquisa que trata do sujeito social e psicológico em constituição.

O que nos interessa aqui é preservar o caráter adjetivo da definição, i.é., as distinções entre os aspectos *teleológico*, *normativo* e *dramático* da *ação*, presentes na reflexão Habermas/Bronckart.

Se dermos preferência à noção de *atividade de linguagem* (“*activité langagière*”) - em princípio liberada deste sujeito do “*cogito*” e ligada à noção de *matrizes de atividade* (Sève, 1974) - poderemos, preservando a tipologia de ações comunicativas de Habermas retomada por Bronckart, enfatizar mais a discussão wittgensteiniana da linguagem, que tem também espaço considerável em seu trabalho. Como vimos acima, o autor chega a equacionar a noção de *jogos de linguagem* em Wittgenstein a certas visões de discurso, correntes em certas teorias do discurso, dentre elas a que estamos adotando.

A nosso ver, é justamente a partir do conceito wittgensteiniano de *jogo de linguagem* que uma tal releitura pode ser articulada. Na sessão 7 das *Investigações Filosóficas*, onde Wittgenstein introduz a noção de *jogo de linguagem*, os seguintes aspectos são delineados⁵:

- o termo *jogo de linguagem* designa o complexo que consiste, a um só tempo, em atividade (*die Praxis*) e uso de linguagem⁶;
- a atividade de treinamento que antecede o *jogo de linguagem* mencionado no § 2 é ela própria um *jogo de linguagem*⁷;
- a distinção entre palavra e sentença é delineada com referência ao uso. Pode-se distinguir entre ordenar (na atividade de construção, por exemplo) e nomear ou repetir (na atividade de aprendizagem). Logo, “*slab*” é usado como palavra na atividade de nomeação e como sentença imperativa na atividade de construção;
- constituem o contexto do jogo: (a) *participantes* (construtor e ajudante; adulto e criança); (b) *atividades* essenciais sem as quais o jogo não pode ser jogado (atividades de construção); (c) *objetos* essenciais (materiais de construção);
- o jogo deve ser considerado como um todo.

Torna-se claro que este conceito, assim definido, preserva as especificidades acima apontadas (compatíveis com o paradigma sócio-histórico) de se encarar o *jogo de linguagem* como:

⁵ Ver, a respeito, Baker & Haker (1980).

⁶ “*In the practice of the use of language [grifo nosso] (2) one party calls out the words, the other acts on them*” (Wittgenstein, 1953: 5e).

⁷ “*We can also think of the whole process of using words in (2) as one of those games by means of which children learn their native language. I will call these games ‘language games’ and will sometimes speak of a primitive language as a language-game [...] I shall also call the whole, consisting of language and the action into which it is woven, the ‘language-game’.*” (Wittgenstein, 1953: 5e). Aqui se encontra tematizado o aspecto fundamental da “*aquisição*” da linguagem.

- unidade material, histórica e monista de análise da linguagem, i.é, como prática (*Praxis*);
- como prática dialógica;
- como prática formatada;
- além de especificar a diferença e ao mesmo tempo a relação entre os jogos de linguagem de aprendizagem e de uso da linguagem e de considerar um contexto enunciativo de jogo.

Por outro lado, o jogo pode também ser tomado como unidade de análise monista (material, histórica e dialética) da *construção da linguagem*, na medida em que a relação entre os diferentes jogos no recorte diacrônico do desenvolvimento (*relação inter-jogos*) e a relação de diferentes jogos dentro de um jogo, num recorte sincrônico do desenvolvimento (*relação intra-jogo*), poderiam ser encarados como a dinâmica e como os motores deste mesmo desenvolvimento.

Estes aspectos favorecem, portanto, que tomemos a unidade *jogo de linguagem* como a unidade de análise básica dos dados de construção da linguagem pela criança que passaremos a apresentar adiante.

Nesta perspectiva, os gêneros do discurso da teoria bakhtiniana seriam *jogos de linguagem* (regrados e formatados). Mais que isso, os gêneros cotidianos familiares dialógicos (Bakhtin, 1979a), que criariam as condições de possibilidade de emergência dos gêneros propriamente ditos (primários ou secundários), seriam eles mesmos - para além de gêneros primários cotidianos - jogos de linguagem no duplo sentido wittgensteiniano: jogos de construção ou de treinamento e jogos de linguagem propriamente ditos. Como tal, seriam responsáveis tanto pela constituição das formas de ação (*ação teleológica*, Bronckart, 1997); como por sua normalização (*ação normativa*, Bronckart, 1997); como, ainda, por suas possibilidades de enunciação.

Em outros momentos da constituição do sujeito e da linguagem, diferentes gêneros da ordem do narrar ou do relatar - em especial, os relatos de experiência vivida e os contos de fadas reportados - tendo as particularidades de serem gêneros construídos relativamente cedo pelas crianças e de tematizarem as ações (em curso, experienciadas, re-(criadas)) de diferentes maneiras⁸ -, teriam um papel importante na sócio-construção de discursos *sobre* a ação e, a partir disto, também sobre sua consciência e mestria.

⁸ *Referencialidade conjunta e disjunta* (Bronckart, Schneuwly et al., 1985).

2. A questão e a metodologia de análise

Como mencionamos no início, estamos preocupados em descrever e interpretar que diferença pode haver entre duas crianças, de inserção sócio-cultural diferenciada, que, a um dado momento de seu desenvolvimento, na mesma idade (02;02), participam diferentemente de pautas interacionais ou jogos de linguagem diversos; em discutir como se pode interpretar estas diferenças do ponto de vista da construção da linguagem, da ação e do sujeito social e qual o impacto que desenvolvimentos humanos e sociais tão diferenciados podem ter.

Situando melhor os dados em análise, trata-se de dados de interação familiar de duas crianças brasileiras, observadas⁹ de 02;02 até 03;01, que apresentam diferentes inserções sócio-culturais e sócio-histórias de interação baseadas em diferentes matrizes de atividade de linguagem: Helena e Priscila.

Priscila é uma menina, filha primogênita de mãe doméstica (diarista) e pai comerciante (açougueiro), ambos alfabetizados, residente na periferia da capital de São Paulo (Brasil), cuja unidade familiar abriga uma família patrilinearmente “ampliada”: avó (“do lar”) e avô (dono de bar); dois tios adolescentes sem ocupação fixa; além do pai e mãe (que tiveram um outro bebê, em 1992). Além disto, a dinâmica da unidade familiar, além de ampliada, é “comunitária”: em todas as gravações, figuram parentes, amigos, vizinhos, conhecidos e, sobretudo, com regularidade, outras crianças da vizinhança. Não foi identificado, nas observações ou gravações, qualquer uso de escrita nesta unidade familiar. A criança não foi escolarizada no período e a mãe declara que só o será aos sete anos.

Helena é também uma menina, filha caçula de pais professores universitários (Linguística e Filosofia), com quatro irmãos escolarizados (três irmãos e uma irmã mais velhos, com idades variando na época de 12;00 a 07;00), numa unidade familiar onde o uso de escrita - inclusive o de leitura e recontagem de contos de fadas - é intenso e recobre todas as funções letradas.

Escolhemos recortar da amostra, aleatoriamente, algumas gravações, a

⁹ Os dados, nos dois casos, foram colhidos longitudinalmente, documentados em videoteipe quinzenalmente, por um período de cerca de dois anos e meio, em sessões de interação livre, de cerca de 40 minutos cada, no seio da família, a partir de uma metodologia de coleta etnográfica. O recorte aqui analisado recobre o período de 02;02 até 03;01 de ambos os sujeitos.

partir de um critério *ad hoc* (idade). Na perspectiva de análise que adotamos, o critério “idade” não apresenta nenhuma consistência, pois, como veremos, crianças com a mesma idade participam de históricos interacionais muito diversos e constituem-se já como sujeitos diferenciados. Neste sentido é que “idade” serviu-nos como um critério aleatório para sortear 06 gravações (três de cada sujeito, no início, meio e final da coleta), para, com elas, ilustrarmos a análise aqui desenvolvida. Nestas três gravações, cada uma das duas crianças tinham 02;02, 02;07 e 03;01, respectivamente.

Baseados na discussão teórica anterior, na análise, examinaremos as matrizes de atividade em curso relacionadas às atividades de linguagem (jogos de linguagem) e os gêneros do discurso que circulam nas interações, tanto na sua relação com a emergência das ações propriamente ditas (*atividades de linguagem teleológicas*) e com sua regulação (*atividades de linguagem normativas*), como na sua relação com as formas de dizer as ações, nos relatos e nos contos de fadas, com especial ênfase na análise das diferentes formas de construção da *transitividade* e dos *papéis temáticos*.

A grade de análise, elaborada a partir da teoria anteriormente discutida, pode ser vista na próxima página.

Os resultados mostram, como veremos, dois processos diversos de construção da ação e da linguagem. O processo de Priscila, fundado principalmente na construção de gêneros primários dialógicos em que as narrativas estão quase ausentes, deixa maior lugar à construção e normalização de ações variadas e apresenta uma interface relevante tanto com os relatos de ação em curso como com os jogos de papéis. No entanto, a construção das formas de dizer a ação (*transitividade* e *papéis temáticos*) é mais inicial e limitada.

Verificamos exatamente o contrário no segundo processo (o de Helena), fundado sobretudo nas narrativas de contos de fadas: uma limitação e centração, no contexto de pesquisa, em certas formas apenas da ação e uma negociação tutorial intensiva das formas de dizer a ação no plano enunciativo da narrativa disjunta, que leva a uma construção complexa e mais tematizada da *transitividade* e dos *papéis temáticos*.

Matrizes de Atividade	Atividades de Linguagem (ALs)	Jogos de Linguagem	Formato	Gênero em Constituição
Teleológica	AL Teleológica (ALT) ("fazer fazer")	Jogo de Ordenar (JO) ("fazer fazer")	"Vamu + V. Inf. (+X)? V. Imperativo (+X). "Quê X".	Gênero primário cotidiano/familiar: ordem familiar
		Jogo de Papéis (JP) ("fazer fazer como se")	"Vamu + V. Inf. (+X)? V. Imperativo (+X).	Gênero primário cotidiano/familiar: ordem familiar ¹
		Jogo de Nomear (JN) ("fazer falar - nomear")	"O que é X? "Cadê X?"	Gênero primário cotidiano/familiar: designação
		Jogo de Contar (JC) ("fazer falar - contar")	"Conta X". V. Indicat (+X)?	Gênero primário cotidiano/familiar: relato
Normativa	AL Normativa (ALN) ("poder/dever/deixar fazer") ("não) saber fazer")	Jogos Deônticos (JD) ("poder/deixar fazer")	"(Não) pode/deixa X" (?)	Gênero primário cotidiano/familiar: ordem familiar ²
		Jogos Epistêmicos (JE) ("não) saber fazer")	"(Eu/você) (não) saber X" (?)	Gênero primário cotidiano/familiar: ordem familiar ³

3. Priscila e a construção da ação, dá ordem e da obediência

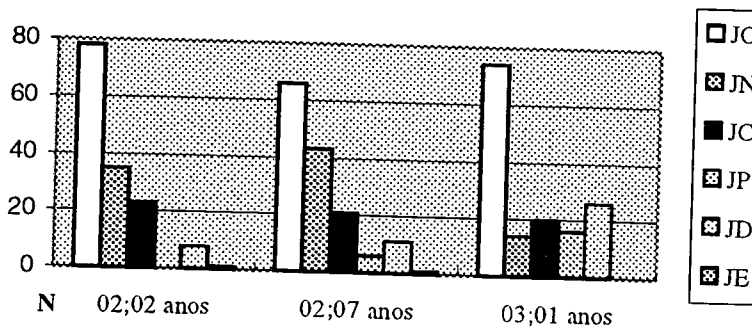


Gráfico 1 - Ocorrência de Jogos/Priscila

No campo das atividades de linguagem teleológicas, como se pode ver no gráfico acima, nas três gravações (de tamanho relativamente semelhante), o maior número de ocorrências é de jogos de ordenar, nos formatos "Vamos fazer X" ou "Faça X", quando elicitados pelo(s) adulto(s), ou no formato "Quê fazer X", quando iniciados pela criança. O exemplo (1) adiante é típico destes jogos.

(1) Contexto: Priscila. (C.), V. e Pl. (crianças vizinhas) brincam em frente de casa; sua mãe (M.) observa a brincadeira, interferindo:

V.: Chuta, Pri! Chuta pra ela pegá a bola! Chuta a bola! Chuta! Chuta!

C.: (*Chuta a bola*).

M.: Gooooool! Corre! Vai lá pegá a bola!

C.: (*Vai correndo buscar a bola*).

V.: Chuta! Chuta!

M.: Faz gol! Faz! Vamo fazê gol!

C.: (*Chuta a bola*). Gooooool!!!

M.: Chuta! Chuta! Chuta lá a bola!

C.: (*Chuta a bola*).

M.: Isso! Assim...

C.: (*Pega a bola e vai para os fundos*).

M.: Aqui! Vem! Aqui olha! A Pl. tem uma bola.

C.: (*Cai com a bola na mão*).

C.: Oi! Ai!

Pl.: (*Senta ao lado de I.*).

M.: Vai fazê gol, Pri! É.

C.: (*Fica batendo a bola na parede*).

C.: Gula... Sigula?

Como vemos neste exemplo, o formato mais típico é o de um verbo de ação no imperativo, seguido ou não do vocativo, repetido muitas vezes. A este enunciado do adulto, em geral segue-se uma ação da criança. O gênero em construção é claramente aquele que Bakhtin (1979) designa como gêneros (primários) cotidianos e familiares. Segundo o autor (p. 268),

“Toda una serie de los géneros más comunes en la vida cotidiana son tan estandarizados que la voluntad discursiva individual del hablante se manifiesta únicamente en la selección de un determinado género y en la intonación expresiva [...] La variedad de estos géneros se determina por la situación discursiva, por la posición social y las relaciones personales entre los participantes de la comunicación...”

Mais adiante neste mesmo texto, diferenciando os gêneros familiares dos gêneros íntimos, Bakhtin (p. 287) afirma serem características dos gêneros familiares a franqueza direta; a não modalização; a abolição das convenções e proibições discursivas ditadas pela hierarquia social pública; uma sinceridade de linguagem da rua ou da praça pública; o “*chamar as coisas pelo seu próprio nome*”.

Como vemos, ao fim do exemplo, a criança também exerce este papel,

simetrizando a situação (“*Sigula?*”), o que ocorre freqüentemente, sobretudo quando a criança brinca com seus pares um pouco mais velhos.

O segundo jogo em freqüência, nas três gravações - embora na última seja menos freqüente que o jogo de contar -, é o jogo de nomear, cujo formato principal é “*O que/quem é isto/este?*”, seguido de uma nomeação de objeto ou pessoa por parte da criança/adulto, ou “*Cadê isto ou fulano?*”, seguido de “*Está aqui?*”, acompanhado de gesto de apontar. Trata-se, no dizer de Bronckart, da matriz da designação. Nesta amostra de Priscila, a freqüência deste jogo se explica por uma prática - recorrente em todo o período observado - de folhear um álbum de fotos familiares, reconhecendo e nomeando membros da família que figuram nas fotos. A seqüência (2) é um exemplo deste tipo de interação:

(2) Contexto: *M. e C. folheando álbum de fotografias:*

M.: Quem que é esse aqui?

C.: Quem?

M.: Quem é esse aí? Esse aqui?

C.: Nu coeçu.

M.: Conhece sim. É o titio B.. E esse daqui, quem é?

C.: Titiu Queco.

M.: Essa aqui é N..

C.: N(...)

A contrapartida da diminuição dos jogos de nomear fotos do álbum nas interações é a emergência e o incremento, nas gravações de 02;07 e de 03;01, de negociações de jogos de papéis. Na instauração destes jogos, novamente temos a repetição da estrutura ordem/ação ou obediência, só que, desta vez, com um grau maior de disjunção de mundos, num mundo possível ficcionalizado. É exemplo disto:

(3) Contexto: *C. senta no quintal e pega o telefone de brinquedo. A avó (A.) e uma criança da vizinhança (S.) interagem com ela.*

A.: Telefona pro paizinho. Senta aí com a S.

C.: Senta aqui! Vem.

S.: (*Olhando para os lados*).

C.: Oí, fia. Ó.

S.: (*Senta ao lado de C.*).

C.: Oí, fia. Taqui ó. Tá. (*Dando um telefone para S.*).

S.: (*Silêncio*).

C.: Alô?

S.: (*Brincando com o patinho*).

M.: Conversa, fia (...)

Como se vê, embora dentro de um jogo de papéis ficcionalizado, a estrutura ordem (verbo de ação no imperativo) seguida de ação se repete, com a diferença de que a criança está em situação de maior reciprocidade para exercê-la, talvez devido à presença de um par coetâneo ou à situação enunciativa de jogo de papéis. Nestes jogos de papéis, os jogos de ordenar aparecem mais freqüentemente modalizados, em ocorrências do tipo:

(4) Contexto: *C. e sua avó (A.) brincando na sala:*

A.: Vamo brincá de casinha nós duas?

C.: Não.

A.: Vamo, fia.

C.: (*Segura a boneca*)

A.: Fia, ô fia, vamo brincá de casinha nós duas?

C.: (*Silêncio*)

A.: Vamo? Ó, cê é a mamãe e eu sou a filhinha, tá bom?

C.: (*Entra na sala*). Eu vai tocá o nenê.

A.: Hã? Vai brincá com a vovó?

C.: (*Estende a fralda na mesa*).

A.: Põe a fraldinha no nenê. (...)

Nestes episódios, o formato ordem/ação aparece mais modalizado, compondo um “convite” à ação conjunta, que pode, então, ser rejeitado e renegociado com o adulto.

A análise até aqui desenvolvida mostra que, neste um ano de desenvolvimento de Priscila, as interações documentadas centraram-se essencialmente na construção da ação; do gênero familiar “ordem/obediência” e na construção da designação (jogo de nomear).

No que se refere à matriz normalizadora de atividade, vemos que as atividades de linguagem normativas da ação vão num crescendo nas gravações, constituídas essencialmente por jogos deônticos que tematizam o “(não) poder fazer”. A seqüência (5) é um exemplo:

(5) Contexto: *C., a mãe (M.) e uma vizinha (N.) interagem na sala. A irmãzinha recém-nascida (L.) está presente.*

M.: Venha aqui, Dona N., pra você ficar um pouco com a L..

C.: Põe ela aqui, mãe.

M.: Não. Você não. Você machuca ela. Dá a flanela da L., dá.

C.: (*Obedece.*)

M.: Num joga assim (...)

De novo, o formato básico é o da ordem/obediência.

Quanto ao segundo ponto que nos interessa nesta análise - a construção das formas de dizer a ação - vemos, no gráfico, que o jogo de contar está quase que igualmente distribuído pelas três gravações. No que se refere às suas situações de produção, o próximo gráfico pode nos trazer alguns esclarecimentos. Nele, vemos que, nestes jogos, o(s) adulto(s) ou a criança tematizam uma ação já (recém) acontecida (Relatos de Experiência ou de Ação em Curso - RE(AC)) ou orientam a ação em curso (Orientação de Ação - OA) e, neste sentido, funcionam mais como instruções que como relatos.

São exemplos destes dois tipos de jogos de contar estes recortes extraídos da mesma gravação feita aos 02;07:

(6) Contexto: *M., A., C. e uma das investigadoras (I1) interagem na sala, quando C. traz uma Bíblia e logo depois exige papel e caneta.* [Exemplo de RE(AC)/Adulto]

M.: Ah, pronto. Agora ela vai lê a Bíblia...

A.: Lê a Bíblia.

C.: Daí. (*Pega a calculadora da mãe*). Faiz assim, mãe?

M.: Faiz. Não. Num é aí.

C.: Essi não.

I1.: A Pri sabe lê, hein, Pri? Cê sabe lê?

C.: Hã?

I1.: Sabe?

M.: Fala: Eu não fui na escolinha ainda.

C.: Elu fui na colinha inda. Eu fô.

M.: É doida pra ir na escola. Tem escolinha aqui na rua. Ela vê as crianças saindo. Ela fica doida pra ir.

I1.: (*Risos*).

C.: Ói qui. Ata mia caneta. Vô lê qué fê? (*Indo até I2*). [...]

(7) Contexto: *Mais tarde, na mesma gravação, C. está fazendo garatujas no papel* [Exemplo de AO/Adulto]

A.: Escreve vovó, fia. (*Falando da cozinha*).

M.: Faz bolinha.

A.: Escreve o nome da vovó.
 C.: Assim?
 M.: Oi?
 C.: Assim?
 M.: É. Faiz bolinha...
 C.: Assim?
 M.: Assim é quadrado.
 C.: Qué roli cadado.
 M.: A bolinha assim, ó. (*Segurando a mão de C.*).
 C.: Tá. (*Tirando a mão*).Sim?
 M.: (*Silêncio*).

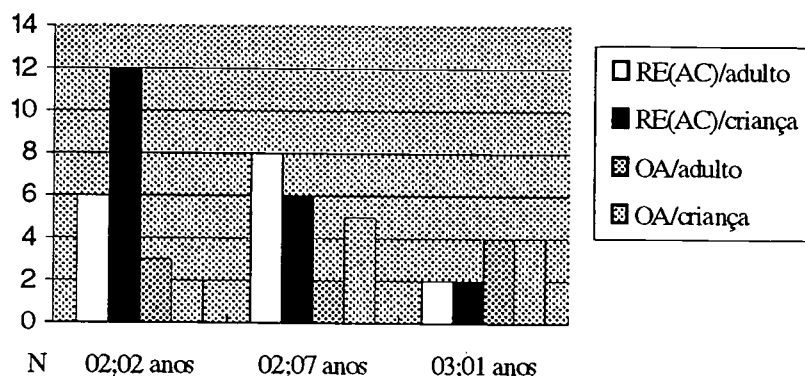


Gráfico 2 - Ocorrência de Jogos de Contar/Priscila

Neste gráfico, vemos, ao longo da amostra, a redução da frequência destas negociações (já minoritárias face às anteriores) em dois terços; o progressivo equilíbrio de propostas entre adulto e criança e a intensificação das propostas de instrução ou orientação da ação em curso *versus* a diminuição considerável de propostas de relatos de ação. Dito de outra maneira, o adulto vai deixando de propor que a criança relate experiências que viveu ou está vivendo (ou ações que executou ou está executando) e passa essencialmente a instruir ou orientar a ação em curso da criança: o exercício do discurso disjuncto em relação ao mundo atual é progressivamente abandonado, ao invés de intensificado, como seria de se desejar.

Na medida em que a construção dos discursos de ação disjunctos é progressivamente abandonada, nem a transitividade e, decorrentemente, nem os papéis temáticos, são efetivamente trabalhados. Se as interações estão essencialmente centradas em ordenar e instruir, seguidos de ações da criança,

os enunciados da criança (e do adulto) são muito reduzidos e abreviados - como vimos, freqüentemente nas formas “*Vamu + V. Inf. (+ X)?*” e “*V. Imperativo (+X)*” e recheadas de dêiticos de tempo e lugar -, tendendo, como diria Vygotsky, a uma estrutura predicativa, onde não há lugar para a tematização da transitividade na predicação e dos papéis temáticos, que correspondem a certas estruturas predicativas transitivas e não a outras, como veremos ocorrer no caso de Helena.

4. Helena e a construção do dizer da ação

Em primeiro lugar, no caso da análise da amostra de Helena, cabe esclarecer que, em lugar da regularidade de matrizes de atividade e de atividades de linguagem que encontramos na amostra de Priscila, o que vemos nesta segunda amostra é uma variedade de atividades entre as três gravações (que reproduz bem a variedade encontrada ao longo da coleta): a primeira gravação é constituída, essencialmente, de um jogos de papéis (“brincar de casinha”); a segunda, principalmente, da nomeação de figuras de um livro ilustrado e a terceira, da recontagem e leitura de contos populares ou de fadas e outras histórias. Esta variação será responsável também por uma variedade maior nos resultados encontrados.

Cabe esclarecer que, embora a primeira gravação seja ela inteira, um grande episódio de jogo de papéis, em que mãe e criança brincam de casinha, este é tramado na incidência de outros jogos, sobretudo os jogos de contar, nomear e ordenar, o que explica a distribuição no gráfico.

O gráfico abaixo espelha a freqüência de ocorrência dos jogos de linguagem de que Helena participa nestas três gravações:

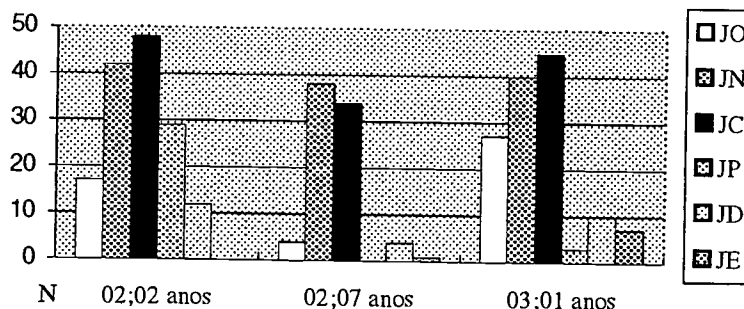


Gráfico 3 - Ocorrência de Jogos/Helena

Diferentemente de Priscila, o que se privilegia aqui nas interações não é o jogo de ordenar, mas o de contar. Num processo aparentemente semelhante ao de Priscila, há também uma grande incidência do jogo de nomear, segundo em frequência de incidência.

O jogo de ordenar, não está, entretanto ausente: é o terceiro em incidência na 2ª e 3ª gravações. No caso da primeira gravação (02;02), a terceira maior incidência é do jogo de papéis, dentro do qual o jogo de ordenar, o de contar e o de nomear se dão.

O exemplo 6 abaixo é um bom exemplo da tecitura do ordenar/nomear/contar, dentro do jogo de papéis. Vemos, neste fragmento, que, na situação de produção familiar de Helena, os três jogos se apresentam diferentemente da situação de produção familiar de Priscila. No caso do jogo de ordenar (veja enunciados enfatizados), Helena já é absolutamente recíproca para esta atividade de linguagem e, na maior parte dos jogos de ordenar desta gravação, quem assimetriza a negociação - ordenando (ou pedindo), na forma exclamativa “*Ô qué ação X!*” - é a criança, sendo, boa parte das vezes “obedecida” pela mãe, ou então, sofrendo normatizações.

(6) Contexto: *Helena (C.) e sua mãe (M.), vestem a boneca após o banho, brincando de casinha; a investigadora (I.) filma a cena:*

C.: *Ô qué ponha ropa dela! Ô qué ponha ropa dela!*

M.: Tá pronto. Tá de calça já.

C.: Não! *Ô qué ponha ropa dela!*

M.: O vistido? *(Dando o vestido a C.)*.

C.: Vitido?

M.: *(Pega a boneca de C. e põe o vestido)*. Tão vamu pô u vistido.

Assiiim... Né?

C.: Vitido linda, nenê! *(Dirigindo-se à boneca)*.

M.: *(Continua colocando)*. Tá! Nenem tá linda! A nenem vai na festa?

C.: *(Pega a boneca)*. Feta do... Du... Caiu coça.

M.: A calça é grande.

I.: Ó a calça pequena aqui, ó! *(Dando outra calça a C.)*.

C.: *(Pega a calça)*. A coça piquena! Essi coça piquena. Coça piquena... *(Tenta vestir na boneca)*.

M.: Ela vai na festa de quem?

C.: Canelinho.

M.: Hum?

C.: *Ô qué poi ropa! Manhê, ô qué ponha ropa!* *(Dando a boneca e a calça para a mãe)*.

- M.: Vamu tentá pô ropa nela? (*Vestindo a boneca*).
- C.: Eli vai feta!
- M.: De quem?
- C.: Ameguinha.
- M.: Quem que vai na festa?
- C.: A menina.
- M.: A nenezinha? Vai na festa de quem?
- C.: (*Pega a primeira boneca e o espelho*). Ô, qué ponha caaauuuça!
- M.: Tá de calça!
- C.: Ah!
- M.: Ela vai na festa?
- C.: Eli vai... feta... A Lena vai também feta!
- M.: Ah! A Helena também vai na festa? Festa de quem?
- C.: A Lena...
- M.: A festa é do R.?
- C.: Feta du... R.. (*Colocando a boneca em frente ao espelho*).
- M.: Ah! A festa do R.!
- C.: A feta du meguiu... Du R.... Ó! Que linda! (*Mostrando a boneca em frente ao espelho para a I.*).
- I.: Que linda!
- M.: É. Como ela tá olhando no espelho!
- C.: (*Olha a si própria no espelho*). Ô qué passá batona dela! (*Apontando a boneca*).
- M.: Passá batona nela? Ela é muito nenenzinha. Nenem num passa batom (...)"

É importante observar que este jogo de ordenar, pela posição mais simétrica de Helena na situação de produção - a daquele que pode também pedir/ordenar, dirigindo e instrumentando, assim, a ação alheia - é freqüentemente elicitado pela criança. Ele não se dá só no plano enunciativo da interação mãe-criança, como no exemplo acima - em que a criança dirige a ação do outro na interação para desempenhar, em colaboração, aquelas ações que estão ainda em seu Desenvolvimento Potencial, como vestir a boneca, por exemplo. Ele também se dá no plano enunciativo intra-jogo de papéis, seja a criança, tomando como co-enunciador a "filhinha" (boneca) e "ordenando" e normatizando (exercendo autoridade), a partir do papel de mãe; seja a mãe, tomando como co-enunciador a criança e dirigindo sua ação no papel de "mãezinha". Vejamos exemplos nos fragmentos em (7) e (8):

(7) C.: Olha nenê! (*pondo a boneca no berço novamente*). Então deita, tá

nenê? (*Dirigindo-se à boneca, olha a outra boneca no chão e bate nela*). Tá, nenê? Que coisa! (*Mudando a entonação*).

M.: Cê num gosta daquele nenem?

C.: (*Continua olhando a segunda boneca*). Hum!!! (*Dirigindo-se à mesma*).

[...]

C.: Pála, nenê, de cholá! Chega de cholá! (*Batendo na boneca no chão*).

M.: Chega de chorá! Essa num chora? (*Indicando a boneca no berço*).

C.: Essa num chola! (...)

(8) M.: Vai dá papá pra nenê agora?

C.: Vô... Eu vai... Ô qué papá da nenê!

M.: Faz um papá pra ela, ó: panelinha... (*Pega alguns brinquedos no chão*). Ó o prato.

C.: Não. Só tem café.

M.: Papá de café? É? Tá qui atrás, ó. Tá qui, ó! (*Indicando a xícara*).

C.: Tem café!! (*Pega a xícara*). Vamu pô eli, café? (*Põe a xícara no pires e pega ambos*).

M.: Dá um café pra I.

C.: Café do nenê.

M.: Nenê num toma café. Nenê toma mamadeira. Quem toma café é a I. (...)

Mas a principal intervenção da mãe nesta interação de jogo de papéis não é, como mostra o gráfico, a de dirigir a ação da criança por meio de jogos de ordenar, mas a de elicitare jogos de contar em que ou a criança relata ou projeta a experiência; relata a ação em curso; ou, ainda, em que a ação da criança é orientada: seja pela mãe, seja pela própria “fala planejadora” da criança. Um exemplo de relato de experiência projetada (“ir à festa do amiguinho R. com a boneca”) aparece em (6).

Também o jogo de nomear é menos limitado do que aquele que ocorre com Priscila, no jogo ritualizado de ver fotos familiares. As nomeações aqui ocorrem seja para designar novos objetos desconhecidos da criança, ampliando seu léxico; seja para dirigir o reconhecimento de objetos necessários à ação em curso no jogo de papéis.

Por último, em vários dos exemplos acima (“*Nenem num passa batom*”; “*Nenê num toma café. Nenê toma mamadeira.*”), vemos que a matriz normalizadora da atividade é sempre um jogo deôntico (“*poder fazer*”), quase sempre exercido pela mãe, mas também, às vezes, pela criança em interlocução

com a boneca, no plano enunciativo interno do jogo de papéis.

Na análise da gravação feita aos 02;07, cuja atividade principal se desenrola em torno da nomeação de ilustrações de um livro infantil (*O Primeiro Passeio do Bolinha*, Eric Hill. Lisboa: Presença, 1982), vemos que o jogo de maior incidência é o de nomear, no padrão acima comentado, o que é em boa parte elicitado pela presença do portador de texto - não narrativo - que apresenta cenas do cão, com outros animais escondidos na ilustração. Temos em (9) um exemplo típico desta interação:

(9) M: Quem tá embaixo do tapete?

C.: (*abre a janelinha da ilustração*)

I: Quem que é?

M: Que bicho é esse?

C.: É umaaa... É... é...é... sapinho.

I: É uma sapinho?... (*risos*) É uma tartaruga!

C.: É tataruga.

I: Tartaruga.

C.: É tartaruga, mãe. Não é sapinhu.

M: Ah! Não é sapinhu.

C.: (*vira a página*)

[...]

I: E aí? Que que é?

M: Hi... pó... pó...

C.: Pé.

M: Não senhora! Hipopótamo!

C.: Popótamu.

O passarinho come, coma ma... semente (*apontando*).

M: Alpiste.

C.: Altiste.

M: (*risos*) Altiste.

C.: Passarinhu tá duminu tamém. (*vira a página*)

M: É? (...)

Como vemos, reencontramos, nestes exemplos de interação, a função do jogo de nomear de construir a designação de novos objetos desconhecidos ainda da criança (*tartaruga, hipopótamo, alpiste*), mas também já vemos, pelos últimos turnos do exemplo, que a criança se encontra já numa situação de reciprocidade para um segundo tipo de atividade de linguagem sobre a ilustração, além da nomeação, que é o relato da ação figurada na ilustração

(“*Passarinhu tá duminu tamém.*”). É justamente este tipo de atividade que faz do jogo de contar o segundo em incidência nesta gravação. Vejamos (10):

- (10) M: Ah-ah, urso. É um urso.
 C.: Urso. Urso tá condido.
 (*Abrindo a janelinha que cobria a figura do urso no livro*)
 M: Tá escondido.
 C.: Eli tá dumino, ó.
 (*Abre a janelinha da ilustração*)
 Ó agora...
 M: Ó agora... Tá cumêno mel.
 C.: (*abre a janelinha*)
 Ele tá dumino, ó!
 M: Ah... quem mais tá aí? (...)

Já numa incidência bem menor, aparecem jogos de ordem e jogos deônticos, em geral centrados na orientação/normalização da ação em curso de folhear o livro:

- (11) M: É o ursinho... Vira a página pra vê quem tá na outra.
 C.: (*Vira a página*)
 M: Não! Virô muito!
 C.: (*Abre a janelinha*) (...)

Já na última gravação em análise (03;01), a principal atividade teleológica de linguagem gira em torno do jogo de contar, recontando e lendo contos de fadas e contos populares, dentre outros. Por isso é que o gráfico retrata uma grande incidência de jogos de contar, entremeados de nomeações, que visam a designar participantes ou elementos essenciais para o enredo (Branca de Neve, o caçador, os anõezinhos, espelho, a bruxa); de jogos de ordenar, novamente ligados à orientação da ação em curso de folhear o livro ou de contar a estória; de jogos deônticos, que normalizam estas ações e, como veremos no último turno do exemplo abaixo, de jogos epistêmicos que tematizam o “*poder contar*”, a partir do “*saber contar*”.

Embora longo, o exemplo em (12) mostra bastante bem a tecitura deste conjunto de jogos:

- (12) Contexto: *Mãe (M.), irmão (F.), investigadora (I.) e criança (C.), no quarto com livros.*

C.: Vô virá a página. (*Pegando o livro Branca de Neve e virando a página do livro*).

I.: Isso... Como é que começa essa história.

M.: Conta pra gente.

C.: É do isquito como começa.

I.: Do escrito?

M.: É do escrito que começa?

C.: É.

M.: Que que tá escrito aqui? (*Apontando no livro*).

C.: Helena. (*Olha para a mãe sorrindo*).

M.: Não é Branca de Neve? (*Apontando no livro*).

F.: É Branca de Neve.

C.: É Banca de Neve, sim.

M.: Branca de Neve-Helena?

C.: Não!

M.: Hum. Então vai. Conta pra gente. Que que tá acontecendo aqui? (*Apontando no livro*).

C.: Aí! Tô começando a vela!...

M.: Ah! Acendendo a vela!

F.: É esse aqui, ó? Que que é?

C.: É uma mão.

F.: Não. [S.I.].

C.: É... Uma lanterna... Uma lanterna que você ganhô, Chiquinho...

M.: E quem que era a Branca de Neve?

C.: (*Apontando no livro à personagem*).

M.: Essa aí?

C.: (*Gesto de assentimento com a cabeça*).

M.: Que que aconteceu com ela?

C.: Caçadô matô ela!

I.: Nossa!

M.: Ah!! Matô, foi?

C.: (*Gesto de assentimento com a cabeça*).

M.: É? Por que que o caçador matô ela?

C.: Porque ela... porque o caçadô queria levá pa floresta i... i... i a matasse.

M.: Mas quem mandô o caçador fazê isso?

C.: Eu.

M.: Você? (*Risos*). Não... Foi aquela bruxa ruim que falava como?... Como é que a bruxa falava?

C.: “Espelho, espelho meu, quem é mais bonita do que eu?... É a bela você...”

- M.: (*Risos*). É a Branca de Neve.
- C.: Não! É a bela rainha aqui que o espelho falava. (*Vira a página*).
- M.: É? Que a rainha era a mais bela, né?
- C.: É.
- M.: Mas aí um dia o espelho falô... A mais bonita é a Branca de Neve. Aí ela ficô com raiva e mandô o caçador matá. E aí? O caçador matô?
- C.: Matô.
- M.: Matô nada. Ela fugiu. Ela fugiu e foi pra onde?
- C.: Morria.
- M.: Não morria. Ela foi pra casa dos anõezinhos, lembra?
- C.: (*Gesto de assentimento com a cabeça*).
- M.: Cadê os anõezinhos?
- C.: (*Mostra no livro*).
- M.: Tão todos aí, né?
- C.: (*Gesto de assentimento com a cabeça*).
- M.: E aí?... Ela ficô lá na casa dos anõezinhos... Aí um dia veio a bruxa com uma maçã. Né? Ela comeu a maçã i...
- C.: Num sei. (*Mexendo nas páginas*).
- M.: Durmiu. E aí ficô durmindo até que...
- C.: Ele acordô. (*Olhando para a mãe*).
- M.: Como que ela acordô?
- C.: É, é, é... os anõezinhos acordô ela...
- M.: Não senhora. O príncipe veio dá um beijo nela e ela acordô. Lê. Vai virando as páginas e lendo pra gente.
- C.: (*Vira a página*). A rainha tá qui, o espelho tá aí. (*Apontando na gravura*).
- I.: A Helena. Esse espelho que responde pra ela, né?
- C.: É.
- M.: E o que que a rainha fala mesmo?
- C.: “Espelho, espelho meu, quem é mais bonita do que eu?” O espelho falava: “É a bela rainha.” (*Vira a página*). O caçador tá aí, ó. (*Aponta na gravura*). Ó. Tá levando ela pa cidade i a matassi. Olha o castelo da... da rainha!...
- M.: I a matassi?
- C.: Ela... o castelo da rainha. (*Vira a página*). Olha os anõezinhos!... Ela acordô?
- M.: Ela acordô.
- C.: É a casa du píncipe. (*Vira a página*).
- M.: É. (*Rindo*).
- C.: A buxa aqui! (*Apontando no livro*).

M.: Que que a bruxa vai fazê?
 C.: Num sei. Ti dá uma maçãzinha.
 M. e I.: Hum.
 C.: (*Vira a página*).
 F.: Deu uma maçã e ela caiu, ó.
 M.: Que que aconteceu com ela?
 C.: Num sei.
 F.: Ela dismaiô.
 M.: Dismaiô.
 C.: Dismaiô.
 M.: Durmiu.
 C.: Não. Dismaiô. (*Virando a página*). Ó quando ela táva na caixa.
 M.: Na caixa de vidro, né?
 C.: É.
 M.: Quem veio acordá ela?
 F.: Olha, ó príncipe.
 C.: Píncipi... (*Vira a página*). Fizeram felizes para sempi. (*Fecha o livro*).
 M. e I.: Hum!
 M.: Que linda essa história!
 C.: Pega otu livro, que eu, que eu já sei oto livro. (*Levanta e vai pegar outro livro: O Gato de Botas*).

Portanto, diferentemente de Priscila, em cujas amostras os principais objetos em construção na interação eram a ação propriamente dita, sua normalização e o padrão interativo ordem/obediência, nas três amostras de Helena, o que está em questão é essencialmente as formas de dizer a ação, por meio de jogos de contar que tematizam seja o relato de experiências vividas ou projetadas (RE) ou das ações em curso na interação (RE(AC)); seja o relato (recontagem/leitura) de contos populares ou de fadas anteriormente lidos ou ouvidos (RCF). No caso dos “relatos” das ações em curso (RAC), estes aparecem com dupla função: ou retomam a ação em curso (na vida ou nas ilustrações) e relatam-na, constituindo, assim o dizer da ação; ou orientam esta mesma ação em curso (OA), de maneira hétero ou auto-orientada (“fala planejadora”).

O gráfico seguinte retoma a distribuição dos jogos de contar nas amostras de Helena em análise:

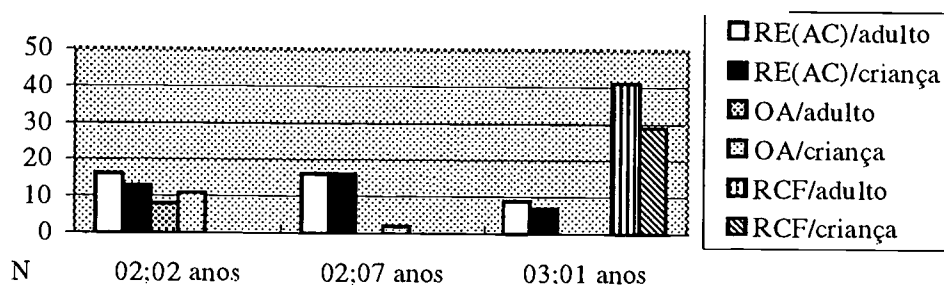


Gráfico 4 - Ocorrência de Jogos de Contar/Helena

Constatamos, portanto, no que se refere à construção do dizer da ação, um movimento inverso nos históricos interacionais de Priscila e Helena:

- enquanto as interações com Priscila tendiam a manter as orientações de ação em curso, estas tendem ao desaparecimento e à especialização nas amostras de Helena, sendo apenas significativas no jogo de papéis;
- enquanto, nas interações com Priscila, tendiam a diminuir consideravelmente as negociações de relatos de experiência ou da ação em curso, nas amostras de Helena, estas embora diminuam um pouco na gravação de 03:01, são mantidas e mais que isso, configuram as condições de possibilidade do jogo de contar contos de fadas (sobretudo, os relatos de ilustrações);
- na amostra de Helena emerge uma prática nova, inexistente nas amostras de Priscila, e que já pode ser considerada um avanço na construção dos gêneros secundários: o relato de contos de fadas.

Quanto a este último ponto, nossos exemplos deixam claro como jogos ou atividades de linguagem dialógicos - que se constituem como gêneros primários, cotidianos e familiares - tais como as designações, os relatos de ação em curso (dialógicos), as orientações de ação; os jogos de ordenar, as atividades normalizadoras vão ser transformadas e re-operacionalizadas (serão condições de possibilidade) na constituição de práticas de linguagem de gênero secundário - contos de fadas ou populares (já monologizados) - que serão dialogicamente constituídos com a criança. Note-se o avanço em direção aos discursos disjuntos e autônomos (Bronckart et al., 1985) que estas práticas significam. Logo, o avanço que significam para a possibilidade de construção de ações decontextualizadas (desarticuladas do contexto atual), mas possíveis (assim como de “mundos possíveis” da ação).

Do ponto de vista da construção da língua e da linguagem propriamente dita, evidentemente, estas novas práticas também provocam avanços. Nelas, a transitividade verbal e, decorrentemente, os papéis temáticos são freqüentemente negociados. Somente a título de ilustração dessas construções, forneço um último exemplo esclarecedor, retirado, desta vez, de outra gravação (02;03,13):

(13) Contexto: *Mãe (M.), criança (C.) e irmã (J.) no quarto, interagindo com muitos livros em volta.*

M.: *(Apontando para outra figura).* Quem é este?

C.: É... O... Ussinho...

M.: Vai papá.

C.: Ele vai papá, ele.

M.: Hum.. já sento pra papá. O que ele vai papá? E aqui, que que é isso? *(Apontando para a figura).*

C.: Ele vai papá. *(Apontando no livro).*

M.: E isso aqui, que que é? *(Apontando figura no livro).*

C.: É, é, é... Casaco.

M.: Não! É ovo.

C.: É ovo.

M.: Ovo. Ele vai papá ovo. Humm.. Que ovinho gostoso!... *(Virando a página).* E depois, que que ele tá fazendo? *(Apontando a figura no livro).*

C.: Eu viu ele.

M.: Não! Bebeu água. Bebeu suco. *(Vira a página).* Ele tá papando? *(Apontando a figura).*

C.: Ele tá papando.

M.: O quê? O que que é isto? *(Indicando a figura do livro).*

C.: É bola.

M.: Não! É maçã.

C.: É maçãaa!

M.: Humm! Tá papando maçã.

C.: Ele tá papando maçã. (...)

Vemos que, nestas negociações, o formato “*O que é isso?*”, próprio do jogo de nomear, negocia inicialmente, no nível da língua, o SN sujeito. Ele é imediatamente seguido de um dos formatos do jogo de contar (“*O que ele está/vai fazendo/fazer?*”), que começa a constituir o paradigma verbal. Estabilizado o dizer da ação, segue-se novo jogo de nomear, que negocia,

lingüísticamente, o SN objeto, sua designação e sua aceitabilidade.

<i>O que é isso?</i>	<i>O que ele está fazendo?</i>	<i>O que é isso?</i>
O ursinho	vai papar	
	sentou para papar	
	vai papar	casaco
		ovo
ele	vai papar	ovo gostoso
	bebeu	água
		suco
	está papando	bola
		maçã
ele	(es)tá papando	maçã

5. Considerações finais

Os resultados expostos acima demonstraram as diferenças de sócio-construção da ação, da linguagem e dos sujeitos entre duas crianças, de inserção sócio-cultural diferenciada. Mostraram também como se articula, na cotidianidade, o maquinário que faz (re)constituir e funcionar aquilo que os autores marxistas chamaram de *psicologia do corpo social* ou *ideologia do cotidiano*, aquele

“...domínio da palavra exterior e interior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um de nossos atos ou gestos e cada um de nossos estados de consciência...” (Voloshínov, 1929: 118)

Perguntávamo-nos, no início deste trabalho, como interpretar tais diferenças e qual o impacto social de desenvolvimentos humanos tão diferenciados. Constatávamos também que Priscila brinça, age, movimenta o corpo, obedece, enuncia pouco e que Helena brinca, pede, exige, discorda, comenta, faz o outro agir, é senhora de outra ação e da situação.

Com o perdão do trocadilho, talvez estejamos tratando de *psicologia dos corpos sociais*: os dados fazem pensar num comportamento arraigado e diferenciado em diferentes extrações sociais. Talvez seja muito mais (ou muito menos) complexo do que isto: idiosincrasias de núcleos familiares de relações

peçoais mãe-criança, ou regularidades de matrizes de atividade de grupos sociais diferenciados podem estar intervindo.

Estas respostas só poderiam ser dadas pela intensificação de pesquisas de mesmo tipo com sujeitos pertencentes a diversificadas extrações de classe, no caso brasileiro. Claro está, com a inserção em novos grupos, provocada pela escolarização, muito pode ter mudado no rumo de constituição destes sujeitos, embora as pesquisas sobre letramento e escolarização apontem para a preferência geral dada pelo universo escolar às capacidades que estão sendo construídas por Helena e para suas possibilidades de escapar do fracasso escolar.

Em todo caso, estes resultados levam-nos a reafirmar pelo menos duas idéias: é possível fazer uma *psicologia* (e uma *lingüística*) *do cotidiano*, no sentido articulado por Vygotsky e pelo círculo de Bakhtin. Trabalhos de cunho etnográfico podem em muito contribuir para a descrição e explanação da sócio-construção da ação como discurso e do discurso da ação.

Em segundo lugar, reafirmamos a idéia de que a Teoria de Gêneros de Bakhtin (1979a, 1979b) pode ser um poderoso instrumental para a compreensão e explanação desta sócio-construção. A releitura da noção de gênero bakhtiniana proposta por Bernard Schneuwly (1994), que atribui aos gêneros o estatuto de (mega) instrumentos - no sentido vygotskiano e marxista do termo - para a construção da linguagem, pode aqui, não só contribuir, como também ser estendida para a construção das formas de agir e de ser em sociedade.

(Recebido em março de 1998. Aceito em junho de 1998)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, G. P. & P. M. S. Hacker (1980) *An Analytical Commentary on Wittgenstein's Philosophical Investigations, Vol I*. Chicago: UCP.
- BAKHTIN, M. (1975) *Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance*. SP: Hucitec, 1988.
- _____ (1979a) El problema de los géneros discursivos. In: M. Bakhtin (1979b): 277-326.
- _____ (1979b) *Estética de la Creación Verbal*. México: Siglo XXI, 1985.
- _____ (1981) La structure de l'énoncé. In: T. Todorov, *Bakhtine. Le Principe Dialogique*. Paris: Seuil.

- BRONCKART, J-P. (1992) El discurso como acción: Por un nuevo paradigma psicolingüístico. *Anuario de Psicología*, 54 (3): 3-48. Universitat de Barcelona.
- _____ (1997) *Activité Langagière, Textes et Discours: Pour un Interactionisme Socio-Discursif*. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.
- BRONCKART, J-P.; B. Schneuwly et al. (1985) *Le Fonctionnement des Discours: Un modèle psychologique et une méthode d'analyse*. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.
- GIANOTTI, J. A. (1995) *A Apresentação do Mundo: Lógica e Ontologia no Pensamento de Wittgenstein*. SP: Companhia das Letras.
- HABERMAS, J. (1987) *Théorie de l'Agir Communicationnel*. Paris: Fayard ou *Teoria de la Acción Comunicativa. Vol I*. Madrid: Taurus.
- LEONTIEV, A. N. (1979) The problem of activity in Psychology. In: J. M. Wertsch (org.) *The Concept of Activity in Soviet Psychology*: 37-71. NY: Sharpe.
- PLEKHÁNOV, G. V. (1922) *Osnovnye voprosy marksizma*. Moscou.
- SCHNEUWLY, B. (1988) *Le Langage Écrit chez l'Enfant: La production des textes informatifs et argumentatifs*. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.
- _____ (1994) Genres et types de discours: Considerations psychologiques et ontogénétiques. In: Y. Reuter (org.) *Les Interactions Lecture-Écriture*: 155-173. Bern: Peter Lang.
- SÉVE, L. (1974) *Marxisme et Théorie de la Personnalité*. Paris: Ed. Sociales.
- VOLOCHÍNOV, V. N. (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. SP: Hucitec, 1981.
- VYGOTSKY, L. S. (1924) *La Psicología dell' Arte*. Roma: Editori Riuniti, 1976.
- WITTGENSTEIN, L. (1953) *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell Ltda.

UN ESTUDIO COMPARATIVO DE ABSTRACTS PARA
EVENTOS CIENTÍFICOS EN INGLÉS Y ESPAÑOL
(A Comparative Study of Conference Abstracts)

Javier GARCÍA-CALVO (*Universidad Central de Venezuela*)

ABSTRACT: The purpose of this paper is to analyse a corpus of 185 conference abstracts, written in either English or Spanish, to determine their internal structure and specific linguistic features. Four variables were taken into account (language, research area, moves and style) to establish similarities and differences between the texts, in an attempt to determine possible universal features of all abstracts. Results show that the abstracts analysed share some of the features, but that there are also differences depending on the language of the text and the area of research. These results seem to have pedagogical implications for the teaching of writing of abstracts as well as for reading these kinds of texts.

RESUMO: O propósito desta pesquisa é analisar um corpus de 185 abstracts de conferência, escritos em inglês e espanhol, para determinar sua estrutura interna e suas características lingüísticas específicas. Foram levadas em conta quatro variáveis (idioma, área de pesquisa, "moves" e estilo) para estabelecer semelhanças e diferenças entre os textos, em um intento para determinar possíveis características universais de todos os abstracts. Os resultados mostram que os abstracts analisados compartilham algumas das características, mas também há diferenças que dependem do idioma do texto e da área de pesquisa. Estes resultados parecem ter implicações pedagógicas para o ensino de escritura de abstracts como também para ler estes tipos de textos.

KEY WORDS: Writing; Discourse Analysis; Text Structure; Abstracts.

PALAVRAS-CHAVE: Escritura; Análise de Discurso; Estrutura de Texto; Abstracts.

0. Introducción

En los últimos años, y gracias al desarrollo de las tecnologías de la información y la comunicación, el resumen de una investigación o *abstract* ha adquirido un carácter privilegiado en las comunidades científicas. Su breve extensión y su contenido (la esencia de una investigación), permiten a los investigadores actualizarse y conocer adelantos e innovaciones en su área de

interés. Es por esta razón que este tipo de texto ha sido ampliamente investigado, analizándose aspectos tan disímiles como rasgos lingüísticos (Gopnik, 1972), la estructura discursiva del texto (Graetz, 1985; Harvey, 1986; Day, 1988; Gartland, 1993), la forma y función de los *abstracts* en las áreas científicas (Salager-Meyer, 1990, 1991, 1992), la percepción de los lectores sobre la calidad de los *abstracts* (Gibson, 1993), y la relación entre características lingüísticas y éxito o fracaso de los *abstracts* (Faber, 1996).

Sin embargo, la mayoría de las investigaciones realizadas hasta el presente se ha centrado principalmente en los *abstracts* que anteceden un artículo de investigación ya publicado y no en los *abstracts* que aparecen en los libros de resúmenes de un congreso o un evento científico, los cuales sólo recientemente han recibido atención por parte de los investigadores. Es útil enfatizar que los resúmenes de investigación para congresos tienen como propósito no sólo condensar la información más importante de un estudio, sino también despertar la curiosidad e interés de otros investigadores, además de persuadirlos de la importancia de una investigación determinada. Por lo tanto, al momento de escribir el resumen, el investigador tiene que prestarle atención tanto a la forma como al contenido del texto que escribe.

En esta investigación se analiza un corpus de resúmenes (*abstracts*) de reportes de investigación para eventos científicos, con el propósito de determinar su estructura interna y de especificar los rasgos lingüísticos que los caracterizan. Un estudio de este tipo se justifica en la medida en que permite a los investigadores conocer acerca de la estructura del *abstract* y así mejorar su elaboración de este tipo de textos.

Entre los estudios realizados con *abstracts* para eventos científicos, en el área de la Lingüística Aplicada, cabe mencionar la investigación realizada por Kaplan *et al.* (1994), en la cual se propone una serie de criterios para llegar a una taxonomía del *abstract* para eventos científicos; y las investigaciones llevadas a cabo por Bolívar (1996, 1997a, 1997b, 1998), en las cuales grupos de *abstracts* son sometidos a un análisis lingüístico e interaccional, utilizando para ello su propio modelo. Como resultado de estos análisis, se ha encontrado que una cantidad considerable de *abstracts* no contiene las cuatro secciones básicas recomendadas por las comunidades científicas internacionales, es decir Introducción, Metodología, Resultados y Conclusión. Sin embargo, Bolívar (1996) argumenta que estos resultados no se deben necesariamente a una falta de rigurosidad científica por parte del investigador, sino a la influencia del tipo de investigación y el estado de la misma, para el momento en que se

escribe el *abstract*: los textos son más completos en términos del número de secciones que presentan cuando son resúmenes de reportes de investigación y cuando el investigador ha avanzado en o ha terminado su investigación.

Otro aspecto que ha sido analizado por Bolívar (1997a, 1997b) es cuánta información presenta el *abstract* y cuánta información promete. Esta investigadora encontró que los *abstracts* escritos en español y portugués exhiben una mayor tendencia a tomar un carácter «promisorio», en comparación con los *abstracts* escritos en inglés, debido en gran manera a que son resúmenes de investigaciones no terminadas para el momento de escribir el *abstracts*.

Las investigaciones realizadas por Kaplan *et al.* (1994) y Bolívar (1996, 1997a, 1997b, 1998) nos permiten tener una visión general acerca de las características de estos textos en diferentes idiomas (inglés, español, portugués). Sin embargo no existen estudios en los cuales se comparen *abstracts* de diferentes disciplinas.

Una de las conclusiones de la investigación llevada a cabo por Faber (1996) es que el discurso escrito permite caracterizar a la comunidad científica de una determinada disciplina, y que ciertos rasgos de la producción escrita de una comunidad (jerga, lenguaje especializado) permiten determinar y diferenciar su discurso disciplinario del de otras comunidades científicas. Tomando estos resultados en consideración, ¿tendrá alguna influencia la disciplina o área de investigación sobre la estructura del *abstract*, sus rasgos lingüísticos y su estilo? ¿Exhibirán los *abstracts* escritos por investigadores en diferentes disciplinas e idiomas ciertos elementos lingüísticos y no lingüísticos que puedan caracterizarlos? ¿Habrá rasgos universales que puedan existir en todos los *abstracts*, sin importar el idioma o la disciplina?

Esta investigación tuvo como propósito fundamental determinar y analizar la influencia de la disciplina y del idioma sobre la elaboración de *abstracts* de reportes de investigación. Los propósitos específicos fueron, por lo tanto, a) determinar y comparar la estructura interna de *abstracts* escritos en inglés y en español, de las áreas de Lingüística y Biociencias; b) determinar y comparar sus rasgos lingüísticos, y c) determinar y comparar los estilos empleados en los textos.

1. Metodología

1.1 Las variables del estudio

Para esta investigación se tomaron en cuenta las siguientes variables:

- a. La lengua o idioma en que fue escrito el *abstract*: inglés o español
- b. La disciplina a la que pertenece el reporte de investigación: Lingüística o Biociencias
- c. El patrón de organización del texto: uso de la macroestructura semántica IMRC (Introducción, Metodología, Resultados, Conclusión)
- d. El uso de elementos lingüísticos claves para caracterizar el estilo empleado en el texto: información presentada e información prometida; uso de evasiones y verbos modales.

1.2 El corpus

Se escogió un corpus total de 185 *abstracts*, discriminados de la siguiente manera:

- A. SUBCORPUS ESPAÑOL–BIOCIENCIAS: 50 *abstracts* en español de las áreas de Agronomía, Genética, Neurociencias y Zoología, tomados aleatoriamente de los *abstracts* de reportes de investigación publicados en dos volúmenes de *Acta Científica Venezolana* (1994,1995). Estas publicaciones contienen los *abstracts* de las XLIV y XLV Convenciones Anuales de la Asociación Venezolana para el Avance de la Ciencia.
- B. SUBCORPUS ESPAÑOL–LINGÜÍSTICA: 50 *abstracts* en español del área de la Lingüística, tomados aleatoriamente de los *abstracts* de reportes de investigación publicados en los dos volúmenes anteriores.
- C. SUBCORPUS INGLÉS–BIOCIENCIAS: 35 *abstracts* en inglés del área Biociencias, tomados aleatoriamente de los *abstracts* de reportes de investigación disponibles vía Internet de las siguiente conferencias: la Conferencia Anual de la Sociedad de Neurociencias (Alemania, 1996); la IV Conferencia Internacional de Genoma Vegetal (Estados Unidos, 1996), y una Conferencia Anual en el área de Ecología Marina (Nueva Zelanda, 1996).

D. SUBCORPUS INGLÉS-LINGÜÍSTICA: 50 *abstracts* en inglés del área de la Lingüística, tomados aleatoriamente de los *abstracts* de reportes de investigación publicados en el libro de resúmenes del Encuentro Anual de la Asociación Británica de Lingüística Aplicada (BAAL) y del Octavo Taller Euro-Internacional de Sistémica Funcional (celebrados en el Reino Unido, en 1995 y 1996 respectivamente).

1.3 Los procedimientos

1.3.1 Identificación y longitud de los textos

Los textos de cada subcorpus fueron numerados del 1 al 50 (o del 1 al 35). Para cada uno de ellos se realizó un conteo del número de palabras, con el fin de determinar su longitud, y poder establecer posteriormente el porcentaje de palabras que corresponde a cada sección del *abstract*.

1.3.2 Determinación de la estructura interna de los textos

En cada texto se clasificó la información de acuerdo a la sección del *abstract* que representa: Introducción, Metodología, Resultados y Discusión. Adicionalmente, se determinó el número de palabras de cada sección y el porcentaje que representa con respecto al total de palabras. Este análisis fue corroborado por dos jueces independientes, a quienes se entregaron 20 *abstracts* cada uno (21.62% del total de *abstracts*), tomados aleatoriamente del corpus de la investigación. Ambos jueces estuvieron de acuerdo con el investigador en un 89% y un 92%, respectivamente.

Asimismo, se determinó qué tiempos verbales se usaron en cada una de las secciones de los textos, con el propósito de determinar el o los tiempos verbales más comunes. Con respecto a este punto, es importante señalar que de acuerdo a la descripción del *abstract* propuesta por Graetz (1985), este tipo de texto está caracterizado por el uso del pasado simple y de la voz pasiva. Sin embargo, nuestra experiencia como productores y lectores de resúmenes de investigación nos indica que éste no siempre es el caso. Es por ello que nos interesó investigar que tiempos verbales se usaron en nuestro corpus, y con qué frecuencia.

1.3.3. Identificación de los elementos lingüísticos claves para caracterizar el estilo del texto

En cada *abstract* se identificaron los siguientes elementos: 1) información presentada e información prometida, y 2) uso de evasiones y verbos modales.

Los datos obtenidos se recogieron en una base de datos y se vaciaron en tablas resúmenes, gráficos de barra y gráficos de tortas.

2. Resultados y Discusión

2.1. Longitud de los textos

El conteo de palabras por *abstract* nos permitió observar que el número de palabras en cada texto varió de 65 (corpus Inglés–Lingüística) a 399 (corpus Español–Lingüística). La Tabla 1 nos presenta el promedio de palabras para cada una de las subcorpora analizada.

Inglés		Español	
Biociencias	Lingüística	Biociencias	Lingüística
212.74	209.22	232.04	216.34

Tabla 1: Promedio de palabras por subcorpus

Por otro lado, la Tabla 2 muestra los porcentajes de textos que tienen un máximo de 250 palabras.

Inglés		Español	
Biociencias	Lingüística	Biociencias	Lingüística
69%	78%	68%	80%

Tabla 2: Porcentaje de *abstracts* con promedio menor o igual a 250 palabras

Estos resultados parecen indicar que los investigadores están tratando de ajustarse a las normas internacionales sugeridas para la elaboración de *abstracts* (un máximo de 250 palabras, ver Kaplan *et al.*, 1994), al menos en este corpus. Bolívar (1996, 1997b, 1998), quien analizó *abstracts* del área de la Lingüística Aplicada, había encontrado que los escritores hablantes de español y portugués tuvieron la tendencia a escribir textos que en promedio eran mucho más largos que el máximo sugerido por las comunidades científicas internacionales. Nuestro estudio arroja resultados un tanto opuestos, ya que son justamente los *abstracts* del área de Lingüística los que se ajustan más al número de palabras recomendado. La relativa uniformidad de longitud de los

abstracts en nuestro estudio, tal como es expresado en la Tabla 1, pudiera estar relacionada con la rigurosidad a que fueron sometidos en el proceso de arbitraje, previo a su selección como ponencias aceptadas, o simplemente al hecho de que los textos provienen de diferentes eventos científicos a los textos analizados por Bolívar.

2.2 Estructura de los *abstracts*

El Gráfico 1 muestra la distribución de secciones en los cuatro subcorpora analizados. Se observa que entre un 85% (subcorpus Inglés–Biociencias) y un 100% (subcorpus Español–Lingüística) de los textos contiene la sección Metodología. Por otro lado, se puede apreciar que los subcorpora del área de Biociencias tienden a enfatizar más los resultados que los *abstracts* de Lingüística.

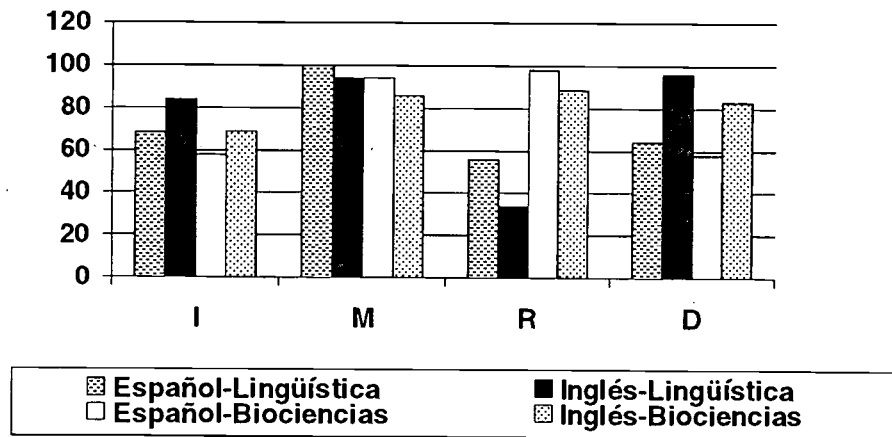


Gráfico 1: Distribución de las diferentes secciones, por subcorpus (en porcentaje)

Ahora bien, ¿qué secciones son enfatizadas en cada subcorpus? El Gráfico 2 muestra los porcentajes de *abstracts* que contienen la sección con mayor número de palabras. Podemos observar que en el caso del subcorpus Español–Lingüística, la sección Metodología (M) es la que recibe mayor atención, de acuerdo al mayor número de palabras que se destina a esta parte del *abstract*. Para el subcorpus Inglés–Lingüística, la sección Discusión (D) es la más importante, seguida por la Introducción (I), y en tercer lugar la Metodología. En el subcorpus Español–Biociencias, dos secciones son casi igualmente enfatizadas: Resultados (R) y Metodología. El último subcorpus, Inglés Biociencias, enfatiza 4 secciones casi por igual: Resultados, Discusión, Introducción y Metodología, en ese orden. Se puede observar también que la

sección Resultados es más enfatizada en los subcorpora del área de Biociencias que los del área de Lingüística, y que la sección Introducción tiene casi igual énfasis en los cuatro subcorpora.

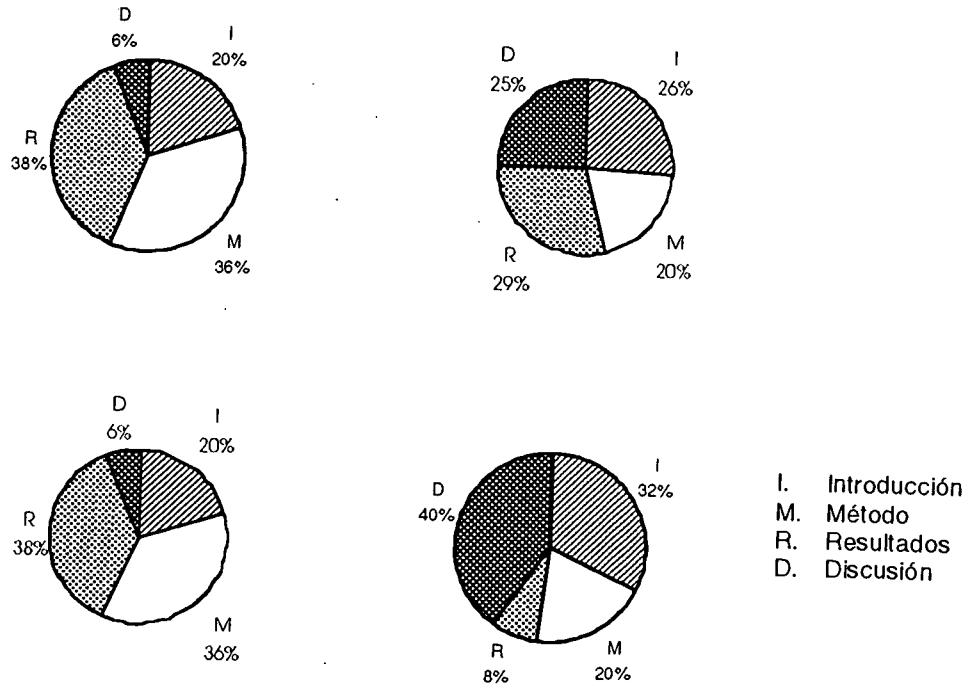


Gráfico 2: Porcentaje de abstracts que contienen la sección con mayor número de palabras

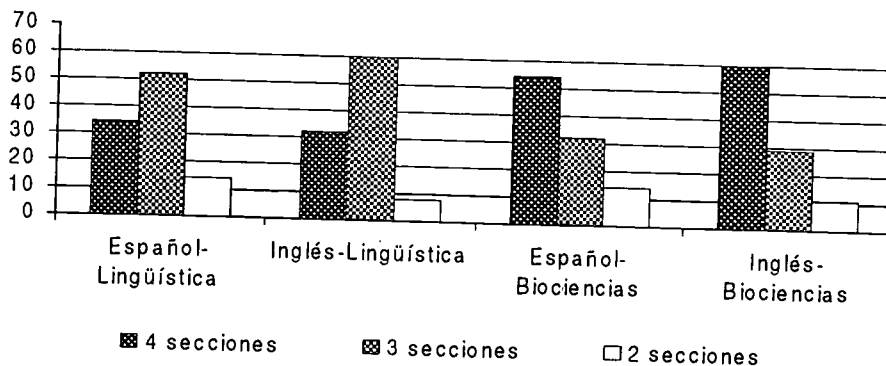


Gráfico 3: Porcentaje de secciones presentes en los abstracts

Con respecto al número de secciones presentes en los *abstracts* (Gráfico 3), encontramos algunas similitudes entre disciplinas. Se observa que el porcentaje más alto de los *abstracts* en Biociencias (entre 54% y 60%) contiene 4 secciones: Introducción (I), Metodología (M), Resultados (R) y Discusión (D), mientras que el porcentaje más alto de textos en Lingüística (entre 52% y 60%) sólo contiene 3 secciones (Introducción, Metodología y Discusión). Un porcentaje bajo de todos los *abstracts* del corpus (entre 8% y 14%) contiene 2 secciones (Introducción y Metodología).

Estos resultados señalan diferencias generales importantes entre los *abstracts* de acuerdo a la disciplina a que pertenecen: los autores de los *abstracts* de Biociencias tienen mayor tendencia a escribir textos más completos que los autores de los *abstracts* en Lingüística. Asimismo, en los textos de Lingüística se tiende a favorecer y enfatizar más la sección Discusión que la sección Resultados.

El análisis de la estructura interna de los textos nos proporciona una primera aproximación a la caracterización del *abstract* como género discursivo. Observamos que la sección Metodología está presente en casi todos los *abstracts*, por lo que debe ser una información clave que debe ser incluida. Las secciones Introducción y Discusión se encuentran en 60% o más de los textos, por lo que también parecen ser esenciales como estructura básica del *abstract*. Estos resultados nos indican que, independientemente del área de investigación y del idioma en que está escrito el texto, el escritor de un *abstract* debe incluir al menos la sección Metodología, mientras que las secciones Introducción y Discusión son también elementos importantes del texto.

El corpus analizado nos señala adicionalmente que un porcentaje apreciable de investigadores no sólo está escribiendo *abstracts* que se ajustan a la cantidad máxima de palabras recomendadas, sino que también están incluyendo todas o casi todas las secciones que definen la estructura del *abstract*. Investigadores como Salager-Meyer (1990) y Bolívar (1996, 1997) habían encontrado que muchos de los *abstracts* analizados eran incompletos en su estructura interna, porque les faltaba una o más secciones consideradas esenciales (Introducción, Metodología, Resultados y Discusión o IMRC). Bolívar (1997) explica esta situación relacionando la estructura IMRC con el estado de la investigación, argumentando que los *abstracts* más completos son los que corresponden a informes de investigaciones ya concluidas. Debido a que nuestro corpus estuvo conformado exclusivamente por informes de investigación, los resultados parecen avalar la hipótesis de Bolívar en sus

investigaciones.

Sin embargo, las diferencias importantes encontradas entre los subcorpora con respecto a estructura interna nos indican que a ciertas secciones se les dedica mayor número de palabras por *abstract* que a otras, y que esto depende del área de investigación y del idioma. Es así como los *abstracts* en inglés dedican mayor número de palabras a la sección Discusión que los *abstracts* en español, lo que pudiera reflejar una diferencia cultural expresada en los textos. Por otro lado, los *abstracts* en Biociencias dan mayor importancia, de acuerdo al número de palabras, a la sección Resultados que los textos en Lingüística. La explicación de estos resultados podría estar dada por la diferencia en el propósito original de la investigación. En las áreas científicas, muchas de las investigaciones pudieran tener el fin de probar algún nuevo tratamiento o procedimiento, por lo que el autor del *abstract* no necesita ir más allá de la simple presentación de los resultados de la investigación. En la Lingüística, los investigadores pueden no contentarse con sólo presentar resultados, sino que también quieren discutirlos y derivar implicaciones de sus hallazgos. También pudiera suceder que la presentación de datos numéricos en un *abstract*, como es común en los textos en Biociencias, sea en sí suficientemente persuasiva para el autor, por lo que su *abstract* no necesita agregar mayor información. Estos son aspectos que deberían ser investigados más a fondo.

2.3 Rasgos lingüísticos de la estructura

Los Gráficos 4, 5, 6 y 7 muestran los porcentajes de uso de los tiempos verbales en las diferentes secciones, por subcorpus. Como observación general, detectamos la presencia de diferentes tiempos verbales, y diferente uso de ellos, en cada sección. Se utilizaron los tiempos verbales siguientes, en orden de frecuencia: Presente simple, Pasado simple, Presente perfecto, Futuro simple, Pasado perfecto y Presente continuo. El Presente simple su usó con mayor frecuencia en las secciones Introducción y Discusión que los demás tiempos verbales, en todos los subcorpora. Este tiempo verbal también es el más usado en el resto de las secciones del subcorpus Español–Lingüística, y en casi todas las secciones del subcorpus Inglés–Lingüística. Sin embargo, en los subcorpus del área de Biociencias, el tiempo verbal más usado tiende a ser el pasado simple, especialmente en el subcorpus Español–Biociencias. Observamos, entonces, que en general no existe uniformidad en el uso de los tiempos verbales, y que este uso varía no solamente de acuerdo al área de

investigación, sino también de acuerdo con la sección del *abstract*.

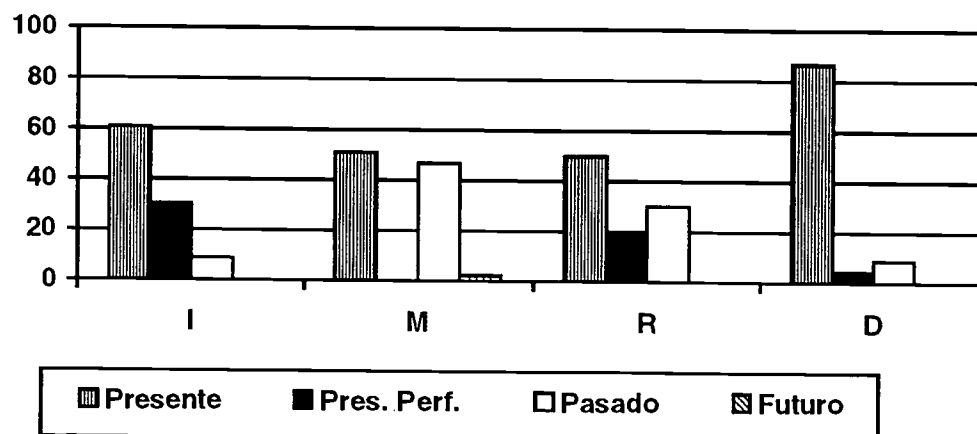


Gráfico 4: Porcentaje de uso de los tiempos verbales en las diferentes secciones (subcorpus Inglés-Lingüística)

Estos resultados nos indican que la definición de *abstract* propuesta por Graetz (1985), en la cual se propone que el uso del pasado simple caracteriza al *abstract* no es generalizable a todos los resúmenes de investigación, y que, por el contrario, es el uso del presente simple el que tiende a caracterizar al *abstract*.

Adicionalmente, se observa que los *abstracts* en el área de Lingüística tienden a usar menor variedad de tiempos verbales que los textos en Biociencias: mientras que en los primeros se evidencia el uso de 3 o 4 tiempos verbales diferentes (presente simple, presente perfecto, pasado simple y futuro), en Biociencias se usan hasta 6 tiempos verbales: además de los ya mencionados, se usan también el presente continuo y el pasado perfecto, lo que le da mayor variedad lingüística a los textos de esta última disciplina.

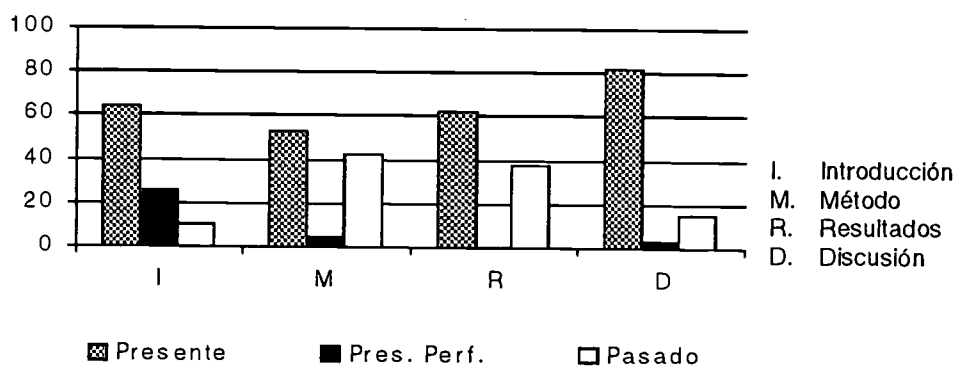


Gráfico 5: Porcentaje de uso de los tiempos verbales en las diferentes secciones (subcorpus Español-Lingüística)

Junto al uso de diferentes tiempos verbales, se observó también la utilización de la forma infinitiva de los verbos en el subcorpus Español-Lingüística, en la sección Metodología y, en menor grado, en la sección Introducción, siendo esta forma verbal inexistente en los demás subcorpora.

La voz pasiva se usó comúnmente en los cuatro subcorpora, y apareció en todas las secciones, aunque en mucho menor porcentaje que la voz activa. Se observó también que se usó en mayor grado en las secciones Introducción y Metodología que en las otras dos secciones. La forma pasiva del pasado simple se usó frecuentemente en estas secciones, para describir el procedimiento llevado a cabo en la investigación o en otras investigaciones anteriores. La forma pasiva del presente simple, por el contrario, se usó mayoritariamente en las secciones Introducción y Discusión. No se observó el uso de otras formas verbales en voz pasiva.

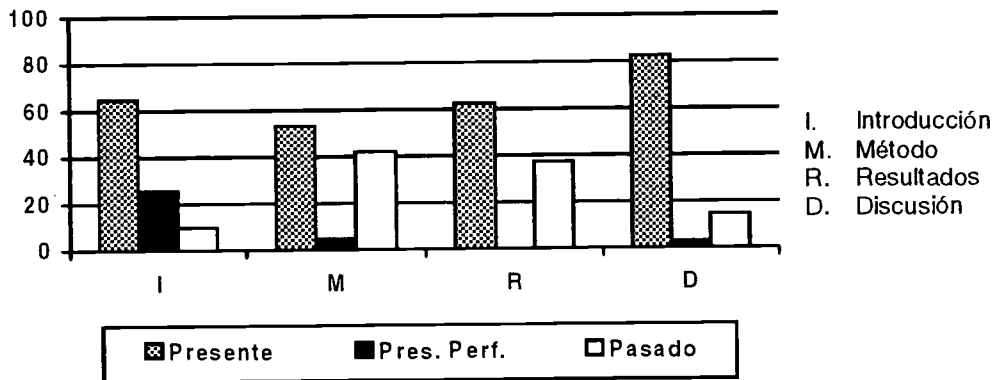


Gráfico 6: Porcentaje de uso de los tiempos verbales en las diferentes secciones(subcorpus Inglés-Bioencias)

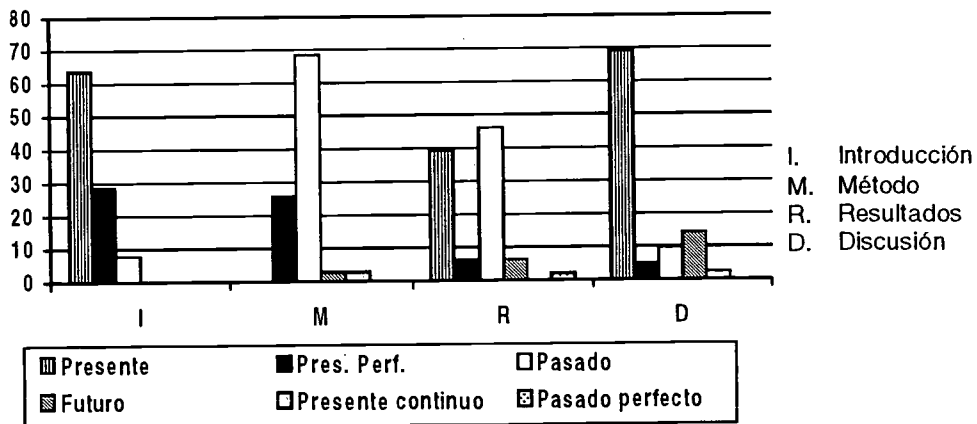


Gráfico 7: Porcentaje de uso de los tiempos verbales en las diferentes secciones

Este análisis de los tiempos y formas verbales usados en los *abstracts* nos indica que de nuevo existen rasgos en común entre los textos. Es así como se observa un predominio de uso del presente simple en las secciones Introducción y Discusión. Este uso casi exclusivo del presente simple se debe al contenido expresado en estas secciones. La Introducción de un *abstract* tiene como propósito presentar información básica que debe conocer el lector para entender el fenómeno que ha sido estudiado, es decir, el estado actual de un fenómeno o de una situación, al cual se espera contribuir con información adicional proveniente de la investigación. Es lógico entonces que se use el presente simple para presentar esta información. Igualmente, la sección Discusión contiene información sobre el estado actual del conocimiento después de analizar los resultados de una investigación. He allí una posible razón para el uso del presente simple.

Por otro lado, existen diferencias importantes entre los subcorpora de acuerdo al área de investigación. Se observó que en Biociencias se usa mayor variedad de tiempos verbales que en Lingüística. También se detecta un mayor uso del presente simple en todas las secciones para los subcorpora en Lingüística, mientras que tanto el presente simple como el pasado simple se usan comúnmente en las secciones de los textos en Biociencias. Este hallazgo puede deberse a algo más que una simple cuestión de estilo y de preferencias en las diversas disciplinas, por lo que debe ser estudiado con mayor profundidad.

El análisis de los tiempos verbales usados en los *abstracts* nos indica que el área de investigación impone ciertas restricciones a los escritores al momento de elaborar el resumen de una ponencia: los lingüistas tienden a usar el presente simple en todas las secciones del *abstract*, mientras que los escritores del área de Biociencias usan tanto el presente simple como el pasado simple, dependiendo de la sección del texto.

2.4. Contenido expresado a través de los tiempos y formas verbales

El uso de diferentes tiempos y formas verbales en las secciones de los *abstracts* nos llevó a estudiar más detenidamente qué tipo de contenido se estaba expresando con determinada forma verbal. Lo que encontramos a continuación representa una serie de rasgos que son comunes a todos los *abstracts*, independientemente del idioma o área de investigación.

En la sección Introducción, el presente simple se usa para presentar

aspectos tales como el estado actual de un fenómeno o una situación, información básica acerca del problema que está siendo estudiado, conclusiones provenientes de otras investigaciones, planteamiento del problema, justificación de la investigación, definición de términos, el objeto de estudio, los objetivos y las metas de la investigación. Por otro lado, el presente perfecto se usa en esta sección para presentar los estudios previos realizados en el área, la metodología empleada en otros estudios, y los estudios previos realizados por el mismo investigador.

En el siguiente ejemplo, tomado de la sección Introducción de uno de los *abstracts* del área de Lingüística, ilustra el uso de tiempos verbales diferentes para diversos propósitos:

El objetivo de este trabajo es determinar si los niños desde temprana edad tienden a preferir una estructura argumental similar a la propuesta por Du Bois 1987. Se ha comprobado que esta estructura existe tanto en el español hablado por adultos como en diferentes lenguas, de tipo ergativo o nominativo. La estructura argumental preferida (EAP) se fundamenta, según Du Bois, en las siguientes tendencias (las primeras dos son gramaticales y la tercera, pragmática): i) solamente una frase nominal léxica (FNL) tiende a estar presente en los argumentos principales del verbo dentro de una misma cláusula, ii) de estar presente, una FNL va a cumplir el rol sintáctico de S (sujeto de un verbo uniargumental) si el verbo tiene un solo argumento o el de O (objeto directo) si el verbo tiene dos o más argumentos; iii) una FNL que transmite información nueva tiende a aparecer en los roles de S o de O, pero no en el rol de A (sujeto de un verbo multiargumental).

Se observa que el presente simple se usa primero, con el propósito de indicar el objetivo de la investigación. Inmediatamente después, el autor cambia el tiempo verbal a presente perfecto, para presentar los antecedentes o resultados de estudios previos realizados en el área. Finalmente, se usa de nuevo el presente simple para presentar información básica acerca de la EAP, según Du Bois.

Para la sección Metodología, el presente simple se usa cuando se quiere dar información sobre la muestra o los sujetos, las categorías de análisis y las variables del estudio. El pasado simple es utilizado para presentar datos

numéricos y nominales, pasos de la investigación, los instrumentos utilizados, las pruebas estadísticas, el tratamiento, y la muestra o sujetos. El pasado simple en forma de voz pasiva se usa casi exclusivamente en esta sección para identificar los pasos de la investigación. Como ejemplo, observemos la sección Metodología de otro *abstract* en el área de Lingüística:

Los hablantes de la muestra son nativos de Caracas, y están estratificados por edad, sexo y nivel socioeconómico. Los grupos generacionales seleccionados pertenecen a los niveles socioeconómicos alto, medio y bajo. Procedimiento: se extrajeron todas las cláusulas que registran la ausencia y presencia de la proposición de con ayuda del programa CLAN (Computerized Language Analysis, cf. MacWhinney, 1991).

Con respecto a la sección Resultados, el presente simple se prefiere para describir la muestra obtenida, mientras que el pasado simple se utiliza para presentar los resultados generales o datos específicos. La sección Discusión usa casi exclusivamente el presente simple, así que es éste el tiempo verbal usado para expresar su contenido.

Estos resultados indican que el uso de los tiempos verbales en las diferentes secciones depende de la función comunicativa que tenga determinada información dentro de la sección. Es importante entonces que el escritor de *abstracts* conozca qué tiempos verbales se usan comúnmente para expresar determinada función comunicativa.

2.5 Elementos lingüísticos claves para caracterizar el estilo del *abstract*

Aunque el estilo empleado varió de *abstract* a *abstract*, se encontraron elementos en común dentro de cada subcorpus.

2.5.1 Información presentada y prometida

ESPAÑOL-BIOCIENCIAS: Encontramos que la información presentada en el *abstract* variaba de acuerdo con el propósito o meta de la investigación. Si el propósito es obtener mayor información sobre un animal o una planta, el *abstract* generalmente finaliza con la sección Resultados. Por el contrario, si el propósito del estudio es ensayar una nueva técnica experimental, innovar de alguna forma, o resolver un problema, se incluye

entonces la sección Discusión, donde se evalúan los resultados y se puede promover la realización de investigaciones adicionales en el área. La Discusión contiene muchas veces la importancia del estudio, como base para futuras investigaciones, o como innovador en cierto campo o aspecto (por ejemplo, «Este estudio plantea nuevos enfoques...», «Los resultados obtenidos permitirán determinar...»).

Con respecto a la información ausente en el texto, algunos *abstracts* prometen parte de los resultados de la investigación, posiblemente porque todavía se encuentra en curso al momento de elaborar el *abstract*, en cuyo caso se tienden a usar frases como «los resultados preliminares», «los primeros resultados», o «algunos resultados». La discusión de los resultados es otra información que se promete o se anuncia, como un elemento persuasivo dentro del texto. El estudio del uso de la persuasión en textos como los *abstracts* no estuvo dentro de los objetivos originales de este trabajo, pero es un área que merece ser estudiada con profundidad.

INGLÉS–BIOCIENCIAS: Existe la tendencia a incluir la sección Discusión en el *abstract*, independientemente del propósito original de la investigación. Un porcentaje reducido de *abstracts* (18%) no incluye esta sección, y los textos que no presentan la sección Resultados generalmente finalizan el *abstract* con una discusión. En cualquier caso, los *abstracts* en este subcorpus prometen menos información que los demás textos.

ESPAÑOL–LINGÜÍSTICA: El *abstract* tiende a enfatizar los resultados y/o conclusiones, sin apelar a lo innovador que pueda ser el estudio o a sus implicaciones. También se observa que un porcentaje bastante alto de *abstracts* (79%) finaliza con los resultados, sin entrar en un análisis o discusión de los mismos. En este caso se asemejan a varios de los textos del subcorpus Español–Biociencias. Los *abstracts* que sólo llegan hasta la sección Resultados muchas veces prometen la discusión de los resultados o de sus implicaciones. Una vez más, pareciera que el estado de la investigación al momento de elaborar el *abstract* influye sobre su estructura.

INGLÉS–LINGÜÍSTICA: Un porcentaje reducido de textos (37%) contiene la sección Resultados, y los datos aquí presentados se expresan de una forma general. Para contrarrestar esta falta de especificidad, el *abstract* tiende a enfatizar la sección Discusión, en la cual se señalan aspectos como el carácter innovador del estudio, o se enfatiza el vacío de conocimiento que se tenía en determinada área antes de la investigación.

Con respecto a la información prometida, el escritor puede usar parte de la sección *Discusión* para prometer, o anunciar, las implicaciones pedagógicas que pueda tener la investigación. También se pueden prometer los resultados más específicos, además de los ya presentados en la sección *Resultados*.

2.5.2 Uso de verbos modales y evasiones

Se observó la tendencia en todos los textos a usar verbos modales y evasiones (*hedges* en inglés) para discutir los resultados. Algunos ejemplos de estos recursos son: «Estos resultados sugieren», «X parece ser el resultado de», «X sugiere la posibilidad de que», «un mapa tentativo podría ser», «X parece no ser» Estas expresiones son usadas en la sección *Discusión* cuando el autor quiere explicar los resultados obtenidos en su investigación, pero no quiere comprometerse, expresando por lo tanto un cierto nivel de inseguridad con respecto a las explicaciones dadas. Este tipo de expresiones también puede ser usado para mitigar la fuerza ilocutiva de las expresiones usadas por el escritor, en gran parte debido a que éste se está moviendo en el ámbito de posibilidades.

El uso de evasiones y verbos modales se reduce drásticamente o es inexistente cuando se presentan datos numéricos concretos, o cuando el autor piensa que ha demostrado algo. El lenguaje se vuelve entonces más asertivo y contundente. Es común el uso de expresiones como «Los resultados indican», «El estudio demuestra», «X determina». Para enfatizar este lenguaje asertivo, es común el uso de la primera persona singular para asegurar algo (por ejemplo, «I show», «I demonstrate», «I argue»). Sin embargo, el uso de la primera persona singular fue mucho más común en los *abstracts* escritos en inglés, por lo que puede deberse a diferencias culturales en cuanto a estilos de persuasión.

3. Conclusiones

Esta investigación tuvo como propósito fundamental establecer las características lingüísticas y discursivas del *abstract* de informes de investigación para eventos científicos. En este sentido, encontramos que los textos analizados tienen características comunes, que podrían caracterizar a cualquier *abstract*, así como otras características que dependen más del área de investigación o del idioma empleado.

Entre las características comunes a todos los textos encontramos la

tendencia de los textos a ubicarse dentro del máximo de palabras sugerido por las comunidades científicas internacionales. Aunque estos resultados pueden tener diversas explicaciones, nos gustaría creer que los investigadores venezolanos y latinoamericanos en general están ahora más conscientes acerca del máximo de palabras recomendado para un *abstract* de conferencia y de la importancia de resumir lo más importante de una investigación para facilitar la comunicación entre las comunidades científicas.

Otras de las características de los *abstracts* es la presencia de la sección Metodología. Esta sección se encontró en 83% a 100% de los textos, por lo que parece representar información que debe existir en todo *abstract*. Las secciones Introducción y Discusión también son comunes, aunque en menor grado.

Se observa también que existe un predominio del uso del presente simple para las secciones Introducción y Discusión. Adicionalmente, se detectó que algunos contenidos son expresados preferiblemente en determinado tiempo verbal.

Por otro lado, el análisis de la información que es presentada y de la que es prometida en los textos nos permite sugerir que tanto la estructura como el contenido del *abstract* pueden ser influenciados por el estado de la investigación al momento de escribir el *abstract* y/o por los objetivos originales de la investigación. Para el caso de los *abstracts* del área Biociencias que no presentan la sección Discusión, el autor puede haber decidido que es suficiente dar los resultados de su estudio, y que no es necesaria más información para los fines de resumir la investigación en forma de *abstract*, debido en gran parte a que los objetivos iniciales de su estudio fueron cubiertos con estos resultados. En otros casos, pareciera que el autor, al momento de redactar el *abstract* de su investigación, no tiene todos los datos disponibles, o se encuentra en el proceso de análisis de los resultados, por lo que solamente puede sugerir algunos puntos generales como discusión, o dedicarse a prometer información que posiblemente ya tendrá para el momento de presentar su ponencia.

Asimismo, el análisis de los textos nos indica que la forma de expresión de los enunciados variará dependiendo del tipo de información que se presenta: será más asertiva y precisa cuando se presenten datos concretos, y utilizará la modalidad y la evasión cuando se tratan de interpretar resultados y hallazgos.

4. Implicaciones y recomendaciones

Los resultados de este estudio sugieren varias implicaciones pedagógicas. Una de ellas se relaciona con la enseñanza de la lectura de *abstracts* dentro de un curso de Inglés con Propósitos Académicos. Conocer cómo se estructura la información en un *abstract*, qué secciones son más comunes y qué tipo de información presenta cada una puede ayudar a los lectores que se inician en la lectura en inglés a comprender la información presentada en un *abstract*. Por otro lado, determinar la función comunicativa de cada sección del resumen también puede ayudar a su comprensión. Igualmente, saber que diferentes áreas de investigación tienen diferentes formas de expresarse por escrito ayudaría a lograr una lectura más eficiente del *abstract*.

Este estudio también proporciona información a los investigadores y miembros de las comunidades científicas para elaborar mejores *abstracts* y a tener mayor acceso a los eventos científicos, tanto en el ámbito nacional como internacional. Por ejemplo, los investigadores de lengua hispana que escriben sus *abstracts* en inglés para enviarlos a congresos internacionales, se beneficiarían al conocer cuáles son las convenciones utilizadas cuando se escribe un resumen en inglés, qué partes son más comunes, y qué estilo se tiende a usar. Estos conocimientos permiten que exista una mayor posibilidad de que el resumen sea aceptado por los organizadores del evento internacional, y así contribuir a la globalización de la investigación científica.

Se recomienda, sin embargo, realizar investigaciones adicionales, con un corpus que abarque otras áreas de investigación. Igualmente, se recomienda estudiar las preferencias de varios tipos de lectores por determinado *abstract*, y comparar estos resultados con las características de estos textos descritas en este estudio.

(Recebido em setembro de 1998. Aceito em novembro de 1998)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLÍVAR, A. (1996) *Los resúmenes para conferencias en Lingüística Aplicada en América Latina: estructura e interacción*. Ponencia presentada en el I Coloquio Internacional de Lingüística Aplicada "Lingüística del texto: producción de textos". Córdoba, Argentina.
- _____. (1997a) Interaction through abstracts in ESP. En: F. MEYER, A. BOLÍVAR, J. FEBRES y M. BONETT DE SERRA (comp.) *ESP in Latin America*. Actas del

- 5to. Coloquio de ESP Latinoamericano. Mérida: Universidad de los Andes.
- _____ (1997b) *La pragmática de los resúmenes para congresos internacionales*. Ponencia presentada en Jornadas 50 Aniversario del Instituto de Filología "Andrés Bello". Caracas, Venezuela (Noviembre).
- _____ (1998) *Homogeneidad versus variedad en la estructura de los resúmenes de investigación para congresos*. Ponencia presentada en las VI Jornadas de Investigación Humanística y Educativa. Caracas, Venezuela, Universidad Central de Venezuela (Mayo 5 al 9 de 1998).
- DAY, R.A. (1988) *How to write and publish a scientific paper*. Phoenix, Arizona: Oryx Press.
- FABER, B. (1996) Rhetoric in competition: the formation of organizational discourse in Conference on College Composition and Communication abstracts. *Written Communication*. **13**(3), pp. 355-384.
- GARTLAND, J.J. (1993) *Medical writing and communicating*. Maryland, EE.UU.: University Publishing Group.
- GIBSON, T.R. (1993) *Towards a discourse theory of abstracts and abstracting*. Monographs in Systemic Linguistics. **1**(5). Nottingham, Reino Unido: University of Nottingham.
- GOPNIK, M. (1972) *Linguistic structures in scientific texts*. La Haya: Mouton.
- GRAETZ, N. (1985) Teaching EFL students to extract structural information from abstracts. En: J.M. ULIJN y A.K. PUGH (comp.) *Reading for professional purposes: Methods and materials in teaching language*. Leuven, Bélgica: ACCO.
- HARVEY, A. (1986) *A macrostructure analysis of 20 computer data-based abstracts in the field of engineering*. Ponencia presentada en el Seminario Nacional de Lenguas con Fines Específicos. Santiago, Chile: Universidad Católica.
- KAPLAN, R.B., CANTOR, S., HAGSTROM, C., KAMHSI-STEIN, L.D., SHIOTANI, Y. Y ZIMMERMAN, C.B. (1994) On abstract writing. *Text*. **14**(3), pp. 401-426.
- SALAGER-MEYER, F. (1990) Discoursal flaws in medical English abstracts: a genre analysis per research type and text type. *Text*. **10**, pp. 365-384.
- _____ (1991) Medical English abstracts: how well-structured are they?. *Journal of American Society for Information*. **42**, pp. 14-27.
- _____ (1992) A text type and move analysis study of verb tense and modality distribution in medical English abstracts. *English for Specific Purposes*. **12**(2), pp. 107-124.

**BEGINNING PORTUGUESE CORPUS LINGUISTICS: EXPLORING A CORPUS TO
TEACH PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE***

(Iniciando a Lingüística do Corpus do Português: Explorando um Corpus para
Ensinar Português como Língua Estrangeira)

A. P. BERBER SARDINHA (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*)

ABSTRACT: The study reports the results of the exploration of a machine-readable corpus of Brazilian Portuguese. The corpus was collected from news distributed on the Internet. The news items themselves consisted of excerpts from newspaper stories and TV transcripts. The focus of the paper is on the description of selected language features needed for the production of teaching materials for private Portuguese classes in Britain. Several lexical and grammatical items are described using corpus linguistics tools in what amounts to pioneering work on corpus analysis of Portuguese. The paper concludes that guidance provided by existing reference materials such as textbooks, grammars and dictionaries are inadequate since these sources are not based on samples of authentic language.

RESUMO: O presente trabalho apresenta os resultados da exploração de um corpus eletrônico de português do Brasil. O corpus foi coletado a partir de notícias distribuídas na Internet pela Radiobrás. As notícias foram retiradas de reportagens de jornais e de transcrições de notícias de TV. A ênfase do trabalho é a descrição de algumas características lingüísticas necessárias para a produção de materiais para aulas particulares de português oferecidas na Grã-Bretanha. Ao apresentar a descrição de vários itens lexicais e gramaticais dentro do paradigma da lingüística do corpus, o trabalho oferece uma contribuição pioneira no sentido de iniciar a lingüística do corpus do português. O trabalho conclui que o tipo de suporte disponível em materiais de referência existentes como livros de curso, gramáticas e dicionários tendem a ser inadequados para o aluno de português como língua estrangeira já que eles não se baseiam em amostras autênticas de linguagem como aquelas proporcionadas por um corpus eletrônico.

KEY WORDS: Corpus Linguistics; Teaching Portuguese as Foreign Language; Corpus-based description of Portuguese.

* Earlier versions of this paper were presented at the Teaching and Language Corpora conference (TALC96), University of Lancaster, Lancaster, UK, August 1996, and at the Language Research Unit, University of Birmingham, UK, March 1997.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística do Corpus; Ensino de Português como Língua Estrangeira; Descrição do Português baseada no Corpus.

0. Introduction

The aim of the study presented here is to report on an initial exploration of a corpus of Portuguese which was compiled in the mid 1990's in the University of Liverpool, the Corpus of Brazilian Media Portuguese (CBMP). The corpus was used for assisting in the creation of materials for teaching Portuguese as a foreign language to private students in Britain. Nevertheless, the focus of the present paper is on the reporting of the description of Portuguese, and not on presenting the materials used in the classes. The students were adults who wanted one-to-one private tuition in Brazilian Portuguese for a range of purposes. The classes were not part of any teaching program associated with the University of Liverpool. The information obtained by analysing the corpus for was used to illustrate, expand on and even question the information provided by reference materials such as grammars, textbooks and dictionaries. The emphasis throughout was in obtaining authentic evidence for particular teaching points.

The paper is also concerned with extending the kinds of analyses developed for the exploration of corpora of English to the analysis of Portuguese. As such, the project reported here can be seen as fitting in a small body of pioneering research devoted to the compilation and description of corpora of Portuguese. Although other corpora of Portuguese have been around for some time (e.g. Borba-Ramsey Corpus in ACL, 1994; Contemporary Corpus of Portuguese in ELRA 1998; PORTEXT Corpus in Maciel, 1997), the corpus introduced in this paper is the first one in the available literature which was used for teaching Portuguese as a foreign language using the methodology of corpus linguistics (e.g. Kennedy, 1998; McEnery e Wilson, 1996; Sinclair, 1991). The kinds of analysis carried out included collocation and induction of patterns of cooccurrence and extraction of word frequency information. Another important feature is that the corpus was made available to the research community through the Internet for some time, which meant that different researchers in various parts of the world used it for purposes other than teaching. Hoey (1996), for example, used a subset of the CBMP to compare the usage of 'reason' and 'razão'. The corpus has also been indexed on numerous web pages devoted to corpus linguistics as the only corpus of Portuguese.

1. The CBMP corpus

Machine-readable corpora of Portuguese are recent. The Borba-Ramsey corpus is perhaps the first corpus of Portuguese which was made available to a large audience; it was published on CD-ROM in 1994. In 1995 the newspaper 'Folha de S. Paulo' published its first full edition on CD-ROM, which, although not strictly a corpus, can be used as corpus data.

In 1994, a project in Liverpool University was started which was aimed at collecting a corpus of contemporary Portuguese. The corpus was called 'CBMP', for 'Corpus of Brazilian Media Portuguese', and it was so named because it was made up of newspaper and magazine clippings and TV transcripts. These were distributed by e-mail to subscribers of an information service sponsored by Brazilian research funding agencies. The texts and the transcripts in the corpus were published or broadcast conventionally. The CBMP has 4.075.335 words, which places it on the 'small' end of the scale for present-day corpora. Nevertheless, it is larger than other much-cited corpora of English such as the Brown or LOB, and therefore it is not too small to provide useful information about language in use.

The texts included in the corpus are contemporary. This means that the language represented in the corpus is as close as possible to the language of the press in Brazil in the early 1990's. This also enables the corpus to be used as a source of texts for developing materials for language teaching. This is an important point since the availability of Brazilian newspapers and magazines abroad was very limited before the late 1990's, and therefore the CBMP was a source of fairly recent materials about Brazil.

In this paper, the focus will be on the exploitation of the corpus for the teaching of Portuguese as a foreign language. The main motivation for using a corpus rather than the existing materials for teaching Portuguese as a foreign language was that the latter were generally based on invented examples. Those involved in the lessons also recognized that the use of authentic materials was essential for language learning. In addition, previous reports on using corpora in language teaching, mainly through concordancing (explained in the next section), showed that exposing students to corpus material had important benefits (see next section).

The corpus was used in the preparation of materials in two main ways.

First, as a source of data for description of the Portuguese language, or at least, that variety which was included in the corpus (newspaper texts and television transcripts) prior to the preparation of teaching units. The description was carried out using computational techniques, and the aim was to describe features of the language which were relevant for the lessons. And second, as a source of examples to illustrate particular language points. This was done in a number of ways, including lists of examples, patterns, and concordances (see next section).

The lessons which were taught using corpus materials were individual classes offered to British English speakers in Liverpool. The paper will report on the description of several features of Portuguese which formed part of teaching units. For the most part, the corpus was used to describe aspects of the language which reference materials (textbook, grammar, and dictionary) did not deal with or dealt with unsatisfactorily. In the first part, the paper will provide a brief discussion on the usefulness of corpora in language teaching. In the second part, a description of selected language items will be offered.

2. The corpus in the classroom

One of the ways in which language samples from the corpus were presented to the students was through concordances. A concordance is a list of the occurrences of a given word (or words) in a corpus. The kind of concordance used here is that known as KWIC, or Key Word in Context. In this kind of concordance, the word searched for (the 'keyword') appears in the center of the listing surrounded by a portion of the text that occurred next to it in the corpus. By observing the kinds of words appearing near the keyword (the co-text), the analyst or the student can gain insights about collocations, or groups of words that tend to occur near each other.

The concordances were printed out on paper and used as worksheets. A number of activities was carried out using the concordances, but a detailed account of these is beyond the scope of this paper.

The main reason why concordances were adopted as a technique for exploring the corpus with the students was that they provide students with the opportunity to engage in discovery activities. It is argued that concordances have a positive impact on the learners, the teachers and on language learning itself (Johns, 1994). Learners become very effective researchers because concordances provide motivation for inquiry and

speculation. In addition, as soon as they start working with the data themselves, students they become active researchers instead of passive recipients of knowledge. As Johns (1994) aptly puts it, research is too valuable a tool to be left in the hands of researchers'. Similarly, teachers are no longer the fount of all knowledge, since they can resort to the corpus for answers. In trying to make sense of their data, students generate their own explanations which are arguably better learned than ready-made rules from the textbook. In this context, the role of the computer is that of 'informant not surrogate teacher' (unlike in CALL, for example) (Murison-Bowie, 1996: 39), that is, concordancers and computerized corpora are not seen as substitutes for the teacher; rather these elements are seen as tools to be used by the teacher with his or her students.

There were two main ways in which concordances were used in the classes. One was by following the inductive approach, which goes from the bottom up, that is, from inspection of the data up to a generalization. The other way was by using the deductive method, which goes from the top to the bottom, that is, from a rule or hypothesis to the data, ending with a revised hypothesis. Neither approach is without faults. The alleged problem with the inductive approach is that the student is not 'encouraged to (...) to test [their] conclusions' (Murison-Bowie, 1993: 46). The argument against a purely deductive method is that hypotheses can be confirmed or rejected wrongly due to a lack of evidence, since no corpus is complete, especially small ones such as the CBMP. In general, students tended to adopt an approach depending on their initial interests. If they had a hypothesis, then they would more naturally follow a deductive approach. In the absence of a working hypothesis, students would tend to take an inductive approach.

3. Exploration of the corpus

Two kinds of information were drawn on in the description of the corpus: frequency and collocation. For details about the frequency of words in the corpus, we employed the WordList tool in WordSmith Suite (Scott, 1996). WordSmith is a computer program that offers tools for the analysis of language in collections of texts (Berber Sardinha, 1996).

For collocations, we employed concordances. The concordances were generated using the Concord Tool in WordSmith. The Concord allows the user to obtain concordances easily and quickly. It also provides access to lists of collocates, or those words that occur near the keyword at a frequency determined by the analyst. The maximum distance between the keyword and

its co-text is the (collocation) span, measured in words. For example, a span of 3 words on either side of the node means that the words that are no further than three words to the left or to the right of the keyword are counted as collocates.

In this study, the collocation span varied from two to five words on either side of the node. The two-word span was tried first, and if this did not return at least 20 collocates of frequency 2 or higher, then the span was widened. The threshold of 20 collocates is an informal parameter used by corpus analysts (Kilgariff, 1998).

Once the collocates were obtained, a 'structure' was generated (cf. Francis and Hunston, 1996), which is a generalization about the usage of the search word based on its collocates. Structures were accompanied by examples. After that, a 'pattern' was produced, which is a more abstract generalization. By comparing patterns, it became possible to see more clearly what the similarities and differences between the words were. No statistical tests were carried out on the strength of the association among each search word and its collocates because the primary aim of the investigation was not to obtain final answers about patterns in Portuguese, but rather to allow those involved in the lessons to gain insights into the usage of words based on authentic evidence.

The fundamental notion applied to the analysis is that distinct senses are identifiable as distinct cooccurrence patterns (Sinclair, 1991). Hence, if the analyses revealed different patterns for the words under investigation, this would indicate different senses. Once these patterns had been specified, concordances showing these patterns were run and printed out.

Another guiding principle in the preparation of materials was the frequency of items in the corpus. It was felt that this information was relevant and should be passed on to the students. Information on frequency is not available to native speakers through introspection, and needs to be obtained from a corpus. As Sinclair and Renouf (1988: 151) comment, this is a feature common to users of any language:

'the human being, contrary to popular belief, is not well organized for isolating consciously what is central and typical in the language; anything unusual is sharply perceived, but the humdrum everyday events are appreciated subliminally'.

4. Individual language items

In this section we present a sample of the analyses we carried out using the CBMP corpus. The individual analyses were prompted by questions asked by the students during the classes.

One of the features of Portuguese which caused the students trouble was the future tense. In Portuguese, the future can be formed either by inflecting the verb or by using an auxiliary verb plus an infinitive. The latter is called the periphrastic future and native speaker intuition tells us it is the most common form of the future in Brazilian Portuguese. However, even recently published grammars do not recognize this fact, giving more space to the inflected form (e.g. Mesquita, 1994); the periphrastic form is simply included as colloquial usage restricted to speech. As a result, when students resorted to grammars, they usually found they gave emphasis to the inflected future, while speakers use the periphrastic future.

The periphrastic future is formed by the verb 'ir' (conjugated as 'vou', 'vai', vamos', or 'vão') plus an infinitive. The form 'vai' is the 41st most common word across the corpus, with 8001 occurrences (0.2% of the corpus); significantly, of its 20 top collocates, 16 were infinitive verbs. This suggests that one of the main uses of the form 'vai' is to form the future, and not as an independent verb. The most frequent inflected future form is 'serão' which is 4 times less frequent than 'vai', with 2200 occurrences (0.1 % of the corpus). According to the corpus, then, the periphrastic future seems to be the most common future form, despite what the grammars say. As a result, we decided to emphasize the periphrastic future with our students. In the case of the future, then, frequency information was crucial in deciding which forms to teach, unlike in the case of the prepositions discussed above.

Another problem that the students faced relates to the verbs 'saber' and 'conhecer' which normally translate into English as 'to know'. Conventionally a distinction is made in bilingual dictionaries and coursebooks between 'to know something' and 'to know somebody'. If you know something, the verb can be either 'saber' or 'conhecer'; if you know how to do something, the verb is 'saber'; but if you know somebody, the verb is 'conhecer'. The problem with this rule is that it does not specify what the verb should be when it precedes 'something'. According to the rule, these two verbs are interchangeable when they mean 'to know something'. The decision was then taken to search the corpus for possible differences in complementation between the two verbs.

In the corpus, the verbs have different frequencies (see Table 1) which is a first indication that in contexts where it is meant 'to know something', 'saber' may be the unmarked choice. Nevertheless, the frequencies alone did not answer the question about the differences in complementation. A description of patterns was then carried out.

Rank	Item	Frequency
961	Saber	484
3361	Conhecer	108

TABLE 1: Rank and frequency of 'saber' and 'conhecer'

Position of collocate ¹	Saber	Conhecer
1 st to the right	se (if), a (the-fem), do (of the-masc), como (how), o (the), que (that), da (of the-fem), onde (where), qual (which), quem (who)	o (the-masc), os (the-masc-pl), a (the-fem), as (the-fem-pl), um (a-masc), detalhes (details)
2 nd to the right	detalhes (details), programa (program), projeto (project), resultados (results), numeros (numbers), objeções (objections), parque (park), projetos (projects) alidade (reality), rendimento (yield)	opinião (opinion), oripem (origin), notícia (news), causa (cause), decisoes (decisions), declaração (statement), destino (destiny), detalhes (details), fraudes (frauds), número (number), resultado (result), ritmo (rhythm), rumo (direction)

TABLE 2: Frequencies and collocates of 'saber' and 'conhecer'

The first collocates to the right of the verb in Table 2 indicates that what distinguishes these two verbs is that 'saber' is followed by conjunctions, such as 'se' (if) and 'como' (how), and by the contracted preposition 'do'. What both verbs have in common is that they are both followed by articles like 'o' (the-masc) and 'a' (the-fem) which matches the translation 'know something'. What was needed next was to know which words followed these articles. Table 2 also displays the second collocates to the right which are nouns. There seemed to be an interesting trend here. Out of the 13 nouns that

¹ The minimum frequency of collocates is 2, except for the first ones to the right of 'saber'.

collocated with 'saber', 10 were singular: 'opinião', 'origem', 'notícia', 'causa', 'declaração', 'destino', 'número', 'resultado', 'ritmo', and 'rumo'. Based on this information, the patterns in Table 3 were produced. 'Saber' is followed by a preposition or a subordinate conjunction; both 'saber' and 'conhecer' are followed by an article, but 'saber' seems to be followed by a singular noun. Note that none of the patterns emerging from the corpus includes the traditional 'verb + Personal Noun' and 'verb + Infinitive verb' patterns which are commonly used to teach 'conhecer' and 'saber', respectively.

Pattern	Verb
Verb+de(preposition)	saber
Verb+conj	saber
Verb+article	saber / conhecer
Verb+article + singular Noun	saber

TABLE 3: Patterns of 'saber' and 'conhecer'

The second person pronouns is another area about which the corpus supplied details. In the tables of conjugations found in grammars students normally come across the second person pronouns 'tu' and 'vós', but in most contexts across the country these pronouns have been replaced with 'você' and 'vocês'. Their corpus frequencies reflect this situation. 'Você' appears 112 times, and 'vocês' 44 times, whereas 'vós' appears only 8 times and 'tu' only 6 times. This information was used as evidence to persuade students to ignore 'tu' and 'vós' in conjugation tables since they would rarely come across these pronouns and the verb forms associated with them in authentic newspaper texts.

5. Final comments

In this paper, lexical and grammatical items were described through inspection of a corpus of Portuguese. In general, the information available from inspection of the corpus was in conflict with the information found in reference materials. This seems to be the case because Portuguese grammars, dictionaries and coursebooks have largely been based on intuition rather than on authentic data. When authentic examples are provided at all, these are inevitably from literary fiction, a variety which is still regarded as the norm, but which does not reflect the language used on daily basis in Brazil. The general conclusion is that guidance provided by existing reference materials is inadequate in that they fail to provide evidence of language in use.

Despite its restricted size, the CBMP has provided detailed evidence for various patterns. Significantly, evidence of this kind was not available to the native speaker teachers from intuition and had to be obtained through inspection of the corpus.

There are several limitations which may be overcome in further research. First, the small size of the corpus. A larger corpus should provide evidence of a wider range of patterns while at the same time giving more details on the patterns which emerged so far. Second, the narrowing of the collocational span from five to two words in some cases may have limited the range of patterns that might actually exist. Finally, collocational significance was not computed for the collocates, which would have been instrumental in ruling out spurious associations. These limiting factors may have led to a simplification of the patterns obtained here, but whether this is true or not can only be attested through access to a larger corpus and more powerful computational tools. At any rate, these limitations do not compromise the findings since the aim of this exercise was to obtain evidence of language in use for pedagogical purposes rather than to describe a variety of the Portuguese language.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACL (1994) Borba Ramsey corpus. In: *European Corpus Initiative. Multilingual Corpus 1*. HRCR, University of Edinburgh, and ISSCO, University of Geneva.
- AIJMER, K. & ALTENBERG, B. (eds.) (1991) *English corpus linguistics - Studies in honour of Jan Svartvik*. Longman, London.
- ASTON, G. (1995) Corpora in language pedagogy: matching theory and practice. In: *Principle and practice in Applied Linguistics - Studies in honour of HG Widdowson*. (eds.: COOK, G.; SEIDLHOFER, B.) Oxford University Press, Oxford, 257-270.
- BERBER SARDINHA, A. P. (1996) "Review of WordSmith tools." *Computers & Texts* 12: 19-21.
- COLLIER, A. (1993) Issues of large-scale collocational analysis. In: *English Language Corpora: Design, analysis and exploitation - Papers from the thirteenth International Conference on English Language research on computerized corpora, Nijmegen 1992*. (eds.: AARTS, J.; DE HAAN, P.; OOSTDIJK, N.) Rodopi, Amsterdam/Atlanta, GA, 289-298.
- EDWARDS, J. (1993) Survey of electronic corpora and related resources for

- language researchers. In: *Talking data: Transcription and coding in discourse research*. (eds.: EDWARDS, J.; LAMPERT, M. D.) Earlbaum, London and Hillsdale, NJ, 263-310.
- ELRA (1998) Contemporary Corpus of Portuguese. Information available on the Internet at <http://www.icp.grenet.fr/ELRA/cata/tabtext.html>.
- FOLHA DE S. PAULO (1995) *Folha CD-Rom*. Folha de S.Paulo Newspaper, São Paulo, Brasil.
- FRANCIS, G. & S. HUNSTON (1996) *Grammar patterns*. Vol.1: Verbs. Collins COBUILD, London.
- HOEY, M. (1996) Cohesive words: A paper of consequence. In: *Words*. (ed.: SVARTVIK, J.) The Foundation Natur och Kultur, Lund, 71-90.
- JOHNS, T. (1994) From printout to handout: Grammar and vocabulary teaching in the context of Data-driven learning. In: *Perspectives on pedagogical grammar*. (ed.: ODLIN, T.) Cambridge University Press, Cambridge, 293-313.
- KENNEDY, G. (1998) *An introduction to Corpus Linguistics*. New York: Longman.
- KILGARRIFF, A. (1998) Email message, subject 'Size of representative corpus', date 21 August 1998, on CORPORA discussion list. Available on the Internet at <http://nora.hd.uib.no/e-index-i.html>.
- MACIEL, C. (1997) La base PORTEXT à Nice. À propos d'une idée. Documento eletrônico disponível na Internet em <http://lolita.unice.fr/~brunet/index.html>.
- MCENERY, T. & WILSON, A. (1996) *Corpus Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- MESQUITA, R. M. (ed.) (1994) *Gramática da Língua Portuguesa*. (1st ed.) São Paulo, SP, Brasil: Saraiva.
- MURISON-BOWIE, S. (1993) *MicroConcord Manual - An introduction to the practices and principles of concordancing in language teaching*. Oxford University Press, Oxford.
- MURISON-BOWIE, S. (1996) Linguistic corpora and language teaching. *Annual Review of Applied Linguistics* 16.
- SCOTT, M. R. (1996) *WordSmith Tools*. Software for text analysis. Oxford University Press, Oxford.
- SINCLAIR, J. (1991) *Corpus, concordance, collocation*. (Describing English Language Series.) Oup, Oxford.
- SINCLAIR, J. McH. & RENOUF, A. (1988) A lexical syllabus for language learning. In: *Vocabulary and language teaching*. (eds.: CARTER, Ronald; MCCARTHY, M.) Longman, London, 140-160.
- STUBBS, M. (1995) Corpus evidence for norms of lexical collocation. In: *Principle and practice in Applied Linguistics*. (eds.: COOK, G.; SEIDLHOFER, B.)

Oxford, Oxford University Press, 245-256.

_____ (1996) *Text and corpus analysis - Computer-assisted studies of language and culture*. Blackwells, Oxford.

THOMAS, E. W. (1969) *The syntax of spoken Brazilian Portuguese*. Vanderbilt University Press, Nashville, Tenn.

REFLEXÕES EM TORNO DE UM CONCEITO PSICOLINGÜÍSTICO DE TIPO DE TEXTO*
(Some Reflections Around a Text Type Psycholinguistic Concept)

Adair BONINI¹ (Universidade Federal de Santa Catarina)

ABSTRACT: The text type concept, after a phase in which it was focused on a cognitive view by van Dijk, based on the cognitive schemata theory of Rumelhart, became an object of study by other researchers (Adam, Swales) in new perspectives. These recent studies strengthened the debate, providing theoretical material for the re-discussion of the concept of type in psycholinguistic terms. Using a methodology of bibliographic research, the present article proposes to retake a discussion about textual superstructure.

RESUMO: O conceito de tipo de texto, após uma fase em que foi enfocado sob uma ótica cognitivista por van Dijk, com base na teoria dos esquemas cognitivos de Rumelhart, passou a ser objeto de estudo de outros pesquisadores (Adam, Swales) sob novas perspectivas. Estes estudos recentes revigoraram o debate, proporcionando material teórico para a rediscussão do conceito de tipo em termos psicolingüísticos. Utilizando uma metodologia de pesquisa bibliográfica, o presente artigo pretende, assim, retomar a discussão sobre a superestrutura textual.

KEY WORDS: Psycholinguistics; Discourse Processing; Text Type; Superstructure.

PALAVRAS-CHAVE: Psicolingüística; Processamento do Discurso; Tipo de Texto; Superestrutura.

0. Introdução

O tipo de texto em Psicolingüística tem sido denominado tradicionalmente esquema textual (Bartlett, 1954) e também superestrutura textual (van Dijk, 1977, 1978, 1990, 1992b). Assim concebido, o tipo corresponde a um esquema cognitivo que se compõe de partes características organizadas por uma sintaxe particular e está arquivado na memória de longo prazo do indivíduo para servir como recurso nas tarefas comunicativas nos sentidos de recepção e produção lingüística (*input* e *output* lingüísticos). O esquema cognitivo é, conforme Rumelhart e Ortony (1977) e Rumelhart (1980), uma estrutura conceitual abstrata arquivada na memória que representa um conceito genérico através de variáveis atualizáveis face a objetos, situações, eventos e seqüências de ações.

¹ Doutorando em Lingüística na Universidade Federal de Santa Catarina.

Até o trabalho de Bartlett, desenvolvido na década de 30 deste século, o tipo de texto não havia sido pensado como uma estrutura cognitiva. Na década de 70, vários autores abordaram o tema imprimindo-lhe uma perspectiva cognitivista. Entre eles, van Dijk que criou o conceito de superestrutura a partir da concepção de Bartlett, da descrição da narrativa de Labov (1979), de inspiração sociolingüística, e das teorias de processamento de informação (com trabalhos como os de Rumelhart).

Após este período, duas importantes abordagens tomaram a tipologia textual como objeto específico de estudo: a de Adam (1987, 1992), com a descrição de seqüências textuais, e a de Swales (1990, 1992), com a descrição de gêneros textuais. Esta última deu origem a um campo de estudos: a análise de gêneros.

Estas abordagens recentes deixaram quase que por completo a perspectiva cognitivista. Isto, no entanto, já começava a acontecer com os últimos trabalhos de van Dijk sobre o tema (1990, 1992), uma vez que se detinham sobre o texto noticioso mais para descrevê-lo que para entendê-lo como processo cognitivo.

Este afastamento do cognitivismo deve-se, provavelmente, ao fato de o tipo de texto (ou gênero textual) trazer impressa a marca do contexto social em que se formou, o que atrai o estudioso para uma perspectiva extramental. Por outro lado, a relação linguagem e sociedade é um tópico importante dos estudos lingüísticos, com uma exploração bastante fértil via estudo de gêneros textuais, o que as pesquisas em processamento da linguagem não podem ignorar.

O presente artigo pretende, dado o panorama acima exposto, retomar a reflexão sobre o tipo de texto como esquema cognitivo a partir dessa discussão recente sobre o assunto.

O objetivo do artigo, desta forma, é esboçar um conceito psicolingüístico de tipo de texto a partir da contraposição das teorias recentes sobre o tema, principalmente com relação à questão esquema cognitivo de texto *versus* processo social de convencionalização.

1. Abordagens teóricas da tipologia e o processo de composição tipológica

Minha reflexão parte do conceito de superestrutura de van Dijk, ou estrutura esquemática, um esquema cognitivo abstrato que marca a existência de determinado tipo de texto. Este esquema compõe-se, como já foi mencionado

acima, de categorias vazias de caráter abstrato que são preenchidas por proposições para formar o texto. Estas categorias vazias são denominadas macrocategorias. Como elemento formal, auxiliam a distinção entre os vários textos de uma mesma classe.

O conceito surgiu em meio às pesquisas de van Dijk sobre a gramática narrativa no início da década de 70 (van Dijk, 1977). A primeira superestrutura, portanto, se propunha ser o esquema da narrativa e apresentava uma configuração em diagrama arbóreo com três macrocategorias fundamentais - a situação, a complicação e a resolução - e duas opcionais - a avaliação e a moral (v. fig. 1).

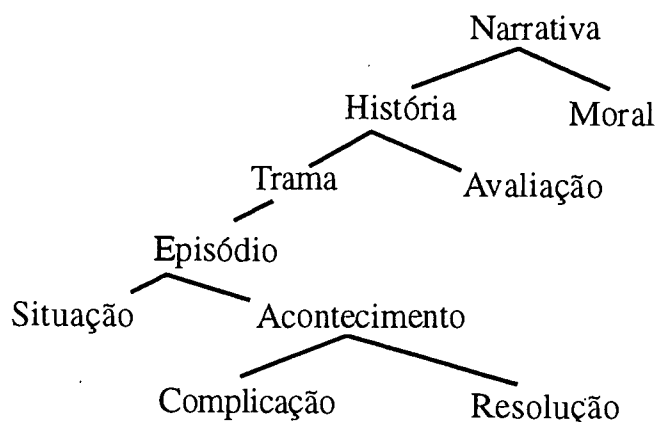


Fig. 1: Esquema da narrativa (van Dijk, 1978)²

Após este momento inicial de construção do conceito, van Dijk iniciou um trabalho de descrição do texto noticioso (v. fig. 2), o que o conduziu a uma série de pesquisas em análise do discurso, com especial atenção para o racismo (van Dijk, 1991, 1992a), e, conseqüentemente, a abandonar a reflexão sobre tipologia textual.

Seu conceito de superestrutura, desse modo, como o próprio autor afirma (van Dijk, 1990, p. 78), ficou incompleto. Quando formulou a superestrutura da notícia, van Dijk seguiu o mesmo padrão do esquema da narrativa. Entre ambos, contudo, há uma diferença de ordem conceitual: o primeiro sendo um esquema relativo ao gênero notícia e o segundo sendo um esquema relativo à seqüência textual narrativa. A ausência desta distinção é que permitiu o surgimento de um trabalho como o de Rodrigues (1991), afirmando que o esquema de notícia é, na verdade, a atualização do esquema narrativo. Este esquema, no entanto,

² Todas as traduções que não trazem o autor mencionado em nota de rodapé ou nas referências bibliográficas são de minha própria autoria.

como aponta a discussão recente em tipologia, não é exatamente relativo a um tipo, mas um esquema básico que serve para a formulação de uma série de tipos (ou gêneros). Falta ao conceito de superestrutura, na atualidade, em face desta discussão, levar em consideração esta distinção.



Fig 2: Esquema do texto noticioso (van Dijk, 1992b, p. 147)

A pesquisa em tipologia de textos apresenta hoje, entre outras, duas abordagens principais: uma que estuda o texto a partir de um conjunto de unidades típicas básicas que se agrupam de forma heterogênea para formar gêneros (de Adam e seus seguidores) e outra que vê o texto como um produto final formado dentro de determinada comunidade discursiva, cumprindo propósitos comunicativos convencionais desta comunidade e apresentando determinada configuração típica (de Swales e seus seguidores).

A proposta de van Dijk que, até o surgimento destas últimas, era bastante utilizada na pesquisa de gênero textual, embora apresente todo um aparato teórico do cognitivismo, pode ser enquadrada dentro desta última, uma vez que chega a um produto bastante parecido, em se tratando de tipologia.

Para efeitos de exposição, vou denominar estas duas abordagens de micro e macropragmáticas. A primeira, por estudar o tipo a partir de sua funcionalidade dentro de um dado contexto verbal (no seu cotexto). A segunda, por estudar o tipo a partir de seu funcionamento dentro de um dado contexto social.

A proposta de Adam parte da idéia de que o texto é formado de proposições que, em seu conjunto, recebem uma forma mais ou menos

característica a partir de um processo de fixação sócio-histórico. Este processo de formação de um tipo apresentaria duas dimensões: a configuracional e a seqüencial (figura 3). A primeira diz respeito a uma série de pressupostos semântico-pragmáticos que caracterizam o ambiente imediato em que dada seqüência textual funciona e que exercem determinada força de configuração sobre esta seqüência. A segunda dimensão diz respeito ao modo de organização do texto propriamente dito em seqüências de proposições típicas.

A seqüência textual, na dimensão seqüencial, é um grupo de proposições textuais que assumiu determinada(s) característica(s) típica(s) e um esquema característico, o que permite o seu reconhecimento em vários gêneros de discurso (vistos por Swales como gêneros textuais). Adam a toma como ponto central para a operacionalização de todo este quadro conceitual, classificando-a, em seu trabalho de 1990, em cinco tipos: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal.

A abordagem micropagmática de Adam, sem entrar no mérito de seus pontos questionáveis, apresenta a virtude de pôr em destaque e clarear bastante o processo de composição tipológica. Um tipo de texto (gênero textual, ou gênero do discurso) é constituído de outros tipos de uma natureza mais específica. Este processo de constituição do tipo já foi pensado de forma bastante aproximada por Longacre (*apud* Bernardez, 1983) em trabalhos seus da década de 70. Meurer (1997), a partir de Longacre, caracteriza estes esquemas específicos como modalidades retóricas ou discursivas e afirma serem "(...) as estruturas e as funções textuais tradicionalmente reconhecidas como narrativas, descritivas, argumentativas, procedimentais, e exortativas".

A abordagem macropragmática de Swales, por outro lado, tem sua base no cruzamento de conteúdos de várias disciplinas, mas principalmente da etnografia da fala e da análise do discurso anglo-saxã. Parte de dois conceitos chave: comunidade discursiva e gênero textual. Muito embora inseparáveis, o segundo é o mais importante já que o centro da reflexão é a linguagem em sua relação com as estruturas sociais.

O primeiro destes conceitos, conforme última formulação de Swales (1992), estabelece categorias genéricas através das quais se pode detectar um conjunto de indivíduos como portadores de determinados hábitos comunicativos e conhecimentos lingüísticos comuns, cuja comunicação se realiza mediante a utilização de gêneros textuais convencionados. Uma comunidade discursiva tem, desse modo: 1) um conjunto de objetivos detectáveis; 2) mecanismos de

intercomunicação entre seus membros; 3) um conjunto de propósitos que move os mecanismos participatórios; 4) uma utilização seletiva e evoluinte desses mecanismos; 5) um léxico específico em desenvolvimento e 6) uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que controla o processo de entrada na comunidade e a ascensão dentro dela.

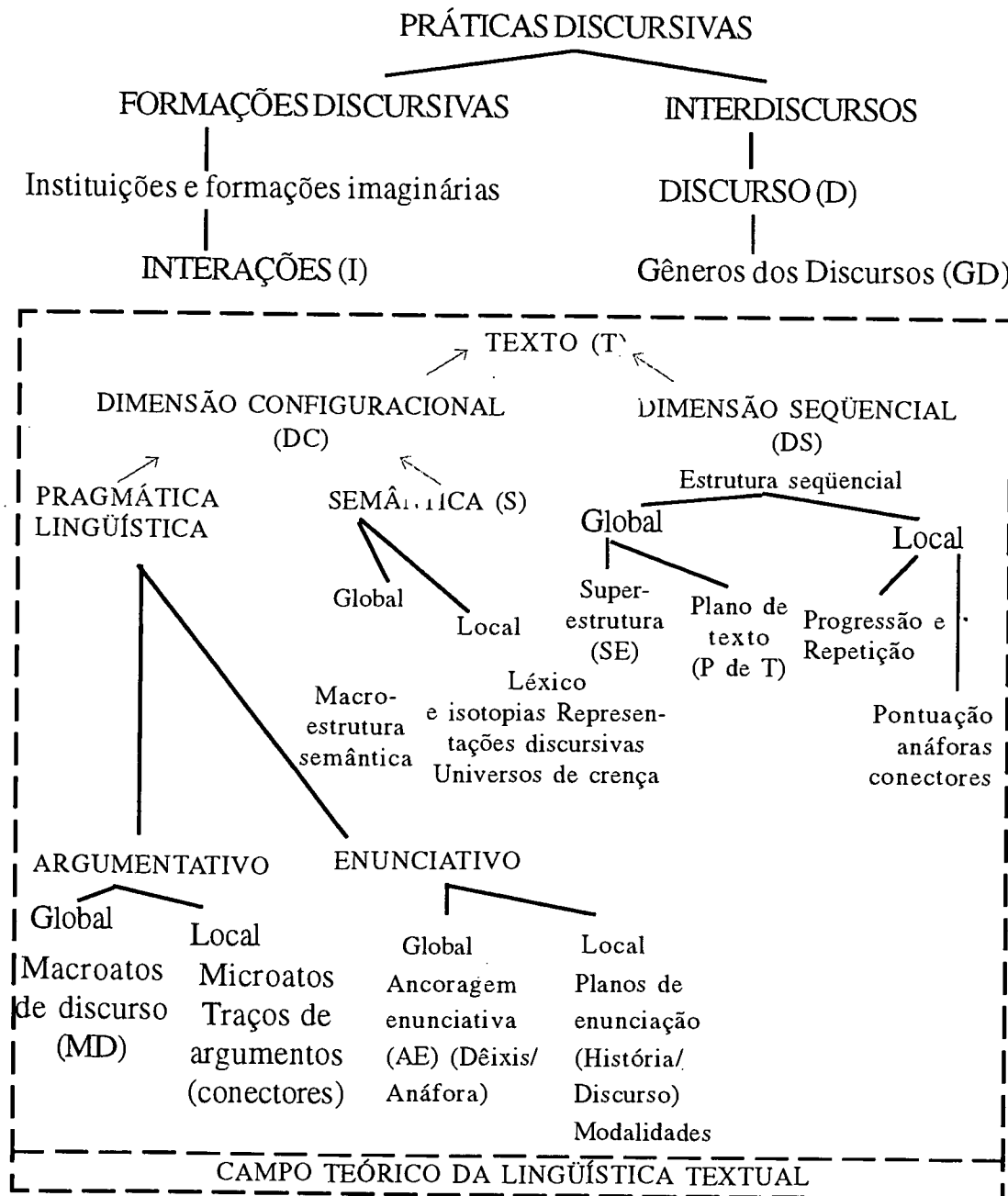


Fig. 3: Esquema da determinação discursiva do tipo de texto (Adam, 1987, p. 52)

O conceito de gênero textual (Swales, 1990), por sua vez, diz respeito à forma e ao conteúdo característicos de um texto, aos propósitos comunicativos que encerra e ao seu percurso social. Apresenta cinco características, quais sejam: 1) representar eventos comunicativos; 2) servir a certo conjunto de propósitos comunicativos compartilhados; 3) apresentar variação de prototipicidade entre seus exemplares; 4) ter seu conteúdo, posicionamento e forma limitados por conhecimentos e convenções relativos à totalidade de seus elementos; 5) apresentar um nome específico dentro da comunidade discursiva.

O gênero textual descrito dentro desta proposta apresenta, assim, uma configuração processual, refletindo o processo social envolvido na comunicação que encerra. Swales (1990) apresenta a descrição da introdução de artigos científicos (v. fig. 4). Neste esquema, que chama de modelo CARS (*creating a research space*, ou criação de um espaço de pesquisa), ele apresenta um quadro de categorias possíveis de aparecer nesta parte do artigo acadêmico. As categorias fundamentais, denominadas *moves* (movimentos), mais genéricas, são preenchidas por subcategorias, às vezes, optativas entre si, denominadas *steps* (passos).

MOVIMENTO 1 - ESTABELEECER O TERRITÓRIO	
Passo 1 - Estabelecer a importância da pesquisa	e/ou
Passo 2 - Fazer generalizações	e/ou
Passo 3 - Revisar a literatura	
MOVIMENTO 2 - ESTABELEECER O NICHOS	
Passo 1A - Contra-argumentar	ou
Passo 1B - Indicar lacunas no conhecimento	ou
Passo 1C - Provocar questionamento	ou
Passo 1D - Continuar a tradição	
MOVIMENTO 3 - OCUPAR O NICHOS	
Passo 1A - Delinear os objetivos	ou
Passo 1B - Apresentar a pesquisa	
Passo 2 - Apresentar os principais resultados	
Passo 3 - Indicar a estrutura do artigo	

Fig. 4: Modelo de introdução de artigos científicos em inglês (Swales, p. 141)³

Swales não se remete ao processo de constituição do gênero a partir de outros esquemas. O trabalho de Meurer (1997), dentro desta perspectiva, no entanto, assume a existência deste processo, mesmo que não o veja como um

³ Tradução encontrada em MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. Uma análise de gênero de resumos acadêmicos (*abstracts*) em Economia, Linguística e Química. *Revista do Centro de Artes e Letras*. Santa Maria, v. 18, n. 1 e 2, p. 53-90, 1996..

encaixe de esquemas, mas como modalidades retóricas ou discursivas que agem nos gêneros.

2. O papel do discurso na concepção de tipo

Durante muito tempo o tipo de texto foi visto através de uma análise imanente ao sistema da língua, o que não permitia observar sua variação e sua função de elemento estruturador de dado contexto social de interação. Atualmente, os trabalhos mais influentes nesta discussão têm levado em conta o processo social em que os tipos emergem. Os modos de ver este processo social, entretanto, passam pelas concepções de discurso que os embasam.

O trabalho de Adam se funda na tradição francesa de análise do discurso, em sua corrente principal. Discurso é, neste sentido, o espaço onde emergem as significações, ou os efeitos de sentido. Fundamenta-se especialmente na posição de Maingueneau (1989) de discurso como os efeitos de sentidos que se fazem em determinado texto enunciado, em decorrência de sua ligação com um interdiscurso que se mostra como uma mescla de agrupamentos de sentido fundados em condições materiais de produção (sócio-históricas), as formações discursivas.

Nesta visão de Maingueneau, o sentido apresenta uma constituição heterogênea que se mostra em determinados mecanismos lingüísticos da enunciação.

O gênero para Adam, dentro desta concepção, é essencialmente heterogêneo devido à sua conformação sócio-histórica e pragmática. O sujeito pode ter acesso consciente a uma pequena parte destes conteúdos, às seqüências textuais, mesmo assim de forma pouco precisa, devido às possibilidades ilimitadas de combinação através dos gêneros do discurso.

Swales embasa seu trabalho na tradição anglo-saxã de análise do discurso, mas principalmente na visão dos etnometodologistas. Vê o discurso como estruturação de ato comunicativo a partir dos rituais de interação próprios de dado contexto social.

Essa era também a concepção de van Dijk (1990, 1992b) em seus trabalhos com a notícia, muito embora, por um prisma cognitivista. Seus trabalhos posteriores em análise do discurso desenvolveram mais esta noção de discurso como ato comunicativo, relacionando-o a conteúdos da memória como ideologias e crenças. Estes conteúdos são vistos como representações

esquemáticas (Rumelhart e Ortony, 1977; Rumelhart 1980) instanciáveis no ato comunicativo em dado contexto social.

Para explicar o racismo (van Dijk, 1991), por exemplo, o autor utilizava um esquema em forma de matriz (v. fig. 5) que apresenta uma oposição entre instâncias da interação e da cognição e uma gradação dos processos dentro destas instâncias (micro e macro).

Para pensar um conceito psicolinguístico de tipo de texto, nenhuma destas três visões de discurso pode ser aproveitada no seu todo. A visão de Adam, com conceitos complexos e pouco delimitáveis, como o de interdiscurso, dificulta a aplicação de um suporte teórico de processamento cognitivo.

A visão de discurso aplicada ao trabalho de Swales, embora mais assimilável para um conceito psicolinguístico de texto, não dá conta de questões como crença e ideologia em termos da ação individual.

A visão de van Dijk, em que o discurso corresponde à enunciação sustentada pelos esquemas cognitivos próprios do indivíduo e por aqueles compartilhados com o grupo, parece ser a mais indicada nesta reflexão sobre gênero como cognição, mas exigindo um redirecionamento do foco de observação. A teoria dos esquemas é muito rígida para dar conta dos processos sociais relacionados ao texto, principalmente por ignorar a subjetividade individual, já que tende sempre à generalização dos conteúdos. Merece maiores pesquisas.

	INTERAÇÃO	COGNIÇÃO
MACRO	Dominação de grupo	Atitudes/Ideologias
MICRO	Discriminação individual	Crenças pessoais

Fig. 5: O sistema de racismo (van Dijk, 1991)

A interação social via discurso (uso da língua) precisa ser mais estudada em cognição. Ou seja, parece ser necessário detectar-se quais tipos de esquema marcam um quadro social de interação em dada comunidade discursiva e como estes esquemas estão organizados e para assessorar os processamentos de compreensão e produção de enunciados, passando-se aí pela avaliação do grau de convencionalização destes esquemas, o que envolve um trabalho de

análise das perspectivas individuais. Neste ponto, uma visão de discurso a partir da cognição passa, necessariamente, a envolver os gêneros textuais.

3. O dialogismo de Bakhtin e os gêneros textuais

Bakhtin (1992) funda a sua reflexão sobre a linguagem em uma noção complexa de diálogo. Para ele tudo o que diz respeito à língua deve ser pensado a partir de um princípio dialógico. Ou seja, toda e qualquer estrutura lingüística existe em função da interlocução que se estabelece entre dois ou mais interlocutores. O diálogo ocorre, assim, em todos os sentidos, seja nas trocas entre interlocutores, seja no interior do próprio enunciado com todos os enunciados já proferidos.

A noção de enunciado é, portanto, de fundamental importância nesta concepção. Como unidade fundamental da língua, segundo Bakhtin, é um ato comunicativo delimitado pela alternância entre comunicadores ou, nas palavras do autor:

“(...) não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um modo “*dixi*” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.” (1992, p. 294)

A esta noção de enunciado estão contrapostas todas as propriedades formais da língua, que, para o estudioso russo, só fazem sentido no interior do enunciado. O autor também revê a divisão clássica entre emissor e receptor, na medida em que, durante o ato lingüístico, ambos os papéis estão contidos no mesmo indivíduo. No caso do receptor, por exemplo, ao compreender um enunciado, o faz de forma responsiva, com o objetivo de produzir uma resposta, a qual, sabe, será compreendida pelo seu interlocutor do mesmo modo.

Os gêneros textuais são, nestes termos, não formas da língua, mas do enunciado. São estruturas mais ou menos estáveis que caracterizam o enunciado e que, mesmo não sendo unidades lingüísticas, também são regidas por leis normativas, mas subjugadas à totalidade do ato comunicativo. Distinguem-se das formas da língua, assim, por serem estes, no geral, formas “mais maleáveis, mais plásticas e mais livres (p. 302)”. Parece fundamental a uma teoria do processamento caracterizar esta diferença.

O autor estabelece uma distinção entre gêneros do discurso primário e gêneros do discurso secundário. Os gêneros primários moldam os enunciados

mais característicos da comunicação humana. São naturais de um quadro de interação falada face-a-face, concebidos por Bakhtin como formas simples. Os gêneros secundários são enunciados em que a interação apresenta-se mais complexa que a conversação convencional. Neles, a estrutura dialógica primária é marcada por barreiras peculiares ao novo padrão interação. É o caso, por exemplo, de uma palestra, em que um locutor apresenta o enunciado complexo em bloco para *a posteriori* obter respostas que também passam a ser complexas. Os gêneros secundários, assim, por serem uma evolução da situação conversacional natural, podem assumir em seu interior, formas características dos gêneros primários.

Adam, ao levar em conta estas reflexões, o faz de modo viesado. Interpreta a expressão “tipos relativamente estáveis de enunciados” como gêneros primários, quando Bakhtin a utiliza para qualquer tipo de gênero. Esta interpretação dá margem para que Adam veja os gêneros primários como seqüências textuais. O autor apóia-se, para tanto, também na afirmação de Bakhtin de que os gêneros primários são assimilados pelos gêneros secundários. A proposta de seqüências, no entanto, não preenche os requisitos para ser um enunciado, não sendo, portanto, um gênero primário.

Dentro do quadro conceitual de Bakhtin, a seqüência não seria um gênero, porque não se faz como unidade dialogal dentro de um esquema de pergunta e resposta. Embora bastante produtiva dentro da reflexão sobre tipologia, a seqüência necessita de outro modo de explicação teórica.

A concepção de seqüência dialogal de Adam também se torna incoerente se pensarmos que para Bakhtin o diálogo é um gênero primário. A junção dos conceitos de gênero e de seqüência implica no estabelecimento de estatutos de gênero dialogal e de seqüência dialogal para o que Adam concebe apenas como seqüência.

Esta noção de gênero de Bakhtin me parece a mais completa, pois parte sempre da situação comunicativa. Está muito próxima das posições de van Dijk e Swales, muito embora este último também recuse o diálogo como um gênero. Swales concebe o gênero à maneira dos gêneros secundários de Bakhtin (particularmente dos gêneros escritos). De qualquer forma, para Bakhtin e Swales (posso inferir) o ato comunicativo tem base no gênero e não na seqüência, como quer Adam.

Tendo discutido estes trabalhos, chegamos, assim, a um esboço dos

conteúdos que um conceito psicolingüístico de tipo de texto deva levar em conta: a idéia de gênero como a forma característica de dado texto dentro de uma situação de interação dialógica, o que envolve também todos os elementos sociais dos interlocutores e da situação em que dado gênero é utilizado e os processos de composição tipológica (junção de seqüências textuais ou uso de modalidades retóricas/discursivas). A superestrutura passa a ser o esquema cognitivo do gênero, comportando esquemas básicos encaixados correspondentes às seqüências textuais.

4. Refinando a idéia de seqüência

Dado o exposto até agora, pode-se presumir que o esquema narrativo de van Dijk (1978) não é uma superestrutura, mas um esquema textual básico para a formação de algumas superestruturas. Uma superestrutura de notícia, por exemplo, tem como um de seus componentes a seqüência narrativa, diferentemente do que propôs Rodrigues (1991) ao afirmar que este tipo de texto é uma atualização do esquema narrativo.

A seqüência textual, como esquema que constitui gêneros, parece bastante válida. Merece, contudo, ser revista em pelo menos um aspecto. Adam a concebe como determinada sócio-historicamente, à mesma maneira dos gêneros do discurso.

A questão é que estruturas como a narração e a argumentação são conhecidas há pelo menos 2.000 anos, sofrendo pequenas alterações em todo esse tempo. O que Adam tomou de Bakhtin como “relativa estabilidade” me parece ter outra razão que não seja só o grau de convencionalidade dentro do espaço social.

A esse respeito Brewer (1980) traz uma posição interessante. Desenvolve uma tipologia (v. fig. 6) a partir do cruzamento de dois conceitos: discurso (estrutura fundamental) e força discursiva. O discurso como estrutura fundamental é visto, à maneira da seqüência, como unidade de composição do tipo de texto, mas é pensado também a partir de categorias psicológicas anteriores ao texto (como espaço, eventos no tempo e lógica). A força discursiva, por sua vez, equivale à função social de determinados gêneros, que surgem do cruzamento de ambos os conceitos.

Esta classificação é bastante problemática, mas a idéia de uma razão

⁴ A denominação “esquema fundamental” vem em oposição aos “esquemas específicos” de narrativas que equivalem a gêneros, como a fábula, a crônica, a piada.

anterior ao próprio processo de convencionalização das seqüências me parece frutífera, pois estas teriam, assim, motivos para variarem menos em meio ao fluxo da história e às mudanças sociais. A narrativa, vista em seu esquema fundamental⁴ (situação, complicação, resolução), por exemplo, espelha a ordem dos fatos no mundo assegurada pela existência do tempo convencional como uma das bases da realidade. À medida em que as convenções de tempo não se alteraram substancialmente nos últimos 2.000 anos, o esquema narrativo fundamental também não se alterou, sendo dado, por estudos transculturais, como um esquema universal.

Discurso (estrutura fundamental)	Força Discursiva			
	Informativa	De entretenimento	Persuasiva	Estético-literária
Descrição (espaço)	descrição técnica botânica geografia	descrição ordinária	publicidade do- méstica	descrição poéti- ca
Narrativa (eventos no tempo)	notícia história instruções receita culinária biografia	romance de mis- tério romance <i>western</i> romance de fic- ção científica conto de fada conto biografia drama leve	romance de tese parábola fábula anúncio drama	romance literário conto drama "sério"
Exposição (lógica)	artigo científico filosofia definição abstrata		sermão propaganda editorial anúncio ensaio	

**Fig. 6: Uma classificação psicológica dos tipos de textos escritos
(Brewer, 1980, p. 224)**

O esquema argumental, neste sentido, também não varia em seu núcleo por espelhar estruturas psicológicas características da personalidade humana, como as necessidades de convencer o outro e de proteger a auto-estima.

Nestes termos, em contraposição a este e outros aspectos da seqüência, passo a chamar, para fins de um possível conceito psicolingüístico de tipo de texto, de intra-estrutura textual este esquema de base da superestrutura textual,

que não deve ser confundido com as macrocategorias, as categorias vazias que compõem e caracterizam, tanto a superestrutura, quanto a intra-estrutura. Em alguns casos, no entanto, pode haver sobreposição, como na superestrutura da notícia, em que a “intra-estrutura narrativa” coincide, por exemplo, com a macrocategoria “evento principal”.

5. Um conceito psicolinguístico de tipo de texto

Um conceito psicolinguístico de tipo de texto, como visto em vários modelos teóricos, deve servir como instrumento aos modelos de processamento de recepção e produção do texto oral e escrito. Como os estudos que têm base somente nos modelos de processamento não têm contribuído para avançar a discussão e dar conta dos debates ocorridos fora do cognitivismo, a retomada da teoria dos esquemas parece ser uma alternativa produtiva. O tipo de texto, neste sentido, deve ser estudado como uma forma de conhecimento, conforme os modelos de memória semântica.

O conceito de superestrutura continua sendo bastante atraente para se pensar o gênero textual sob uma visão cognitivista. A superestrutura, conforme o exposto acima, passa a ser o conceito que caracteriza os esquemas do texto como visto pelos falantes em determinado grupo social (comunidade discursiva).

A notícia (v. texto em anexo), nestes termos, é uma superestrutura utilizada no meio jornalístico, tendo como comunidade discursiva o corpo de jornalistas (acadêmicos e profissionais), os leitores e os anunciantes do jornal. A regulação do gênero depende das estratégias profissionais dos jornalistas e das cobranças de leitores e anunciantes.

A superestrutura é formada por macrocategorias, a exemplo da notícia na figura 2. Estas são as partes convencionais componentes do texto que devem ser melhor estudadas para se saber até que ponto apresentam realidade psicológica aos usuários da comunidade discursiva.

Dentro da superestrutura estão esquemas encaixados, as intra-estruturas, que podem coincidir ou não com as macrocategorias (v. fig. 7). No caso da notícia (v. texto em anexo), existem, basicamente, dentro da tradição da escola americana de jornalismo, duas intra-estruturas: a expositiva (ou explicativa), dando base, no geral, à maioria das macrocategorias deste gênero, e a narrativa, dando base a macrocategorias como o evento principal, a história do local em

que o evento ocorreu e os eventos anteriores ao próprio evento. Acessoriamente pode haver o encaixe da intra-estrutura argumentativa, relacionando-se às macrocategorias expectativa e avaliação.

A intra-estrutura expositiva é preponderante na superestrutura do texto noticioso, dando-lhe o tom a todas as macrocategorias, e a mais importante em seu aspecto funcional. No geral, mesmo as partes do texto que detêm base narrativa, ganham um aspecto expositivo (v. texto em anexo). O fato de o gênero notícia estar relacionado estreitamente a acontecimentos no mundo pode, no entanto, direcionar o seu processamento a uma forma preponderantemente narrativa. Este, inclusive, é apontado como um dos resultados das pesquisas com evocação desenvolvidas por van Dijk (1990, p. 239). Para o autor: “Existe certa tendência a se organizarem os acontecimentos principais em um esquema narrativo durante o resgate (e, em consequência, durante a representação)”.

Somado a estes elementos, o tipo completa-se por certas características ditadas pelo meio em que está inserido. Uma notícia, por exemplo, no meio jornalístico, deve ter um caráter de objetividade.

No todo, estes esquemas encaixados podem ser flexibilizados com pesquisas que levem em conta como os falantes os concebem, não no seu todo como uma moldura estática, mas, possivelmente, com graus diferentes de convencionalidade para cada macrocategoria. Cada superestrutura provavelmente terá uma distribuição diferente destes pesos de acordo com o meio social que lhe dá origem, os conhecimentos do sujeito a respeito dela, os dados do contexto imediato de produção e os dados do cotexto lingüístico onde as intra-estruturas se coordenarão.

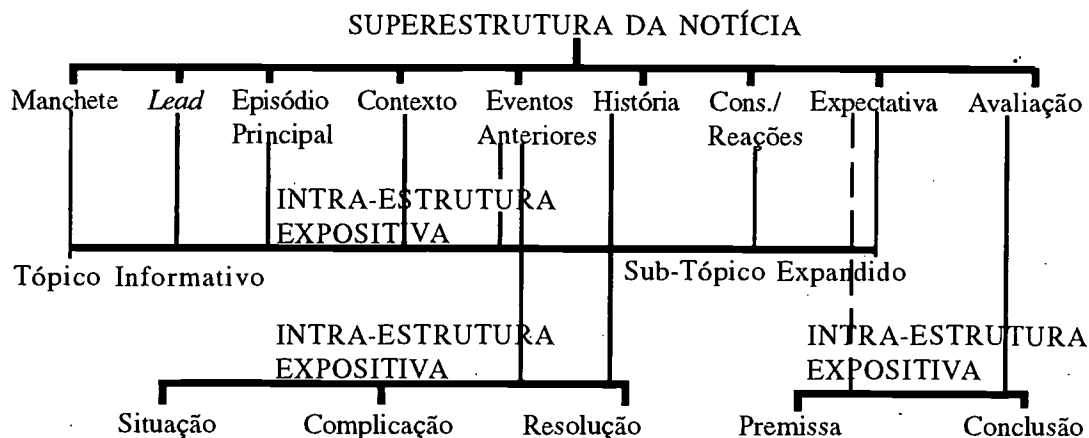


Fig. 7: Esquema de encaixe de intra-estruturas textuais na superestrutura da notícia.

6. Considerações finais

A reflexão sobre o conceito de superestrutura, após os trabalhos de van Dijk com o texto noticioso, tomou um rumo que levava muito pouco em conta o aspecto cognitivista. Em face das discussões com base em outros enfoques de estudo, o conceito tornou-se obsoleto para explicar o processamento do texto, principalmente em face do contexto social de uso.

As reflexões aqui traçadas, partindo da discussão recente sobre o tema, apontam para o encaixe de esquemas de base na superestrutura, que eu denomino intra-estruturas textuais, equivalentes aos conhecidos tipos narrativo, descritivo, argumentativo e outros que Adam denomina seqüências textuais.

Pesquisas experimentais podem ser desenvolvidas a partir desta reformulação, fazendo com que a Psicolinguística trabalhe mais outros conteúdos que não sejam aqueles do núcleo duro da Linguística.

(Recebido em janeiro de 1998. Aceito em março de 1998)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J. M. (1992) *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan.
- _____. (1987) Textualité et séquentialité: le exemple de la description. *Langue Française*, n. 38, p. 51 -72.
- BAKHTIN, M. (1992) Os gêneros do discurso. In : _____. *Estética da criação verbal* (trad. M. E. Galvão Gomes). São Paulo : Martins Fontes.
- BARTLETT, C. C. (1954) *Remembering: a study in experimental and social psychology*. Londres : The Syndics of the Cambridge University Press.
- BERNARDEZ, E. (1982) *Introducción a la Lingüística del texto*. Madri : Espasa-Calpes S.A.
- BREWER, W. F. (1980) Literacy theory, rhetoric, and stilistics: implications for psychology. In: SPIRO, R. J.; BRUCE, B. C.; BREWER, W. F. (org.) *Theoretical issues in reading comprehension*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- VAN DIJK, T. A. (1978) *La ciencia del texto: um enfoque interdisciplinario*. Barcelona/Buenos Aires : Ediciones Paidós.
- _____. (1992a) *Discourse and cognition in society*. Amsterdã: (fotocópia).
- _____. (1992b) Estruturas da notícia na imprensa (trad. de C. T. Vieira de Melo). In : _____. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto.
- _____. Gramáticas textuais e estruturas narrativas (trad. de Leila Perrone Moisés).

- Moisés). In: CHABROL, C.; et al. *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____ (1990) *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información* (trad. de Guillermo Gil). Barcelona: Paidós.
- _____ (1991) *Stories and racism*. Amsterdã: (fotocópia).
- _____, KINTSCH, W. *Strategies os discourse comprehension*. Nova Iorque : Academic Press, 1983.
- LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: _____ (1979) *Language in the inner city: studies in the black english vernacular*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- MAINGUENEAU, D. (1989) *Novas tendências em análise do discurso* (trad. de Freda Indursky). Campinas: Pontes.
- MEURER, J. L. (1997) *O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem*. Florianópolis: (fotocópia).
- RODRIGUES, C. C. (1991) A notícia de jornal: tipo ou atualização do tipo narrativo? *Alfa*, São Paulo, v. 35, p. 135-159.
- RUMELHART, D. E., ORITONY, A. (1977) The representation of knowledge in memory. In: ANDERSON, R. C.; SPIRO, R. J.; MONTAGUE, W. E. *Schooling and the acquisition of knowledge*. S.L.: S.N.
- _____ (1980) Schemata: the building blocks of cognition. In: SPIRO, R. J.; BRUCE, B. C.; BREWER, W. F. (org.) *Theoretical issues in reading comprehension*. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- SWALES, J. M. (1990) *Genre analysis: english in academic and research settings*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- _____ (1992) Re-thinking genre: another look at discourse community effects. In: *Rethinking Genre Colloquium*. Ottawa: Carleton University.

ANEXO

Notações referentes ao texto abaixo:

Intra-estrutura narrativa
Intra-estrutura expositiva

Macrocategorias da notícia:

M - Manchete
L - Lead
CR - Conseqüências/Reações
EP - Episódio principal

C - Contexto
H - História
EA - Eventos anteriores

(M) INCÊNDIO SUSPEITO FERE VIUVA DE MALCOLM X

(L) Betty Shabazz, viúva do ativista negro norte-americano Malcolm X, sofreu queimaduras de terceiro grau em mais de 80% do corpo, num incêndio.

(CR) A polícia de Nova York suspeita que seja criminoso o fogo que destruiu a casa de Shabazz, em Westchester Country, Nova York.

(EP) À 1h40 de ontem (02h40 em Brasília), Shabazz foi levada em estado crítico para o hospital Jacobi, no bairro do Bronx, onde está sob proteção da polícia.

(CR) Um porta-voz do hospital confirmou que o estado dela é crítico, mas disse que a família não autorizou a divulgação de outras informações.

(C) Shabazz, 63, dirige o Escritório de Progresso Institucional, na faculdade de Medgar Evers, no Brooklyn, em Nova York.

(H) Malcolm X, líder pelos direitos civis que promoveu o orgulho negro, foi assassinado em 1965, enquanto fazia um discurso num teatro em Manhattan.

Shabazz e a família muitas vezes disseram que suspeitavam do controverso líder do movimento Nação do Islã, Louis Farrakhan, de estar implicado no crime.

Farrakhan tinha ameaçado Malcolm X em público, mas nunca foi formalmente implicado no crime.

(EA) Qubilah Bahiyah Shabazz, filha de Shabazz e Malcolm X, foi indiciada em janeiro de 1995, sob acusação de tentar contratar um pistoleiro para matar Farrakhan, como vingança pela morte do pai e por temer pela vida da mãe.

Farrakhan criticou duramente as autoridades por indiciarem Qubilah. Ela fez um acordo com a promotoria e se submeteu a dois anos de tratamento psiquiátrico. Em 1º de maio deste ano, o processo contra Qubilah foi arquivado.

Em 1995, depois do acordo da filha com a promotoria de Nova York, Shabazz e Farrakhan se reuniram no Teatro Apollo, no Harlem, numa reconciliação pública a que compareceram mais de 1.400 políticos e líderes do movimento pelos direitos civis das minorias.

Ele então admitiu o envolvimento da Nação do Islã no assassinato de

Malcolm X.

Fonte: Folha de São Paulo, 02 de junho de 1997.

O FENÔMENO DA FOCALIZAÇÃO E A INTERFACE FONOLOGIA-SINTAXE*

Carlos Alexandre GONÇALVES (*Universidade Federal do Rio de Janeiro*)

ABSTRACT: The aim of this paper is to describe the strategies of Focalization in Brazilian Portuguese, observing the Syntax-Phonology interface. I defend the independence of Prosody in the materialization of the phenomenon and, for this, I suggest a 'bilateral moderate dissociationist' connection between these two subsystems of Grammar.

RESUMO: O objetivo do artigo é descrever as estratégias de focalização no português brasileiro, observando a interface sintaxe-fonologia. Defendo a independência da prosódia na materialização do fenômeno e proposto a relação "dissociacionista moderada bilateral" entre esses dois sub-sistemas da gramática.

KEY-WORDS: Emphasis., Focalisation, Phonology, Syntax.

PALAVRAS-CHAVE: Ênfase, Focalização, Fonologia, Sintaxe.

0. Introdução

Neste artigo, objetivo refletir sobre o grau de interação entre a Sintaxe e a Fonologia, observando, mais restritivamente, as formas de materialização da 'Ênfase' no português do Brasil. Para tanto, mostro que as propostas de interface no âmbito da Fonologia Não-Linear (cf., p. ex., Selkirk (1984 e 1995), Nespor & Vogel, (1986 e 1989) e Inkelas & Zec (1990)) podem ser agrupadas

* Versão revista e ampliada da comunicação *Ênfase no português do Brasil: fonologia e sintaxe*, apresentada no Colóquio Internacional "A investigação do português em África, Ásia, América e Europa: balanço e perspectivas" (Berlim, março de 1998).

¹ Neste artigo, utilizo o termo Focalização de modo bastante abrangente: forma de pôr em evidência/relevo algum elemento do texto" (cf. Gonçalves, 1997). Considero a Ênfase — que requer presença de elementos prosódicos para realçar o item em destaque — uma estratégia de Focalização encontrada nas línguas do mundo. No PB, há três tipos de Ênfase: (a) *contrastiva* (que está sendo investigada neste trabalho e que frequentemente se associa ao Foco, nos termos de Jackendoff (1972), Horvath (1986), Freitas (1995) e Frota (1994), entre outros); (b) *intensiva* (que põe um elemento do texto em evidência através da quantificação); e (c) *por silabação* (que expressa estados de espírito do falante sobre um assunto, um tema ou um referente). Nesse sentido, 'Focalização' e 'Ênfase' são termos equivalentes neste trabalho.

sob os seguintes rótulos genéricos: (a) associacionista; (b) dissociacionista radical e (c) dissociacionista moderada.

Constitui propósito do texto verificar que natureza subjaz à manifestação da ‘Ênfase’ no que diz respeito ao relacionamento Fonologia-Sintaxe: (1) se associacionista ou dissociacionista; (b) se moderada ou radical; e (c) se uni ou bidirecional. Dessa maneira, pretendo observar se a Prosódia prescinde de informações sintáticas para veicular os significados contrastivo e intensivo, predominantes nos casos de Focalização que investiguei (cf. Gonçalves, 1997)¹. O texto pretende lançar um debate sobre a natureza do relacionamento Sintaxe-Prosódia, de um lado, e sobre o comportamento da Focalização, de outro. Por isso, não aponta para conclusões fechadas acerca do tema, apresentando, antes, um conjunto de reflexões e problemas que podem ser testados em outros fenômenos que, como a Focalização, atuam nos limites entre a Sintaxe e a Fonologia.

1. As Fonologias não-lineares e a interface Sintaxe-Prosódia

Nesta seção, procuro tecer comentários gerais acerca da interface Prosódia-Sintaxe no escopo da Fonologia Não-Linear, tomando por base as propostas de tratamento estabelecidas por Selkirk (1984 e 1995), Nespor & Vogel (1986 e 1989); Liberman & Prince (1977), Bolinger (1989), Inkelas & Zec (1990 e 1995) e Goldston (no prelo).

No âmbito da Fonologia atual, podem-se reconhecer três vertentes que buscam analisar o grau de intimidade entre os domínios sintático e fonológico das línguas. Agrupo essas correntes sob os seguintes rótulos genéricos:

(1) *dissociacionista radical*, centrada na negação categórica de qualquer vínculo entre Sintaxe e Prosódia, tal como concebe Bolinger (1989), para quem as duas “*não têm qualquer vocação a se reunirem (...)*”, uma vez que “*a sintaxe precede e é independente da entonação, que se junta a ela posteriormente*” (p. 106);

(2) *dissociacionista moderada*, na qual se considera que os dois níveis organizam o mesmo material de modo autônomo, muito embora não se rejeite a idéia de os constituintes poderem coincidir nos dois planos. Selkirk (1984 e 1995) e Nespor & Vogel (1986 e 1989), entre outros, defendem um modelo de Gramática que estabelece um módulo prosódico independente, mas relacionado ao sintático; e, por fim,

(3) *associacionista*, que acredita num verdadeiro “casamento

monogâmico” entre Sintaxe e Prosódia. Liberman & Prince (1977) partem do pressuposto de que a árvore métrica reflete, de todo, a constituição sintática. Em outros termos, uma proposta *associacionista* concebe um componente prosódico gerado a partir do sintático, prevendo correspondência sistemática entre os domínios, sendo a Prosódia sempre traço redundante a acompanhar a configuração sintática.

Uma proposta *associacionista* não se sustenta, caso se levem em conta as seguintes evidências: (a) informações sintáticas nem sempre são relevantes para a escolha de contornos entonacionais; (b) a configuração melódica não pode ser prevista tendo por base unicamente a configuração sintática, ou seja, não há uma relação de biunivocidade absoluta entre os dois componentes; e (c) uma fatia da sentença pode não ser considerada constituinte sintático e, mesmo assim, portar contorno melódico característico. Esses argumentos, por si sós, já fazem ruir por terra uma visão *associacionista* sobre a interface Sintaxe-Fonologia.

Se, por um lado, uma abordagem do tipo *associacionista* não parece adequada, por outro, o relacionamento entre Sintaxe e Prosódia é por demais regular para ser julgado inconsistente e/ou inoperante. Nesse sentido, também se torna contraproducente uma proposta de base puramente *dissociacionista*, radical, já que a estruturação sintática tende a determinar certos padrões entonacionais.

Callou, Moraes & Leite (1993: 94-5), por exemplo, ao analisar semelhanças e diferenças entre Deslocamentos à Esquerda e Topicalizações, observam que “a prosódia parece ser traço redundante que acompanha a distinção sintática”. Mais adiante, concluem: “é a estrutura sintática que determina os padrões entonacionais e não vice-versa”. Em outras palavras, “os padrões prosódicos seriam redundantes, decorrentes de uma estrutura sintática”. Também Freitas (1995: 163), em trabalho sobre índices prosódicos na fronteira de constituintes, mostra que “o foco pode ser sintaticamente motivado e a prosódia tende a sobremarcar essa saliência, atribuindo proeminência a esses constituintes”. Um pouco antes (cf. p. 156), a autora afirma que “a

² Estou assumindo aqui a posição de Hirst & Di Cristo (no prelo), para quem o termo ‘Prosódia’ deve ser interpretada em sentido lato, incluindo fatores determinados lexicalmente, tais como o acento e o tom. A Entonação se restringe ao que pode ser denominado de “características supralexicais ou pós-lexicais do componente suprasegmental” (cf. p. 7), fazendo referência aos traços tonais que veiculam informação lingüística no nível da sentença.

entonação pode exercer tanto função distintiva quanto delimitadora, apresentando correspondência com o plano sintático-estrutural”.

Os fatos acima mencionados conduzem à afirmação de que a Prosódia, de uma forma geral, e a Entonação, como seu subcomponente², não dependem da Sintaxe, de modo direto, mas muitas vezes são dela derivadas. Portanto, as afirmações até então apresentadas autorizam chegar a duas conclusões quanto à relação Sintaxe-Prosódia:

- (1) propostas radicais, do tipo *associacionista e dissociacionista* puramente, não condizem com a verdadeira realidade do relacionamento entre esses dois níveis de análise lingüística; e
- (2) em decorrência disso, parece consistente advogar em prol de um modelo de Gramática que considere a Prosódia componente independente da Sintaxe, mas em conexão com ela em maior ou em menor proporção.

Freitas (1995:163), por exemplo, reconhece que embora a Prosódia seja por vezes redundante em termos de estruturação sintática, mantém sua independência, uma vez que (a) *nem todos os contrastes sintático-estruturais são traduzíveis pela estrutura prosódica* e (b) *todos os níveis hierárquicos de organização prosódica podem ser caracterizados independentemente da sintaxe*.

Se, por um lado, há relativo consenso quanto à necessidade de a Teoria Lingüística, de modo mais geral, e a Fonológica, mais particularmente, reconhecerem um componente prosódico autônomo³, por outro, ainda é tema de controvérsia, conforme lembram Vogel & Kenesei (1990), o nível de influência entre Fonologia e Sintaxe. De fato, Soares (1996: 89) evidencia que *ainda permanece a questão de quais informações gramaticais são relevantes para a fonologia*, isto é, o quanto ela deve saber da Sintaxe⁴.

Em conseqüência do que se expôs acima, podem-se observar, na literatura, dois pontos-de-vista sobre o grau de intercâmbio na relação Sintaxe-Prosódia: (1) do tipo *unidirecional*, através do qual somente o componente sintático exerce influência sobre o prosódico (cf. Selkirk, 1984 e 1995) e (2) do tipo

³ Cf., entre outros, Selkirk (1984) e Nespor & Vogel (1986).

⁴ A questão do acesso da Fonologia à Sintaxe ainda é tema de controvérsia no âmbito da Fonologia Prosódica. Estudos sobre o Radoppiamento Sintattico (cf. Rotenberg, 1978; Napoli & Nespor, 1979; e Kaisse, 1985, entre outros) deram início ao debate, mostrando que tipo de descrição sintática era necessário para geminar uma consoante em início de palavras dentro de uma sentença.

bidirecional, versão na qual os dois módulos se influenciam mutuamente (cf. Inkelas & Zec, 1990 e 1995).

Selkirk (1984: 408) acredita num *mapeamento de um-para-muitos* entre (i) configuração sintática e (ii) contorno melódico e, com isso, explicita o relacionamento entre as representações de cada um dos níveis, uma vez que a representação fonológica é, em grande parte, sensível à estrutura sintática, cuja divisão em grupos entonacionais opera de acordo com um conjunto de condições de boa-formação.

Constitui propósito deste artigo observar que natureza subjaz à manifestação da Ênfase no que diz respeito ao relacionamento entre Fonologia e Sintaxe: (a) se associacionista ou dissociacionista; (b) se moderada ou radical; e, por fim, (c) se uni ou bilateral. Para atingir esse objetivo, passo, a seguir, à descrição do lugar da Prosódia na Teoria Fonológica atual, tomando por base o que chamo de abordagem (1) *dissociacionista moderada unidirecional* (Selkirk, 1984 e 1995) e (2) *dissociacionista moderada bidirecional* (Inkelas & Zec, 1990 e 1995).

Selkirk (1984) vem a ser a principal representante do primeiro “casamento” acima apontado. Ela concebe um modelo de Gramática no qual o componente prosódico atua como mediador entre Sintaxe e Fonologia, postulando dois tipos de organização hierárquica nas representações fonológicas: (a) a estrutura prosódica de constituintes e (b) a estrutura rítmica. No primeiro tipo de organização, as unidades prosódicas (pé, palavra fonológica, frase entonacional etc.) aparecem progressivamente encaixadas em unidades maiores, formando parentetizações etiquetadas, de modo bastante parecido com a formalização adotada para a estrutura sintática. O segundo consiste numa hierarquia de níveis métricos que, representada por meio da grade, especifica periodicidades de ritmo recorrentes.

Dessa maneira, a representação fonológica de Selkirk integra (i) uma estrutura prosódica de constituintes; (ii) um conjunto de níveis autosegmentais; (iii) uma estrutura rítmica e, finalmente, (iv) *a especificação de linhas de associação entre esses diferentes aspectos da representação*. (Selkirk, 1984:33) O modelo de Gramática idealizado por Selkirk, no qual o componente prosódico figura na interface Fonologia-Sintaxe, aparece, na página 34 de seu texto, representado da seguinte maneira:

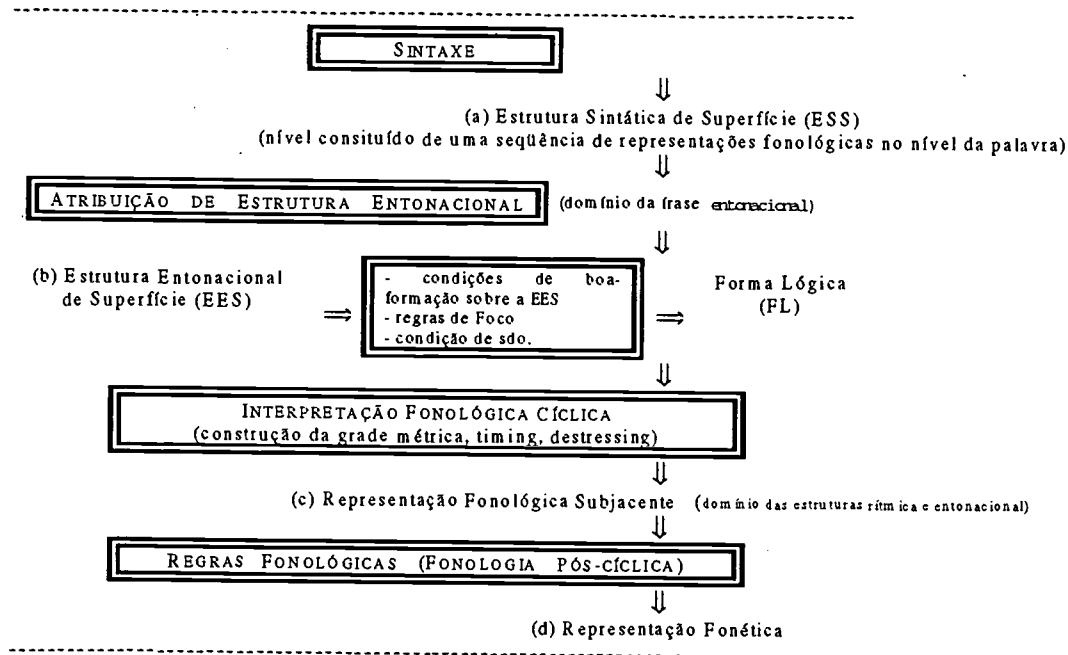


Figura 1: Organização da Gramática na Visão de Selkirk (1984: 34)

A abordagem de Selkirk (1984) tem a vantagem de integrar a Prosódia num modelo geral de Gramática. Pela figura 1, pode-se constatar que a estrutura prosódica constitui entidade distinta e independente da sintática, mas que com ela se relaciona por meio dos domínios hierárquicos, que se aplicam à saída do componente sintático. Dessa maneira, a Prosódia, nas palavras de Massini-Cagliari (1995: 102), *é também lugar de aplicação das regras de mapeamento que transformam a estrutura sintática em uma estrutura prosódica hierarquizada, passível de ser submetida à aplicação das regras fonológicas pós-sintáticas* (cf., também, Selkirk & Shen, 1990; e Nespor & Vogel, 1986 e 1989).

Com base na Figura (01), pode-se afirmar que o modelo de Selkirk (1984) é do tipo *top-down* (cf. Cagliari, 1994), haja vista que não prevê nenhum tipo de *loop* entre o nível da Estrutura Entonacional de Superfície (EES) e o da Estrutura Sintática de Superfície (ESS). Tal evidência justifica conceber a abordagem de Selkirk (1984 e 1995) como representativa de uma visão *dissociacionista moderada unidirecional* entre a Sintaxe e a Prosódia. Assim, no figura 02 a seguir, somente a primeira interferência é possível.

- (02) a Sintaxe >> Prosódia b Prosódia >> Sintaxe

Posição diferente da de Selkirk, assumem Inkelas & Zec (1990) e Zec & Inkelas (1995), que idealizam um modelo de Gramática no qual Sintaxe e Prosódia interagem bilateralmente. Com base em evidências sobre (i) colocação clítica e (ii) construções topicalizadas do servo-croata, os autores mostram que a Prosódia pode ter conseqüências diretas na Sintaxe e, em função disso, argumentam que *“abordagens que não permitam qualquer efeito da fonologia sobre a sintaxe são claramente inadequadas para descrever e interpretar dados conhecidos (...)”*. Por isso mesmo, concluem, *“a influência da estrutura prosódica sobre a sintaxe pode ser expressa, num modelo não-derivacional, como fonte adicional de recursos para a construção das representações sintáticas, da mesma forma que o é a sintaxe para as representações fonológicas”* (Inkelas & Zec, 1990: 365-6).

O entendimento de Inkelas & Zec (1990) a respeito da interface Sintaxe-Fonologia aparece expresso na associação feita na figura 03. Vale ressaltar que no artigo de 1995, os autores rediscutem a questão, apresentando novas evidências que, acreditam (cf. p. 535), reforçam a proposta da mútua influência entre esses dois componentes.

- (03) Sintaxe << >> Fonologia

Ao tratar da interface Sintaxe-Fonologia na Teoria da Optimalidade $\frac{3}{4}$ modelo de análise não-derivacional que prevê um conjunto de restrições hierarquizáveis $\frac{3}{4}$ Goldston (no prelo) toma posição contrária à de Inkelas & Zec (1990), argumentando em prol de um relacionamento unilateral entre os dois componentes. Para isso, propõe uma hierarquia gramatical, com base na qual afirma ser o material sintático alinhado acima do prosódico e este acima do morfológico, como na representação a seguir:

- (04) Sintaxe >> Fonologia (>> Morfologia)

Após refletir sobre a conexão tomando por base dados do grego clássico, Goldston (no prelo) demonstra que a Prosódia é precedida pela Sintaxe, não podendo exercer influência direta sobre ela. Para a autora, a Fonologia apenas

leciona, como legítimo filtro, uma entre duas estruturas sintáticas disponíveis no enunciado. Em outros termos, *a prosódia pode bloquear construções sintáticas somente quando há outras alternativas estruturais que apareçam no local das que foram bloqueadas* (Goldston, no prelo: 27)⁵.

Como se vê, a polêmica Unilateralidade *versus* Bilateralidade ainda permanece. Trabalhos sobre a questão devem ser feitos, a fim de checar que perspectiva dá conta do fenômeno de interface estudado. Ao que tudo indica, a hipótese da Bilateralidade traduz melhor o fenômeno da Focalização, como pretendo demonstrar nas próximas seções. No entanto, o tema inspira reflexão e somente novas pesquisas poderão trazer luzes para o debate.

2. Focalização: Sintaxe e Fonologia

Uma das mais importantes funções que vêm sendo atribuídas à Prosódia nos últimos anos diz respeito à divisão dos enunciados em unidades informacionais, especialmente quando se trata do estabelecimento de relações de contraste no discurso (cf. Hirst & Di Cristo, no prelo):

Cada unidade de contraste realiza-se dentro de um Grupo Entonacional definido, determinado aprioristicamente pelo falante, que pode reiterar, destacando, algo antes enunciado, não-entendido ou mal-interpretado por seu(s) interlocutor(es) (cf. Gonçalves, 1997). Dessa maneira, a Prosódia, independentemente ou em solidariedade com a Sintaxe, desempenha papel relevante tanto no modo como os falantes organizam quanto na maneira pela qual os ouvintes identificam a informação contrastiva envolvida no discurso oral dialogado.

A Entonação Contrastiva funciona, pois, como “Gatilho de Inferência Conversacional”, uma vez que proporciona estabelecimento de confronto entre elementos do enunciado, cabendo à audiência a tarefa de recuperar, no fluxo da conversação, a relação de contraste que o falante tentou veicular. Nesse momento da interação, o ouvinte deixa aflorar seu conhecimento lingüístico, de mundo e partilhado (cf. Green, 1992) e estabelece uma relação não-explicita

⁵ O objetivo do texto de Goldston (no prelo) não é apenas descrever a situação de interface Fonologia-Sintaxe. Importa, para ela, que essa mesma relação tenha consequências para uma hierarquia de restrições a fenômenos lingüísticos. Assim, uma pergunta para a qual a autora se propõe a dar resposta é a seguinte: a preferência pela não-ocorrência de determinada forma lingüística, em certo contexto, obedece a restrições de nível sintático ou prosódico?

entre dois elementos do texto conversacional que busca compreender e interpretar, construindo, assim, sua coerência.

A proeminência acentual, nos casos (01) a (03) abaixo, rege as relações de sentido expressas na sentença, desencadeando, dessa forma, inferências as mais diversas. O enunciado (01), por exemplo, pronunciado com Acento Enfático⁶ no SN ‘a prima da Marcelina’, particulariza o sujeito da oração e autoriza deduzir que o falante teve o propósito de dizer que foi mesmo a prima da Marcelina (e não outra pessoa qualquer, como a Josefina ou a Dagmar) a intérprete em questão. O mesmo raciocínio se aplica a (02), no qual a saliência prosódica no SP ‘do João Bosco’ permite que se conclua ter sido gravado pela prima da Marcelina um samba desse compositor (e não de outro, como o Gonzaguinha ou o Chico Buarque).

- (01) A *PRIMA DA MARCELINA* gravou um samba do João Bosco.
(e não a Cândida, a Filomena ou a Francisca)
- (02) A prima da Marcelina gravou um samba *DO JOÃO BOSCO*.
(e não do Caetano Velloso ou do Gilberto Gil)
- (03) A prima da Marcelina gravou *UM SAMBA (do João Bosco)*.
(e não outro gênero musical, como o bolero, a valsa ou jazz)

Pelos exemplos, pode-se concluir que a Entonação participa diretamente da expressão do conteúdo de um enunciado, em nível de importância semelhante ao das unidades sintáticas e morfolexicais. Várias evidências podem ser apreendidas a partir do que foi exposto: (1) os enunciados contêm um terceiro nível de organização (a Prosódia), ao lado da Sintaxe e da Semântica; (2) os principais expoentes desse módulo da Gramática são, entre outros, o Acento, a Entonação e o Ritmo; (3) a interpretação semântica de um enunciado depende tanto de sua configuração sintática quanto da Entonação a ela conferida, haja vista que (3b) uma mesma seqüência linear de elementos pode ter o sentido levemente modificado (nuançado) pela atribuição de proeminência prosódica a um de seus constituintes; (4) a Focalização, na qualidade de categoria discursivo-pragmática que expressa contraste (cf. Gonçalves, 1997), pode ser

⁶ A proeminência fonológica requerida pela Entonação Contrastiva pode ser acolhida sob o rótulo genérico de ‘Acento Enfático’, considerado, aqui, como “gatilho de Focalização Prosódica”. Não considero problemático o uso do termo, uma vez que o elemento focalizado apresenta-se modificado em sua configuração prosódica tida como “normal” ou “básica”: uma de suas sílabas sobressai significativamente sobre as demais, criando uma alternância rítmica mais intensa entre batimentos fortes e fracos. Como o acento é definido atualmente como uma relação de proeminência (cf. Libermann & Prince, 1977), parece-me adequado o uso da expressão.

veiculada por expedientes de natureza suprasegmental, unicamente. Dessa maneira, (5) a Sintaxe não é o principal veículo de exteriorização/manifestação desse fenômeno, uma vez que (5b) tal categoria pode não requerer qualquer alteração de natureza sintática (nos exemplos, nenhum tipo de transformação $\frac{3}{4}$ clivagem, deslocamentos $\frac{3}{4}$ aparece associada à identificação do elemento focalizado). Por essa razão, (6) há necessidade de conceber um módulo prosódico independente do sintático, haja vista que a Fonologia mantém sua independência em relação à Sintaxe, isto é, deve-se prever algum tipo de dissociação entre esses dois componentes.

Da mesma forma que o italiano, o grego, o inglês e a maior parte das línguas do mundo (cf. Hirst & Di Cristo, no prelo), o português do Brasil utiliza tanto meios textuais (morfológicos, lexicais e sintáticos) quanto prosódicos (Acento Enfático) para focalizar contrastivamente um elemento do texto. Em nossa língua, no entanto, o meio textual nem sempre basta para garantir a indicação do contraste. Dessa maneira, o casamento Sintaxe-Fonologia, nesse caso especificamente, não é de todo monogâmico, uma vez que contrastes nem sempre são manifestos com atuação simultânea desses domínios da Gramática. De fato, determinadas estratégias sintáticas, como as orações cindidas e a topicalização, podem expressar informação contrastiva. No entanto, pretendo comprovar, neste artigo, que o Acento Enfático é, no português do Brasil (doravante PB), o verdadeiro atribuidor da significação contrastiva veiculada nessas construções.

Duas foram as evidências que me autorizaram concluir em favor da predominância da 'Focalização Prosódica' sobre a 'Textual'⁷, cabendo à Sintaxe, e não à Fonologia, como acreditam, entre outros, Jackendoff (1972) e Freitas (1995), o caráter redundante/acessório:

- (1) há enunciados que veiculam contraste, muito embora não sejam marcados pela presença de qualquer elemento formal (conjunção adversativa, partículas negativas) que possa atribuir significado contrastivo ao item enfatizado e
- (2) constituintes topicalizados e sentenças clivadas, principais estratégias textuais de Focalização, podem não veicular informação contrastiva.

⁷ Chamo de 'Focalização Textual' as estratégias morfossintático-lexicais responsáveis pela atribuição de Ênfase Contrastiva (cf., entre outros, a clivagem, a topicalização, o uso de advérbios focalizadores e o emprego de quantificadores).

Em texto de 1981, Prince já observara que, no inglês, o contraste não constitui efeito necessário à topicalização de constituintes (mesma constatação feita por Taglicht, 1984: 119). No que diz respeito ao PB, estou bastante convencido de que o contraste também não é essencial em sentenças com deslocamentos para a posição de SN inicial e externo, sejam eles casos típicos de topicalização (TOP) ou de deslocamento à esquerda (DE). Os exemplos de (04) proporcionam confirmar essa hipótese. Observe-se, entretanto, que eles podem transformar-se em contrastivos, mediante a Entonação que lhes seja conferida. Isso constitui evidência de que o Acento Enfático é, no PB, o verdadeiro elemento atribuidor da significação contrastiva, cabendo ao deslocamento para o início da sentença, isto é, à construção sintática, o caráter de redundante. Confira-se, então, a contraparte enfática de (04), logo a seguir, nos exemplos prototípicos de (05)⁸.

- (04) a. Esse computador, eu comprei quando (es)tava trabalhando lá na Companhia. (PAU [20], 19 a., 2o. grau)
 b. A Abigail, não se pode confiar nela não que ela já amostrou pra gente que é fofqueira. (JAQ [63], 10 a., primário)
- (05) a. **ESSE COMPUTADOR**, eu comprei quando (es)tava trabalhando lá na Companhia. (não comprei essa máquina de escrever elétrica, por exemplo)
 b. **A ABIGAIL**, não se pode confiar nela não porque ela já amostrou p(a)ra gente que é muito fofqueira. (mas a Celeste ou a Madalena não, porque são sinceras)

Callou et alii (1993), investigando a relação Sintaxe-Prosódia nas construções topicalizadas/deslocadas à esquerda, também notaram não ser TOP/DE a principal construção para marcar Foco (ou 'Ênfase Contrastiva', como usado neste artigo ³/₄ cf. nota de número 1) na língua portuguesa. Por essa razão lançaram, na página 356, a suspeita de que *devem os falantes cultos preferir para isso outras variantes, como, por exemplo, as construções clivadas do tipo Foi SN que SV*. De fato, o Acento Enfático de contraste é, em termos percentuais, bem mais freqüente em construções clivadas que em casos de TOP/DE. Se, por um lado, o Acento Enfático se faz mais atuante quando o enunciado apresenta uma clivada, por outro, nem toda oração cindida veicula contraste. Em outras palavras, o uso de uma relativa-equacionada (cf. Taglicht, 1984), por si só, não permite conferir significado contrastivo ao texto. O exemplo

⁸ Nestes e em outros exemplos, utilizo caixa alta, negrito e itálico para indicar que o termo foi realçado prosodicamente através do Acento Enfático. O sublinhado indica que o elemento foi focalizado apenas do ponto-de-vista textual (morfossintático).

(06) revela um caso de *cleft-sentence* que não favorece, sem auxílio dos elementos prosódicos, uma leitura contrastiva.

(06) Já teve três desfiles esse ano aqui, mas eu não quis desfilar porque eu não tenho muito jeito não A minha irmã desfilou ... Inclusive *foi a colega dela que organizou o desfile*. (GUS [62], 10a., ginásio).

Não há, em qualquer dos casos de 'Focalização Textual' (topicalização, comparação, clivagem, repetição $\frac{3}{4}$ cf. nota 6), sobreposição categórica com o Acento Enfático. Mesmo as orações cindidas, que despontaram como principal expediente sintático para emergência de proeminência prosódica, sozinhas não conseguem assegurar o contraste. Conforme também observou Braga (1991: 113), a configuração estrutural dos constituintes, no caso das clivadas e das pseudoclivadas, é critério necessário, mas não suficiente, à veiculação do contraste. Nas palavras da autora, nos enunciados que contêm orações cindidas é *a presença do auxiliar ser e/ou do pronome relativo, a envolver total ou parcialmente o constituinte, conjugada ao padrão entonacional que levam à sua focalização, simultaneamente autorizando*, em enorme número de casos, *uma leitura contrastiva da SC* (= sentença clivada).

Em decorrência do que se expôs, proponho ser a 'Focalização Prosódica', no PB, *a principal estratégia utilizada para contrastar elementos do texto*. Por essa razão, defendo ser o Acento Enfático o atribuidor de contraste *stricto sensu* em nossa língua. Dito de outra maneira, a Prosódia, pelo menos no PB, não constitui traço acessório (redundante) na veiculação do contraste, conforme sugerido em Chomsky (1971), Jackendoff (1972) e Guimarães (1978), entre outros. Horvath (1986: 116), por exemplo, acredita que o Foco é o constituinte do enunciado primeiramente identificado por transformações sintáticas e, somente *a posteriori*, sobremarcado pela Entonação. Para esses autores, o Foco de contraste é fenômeno sintático que, sob certas circunstâncias e/ou restrições, *pode* vir reforçado pela Prosódia (cf. Jackendoff, 1972).

Também discordo de Freitas (1995: 162-3), que, ao estabelecer um exaustivo levantamento dos suprassegmentos incidentes na fronteira de constituintes, chega à seguinte afirmação: *o foco vem a ser uma categoria sintaticamente motivada, ou seja, operações sintáticas de deslocamento que alteram a ordem canônica do enunciado já constituem, por si mesmas, recursos que tornam salientes determinados constituintes*. Mais adiante, conclui: *a prosódia tende a sobremarcar essa saliência, atribuindo proeminência a esses constituintes, inclusive mediante foco restrito*.

Ao contrário do que propagam Horvath (1986) e Freitas (1995), pude constatar que, no PB, é a informação sintática quem necessita de reforço acentual $\frac{3}{4}$ e não o contrário. Aqui, a redundância parte da Sintaxe e não da Prosódia, portanto. Nesse sentido, o fenômeno da Focalização reforça a proposta de um módulo prosódico autônomo, independente do sintático, uma vez que o Acento Enfático prescinde de transformações sintáticas, muito embora possa ser veiculado paralelamente a determinadas estruturas (clivagem e deslocamentos, por exemplo). Isso, no entanto, não constitui condição *sine qua non* para a manifestação do Foco de contraste, como imaginaram, entre outros, Chomsky (1971), Jackendoff (1972), Horvath (1986) e Freitas (1995).

Pode-se admitir, portanto, que o relacionamento entre Sintaxe e Fonologia jamais poderia ser do tipo ‘dissociacionista radical’, haja vista não serem negados os vínculos naturais entre os dois módulos. Além disso, aproveitando as palavras de Bolinger (1989: 106-7), a Sintaxe, no caso do contraste, não é independente da Entonação, *que se junta a ela posteriormente*.

Também não faz sentido propugnar uma aliança de caráter meramente ‘associacionista’ para acolher a conexão entre Sintaxe-Prosódia no PB. No caso da Ênfase Contrastiva, especificamente, esses níveis de descrição almejam um “relacionamento com maiores liberdades”, isto é, sem “muita dependência de uma das partes”. De fato, no caso do fenômeno investigado, não me parece adequado propor um componente prosódico gerado a partir do sintático, prevendo correspondência sistemática entre eles, haja vista que a Prosódia mantém sua individualidade, não sendo traço redundante a acompanhar a configuração sintática.

Por eliminação, defendo a necessidade de instituir interface do tipo ‘*dissociacionista moderada*’ entre os componentes sintático e fonológico da língua. Nesse sentido, as evidências me levaram a considerar que os dois níveis organizam o mesmo material de modo autônomo, muito embora não se rejeite a idéia de os constituintes coincidirem nos dois planos. Resta saber, ainda, se se trata de um relacionamento (a) uni ou (b) bidirecional, questão a ser discutida na próxima seção.

3. Parâmetros da Focalização

Admitindo-se que a Focalização é categoria existente na Gramática Universal, pode-se dizer que esse fenômeno ocasiona variações paramétricas, visto que sua materialização pode ocorrer sob formas variadas, em diferentes sistemas lingüísticos. Estabelecem-se as seguintes possibilidades de

exteriorização do fenômeno nas línguas do mundo, de acordo com Gonçalves (1997):

- (1) o elemento responsável pela Focalização pode ser (a) um morfema lexical livre (palavra, propriamente) ou (b) uma partícula presa agregada a bases, antes ou depois, para imprimir contraste e/ou intensificação;
- (2) a Focalização pode ser impressa por uma categoria sintática não-lexical, com posição definida na estrutura da frase, como, por exemplo, o deslocamento para o início ou para o final do enunciado;
- (3) o *flash* de um termo pode ser assinalado por meio de um traço sintático atribuído, em condições estruturais definidas, por uma categoria (lexical ou funcional) a outra, de forma semelhante à que ocorre com V (verbo) e com I (flexão); e, finalmente,
- (4) a Focalização pode dar por um traço fonológico associado a um dado constituinte em domínios prosódicos específicos, como, por exemplo, o Sintagma Fonológico (j) ou a Frase Entonacional (I) (cf. Nespor & Vogel, 1986 e 1989).

O PB faz uso das quatro estratégias apontadas, uma vez que a Focalização pode ser veiculada por um morfema, como acontece com os afixos de grau $\frac{3}{4}$ estratégia (1). Além disso, pode ser determinada por uma categoria sintática não-lexical (ordem dos constituintes) $\frac{3}{4}$ recurso (2) $\frac{3}{4}$, visto que a topicalização de termos freqüentemente leva à sua Ênfase no texto. Adicionalmente a essas duas estratégias, a língua portuguesa tende a focalizar um vocábulo por meio de outro, especialmente nos casos que denominei de ‘Ênfase Intensiva com Marcador Focal’ (cf. Gonçalves, 1997), nos quais um advérbio ou um quantificador funcionam como autênticos “Morfemas de Ênfase” $\frac{3}{4}$ recurso (3). Finalmente, a Focalização pode vir impressa apenas pelo uso da Fonologia, associado a um termo num domínio prosódico específico. A chamada ‘Ênfase Intensiva sem Marcador Focal’ (cf. Gonçalves, 1997: cap. 4) não requer quantificadores⁹ para carrear a noção de intensidade, o que mostra ser o Português uma língua que também atualiza a estratégia (4). Os exemplos (07)-(10) ilustram, na ordem acima apresentada, as várias possibilidades de materialização do fenômeno no PB:

- (07) A casa nova do Venceslau ficou muito boa. Eu realmente achei a sala *CHIQUÉRRIMA*. O quarto ficou *ULTRA-SOFISTICADO*. E a cozinha...

⁹ Estou entendendo que valores semânticos associados a aspectos verbais, iteração e intensidade constituem uma espécie de quantificação (a quantificação adverbial). A esse propósito, ver Partée (1995: 546-8).

Adorei de montão. (Exemplo constante do *Corpus* de Controle $\frac{3}{4}$ Gonçalves, 1997: 385)

- (08) Eu trabalhei um ano e meio... um ano e meio como entregador... que eu tinha uma Kombi...eu era motorista autônomo. E ESSA KOMBI, eu engajei nessa mesma firma que é do meu tio. (MAN [14], 30a.,primário)
- (09) Todos os domingos a Dona Dalva aprimora seus dotes culinários. Supergostoso o nhoque de aipim que ela faz. E o pavê de frango? *APETITOSO PACAS* ele é. Com aquelas batatinhas, então, nem se fala. Huum! (Exemplo constante do *Corpus* de Controle $\frac{3}{4}$ Gonçalves, 1997: 285)
- (10) A Andréa cozinha bem de herança... ela aprendeu com a mãe, que é uma excelente cozinheira. E por falar nisso, a Dona Dalva fez ontem uma carne assada *GOSTOOOOOSA!* (Exemplo constante do *Corpus* de Controle $\frac{3}{4}$ Gonçalves, 1997: 291)

Para dar conta das variações da Focalização, proponho que o fenômeno seja acolhido por meio do traço [+/- sintático]¹⁰. Dito de outra maneira, sugiro que essa categoria, presente em todas as línguas na qualidade de fenômeno discursivo-pragmático, pode vir expressa pela Sintaxe, predominantemente, ou não. Nesses termos, minha abordagem difere da de Horvath (1986), uma vez que, no meu entender, a Focalização é fenômeno *discursivo-pragmático*. Sua exteriorização é que, em algumas línguas, como o Húngaro, por exemplo, *pode ser de natureza sintática*. Portanto, a manifestação pela Sintaxe é vista, aqui, apenas como parâmetro que as línguas selecionam.

Uma língua de Focalização [+ sintática] faz uso de expedientes como clivagens e deslocamentos para carrear contraste e/ou intensificação, semânticas predominantes da Focalização de termos. A Prosódia, nesse caso, pode participar $\frac{3}{4}$ mas não necessariamente $\frac{3}{4}$ como reforço a essa marcação prévia, num enlace que pode ser denominado de 'associacionista', já que o nível suprasegmental irá constituir informação redundante, sempre acompanhando a configuração sintática do enunciado.

Nos casos em que o Focalização é do tipo [- sintático], proponho o uso

¹⁰ A escolha do traço [+/- sintático] $\frac{3}{4}$ e não do [+/- fonológico] $\frac{3}{4}$ como o primeiro a determinar variações paramétricas nas línguas se justifica no sentido de ser senso-cumum na Teoria Fonológica (cf., p. ex., Selkirk, 1984 e 1995; Nespor & Vogel, 1986 e 1989; Selkirk & Shen, 1990; e Vogel & Kenesei, 1990) a idéia de que a Sintaxe precede derivacionalmente a Prosódia.

do traço [+/- fonológico] para dar conta da distinção entre (1) línguas nas quais a Ênfase vem expressa pela Morfologia, unicamente, através da aposição de morfemas específicos para contraste e para intensificação (cf., p. ex., o árabe e o marubo) e (2) línguas em que os meios prosódicos são os relevantes à emergência da Ênfase (cf., p. ex., o PB e o espanhol). Às primeiras, atribuo a especificação [- sintática; - fonológica], ao contrário das últimas, rotuladas de [- sintática; + fonológica].

Uma língua com Focalização [+ fonológica] tem a capacidade de pôr um elemento do texto em destaque usando tão-somente meios prosódicos. Com isso, estou querendo argumentar que a Prosódia pode prescindir de marcas textuais (morfemas, palavras e construções sintáticas) para veicular a informação focal: o Acento Enfático é, nessas línguas, auto-suficiente para asseverar as semânticas da Focalização. Nesses casos, a conexão Sintaxe-Fonologia tende a ser do tipo 'dissociacionista moderada', uma vez que a Prosódia é independente da Sintaxe, mas pode entrar em comunhão com ela, em maior ou em menor proporção.

Partindo do pressuposto de que a Sintaxe precede derivacionamente a Prosódia (cf., p. ex., Selkirk, 1984 e 1995; e Nespor & Vogel, 1986 e 1989 e nota 9), poder-se-ia pensar num Quadro, como (01) abaixo, para sintetizar minha proposta de parametrização da categoria 'Focalização'. Observe-se que (01) subordina o traço [+/- fonológico] ao [+/- sintático], sem prever qualquer espécie de *loop*: é um esquema do tipo *top-down*. Por meio dessa representação, depreendem-se três possibilidades combinatórias: (a) [+ sintático]; (b) [- sintático; - fonológico] e (c) [- sintático; + fonológico].

SINTÁTICO	
-	+
-	+
FONOLÓGICO	

Quadro 1: Parâmetros da Focalização: tentativa de caracterização.

Como se vê, o Quadro (01) é problemático por excluir a combinação [+ sintático; + fonológico] do inventário das possibilidades de materialização¹¹. Inverter a posição dos parâmetros não me parece a solução mais adequada, pois essa mudança (a) faria pressupor que a Fonologia, além de preceder derivacionalmente a Sintaxe, tem efeitos diretos sobre ela, sendo fonte básica

de recursos para a construção das representações sintáticas; e (b) não eliminaria o problema inicial, pois, ainda, assim, o Quadro (01) não iria prever a combinação [+ fonológico; + sintático].

Nas línguas que selecionam o valor positivo do traço [+/- sintático], a Prosódia pode atuar como expediente extra na atribuição do contraste e/ou da intensificação, constituindo, portanto, informação redundante àquela já expressa textualmente (cf. kutenai e húngaro, p. ex). Nas línguas de Focalização [+ fonológica], como o PB, a fonologia, apesar de ser o principal recurso usado para destacar um elemento do texto, pode operar em conjunto com determinadas estratégia sintáticas e, nesse caso, é a sintaxe quem constitui informação extra.

Como se pode perceber, a escolha do valor positivo de um dos traços propostos não descarta, necessariamente, a marcação positiva do outro. Ao contrário, os parâmetros da Focalização não são mutuamente excludentes e, por isso, a combinação [+; +], seja qual for a ordem adotada, é de fato produtiva. No entanto, o valor positivo do primeiro tende a implicar redundância do segundo, haja vista que um deles sempre sobressai, nas línguas, como principal expediente para a materialização do fenômeno. Em decorrência disso, a solução mais viável seria conceber os parâmetros da Focalização independentemente, sem subordinar um ao outro, mas prevendo certo grau de interação eles. A Figura (02) a seguir tem o propósito de traduzir esse tipo de relacionamento.

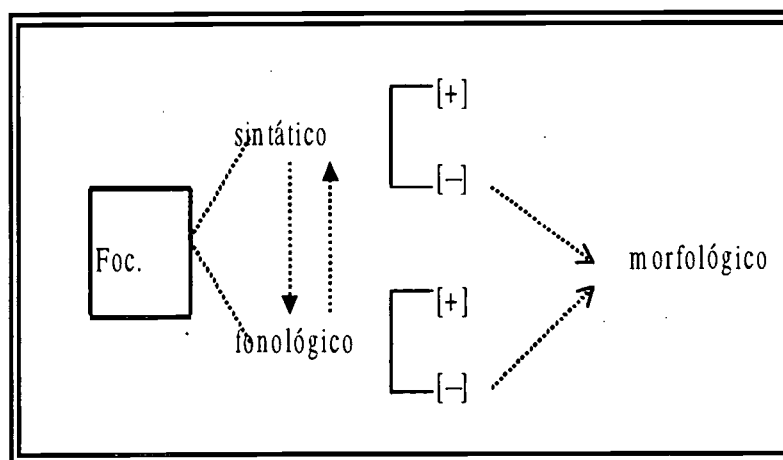


Figura 2: Reanálise dos parâmetros da Focalização.

¹¹ Outra solução seria questionar se essa possibilidade de fato existe nas línguas e ignorar a combinação. Acredito não ser essa a alternativa mais acertada, haja vista que a maior parte das línguas manifesta Focalização com atuação concomitante de expedientes sintáticos e prosódicos (cf. seção 4).

Em (02), os parâmetros [sintático] e [fonológico] constituem alternativas de que as línguas dispõem para manifestar a categoria 'Focalização'. Assim, quando o valor positivo do primeiro parâmetro é selecionado, os meios sintáticos, por si sós, bastam para destacar um elemento do texto. Como os parâmetros se interrelacionam bilateralmente, nada impede que uma língua de Foco [+ sintático] faça uso também de expedientes prosódicos. Nesse caso, a informação fonológica será redundante em relação à sintática.

Quando uma língua seleciona o valor positivo do segundo parâmetro, a Prosódia não necessita de qualquer informação sintática: o nível suprasegmental é auto-suficiente para enfatizar o item desejado. Devido à bidirecionalidade, também é possível que uma língua de Foco [+ fonológico] empregue estratégias sintáticas, paralelamente ao chamado Acento Enfático. Aqui, no entanto, a informação sintática é que será redundante.

Por fim, no caso de uma língua não selecionar o valor positivo de nenhum dos parâmetros, a Focalização vem manifesta pela Morfologia, ou seja, um 'Morfema de Ênfase' será o elemento responsável pela iluminação do elemento destacado no texto. O árabe e o marubo exemplificam línguas de especificação [- sintática; - fonológica]. Cumpre destacar que 'morfológico' não é propriamente um traço, resultando, antes, da combinação de valores negativos dos parâmetros propostos¹².

A proposta de interface que subjaz à Figura (02) é, como se pode notar, do tipo 'dissociacionista moderada bidirecional'. De fato, um enfoque 'associacionista' não condiz com a verdadeira natureza da manifestação da Focalização nas línguas do mundo, tendo em vista que (a) não há uma correspondência sistemática entre os dois módulos e (b) a Prosódia nem sempre opera como marcação redundante em relação à Sintaxe. Uma abordagem 'dissociacionista radical' também não dá conta do relacionamento em questão, haja vista que os componentes fonológico e sintático têm, no que diz respeito à exteriorização do fenômeno, enorme "vocação ao casamento", em decorrência de muitas vezes atuarem em solidariedade para destacar um elemento do texto.

¹² Nada impede, no entanto, que a Fonologia venha a realçar os elementos morfológicos responsáveis pela Focalização nessas línguas. Ao que tudo indica, o árabe tende a reforçar, através da Prosódia, o 'Morfema de Ênfase'. No entanto, a elevação na altura, de caráter não-obrigatório, pode estar vinculada, mais restritivamente, a fatores como (a) grau de informatividade/relevância do contraste, (b) modalidade da sentença, e (c) atitude do falante.

Como se vê, o enfoque ‘dissociacionista bilateral’ é o que melhor traduz a interface Sintaxe-Fonologia na emergência da Focalização, uma vez que (1) a Prosódia mantém sua independência em relação à Sintaxe nas línguas em que a Entonação, por si só, coloca um elemento em evidência no texto; (2) o principal veículo de exteriorização do fenômeno será, nas línguas do mundo, *ou a Sintaxe ou a Fonologia*. Em outras palavras, se, por um lado, há línguas em que os meios sintáticos são os que bastam para destacar um elemento do texto, por outro, também há línguas em que os meios prosódicos são os relevantes. A evidência (2) permite que se conclua ser um modelo não-derivacional o mais adequado para explicitar o relacionamento entre os dois parâmetros em discussão. Nesse sentido, a abordagem de Inkelas & Zec (1990) e de Zec & Inkelas (1995), na qual Sintaxe e Prosódia interagem bidirecionalmente, é a que melhor condiz com os fatos observados na manifestação da categoria analisada neste artigo.

4. Pequeno estudo de caso(s)

Nesta seção, pretendo mostrar como a Focalização se manifesta em alguns sistemas lingüísticos, a fim de argumentar que os parâmetros propostos na seção 3 realmente captam o comportamento do fenômeno em línguas de famílias as mais diversas. Para tanto, informações esparsas em compêndios e/ou artigos, entrevistas com amigos-lingüistas e conversas com falantes nativos constituirão minha fonte de análise nesta parte do trabalho.

Em marubo¹³, uma língua indígena brasileira da família Pano, o Focalização vem expressa pelo morfes {-Ro} e {-kw} que, agregados a bases verbais e nominais, respectivamente, imprimem significado contrastivo ao elemento ao qual se anexam. O acréscimo desse formativo não acarreta qualquer modificação nos padrões entonacionais, como se constatou em Costa (1992), o que faz com que essa língua seja especificada como do tipo [- fonológica; - sintática].

Da mesma forma que o marubo, o árabe¹⁴ também é exemplo de língua com Foco [- sintático; - fonológico]. Nesse caso, o segmento enfatizado sempre vem seguido pelo morfe {-li}, sem qualquer alteração na melodia da fala. Nesse idioma, é possível associar um tom alto à partícula que detém o sentido contrastivo. No entanto, a elevação na altura, de caráter opcional, pode estar vinculada, mais diretamente, a fatores como (1) grau de informatividade/relevância do contraste (isto é, à importância da correção); (2) modalidade da

¹³ Agradeço à amiga Raquel Romankevicius Costa tanto pelas informações sobre o marubo quanto pelas sugestões e críticas ao trabalho.

sentença (ao que parece, é mais freqüente em perguntas que em asserções); e (3) volume da voz, especialmente nos casos em que carrega atitude do falante, como ironia, por exemplo. Por esses motivos, o tom alto vinculado à partícula {-li} se explica mais pelas funções indexical e atitudinal imputadas à Prosódia (cf. Gonçalves, no prelo) que em decorrência do conteúdo semântico expresso pela Ênfase, propriamente.

No húngaro, o Acento e a Entonação não são suficientes, por eles mesmos, para fazer de um constituinte o item focalizado. O mesmo acontece em Kutenai, uma língua indígena norte-americana¹⁵. No primeiro caso, apesar de freqüentemente haver elevação na altura do termo/expressão focalizado, a Prosódia vem a constituir informação que “escolta” a configuração sintática do enunciado, já que o contraste se associa, via de regra, (1) à topicalização de constituintes, no caso de complementos enfatizados, e (2) à clivagem de termos, no caso de adjuntos enfatizados. No segundo caso, a Focalização também é sintaticamente motivada, visto (a) ser o Foco levado, categoricamente, para o final da sentença (‘Foco Final’) e (b) a Prosódia tender, na verdade, a sobremarcar essa saliência estrutural, atribuindo proeminência a esse mesmo constituinte.

Nos dois casos, a Entonação apresenta correspondência direta para com o plano sintático-estrutural. De fato, é a estrutura sintática que irá determinar os padrões melódicos e não vice-versa. Dito de outra forma, os padrões prosódicos, em húngaro e kutenai, seriam redundantes, visto que ocasionados por uma estrutura sintática. Nesse sentido, a Focalização é, nos dois casos, do tipo [+ sintático; + fonológico], em decorrência de (1) a Fonologia não constituir condição primeira ao realce de termos por contraste e/ou por intensificação e (2) a informação sintática (e não a morfológica, como em árabe e marubo) ser relevante à emergência da Ênfase.

Como o português, o inglês também pode ser tomado como caso ilustrativo de língua com Focalização [+ fonológica]. Embora sentenças relativo-equacionadas (ou clivadas) freqüentemente acompanhem os contrastes, elas não constituem condição única para sua emergência, pois, como evidencia Taglicht (1984: 19-20), *a elevação na altura pode, sozinha, colocar um termo em Foco*. De fato, um enunciado como (11) não apresenta qualquer informação textual e, apesar disso, expressa contraste, pondo o SN ‘the shed’ em evidência no discurso.

¹⁴ Agradeço a Suleima Abdul Ali, falante-nativo, pelas informações sobre essa língua.

¹⁵ Informações obtidas a partir de Horvath (1986).

- (11) John painted *THE SHED* yesterday. (not the door)
 ‘John pintou *o TELHEIRO* ontem’. (não a porta)

Também o espanhol é uma língua de Focalização [+ fonológica], haja vista que a Entonação, embora freqüentemente vinculada ao “crivo” (cf. Hirst & Di Cristo, no prelo: 45), como em (12), pode ser soberana na tarefa de destacar contrastivamente um elemento expresso no conversa (cf. (13)). Como em nossa língua, as *cleft-sentences*, sem o auxílio do Acento Enfático, não são capazes de expressar contraste também em espanhol, como se verifica em (14).

- (12) *PEDRO* fue quien me enteró de la noticia. (... y no José)
 ‘Foi *PEDRO* que me pôs a par das novidades’ (e não José)
 (13) He leído *EL LIBRO* que me prestaste. (... no el artículo)
 ‘Li *o LIVRO* que você me emprestou’ (não o artigo)
 (14) Fue el libro que me prestaste. (= esto es el libro que me prestaste)
 ‘Foi o livro que você me emprestou’ (= este foi o livro que me você emprestou)

5. O Foco Final lusitano

No que diz respeito à exteriorização do Foco de contraste, há uma pequena diferença entre as variantes brasileira e européia da língua portuguesa. Nesta última, conforme aponta Martins (1992: 187), há forte pressão para que a expressão enfatizada seja posta no final do Grupo Entonacional, em especial nos casos de correção. Esse deslocamento vem recebendo o rótulo de ‘Foco Final’, nos termos de Martins (1992:189); Frota (1994: 6); e Hirst & Di Cristo (no prelo: 46), entre outros.

O português do Brasil de fato tende a não movimentar o elemento focalizado para o final da sentença, sendo, antes, bem mais freqüente (i) sua topicalização ou (b) sua clivagem, como vimos. O português europeu (doravante PE), ao contrário, apresenta o Foco deslocado para o final da sentença em cerca de 80% dos casos, de acordo com os resultados apresentados por Martins (1992). Observem-se os exemplos:

- (15) A. Você prefere que ela vá embora, não é?
 B. Não. Eu prefiro que ela *VENHA*.
 (16) A. Você prefere que ela venha, não é?
 B. Não. Eu prefiro que venha *ELE*.

Na conclusão do trabalho, Martins (1992: 194) afirma que há limites *para a liberdade na ordem dos constituintes e os recursos entonacionais tomam lugar, nos casos em que restrições gramaticais proíbem o deslocamento de uma palavras contrastada para a posição final*. Além disso, a autora observa que o recuo para o fim da sentença, mesmo nos casos sem “restrições gramaticais”, não é obrigatório, haja vista que *muitos contrastes não implicam quaisquer deslocamentos* (p. 195) e, em decorrência disso, *o Foco Final não constitui, em PE, um princípio*.

Martins (1992) evidencia que muitos casos de Focalização de forma alguma necessitam de informações sintáticas, devendo, por isso, *ser atribuídos à Entonação alta e ascendente, que sempre atua na identificação do Foco* (p. 196). Nesse sentido, o PE, da mesma forma que o PB, vem a se especificar, quanto à manifestação do fenômeno, como língua do tipo [+ fonológica], em decorrência de os recursos sintáticos terem papel relevante, mas não constituírem condição preponderante para destacar um termo.

6. Conclusão

Pelo que se expôs no decorrer do artigo, pode-se admitir que a proposta de interface que melhor condiz com os fatos observados na Focalização é a ‘dissociacionista moderada bidirecional’ (cf. seção 1). Cumpre ressaltar, no entanto, que não estou dando qualquer veredicto acerca da polêmica Unilateralidade versus Bilateralidade na conexão Sintaxe-Fonologia. Estou afirmando, apenas, que essa proposta permite captar melhor o relacionamento em questão no fenômeno estudado. Como ressaltei mais acima, o tema inspira reflexão e somente novas pesquisas na área poderão lançar novas luzes sobre esse debate.

(Recebido em julho de 1998. Aprovado em julho de 1999)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. (1996) Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUC/RS, 31 (2): 41-50.
- BOLINGER, D. (1989) *Intonation and its uses*. London: Edward Arnold.
- BRAGA, M. L. (1991) As sentenças clivadas no Português falado no Rio de Janeiro. *Organon*. Porto Alegre: UFRGS/Instituto de Letras, 19 (1): 109-25.
- CAGLIARI, L. C. (1994) Regras de feedback. *Fonologias: análises não-lineares*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 29 (4): 55-76.

- CALLOU, D. et alii (1993) Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe & prosódia. In: Castilho, Ataliba (org.). *Gramática do Português falado: as abordagens*. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, vol.3, p. 315-61.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A. de; & LEITE, Y. de F. (1993) A topicalização no Português do Brasil: sintaxe & prosódia. *Anais do II Congresso da ASSEL-RIO*. Rio de Janeiro: UFRJ/ASSEL-RIO, p. 89-97.
- CHOMSKY, N. (1971) Deep structure, surface structure and semantic interpretation. In: STEINBERG, D. & JACOBOWITZ, L. (orgs.) *Semantics: an interdisciplinary reader in Philosophy; Linguistics and Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 183-216.
- COSTA, R. G. (1992) *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, mimeo.
- FREITAS, M. A. de (1995) *Prosódia & sintaxe: delimitação e contraste de estruturas*. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 228 p., mimeo.
- FROTA, Sónia (1994) Aspectos da prosódia do Foco no português europeu. Fonologias: análises não-lineares. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 29 (4): 77-100.
- GOLDSTON, C. (no prelo). *The syntax-prosody interface in Optimality Theory*. A sair.
- GONÇALVES, C. A. V. (1997) *Focalização no Português do Brasil*. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 401 p., mimeo.
- GONÇALVES, C. A. V. (no prelo) Os limites moveáveis da Prosódia. *Expressão*. Teresina: UFPI, inédito.
- GREEN, G. (1992) *Pragmatics and natural language understanding*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- GUIMARÃES, E. (1978) Foco e pressuposição. In: *Foco e pressuposição*. Uberaba: Faculdades Integradas de Santo Tomás de Aquino, (4): 11-29.
- HIRST, D. & DI CRISTO, D. (no prelo) *A survey on intonation systems*. Inédito.
- HORVATH, J. (1986) *Focus in the theory of grammar and the syntax of hungarian*. Dordrecht: Foris Publications.
- INKELAS, S. & ZEC, D., (orgs.) (1990) *The Phonology-Syntax connection*. Chicago: The University of Chicago Press.
- JACKENDOFF, R. (1972) *Semantic interpretation in Generative Grammar*. Cambridge/Mass: The MIT Press.
- KAISSE, E. (1985) *Connected speech: the interaction of Syntax and Phonology*. Orlando: San Diego/Academic Press.
- LIBERMAN, M. & PRINCE, A. S. (1977) *On stress and linguistic rhythm*. Linguistic

- Inquiry, 8: 249-336.
- MARTINS, A. (1992) Focos and clitics in European Portuguese. *Papers at the Graduate Studies of Maryland*. Maryland: University of Mariland, mimeo.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1995) *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese de Doutorado em Lingüística. Campinas: UNICAMP/ IEL, mimeo.
- NAPOLI, D. & NESPOR, M. (1979) The syntax of word initial consonant gemination in Italian. *Language*, 55 (1): 812-41.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- _____ (1989) On clashes and lapses. *Phonology*, 6: 69-115.
- PARTÉE, B. H. (1988) Quantification structures and compositionality. In: BACH, E. et alii (orgs.) *Quantification in natural languages*. Dordrecht: Kluver Academic Press.
- PRINCE, E. (1981) Toward a taxonomy of given/new information. In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press.
- ROTENBERG, J. (1987) *The syntax of phonology*. PhD Dissertation. Cambridge: MIT Press.
- SELKIRK, E. (1984) *Phonology and syntax: the relations between sound and structure*. Cambridge: The MIT Press.
- _____ (1995) Sentence prosody: intonation, stress and phrasing. In: GOLDSMITH, John A. (org.). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Basil Blackwell, p. 550-69.
- SELKIRK, E. & SHEN, T. (1990) Prosodic domains in Shangai Chinese. In: INKELAS, S. & ZEC, D. (orgs.) *The Phonology-Syntax connection*. Chicago: University of Chicago Press, p. 313-37.
- SOARES, M. F. (1996) Aspectos da relação sintaxe-fonologia em Tikuna. *Atas do 1o. Congresso Internacional da ABRALIN*. Salvador: ABRALIN/ FINEP/UFBA, (1): 89-96.
- TAGLICH, J. T. (1984) *Message and emphasis*. London/New York: Longmann.
- VOGEL, I. & KENESEI, I. (1990) Syntax and semantics in phonology. INKELAS, S. & ZEC, D. (orgs.) *The Syntax-Phonology connection*. Chicago: Chicago University Press, p. 339-63.
- ZEC, D. & INKELAS, S. (orgs.) (1995) Syntax-phonology interface. In: GOLDSMITH, J. A. (org.) *The handbook of phonological theory*. Oxford: Basil Blackwell, p. 535-49.

QUESTÕES E PROBLEMAS/SQUIB

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO PSEUDOPREFIXO EM PORTUGUÊS
(Contribution to the study of pseudoprefix in Portuguese)

Paulo Mosânio Teixeira DUARTE (*Universidade Federal do Ceará*)

ABSTRACT: In this article we examine some points of view about pseudoprefix, namely that of Ferreira (1990), of Li Ching (1973) and of Jordan and Manoliu (1980). We emphasize the contributions of Jordan and Manoliu as a starting point to analyse the proposal of Carvalho (1974), based upon the secondary stress of pseudoprefix, which is able to explain its brachysemic uses.

RESUMO: Neste artigo examinamos alguns pontos de vista sobre o pseudoprefixo, entre os quais o de Ferreira (1990), o de Li Ching (1973), Jordan e Manoliu (1980). Enfatizamos Jordan e Manoliu como ponto de partida para analisar a proposta de Carvalho (1974), baseada no acento secundário do pseudoprefixo, que possibilita explicar seus usos braquissêmicos.

KEY-WORDS: Root; Prefix; Pseudoprefix; Brachysemy; Stress.

PALAVRAS-CHAVE: Raiz; Prefix; Pseudoprefixo; Braquissesmia; Acento.

0. Introdução

Se nos deixarmos guiar pelos meros significados dos elementos estruturais do lexema *pseudoprefixo*, verificamos que eles significam no conjunto 'falso prefixo', o que já sinaliza um aspecto importante, embora ainda genérico: o prefixo é o termo de comparação em relação ao qual devemos entender o pseudoprefixo. Perguntamo-nos então: sob que aspecto(s) distintivo(s) devemos compreender o pseudoprefixo? Em outras palavras: justifica-se a postulação de uma entidade em morfologia com diferenças (bem como com semelhanças) comparativamente ao afixo inicial? Como o conhecimento é cumulativo, decidimos tomar algumas propostas como pontos de partida, quer para negá-las, quer para afirmá-las.

O conceito de pseudoprefixo já se encontra não apenas em obras de extração estritamente 'lingüística', mas também de extração normativo-gramatical, como a de Cunha e Cintra (1985)¹ em língua portuguesa, que já faz

referências aos compêndios de Li Ching (1973), Iordan e Manoliu (1980) e Carvalho (1974). Assaltou-nos o questionamento: em que medida os autores referidos por Cunha e Cintra tratam da mesma realidade conceptual? Não estaríamos perante realidades idênticas apenas no plano nominal? Afinal, é comum, em lingüística, o uso polissêmico de um termo. Por outro lado, é completamente compreensível que haja discrepâncias conceituais, uma vez que as perspectivas variam e, com elas, os objetos.

Nosso trabalho se justifica como uma revista de algumas perspetivações sobre o pseudoprefixo, para o devido exame crítico das mesmas, e como uma contribuição pessoal para o estudo da referida entidade, a partir de indícios estruturais que julgamos pertinentes.

1. O pseudoprefixo: noção controversa

Ferreira (1990), aludindo ao pseudoprefixo, trata-o como noção dispensável, mas não porque seja uma noção impertinente. Muito pelo contrário, segundo a lingüista portuguesa, a sua formulação é explicável e bastante pertinente. O problema que aduz é outro. A sua utilização, diz-nos ela, levanta inúmeras questões, como por exemplo, a de saber onde integrar entradas lexicais formadas de pseudoprefixo, se na derivação ou na composição. Ferreira lida com a noção como se ela fosse dispensável apenas por questões de comodidade ou de simplificação teórica. Ela argumenta que, em nível pedagógico, o conceito de pseudoprefixo é não apenas um complicador no que tange à taxonomia, mas também um incômodo no ensino da língua, porque pressupõe conhecimentos especializados. Ora, o estudo de prefixos e radicais, nos pormenores, também suscita polémicas, o que não deve constituir obstáculo para a análise científica dos mesmos. Convém somente separar aspectos de natureza científica dos de natureza pedagógica.

É justamente no domínio científico que reside o ponto fraco da exposição feita por Ferreira, pois a autora parece inclinada a adotar o critério da produtividade em termos numéricos, o que é de natureza extralingüística: serve, por exemplo, para aferir os *outputs* das regras de formação de palavras, mas não para fundamentar esta ou aquela nomenclatura. Ademais, a lingüista não atentou para o fato de haver disparidade conceitual na identificação do pseudoprefixo, semelhantemente a Cunha e Cintra (1985), que, ao postularem a existência do referido elemento, se referem aos estudiosos Iordan e Manoliu

¹ Em italiano, há a gramática de Sensini (1990), que se baseia substancialmente na proposta de Li Ching (1973) e na de Iordan e Manoliu (1980).

(1980), Li Ching (1973) e Carvalho (1974) como se eles atribuíssem ao pseudoprefixo uma conceituação unívoca². Detenhamo-nos, como ponto de partida para nossa discussão, na proposta de Iordan e Manoliu³.

Os autores julgam que entre prefixos e pseudoprefixos há semelhanças e sobretudo diferenças. A semelhança mais saliente (e mais banal) reside no fato de que uns e outros se antepõem à palavra. No tocante às diferenças :

- a) os pseudoprefixos provêm de preposições e adjetivos, não apenas de advérbios e preposições, como os prefixos;
- b) os pseudoprefixos se distinguem dos prefixos pela origem e pela cronologia: aqueles, de procedência grega ou latina, são de introdução relativamente recente, apresentam caráter culto e neológico e são usados para cunhar termos técnicos e científicos;
- c) os pseudoprefixos geralmente não ostentam grande rendimento e
- d) os pseudoprefixos apresentam um sentido menos estável que o dos prefixos.

A primeira diferença, por si só, não basta, pois é de caráter parcial. Os prefixos e pseudoprefixos, afinal, têm em comum o fato de serem provenientes de preposições e advérbios. Cumpre acrescentar que a citada diferença não é de cunho estrutural, uma vez que balizada na diacronia.

A segunda diferença não nos parece relevante e consistente. Criar um novo termo em função de fatores externos à língua implica em multiplicar as entidades além do necessário. Batizar termos apenas para dar conta de criações neológicas de caráter técnico-científico não parece bom procedimento, já que decorre do fator tempo, exterior à língua.

O terceiro critério, concernente à produtividade em termos de número, como um fim em si mesmo, igualmente não se nos afigura sólido o bastante

² Além dos autores acima citados, há de citar-se Cárdenas (1978), que conjuga os critérios semânticos e formais ao estatístico. Para o autor, um prefixo não funciona jamais como uma lexia simples (nominal ou verbal), embora às vezes seja equivalente, quanto ao conteúdo, a um relator. O pseudoprefixo, ao contrário, pode funcionar como lexia simples, com valor ou não exclusivamente de relator. Ainda segundo Cárdenas, a frequência distributiva serve para estabelecer os conceitos de prefixo e pseudoprefixo.

³ Excluímos Sandmann (1989), que já foi objeto de um outro trabalho nosso (Duarte, 1998). O autor parte do princípio distribucional de que o prefixóide (termo que usa em lugar de pseudoprefixo) tem identidade formal com a forma livre, embora desta divirja quanto aos contextos. É o caso de *sobre*, em *sobrevoar*, de *mal*, em *maljeitoso*.

para opor o pseudoprefixo ao prefixo. Todavia, mesmo sendo admitido, há que fazer-se objeção contra sua natureza empírica. Li Ching (1973), que trata os pseudoprefixos essencialmente em função do mesmo fator cronológico adotado por Iordan e Manoliu, comprova justamente o contrário: alguns, a exemplo de *auto*, *micro* e *tele*, exibem notável produtividade.

O quarto critério, por fim, embora pareça fundado no sentido etimológico, pode ser operacionalizado. Os autores sugerem a possibilidade de determinados elementos iniciais, como *auto* e *foto*, poderem ser usados no lugar do lexema inteiro em que se inserem. Eventualmente, tais elementos podem servir de base para formação de itens lexicais, o que configura *recomposição*⁴, segundo proposta de Bessa (1978). Damos como exemplos:

- a) lexema: televisão / forma reduzida: tele / recomposição: telecurso;
- b) lexema: fotografia / forma reduzida: foto / recomposição: fotonovela;
- c) lexema: automóvel / forma reduzida: auto / recomposição: auto-estrada;
- d) lexema: telefone / forma reduzida: tele / recomposição: tele-amizade.

A redução se associa ao fenômeno da *braquissomia*, que consiste no emprego de parte do lexema por todo ele. Nos casos acima, como o corte faz destacar elementos estruturais, tem-se o que Rocha (1998: 182) denomina *derivação truncada estrutural*. Abaixo estudamos o fenômeno, relacionando-o ao critério fonológico estabelecido por Carvalho (1974: 554), tomado como ponto de partida para a nossa argumentação.

2. O pseudoprefixo: o critério fonológico e a braquissomia

Existem, entre os morfemas prefixados, aqueles caracterizados pela presença de uma acento secundário, do qual resulta um esquema acentual análogo ao dos sintagmas fônicos. Sobre eles, afirma Carvalho: “distinguem-se dos restantes prefixos, por possuir, cada um deles, uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o

⁴ Recomposição é termo que Bessa tomou a Martinet (1973: 137), que o usou, no entanto, para batizar formações híbridas como *televisão* e *teleguiado*, cujo primeiro elemento é altamente recorrente.

⁵ Freitas (1981: 129) contra-argumenta, afirmando que o estabelecido acima não permite diferenciar estes elementos mórficos, de acento secundário, dos verdadeiros prefixos. Na verdade, Freitas focaliza apenas o aspecto semântico, constante da expressão *possuírem uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes* e negligencia dois aspectos formais: a pauta acentual e a quase sintagmaticidade do todo a que os pseudoprefixos pertencem.

significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto do de um sintagma” (1974: 554)⁵.

Carvalho se refere a elementos como *inter*, *intra*, *extra*, *super*, *supra*, entre outros. Nas formações de que participam, a exemplo de *extracurricular*, *interplanetário*, *infra-estrutural*, *intramuscular*, *super-computador* e *suprapartidário*, comportam-se como um vocábulo fonológico. É comum, na escrita descuidada, que eles sejam separados da base por espaço em branco, uma vez que os falantes os percebem como entidades dotadas de autonomia próxima da da palavra. Nós próprios já colhemos alguns exemplos no tocante a esse indício ortográfico. Exemplificamos:

- a) super nova 2 (programação do canal 18 da rede de TV a cabo);
- b) super férias (exemplo do caderno Cidades do jornal O Povo, de 04 de junho de 1999);
- c) mini caldo de carne (exemplo colhido no restaurante L’escale, de Fortaleza);
- d) mini sanduíche (exemplo obtido no restaurante Duda’s Burger, de Fortaleza);
- e) multi pedras (exemplo encontrado em uma casa de material de construção, em Fortaleza).

O uso indiscriminado do hífen por parte de quem não conhece a regra para esse recurso gráfico também pode servir de meio para a identificação do pseudoprefixo.

Ilustramos abaixo a proposta de Carvalho, assinalando com o número 3 a sílaba tônica e, com o número 2, a subtônica.

interpanetário
2 3

supercomputador
2 3

extracurricular
2 3

infra-estrutural
2 3

Alguns elementos de pauta acentual secundária são relacionados com um tipo de braquissemia, a derivação truncada estrutural, já mencionada na secção anterior, a qual, pouco freqüente, consiste no corte de um elemento estrutural da palavra. Constituem exemplos:

multinacional	èmulti
vice-presidente	èvice
ex-marido	èex
microcomputador	èmicro
pré-vestibular	èpré
pós-graduação	èpós
homossexual	èhomo
heterossexual	èhetero
hiperinflação	èhiper

Este tipo de braquissesmia permite distinguir elementos mórficos, como *hiper* e *vice* de outros como *in-* e *des-* são verdadeiros prefixos. Por isso, convém denominá-los pseudoprefixos, que possuem estatuto muito semelhante ao da palavra, no referente à pauta acentual.

A braquissesmia, descrita nos termos acima, implica o fenômeno da conversão substantival, através da qual o elemento braquissesmicamente empregado se torna núcleo de funções sintáticas típicas de substantivos.

Alegar-se-ia que a palavra apagada está pressuposta, o que é indiciado pelo fato de alguns elementos conversos serem refratários à flexão, a exemplo de: *o pré/*os prés*, *a pós/*as poses*, *a hiper/*as híperes*. Há, todavia, casos em que o elemento braquissêmico recebe a marca superficial da flexão: *as múltis*, *as máxis*, *as teles*, *os micros*, *os vices*.

A forma braquissêmica pode dar lugar a novas formações, conforme nos mostra Alves (1990: 26), com os exemplos: *supermicros*, em lugar de *supermicrocomputadores*, e *supermínis*, em lugar de *superminicomputadores*. Nós próprio já nos deparamos com um exemplo de derivação sufixal: *micreiro*. Acresça-se a possibilidade de recomposição, sugerida por Iordan e Manoliu (1980), referidos na secção supra: *teledramaturgia*, *telecurso*, *homofobia*.

Em suma, a braquissesmia relaciona-se com a substantivação. O substantivo gerado pode submeter-se, adicionalmente, a uma escala de parâmetros morfológicos, nomeadamente: a) a flexão; b) a formação de derivados; c) a recomposição. Com base nesses critérios, *hiper* e *pós* são de substantivação mais precária, porque atendem apenas à condição básica: ser

⁶ Há casos curiosos, a exemplo de *micro* que pode ligar-se braquissesmicamente a um adjetivo: *micro e pequena empresa*, e de *ex*, que se comporta semelhantemente a *micro*: *o atual marido e o ex*.

núcleo de SN. No extremo, encontra-se *micro*, que se submete não apenas à condição básica, mas também aos três critérios. *Tele*, intermediariamente, atende ao requisito básico e aos critérios a) e c).

O pseudoprefixo pode relacionar-se também com outro tipo de braquissmia, de natureza contextual, bem mais produtiva e sistemática, em que um dos elementos, a base, é subtraído em virtude de ser empregado no vocábulo seguinte⁶. Pode atingir formações dessubstantivais e deadjetivais:

Observe-se que pode ocorrer, no caso das formações dessubstantivais, a ausência do elemento na segunda formação:

- a) a macroestrutura e a micro;
- b) a superestrutura e a infra;
- c) a maxidesvalorização e a mini.

Esta redução de natureza contextual das formações com pseudo prefixos assemelha-se à das formações em *mente*: *suave e delicadamente* (< suavemente e delicadamente).

Em suma, a braquissmia contextual decorre do fato de o pseudo prefixo ter um nítido acento secundário. Por isso, ela é viabilizada num exemplo como este abaixo:

O lingüista estuda a pré- e a pós-posição do sujeito.

Todavia, não é possível um exemplo como este:

*O lingüista estuda a pré- e a pós-posição. (<preposição e posposição)

Sandmann (1992) faz algumas ponderações contra a braquissmia contextual como critério:

Excluir do rol de prefixos os formativos que apresentem qualquer grau de mobilidade (Basílio, 1990, 6) parece envolver aspectos problemático, pois formativos cujo caráter de sufixos ninguém discute também podem apresentar mobilidade: "papai só se contentava se fosse um érrimo em tudo" de monografia de aluna de pós-graduação, 'de nada adiantará aumentar o número de deputados enquanto forem eleitos, apenas, fisiologias, lobistas, sindicalistas e outros istas' (Folha, 17/7/90, p. A-3)(...) Não se discute que há prefixos mais fácil ou

comumente móveis do que outros. Soa bem normal uma frase como "Ela é responsável pelo tratamento pré e pós-operatório". Ou estes outros: "(...) este argumento deve ser música para os 68% de analfabetos ou semi, entre os 80 milhões de eleitores. (Folha, 26/10/89, p. B-11) e "(...) O homenageado (...) confabula com o ex e atual Carlos Von Schmidt." (Folha, 29/10/89, p. F-1). Ma quem dirá que são inteiramente inaceitáveis seqüências como não a mas antiética, não se deve se mas conduzir a jovem desnorçada, principalmente em contextos de forte emocionalidade, sem falar nos textos de intenção metalingüística: Em "seduzir" e "conduzir" é difícil ver sincronicamente os prefixos se e com. (1992: 36-7)

A objeção do lingüista não procede. No exemplo 1, temos um processo de conversão substantival de sufixo, este muito motivado semanticamente, como *ismo*. O segundo exemplo também não convence, pois não temos a possibilidade de dizer: **fisiolog-, lob- e outros sindicalistas*. Os outros casos, *não a mas antiética, não se deve se mas conduzir a jovem desnorçada*, são ilustrações de contraste, que levam à acentuação eventual do prefixo. Não será, contudo, lícito dizer: **a e antiético, *não se deve se e conduzir a jovem desnorçada*. O último exemplo aduzido por Sandmann não procede, pois em situação de menção qualquer entidade no discurso se torna palavra.

Em suma, o teste que nos serve de fundamento é o da coordenação por *e*.

3. Acréscimos aos critérios da pauta acentual e da braquissomia.

Impõe-se adicionalmente que nos refiramos a uma nota de pé de página, com que Jordan e Manoliu tentam uma caracterização mais palpável, dos pseudoprefixos, a propósito dos exemplos *electro-* e *tecno* (romeno *electro* e *tehno*).

Idêntico a electro é o caso de tehno (esp. tecno); um e outro, ao ocupar o segundo lugar, têm uma forma plena (rom). Enquanto que o final -ic desaparece, quando ocupa o primeiro lugar na composição. Também este fato confirma a opinião de que as palavras formadas com o auxílio dos pseudoprefixos deveriam ser consideradas antes como composta que como derivadas⁷. (1980: 48)

⁷ Idêntico a *electro-* es el caso de *tehno-* (esp. tecno-); uno y otro, al ocupar el segundo lugar, tienen forma plena (rum. electric, tehnic; esp. eléctrico, técnico). Mientras que el final -ic desaparece cuando ocupa el primer puesto de la composición. También este hecho confirma la opinión de que las palabras formadas con la ayuda de los pseudoprefijos tendrían que considerarse mejor como compuestas que como derivadas.

Limitemo-nos ao português, idioma em que ocorre fenômeno semelhante, como se pode verificar nos exemplos abaixo:

formas com elemento pleno

termolétrico, hidroelétrico
zootécnico
eletrotérmico

formas com o elemento truncado

eletroquímica, eletrodinâmico
tecnocracia, tecnocrata
termonuclear, termobarômetro

Notemos que os autores não estabelecem relação derivacional entre as formas plenas e reduzidas (pelo menos, isto não está claro). Falam tão somente dos contextos da distribuição de umas e outras.

É preferível classificar exemplos como *termo*, *eletro* e *tecno* e congêneres como radicais, dada a geração de formas *térmico*, *elétrico* e *técnico*, que tem ocorrência como formas livres. Não aceitamos a hipótese da variação formal ou, em outros termos, o critério da relação entre forma reduzida e forma plena porque ela não acontece em todos os casos, conforme os exemplos: *filósofo/francófilo*, *fotógrafo/aerofoto*, *termômetro/megatermo*.

Salientemos que os autores sugerem a mobilidade distribucional como outra maneira de delimitar o pseudoprefixo. Fazem-no quando se referem ao elemento *filo* que ilustram com *filofrancez* e *filogermano*, de um lado, e *francofil* e *germanofil*, de outro. Por que não pseudosufixo, já que a forma também ocorre em última posição? Quiçá o melhor nome, que indica esta característica distribucional, seja radical.

As duas observações acima excluem como pseudoprefixos constituintes como os primeiros elementos das formações abaixo, os quais, embora possam ser utilizados em braquissmia, se comportam como radicais¹:

- a)odontologia, forma reduzida: odonto, contextos do primeiro elemento: odontose, odontoma, odontite; periodontia;
- b)eletrocardiograma, forma reduzida: eletro, contextos do primeiro elemento: elétrico, eletrificar, eletrizar;
- c)hidromassagem, forma reduzida: hidro, contextos do primeiro elemento: hídrico; anidro.

4. Conclusão

Como vimos, o pseudoprefixo se ancora em dois parâmetros interligados:

⁸ Os dados foram colhidos em Ferreira (1986).

a pauta acentual e o emprego braquissêmico, este último entendido como derivação trancada estrutural e a redução contextual. Os parâmetros citados, por si sós, não bastam, pois há que se fazer descontos da possibilidade de emprego em mais de uma posição no vocábulo e a geração de derivados. Deste modo, *odonto* e *eletro*, usados em lugar de *odontologia* e *eletrocardiograma*, não constituem pseudoprefixos. O primeiro engendra derivados e goza de mobilidade; o segundo, por seu turno, gera formações sufixais. *Micro* é pseudoprefixo, pois os derivados *supermicro* e *micreiro* se relacionam com a forma utilizada por braquissemia em lugar de *microcomputador*. Em termos esquemáticos: *microcomputador* > *micro* > *micreiro* ou *supermicro*.

Convém acrescentar que alguns desses pseudoprefixos se adicionam a sintagmas nominais, a exemplo de *pré* e *pós-revolução de 64*, *ex-miss Brasil*, permitindo paralelos, por aproximação ou contraste, com formas livres: *antes e depois da revolução de 64*; *a atual miss Brasil*.

Isto se aplica também a outras formas afixadas como *anti*, em *antipoluição sonora*. Examinar estes casos de aposição sintagmática por parte de afixos iniciais é matéria para um outro trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. M. (1990) *Neologismo*. São Paulo: Ática.
- BESSA, J. R. F. (1978) *Para um Estudo sobre Nomes Compostos no Português Atual*. Faculdade de Letras da UFRJ. Dissertação de mestrado inédita.
- CÁRDENAS, H. U. (1976) *Lengua y Discurso en la Creación Léxica*. Madrid: Cupsa Editorial.
- CARVALHO, J. G. H. de (1974) *Teoria da Linguagem*. Vol. 2. Coimbra: Atlântida.
- CUNHA, C. F. da & CINTRA, L. F. L. (1985) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DUARTE, P. M. T. (1998) A Identificação do Prefixo nas Diversas Abordagens Lingüísticas. *Revista DELTA*, 1: 141-68.
- FERREIRA, A. B. de H. (1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FERREIRA, M. M. C. (1990) *Pseudoprefixo: um Estudo Incômodo para o Estudo da Derivação Prefixal*. Lisboa. Comunicação apresentada no Colóquio Internacional sobre Terminologia Científica e Técnica, CNALP.
- FREITAS, H. R. (1981) *Princípios de Morfologia*. Rio de Janeiro: Presença.
- IORDAN, I. y M. MANOLIU (1980) *Manual de Lingüística Românica*. Madrid:

Gredos.

LI CHING (1973) Sobre a Formação de Palavras com Prefixos no Português Actual. *Separata de Boletim de Filologia*, **22**: 3-100.

MARTINET, A (1973) *Elementos de lingüística Geral*. Lisboa: Sá da Costa.

ROCHA, Luiz Carlos de A (1998) *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG

SANDMANN, A. J. (1989) *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Ícone.

_____ (1992) *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto

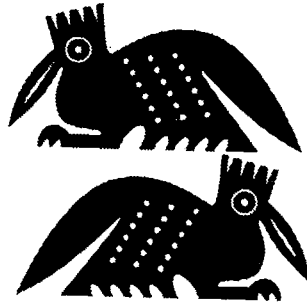
SENSINI, M. (1990) *La Grammatica della Lingua Italiana*. Milano: Arnoldo Mondadori.

847

.18

Sociology • the Social Sciences

.....
2 BIRDS IN THE HAND



**If one bird in the hand is worth two in the bush ...
Our two sources are invaluable
... and right at your fingertips.**

For current thought and research in sociology and the
social sciences, consult

sociological abstracts (sa)

and

Social Planning/Policy & Development Abstracts (SOPODA)

Abstracts of articles, books and conference papers from more than 2,500 journals published in 35 countries; citations of relevant dissertations and book and other media reviews.

Comprehensive, cost-effective, timely.

Available in print, online, on the **sociofile** CD-ROM and on magnetic tape. Our Web site, <http://www.socabs.org>, features the *Note Us* newsletter; information on support services and document delivery; links to relevant sites; and the SAI Web Search Service offering reasonably priced subscriptions to two subsets: Marriage and Family Issues & Law, Crime and Penology.



P.O. Box 22206, San Diego, CA 92192-0206
619/695-8803 • Fax: 619/695-0416 • email: socio@cerfnet.com

RESENHA/REVIEW

SIGNORINI, I. e M. C. CAVALCANTI (orgs.) (1998) *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras. ISBN 85-85725-33-8. Pp. 216.

Resenhado por Kanavillil RAJAGOPALAN
(Universidade Estadual de Campinas)

KEY WORDS: Introduction to Linguistics; Applied Linguistics; Transdisciplinarity.

PALAVRAS-CHAVE: Introdução à Linguística, Linguística Aplicada; Transdisciplinaridade.

São, ao todo, 10 artigos, divididos em 4 partes, que compõem o presente volume. E o tema aglutinador é algo que tem despertado muita atenção entre os estudiosos nos últimos tempos, tanto aqui no Brasil como lá fora – a saber, a questão da natureza exata da Linguística Aplicada (LA) enquanto disciplina acadêmica. Tendo conseguido, já há algum tempo, sua autonomia institucional, a LA continua buscando melhor compreensão da sua identidade e especificidade enquanto área do saber. Os pesquisadores não se contentam mais encarando a LA como o ponto de encontro de várias outras disciplinas, visão essa que veio a suplantar a chamada postura “Brumfit-Widdowson”, que procurava frisar a emancipação da disciplina em relação à linguística teórica. Lars Sigred Evensen, em sua contribuição ao volume, resume a atual tendência nas seguintes palavras: “Estamos atuando em um campo *multidisciplinar* (no sentido mais estrito desse termo) ou participamos do desenvolvimento de uma *transdisciplina* emergente (de uma ciência exclusiva, em termos não-tecnológicos)? Se tal, quais são as características dessa determinada transdisciplina?” (pp. 81-2). A palavra *transdisciplinaridade* ou uma de suas variantes morfológicas está presente nos títulos de nada menos que 4 dos 10 trabalhos e também nos títulos da metade das 4 partes, e todos os autores, sem exceção, tocam no assunto direta ou indiretamente, no decorrer dos seus textos. Isso não só justifica o título dado ao próprio volume, como também demonstra grande interesse, por parte dos pesquisadores que contribuíram para o volume, de interrogar a constituição e o estatuto da LA e os rumos que ela deve tomar daqui em diante.

As 4 partes do volume têm os seguintes títulos: LA: Agendas em

Discussão, Do Disciplinar ao Transdisciplinar em LA, Significados Atribuídos à Transdisciplinaridade, e Dois Congressos e o Mesmo Tema. Dois trabalhos, de autoria, respectivamente de Alastair Pennycook e de Angela B. Kleiman, compõem a 1ª Parte. O de Pennycook, originalmente publicado em 1990 na revista *Issues in Applied Linguistics*, pleiteia uma postura abertamente crítica, ao passo que o segundo se preocupa mais em rastrear o percurso trilhado pela LA desde o começo da sua existência como disciplina autônoma.

A Parte 2 do volume também contém dois trabalhos. O primeiro, assinado por Lars Sigfred Evensen, discute a questão da transdisciplinaridade da LA e conclui apontando para a mudança de enfoque em curso na LA de teoria para problemas específicos e ressaltando a necessidade de compreender melhor a relação dialética existente entre a pesquisa básica e a pesquisa aplicada. O trecho citado no início desta resenha foi extraído desse trabalho do autor, que foi originalmente apresentado no Congresso da AILA em 1966. O segundo artigo, da autoria de Inês Signorini, procura definir o objeto das pesquisas em LA. A autora vê uma clara vantagem em se ter “um objeto múltiplo e complexo” (p. 107) porque isso tem como consequência “a inevitável exposição à multiplicidade de paradigmas que constituem o universo científico contemporâneo” (p.108).

Os 3 artigos que compõem a Parte 3 do volume são assinados, respectivamente, por Luiz Paulo da Moita Lopes, Maria Antonieta Alba Celani, e Silvana Serrani-Infante. Cada um procura analisar o próprio conceito de transdisciplinaridade e a sua pertinência às pesquisas feitas em LA. Moita Lopes coloca em discussão a possibilidade de a LA vir a ser genuinamente transdisciplinar. O autor faz restrições à caracterização apressada da LA como transdisciplinar e lança mão da hipótese de que a atual situação da indefinição talvez deva ao fato da LA ser ainda “uma área de investigação relativamente nova”(p. 127). Com base em sua ampla experiência como pesquisadora e pioneira no campo, Celani se mostra mais segura e confiante ao reivindicar o caráter transdisciplinar da LA, tese já defendida em outras oportunidades como em (Celani, 1992). Em suas palavras, “A Lingüística Aplicada parece ter vocação para uma atitude transdisciplinar. Essa preocupação com o social, com o humano, há tempos tem sido objeto de pesquisas em Lingüística Aplicada e, de fato, é componente fundamental na definição da disciplina”(p.133). O trabalho de Serrani-Infante discute a questão da articulação teoria-prática à luz dos resultados parciais de um projeto de pesquisa em curso na UNICAMP.

A Parte 4 é composta de 3 artigos de depoimento que relatam as experiências dos autores em recentes congressos na área de LA. A primeira, da autoria de Inês Signorini, faz um apanhado do IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, realizado em 1995 na UNICAMP. Os últimos dois, de Diane Larsen-Freeman e Marilda C. Cavalcanti, discutem o 11º Congresso Internacional de Lingüística Aplicada (AILA) que ocorreu em Jyväskylä, Finlândia, em 1996. Ambas as autoras destacam a grande dispersão e heterogeneidade que atualmente caracterizam as pesquisas em LA. Diz Larsen-Freeman: “Uma idéia que parece ser propagada, atualmente, é a concepção de que as coisas estão interligadas de maneiras extremamente complicadas e sensíveis” (p. 187). Cavalcanti frisa o caráter eminentemente político da divisão do bolo de conhecimento em disciplinas e assinala que “A Lingüística Aplicada mostra faces diferentes em países diferentes e, como em outras áreas, isso se deve à maneira como a segmentação de conhecimento é politicamente decidida nas universidades” (p. 207).

Sem sombra de dúvida, livros como este são bem-vindos sobretudo diante das incertezas e falta de definição que ainda pairam sobre LA. Os autores, cada um do seu ponto de vista, se esforçam para formular um certo posicionamento em relação à transdisciplinaridade que é a palavra de ordem, já há algum tempo. A falta de unanimidade não é, como alguns podem pensar, necessariamente sinal de imaturidade, nem tampouco, fenômeno típico que se observa em disciplinas recém-emancipadas. Muito pelo contrário, sou de opinião de que é justamente a ausência de dissensão, de diferenças fundamentais, que sinaliza estado moribundo e preocupante de um campo de conhecimento.

A meu ver, as discussões aparentemente infundáveis e inconclusivas sobre a própria natureza de uma disciplina são sintomáticas de algo muito mais sério que clama atenção urgente. No caso da LA, uma dessas questões urgentes ainda é a sua situação face à Lingüística Teórica. Apesar de gozar de plena autonomia em relação à Lingüística, a questão de como demarcar as fronteiras em relação à disciplina “matriz” continua a preocupar muitos estudiosos ainda. Vejamos o que diz Wilkins em artigo recente: “Para entendermos a natureza da lingüística aplicada, é necessário considerar suas origens, suas metas, *a relação da lingüística aplicada com a teoria lingüística*, o tipo de questões com as quais a pesquisa na lingüística aplicada se preocupa, e os métodos de investigá-las, e *a relação da lingüística com prática profissional em diversos domínios*”. (ênfase acrescida) (Wilkins, 1998: 35). Alguns dos autores da presente coletânea claramente evidenciam a

preocupação e, ou fazem questão de definir sua posição a respeito, ou deixam escapar uma certa visão sobre o assunto, que pode até não corresponder à postura que está sendo explicitamente assumida. A título de exemplos, vejamos o que tem a dizer Kleiman a respeito: “Considero que a *Linguística Aplicada* tem tanto, ou tão pouco, a ver com a *linguística*, como a *pesquisa médica clínica sobre a senescência* tem a ver a *neuroanatomia*”. (p. 53). Já as próprias organizadoras do volume assumem uma postura bastante diferente quando, logo no início de sua ‘Introdução’, se referem à LA como “mais uma subárea do conhecimento, originalmente circunscrita e periférica, que ‘explodiu’ ao longo dos anos 90” (p. 7). Se por um lado, Kleiman se apressa, logo após a frase acima citada, para acrescentar que “a discussão dessas relações é quase sempre estéril quando se fundamenta em questões de ordem política” (ibid.), por outro lado, Moita Lopes, trilhando a mesma linha de raciocínio que Cavalcanti, faz questão de nos lembrar que a caracterização da LA como uma subárea da *Linguística* é parte das regras do jogo que aí estão, regras essas que atualmente norteiam as políticas dos órgãos financiadores de pesquisa no país como CNPq e a CAPES, com claras “implicações relativas ao desenvolvimento de carreiras universitárias, como também à distribuição de verbas para pesquisa”(p.115), observando ainda que “quem tenta operar de forma interdisciplinar, paga o preço da INdisciplina” (p. 116). É no contexto dessa discussão que a pergunta final com a qual Celani termina seu artigo “[...] há lugar para reinos no domínio do saber?” adquire suma importância. (p. 142).

Talvez mais importante ainda do que a questão da demarcação das fronteiras e a concessão ou não do direito de livre passagem seja a questão da possibilidade ou ‘desejabilidade’ de tomar atitude crítica em relação aos trabalhos feitos em áreas conexas. Há duas formas de encarar as possíveis imbricações entre LA e as áreas conexas. Ou elas podem estar participando de uma ampla integração de vários campos do saber, ou podem estar entrando em francos atritos entre si, fazendo que cada área seja constantemente obrigada a rever suas metas. Num artigo que gerou bastante polêmica e continua a fazê-la (cf. Rajagopalan, no prelo 1 e 2), Ben Rampton (1997) se identifica claramente com a segunda opção. Segundo este autor, a atitude crítica é absolutamente necessária em LA e, em verdade decorre de “uma certa disposição inicial para levar a sério a necessidade de se dialogar” (Rampton, 1997:12). Rampton argumenta em seguida que a LA deve desvencilhar-se da sua atitude subserviente em relação à *Linguística* e assumir abertamente a sua vocação que é, segundo o autor, a de contribuir de forma decisiva para que a própria *Linguística* reveja alguns dos seus mais consagrados postulados, dentre os quais, o da famigerada neutralidade científica. A própria construção de teorias

é, pois, uma atividade que se desenvolve no mundo real, e, portanto, passa por uma questão de ordem indiscutivelmente prática. O artigo de Pennycook, o primeiro no volume em discussão, merece destaque nesse sentido. Sob o título de “A Lingüística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica”, o autor adota com pano de fundo a visão pósmoderna da ciência e da produção e distribuição de conhecimento e advoga uma postura abertamente crítica. Suas palavras são extremamente importantes no contexto de marasmo ético-moral que se verifica em muitas das áreas acadêmicas. Diz ele, “O uso da palavra ‘crítica’ não pretende se referir a uma concepção de criticismo somente em termos dos argumentos contra o cânone do pensamento reconhecido; ao invés disso, a palavra ‘crítica’ é usada com a intenção de incluir uma concepção de crítica transformadora. Isto significa que nós, na qualidade de intelectuais e professores, precisamos assumir posturas morais e críticas a fim de tentar melhorar e mudar um mundo estruturado na desigualdade”. (p. 42).

A futurologia não está ao alcance de nenhum de nós mortais comuns; mas vale a pena, acredito eu, arriscar a hipótese de que a próxima “revolução” interna (ou, em termos kuhnianos, a mudança de paradigma) à espera da Lingüística acarretará sua auto-conscientização enquanto uma área do saber ideologicamente compromissada (aliás, como qualquer outra). Uma pequena (porém, decisiva) ajuda advinda da “subárea” chamada LA que está, segundo as organizadoras do volume, prestes para “explodir” seria, com certeza, bem vinda, por que não? Sou da opinião de que o campo da LA hoje se coloca como lugar privilegiado para darmos início a tal empreitada. (A esse respeito, ver Rajagopalan, no prelo 1 e 2).

(Recebido em fevereiro de 1999. Aceito em abril de 1999)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CELANI, M.A.A. (1992) ‘Afinal, o que é Lingüística Aplicada?’. In: PASCHOAL, M. S. Z. de e M.A.A.CELANI (orgs.) (1992) *Lingüística Aplicada: da Aplicação da Lingüística à Lingüística Transdisciplinar*. São Paulo: Educ. 15-23.
- RAJAGOPALAN, K. (no prelo-1). ‘Tuning up amidst the din of discordant notes: on a recent bout of identity crisis in applied linguistics’. *International Journal of Applied Linguistics*. Vol. 9.nº 1.
- ____ (no prelo – 2). ‘Critical approaches and their *raison d’être*; a rejoinder to Brumfit and Widdowson’. *International Journal of Applied Linguistics*. Vol. 9.nº 1.
- RAMPTON, B. (1997). ‘Retuning in applied linguistics.’ *International Journal of*

RESENHA/REVIEW

MACHADO, A. R. (1998) *O diário de leituras. A introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 263 p.

Resenhado por/by Angela B. KLEIMAN (*Universidade de Campinas*)

KEY WORDS: Discourse; Text Genre; School Situation.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Gênero de Textos; Situação Escolar.

Este livro trata do desenvolvimento e utilização de um novo gênero didático - o diário de leituras. O objetivo didático, ligado à formação de leitores reflexivos, fundamenta-se numa pesquisa apoiada num modelo de análise de discurso de base sócio-interacionista que postula, como elemento central da atividade da linguagem, a existência de gêneros portadores da experiência social, em constante transformação pelas exigências e parâmetros da ação social em curso, neste caso, a interação didática. A combinação, muito feliz, que a autora realiza entre os objetivos teóricos, de um lado, visando à descrição de um novo gênero e os objetivos aplicados, de outro, visando a avaliação crítica da experiência que possibilitou o estudo do diário de leituras como instrumento didático, faz deste livro leitura essencial tanto para teóricos da área do discurso quanto para alunos de cursos de Letras e docentes engajados no ensino de leitura e produção de textos no contexto universitário.

O estudo - que foi apresentado como tese de doutorado no Programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC-SP - está dividido em duas partes, precedidas de uma breve introdução geral, em que constam os objetivos do trabalho. Consta também um prefácio, escrito por Jean-Paul Bronckart, co-orientador do trabalho e autor do modelo de análise de discurso utilizado, no qual se tecem considerações sobre a relevância da pesquisa tanto para a difusão e reflexão crítica do modelo de produção de discursos que fundamenta o trabalho, quanto para a pesquisa educacional. A base empírica do estudo é constituída por setenta e nove textos produzidos por alunos do primeiro ano de Jornalismo da PUC-SP.

Na primeira parte, composta de dois capítulos, a autora apresenta os fundamentos teóricos subjacentes ao uso do diário de leituras enquanto instrumento educacional. No Capítulo 1, *Ação e Gênero de Textos*, a autora relaciona o conceito de ação comunicativa de Habermas (1981) à noção de

gêneros de Bakhtin (1953), retomada no modelo de análise de discursos na perspectiva interacionista-social proposto pela escola de psicologia de linguagem de Genebra. O segundo capítulo, *O Gênero Diário e sua Utilização na Prática e na Pesquisa Educacional*, apresenta as características do gênero diário, procurando, nas situações de produção diarista ao longo da história e nas suas características textuais, os elementos comuns dos gêneros íntimos. Dentre essas características, a autora destaca: a construção de um superdestinatário, cuja representação fugiria às normas e convenções sociais, e os aspectos estilísticos relacionados à subjetividade e à expressividade informal e privada, que marcam uma pouca preocupação com procedimentos de textualidade. Resta determinar se os diários produzidos em situações didáticas partilham esses traços do gênero e do estilo, questão que fica para a pesquisa, apresentada na segunda parte do livro.

A segunda parte está dividida em seis capítulos. No capítulo 3, *O Quadro Teórico da Análise dos Textos*, a autora expõe a teoria do funcionamento dos discursos de Bronckart (Bronckart, 1994), complementada com a teoria de análise textual de Adam & Petitjean (1989) e Adam (1992). Trata-se de um quadro teórico complexo, claramente apresentado, cuja pertinência e adequação são demonstrados nos capítulos analíticos.

A teoria de funcionamento dos discursos toma como unidade psicológica central o conceito de ação, unidade que pode ser descrita mediante a identificação dos parâmetros da situação de comunicação e do conteúdo temático mobilizado pelo agente produtor do texto, podendo se concretizar, portanto, em diversos textos, com diversas características lingüísticas. Essas duas representações dos agentes produtores – de determinados parâmetros da situação de produção (material e de interação social) e dos conteúdos – formariam uma base de orientação para as escolhas a serem expressas através do texto: gênero, tipo discursivo, estabelecimento de coerência.

Por sua vez, essas escolhas determinam outras. Por exemplo, as opções relativas aos tipos de discurso envolveriam operações para constituir o mundo discursivo, o grau de implicação da situação material, a escolha de um tipo de seqüencialidade, ou seja, um plano do discurso. As oposições relativas à escolha do mundo discursivo envolvem situar as referências num mundo distante ao da situação de material de produção (disjunção) ou num mundo conjunto ao da interação social (conjunção), enquanto a escolha do grau de implicação da situação material de produção envolve decisões sobre integrar no texto referências aos parâmetros da situação de comunicação (implicação)

ou não integrá-las, produzindo-se um texto autônomo em relação a esses parâmetros (autonomia). Os quatro grandes tipos de discurso propostos pela teoria resultam das combinações entre essas diversas oposições: os discursos do eixo do EXPOR (conjunção) - interativo (implicação) ou teórico (autonomia) - e os discursos do eixo do NARRAR (disjunção) - o relato interativo (implicação) ou a narração (autonomia).

Esse quadro teórico – parcialmente resumido aqui - é complementado com a noção de sequencialidade (Adam & Petitjean, 1989, Adam, 1992), isto é, o conjunto de seqüências convencionalizadas para a organização cognitivo-discursiva do tema, que determinam a reestruturação lingüística do conhecimento que resulta no texto. Considerável espaço é dado ao tratamento das sequencialidades descritiva e explicativa, uma vez que essas são as predominantemente encontradas nos textos do corpus.

O Capítulo 4, *Questões Metodológicas*, fornece dados sobre os sujeitos, os instrumentos de coleta de dados e sua contextualização, e os procedimentos analíticos. Estes últimos consistem em três procedimentos maiores, cada um dos quais é objeto de análise em capítulos posteriores. São eles: identificação das unidades de informação a fim de se identificar as representações dos alunos sobre a situação (capítulo 5), seleção das unidades lingüísticas a serem analisadas e levantamento de freqüências de cada unidade (capítulo 6); análise do plano do texto e da organização sequencial (capítulo 7).

O Capítulo 5, *Representações sobre os Parâmetros da Situação de Comunicação sobre o Diário de Leituras*, focaliza as “teorias diaristas” particulares encontradas nos diários dos sujeitos da pesquisa, a fim de se compreenderem os problemas com que os alunos se depararam, em relação aos temas, à relação entre locutor e interlocutor (o professor), e ao processo de articulação leitura/escrita. A diversidade de representações que os alunos se fizeram da situação aponta para a diversidade das soluções e, portanto, dos textos produzidos, questão abordada no capítulo seguinte.

O capítulo 6, *Características Discursivas dos Textos Produzidos*, classifica a produção diarista dos alunos em três grandes grupos, tomando como base para a classificação as unidades lingüísticas presentes e/ou ausentes nos diferentes diários. No primeiro subconjunto, “Grupo Mais Teórico (GT)”, os textos são construídos autonomamente em relação à situação de comunicação, com presença marcante de frases declarativas e ausência de elementos dêiticos de pessoa, tempo ou espaço. O outro grupo de textos, que

contêm segmentos de discurso interativo, é dividido em dois subconjuntos, segundo a presença e frequência de unidades que implicam a situação de comunicação, em “Grupo Interativo com marcas do destinatário (GICD)” e “Grupo Interativo sem marcas do destinatário (GISD)”. Todos os textos estão constituídos por discursos da ordem de EXPOR, embora nos textos interativos haja trechos dos mundos discursivos da ordem de NARRAR.

O Capítulo 7, *A Organização Sequencial e os Planos de Texto*, apresenta as diferentes formas de plano global de texto e de organização sequencial encontradas nos três grupos de diários identificados no capítulo anterior. A análise é bastante detalhada a fim de “auxiliar outros profissionais que queiram utilizar a teoria adotada para fins didáticos ou de pesquisa.” (p. 165). O detalhamento e minuciosidade da análise dificulta a percepção das regularidades, ficando a impressão de uma forte heterogeneidade tanto na organização sequencial e no plano global, quanto no tipo de seqüências escolhidas. Entretanto, a autora tem o cuidado de apresentar um quadro-resumo em que os vários subtipos de seqüências são eliminados, evidenciando-se, assim, que, no conjunto de textos produzidos, há forte predomínio de seqüências explicativas e descritivas e que, nos textos interativos, há predomínio de descrições de texto e de ação. A heterogeneidade se mantém em relação ao plano global, que pode ou não estar presente nos textos. Cabe apontar também que a análise permite evidenciar problemas na teoria da organização sequencial, primeiro porque os critérios de identificação de seqüências não são facilmente aplicáveis e porque a própria noção de seqüência deve ser questionada, já que os textos não são construídos em seqüências completas, mas em fragmentos de seqüências.

No capítulo final, *Conclusões*, a autora, primeiramente, tece considerações sobre os resultados da pesquisa, para depois apresentar uma reflexão teórica sobre a contribuição da pesquisa aplicada na análise da reestruturação e constituição de gêneros na instituição didática.

Quanto ao estatuto do diário de leitura, a autora aponta que as regularidades na construção dos textos (tal como apresentadas nos capítulos 6 e 7) pareceria ser evidência de uma transposição das características típicas do gênero de diário privado para um gênero ainda em constituição - o diário de leitura. Entretanto, ela argumenta que, ao se levar em consideração a incompatibilidade existente entre os parâmetros das situações de produção do diário íntimo e do diário institucional, outras conclusões parecem mais plausíveis. Assim, para a autora, outros gêneros indexados à situação escolar,

como o resumo, a resenha crítica e a dissertação, seriam também gêneros dos quais o aluno se serve na sua produção diarista. Tal combinação explicaria a existência dos diários mais teóricos e a enorme variação dos textos produzidos quanto à implicação dos parâmetros da situação no diário de leituras.

Por outro lado, também tiveram influência na produção as instruções didáticas que precederam a produção dos textos, que traziam implícito um modelo pré-teórico que guiou as produções dos alunos para a descrição e para um diário reflexivo: “À medida que lê, vá escrevendo como se fosse para você mesmo(a). Descreva o que o texto traz de interessante tanto em relação à forma quanto ao conteúdo; descreva em que o texto lido contribuiu para sua aprendizagem, para mudanças em sua prática de leitura e produção ...”(p. 233).

Do ponto de vista da contribuição teórica, a pesquisa didática se constituiu como um instrumento eficaz para a análise da reestruturação e constituição de um novo gênero no contexto universitário, em que a situação de ação verbal complexa com que os alunos se deparam exige a produção de uma unidade intertextual multimodelar em função dos parâmetros da situação didática em curso. A conclusão central, decorrente da análise da situação material de produção e dos textos efetivamente produzidos é que, na produção diarista dos alunos, há exemplos “da constituição de um novo instrumento semiótico a partir de instrumentos conhecidos.”(p. 234).

O capítulo também inclui uma avaliação crítica da experiência didática. Em primeiro lugar, fica evidente a importância de pesquisa aplicada para a (re)formulação teórica. O estudo permite uma caracterização teórica do diário de leituras, gênero já utilizado com fins didáticos, porém sem a conceitualização teórica que este estudo aporta. Além disso, os procedimentos analíticos detalhados, de textos completos, levanta questionamentos importantes para os quadros teóricos utilizados.

A reflexão teórica, ao ocupar um lugar central na pesquisa, permite redimensionar o trabalho didático, entendendo-o não apenas como uma experiência local, mas como um trabalho que reflete e refrata as condições sociais da universidade e da escola brasileira, que determinam os processos de ação comunicativa aí estabelecidos. Esse redimensionamento é, sem dúvida, uma das contribuições mais importantes do trabalho, pois ele permite a utilização não ingênua de um importante instrumento de trabalho didático.

Ao contrário de outros gêneros escolares que se constituem em modelos rígidos a serem seguidos pelo aluno, o diário permitiria elaborações e escolhas muito mais variadas. Devido a essas características, sua utilização didática permitiria configurar uma situação de produção de textos através da construção em vez da reprodução, pouco comum (mas sempre desejada) na situação escolar.

No trabalho de Anna Rachel Machado vemos combinados a escolha de um problema relevante para o ensino, o domínio de um quadro teórico complexo e o rigor analítico que exige o retorno e a revisão da teoria, constituindo-se, por isso, no tipo de trabalho que deveria servir de parâmetro para a pesquisa aplicada.

(Recebido em janeiro de 1999. Aceito em março de 1999)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J. M. (1992) Les textes: types et prototypes. Paris: Nathan.
- ADAM, J. M. & A. PTITJEAN (1989) Le texte descriptif. Paris: Nathan. (Nathan-Université. Etudes linguistiques et littéraires).
- BAKHTIN, M. (1953) Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp.275-326.
- BRONCKART, J. P. (1994) Analyse et production de textes. Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Education, Université de Genève. (mimeo)
- HABERMANS, J. (1981) Théorie de l'agir communicationnel: rationalité de l'agir et rationalisation de la société. Vol. 1. Paris: Fayard.

RESENHA/REVIEW

RIBEIRO, B. T. & P. M. GARCEZ (orgs.) (1998) *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 159pp.

Resenhado por/by Ana Cristina OSTERMANN (*University of Michigan*)

O lançamento da coletânea de textos intitulada *Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*, organizada por Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez, assinala um primeiro esforço em se estender os fundamentos oferecidos pela sociolinguística interacional às diferentes disciplinas que se propõem ao estudo da língua em interação social. O livro destina-se principalmente a estudantes, pesquisadores e demais profissionais das áreas de Antropologia, Comunicação Social, Direito, Educação, Linguística, Psicologia, Sociologia, Psiquiatria e Saúde Mental.

A coletânea compõe-se de traduções de textos publicados originalmente entre 1960 e 1980 por pesquisadores nas áreas de Antropologia, Linguística e Sociologia. São todos autores interessados em análise do discurso e que, diante das inúmeras indagações interpretativas que emergem nos estudos de interações face-a-face, se propõem a responder à pergunta “O que está acontecendo aqui?”. Um dos principais temas que permeia os estudos incluídos na obra é a preocupação destes estudiosos com o significado *situado* na interação social. Portanto, os autores cujos artigos são traduzidos na obra abraçam uma noção mais maleável e mais abrangente de *contexto*. Isto é, a noção de que o contexto do discurso e da interação social abrange outros elementos além daqueles mais estáveis (como espaço, tempo e participantes). O significado de contexto que os pesquisadores tratam aqui revela que tanto os participantes quanto o discurso se desdobram a cada momento, e tanto reconfiguram o próprio contexto como são reconfigurados pelo mesmo a cada novo avanço na interação (tais como uma nova contribuição oral ou gestual dos participantes, e/ou re-direcionamento do olhar).

A obra é composta de uma introdução geral dos organizadores, à qual seguem oito textos traduzidos, cada um individualmente prefaciado pelos organizadores com informações a respeito das contribuições. A introdução é brilhantemente ilustrada com a transcrição de uma interação entre marido e mulher, a qual se mostra coerente com o propósito inerente a cada um dos artigos que compõem a obra. Isto é, desde as primeiras páginas, o leitor é instigado a se interrogar sobre “o que está acontecendo ali”, naquela

determinada interação. Finalmente, as últimas páginas do livro são dedicadas a uma seção única e geral de referências bibliográficas.

O primeiro artigo, “A situação negligenciada” (Erving Goffman), constitui um importante marco nas pesquisas de sociolinguística interacional. Nele Goffman insiste para que os pesquisadores dêem a devida importância para a situação social que emerge nas interações face-a-face.

O segundo artigo, “Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala” (Susan U. Philips), trata de dois temas de grande relevância nos estudos de interação face-a-face. Um deles é a importância que não só o falante mas também o ouvinte passa a ter numa interação, bem como a importância do direcionamento do olhar dos mesmos. O outro aspecto relevante que Susan Philips questiona neste estudo é a validade das afirmações feitas por analistas da conversação em termos de *universais*. Segundo a autora, é a organização da fala e as diferentes percepções da mesma, através de variadas culturas, o que difere, e não os meios comunicativos.

O terceiro artigo, “O significado social na estrutura linguística: Alternância de códigos na Noruega” (Jan-Petter Blom e John J. Gumperz), constitui um trabalho seminal em etnografia da comunicação e sociolinguística interacional. Neste artigo, os autores introduzem conceitos que passaram a ser utilizados por uma geração inteira de pesquisadores. Entre tais conceitos, os principais são os de alternância de códigos: *alternância situacional* e *alternância metafórica*.

No quarto artigo traduzido, “Uma teoria sobre a brincadeira e fantasia”, Gregory Bateson introduz nas Ciências Sociais o que passa a ser um dos mais importantes conceitos na análise do discurso, i.é, o conceito de *enquadre*. O enquadre contém uma série de informações que possibilitam aos interlocutores compreender como eles devem tomar uma dada mensagem que em princípio possa parecer ambivalente (e.g., brincadeira vs. comentário crítico). De acordo com Bateson, o enquadre oferece aos participantes elementos que, combinados de certas formas, delimitam que tipo de comunicação ocorre ali e, conseqüentemente, como cada participante deve responder àquela situação específica (i.é, rir em resposta a uma brincadeira, contestar uma crítica, entre outras).

Segue imediatamente ao texto de Bateson, o artigo “Footing”, no qual, cujo título bem indica, Erving Goffman introduz a noção de *footing*. De acordo com o autor, *footing* desenvolve o conceito de enquadre de forma a mostrar a

dinamicidade do mesmo no discurso. De extrema importância neste artigo são os desdobramentos das definições clássicas de *falante* e *ouvinte* em papéis mais sutis de participação e recepção no discurso (tais como *animador*, *autor* e *endereçado*, e *ouvinte por acaso*).

O sexto artigo, “Convenções de contextualização” (John J. Gumperz), aborda o que Gumperz denominou *pistas de contextualização*, que constituem as pistas sociolingüísticas que os participantes usam para marcar suas intenções comunicativas, para inferi-las de outros interlocutores, e para construir expectativas sobre o que poderá acontecer a seguir na interação. Conforme o autor chama a atenção, as pistas de contextualização são internalizadas pelos falantes e são ativadas durante a interação social de forma a criar inferências, ressaltando o que é relevante para uma determinada interpretação, num específico momento. O autor também enfatiza o fato das *convenções de contextualização* permanecerem muitas vezes não-verbalizadas durante o aprendizado de um língua estrangeira. Segundo o autor, o fato desta aprendizagem se dar na maioria das vezes no nível oracional causa problemas de comunicação consequentes. Isto é, numa interação, participantes podem muitas vezes usar o mesmo código lingüístico em nível oracional, sem necessariamente ter em comum as mesmas convenções de contextualização, causando desta forma mal-entendidos.

No artigo “Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: Exemplos de um exame/consulta médica”, Deborah Tannen e Cynthia Wallat propõem uma diferenciação dos tipos de *estruturas de expectativa: enquadre* e *esquema*. As autoras sugerem que se use o conceito de *enquadre* para denominar as informações que são co-construídas numa interação – uma noção portanto mais antropológica/sociológica – e *esquemas* para se referir às informações pressupostas, padrões ou esquemas de conhecimento – noção esta inserida na psicologia cognitiva e inteligência artificial. Usando exemplos de interação numa consulta médica, as autoras demonstram a complexidade interativa das duas estruturas de conhecimento; mostram como as noções de *esquema* e *enquadre* explicam grande parte do que acontece numa interação, tanto em termos de sucesso comunicativo quanto em termos de falhas interpretativas e quebras na comunicação.

Finalmente, no último artigo da coletânea, “O ‘quando’ de um contexto: Questões e métodos na análise da competência social”, Frederick Erickson e Jeffrey Shultz chamam a atenção dos pesquisadores para uma definição menos simplista da noção de *competência comunicativa* ou *interacional*. Desta forma, os autores abordam de forma integrativa as diversas teorias de análise

de contexto propostas até então. Erickson e Shultz também apresentam uma proposta metodológica, passo a passo, de como se investigar a organização social da interação a partir de dados audiovisuais.

Fica bastante claro que o argumento de Ribeiro e Garcez sobre o difícil processo de escolha dos textos que compõem o volume é de fato genuíno. Tanto a seleção como a ordenação dos artigos traduzidos receberam devida atenção, i.é, os autores e os conceitos por eles introduzidos são ícones na área de Sociolinguística Interacional, e os artigos representam a disciplina em suas múltiplas dimensões e complexidades. Além disso, a intertextualidade dos artigos evidencia o inter-relacionamento histórico e conceitual dos mesmos. Tal intertextualidade é comprovada na prática, i.é, enquanto a leitura da obra avança, o leitor é constantemente remetido pelos autores originais aos outros textos contidos no volume.

Fica evidente também que a tradução dos artigos não se deu sem dificuldades. Detalhes de grande relevância nos artigos, como transcrições de interações em diferentes registros (e.g., Gumperz, p. 101), foram cuidadosamente preservados nas traduções. Além disso, merecem destaque especial as traduções dos textos de Ervin Goffman. Os tradutores souberam manter a complexidade no estilo de escrita que caracteriza as obras do autor.

Alguns pontos merecem ser destacados pela sua valiosa contribuição didática. Os prefácios que introduzem cada novo artigo na obra, por exemplo, constituem mais do que simples sumários dos textos a que precedem. Eles não apenas anunciam e explicam alguns dos conceitos introduzidos a seguir, como também situam historicamente cada artigo, fazem relação do mesmo com outras obras, e apresentam uma breve descrição da disciplina e tradição de pesquisa do autor. De semelhante cunho didático são as notas dos tradutores e organizadores ao pé da página. Tais notas justificam decisões de tradução e clarificam de antemão detalhes que podem levar a ambiguidades ou erros de interpretação (e.g., pp. 99, 104 e 118), apontam para uma contextualização cultural dos assuntos apresentadas nos artigos (e.g., pp. 111, 114 e 148), remetem o leitor aos outros textos do volume (e.g., p. 102) e atestam a seriedade da pesquisa da qual a obra resultou (e.g., pp. 124 e 127).

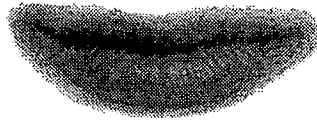
Alguns aspectos poderiam merecer acréscimos ou modificações numa possível reedição. O volume poderia conter um glossário listando a terminologia introduzida nos artigos. Além disso, considerando-se que uma das audiências da obra são estudantes de análise do discurso, e dentre estes provavelmente iniciantes na disciplina, uma lista de sugestão de leituras

paralelas – i.é, uma breve lista de referências bibliográficas comentadas – contribuiria ainda mais para o valor didático da obra. Bibliografias comentadas são sempre grandes motivadores para os mais iniciantes. Finalmente, um índice de tópicos e autores, além de obviamente facilitar o manuseio do livro, apontaria ainda mais especificamente para o inter-relacionamento dos artigos e tópicos abordados na coletânea.

Merecem os parabéns os organizadores, Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez, ambos professores e pesquisadores brasileiros com projeção internacional, pela brilhante idéia de olhar para uma área carente no Brasil e se empenhar na tarefa de suplementá-la. A coletânea é sem dúvida uma leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam pela fala e interação social nas mais diferentes esferas de comunicação. Seu uso facilmente cruza áreas, disciplinas e níveis de conhecimento, podendo servir desde livro-texto básico em cursos em programas de Lingüística, até como uma excelente fonte de consulta para pesquisadores em outras áreas de Ciências Sociais e Humanas, bem como de Saúde Mental. Além do mais, a tradução de toda uma terminologia na disciplina de sociolingüística interacional mostra-se um importante passo na standardização destes conceitos na Língua Portuguesa.

(Recebido em setembro de 1998. Aceito em março de 1999)

WORD OF MOUTH



Communication is power. An idea, passed from person to person, and village to village, can transform the world.

Start with the right idea.

Linguistics and Language Behavior Abstracts
offering

- abstracts of scholarly articles and books
- bibliographic entries for subject specific dissertations and book and other media reviews.

LLBA's timely and comprehensive coverage speaks volumes on current ideas in linguistics and language research.

Available in print, online, on CD-ROM (from SilverPlatter and NISC) and on magnetic tape.

Visit our Web site: www.socabs.org for product information, links to relevant sites, and subscription-based access to the LLBA Speech, Language and Hearing Pathology subset.

LLBA

Linguistics and Language Behavior Abstracts

P.O. Box 22206, San Diego, CA 92192-0206
619/695-8803 • Fax: 619/695-0416 • email: socio@cerfnet.com

RESENHA/REVIEW

GUY, G. R.; C. FEAGIN, D. SCHIFFRIN & J. BAUGH (eds.) (1996) *Towards a Social Science of Language - Papers in Honor of William Labov Volume 1: Variation and Change in Language and Society*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 436 págs.

Resenhado por/by Marco Antônio de OLIVEIRA
(Universidade Federal de Minas Gerais)

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Lingüística; Sociolingüística Laboviana; Variação e Mudança Lingüística e Organização Social; Variação, Mudança e Estrutura Lingüística; Variedades Afro-Americanas do Inglês.

KEY WORDS: Linguistic Theory; Labovian Sociolinguistics; Linguistic Variation and Change and Social Organization; Variation, Change and Linguistic Structure, Afro-American Varieties of English.

Este é o primeiro volume¹, de uma série de dois, dedicado a William Labov. Trata-se de uma homenagem bastante justa a um dos lingüistas de maior importância para a área em todos os tempos, cujo trabalho vem ampliando, desde o início da década de 60, nosso conhecimento sobre um dos pontos centrais da lingüística, a mudança lingüística. O trabalho de Labov configurou um paradigma diferente, de natureza dinâmica, onde a língua deixa de ser vista como uma estrutura estática e passa a ser vista como um sistema em constante mutação e profundamente comprometido com a estrutura social em que se insere. Os volumes que compõem esta homenagem são, portanto, uma tentativa de resgatar a dívida imensa que a lingüística e os lingüistas (mesmo aqueles que têm outra inclinação teórica são unânimes em reconhecer a importância de seu trabalho) têm para com Labov.

Os textos apresentados no Volume 1 são trabalhos de colegas e ex-alunos de Labov. São todos eles trabalhos de base empírica (em maior ou menor grau) que procuram retomar pontos teóricos desenvolvidos a partir dos textos escritos por Labov. Portanto, a linha mestra que costura todos os textos desta primeira coletânea pode ser encontrada nos textos de Labov, às vezes num pé

¹ Devido aos vários problemas de edição que o volume em questão apresenta, esta resenha era, originalmente, muito maior. Por razões de espaço precisei reduzi-la a seu tamanho atual, procurando preservar apenas o que era absolutamente essencial para orientar a leitura do texto original.

de página, como sugestão para algum ponto não resolvido no momento e, às vezes, em temas maiores, que se manifestaram como uma preocupação mais abrangente em sua obra.

Esta primeira coletânea se divide em três partes. A primeira parte, *The Social Organization of Variation and Change*, trata das correlações entre variação/mudança lingüística e organização social, sendo composta de 8 textos; a segunda parte, *The Linguistic Structure of Variation and Change*, focaliza aspectos estruturais das línguas examinadas nos 6 textos que a compõem; a terceira parte, *African-American Varieties of English*, composta de 5 textos, concentra trabalhos que focalizam aspectos do Black English Vernacular (BEV), assim como trabalhos que retomam pontos interessantes na área da crioulística e na área da política educacional. As três partes da coletânea são precedidas por um Prefácio de Gregory R. Guy e um texto introdutório de Michael B. Kac, e seguidas de uma bibliografia completa dos trabalhos de Labov no período de 1963 a 1994.

No geral, o volume é excelente, trazendo ótimas contribuições para os estudos sociolingüísticos. Contudo, encontramos alguns problemas num ou noutro texto, problemas estes que poderiam ter sido evitados. Alguns destes problemas me parecem ser de natureza editorial (como alguns problemas ortográficos do tipo “verbal dual” em vez de “verbal duel”, ou alguns dados equivocados que ficaram sem correção), enquanto outros poderiam ter sido evitados pelos autores (como algumas tabelas bastante confusas que aparecem num ou noutro ponto). Há também casos de textos que me pareceriam melhor colocados numa seção diferente daquela em que estão. Ignorados estes problemas menores, o livro é, como um todo, de leitura obrigatória.

A primeira seção do livro tem como pano de fundo a concepção Laboviana do que seja lingüística, assim como as relações entre os fenômenos lingüísticos e os fenômenos sociais. Para Labov, sociolingüística é lingüística (cf. Labov, 1972:183). Esta maneira de caracterizar a sociolingüística deixa claros dois pontos: primeiro, os interesses de Labov se localizam na estrutura lingüística, e não nos fenômenos de natureza sociológica, distinguindo-se, pois, dos interesses de áreas como as da etnografia da fala e da sociologia da linguagem; segundo, para Labov, o estudo da estrutura lingüística deve se dar em termos do exame dos fatos lingüísticos, conforme manifestados no dia-a-dia das pessoas, no contexto social da comunidade de fala (entendida como sendo um grupo que compartilha um mesmo sistema normativo de valores na interpretação dos fenômenos lingüísticos). Isto não significa, contudo, que

Labov tenha pretendido desenvolver uma espécie de teoria da fala, ou do uso. Para Labov, o estudo dos fenômenos da fala valem por aquilo que eles podem nos dizer sobre a estrutura lingüística. E é exatamente neste contexto que Labov procura, através do estudo da variação lingüística, esclarecer-nos sobre a questão da mudança lingüística, usando o presente para explicar o passado.

A primeira seção do livro se inicia com o texto de Trudgill, *Dialect Typology: isolation, social network and phonological structure*. Após uma introdução na qual Trudgill salienta a importância do trabalho de Labov na demonstração das bases sociais da mudança lingüística, o autor salienta que este ponto tem sido ignorado pelos trabalhos em tipologia lingüística e por muitos trabalhos em lingüística histórica. Trudgill sugere em seu texto que um exame comparativo das diferenças entre as sociedades humanas pode ser fundamental para o entendimento de certos processos históricos e das diferenças tipológicas entre as línguas. A questão geral à qual Trudgill nos remete é: tipos diferentes de sociedades dão origem a tipos diferentes de estruturas lingüísticas? E, em caso afirmativo, estas diferentes estruturas lingüísticas resultariam de tipos diferentes de mudança lingüística? Como se pode observar, Trudgill remove as ligações entre variação e mudança lingüísticas, por um lado, e variação social, por outro lado, da esfera de uma simples correlação, recolocando a questão em termos de causa e efeito. E, para responder às questões colocadas, Trudgill examina fenômenos de natureza fonológica.

Na discussão dos fenômenos fonológicos, Trudgill aborda tanto o eixo diacrônico quanto o eixo sincrônico, tomando como contraponto o texto clássico de Kroch (1978) sobre diferenças entre dialetos sociais e a noção de *ideologia* como explicação para estas diferenças. Além disso, Trudgill se vale também dos trabalhos de J. Milroy (1982 e 1992) e L. Milroy (1980) sobre redes sociais (*social networks*). Os processos considerados são os processos articulatórios de fusão e simplificação, e os de assimilação, que são processos bastante freqüentes nas línguas do mundo.

Tomando, primeiramente, os processos de fusão vocálica e de simplificação consonantal (fusão de / o: / e / ou / do inglês médio, fusão entre / w / e / wh / , cancelamento do / h / pré-vocálico e cancelamento do / r / pós-vocálico), Trudgill nos mostra que, realmente, o dialeto padrão britânico (RP) resistiu aos três primeiros casos, o que poderia indicar aí um efeito da ideologia das classes altas. Contudo, Trudgill nos faz ver que: (a) outros dialetos regionais do inglês britânico também resistiram aos mesmos processos, e (b)

no caso do cancelamento do / r / pós-vocálico, que foi incorporado ao RP, vários dialetos regionais não incorporaram este fenômeno. Estes dois fatos colocam em dúvida um possível efeito do fator *ideologia* como elemento de resistência aos processos articulatoriamente motivados. No entanto, Trudgill observa que estes mesmos dialetos regionais têm uma característica em comum: são geograficamente periféricos e pouco expostos ao contato, e conclui que as variedades que mais resistem às fusões e simplificações são aquelas que estiveram menos sujeitas ao contato entre dialetos (e, inversamente, as fusões e simplificações seriam mais comuns nas situações de forte contato dialetal).

O mesmo tipo de correlação aparece no exame dos fenômenos de assimilação, nas mudanças sonoras não naturais (ou 'ligeiramente incomuns', para usar a terminologia de Andersen, 1988) e nos casos de variação sincrônica. Portanto, através do exame de alguns casos de cunho diacrônico, Trudgill sugere que características sociais tais como (a) grau de contato com outras línguas e dialetos, e (b) grau de coesão da rede social, são fatores determinantes na formação das estruturas fonológicas/lingüísticas.

Do ponto de vista sincrônico a história se repete, o que nos mostra uma correlação interessante entre tipo de sociedade e tipo de mudança lingüística. As mudanças ocorridas em línguas e dialetos com alto grau de contato podem ser explicadas em termos de um aprendizado imperfeito por parte de alguns adultos. Mas no caso de línguas e dialetos isolados, as inovações, assim como sua institucionalização, não podem ser explicadas em termos de aprendizado imperfeito. E, conforme mostra o texto, há uma diferença tipológica em termos dos fenômenos envolvidos nas duas situações. Trudgill propõe, então, que mais pesquisas sejam feitas na direção proposta em seu texto, proposta esta que abre mais espaço para os fatores de natureza sociológica na visão Laboviana da mudança lingüística.

O segundo texto é de autoria de Anthony Kroch, *Dialect and Style in the Speech of Upper Class Philadelphia*, no qual o autor se propõe às seguintes questões: (1) há uma fronteira, baseada em classe social, além da qual as características do vernáculo urbano de Filadélfia não são encontradas?, e (2) o que faz com que as características de fala da classe alta de Filadélfia sejam reconhecidas como tal?

No caso da primeira questão há uma tentativa óbvia de estabelecer, para as fronteiras dos dialetos sociais, as características refratárias encontradas nas fronteiras geográficas e étnicas. Embutidas nesta questão estão outras

perguntas, a saber: (a) há traços dialetais característicos e exclusivos da classe alta de Filadélfia?, (b) estes traços seriam compartilhados com outros grupos de classe alta de outras cidades da costa leste dos Estados Unidos? E, (c) em termos de normas de avaliação compartilhadas, a classe alta de Filadélfia forma uma comunidade com outras classes altas, de outras cidades, ou com o restante da população local? Já no caso da segunda questão, se estas características são reconhecidas, resta saber em que elas consistem.

Caracterizada a classe alta, Kroch utiliza, como informantes, 6 homens e 4 mulheres, nascidos entre 1910 e 1923, além de 5 filhos destes informantes, nascidos entre 1937 e 1949. Além destes, foram utilizados 10 outros informantes pertencentes à classe média alta, que funcionaram como grupo de comparação. Além disso, os informantes de Kroch puderam ser comparados, para a análise dos núcleos vocálicos, com os informantes das classes trabalhadoras, disponíveis a partir do trabalho de Labov no projeto LCV (Linguistic Change and Variation), e medidos da mesma maneira.

Os fenômenos lingüísticos analisados foram (a) o núcleo vocálico (de 150 a 200 por informante) de 30 classes de palavras, em termos de sua frequência (através de um Real Time Analyzer), da análise de seus três primeiros formantes, das médias dos formantes para cada um dos informantes e da normalização destas médias, tanto para cada um dos informantes quanto para cada uma das 30 classes de palavras, e (b) propriedades prosódicas (prolongamento da pronúncia das vogais, laringalização da voz e o uso freqüente do acento enfático, que é deslocado do núcleo da FN para o adjetivo) e propriedades lexicais (uso de modificadores de intensificação, tais como *very*, *extremely*, *large*, *serious*, *enormous*, *oustanding* e outros).

No caso das vogais, Kroch observou que a pronúncia da classe alta era menos extremada do que a das outras classes, sendo, contudo, mantidas as mesmas posições em termos das classes de palavras. Ou seja, as classes alta e trabalhadora, por exemplo, falam um *mesmo* dialeto fonológico (sendo que no caso das (cinco) mudanças em progresso identificadas em Filadélfia, as mulheres estão na liderança na classe trabalhadora, enquanto que os homens lideram na classe alta), mas não têm as mesmas realizações fonéticas. O melhor exemplo disso, no texto, é a discussão sobre o tensionamento do *a breve*. Este tensionamento é um fenômeno estigmatizado. Neste caso, a classe alta aproxima o *a breve* tenso do *a breve* frouxo, sem fundir os dois (i.é, sem causar uma alteração fonológica e, portanto, mantendo o padrão de Filadélfia), o que Kroch interpreta como uma resposta da classe alta à estigmatização do

fenômeno. A conclusão de Kroch é a de que a qualidade da vogal *não* é o que distingue a fala da classe alta.

Voltando-se para as propriedades prosódicas e lexicais, Kroch conclui que estas, sim, distinguem a fala da classe alta. Segundo Kroch, a diferença é de estilo (no sentido de Hymes, 1974) e não de dialeto. As propriedades prosódicas e lexicais mencionadas anteriormente são, todas elas, quantificadas no texto, podendo-se observar a enorme diferença quantitativa envolvendo os informantes de classe alta, que favorecem estas propriedades, e aqueles de classe média alta, que as desfavorecem. Estas propriedades estão ligadas à ênfase exagerada que se sobrepõe à fala da classe alta, produzindo um efeito interacional intenso, dando uma impressão geral de relaxamento e autoconfiança e impondo-se como correlatos psicológicos de poder e riqueza.

Fica claro, a partir do texto de Kroch, que a classe alta de Filadélfia é socialmente exclusivista e tem uma consciência forte de sua identidade como grupo à parte. Mesmo assim ela é parte da comunidade de fala de Filadélfia, alinhando-se ao padrão lingüístico regional e nacional e opondo-se ao padrão local através dos recursos identificados no texto.

O terceiro texto é de Penelope Eckert, (*ay*) *Goes To the City. Exploring the Expressive Use of Variation*. O texto de Eckert é particularmente interessante, na medida em que retoma e amplia algumas das idéias fundamentais contidas no trabalho de Labov, que explicita a interação entre processos lingüísticos, processos sociais e a variação/mudança lingüística. Em seu trabalho, de natureza etnográfica, na comunidade de Martha's Vineyard, Labov apontou razões sociais para a variação no núcleo dos ditongos (*ay*) e (*aw*), mostrando como as variáveis lingüísticas podem veicular significados sociais localmente fundamentados. Já em seu trabalho mais amplo, em New York City, Labov mostrou que a variação lingüística estava correlacionada, nos grandes centros, a fatores como classe social, sexo, etnia, idade e estilo, o que implicou, também, no desenvolvimento de métodos apropriados para pesquisas de larga escala. Em ambos os casos foi possível demonstrar uma relação sistemática entre a variação lingüística e a dinâmica social. Inserida neste quadro, Eckert levanta uma série de questões ainda pouco exploradas. Sua questão básica é a seguinte: se a variação funciona como um recurso simbólico em nível local, quais são a natureza e os limites deste potencial simbólico? A esta questão Eckert junta mais outras, a saber:

- (a) Dadas duas variáveis simbolicamente marcadas, que tipo de relação pode se estabelecer entre elas?
- (b) Qual é a natureza da relação entre um valor simbólico local e os padrões globais que aparecem em estudos de larga escala?
- (c) Como tudo isso se reflete no uso real da variação na prática social?

É com estas questões em mente que Eckert retoma a variável (ay), conforme usada nos subúrbios de Detroit. Trabalhos anteriores já haviam demonstrado, para a fala dos adolescentes destes subúrbios, algo muito parecido com aquilo que Labov havia mostrado em Martha's Vineyard: o alçamento do núcleo do ditongo (ay) estava correlacionado a uma atitude de orientação na direção do padrão de Detroit. Partindo daí, Eckert procura refinar esta generalização através de uma pesquisa envolvendo adolescentes de uma escola localizada em um subúrbio de população branca. Estes adolescentes se subdividem em dois grupos principais: os 'jocks' e os 'burnouts'. Os 'jocks' se caracterizam por incorporarem uma cultura de classe média, por participarem das redes sociais limitadas à escola, pela baixa expectativa que têm em relação aos amigos e ao subúrbio (dos quais pretendem se desligar quando entrarem para a faculdade) e por não deixarem o subúrbio nem mesmo para diversão, pois consideram a área urbana de Detroit um lugar perigoso. Os 'burnouts', por sua vez, se caracterizam por incorporarem uma cultura típica da classe trabalhadora, por não manterem ligações sólidas com a escola e com as redes sociais que ela desencadeia, por se ligarem às suas comunidades e bairros de origem, onde pretendem permanecer após concluírem a faculdade, e por ultrapassarem os limites do subúrbio em termos de suas redes sociais, atingindo a área urbana de Detroit, cujos adolescentes são, para os 'burnouts', mais aptos para a vida, mais 'durões', mais espertos e mais livres. Como se pode ver, os 'burnouts' são muito mais 'orientados' em relação a Detroit do que os 'jocks', em termos dos valores simbólicos.

Em termos da variável (ay), neste estudo, dois processos podem ocorrer: (1) a semivogal pode ser eliminada, e (2) o núcleo pode ser alçado. Estes dois processos ocorrem em contextos segmentais complementares e veiculam valores sociais diferentes. O cancelamento da semivogal não diferencia significativamente os 'jocks' dos 'burnouts', como um todo. Contudo, há uma diferença significativa de sexo, com os meninos na liderança. Quando são combinados os efeitos de *sexo* e *grupo* (que é a categoria social de Eckert) encontramos a seguinte ordenação: M-jock > M-burnout > F-burnout > F-jock. A diferença entre M-jock e M-burnout não é estatisticamente significativa, mas a diferença entre F-burnout e F-jock é. Eckert interpreta este resultado

dizendo que esta variável se associou, de algum modo, ao valor *autonomia*, sendo que as meninas ‘jock’ constituem a categoria social mais restritiva. Vale lembrar aqui a semelhança entre este comportamento F-jock e o comportamento da classe média, principalmente entre as mulheres.

O alçamento do núcleo de (ay) é um caso mais complexo. Aqui, todos os informantes produzem um [Ã], que é a variante comum. Contudo, há outras variantes tais como [«] (mais alçada ainda), [Ã2] (mais posteriorizada) e [I] (arredondada), chamadas por Eckert de variantes extremas. No caso do alçamento extremo as diferenças de grupo e de sexo são, independentemente, significativas, com ‘burnouts’ > ‘jocks’ e F > M. Quando os efeitos destes dois fatores são combinados, vamos encontrar as meninas ‘burnout’ com larga liderança, na seguinte ordenação:

F-burnout (.788) > M-burnout (.494) > F-jock (.380) > M-jock (.281)

Segundo Eckert, as diferenças entre M-burnouts e M-jocks, no caso do alçamento extremo, não são estatisticamente significativas (NB: os cálculos para esta afirmação não são fornecidos no texto) e, assim sendo, são as meninas ‘jock’ que ocupam a última posição. Para Eckert, a grande diferença de comportamento entre F-jock e F-burnout se deve à sujeição, por parte das primeiras, às normas socialmente aceitas e esperadas, em termos do comportamento feminino e, por parte das últimas, pela rejeição a estas mesmas normas. Contudo, esta explicação fica um pouco enfraquecida pela ausência das evidências para se colocar as meninas ‘jock’ na última posição na ordenação acima. Na hipótese de a interpretação dada estar correta, permanece uma pergunta: qual é o significado social que o grupo ‘burnout’ está construindo, particularmente as meninas, através, principalmente, do alçamento extremo do núcleo de (ay)? Para responder a esta pergunta, Eckert se vale da noção de ‘comunidade de prática’, caracterizada como um agregado de pessoas que se juntam em torno de um objetivo comum. Esta atividade conjunta em torno de um objetivo comum acaba gerando ‘modos de se fazer as coisas’, modos de falar, crenças e valores, tudo isto formando o conjunto de *práticas*. Esta noção serve, portanto, para identificar uma população em termos de práticas sociais, nas quais os traços lingüísticos se encaixam. Assim, o significado social da variação se forma *dentro* da comunidade de prática. O uso real das variáveis lingüísticas é parte da prática das comunidades, e é aí que elas adquirem significado social. Sua propagação não se dá, pois, de pessoa para pessoa; as variáveis são incorporadas e manipuladas pelas

comunidades de prática na construção do significado local. Para confirmar suas idéias sobre a relação entre variação lingüística e comunidade de prática Eckert se vale de dois conjuntos de fatos. O primeiro conjunto se refere a temas culturais marcantes na identificação do grupo 'burnout': pouca importância dada à escola; amigos e inimigos; categorias sociais; brigas e o fato de ficar fora de casa a noite toda sem o conhecimento dos pais. Nas entrevistas em que estes temas culturais aparecem Eckert notou um aumento no uso das formas extremas de alçamento do núcleo de (ay), *mesmo na fala lenta* (muito embora o texto não forneça tabelas comparativas para que o leitor possa apreciar o alcance da afirmação feita). O segundo conjunto se refere ao uso interacional do alçamento extremo. Nestes casos, Eckert notou que a maioria destas formas extremas (novamente, nenhuma tabela comparativa é dada para isto) ocorreu sob acento enfático, com palavras e frases que correspondiam a momentos particularmente dramáticos nas narrativas. Nestes casos, o tópico da discussão se revestia de um conteúdo cultural claro para os 'burnouts'.

O texto de Eckert, mesmo sem algumas tabelas cruciais para comparações, fornece indícios de um processo de construção de uma identidade 'burnout', um tipo de prática na qual as variáveis desenvolvem um significado social, numa linha muito parecida com o que se pode ver no texto de Kroch sobre o dialeto da classe alta de Filadélfia. É interessante observar, também, a semelhança entre a abordagem de Eckert e aquela desenvolvida pelos Milroy em Belfast.

O quarto texto da primeira parte é de Raymond Mougéon & Édouard Beniak, *Social Class and Language Variation in Bilingual Speech Communities*. Trata-se de um texto bastante interessante por colocar a questão da variação/mudança lingüística em um contexto bilíngüe, investigando o impacto que o bilingüismo, o contato e o uso lingüísticos têm na estratificação social e na mudança lingüística. Para tanto, os autores partem de dois pontos já estabelecidos na literatura sociolingüística: (a) quando a variação lingüística envolve uma variante padrão e uma não-padrão, numa situação estável, observa-se a estratificação social da fala (cf. Labov, 1966), numa correlação direta entre status social alto e freqüências altas da variável padrão (e, inversamente, uma correlação direta entre status social mais baixo e maior incidência de formas não-padrão); (b) quando a variação lingüística envolve mudança, o fator *classe social* desempenha um papel importante no surgimento das inovações lingüísticas, que se difundem gradualmente através do espectro social (cf. Guy, 1989). A partir destas duas âncoras, os autores se propõem mostrar os vários modos pelos quais tanto a estratificação social da fala quanto

a mudança lingüística podem ser afetados pelo contato intenso do francês com o inglês e pelas restrições impostas à alocação funcional do francês numa comunidade bilíngüe no Estado de Ontario, Canadá. Em termos de contato lingüístico, o que temos, no caso estudado, é uma minoria de fala francesa numa região dominada pelo inglês. Estes falantes do francês, além disso, estão sujeitos a restrições funcionais severas, seja pela falta de escolarização em francês, o que afeta as gerações mais velhas, seja pela mudança em direção ao inglês nos domínios sociais privados, por parte das gerações mais jovens. Segundo os autores, estes dois fatores relativos às restrições funcionais acabam por obscurecer a estratificação social. O que os autores procuram entender, portanto, é a interação entre o contato maciço com o inglês e as restrições impostas ao francês, por um lado, e o fator *classe social*, por outro lado, no surgimento e na difusão de mudanças lingüísticas no francês do Ontario.

Os informantes utilizados na composição do corpus examinado são adultos (caracterizados pela pouca escolarização em francês (mas não necessariamente na mesma proporção) e pelo uso do francês em casa e em outros domínios informais) e adolescentes (caracterizados por terem sido expostos à escolarização em francês desde o jardim de infância (mas não necessariamente com o mesmo volume de exposição), diferenciando-se, contudo, quanto ao uso do francês em situações informais, variando desde aqueles que usam unicamente o francês nestas situações até aqueles que limitam o uso do francês ao contexto escolar).

As variáveis lingüísticas examinadas são 3: (1) ditongação de vogais longas, *la rose* [rowz] vs. [rouúz], um processo não-padrão no francês de Montreal ; (2) possessivo em *à* vs. possessivo em *de*, *le char à mon père* vs. *l'auto de mon père* ; (3) *vas* vs. *vais* na 1ª pessoa do presente do indicativo, *je vas à Montréal* vs. *je vais à Montréal*.

No caso da ditongação das vogais longas, os autores observaram que a maioria dos adultos com alto índice de ditongação era constituída por aqueles cuja escolarização se deu apenas parcialmente em francês, fato que não transpareceu na diferenciação destes mesmos adultos em termos de classe social. Portanto, não é o tempo de escolarização e, sim, o tempo de escolarização *em francês* que tem conseqüências no uso da variante ditongada; quanto menor o tempo, maior a incidência de ditongação, o que mostra que a restrição funcional devida à escolarização deixa marcas na variação em questão.

O segundo tipo de restrição funcional imposta ao francês - a sua substituição, por parte dos adolescentes, pelo inglês nos domínios sociais

privados - é examinada em termos da variação envolvendo o possessivo em *à* (não-padrão) vs. o possessivo em *de* (padrão). Dividindo os adolescentes em 3 grupos, *irrestritos*, *semi-restritos* e *restritos*, conforme o grau de utilização, maior ou menor, do francês nos domínios sociais privados, e subdividindo cada um destes 3 grupos em 3 classes sociais, média, média-baixa e trabalhadora, os autores observaram que: (a) entre os irrestritos e os semi-restritos existe a estratificação social encontrada em comunidades monolíngües, com o decréscimo de *à* da classe média-baixa para a classe trabalhadora (na classe média não há, na verdade, nenhuma ocorrência de *à*, o que indica um alto nível de saliência sociolingüística associado a esta variável); (b) quando a alternância entre *à* e *de* é vista em termos do grau de restrição ao uso do francês, observa-se a ausência completa de *à* no grupo restrito, independentemente das diferenças de classe (o que mostra como as restrições funcionais ao uso do francês podem alterar a estratificação social da fala); (c) a ausência, não prevista, de *à* entre os adolescentes de classe trabalhadora do grupo restrito se explica pela restrição funcional (e não em termos de classe social), uma vez que para o grupo restrito o uso do francês se limita à escola, um ambiente formal no qual não cabe a variante não-padrão. O que este caso sugere é que a limitação do uso de uma língua minoritária a contextos formais como a escola pode contribuir para a eliminação de variações estáveis antigas, tornando-se, assim, um desencadeador de mudanças.

O passo seguinte consiste do exame de alguns casos de surgimento de novas variantes. No caso de línguas minoritárias, o que se observa é o surgimento de variantes morfologicamente mais regulares e semanticamente mais transparentes do que as já existentes, sendo que estas inovações surgem entre aqueles falantes que mostram um grau significativo de restrição quanto ao uso de línguas minoritárias.

O que se conclui do exame destes casos é que, como afirmam os autores, o contato lingüístico e as restrições funcionais se mostram como sendo as causas externas principais de vários tipos de inovações e mudanças lingüísticas, e que o fator classe social desempenha um papel secundário no surgimento destas mudanças. Para os autores, as mudanças que podem ser observadas nas comunidades bilíngües podem ser radicais e definitivas, uma vez que elas se justificam no fenômeno da restrição acentuada ao uso da língua minoritária ou no contato lingüístico intenso, dois processos que podem assumir proporções catastróficas (palavras dos autores). Estas idéias, aliás, estão em ressonância com as idéias expostas por Trudgill em seu texto (cf. também o texto de Haeri, a seguir).

O quinto texto desta primeira parte é de autoria de Niloofar Haeri, “*Why do women do this?*” *Sex and Gender Differences in Speech*. No trabalho de Labov (cf. Labov, 1972 e 1990) destaca-se o papel das mulheres na mudança lingüística, com a observação de que, para várias mudanças, elas estão na dianteira dos homens. E Labov se pergunta: por que elas agem assim? A resposta que Labov avança para sua própria pergunta (1972:302) tem um caráter especulativo, conforme ele mesmo salienta, e sugere que as mulheres estão na liderança por uma questão de postura expressiva, que é mais apropriada socialmente para um sexo do que para o outro. Pois é exatamente esta pergunta que o texto de Haeri retoma, numa tentativa de se avançar um pouco mais na questão. O propósito de Haeri é o de desenvolver a noção de *postura expressiva*, conceituando-a como o resultado da interação entre as diferenças de fala determinadas pelo sexo e a estrutura social. Para Haeri, as diferenças físicas na fala das mulheres acabam envolvidas na construção de diferenças sociais, assumindo um valor icônico. Resta saber como é que esta iconicidade e a estrutura social produzem diferenças expressivas.

A partir do exame de 19 processos variáveis, oriundos de diferentes comunidades, 13 dos quais envolvendo a *anteriorização* da variável e 6 envolvendo sua *posteriorização*, Haeri observa que as mulheres lideram 12 dos 13 primeiros, enquanto os homens lideram 5 dos 6 últimos. Portanto, uma generalização pode ser feita aqui: a anteriorização exibe um valor icônico “feminino”, enquanto a posteriorização exibe um valor icônico “masculino”. Assim, pode-se dizer que a postura expressiva feminina se dê através da anteriorização, enquanto que a postura expressiva masculina se dê através da posteriorização. Esta generalização se sustenta em duas bases diferentes: a primeira, mais óbvia, diz respeito às diferenças anatômicas entre os tratos vocais dos homens e das mulheres, cujas diferenças de tamanho acabam produzindo, para as vogais, diferenças acústicas acentuadas entre as falas dos dois sexos. Vários estudos fonéticos confirmam isso (cf. Mattingly, 1966; Fant, 1973). Contudo, as diferenças encontradas nos estudos sociolingüísticos ultrapassam aquilo que poderia ser atribuído às diferenças no trato vocal. Assim, Haeri usa uma segunda base para sustentar sua generalização, fundamentada em convenções lingüísticas e arquétipos de sexo, que são culturalmente determinados. Conforme afirma Haeri, as diferenças anatômicas provocam construções sociais que, por sua vez, estimulam uma certa manipulação destas mesmas diferenças.

Para justificar esta sua segunda base, de caráter menos óbvio, Haeri analisa dois processos correntes no árabe do Cairo. No primeiro deles, temos

a *faringalização*, um fenômeno gradiente, que vai da faringalização zero até graus cada vez mais fortes de recuo da língua em direção à faringe, na produção dos chamados fonemas ‘enfáticos’ do árabe, /T, D, S, Z/. A faringalização é um caso de posteriorização que, segundo estudos anteriores (cf. Royal, 1985), tem as suas realizações mais fortes significativamente associadas à fala dos homens, que utilizam estas realizações mais fortes para parecerem mais durões. Já os casos de faringalização fraca (ou mesmo ‘zero’) se associam à fala das mulheres e também à fala das classes média-alta e alta. Portanto, as faringalizações mais fortes se transformam numa postura expressiva associada aos homens (em oposição às mulheres) e, em especial, aos homens que não pertencem às classes mais altas.

O segundo processo analisado é o da *palatalização* de /t, tt, T, d, dd, D/ diante de /y, i/, claramente um fenômeno de anteriorização. Também aqui estamos diante de um fenômeno gradiente que, em sua versão fraca, resulta numa fricção adicionada à oclusão e, em sua versão forte, resulta numa africada. Este processo está claramente associado às mulheres (.77) e não aos homens (.18). No caso da palatalização mais fraca, o processo é liderado pelas mulheres da classe média alta, seguidas pelos homens desta mesma classe, constituindo-se, assim, numa postura expressiva com marcas *feminina* e *classe alta*. No caso da palatalização forte, por outro lado, o processo é liderado pelas mulheres da classe média baixa que, num certo sentido, retomaram o processo de palatalização, levando-o de fricção adicionada a africada. É interessante, e importante, observar que, no caso da palatalização forte, as mulheres da classe média alta não estão seguindo as mulheres da classe média baixa. Se o valor icônico fosse apenas *feminino*, isto seria um mistério mas, aqui, outro fator, *classe social*, também controla o processo. Note-se ainda a relação estreita entre algumas características da classe média alta e as características femininas (cf. também o texto de Kroch, mencionado anteriormente).

O texto de Haeri mostra, portanto, que os processos de anteriorização e posteriorização são baseados em diferenças anatômicas que, por sua vez, interagem com a estrutura social, não podendo ser explicados unicamente em termos de valores icônicos fundamentados em diferenças de sexo.

Embora bastante interessante, a análise de Haeri deixa sem explicação alguns casos mencionados no próprio texto, como a palatalização de /t, d, s, z/ diante de /yu/ em Sydney (fenômeno que também ocorre no inglês americano em palavras como *tune*). Além disso, há casos que não são contemplados, como, por exemplo, os casos que envolvem cancelamento. Quais seriam as

expectativas aqui? Estes casos não tiram o mérito do texto de Haeri. Ao contrário, estimulam a pesquisa em termos da questão inicial levantada por Labov: por que as mulheres agem assim?

O sexto trabalho desta primeira parte é de autoria de Claude Paradis, *Interactional Conditioning of Linguistic Heterogeneity*. Paradis retoma em seu texto uma das técnicas desenvolvidas por Labov, a entrevista sociolingüística. Para Paradis, a entrevista sociolingüística, enquanto técnica de elicitación de dados, tem limitações, uma vez que ela apenas se aproxima da produção lingüística encontrada nas interações naturais.

O objetivo de Paradis, em seu texto, consiste em estabelecer uma correlação direta entre a natureza dos dados sociolingüísticos e a natureza de quatro entrevistas, diferenciadas em termos do tipo de contexto interacional de cada uma delas. Os dados lingüísticos se referem à produção de vogais envolvidas num processo de variação e mudança no francês canadense de duas cidades (Chicourtimi e Jonquière) do Québec.

O corpus utilizado consiste de 12.000 vogais acentuadas, analisadas acusticamente, provenientes da fala de 43 falantes nativos do francês, classificados por idade, sexo e classe social.

O quadro conceitual utilizado se vale de alguns conceitos básicos como o *princípio da cooperação*, que rege qualquer interação verbal. O nível de cooperação estabelecido pode variar de acordo com o modo pelo qual os interlocutores (entrevistador e entrevistado) avaliam a situação de interação. Um dos fatores envolvidos nesta avaliação é o ambiente psicológico da interação (aquilo que Hymes, 1972, chama de *scene*). Goffman (1967) define este ambiente psicológico em termos das noções de *line* - um padrão de ações verbais e não-verbais que expressa o modo como alguém percebe uma situação e, a partir daí, avalia os participantes, especialmente a si mesmos - e de *face* - o valor social positivo que alguém reivindica para si mesmo, em termos da postura que os outros supõem que ele tomou durante a interação. A idéia básica aqui é a de que os valores sociais são construídos durante as interações, através de pedidos e respostas, verbais e não-verbais. Manter a *face* é, pois, uma condição para se conduzir uma interação.

Durante as entrevistas conduzidas nas duas cidades, foram observadas interpretações e avaliações contextuais variadas por parte dos entrevistadores e dos entrevistados, o que resultou numa grande diversidade de padrões (ou

lines). As questões levantadas por Paradis foram: (a) é possível determinar, com base nas pistas lingüísticas e extra-lingüísticas, quais são os padrões de ação (*lines*) apresentados pelos interlocutores e, conseqüentemente, que valores sociais (*face*) cada um está reivindicando para si mesmo?, e (b) em caso positivo, é possível correlacionar a fala de um entrevistado aos padrões (*line*) que estão sendo sustentados pelos participantes, estabelecendo-se o nível de significância desta correlação? Para Paradis, ambas as questões devem ser respondidas afirmativamente, e é isto que ele procura sustentar no restante de seu texto, examinando mais detidamente as entrevistas de 4 informantes do sexo masculino, com idades de 29, 32, 33 e 35 anos, todos eles de classe média-média e com empregos de prestígio (engenheiro, dentista, médico e diretor de programação de estação de rádio, respectivamente), sendo que todos eles foram entrevistados por uma mesma entrevistadora.

As hipóteses que orientaram a análise foram três: (1) Os quatro informantes, socialmente semelhantes, não interagem do mesmo modo com a entrevistadora que, por sua vez, não mostra o mesmo comportamento, verbal e não-verbal, de entrevista para entrevista; (2) O tipo de fala usado por cada interlocutor é uma função da *line* e da *face* que cada qual sustenta ou reivindica; (3) A *line* sustentada e a *face* reivindicada por cada entrevistado pode ser inferida diretamente da *line* sustentada pela entrevistadora em cada situação. *Line* e *face* são, assim, construídas durante a interação, podendo variar, para um mesmo falante, de um contexto interacional para outro.

Para diferenciar as interações, nas quatro entrevistas selecionadas, Paradis se vale de uma série de pistas, ligadas ao conceito de *deferência* (cf. Goffman, 1967): *tomada de turno* (quanto maior a participação do entrevistador, menor a diferença de *face* entre entrevistador e entrevistado); *uso do 'hum' fático* (quanto maior o seu uso, maior o envolvimento com a fala do entrevistado); *formas de tratamento* (*tu* → relação mais próxima, solidariedade - *vous* → relação menos próxima, não-solidariedade entre entrevistador e entrevistado); e outras. Nas quatro entrevistas temos, então, um *rapport* diferenciado envolvendo entrevistadora e entrevistado, sendo uma entrevista de *rapport* alto, uma de *rapport* baixo e duas de *rapport* intermediário.

Na análise acústica das vogais em questão fica claro, no texto de Paradis, que há uma correlação estreita entre as diferenças envolvendo o segundo formante destas vogais e as diferenças entre as entrevistas. Na entrevista de *rapport* maior (menos formal) as vogais são mais centralizadas; já na entrevista de *rapport* menor (mais formal) as vogais são mais periféricas, estando as

vogais das outras duas entrevistas, de *rapport* médio, numa posição intermediária no espaço fonológico.

Se Paradis está certo, então podemos dizer que a entrevista sociolingüística não se presta ao controle que estamos acostumados a atribuir a ela, uma vez que as interações não são governadas unicamente por seus objetivos, mas também, ou principalmente, pelo *rapport* que os interlocutores desenvolvem e mantêm. Esta crítica, em termos gerais, tem sua razão de ser; mas, convém lembrar, Labov sempre sugeriu que os dados obtidos nestas entrevistas podem, e devem, ser suplementados por dados de outras fontes. Além disso, as entrevistas sociolingüísticas permitem que se colem dados que sejam comparáveis, o que nem sempre ocorre quando os dados são obtidos apenas nas observações casuais.

O texto de Paradis é, sem dúvida, estimulador. É possível que os conhecimentos já acumulados na área da análise conversacional, por exemplo, nos permitam reformular as técnicas de entrevista sociolingüística, o que nos permitiria utilizar um paradigma analítico mais interessante, semelhante àquele utilizado pelos Milroy em Belfast.

O sétimo texto desta primeira parte é de autoria de Crawford Feagin, *Peaks and Glides in Southern States Short-a*. O tema do texto é o polêmico *short-a* do inglês, que tem feito muita tinta correr há muitos anos. Na variedade de inglês do Norte dos Estados Unidos o *short-a* pode ser alçado, [Q > E[◌] > i[◌]], refletindo uma mudança já antiga na região e diferenciando esta variedade das demais variedades do inglês. Mas, segundo Feagin, a pronúncia do *short-a* é um fenômeno ainda mais complexo nos Estados do sul dos Estados Unidos. No sul o *short-a* é freqüentemente longo; pode ser um monotongo; pode ser uma vogal seguida de um *glide* anterior; pode ser uma vogal seguida de um *glide* central; ou pode ser um tritongo. E, segundo Feagin, investigadores diferentes, trabalhando com falantes diferentes, acabaram por relatar situações diferentes para o *short-a*. Labov (1989), por sua vez, sugere que o *short-a* cindiu-se em três fonemas diferentes, / Q / ; / Qⁱ / e / Q[◌] / . Feagin, por sua vez, diz que o fenômeno, embora complexo, pode ser resolvido através de uma abordagem cuidadosa, reduzindo a aparente confusão a um padrão. É esta, portanto, a intenção de Feagin: esclarecer a questão de uma vez por todas.

Os dados examinados por Feagin são retirados das entrevistas com 10 informantes brancos da localidade de Anniston, Alabama, divididos igualmente por *sexo*, *idade* e *classe social*, sendo que cada um deles forneceu entre 150 e

200 casos de *short-a*. Os pontos de interesse são: (1) a realização fonética do *short-a*; (2) os diferentes tipos de *glide* encontrados com o *short-a*, o contexto de cada um deles e o papel do ritmo no seu aparecimento. Feagin observa, de início, que o desenvolvimento das variedades do inglês do norte e do sul não é semelhante. No norte o contato do inglês se deu com línguas européias, enquanto que no sul ele se deu com línguas africanas. Além disso, há, entre as duas variedades, diferenças profundas que afetam a pronúncia do *short-a* (como, por exemplo, o fato de o *short-a* e um /l, r, m, n/ seguinte serem tautossilábicos no norte mas não no sul).

No caso de Anniston os casos encontrados são os seguintes: monotongo [Q]; ditongo com *glide* anterior [Q¹]; ditongo com *glide* central [Q[◀]]; núcleo acompanhado de dois *glides*: [Q^{1◀}:] ~ [¹Q¹Y◀◀]. Quando se considera apenas a qualidade do núcleo da vogal encontramos sete realizações: [Q]; três variantes alçadas [E], [e] e [i]; e três variantes posteriorizadas [a], [l] e [ã]. Estas seis últimas variantes são de ocorrência reduzida, sendo que as três variantes alçadas estão confinadas a umas poucas palavras, em que *can't, after, had, Dad(dy)* e *that('s)* lideram (e, aqui, Feagin omite qualquer tipo de comentário em termos de difusão lexical...). Embora a ditongação do *short-a* seja um fenômeno comum a todas as variedades do inglês americano, a ditongação com *glide* anterior é restrita ao inglês dos estados americanos do sul.

Concentrando-se, num primeiro momento, na ditongação do *short-a*, Feagin considera os efeitos estruturais que favorecem este processo, concluindo que: (a) a ditongação só acontece em sílabas fechadas; (b) é altamente favorecida pelos segmentos sonoros, podendo-se ver que nos ambientes onde a variedade do norte alonga o *short-a* a variedade do sul o ditonga (muito embora o maior efeito seja dado pelo /k/, no geral o vozeamento me pareceu ser o maior efeito favorecedor da ditongação); (c) os tipos de *glide*, anterior ou central, estão numa espécie de distribuição complementar em termos de seus ambientes favorecedores; (d) os *glides* complexos não apresentam nenhum favorecimento segmental significativo para seu aparecimento, sendo, contudo, favorecidos nas sílabas que contêm um alongamento extra combinado com acento tônico, e mais característicos da fala das mulheres do que da fala dos homens; (e) é favorecida por traços prosódicos como a extensão da palavra (monossílabos > dissílabos > trissílabos > tetrassílabos > pentassílabos) combinada com o ritmo (stress timed) de fala.

Em termos dos condicionamentos não-estruturais para a ditongação, as conclusões de Feagin são: (a) o fenômeno é mais característico das mulheres

do que dos homens, principalmente entre os velhos; (b) a diferença entre os jovens é pequena, o que pode indicar uma mudança no sentido da obliteração da diferença entre os sexos; (c) a ditongação está se caracterizando como um marcador social, relacionado à classe trabalhadora; (d) trata-se de um fenômeno urbano (vs. rural) ou de um fenômeno recente (Feagin não se decide aqui).

No que se refere ao alçamento, as conclusões de Feagin são: (a) o fenômeno é liderado pelas meninas da classe trabalhadora; (b) é favorecido nas palavras *can* (v.) > *after* > *Daddy*; (c) trata-se de um caso de '*change from below*'; (d) é desfavorecido pelos jovens da classe alta, o que Feagin explica em termos de uma orientação em direção a um padrão não-local; (e) trata-se de um fenômeno incipiente, que pode indicar uma mudança em seus estágios iniciais.

O texto de Feagin apresenta muitos problemas. O número de informantes utilizados na pesquisa me pareceu pequeno para o volume de detalhes que o texto pretendeu analisar. Além disso, não me pareceu que o texto esclareceu os pontos complexos e obscuros que ele pretendia esclarecer. Por exemplo, a maior parte das afirmações sobre os correlatos sociais dos fenômenos examinados são inconclusivas. Aliás, a própria Feagin reconhece (pg. 154) que é preciso investigar mais os problemas tratados. Outro ponto que mereceria atenção da autora se refere à qualidade de suas tabelas. Algumas são de interpretação muito difícil (e.g.m, Table 1, pg. 139), enquanto que outras trazem dados que não respaldam o texto que se segue (e.g.m Table 9, pg. 153). Feagin também deixa de explorar o modelo difusionista como alternativa de explicação para alguns casos que ela mesma aponta sobre o alçamento do *short-a*. Para finalizar, pareceu-me que o texto de Feagin deveria ter sido colocado na segunda parte da coletânea, uma vez que seu ponto forte (?) é a análise estrutural do *short-a*.

O oitavo e último texto da primeira parte da coletânea é de autoria de Junko Hibiya, *Denasalization of the Velar Nasal in Tokyo Japanese: Observations in Real Time*. Hibiya retoma o quadro proposto por Weinreich, Labov & Herzog (1968) e analisa a variável (ng) do japonês de Tóquio, onde um processo de desnasalização levou [-N-] a [-ŋ -] em posição interna de palavra. Uma vez que esta variável mostra uma correlação significativa com o fator idade, Hibiya se pergunta se se trata de um fenômeno de age-grading ou de um caso de mudança sonora.

Hibiya inicia seu texto referindo-se a dois estudos anteriores. No primeiro deles, foi possível mostrar que para os informantes de idade entre 12 e 24 anos

esta mudança já estava completada, com [-N-] subsistindo apenas entre os informantes mais velhos. No segundo estudo, de sua própria autoria, Hibiya (1988) mostrou que uma estratificação etária ainda estava presente entre 62 informantes analisados, com idade entre 14 e 81 anos, em que os informantes mais jovens apresentavam mais ocorrências de [-g-] do que os informantes mais velhos. Para responder à questão colocada, Hibiya se vale de quatro fontes extremamente confiáveis, mostrando que a mudança que levou [-N-] a [-g-] teve início em Tóquio entre os falantes nascidos nas décadas de 1910 e 1920. Com isto, temos evidência de tempo real, que confirma a desnasalização de [-N-] em [-g-] como um caso de mudança que está se completando na geração mais jovem de hoje.

O texto de Hibiya é um ótimo exemplo de como se utilizar de fontes históricas para montar um argumento para mudança lingüística de termos da evidência de tempo aparente, o que nem sempre é fácil.

A segunda seção da coletânea é composta por textos voltados para os aspectos estruturais da variação e mudança lingüísticas, aspectos estes que têm como referência as propostas contidas na obra de Labov. Conforme já foi acentuado antes, são as preocupações de natureza estrutural que constituem o cerne da obra de Labov, cujo objetivo sempre foi o de entender a estrutura e a evolução lingüística. Neste quadro, Labov pode ser apontado como sendo o responsável por inúmeras propostas conceituais e metodológicas (por exemplo, a natureza sistemática da variação, a noção de variável lingüística, as regras variáveis e a análise quantitativa, entre outros).

Esta segunda seção é, ao mesmo tempo, brilhante e problemática. Dos textos que a compõem, quatro lidam com fenômenos de mudança lingüística, um lida com a variação lingüística, enquanto que o último tenta mostrar as vantagens de um certo tipo de dados (ou tipos específicos de fonologias) para o funcionamento mais preciso de um sistema de reconhecimento automático de fala.

Outro ponto a ser destacado é que nem sempre os textos são de fácil leitura, seja pelos dados lingüísticos que são considerados, de línguas pouco acessíveis (hebraico, inglês antigo e sueco antigo), seja pelos aspectos técnicos pouco conhecidos envolvidos em alguns deles (e.g., automatic speech recognition). Mas é também nesta seção que encontramos os maiores problemas de edição de toda a coletânea, que acabaram escapando ao revisor,

complicando ainda mais a leitura. Felizmente, é também nesta seção que encontramos dois textos que se utilizam de dados do português brasileiro, sendo ambos textos brilhantes.

O primeiro texto da segunda seção é de autoria de Charles Ferguson, *Variation and Drift: Loss of Agreement in Germanic*. A partir da observação inicial de que as línguas germânicas têm se alterado, desde o Proto-Germânico (PG), trocando uma estrutura gramatical relativamente sintética por uma estrutura relativamente analítica, Ferguson nota que a morfologia flexional teria ficado cada vez mais simples, com grande redução no fenômeno da concordância gramatical. Esta mudança estrutural ao longo dos séculos é classificada por Ferguson como uma espécie de deriva.

Trabalhando dentro do quadro desenvolvido por Weinreich, Labov & Herzog (1968), Ferguson retoma duas questões lá colocadas: (1) por que acontece uma mudança num traço estrutural, numa língua particular, numa determinada época, sendo que o mesmo não acontece em outras línguas que apresentam o mesmo traço, ou nesta mesma língua em época diferente?, e (2) como é que uma dada mudança histórica adquire nova significância quando vista como parte de uma tendência de longo termo?

Concentrando-se na perda gradual da concordância gramatical, Ferguson nos remete ao inglês e ao sueco, examinando a concordância Sujeito/Verbo e a concordância das formas adjetivais fortes e fracas dentro da frase nominal, fenômenos estes que se estruturavam de forma bastante complexa no PG. O sueco perdeu todos os traços de concordância (pessoa e número) entre o Sujeito e o Verbo, mantendo um número reduzido, porém sólido, de contrastes entre as declinações forte e fraca do adjetivo. O inglês, por sua vez, perdeu todos os traços deste contraste (presentes no inglês antigo), retendo, porém, a marca de concordância nas formas verbais do Presente do Indicativo com sujeito de 3PS, (-s).

O caso da concordância Sujeito/Verbo é tratado através de dois processos de redução. No primeiro, há uma convergência de formas (no inglês antigo as diferentes formas do plural convergem na forma da 3PP do PG; no sueco convergem as formas do singular numa única forma, baseada na forma da 2PS do PG (contrariando as expectativas em termos de marcação e naturalidade, já que o plural é mais marcado que o singular...), com redução, em ambos os casos, do número das formas verbais distintas e do número das categorias envolvidas. O segundo processo de redução tomou caminhos diferentes nas

duas línguas. No inglês houve uma fusão das vogais átonas em que /a, o, u, e/ > /e/ [«], seguida de duas inovações inesperadas: (a) *-th* > *-s* nas terminações verbais, e (b) limitação de *-s* à 3PS². A mudança (a), que veio do norte para o sul, é uma mudança ‘natural’ já que *th* é mais marcado que *s*. Já no caso da mudança (b) temos uma construção marcada, não-natural, assumindo o status de padrão, constituindo-se numa espécie de anomalia. Na verdade este padrão ‘anômalo’ concorreu com outros dois, muito mais naturais: ausência de marca em todas as formas ou presença de marca em todas as formas. Para Ferguson, o padrão atual é resultante do espraiamento do padrão dos dialetos centrais, acrescido da mudança de *-th* em *-s*. No caso do sueco, houve primeiro uma fusão das formas do plural, seguida pela substituição destas mesmas formas pelas formas do singular já no século 17.

No caso das formas adjetivais, uma inovação não-esperada começa já no PG: cada adjetivo apresentava uma declinação forte, ligada a FN’s indefinidas e com um número maior de formas distintas, e uma declinação fraca, ligada a FN’s definidas e com um número menor de formas distintas. Esta era uma forma de marcar a definitude, tendo precedido o surgimento do artigo definido em PG. No inglês estas diferenças desapareceram devido a três tendências: (1) fusão das vogais átonas; (2) perda e regularização das terminações, conduzindo a um contraste relativamente uniforme entre singular e plural; e (3) perda do sistema de gênero. Posteriormente o [«] final foi eliminado, igualando as formas de singular e plural nas duas declinações. No sueco houve (1) perda e fusão de algumas terminações flexionais; e (2) redução na categoria de gênero, permanecendo, contudo, o contraste entre formas fortes e fracas, com *-a* para todas as formas fracas e, nas formas fortes, *-f* (gênero comum), *-t* (neutro) e *-a* (plural).

A partir do exame dos casos comentados acima, Ferguson tece uma série de considerações de natureza teórica. Em primeiro lugar, é preciso que as teorias morfológicas consigam fornecer explicações satisfatórias para os vários tipos de deriva. A deriva morfológica tende a ser simplificadora, mas há casos de ‘complicação’. Dois exemplos disso são a criação das declinações adjetivais forte e fraca no PG e a criação do sufixo *-s* na 3PS do Presente do Indicativo em inglês. Ferguson observa também que as línguas de simplificação lenta, como o islandês e o faroês, são línguas de pouquíssimo contato com outras línguas. Já as línguas como o inglês e o sueco, que aceleraram suas simplificações,

² Esta discussão fica um pouco difícil de ser seguida devido a falhas na Tabela 1 de Ferguson (pg. 175), que escaparam ao revisor. Passo, portanto, ao leitor as formas corretas para o Presente do Indicativo do verbo *bindan* : 1PS *binde*; 2PS *bindest*; 3PS *bindeth*; 1, 2 e 3 PP *bindath*.

fizeram isso em períodos de contato com o francês normando e o médio baixo alemão, respectivamente. Note-se aqui que estas propostas de Ferguson encontram ressonância nas propostas encontradas nos textos de Trudgill e Mougeon & Beniack, e se baseiam no aprendizado imperfeito por parte dos bilíngües parciais.

Com relação às inovações não-esperadas (como o -s do inglês), elas parecem seguir a mesma rota das inovações naturais, iniciando-se num grupo social, em alguns estilos de fala e, daí, propagando-se para outros contextos. O caso do inglês pode ser caracterizado, portanto, como uma marca de identidade de grupo, um marcador sociolingüístico.

Remetendo às questões iniciais, o texto de Ferguson deixa claros três pontos: (a) as derivas se caracterizam por uma multiplicidade de mudanças aparentemente separadas; (b) estas diferentes mudanças interagem entre si, alimentando-se mutuamente e fundindo-se umas com as outras; e (c) são fenômenos de longo termo. Na verdade, as derivas só poderão ser bem compreendidas se abordadas por estudos variacionistas cuidadosos.

O segundo texto da segunda seção é de autoria de Fernando Tarallo, *Turning Different at the Turn of the Century: 19th Century Brazilian Portuguese*. Trata-se de mais um texto brilhante - infelizmente o último! - produzido por Tarallo, cujo objetivo é o de demonstrar a existência de diferenças gramaticais importantes entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB), diferenças estas que se revelam mais claramente no final do século 19 e início do século 20, sugerindo a emergência de uma sintaxe diferenciada no PB³.

O quadro teórico que orienta o texto de Tarallo tem um caráter propositalmente híbrido, combinando a noção de *encaixamento lingüístico* e o *princípio uniformitário* da lingüística laboviana (cf. Weinreich, Labov & Herzog (1968); Labov (1972, 1982 e 1987) com o quadro chomskyano de *princípios e parâmetros*, nos termos propostos por Tarallo e Kato (1989).

Para demonstrar o ponto pretendido, Tarallo considera quatro mudanças ocorridas no PB: (1) rearranjo no sistema pronominal, com o surgimento de objetos nulos e aumento na freqüência de ocorrência de sujeitos lexicais; (2)

³ Uma versão algo diferente do texto em questão chegou a ser publicada em 1993 (cf. Tarallo, 1993). Outras versões deste mesmo texto, em inglês e em português, também chegaram a circular entre os lingüistas brasileiros.

mudança nas estratégias de relativização, em função das mudanças no sistema pronominal; (3) reorganização nos padrões básicos da ordem de palavras, com a emergência de uma ordem SVO predominante e a fixação do princípio de adjacência na marcação do caso acusativo, e (4) mudança no padrão da ordem das palavras em perguntas diretas.

O texto de Tarallo mostra que essas quatro mudanças não foram fenômenos isolados. Em termos estruturais elas mostram uma clara interação (cf. texto de Ferguson), numa relação *feeding*, o que acaba conduzindo a uma certa coincidência temporal entre elas. E é exatamente este feixe de mudanças que mostra como o PB estava se diferenciando do PE no final do século XIX, da seguinte maneira: (a)- passando de *+pro-drop* para *-pro-drop*; (b)- tornando mais rígida a ordem SVO e (c)- aumentando o escopo das regras de cancelamento, às custas das regras de movimento.

Há dois pontos, contudo, que precisam ser apontados aqui. O primeiro deles se refere à base quantitativa para as afirmações qualitativas de Tarallo: boa parte dos casos analisados compara dados da escrita com dados da fala. Já que não podemos recuperar dados da fala dos séculos passados, por que não se utilizou, também, de dados escritos de textos recentes? Isto teria fortalecido consideravelmente a análise. O segundo caso se refere à conclusão de que o PB estaria passando de *+pro-drop* para *-pro-drop*. A discussão aqui envolve a própria noção de mudança paramétrica utilizada, que não é compartilhada por outros pesquisadores de inclinação gerativista. Para este caso, remeto o leitor ao texto de Nicolau (1997).

Os textos 3 e 4 da segunda seção devem ser considerados em conjunto, uma vez que, retomando uma proposta inicial de Labov, acabam chegando a conclusões diferentes.

O terceiro texto é de Gregory R. Guy, *Form and Function in Linguistic Variation*. A pergunta básica que este texto pretende responder é: qual é a relação entre forma lingüística e função comunicativa? Para esta pergunta há duas respostas possíveis: (a)- existe uma relação entre função e forma, em que a primeira determina a segunda, ou (b)- função e forma são independentes entre si: as estruturas formais e os processos gramaticais operam independentemente dos usos funcionais ou comunicativos.

Trazendo o problema para o âmbito da sociolingüística, Guy se coloca a seguinte pergunta: a variação e a mudança lingüística são restringidas por

fatores funcionais? A resposta de Guy a esta pergunta é a de que os mecanismos formais de produção lingüística não estão sujeitos a condicionamentos funcionais, embora a utilidade funcional da linguagem esteja preservada, a longo prazo, pela interação entre a produção variável e os processos normais de percepção e aquisição. Ou seja, em termos de produção, a natureza do fenômeno é puramente formal, mas as considerações funcionais afetam a percepção e a aquisição. Para provar seu ponto, Guy se vale de fenômenos variáveis, do inglês e do português, uma vez que com dados variáveis se torna possível examinar se as posições formal e funcional fazem previsões diferentes, testando-as sob vários ângulos.

O pano de fundo para a discussão de Guy é o trabalho de Kiparsky (1982), em termos da proposta da Condição de Distintividade (CD). Para Kiparsky (a)- a CD bloqueia a aplicação de regras nos ambientes em que estas poderiam apagar distinções morfológicas na superfície; (b)- algumas categorias são mais resistentes à obliteração do que outras (por exemplo, *Tense* e *Número* são categorias resistentes, enquanto que *Caso* é uma categoria fraca). O ponto mais relevante aqui é o seguinte: a CD é compensatória? Labov (1972:223) escreve:

"It is important to note that in the course of language evolution, change does go to completion, and variable rules have become invariant. When this happens, there is inevitably some other structural change to compensate for the loss of information involved".

Contudo, é exatamente esta idéia de mudança compensatória que Guy pretende rejeitar (ao contrário de Steiner, no texto 4), sob a alegação de que este tipo de fenômeno estaria na contramão do espírito neogramático e da visão modular da gramática. Examinando três casos de variação (t/d-deletion no inglês, o cancelamento do -s e a desnasalização de átonas finais no português brasileiro) Guy aponta que todos eles se qualificam como fenômenos interessantes para o exame dos efeitos funcionais - se existirem -, uma vez que nestes casos os processos atingem marcadores morfológicos, obliterando oposições.

No caso do inglês, é bem conhecido o fato de que a regra de cancelamento de t/d atinge menos freqüentemente as formas nas quais t/d é a única marca de passado (casos como *walked*, *missed*), do que aquelas em que t/d não é a única marca de passado (casos como *kept* > *kep'*, *left* > *lef'*). Este fato poderia confirmar a CD, uma vez que alvos com peso funcional mais alto se

mostrariam mais resistentes ao cancelamento do que aqueles de peso funcional mais baixo. Guy, porém, reanalisa estes fatos num outro quadro, diferenciando formas como *walked* e *missed* de formas como *kept* e *left* em termos puramente formais (dentro do modelo da fonologia lexical), mostrando que é a forma morfológica que condiciona a aplicação da regra de cancelamento, e não a diferença funcional entre os dois conjuntos. Para comprovar sua análise, Guy compara formas idênticas que têm peso funcional diferente, o Passado e o P. Passado do inglês. Numa abordagem funcionalista iríamos prever que o cancelamento seria favorecido pelas formas do P. Passado, enquanto que pela abordagem formal iríamos prever que não haveria nenhuma diferença entre os dois casos, em termos de cancelamento. E é exatamente isto que acontece: nenhuma diferença significativa entre as taxas de cancelamento nos dois casos.

Voltando-se para os fatos do português (seções 3, 4 e 5), Guy chega à mesma conclusão: a explicação formal se mantém não só nos casos em que uma explicação funcional se mantém, mas também nos casos em que esta última não funciona (ou funciona às custas de formulações defeituosas).

Mas se os efeitos funcionais não contam para a produção, onde é que eles se manifestam? Afinal, todas as línguas conseguem evitar disfunções generalizadas, e se a CD não consegue restringir a produção, como é que podemos recuperar o irrecuperável? A resposta de Guy é: *não podemos*; parte dos casos são, de fato, “casos perdidos”. Contudo, os fatores funcionais atuam, segundo Guy, na aquisição e na percepção. Na percepção, como alguns casos não são ouvidos, o único afetado é o ouvinte e o máximo que pode acontecer são alguns casos leves de má comunicação. Por outro lado, estes casos perdidos têm efeito na aquisição. Aí, as crianças em fase de aprendizado se guiam através dos casos que elas percebem. Assim, são construídas gramáticas nas quais a CD é, ou parece ser, verdadeira. A hipótese de Guy é a de que os princípios da GU não permitem a construção de restrições funcionais à variação, mas os aprendizes procurarão construir mecanismos formais que satisfaçam as funções necessárias que são percebidas.

As conclusões de Guy são, no mínimo, instigantes, ou seja: os falantes podem, eventualmente, violar a CD, mas as gramáticas criadas pelos aprendizes procurarão garantir a CD, adaptando, para esta finalidade, qualquer mecanismo formal, permitido pela GU, que preserve a funcionalidade. Se Guy está certo - e seu texto é realmente convincente - há mais a ser pesquisado na querela entre formalistas e funcionalistas.

O quarto texto é de autoria de Richard Steiner, *The History of the Ancient Hebrew Modal System and Labov's Rule of Compensatory Structural Change*, e tem como ponto de partida a mesma citação de Labov apresentada em relação ao texto de Guy. Steiner, contudo, chega a uma conclusão diferente daquela de Guy, argumentando a favor de uma mudança estrutural compensatória no hebraico.

Os fatos nos quais Steiner se baseou são, resumidamente, os seguintes: havia, no Proto Semítico Ocidental, do qual o hebraico é um rebento, uma distinção trinária no Imperfeito, envolvendo as formas do Indicativo, do Jussivo e do Subjuntivo. No hebraico pré-bíblico esta oposição trinária é substituída por uma oposição binária na qual as formas do Jussivo e do Subjuntivo se fundem, dando origem ao Volitivo, opondo-se às formas do Indicativo. Posteriormente, outras mudanças aconteceram, culminando na eliminação da oposição entre o Indicativo e o Volitivo em todas as pessoas, exceto na 1ª (Singular e Plural), dando origem ao sistema do hebraico bíblico. Acontece, porém, que as formas da 2ª PSmasc., 3ª PSmasc. e 3ª PSfem. permaneceram distintas no Indicativo X Volitivo para uma parte dos verbos (verbos fracos e verbos na voz ativa causativa⁴), numa situação muito parecida àquela envolvendo casos como *keep X kep'* no inglês (considerando-se a regra de cancelamento de t/d). Contudo, no hebraico dos manuscritos do Mar Morto, nem estas distinções conseguiram sobreviver, surgindo o Imperfeito (Indicativo + Volitivo).

No hebraico moderno, porém, houve uma reversão deste *status quo*, através de uma mudança estrutural compensatória que refez a oposição entre o Indicativo Futuro (X irá) e o Volitivo Futuro (oxalá X vá). Esta mudança estrutural compensatória constou, basicamente, de uma reestruturação do sistema de TENSE, com as formas do Imperfeito marcando o Volitivo Futuro e, por outro lado, sendo o Indicativo Futuro marcado por outras formas (Particípio, Construções Perifrásticas e algumas formas do Imperfeito). Ou seja, quando a necessidade foi criada, outras formas vieram resgatar a distinção entre o Indicativo e o Volitivo.

O texto de Steiner comprova, em princípio, a idéia de Labov, e se coloca em oposição às idéias de Guy. Como as divergências entre formalistas e funcionalistas não devem ser encaradas como questão de fé, penso que os textos de Steiner e Guy podem nos servir de estímulo para discussões mais proveitosas. Afinal, ambos os autores conhecem bastante o assunto do qual estão tratando.

⁴ Ou verbos *Hif'il*, conforme está no texto, o que dificulta a vida do leitor.

O quinto texto desta seção é de Malcah Yaeger-Dror, *Phonetic Evidence for the Evolution of Lexical Classes: The Case of a Montreal French Vowel Shift*. Trata-se de um texto que lida com os princípios de mudança vocálica estabelecidos em LYS (1972), focalizando um caso do francês de Montreal, onde as vogais médias longas, que são instáveis, são examinadas em termos de seu condicionamento lexical no que se refere à sua dispersão no espaço fonético. O pano de fundo para a discussão deste caso é o trabalho de Labov (1981), no qual se aceita que alguns tipos de mudança vocálica tenham um caráter difusionista, avançando gradualmente pelo léxico, sem condicionamento fonológico. Nestes casos, há uma cisão numa classe de palavras, com algumas palavras mudando numa outra direção, enquanto as outras permanecem onde estavam. Yaeger-Dror se concentra nos casos que ela denomina de exceções lexicais (aquelas palavras que lideram a mudança de classe ou aquelas que resistem à mudança quando a maioria das palavras já mudou de classe). O caso examinado envolve o rebaixamento das vogais médias longas do francês de Montreal, onde (E:), (O: / ɛ) e (O: / ɪ:) estão mudando de [e:ː, o:ː, o:ː], que são pronúncias ditongadas variáveis mais antigas, para as formas mais recentes [ɔ:ː, a:ː, a:ː], respectivamente. Estas mudanças seriam, na perspectiva de Labov (1981), mudanças de natureza neogramática, uma vez que acontecem dentro de uma mesma subclasse de vogais. Além disso, segundo Labov, quando temos uma “change from below” - e é este o caso em questão - a mudança é mais “natural” e menos propensa a mostrar condicionamento lexical. Contudo, após uma análise perceptual e uma análise acústica, Yaeger-Dror mostra que há um condicionamento lexical que complica a regularidade neogramática pressuposta para este caso. Por exemplo, no caso de (E:) a palavra *guerre* apresenta um percentual de não-rebaixamento de 61% entre os homens e 33% entre as mulheres, enquanto que a palavra *terre* apresenta um percentual de não-rebaixamento de 28% entre os homens e 0% entre as mulheres! Fica claro que as mulheres lideram (e, em alguns casos, já completaram) o processo de rebaixamento. Mas fica claro, também, que algumas palavras, como *terre*, já migraram para outra classe, enquanto que outras palavras, como *guerre*, são mais conservadoras. A mesma diferença pode ser vista, em relação ao não-rebaixamento, em pares como:

(jɛ:) <i>reglacière</i>	(M- 80% ; F-83%)	<i>enfermière</i>	(M-13% ; F-0%)
(ɛ:)re <i>père</i>	(M- 71% ; F- 30%)	<i>paire</i>	(M- 36% ; F- 9%)
(ɔ:)r <i>encore</i>	(M- 95% ; F- 95%)	<i>corps</i>	(M- 44% ; F-27%)

entre outros. O texto de Yaeger-Dror acaba sugerindo algo que já foi proposto anteriormente (cf. Oliveira, 1991): todas as mudanças são, em seu estágio

inicial, lexicalmente condicionadas, embora possamos ter efeitos regulares (neogramáticos) a longo prazo.

Em seguida Yaeger-Dror se volta para a questão mais complicada de todas: o que é que pode influenciar o condicionamento lexical, i.é, o que é que expõe ou protege uma palavra em relação a uma mudança? Tentando responder a esta pergunta, Yaeger-Dror descarta, como fatores condicionantes do rebaixamento das vogais médias longas, a frequência da palavra e a sua etimologia. A sugestão de Yaeger-Dror, como fator condicionante, vai na direção do campo semântico, uma sugestão, aliás, já antecipada em Krishnamurti (1978), num texto não mencionado pela autora.

O texto de Yaeger-Dror é bastante interessante. Ele coloca em foco, novamente, o modelo da Difusão Lexical como alternativa para se entender a mudança lingüística. Muito embora Labov (1981) tenha tentado acomodar os dois modelos de mudança, o neogramático e o difusionista, seu trabalho mais recente (cf. Labov, 1994) faz uma opção clara pelo modelo neogramático. O caso tratado por Yaeger-Dror não oferece apenas uma abordagem alternativa; oferece, isto sim, uma abordagem necessária já que o modelo neogramático e as previsões de Labov (1981) acabam não se sustentando internamente.

O último texto da segunda seção é de Philip Franz Seitz e Matthew Lennig, *Phonological Rule Set Complexity in a Very Large Vocabulary Word Recognition System*. Trata-se de um texto que toma como problema básico a construção de sistemas de reconhecimento automático de fala (SRAF). Neste caso, qual é a função de um lingüista? Que tipo de informação ele pode fornecer para que um sistema deste tipo funcione com mais eficácia? Concentrando-se nos dicionários dos SRAF, os autores consideram duas possibilidades: ou o dicionário é montado em termos de palavras completas, ou ele é montado em termos de unidades menores do que as palavras. No primeiro caso, o sistema se torna extremamente custoso se o vocabulário considerado for grande. Já no segundo caso temos o problema oriundo da variação de pronúncia das palavras, que deverão ser adequadamente especificadas por mais de uma seqüência de unidades (menores do que as palavras). Para tanto, será necessária uma fonologia que estabeleça os conjuntos destas unidades menores que representem palavras, envolvendo dois estágios: (1)- a especificação das formas básicas para a pronúncia das palavras, a partir das quais as variantes de pronúncia possam ser derivadas por regra, e (2)- a especificação das *regras fonológicas* que derivem as variantes de pronúncia, e somente elas. Estes dois estágios caracterizam o componente fonológico de

um SRAF, que nos dará, em princípio, as formas de superfície. O dicionário, por sua vez, consistirá destas formas de superfície, de sua representação ortográfica e do mapeamento de uma na outra.

Voltando-se para a questão propriamente lingüística, a pergunta dos autores é a seguinte: qual é o tipo de componente fonológico adequado à construção de um SRAF? E para responder a esta pergunta, os autores consideram 3 tipos de componentes fonológicos. Os 3 são idênticos em termos de suas formas básicas, diferindo na quantidade de detalhes que as regras fonológicas incorporam. No primeiro, as formas básicas são mapeadas nas formas de superfície; no segundo, as principais variações de pronúncia são especificadas; e no terceiro, o nível de detalhe das variações de pronúncia é máximo. No primeiro caso não há regras; no segundo caso trabalha-se com 4 regras; no terceiro caso trabalha-se com 11 regras. A partir de um experimento que foi conduzido pelos autores, foi possível constatar que, no geral, não havia diferença entre os 3 modelos em termos do reconhecimento de palavras. Contudo, quando os erros foram observados, constatou-se que a diferença crucial se situava entre o primeiro modelo (forma básica = forma de superfície) e os outros dois. Descartado o primeiro modelo, e não havendo diferenças significativas em termos dos resultados obtidos pelos modelos 2 e 3, os autores concluem que o componente fonológico de um SRAF deve levar em conta apenas as variações mais importantes (no caso do inglês, (a) a fusão entre / A / e / I / ; (b) a redução de vogais átonas a [<] em sílabas iniciais; (c) / tr / ⇒ [tSr] e / dr / ⇒ [dZr] ; (d) Æ ⇒ [y] diante de / u / precedido de consoante apical ou palatal, e.g. [tun] ~ [tyun]), desprezando os outros casos (listados na pg. 299).

O texto em questão mostra qual é o papel do lingüista em áreas como a da construção de SRAF. E mais, sugere um tipo específico de lingüista, aquele voltado para o exame de dados que não excluam a variação.

A terceira seção da coletânea é dedicada ao estudo do Inglês Afro-Americano (IAA) e dos crioulos de base inglesa. Nesta seção, todos os textos retomam pontos desenvolvidos por Labov, seja em termos de seus trabalhos sobre o IAA, principalmente as questões envolvendo a cópula, seja em termos de suas propostas teóricas, colocadas em vários pontos de sua obra. Esta seção, embora pequena, demonstra, como as anteriores, a importância do trabalho de Labov, que acaba servindo, inclusive, como ponto de partida para novas áreas dentro da lingüística (cf. texto de Baugh).

O texto de abertura é de Derek Bickerton, *The Origins of Variation in Guianese*, que tem como ponto de partida o trabalho de Weinreich, Labov & Herzog (1968). A idéia principal, da qual Bickerton parte, é a de que a variação sincrônica e a mudança diacrônica estão intimamente relacionadas, sendo que a variação sincrônica muitas vezes reflete algum tipo de mudança. Uma das primeiras preocupações de Bickerton era, exatamente, a de explicar o enorme volume de variação encontrado no crioulo da Guiana, variação esta que poderia ser vista como uma espécie de continuum que ia desde uma variedade muito próxima do inglês padrão (exceto por algumas nuances fonológicas) até variedades radicalmente diferentes e incompreensíveis para um falante do inglês padrão. Este continuum foi objeto de estudo de Bickerton em vários trabalhos importantes publicados na década de 70 (cf. Bickerton, 1971, 1973 e 1975). Nestes estudos, seguindo o modelo proposto em Weinreich, Labov & Herzog (1968), Bickerton havia analisado a grande variação no continuum como sendo resultante de uma série de eventos históricos envolvendo, de um lado, o crioulo, diferente e separado do inglês e, de outro lado, o inglês. Falantes do crioulo, estimulados pela mobilidade social, iriam mudando sua fala, em graus diferenciados, na direção do modelo estabelecido pelo inglês. Outros estudiosos, como DeCamp (1971), também pensavam do mesmo modo, o que acabou originando um modelo explanatório no qual o continuum era gerado, por assim dizer, de baixo para cima, do crioulo inicial, basilectal em direção ao inglês, resultando numa forma acroletal, descrioulizada.

No texto que estamos focalizando aqui, Bickerton propõe uma revisão radical deste modelo inicial, prevendo a criação do continuum de cima para baixo. Na verdade, a semente desta idéia se encontra no trabalho de Alleyne (1971). Basicamente, o quadro teria sido o seguinte: no estágio inicial de colonização, os escravos, que eram a minoria da população, teriam estado em melhores condições de aprender a língua dominante (o inglês); levas subsequentes de escravos teriam tido um contato cada vez menor com os padrões, aprendendo a língua de segunda mão, com outros escravos; os escravos acabaram se tornando, eventualmente, a maioria da população. Resumindo, se o modelo anterior previa a existência de uma forma basilectal que se formou primeiro, seguida da formação de formas mesoletais que, por sua vez, foram seguidas de formas acroletais, o novo quadro de Bickerton prevê a criação inicial de uma forma acroletal, seguida da formação de uma forma mesoletal e, por fim, a formação de uma forma basilectal. Os primeiros escravos teriam aprendido razoavelmente bem a estrutura do inglês, o que teria servido de *input* para seus filhos, que desenvolveram as primeiras variantes acroletais do crioulo da Guiana. Daí em diante, cada geração teria

como *input* uma forma mais distanciada do inglês, gerando as variantes mesoletais e, finalmente, as variantes basiletais.

Há uma série de fatos que apontam para a superioridade do novo modelo. Por exemplo, o novo modelo explica melhor o fato de a criação do continuum ter se dado em período tão curto (50 anos ou menos). Ele explica melhor, também, fatos estruturais que são um mistério no modelo tradicional, como a distribuição de *did* e *doz* do crioulo da Guiana que, sendo atribuídos ao empréstimo direto do inglês, não mostram distribuição semelhante nas duas línguas. Mas a evidência mais forte para a superioridade do novo modelo vem de estudos sobre os crioulos do francês nas ilhas Maurício e Reunião. Nas ilhas Maurício, os falantes nativos do francês superaram numericamente os escravos por pouco tempo, cerca de 7 anos, enquanto nas ilhas Reunião os falantes nativos do francês superaram numericamente os escravos por cerca de 50 anos e, como resultado, temos nas ilhas Maurício uma língua muito mais diferenciada do francês, em termos estruturais, do que nas ilhas Reunião (cf. Baker & Corne, 1982). A estes casos, Bickerton acrescenta ainda outras evidências provenientes do crioulo do Suriname.

O texto de Bickerton é um ótimo exemplo da integração entre evidência lingüística e evidência sócio-histórica para a análise dos fenômenos lingüísticos, um fato freqüentemente apontado no trabalho de Labov. A isto podemos acrescentar o fator aprendizado, ligando este texto ao texto de Trudgill.

O segundo texto da terceira seção é de autoria de Peter L. Patrick, *The Urbanization of Creole Phonology: Variation and Change in Jamaican (KYA)*. A variável (KYA) indica a presença, no Crioulo Jamaicano (CJ) de um glide palatal após uma consoante velar inicial /k-, g-/, quando seguida de uma vogal baixa /a, aa/ numa sílaba acentuada, em posição inicial de palavras de até 3 sílabas. (KYA) só ocorre diante de vogais que são, hoje, um reflexo de vogais que, no séc. XVII eram *baixo* e *anterior*. Muito embora o CJ tenha fundido /a/ e /I/ em /a/, a palatalização só se aplica naquelas palavras que continham /a/ no inglês do final do séc. XVII. Assim, *cat* /kyat/ e *cot* /kat/ só se distinguem pela palatalização no CJ. As questões que Patrick levanta são as seguintes: (1) Falantes do CJ que ocupam pontos diferentes do continuum utilizam-se dos mesmos mecanismos lingüísticos para distinguir as classes de palavras? (2) (KYA) é fonologicamente distintivo para todos os falantes? (3) No caso de (KYA) ser redundante ou obsoleto para alguns falantes, ele é utilizado para uma mudança lingüística socialmente motivada? (4) Qual é

a relação entre as considerações funcionais que possam envolver traços lingüísticos e o uso destes traços para marcar distinções sociais?

Após uma breve discussão da história do (KYA) e de uma descrição sociolingüística de dois falantes (Rose, de orientação urbana, e Tamas, de orientação rural), Patrick apresenta uma análise de comportamento lingüístico destes falantes em termos de seis variáveis. Esta análise nos mostra uma diferença entre eles que é apenas quantitativa: Rose e Tamas apresentam em suas falas os mesmos traços do CJ, embora Rose os apresente em menor proporção. Ou seja, ambos se valem de uma mesma gramática, mas não a utilizam do mesmo modo.

Quanto ao processo de palatalização (KYA), tanto Rose quanto Tamas o aplicam na mesma classe de palavras, a classe-*a*, mas nunca em palavras da classe-*o*. Contudo, a maneira com que ambos utilizam o espaço fonológico não é a mesma: uma análise acústica revelou que Rose mantém as duas classes de palavras muito bem separadas quando se considera a vogal, enquanto Tamas 'mistura' as vogais das duas classes (classe-*a* e classe-*o*) num mesmo espaço fonológico. Assim, enquanto Rose produz formas como /kyat/ 'cat' e /kl:l/ 'call', Tamas produz /kyat/ e /ka:l/. Já nos casos em que a palatalização é variável, como diante de -*r*, em palavras como *cart*, Rose nunca palataliza, enquanto Tamas palataliza quase sempre (92%). Ou seja, (KYA) é um processo comum a todos os falantes do CJ, mas é usado em contextos diferentes conforme o ponto do continuum do CJ em que o falante se localize.

Estabelecidas as propriedades estruturais da palatalização, em termos de sua localização no continuum do CJ, Patrick se volta para os casos onde a variação é possível, valendo-se, para tanto, dos dados de 14 informantes. Os informantes em questão mostram variação na utilização de (KYA) em palavras da classe /a:/ (*broad-a*, como em *can't*, e /a:/ seguido de -*r*, como em *cart*). Patrick nos mostra que, nestes casos, (KYA) funciona como veículo de uma mudança lingüística socialmente motivada, estando a variação ligada a uma questão de orientação (*rural vs. urbana*, a este propósito, cf. texto de Eckert), e não a diferenças de classe. A orientação urbana deve ser entendida em termos de ambição social, alimentada pela educação, pelo meio urbano e pela fala de prestígio, sendo tudo isso favorecido pelos jovens. Dada uma orientação urbana forte, (KYA) vai cedendo lugar a formas sem palatalização, principalmente diante de -*r*, em que (KYA) é estigmatizado.

O texto de Patrick é importante na medida em que nos alerta para outras possibilidades de se caracterizar os correlatos sociais da variação lingüística.

Basicamente, ele nos mostra que a definição utilizada para se caracterizar o status social nos centros urbanos norte-americanos, baseada em ocupação, educação e renda, nem sempre pode ser transportada para outras realidades.

Os textos 3 e 4 desta seção, *Copula Variability in Jamaican Creole and African American Vernacular English: A Reanalysis of DeCamp's Texts*, de autoria de John R. Rickford, e *Contraction and Deletion in African American Vernacular English: Creole History and Relationship to Euro-American English*, de Ralph W. Fasold & Yoshiko Nakano, respectivamente, tratam da questão da cópula no IAA.

O texto de Rickford analisa a cópula no CJ e no IAA, tomando como ponto de partida os dados contidos nos textos de DeCamp (1960) para o CJ. Rickford focaliza a questão da ausência da cópula e mostra que o IAA e o CJ são muito mais parecidos a esse respeito do que anteviam as análises anteriores de Holm (1976, 1984), o que o leva a concordar com a hipótese de que o IAA seja uma forma descrioulizada de um crioulo anterior, tipologicamente semelhante ao CJ. O texto de Rickford é um ótimo exemplo de um princípio que Labov sempre repetia em suas aulas: qualquer análise quantitativa deve se basear numa análise qualitativa prévia que esteja livre de problemas de categorização. Assim, retomando as análises de Holm sobre os dados de DeCamp, Rickford nos mostra que algumas das classificações de Holm estavam equivocadas e que, corrigidos os erros de classificação, o quadro antevisto por Holm fica muito mais claro em termos das semelhanças entre o CJ e o IAA quanto à ausência da cópula. As palavras finais de Rickford resumem bem a sua mensagem: “...we cannot afford to neglect fundamental issues about how to define and count tokens of our variables, or we may see oases which turn out to be mirages, and we miss mountains that are literally staring us in the face”.

O texto de Fasold & Nakano retoma a questão da contração e cancelamento de *be* no IAA. Conforme é sabido, a análise minuciosa que Labov (1969, 1972) faz do fenômeno prevê que o cancelamento das formas *is* e *are* seja precedido de sua contração, sendo várias as evidências oferecidas para esta proposta. A análise de Labov possibilitou, também, algumas generalizações sobre este processo. E são exatamente estas generalizações que os autores retomam para discutir a análise de Labov. As generalizações em questão são as seguintes: (1) o cancelamento de *are* no Inglês Euro-Americano (IEA) do sul dos Estados Unidos é uma consequência da vocalização de *are*; (2) as restrições gramaticais à contração e ao cancelamento

no IAA são, em conjunto, idênticas às restrições impostas à contração na variedade não-padrão no IEA (principalmente quando se trata do ambiente seguinte a *be*); (3) o cancelamento de *is* e *are* é impossível no IAA exatamente em que a contração é impossível no IEA, e (4) a contração é favorecida por uma vogal precedente enquanto que o cancelamento é favorecido por uma consoante precedente.

A generalização (1) foi questionada por Wolfram (1974), mostrando-se insustentável. A generalização (2) foi alvo de uma reanálise por parte de Romaine (1982). Romaine propõe uma análise alternativa na qual as formas ausentes são, simplesmente, ausentes, como num crioulo, e não derivadas por cancelamento. As formas contraídas, por outro lado, resultam de um processo de contração, aplicado a formas plenas que, por sua vez, teriam sido inseridas. Portanto, onde Labov tem contração > cancelamento, Romaine tem inserção > contração. Fasold & Nakano não decidem por uma ou outra análise, de modo taxativo (muito embora tentem argumentar, num exercício de ginástica de possibilidades, em favor da análise de Labov), mas admitem que a proposta de Romaine enfraquece um pouco a generalização (2). As generalizações (3) e (4), por outro lado, não foram questionadas. Os autores mostram, contudo, que não há, para o ambiente gramatical seguinte a *is/are* (cf. generalização (2)), nenhuma hierarquia interna clara para a contração. Na verdade, os cálculos de regressão do programa Varbrul acabaram descartando este grupo de fatores por não contribuir significativamente no processo de contração, o que alinha o IAA com os crioulos.

O texto de Fasold & Nakano é, na verdade, uma comprovação da exatidão da análise que Labov fez deste fenômeno, análise esta que Rickford considera “a high point in his (Labov’s) career...”. E, de fato, o é.

O último texto desta seção - e do livro - é de autoria de John Baugh, *Dimensions of a Theory of Econolinguistics*. O título parece um tanto pomposo mas há razões para isso: Baugh, de fato, propõe algo novo e importante na lingüística.

Baugh propõe as bases para uma teoria da econolingüística, um novo campo de investigação que se situa entre, e se beneficia de, uma teoria econômica e uma teoria lingüística. Este campo de investigação se fundamenta em dois pontos básicos (e universais, segundo Baugh), freqüentemente negligenciados: (1) o comportamento lingüístico (fala e letramento) é um bem econômico e o seu uso indevido tem um impacto direto nas possibilidades

econômicas futuras do indivíduo, e (2) o desenvolvimento lingüístico e o letramento são substancialmente determinados por circunstâncias sociolingüísticas.

Baugh argumenta que as categorias sociais comumente utilizadas na sociolingüística (sexo, idade, educação, ocupação, raça) não são adequadas para um diagnóstico sociolingüístico e propõe que se leve em conta, também, a história lingüística do informante. Baugh classifica, então, os falantes em três categorias lingüísticas: (a) falantes nativos do inglês padrão; (b) falantes nativos de uma forma não-padrão do inglês, e (c) falantes que não têm o inglês como língua nativa. Como as pesquisas educacionais demonstram que os falantes do tipo (a) têm mais sucesso na escola do que os outros dois, Baugh propõe que sejam procuradas as correlações entre as variedades lingüísticas dos indivíduos e outros aspectos de sua situação social.

Em seu texto, Baugh retorna aos informantes que ele havia entrevistado há 10 ou 12 anos, em Los Angeles, todos eles falantes do IAA (categoria (b)), com o objetivo de investigar a relação entre o desempenho e o desenvolvimento lingüísticos destes informantes e suas atividades econômicas. Quatro destes informantes são utilizados no texto de Baugh, com foco nos dados relativos à *variação na cópula* e à *negação não-padrão*. A questão a ser respondida era a seguinte: até que ponto a variação entre os afro-americanos corresponde ao seu *status* econômico? As evidências fornecidas por Baugh mostram uma relação inversa entre o envolvimento de um afro-americano com a cultura dominante (branca) e a sua utilização dos traços do IAA. É interessante observar aqui uma passagem do texto de Baugh (pg. 412): “*It is important to note that if we had continued to examine the entire group of informants collectively, we would have masked the econolinguistic variation that is the primary object of these analyses*”. Esta passagem mostra, claramente, que o indivíduo é uma variável independente, e que a alegada homogeneidade do grupo, conforme quer Labov, pode acabar escondendo fatos importantes. Uma análise de grupo *nunca* teria fundamentado a proposta maior de Baugh (cf. Oliveira, 1992).

Baugh, ele mesmo um falante nativo do IAA e defensor da idéia de que os estudos lingüísticos desempenham um papel central no combate aos preconceitos contra as minorias, tira em seu texto algumas implicações sociais e educacionais muito importantes. Suas idéias, de fato, entram em ressonância, em vários pontos, com as idéias de Bourdieu (1991) e Coulmas (1992).

Uma palavra final: a grande variação temática dos textos contidos no

volume resenhado refletem a, e se ancoram na, imensa obra de Labov. Dificilmente encontraremos alguém que tenha lidado, em lingüística, com tanta variedade de assuntos, e que o tenha feito com tanta competência. Neste sentido, o volume resenhado faz justiça ao trabalho de Labov.

(Recebido em junho de 1999. Aprovado em agosto de 1999)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEYNE, M. (1971) "Acculturation and the cultural matrix of creolization". In: HYMES, D. (1971) pp. 169-186.
- ANDERSEN, H. (1988) "Center and periphery: Adoption, diffusion and spread". In: FISIÁK, J. (1988) pp. 39-83.
- BAKER, P. & C. CORNE (1982) *Isle-de-Frande Creole*. Ann Arbor, MI: Karoma.
- BAUMAN, R. & J. SHERZER (eds.) (1974) *Explorations in the Ethnography of Speaking*. New York: Cambridge University Press.
- BICKERTON, D. (1971) "Inherent variability and variable rules". In: *Foundations of Language* 7:457-492.
- _____. (1973) "On the nature of a creole continuum". In: *Language* 49: 640-669.
- _____. (1975) *Dynamics of a Creole System*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BOURDIEU, P. (1991) *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Polity.
- COULMAS, F. (1992) *Language and Economy*. Oxford: Basil Blackwell.
- DECAMP, D. (1960) "Four Jamaican creole texts with introduction, phonemic transcriptions and glosses". In: Robert B. LE PAGE & David DECAMP, 1960, pp. 128-179.
- _____. (1971) "Towards a generative analysis of a post-creole community". In: HYMES, D. (1971) pp. 349-370.
- FANT, G. (1973) *Speech Sounds and Features*. Cambridge: MIT Press.
- FASOLD, R. W. & D. SCHIFFRIN (eds.) (1989) *Language Change and Variation*. Philadelphia: John Bejamins.
- FISIÁK, J. (ed.) (1988) *Historical Dialectology*. Berlin: Mouton.
- GOFFMAN, E. (1967) *Interaction Ritual: Essays on face-to-face behavior*. Garden City N.Y.: Anchor.
- GUMPERZ, J. & D. H. HYMES (eds.) (1972) *Directions in Sociolinguistics: The ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- GUY, G. R. (1989) "Language and social class". In: NEWMAYER, F. J. (1989), pp. 37-63.
- HIBIYA, J. (1988) *A Quantitative Study of Tokyo Japanese*. Tese de doutorado.

- University of Pennsylvania.
- HOLM, J. (1976) "Copula variability on the Afro-American continuum", Turkeyn: University of Guiana.
- _____. (1984) "Variability of the copula in Black English and its creole kin". In: *American Speech* 59 (4): 301-309.
- HYMES, D. H. (ed.) (1971) *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1972) "Models in the interaction of language and social life". In: GUMPERZ, J. & D. HYMES (1972) pp. 35-71.
- _____. (1974) "Ways of speaking". In: BAUMAN, R. & J. SHERZER (1974), pp. 433-452.
- KRISHNAMURTI, B. (1978) "Areal and lexical diffusion of sound change". *Language*. 54: 1-20.
- KIPARSKY, P. (1982) *Explanation in Phonology*. Dordrecht: Foris.
- KROCH, A. (1978) "Toward a theory of social dialect variation". In: *Language in Society* 7. 17-36.
- LABOV, W. (1966) *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics.
- _____. (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____. (1981) "Resolving the Neogrammarian controversy". In: *Language* 57: 267-308.
- _____. (1982) "Building on empirical foundations". In: LEHMANN, W. & Y. MALKIEL (1982) pp. 17-92.
- _____. (1989) "The exact description of a speech community: Short *a* in Philadelphia". In: FASOLD, Ralph W. & Deborah SCHIFFRIN (1989) pp. 1-57.
- _____. (1990) "The intersection of sex and social class in the course of linguistic change". In: *Language Variation and Change* 2: 205-254.
- _____. (1994) *Principles of Linguistic Change, Volume I: External Factors*. Oxford: Blackwell.
- LABOV, W., M. YAEGER & R. STEINER (1972) *A Quantitative Study of Sound Change in Progress*. Philadelphia: U.S. Regional Survey.
- LABOV, W. "The overstimulation of functionalism", in: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.), *Functionalism in Linguistics*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co., pp. 311-332, 1987.
- LE PAGE, R. B. & D. DE CAMP (eds.) (1960) *Jamaican Creole (Creole Language Studies I)*. London: Macmillan.
- LEHMANN, W. P. & YAKOV MALKIEL (eds.) (1968) *Directions for Historical*

- Linguistics*. Austin: The University of Texas Press.
- _____. (1982) *Perspectives on Historical Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins.
- MATTINGLY, I. (1966) "Speaker variation and vocal-tract size". In: *Journal of the Acoustical Society of America* **39**, pp. 12-19.
- MILROY, James. (1982) "Phonological 'normalisation' and the shape of speech communities". In: Romaine, Suzanne (1982) pp. 35-47.
- _____. (1992) *On the Social Origins of Language Change*. Oxford: Blackwell.
- MILROY, L. (1980) *Language and Social Networks*. Oxford: Blackwell.
- NEWMAYER, F. J. (ed.) (1989) *Linguistics: The Cambridge Survey. Vol. 4. Language: The Socio-cultural Context*. Cambridge: Cambridge University Press.
- NICOLAU, E. (1997) "Resultados de análises quantitativas da representação do sujeito no PB: indícios de uma nova gramática?". In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Ano 6, Número 5, pp. 23-64. Belo Horizonte: FALE/UFMG.
- OLIVEIRA, M. A. de (1991) "The Neogrammarian controversy revisited". In: *International Journal of the Sociology of Language*. Berlin, vol. **89**, pp. 93-105.
- _____. (1992) "Aspectos da difusão lexical". In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Ano 1, Número 1, pp. 31-41, Belo Horizonte:FALE/UFMG.
- ROBERTS, I. & M. A. KATO (orgs.) (1993) *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- ROMAINE, S. (ed.) (1982 a) *Sociolinguistic Variation in Speech Communities*. London: Edward Arnold.
- _____. (1982 b) *Sociohistorical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ROYAL, A.-M. (1985) *Male/Female Pharyngealization Patterns in Cairo Arabic: A sociolinguistic study of two neighborhoods*. Austin: University of Texas at Austin.
- TARALLO, F. (1993) "Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: Roberts, Ian & Mary A. Kato (1993) pp. 69-102.
- TARALLO, F. & M. A. KATO (1989) "Harmonia Trans-sistêmica: Variação intra- e inter-lingüísticas. In: *Preedição* **5**, 41 pp., Campinas: UNICAMP.
- WEINREICH, U., W. LABOV & M. HERZOG (1968) "Empirical foundations for a theory of language change". In: LEHMANN, W. & Y. MALKIEL (1968) pp. 97-188.
- WOLFRAM, W. (1974) "The relationship of white southern speech to Vernacular Black English". In: *Language* **50**: 498-527.

RESENHA/REVIEW

SHARPLES, M. (1999) *How we write. Writing as creative design*. London and New York : Routledge. Páginas xv + 224.

Resenhado por/by Francisco Gomes de MATOS
(*Universidade Federal de Pernambuco*)

Na vasta bibliografia em língua inglesa, este livro constitui um marco na história da aprendizagem-ensino-pesquisa da comunicação escrita ou da *redação*, se preferirmos o termo tradicional, mais frequente no Brasil. Ao contrário do que é típico desta área – os autores são professores de língua materna ou de segunda língua — o criador deste inspirador volume é professor de “Education Technology Research Group, School of Electronic and Electrical Engineering” na Universidade de Birmingham, Inglaterra. Ainda pouco conhecido entre os especialistas brasileiros que se dedicam à fascinante problemática da produção textual, Sharples tem a seu crédito outros livros importantes: *Cognition, Computers and Creative Writing* (1985) e, com Thea van der Geest (Eds), *The New Writing Environment. Writers at work in a world of technology* (1996).

HWW tem 3 Partes: *Writing in the head* (3 capítulos), *Writing with the page* (6 capítulos) e *Writing in the world* (3 capítulos). A diversidade temática pode ser constatada pelos títulos de alguns capítulos : The nature of writing, Constraint and creativity, Writing as design, Writing images, Writing together; Media slip, dynatext, hypermedia and the docuverse. Há ,também, 73 Figuras e 7 Quadros. Dentre aquelas, destacaríamos : The cycle of engagement and reflection in writing, Model of writing as design, My original outline for this book. Um dos Quadros focaliza Motivation and writing; outro, diz respeito a Properties of writing technologies.

Significativamente, o conceito-chave “writer “ é objeto de atenção em dois capítulos:

Becoming a writer (mais extenso: 24 pp) e 8. Being a writer(17 pp.) . A aprendizagem redacional compartilhada (ing. Collaborative writing) constitui o foco do capítulo 11. No fim do livro, antes do Índice, em lugar das habituais Referências bibliográficas, o pesquisador britânico oferece 11 páginas de Notas sobre os capítulos. Tais subsídios evidenciam, por um lado, um cuidadoso senso

documental interdisciplinar e, por outro, um apurado senso crítico. Embora bibliograficamente rica, a obra omite duas fontes indispensáveis para quem pesquisa o escrever: *The Literacy Dictionary. The Vocabulary of Reading and Writing* (Newark, Delaware: International Reading Association, 1995) e, de Robert de Beaugrande, *New Foundations for a Science of Text and Discourse* (1997), este resenhado por nós em *D.E.L.T.A.*, vol. 14, N. 2, 1998, 483-488.

Limitações de espaço impossibilitaram Sharples de fazer justiça a uma área que muito pode contribuir para o desenvolvimento da comunicação escrita: o design documental (ing. document design). Este resenhador também sentiu falta de comentários sobre um aspecto ainda pouco explorado na literatura redacional: o uso construtivo de uma língua. (cf. nossa *Pedagogia da Positividade. Comunicação construtiva em Português*. Recife, Editora da UFPE, 1996). A referida lacuna é, entretanto, reconhecida por Sharples, ao afirmar (comunicação pessoal, 17/07/99): “*Communicative peace* is a valuable concept and activity—and one that children should learn as an integral part of becoming a writer” (Paz comunicativa é um conceito-processo útil, que as crianças deveriam aprender, como parte integrante de sua formação como escritores. Tradução nossa).

Para concluir esta breve informação crítica, transcrevemos, no original, algumas das assertivas de Sharples, para dar uma idéia das influências por ele recebidas e de suas percepções e crenças sobre o complexo escrever-redigir:

Escrever

My own view is that writing is a process of design, a skill that is grounded in the way we use our intelligence to create and share things of meaning in the world (Preface, p. xii)

Áreas inspiradoras

The book draws on a variety of sources, including experiments with writers, text linguistics, the psychology of cognitive development, and observations of writing in context (p. 11).

Ser escritor(a)

Being a writer is, above all, having control over how you write and trust in your ability to make progress. (p.128)

Escritor: designer visual

Increasingly, a writer is becoming a visual designer and it no longer makes sense to look at illustration or text design as the preserve of a publisher (p.150)

Escritores e computadores: duas tendências

The computer may cause the death of writing and of publishing, as people compose by talking, create composite works of voice and image, and publish them piecemeal on the World Wide Web. Or it may enfranchise a new generation of writers, lessening the pain of creativity and encouraging experiment with new forms of composition. More likely it will be a combination of these two trends, towards an orchestra of fragmented and multi-modal ways of writing with the computer conductor (203).

Em suma, um livro provocante e ideativamente bem desenhado. Que na próxima edição, acrescente-se o uso da cor, para que os efeitos visuais da obra nos leitores sejam ainda mais atraentes.

NOTAS SOBRE LIVROS/BOOKNOTES

- Δ Pennycook, A. (1998). *English and the Discourses of Colonialism*. Londres e Nova Iorque: Routledge.(Série: *The Politics of Language*) ISBN0-415-17847-9 (hbk) ISBN0-415-17848-7 (pbk). xii + 239.

Este novo livro de Alastair Pennycook vem somar-se à já respeitável literatura que denuncia os interesses ideológicos que se alegam esconder por trás de um dos fenômenos lingüísticos que mais desafiam os estudiosos no momento: o impressionante e avassalador avanço da língua inglesa como o meio hegemônico de comunicação internacional no mundo pós-Segunda Grande Guerra. Para o autor, trata-se de uma simples continuação do poder imperial da Grã Bretanha, mantido intacto na forma de um poder lingüístico desmedido que a língua inglesa exerce nos dias de hoje.

Escrito num estilo que beira o jornalístico, o livro documenta diversos casos em que o autor detecta, no seu entender, o papel nefasto que a língua inglesa desempenha, de forma sutil e velada, e por isso mesmo mais pernicioso, na manutenção de políticas de discriminação contra grupos marginalizados. Dentre esses grupos marginalizados estão as vítimas de colonização de outrora e vítimas de ódio racial.

O livro está dividido em 7 capítulos. Os primeiros dois capítulos discutem os construtos culturais do colonialismo. O primeiro traça as linhas gerais do contexto cultural que propiciou o surgimento do colonialismo. O segundo examina como o colonialismo foi se alimentando e, em troca ajudou a tornar mais fortes, uma série de crenças a respeito do Outro colonizado e o *Self* colonizador.

O capítulo 3 tem como tema central a construção da política educacional na Índia pelos ingleses. O autor argumenta que muito mais que uma questão da imposição de uma língua estrangeira, a política educacional imperial foi um complexo exercício de construção cultural. No Capítulo 4, o enfoque recai sobre a política educacional em Hong Kong, território que foi recentemente devolvido à China pela Grã Bretanha e que o autor do livro conhece muito bem.

O capítulo 5 discute como o "Self" é cuidadosamente construído em contextos de colonização. O autor argumenta que o construto chamado língua

inglesa é, em grande parte, fruto de uma retórica muito comum no século XIX e continua a influenciar o modo como está sendo visto o papel do inglês no mundo globalizado de hoje. O capítulo 6 estuda o lado oposto da moeda, ou seja, a construção do “Outro”, através do *self* do colonizador. O autor examina em detalhe o processo da construção das imagens da cultura chinesa.

Finalmente, o capítulo 7 levanta a questão das possíveis resistências. O autor afirma não ser nada fácil quebrar a hegemonia dos discursos dominantes, terminando suas reflexões de forma animadora ao constatar o avanço assustador do discurso colonial na Austrália.

Por/by Kanavillil RAJAGOPALAN (*Universidade Estadual de Campinas*)

- Δ MOURA, Heronides Maurílio de Melo (1999) *Significação e Contexto: Uma Introdução a Questões de Semântica e Pragmática*. Série Didática – Pós-Graduação em Linguística (UFSC). Vol. 1 – Semântica. Florianópolis, SC: Editora Insular Ltda. 110p. ISBN 85-85949-74-0.

Este é, segundo promete a editora, o primeiro de uma série de livros introdutórios na área de Linguística que tem por objetivo apresentar, de forma sucinta, as tendências recentes e atuais nas mais diversas subáreas da disciplina. O autor desse primeiro livro da série se propõe focar as “questões situadas na interface da semântica e da pragmática”.

São dois os capítulos que compõem o livro. O capítulo 1 é intitulado “Pressuposição” e o Capítulo 2 tem como título “Contexto”.

No primeiro capítulo, o conceito de pressuposto é esmiuçado, contrastando-o com o posto, em seguida, com o acarretamento e, por fim, com a implicatura. Há uma pequena incursão também nas questões relativas ao uso de descrições definidas. O capítulo 2 apresenta conceitos como sentido e significado, intensão e extensão, anáfora etc. São também discutidos os problemas em torno de referência, principalmente aqueles que desafiam a “divisão do bolo” entre a semântica e pragmática.

O livro de Moura é muito útil para aqueles que querem adquirir noções básicas da semântica linguística – uma área que carece de livros de fácil acesso. No entanto, apesar do subtítulo do livro prometer atenção igual às questões relativas à pragmática, tópicos centrais e historicamente proeminentes da pragmática, como a Teoria dos Atos de Fala e a Teoria da Conversação oriunda das reflexões de Paul Grice, revelam-se conspícuos pela sua ausência. Trata-se, portanto, de uma promessa não cumprida – assunto, este sim, de alçada claramente de ordem pragmática. Nomes como os de Austin, Searle, Grice deveriam constar da bibliografia de um livro introdutório sobre significação, já que o usuário de livros dessa natureza tende a recorrer à bibliografia como primeiro passo em direção a um maior aprofundamento num campo pouco conhecido. Em outras palavras, no caso de um livro introdutório, a bibliografia também serve como convite para pesquisa futura por conta própria.

O ponto forte do livro de Moura está na clareza e simplicidade com que trata de questões complexas no campo de semântica. O autor também destaca, com êxito, as dificuldades no que tange à demarcação da fronteira entre a semântica e a pragmática.

Por/by Kanavillil RAJAGOPALAN (*Universidade Estadual de Campinas*)

- Δ VAN VALIN, Jr, Robert D. & LAPOLLA, Randy J. (1997) *Syntax - Structure, Meaning and Function*. Cambridge: Cambridge University Press. xxiii + 713.

Trata-se de uma introdução à teoria e análise sintáticas que pode ser usada em cursos de teoria sintática introdutórios ou avançados. Oferece uma alternativa à visão gerativa padrão do assunto e trata de importantes questões que têm sido alvo de interesse do teórico em lingüística. Apresenta o fenômeno sintático através do exame de várias línguas, e o faz através de um estudo das principais questões tipológicas que a teoria lingüística deve focar.

Damos a seguir, os títulos de cada um dos nove capítulos que compõem a obra: 1. As metas da teoria lingüística; 2. A estrutura sintática (orações simples e frases nominais); 3. A representação semântica (verbos e argumentos); 4. A representação semântica (papéis macro, léxico e frases nominais); 5. A estrutura da informação; 6. As relações gramaticais; 7. A ligação entre sintaxe e semântica em sentenças simples; 8. A estrutura sintática (sentenças complexas e frases nominais); 9. A ligação entre sintaxe e semântica em sentenças complexas).

Cada capítulo termina com sugestões de leituras, que abrangem estudos de outras perspectivas teóricas. Além disso propõe um número generoso de exercícios para aplicação da teoria examinada, e assim expõe o leitor a um estudo em profundidade da análise de dados de diversas línguas.

Por/By Sumiko Nishitani IKEDA
(PUC-SP)

- Δ GÄRTNER, E. (ed.) (1997) *Pesquisas linguísticas em Portugal e no Brasil*. Frankfurt am Main: Vervuert, ISBN 3-89354-774-6. Madrid: Iberoamericana, ISBN 84-88906-73-0.

O quarto volume da série *Linguística Iberoamericana* é dedicado à língua portuguesa e visa a apresentar um panorama dos trabalhos desenvolvidos na área de linguística em Portugal e no Brasil. Os artigos que o compõem trazem ao público interessado não só informações sobre o desenvolvimento da linguística, bem como bibliografia sobre o assunto tratado.

Evanildo Bechara (UFF e UERJ) apresenta um esboço dos estudos gramaticais em Portugal e no Brasil em um período que compreende o final do século XIX, quando surge o método histórico-comparativo, e o início do século XX.

Em seguida, Jorge Morais Barbosa (Universidade de Coimbra) trata das investigações linguísticas realizadas nessa universidade, desde 1911 (ano de sua fundação) até os dias de hoje. Seu artigo é fundamentado por uma valiosa bibliografia.

O desenvolvimento dos estudos da Linguística Generativa em Lisboa é esboçado sucintamente por Maria Helena Mira Mateus (Universidade de Lisboa).

A seguir, Maria Cristina Altman (USP) apresenta a evolução dos estudos linguísticos no Brasil. Além de informações importantes sobre a tradição da filologia, o trabalho apresenta bibliografia cronológica comentada sobre a produção linguística brasileira de 1941 a 1994.

O artigo de Hildo Honório do Couto (UnB), refere-se à questão da criouliização no Brasil e traça um panorama dos estudos crioulos no país, desde os estudos de Serafim da Silva Neto até os dias de hoje.

Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB, UFCE e UEPB) aborda a variação linguística e traça a história da Geografia Linguística no Brasil, a partir dos estudos de Serafim da Silva Neto nos anos 50 até os dias de hoje. A autora também comenta sucintamente os Atlas Linguísticos regionais publicados e os que ainda estão em fase de elaboração.

Francisco da Silva Borba apresenta um projeto, ainda em curso, que está sendo desenvolvido no Centro de Estudos Lexicográficos da UNESP, o Dicionário de Usos do Português contemporâneo no Brasil .

Por fim, Leonor Scliar-Cabral, (UFSC) aborda questões que se referem ao processamento lexical.

Por/By Karlene da Rocha CAMPOS
(PUC-SP)

- Δ NUNAN, D. (1999) *Second Language Teaching & Learning*. Boston: Heinle & Heinle publishers. ISBN 0-8384-0838-9. 330 pp.

O novo livro de Nunan é a apresentação de sua perspectiva pessoal do ensino e aprendizagem de segunda língua, com base nas grandes mudanças ocorridas nos últimos 25 anos na área, tanto do ponto de vista teórico quanto prático.

O livro apresenta-se dividido em três partes: a primeira (*The Context of Second Language Teaching and Learning*) define o contexto do ensino e aprendizagem de segunda língua, apresentando tanto as bases conceituais - quanto empíricas, discutindo fatores como idade e diferenças entre aprendizado de língua materna e de segunda língua; a segunda parte (*Language, Learners, and the Learning Process*) dedica um capítulo a cada um dos elementos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem: a língua propriamente dita, os aprendizes e o processo de aprendizagem em si (autor faz questão de emitir o professor de sua lista, alegando que muitas pessoas aprenderam línguas estrangeiras sem nunca terem se aproximado de um professor, p. 93); a terceira parte (*Language Skills in Action*) apresenta um panorama da natureza, da pesquisa e do ensino de cada uma das quatro macro-habilidades: compreensão oral, produção oral, compreensão escrita e produção escrita.

Cada capítulo encerra-se com um mapa conceitual, objetivando resumir, de maneira visual, os assuntos tratados no capítulo; seguem-se perguntas sobre o assunto desenvolvido e tarefas para o professor, além de referências bibliográficas específicas sobre o assunto tratado no capítulo. No final do livro, encontra-se um glossário com a terminologia utilizada na área de ensino e aprendizagem, ponto interessante aqui é a inclusão de termos recentemente incorporados ou surgidos na área de ensino de línguas, tais como a lingüística sistêmico-funcional, ou itens como tema, rema, *concordancing* ou densidade lexical, freqüentes em pesquisas mas não muito comum em livros sobre ensino/aprendizagem. Seguem-se os apêndices, que compreendem um compêndio de estratégias de aprendizagem e outro contendo um questionário de análise de necessidades.

Conforme apontado pelo autor (p. 1), este livro é seletivo e idiossincrático, objetivando apresentar um retrato da área na virada do milênio, além de se propor a identificar as tendências predominantes, mostrar de onde surgem estas tendências e ilustrar, em termos práticos, como os professores podem incorporar tais idéias à sua prática pedagógica.

por/by Orlando VIAN JR.
(PUC-SP)

NOTAS/NOTES

1. Publicações

- AINSWORTH-VAUGHN, N. (1998) *Claiming Power in Doctor-Patient Talk*. Oxford: Oxford Univ. Press.
- ARRAZOLA, X., K. KORTA & F. J. PELLETIER (eds.) (1998) *Discourse, Interaction and Communication*. Massachusetts: Kluwer Acad. Publ.
- ATHANASIADOU, A. & R. DIRVEN (1996) *On Conditionals Again*. Philadelphia: John Benjamins.
- BAGNO, M. (1999) *A Língua de Eulália*. São Paulo: Contexto.
- BAKER, M. (1997) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge.
- BARGIELA-CHIAPPINI, F. & C. NICKERSON (ed.) (1999) *Writing Business: Genres, Media, and Discourses* (Language in Social Life Series). London: Longman Pub Group.
- BARGIELA-CHIAPPINI, F. & S. J. HARRIS (1997) *Managing Language : The Discourse of Corporate Meetings* (Pragmatics & Beyond, New Ser. 44). Philadelphia: John Benjamins Pub Co.
- BARGIELA-CHIAPPINI, F. & S. HARRIS (1998) *The Languages of Business : An International Perspective*. Edinburgh Univ Pr.
- BERRY, M. et al. (ed.) (1997) *Meaning and Form: Systematic Functional Interpretations* (Advances in Discourse Processes , Vol 57) Ablex Pub Corp.
- BISOL, L. (org.) (1999) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro (2ª ed.)*. Porto Alegre: edipucrs.
- BLENCH, R. (1997) *Archaeology and Language I*. London: Routledge.
- BLOMMAERT J. & J. VERSCHUEREN (1998) *Debating Diversity: Analysing the Discourse of Tolerance*. London: Routledge.
- BONTA, J. P. (1996) *American Architects and Texts: A Computer-Aided Analysis of the Literature released in which the keywords*. MIT Press.
- BROWN, G. (1997) *Speakers, Listeners and Communication: Explorations in Discourse Analysis* Cambridge. Univ Pr.
- BUSSMANN, H. (1998) *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. London: Routledge.
- BYBEE, J., J. HAIMAN & S. A. THOMPSON (1997) *Essays on Language Function and Language Type*. Philadelphia: John Benjamins.
- CALLOW, K. (1998) *Man and Message : A Guide to Meaning-Based Text Analysis*. University Press of America.
- CHESTERMAN, A. (1998) *Contrastive Functional Analysis* (Pragmatics & Beyond, New Series, No. 47). Philadelphia: John Benjamins Pub Co.

- CHRISTIE, F. et all. (1998) *Literacy and Schooling*. London: Routledge.
- CLARK, H. H. (1996) *Using Language*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- CLYNE, M. (1996) *Inter-Cultural Communication at Work: Cultural Values in Discourse Price*. Cambridge: Cambridge Univ Pr.
- COBLEY, P. (1996) *The Communication Theory Reader*. London: Routledge.
- CONKLIN, W. E. (1998) *The Phenomenology of Modern Legal Discourse: The Juridical Production and the Disclosure of Suffering* (Applied Legal Philosophy) Ashgate Publishing Company.
- CORNISH, F. (1999) *Anaphora, Discourse, and Understanding: From English and French Price*. Oxford: Oxford Univ Press.
- COSTERMANS, J. & M. FAYOL (ed.) (1996) *Processing Interclausal Relationships: Studies in the Production and Comprehension of Text*. Lawrence Erlbaum Assoc.
- COULTHARD, M. (1997) *An Introduction to Discourse Analysis*. Addison-Wesley Pub Co.
- CRUSIUS, T. W. (ed.) (1998) *Discourse: A Critique and Synthesis of Major Theories*. Modern Language Association of America.
- DAHL, Ö. (ed.) (1999) *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter.
- DAVIES, J. B. (1998) *Drugspeak: The Analysis of Drug Discourse*. Harwood Academic Pub.
- DEVLIN, K. & D. ROSENBERG (1997) *Language at Work*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- DIAMOND, J. (1996) *Status and Power in Verbal Interaction: A Study of Discourse in a Close-Knit Social Network* (Pragmatics & Beyond. New Series, 40). Philadelphia: John Benjamins.
- DORGELOH, H. (1997) *Inversion in Modern English: Form and Function* (Studies in Discourse and Grammar, V. 6). Philadelphia: John Benjamins Pub Co.
- DOTY, R. L. (1996) *Imperial Encounters: The Politics of Representation in North-South Relations* (Borderlines (Minneapolis, Minn.), V. 5.). Univ of Minnesota Pr.
- DRAKE, H. & J. GAFFNEY (ed.) (1996) *The Language of Leadership in Contemporary France*. Dartmouth Pub Co.
- DUSZAK, A. (ed.) (1997) *Culture and Styles of Academic Discourse* (Trends in Linguistics. Studies and Monographs, 104). New York: Mouton De Gruyter.
- EGGINS, S. & D. SLADE (1997) *Analyzing Casual Conversation*. Cassell Academic.
- GÄTNER, E. (1997) *Pesquisas Linguísticas em Portugal e no Brasil*. Linguística

iberoamericana.

- HAUSER, M. (1996) *The Evolution of Communication*. Bradford Book.
- KARIN, A. (1996) *Conversational Routines in English : Convention and Creativity (Studies in Language and Linguistics)*. Addison-Wesley Pub Co.
- LAWLER, J. et al. (1998) *Using Computers in linguistics*. London: Routledge.
- MASTEN, J. et al. (1998) *Language Machine*. London: Routledge.
- MILLS, S. (1997) *Discourse*. London: Routledge.
- NAPOLITANO, M. (1999) *Como Usar a TV na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto.
- NEIL, D. M. (1996) *Collaboration in Intercultural Discourse: Examples from a Multicultural Australian Workplace (Cross Cultural Communication, Vol 3)*.
- NIEMEIER, S., CAMPBELL, C.P. & DIRVEN, R. (eds.) (1998) *The Cultural Context in Business Communication*. Philadelphia: John Benjamins.
- NUYTS, J. & PEDERSON, E. (ed.) (1997) *Language and Conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- O'DOWD, E. M. (1998) *Prepositions and Particles in English: A Discourse-Functional Account*. Oxford: Oxford Univ Press.
- OVERSTREET, M. (1999) *Whales, Candlelight, and Stuff Like That: General Extenders in English Discourse (Oxford Studies in Sociolinguistics)*. Oxford: Oxford Univ Press.
- PAASCHE GRUDIN, M. (1996) *Chaucer and the Politics of Discourse*. Univ of South Carolina Pr.
- PARKER, I. (ed.) (1999) *Bolton Discourse Network Critical Textwork : An Introduction to Varieties of Discourse and Analysis*. Open Univ Pr.
- PARKER, I. (ed.) (1998) *Social Constructionism, Discourse and Realism (Inquiries in Social Construction (Cloth))*. Sage Pubns.
- PARTEE, B. & SGALL, P. (1996) *Discourse and Meaning*. Philadelphia: John Benjamins.
- PAYNE, D. & BARSHI, I. (1998) *External Possession*. Philadelphia: John Benjamins.
- PETER, Auer (ed.) (1998) *Code-Switching in Conversation : Language, Interaction and Identity*. Routledge.
- PETTINARI, C. J. (ed.) (1997) *Task, Talk and Text in the Operating Room: A Study in Medical Discourse (Advances in Discourse Processes Series, Vol 33)*. Ablex Pub Corp.
- POPKIEWITZ, T. S. & M. BRENNAN (eds.) (1997) *Foucault's Challenge : Discourse, Knowledge, and Power in Education*. Teachers College Pr.
- POPKIEWITZ, T. S. & M. BRENNAN (ed.) (1997) *Generating Referring Expressions: Constructing Descriptions in a Domain of Objects and Processes (Acl-Mit Press Series in Natural Language processing)*. MIT Press.

- PUSTEJOVSKY, J. & B. BOGURAEV (ed.) (1996) *Lexical Semantics: The Problem of Polysemy*. Clarendon Pr.
- RAMAT, A.G. & HOPPER, P. J. (1998) *The Limits of Grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins.
- REAH, D. (1998) *The Language of Newspapers*. Londres: Routledge.
- RIGGENBACH, H. (1999) *Discourse Analysis in the Language Classroom : The Spoken Language*. Univ of Michigan Pr.
- RIGGINS, S. H. (ed.) (1997) *The Language and Politics of Exclusion: Others in Discourse* (Communication and Human Values). Sage Pubns.
- ROBINSON, D. (1997) *Becoming a Translator*. Londres: Routledge.
- ROORYCK, J. (1999) *Configurations of Sentencial Complementation*. Londres: Routledge.
- SARANGI, S. & ROBERTS, C. (eds.) (1999) *Talk, Work and Institutional Order*. New York: Mouton de Gruyter.
- SARANGI, S. & C. ROBERTS (eds.) (1999) *Talk, Work and Institutional Order: Discourse in Medical, Mediation and Management Settings* (Language, Power and Social Process) Walter De Gruyter.
- SCHAFFNER, C. (ed.) (1997) *Analyzing Political Speeches* (Current Issues in Language and Society) Multilingual Matters.
- SCOLLON, R. (1998) *Mediated Discourse As Social Interaction: A Study of News Discourse*. Longman Pub Group.
- SEITZ, J. E. (1998) *Motives for Metaphor: Literacy, Curriculum Reform, and the Teaching of English* (Pittsburgh Series in Composition, Literacy and Culture). Univ of Pittsburgh Pr.
- SHI-XU (1997) *Cultural Representations: Analyzing the Discourse About the Other*. Peter Lang Publishing.
- SHUY, R.W. (1998) *The Language of Confession, Interrogation, & Deception*. California: SAGE.
- SILVERSTEIN, M. & G. URBAN (eds.) (1996) *Natural Histories of Discourse*. University of Chicago Press.
- SIMON, S. (1996) *Gender in Translation*. Londres: Routledge.
- STUBBS, M. (1996) *Text and Corpus Analysis: Computer-Assisted Studies of Language and Culture* (Language in Society, 23). Blackwell Pub.
- SILVA, T. C. (1999) *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto.
- SOUZA, R. M. de (1999) *Que Palavra Que Te Falta? - Lingüística, Educação e Surdez*. São Paulo: Marins Fontes.
- TANAKA, K. (1999) *Advertising Language*. Londres: Routledge.
- TANNEN, D. (1996) *Gender and Discourse*. Oxford: Oxford Univ. Press.
- TANNEN, D. (ed.) (1997) *Spoken and Written Language, Exploring Orality and Literacy: Exploring Orality and Literacy* (Vol 9). Ablex Pub Corp.

- TRACY, K. (ed.) (1996) *Colloquium: Dilemmas of Academic Discourse* (Advances in Discourse Processes, Vol 60). Ablex Pub Corp.
- TRASK, R. L. (1997) *A Student's Dictionary of Language and Linguistics*. Londres: Arnold.
- VAN DER AUWERA, J. (ed.) (1998) *Adverbial Constructions in the Languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter.
- VARENNE, H. et al. (eds.) (1997) *Ambiguous Harmony: Family Talk in America* (Advances in Discourse Processes Ser. : Vol. 44). Ablex Pub Corp.
- VENUTI, L. (2000) *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge.
- VENUTI, L. (1998) *The Scandals of Translation*. Londres: Routledge.
- VERKUYL, H. J. (1996) *A Theory of Aspectuality*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- WALKER, M. A. et al. (ed.) (1998) *Centering Theory in Discourse*. Clarendon Pr.

2. Eventos

SETEMBRO/99 29 A OUTUBRO/99 01 II Seminário de Linguagem e Ensino (SENALE). Pelotas. (Contato: Universidade Católica de Pelotas - Curso de Mestrado em Letras; Rua Felix da Cunha, 412 - CEP 96010-000 - Pelotas/RS; Fone: (0532) 84-8282; Fax: (0532) 25-3105; email: poslet@atlas.ucpel.tche.br).

OUTUBRO/99 13-15 III Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso - Análise do Discurso e Ensino de Língua Materna. Fórum de Ciência e Cultura - UFRJ (Contato: Av. Pasteur, 250 - Praia Vermelha - Rio de Janeiro/RJ).

OUTUBRO/99 14-17 28th Annual Conference on New Ways of Analysing. Toronto, Canada. (Contato: NWAWE - DLL; South 561 Ross Building, 4700 Keele Street - York University, Toronto, Ontario, Canada M3J 1P3; Fax: 416-736-5483; email: newwave@yorku.ca).

ABRIL/2000 1-5 International Conference on Gestures: Gesture, Meaning and Use. Universidade Fernando Pessoa, Oporto, Portugal. (Contato: Monica Rector - University of North Carolina; CB#3170, Chapel Hill, NC 27599-3170; Fone/Fax: 919-9424825).

ABRIL/2000 14-15 10º INPLA - Intercâmbio de Pesquisa em Lingüística Aplicada. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Inscrição para apresentação de pôsteres: 20/11/99 (Contato: inpla@exatas.pucsp.br; para receber as próximas circulares e informações - 10-inpla-

subscribe@onelist.com; Web Sites - www.lael.pro.br/eventos/inpla.htm ou cogea.pucsp.br/~pos/mdoutor/inpla.htm; ficha de inscrição - cogea.pucsp.br/~pos/mdoutor/inscricao.rtf).

ABRIL/2000 1-5 International Conference on Gestures: Gesture, Meaning and Use. Universidade Fernando Pessoa, Oporto, Portugal. (Contato: Monica Rector - University of North Carolina; CB#3170, Chapel Hill, NC 27599-3170; Fone/Fax: 919-9424825).

JUNHO/2000 18-21 V Congresso Internacional da Brasa. Universidade Federal de Pernambuco. (Contato: UFPE - Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, CEP 50670-901 - Recife/PE; Fone: (081) 271-8000; email: brasa@unm.edu).

JULHO/2000 16-20 III Conference for Sociocultural Research (Brasil 2000). Centro de Convenções da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. (Contato: Faculdade de Educação da UNICAMP - Caixa Postal 6120, Campinas, SP; CEP: 13083-970; Fones: +55 19 7885588 ou +55 19 7885567; Fax: +55 19 7885565; email: br2000@obelix.unicamp.br).

JULHO/2000 17-20 Braz-Tesol - 7th National Convention. Inscrições até 30/11/99. (Contato: Associação Alumni - Marie Adele Ryan - Rua Padre João Manoel, 319, São Paulo, SP; CEP: 01411-001; Fones: (011) 881-8533 ext. 218; email: english@alumni.org.br ou braztesol@nox.net).

JULHO/2000 16-20 III Conference for Sociocultural Research (Brasil 2000). Centro de Convenções da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. (Contato: Faculdade de Educação da UNICAMP - Caixa Postal 6120, Campinas, SP; CEP: 13083-970; Fones: +55 19 7885588 ou +55 19 7885567; Fax: +55 19 7885565; email: br2000@obelix.unicamp.br).

JULHO/2000 22-26 XX Congresso da FIPLV. Université René Descartes, Paris. (Contato: Université René Descartes; 45 rue des Saints Pères - 75006 - Paris; email: fiplv2000@citi2.fr).

ÍNDICE/INDEX VOL.15

1. POR AUTOR/AUTHOR INDEX

- BERBER SARDINHA, A. P. - Word Sets, Keywords, and Text Contents: An Investigation of Text Topic on the Computer (Artigo) 1:141-149
- BERBER SARDINHA, A. P. - BIBER, Douglas, Susan Conrad, & Randi Reppen. *Corpus linguistics - Investigating language structure and use* (Resenha) 1:209-216
- BERBER SARDINHA, A. P. - Beginning Portuguese Corpus Linguistics: Exploring a Corpus to Teach Portuguese as a foreign Language/Iniciando a Lingüística do Corpus do Português: Explorando um Corpus para Ensinar português como Língua Estrangeira (Artigo) 2:289-300
- BONINI, Adair - Reflexões em Torno de um Conceito Psicolinguístico de Tipo de Texto/Some Reflexions around a Text Type Psycholinguistic Concept (Artigo) 2:301-318
- DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira - Contribuição para o Estudo do Pseudoprefixo em Português/Contribution to the Study of Pseudoprefix in Portuguese (SQUIB) 2:343-353
- FIORIN, José Luiz - Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva /Towards a Semiotics Theory (Debate) 1:177-207
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu - Lingüística e Arqueologia/ Linguistics and Archaeology (Debate) 1:161-176
- FURTADO DA CUNHA, Angélica, Mariangela Rios de OLIVEIRA & Sebastião VOTRE - A Interação Sincronia/Diacronia no Estudo da Sintaxe/ The Interaction Synchrony/Diachrony in the Study of Syntax (Artigo) 1:85-111
- GARCÍA-CALVO, Javier - Un Estudio Comparativo de Abstracts para Eventos Científicos en Inglés y Español/A Comparative Study of Conference Abstracts (Artigo) 2:269-288
- GONÇALVES, Carlos Alexandre - O Fenômeno da Focalização e a Interface Fonologia-Sintaxe/The strategies of focusing and the syntax-phonology connection (Debate) 2:319-342
- KLEIMAN, Angela B. - MACHADO, A. R. (1998) *O diário de leituras. A introdução de um novo instrumento na escola* (Resenha) 2:361-366
- LOBATO, Lucia - Sobre a Forma do Particípio do Português e o Estatuto dos Traços Formais/On the Form of Portuguese 1:113-140

- Past Participle and the Status of Formal Features (Artigo)
 LUCAS, Clarinda Rodrigues - A Metalinguagem como Lugar da Interpretação: Terminologia e Bases de Dados Informatizadas/Metalanguage as a Space of Interpretation: Terminology and Atomatised Databases (Debate) 1: 151-160
- MAIA, Marcus, Bruna FRANCHETTO, Yonne de Freitas LEITE, Marília Facó SOARES & Marcia Damaso VIEIRA - A Estrutura da Oração em Línguas Indígenas Brasileiras/ The Structure of the Clause in Brazilian Indigenous Languages (Artigo) 1: 1-26
- MATOS, Francisco Gomes de - SHARPLES, M. (1999) *How we write. Writing as creative design* (Resenha) 2: 411-413
- NUNES, Jairo - Some Notes on Procrastinate and Other Economy Matters/ Considerações sobre Procrastinar e Outras Questões de Economia (Artigo) 1: 27-55
- OLIVEIRA, Marco Antônio de - GUY, G. R.; C. FEAGIN, D. SHIFFRIN & J. BAUGH (eds.) (1996) *Towards a Social Science of Language - Papers in honor of william Labov Volume 1: Variation and Change in Language and Society* (Resenha) 2: 373-410
- OSTERMAN, Ana Cristina - RIBEIRO, B. T. & P. M. Garcez (orgs.) (1998) *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso* (Resenha) 2: 367-371
- PAIVA, Maria da Conceição de - GUY, G., C FEAGIN, , D. SCHIFFRIN, & J. BAUGH (eds.) (1997) *Towards a social science of language. V.2: Social interaction and discourse structures* (Resenha) 1: 217-223
- RAJAGOPALAN, Kanavillil - SIGNORI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) (1998). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas* (Resenha) 2: 355-359
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues - Agir, Obedecer E As Formas De Dizer A Ação: As Interações Familiares Na construção das Ações, Da Linguagem E Do Sujeito Social/Acting, Obeying, Speaking about Actions: The Role of Family Interactions in the Construction of Action and Action Discourse (Artigo) 2: 237-267
- VITRAL, Lorenzo - A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística/Negation: Checking Theory and Linguistic Change (Artigo) 1: 57-87

2. POR TÍTULO/TITLE INDEX

- A Estrutura da Oração em Línguas Indígenas Brasileiras/ The Structure of the Clause in Brazilian Indigenous Languages - Marcus MAIA, Bruna FRANCHETTO, Yonne de Freitas LEITE, Marília Facó SOARES & Marcia Damaso VIEIRA (Artigo) 1: 1-26
- Agir, Obedecer e as Formas de Dizer a Ação: As interações Familiares na Construção das Ações, da Linguagem e do Sujeito Social/Acting, Obeying, Speaking about Actions: The role of Family Interactions in the Construction of Action and Action Discourse - Roxane Helena Rodrigues ROJO (Artigo) 2: 237-267
- A Interação Sincronia/Diacronia no Estudo da Sintaxe/ The Interaction Synchrony/Diachrony in the Study of Syntax - Angélica FURTADO DA CUNHA, Mariangela Rios de OLIVEIRA & Sebastião VOTRE (Artigo) 1: 85-111
- A Metalinguagem como Lugar da Interpretação: Terminologia e Bases de Dados Informatizadas/ Metalanguage as a Space of Interpretation: Terminology and Atomatised Databases - Clarinda Rodrigues LUCAS (Debate) 1: 151-160
- A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística/ Negation: Checking Theory and Linguistic Change - Lorenzo VITRAL (Artigo) 1: 57-87
- Beginning Portuguese Corpus Linguistics: Exploring a Corpus to Teach Portuguese as a Foreign Language/Iniciando a Lingüística do Corpus do Português: Explorando um Corpus para Ensinar Português como Língua Estrangeira - A. P. BERBER SARDINHA (Artigo) 2: 289-300
- BIBER, D., S. CONRAD, & R. REPPEN (1998) *Corpus linguistics - Investigating language structure and use* - A. P. BERBER SARDINHA (Resenha) 1: 209-216
- Contribuição para o Estudo do Pseudoprefixo em Português/ Contribution to the Study of Pseudoprefix in Portuguese - Paulo Mosânio Teixeira DUARTE (SQUIB) 2: 343-353
- GUY, G., C FEAGIN, , D. SCHIFFRIN, & J. BAUGH (eds.) (1997) *Towards a social science of language. V.2: Social interaction and discourse structures* - Maria da Conceição de PAIVA (Resenha) 1: 217-223

- GUY, G., CFEAGIN, D. SCHIFFRIN, & J. BAUGH (eds.) (1997) *Towards a social science of language - Papers in Honor of William Labov Volume 1: Variation and Change in Language and Society*. - Marco Antônio de OLIVEIRA (Resenha) 2: 373-410
- Linguística e Arqueologia/ Linguistics and Archaeology - Pedro Paulo Abreu FUNARI (Debate) 1: 161-176
- MACHADO, A. R. (1998) *O diário de leituras. A introdução de um novo instrumento na escola*. - Angela B. KLEIMAN (Resenha) 2: 261-366
- O Fenômeno da Focalização e a Interface fonologia-sintaxe/The Strategies of focusing and the Syntax-Phonology Connection. - Carlos Alexandre GONÇALVES (Debate) 2: 319-342
- Reflexões em torno de um Conceito Psicolinguístico de Tipo de Texto/Some reflections around a Text Type Psycholinguistic Concept - Adair BONINI (Artigo) 2: 301-318
- RIBEIRO, B. T. & P. M. GARCEZ (orgs.) (1998) *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. - Ana Cristina OSTERMANN (Resenha) 2: 367-371
- Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva /Towards a Semiotics Theory - José Luiz FIORIN (Retrospectiva) 1: 177-207
- SHARPLES, M. (1999) *How we write. Writing as creative design* - Francisco Gomes de MATOS 2: 411-413
- SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (orgs.) (1998). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas* - Kanavillil RAJAGOPALAN (Resenha) 2: 355-359
- Sobre a Forma do Particípio do Português e o Estatuto dos Traços Formais/On the Form of Portuguese Past Participle and the Status of Formal Features - Lucia LOBATO (Artigo) 1: 113-140
- Some Notes on Procrastinate and Other Economy Matters/ Considerações sobre Procrastinar e Outras Questões de Economia - Jairo NUNES (Artigo) 1: 27-55
- Un Estudio Comparativo De Abstracts Para eventos Científicos En Inglés Y Español/A Comparative Study of Conference Abstracts - Javier GARCÍA-CALVO (Artigo) 2: 269-288
- Word Sets, Keywords, and Text Contents: An Investigation of Text Topic on the Computer - Antonio P. BERBER SARDINHA (Artigo) 1: 141-149

INSTRUCTIONS FOR PRESENTATION OF THE CONTRIBUTIONS

Papers submitted to D.E.L.T.A. should be sent: in floppy disk, typed in WORD for Windows with no format other than paragraphs, and three paper copies. The label on the floppy disk must specify the author's name, title of the paper, author's affiliation and version of word-processing programme used. To guarantee anonymity when sent to referees, in two of the printed copies, the name, affiliation and other references that may identify the author must be omitted. The floppy disk will not be returned to the author. Therefore, please keep back-up copy for the modifications that may be suggested by referees.

Foot-notes: located at the bottom of the page, numbered from 1. Should there be a foot note in the title it is to be introduced by an asterisc (*) and must not be numbered. Foot notes should not be used for bibliographical references. References should be made within the text, in brackets, using the surname of the author, date of publication followed by a colon and the page number; when it is not a quotation put cf. before the name of the author (ex.: Chomsky (1965:152) or (Chomsky;1965:152) and (cf.: Chomsky;1965:152) or (cf.: Chomsky :1965:152)).

Tables, charts, figures, trees must also be sent separately in camera ready format - laser/ink jet or indian ink. The title of tables, charts, figures, are numbered and capital letters are used for initials.

Abstract/Resumo: In Italics, introduced by the word *ABSTRACT* or *RESUMO* in two versions, one in Portuguese and one in English of around 100 words each. It is advisable to have them read by native speakers. They are each to be followed by 4 key words/ 4 palavras-chave, preceded respectively by the word *Key Words/Palavras-Chave*.

References: type the word REFERENCES 3 lines before the first entry. The entries, in alphabetical order and single spaced. Use upper case for surnames. Initials of the first author follow the surname; initials of other authors in an entry precede the surname. Titles of books or journals are in italics and the number of journals in bold. In the second entry of a given author his/her name is replaced by a 5 space dash. The date comes in brackets after the author's name; other relevant date come at the end of the entry; more than one work in the same year are distinguished by the letters a, b, etc., within the brackets. E.g.:

SERRANI-INFANTE, S. (1997) *Formações Discursivas e Processos Identificatórios na Aquisição de Línguas. D.E.L.T.A., 13.1 : 63-81.*

KRESS, G. (1997) *Before Writing : Rethinking the Paths to Literacy.* London: Routledge.

Appendices: should there be any, after the references, preceded by the Word Appendix, in upper case. If long stretches of text from published works are to be annexed, please provide camera ready copy as well as complete bibliographical reference and permission from the publishers for reproduction.

D.E.L.T.A. keeps the copyright of the papers submitted unless it officially withdraws this right on request. Papers submitted are not to be withdrawn after the process of refereeing starts.

Size: ARTICLE: maximum length: 10.000 words; OVERVIEW, DEBATE: maximum length: 12.000 words; SQUIBS: maximum length: 6.000 words; REVIEW: maximum length: 3.600 words.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

Os trabalhos submetidos à D.E.L.T.A. devem ser enviados:

- em três vias impressas, com páginas numeradas, duas delas sem nenhuma informação que identifique a autoria. Em folha à parte, devem vir um título em português e um em inglês, além do endereço completo, com telefone, fax e e-mail do autor, bem como informação da área em que se insere o trabalho. Os nomes dos autores, com o sobrenome principal em maiúsculas, devem ser seguidos da filiação por extenso;

- em disquete, digitados em programa Word-for-Windows recente, sem formatação além de parágrafo; deve ser colada, no disquete, uma etiqueta contendo o nome do/a autor/a, o título do trabalho e o programa utilizado. O disquete não será devolvido a/o autor/a, que deve manter seu arquivo para as eventuais modificações sugeridas pelos pareceristas.

Notas: devem ser digitadas em pé de página, numeradas a partir de 1. Se houver nota no título, esta recebe asterisco e não numeração. As notas não devem ser utilizadas para referência bibliográfica. Estas devem ser feitas no corpo do trabalho, entre parênteses, usando o sobrenome do autor, data de publicação e página, no caso de citação, precedido de cf. no caso de paráfrase (ex.: Chomsky (1995:152) ou (Chomsky;1995:152) e (cf.: Chomsky;1995:152) ou (cf.: Chomsky :1995:152).

Ênfase: usar itálico, não sublinhar.

Tabelas, gráficos, desenhos, quadros e árvores devem ser encaminhados, também separadamente, em versão impressa, pronta para ser fotografada, em laser/ink jet ou tinta nanquim. Devem ser numerados e ter título. Apenas as iniciais do título devem estar em maiúsculas.

Abstract/Resumo: datilografados em itálico, precedidos da palavra *ABSTRACT* ou *RESUMO*, em duas versões de cerca de 100 palavras, uma em inglês e uma em português. Recomenda-se que sejam revistos por falantes nativos dos respectivos idiomas. Os *ABSTRACTS* e *RESUMOS* devem ser seguidos de quatro palavras-chave/key words, naquela língua, precedidos do termo *Key Words* ou *Palavras-Chave*.

Referências bibliográficas: datilografar a expressão REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Os autores devem estar em ordem alfabética, sem numeração das entradas e sem espaço entre as referências. O principal sobrenome de cada autor, digitado em maiúsculas, seguido de vírgula e das demais iniciais (do nome e sobrenomes). As iniciais de outros autores precedem o sobrenome. Título de livro ou revista deve vir em itálico e o número de revista em negrito. Na segunda entrada de um mesmo autor, seu nome é substituído por um traço de 5 toques. Data identificadora da obra, entre parênteses, após o nome do autor (outras datas relevantes, no final da entrada). Mais de uma obra no mesmo ano, distinguidas pelas letras a, b, etc. após a data. Ex.:

SERRANI-INFANTE, S. (1997) Formações Discursivas e Processos Identificatórios na Aquisição de Línguas. *D.E.L.T.A.*, 13.1: 63-81.

KRESS, G. (1997) *Before Writing : Rethinking the Paths to Literacy*. London: Routledge.

Anexos: caso existam, devem ser colocados depois das referências bibliográficas, precedidos da palavra Anexo. Para anexos que constituam textos originais já publicados, enviar em formato final para ser fotografado e incluir referência bibliográfica completa, bem como permissão de editores para reprodução.

A D.E.L.T.A. detém o "copyright" dos trabalhos a ela submetidos, exceto nos casos em que está impresso o contrário. Os trabalhos submetidos à D.E.L.T.A não devem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.

Tamanho: ARTIGO: até 10.000 palavras; se tiver gráficos e/ou anexos, o conjunto não deve ultrapassar 27 páginas. RETROSPECTIVA, DEBATE: até 12.000 palavras. QUESTÕES E PROBLEMAS: até 6.000 palavras. RESENHA: até 3.600 palavras.

D.E.L.T.A.
REVISTA DE DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA
TEÓRICA E APLICADA

ERRATA

Δ Em D.E.L.T.A. 14.2, deve-se substituir o resumo do artigo de Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo, "Similarities and Differences in Categorization Behavior by Brazilian Portuguese and American English Native Speakers" (Semelhanças e Diferenças em comportamentos de Categorização de Falantes do Português Brasileiro e do Inglês Americano), por:

RESUMO: O presente artigo relata alguns dos resultados que obtivemos ao investigar como brasileiros e americanos organizam suas categorias semânticas. Para a análise foram utilizadas onze categorias semânticas tiradas das normas de frequência de respostas de Battig e Montague (1969). O comportamento dos brasileiros e americanos ao sequenciarem os itens a partir dos mais típicos aos menos típicos é estatisticamente analisado por se calcular níveis de concordância intra-grupo e inter-grupo. Os resultados indicam que, embora haja alguma correspondência no comportamento categorizacional dos dois grupos e nas descrições sobre funções e atributos associados com as categorias, delimitações culturais também existem e estas parecem influenciar suas decisões. Os resultados também indicam que comportamentos de categorização parecem ser motivados tanto por um visão prototípica da categoria baseada no compartilhamento de funções quanto numa visão motivada pelo conhecimento de mundo do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVES: categorização; comportamentos; semântica; protótipo; exemplar

Identificação Bibliográfica:

MACEDO, A. C. P. S. de (1998) Similarities and differences in categorization behavior by Brazilian Portuguese and American English native speakers.

Δ Já em D.E.L.T.A. 15.1, no artigo de Antonio P. Berber Sardinha "Word Sets, Keywords, and Text Contents: An Investigation of Text Topic on the Computer" deve-se substituir:

. o Título em Português por:

Conjuntos lexicais, Palavras-chave e Conteúdo textual: Uma Investigação sobre Tópico Textual por meio do Computador.

. as Keywords por:

Corpus Linguistics; Lexis; Keywords; Computer-assisted; Text Analysis.

. as Palavras-chave por:

Linguística de corpus; Léxico; Palavras-chave; Análise Textual assistida por Computador.

**DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS
EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA**

D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º 2, 1999

Revista publicada com o apoio oficial da ABRALIN - Associação Brasileira de Lingüística

Tesouraria / Treasurer

Sumiko Nishitani Ikeda - *PUC-SP*

Correspondência / Mailing address

Revista D.E.L.T.A.

Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Rua Monte Alegre, 984 - CEP 05014-001 - São Paulo, SP, Brasil

Fone: (55) (0XX11) 3670-8505 Fax: (55) (0XX11) 3670-8503

www.scielo.br/delta

E-mail: delta@exatas.pucsp.br

Sumário /Contents

Artigos/Articles

Roxane Helena Rodrigues ROJO-Agir, Obedecer e as Formas de Dizer a Ação: As Interações Familiares na Construção das Ações, da Linguagem e do Sujeito Social/Acting, Obeying, Speaking about Actions: The Role of Family Interactions in the Construction of Action and Action Discourse

Javier GARCÍA-CALVO - Un Estudio Comparativo de Abstracts para Eventos Científicos en Inglés Y Español/ A Comparative Study of Conference Abstracts

A. P. BERBER SARDINHA - Beginning Portuguese Corpus Linguistics: Exploring a Corpus to Teach Portuguese as a Foreign Language/Iniciando a Lingüística do Corpus do Português: Explorando um Corpus para Ensinar Português como Língua Estrangeira

Adair BONINI - Reflexões em torno de um Conceito Psicolingüístico de Tipo de Texto/Some Reflexions around a Text Type Psycholinguistic Concept

Debate/Debate

Carlos Alexandre GONÇALVES - O Fenômeno da Focalização e a Interface Fonologia-Sintaxe/The Strategies of Focusing and the Syntax-Phonology Connection

Questões e Problemas/Squibs

Paulo Mosânio Teixeira DUARTE - Contribuição para o Estudo do Pseudoprefixo em Português/Contribution to the Study of Pseudoprefix in Portuguese

Resenhas/Reviews

SIGNORI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) (1998). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas*. Por/By Kanavillil RAJAGOPALAN

MACHADO, A. R. (1998) *O diário de leituras. A introdução de um novo instrumento na escola*. Por/By Angela B. KLEIMAN

RIBEIRO, B. T. & P. M. GARCEZ (orgs.) (1998) *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Por/By Ana Cristina OSTERMANN

GUY, G. R.; C. FEAGIN; D. SCHIFFRIN & J. BAUGH (eds.) (1996) *Towards a Social Science of Language - Papers in Honor of William Labov Volume 1: Variation and Change in Language and Society*. Por/By Marco Antônio de OLIVEIRA

SHARPLES, M. (1999) *How we write. Writting as creative design*. Por/By Francisco Gomes de MATOS

Notas sobre Livros/Booknotes

Notas/Notes

Índice/Index Vol. 15



U.S. Department of Education
Office of Educational Research and Improvement (OERI)
National Library of Education (NLE)
Educational Resources Information Center (ERIC)



NOTICE

REPRODUCTION BASIS



This document is covered by a signed "Reproduction Release (Blanket) form (on file within the ERIC system), encompassing all or classes of documents from its source organization and, therefore, does not require a "Specific Document" Release form.



This document is Federally-funded, or carries its own permission to reproduce, or is otherwise in the public domain and, therefore, may be reproduced by ERIC without a signed Reproduction Release form (either "Specific Document" or "Blanket").